

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



SOROR ISABEL DO MENINO JESUS

Vida e Obra de uma Escritora Mística

(1673-1752)

José Félix Duque Fernandes

Orientadora: Senhora Prof.^a Doutora Vanda Maria Coutinho Garrido Anastácio

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor
em História, especialidade de História Moderna

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



Soror Isabel do Menino Jesus
Vida e Obra de uma Escritora Mística
(1673-1752)

José Félix Duque Fernandes

Orientador: Doutora Vanda Maria Coutinho Garrido Anastácio

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor
no ramo de História, na especialidade de História Moderna

Júri:

Presidente: **Doutor António Adriano de Ascensão Pires Ventura**, Professor Catedrático e Director da Área de História, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutora **Ana Cristina Cardoso Santos Bartolomeu de Araújo**, Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;

Doutora **Zulmira da Conceição Trigo Gomes Marques Coelho Santos**, Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;

Doutor **Luiz Manuel Fagundes Duarte**, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;

Doutor **António Manuel de Almeida Camões Gouveia**, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;

Doutora **Ana Maria Homem Leal de Faria**, Professora Auxiliar com Agregação Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutora **Vanda Coutinho Garrido Anastácio**, Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientadora

Fundação para a Ciência e Tecnologia

Ref. SFRH/BD/79496/2011

Para Maria Félix Duque.

“Alma de Vossa mercê tem
moitos Ramos de oyro
do amor de Deus”.

RESUMO

A presente tese, elaborada para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade de História Moderna, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem por finalidade contribuir para o conhecimento das escritoras portuguesas anteriores ao ano de 1900, designadamente das que professaram em Ordens religiosas e escreveram sobre matérias espirituais. O seu primeiro objectivo é gizar a trajectória de vida de Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752), no século Isabel Fernandes, natural de Marvão, no Alto Alentejo, religiosa professa da Ordem de Santa Clara, no Convento de Santa Clara de Portalegre, falecida com fama de santidade e prestígio de mestra do espírito, depois de ali ter vivido quase cinquenta anos, tendo sido mestra da Ordem e abadessa. O seu segundo objectivo é analisar os textos da autora, os quais versam exclusivamente sobre ascética e mística: trinta e seis cartas, uma autobiografia, uma súplica e um tratado. A sua obra propõe um caminho espiritual segundo as escolas místicas franciscana e carmelita, pelas três vias do espírito (purgativa, iluminativa e unitiva) e por três noites escuras; e insiste na castidade, à qual chama ciência das virtudes.

Realiza-se, pois, um estudo de caso, com enquadramento na ortodoxia católica, por ter sido neste campo que a autora escreveu, recebendo pareceres positivos da sua Ordem e da censura. A obra foi impressa em 1757, cinco anos depois da sua morte, organizada por Frei Martinho de São José, seu confessor, com uma estampa-retrato da autora, aberta por Jean Baptiste Michel Le Bouteaux. O manuscrito autógrafo que lhe deu origem julgava-se perdido, após extravio pela época da extinção do convento, em 1834, mas foi encontrado à venda numa livraria alfarrabista, em Lisboa, em 2013, sendo então adquirido pela Câmara Municipal de Marvão. Este documento, do qual se apresenta transcrição, foi a primeira fonte da tese, à qual se juntaram muitas outras, manuscritas e impressas, concorrendo para recolocar a autora no conhecimento geral das escritoras portuguesas e também dos místicos de Portugal, dos quais pouco se sabe.

PALAVRAS-CHAVE

Escritora; Religiosa; Ascética; Mística; Manuscrito.

ABSTRACT

This thesis, written for the obtainment of a Ph.D. in History, that specializes in Modern History, from the Faculty of Letters of the University of Lisbon, aims to acknowledge the female Portuguese writers prior to 1900, namely those who professed in religious orders and wrote about spiritual matters. The first objective is to outline the life course of Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752), baptised as Isabel Fernandes, born in Marvão, Alto Alentejo, Portugal, a nun from the Order of Saint Claire, in the Convent of Saint Claire, in Portalegre, Portugal, who died reputed to be a saint and with the prestige of a master of spirit, after having lived there almost fifty years, where she was master of the Order and abbess. The second objective is to analyse the texts of the author, which emphasise exclusively on the ascetic and the mystique: thirty-six letters, an autobiography, a supplication and a treaty. Her work proposes a spiritual path in accordance with the Franciscan and the Carmelite mystical schools of thought, by the three ways of the spirit (purgative, illuminative and unitive) and by three dark nights; and insists on chastity, to which she calls science of virtues.

Thus, a case study is presented, within the framework of Catholic Orthodoxy, on the grounds that it was on this field that the author wrote, receiving positive remarks by her Order and the censorship. Her work was printed in 1757, five years after her death, assembled by Father Martinho de São José, her confessor, with her portrait, engraved by the French artist Jean-Baptiste Michel Le Bouteaux. The autograph manuscript, believed to be lost after disappearing at the time of the convent's extinction in 1834, was found in Lisbon, in 2013, in an antiquarian bookshop and was bought by the Marvão municipality. This document, of which a transcription is presented, was the first source of this thesis, followed by many others, manuscripts and printed works, contributing for summoning the author in the general knowledge of Portuguese female writers as well as the mystics of Portugal, of which little is known.

KEY-WORDS

Female writer; Nun; Ascetic; Mystic; Manuscript.

ABREVIATURAS

Act – *Actos dos Apóstolos* (AT)

ADB – Arquivo Distrital de Braga

ADP – Arquivo Distrital de Portalegre

AHM, ASCMM – Arquivo Histórico de Marvão, Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Marvão

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

AT – Antigo Testamento, da Bíblia Sagrada

AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra

BGUN – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BMP – Biblioteca Municipal de Portalegre

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

BPE – Biblioteca Pública de Évora

cap. – capítulo

Cf. – Conferir

CMM – Câmara Municipal de Marvão

D. – Dom ou Dona

Ef – *Carta de São Paulo aos Efésios* (NT)

Es – *Livro de Ester* (AT)

Ex – *Livro do Êxodo* (AT)

Ez – *Livro de Ezequiel* (AT)

f. – fólio

fs. – fólhos

Gal – *Carta de São Paulo aos Gálatas* (NT)

Gen – *Livro de Génesis* (AT)

I Cor – *Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios* (NT)

I Num – *Primeiro Livro dos Números* (AT)

I Res – *Primeiro Livro dos Reis* (AT)

I Tim – *Primeira Carta de São Paulo a Timóteo* (NT)

Ib. – *Ibidem*

Id. – *Idem*

Is – *Livro de Isaías* (AT)

Jo – *Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo São João* (NT)
Job – *Livro de Job* (AT)
Jz – *Livro dos Juízes* (AT)
Lc – *Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo São Lucas* (NT)
liv. – livro
Mc – *Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo São Marcos* (NT)
mç. – maço
MMP – Museu Municipal de Portalegre
Mt – *Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo São Mateus* (NT)
NT – Novo Testamento, da Bíblia Sagrada
Núm – *Livro dos Números* (AT)
OFM – Ordem dos Frades Menores
p. – página
pp. – páginas
proc. – processo
procs. – processos
Prov – *Livro dos Provérbios* (AT)
Sl – *Livro dos Salmos* (AT)
tít. – título
TSO – Tribunal do Santo Ofício
Vd. – *Vide*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação da Ciência e Tecnologia (FCT) pela concessão da Bolsa de Doutoramento que enquadrou o nosso Curso de Doutoramento em História, especialidade de História Moderna, entre 2013 e 2016; e ao Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sua entidade acolhedora, em especial nas pessoas do Senhor Prof. Doutor Catedrático José Pedro Serra e à Senhora Prof.^a Doutora Cristina de Sousa Pimentel. Agradecemos também ao Senhor Padre Doutor Catedrático Joaquim Chorão Lavajo, professor da Universidade de Évora e do Instituto Superior de Teologia de Évora; à Senhora Prof.^a Doutora Catedrática Nieves Baranda Leturio, da Universidade Nacional de Educación a Distancia, Espanha; e à Senhora Prof.^a Doutora Isabel Drumond Braga, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; que gentilmente recomendaram a concessão da Bolsa de Douramento à FCT, apoiando a nossa candidatura.

Agradecemos à Senhora Prof.^a Doutora Vanda Anastácio pela orientação dos nossos trabalhos, conducentes à tese, e por nos ter integrado em vários projectos sobre escritoras portuguesas e redes culturais femininas, por si coordenados, contexto em que os mesmos trabalhos decorreram, beneficiando da interdisciplinaridade das equipas de investigação. Também agradecemos à nossa orientadora a disponibilidade para promover a resolução de diversos problemas de natureza burocrática, entre outros, que foram dificultando o nosso percurso académico, ao longo dos anos de mestrado e doutoramento. Agradecemos também à Senhora Prof.^a Doutora Isabel Drumond Braga, co-orientadora da nossa tese desde o início de 2013 até quase à sua conclusão, a quem devemos, não só o acompanhamento dos mesmos trabalhos, como também uma semelhante disponibilidade para a resolução de alguns daqueles problemas.

Agradecemos ao Senhor Prof. Doutor André Simões, pelo seu apoio no tratamento de excertos latinos; e aos restantes docentes da Faculdade de Letras que nos tiveram como seu aluno, nos últimos anos; bem como à Senhora Prof.^a Doutora Isabel Morujão, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pela partilha de opiniões sobre a obra de Soror Isabel do Menino Jesus.

Agradecemos ao Senhor Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Marvão, José Manuel Ramilo Pires, e ao Senhor Prof. Doutor Jorge de Oliveira

por terem facilitado a aquisição do manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus por parte da autarquia, bem como por nos facilitarem o acesso ao mesmo, com possibilidade de o fotografar para fins de investigação. Agradecemos a todos os funcionários de bibliotecas, arquivos e museus que frequentámos ao longo dos anos, em especial à Senhora Dr.^a Olga Ribeiro, da Biblioteca Municipal de Portalegre; à Senhora Dr.^a Laura Portugal Romão, do Museu Municipal de Portalegre; ao Senhor Dr. Fernando Correia Pina, do Arquivo Distrital de Portalegre, pela gentileza em todas as nossas visitas e numerosos pedidos.

Agradecemos a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Francisco Senra Coelho, Bispo Titular de Plestia e Auxiliar de Braga; ao Senhor Cónego Bonifácio dos Santos Bernardo, do Cabido da Sé de Portalegre; ao Senhor Padre Doutor Gonçalo Portocarrero de Almada, da *Prælatúra Sanctæ Crucis et Operis Dei*; ao Senhor Padre Frei Miguel Patinha e ao Senhor Padre Frei Francisco Martins de Carvalho, da *Ordo Prædicatorum*; ao Senhor Padre Luís Arruda, do Patriarcado de Lisboa; e ao Senhor Padre Samuel Bon, da *Fraternitas Sacerdotalis Sancti Pii X*, pelas suas sugestões de leitura, empréstimo de livros e constante estímulo aos nossos trabalhos. Também ao Senhor Tiago Henriques, pelo empréstimo de livros antigos da sua biblioteca pessoal.

Agradecemos, por fim, à nossa família, em particular aos nossos pais e mulher, por todo apoio; e ao nosso primo Pedro Pinto Basto, pelas fotografias profissionais do manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus, em Marvão. Agradecemos também aos nossos amigos Paula Luckhurst, Amélia Luckhurst, Deolinda Santos, Cátia Alexandra Silva, Pedro Urbano, Rui Almeida, Simão dos Reis Agostinho e, muito especialmente, Ruy Ventura, parente de Soror Isabel do Menino Jesus e entusiasta da sua obra, cujo vivo interesse nos motivou ao longo do tempo, mesmo quando não tínhamos o ânimo constante.

ÍNDICE

RESUMO	1
PALAVRAS-CHAVE	1
ABSTRACT	2
KEY-WORDS	2
ABREVIATURAS	3
AGRADECIMENTOS	5
INTRODUÇÃO	11

PARTE I

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO I

Considerações preliminares

1. Estado da Arte.....	17
2. Finalidade, objectivos, metodologia e fontes.....	46
3. A primeira fonte: notas para a sua história.....	49

PARTE II

VIDA

CAPÍTULO I

Os primeiros anos

1. Nascimento e família.....	74
2. Condição social.....	84
3. Possível ascendência cristã-nova.....	90
4. Infância e juventude.....	103
5. Conversão.....	109
6. Iniciação da ascese.....	116

CAPÍTULO II

No convento

1. Professa no Convento de Santa Clara de Portalegre.....127
2. Mestra da Ordem.....136
3. Encarceramento e suspensão do ofício.....150

CAPÍTULO III

Ascética, Mística e fama de santidade

1. Progressão na ascese.....156
2. Intercedendo por vivos e defuntos.....161
3. Chaveira do Céu, couçoeira e porteira.....173
4. Combate espiritual.....183
5. *Santa viva*.....195
6. Abadessa e reformadora.....214
7. Última doença e morte.....229
8. Sepultura e culto.....236

PARTE III

OBRA

CAPÍTULO I

Do manuscrito ao impresso

1. O livro póstumo: a *Vida da Serva de Deos*... ..252
2. A *Vera Efiggies da Venerável Soror Izabel do Menino Jesus*.....272
3. Fortuna editorial da *Vida da Serva de Deos*... ..278

CAPÍTULO II

Condições de escrita e textos

1. Escrevendo por obediência.....	261
2. Do manuscrito autógrafo.....	301
2.1- “Cartas a um Religioso”.....	306
2.2- “Cartas a uma Religiosa”.....	333
2.3- “Tratado Místico”.....	353
2.4- “Súplica ao Ministro Provincial”.....	420
2.5- “Vida”.....	427
2.6- “Carta à Abadessa e Religiosas”.....	436

CAPÍTULO III

Fontes e influências

1. Leitura e escrita.....	444
2. Ecos da vida quotidiana.....	452
3. Uma mestra do espírito.....	584

CONCLUSÃO.....	500
-----------------------	------------

FONTES

FONTES MANUSCRITAS.....	523
--------------------------------	------------

FONTES IMPRESSAS.....	533
------------------------------	------------

FONTES ICONOGRÁFICAS.....	541
----------------------------------	------------

OBRAS DE REFERÊNCIA.....	542
---------------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA.....	551
-------------------------------------	------------

ANEXOS

ANEXO I

Transcrição do Manuscrito Autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus

1. Breve descrição do manuscrito.....	1
---------------------------------------	---

2. Critérios de transcrição.....6

ANEXO II

Cronologia Breve

ANEXO III

Genealogia Breve

ANEXO IV

Fotografias

INTRODUÇÃO

A presente tese, elaborada especialmente para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade em História Moderna, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem por finalidade contribuir para o conhecimento das escritoras portuguesas anteriores ao ano de 1900, designadamente das que professaram em Ordens religiosas e escreveram sobre matérias espirituais. O seu primeiro objectivo é gizar a trajectória de Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752), no século chamada Isabel Fernandes, uma religiosa professa da Ordem de Santa Clara, no Convento de Santa Clara de Portalegre, que morreu com fama de santa e prestígio de mestra do espírito, depois de ali ter vivido quase cinquenta anos, sendo eleita para o ofício de mestra da Ordem e para o de abadessa.

Esta autora, hoje pouco conhecida, à data da sua morte deixou um manuscrito em vias de impressão, o que se deu já postumamente. O nosso segundo objectivo é analisar os textos de Soror Isabel, os quais versam exclusivamente sobre ascética e mística. Esta análise é qualitativa, tendo em conta um enquadramento na ortodoxia católica pós-tridentina, por ter sido dentro deste campo que a autora escreveu, recebendo pareceres positivos da sua Ordem religiosa e da censura. Trata-se de um estudo de caso numa dupla dimensão: quanto à sua vida, na sua Parte II (primeiro objectivo geral) e quanto à sua obra, na Parte I e na Parte III (segundo objectivo geral).

Centramo-nos em duas fontes principais: por um lado, no que Soror Isabel do Menino Jesus escreveu sobre si mesma e, em especial, sobre o seu domínio empírico da ciência ascética e mística, ou seja, os seus textos, a sua obra; e, por outro, no que sobre ela escreveram os seus contemporâneos, em especial aqueles que a conheceram ou observaram o seu comportamento, ou que consultaram testemunhas oculares. A nossa primeira fonte é, assim, o manuscrito autógrafo de Soror Isabel, intitulado postumamente *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752*, hoje conservado nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Marvão. Este manuscrito foi extraviado do cartório do convento antes do fim de 1858, vindo a ser por nós encontrado à venda já em 2013, numa livraria alfarrabista de Lisboa. Trata-se efectivamente de um autógrafo, que, para além de outras características que o indiciam, apresenta a assinatura da autora por trinta e seis vezes, em diferentes páginas, sendo

identificável com a assinatura de Soror Isabel do Menino Jesus em numerosos documentos daquele cartório. Pela sua relevância, transcrevemos integralmente o manuscrito e apresentamo-lo em anexo (Anexo I). Dele colhemos abundantes citações, ao longo da tese.

A segunda fonte é o livro impresso em 1757 – cinco anos depois da morte da autora –, a partir do manuscrito autógrafo, cujo título abreviado, na tese, é *Vida da Serva de Deos...*. Dissertamos sobre este impresso, mas, dele, nunca citamos os textos da autora, que, verificámos, correspondem aos do manuscrito, salvo na actualização da ortografia e na atribuição de pontuação, decisões do seu editor, o Padre João Evangelista da Cruz e Costa. Citamos, sim, os textos que os acompanham, nomeadamente a “Advertencia”, os pareceres da Ordem e dos censores; e, em especial, um “Prologo, Progressos, Fim, e Prostestação”, da autoria de Frei Martinho de São José, que foi confessor da autora e era então o ministro provincial da Província do Algarves da Ordem de São Francisco, o qual interveio directamente na organização do livro, em vida da autora. Frequentes vezes, é este religioso apontado como autor da obra, o que convém rectificar, porque, de facto, ainda que possa ter orientado Soror Isabel do Menino Jesus na organização do volume, a autoria pertence a esta mulher, oriunda de uma família do chamado estado do meio, cuja alfabetização foi rápida e polémica, numa vila acandorada na Serra do Sapão onde as mulheres, como por todo o reino, não sabiam sequer assinar. O volume contém, entre os seus diferentes textos, a sua “Vida”, que, tanto quando sabemos, é a primeira autobiografia espiritual de autoria feminina que se imprimiu em Portugal. O impresso saiu com uma bela estampa retrato de Soror Isabel, posando com o livro nas mãos, obra do refinado gravador francês Jean Baptiste Michel Le Bouteaux (1682-1764), activo no reinado de D. João V. Como supomos na nossa tese, tratar-se-á de um retrato autêntico, o primeiro de um autor do sexo feminino que terá saído com a sua obra impressa no nosso país.

A tese decorreu em estreita ligação com vários projectos sobre escritoras e redes culturais femininas na Europa, sediados no Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, coordenados por Vanda Anastácio, professora na mesma Faculdade, que nos orientou em todos os trabalhos; e contou com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), através da celebração de um contrato para a concessão de uma bolsa de

doutoramento, a 13 de Março de 2013, com início da bolsa a 1 de Abril desse ano e fim a 31 de Março de 2016. Quase até à conclusão, foi co-orientada por Isabel Drumond Braga, professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Desenvolvida numa necessária interdisciplinaridade, sendo várias as áreas científicas que concorrem para a sua finalidade, a tese situa-se, sobretudo, no âmbito da História Moderna, debruçando-se sobre assuntos relacionados com a cultura portuguesa do período moderno, uma vez que o seu objecto é uma escritora dos séculos XVII e XVIII. Uma outra área é frequentemente visitada ao longo do texto, a da Teologia Espiritual, não porque a abordagem seja tão teológica quanto histórica, mas porque é necessário recorrer a vários conceitos daquela área – trata-se de abordar uma escritora mística – para alumiar minimamente a obra de Soror Isabel do Menino Jesus, que descreve numerosos fenómenos místicos e ensina um método de ascese, definido a partir da direcção espiritual que recebeu ao longo dos anos, das suas leituras de livros espirituais e, sobretudo, na sua própria prática; método clássico, numa escada de três vias espirituais: a via purgativa, a via iluminativa e a via unitiva, esta com três noites escuras, o ilapso e a união, ou morte mística. Os apontamentos teológicos que fazemos ao longo da tese, para além de tentarem uma simples aproximação ao contexto da espiritualidade da época moderna, e à própria autora, não aprofundado nenhum dos conceitos, convidarão, porém, a um estudo da obra desta mística portuguesa no âmbito teológico, o que não é da nossa competência. A nossa tese, é, aliás, uma abordagem estritamente limitada à sua finalidade e objectivos, atrás enunciados, e ainda pela ponderação do número de páginas. Tratar-se-á, ainda assim, da mais extensa abordagem que até hoje foi realizada à autora, o que não será de admirar, uma vez que o seu caso era semelhante aos de muitas outras autoras portuguesas que, entre o final do século XV e o início do século XIX, estão ainda esquecidas ou são praticamente desconhecidas.

No manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus estão, na verdade, várias obras, e não apenas uma; ou, para dizer de um outro modo, estão trinta e nove textos distintos, correspondentes aos quatro géneros literários que praticou, não sabemos se exclusivamente: autobiografia espiritual (uma “Vida”); tratado (um “Tratado Místico”); súplica (uma “Súplica ao Ministro Provincial”); e epistolografia (vinte “Cartas a um Religioso”, quinze “Cartas a uma Religiosa” e uma “Carta à Abadessa e Religiosas”). Estes textos foram passados a limpo e

acrescentados pela autora num só volume, com intenção de o legar ao seu prelado, o referido provincial, prevendo-se a sua impressão, que, entretanto, já a autora não viu, por morrer antes de se concluírem os trâmites necessários, a 5 de Outubro de 1752. O volume sairia cinco anos depois, em 1757, bastante atrasado em relação àquela intenção, o que supomos ser devido, não a desconfianças acerca da idoneidade da sua autora ou aos seus escritos, como se pensa, mas ao facto de o manuscrito estar em Lisboa no dia 1 de Novembro de 1755, tendo sobrevivido ao terramoto e suas réplicas. O mau estado em que ficou o Convento de São Francisco de Xabregas, cabeça da Província dos Algarves da Ordem seráfica, terá imposto ou demoras à impressão, porque a prioridade seria reconstruir a casa.

Não nos é possível conhecer muito acerca da recepção que teve o livro, mas é certo que os poucos exemplares que se conservam ou deixaram notícias passaram pelas mãos de religiosos e religiosas, e de pessoas seculares. O advento das Luzes em Portugal poderá ter influenciado sobre o interesse por estas obras de espiritualidade, mas não conseguiu cortar o curso dos exemplares – cujo número saído da oficina desconhecemos –, porque esses poucos que nos chegaram continuaram a ser lidos. Também a extinção das Ordens religiosas, iniciada em 1834, não logrou apagar a presença da autora e dos seus textos, pelo menos no seu convento, onde a última religiosa sobreviveu quase até ao século XX e onde a comunidade de mulheres e meninas que ali estava recolhida continuou a recordá-la. A sua campa, situada no coro baixo do extinto convento, terá continuado a ser venerada até aos anos 30, porque a sua *fama sanctitatis* atravessou os séculos, embora cada vez mais ténue.

Reconhecer a importância desta autora, através de estudos, foi um desafio abraçado por outros, ainda antes de a termos escolhido como objecto da nossa tese. É nossa esperança que este contributo permita agora consideráveis avanços e, assim, estimule o interesse dos mesmos e de outros investigadores, não só por Soror Isabel do Menino Jesus, como pelas restantes autoras portuguesas, ainda pouco conhecidas. O mesmo poderemos dizer em relação aos místicos portugueses, de ambos os sexos, dos quais até agora pouco se sabe.

PARTE I
APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO I
Considerações preliminares

1. Estado da Arte

Ao abrir *Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*, na qual colaborámos, a sua organizadora, Vanda Anastácio, lança uma questão pertinente: “Será possível escrever uma História da Literatura Portuguesa anterior a 1900 que inclua as mulheres? Ou, dito de outro modo: será possível falar de escritoras antes da contemporaneidade?”¹.

Esta questão parece ter despertado o interesse de vários investigadores desde o início da década de 90 do século passado, em Portugal e no Brasil, que se viram, no entanto, confrontados com a escassez de dados acerca da leitura e da escrita das mulheres nesse período. Na revalorização crescente da contribuição das mulheres para o saber e para a sociedade; e no questionar das razões que levaram à sua quase exclusão do discurso historiográfico, continuava, porém, a impor-se a omissão dos historiadores sobre as escritoras portuguesas. Os números assim o confirmam: nos manuais de história da literatura portuguesa publicados até hoje a percentagem das autoras referidas, anteriores ao século XX, varia entre os 3% e os 5%². Assim se explicará que os investigadores que trabalham sobre a autoria feminina portuguesa não se debruçam sobre aquelas escritoras, mas antes sobre as da contemporaneidade, cronologicamente situadas depois de 1900³.

Considera-se mesmo que as autoras omissas na história da literatura portuguesa e, em consequência, a presença de autores do sexo masculino fez com que esta última fosse considerada a autoria literária por excelência⁴. Isto explicará o desinteresse geral das instituições e academias em dedicar-se a projectos que visem as escritoras anteriores ao século XX. Vanda Anastácio aponta que: “Tende-se a pensar que o que não se vê não existe. Que o que não foi dito se apagou, afogado em silêncio”⁵. Mas as mulheres estão muito presentes no

¹ Cf. Vanda Anastácio (org.), *Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*, Lisboa, Relógio d'Água, 2013, p. 19.

² Cf. *Idem, ibidem*, p. 19.

³ Vd. Chatarina Edfeldt, *Uma História na História. Representações da Autoria Feminina na História da Literatura Portuguesa no Século XX*, Estocolmo, Universidade de Estocolmo, 2005; Isabel Allegro de Magalhães, *O Sexo dos Textos e Outras Leituras*, Lisboa, Caminho, 1995.

⁴ Cf. Anna Klobuka, “Sobre a Hipótese de uma *Herstory* da Literatura Portuguesa”, in *Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n.º 10, Santiago de Compostela, 2008, pp. 13-25.

⁵ Cf. Vanda Anastácio (org.), *Uma Antologia Improvável...*, *op. cit.*, p. 20.

discurso dos autores do passado, nomeadamente sobre o cultivo das virtudes e sobre os perigos que o saber induziria no seu sexo, suposto como propenso à fragilização daquelas.

As mulheres, afinal, estão também noutros textos, manuscritos e impressos, que jazem nas bibliotecas e arquivos, sem que, ao longo de séculos, a investigação sistemática lhes revelasse os nomes e as obras, por géneros, nomeadamente as que escreveram paratextos e reivindicações de autoria⁶, como a Senhora D. Filipa (1435-1497), filha do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e da Infanta D. Isabel, Condessa de Urgel – autora do século XV –, D. Leonor de Noronha (1488-1563), Luísa Sigeia (1522-1560), Públia Hortênsia de Castro (1548-1595), Soror Maria do Baptista (1570-1595), Soror D. Maria de Mesquita Pimentel (†1639), D. Joana Josefa de Meneses, Condessa da Ericeira (1651-1709), Teresa Margarida da Silva e Orta (1711-1792), Soror Benta do Céu (viva em 1766), Rita Clara Freire de Andrade (1758-d. 1791), Francisca Possolo da Costa (1783-1838) e D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna (1750-1839). E as que escreveram sobre mística⁷, como Soror Mariana da Purificação (1623-1695), Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752), a autora que estudamos; e Soror Mariana Josefa Joaquina de Jesus (†1783). E as que foram autoras de regras de vida, de ditos, sentenças e máximas⁸, como a Senhora D. Maria (1538-1577), filha do Infante D. Duarte e da Infanta D. Isabel, Duques de Guimarães, mulher de Alexandre Farnésio, Duque de Parma e Piacenza; D. Joana da Gama (†1586) e Soror Maria do Céu (1658-1753). E as que escreveram ficção narrativa⁹, como Soror Madalena da Glória (n. 1672), Soror Maria do Céu (1658-1753), Soror Joana Josefa dos Serafins (†1722), Maria Clara Júnior (†1816) e, novamente, Francisca Possolo da Costa. E as que escreveram memórias biografias e autobiografias¹⁰, como a referida Soror Mariana da Purificação, Soror Antónia Margarida de Castelo Branco (1652-1717); de novo, Soror Benta do Céu, e D. Mariana Bernarda de Távora, Condessa de Atouguia (1722-d.1788). E as que

⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 283-321.

⁷ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 325-336.

⁸ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 341-351.

⁹ Vd. *Idem, ibidem*, pp. 355-380.

¹⁰ Vd. *Idem, ibidem*, pp. 387-403.

escreveram prosa histórica, académica e de circunstância¹¹, como D. Maria Micaela dos Prazeres (†1761) e D. Mariana Vitória Atalaia Colaço de Castelo Branco (†1783). E as que produziram no género epistolográfico¹², como a Rainha D. Catarina (1507-1578), mulher de D. João III; a Infanta D. Maria (1521-1577), filha do Rei D. Manuel e da Rainha D. Leonor; de novo, Luísa Sigeia, a Senhora D. Maria, Duquesa de Parma; e D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna; Soror Violante do Céu (1658-1753), D. Joana de Vasconcelos de Meneses (c. 1625-1653), D. Isabel de Castro, Condessa de Assumar (1665-1724), D. Leonor Tomásia de Távora, Marquesa de Távora (1700-1759), Soror Maria Joana (1712-1724), Soror D. Feliciano Maria de Milão (1632 ou 1639-1705), D. Filipa de Noronha († séc. XVIII), Rainha D. Mariana Vitória (1718-1781), mulher de D. José; D. Teresa Josefa de Melo Breyner, Condessa do Vimieiro (1739-d.1793); e D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz (n. 1745). E, finalmente, as que escreveram poesia, profana, sacra, política e de circunstância¹³, como D. Filipa de Almada (n. c. 1430), D. Maria de Sousa, Leonor Moniz, D. Maria da Cunha, D. Joana Henriques e D. Isabel da Silva (†1516); D. Mécia Henriques (†1516), de novo, D. Joana da Gama, novamente Soror Violante do Céu; D. Joana Josefa de Meneses, Condessa da Ericeira, D. Teresa Margarida da Silva e Orta, D. Teresa Josefa de Melo Breyner, Condessa do Vimieiro; D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz, D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna; e Francisca Possolo da Costa; D. Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644), D. Mariana de Luna (†1642), D. Maria de Guadalupe de Lencastre e Cárdenas (1630-1715), Isabel Rebeca Corrêa (c. 1655-1700), D. Teresa Luísa Febrónia Rosa da Silva (†1743), D. Feliciano Teresa Soutomayor (†1743), Tomásia Caetana de Aquino (†1787), D. Catarina Micaela de Lencastre, Viscondessa de Balsemão (1749-1824); Leonor da Fonseca Pimentel (1752-1799), Soror Mariana Josefa Joaquina de Jesus (†1783) e Mariana Antónia Pimentel Maldonado (1771-1855). Muitas outras autoras ficaram por referir, as quais vão sendo incluídas na base de dados *Escritoras. Portuguese Women*

¹¹ Vd. *Idem, ibidem*, pp. 417-420.

¹² Vd. *Idem, ibidem*, pp. 425-494.

¹³ Vd. *Idem, ibidem*, pp. 501-607.

Writers Before 1900, resultante de um projecto coordenado por Vanda Anastácio, no qual participámos¹⁴.

A mencionada antologia veio, pois, quebrar o silêncio que cobria com um quase anonimato as autoras portuguesas dos séculos XV, XVI, XVIII e XVIII, tendo algumas morrido já no século XIX, ao recolher, não apenas os seus nomes, os títulos das suas obras e alguns excertos das mesmas, mas também alguns dos referidos discursos masculinos sobre mulheres e a sua relação o saber, a leitura e a escrita¹⁵, como Rodrigo Sanches (†c.1530), Baltasar Dias (†c.1540), Rui Gonçalves (†c.1557), Cristóvão da Costa (1525-1594), Diogo de Paiva de Andrada (1528-1575), João de Barros (1522-1553), Duarte Nunes do Leão (1530-153), Frei Dâmaso da Apresentação (†1639), Frei Luís dos Anjos (c.1580-1625), D. Francisco de Portugal (1585-1632), D. António Sousa de Macedo (1606-1682), D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), Padre António Vieira (1608-1697), Frei António das Chagas (1631-1682), Padre Rafael Bluteau (1638-17734), Padre Manuel Bernardes (1644-1710), Diogo Manuel Aires de Azevedo (Padre Manuel Tavares) (†1735), Damião Froes Perim (Frei João de São Pedro) (1692-d.1747), António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), Padre Luís António Verney (1713-1791), Padre Teodoro de Almeida (1722-1804) e Francisco Joaquim Bingre (1763-1856).

Nos últimos anos, tem aumentado em Portugal o interesse pelo estudo das mulheres escritoras, muitas delas professoras em Ordens religiosas, como são exemplo algumas da atrás referidas, entre elas Soror Isabel do Menino Jesus, que procuramos estudar nesta tese. Este interesse parece acompanhar o interesse que se verifica noutros países europeus, designadamente em Espanha em Itália, e nos da América Latina¹⁶. No nosso país, porém, são ainda poucos os trabalhos aprofundados sobre cada escritora, uma vez que ainda se desenvolvem esforços para inventariar os seus nomes e obras. A poesia era um género bastante praticado, como aponta Isabel Morujão, que estudou a produção poética

¹⁴ A base de dados está disponível no endereço de Internet: <http://www.escritoras-em-portugues.eu>, consultado a 21 de Março de 2016.

¹⁵ Cf. Vanda Anastácio (org.), *Uma Antologia Improvável...*, *op. cit.*, pp. 29-262.

¹⁶ Vd. Zulmira C. Santos, “Escrita Conventual Feminina: um ‘Arquipélago Submerso’”. Apenas Algumas Notas”, in João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade, Tiago Pires Marques (coord.), *Vozes da Vida Religiosa Feminina. Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, pp.23-29.

conventual no período moderno, chegando algumas religiosas a tornar-se célebres, como foi o caso de Soror Madalena da Glória, o de Soror Maria do Céu ou o de Soror Violante do Céu, com impressão das suas obras, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII¹⁷. A autobiografia era também frequente em Portugal, geralmente por ordem dos directores espirituais, como o demonstra Mafalda Ferin Cunha, que tratou vários destes textos, hoje jacentes em arquivos e bibliotecas¹⁸. Entre vários estudos relativos a Espanha, é de referência *Le Voile et la Plume...*, de Isabelle Poutrin, que demonstra um notável número de religiosas espanholas que, entre outros géneros, escreveram as suas autobiografias, no período moderno¹⁹.

Estes géneros literários e outros, atrás apontados, tanto na Europa como no Novo Mundo, correspondiam, pois, à existência de uma abundante escrita das religiosas, considerando-se, com pertinência, que o convento feminino moderno era um recinto cultural, ou uma “intellectual community”, segundo salientaram Electra Arenal e Stacey Schlau²⁰; e que a escritora deste período, segundo Nieves Baranda Leturio e María Carmen Marín Pina, era, por excelência, “una monja”²¹.

Para além da antologia referida, destacam-se os trabalhos de Isabel Morujão, que publicou um *Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina dos Sécs. XVII e XVIII (Impressos)*²²; e de Zulmira C. Santos, Paula Almeida Mendes e Inês Nemésio, que publicaram as *Fontes para o*

¹⁷ Vd. Isabel Morujão, *Por Trás da Grade. Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013.

¹⁸ Vd. Mafalda Ferin Cunha, *A "Fiel e verdadeyra relação que dá dos sucessos de sua vida a creatura mais ingrata a seu Creado..."*. *Um Género, um Texto Único*, tese de mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas, Universidade Nova de Lisboa, 1992.

¹⁹ Vd. Isabelle Poutrin, *Le Voile et la Plume. Autobiographie et Sainteté Féminine dans l'Espagne Moderne*, Madrid, Casa de Velázquez, 1995.

²⁰ Vd. Electra Arenal, Stacey Schlau, “Leyendo yo y Escrebiendo Ella: the Convent as Intellectual Community”, in *Journal of Hispanic Philology*, n.º 13, Tallahassee, 1989, pp. 214-229.

²¹ Cf. Nieves Baranda Leturio, María Carmen Marín Pina, “El Universo de la Escritura Conventual Femenina: Deslindes e Perspectivas”, in Nieves Baranda Leturio, María Carmen Marín Pina (eds.), *Letras en la Celda...*, *op. cit.*, p. 11.

²² Cf. Isabel Morujão, *Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina dos Sécs. XVII e XVIII (Impressos)*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 1995.

*Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna*²³. Embora não sejam trabalhos exclusivamente orientados para a totalidade das autoras portuguesas, estes inventários contêm muitas das que escreveram sobre matérias religiosas, geralmente professoras em várias Ordens. São trabalhos muito relevantes, por contribuírem para uma percepção geral do panorama da autoria feminina em Portugal nestes séculos, bem como para compreender que essa autoria não surge desligada do panorama da autoria masculina, porque ambas coexistiram e apresentarão, por isso, as mesmas influências epocais, embora possam apresentar diferenças, decorrentes dos contextos, propósitos e pessoas implicadas, etc. No entanto, a autoria das mulheres, na maioria dos casos, não foi publicada mais além de círculos restritos, e, nestes, correndo manuscrita, sendo raras as que tiveram as suas obras impressas, como foi o caso de Soror Isabel do Menino Jesus, que, tanto quanto sabemos, foi a primeira mulher em Portugal a ter a sua autobiografia impressa, bem como a primeira autora a ser retratada na impressão da obra.

Salvo algumas exceções, como as biografias das rainhas e princesas, ou da Marquesa de Alorna – autora da alta aristocracia e vinculada à corte –, estas escritoras contam com escassas notas biográficas e, em consequência, os estudos sobre as suas obras não procuram as possíveis influências dos seus percursos de vida nos textos que escreveram²⁴. O mesmo parece suceder quanto aos contextos em que escreveram, onde se apontam poucos dados, em muitos casos apenas as datas de nascimento e morte, a filiação. Não raras vezes se suporá que pouco ou nada se sabe sobre certa autora, por suposta falta de fontes.

Nesta situação parece ter estado Soror Isabel do Menino Jesus, desde que a sua obra foi impressa, em 1757: *Vida da Serva de Deos Soror Isabel do Menino Jesus Abadessa, que foi do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre. Escripita pela mesma venerável religiosa, de mandado de seus Padres espirituais, com outros Tratados Mysticos: prática para o interior das Religiosas do mesmo Mosteiro, em que se encontraõ as muitas mercês, que Deus lhe fez, em ordem á salvaçaõ das*

²³ Cf. Zulmira C. Santos, Paula Almeida Mendes, Inês Nemésio, *Fontes para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna*, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2013.

²⁴ Vd. Paulo Drumond Braga, *A Rainha Discreta. Mariana Vitória de Bourbon*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014; Paulo Drumond Braga, *D. Maria (1521-1577). Uma Infanta no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Edições Colibri, 2012; Vanda Anastácio, *A Marquesa de Alorna (1750-1839). Estudos*, Lisboa, Prefácio Editores, 2009.

*almas, com algumas cartas espirituas*²⁵. Aqui, a autora refere a sua naturalidade, data de nascimento, filiação, profissão no Convento de Santa Clara de Portalegre, onde também foi abadessa, com outros dados biográficos, os quais são complementados por Frei Martinho de São José, num texto que saiu na impressão, ao jeito de prólogo.

A autora e a obra foram sendo escassamente referidas pelos séculos XVIII e XIX, como adiante veremos. No século seguinte, foi mais citada e referida, mas o conhecimento sobre a sua trajectória e sobre o contexto em que escreveu, ficou tal como estava, porque nenhum autor acrescentou ao que estava dito na conhecida *Vida da Serva de Deos*... Algumas autoras – sobretudo Anabela Couto Galhardo e Isabel Morujão –, porém, debruçaram-se sobre os seus textos, que analisaram e interpretaram, como adiante diremos.

Em 1925, o escritor Gustavo de Matos Sequeira, a propósito da devoção ao Menino Jesus, que fora frequente nos conventos femininos portugueses, cita a *Vida da Serva de Deos*... mais largamente, embora com algumas imprecisões²⁶. Tanto quanto sabemos, só nos anos 80, Soror Isabel do Menino Jesus voltou a ser referida, por Anacleto Pires da Silva Martins, cónego do Cabido da Sé de Portalegre, nas suas crónicas do periódico *O Distrito de Portalegre*. A 30 de Abril de 1982, por exemplo, recordou que “foi Abadessa do convento de Santa Clara uma das Clarissas mais insignes da sua Ordem, cuja autobiografia, escrita por obediência aos seus confessores, chegou até nós”²⁷; e que a autora fora natural de Marvão e falecera em Portalegre, “como sói dizer-se, em odor de santidade, no ano de 1752, aparecendo o livro da sua vida impresso, logo em 1755”²⁸.

²⁵ Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos Soror Isabel do Menino Jesus Abadessa, que foi do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre. Escripção pela mesma venerável religiosa, de mandado de seus Padres espirituais, com outros Tratados Mysticos: prática para o interior das Religiosas do mesmo Mosteiro, em que se encontraõ as muitas mercês, que Deus lhe fez, em ordem á salvação das almas, com algumas cartas espirituas*, Lisboa, Oficina de José da Costa Coimbra, 1757. Em diante, usaremos sempre o título abreviado: *Vida da Serva de Deos*...

²⁶ Cf. Gustavo de Matos Sequeira, *Relação de Varios Casos Notáveis e Curiosos Sucellidos em Tempo na Cidade de Lisboa e em Outras Terras de Portugal, Agora Reunidos, Comentados e dados à Luz*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, pp. 7-8.

²⁷ Cf. Anacleto Pires da Silva Martins, *Portalegre. Castelo Branco. Património. Pessoas. Casos*, Portalegre, Cabido da Sé de Portalegre, 2008, p. 34.

²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 34. Na verdade, a *Vida da Serva de Deos*... foi impressa em 1757, e não em 1755.

Em 1986, Dalila L. Pereira da Costa, no seu livro *Místicos Portugueses do Século XVI*, escreve: “Para avaliarmos um pouco os tesouros escondidos, e de nós ignorados, que possui a mística portuguesa do séc. XVIII, citemos só algumas passagens, raras e breves, de quatro livros que nos foi dado folhear”²⁹. Um deles era a *Vida da Serva de Deos...*, que considera um exemplo de mística nupcial.

Aquando da celebração do VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara, em 1994, o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro expôs um dos exemplares da *Vida da Serva de Deos...* que se conservam na Biblioteca Nacional de Portugal. No catálogo, Francisco Leite de Faria faz justiça à memória da autora, afirmando-a precisamente como tal, o que nem todos os autores que temos vindo a citar fizeram, tomando Frei Martinho de São José como autor único da *Vida da Serva de Deos...*: “Quase todo este livro foi escrito pela Madre Isabel do Menino Jesus (1673-1752), de quem nas páginas 181-255 se publicam 35 cartas; por isso no frontispício se lê que este livro foi apenas ‘disposto’ pelo Padre Frei Martinho de São José”³⁰.

No ano seguinte, em 1995, Isabel Morujão incluiu a *Vida da Serva de Deos...* no seu *Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina dos Sécs. XVII e XVIII (Impressos)*, dando conta da existência de dois dos três exemplares existentes na Biblioteca Nacional de Portugal³¹. Por enquanto, nada mais acrescentou, uma vez que esta sua obra não se destinava à análise dos textos. Em 2002, Ruy Ventura publicou a sua antologia *Poetas e Escritores da Serra de S. Mamede...*, incluindo largo excerto do primeiro capítulo da *Vida da Serva de Deos...*³².

Em 2007, Anabela Galhardo Couto incluiu Soror Isabel do Menino Jesus na sua antologia *Gli Abiti Neri. Letteratura Femminile del Barocco Portoghese*³³.

²⁹ Cf. Dalila L. Pereira da Costa, *Místicos Portugueses do Século XVI*, Porto, Livraria Chardon de Lello & Irmão Editores, 1986, cap. II, pp. 145-146. Vd. Joaquim da Silva Teixeira, *A Experiência Mística na Obra de Dalila Pereira da Costa. Fenomenologia e Hermenêutica*, Maia, Cosmorama Edições, 2013.

³⁰ Cf. Francisco Leite de Faria, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal. VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara 1193/94–1993/94*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, 1994, p. 86.

³¹ Cf. Isabel Morujão, *Contributo para uma Bibliografia...*, *op. cit.*, p. 55.

³² Cf. Ruy Ventura (org.), *Poetas e Escritores da Serra de S. Mamede (Castelo de Vide, Marvão e Portalegre)*, Vila Nova de Famalicão, Amores Perfeitos, 2012, pp. 221-227.

³³ Cf. Anabela Galhardo Couto (org.) *Gli Abiti Neri. Letteratura Femminile del Barocco Portoghese*, Roma, Il Filo, 2007, p. 59.

Esta inserção é de grande importância, não só por considerá-la uma autora portuguesa de destaque num livro saído em Itália, como porque apresenta, pela primeira vez na história da literatura portuguesa, uma análise crítica, ainda que breve, da sua vida e obra. A autora dá conta da quase ausência de notícias biográficas de Soror Isabel: “A eccezione degli elementi che lei stessa a disposizione nella sua *Autobiografia* e delle informazioni contenute nelle licenze di pubblicazione del suo libro, scarsi sono i dati biografici che ci restano”³⁴. De facto, até aqui, os dados eram poucos e repetidos, porque ninguém se dedicara, ainda, a aprofundá-los. A própria Anabela Galhardo Couto afirma, certamente por lapso, não se saber a data de morte de Soror Isabel, quando esta vem declarada na própria obra.

Diz, assim, que “La data della sua morte resta sconosciuta, sebbene si sapia che nel 1737, all’età di sessantaquattro anni, era ancora viva e occupata nella redazione di lettere di orientamento e conforto per la comunità”³⁵. A autora supõe também que Soror Isabel procedia de uma família de proprietários rurais sem capacidade financeira para dotá-la e que o único destino de Soror Isabel, por não ter dote, seria um envelhecimento, “giorno dopo giorno”³⁶, numa “famiglia senza storia”³⁷. Estes dados carecem de sustentação de fontes. Aponta depois a sua inteligência e determinação, e “il suo talento le permisero di diventare una ‘Maestra dello spirito’, interpellata e venerata da molti, famosa per i ‘favori divini’, le estasi e i prodigi che si manifestavano grazie al suo intervento”³⁸. Diz que “Fue una donna forte, che governo la casa e il patrimonio dei genitori”³⁹, até ao momento que, pelos trinta e cinco anos, a família considerou que a sua presença não era já indispensável e autorizou a sua entrada no convento. Di-la, “Praticamente una autodidatta”⁴⁰ no desenvolvimento, por si própria, de “un método di preghiera mentale”⁴¹, anos antes da sua profissão, tendo depois tentado implementá-lo no convento, com a oposição das religiosas, etc. Sumariza

³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

a *Vida da Serva de Deos*... como “storia della sua vita, il libro contiene un trattato mistico con la descrizione della via della purificazione, dell’unificazione e dell’illuminazione. Il volume include anche cospicuo materiale di corrispondenza epistolare”⁴². Inserir na antologia dois excertos, em italiano: “una parte iniziale dell’autobiografia e una lettera”⁴³.

Apesar das limitadas suposições biográficas, a autora alcança, neste texto, o mérito de observar, pela primeira vez, certos aspectos fundamentais, a ter em conta em futuras análises da obra de Soror Isabel. Refere-a, por exemplo, como “una delle venerabili che i conventi coltivarono ed esaltarono allo scopo di esaltare i propri Ordini”⁴⁴. Considera que a compreensão da sua vida e da sua obra exige um enquadramento no contexto religioso, social e ideológico da época, à luz das complexas relações estabelecidas entre a Igreja e o fenómeno místico, por um lado, e as Ordens religiosas, por outro, implicando “giochi di potere”⁴⁵. Chama a atenção para uma referência à Guerra da Restauração (1640-1668); e “nel testo compaiono alcuni aspetti curiosi quali ragionamenti intorno alla condizione femminile, ma anche sul clima di invidie e ostilità che circondavano le venerabili all’interno del convento”⁴⁶, e, sobretudo, “l’intensa vibrazione d’amore”⁴⁷ e a força de um caminho de fé “che si cerca e si dona com rara determinazione”⁴⁸. Na sua antologia, Anabela Galhardo Couto oferece-nos também a primeira tradução de textos de Soror Isabel do Menino Jesus, pela tradutora italiana Fabia Pavel: dois trechos da “Vita della serva di Dio Suor Isabel do Menino Jesus”⁴⁹.

Em 2009, Anabela Galhardo Couto voltou a abordar Soror Isabel do Menino Jesus, num capítulo do livro *Teaching Subjectivity. Travelling Serves for Feminist Pedagogy*, editado em Utrech, nos Países Baixos, por Silvia Caporale Bizzini e Melita Richter Malabotta. O capítulo tem por título “Travelling Through Words:

⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 60.

⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60.

⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59.

⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60.

⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60.

⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60.

⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 61-67.

Reinventing a Heritage of the Imaginary and of the Affections”⁵⁰, e segue uma linha feminista “of critical and historical recovery of past literary works”⁵¹, propondo uma viagem ao “silenced world”⁵² da escrita conventual feminina dos séculos XVII e XVIII e partindo da questão “where is one’s place?”⁵³. A autora deseja prestar atenção, nesta literatura, às metáforas sobre viagens, presentes nas *relações de vida*, autobiografias de religiosas portuguesas do século XVIII, como Soror Maria do Céu, Soror Mariana da Purificação, Soror Isabel do Menino Jesus, Soror Maria Josefa e Soror D. Antónia Margarida de Castelo Branco. A autora interessa-se pelo seu “loving self”⁵⁴, ou como “this type of writing was one of freedom, of opening to the other, of joy”⁵⁵. No que diz respeito a Soror Isabel, Anabela Galhardo Couto afirma que “Also the mystical manifestations of Sister Isabel do Menino Jesus were made subject to severe restrictions and they became a source of controversy and dispute – despite the fact she was regarded *post-mortem* as “Venerable” and acknowledged as a mystical authority”⁵⁶.

Anabela Galhardo Couto, observando o facto de a impressão se ter dado cinco anos após a morte de Soror Isabel, a *Vida da Serva de Deos...* “was the subject of a long and complex process of approval by the religious authorities, as process that lasted for decades”⁵⁷. Observa que Soror Isabel, uma autodidata, narra as suas viagens místicas, “not hiding from the reader the character of radical discovery, the fear and the risk that such exposure brings, specially when it has the mark of the female gender”⁵⁸; e aponta os seus voos, o seu caminhar, percorrendo as vias espírito, como metáforas de viagens; bem como uma separação da alma e do corpo, que Soror Isabel descreve acerca de uma visão que tivera, aquela em que se vira toda coberta de ouro fino: a alma saíra da sua limitação física. Assinala, entre outros aspectos, que há, nestas autoras, uma

⁵⁰ Vd. Anabela Galhardo Couto, “Travelling Thought Words: Reinventing a Heritage of the Imaginary and of the Affections”, in Silvia Caporale Bizzini, Melita Richter Malabotta (eds.), *Teaching Subjectivity. Travelling Serves for Feminist Pedagogy*, Utrech, Athena, 2009, pp. 121-139.

⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 121.

⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 121.

⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 121.

⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 121.

⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 121.

⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

retórica da alegria: “Following the enchanted pace of successive matins, the autobiographic narratives underline the intensity of the amorous transports and of the extraordinary visions, in a writing dominated by pleasure and joy”⁵⁹. O capítulo é, tanto quanto sabemos, o primeiro estudo feminista que aborda e cita a obra de Soror Isabel do Menino Jesus. Acerca da autora e de outras autoras místicas da sua época, conclui que a leitura das narrativas autobiográficas das religiosas portuguesas oferece aos investigadores “a cross-cultural research” em temas de História, tão interessantes como a condição social, a educação e a vida privada, recordando que alguns casos incluem informação importante acerca do estatuto das mulheres no período barroco e representações dos seus quotidianos. Deixa o apelo: “We may encourage students to relate and confront mysticism as a form of resistance along with other forms of struggle led by women in different contexts, for instance, the suffragists”⁶⁰.

Em 2010, Fernando Correia Pina publicou *Os Ramos Secos. Notas Biográficas e Genealógicas das Religiosas do Convento de Santa Clara de Portalegre (1654-1829)*. Da sua introdução, citamos: “Se alguns raros nomes escapam à voragem do tempo, resgatados pela luminosidade de místicos momentos, como o da célebre madre Isabel do Menino Jesus, a verdade é que da grande maioria das clarissas hoje nada se conhece”⁶¹

Em 2011, publicámos o artigo “Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752) por Michel Le Boteaux. O Retrato de uma Escritora Santa”, na revista *Invenire*, que voltaremos a mencionar, mais adiante⁶². Em 2012, Isabel Morujão, que editou as cartas do famoso Frei António das Chagas (1631-1682)⁶³, publicou um capítulo sobre o espistolário de Soror Isabel do Menino Jesus, no qual encontrou certas semelhanças com o de Chagas, um texto fundamental que citaremos mais à frente⁶⁴. No ano seguinte, 2013, Vanda Anastácio publicou a referida antologia

⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 134.

⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 138.

⁶¹ Cf. Fernando Correia Pina, *Os Ramos Secos, Notas Biográficas e Genealógicas das Religiosas do Convento de Santa Clara de Portalegre (1654-1829)*, Portalegre, edição de autor, 2010, p. 1.

⁶² Cf. “Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752) por Michel Le Boteaux. O Retrato de uma Escritora Santa”, in *Invenire. Revista do Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja*, n.º 3, Lisboa, 2011.

⁶³ Vd. António das Chagas, *Cartas Espirituais*, edição de Isabel Morujão, Porto, Campo das Letras, 2000.

⁶⁴ Cf. Isabel Morujão, “Um Epistolário Português de Clarissa. Contributo para a Reconstituição de um Património Esquecido», in *El Franciscanismo en la Península Ibérica. El viaje de San Francisco por la*

Uma Antologia Improvável..., com a colaboração de Inês de Ornellas e Castro, José Félix Duque, Pedro Sena Lino, Isabel Morujão e Hugo Neto. A obra inclui dois excertos da *Vida da Serva de Deos...*, como referimos⁶⁵.

Em 2012, publicou-se *Igreja do Senhor do Bonfim*, livro póstumo de José Dias Heitor Patrão, falecido em 2009. O autor fizera uma referência a Soror Isabel do Menino Jesus e à *Vida da Serva de Deos...*, a propósito da devoção portalegrense ao Senhor do Bonfim, identificável com o Senhor da Paciência; e citara alguns trechos da obra⁶⁶. Este autor, como outros, anteriormente, tomara toda a *Vida da Serva de Deos...* por uma autobiografia, ignorando que a obra reúne diferentes textos de Soror Isabel do Menino Jesus. Em 2013, também Zulmira C. Santos, Paula Almeida Mendes e Inês Nemésio, nas *Fontes para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna*, incluíram a *Vida da Serva de Deos...* neste género⁶⁷.

Em 2015, Anabela Galhardo Couto abordou novamente Soror Isabel do Menino Jesus, num artigo intitulado “Dimensões da Alteridade em Autobiografias Espirituais Femininas em Portugal (Séculos XVII-XVIII)”⁶⁸, publicado em Espanha. Centra-se em algumas narrativas biográficas de índole espiritual, escritas por religiosas em Portugal, nestas centúrias. Dá especial atenção à narrativa do eu amoroso, à descrição dos êxtases e visões. Partindo das propostas de Michel de Certeau⁶⁹ e de Luisa Murano⁷⁰, nos seus trabalhos dedicados à escrita mística, tenta compreender até que ponto esses textos de autoria feminina oferecem a possibilidade de pensar e articular diferentes espaços discursivos, “configurando um discurso aberto à alteridade”⁷¹. Citaremos este texto mais adiante.

Península Ibérica y su Legado, vol. II, Córdoba, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos, 2012, pp. 541-555.

⁶⁵ Cf. Vanda Anastácio, *Uma Antologia Improvável...*, *op. cit.*, pp. 331-332.

⁶⁶ Cf. José Dias Heitor Patrão, *Igreja do Senhor do Bonfim*, Portalegre, Instituto Politécnico de Portalegre, 2012, pp. 130-131 e p. 133.

⁶⁷ Cf. Zulmira C. Santos, Paula Almeida Mendes, Inês Nemésio, *Fontes para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna...*, *op. cit.*, p. 51.

⁶⁸ Cf. Anabela Galhardo Couto, “Dimensões da Alteridade em Autobiografias Espirituais Femininas em Portugal (Séculos XVII-XVIII)”, in *Revista de Escritoras Ibéricas*, n.º 3, Madrid, 2015, pp. 81-100.

⁶⁹ Vd. Michel de Certeau, *La Fable Mystique*, vol. I – XVIe-XVIIe Siècle, Paris, Editions Gallimard, 1982.

⁷⁰ Vd. Luisa Murano, *Lingua materna, scienza divina. Scritti sulla filosofia mistica di Margherita Porete*, Nápoles, D'Auria, 1995.

⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 81.

Embora não constitua uma referência explícita à *Vida da Serva de Deos...*, devemos referir a presença de Soror Isabel do Menino Jesus na obra poética de Ruy Ventura. A autora inspirou ao poeta a personagem “Isabel”, em *Contramina [Poema Dramático]*, livro publicado em 2012⁷². “Isabel” surge aí em diálogo poético com “Agostinho” (personagem inspirada em Frei Agostinho da Cruz, conhecido poeta) e “João” (personagem inspirada em São João Evangelista). O poeta alude ainda ao Convento de Santa Clara de Portalegre, ao seu claustro, e às imagens do Senhor da Paciência e de Nossa Senhora das Dores, que ali foram veneradas no tempo de Soror Isabel do Menino Jesus.

A obra impressa da autora, repetimos, tem sido vista como sendo da autoria de Frei Martinho de São José, quando no próprio título, e no seu *corpus*, se explicita que a autoria não é deste religioso, que apenas a dispôs, ou seja, que apenas a organizou, mas de Soror Isabel do Menino Jesus. Também tem sido vista pela maioria dos autores como uma autobiografia, quando, na verdade, o volume reúne outros textos de Soror Isabel que não se enquadram neste género literário, como Isabel Morujão fez notar, ao analisar as cartas, que obviamente pertencem ao género epistolográfico. Os restantes autores, apesar das citações e referências a Soror Isabel, não têm acrescentado muito o conhecimento sobre a autora – a escassez de dados biográficos persiste desde que a obra foi impressa –, nem mesmo sobre a obra, porque para além de Anabela Galhardo Couto (sem dúvida a autora que mais publicou sobre Soror Isabel do Menino Jesus) e de Isabel Morujão, parece-nos não haver estudos anteriores à nossa tese.

Contribuir para o conhecimento das escritoras portuguesas com dados biográficos e com uma análise das obras de cada autora poderá facilitar a sua inclusão na História da Literatura portuguesa, mas não só: tal conhecimento, quando se trata de uma autora religiosa, pode ser útil para a História da Cultura e da Espiritualidade, designadamente no período moderno, quando, depois do Concílio de Trento (1545-1563), a Igreja veiculava novos modelos de santidade, tanto masculinos, como femininos, sendo estes últimos frequentemente vinculados à profissão religiosa em conventos. Terão sido numerosos os homens e mulheres que seguiram ideais de santidade, fixados em modelos de santos e santas, cujas virtudes e milagres não foram reconhecidos pelas autoridades eclesiásticas em

⁷² Cf. Ruy Ventura, *Contramina [Poema Dramático]*, Évora, Licorne, 2012, pp. 33-34 e p. 44.

todos os casos, mas cuja influência não deixou de se fazer sentir na espiritualidade e na cultura – e até na política – da sociedade moderna.

Na Península Ibérica, era frequente a leitura de vidas de *servos e servas de Deus*, e de santos já canonizados, alimentando a devoção dos fiéis, instruindo-os e convidando-os à imitação das suas virtudes; mas também de outras obras espirituais ou místicas, num universo de leitores que não lia apenas em português, mas também em castelhano. Nos séculos XVI e XVII abundavam os conteúdos ascéticos e místicos, que apontavam para uma união com Deus como meta das almas, havendo muitos casos de praticantes, uns tolerados ou sancionados positivamente pelas instâncias eclesiais, outros condenados, como demonstra José Sebastião da Silva Dias, nas suas *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal Séculos XVI a XVIII*; e Maria de Lourdes Bechior, José Adriano Freitas de Carvalho e Fernando Cristóvão, na sua *Antologia de Espirituais Portugueses*⁷³.

O *siglo de oro* produziu uma imensidade de títulos, sendo alguns autores extraordinários mestres do espírito, cuja influência se estendeu pelos séculos seguintes, até aos nossos dias. Estimou-se em Espanha uns 3.000 títulos no século XVI, que Daniel de Pablo Maroto aponta como uma quantificação não exaustiva e, logo, não muito segura⁷⁴. Por outro lado, tem por mais certos os 1.200 títulos contados por Melquíades Andrés Martín entre 1485 e 1520⁷⁵. Em Portugal, a produção não foi insipiente, como demonstram Zulmira C. Santos, Paula Almeida Mendes e Inês Nemésio, identificando impressos e manuscritos que circulavam desde Quinhentos, contribuindo, assim, para preencher uma lacuna que se verificava, ao não sabermos que obras e quantas obras compunham

⁷³ Vd. José Sebastião da Silva Dias, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal Séculos XVI a XVIII*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960; Maria de Lourdes Bechior, José Adriano Freitas de Carvalho, Fernando Cristóvão (org.), *Antologia de Espirituais Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

⁷⁴ Cf. Daniel de Pablo Maroto, *Espiritualidad Española del Siglo XVI. Vol. I – Los Reyes Católicos*, Madrid, Editorial de Espiritualidad, 2012, pp. 118-119.

⁷⁵ Vd. Melquíades Andrés Martín, *Historia de la Mística de la Edad del Oro en España y América*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1994, pp. 151-202.

o universo literário espiritual ou místico depois do Concílio⁷⁶. Paula Almeida Mendes também trabalhou sobre esta matéria no seu doutoramento⁷⁷.

Algumas destas obras foram dedicadas a leitoras da nobreza, o que revela que parte considerável do universo de leitura destas obras era feminino e secular, como já antes apontara Maria de Lurdes Correia Fernandes, apenas para o século XVII⁷⁸. É preciso, ainda, notar que as leitoras e leitores portugueses, fora e dentro de conventos, não liam apenas as obras publicadas na sua língua, mas também as que saíam em Espanha, pelo que em Portugal corria o manancial de autores que, nestes séculos, ajudou a desenvolver a espiritualidade católica em tempos de Contra-Reforma, cujo fluxo, afinal, não deixou de correr, até aos nossos dias⁷⁹.

Recentemente, Isabelle Poutrin questionou-se sobre “¿Para qué Servían los Libros de Revelaciones de Mujeres?”⁸⁰ na época barroca, algo que, segundo entende, diz respeito a toda uma matéria composta por “Deleites Místicos, Movimentación Católica y Entretenimiento Devoto”⁸¹. Explica que os “relatos de revelaciones” são um género pouco estudado, no âmbito da produção literária conventual, mas chama a atenção para os historiadores da espiritualidade, que “suelen considerar estos textos como típicos de una mística en vía de agotamiento después de Santa Teresa”⁸². Segundo a cronologia geralmente admitida entre esses autores, “la decadencia de la mística española empezaría después de la

⁷⁶ Vd. Zulmira C. Santos, Paula Almeida Mendes, Inês Nemésio, *Fontes para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna*, op. cit.

⁷⁷ Vd. Paula Almeida Mendes, “*Por aquí se vem retratados os passos por onde se caminha para o Ceo*”. *A Escrita e a Edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” Devotas em Portugal (Sécs. XVI a XVIII)*, dissertação de doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013.

⁷⁸ Vd. Maria de Lurdes Correia Fernandes, “Recordar os ‘Santos Vivos’: Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Século XVII Português”, in *Via Spiritus*, Porto, 1994, vol. I, pp. 133-155.

⁷⁹ Vd. Ana Isabel Carvalho Buescu, *Memória y Poder. Ensaio de História Cultural (séculos XV-XVIII)*, Lisboa, Edições Cosmos, 2000. Vd. Idem, “Aspectos do Bilinguismo Português-castelhano na Época Moderna”, in *Hispania* LXIV/1, n.º 216, 2004, pp. 13-38.

⁸⁰ Cf. Isabelle Poutrin, “¿Para qué Servían los Libros de Revelaciones de Mujeres? Deleites Místicos, Movimentación Católica y Entretenimiento Devoto en la España Barroca”, in Nieves Baranda Leturio, María Carmen Marín Pina, “El Universo de la Escritura Conventual Femenina: Deslindes e Perspectivas”, in Nieves Baranda Leturio, María Carmen Marín Pina (eds.), *Letras en la Celda. Cultura Escrita en los Conventos Femeninos en la España Moderna*, Madrid, Ibero-Americana, Vervuert, pp. 147-158.

⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

generación de la santa abulense, cuando la presión inquisitorial se empeña en silenciar las voces disidentes y las experimentaciones espirituales”⁸³.

No século XVII, momento de grandes controvérsias doutrinais, “la espiritualidad del recogimiento se desvía en molinismo y quietismo”⁸⁴. Aponta como exemplos algumas figuras com *fama sanctitatis*, como Soror Juana de Jesús María (1574-1650), cuja *vida* foi publicada por Frei Francisco de Ameyugo em 1673, obra que foi proibida pelo Santo Ofício em 1676; D. Marina de Escobar (1554-1633), cuja *vida* foi publicada pelo Padre Luís de la Puente em dois volumes, nos anos 1664 e 1675, denunciados em 1680; e a famosa Soror Maria de Jesus (1602-1665), autora da *La Mistica Ciudad de Dios...*, obra extensa, publicada em 1681, proibida pela Inquisição romana e autorizada pela espanhola. Em 1687, foram postas no *Índex* espanhol as obras de Soror Hipólita de Jesus (1551-1624). Estes casos terão desacreditado, segundo Isabelle Poutrin, este género “de forma duradera”⁸⁵. A autora invoca o estudo pioneiro de José L. Sánchez Lora, *Mujeres, Conventos e Formas de Religiosidad Barroca*, para considerar a mística como um fenómeno social típico da época barroca, citando aquele autor: “la mística como evasión, recurso mágico del arrobó para hombres encantados a lo divino”⁸⁶. Apesar desta depreciação, aponta Isabelle Poutrin que José L. Sánchez Lora propõe aos leitores contemporâneos “una utilísima clave de interpretación de los libros de revelaciones”. Esta chave de interpretação estará, segundo o autor, na “gran originalidad que [...] presenta el Barroco”⁸⁷, sendo capaz de “transformar la hagiografía en novela moderna [...] por ello, [...] podemos calificar la hagiografía barroca como novela de santos”⁸⁸.

Isabelle Poutrin recorda a função primitiva destes textos foi a da edificação dos espíritos, com “la utilización del material visionario”⁸⁹ deixado pelas *servas de Deus* na redacção de *vidas*, ou seja, de obras hagiográficas, na pena de autores

⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

⁸⁶ Cf. José L. Sánchez Lora, *Mujeres, Conventos e Formas de Religiosidad Barroca*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1988, p. 256, cit. Isabelle Poutrin, “¿Para qué Servían los Libros de Revelaciones de Mujeres?..”, *op. cit.*, p. 148.

⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 149.

masculinos, em especial sacerdotes, já que a autoria feminina suscitava a desconfiança geral. Recorda também que estes textos, em Espanha, surgiram em força no contexto da Reforma e do triunfo de uma monarquia católica, onde predominava um modelo de santidade feminina que valorizava não apenas a produção de textos autobiográficos, na linha de Santa Teresa de Jesus (1515-1582), como também a produção de relatos de visões e de revelações, seguindo uma linha mais antiga, cujos modelos principais eram Santa Brígida da Suécia (1303-1373) e Santa Catarina de Sena (1347-1380). A autoridade destas figuras fora tanta que surgiram gerações e gerações de religiosas, na Europa e no Novo Mundo, que se assumiram como místicas e como escritoras de mística. Os leitores apreciavam, pois, a identificação das novas *servas de Deus* com aquelas antigas santas, vendo nelas uma continuidade, através dos séculos.

Ora, cremos, pois, que este género literário, o dos livros sobre ascese e mística, e especificamente os de autoria feminina, não pode ser arreado do seu contexto religioso, tanto, obviamente, pelas matérias tratadas, como pela profissão religiosa das suas autoras, como pela presença junto a si dos seus confessores e directores espirituais, pelas Ordens a que pertenceram e, sobretudo, pela autoridade de quem os sancionou. Isto é, estes livros foram e são livros de espiritualidade católica, obras que, de facto, reflectem o tempo e os contextos em que foram escritos, mas que se desenvolvem num discurso de continuidade, uma continuidade inscrita na *Traditio*, sendo sempre aprovados à luz desta, ou proibidos, se considerados desviados da mesma.

Poderão ser questionadas as afirmações de José L. Sánchez Lora e de Isabelle Poutrin, que conclui que tais livros, afinal, pelo século XVII, serviram, sobretudo, para recreio dos leitores, para seu passa-tempo e entretenimento. Essa visão talvez possa ser deficiente e temerária, por desprezar os muitos leitores – talvez a esmagadora maioria do universo de leitura de então – que, afinal, procurava tais livros, não para passar o tempo, mas para essa edificação espiritual de que aquela autora também falou. Esta função terá continuado, segundo nos parece, pelo decurso da centúria e terá entrado pelo século XVIII adentro, aproximando-se de Oitocentos. De facto, vemos que a ascética e a mística seriam tão apetecíveis aos fiéis portugueses que, em 1779, imprimiu-se o livro *Director Instruido ou Breve Resumo da Mystica Theologia para Instrução dos Directores....*, do franciscano Frei Francisco da Conceição, ex-leitor de teologia e

religioso da Província da Imaculada Conceição de Portugal⁹⁰. A impressão desta obra, se, por um lado, ilustrava os confessores e directores espirituais, incluindo párocos, acerca da ascese e da mística, por outro, estimulava a sua promoção junto dos fiéis, religiosos ou não, e até incluía, no fim, um “Formulario Pratico” para o exercício da oração mental e outros exercícios devotos para principiantes, em cada uma das três vias do espírito⁹¹. Esta obra atestará a existência de muitas almas interessadas em praticar ascética e mística, nessa época.

O próprio “Tratado Místico” – um dos textos de de Soror Isabel do Menino Jesus –, depois de devidamente examinado pelos seus três directores espirituais, estava destinado, precisamente a directores espirituais, colocando-a em posição prestigiosa de mestra do espírito, de mistagoga, embora distinto daquele Frei Francisco da Conceição, ou de outros, que escreviam com autoridade teológica, por serem sacerdotes e para tal terem concluído os seus estudos. No caso do “Tratado Místico”, a autora também apresenta uma sistematização, mas, na sua limitada instrução, disserta apenas do ponto de vista prático, o que faz com agilidade. Esta era, de resto, a grande contribuição dos místicos – e das místicas – para a teologia mística, porque, sem criar teoria, ofereciam aos teóricos o que estes não possuíam: a prática mística, a experiência, sempre de modo extraordinário, todo sobrenatural, aquilo a que se chamava mística teologia. Esta seria procurada por muitos fiéis, porque correspondia ao desafio de a Igreja buscar uma santidade para todos, independentemente do seu estado ou sexo⁹².

Frei Francisco da Conceição escreve, no seu *Director Instruido...*, acerca de “*Que cousa seja a Mystica Theologia*”⁹³:

⁹⁰ Vd. Francisco da Conceição, *Director Instruido ou Breve Resumo da Mystica Theologia para Instrucção dos Directores, que Carecem da Necessaria; e Principalmente dos Parochos, que de Justiça, e Obrigação do do Ministerio Devem ser, e Saber ser Directores. Expõem-se as Vias do Espirito, a Ordem dos seus Estados, os Diversos Grãos de Oração, os Exercicios Proprios de Cada hum, e os Favores Sobrenaturaes, e Infusos, que Deos Communica ás Almas; com hum Formulario Pratico da Oração Mental, e mais Exercicios Devotos*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1779.

⁹¹ Cf. Francisco da Conceição, “Formulario Pratico”, in *Director Instruido...*, *op. cit.*, pp. 350-470.

⁹² Vd. Paula Almeida Mendes, “A Partilha do Espírito em Portugal nos Séculos XVI e XVIII: Entre Práticas Devotas e Redes Familiares”, in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, 2012, IV Série, vol. 2, pp. 97-106.

⁹³ Cf. Francisco da Conceição, *Director Instruido...*, *op. cit.*, trat. I, cap. I, p. 46.

“He pois a *Mystica Theologia* tanto no nome, como na essencia hũa sciencia occulta, e escondida, que toda se ocupa em tratar de Deos, e com Deos, não só para o conhecer, mas tambem para o amar. Esta he aquelle thesouro escondido, infinito, de que estão os homens em posse, (segundo a expressão do Sabio) do qual os que se souberem aproveitar, se farão participantes da amizade, e graça do Senhor. Esta he aquella Sabedoria divina, que (segundo o mesmo Sabio) toca de hum fim a outro fim fortemente, e tudo dispõe com suavidade, e doçura; he hum vapor da virtude do Omnipotente; hũa communição da sua bondade, que participa o espirito de intelligencia santo, subtil, e suave; que ama o bem; que contem em si toda a virtude; que tudo vê, e conhece; são todos formosos seus caminhos; seus atalhos todos pacíficos: he a formosa arvore da vida para os que apprehendem”⁹⁴.

A referência àquele tesouro escondido, infinito, de que estão os homens em posse, uma imagem do *Livro dos Provérbios*⁹⁵, do Antigo Testamento, é retomada pelo *Evangelho Segundo São Mateus*: “O Reino dos Céus é como um tesouro escondido num campo. Alguém o encontra, deixa-o lá bem escondido e, cheio de alegria, vai vender todos os seus bens e compra aquele campo”⁹⁶. Este tesouro escondido estava, afinal, disponível para todos os fiéis, no século XVIII, como o terá estado no século seguinte, e está ainda hoje, quando todo o manancial da milenar espiritualidade católica vem desaguar numa variada e abundante literatura, tanto impressa, como digital, usada por muitos para a edificação das suas almas. Hoje, como naqueles séculos, os leitores de livros espirituais não adquirem tais livros, não os meditam, simplesmente para passar o tempo, como se fossem novelas ou romances. Fazem-no, muito pelo contrário, pela sua fé no Reino dos Céus, pela sua instauração no mundo, pela salvação das almas.

Prova-o o facto de haver uma vastíssima produção de livros de todos os géneros, à escala mundial, e, apesar disto, continuar a existir inúmeros católicos que, ainda que sendo leitores de uma variedade de outros textos, não dispensam a leitura de obras da autoria de místicos, comprando o que as editoras lhes oferecem neste campo. Por este motivo – e não apenas para estudos históricos ou literários – são publicadas continuamente as obras completas de Santa Teresa de Jesus, ou as de São João da Cruz (1542-1541), entre outras, em aprimoradas edições e em

⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, trat. I, cap. I, § 77, pp. 46-47.

⁹⁵ Cf. Prov 2, 3.

⁹⁶ Cf. Mt 13, 44-52.

várias línguas. É bem sabido que a chamada escola mística carmelita exerceu e exerce grande influência por todo o orbe católico.

A literatura espiritual católica estará hoje tão viva quanto estava na época moderna, mas agora a uma escala mundial. Sobre as vidas e obras desses místicos, e de outros, correm rios de tinta, havendo numerosos autores que tratam e desenvolvem, do ponto de vista espiritual, os seus ensinamentos. Mencionemos ainda outras obras místicas que são muito procuradas pelos leitores católicos de hoje: a famosa *História de uma Alma*, de Santa Teresa do Menino Jesus (1873-1893), religiosa francesa⁹⁷; o *Diário...* de Santa Maria Faustina do Santíssimo Sacramento (1905-1938), religiosa polaca, conhecida como Santa Faustina Kowalska⁹⁸; e os escritos de Soror Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado (1907-2005), a mais recente mística portuguesa, conhecida como Irmã Lúcia, carmelita descalça, principal vidente do Anjo de Portugal, de Nossa Senhora, de Cristo e de São José, em Fátima; e depois de Nossa Senhora, do Menino Jesus, da Santíssima Trindade e de Cristo, em Pontevedra (1925-19126), Tuy (1929) e Rianjo (1931), na Galiza, que deixou publicadas quatro memórias, o opúsculo *Como Vejo a Mensagem...*⁹⁹, o livro *Apelos de Fátima* e o famosíssimo texto da terceira parte do chamado *Segredo de Fátima*¹⁰⁰ (publicado pela Santa Sé, com *fac-simile*); e por editar um texto derradeiro, que se conserva no Convento de Santa Teresa de Coimbra, do qual se conhecem uns poucos trechos¹⁰¹. A Irmã Lúcia poderá mesmo ser considerada uma das místicas mais conhecidas de sempre. Veja-se que este seu texto inédito tem despertado o vivo interesse de vários autores internacionais, que esperam a sua publicação, considerando a

⁹⁷ Vd. Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras Completas. Textos e Últimas Palavras*, traduzidas por Maria da Piedade Pádua Urbano, Nicole Devy e Jorge Vaz, OCD, Paço de Arcos, Edições Carmelo, 1996.

⁹⁸ Vd. Santa Maria Faustina Kowalska, *Diário. A Misericórdia Divina na Minha Alma*, tradução e coordenação de Estanislau K. Szymanski e Carlos Henrique do Carmo Silva, Fátima, Marianos da Imaculada Conceição, 1995.

⁹⁹ Vd. Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, *Como Vejo a Mensagem Através dos Tempos e dos Acontecimentos*, Coimbra, Carmelo de Coimbra e Secretariado dos Pastorinhos, 2006.

¹⁰⁰ Vd. Congregação para a Doutrina da Fé, *A Mensagem de Fátima (O Segredo). Primeira e Segunda Parte. Texto Manuscrito e Transcrição. Terceira Parte. Texto Manuscrito e Transcrição. Comentário Teológico do Cardeal Joseph Ratzinger*, Apelação, Paulus Editora, 2000.

¹⁰¹ Vd. Carmelo de Coimbra, *Um Caminho sob o Olhar de Maria. Biografia da Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado* OCD, Marco de Canaveses, Edições do Carmelo, 2013.

actualidade da sua obra e a urgência do cumprimento da mesma para a salvação do mundo. Alguns alegam que nenhum dos pontífices romanos posteriores às aparições de Fátima, Pontevedra, Tuy e Rianjo consagrou, de forma válida, a Rússia ao Imaculado Coração de Maria, conforme as instruções precisas da vidente, a qual, a dada altura, por ser incômoda para a política externa da Santa Sé, terá sido silenciada por ordem superior. A esse alegado incumprimento se devem, segundo defendem, vários problemas graves, nomeadamente a não conversão da Rússia à fé católica e a crise da Igreja a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). As poucas frases que a vidente terá dito ou escrito acerca do assunto neste período são examinadas e discutidas até à exaustão¹⁰². Também alegam que existe uma parte do segredo de Fátima por revelar, a qual terá sido escrita pela vidente e encerrada pela própria num envelope, o qual a Santa Sé terá omitido, revelando apenas o conteúdo de um outro envelope, também entregue pela Irmã Lúcia, aquele que foi publicado em 2000¹⁰³. Desde 2010, tem circulado em vários meios católicos a cópia de um manuscrito que se atribui ao seu punho, datado de Tuy, 1 de Abril de 1944. Diz-se que é cópia do fólio que estará dentro do dito envelope alegadamente omitido pela Santa Sé. Neste texto, entre outras profecias, refere-se a apostasia na Igreja depois de 1960, a emergência de uma nova Igreja, a do Inferno; a vinda de um falso papa, demoníaco, muito aclamado pela multidão; ordena-se a destruição da Basílica de São Pedro do Vaticano e a construção de uma nova basílica em Fátima; e anuncia-se retirada da autoridade da Santa Sé a Roma e a sua transferência para Fátima, por causa da sua traição à fé católica; dando-se o prazo de sessenta e nove semanas para o fazer, caso contrário aquela cidade será destruída, etc. A caligrafia desse documento foi já estudada e é aparentemente a da vidente. O texto termina com uma impressão digital a tinta, que caberia analisar para determinar a sua autenticidade. O assunto é polémico e complexo. Sobressaem nele o prestígio e a autoridade desta religiosa pouco instruída, mas cujos textos são tão ou mais importantes hoje que aqueles que, da mão de autoras religiosas, saíam dos conventos da época moderna. Sobressai ainda, repetimos, o facto de haver leitores contemporâneos destes

¹⁰² Vd. John Salza, Robert Sungenis, *The Consecration of Russia. How Seven Popes Failed to Heed Heaven's Command and Brought Turmoil to the Church and the World*, Germantown, Hometown Publications, 2013.

¹⁰³ Vd., entre outros, Antonio Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, Milão, Rizzoli, 2006.

textos, não por mero recreio, mas por considerarem autênticos os fenómenos ali descritos e válidas as suas propostas para toda a Igreja, no geral, e para cada fiel em particular, para o mundo.

Aqueles três exemplos de místicas que apontámos, cronologicamente situados entre o século XIX e o século XXI, demonstram a sobrevivência e o vigor destes textos no seio da literatura católica (que é muito mais vasta), conservando algumas características gerais dos textos autobiográficos precedentes: foram ordenados pelos confessores e/ou directores espirituais das religiosas (no caso da Irmã Lúcia pelo Bispo de Leiria, como seu prelado, dado trata-se de um caso com contornos extraordinários); foram escritos por obediência; desenvolvem-se em duas dimensões – a interna e a externa, como referimos atrás –; e despertaram o interesse da hierarquia da Igreja e de inúmeros leitores. Os dois primeiros casos têm numerosas edições em várias línguas. Quanto ao terceiro, é previsível que a edição futura das obras completas da Irmã Lúcia venha a conhecer a mesma divulgação, não só por causa da polémica acima referida, como porque se desenvolve actualmente o processo da sua beatificação, depois de terem sido beatificados em 2000 os outros videntes do Anjo de Portugal, de Nossa Senhora, de Cristo e de São José, em Fátima, os seus primos Jacinta de Jesus Marto (1910-1920) e Francisco dos Santos Marto (1908-1919), místicos de tenra idade.

Uma análise dos conteúdos destas obras poderia demonstrar, possivelmente, uma constelação de coincidências. Por exemplo, se comparadas as visões do Inferno descritas por Soror Isabel do Menino Jesus e as descrições de Santa Faustina, notamos semelhanças. As visões destas duas escritoras, cronológica e geograficamente tão distantes, não se afastarão muito da que fez a Irmã Lúcia, contemporânea da segunda autora, na primeira parte do segredo de Fátima.

No século XVIII, os livros de revelações de religiosas, bem como outros livros de ascética e de mística, longe de servirem para recreio dos leitores, eram, no geral, considerados um bom alimento da sua vida espiritual, conduzindo-os a essa dita ciência oculta, que se ocupa de tratar de Deus, não só para o conhecer, como para o amar, de que falava Frei Francisco da Conceição, ao definir a teologia mística. Ou seja, ao tesouro escondido, a que todos, em qualquer estado – sacerdotes, religiosos, casados, viúvos ou solteiros –, de ambos os sexos, podiam aceder para possuir o Reino dos Céus, isto é, a salvação eterna, fim da vida cristã.

O interesse por essas obras não terminou, de facto, nos séculos passados. No que toca à ascese, feita pelas três vias do espírito, passando pelas três noites escuras, continua hoje a ser praticado pelos fiéis, dentro e fora de espaços conventuais, embora certamente em menor número, face ao surgimento de outros métodos de oração e de progresso espiritual, mas também devido ao relaxamento em que muitos católicos se encontram, por complexas razões, que aqui não caberá explorar, necessariamente relacionadas com a história recente da Igreja e com a sua crise actual, mas também causado pelos múltiplos influxos do mundo e pelas pressões da vida quotidiana. Mas nem por isso a ascética e mística deixarão de ser possíveis para muitos fiéis, nem por isso deixam de ser praticadas.

Sobre ascese e mística, sobre místicos e místicas, têm sido feitos diversos estudos, com diferentes enquadramentos e variadas perspectivas. Em primeiro lugar, figuram os estudos que se orientam pela doutrina católica¹⁰⁴. Abundantes, recolhem, ao longo dos séculos, a tradição sobre esta matéria desde a era apostólica até à actualidade. Depois, muitos outros têm sido realizados, em especial a partir do século XIX, por exemplo, os que se situam no campo da saúde mental, designadamente da psicanálise, da psiquiatria e da psicologia¹⁰⁵. Nesta linha, algumas doenças, como a anorexia nervosa em meninas adolescentes, são vistas por alguns autores numa suposta relação de continuidade com as práticas de penitência presentes na vida das místicas dos séculos passados, como o jejum¹⁰⁶.

Ainda no que toca especificamente às místicas, devem ser mencionados os estudos que se baseiam numa perspectiva feminista, por vezes dita de género, segundo a qual os seus autores têm analisado os textos das escritoras místicas ou os escritos de testemunhas do seu comportamento à luz de postulados feministas, focando designadamente uma suposta necessidade destas mulheres de se afirmar num mundo dominado pelos homens, no que o corpo feminino e a sexualidade

¹⁰⁴ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, tradução de João Ferreira Fontes, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1955.

¹⁰⁵ Vd. Eugénia Magalhães, *Mística e Psicanálise. Experiências do Desejo e do Amor do Absoluto*, Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2015; Monica Balltronde Pla, *Éxtasis y Visiones. La Experiencia Contemplativa de Teresa de Ávila*, Vilafranca del Penedes, Erasmus Ediciones, 2012; P. Granqvist, M. Larsson, "Contribution of Religiousness in the Prediction and Interpretation of Mystical Experiences in a Sensory Deprivation Context. Activation of Religious Schemas", in *The Journal of Psychology Interdisciplinary and Applied*, vol. 140, 2006, pp. 319-227.

¹⁰⁶ Vd. Rudolph Bell, *La Santa Anorexia. Digiuno e Misticismo dal Medioevo a Oggi*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1987.

terão um papel importante, ou mesmo determinante¹⁰⁷. É neste campo que se situa a filósofa Luce Irigaray, quando vê no discurso das místicas uma espécie de histerismo que designa como “mysterique”, o qual, defende, corresponderá a uma das formas de expressão da subjectividade feminina num contexto marcado pela cultural patriarcal. Na sua opinião, na história do Ocidente, este discurso deveu-se ao desejo de as mulheres falarem e agirem publicamente¹⁰⁸.

Os estudos no âmbito da doutrina, da reflexão teológica e pastoral católicas, bem como a própria piedade dos fiéis ao longo dos séculos, são sempre fundamentais, mesmo que se pretenda fazer um estudo noutra âmbito, pelo simples facto de que os místicos escreveram num contexto religioso próprio, regido e controlado pela ortodoxia, cujo entendimento da ascética e da mística produzia conceitos e sistemas rigorosos, segundo os quais os místicos se orientavam ou segundo os quais eram observados, analisados, provados, interrogados, enfim, avaliados pelas autoridades eclesiais e civis, designadamente quando os seus escritos estavam em vias de impressão. Ignorar isto, ao realizar um estudo segundo o feminismo, por exemplo, representa vários riscos, como o do anacronismo, correspondendo este ao perigo de se analisar a vida e obras das escritoras místicas segundo conceitos e sistemas definidos fora do seu tempo e dos seus contextos.

Conceitos fundamentais são, pois, os de ascética e de mística, segundo a doutrina católica. Esta última pode ser definida de vários modos, alguns mais

¹⁰⁷ Vd., Bervely J. Lanzetta, *Radical Wisdom. A Feminist Mystical Theology*, Fortress Press, Minneapolis, 2005; Sarah Apetrei, “Mysticism and Feminism in Seventeenth Century”, in *The Way*, n.º 46/4, Oxford, 2007, pp. 48-69; Alexandra Bartolomei Romagnoli, “El Tema del Cuerpo como Herramienta en la Mística Femenina Medieval”, in Maria Chiapa (coord.), *El Dulce Canto del Corazón. Mujeres Místicas, Desde Hildegarda a Simon Weil*, Madrid, Narcea, 2006, pp. 39-66; María M. Carrión, “Grietas en la Pared (letrada) de Teresa de Jesús. Lecturas Críticas de Cuerpo Femenino, su Espacio y el Canon Literario”, in Iris Zabala (coord.), *Breve Historia Feminista de la Literatura Española (en Lengua Castellana)*, tomo IV, Barcelona, Anthropos, 1997, pp. 147-148; Anne J. Cruz, Mari Elisabeth Perry (eds.), *Culture and Control in Counter-Reformation Spain*, Mineápolis, University of Minnesota Press, 1992, pp. 171-195; Alison Weber, *Teresa of Avila and the Retic of Femininity*, Nova Jersey, Princeton University Press, 1990.

¹⁰⁸ Vd. Luce Irigaray, *Speculum de l'Autre Femme*, Paris, Éditions de Minuit, 1974; *Idem*, “Toward a Divine in the Feminine”, in Gillian Howie (ed.), *Women and the Divine. Touching Transcendence*, Nova Iorque, Palgrave MacMillan, pp. 13-26. A opinião de Luce Irigay é referida por Anabela Galhardo Couto no seu artigo “Dimensões da Alteridade em Autobiografias Espirituais Femininas em Portugal (Séculos XVII-XVIII)”, *op. cit.*, p. 83.

complexos que outros¹⁰⁹. A sua origem etimológica está no verbo grego *myo*, que significa *encerrar, ocultar*. Do ponto de vista da história do conceito, deriva do adjetivo *mystikos*, que nas origens do cristianismo significava o sentido oculto de cada palavra da Sagrada Escritura, sobretudo das palavras de Cristo. Na Igreja, desde a era apostólica que é *mystikos*, por excelência, o Santíssimo Sacramento, porque se crê na presença real de Cristo no pão e no vinho transubstanciados no sacrifício da Santa Missa; e, mais tarde, com o *Corpus Areopagiticum*, isto é, com os escritos atribuídos a São Dionísio, o *Areopagita*, pagão convertido por São Paulo no Areópago e depois Bispo de Atenas, o termo foi usado para se referir a experiência de Deus oculto¹¹⁰.

O termo, no sentido substantivo, durante o século XVII, terá introduzido uma distinção entre o poder experimentar o mistério e o mistério em si mesmo¹¹¹. A atenção dada ao sujeito por Immanuel Kant (1724-1804), o estudo psicológico da experiência (enquanto simples fenómeno de consciência), o paralelismo entre conceitos cristãos ocidentais e conceitos do Oriente, etc., transformaram o conceito de mística no sentido de uma fusão com o divino ou, inclusivamente, de uma união sem conteúdo, nem objecto. A mística não se entende assim mais que como conceito limite e existencial, que resume essas diversas concepções, e exige que se compreenda dentro de um sistema intelectual determinado: psicológico, fenomenológico, filosófico, positivista, cristão, etc. Mas no catolicismo, note-se, a mística é *cognitio experimentalis de Deo*, conceito presente em São Tomás de Aquino (1225-1274) e em São Boaventura (c. 1221-1274). E, assim, entende-se que é conhecimento de Deus na Revelação, sobretudo quando Deus se revela em Cristo encarnado; é Deus que é experienciado pelo sujeito, o que é vivido por este de acordo com a escola que segue, incluindo-se sempre nesta experiência as dimensões de conhecer e crer. Uma tendência mais intelectual, a da mística ontológica, não admite nenhuma separação entre a intelecção e a experiência, remetendo-se aos escritos do Mestre Eckhart (†1328). No pólo oposto, encontra-se a mística da fé, que, no seu cume, experimenta a obscuridade de Deus (já

¹⁰⁹ Cf. Josef Sudbrack, “Mística”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística*, tradução de alemão para castelhano por Constantino Ruiz-Garrido, adaptação de Gabriel Castro Martínez, Burgos, Editorial Monte Carmelo, 2000, pp. 732-737.

¹¹⁰ Cf. Act 17, 35.

¹¹¹ Cf. Josef Sudbrack, “Mística”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística*, op. cit., pp. 732-733.

referida nos escritos atribuídos a São Dionísio). Especificamente, na chamada mística da mulher, encontram-se elementos intensamente afectivos, sensibilidade concreta e amplitude visionária, com muitos exemplos de místicas, como Santa Hildegarda de Bingen (c.1098-c.1179), Santa Matilde de Magdeburgo (c.1207-c.1282) ou Juliana de Norwich (c.1342-c.1416), seguidas de centenas de outras, ao longo dos séculos¹¹².

A teologia ascética e mística, ramo da teologia, tem recebido diferentes designações, ao longo dos séculos¹¹³. Uns chamam-lhe ciência dos santos, porque vem dos santos, que a viveram e a ensinaram, explicando-nos o que é a santidade e quais os meios de a alcançar. Outros denominam-na por ciência espiritual, porque forma pessoas espirituais, isto é, fiéis interiores, animados pelo Espírito Santo. Mas, como é uma ciência prática, foi também chamada de arte da perfeição, por ter como finalidade a condução das almas à perfeição, ou arte das artes, por não se considerar tão elevada uma arte que pudesse aperfeiçoar as almas na vida sobrenatural.

Porém, o nome com que ficou mais conhecida foi teologia ascética e mística. A palavra *ascética*, de raiz grega (*askesis*, *askema*), significa o esforço, o exercício, todo o exercício laborioso que se refira à educação física ou moral do homem. A perfeição cristã supõe esforços que São Paulo compara, com efeito, aos de um atleta, que deseja alcançar a vitória. Era, pois, natural designar por ascese os esforços da alma cristã por atingir a perfeição. Assim o fizeram São Clemente de Alexandria (†215) e Orígenes (†253) e, depois deles, um número considerável de Padres da Igreja. Deu-se então o nome de ascética à ciência que trata dos esforços necessários à perfeição cristã¹¹⁴. Esta divisão é considerada verdadeiramente tradicional, porque usada por muitos teólogos depois do Padre Giovanni Battista Scaramelli (1687-1752), que a propôs¹¹⁵.

¹¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 733.

¹¹³ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio...*, *op. cit.*, pp. 2-7.

¹¹⁴ Para maior conhecimento da ascética, sua noção, história etimológica, significado em diferentes escolas filosóficas, religiões, épocas, etc., vd. “Ascèse, Ascétisme”, in Marcel Viller (direc.), *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, tomo 1, Paris, Gabriel Beauchesne et ses Fils, 1938, pp. 936-1017.

¹¹⁵ Cf. Regnaud Garrigou-Lagrange, *Traité Ascétique et Mystique. Les Trois Ages de la Vie Interieure. Prélude de Celle du Ciel*, vol. I e col. II, Paris, Éditions du Cerf, 1938, p. 25.

No século XVIII, a designação mais estável desta ciência era de teologia mística. Ainda que, mais tarde, houvesse épocas em que os dois termos – ascética e mística – fossem usados no mesmo sentido, viria a prevalecer a reserva do primeiro à parte da ciência espiritual que trata dos primeiros graus da perfeição até ao limiar da contemplação; e o segundo à que se ocupa da contemplação e da via unitiva (a última via espiritual). De qualquer modo, de todas as noções resulta que esta é a ciência da perfeição cristã, com um lugar próprio na teologia. No início do século XX, a ciência teológica dividia-se em três partes (actualmente divide-se em mais): a dogmática, a moral e a ascética¹¹⁶. A dogmática ensinava o que é preciso crer sobre Deus, a vida divina, a comunicação que dela se dignou fazer às criaturas racionais, sobretudo ao Homem, a perda desta vida pelo pecado original, a sua restauração pela encarnação do Verbo no seio da Santíssima Virgem, a sua acção na alma regenerada, a sua difusão pelos sacramentos e o seu fim, que é a glória. A moral ensinava como corresponder ao amor de Deus, participando da vida divina, como evitar o pecado e praticar as virtudes e os deveres de estado. Para aperfeiçoar a participação na vida divina, ou seja, passar além do que é estrito mandamento, e progredir na prática das virtudes de uma maneira metódica, é a ascética que se faz presente, porque traça regras de perfeição. A ascética era, pois, uma parte da moral, a mais nobre, porque tendia a fazer cristãos perfeitos. Ainda que se tivesse tornado um ramo especial da teologia, a ascética tinha então relações muito estreitas com a dogmática e com a moral. Hoje, teologia espiritual é outras das designações pelas quais é conhecida.

Até ao início do século passado, a ascética era vista como a parte da ciência espiritual que tinha por objecto próprio a teoria e a prática da perfeição cristã desde os seus princípios até ao limiar da contemplação infusa¹¹⁷. E explicava-se que se começa com o desejo de alcançar a perfeição, progredindo na vida espiritual; e que a ascética conduz a alma através das vias purgativa e iluminativa, até à contemplação adquirida. Quanto à mística, ensinava-se que era a parte da ciência espiritual que tem por objecto próprio a teoria e a prática da vida contemplativa, desde a primeira noite dos sentidos e da quietude até ao matrimónio espiritual, no cume da via unitiva¹¹⁸. Evitava-se, então, fazer da

¹¹⁶ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, op. cit., pp. 4-6.

¹¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5.

¹¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6.

ascética o estudo das vias ordinárias da perfeição e da mística o estudo das vias extraordinárias, como alguns teólogos tinham feito. E a razão era que se devia reservar antes o termo extraordinário para uma categoria especial de fenómenos místicos, os que são graças gratuitamente dadas e vêm juntar-se à contemplação, como êxtases e revelações. A contemplação era definida como intuição ou vista simples e afectuosa de Deus ou das coisas divinas. Chamava-se contemplação adquirida quando fruto da actividade da alma, auxiliada pela graça; e contemplação infusa, quando, ultrapassando essa actividade, era operada por Deus com o consentimento da alma.

Entre ascética e mística há diferenças profundas. Mas há também, entre os dois estados, ascético e místico, uma continuidade, como que uma preparação num estado para alcançar o próximo estado. O estudo da mística alumia o estudo da ascética e vice-versa¹¹⁹. Nas últimas décadas, o termo mística tem sido problemático no seio do catolicismo, talvez por se admitirem no seu âmbito influências religiosas, filosóficas, antropológicas e políticas alheias e mesmo contrárias à *Traditio*, assunto delicado que não tocará necessariamente um estudo dos autores místicos de épocas passadas, porque então o controlo sobre as doutrinas e reflexões publicadas, como sabemos, era rigoroso¹²⁰. Nesta linha, convirá, pois, delimitar o conceito à ortodoxia católica situada entre o período pós-Trento e as primeiras décadas do século passado, tendo em conta, designadamente, os tratadistas dos séculos XVI, XVII e XVIII, e os que, embora sendo nossos contemporâneos, não se afastaram do entendimento tradicional, como é o caso do já citado Adolphe Tanquerey (1854-1932), cujo *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, publicado pela primeira vez em 1924 e reeditado em várias línguas ao longo das décadas seguintes, continua hoje a ser uma obra de referência¹²¹; e outros, como Regnaud Garrigou-Lagrange (1877-1964), na sua conhecida obra *Les Trois Ages de la Vie Interieure...* publicada em 1938¹²². Para um enquadramento mais vasto sobre a Igreja, convém a consulta de vários manuais e dicionários, como o *Denzinger*, título prosaico do *Enchiridion*

¹¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7.

¹²⁰ Cf. Juan Martín Velasco, *El Fenómeno Místico. Estudio Comparado*, Madrid, Editorial Trotta, 1999, pp. 17-25.

¹²¹ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, *op. cit.*

¹²² Cf. Regnaud Garrigou-Lagrange, *Traité Ascétique et Mystique. Les Trois Ages de la Vie Interieure...*, *op. cit.*

Symbolorum et Definitionum, de Henrich Denzinger (1819-1893), saído pela primeira vez em 1854¹²³.

2. Finalidade, objectivos, metodologia e fontes

Tendo em conta o estado da arte, que resumimos atrás, a finalidade da nossa tese é contribuir para o conhecimento das escritoras portuguesas anteriores a 1900, designadamente das que professaram em Ordens religiosas e escreveram sobre matérias de ascética e mística¹²⁴.

O nosso primeiro objectivo geral é gizar a trajectória de Soror Isabel do Menino Jesus, religiosa professa da Ordem de Santa Clara, no Convento de Santa Clara de Portalegre, nascida em Marvão, vila do actual distrito de Portalegre, em 1673; e falecida com fama de santa e prestígio de mestra do espírito, naquele mesmo convento, em 1752, depois de ter sido eleita para os ofícios de mestra da Ordem e de abadessa, deixando um manuscrito em vias de impressão.

O nosso segundo objectivo geral é analisar os textos da autora, os quais versam exclusivamente sobre ascética e mística. Esta análise é qualitativa, tendo em conta um enquadramento na ortodoxia católica, por ter sido dentro deste campo que a autora escreveu, recebendo pareceres positivos da sua Ordem

¹²³ Cf. Enrique Denzinger, *El Magisterio de la Iglesia. Manual de los Símbolos, Definiciones y Declaraciones de la Iglesia en Materia de Fe y Costumbres*, versão directa dos textos originais por Daniel Ruiz Bueno, Barcelona, Editorial Herder, 1961.

¹²⁴ A nossa tese enquadra-se no Curso de Doutoramento em História, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), que nos concedeu a Bolsa de Doutoramento identificada com a referência SFRH/BD/79496/2011, tendo o Contrato de Bolsa de Investigação sido assinado a 13 de Março de 2012, com início da Bolsa a 1 de Abril de 2012. A entidade de acolhimento foi o Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde somos Investigador Integrado; e a orientação foi assumida por Vanda Anastácio, professora associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Para a obtenção da Bolsa, entre a documentação exigida, apresentámos pareceres favoráveis de Nieves Baranda Leturio, catedrática de Literatura Espanhola na Universidade Nacional de Educación a Distancia (UNED), em Madrid, Espanha; Joaquim Chorão Lavajo, catedrático da Universidade de Évora e professor do Instituto Superior de Teologia de Évora; e de Isabel Drumond Braga, professora auxiliar com agregação, de nomeação definitiva, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que então não era ainda nossa co-orientadora da tese, missão que assumiu depois, a nosso pedido, com parecer favorável da orientadora, Vanda Anastácio. Esta co-orientação decorreu até ao dia 5 de Maio de 2016, data em que dela se desvinculou. Esta decisão, já muito próxima da finalização da tese, não invalidou, evidentemente, o trabalho de co-orientação até aí assumido, muito pertinente, sobretudo em aspectos de natureza metodológica.

religiosa e da censura. Neste objectivo geral, embora não nos seja possível, por economia de espaço, explorar em profundidade os conteúdos de cada texto, formulámos três objectivos específicos: apontar os seus possíveis destinatários; resumir e citar os conteúdos, com breves notas para sua leitura; apontar as suas possíveis datas de redacção e de passagem a limpo.

Para a nossa investigação optámos, pois, pelo método do estudo de caso¹²⁵. Este método, como é sabido, implica a análise profunda de um objecto, de modo a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado¹²⁶. Soror Isabel do Menino Jesus é o nosso objecto de análise, numa dupla dimensão: quanto à sua vida (primeiro objectivo) e quanto à sua obra (segundo objectivo). Estamos porém, conscientes de que a profundidade não pode além do ponto a que chegamos pelo uso das fontes e, também, pelo enquadramento académico do nosso trabalho, observando, nomeadamente, uma ponderação quanto ao número páginas a apresentar. Em escassas páginas, queremos cumprir a nossa finalidade e os nossos objectivos equilibradamente, isto é, percorrendo a vida e a obra da autora em toda a sua extensão cronológica e com um nível de profundidade proporcional.

Centramo-nos em duas fontes principais: por um lado, no que Soror Isabel do Menino Jesus escreveu sobre si mesma e, em especial, sobre a sua experiência ascética e mística, ou seja, os seus textos, a sua obra; e, por outro, no que sobre ela escreveram os seus contemporâneos, em especial aqueles que a conheceram ou observaram o seu comportamento, ou que consultaram testemunhas oculares.

A nossa primeira fonte é, assim, o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus, intitulado postumamente *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752*, hoje na Câmara Municipal de Marvão¹²⁷. Adiante dissertaremos acerca da perda e reencontro deste documento, que, pela sua relevância, transcrevemos integralmente e apresentamos em anexo (Anexo I). Dele colhemos numerosas citações, ao longo da nossa tese.

¹²⁵ Vd. Robert K. Yin, *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*, tradução de Daniel Grassi, Porto Alegre, Bookman, 2005.

¹²⁶ Vd. Magda Ventura, “O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa”, in *Revista SOCERJ*, n.º 20(5), Rio de Janeiro, 2007, p. 383-386.

¹²⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752* (ms.). Em diante, usaremos sempre o título abreviado: *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.).

A segunda fonte é o livro impresso em 1757 – cinco anos depois da morte da autora –, a partir do manuscrito autógrafo, cujo extenso título temos vindo a abreviar: *Vida da Serva de Deos...*¹²⁸. Na Parte II, dissertaremos igualmente sobre este impresso. Dele, nunca citaremos os textos da autora, que, verificámos, correspondem aos do manuscrito (salvo na actualização da ortografia e na atribuição de pontuação), mas sim os textos que os acompanham, nomeadamente a “Advertencia”, os pareceres da Ordem e dos censores; e, em especial, um “Prologo, Progressos, Fim, e Prostestação”, da autoria de Frei Martinho de São José, que fora confessor da autora e era então o ministro provincial da Província do Algarves da Ordem de São Francisco, o qual, como o título indica, interveio directamente na organização do livro. Nesta segunda fonte interessam-nos, pois, os paratextos, que, para além de revelar, em todo o momento, a intenção de apresentar Soror Isabel do Menino Jesus como santa, e de sugerir implicitamente a abertura do seu processo de beatificação e canonização, também nos dão novos dados biográficos. Os paratextos podem, de facto, ser boas fontes, quando se investiga o autor do livro e as intenções do editor e de outros intervenientes, sugestionando a leitura¹²⁹.

Outras fontes são importantes – as quais iremos referindo oportunamente, ao logo da nossa tese –, sobretudo porque nos permitem confirmar ou infirmar os dados daqueles textos, para além de conterem, no geral, novas informações: assentos de baptismo, casamento e óbito, tanto em livros paroquiais, como nos livros do Convento de Santa Clara de Portalegre, em particular o assento de óbito de Soror Isabel, redigido por Frei António dos Anjos, seu último confessor, cuja extensão e conteúdo transcendem o padrão dos restantes assentos, formando uma nota biográfica muito relevante e apelando explicitamente ao reconhecimento da sua santidade pela Igreja.

Por fim, várias outras fontes foram necessárias, tanto manuscritas, como impressas. Relativamente às primeiras, mencionemos as de âmbito notarial (escrituras de compra e venda, de dote, testamentos), as de âmbito paroquial (memórias paroquiais), e as de âmbito institucional local (actas de vereação da Câmara, actas da Misericórdia, documentos relativos a administração de capelas);

¹²⁸ Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*

¹²⁹ Vd. María Soledad Arredondo, Pierre Civil, Michel Moner (eds.), *Paratextos en la Literatura Española (Siglos XV-XVIII)*, Madrid, Casa de Velásquez, 2009.

e, quanto às impressas, vários livros impressos nos séculos XVI, XVII e XVIII, sobre diferentes matérias, que buscámos para compreender a época, os contextos e as possíveis influências na vida e na obra de Soror Isabel do Menino Jesus. Estas fontes são, por exemplo, vários tratados de teologia e de espiritualidade, bem como legislação própria da Ordem de Santa Clara, na qual professou a autora, designadamente a Regra de Santa Clara dita urbanista e as constituições gerais em vigor no seu tempo, impressas em 1693¹³⁰, e as patentes emanadas pelos prelados. Também recorreremos, quando necessário, à Sagrada Escritura, tanto ao Antigo como ao Novo Testamento¹³¹; e à liturgia, designadamente ao *Missale Romanum...*, promulgado pelo Papa São Pio V no Concílio de Trento¹³².

3. A primeira fonte: notas para a sua história

Da primeira fonte, o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus, impõe-se resumir a história de uma busca, que encetámos em 2009, no âmbito do Projecto Portuguese Women Writers – Escritoras Portuguesas (1500-1900), coordenado por Vanda Anastácio, e só terminámos em 2013, com o inesperado encontro do documento¹³³. Em pesquisas que efectuámos na Biblioteca Nacional

¹³⁰ Vd. *Constituições Geraes pera todas as freiras, religiosas sogeitas à obediencia da Ordem de Nosso Pai São Francisco, nesta Familia Cismontana...*, Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1693.

¹³¹ Vd. *Bíblia Sagrada*, versão dos textos originais por Alcindo Costa (†), António Augusto Tavares, Geraldo Coelho Dias, Joaquim Carreira das Neves, Joaquim Macedo Lima, José Augusto Ramos, José Nunes Carreira, Manuel Augusto Rodrigues, 15.ª edição, Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 1991.

¹³² Vd. *Missale Romanum, Ex Decreto Sacrosancti Concilij Tridentini Restitutum. Pii V. Pont. Max. Iussum Editum*, Antuérpia, Oficina de Christophori Plantini, 1573.

¹³³ O Projecto Portuguese Women Writers - Escritoras Portuguesas (1500-1900), com a referência PTDC/CLE-LLI/108508/2008, sucedeu ao Projecto Portuguese Women Writers, com a referência PTD/ELT/68234/2006 (2007-2009), também coordenado por Vanda Anastácio. Ambos tiveram sede no Centro de Estudos Clássicos (CEC) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). No âmbito deste projecto, bem como no âmbito da Acção Integrada Luso-Espanhola Ref.ª E-12/11 “Redes Culturais Femininas na Península Ibérica, Séculos XVI a XIX”, coordenada por Vanda Anastácio (FL-UL) e por Nieves Baranda Leturio, da Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), responsável pela parte espanhola aprovada pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), apresentámos várias conferências em diferentes países: José Félix Duque, “Sor Isabel del Niño Jesús (1673-1752). Una Escritura sin Fronteras”, comunicação na Conferência Bienal do Grupo de Estudios sobre la Mujer en España y en las Américas (GEMELA) *Making Connections*, no Mount Holyoke College, South Hadley, Massachusetts, Estados Unidos da América, a 23 de Setembro de

de Portugal, encontrámos um exemplar da *Vida da Serva de Deos*.... Consultámo-lo então através da sua cópia em microfilme, sob a cota F. G. 212, da qual pedimos fotocópia. Não manueámos, por então, qualquer um dos três exemplares conservados na Biblioteca Nacional. Mais tarde, adquirimos em leilão um quarto exemplar, oriundo da Colecção de António Capucho, que possuímos.

Ao ler mais atentamente a obra, questionámo-nos sobre o destino que teria sido dado ao manuscrito autógrafo de Soror Isabel, o qual era expressamente referido no aparato de censura do impresso como sendo do seu punho, e não do punho de Frei Martinho de São José, que, como se indica, foi quem dispôs o volume. Dele falava, por exemplo, Frei António de Santa Coleta, ao escrever que “Vi hum manuscrito, que deixou depois da sua preciosa morte a serva de Deos Soror Isabel do Menino Jesus”¹³⁴, o qual tratava de “todos os progressos da sua Vida, exarados de seu proprio punho; e nelle nada encontrei, que se opponha aos dogmas da nossa Fé catholica, nem aos bons costumes da Igreja”¹³⁵.

Evidentemente, como em qualquer impressão da época, esta fizera-se a partir de um manuscrito. O que nos suscitava maior curiosidade era aquela afirmação de Frei António de Santa Coleta, assegurando que o manuscrito que vira era, de facto, um autógrafo da autora, e não uma cópia, ou uma reformulação do que escrevera, saída da mão de outra pessoa. Já com os parecez e outros textos – por exemplo, o “Prologo...” de Frei Martinho de São José –, o Padre João Evangelista

2010; José Félix Duque, “Da Invisibilidade das Mulheres Escritoras no Mundo Editorial Português (Sécs. XVI-XIX)”, comunicação na Escola de São Paulo de Estudos Avançados Sobre a Globalização da Cultura no Século XIX (ESPEA), na Universidade de Campinas (UNICAMP), São Paulo, Brasil, de 20 a 24 de Agosto de 2012; José Félix Duque, “Soror Isabel do Menino Jesus (1673–1752). Santidade, Autoridade e Escrita”, no Congresso Internacional *Os Franciscanos no Mundo Luso-Hispânico: História, Arte e Património*, organizado pela Sociedade de Geografia de Lisboa (Secção *A Ordem de Cristo e a Expansão*), na Sociedade de Geografia de Lisboa, a 25 de Julho de 2012; José Félix Duque, “Vida Mística, Leitura e Escrita na Obra de Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752), Abadessa do Convento de Santa Clara de Portalegre”, na III Residência Cisterciense, dedicada ao tema “Vida Privada, Quotidianos e Cultura Material”, no Mosteiro de São Bento de Cástris, em Évora, de 17 a 19 de Setembro de 2015; José Félix Duque, “Ilapso. A Contemplação no ‘Tratado Místico’ de Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752)”, nas II Jornadas de Estudo do Convento dos Capuchos da Caparica, dedicadas ao tema “Contemplar os Sentidos e os Caminhos da Interioridade”, no Convento de Santo António dos Capuchos da Caparica, de 23 a 25 de Outubro de 2015, entre outras.

¹³⁴ Cf. António de Santa Coleta, “Parecer do Muito Reverendo Frei Antonio de Santa Coleta, Leitor de Terça, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos*..., *op. cit.*, p. 2v.

¹³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 2v.

da Cruz e Costa editou-o e terá depois tratado dos trâmites finais para que, em Lisboa, na segunda metade do ano de 1757, a oficina de José da Costa Coimbra começasse a impressão. Nesta data, o manuscrito tinha já sobrevivido ao terramoto de 1 de Novembro de 1755, apesar de então estar na cidade, por onde andava a ser levado, para que fosse lido e apreciado, a diferentes religiosos. Entretanto, quando já se levavam a cabo estes trâmites, morreu a autora, a 5 de Outubro de 1752, pelo que nunca o manuscrito chegou a regressar às suas mãos. Ela, aliás, desapossara-se dele nas mãos do ministro provincial, como veremos.

Depois da impressão, o manuscrito voltara, porém, ao Convento de Santa Clara de Portalegre, talvez a pedido das religiosas, que desejavam tê-lo como recordação, ou relíquia de Soror Isabel. Assim testemunha Frei Martinho de São José: “quanto escreveo, [...] hoje com estimação se guarda”¹³⁶, não parecendo estar a referir-se a cópias, mas aos originais que a autora deixara, do seu próprio punho. Esta afirmação levou-nos a pesquisar a documentação disponível, tentando encontrar o manuscrito ou, pelo menos, reconstruir o seu percurso depois da extinção do convento.

Como é sabido, na primeira metade do século XIX, o liberalismo impôs a chamada reforma geral eclesiástica, empreendida por Joaquim António de Aguiar, ministro e secretário de estado de D. Pedro IV, e executada pela Comissão da Reforma Geral do Clero (1833-1837)¹³⁷. Pelo decreto de 30 de Maio de 1834, foram extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de todas as Ordens religiosas em Portugal, ficando então as de religiosas existentes em Portugal sujeitas à jurisdição dos respectivos bispos das dioceses em que se encontrassem as suas casas, isto até à morte da última sobrevivente, data do encerramento definitivo da casa¹³⁸. Os bens temporais destas instituições multisseculares foram então tomados pelo Ministério da Fazenda e Tesouro Público, através da sua Direcção Geral da Estatística e Próprios Nacionais. Para além de prédios urbanos e rurais, e de recheios diversos – à excepção de alguma imaginária, relíquias e alfaias sagradas –, foram tomados livrarias e cartórios.

¹³⁶ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [5], § V.

¹³⁷ Vd. Manuel Clemente, *Igreja e Sociedade Portuguesa. Do Liberalismo à República*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012.

¹³⁸ Vd. Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal*, [Mem Martins], Europa-América, 1994, pp. 245-247.

Estão hoje, na sua maioria, em arquivos públicos, havendo, porém, parte considerável em mãos de particulares¹³⁹. A história do processo de inventariação e arrecadação das livrarias e dos cartórios dos mais de cento e cinquenta conventos femininos, entre 1887 e 1908, está ainda por fazer¹⁴⁰.

Começámos por procurar o manuscrito primeiro no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Distrital de Portalegre; e depois na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca Pública de Évora e noutras localizações possíveis¹⁴¹. As duas primeiras instituições possuíam espólios documentais do extinto Convento de Santa Clara de Portalegre, mas não constava de nenhum, sendo a nossa pesquisa em vão. O manuscrito fora extraviado. Ao pesquisar no espólio existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no entanto, encontrámos indícios do seu paradeiro. Para indicá-los é preciso recuar à última comunidade de religiosas que existiu no convento. Em ordem à futura supressão do convento, fez-se um inventário a 8 de Setembro de 1857. Este produziu vários documentos, como uma tabela dos “Nomes, e numero das Religiosas, que actualmente tem, o Convento de Sancta Clara de Portalegre”¹⁴². As religiosas professas eram então apenas catorze e esperar-se-ia que morressem, para que o seu património fosse tomado pelo Estado. Na sua maioria, já não eram jovens. Ao não ser permitido que se celebrassem mais profissões, a comunidade estava destinada a desaparecer, até que restasse uma única sobrevivente, em cuja morte o convento seria legalmente dado como suprimido.

¹³⁹ Vd. Luana Giurgevich, Henrique Leitão, *Clavis Bibliothecarum. Catálogos e Inventários de Livrarias de Instituições Religiosas em Portugal até 1834*, Lisboa, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016; Fernanda Maria Guedes de Campos, “Espólios das Extintas Livrarias Religiosas nas Coleções da Biblioteca Nacional de Portugal: um (Re)encontro”, in Filipa Medeiros, Armanda Salgado, Paula Rosa, Bruno Almeida (orgs.), *Acervos Patrimoniais. Novas Perspectivas e Abordagens*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2012, pp. 59-75.

¹⁴⁰ Vd. Paulo J. S. Barata, “As Livrarias dos Mosteiros e Conventos Femininos Portugueses Após a sua Extinção: uma Aproximação a uma História por Fazer”, in *Lusitania Sacra*, n.º 24, Lisboa, 2011, pp. 125-152.

¹⁴¹ Vd. Paulo J. S. Barata, *Os Livros e o Liberalismo: da Livraria Conventual à Biblioteca Pública*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2003.

¹⁴² Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Nomes, e numero das Religiosas, que actualmente tem, o Convento de Sancta Clara de Portalegre”, in *Inventario de 1857*, cx. 2015, capilha 3, fs. 32-33.

Era esta a situação de muitos conventos no final do século XIX em Portugal, que o escritor Tomás Lino de Assunção, conhecedor da realidade *in loco*, retrata no seu livro *As Últimas Freiras*, publicado em 1894:

“Raras são hoje as velhinhas que vivem isoladas e dispersas nos poucos e arruinados mosteiros ainda existentes; sustentando cada qual, com os seus oitenta annos, os restos agonisantes d’essa instituição que vai findar, legando-nos uma historia pouco vulgarisada, onde há grandes planos franca e santamente illuminados pela luz vivificante da caridade e da abnegação. Venha um inverno mais rigoroso, uma mudança brusca de estação, o agravamento repentino de antigos achaques e tudo terá terminado em Portugal das ordens religiosas.”¹⁴³

O caso do Convento de Santa Clara de Portalegre não era distinto de tantos outros conventos portugueses. Naquela data, 8 de Setembro de 1857, a abadesa era Soror D. Maria Leocádia da Natividade, natural de Alegrete, que professara em 1805 e tinha sessenta e oito anos. Eram suas súbditas Soror D. Maria Madalena da Estrela, natural de Estremoz, que professara em 1795 e era a madre mais digna, com setenta e oito anos; Soror D. Maria Joana do Santíssimo Sacramento, natural de Vale do Peso, termo do Crato, que professara em 1810 e era a madre imediata e vigária da casa, com sessenta e três anos; Soror D. Margarida Tomásia, natural de Lisboa, que professara em 1791 e tinha oitenta e dois anos; Soror D. Constantina Doroteia, natural de Vale do Peso, que professara em 1806 e tinha sessenta e sete anos; Soror D. Maria José Ramalho, natural de Montemor-o-Novo, que professara em 1812 e tinha sessenta e um anos; Soror D. Casimira Rosa, natural de Castelo de Vide, que professara em 1816 e tinha cinquenta e sete anos; Soror D. Mariana José Delicado, natural de Alegrete, que professara em 1818 e tinha cinquenta e cinco anos; Soror D. Maria Vitória da Purificação, natural de Portalegre, que professara em 1821 e era a madre de cerimónias, tinha cinquenta e dois anos; Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa, natural de Castelo de Vide, que professara em 1826 e era a escritã – autora do documento que estamos a seguir –, com quarenta e sete anos; Soror D. Carlota Joaquina das Dores, natural de Marvão, que professara em 1826 e tinha quarenta e oito anos; Soror D. Josefa Vitorina, natural de Portalegre, professara em 1828 e

¹⁴³ Cf. Tomás Lino de Assunção, *As Últimas Freiras. Com uma Carta por Antonio Enes Acerca das Ordens e Instituições Religiosas*, Porto, Livraria Portuense de Lopes & C.^a – Editores, 1894, p. 1.

era a vigária do coro, com quarenta e sete anos; Soror D. Mariana Balbina de Jesus, natural da mesma cidade, professara no mesmo ano e era a sacristã, com quarenta e quatro anos; e Soror D. Maria Francisca de Assis, natural de Castelo de Vide, que professara em 1829, com a mesma idade. Como estas últimas eram ainda mulheres jovens, a supressão do convento previa-se para daí a bastantes anos. De facto, viria a ser esta Soror D. Maria Francisca de Assis a última religiosa a morrer, já muito idosa, no limiar do século XX.

Esta comunidade mantinha o convento em funcionamento, quer no tocante à vida religiosa, quer no que dizia respeito a uma regular administração dos seus numerosos bens móveis e de raiz, e do pessoal que sempre tivera ao seu serviço. Embora não pudessem admitir mais candidatas à profissão religiosa, as sobreviventes ainda tinham consigo dez mulheres seculares recolhidas, que ali tinham entrado por graça de breves apostólicos ou por ordem do ministro provincial¹⁴⁴. O documento refere os seus nomes: Inácia Joaquina Prego, que entrara em 1819; D. Ana Isabel da Gama Lobo, que entrara em 1851; D. Faustina Reixa da Costa, que entrara em 1850; Maria de Santa Rosa, que entrara em 1805; Eufrásia do Sacramento, que entrara em 1812; Rita do Rosário, que entrara em 1816; Ana Rita de Oliveira, que entrara em 1842; Maria da Glória, que entrara em 1841; Maria de São João, que entrara em 1821; e Joana da Anunciada, que entrara em 1839. E havia ainda quatro educandas: Maria da Assunção, que entrara em 1847; Olímpia da Piedade, que entrara em 1846; D. Maria do Céu de Barros, que entrara em 1854; e D. Maria Antónia, que entrara no mesmo ano¹⁴⁵. Estavam também com a comunidade cinco meninas de coro, de acordo com um antigo breve apostólico que o convento possuía¹⁴⁶: Maria da Estrela, que entrara em 1826; D. Maria Augusta Caldeira, que entrara em 1830; Ana do Carmo Paiva Godinho, que entrara em 1844; D. Maria Francisca Tavares Portugal, que entrara em 1844 – e que mais tarde seria administradora do convento, aquando da tomada dos seus bens pelo Estado –; e Antónia Inês Chace, que entrara em 1854¹⁴⁷.

¹⁴⁴ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Nomes, e numero das Religiosas, que actualmente tem, o Convento de Sancta Clara de Portalegre”, in *Inventario de 1857*, cx. 2015, capilha 3, f. 33.

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, f. 33.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, f. 33.

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, f. 33.

A comunidade de religiosas, como sempre, tinha um director espiritual, o Padre José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, por provisão do ministro provincial da Província dos Algarves; e um capelão, o Padre Gregório José Cebolinho, por idêntica provisão. Dispunha de vários empregados: um cirurgião, Manuel de Almeida Campos; um sangrador, Augusto José Guerreiro; um sacristão, Leonardo Augusto; um almocreve, Matias José Coelho; um advogado, José Manuel do Rego Abranches; um procurador agente, Joaquim Caetano Guapo; um azamel, Manuel Joaquim; duas criadas de fora, Maria Teresa e Joana; para a portaria outras duas, Florinda Rosa e Joana do Evangelista; para o forno duas, Inês de Jesus e Joaquina da Assunção; para o serviço das capelas e do convento, outras duas, Maria do Espírito Santo e Francisca das Chagas. “Alem das Creadas da Comunidade há 13 creadas particulares”, ao serviço exclusivo de treze ou menos religiosas¹⁴⁸.

A mais nova das professoras era, pois, a dita Soror D. Maria Francisca de Assis. No século, chamara-se D. Maria Francisca de Barros de Castelo Branco e era filha de Joaquim Francisco Tavares e de sua mulher, D. Teresa Angélica de Barros de Castelo Branco, casal que a tinha dotado com 600. 000 réis para professor¹⁴⁹. Fora votada para entrar no noviciado a 22 de Setembro de 1828¹⁵⁰. Depois do falecimento das religiosas mais velhas, esta última sobrevivente passou os últimos anos da sua vida no convento, não sozinha, mas acompanhada por numerosas pessoas, que já antes residiam e serviam a comunidade então existente, segundo o “Rol do pessoal existente no suprimido Convento de Santa Clara d’esta Cidade na occasião do falecimento da ultima Religiosa”¹⁵¹, datado de 24 de Setembro de 1898, da autoria conjunta de Alfredo Henriques Cabral Palmeiro, D. Maria Francisca Tavares Portugal, José Maria Gomes e João dos Santos Rodrigues Tenório.

Embora estivesse proibida a profissão de novas religiosas, com esta última religiosa sobrevivente ainda tinham ficado a viver no convento onze coristas,

¹⁴⁸ Cf. *Ibidem*, f. 34v.

¹⁴⁹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Escrituras de Dote, Livro dos Dotes a Dinheiro, cx. 7, mç. 2, doc. 16.

¹⁵⁰ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 7, f. 56.

¹⁵¹ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Rol do pessoal existente no suprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade, na occasião do fallecimento da ultima Religioza”, in *Inventario de Bens do Suprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, cx. 2015, f. 5v-8.

sendo a mais antiga a dita D. Maria Francisca Tavares Portugal, solteira, de cinquenta e oito anos de idade, entrada a 4 de Outubro de 1844 – portanto, já tinha entrado aquando do *Inventario de 1858*, no qual é mencionada como menina do coro¹⁵² –; oito criadas da comunidade, sendo a mais antiga Ana Joaquina Duarte, de oitenta e seis anos de idade, que entrara a 8 de Agosto de 1828; três educandas, sendo a mais antiga Maria Joaquina Silva, de onze anos de idade, entrada a 11 de Agosto de 1890; quatro recolhidas, a mais antiga Rita do Patrocínio Casa Nova, de quarenta e sete anos, entrada a 15 de Setembro de 1876; e três criadas particulares, sendo a mais antiga Maria Joaquina Laranjo, de vinte e oito anos, entrada a 25 de Abril de 1886.

Muitas destas pessoas terão continuado a viver ali, depois da morte de Soror D. Maria Francisca de Assis, que ocorreu a 21 de Agosto de 1898¹⁵³. Seria o caso de duas criadas que a escritora Maria Tavares Transmontano – nascida em 1924 –, ainda conheceu na sua infância¹⁵⁴. Chamavam-se Maria Joana Dias e Maria dos Anjos e viviam no extinto convento havia muitos anos, sendo já idosas. De facto, até ao fim dos anos 20 do século XX, ou mesmo depois, houve naquele lugar várias residentes que provinham, ainda, do tempo das religiosas da Ordem de Santa Clara, uma vez que Soror D. Maria Francisca de Assis, ao ver-se já idosa e muito delibilitada, preocupou-se com a situação das pessoas que ali moravam havia tantos anos. Então presidente do convento – sem título de abadessa, que nunca foi –, a 7 de Março de 1895, elevou uma súplica ao Ordinário de lugar, de quem agora era súbdita, uma vez que as comunidades religiosas tinham ficado sob as jurisdições eclesiásticas diocesanas. Era bispo de Portalegre o Senhor D. Gaudêncio José Pereira, a quem a idosa suplicante dizia:

“Como Vossa Excelência Reverendíssima sabe, sou eu a unica religiosa, que hoje existe n’este convento, e, como estou mais que octogenaria, e padecendo sempre muito, pouco tempo me póde restar já da minha peregrinação na terra.

¹⁵² Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Nomes, e numero das Religiosas que actualmente tem, o Convento de Santa Clara de Portalegre”, in *Inventario de 1857*, cx. 2015, f. 33.

¹⁵³ Cf. ADP, Livro de Óbitos de Nossa Senhora da Assunção da Sé de Portalegre (1894–1901), liv. 14, f. 97.

¹⁵⁴ Cf. Maria Tavares Transmontano, *Subsídios para uma Monografia de Portalegre*, Portalegre, Câmara Municipal de Portalegre, 1997, p. 99.

Tendo Deus Nosso Senhor assim ordenado, segundo os decretos da sua Providencia, que eu sobrevivesse a tantas minhas irmãs, que com'igo serviram a Deus n'esta casa, tem-me affligido sempre a idéa de que, depois do meu fallecimento, seja profanada esta casa religiosa, deixando de servir para o fim a que há uns poucos de seculos foi dedicada, e talvez tambem que na nossa igreja deixe de se prestar culto ao Senhor por ter applicação diferente.

Por tal motivo, venho rogar a Vossa Excelência Reverendíssima se digne interpôr a sua valiosíssima protecção, como dignissimo Bispo, que é d'esta Diocese, para se levar a cabo uma empresa, de que resultará maior gloria para Deus e o interesse das almas. Desejava eu muito, e morreria satisfeita, se tal idéa poder realizar-se, como espero, que Vossa Excelência Reverendíssima permitisse, que desde já se estabelecesse n'este Convento o Instituto das irmãs de Santa Dorothéa, obtendo do governo de Sua Magestade a concessão do Convento, cerca, igreja e alfaias do culto divino ao dicto Instituto depois do meu fallecimento”¹⁵⁵.

Apresentava depois as doroteias e a sua missão de educar meninas, tendo estas religiosas, para além de colégios, a Pia Obra de Santa Doroteia, “que é uma grande, efficaz e valiosa coadjuvação para os Reverendos Parochos, pois se encarregam, com o auxilio de varias pessoas seculares, da vigilância sobre as creanças pobres”¹⁵⁶, instruindo-as no catecismo, preparando-as para os sacramentos e ajudando as suas famílias, “e por este modo se contribuir poderosamente para moralizar e regenerar as classes populares, hoje um pouco desviadas da pratica dos deveres religiosos”¹⁵⁷. Soror D. Maria Francisca de Assis apresentava estes argumentos certamente por saber que o Estado de então, tão intolerante com os conventos de religiosas de clausura – e tão interessado nas suas riquezas materiais –, só poderia poupar o Convento de Santa Clara de Portalegre à profanação ou à ruína se ali se erguesse uma qualquer obra com fins caritativos, isto é, com efeito immediato sobre os problemas sociais locais.

Ao receber a súplica, o Bispo de Portalegre terá empreendido vários esforços. Uma pequena nota, em papel solto, que o prelado escreveu, a 19 de Março de 1899, aparentemente a Emaús Gonçalves¹⁵⁸, diz: “Permitta-me Vossa

¹⁵⁵ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Súplica de Soror D. Maria Francisca de Assis elevada ao Bispo de Portalegre a 7 de Março de 1895 cx. 2015, capilha 3, fs. 1-1v.

¹⁵⁶ Cf. *Ibidem*, f. 1v.

¹⁵⁷ Cf. *Ibidem*, f. 2.

¹⁵⁸ Possivelmente, José Luís Emaús Gonçalves, que era 3.º Oficial da Alfândega Marítima a 17 de Novembro de 1873, no reinado de D. Luís. Cf. ANTT, Registo Geral de Mercês de D. Luís I, liv. 26, f. 288. Tratar-se-ia

Excelência que venha recordar a pretensão das recolhidas no extinto Convento de Santa Clara d'esta cidade de Portalegre”¹⁵⁹; e “È uma verdadeira necessidade a resolução d'este assumpto, em que ja tive a honra de fallar a Vossa Excelência quando estive na Nunciatura”¹⁶⁰; afirmando que “sou levado pelo dó, que me inspira aquella pobre gente”¹⁶¹.

A diligência foi em vão. Depois de certamente ter envidado outros esforços, o prelado acabou por recorrer ao Rei D. Carlos. Conserva-se um ofício que enviou ao monarca, a 20 de Agosto de 1897 – dois anos depois da súplica elevada por Soror D. Maria Francisca de Assis –, explicando que o convento estava quase extinto, vivendo nele a última religiosa, acompanhada por onze pupilas que se denominam habitualmente por coristas, as quais ali tinham entrado em tenra idade, “achando-se hoje quasi todas na avançada idade de setenta annos, as quais pelo acabamento do Convento teriam de sujeitar-se a uma vida humilhante por falta de recursos”¹⁶²; pelo que seria oportuno ter ali um recolhimento, até porque havia falta destes estabelecimentos no país, mormente em Portalegre, capital do distrito, no qual pudessem recolher-se, embora sem votos religiosos ou de clausura, senhoras seculares, que nele vivessem honestamente, etc., e pedindo que Sua Majestade se dignasse olhar à súplica elevada pela última religiosa do convento; e pedindo que se dignasse ordenar que, pelo Ministério da Fazenda, “seja desde já concedido o Convento, cerca, Igreja e alfaias do Culto Divino ao Instituto das Irmãs de Santa Dotothea”¹⁶³.

Entretanto, no ano seguinte morreu, pois, Soror D. Maria Francisca de Assis, sem que as doroteias ocupassem depois o convento, como era seu desejo. A religiosa faleceu pelas 7, 30 horas do dia 21 de Agosto de 1898, depois de receber os últimos sacramentos, com oitenta e nove anos de idade; e foi levada a sepultar num jazigo particular do cemitério público da cidade, segundo se lê no seu assento

então de pessoa com poder para decidir, ou para influenciar sobre o assunto que o prelado lhe recordava. Não é certo que fosse o destinatário do cartão, porque o seu nome está anotado por outra mão, a lápis.

¹⁵⁹ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Nota de D. Gaudêncio José Pereira, Bispo de Portalegre, a Emaús Gonçalves (?), a 19 de Março de 1899, cx. 2016, capilha 6.

¹⁶⁰ Cf. *Ibidem*.

¹⁶¹ Cf. *Ibidem*.

¹⁶² Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício de D. Gaudêncio José Pereira, Bispo de Portalegre, ao Rei D. Carlos, de 20 de Dezembro de 1897, cx. 2015, cap. 3, f. 1.

¹⁶³ Cf. *Ibidem*, f. 2.

de óbito, lavrado pelo Padre João Teotónio Louro, pároco da Sé, pois o convento pertencia à freguesia de Nossa Senhora da Assunção, sob o nome de “D. Maria Francisca de Assis de Barros”¹⁶⁴. Segundo indagámos junto da Câmara Municipal de Portalegre, consta dos seus registos que “Maria Francisca de Assis”, falecida naquela data, está sepultada no Jazigo de Catacumba 71, do talhão A do Cemitério Municipal de Portalegre, sendo ela própria a proprietária. Não tendo já direito a inumação dentro do convento, tratara de comprar o lugar da sua sepultura no cemitério público.

Tudo parece indicar-nos que, consciente da sua situação, em tudo diligenciou, preparando a sua morte: suplicando ao Bispo de Portalegre pelo convento e pelas mulheres que ali viviam, tratando da sua alma – certamente levando as obrigações religiosas até ao fim, recebendo pela última vez os sacramentos, etc. – e do próprio corpo, que não queria sepultado numa qualquer cova anónima. De facto, continua ali sepultado, embora o jazigo já não tenha um proprietário vivo, ou, se o tem, não é conhecido.

As mulheres e meninas que Soror D. Maria Francisca de Assis deixava no convento ficaram em risco de despejo. Na sua maioria não tinham recursos para sobreviver dignamente. De imediato, o delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre enviou um ofício ao director geral da Estatística e Próprios Nacionais, do Ministério da Fazenda, comunicando:

“que acaba de fallecer a ultima religioza que existia no Convento de Santa Clara de Portalegre d’esta cidade, e como, por esse facto, o dito Convento ficou suprimido e os seus bens devem entrar na administração da Fazenda Nacional, vou mandar tomar posse e proceder a inventario e avaliação de todos os referidos bens”¹⁶⁵.

As diligências prosseguiram, sem demora. Um ofício do Secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos, a 25 de Agosto de 1898, ao Ministro dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, José Maria de Alpoim de Cerqueira Borges Cabral, dá notícia da morte da religiosa e, dada a necessidade de dar “arrecadação

¹⁶⁴ Cf. ADP, Livro de Óbitos de Nossa Senhora da Assunção da Sé de Portalegre (1894-1901), liv. 14, f. 97.

¹⁶⁵ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Delegado do Tesouro de Portalegre ao Conselheiro Director Geral dos Proprios Nacionais, com carimbo de recepção a 22 de Agosto de 1898, cx. 2015, capilha. 4, f. 1.

e administração provisória dos bens d'aquelle mosteiro”¹⁶⁶, rogava-lhe que desse as devidas ordens, nos termos das instruções de 31 de Maio de 1862, devendo o funcionário designado entender-se com o Bispo de Portalegre, o qual estava já prevenido acerca da parte que lhe competia, de modo a “proceder sobre o assumpto do modo mais conveniente”¹⁶⁷. Dizia ainda que o prelado, em officio de 21 de Agosto de 1898 – o dia da morte de Soror D. Maria Francisca de Assis –, o informara ter enviado um outro officio, no qual invocara a falta geral de casas decentes para “senhoras honestas, e sem recursos”¹⁶⁸ e que “seria de importância social e religiosa, não só para aquella cidade, mas também para todo o districto de Portalegre estabelecer-se no edificio do convento, ora extincto, um recolhimento para aquella fim”¹⁶⁹. Entretanto, talvez por novos esforços por parte do prelado, as ditas senhoras do tempo das religiosas foram autorizadas a morar no extinto convento, tal como estavam, segundo consta de um telegrama do director geral de Estatística e Próprios do Estado, enviado a 3 de Setembro de 1898, ao delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre: “Por Despacho ministerial d’hoje conserve senhoras convento Santa ~~Joana~~ [sic] Clara sem prejuizo do inventario”¹⁷⁰.

Entre outros officios, que seguiram nos dias seguintes, conserva-se um que foi enviado nesta mesma data pelo director geral de Estatística e dos Próprios Nacionais ao Inspector Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, no qual lhe solicitava que, procedendo-se à arrecadação dos bens do suprimido Convento de Santa Clara de Portalegre, por falecimento da última religiosa,

“se digne de nomear um delegado que examine todos os livros e manuscritos existentes no mesmo convento para, depois de concluído respectivo inventario,

¹⁶⁶ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Officio do Secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça ao Misnistro dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, de 25 de Agosto de 1898, cx. 2015, capilha 4, f. 1.

¹⁶⁷ Cf. *Ibidem*, f. 1.

¹⁶⁸ Cf. *Ibidem*, f. 1.

¹⁶⁹ Cf. *Ibidem*, f. 1.

¹⁷⁰ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Telegrama do Director Geral da Estatística e dos Próprios do Estado ao Delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre, de 3 de Setembro de 1898, cx. 2015, capilha 4.

serem entregues a essa Inspeção Geral, com excepção de todos aquelles que sejam de interesse directo para a administração dos referidos bens”¹⁷¹.

A pessoa designada foi o atrás citado escritor Tomás Lino de Assunção, então Inspector Geral Interino das Bibliotecas e Arquivos. Mas, indo a Portalegre, deparou-se com uma situação grave, da qual temos notícia poucos dias depois, a 17 de Setembro de 1898, no ofício que enviou ao Director Geral da Estatística e Próprios Nacionais, com cópia remetida ao Delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre. Neste ofício, parece-nos, podemos desvendar o destino que teve o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus:

“Na ocasião em que se procede ao inventario dos livros e manuscritos do extinto Convento de Santa Clara de Portalegre, notei, não só a falta de certos livros manuscritos que não é certo existirem em todas as casas religiosas, como tambem de livros impressos dos quaes não encontrei um unico. Indagando do caso [...] soube, pelas senhoras que ainda ali existem, a isto ouviu o Reverendo Conego Delegado [...], que me acompanhara, que a última escritã os tinha enviado para casa do falecido medico da localidade o Doutor Francisco Rodrigues de Gusmão.

Julgo do meu dever enviar ao filho deste clinico e seu natural herdeiro o Doutor Francisco Rodrigues de Gusmão o officio do teor seguinte: = “Sabendo por testemunho das senhoras que ainda existem no edificio do extinto mosteiro de Santa Clara de Portalegre que toda a livraria d’aquella casa religiosa tinha em tempo sido enviada para casa do pae de Vossa Excelência e como esta remessa não possa ser explicada se não por empréstimo,— embora ilegal, canonica e civilmente – rogo a Vossa Excelência sirva escolher quaes esses livros sejam e envia-l’os relacionados a esta Inspeção Geral que d’eles passará o respectivo recibo” = A este offício recebi como resposta um outro, que em seguida copio na integra = “Não existem em meu poder livros que houvessem pertencido ao extinto Convento de Santa Clara desta cidade. É possível que pelas religiosas deste mosteiro alguns tivessem sido emprestados a meu pae, estou porem convencido de que não deixaria de os restituir.”

Parece-me que neste assumpto terminou a minha acção para começar a de Vossa Excelência a quem sujeito a resolução do caso.”¹⁷²

¹⁷¹ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Director Geral de Estatística e dos Próprios Nacionais ao Inspector Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, de 3 de Setembro de 1898, f. 1.

¹⁷² Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Inspector Interino das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Lino de Assunção, ao Director Geral da Estatística e Próprios Nacionais, de 17 de Setembro de 1898, cx. 2015, capilha 4.

A 22 de Novembro de 1898, o director geral da Estatística dos Próprios Nacionais ainda enviou um ofício ao delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre, informando ter recebido o ofício atrás citado e dizendo:

“não haver encontrado no espólio do suprimido Convento de Santa Clara de Portalegre um unico livro impresso e faltarem certos livros manuscriptos e bem assim as indagações a que procedeu e seus resultados; afim de Vossa Excelência se digne esta Repartição do que julgar conveniente sobre o assumpto”¹⁷³.

Mas também localmente os esforços não terão sido bem sucedidos. Com efeito, não encontrámos documentação relativa a diligências que tenham sido realizadas e, no ano seguinte, a 6 de Outubro de 1899, quando se fez o *Auto do Inventario do Cartorio do Convento de Santa Clara de Portalegre a que mandou proceder o Ilustrissimo Delegado do Thezouro do Districto supra*, constavam apenas os manuscritos soltos e os encardernados que hoje estão disponíveis no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Distrital de Portalegre: bulas, testamentos, instituições de capelas, escrituras várias, livros de votos, de eleições, de actas e patentes, de óbitos das religiosas, etc.¹⁷⁴.

O manuscrito autógrafo de Soror Isabel não consta deste documento e é possível que permanecesse, como outros documentos que havia, em mãos do Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão (filho), que os herdara do seu pai, a quem a última escritã os dera, certamente porque as religiosas, ao ver acabar-se a sua comunidade, não estavam interessadas em deixar que o Ministério da Fazenda e do Tesouro Público tomasse toda a documentação do seu cartório. A brevidade do ofício que este médico enviou a Lino de Assunção – parece-nos mesmo em tom áspero – talvez indicie que estavam ainda na sua posse e que ele, na verdade, não estava interessado em devolvê-los, uma vez que as religiosas os tinham confiado ao seu falecido pai.

¹⁷³ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Director Geral da Estatística dos Próprios Nacionais ao Delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre, de 22 de Setembro de 1898, cx. 2015, capilha 4.

¹⁷⁴ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Auto do Inventario do Cartorio do Convento de Santa Clara de Portalegre a que mandou proceder o Ilustrissimo Delegado do Thezouro do Districto supra*, cx. 2015, capilha 4.

Quando as recolhidas do extinto convento disseram, a 17 de Setembro de 1898, a Tomás Lino de Assunção que a última religiosa escritã tinha enviado vários manuscritos para casa do Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão (pai), reportavam-se a um acontecimento que remontava a, pelo menos, quatro décadas antes. O envio dos documentos ter-se-á dado antes do final do ano de 1858, isto é, antes da chegada da comissão que inventariou os bens do convento pela primeira vez, como atrás apontámos. Essa escritã, que enviou os manuscritos para casa do médico, terá sido, parece-nos, a já referida Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa. Esta religiosa era natural de Castelo de Vide, filha de António Xavier de Matos Mourão e de sua mulher, Maria Joaquina, e entrara no convento a 20 de Janeiro de 1821, para professar e nele ser cantora e organista, dando lições de canto e música às restantes religiosas¹⁷⁵. Fora votada para professar a 22 de Janeiro de 1826, ficando com os ofícios¹⁷⁶. Tratar-se-ia, pois, de uma religiosa culta, o que se reflectira também na sua eleição posterior para o ofício de escritã.

Supomo-lo, em primeiro lugar, porque, no âmbito do *Inventario de 1857*, Soror D. Maria Amália a escritã, de facto. Neste inventário, redigiu o documento “Nomes, e numero das Religiosas, que actualmente tem, o Convento de Sancta Clara de Portalegre”¹⁷⁷. Depois, porque o seu nome consta também do *Caderno n.º 1 Respectivo á descripção e avaliação do Convento de Sancta Clara da Cidade de Portalegre, bem como o Hospicio annexo ao mesmo*, datado de 11 de Dezembro do mesmo ano de 1857¹⁷⁸. Este documento foi redigido no convento por António Miguel Ribeiro de Carvalho, aspirante de segunda classe da Repartição da Fazenda do distrito de Portalegre, e assinado pela abadessa, Soror D. Maria Joana do Santíssimo Sacramento; pela dita escritã, Soror D. Maria Amália; por Lourenço Pedro Richoso, comissionado eclesiástico pelo Bispo de Portalegre; e pelo autor¹⁷⁹. Esta descrição correspondia a um conjunto de documentos então produzidos no convento, com vista a avaliar todos os seus bens

¹⁷⁵ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 7, f. 50v.

¹⁷⁶ Cf. *Ibidem*, f. 51v.

¹⁷⁷ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Nomes, e numero das Religiosas...”, *op. cit.*, fs. 32-33.

¹⁷⁸ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Caderno n.º 1. Respectivo á Descripção e Avaliação do Convento de Santa Clara da Cidade de Portalegre, bem como do Hospicio Annexo ao Mesmo*, cx. 2016, capilha 6.

¹⁷⁹ Cf. *Ibidem*, f. 2.

e os gastos das religiosas e seu pessoal, um inventário a enviar ao Ministério dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, contando, para tal, com a colaboração da abadessa e da sua escrivã. Nesse ano, fez-se, pois, uma verificação minuciosa do cartório do convento, onde esses bens tinham a sua documentação.

Uma das tarefas da escrivã foi certamente preparar os documentos para que aquela comissão os visse, como consta do *Auto d'Inventario do Cartorio do Convento de Santa Clara de Portalegre a que mandou proceder o Illustrissimo Delegado do Thezouro do Districto de Portalegre*, a 28 de Julho de 1858, constando tombos das medições, dos títulos, dos foros, dos dotes; os capitais mutuados, os foros de olivais, de herdades, tapadas e vinhas; de pomares e hortas, etc.¹⁸⁰. Esta documentação foi depois especificada na *Relação dos papeis relativos ao Inventario do Convento das Religiosas de Santa Clara da Diocese de Portalegre que nesta data se remetem á Direcção Geral dos Proprios Nacionaes*, documento redigido a 12 de Agosto de 1858¹⁸¹. As mencionadas religiosas assinaram esta documentação, e outra, que se produziu então com o mesmo fim, figurando Soror D. Maria Joana do Santíssimo Sacramento já sem o seu título de abadessa e dita simplesmente “Prezidente in capite”¹⁸² daquela que era, de facto, a derradeira comunidade de religiosas do convento.

Ora, o que restou do cartório, como mencionámos, está hoje dividido entre o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e o Arquivo Distrital de Portalegre¹⁸³. Neste último, nas nossas pesquisas, manuseámos alguns volumes, os quais foram forrados com papel de padrão e levaram atilhos de tecido, trabalhos executados por alguém que também colocou etiquetas nos forros com o nome “Conceição da Rosa”, como que assinando. Trata-se evidentemente da dita Soror D. Maria

¹⁸⁰ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Auto d'Inventario do Cartorio do Convento de Santa Clara de Portalegre a que mandou proceder o Illustrissimo Delegado do Thezouro do Districto de Portalegre*, cx. 2016, capilha 6.

¹⁸¹ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Relação dos papeis relativos ao Inventario do Convento das Religiosas de Santa Clara da Diocese de Portalegre que nesta data se remetem á Direcção Geral dos Proprios Nacionaes*, cx. 2016, capilha 6.

¹⁸² Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Auto d'Inventario...*, *op. cit.*, f. 4v.

¹⁸³ No que toca à documentação que estava na Direcção de Finanças do Distrito de Portalegre, para onde fora levada aquando da extinção do convento, foi transferida para o ADP, em cumprimento do disposto na alínea a) do § 1º do art.º 26 do decreto com força de lei n.º 19952, de 27 de Junho de 1931. Deu entrada no ADP em Março de 1938 e Abril de 1998.

Amália da Conceição da Rosa, que também usou nos volumes um papel de cor azul celeste, procedendo a pequenos restauros, sobretudo para assegurar a fixação de cadernos, como é o caso do *Livro dos Trigos*¹⁸⁴ e do *Livro do Azeite*¹⁸⁵. É o mesmo tipo de papel com que foi produzida a documentação que estamos a mencionar, designadamente aquele *Auto d'Inventario*, o qual seria extraído de uma mesma resma.

Conhecemos também um papel solto, hoje no Arquivo Distrital de Portalegre, posto entre os fólios do *Livro das Defuntas*. Parece-nos, sem dúvida, da autoria da mencionada última abadessa, Soror D. Maria Joana do Santíssimo Sacramento, cuja caligrafia reconhecemos. É uma breve nota biográfica: “Foi Eleita em Abadeça A Veneravel Madre Isabel do Menino Jesus em 6 de Junho de 1744 com todos os votos. teve 4 sobrinhas Freiras que são filhas de Bartolomeu Fernandes e de Caterina Sanches que também Morreo neste Convento”. O papel é do mesmo tipo usado por Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa nos restauros, de cor azul celeste, pelo que datará de cerca de 1857. É também de reparar que o texto refere Soror Isabel do Menino Jesus com o título de venerável, sinal de que as últimas religiosas continuavam a prestar-lhe culto.

Note-se que Soror D. Maria Joana do Santíssimo Sacramento tinha professado ainda em Setecentos. No século, chamara-se D. Maria Joana de Almeida Godinha, era natural de Vale do Peso, no priorado do Crato, filha de Luís António de Almeida Prezado, natural de Castelo de Vide; e de sua mulher, D. Catarina Angélica de Carvalho Godinha, natural de Vale do Peso. Entrara no convento como educanda a 17 de Janeiro de 1809; fora dotada a 22 de Janeiro de 1810¹⁸⁶. Fora votada para entrar no noviciado a 22 de Janeiro de 1822¹⁸⁷; e professara com o nome completo de Soror D. Maria Joana Clementina do Santíssimo Sacramento. Tanto esta religiosa como já a mencionada Soror D. Margarida Tomásia (de nome religioso completo Soror D. Margarida Tomásia Rosa da Madre de Deus), tinham conhecido as religiosas que tinham vivido com Soror Isabel do Menino Jesus. Soror D. Margarida Tomásia, natural de Lisboa, era filha de João António Pataca,

¹⁸⁴ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Receita e Despesa, Livro dos Trigos, cx. 3, liv. 15.

¹⁸⁵ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Receita e Despesa, Livro do Azeite, cx. 3, liv. 16.

¹⁸⁶ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Dotes a Dinheiro, Dote da Madre Maria Joana Clementina do Santíssimo Sacramento, cx 3, mç. 2, doc. 6.

¹⁸⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 7, f. 45.

natural de Castelo de Vide; e de sua mulher, Caetana Cristina Alberta, natural de Lisboa, e fora votada para entrar no noviciado a 3 de Maio de 1785¹⁸⁸ e para professar a 7 de Maio de 1786¹⁸⁹. Entre outras, tinham convivido com a muito idosa Soror D. Teresa Joana Bernardina de Jesus, que fora votada para entrar no noviciado a 12 de Outubro de 1742¹⁹⁰ e para professar a 21 de Setembro de 1743¹⁹¹; tendo sido escritã no primeiro abadessado de Soror Isabel de São José, sobrinha da nossa autora, em cujo triénio esta morrera, sendo aquela religiosa também signatária do seu termo de óbito. Morrera Soror D. Teresa Bernardina com cento e dois anos de idade, a 9 de Maio de 1810¹⁹². Como outras religiosas mais antigas, teria, pois, prestado culto a Soror Isabel do Menino Jesus, no qual teriam sido educadas as noviças e professoras das gerações mais novas, tratando-a com o título de venerável, como se vê pelo citado documento, atribuível a Soror D. Maria Joana do Santíssimo Sacramento.

Idêntico papel foi também usado para restaurar alguns cadernos do manuscrito de Soror Isabel do Menino Jesus, trabalho que atribuímos à mão de Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa, a última escritã do convento, ainda que não tivesse colocado nele a sua identificação, como fez noutros volumes. Portanto, antes de ser extraviado, o manuscrito autógrafo esteve nas mãos da última abadessa Soror D. Maria Joana do Santíssimo Sacramento, que elaborou aquela breve nota – ignoramos com que finalidade –, a do papel solto; e da última escritã, Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa. A esta última atribuíam as senhoras que Tomás Lino de Assunção ouviu aquela decisão de fazer sair do convento vários documentos, supomos que antes do *Auto d'Inventario*, feito a 28 de Julho de 1858. Ignoramos a razão do envio de livros e manuscritos para casa do médico, mas supomos que as religiosas, de facto, não desejariam que fosse o Ministério da Fazenda e do Tesouro a ficar com eles, temendo que se perdessem para sempre. É também inevitável supor que neste lote do cartório do convento, agora extraído à sua sede, ia o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus, considerado uma relíquia pelas religiosas desde a morte da autora.

¹⁸⁸ Cf. *Ibidem*, f. 18v.

¹⁸⁹ Cf. *Ibidem*, f. 20.

¹⁹⁰ Cf. ADP, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 137.

¹⁹¹ Cf. *Ibidem*, f. 144.

¹⁹² Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 83v.

O Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão (pai) não era o médico da comunidade, pelo menos por volta de 14 de Junho de 1856, porque nesta data figura na documentação do convento um Dr. Francisco de Assis Sales Caldeira nesse ofício¹⁹³. Não sabemos se, como escritor, se interessava por temas religiosos, o que teria contribuído para a decisão de lhe confiar uma importante parte do seu cartório. Sabemos, porém, que, nesse mesmo ano de 1854, publicou uma *Memoria da vida e escriptos do Reverendo Senhor Jose Vicente Gomes de Moura*¹⁹⁴. Parece-nos que teria a confiança das religiosas, ao ponto de lhe entregarem tais documentos, entre os quais estaria o manuscrito de Soror Isabel do Menino Jesus, que considerariam tão importante. Talvez por isso quisessem extraviá-lo, antes que fosse inventariado e tomado por um Estado que agora se afigurava perseguidor da Igreja. O escritor – tal como as religiosas o seriam, evidentemente – era um severo crítico da extinção das ordens religiosas, escrevendo nessa obra que, com “a horrosa catastophe de 1834, abalou-se desde os fundamentos o antigo edificio social tinham ditado. Longos serviços, merito provado, grandes luzes, sciencia incontestável, honradez, probidade, tudo foi sacrificado”¹⁹⁵, chamando a esse tempo “éphoca nefasta”¹⁹⁶, com “velhos rancores”¹⁹⁷, “ambições abjectas”¹⁹⁸ e “execravel intolerância”¹⁹⁹.

Em 1859, Inocêncio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, integrou um verbete sobre Frei Martinho de São José, do qual sabia apenas ter sido o organizador da *Vida da Serva de Deos...*, “da qual eu conservo um exemplar”²⁰⁰. Nas suas *Correcções e Additamentos que podem ter logar desde*

¹⁹³ Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Relação n.º 3. Folha da despeza feita com os Ordenados dos Empregados no serviço interno e externo do Convento de Santa Clara de Portalegre no anno de 1856 com relação aos mapps que tem por titulo Despeza feita no anno de 1856 e Pessoal do Convento*, cx. 2016, f. 1v.

¹⁹⁴ Vd. F. A. Rodrigues de Gusmão, *Memoria da vida e escriptos do Reverendo Senhor Jose Vicente Gomes de Moura*, Lisboa, Tipografia de António Henriques de Pontes, 1854.

¹⁹⁵ Cf. Francisco António Rodrigues de Gusmão, *Memoria da vida e escriptos do Reverendo Senhor Jose Vicente Gomes de Moura*, Lisboa, Typ. de Antonio Henriques de Pontes, 1854, p. 12.

¹⁹⁶ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 12.

¹⁹⁷ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 12.

¹⁹⁸ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 12.

¹⁹⁹ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 12.

²⁰⁰ Cf. Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, tomo VI, p. 155.

já n'este tomo VI, Inocêncio acrescenta que “O meu amigo Rodrigues de Gusmão me escreve em carta do mez passado, dizendo conservar alguma idéia de que esta *Vida* fôra prohibida pela auctoridade civil ou ecclesiastica.”²⁰¹ E prosseguira o Dr. Rodrigues de Gusmão: “Se não o foi, bem o merecia! É pelo menos a impressão que me deixou a sua leitura”²⁰². Este Dr. Rodrigues de Gusmão seria aquele mesmo médico de Portalegre. Francisco António Rodrigues de Gusmão (pai), nascido no Carvalhal, Tondela, a 6 de Junho de 1815; e falecido em Coimbra a 22 de Fevereiro de 1888, foi também bibliófilo e investigador, tendo sido nomeado comissário dos estudos do distrito de Castelo Branco por mercê de D. Maria II, a 6 de Julho de 1853²⁰³. Em Portalegre, morou na casa que fora dos Pereiras Pinas, onde ainda se veêm as armas destes fidalgos na fachada²⁰⁴.

Comprova-se, assim, que o Dr. Rodrigues de Gusmão (pai) conhecia a obra impressa de Soror Isabel do Menino Jesus e que a tinha lido, ao ponto de ter sobre ela uma opinião formada; e, portanto, facilmente se interessaria pelo manuscrito autógrafa, o que terá levado, supomos, as religiosas do convento a confiar-lho. Como bibliófilo, teria especial interesse em ter as duas versões da mesma obra, a impressa e a manuscrita, ainda que a julgasse pouco ortodoxa.

Supomos também que o manuscrito terá estado nas mãos, pelo menos até à sua morte. Talvez, como já mencionámos atrás, tenha ficado depois em posse do seu filho e homónimo, que foi seu herdeiro, o também médico e escritor Francisco Rodrigues de Gusmão (filho). Este autor, ao que parece, no final do século XIX ou nas primeiras décadas do século XX, fazia certas pesquisas sobre o Padre José Morato Roma – parente, em grau que desconhecemos, de Soror Isabel do Menino Jesus –, segundo testemunha o historiador Possidónio Mateus Laranjo Coelho, no seu livro *Terras de Odiana...*, cujo primeiro volume foi publicado em 1920²⁰⁵. Desse clérigo ignorava-se então se fora natural de Marvão, se de Castelo de Vide.

²⁰¹ Cf. *Ibidem*, p. 462.

²⁰² Cf. *Ibidem*, p. 462.

Cf. ANTT, Registo Geral de Mercês (1639-1949), liv.41, fs. 220-221.

²⁰⁴ Cf. José Dias Heitor Patrão, “Pinturas «recontradas» da Sé de Portalegre. O Retábulo de Santa Catarina de Sena e Co-titulares”, in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12 (Nova Série), Portalegre, Atelier de Artes Plásticas de Portalegre, 1998, p. 114 .

²⁰⁵ Cf. Possidónio Mateus Laranjo Coelho, *Terras de Odiana. Medobriga. Ammaia. Aramenha. Marvão*, 2.ª edição revista e anotada por Diamantino Sanches Trindade, Póvoa de Santo Adrião, Câmaras Municipais de Castelo de Vide e Marvão, 1987, p. 387.

Fora um teólogo erudito dos séculos XVIII e XIX, com obra impressa, na qual expunha doutrinas opostas às do seu contemporâneo, o Padre António Pereira de Figueiredo, religioso do Oratório, autor de variadas obras. Laranjo Coelho, que conheceu pessoalmente o Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão – cremos que se refere ao filho –, testemunha que era um “erudito investigador”²⁰⁶.

Na verdade, ignoramos ao certo em que mãos terá andado o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus depois de ter saído do Convento de Santa Clara, após ter sido restaurado por Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa. Ficámos então com a ideia de que se perdera. O restante são apenas hipóteses que consideramos pertinentes.

Inesperadamente, o manuscrito surgiu num alfarrabista de Lisboa. Descobrimo-lo no dia 26 de Fevereiro de 2013, à venda na *Loja Online* da Livraria Castro e Silva, no portal www.castroesilva.com. Exibiam-se aqui três fotografias do documento e uma breve descrição do mesmo. Parecendo-nos ser autêntico pela análise das fotografias – conhecíamos já o texto, bem como a assinatura da autora de vários livros do cartório do extinto convento –, ponderámos a sua compra. Depois, julgando que um documento desta natureza era, na verdade, digno de ser património público e, em consequência, estar disponível para os investigadores, contactámos várias instituições públicas da região de Portalegre, sugerindo a sua compra, o que deveria ser garantido o mais brevemente possível, evitando, assim, que viesse a ser adquirido por pessoa particular. Tal poderia implicar, com muita probabilidade, desconhecer novamente o seu paradeiro.

A Livraria Castro e Silva tinha fixado o preço do documento em 1. 200€ (Mil e Duzentos Euros). Parecia-nos que devia ser adquirido pelo Arquivo Distrital de Portalegre, integrando o acervo documental do extinto Convento de Santa Clara, onde vivera e escrevera a autora; ou, noutra possibilidade, a Câmara Municipal de Portalegre, ficando o documento disponível na Biblioteca Municipal, hoje instalada precisamente nos edifícios do Convento. Tentámos simultaneamente sensibilizar a Câmara Municipal de Marvão, vila natal da autora, para a aquisição do manuscrito. Foi esta a primeira instituição a responder ao nosso apelo, que fizemos com a intercessão do escritor Ruy Ventura, natural de

²⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 387.

Portalegre e descendente da família de Soror Isabel do Menino Jesus²⁰⁷; bem como da intercessão do arqueólogo Jorge de Oliveira, docente e investigador na Universidade de Évora, natural de Santo António das Areias, freguesia do concelho de Marvão. Ainda nessa data, este último contactou o Vereador da Cultura, José Manuel Ramilo Pires, que, por sua vez, nos contactou telefonicamente, manifestando o interesse da autarquia no documento e pedindo-nos a gentileza de reconhecer a sua autenticidade *in loco*, antes de decidir a sua compra, e ainda representar, embora oficiosamente, a Câmara Municipal de Marvão junto da Livraria Castro e Silva nesse acto. Para este efeito, dirigimo-nos ao escritório da Livraria, sito na Rua do Norte, n.º 4, em Lisboa.

A Livraria escusava-se a revelar a identidade do vendedor do manuscrito, pelo que não nos parecia possível explorar mais o percurso que este fizera desde que saiu do convento, em Portalegre, até à sua venda, em Lisboa, num arco cronológico de cerca de cento e cinquenta e cinco anos (1858-2013). O que mais nos interessava era impedir que fosse parar, novamente, a mãos anónimas. Negociámos então a sua compra e a Câmara Municipal de Marvão tratou depois de efectuar do pagamento. A Livraria assegurou o envio do manuscrito para os Paços do Concelho de Marvão. Na Acta n.º 8/2013 da Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Marvão, realizada a 15 de Abril de 2013, consta que o Vereador José Manuel Ramilo Pires, embora com imprecisões, informou que

“o município adquiriu o original de um livro da Soror Isabel do Menino Jesus, escrito pela própria e relata a sua autobiografia, sendo ela natural de Marvão. Foi a primeira mulher a publicar um livro em Portugal.

Como o livro diz respeito a Marvão e a Portalegre, deverá ser contactada a Câmara Municipal de Portalegre para que a cerimónia de apresentação do livro fosse feita em conjunto”²⁰⁸.

²⁰⁷ Foram nonos-avós maternos de Ruy Ventura uns primos ou parentes de Soror Isabel do Menino Jesus, Matias Fernandes Meira e sua mulher, Maria Morata, segundo uma nota genealógica que o autor nos facultou, sustentada em fontes documentais, que aqui não citamos por economia de espaço. Do que pesquisámos, sabemos que Matias Fernandes Meira foi procurador da irmã de Soror Isabel, Catarina Sanches, quando esta se recolheu no Convento de Santa Clara de Portalegre, vendendo casas em Marvão em seu nome a 15 de Novembro de 1734, o que demonstra a confiança total da recolhida e, provavelmente, um grau de parentesco próximo desta com sua mulher. Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livro de Notas (1733-1734), cx. 2, f. 1.

²⁰⁸ Cf. CMM, Livro de Actas, Acta n.º 8/2013, p. 60.

A mesma acta refere, logo de seguida, que “A Câmara Municipal tomou conhecimento e deliberou por unanimidade concordar com a informação do Senhor Vereador”²⁰⁹. Esta apresentação do manuscrito, ainda que tivesse chegado a ser agendada, tanto quanto sabemos, ainda não se realizou.

²⁰⁹ Cf. *Ibidem*, p. 60.

PARTE II
VIDA

CAPÍTULO I
Os primeiros anos

1. Nascimento e família

Soror Isabel do Menino Jesus escreve na “Vida” que “meu Pay se chamaua Joam Moratto minha may Domingas Rordrigues”²¹⁰; e que nasceu em Marvão, a 3 de Fevereiro de 1673²¹¹. De facto, segundo constatámos no *Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão*, que se conserva no Arquivo Distrital de Portalegre, “Izabel filha legitima de Joaõ Morato e de sua molher Domingas Rodrigues”²¹² foi baptizada na Igreja de São Tiago de Marvão, nove dias depois, a 12 de Fevereiro de 1673, sendo seus pais moradores na freguesia do mesmo título²¹³. Os padrinhos foram o prior da igreja, o Padre Frei Miguel de Brito de Melo, e Catarina Marques, moça donzela, filha de Salvador Rodrigues Sirgado, então já defunto.

Marvão, “a patria onde nasi”²¹⁴, distava uma légua da raia com Castela e duas léguas com a cidade de Portalegre, ao Nordeste; situada no topo da Serra do Sapio, com meia légua de subida, “tendo uma maravilha, que sendo ao subir por todas as partes montuoso, & áspero, he no Cume plano”, segundo descreve o Padre António Carvalho da Costa, em 1708²¹⁵. Não distando muito da portuguesa vila de Castelo de Vide, nem da vila castelhana de Valência de Alcântara, Marvão estava “toda cercada de muros”²¹⁶ e rodeada pelo rio Sever, “cujas agoas fertilizaõ seus campos de paõ, frutas, & hortaliças, com muito gado, & caça”²¹⁷. Tinha neste ano – pouco tempo antes de a autora ter partido dali – uns cento e cinquenta “vizinhos com nobreza divididos em duas Igrejas Parroquiaes, Santa Maria, Vigayraria de Malta, & Santiago, Priorado da mesma Ordem; Casa de Misericordia, Hospital, quatro Hermidas, & fóra hum Convento de

²¹⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Jzabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 1, § 2.

²¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 1-2, § 3.

²¹² Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 88v.

²¹³ Vd. a fotografia n.º 3 do nosso Apêndice 4, “Fotografias”.

²¹⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Jzabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 1, § 1.

²¹⁵ Cf. António Carvalho da Costa, *Corografía Portuguesa, & Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal...*, Lisboa, Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1708, tomo 2, cap. II, p. 574.

²¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, tomo 2, cap. II, p. 574.

²¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, tomo 2, cap. II, p. 574.

Franciscanos”²¹⁸. Este convento tinha “huma imagem milagrosa de Nossa Senhora da Estrella”²¹⁹, que hoje ali se conserva²²⁰. O aspecto actual de Marvão, de resto, não será muito diferente do que tinha naquele tempo²²¹.

A partir dos assentos daquela Igreja de São Tiago e nos da Igreja de Santa Maria, as referidas paróquias desta vila do actual distrito de Portalegre, no Alto Alentejo, pudemos esboçar a genealogia de Soror Isabel do Menino Jesus, bem como, em correspondência com o seu manuscrito, a sua trajectória nas primeiras três décadas²²². Sabemos, assim, que os seus pais casaram nesta última igreja, a 12 de Dezembro de 1668²²³. No assento de casamento não são indicadas as suas filiações, pelo que se torna difícil o conhecimento da sua ascendência. Mas Soror Isabel também refere que os seus pais foram casados por sessenta anos, tendo falecido ambos com oitenta e cinco anos de idade²²⁴. A autora acertou quanto ao tempo em que o pai viveu depois de se casar – de facto, cerca de sessenta anos – e errou por cerca de dois anos em relação à mãe, pois esta morreu antes do marido. Domingas Rodrigues, mulher de João Morato, *o Velho*, morreu na freguesia de São Tiago, no dia 20 de Setembro de 1726, tendo recebido todos os sacramentos e feito o seu testamento; e foi enterrada no Convento de Nossa Senhora da Estrela²²⁵. Infelizmente, não localizámos o seu testamento. O pai, “Joaõ Mouratto o velho”, dito viúvo de Domingas Rodrigues, morreu pouco depois, na mesma freguesia, no dia 24 de Março de 1729, tendo recebido todos os sacramentos, não tendo deixado testamento; e foi enterrado no mesmo convento²²⁶. Ora, Domingas Rodrigues foi casada de 1668 a 1726, ano da sua morte, o que soma cinquenta e oito anos. Consequentemente, a mesma conta corresponde ao seu marido. Portanto, a autora arredondou as seis décadas do casamento dos pais.

No livro de baptismos da Igreja de São Tiago surgem vários *Joões*, mas apenas um deles é filho de um Morato. Trata-se do filho de Manuel Morato e de

²¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, tomo 2, cap. II, p. 574. Vd. as fotografias n.ºs 5 e 6 do nosso Apêndice 4, “Fotografias”.

²¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, tomo 2, cap. II, p. 574.

²²⁰ Vd. a fotografia n.º 7 do nosso Apêndice 4, “Fotografias”.

²²¹ Vd. a fotografia n.º 2 do nosso Apêndice 4, “Fotografias”.

²²² Vd. o nosso Apêndice 3 da presente tese, “Genealogia Abreviada”.

²²³ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1632-1690), f. 33v.

²²⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Jzabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, fs. 1-2, §§ 2-3.

²²⁵ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 227v.

²²⁶ Cf. *Ibidem*, f. 117v.

sua mulher, Isabel Fernandes, moradores na freguesia de São Tiago, baptizado a 9 de Abril de 1643²²⁷. Na vida adulta, este João assumiu o apelido paterno, tornando-se João Morato. É assim referido no assento de óbito dessa mesma Isabel Fernandes, sua mãe, aí dita viúva de Manuel Morato, da qual foi testamenteiro “Joaõ Morato seu filho”²²⁸. Ao analisarmos este assento não nos ficaram dúvidas de que esta fosse a filiação do nosso João Morato, face aos outros *Joões* nascidos nas proximidades do seu baptismo. Teve vários homónimos na vila, mas foi o mais prestigiado dos *Joões Moratos* contemporâneos, cuja assinatura é inconfundível, surgindo nas escrituras de dote de Soror Isabel, sua filha, e em documentos das instituições locais em que assumiu cargos relevantes²²⁹. Nos últimos anos da sua vida, foi conhecido como João Morato, *o Velho*²³⁰. Filho, pois, de Manuel Morato e de sua mulher, Isabel Fernandes, era o sétimo filho deste casal e tinha seis irmãos mais velhos²³¹.

²²⁷ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 119.

²²⁸ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1595-1682), f. 166v.

²²⁹ O pai da autora teve, durante quase toda a sua vida adulta, um homónimo na freguesia de São Tiago, chamado, para se distinguir, João Morato, *o Moço*, ou João Rodrigues Morato. Era mais novo e casado com Domingas Lopes, sendo pai de vários filhos, todos mais novos que Soror Isabel do Menino Jesus. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 214. Havia também outro João Morato, filho de Filipe Fernandes e de sua mulher, Catarina Morata, que casou com Maria de Barros, a 1 de Outubro de 1634. Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1632-1686), f. 4. Mais tarde, houve outro João Morato, filho de Manuel Fernandes da Santa e de sua mulher, Francisca Morata, que casou a 18 de Novembro de 1697 com Maria da Costa, filha de Manuel Álvares Garfinho e de sua mulher, Maria da Costa, naturais de Coimbra. Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 120v.

²³⁰ É o caso do seu próprio assento de óbito, que adiante referiremos. Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 227v.

²³¹ Pelo que pesquisámos, os avós paternos de Soror Isabel do Menino Jesus, Manuel Morato e sua mulher, Isabel Fernandes, tiveram os sete filhos, todos baptizados na Igreja de São Tiago de Marvão, em cuja freguesia moravam: 1) Maria Morata, a 20 de Junho de 1630. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 144v. Morreu na mesma freguesia, sendo “donzella”, a 10 de Agosto de 1667. Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1595-1682), f. 140; 2) Catarina Sanches, que casou com Diogo Rodrigues, natural da cidade de Portalegre, viúvo de Maria Dias, na mesma Igreja de São Tiago, a 28 de Outubro de 1660. Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago (1656-1699), f. s/n.; 3) Isabel Fernandes Morata, a 2 de Setembro de 1633. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 135. Possivelmente é a mesma Isabel Fernandes que morreu antes de 6 de Fevereiro de 1714, data em que o seu testamenteiro João Morato, pai de Soror Isabel do Menino Jesus, vendeu as suas casas da Ranginha. Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, Livros de Notas, cx. 1, liv. 1, f. 98v. Se Isabel é esta testadora, podemos afirmar que casou com Manuel Viegas e supor que o casal terá ido morar naquele lugar do termo de Marvão. Não conhecemos a data do seu casamento, talvez por não se

Na “Vida”, Soror Isabel do Menino Jesus diz que os seus pais tiveram três filhas, “sendo eu a triseyra que nasi”²³². De facto, as suas irmãs foram Maria Rodrigues Morata, baptizada na Igreja de São Tiago, a 13 de Outubro de 1669²³³; e Catarina Sanches, também chamada Catarina Fernandes²³⁴ e Catarina Morata²³⁵, baptizada na mesma igreja, a 9 de Julho de 1671²³⁶.

Maria Rodrigues Morata casou nesta igreja a 25 de Agosto de 1686²³⁷, com João Viegas Gomes²³⁸, que usou os cognomes *o Moço*²³⁹ e *o Belo*²⁴⁰, que supomos seu parente materno, filho de António Gomes Viegas e de sua mulher, Catarina Fernandes, naturais e moradores na freguesia de Santa Maria de Marvão. O casal foi morar nesta freguesia, onde lhe nasceram quatro filhos, baptizados na Igreja de Santa Maria: Maria Morata, a 28 de Setembro de 1687 (morreu donzela, como veremos adiante)²⁴¹; Catarina, a 2 de Dezembro de 1689 (morreu na infância)²⁴²; João, baptizado a 15 de Março de 1692 (viria a ser religioso, como veremos)²⁴³. O quarto foi Manuel, baptizado a 17 de Abril de 1697, mas na Igreja de São Tiago, o que parece indicar a mudança de morada dos pais (viria também a ser religioso)²⁴⁴.

A outra irmã da autora, Catarina Sanches, casou na Igreja de São Tiago, a 28 de Agosto de 1689, com Bartolomeu Fernandes Morato, que supomos seu

conservar o livro de assentos de casamento da Igreja de São Tiago anterior a 1656; 4) Manuel, a 9 de Dezembro de 1635. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 165v; 5) Francisca, a 13 de Janeiro de 1640. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 206v; 6) Pedro, a 26 de Novembro do mesmo ano de 1640. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 183v. 7) João Morato, que foi pai da autora, a 9 de Abril de 1643.

²³² Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Jzabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, f. 2, § 3.

²³³ Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 70.

²³⁴ Cf. ADP, Tribunal da Comarca de Castelo de Vide, Inventários Obrigatórios, (1679-1982), Inventário Obrigatório (1709), cx. 24.

²³⁵ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 41.

²³⁶ Cf. ADP, Livro dos Baptismo da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 80.

²³⁷ Cf. *Ibidem*, f. 79.

²³⁸ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 87v.

²³⁹ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 214.

²⁴⁰ Cf. *Ibidem*, f. 204v.

²⁴¹ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 24v.

²⁴² Cf. *Ibidem*, f. 26v.

²⁴³ Cf. *Ibidem*, f. 49.

²⁴⁴ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 269v.

parente paterno, filho de Diogo Fernandes Morato e de sua mulher, Maria Bela, naturais e moradores na mesma freguesia²⁴⁵. Aqui morou com seu marido e nasceram-lhes sete filhos, que foram batizados naquela igreja: Maria, a 2 de Julho de 1690 (viria a ser Soror Maria Baptista, como veremos)²⁴⁶; Helena, a 4 de Janeiro de 1693 (morreu na infância)²⁴⁷; Catarina, a 14 de Fevereiro de 1695 (morreu na infância, presumivelmente antes do nascimento da sua irmã homónima)²⁴⁸; Isabel, nascida a 11 de Setembro de 1696 (viria a ser Soror Isabel de São José)²⁴⁹; outra Catarina, batizada a 28 de Setembro de 1698 (viria a ser Soror Catarina Maria da Ressurreição)²⁵⁰; Brites, nascida a 26 de Novembro de 1700 (viria a ser Soror Brites Maria dos Serafins)²⁵¹; e João, nascido a 19 de Novembro de 1702 (viria a ser religioso)²⁵². Uma vez que os sete sobrinhos sobreviventes de Soror Isabel do Menino Jesus não casaram, nem tiveram filhos, optando pela vida religiosa, não houve mais descendentes dos pais da autora.

Por várias fontes, que citaremos adiante, sabemos que os pais de Soror Isabel moravam numas casas da Rua do Espírito Santo, na dita freguesia de São Tiago, nas quais provavelmente a autora nasceu e onde terá morado na infância, na juventude e já na vida adulta²⁵³. Terá chegado a conviver com a sua avó paterna, Isabel Fernandes, uma vez que esta morreu a 13 de Fevereiro de 1679, deixando um testamento, que infelizmente não localizámos. Nomeou o seu filho João Morato testamenteiro, o que pode mesmo sugerir que, nos últimos anos, morou nessas mesmas casas, entregue aos seus cuidados²⁵⁴.

A Rua do Espírito Santo ainda se conserva, com a mesma toponímica, formada por três ou quatro edifícios, dois deles apalaçados, datáveis do século XVI e alterados na centúria seguinte. É atravessada por um passadiço, provavelmente da mesma época. Está situada no centro da vila, entre a Igreja do Espírito Santo, com o seu hospital da Misericórdia anexo; e o largo do pelourinho,

²⁴⁵ Cf. *Ibidem*, f. 90.

²⁴⁶ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 209.

²⁴⁷ Cf. *Ibidem*, f. 233v.

²⁴⁸ Cf. *Ibidem*, f. 249.

²⁴⁹ Cf. *Ibidem*, f. 260v.

²⁵⁰ Cf. *Ibidem*, f. 279.

²⁵¹ Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 8.

²⁵² Cf. *Ibidem*, f. 21v.

²⁵³ Vd. a fotografia n.º 2 do nosso Apêndice 4, “Fotografias”.

²⁵⁴ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1595-1682), f. 166v.

com a cadeia defronte deste, não muito distante da Porta da Vila. A pequena Rua do Espírito Santo era, por isso, uma artéria central da vila, situada em área nobre. Nela moravam, com efeito, várias pessoas nobres, como era o caso de Eugénia Dama, “Dona Veuva, que ficou de Gaspar Mouzinho Barba”, senhora natural de Marvão, que ali fez o seu testamento, já velha e sem filhos, a 20 de Janeiro de 1694²⁵⁵. O defunto marido fora natural de Castelo de Vide e filho de Gaspar de Videira Mouzinho²⁵⁶. Fora cavaleiro da Ordem de Cristo, cujo hábito recebera a 24 de Maio de 1680, por ter exercido o ofício de escrivão dos órfãos da vila de Marvão, por dezasseis anos; e por ter sido seu procurador às Cortes, bem como por ter prestado valorosos serviços de armas ao seu cunhado, o abade João Dama, homem que seria tido na região como herói, por ter defendido Marvão durante a Guerra da Restauração (1640-1668), mantendo um pequeno exército e reparando as muralhas do castelo à sua custa²⁵⁷. Na Rua do Espírito Santo morava também Pedro Fernandes Sotil²⁵⁸, filho de Fernão Pires Sotil e de sua mulher, Maria Serrana, que era cavaleiro do hábito de Cristo²⁵⁹, familiar do Santo Ofício²⁶⁰ e sargento-mor de Marvão²⁶¹. Acompanhara Gaspar Mouzinho Barba às Cortes,

²⁵⁵ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Trespelado do Testamento com que faleceu Eugénia Dama, Dona Viúva que ficou de Gaspar Mouzinho Barba, cx. 9, f. 391.

²⁵⁶ Mais referido como Gaspar de Videira, usara também o nome completo de Gaspar de Videira Mouzinho. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1695-1718), fs. 225 e 228. Segundo o *Armorial Lusitano*, os Mouzinhos descendiam de João Mouzinho, que em 1269 tinha as suas fazendas na Beira, místicas com as de João Lourenço da Cunha, instituidor de um morgadio na Tábua. Os seus descendentes tinham-se expandido para o Alentejo, sendo “o seu grande centro em Castelo de Vide”. Cf. Afonso Eduardo Zúquete (dir. e coord.), *Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica*, Lisboa, Editorial Enciclopédia Lda., 1961, p. 384. De facto, no século XVII havia muitos Mouzinhos nesta vila, como fomos vendo nos assentos paroquiais das suas freguesias urbanas; e pelo menos dois deles moravam em Marvão nessa centúria, Gaspar de Videira Mouzinho e seu filho Gaspar Mouzinho Barba, embora naturais de Castelo de Vide. As armas dos Mouzinhos eram de azul, com banda de prata, carregada com três muletas de vermelho de oito raios, acompanhada de seis estrelas de ouro, de oito raios, postas em orla; o timbre era uma aspa de prata, carregada de uma muleta do escudo.

²⁵⁷ Cf. Possidónio Mateus Laranjo Coelho, *Terras de Odiana. Medobriga. Ammaia. Aramenha. Marvão*, edição revista e anotada por Diamantino Sanches Trindade, Póvoa de Santo Adrião, Câmaras Municipais de Castelo de Vide e Marvão, 1987, p. 384.

²⁵⁸ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1704-1714), Trespelado do testamento com que faleceu Pedro Fernandes Subtil da vila de Marvão, cx. 11.

²⁵⁹ Cf. ANTT, Registo Geral de Mercês, Ordens Militares, liv. 8, f. 228v.

²⁶⁰ Cf. ANTT, TSO, Conselho Geral, Habilitações, Pedro, mç. 5, doc. 173.

²⁶¹ Pedro Fernandes Subtil já era sargento-mor de Marvão a 3 de Dezembro de 1681. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 146.

também como procurador do Concelho²⁶². Casara na Igreja de Santa Maria, a 16 de Abril de 1638, com Isabel da Mota, de quem era primo direito²⁶³; e tinham pelo menos uma filha, Joana Gonçalves Sotil, baptizada a 12 de Março de 1640²⁶⁴, mas já defunta quando o pai testou, a 6 de Janeiro de 1686²⁶⁵. O sargento-mor tinha numerosos bens, em Marvão e seu termo, instituindo uma capela dotada para a celebração de muitos sufrágios e fazendo legados a várias pessoas. Era irmão do Padre João Rodrigues Sotil, abade da Igreja de São João de Pencelo, no termo de Guimarães²⁶⁶. Numa habilitação *de genere* deste clérigo, iniciada a 22 de Agosto de 1686, diz-se que “seus pais e auós asim paternos como maternos são todos pessoas nobres das principais desta uila”²⁶⁷.

Supomos que Manuel Morato, avô paterno de Soror Isabel do Menino Jesus, foi o Manuel filho de Domingos Morato e sua mulher, Brites Fernandes, moradores na freguesia de São Tiago de Marvão, o qual foi baptizado a 1 de Dezembro de 1605, na respectiva Igreja de São Tiago²⁶⁸. Não temos, porém, certeza quanto a esta filiação, porque poderá ter nascido de outro casal, hoje difícil de identificar, uma vez que nem todos os Moratos usavam o apelido, limitando-se aos patronímicos. Manuel Morato poderá, assim, ter tomado o seu apelido, não do seu pai ou da sua mãe, mas de avô, avó, ou mesmo bisavô ou bisavó. Na época do seu nascimento, que devemos supor em meados do século XVI, havia vários Moratos naquela freguesia, da qual se conserva o mais antigo livro de baptismos da vila. Por esta fonte, que se encontra mutilada em alguns fólios, sabemos que havia, por exemplo, uma Beatriz Morata, casada com um Martim Gonçalves, cujo filho Manuel foi baptizado a 2 de Junho de 1566; e uma outra Beatriz Morata, esta solteira e filha de Cristóvão Morato, que foi madrinha num baptizado a 9 de Junho

²⁶² Cf. Possidónio Mateus Laranjo Coelho, *Terras de Odiana. Medobriga. Ammaia. Aramenha. Marvão, op. cit.*, p. 385.

²⁶³ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1632-1686), f. 10.

²⁶⁴ Cf. ADP, Livro de Baptismo da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 193v.

²⁶⁵ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados, Treslado do testamento com que faleceu Pedro Fernandes Subtil da vila de Marvão, cx. 11.

²⁶⁶ O Padre João Rodrigues Sotil, “abade”, faleceu na freguesia de São Tiago de Marvão, a 7 de Maio de 1691, sendo sepultado na respectiva igreja. Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 29v.

²⁶⁷ Cf. *Ibidem*, f. 29v.

²⁶⁸ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1555-1604), f. s/n.

do mesmo ano²⁶⁹. Aquele casal teve também outro filho, Sebastião, batizado a 30 de Janeiro de 1569²⁷⁰. A 7 de Novembro de 1569, foi batizada Maria, filha de um Fernão Morato e sua mulher, Isabel Rodrigues²⁷¹; e a 4 de Novembro de 1571 foi batizado Manuel, filho mesmo casal²⁷². Também havia, a 10 de Setembro de 1570, uma Francisca Morata, que foi madrinha num batizado²⁷³. Fora da vila, nos lugares do seu termo, viviam outros Moratos: no Monte dos Aires²⁷⁴, no Monte da Asseiceira²⁷⁵, no Monte dos Galegos²⁷⁶, na Bica²⁷⁷, na Pitaranha²⁷⁸, etc., que supomos parentes uns dos outros.

Segundo Possidónio Mateus Laranjo Coelho, o primeiro Morato em Portugal foi Gonçalo Morato, meirinho-mor de Leão em 1420, fidalgo do tempo de D. João II de Castela, data em que se fixou em território lusitano²⁷⁹. Miguel Gonçalves Morato, seu filho, serviu D. Afonso V de Portugal e D. Joana I, sua segunda mulher e sobrinha, na Guerra da Sucessão de Castela (1475-1479), travada por estes monarcas contra os Reis da Sicília, D. Fernando e D. Isabel, os futuros *Reis Católicos*, cujo confronto mais importante foi a Batalha de Toro, a 1 de Março de 1476²⁸⁰. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, no seu *Nobiliário das Famílias de Portugal*, diz que os Moratos da região de Portalegre descendiam desse Miguel Gonçalves Morato²⁸¹. Fora seu filho Gonçalo Martins Morato, cuja filha, D. Maria Morata, se casara em Portalegre com Gaspar Fernandes Barradas, o que Laranjo Coelho completa dizendo que este Barradas tinha o cognome *Muito Pão* e era irmão de Álvaro Fernandes Barradas, alcaide-mor de Portalegre²⁸².

²⁶⁹ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1555-1604), f. s/d.

²⁷⁰ Cf. *Ibidem*, f. 32.

²⁷¹ Cf. *Ibidem*, f. 36.

²⁷² Cf. *Ibidem*, f. 41.

²⁷³ Cf. *Ibidem*, f. 39v.

²⁷⁴ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 172v.

²⁷⁵ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 76.

²⁷⁶ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 68.

²⁷⁷ Cf. *Ibidem*, f. 58.

²⁷⁸ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago (1682-1769), f. 61.

²⁷⁹ Vd. Possidónio Mateus Laranjo Coelho, “Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide”, in *O Instituto. Jornal científico e litterario*, sem lugar, 1954, vol. CXVI, pp. 378-463.

²⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 422.

²⁸¹ Cf. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, *Nobiliário das Famílias de Portugal*, vol. II, Braga, Carvalhos de Basto, 1989, p. 415.

²⁸² Cf. Possidónio Mateus Laranjo Coelho, “Três médicos cientistas...”, *op. cit.*, p. 422.

Aquele Gonçalo Martins Morato fora escudeiro fidalgo e cavaleiro da guarda de D. Manuel I, por alvará de 12 de Janeiro de 1519, e morara em Castelo de Vide, onde tivera outros filhos, além da referida D. Maria Morata, nomeadamente João Morato, que, por sua vez, deixara vários filhos: Gonçalo Morato, que servira na Índia, onde fora capitão e depois general em Ceilão; outro João Morato, que, não tendo filhos, deixara a sua fortuna à Misericórdia de Castelo de Vide; e Inês Álvares Morata, que casara com Pedro Afonso das Neves.

Deste casal nascera outro João Morato, que fora mercador, e que casara com Maria Calada, ditos “pessoas nobres da vila, de boa vida e costumes”²⁸³. Estes tinham sido pais do célebre médico Francisco Morato Roma, nascido em Castelo de Vide, a 3 ou 4 de Outubro de 1588; de Frei Gonçalo Fernandes Roma, vigário da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Alpalhão; e de João Morato Roma, que casara com Maria Vaz, sendo estes pais de Gonçalo Morato Roma, que casara no Rio de Janeiro com Ana de Sampaio, deixando descendência no Brasil. Formara-se aquele médico em filosofia na Universidade de Évora, licenciando-se depois em medicina em Coimbra. Exercendo na sua terra natal e noutras localidades do Alto Alentejo, tornara-se famoso e fora nomeado médico de D. Teodósio II, VII Duque de Bragança, em 1619. O Rei D. João IV, antes VIII Duque de Bragança, confirmara-lhe o cargo em 1640, tornando-o médico da Real Câmara pouco depois. Uma das curas que mais o prestigiara fora a do próprio monarca, relatada na sua obra impressa *Observaçam do achaque, que Sua Real Magestade teve em Salvaterra...* Publicara outras, como *Luz da Medicina...*, com sucessivas edições, de 1664 a 1753. O monarca agraciara-o com um alvará de cavaleiro da Ordem de Cristo²⁸⁴. Fora também familiar do Santo Ofício, desde 25 de Fevereiro de 1642²⁸⁵. De um dos seus três casamentos nascera outro João Morato Roma, também cavaleiro do mesmo hábito, escrivão da Mesa Grande da Alfândega de Lisboa e aio da Infanta D. Catarina, a quem acompanhara a Inglaterra como seu guarda-jóias, quando a princesa casara com Carlos II. Também fora sua filha D. Maria Calada Roma, açafata da Rainha D. Luísa e do Príncipe D. Teodósio, quando este era pequeno. O prestigiado médico morrera a

²⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 407.

²⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 415.

²⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 409.

11 de Janeiro de 1670 – três anos antes do nascimento de Soror Isabel –, sendo sepultado na referida igreja de Alpalhão, onde se conserva a a sua campa²⁸⁶.

Segundo Felgueiras Gayo, os Moratos tinham as suas armas de prata, com uma faixa de vermelho, acompanhada de dois dragões de verde armados e lampassados de vermelho, um em chefe e o outro em ponta, sendo que o timbre era um dragão do escudo, sainte²⁸⁷. Esta seria, pois, a linhagem nobre do avô paterno da autora, embora não saibamos que parentescos exactos o uniam a estas pessoas. Quanto à avó paterna, Isabel Fernandes, teria também ascendência nobre, porque os casamentos se faziam geralmente entre pessoas de condição igual, mas, uma vez que não se conservam os livros de casamentos da Igreja de São Tiago anteriores a 1656, não conhecemos a data do seu casamento com Manuel Morato, perdendo, assim, notícias sobre a sua filiação ou parentela. Este casamento poderá ter sido celebrado na segunda metade de 1629, pois no ano seguinte tiveram o seu primeiro filho, Maria Morata, baptizada nessa igreja, a 20 de Junho de 1630²⁸⁸.

Quanto à mãe da autora, Domingas Rodrigues, ao que parece, não teve contemporâneas homónimas. Seria moradora na freguesia de Santa Maria à data do casamento com João Morato, uma vez que, habitualmente, as mulheres casavam na igreja da sua freguesia de nascimento. Supomos que foi a Domingas baptizada na Igreja de Santa Maria, a 17 de Junho de 1638, filha de Afonso Martins e de sua mulher Guiomar Lopes²⁸⁹. Não foi ali baptizada nenhuma outra criança com este nome por aqueles anos. Se esta Domingas foi a mãe da autora, vemos que morreu com oitenta e oito anos incompletos, e não com oitenta e cinco, como informa Soror Isabel na “Vida”, que terá arredondado o número.

Em vários assentos paroquiais, o patronímico Martins anda associado ao apelido Viegas, por exemplo no caso de um João Martins Viegas, que assinou alguns assentos de casamento como testemunha na Igreja de São Tiago: “Joaõ Martins Viegas”²⁹⁰. Supomos, assim, que a mãe da autora era da família dos Viegas, a qual teria boa condição, presente em Marvão no século XVI, havendo um Padre Afonso Viegas que era cura da Igreja de São Tiago a 19 de Abril de

²⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 412.

²⁸⁷ Cf. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, *Nobiliário das Famílias de Portugal*, vol. II, *op. cit.*, p. 415.

²⁸⁸ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 144v.

²⁸⁹ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1590-1684), f. 54/132.

²⁹⁰ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 10v.

1568²⁹¹. Há também notícias de um Manuel Afonso Viegas, que morreu na freguesia de São Tiago, a 10 de Agosto de 1660, sendo enterrado na respectiva igreja, deixando por seu testamenteiro o Dr. Miguel Rodrigues Viegas, seu neto²⁹². Tal como o pai de Domingas Rodrigues, esse Viegas, que tinha um neto com tal título, teve o mesmo nome próprio, Afonso, pouco comum em Marvão; e usou o patronímico Rodrigues, o mesmo que Domingas usou. É também de notar que o padrinho de baptismo da mãe da autora foi Francisco Martins Viegas, o qual usava o mesmo patronímico de Afonso Martins, pai de Domingas Rodrigues. Este compadrio parece indiciar um parentesco chegado entre o pai e o padrinho, manifestado também pelo uso comum do patronímico Martins. Na já referida habilitação *de genere* do Padre João Rodrigues Sotil, iniciada a 22 de Agosto de 1686, este Francisco Martins Viegas foi uma das testemunhas inquiridas e é dito “natural e morador desta uilla de Marvão homem que uiue de sua fazenda”²⁹³. Também havia, por essa época, um Padre João Viegas, cura da Igreja de São Tiago, pelos anos 90 do século XVII, que assinou numerosos assentos²⁹⁴. Afonso Martins, presumível avô materno da autora, morreu a 4 de Agosto de 1647, com todos os sacramentos e sem testamento; e foi sepultado na Igreja de Santa Maria²⁹⁵. É possível que também tivesse ascendência nobre, pois Soror Isabel diz, de facto, que seus pais eram “jguais na gerassam”²⁹⁶.

2. Condição social

Ainda quanto à ascendência de João Morato, pai de Soror Isabel do Menino Jesus, digamos, porém, que, em meados do século XVII, já nem todos os Moratos de Marvão conservavam a antiga nobreza, se é que todos eram descendentes do mesmo Gonçalo Morato, meirinho-mor do reino de Leão. Gerações adiante, naquela centúria, alguns tinham ofícios mecânicos, ou eram

²⁹¹ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1555-1604), f. 29.

²⁹² Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1595-1682), f. 118.

²⁹³ Cf. ADB, Habilitação *de genere* de João Rodrigues Sotil, f. [11v].

²⁹⁴ Vd. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago (1656-1764), f. 90v, entre outros.

²⁹⁵ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1590-1684), f. 14v.

²⁹⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, f. 1, § 2.

casados com quem os tinha: serralheiro²⁹⁷, barbeiro²⁹⁸, sapateiro²⁹⁹, tecelão³⁰⁰, etc. O mesmo verificámos em relação às profissões de alguns homens que convidavam para apadrinhar os seus filhos ou para testemunhar os seus casamentos: alfaiate³⁰¹; estalajadeiro³⁰²; carpinteiro³⁰³, etc. Quanto aos pais da autora, embora não fossem fidalgos, tinham a sua “caza e fazenda”³⁰⁴. Esta boa condição pode ser indiciada pela documentação, em cinco aspectos, que passamos a mencionar.

Em primeiro lugar porque João Morato e sua mulher relacionavam-se bem com a nobreza local, estabelecendo bons compadrios, por exemplo com o sargento-mor Pedro Fernandes Sotil, seu vizinho, que era padrinho de baptismo da sua filha Catarina Sanches, irmã de Soror Isabel³⁰⁵. Outro exemplo: no casamento desta mesma Catarina Sanches, foram testemunhas Baptista Pereira de Parada, governador da praça de Marvão, e Sebastião Fragoso da Costa³⁰⁶. Trata-se de dois fidalgos. O primeiro, filho de uma ilustre família do Sardeal, na Beira, os Paradas, que se tinham expandido para Marvão por casamento, era morgado herdeiro de um seu primo, o escritor Leonel de Parada Tavares, que fora irmão do general Paulo de Parada, governador proprietário de Barcelona³⁰⁷. Quanto a Sebastião Fragoso da Costa, era o tabelião da vila³⁰⁸; filho de Francisco da Costa Fragoso e de sua primeira mulher, Filipa Tavares, fidalgos da cidade de Portalegre. Casara em Marvão com Guiomar Vicente Pereira, filha de Inocência de Videira Vassalo e

²⁹⁷ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 26v.

²⁹⁸ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 59.

²⁹⁹ Cf. *Ibidem*, f. 233.

³⁰⁰ Um “Pedro Mourato tecelão” testemunhou num testamento, a 16 de Agosto de 1627. Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1716-1718), Testamento de Maria Mouzinho mulher donzela, cx. 14, f. 491.

³⁰¹ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 21.

³⁰² Cf. *Ibidem*, f. 19v.

³⁰³ Um Manuel Lopes, carpinteiro, foi testemunha do casamento de Pedro Fernandes Morato com Maria Nunes, celebrado na Igreja de São Tiago de Marvão, a 11 de Setembro de 1658. Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. s/n.

³⁰⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 8, § 7.

³⁰⁵ Cf. ADP, Livro dos Baptismo da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 80.

³⁰⁶ Cf. *Ibidem*, f. 90.

³⁰⁷ Cf. Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Chronologica. Na qual se comprehende a Noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que Computzeraõ desde o Tempo da Ley da Graça, até o Tempo Presente*, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1758, tomo III, f. 10.

³⁰⁸ Cf. ANTT, Registo Geral de Mercês, Chancelaria de D. Afonso VI, liv.19, f. 352v.

de sua mulher, Francisca Dias Pereira³⁰⁹. Também alguns padrinhos dos netos dos pais da autora, ou todos, eram nobres, designadamente os da sua neta Maria Morata: Fernão da Mota Mouzinho e sua sobrinha, D. Clara Mouzinha de Parada³¹⁰. Esta madrinha era filha do dito governador Baptista Pereira de Parada, e de sua mulher, D. Isabel Mouzinha³¹¹. Quanto a Fernão da Mota Mouzinho foi ainda padrinho de outra sobrinha da autora, Maria³¹². Era sargento-mor de Marvão à data do baptizado, familiar do Santo Ofício³¹³ e escrivão da Câmara, por aqueles anos³¹⁴. Outra neta, Helena, foi apadrinhada pelo juiz de fora de Marvão, o Dr. Lourenço Bernardes³¹⁵; e Brites, também neta, foi apadrinhada por Manuel da Costa Juzarte e Vasconcelos e por sua filha, D. Violante Francisca Juzarte da Costa e Vasconcelos³¹⁶. Este último padrinho era tabelião do público, judicial e notas de Marvão³¹⁷. Fidalgo natural da freguesia de Alter do Chão, casara em Marvão com uma prima direita, D. Leonor Metela de Monroy, então moradora na freguesia de São Tiago desta vila, filha do seu tio paterno Francisco da Costa Fragoso e da sua segunda mulher, Isabel de Videira (irmã da mencionada Guiomar Vicente Pereira), fidalgos já defuntos, que tinham morado em Portalegre, na freguesia de São Martinho³¹⁸. Em Marvão ainda se conservam as casas apalaçadas destes Juzartes, ascendentes dos Condes de Peniche, com as suas armas na fachada.

Em segundo lugar, porque João Morato e sua mulher, os pais da autora, eram proprietários de vários bens de raiz, urbanos e rurais, em Marvão e seu termo. Na freguesia de São Tiago, tinham as suas casas de morada na Rua do Espírito Santo, onde os prédios, que se conservam, tinham amplas fachadas e mais

³⁰⁹ Cf. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre*, anotado, corrigido e actualizado por Nuno Borrego e Gonçalo de Mello Guimarães, Lisboa, Edições Inapa, 2002, p. 281.

³¹⁰ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 24v.

³¹¹ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. s/n.

³¹² Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 209.

³¹³ Cf. ANTT, TSO, Conselho Geral, Habilitações, António, mç. 34, doc. 851, f. 15.

³¹⁴ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 159v.

³¹⁵ Cf. *Ibidem*, f. 233v.

³¹⁶ Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 8.

³¹⁷ Cf. ANTT, Registo Geral de Mercês de D. Pedro II, liv. 10, f. 426.

³¹⁸ Cf. Brito, *op. cit.*, pp. 349-450. Cf. ADP, Livro dos Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 16.

de dois andares, sendo pelo menos um deles em estilo apalaçado. Possuíam também outras casas na mesma freguesia, situadas na Rua da Corredoura, dando para a Rua do Concelho, que venderam pelo preço de 15. 000 réis, a 26 de Fevereiro de 1695, como se comprova pela escritura feita na Rua do Espírito Santo, “em cazas de morada de João Morato”³¹⁹. A Rua da Corredoura ainda se conserva, junto à muralha, partindo da Porta da Vila. Quanto às restantes propriedades, embora desconheçamos a sua totalidade, sabemos, pelo menos, de algumas que foram vendendo ao longo dos anos. A 7 de Fevereiro de 1710, por exemplo, venderam ao moleiro Manuel Vaz Ramilo e sua mulher, Maria Gonçalves, moradores em Castelo de Vide, um souto e outras culturas adjuntas, que possuíam no Sítio da Ribeira, por cima do Pomar do Sobreiro, no termo de Marvão. Este documento foi redigido e assinado também “na Rua do Espírito Santo em cazas de morada em que vive João Morato”³²⁰, sendo a venda de 2. 500 réis. Conhecemos também outra escritura, feita na mesma morada, na qual Manuel Fernandes e sua mulher, Isabel Dias, moradores em Castelo de Vide, lhes compraram, bem como a sua filha Catarina Sanches, já viúva, “huma tapada de samear pão com tudo o mais que lhe pertense”³²¹, situada na Fonte Branca, por 30. 000 réis, a 14 de Dezembro de 1714. Teriam, pois, uma lavoura, produzindo trigo e castanha.

Em terceiro lugar porque João Morato e sua mulher tinham certo poder económico, ao ponto de fazer empréstimos a juro, como dá conta o instrumento de dote remuneratório que fizeram a Isabel Fernandes, sua filha, a autora³²². O dote, no valor de 400. 000 réis, foi constituído a 10 de Junho de 1698, nas suas casas da Rua do Espírito Santo, mas a quantia não era dada de imediato à dotada. Os pais dotavam-na com os empréstimos a juro que tinham feito a diferentes pessoas, cuja cobrança passava automaticamente a constituir um direito da dotada. Tinham os dotadores emprestados à razão de juro 120. 000 réis a Domingos Rodrigues Fazendas e a sua mulher; outros 120. 000 réis a João, *o Pinto*, e a sua mulher; 60. 000 réis a Francisco Gonçalves Mergulhão e a sua mulher; 50. 000 réis a Manuel Morato e a sua mulher; e outros 50. 000 réis a Afonso Alho, genro de Gaspar

³¹⁹ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 1, f. 107v-108

³²⁰ Cf. *Ibidem*, fs. 29v-31v.

³²¹ Cf. *Ibidem*, f. 92.

³²² Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 2, fs. 116-118.

Fernandes Gamboa, e a sua mulher, “cujas quantias fazem a soma dos ditos quatro centos mil reis que asim lhes dotao em uida delles dotadores Para que ella dita Dotada sem embargo de estar auida debaxo do seu pátrio poder faça delles o que lhes bem paresser”³²³. Infelizmente não se conservam os livros dos tabeliães de Marvão anteriores a 1692, pelo que não é possível saber se os dotes das suas filhas mais velhas foram constituídos da mesma forma. Naquele instrumento de dote remuneratório da autora faz-se referência aos dotes das irmãs, já casadas: “sem que nenhuma das outras suas filhas que ia estao Dotadas possam hauer couza alguma dos ditos Rendimentos”³²⁴.

Em quarto lugar, porque o pai da autora era militar. Com efeito, é dito capitão em duas escrituras de compra e venda, não havendo dúvidas de que se trata dele mesmo e não de um dos seus homónimos, já que, nessa documentação, é também declarado o nome de sua mulher, Domingas Rodrigues. Assim é referido numa escritura de 6 de Fevereiro de 1714, sobre a venda de umas casas na Ranginha, termo de Marvão, que tinham sido propriedade de Isabel Fernandes Morata, que supomos sua irmã, viúva de Martinho Viegas, de quem era testamenteiro. Curiosamente, soubemos que neste lugar da Ranginha, que pertence agora à freguesia de Santo António das Areias, ainda hoje há vários Moratos. A escritura foi lavrada “na Rua do espirito santo della em cazas de morada do Capitam Joam Moratto”³²⁵. O pai da autora seria, possivelmente capitão de ordenanças, as quais constituíam o escalão territorial das forças militares desde o século XVI e, depois da Guerra da Restauração, eram uma terceira linha do exército, a qual complementava a segunda, composta pelas tropas auxiliares, ou milícias, sendo a primeira linha de militares assalariados. Os oficiais de ordenanças eram nomeados pelas câmaras e exerciam grande influência local³²⁶.

Por fim, em quinto lugar, porque o capitão João Morato parece, de facto, ter sido um homem bem relacionado com a elite da vila, ou mesmo dela integrante, porque foi irmão da mesa da Misericórdia de Marvão e provedor da

³²³ Cf. *Ibidem*, f. 117.

³²⁴ Cf. *Ibidem*, f. 117.

³²⁵ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 1, f. 98v.

³²⁶ Vd. Jorge Penim de Freitas, *O Combatente durante a Guerra da Restauração. Vivência e comportamentos dos militares ao serviço da Coroa portuguesa*, Lisboa, Prefácio, 2007.

fazenda de Manuel Carrilho³²⁷, uma capela com avultados bens, administrados pela instituição³²⁸, eleito a 12 de Julho de 1699³²⁹. Também eram da mesa alguns familiares próximos, como o seu parente Pedro Morato, dito “genro do Sirgado”, eleito irmão da mesa a 2 de Julho de 1697 e também provedor daquela fazenda³³⁰; era irmão de Bartolomeu Fernandes Morato, cunhado de Soror Isabel³³¹. Na mesma eleição foi eleito irmão um outro parente, Sebastião Morato³³². Também João Viegas, *o Velho*, o outro cunhado da autora, foi eleito irmão e depois tesoureiro, em 1700³³³. António Gomes Viegas, *o Velho*, pai deste, já fora eleito irmão da mesa em 1698³³⁴, sendo então escrivão o Padre Manuel Pires Morato³³⁵. Bartolomeu Fernandes Morato voltou a ser eleito irmão em 1701³³⁶.

As notícias que até agora aportámos sobre a ascendência e contexto sócio-familiar da autora levam-nos à suposição de que não nasceu nobre, ainda que pudesse ter antepassados nobres. Mas os seus pais viviam bem e em sua casa teriam também criados e/ou escravos, porque a própria autora os refere vagamente, quando diz que “numca mandei seruir que nam fose insinando com a obra”³³⁷; ou quando diz que governava a “caza e fazenda de meus Pais”³³⁸. As numerosas referências agrárias na sua escrita, como veremos, parecem indiciar que esses serviços, que realizava e mandava realizar a outros, eram trabalhos de

³²⁷ Cf. *Idem, ibidem*.

³²⁸ Cf. AHM, ASCMM, Testamento e Tombo dos Bens de Manoel Carrilho, doc. 14.

³²⁹ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 183v.

³³⁰ Cf. AHM, ASCMM, Acórdãos e Termos de Eleições da Mesas Administrativas, cx. 1, liv. 1, f. 123.

³³¹ Pedro Morato casara com Maria Rodrigues, filha André Gonçalves Ramilo de sua mulher, Isabel Rodrigues, moradores na freguesia de São Tiago, a 12 de Janeiro de 1682, sendo testemunhas João Morato, pai de Soror Isabel do Menino Jesus; e Manuel Pires Morato. Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 64v. Já viúvo, casara com Isabel Pires Sirgada, filha de Manuel Pires Sirgado e de sua mulher, Joana Gonçalves, moradores na freguesia de São Tiago, a 3 de Outubro de 1695, motivo pelo qual é dito, naquele documento “genro do Sirgado”. Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 114v.

³³² Cf. AHM, ASCMM, Acórdãos e Termos de Eleições da Mesas Administrativas, cx. 1, liv. 1, fs. 124v et seq.

³³³ Cf. *Ibidem*, fs. 126 et seq.

³³⁴ Cf. *Ibidem*, fs. 120 et seq.

³³⁵ Cf. *Ibidem*, fs. 120 et seq.

³³⁶ Cf. *Ibidem*, fs. 130 et seq.

³³⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Jzabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, f. 8, § 7.

³³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, f. 8, § 7.

lavroua, ou tarefas domésticas próprias de uma casa de lavradores. Porém, mesmo sendo lavradores, os seus pais não deixariam de estar entre os principais na vila, porque eram proprietários de terras e não faziam nelas trabalho braçal – o pai era, aliás, militar –, isto é, teriam pessoal a agricultá-las, sob as suas ordens. Algo conservaram, pois, da sua suposta ascendência nobre. Segundo António Villas Boas e Sampayo, os “lavradores que cultivam as suas herdades próprias não perdem por isso a nobreza”³³⁹, acrescentando que está “capaz o Lavrador que cultiva, e lavra as suas terras, de todas as honras, e dignidades, que que chegaram seus merecimentos, ainda que não tenha nobreza herdada”³⁴⁰. Este autor recorda ainda que os lavradores dessa época constituíam “hum estado distinto dos plebeos, que chamamos do meyo, e gozão de uma quasi nobreza, para certas izenções”³⁴¹.

Terá sido, pois, numa família do dito estado do meio que Soror Isabel nasceu, levando uma vida secular necessariamente pautada por esta condição.

3. Possível ascendência cristã-nova

Soror Isabel do Menino Jesus afirma que eram “Meus Pais cristãos e muito tementes A Deus de sangue limpisimo”³⁴², referindo-se logo de seguida às suas intensas devoções católicas: o pai era devotíssimo de Nossa Senhora e em sua honra jejuava todos os sábados; tendo sido professo da Ordem Terceira de São Francisco. Também aplicava disciplinas e usava cilício na Quaresma, jejuando desde a quinta-feira santa até ao sábado de Aleluia³⁴³. Da mãe, diz ter sido devotíssima das chagas de Cristo e de Nossa Senhora do Rosário; tendo sido também professa da Ordem Terceira³⁴⁴. Recorda que “ouuia missa todos os dias frequentava os sacramentos”³⁴⁵.

³³⁹ Cf. António de Villas Boas e Sampayo, *Nobiliarchia Portugueza. Tratado de Nobreza Hereditaria e Politica*, Lisboa, Oficina de Filipe de Sousa Vilela, 1728, pp. 181-182.

³⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 181-182.

³⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 181-182.

³⁴² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 1, § 2.

³⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 1-2, § 2.

³⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 2, § 3.

³⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 2, § 3.

Apesar disto, é possível que os pais tivessem ascendência judaica mais ou menos conhecida, estando a autora consciente de que tal não era abonatório da sua condição de mística. De facto, na sua escrita é de notar que há vários elementos do Antigo Testamento, explícitos e implícitos, que mais adiante mencionaremos. Embora faça também referências ao Novo Testamento, aquelas outras referências fizeram-nos suspeitar de que, na verdade, poderia ser descendente – talvez tetraneta ou quinta-neta – de sefarditas, cujas tradições orais, modo de vida, etc., talvez já muito decantados de geração em geração, vieram cair nos seus pais e nela própria, nascida e criada em Marvão, terra muito caldeada de judaísmo ainda antes de 1492, ano do édito de expulsão dos judeus dos reinos dos *Reis Católicos*, data em que a presença judaica ali aumentou consideravelmente, estimando-se que estiveram acampadas em Marvão entre 4. 000 e 5. 000 famílias sefarditas deslocadas, que depois começaram a organizar-se e a estabelecer-se na região³⁴⁶. Entraram pela Ponte de Marvão, o que, crê-se ainda hoje na região, terá dado origem ao topónimo de Portagem, aldeia da freguesia de São Salvador de Aramenha, no actual concelho de Marvão. Em Castelo de Vide já existia uma comuna judaica antes da expulsão, à qual se juntaram as famílias expulsas, acolhidas por D. João II, a troco de oito ducados de ouro. Mesmo depois da expulsão de Portugal, ordenada em 1496 por D. Manuel, várias continuaram na região, convertidas ao cristianismo, outras foram para Castela, onde ficaram por algum tempo, regressando às suas terras portuguesas já cristãs. Algumas, apesar da conversão forçada pelas circunstâncias, continuaram a conservar a religião mosaica, mas em segredo. Foram um dos alvos da Inquisição pelos séculos seguintes, mas muitos terão conseguido ocultar-se³⁴⁷. Muitos partiram para diferentes partes do mundo, designadamente para o Oriente³⁴⁸.

A hipótese de a autora ter ascendência sefardita relativamente próxima não nos parece descabida, pelo facto de haver então alguns processos inquisitoriais de indivíduos que usavam o apelido do seu pai, Morato. Na Inquisição de Évora havia processos de pessoas denunciadas pelo crime de judaísmo com apelido

³⁴⁶ Cf. Maria José Pimenta Ferro Tavares, “Judeus e Cristãos Novos, no Distrito de Portalegre”, in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, n.º 3 (Nova Série), Portalegre, 1989, p. 45.

³⁴⁷ Vd. Isabel Drumond Braga, “Judeus e Cristãos-novos: os que Chegam e os que Partem”, in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n.º 5, Lisboa, 2005, pp. 9-27.

³⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 14-27.

Morato ou Morata, ou filhos de Morato ou Morata, e outras casadas com Morato ou Morata: na vizinha Portalegre³⁴⁹, no Crato³⁵⁰, em Arraiolos³⁵¹, em Montemor-o-Novo³⁵², no Vimioso³⁵³ e em Évora³⁵⁴. Não encontramos processos relativos a Moratos de Marvão, mas há pelo menos três processos marvanenses na época da autora, o que parece comprovar a presença de descendentes de judeus na vila³⁵⁵.

Dos processos relativos a Moratos, veja-se, em especial, o do estudante Francisco Morato, filho do boticário Rodrigo Tristão e de sua mulher, Violante Gomes, moradores na vizinha Castelo de Vide, sentenciado em auto da fé em 1666³⁵⁶. Depois de lhe ser retirado o hábito penitencial, mudou-se para Marvão, onde exerceu a profissão de médico, sendo conhecido como Dr. Francisco Tristão Morato, nome que surge nos assentos paroquiais. Foi, portanto, contemporâneo da autora. Soror Isabel era de tenra idade em 1678, data em que o médico judaizante, ainda morador em Castelo de Vide, tinha já uma ligação a Marvão, ali surgindo como padrinho num baptismo³⁵⁷. O mesmo ocorreria com o pai da autora, que é dito “Joaõ Mouratto de Marvaõ” num assento de baptismo da Igreja de Santa Maria da Devesa, naquela vila, como padrinho de uma criança da família dos Xaras³⁵⁸. A sua ligação a Castelo de Vide está também patente na venda de várias propriedades a pessoas que ali moravam. O médico e o pai de Soror Isabel, que tinham o mesmo apelido, bem poderiam ser parentes. Na verdade, os Moratos da região seriam ramos da mesma parentela, embora moradores em povoações diferentes. Alguns ramos terão atingido a vizinha Beira. E, assim, há processos da Inquisição relativos a Moratos moradores em Castelo Branco, denunciados por judaísmo³⁵⁹.

O apelido Morato poderá mesmo ser de origem judaica, porque derivado de *mar*, palavra aramaica, que em hebraico se pronuncia *mor* – *Morato*. Segundo

³⁴⁹ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 4821; e proc. 6747.

³⁵⁰ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 9338.

³⁵¹ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 2990; e proc. 6812.

³⁵² Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 962 e proc. 3399.

³⁵³ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 6626.

³⁵⁴ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 4959.

³⁵⁵ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 2048; proc. 1313; e proc. 1882.

³⁵⁶ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 9573.

³⁵⁷ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1653-1699), f. 124v.

³⁵⁸ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria da Devesa de Castelo de Vide (1688-1695), f. 94v.

³⁵⁹ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1957; proc. 9331; e proc. 6199, entre outros.

José Maria Abecassis, na sua *Genealogia Hebraica...*, o vocábulo *mar* equivale a mestre, ou chefe, e corresponde a um título honorífico usado pelos doutores do Talmude e pelos *gaonim* das escolas rabínicas de Sura e de Pumbanita, do século VIII ao século XI. Foi título também concedido às sumidades rabínicas da Idade Média e, mais tarde, tornar-se-ia equivalente ao título de senhor, como o é actualmente³⁶⁰. Uma das linhagens judias que usavam este título como apelido era a dos Mor-Yusef, Morjosef, ou Mor-Joseph, hoje Mor-José, descendente de um sábio, ou *rabi*, como seria o caso, supomos, dos Moratos, que no início século XV já usavam este apelido, em Leão, Castela e Portugal. Nas primeiras décadas do século XVII, na ilha de Maiorca, havia também uns cristãos-novos que usavam o apelido Morató, possível versão catalã de Morato³⁶¹. Em Portugal o apelido Morato passou a ter também a versão de Mourato, certamente por corruptela.

Os ascendentes de Soror Isabel do Menino Jesus poderão, pois, ter sido cristãos-novos de Marvão, de Castelo de Vide, de Portalegre, etc., oriundos de Leão, onde, nas primeiras décadas do século XV, teriam sido prestigiados judeus do tempo de D. João II de Castela, cujo reinado teve períodos de perseguição aos seguidores da lei mosaica, o que poderá ter motivado a vinda de Gonçalo Morato, meirinho-mor de Leão, para Portugal umas décadas antes da expulsão, decretada três reinados adiante, pelos *Reis Católicos*³⁶². Este acontecimento poderá ter determinado a chegada de mais Moratos a Portugal, reunindo-se aos seus parentes portugueses. Quando a autora nasceu, passavam apenas uns cento e cinquenta anos sobre a chegada desse primeiro Morato. Os seus descendentes ainda se recordariam de ouvir contar aos seus pais e avós que a sua origem era estrangeira e, se estamos certos na nossa suposição, que os seus antepassados, tanto em Castela, como em Portugal, tinham sido depois forçados a tornar-se cristãos, já no final daquela centúria, um tempo de acontecimentos profundamente traumáticos para os sefarditas, que se viram obrigados a abandonar as suas terras, perdendo os seus bens, honras, etc. Tanto quanto sabemos, nasceu e viveu sempre como cristã, não se depreendendo da sua escrita, nem de outras fontes, que tenha praticado a

³⁶⁰ Cf. José Maria Abecassis, *Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar. Sécs. XVII a XX*, Lisboa, Gabay-Serfaty, 1991, vol. III, p. 453.

³⁶¹ Cf. Josep Llobel Frasquet, “El Elemento Judío en la Repoblación del Siglo XVII en Altea y las Marinas”, in *Sarrià. Revista d’Investigació i Assaig de la Marina Baixa* (nova época), , n.º 1, Vilajoiosa, 2009, p. 12.

³⁶² Vd. José Amador de los Ríos, *Historia Social, Política y Religiosa de los Judíos de España y Portugal*, tomo I, liv. III, Valhadolide, Editorial Maxtor, 2012, pp. 3-64.

religião mosaica. Mas possivelmente saberia que o apelido Morato era o de pessoas sentenciadas pela Inquisição, conhecendo, pelo menos, a existência do caso do mencionando Francisco Tristão Morato, médico de Marvão durante a sua infância; e os casos de Portalegre, que mais adiante mencionaremos, passados já quando era religiosa nesta cidade. A sua declaração sobre o sangue limpíssimo dos seus pais assim no-lo parece indicar, parecendo-nos que sentiu necessidade de se por a salvo de suspeitas, sobretudo junto dos que a conheciam, legitimando, assim, a sua vida ascética e mística.

Segundo Fernanda Olival, o Santo Ofício nunca deu muita importância a Marvão, terra pequena e confinada à suas muralhas, no alto da Serra do Sapoio, porque já em 1579, visitando várias zonas da fronteira do Alentejo com Castela, demorou-se em Marvão apenas cinco dias, “sinal de que a população cristã-nova também não seria muita”³⁶³. Todos sabiam da vida uns dos outros, as denúncias não foram expressivas. Em consequência, segundo a mesma autora, ali nunca houve muitos familiares do Santo Ofício. Um deles foi, como mencionámos, o sargento-mor Pedro Fernandes Sotil, compadre e vizinho dos pais de Soror Isabel. Mas, apesar de se afirmar cristão-velho e de ser nobre, talvez tivesse, na verdade, uma ascendência judaica, porque Sotil, que também se escrevia Sutil ou Subtil, poderia ser apelido sefardita³⁶⁴. Na época, alguns Sotis alentejanos judaizavam. Há notícias de uns bem posicionados Sotis de Elvas, por exemplo, Manuel Lopes Sotil, escrivão do judicial de Elvas, filho de André Lopes Sotil, dito cristão-velho e nobre, e de sua mulher Maria Álvares, cristã-nova, que foi acusado de perjúrio e perturbação do ministério do Santo Ofício³⁶⁵. Esse Manuel Lopes Sotil e sua mulher, Maria Coelha Delgada – sendo esta acusada de judaísmo, apostasia e heresia³⁶⁶ –, tinham um filho, André Lopes Sotil, acusado de falsidade³⁶⁷; e uma filha, Maria Nunes Sotil, sentenciada por judaísmo, heresia e apostasia³⁶⁸. Há

³⁶³ Cf. Fernanda Olival, “Marvão, uma Vila Guardiã da Fronteira (Sécs. XVI-XVIII)”, in *Marvão. Estudos e Documentos de Apoio à Candidatura a Património Mundial*, coord. de Jorge de Oliveira, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Marvão, 2014, p. 204.

³⁶⁴ Pedro Fernandes Sotil, sargento-mor de Marvão, assinava “Pedro Frd’s Sotil”³⁶⁴. Cf. AHM, Livro das Vereações da Câmara de Marvão de 1668, f. 12v.

³⁶⁵ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 4732.

³⁶⁶ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 7150.

³⁶⁷ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 10441.

³⁶⁸ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1975.

também notícias de Isabel Subtil, denunciada no processo inquisitorial do seu primo Francisco de Faria, escrivão das sisas de Elvas, acusado dos mesmos crimes³⁶⁹. Sintomaticamente, no século XVI a Rua da Judiaria Velha, em Elvas, também era conhecida como Rua de João Sutil³⁷⁰. Supomos que muitos cristãos-novos e seus descendentes terão passado incólumes, por várias gerações. Em Marvão, tal como noutras terras, a sua identidade oculta poderá ter persistido por muito tempo, ainda que já matizada.

Como assinala José Belmonte Díaz, toda a rica produção cultural e espiritual do serfardismo no período medieval “por lo lógico que tuviera sus sorprendentes y majestuosos brotes en el Siglo de Oro, sobre todo en el campo de la mística”³⁷¹. No século XVII, em que nasceu a nossa autora – e no qual foi educada e chegou à idade adulta –, desaguavam os desenvolvimentos daquela centúria, pelo que, se era realmente descendente de cristãos-novos, algo terá recebido dos seus ascendentes, através da tradição oral e dos costumes. Falamos do que geralmente se designa por educação na fé, ou, mais propriamente, por transmissão da fé na família, que integrava elementos anteriores à conversão, resultando num sincretismo judaico-cristão mais ou menos expressivo, consoante os lugares e as famílias³⁷². Desse modo, talvez se explique a predilecção de Soror Isabel por alusões a figuras ou relatos do Antigo Testamento, que caberia ter em conta numa análise mais fina dos seus textos, o que aqui não faremos, por economia de espaço. Digamos, no entanto, que as citações e alusões dos livros do Antigo Testamento abundavam nos livros de mística e na parenética da época, influenciados pela liturgia, que integrava igualmente textos do Antigo, como do Novo Testamento. Também é de notar, porém, como mencionaremos, que uma maioria desses autores tinha ascendência judaica, influenciando os restantes autores.

Se os Moratos tinham realmente o seu apelido derivado de um título honorífico usado por rabis, *Mar*, que se pronunciava *mor*, em hebraico, mais força

³⁶⁹ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 10853.

³⁷⁰ Cf. Maria do Carmo Teixeira Pinto, *Os Cristãos-novos de Elvas no Reinado de D. João IV: Heróis ou Anti-Heróis?*, dissertação de doutoramento, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, p. 168, nota 77.

³⁷¹ Cf. José Belmonte Díaz, *Judeoconvertos Hispanos. La Cultura*, Bilbao, Ediciones Beta III Milenio, S. L., 2010, p. 181.

³⁷² Cf. Daniel de Pablo Maroto, *Espiritualidad Española del Siglo XVI*, vol. I – Los Reyes Católicos, Madrid, Editorial de Espiritualidad, 2012, vol. I, pp. 284-293.

tem a nossa suposição de que, no caso da autora, a sua formação no seio familiar terá passado pela instrução sobre a história de Israel, as suas figuras, símbolos, etc.³⁷³. Note-se também que, nas famílias cristãs-novas, as mulheres tinham um papel importante como transmissoras da fé, educando as crianças na Lei de Moisés, ensinando-lhes orações rituais, bem como alertando para a necessidade de manterem a fé mosaica camuflada pela fé cristã³⁷⁴. Se os pais de Soror Isabel eram, de facto, descendentes de cristãos-novos, talvez possamos vislumbrar na própria autora este papel, já matizado, ao ter sido instruída nas letras por ordem paterna e ao ter assumido a criação de sete sobrinhos órfãos desde pequenos, quando, em casa, havia ainda vivas sua mãe, Domingas Rodrigues, e sua irmã mais velha, Catarina Sanches. A aptidão pedagógica de Soror Isabel viria a manifestar-se no convento, onde seria mestra da Ordem, e, enfim, na sua vida ascética e mística, onde se tornou uma mestra do espírito respeitada, como diremos.

Se eram, de facto, descendentes de cristãos-novos, como supomos, os pais da autora teriam a literacia como característica herdada dos seus ascendentes. Como recorda Maria José Pimenta Ferro Tavares, na generalidade, os cristãos-novos tinham a preocupação de aprender a ler e a escrever, sobretudo os homens, o que lhes facilitava a inserção social e o desenvolvimento de actividades financeiras, como o empréstimo a juro³⁷⁵. Os judeus ou cristãos-novos possuíam os seus livros de contas e cofres com dinheiro, emprestando a juro, quer nas suas terras, quer nas terras vizinhas e ainda em feiras, tanto em Portugal, como em Castela, onde se deslocavam para exercer a sua próspera actividade financeira. Esta autora refere mesmo não ter dúvidas de que “é junto dos cristãos novos, mesmo habitantes em concelhos do interior, que nós vamos encontrar os fundamentos do capitalismo comercial moderno português”³⁷⁶. Sintomaticamente, esta actividade era praticada pelos pais da autora, na qual a filha, sendo alfabetizada, participaria, auxiliando-os na cobrança das dívidas. O seu dote, como vimos, foi constituído, não em dinheiro, mas pelo seu direito a cobrar

³⁷³ Cf. José Maria Abecassis, *Genealogia Hebraica...*, *op. cit.*, p. 453.

³⁷⁴ Vd. Maria José Ferro Pimenta Tavares, “Os Judeus da Beira Interior: a Comuna de Trancoso e a Entrada da Inquisição”, in *Sefarad. Revista de Estudios Hebraicos y Sefardíes*, Madrid, 2008, vol. 68, tomo 2, pp. 398, 404, 406 e 408.

³⁷⁵ Cf. Maria José Ferro Pimenta Tavares, “Judeus e Cristãos Novos, no Distrito de Portalegre”, *op. cit.*, p. 50.

³⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 48.

directamente as dívidas e seus juros³⁷⁷. Certo é que o pai de Soror Isabel sabia ler e escrever, como vários homens da sua parentela. De Manuel Morato, avô paterno da autora, conhecemos a assinatura, embora rudimentar, denunciando pouca agilidade, talvez por, à data, ser já idoso: “M^l. Mourato”³⁷⁸. Quanto aos seus filhos, João Morato e Pedro Morato, pai e parente da autora, são numerosos os documentos em que surgem as suas elegantes assinaturas, “Joaõ Moratto”³⁷⁹ e “Pero Morato”³⁸⁰. Este último poderá ser o Pedro Morato que teve o cuidado de mandar instruir o seu filho Manuel Morato, que era estudante quando morreu, a 6 de Novembro de 1701, na freguesia de São Tiago³⁸¹. Também o marido de Maria Rodrigues Morata, irmã mais velha da autora, assinou elegantemente “Joam Viegas”³⁸². O pai deste, António Gomes Viegas, também assinava elegantemente “Ant.^o Gomes Viegas”³⁸³. Quanto ao marido de Catarina Sanches, a outra irmã, assinou “Bar.^{meu} Friz Morratto”, também com elegância³⁸⁴.

Acrescentamos mais uma nota acerca desta suposta ascendência judaica de Soror Isabel, aquela que, na verdade, mais interessa para o nosso estudo. A mística, entendida ou concebida como uma religiosidade com maiores margens de liberdade, mais íntima e mais secreta, sempre foi tida como uma espiritualidade perfeita se praticada por pessoas profundamente religiosas, e, entre estas, talvez possamos encontrar aqueles cristãos que herdavam dos seus pais e avós elementos de uma religião anterior, então interdita e, por isso, em muitos casos, tornada secreta. Falamos, pois, de espíritos mais predispostos para a vida ascética e mística, porque praticantes de uma religiosidade pessoal mais virada para o interior e nascida, ou influída por duas torrentes consanguíneas: a religião mosaica e a religião cristã. A mística judaica e a mística cristã serão, até certo ponto, inseparáveis e terão convergências, como recorda José Belmonte Díaz³⁸⁵.

³⁷⁷ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 2, fs. 116-118.

³⁷⁸ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 1v.

³⁷⁹ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 128.

³⁸⁰ Cf. AHM, ASCMV, Acórdãos e Termos de Eleições da Mesas Administrativas, cx. 1, f. 123.

³⁸¹ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 60v.

³⁸² Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 117v.

³⁸³ Cf. AHM, Livro das Vereações da Câmara de Marvão de 1686, f. 38.

³⁸⁴ Cf. *Ibidem*, f. 38.

³⁸⁵ Cf. José Belmonte Díaz, *Judeoconvertos Hispanos...*, op. cit., p. 187.

Não será por acaso que, entre os séculos XI e XVII, como atrás aludimos, houve uma “sorprendente calidad mayoritaria de conversos o descendientes de judíos o de origen converso entre los grandes escritores místicos, literarios y religiosos”³⁸⁶. O autor refere, entre outros, os bem conhecidos Frei Francisco de Osuna (1492 ou 1497-c. 1540), São João de Ávila (1499-1569), Santa Teresa de Jesus (1515-1582), Frei Luís de Leão (1528-1591) e o Padre Miguel de Molinos (1628-1697). Também São João da Cruz (1542-1541) tinha ascendência judaica por parte materna³⁸⁷. Quanto a Santa Teresa – de quem, note-se, Soror Isabel do Menino Jesus descreve uma visão³⁸⁸ –, era, de facto, neta paterna de cristãos-novos bem conhecidos na cidade de Toledo; e a suas obras foram censuradas pelo Santo Ofício, designadamente o seu *Libro de la Vida*, que foi obrigada a queimar e que depois reescreveu, e uns *Conceptos del Amor de Dios*, depois de ter sido denunciada como causa de embuste e engano para os cristãos³⁸⁹. Entre as muitas análises da produção teresiana desde o século XIX, algumas têm tentando identificar os elementos judaicos familiares e sociais que a Santa terá usado na escrita³⁹⁰. Também nós, embora sem aprofundar, podemos perscrutar na obra de Soror Isabel esses elementos, como adiante apontaremos.

De facto, também em Portugal esta propensão para a mística por parte dos cristãos-novos terá existido. Maria José Pimenta Ferro Tavares defende mesmo que, na primeira metade do século XVI, o messianismo português começou a tomar forma precisamente no momento em que, por causa da renúncia à fé dos antepassados e das conversões forçadas, o messianismo judaico se desorientou das suas raízes e começou a transfigurar-se em algo diferente³⁹¹. A região do Alto Alentejo, onde se situa Marvão, não só era habitada por numerosas famílias com ascendência judaica, como fazia fronteira com a Beira, sendo esta, como aponta

³⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 229-355.

³⁸⁷ Cf. Dominique Poirot, *Juan de la Cruz y la Unión con Dios*, Palma de Miorca, José J. de Olañeta, 1999, p. 43.

³⁸⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, f. 14, § 12.

³⁸⁹ Cf. José Belmonte Díaz, *Judeoconversos Hispanos...*, *op. cit.*, p. 310.

³⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 319.

³⁹¹ Cf. Maria José Ferro Pimenta Ferro Tavares, “O Messianismo Judaico em Portugal (Primeira Metade do Século XVI)”, in *Luso-Brazilian Review*, n.º 28, Wisconsin–Madison, 1991, pp. 141-151.

António Ribeiro, a região de maior concentração judaica de então³⁹². Raiava esta com o Minho e com Trás-os-Montes e por estas regiões, incluído o Alentejo, havia deslocação de beirões com suposta vida mística, bem como circulavam manuscritos de conteúdo místico, profético, ou messiânico, sendo mesmo adquiridos nas importantes feiras que se faziam, como a de Trancoso³⁹³. O autor assinala, neste contexto, a presença mais ou menos constante nos séculos XVII e XVIII de um curioso fenómeno que designa por parto místico: várias mulheres diziam estar grávidas de um encoberto que viria ao mundo com fins messiânicos³⁹⁴. Um dos casos é o de Maria Calada, natural do Vale do Peso, termo do Crato; e moradora em Porto da Espada, termo de Marvão, que dizia ter visto no telhado de sua casa uma senhora vestida de branco, resplandecente, que lhe dissera ser Nossa Senhora do Rosário de Castelo de Vide, anunciando-lhe a hora da sua morte, entre outras coisas³⁹⁵. A alegada vidente também dizia estar grávida de “hum Anjo que tinha no ventre”³⁹⁶ e vira coros angélicos, e almas do Purgatório e do Céu. Sendo presa pela Inquisição, morreu nos seus cárceres, a 3 de Julho de 1675. Portanto, dois anos depois do nascimento de Soror Isabel do Menino Jesus. António Ribeiro nota, porém, que a suposta gravidez angélica de Maria Calada, embora associável ao fenómeno do parto místico verificado no arco geográfico referido, tinha já uma morfologia distinta; e relaciona essa suposta visão no telhado com o padrão de aparições que Frei Agostinho de Santa Maria apresenta no seu *Santuário Mariano...*, uma delas em Marvão, a de Nossa Senhora da da Estrela³⁹⁷. Este era, de facto, um foco de intensa devoção regional, no tempo de Maria Calada, guardado – note-se –, por religiosos da Ordem de São

³⁹² Cf. António Ribeiro, “O ‘Parto Místico’: Uma Abordagem Indiciária”, in *Lusitania Sacra*, 2.ª série, n.º 18, Lisboa, 2006, p. 471. Sobre os judeus e cristãos-novos de Trancoso, vd. Maria José Ferro Pimenta Tavares, “Os Judeus da Beira Interior: a Comuna de Trancoso e a Entrada da Inquisição”, in *Sefarad. Revista de Estudios Hebraicos y Sefardíes*, vol. 68, n.º 2, Madrid, 2008, pp. 369-411; e *Idem, ibidem*, Madrid, 2009, vol. 69, n.º 1, pp. 101-129.

³⁹³ Cf. Maria José Ferro Pimenta Tavares, “Os Judeus da Beira Interior: a Comuna de Trancoso e a Entrada da Inquisição”, *op. cit.*, pp. 465 e 471.

³⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*.

³⁹⁵ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 2095.

³⁹⁶ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 2095, f. 3 (nova numeração).

³⁹⁷ Cf. Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano, e Historia das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, e das Milagrosamente Aparecidas, que se Veneraõ...*, tomo III, liv. IV, tít. III, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão, 1711, pp. 371-384.

Francisco, que ali confessavam e dirigiriam os fiéis. É possível que os franciscanos fossem procurados pelos cristãos-novos logo nos primeiros anos da sua conversão, na medida em que a espiritualidade seráfica, pela sua interioridade e afectividade, e ainda mais pelas suas muitas referências do Antigo Testamento, poderia ser para eles especialmente atractiva. António Ribeiro nota que os casos de parto místico se verificavam, sobretudo, em mulheres que tinham professado na Ordem de São Francisco³⁹⁸. Talvez tivessem também ascendência judaica.

Como também supomos a mesma origem dos Moratos da região de Portalegre – como atrás ficou explorado –, mais curioso se torna outro caso que o autor menciona³⁹⁹: o de Maria Morata, também chamada Maria do Espírito Santo; e de sua irmã, Catarina, moradoras em Alpalhão, não muito longe de Marvão. Presas pela Inquisição a 14 de Outubro de 1747 –, portanto quando vivia Soror Isabel do Menino Jesus, no convento –, afirmaram ter concebido São João Baptista e o próprio Jesus, por meio do Espírito Santo⁴⁰⁰. Entre os denunciantes estavam os próprios pais, Manuel Correia Garcia e sua mulher Catarina Morata, *a Terceira*. O cognome parece indicar que era professa da Ordem Terceira de São Francisco. Apesar de se dizerem cristãs-velhas, é possível que fossem, na verdade, descendentes de judeus. Talvez possamos, pois, supor que essas irmãs estariam a manifestar, na verdade, a desorientação sentida pelos seus ascendentes cristãos-novos, os quais tinham transformado o messianismo judaico neste messianismo decalcado sobre uma cena evangélica a bem conhecida pela cultura popular cristã, a da visitação de Nossa Senhora a sua prima, Santa Isabel⁴⁰¹.

Cristãos-novos, propensão para a vida ascética e mística; e franciscanismo parecem ter andado relacionados na região de Marvão, ao que possivelmente Soror Isabel do Menino Jesus, que ali nasceu e passou boa parte da sua vida adulta, não foi alheia, comungando das devoções locais, das tradições orais e possivelmente até de textos místicos populares que os marvanenses conheceriam, e de outros vindos da Beira. A autora tinha mesmo uma parente, sua contemporânea, Maria Morata, filha dos defuntos Pedro Fernandes e de sua mulher, Leonor Lopes, que casara com o beirão Manuel Fernandes Pastor, filho

³⁹⁸ Cf. António Ribeiro, “O Parto Místico...”, *op. cit.*, p. 458.

³⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 470.

⁴⁰⁰ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 4766.

⁴⁰¹ Cf. Lc 1, 39-57.

dos defuntos Domingos Fernandes de Almendra e de sua mulher, Catarina Vaz, o qual era natural da freguesia de Maçainhas, do termo de Belmonte, no bispado da Guarda⁴⁰². É conhecida a permanência de judeus em Belmonte mesmo depois do édito de expulsão de D. Manuel. Os seus descendentes conservaram uma base religiosa judaica oral através dos séculos, embora com a perda de ritos religiosos, do uso do hebraico e da maioria dos costumes sefarditas, etc., base esta identificada por Samuel Schwarz em 1925⁴⁰³. Quanto a Marvão e seu termo, os sefarditas também deixaram vestígios na religiosidade local, detectáveis, por exemplo, na tradição oral de certas famílias, de que são exemplo algumas orações, como uma para rezar ao entrar nos cemitérios, que tem pelo menos três versões, uma recolhida por Maria Tavares Transmontano em 1976⁴⁰⁴ e duas por Ruy Ventura em 1994 e 2001⁴⁰⁵, semelhantes à que publicou Samuel Schwarz, recolhida em Belmonte⁴⁰⁶. Aquele autor defende que a intensa devoção a Nossa Senhora da Estrela que havia por toda a região, difundida a partir do convento franciscano marvanense, mas com raízes anteriores à presença dos religiosos, encerra elementos judaicos e que o título de Nossa Senhora da Estrela é tipicamente marrano, ou seja, sincretiza elementos cristãos e judaicos. O título traduzirá a antífona “Sub tuúm praesídium”⁴⁰⁷, como aliás está indicado num painel de azulejos do local da descoberta da imagem da Santíssima Virgem⁴⁰⁸. No século passado foram encontradas no recinto algumas cabeceiras de sepultura com a estrela de David esculpida em baixo relevo, hoje expostas no Museu Municipal de Marvão. Atribuídas ao século XIII, atestam a presença judaica naquele espaço sagrado antes de ser confiado à Ordem de São Francisco. O pavimento continuaria

⁴⁰² Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 61.

⁴⁰³ Vd. Samuel Schwarz, “Os Cristãos-novos em Portugal no Século XX”, separata de *Arqueologia e História*, n.º 4, Lisboa, 1925; ou uma das edições recentes desta obra: Samuel Schwarz, *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, s/d.

⁴⁰⁴ Cf. Maria Tavares Transmontano, *Subsídio para a Monografia de Carreiras*, Portalegre, Junta Distrital de Portalegre, 1976, p. 127.

⁴⁰⁵ Cf. Ruy Ventura, *Literatura tradicional da serra de São Mamede (Castelo de Vide, Marvão e Portalegre)*, vol. II, Lisboa, Apenas Livros, 2013, pp. 20, 21 e 67.

⁴⁰⁶ Cf. Samuel Schwarz, “Os Cristãos-novos em Portugal...”, *op. cit.*, pp. 96-97.

⁴⁰⁷ Ou seja, “Sob a tua protecção”.

⁴⁰⁸ Cf. Ruy Ventura, *A Vide e o seu Castelo. Notas Sobre a Toponímia e História de Castelo de Vide*, sem lugar, Associação Amigos de Castelo de Vide (no prelo).

a ser procurado por muitos moradores de Marvão para seu enterramento nos séculos seguintes, como foi o caso do seu avô paterno da autora, dos seus pais e de pelo menos uma sobrinha, Maria Morata, como diremos.

Segundo Moisés Espírito Santo, os cristãos-novos associavam Nossa Senhora à grata figura de Ester, mulher de Assuero, soberano da Pérsia, cuja história se encontra narrada no *Livro de Ester*, do Antigo Testamento. Esta jovem da tribo de Benjamim estava entre os deportados de Israel e, graças à sua beleza e à intervenção de um seu parente e tutor, acabara por ser desposada pelo próprio soberano, ocultando, porém, a sua origem judaica. Cheia de confiança em Deus, Ester intercedera junto do esposo pelo seu povo, salvando-o do extermínio, já decretado. Por este motivo, era venerada pelos judeus e tinha uma festa própria, o *purim*. A associação a Nossa Senhora, a quem os cristãos-novos recorreriam, no seu sincretismo religioso, dever-se-ia ao facto também ela ser judia de nascimento e, sobretudo por interceder pela salvação do povo de Deus junto do seu Filho⁴⁰⁹.

Ao observarmos as numerosas referências a Nossa Senhora nos textos de Soror Isabel do Menino Jesus, fica-nos a ideia de que, para si, a Mãe de Deus tinha, acima de tudo, como veremos, um papel intercessor junto do seu Filho, intervindo, por várias vezes, pela salvação de várias almas e chegando mesmo a detê-lo, quando o Senhor devia executar a sua justiça divina para com certos pecadores impenitentes. Nossa Senhora chegara a recolher uma multidão de almas na sua barca, que, alumiada por anjos, as levou para o Céu. Esta alusão parece também relacionar-se com um romance popular que Ruy Ventura recolheu em Carreiras, na região de Marvão, o que parece demonstrar que a autora comungava da devoção mariana local⁴¹⁰. A Ladainha de Nossa Senhora, ou Lauretana, como adiante mencionaremos, fora a primeira oração que recitara com fervor, no período em que se se convertera, antes de passar à oração mental, que até então

⁴⁰⁹ Cf. Moisés Espírito Santo, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa. Seguido de Ensaio sobre a Toponímia Antiga*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp. 46-50. A devoção mariana dos cristãos-novos na região de Marvão parece estar patente também no caso de Diogo Rodrigues, natural e morador em Castelo de Vide, narrado no *Santuário Mariano...*, a propósito da imagem de Nossa Senhora da Livração, venerada nesta vila. A Inquisição tinha-lhe prendido vários parentes pelo crime de judaísmo. Receando ser também preso, recorrera a Nossa Senhora, dedicando-lhe uma nova capela em agradecimento por ter sido livrado de tal infortúnio. Cf. Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano...*, *op. cit.*, tomo III, liv. IV, pp. 402-403.

⁴¹⁰ Cf. Ruy Ventura, “Breve Romanceiro dos Concelhos de Marvão e Portalegre”, in *Ibn Maruán. Revista Cultural do Concelho de Marvão*, Marvão, n.º. 4, 1994, p. 63.

desconhecia. A conversão, segundo conta, dera-se naquela mesma igreja do Convento de Nossa Senhora da Estrela e fora depois dirigida por um confessor que era religioso daquela comunidade. De entre as referências marianas dos seus textos, citemos, por agora, a “Carta a um Religioso 1”, na qual Soror Isabel diz ao seu destinatário que “esta Senhora foy estrela que o guiou ate meter sua alma no Conhesimento de que neseditaua”⁴¹¹.

4. Infância e juventude

Na obra de Soror Isabel do Menino Jesus, quer manuscrita quer impressa, nunca se indica qual era o seu nome no século. Isto é, aquele que usava antes de escolher o título de devoção do Menino Jesus. Tão-pouco no-lo revela a documentação disponível do Convento de Santa Clara de Portalegre, onde aparece sempre o seu nome religioso e nunca o secular, ao contrário de outras religiosas, que usavam ora o nome secular, ora o religioso, e até ambos em simultâneo.

Segundo o que pesquisámos, antes de entrar no convento, a autora chamava-se Isabel Fernandes. Assim é referida em nove assentos de baptismo nas igrejas da vila de Marvão, entre 1690 e 1698⁴¹². Na maioria dos baptismos o seu pai foi o padrinho e Isabel Fernandes a madrinha, surgindo identificada como sua filha: “foraõ padrinhos Joaõ Mouratto e Izabel Fernandes filha deste Joaõ Mouratto”⁴¹³. Outra fonte que indica o seu nome secular é a escritura de dote remuneratório que seus pais fizeram lavrar em Marvão, a 11 de Junho de 1698, que atrás citámos: “Dote que fazem Joao Morato e sua mulher a sua filha Jzabel Fernandes”⁴¹⁴. Trata-se de um documento que refere a filiação completa e no qual

⁴¹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, f. 128.

⁴¹² Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 210; Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 50v; Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1684-1694), f. 225; Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 82; Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 249; Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 26v; Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 240.

⁴¹³ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 59v.

⁴¹⁴ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, cx. 1, liv. 2, fs. 116-118.

a própria autora assinou elegantemente como “Jzabel F’riz.”⁴¹⁵, ou seja, Isabel Fernandes. Usava, pois, o nome e o patronímico da sua avó paterna.

Na “Vida”, conta como o seu nascimento foi uma desilusão para o pai, que esperava um filho varão. Terceira filha dos seus pais, diz que

“Nesta hora faltaram todas as uertudes a meu Pay para minha presiguisam que Assim que teue notisia que o parto nam hera como ele queria sperando filho macho foy tam grande a sua descomsolasam que ya eu nam meresia que ele tiuese passiensia para uer naser huma filha que auia de ser huma grande pecadora por coyia Cauza se infureseo emchendose de paxam perdendo a pasienssia queixandose de minha may que teue moyto que sentir Em parir tal filha com este abatimento e desprezo me rresebeo A terra leuantandose O mundo logo comtra min”⁴¹⁶.

Apesar da desilusão por não ter um filho varão, e talvez porque não tiveram mais filhos depois do nascimento de Isabel Fernandes, João Morato tomou a decisão de mandar instruir esta última filha, algo insólito, que causou espanto e desacordo entre os seus parentes e amigos. A decisão poderá ter-se relacionado com a personalidade da própria Isabel, que já na infância mostraria vontade de ler e de escrever, interessando-se por assuntos de carácter intelectual que às suas irmãs, provavelmente, não interessavam. Soror Isabel do Menino Jesus narra estes acontecimentos:

“Mas tornando ao jntento que uou proseguindo foy criada como quem Nam hera dezeyada no mundo chegando a ydade ssuficiente detriminou meu Pay mandarme emsinar a ler e escreuer aqui se leVantou huma comtradisam de parentes e amigos dizendo nam comuinha que aprendese a ler nem escreuer porque as mulheres corriam moytos perigos e nam se podiam fiar delas e sendo meu Pay hum homen sumamente nisto acautelado rrespondeo que sseria para ele huma grande honrra ler e escreuer sua filha”⁴¹⁷.

O seu pai, apesar de ser “hum homen sumamamente nisto acautelado”⁴¹⁸, não abandonou a decisão, declarando que para ele seria muito honroso que a sua

⁴¹⁵ Cf. *Ibidem*, f. 118.

⁴¹⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op.cit.*, 2, § 3.

⁴¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 4-5, § 4.

⁴¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3, § 4.

filha lesse e escrevesse. Isto levaria Soror Isabel a escrever, já na sua velhice, a tantos anos de distância, que “Agora digo que na lingoa de meu Pay teue prensipio sse a minha Escriptura Valer alguma coyza”⁴¹⁹, frase que nos parece bastante significativa, na qual parece divisar-se alguma emotividade na autora, que, em agradecimento, se refere ao falecido pai como a pessoa sem a qual não teria acesso à instrução, quando isso não era geralmente suposto por ser mulher e porque, em consonância com os costumes do seu tempo, os parentes e os amigos terem levantado “huma comtradisam”⁴²⁰.

A autora refere também que o pai, apesar da sua decisão, pressionou o mestre para que o tempo de instrução fosse breve, prometendo recompensá-lo generosamente se, no tempo acordado, desse a filha por ensinada. Sendo de pouca idade – talvez com seis ou sete anos – a autora foi obrigada, pois, a aprender rapidamente, porque “o mestre que lucrava muito me deu tal presa que nam auia para huma menina dia de descansso”⁴²¹. Como entendia bem as lições, com maior “faselidade me apresaua mais mas atropelada que nam podia ter desafogo”⁴²². Explica também que padecia bastante por ser de compleição delicada, débil por natureza⁴²³. Apesar disto, é provável que as suas aptidões intelectuais tivessem despertado a atenção do pai, que terá considerado não ser despropositado investir na sua instrução. A própria escreve que, apesar de ser uma criança frágil, “hera de natral alegre muito esperta Viua e confiada animoza e dilibarada para tudo”⁴²⁴. Não deixou, no entanto, de referir que, na infância, teve medo dos pais, em especial do pai, a quem obedecia com “o Corasam tam Atimorizado”⁴²⁵.

Isabel Fernandes terá sido a única mulher da sua família a saber ler e escrever, ou não teria havido opiniões contrárias à decidir do pai, quando quis que tivesse um mestre. Sabemos que, pelo menos, Domingas Rodrigues, sua mãe, era

⁴¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 4-5, § 4.

⁴²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3, § 4.

⁴²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3, § 4.

⁴²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 3, § 4.

⁴²³ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 3-5, § 4.

⁴²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 5.

⁴²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 4.

analfabeta e nem sequer sabia assinar⁴²⁶. Com efeito, em várias escrituras, é dito que não sabe fazê-lo, figurando as assinaturas de representantes seus, por exemplo a 26 de Abril de 1698, quando vendeu, com seu marido, as casas da Rua da Corredoura a Manuel Rodrigues da Páscoa e a sua mulher, Apolónia Marques⁴²⁷. Nesta escritura, nem vendedora, nem compradora sabiam assinar, situação comum às mulheres da vila, segundo fomos notando, noutras escrituras que consultámos. Manuel Morato assinou então a rogo de ambas. Catarina Sanches, irmã da autora, também não sabia assinar. Numa outra escritura, feita nas casas de seus pais, na Rua do Espírito Santo, a 14 de Dezembro de 1714, pela qual Manuel Fernandes e sua mulher, Isabel Dias, moradores em Castelo de Vide, lhes compraram uma tapada no sítio da Fonte Branca, mãe e filha tiveram que rogar a Manuel Fernandes Alves que assinasse: “pelas vendedoras a seu rogo Manuel Fernandes Alves”⁴²⁸. Esta seria a realmente situação mais frequente. Em Marvão seriam poucas as mulheres alfabetizadas, o que faria do caso de Isabel Fernandes uma raridade polémica⁴²⁹.

Pelos treze anos, despontaram em si as qualidades próprias da aproximação à idade adulta, ou, mais propriamente, segundo entendemos, à idade núbil. Recorda que não era bonita, do que se regozija quando o escreve, já idosa: “so tiue a meu fauor nam ser fermosa”⁴³⁰. Diz também que tinha “o gesto sezudo e graue”⁴³¹. Se assim não fosse, segundo parece sugerir, teria enveredado por caminhos distintos daquele que encetou na sua conversão. Nessa idade, “porque as mulheres corriam moytos perigos e nam se podiam fiar delas”⁴³², os pais começaram a exercer um maior controlo sobre os seus movimentos, proibindo-lhe

⁴²⁶ Apesar de a maioria da população não ser letrada, seriam bastantes os que sabiam escrever, ou copiar, pequenos textos, e assinar, ainda que com caligrafia dificultosa. Vd. Rita Marquilha, *A Faculdade das Letras*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

⁴²⁷ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livro de Notas, cx. 1, liv. 1, fs. 107v-108.

⁴²⁸ Cf. *Ibidem*, f. 92.

⁴²⁹ Em 1890, eram ainda poucas as mulheres alfabetizadas em Marvão. Na freguesia de Santa Maria (então a única existente intra-muros), havia 525 homens analfabetos e 550 mulheres analfabetas; e havia 10 homens alfabetizados e apenas 5 mulheres alfabetizadas. Cf. Possidónio Mateus Laranjo Coelho, *Terras de Odiana. Medobriga. Ammaia. Aramenha. Marvão*, *op. cit.*, p. 245.

⁴³⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, in “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 4, § 5.

⁴³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 5.

⁴³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 3.

todo o tipo de recreio⁴³³. Receariam, certamente, que seduzisse alguém ou que fosse seduzida, perdendo, assim a sua honra. Tal escândalo era frequente por todo o reino e não seria caso único em Marvão, havendo na época várias mães solteiras⁴³⁴.

Os pais da autora não permitiam também que falasse diante de pessoas letradas, o que certamente a filha já teria feito repetidas vezes, porque a própria escreve mesmo que já era então “dotada de bom jntendimento Retorica natural”⁴³⁵, o que determinara a adopção da dura medida. Além disto, tinham decidido ocupá-la bastante, certamente nas lides domésticas: “nam Auia para min hum dia de dezemfado”⁴³⁶. Soror Isabel conclui a referência a este período da sua vida com uma frase bastante ilustrativa da sua situação, que era semelhante à da maioria das mulheres do seu tempo: “ssempe tiue guardas para o silencio”⁴³⁷. De facto, como assinala Vanda Anastácio, estudar a história das mulheres como um grupo social, a sua presença no campo intelectual e o modo como se relacionaram com a cultura escrita entre os séculos XV e XVIII “é uma tarefa que conduz, necessariamente, a reflectir sobre o sentido do silêncio”⁴³⁸. Este silêncio derivou, primeiramente, do facto de, neste período, em Portugal, como noutros reinos da Europa, herdeiros das matrizes culturais greco-latinas e judaico-cristãs, a separação dos sexos ter funcionado como um dos princípios estruturantes das próprias sociedades, formulado e justificado pela Sagrada Escritura, do *Livro de Génesis* a São Paulo, prevalecendo a ideia da assimetria entre sexo feminino e

⁴³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 5.

⁴³⁴ Veja-se o caso do capitão Francisco da Mota e da sua noiva, Maria Fernandes, moradora no Monte da Minhota, termo de Marvão, que engravidou antes do casamento, o qual estava já tratado, e com uma dispensa canónica, quando o militar morreu inesperadamente. A criança, baptizada a 1 de Janeiro de 1649, embora nascida de mulher solteira, teve um assento no qual se explicam as circunstâncias do seu nascimento ilegítimo. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 208v. Também havia crianças rejeitadas ou abandonadas, ditas filhas de “parentibus incognitus” nos assentos de baptismo, como foi o caso de Maria, baptizada a 1 de Fevereiro de 1696, tendo por padrinhos António Mouzinho de Parada e Maria da Cruz. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1695-1718), f. 6v.

⁴³⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, in “Vida”, *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 4, § 5.

⁴³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 5.

⁴³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, f. 4, § 5.

⁴³⁸ Cf. Vanda Anastácio, “O Silêncio das Mulheres”, in Vanda Anastácio (org.), *Uma Antologia Improvável...*, *op. cit.*, p. 29.

sexo masculino. Assinalava-se o protagonismo de Eva no pecado original⁴³⁹; e a necessidade de as mulheres, suas herdeiras, serem subordinadas à vontade, à palavra e à autoridade dos homens⁴⁴⁰. Consequentemente, muitos discursos masculinos reflectiam estas ideias. As capacidades intelectuais das mulheres, a educação que deviam receber, as leituras que poderiam fazer e as restrições no seu acesso ao saber eram assuntos tratados por diversas penas masculinas, embora se registem algumas rupturas na continuidade destes discursos, de que é exemplo a excepção que se fazia quando as visadas eram mulheres da realeza ou da alta nobreza, em especial as vinculadas à corte⁴⁴¹. D. Francisco Manuel de Melo, em meados do século XVII, escrevia, na sua *Carta de Guia de Casados*: “Ó, como folgo de ver uma mulher ignorar aquilo que é não é razão saber, mas que verdadeiramente o saiba”⁴⁴², referindo-se aos saberes como perigo para as mulheres, uma vez que as afastava da virtude. Também diz na mesma *Carta...*, excelente testemunho dos costumes da vida familiar e social da época de Soror Isabel do Menino Jesus: “Ainda fico com escrúpulo sobre a lição em que muitas se ocupam. O melhor livro é a almofada e o bastidor”⁴⁴³.

Esta reclusão – forçada, para a maioria – retirava-as da vida pública e remetia-as à esfera privada, onde eram vistas apenas por familiares e amigos. Até a indumentária lhes impunha a invisibilidade: a mulher portuguesa daqueles séculos, casada ou solteira, salvo a que trabalhava nos campos ou em ocupações servis, cobria-se completamente para sair à rua, o que quase nunca fazia, à excepção das idas à igreja, que lhe eram lícitas⁴⁴⁴. Em Marvão, a situação não seria diferente: tal como as outras moradoras, Isabel Fernandes terá envergado a típica côca, traje que integrava um manto negro posto pela cabeça⁴⁴⁵. De origem

⁴³⁹ Vd. Gen 2, 7-27; e I Tim 2, 13-14.

⁴⁴⁰ Vd. Mc 10, 6-7; I Cor 7, 3-34; I Cor 11, 3-15; I Cor 14, 34-35; e I Tim 2, 9-15; Ef 5, 23.

⁴⁴¹ Cf. Vanda Anastácio, “O Silêncio das Mulheres”, in Vanda Anastácio (org.), *Uma Antologia Improvável...*, op. cit., pp. 30-31.

⁴⁴² Cf. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Campo das Letras, 2003, p. 95.

⁴⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98.

⁴⁴⁴ Cf. Fernanda Olival, “Os lugares e Espaços do Privado nos Grupos Populares e Intermédios”, in José Mattoso (direc.), Nuno Gonçalo Monteiro (coord.), *História da Vida Privada em Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011, pp. 272-273.

⁴⁴⁵ Vd. António Pina, *Côca ou Mantilha. Século XIX. Um Traje de Festa e de Solenidade do Alto Alentejo*, Castelo de Vide, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 1999.

possivelmente mourisca e usada na região de Portalegre até aos anos 30 do século XX, além da totalidade do corpo, velava o rosto com uma preta e espessa mantilha, diferenciando-se as mulheres apenas quanto à condição social, já que a côca da nobre, ou da abastada, como era a autora, tinha corte distinto e era de brocado de seda ou em merino de lã sedoso. A autora não deixaria, ainda, de usar adereços e jóias próprias da sua condição, como parece testemunhar acerca de certo dia em que foi confessar-se: “hia vestida ao profano”⁴⁴⁶. Os nobres e a gente abastada, dentro das possibilidades, entesouravam jóias, que serviam, não só de luxo, como de ostentação⁴⁴⁷.

5. Conversão

Cientes de que Isabel Fernandes, a sua filha mais nova, além de alfabetizada, tinha interesses no campo intelectual, chegando a querer partilhá-los e desenvolvê-los com quem também os tinha, os pais de Isabel Fernandes tinham tratado, pois, de lhe impor o silêncio em público e de lhe controlar os movimentos. Se, havia anos, escandalizara os parentes e amigos a decisão de ser instruída, muito mais escandalizaria o facto de a mesma filha, agora em idade quase núbil, dar mostras de querer dissertar sobre matérias de letrados na mesma rede de parentescos e amizades. Não terá sido por acaso que, por algum tempo, permaneceria em Marvão a recordação da vida e obra de Soror Isabel, do que se teria orgulho, o qual está expresso na memória paroquial da Igreja de Santa Maria de Marvão, que menciona três pessoas “que sahirão desta villa no prezente scullo, as quais por suas obras se fizerão destintas e que ao prezente há dellas memória”⁴⁴⁸: o general Leonel de Parada, que fez campanha militar em França; o Padre João Garção, religioso da Companhia de Jesus, cancelário na Universidade de Évora; e, única mulher, “A veneravel madre Izabel do menino Jesus Abadeça

⁴⁴⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, in “Vida”, *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus*, p. 5, § 6.

⁴⁴⁷ Cf. Isabel M. R. M. Drumond Braga, Paulo Drumond Braga, “As Jóias de D. Pedro e D. Maria, Príncipes do Brasil, em 1765: Cor, Brilho e Exotismo na Corte”, in *Rumos e Escrita da História, Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Lisboa, Colibri, 2017, pp. 290-291.

⁴⁴⁸ Cf. J. Liberata Machado, Sérgio Gorjão, “O Actual Concelho de Marvão e Suas Freguesias nas Memórias Paroquiais de 1758”, in *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 3, Marvão, 1993, p. 76.

do Convento de Santa Clara de Portalegre; cuja vida anda impressa publicando as suas muntas virtudes”⁴⁴⁹.

O militar e o jesuíta eram de ilustres famílias, com as quais a autora se relacionou; este último era mesmo seu contemporâneo. Sabe-se que o Padre João Garção fez os seus estudos de teologia e de matemática em Évora; e que era já estudante a 20 de Maio de 1685, quando foi padrinho da uma sua sobrinha marvanense, usando então o nome completo de João Garção Sutil⁴⁵⁰. Filho de Pedro Marques Sotil e de sua mulher, Isabel Garçoa, naturais e moradores em Marvão; era irmão do capitão António Subtil Garção, “homem nobre, que vive de sua fazenda”⁴⁵¹, familiar do Santo Ofício, casado com Maria Vivas, casal morador em Castelo de Vide, sendo ela daqui natural e filha de Pedro Vivas e de sua mulher, Maria Cid, naturais da vila de Valência de Alcântara, no reino de Castela; e irmã do Padre Dr. Pedro Vivas de Carvalho, abade de São Tiago de Cepões, junto a Viseu, e comissário do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa⁴⁵². O Padre Dr. João Garção diz-se sobrinho paterno do sargento-mor Pedro Fernandes Sotil no seu próprio testamento⁴⁵³. Viria a ser professor em Évora, transitando depois para o Colégio de Santo Antão, em Lisboa, onde leccionaria na Aula da Esfera, de 1706 a 1713. Entre os seus alunos viria a ter Manuel Pimentel, autor de *Arte Pratica de Navegar...*, obra reconhecida e com duas edições naquela época, a última em 1699⁴⁵⁴. Viria ainda a ser qualificador do Santo Ofício, habilitado a 26 de Setembro de 1727⁴⁵⁵. No seu processo, refere-se que era, nesta data, lente de prima de teologia. Voltaria a Évora, onde seria chanceler da Universidade⁴⁵⁶. Aqui, viria a estar presente, a 7 de Junho de 1733, na licenciatura em teologia do

⁴⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 76.

⁴⁵⁰ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 138.

⁴⁵¹ Cf. ANTT, TSO, Conselho Geral, Habilitações, António, mç. 34, doc. 851, f. 3.

⁴⁵² Cf. *Ibidem*, f. 4

⁴⁵³ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Trespelado do testamento do Padre João Garção religioso da Companhia de Jesus e carta de licença do padre Provincial da mesma Companhia, cx. 9, f. 400v.

⁴⁵⁴ Vd. Manoel Pimentel, *Arte Pratica de Navegar & Roteiro das Viagens & Costas Maritimas do Brasil, Guiné, Angola, Indias Orientais e Ocidentales...*, Lisboa, Oficina de Bernardo da Costa Carvalho, 1699.

⁴⁵⁵ Cf. ANTT, TSO, Conselho Geral, Habilitações, João, mç. 58, doc. 1103.

⁴⁵⁶ Cf. Carlos Alberto Calinas Correia, *A Arte de Navegar de Manoel Pimentel (as Edições de 1699 e 1712)*, dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, p. 115.

Padre Luís António Verney⁴⁵⁷. Não deixaria, contudo, de frequentar a sua terra natal, sendo conhecedor da sua história, do que faz eco a memória paroquial da Igreja de São Salvador da Aramenha, termo de Marvão, referindo-se às ruínas da cidade romana de Ammaia – hoje conservadas –, que então eram já conhecidas: “o Reverendo Padre Mestre Doutor Joam Graça Religioso que foi da Companhia lhe afirmou [...] tinha hum livro em que constava que a ditta Cidade fora conquistada, e demolida pelo Emperador Julio Cesar”⁴⁵⁸. Passaria, pois, temporadas em Marvão, comentando as suas leituras. Aqui viria a ser fundada a sua capela, pelo dito testamento, feito no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, a 25 de Setembro de 1706. Sendo sobrinho paterno do sargento-mor, que era compadre e vizinho dos pais de Soror Isabel do Menino Jesus, o jesuíta terá, pois, convivido, ainda que circunstancialmente, com a autora, cuja curiosidade intelectual a levaria, supomos, a querer ouvi-lo e a falar-lhe. Mas “Por forsa me faziam meus Pais fugir do mundo porque hera tanto O Coydado que tinham de que a primauera fose para otono que me descoydey de flores”⁴⁵⁹.

Tinha dezoito anos, quando “me detriminey Vzar do jntendimento pois uia todas As portas fechadas”⁴⁶⁰ e pensou em ser religiosa, o que, segundo afirma, “de menina o dezeyaua”⁴⁶¹. Mas os pais não lho consentiram. A recusa acabara por determinar a sua orientação para um caminho oposto: “modei o pensamento para ficar no mundo Amando honrras Riquezas e tudo o que mundo Eemganozo promete”⁴⁶². E “quis mostrar As minhas prendas nas boAs disposisois que tinha para gouernar caza”⁴⁶³, talvez para mostrar as suas capacidades para vir a ser mulher casada. Dedicara-se então à casa paterna e nestas lides “tomou o Demonio caminho para me emtroDuzir nas coyzas do mundo”⁴⁶⁴, porque se afeiçoou às

⁴⁵⁷ Cf. António Alberto de Andrade, *Vernei e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1965, p. 531.

⁴⁵⁸ Cf. ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 22, n.º 74, f. [10].

⁴⁵⁹ Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 4, § 5.

⁴⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 5.

⁴⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 5.

⁴⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 5.

⁴⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 5.

⁴⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 5.

coisas da terra, “amando as riquezas honrras stimasam propria e com estas cadeias me prenderam os tres jnimigos dalma”⁴⁶⁵, até aos vinte e cinco anos⁴⁶⁶.

Referimos anteriormente que foi madrinha em pelo menos nove baptizados. No Concílio de Trento, estabelecera-se que um neófito teria apenas um padrinho ou dois, convencionando-se depois que fosse um homem e uma mulher. Os padrinhos passariam a estar vinculados à criança, aos seus pais desta e entre si por um parentesco espiritual; e obrigados a catequizar a criança quando tivesse idade para aprender a doutrina⁴⁶⁷. Alargando esta obrigação, os padrinhos exerciam uma efectiva protecção do afilhado por toda a sua vida, como se fosse filho carnal. Supomos que o papel das madrinhas nas zonas rurais portuguesas seria já aquele que, embora já algo matizado, chegou aos nossos dias. Tanto quanto sabemos, a madrinha, pelo menos até ao início do século XX, era convidada pelos pais da criança, por ser mulher de boa fama e posição, considerada digna de levar nos seus braços o neófito até à igreja para ser baptizado, tornando-se assim protagonista feminina do acontecimento, já que a mãe da criança ficava em casa, no chamado regimento, após o parto. Em todos os casos, mas sobretudo nas famílias pobres, assegurar uma madrinha com esse perfil significaria a protecção e o amparo futuros ao afilhado; e poderia mesmo vir a substituir a mãe deste, em caso de orfandade. Dizia-se, assim, que “Quem bem me faz, elle he meu Compadre” e “Do paõ de meu Compadre grande pedaço a meu afilhado”⁴⁶⁸, adágios que reflectem a importância dos padrinhos de baptismo, que passavam a ser compadres dos pais da criança e compadres um do outro. Para a mulher que aceitava o convite para ser madrinha, tanto dos filhos de gente pobre, como dos filhos de gente abastada, esse papel era honroso, crescendo-lhe o número de afilhados à medida do seu prestígio pessoal. No caso de uma madrinha que fosse também solteira e não tivesse perspectivas de casamento, ou que fosse casada ou viúva, mas não tivesse filhos, o elevado número de afilhados poderia representar, ainda, a candidatura destes à sua herança. De facto, em testamentos

⁴⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 5.

⁴⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 5.

⁴⁶⁷ Vd. António Camões Gouveia, “A Sacramentalização dos Ritos de Passagem”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. 534-538.

⁴⁶⁸ Cf. “Compadre”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino Aulico, Anatomico, Architectonico...*, vol. II, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, p. 414.

da época, surgem herdeiros cujo parentesco é o de afilhado e alguns chegam a ser referidos como filhos adotivos da testadora⁴⁶⁹. Num baptizado que implicasse, além da administração do sacramento do Baptismo propriamente dito, a realização de uma festa profana, também nesta a madrinha se tornaria figura central, exibindo o afilhado ao colo, geralmente vestido e adornado a suas expensas, ou com labores da sua mão, o que também lhe conferia relevância, sobretudo entre as outras mulheres presentes. Como aponta Rafael Bluteau, a comadre era a “Companheira do padrinho de hum menino na pia do Baptismo”⁴⁷⁰, isto é, naquele dia, fazia par com ele; ambos ficavam em lugar de honra. Anos depois, as madrinhas também acompanhavam as afilhadas no dia do seu casamento, “em lugar da mãy”⁴⁷¹, ocupando, portanto, um lugar destacado na boda.

Supomos, assim, que Isabel Fernandes terá sido, apesar do controlo paterno, uma donzela bem conhecida e considerada, a quem vários casais dirigiram o convite para ser madrinha dos seus filhos. Já na juventude a sua personalidade se destacaria, pelo seu donaire. É importante notar que as suas irmãs, quando solteiras ou já casadas, não foram convidadas para serem madrinhas por tantas vezes. A mais velha, Maria Rodrigues Morata, sendo solteira, foi madrinha apenas uma vez⁴⁷² e, já casada, cinco vezes⁴⁷³. A outra irmã, Catarina Sanches, foi somente duas vezes, sendo já casada⁴⁷⁴. Também a mãe da autora, Domingas Rodrigues, surge como madrinha apenas uma vez enquanto solteira⁴⁷⁵; e duas vezes já casada⁴⁷⁶. A escassez de convites que receberam e os

⁴⁶⁹ Veja-se, por exemplo, o caso de Eugénia Dama, viúva de Gaspar Mouzinho Barba, sem filhos, cujo testamento já citámos, feito a 20 de Janeiro de 1694. A testadora deixou à irmã de uma tal Candeias a quantia de 10.000 réis, porque era sua afilhada. Destacou, porém, a sua outra afilhada, Maria Gonçalves Delgada, que tornou sua principal herdeira, “uisto a hauer crida como filha, e ella me assistir com o amor, que experimentei, e o que uou dispondo de minha fazenda, e bens moueis, sendo pera ella os lograr”. Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1700–1712), Trelado do Testamento com que Faleceu Eugénia Dama..., cx. 9, f. 389.

⁴⁷⁰ Cf. “Comadre”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, op. cit., vol. II, p. 386.

⁴⁷¹ Cf. “Madrinha”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, op. cit., vol. V, p. 243.

⁴⁷² Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 157v.

⁴⁷³ Cf. *Ibidem*, fs. 214, 209 e 220v; Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 27v; Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 47v.

⁴⁷⁴ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 254; Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 284v.

⁴⁷⁵ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1590-1684), f. 170.

intervalos temporais contrastam com a frequência de convites recebidos pela autora num curto período de apenas oito anos, uma vez que só terá aceitado ser madrinha entre os dezassete e os vinte e cinco anos, declinando tal honra depois desta idade, possivelmente por ter iniciado o seu processo de conversão.

É também importante notar que se a maioria dos baptizados em que Isabel Fernandes foi madrinha, o padrinho foi João Morato, seu pai, em três deles foi madrinha com outros padrinhos: o seu parente Pedro Morato⁴⁷⁷, então casado com Maria Rodrigues⁴⁷⁸; o capitão Manuel Estaça, então casado com Maria Estaça⁴⁷⁹; e Bento Garção de Torres, então viúvo de Maria de Parada⁴⁸⁰. Se aquele Morato seria simplesmente seu parente, os outros dois compadres da autora eram destacados membros da nobreza da vila, o que tornava esses compadrios particularmente prestigiosos para a autora. Bento Garção de Torres, por exemplo, filho do capitão de cavalos João Garção e de sua mulher, Isabel de Faria Estaça⁴⁸¹, era um homem muito abastado, possuindo várias moradas de casas na vila e no seu termo, bem como soutos, vinhas e outras propriedades⁴⁸². Era também pessoa de letras, pelo que se deduz da sua elegante assinatura, “Bento Graçaõ de Ttorres”⁴⁸³; e tinha familiares próximos na nobreza de Évora, porque uma sua irmã, Maria Estaça de Faria, casara com o fidalgo eborense Bernardo da Costa e

⁴⁷⁶ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 115; Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1695-1718), f. 21.

⁴⁷⁷ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 210.

⁴⁷⁸ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 64v. Maria Rodrigues, mulher de Pedro Morato, faleceu a 10 de Dezembro de 1694, pelo que, à data em que o seu marido foi padrinho naquele baptizado em que Soror Isabel do Menino Jesus foi madrinha, ele era casado. Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago (1682-1769), f. 37v.

⁴⁷⁹ Maria Estaça, mulher de Manuel Estaça, morreu a 1 de Fevereiro de 1666, pelo que, à data em que o seu marido foi padrinho naquele baptizado em que Soror Isabel do Menino Jesus foi madrinha, ele era casado. Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago (1682-1769), f. 41.

⁴⁸⁰ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 25v.

⁴⁸¹ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1595-1664), f. 172. A mãe de Bento Garção de Torres, Isabel de Faria, é referida também como Isabel de Faria Estaça noutras fontes. Cf. Fernando de Castro Pereira Mouzinho de Albuquerque e Cunha, *Mouzinho de Albuquerque. História e Genealogia*, vol. III, Cascais, Edição de Autor, 1971, p. 184.

⁴⁸² Cf. ADP, Tribunal da Comarca de Castelo de Vide, Inventários Obrigatórios (1679-1982), Inventário Obrigatório (1705), cx. 25.

⁴⁸³ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), f. 93.

Vasconcelos, de cuja descendência procederia, daí a umas gerações, o conhecido José Xavier Mouzinho da Silveira, estadista, jurisconsulto e político⁴⁸⁴.

As irmãs da autora, Maria Rodrigues Morata e Catarina Sanches, casaram em idades núbéis: com dezasseis e dezoito anos de idade, respectivamente. Isabel Fernandes, pelo contrário, ficou solteira. Entrou no convento já com trinta e quatro anos, idade considerada tardia, quer para casar, quer para professar. Não sabemos por que razão ficou por casar até 1699, ano em que, como veremos, fez voto particular de castidade, idade, portanto, em que o casamento passou a ser impossível. É plausível supor, porém, que os pais, à semelhança das filhas mais velhas, se tivessem preocupado em viabilizar-lhe um bom casamento em idades em que este era ainda possível. Como mencionámos, na “Vida”, a autora afirma que desde pequena quis ser religiosa e que os pais não lho tinham permitido, sobretudo aos dezoito anos, quando se propôs a sê-lo. Resignara-se, mudando de ideias. A negação paterna estendera-se até à sua entrada no convento, depois de ter insistido no seu desejo. Supomos, assim, que, se não queriam que fosse religiosa, queriam-na certamente casada. Casar era o destino mais comum para uma mulher da época. Soror Isabel é omissa quanto a planos para a casar, mas é plausível supor que estes tenham existido desde os seus treze anos, momento em que os pais começaram a impor-lhe certo controlo.

A autora indicia, porém, que, pesasse embora essa atitude paterna, entre os dezoito e os vinte e cinco anos, levou uma existência, por um lado discreta, dedicada à casa paterna, e, por outro, muito focada nas “honrras Riquezas e tudo o que mundo Eemganozo promete”⁴⁸⁵, não abdicando, pois, e com vaidade, dos prazeres que lhe eram permitidos. Essas idades são precisamente as que estabelecem os limites temporais das notícias que temos de si como madrinha de nove crianças, ocasiões festivas em que lhe seria dado um lugar de destaque. O ano de 1698 foi determinante, como implicitamente indica, quando tinha a “Jdade de uinte e sinco annos e seis mezes”⁴⁸⁶ e se iniciou a sua conversão. Sabemos que foi precisamente nesta data os seus pais fizeram lavrar uma escritura de dote

⁴⁸⁴ Vd. José Xavier Mouzinho da Silveira, *Obras*, edição crítica coordenada por Miriam Halpern Pereira, vol. I - *Estudos e manuscritos* e vol. II - *Manuscritos e impressos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

⁴⁸⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 5, § 5.

⁴⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 5.

remuneratório. A filha teria o dote disponível no momento da sua tomada de estado e isto poderia acontecer apenas com a licença deles, ainda que, à data, já fosse maior de idade. Esta escritura não foi, pois, feita para a entrada no convento, porque esta viria a dar-se quase uma década depois, momento em que os pais fizeram uma segunda escritura de dote, a qual refere explicitamente que este, sim, se destina a professar, como adiante veremos. Não é o caso daquela primeira escritura, que é omissa quanto a uma profissão religiosa. É possível que se destinasse a tornar a filha um alvo do interesse de pretendentes, apesar de já ter uma idade um tanto avançada para uma mulher daquela época casar pela primeira vez; e de, como a própria autora escreve, não ser formosa e ter a expressão grave.

Isabel Fernandes não casou e, pouco depois da primeira escritura de dote, fez um voto particular de castidade. Conta, na “Vida”, que começou a converter-se num dia em que saiu de casa, porque queria alcançar a indulgência plenária concedida pela Santa Sé na solenidade de Nossa Senhora dos Anjos, ou da Porciúncula, a partir do meio-dia de 1 de Agosto até à meia-noite do dia seguinte⁴⁸⁷. Pela narração, sabemos que se dirigiu à igreja do Convento de Nossa Senhora da Estrela, casa de religiosos franciscanos, que terá procurado para garantir as condições necessárias ao lucro desta importante indulgência. Este convento ficava situado extra-muros, na ladeira abaixo da Porta da Vila, a curta distância da Rua do Espírito Santo, onde morava.

Tendo passado por casa de uma das suas irmãs, no regresso a sua casa, o seu cunhado, sabendo que “eu hera inclinada a liuros”⁴⁸⁸, oferecera-lhe “hum liuro muito coriozo porque estaua feito sobre parabola e tomando eu o liuro coydando tinha liuro de flores que se acomodaua ao meu genio me achei com fritos”⁴⁸⁹. Levando-o consigo, fora lendo, sempre com ideia de que “hera liuro profano porque o mundo me tinha sega”⁴⁹⁰. Porém, a leitura levava-a a reflectir e “apareseo o Sol com rrayos de lus porque Deus me infundio lus supirior que logo desterrou

⁴⁸⁷ O Concílio de Trento determinara que se devia prosseguir a tradição acerca da postestade concedida por Cristo à sua Igreja na matéria das indulgências, já antes dadas, declarando anátema aquele que as considerasse inúteis ou que negasse a potestade da Igreja de as dar, por esta vir de Cristo, como a Sagrada Escritura demonstrava (Mt 16, 19; 18, 18). Cf. Enrique Denzinger, *El Magisterio de la Iglesia...*, op. cit., pp. 279.

⁴⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 6.

⁴⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 6.

⁴⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 6.

As treuas da minha jnoransia”⁴⁹¹. Reconhecera então os erros da sua vida, que poderiam condenar a sua alma ao Inferno, e “foy tam uehemente O Conhesimento que Deus me deu”⁴⁹² que sem dilação “tomei logo o liuro por mestre”⁴⁹³.

6. Iniciação na ascese

Apesar de ter iniciado a sua conversão, Isabel Fernandes não fora ainda iniciada na ascese. Escreve que não tinha então director espiritual, nem “eizersisio de Orasam mental”⁴⁹⁴. E por aqui se vê que, de facto, o mencionado livro não tratava de matéria espiritual ou mística, tão-somente de assuntos morais, propostos de modo lúdico, “feito sobre parábola”⁴⁹⁵. A obra “me insinaua a dar costas ao mundo com a negasam da propria uontade e ualendome do intendimento foy presebendo que emtrase a domar a natureza”⁴⁹⁶, com jejuns, aplicação de disciplinas, uso de cilício, de cama áspera, sem roupa de linho, enfim, mortificando ou “finalmente serrando Os sentidos”⁴⁹⁷.

Começara também a rezar a Ladainha de Nossa Senhora e algumas jaculatórias, porque ainda “nam sabia que coiza hera rrecolhimento interior”⁴⁹⁸. A sua oração era, pois, ainda muito tímida e limitava-se à recitação de fórmulas litânicas e pouco mais. Não sabia ainda o que era a oração mental⁴⁹⁹. A sua prática estar então muito difundida, como valor da Contra-Reforma, sendo ensinada aos

⁴⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 5-6, § 6.

⁴⁹² Cf. *Idem, ibidem*, pp. 5-6, § 6.

⁴⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 5-6, § 6.

⁴⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 6, § 6.

⁴⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 5, § 6.

⁴⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 5-6, § 6.

⁴⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁴⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁴⁹⁹ A oração mental é uma forma, ou variedade de oração que se distingue da oração vocal, segundo se dá no interior da alma ou se exprime no exterior. Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística, op. cit.*, pp. 280-291. É, assim, “uma espécie de conversação interior com Deus, que não se manifesta exteriormente: *Orabo spiritu, orabo et mente*. Qualquer acto interior que tem por fim unir-nos a Deus pelo conhecimento e amor, recolhimento, consideração, reflexão, exame, olhar afectuoso, contemplação, voo do coração para Deus, pode chamar-se oração mental. É que, na verdade, todos estes actos nos elevam para Deus, sem exceptuar as reflexões sobre nós mesmos, que têm por fim tornar-nos a alma menos indigna daquele que a habita. Todos servem para aumentar as nossas convicções, para nos fazer praticar as virtudes, e não como um noviciado dessa vida do céu que não é senão uma afectuosa e eterna visão de Deus. É também esta oração o alimento e a alma da oração vocal”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 291.

fiéis através da literatura devota⁵⁰⁰ e dos sermões⁵⁰¹, mas, fosse porque não era pregada em Marvão, fosse pela falta de acesso a livros que a explicassem, fosse pela mundanidade em que a autora vivia, não lhe chegara ainda ao conhecimento.

⁵⁰⁰ Pouco antes da conversão de Isabel Fernandes, em 1687, o Padre Manuel de Coimbra fizera sair a *Practica dos Exercícios Espirituais de Santo Ignacio*, tradução da obra, em castelhano, do Padre Sebastián Izquierdo, acerca dos exercícios inicianos, muito seguidos pelos fiéis. Nesta obra, faziam-se algumas advertências sobre da oração mental, também chamada meditação: “Oração mental, ou Meditação não he outra cousa, mais que trazer á memoria algũa sentença, ou acção, & discorrer com entendimento sobre isso, ponderando suas circunstancias, & inferindo hũas cousas de outras, & com isso mover a vontade a bons affectos, desejos, & propositos: no que esta o fructo da oração.” Cf. Sebastián Izquierdo, *Practica dos Exercícios Espirituaes de Santo Ignacio pelo Padre Sebastiam Izquierdo da Companhia de Jesus. Tradusida pelo Padre Manoel de Coimbra Beneficiado da Madalena Offerecida ao mesmo Inclyto Patriarca Santo Ignacio de Loyola, & a seus Generosos Filhos*, Lisboa, Oficina de João Galvão, 1687, p. 7. Segundo este livro, o fiel que segue o método iniciano de oração mental, antes de iniciá-la, deve distinguir os pontos em que há-de meditar, passando-os brevemente pela memória, “especialmente ha de fazer isto, quando se vay recolher, adormecendo com este pensamento, & da hora, em que se ha de levantar”. Cf. *Idem, ibidem*, pp. 7-8. Pela manhã, logo que acorda, deve pensar imediatamente nesses pontos, sem admitir outros pensamentos. Dois ou três passos antes do lugar onde vai estar em oração, deve considerar que o Senhor está presente, “vendo-o, & ouvindo-o com desejo de seu bem; & que vai falar com taõ grande Magestade, & tratar cousas de summa importância, quaes são as de sua salvação”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 8. Deve por-se de joelhos, fazendo-lhe uma profunda reverência, e adoração. “Tudo isto se há de fazer brevemente”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 8. A postura habitual deve ser, pois, de joelhos, mas poderá fazer a oração também prostrado ou de pé, ou sentado, se ficar com fraqueza física, “pedindo licença a Nosso Senhor dizendo lhe, que se não assenta diante de Sua Magestade por grande, senão por pequeno, & fraco”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 8. Fará então uma oração preparatória, pedindo a graça de gastar aquele tempo “para honra, & gloria sua, & proveito de sua alma”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 8. Fará uma “composição de lugar”, ou seja, imaginará uma figura corporal, ou imagem do que há-de meditar, fazendo presentes as pessoas, lugares e circunstâncias, “segundo a materia da meditação”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 9. Pedirá então ao Senhor que lhe dê luz e graça para receber naquela oração tal virtude, ou sentimento de amor, dor, temor, etc. Depois terá presente um ponto dos que tem preparados e discorrerá sobre ele, sem ânsia de passar a outro ponto, “tanto, quanto lhe durar a luz, gosto, & sentimẽto, que delle percebe, de maneira, que fique delle satisfeito”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 9. Fará então um colóquio com Cristo, ou com a Santíssima Trindade, ou com a Santíssima Virgem, com familiaridade, “tratando já como creatura com o seu Creador, ou escravo com o seu Senhor, ou filho com seu Pay, discipulo com seu Mestre, enfermo com Medico, amigo com amigo, ou pobre com rico”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 10. Pedirá alguma graça, conselho, remédio para alguma necessidade, alegando, da parte de Deus, a sua infinita bondade e os méritos de Cristo, e, da parte da alma, o perigo, a necessidade e a miséria. Este colóquio deve ser rematado com uma oração vocal: se for com a Santíssima Virgem, uma *Ave Maria*, se for com a Santíssima Trindade, ou com Cristo, um *Pater noster*. Quando terminar, o fiel deve examinar-se, avaliando como foi a sua oração; se foi bem, deve dar graças a Deus; se foi mal, deve ver a razão disto: se foi negligência sua, ou por não ter respeitado os passos requeridos, e tudo emendará na oração seguinte. Deve reparar bem nas inspirações e bons desejos e propósitos, que o Senhor lhe deu, e ter lembrança deles para os executar. Este método, segundo a autor, é fácil, seguro e comum para todos, sábios, ignorantes, entendidos e rudes. Nele, usam-se as potências naturais – memória,

Nessa época, Isabel Fernandes já andava, porém, “leuando o Spirito”⁵⁰² a Deus. Quatro meses depois – chegada, portanto, a Dezembro de 1698 –, encontrou-se com um religioso franciscano “e me dise que sem Orasam nam podia demenuir culpas nem preseuerar nas Vertudes”⁵⁰³. Este religioso tornar-se-ia seu confessor. Na “Vida”, não indica o seu nome, mas sabemos que, nesse mesmo ano, fez-se um arrolamento dos religiosos do Convento de Nossa Senhora da Estrela e havia entre eles três confessores: Frei António do Amparo, guardião do convento; Frei António de São José, presidente do convento; e Frei Manuel de São Vicente⁵⁰⁴. Um destes terá sido, pois, seu confessor, o mesmo que, nesse ano da sua conversão, uns seis meses depois daquele jubileu em que a confessou, continuou a dirigi-la. Curiosamente, na igreja deste extinto convento, que sofreu várias alterações posteriores, conservam-se dois confessionários semelhantes, lavrados em pedra, um de cada lado da nave central. O da esquerda exhibe a inscrição “1698”, data da sua construção, por coincidência a mesma da conversão de Isabel Fernandes. Neles, pois, se terá confessado, nos anos seguintes, recebendo direcção espiritual.

Esse encontro fora decisivo. Pedira então ao religioso “sse queria ele tomarme a seu coydado porque eu que nam sabia que coyza hera Orasam mental

entendimento e vontade – nas matérias pertencentes à oração, “da maneira, que usamos dellas em todos os mais negócios humanos”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 11.

⁵⁰¹ Na sua eloquência, o Padre António Vieira explica a diferença entre oração mental e oração vocal: “Quanta é a diferença que tem (posto que estejam tão juntos) na rosa o cheiro, e a virtude; na árvore a folha, e o fruto; no mar a concha, e a pérola; no Céu a Aurora, e o dia; no homem o corpo, e a Alma; e para que o digamos por seus próprios termos: quanta é a vantagem, que faz o entendimento à voz, tanta é a que tem (posto que irmãs entre si) a Oração Mental sobre a Vocal. A Vocal é o exterior da Oração, a Mental o interior; a Vocal é a parte sensível, a Mental, a que não se sente; a Vocal é um corpo formado no ar, a Mental o espírito, que o informa, e lhe dá vida. A Vocal recita preces, a Mental contempla mistérios; a Vocal fala, a Mental medita; a Vocal lê, a Mental imprime; a Vocal pede, a Mental convence. A Vocal pode ser forçada, a Mental sempre é voluntária; a Vocal pode não sair do coração, a Mental entra nele, e o penetra, e se é duro, o abranda. A Vocal exercita a memória, caminha pela estrada aberta, a Mental cava o campo, e não só cultiva a terra, mas descobre tesouros.” Cf. António Vieira, “Sermão III. Com o Santíssimo Sacramento Exposto”, in *Obra Completa*, direcção de José Eduardo Franco, Pedro Calafate, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, tomo II, vol. VIII – Sermões do Rosário Maria Rosa Mística I, coordenação de Carlos Maduro e José Paulo Leite de Abreu, p. 107.

⁵⁰² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 6, § 6.

⁵⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁵⁰⁴ Cf. Possidónio Matheus Laranjo Coelho, *Terras de Odiana...*, *op. cit.*, p. 344.

nem tinha tempo pelas moytas acupassois da caza que estauam a meu coyado”⁵⁰⁵. Respondera o religioso “que faria por emcaminhar-me para o Santo eizersisio da Orasam”⁵⁰⁶. Isabel Fernandes, “como nam podia de menham nem de tarde”⁵⁰⁷, dedicava-se à oração mental à noite, sobretudo “porque nam queria eu que ningem soubese a mudansa de minha uida”⁵⁰⁸. Passados “huns tres mezes”⁵⁰⁹ – isto é, por Março de 1699 –, sofrera, porém, certas provações à fé, “com outros combates”⁵¹⁰. Escreve que “foi grande o eizersisio de pasiensia que nestes mezes tiue porque mudar de uida de rrepente os tres jnimigos dalma me fizeram tanta guerra”⁵¹¹. Para não “tornar para tras e para hir adiante foy nesario que o Senhor me chamase ssegunda ues”⁵¹².

Tendo entrado na mesma igreja, onde costumava confessar-se, a do convento em que vivia o seu confessor, passara junto de um altar “com huma jmgem de Cristo crusificado”⁵¹³. Sentira então “dentro de minha alma que o Crusifiso me prendia asi com tanta forsa que se muitos lasos me prenderam nam podiam fazer semelhante prizam”⁵¹⁴. Trata-se, pelo que descreve, do fenómeno místico que se designa por toque divino, correspondendo a sentimentos espirituais deliciosos, impressos na vontade por um contacto divino⁵¹⁵.

Mas continuara sem evoluir espiritualmente, vivendo apenas “buscando a Deus pelos meios ordinários que tem a uia purgativa”⁵¹⁶. Aquele fenómeno místico deixara, porém, um eco, que produzira uma mudança: “sugeitei a minha uontade e rrendi o juizo esquadrinhei a comsiensia”⁵¹⁷; e fizera uma confissão geral. Passara a jejuar sete meses por ano, ao que acrescentava outras abstinências,

⁵⁰⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 6, § 6.

⁵⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁵⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁵⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁵⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁵¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁵¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 6, § 6.

⁵¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 6.

⁵¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵¹⁵ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, *op. cit.*, p. 808.

⁵¹⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 7, § 7.

⁵¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

aplicava disciplinas três dias por semana e, nos outros três dias, usava um cilício⁵¹⁸. Dedicava duas horas à oração mental “entre dia e noite”⁵¹⁹; frequentava os sacramentos e fazia exame de consciência todos os dias. Mortificara os sentidos, em especial o da visão, de tal forma, que, por cinco anos, nunca se vira ao espelho⁵²⁰.

Foi, pois, esse confessor franciscano quem a iniciou na ascese⁵²¹. Ainda que hoje a figura do director espiritual seja muito mais a de um interlocutor, que a de um guia, no século de Isabel Fernandes, e no seu caso, esse religioso tenha sido um guia, a quem ela terá obedecido, progredindo, pela sua mão, na vida ascética. Explicou-lhe necessariamente os princípios da ascética e da mística e ensinou-lhe o método apropriado para, no seu caso, praticar a ascese, o que poderia implicar as referidas práticas: abstinência de certos alimentos, jejum, redução do descanso nocturno, dormir ou descansar em lugares ou leitos inóspitos, separação do mundo, açoitarse a si mesmo (com disciplinas), descuidar o próprio corpo, suportar contrariedades e humilhações, porque não afecta apenas a dimensão física ou sensorial, mas também a mente, ou o espírito, e a vontade própria⁵²². A ascese destina-se a libertar alma do que é impuro, através do domínio do corpo e das suas paixões; e nela o místico enceta um percurso ascendente, único ou repetido ao longo da vida, feito na chamada escada espiritual, ou mística, uma subida interior prefigurada pelo episódio bíblico da escada de Jacob⁵²³. Primeiro, segue pela via purgativa; depois pela via iluminativa; e finalmente pela via

⁵¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵²¹ Um bom exemplo da direcção espiritual de uma donzela com vida ascética e mística, ou com propensão para ela, por parte de um religioso franciscano, no século XVII, pode ser o da Serva de Deus Irmã Maria do Lado (1605-1692), no século Maria Brites, fundadora do Recolhimento do Santíssimo Sacramento do Lourçal, que, ainda na casa paterna, no Lourçal, foi dirigida por Frei Bernardino das Chagas, religioso do Convento de São Francisco da Figueira. O religioso deslocava-se, por vezes, em missão ao Lourçal e, então, dirigia a Serva de Deus e outras mulheres da nobreza da vila, tendo identificado no grupo duas com vida ascética e mística. Vd. *Compendio da Admiravel Vida da Veneravel Madre Maria do Lado, Offerecida a’ Magestade Fidelissima do Senhor D. Joze I., Rei de Portugal &c. pela Abbadessa, e Religiosas do convento do Santissimo Sacramento do Lourisal*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1762, cap. VI, pp. 26-34.

⁵²² Vd. Johanna Lanczkowski, “Ascética”, in Peter Dinzelsbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 114-119.

⁵²³ Vd. Ulrich Köpf, “Escala Espiritual”, in Peter Dinzelsbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 342-345.

unitiva, até atingir a *unio mystica*, o cume da vida espiritual, segundo a formulação de etapas proposta pela escola mística franciscana, depois de São Boaventura, na sua obra *De triplice via*, com ressonâncias do *Corpus Areopagiticum*, ou seja, da obra atribuída a São Dionísio, o *Areopagita*, Bispo de Atenas, convertido por São Paulo no Areópago⁵²⁴; mas certamente recorrendo a outras escolas, porque se dispunha, então, de certa variedade de obras de místicos e de autores que escreviam sobre ascética e mística, impressas em Portugal e em Espanha, as quais estavam ao dispor dos confessores, que delas colhiam diferentes e complementares influências.

Terá sido, porém, nessa escola mística franciscana que Isabel Fernandes foi iniciada e toda a sua espiritualidade seria, até à morte, profundamente seráfica. De facto, ao longo das obras de Soror Isabel, em especial a “Vida” e o “Tratado Místico”, encontramos aquelas etapas. A via purgativa (equivalente a *katharsis*, em grego; dita *purgatio*, em latim), corresponde à purificação do espírito e ocorre necessariamente através da conversão da vida moral e da penitência, predispondo-se o místico para a chegada da graça divina. São Boaventura resume-a como: a lembrança dos pecados cometidos; o exame de si mesmo; a contemplação do Bem. A via iluminativa (*photismos*, em grego; *illuminatio*, em latim) permite, através da contemplação religiosa da Criação, tanto das realidades materiais, como imateriais, das terrenas e das sobrenaturais, uma maior aproximação do místico ao cume da vida espiritual. Segundo o *Doctor Seraphicus*, resume-se à meditação sobre os pecados perdoados, os benefícios recebidos de Deus e as recompensas prometidas. Já a via unitiva, ou perfeição (*teleiosis*, em grego; *perfectio*, em latim), conduz o místico ao contacto, ou à união com Deus, cume de toda a vida ascética e mística, que Soror Isabel do Menino Jesus parece localizar, pela primeira vez, já no convento, no ano de 1713, como citaremos mais adiante.

Confessa que a negação da vontade própria – entenda-se, na via purgativa – fora “o mayor eizersisio que tiue”⁵²⁵ naqueles anos, quando ainda estava em

⁵²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 344. Vd. Pseudo-Dionísio Aeropagita, *Obras Completas*, edição de Teodoro H. Martín e Hipolito Cid Blanco, tradução de Teodoro H. Martín, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2014. A conversão de São Dionísio é referida em Act 17, 34.

⁵²⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 7, § 7.

Marvão, mas Deus dera-lhe os dons da perseverança e da oração⁵²⁶. E aqui tratar-se-ia da via iluminativa. Pouco tempo tivera de meditação destes dons, porque “pasou alma a mayor conhesimento proprio que foi rrepresentarseme dentro nalma todos os meus pecados e posta em juizo eu mesma julguei meresia por Eles o inferno”⁵²⁷. Ouvira então uma voz interior “que me dise se me Atreuia eu beber hum calis”⁵²⁸, à qual respondera “que sim”⁵²⁹. Mas enchera-se então de escrúpulos: “por disposisam Deuina se foram aumentando para min tantas penas”⁵³⁰, que fora necessário “comfortarme o Senhor com hum fauor sobre natural”⁵³¹.

⁵²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7. Os escrúpulos, note-se, segundo aponta Adolphe Tanquerey, são considerados uma doença que produz “uma espécie de loucura na consciência e lhe faz recear, por motivos fúteis, ter ofendido a Deus”. Cit. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística, op. cit.*, p. 508. Acontece frequentemente aos principiantes, mas não é exclusiva destes. A palavra *escrúpulo* (do latim, *scrupulus*, pedrinha), que equivale, pois, a um peso minúsculo que faz balançar apenas as balanças mais sensíveis, designa também, em sentido moral, a uma razão insignificante, de que somente se preocupam as consciências mais delicadas. Daqui que, na mística, designe uma inquietação excessiva, que alguns experimentam, pelos motivos mais fúteis. Em certos casos, provém de uma causa puramente natural, outras de uma intervenção sobrenatural. Cf. *Idem, ibidem*, p. 508. No caso de Soror Isabel, tratar-se-ia desta segunda causa, pois a autora refere-se aos escrúpulos na sequência da visão do cálice e refere mesmo que estes ocorreram por “por disposisam Deuina”. Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p. 7, § 7. Deus pode permitir os escrúpulos para castigar a alma, sobretudo pela soberba, pelos seus movimentos de vã complacência; e outras vezes para prová-la, levando-a a expiar as faltas passadas, para a desapegar de consolações espirituais – no caso de Isabel Fernandes, as dos fenómenos místicos que vivera até então – e conduzi-la a um grau mais elevado de santidade, sendo isto o que sucede, segundo aquele autor, às almas que Deus quer dispor para a contemplação. Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística, op. cit.*, p. 509. Há diversos graus de escrúpulos. Há os escrúpulos resultantes de uma consciência meticulosa, excessivamente tímida, que vê pecado onde não há; os escrúpulos passageiros, expondo-se o assunto ao director espiritual e aceitando a solução que ele lhes der; e, por fim, os escrúpulos tenazes, acompanhados de obstinação. Cf. *Idem, ibidem*, p. 509. Os escrúpulos de Isabel Fernandes teriam sido apenas de segundo grau, depois da sua visão do cálice. Mais adiante, na “Vida”, referir-se-á novamente a escrúpulos, dessa vez por ter dado muito dinheiro a certa pessoa que queria converter, pelo que recorrera ao Senhor e a Nossa Senhora, a quem pedira luz interior para se curar desta doença. Nossa Senhora dissera-lhe então que ela própria tinha concorrido no Céu “para que eu fosse dando moeda corrente”. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p. 25, § 22. O tema volta na “Carta à Abadessa e Religiosas”, onde Soror Isabel mostra a sua preocupação para com algumas religiosas do seu convento, “que

Segundo se entende da “Vida”, Soror Isabel sugere que entrou na via iluminativa na Primavera de 1699, depois dessa primeira crise de escrúpulos, na qual se manteve por cinco anos, ou seja, até 1704, pois diz que “que em cinco anos Afetiuos me nam ui em espelho”⁵³², uma mortificação mais rigorosa, que parece corresponder à continuidade da purgação dos sentidos e, logo, à segunda via do espírito. Nesta via, estando em oração, tivera nova locução, na qual o Senhor lhe perguntara “se queria eu ser sua espoza”⁵³³.

Respondera afirmativamente. E o Senhor dera-lhe “logo hum Anel de seu amor”⁵³⁴ e “este se meteo logo no dedo do Corasam”⁵³⁵. Fizera assim um voto de

padesem este trabalho de escrupolos”. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...* (ms.), *op. cit.*, p. 65, § 73. Afirma aí que “nam padesi esa Preseguisam”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 65, § 73. O que não é exacto, segundo o que afirma na “Vida”, como atrás citámos. Talvez não tivesse considerado os escrúpulos como problema relevante na sua vida ascética e mística, pelo menos em terceiro grau, dando-lhes solução pela oração. De facto, na “Carta à Abadessa e Religiosas”, explica às destinatárias que quem os padece são geralmente “Pessoas de uertude e tratam de Orasam”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 65, § 73. Mas o Demónio, invejoso dos seus progressos, com a permissão de Deus, atormenta-lhes a alma, “emtra no humor melancólico”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 65, § 73. Aqui, referir-se-á à outra origem da doença dos escrúpulos. Se estes podem vir de Deus – como é o caso da primeira vez que os teve, segundo a “Vida” –, também podem vir do Demónio. Adolphe Tanquerey afirma que o Demónio vem, por vezes, enxertar a sua acção sobre uma predisposição mórbida da psique para lançar nela a perturbação, persuadindo a alma de que está em pecado mortal, impedindo-a de comungar, ou para a embarçar no cumprimento dos deveres de estado (neste caso, de religiosas professoras), enganando sobre a gravidade desta ou daquela acção para fazer a alma pecar formalmente, ainda que não haja matéria de pecado, ou de pecado grave. Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, *op. cit.*, p. 509. De facto, Soror Isabel, conhecedora desta doença, fala do humor melancólico e compara a alma escrupulosa a alguém que percorre um caminho estreito, cheio de arvoredo cerrado, por ambos os lados, de tal forma que os ramos, atirados uns sobre os outros, lhe dificultam o andar. A alma, segundo lhe parece, deve ter muita humildade e ir de bruços por dentro arvoredo, olhando para baixo e dizendo: “eu uou buscando A Deus nam tenho que temer”. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 65, § 73. Os ramos são como escrúpulos, uns prendendo o pensamento quanto à castidade, outros quanto à soberba, outros quanto à caridade, “com mil Variadaes”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 65, § 73. Só com misericórdia de Deus poderá soltar-se e “Sahir desta mata braua honde emcomtrara hum jardim Ameno cheyo de flores que sam as uertudes que mereseo em buscar A Deus”. Cf. *Idem, ibidem*, p. 65, § 73. Também no “Tratado Místico”, como veremos, diz que ser frequenteuma “jnmensidade de escrúpulos” nas almas que entraram na via iluminativa. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 93, § 98.

⁵³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

⁵³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

⁵³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, f. 8, § 7.

⁵³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

castidade, celebrando como que um desposório com Cristo, fenómeno místico recorrente na chamada mística da mulher, desde a Alta Idade Média, identificável com a via unitiva⁵³⁶. Soror Isabel é breve na descrição, dizendo tratar-se apenas de um anel do seu amor, ao que se seguiu o seu voto de castidade particular.

A visão do anel fora precedida pela visão do cálice. Assim como a do anel, também esta nova visão aparece nas vidas de algumas místicas, como Santa Teresa de Jesus⁵³⁷. A visão do cálice relaciona-se com a oração de Jesus no horto, quando, angustiado, reza: “Meu Pai, se é possível passe de Mim esse cálice, todavia não seja como Eu quero, mas como Tu queres”⁵³⁸. Tornou-se símbolo da Paixão de Cristo, não só por causa desta frase, mas porque, na Santa Missa, o vinho transubstanciado em sangue de Cristo, é contido num cálice, que é, por isso, símbolo eucarístico.

Fora então começando a roubar tempo ao sono para o dedicar ainda mais à oração. E “para que as uertudes se fosem Aumentando inspirauame Deus obedeser a todo genero de creaturas como nam fose comtra a minha comsiensia”⁵³⁹, o que fazia tão de tal modo que ninguém sabia ser uma imposição própria: “porque me fis tam tratauel com todos que cuidauam hera Em min natural e para min hera tanta a rrepugnansia que cada ato que obraua hera hum martirio”⁵⁴⁰. Normalmente, tratava com pessoas simples que “me faziam o jntendimento em

⁵³⁶ Vd. Rudolf Mohr, “Matrimonio”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 710-711. A visão do anel está, de facto, presente na vida de numerosas místicas, como Santa Teresa de Jesus, que, nas suas *Cuentas de Conciencia*, descreve que, estando um dia no convento de Beas, Cristo lhe dissera que, posto que era sua esposa, lhe prometia conceder-lhe tudo o que ela lhe pedisse; “y por señas me dio un anillo hermoso, com una piedra a modo de amatista, mas com un resplandor muy diferente de acá, y me lo puso en el dedo”. Cit. Santa Teresa de Jesus, *Cuentas de Conciencia*, in *Obras Completas*, edición manual, transcripción, introducciones y notas de Efrén de la Madre de Dios, OCD (†) e Otger Steggink, O. Carm (†), reimpressão, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2012, pp. 606-607.

⁵³⁷ Também Santa Teresa descreve o seu matrimónio espiritual depois da sua própria visão do anel. Tivera uma visão imaginária de Cristo, no Convento da Encarnação de Ávila, na qual ele lhe dera um cravo da sua crucifixão: “Mira este clavo, que es señal que serás mi esposa desde hoy; hasta ahora no lo havias merecido”. Cit. Santa Teresa de Jesus, *Cuentas de Conciencia*, in *Obras Completas, op. cit.*, p. 605. Note-se que a Santa já era *sponsa Christi*, por ter professado na Ordem de Nossa Senhora do Carmo, mas só agora Cristo confirmava a sua profissão e a selava com um símbolo da sua Paixão, sinal de sofrimentos que a Santa havia de suportar, a partir de então.

⁵³⁸ Cf. Mt 26, 39-40.

⁵³⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 8, § 7.

⁵⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

pedasos”⁵⁴¹; e, apesar de lhe custar a dominar a vontade, esforçava-se por aturá-las. E era para si “crus de maior peso outro eizersisio de penitensia tiue que hera trabalhar com o Corpo que nam tiue numca osiozidade”⁵⁴². Como o corpo não tinha forças porque tinha débil saúde, “me ficaua moy custozo mas tiraua das fraquezas forsas de sorte que numca mandei seruir que nam fose insinando com a obra”⁵⁴³. Sobre esta “uia Atiua”⁵⁴⁴, tinha outra via “mais apertada que hera Jncansauel em gouernar porque como me achaua com belisimas disposisois para isto”⁵⁴⁵, e governava a “caza e fazenda de meus Pais”⁵⁴⁶.

Nesta sequência, escreve brevemente sobre a sua vida familiar, na qual era, pois, elemento importante: “tiue sete sobrinhos a quem amaua muito e ficarão orfaos e leuVando meus Pais todos os sete netos para caza ficou a meu coydado O maior gouerno destes meninos que de doze Annos nam pasauam”⁵⁴⁷. Diz, por fim, que os mais velhos foram sendo criados por si até “os por em estado”⁵⁴⁸: parte deles foi para a vida religiosa, pois “para A Religiam os foy jducando”⁵⁴⁹, vindo a ser “tres Religiozos e quatro Religiozas de Minha Madre Santa Clara”⁵⁵⁰. A orfandade destas sete crianças e a sua ida para a vida religiosa franciscana de quatro delas é comprovada pela documentação disponível, como veremos adiante.

⁵⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

⁵⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

⁵⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

⁵⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

⁵⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

⁵⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

⁵⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 8 e 9, § 7.

⁵⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 9, § 7.

⁵⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 9, § 7.

⁵⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 8, § 7.

CAPÍTULO II
No convento

1. Professa no Convento de Santa Clara de Portalegre

“Emtra agora a mudansa de meu estado Para ser Religioza”⁵⁵¹. Conta Soror Isabel do Menino Jesus que tinha trinta e cinco anos, já com uma década de conversão, quando houve uma guerra com o reino vizinho e a vila “onde nasi padeseo do jnimigo grande a uesam pois nam teue guarnisam Para se defender emtrou o jnimigo dentro”⁵⁵². Refere-se evidentemente à capitulação de Marvão na Guerra da Sucessão de Espanha, após ter sido assediada pelo exército espanhol, que avançara sobre Portugal. Este infortúnio deu-se, de facto, em 1704, quando tinha trinta e quatro anos (e não trinta e cinco). O inimigo entrou na vila, permanecendo por mais de um ano, aprisionando uma parte dos seus moradores e enviando outra para Castela, onde acabou por morrer. A população, então de cerca de quinhentos vizinhos, foi reduzida a cerca de duzentos. Depois da libertação pelo exército português, comandado pelo Conde de São João da Pesqueira, os moradores viveriam miseravelmente nos anos seguintes, por terem sido saqueadas as suas casas e queimadas as suas fazendas. Um ano de ocupação não lhes permitira lavrar os campos, não tendo sobrevivido o gado e tendo decaído a produção de panos e o comércio, estimando-se que os danos foram superiores aos da Guerra da Restauração, que tinha fustigado a vila no século anterior⁵⁵³.

Os pais de Soror Isabel, suas filhas e netos, estes menores de idade, fugiram então para Portalegre. Assim o diz: “meus Pais por bom conselho caza e fazenda e sahiram para fora trazendo toda sua familia emtraram nesta sidade”⁵⁵⁴. Tal fuga ocorreu necessariamente pelo dia 27 de Junho desse ano. Uma anotação extraordinária no livro de óbitos da Igreja de São Tiago informa precisamente que “A 27 de iunho se entregou esta villa aos castelhanos do anno de 1704”⁵⁵⁵. No mesmo fólio foi registado o óbito de dois moços de Marvão, que “mataram os castelhanos” dias antes, a 13 de Junho de 1704⁵⁵⁶. Já no fim deste ano, um assento colectivo, na mesma igreja, dá conta do enterro de quatro moços mortos em

⁵⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 9.

⁵⁵² Cf. *Idem, ibidem*, f. 9, § 8.

⁵⁵³ Cf. Fernanda Olival, “Marvão, uma Vila Guardiã da Fronteira (Sécs. XVI-XVIII)”, *op. cit.*, p. 209.

⁵⁵⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 9, § 8.

⁵⁵⁵ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 68.

⁵⁵⁶ Cf. *Ibidem*, f. 68.

confronto, a 13 de Setembro desse ano de 1704⁵⁵⁷. No fim do ano, um assento de óbito colectivo refere-se a mais moços portugueses que morreram em novo confronto, a 13 de Novembro de 1704⁵⁵⁸. Algumas famílias adaptaram-se, porém, à presença do inimigo, convidando altas patentes do exército espanhol para apadrinhar os seus filhos, o que garantiria certamente uma convivência pacífica⁵⁵⁹.

Já antes da saída para Portalegre – provavelmente porque as suas casas, situadas numa das artérias principais da vila, foram saqueadas e ocupadas pelos espanhóis – a situação da família era penosa. Tinham morrido os seus dois cunhados e a sua irmã mais velha, Maria Rodrigues Morata, bem como uma sobrinha, Maria Morata. Dos cunhados não conseguimos localizar os assentos de óbito, supomos que devido à perturbação ocorrida pela entrada das tropas. Nem todos os mortos terão sido registados, até porque, como refererimos, cerca de duas centenas de pessoas foram enviadas para Castela, onde vieram a morrer. É também possível que tenham morrido na freguesia de Santa Maria de Marvão, onde alguns assentos de óbito desapareceram: o livro correspondente ao período entre 1686 e 1733 não se conserva. Parece-nos, porém, que o cunhado João Viegas Gomes terá morrido pouco depois de 2 de Janeiro de 1704, uma vez que, com sua mulher, Maria Rodrigues Morata, ainda apadrinhou nesta data uma menina, sua parente⁵⁶⁰. Mas já não estava vivo um mês depois, a 2 de Fevereiro, quando morreu também a sua filha, Maria Morata, “molher donzela”, com dezassete anos incompletos, dita filha de João Viegas Gomes, já defunto. Esta sobrinha da autora terá adoecido, pois houve tempo para lhe administrar todos os

⁵⁵⁷ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 79v.

⁵⁵⁸ Cf. *Ibidem*, f. 79v.

⁵⁵⁹ A 21 de Agosto de 1704, João Fernandes Pedrocha, mestre de campo e novo governador da praça, apadrinhou uma menina. Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 27v; a 5 de Setembro D. João, ajudante do mestre de campo, “assistente nesta vila”, apadrinhou um menino. Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 31. O mesmo “Alferes D. Joaõ” foi também padrinho de outro menino, a 16 de Setembro. Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 31v. A 22 de Setembro de 1704, D. António Manho, tenente-coronel do regimento de Granada, foi padrinho de uma menina. Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 32. O mesmo terá acontecido no caso de D. Francisco Torrilla, que apadrinhou outra menina, a 26 de Setembro de 1704. Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 32.

⁵⁶⁰ Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 27v.

sacramentos, embora não tenha feito testamento. Foi sepultada na igreja do Convento de Nossa Senhora da Estrela⁵⁶¹.

Dez dias depois, a 12 de Fevereiro – talvez em consequência da mesma doença –, faleceu a irmã mais velha da autora, Maria Rodrigues Morata, dita, no respectivo assento de óbito, viúva de João Viegas Gomes⁵⁶². De uma assentada, morreram, pois, no espaço de um mês, pai, filha e mãe. O casal defunto deixou dois filhos ainda menores de idade: João, com onze anos, uma vez que fora baptizado a 15 de Março de 1692⁵⁶³; e Manuel, com seis, pois nascera a 13 de Abril de 1697⁵⁶⁴. Os outros filhos já tinham morrido, muito pequenos, sendo João e Manuel os únicos sobreviventes de uma fratria que originalmente fora maior. Sabemos, pela “Vida”, que estes meninos foram viver com os avós maternos e com a tia materna, Isabel Fernandes⁵⁶⁵. João e Manuel juntavam-se aos seus cinco primos direitos, filhos da tia materna Catarina Sanches e do marido desta, o falecido Bartolomeu Fernandes Morato. A 2 de Janeiro de 1704 este outro cunhado da autora ainda estava vivo, quando apadrinhou uma menina, na Igreja de São Tiago de Marvão⁵⁶⁶. Depois desta celebração, não temos mais notícias. É possível que tenha morrido em Castela, depois ter sido aprisionado pelo exército espanhol, acontecimento que terá precipitado a fuga da família para Portalegre, temendo-se pela liberdade ou pela sobrevivência dos seus membros.

A família ficara reduzida ao capitão João Morato e a uma maioria de mulheres e crianças, seres indefesos naquela sociedade do início do século XVIII: Domingas Rodrigues, mãe da autora; Isabel Fernandes, a própria autora, solteira; Catarina Sanches, jovem viúva; e os sete órfãos, menores de idade: João, com onze anos; seu irmão Manuel, com seis (ambos órfãos de João Viegas Gomes e de sua mulher Maria Rodrigues Morata); e os seus primos direitos: Maria, com treze anos; Isabel, com sete; Catarina, com cinco; Brites, com três; e João, com um ano e poucos meses (filhos do falecido Bartolomeu Fernandes Morato e da sobrevivente Catarina Sanches). Eram, pois, muito pequenos.

⁵⁶¹ Cf. ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago (1682-1769), f. 68.

⁵⁶² Cf. *Ibidem*, f. 68.

⁵⁶³ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 49.

⁵⁶⁴ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 269v.

⁵⁶⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 9, § 7.

⁵⁶⁶ Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 27v.

Em Portalegre, permaneceram por três anos, “com bastantes discomodos”⁵⁶⁷, possivelmente hospedados por outra Catarina Sanches, a irmã mais velha do pai da autora, que ali residiria, casada com Diogo Rodrigues, natural da cidade⁵⁶⁸. Em Portalegre, na freguesia de Nossa Senhora da Assunção da Sé, moravam também outros Moratos, seus parentes: Manuel Pires Morato e sua mulher, Isabel Mendes, que ali tinham casado a 26 de Janeiro de 1682 na Igreja da Sé, sendo testemunha João Morato, pai de Soror Isabel do Menino Jesus, em cujo assento reconhecemos a sua inconfundível assinatura⁵⁶⁹. Eram cunhados de Catarina Sanches, irmã da autora, porque Manuel Pires Morato, natural de Marvão, fora irmão do seu defunto marido. A sua mulher, Isabel Mendes, natural da cidade, seria também sua parente, porque era filha de Manuel Morato e de sua mulher, Beatriz Mendes, também naturais de Portalegre e moradores naquela freguesia.

Segundo escreve na “Vida”, durante este período de exílio, Isabel Fernandes insistiu no seu desejo de se fazer religiosa junto dos pais, algo que a estes nunca agradara, em especial à mãe. Mas agora, em Portalegre, em contexto tão adverso, a opinião mudara. A mãe “foy a primeira A quem Deus moueo o Corasam para que tomase o estado que de menina o dezeiaua suposto hera ia tarde que como fica dito tinha 35 annos”⁵⁷⁰. Os pais, na verdade, desejariam que permanecesse sem estado, em casa, onde, aliás, era muito necessária a sua presença, o que plausivelmente viria a acontecer se não optasse pelo convento: “me nam podiam largar pela falta que lhes fazia”⁵⁷¹. É possível que também na região de Portalegre existisse “o costume, segundo o qual a filha mais nova – casada ou solteira – devia acompanhar os pais até à morte, ficando na casa paterna ao seu lado”⁵⁷², como era da tradição, segundo aponta Manuel Fernando Silva, acerca de famílias rurais da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. De facto, a escritura de dote remuneratório diz que os seus pais, por suas livres

⁵⁶⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 9, § 8.

⁵⁶⁸ Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), f. 149v. Catarina Sanches, tia paterna de Soror Isabel do Menino Jesus, casara com o dito Diogo Rodrigues a 28 de Outubro de 1660. Cf. ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1699), f. s/n.

⁵⁶⁹ Cf. ADP, Livro de Casamentos da Sé de Nossa Senhora da Assunção de Portalegre (1666–1685), f. 123.

⁵⁷⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 9, § 8.

⁵⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 10, § 8.

⁵⁷² Cf. Manuel Fernando Silva, *Pastorinhos de Fátima*, Lisboa, Edições Paulinas, 2015, p. 72.

vontades e sem constrangimento de pessoa alguma que a isso os movesse ou obrigasse, “mais que os bons seruisos e boas obras que tem Recebido de sua filha Jzabel Fernandez mulher donzella e ia emancipada, de seu consentimento lhes faziao Dote e pura graça e doação Remuneratoria de seruiços de quatro centos mil reis em dinheiro”⁵⁷³.

Na verdade, ainda que fosse mulher donzela emancipada, em razão da sua idade, e ainda que dispusesse de um dote remuneratório de 400.000 réis, a autora dificilmente teria possibilidade de construir uma vida autónoma antes da morte dos seus pais, momento em que receberia também a sua herança. Mas não seria então um caso único em Marvão, onde várias mulheres solteiras viviam da sua fazenda e não dependiam de autoridade familiar, como era o caso de Leonor Carrilha Garçoa e o de Vitória Garçoa, suas contemporâneas⁵⁷⁴, ambas tias maternas do já mencionado Padre Dr. João Garção, jesuíta⁵⁷⁵; ou de outros casos marvanenses, anteriores ao seu nascimento, como o de Clara Fernandes, “mulher nobre” solteira⁵⁷⁶; ou o de uma sobrinha materna desta, Maria Mouzinha, também “mulher donzela”⁵⁷⁷. Tia materna de sete meninos órfãos, Isabel Fernandes poderia, assim, assumir a sua criação, a qual, pelo menos em relação às sobrinhas, podendo, mais tarde, eleger uma delas, mantê-la em sua casa e tratá-la por filha, como o fizera aquela Clara Fernandes em relação a uma sua sobrinha-neta e herdeira: “minha filha Catherina Mouzinha filha de Antonio Serrão e de Izabell MouZinha”⁵⁷⁸.

Mas esta não seria, de facto, a sua vontade, preferindo a vida religiosa à vida familiar. Para o conseguir, supomos, terá convencido os pais a encaminhar todos

⁵⁷³ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 2, f. 117.

⁵⁷⁴ Vd. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1704-1714), Trespado do testamento com que faleceu Leonor Carrilho Garção donzela da vila de Marvão, cx. 11; e Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Trespado do testamento com que faleceu Victória Garção donzela da vila de Marvão, cx. 9.

⁵⁷⁵ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Trespado do testamento do Padre João Garção..., cx. 9, f. 401.

⁵⁷⁶ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1716-1718), Testamento de Clara Fernandes da Corredoura, cx. 14, f. 313v.

⁵⁷⁷ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1716-1718), Testamento de Maria Mouzinho mulher donzela, cx. 14, f. 490v.

⁵⁷⁸ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1716-1718), Testamento de Clara Fernandes da Corredoura, cx. 14, f. 313v.

os sobrinhos, sem exceção, para a vida religiosa, assumindo ela própria uma certa margem de responsabilidade em relação às quatro sobrinhas, que seriam progressivamente enviadas para junto de si, já no Convento de Santa Clara de Portalegre, entrando ali como educandas, vindo depois a professor. É possível que os pais e a irmã viúva, afinal, temessem o regresso a Marvão, onde todos os seus bens teriam sido saqueados e talvez destruídos, e onde os moradores se debatiam ainda com a miséria, depois da ocupação militar. Talvez sentissem não poder garantir ali um bom futuro às quatro meninas, nem aos três moços, os quais acabariam por encaminhar também para a vida religiosa. E, assim, segundo escreve, os pais “Dispuzeram meu stado com muita magoa de seu corasam e asiustadas as contas emtrei A ser Religioza tomei o Santo Abito Com muito gosto”⁵⁷⁹. O caso de Isabel Fernandes parece assemelhar-se, pois, aos de outras religiosas que não foram coagidas a entrar no convento, mas aos daquelas que viram na clausura uma autêntica vocação religiosa, assumida no pleno gozo da sua liberdade pessoal⁵⁸⁰.

O primeiro documento que conhecemos relativo a Isabel do Menino Jesus – pela primeira vez com este nome – é relativo à votação da autora para entrar no noviciado, cujo assento consta do *Livro dos Votos*: “Jzabel do menino Jezus filha de Joaõ Mourato e Domingas Rodrigues naturaes da Vila de Marvaõ”⁵⁸¹ foi votada a 27 de Fevereiro de 1707, na presença do guardião do Convento de São Francisco de Portalegre, Frei Francisco de Santa Bárbara, pregador, por toda a comunidade, reunida “ao som da campa tangida”⁵⁸². Nem todas as religiosas queriam admiti-la, mas “se acharaõ a mayor parte a seu favor”⁵⁸³. Ignoramos o motivo da negação de voto positivo por parte de algumas religiosas, podendo supor, porém, que se deveu simplesmente à disputa pelas vagas no convento. Nem sempre podia haver novas noviças, ou mesmo professoras, por falta de lugares disponíveis nos dormitórios, esperando-se pela morte de alguma religiosa para se

⁵⁷⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 9 e 10, § 8.

⁵⁸⁰ Vd. Leonardo Coutinho de Carvalho Rangel, “Livre Dentro dos Muros: o Caso de Madre Brígida de Santo António (1576-1655), in *Via Spiritus*, n.º 18, Porto, 2011, pp. 55-81.

⁵⁸¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 36.

⁵⁸² Cf. *Ibidem*, f. 36.

⁵⁸³ Cf. *Ibidem*, f. 36.

proceder a uma nova entrada. Nesse momento, certas religiosas desejariam alcançar vaga para parentes e amigas.

No dia seguinte, os seus pais fizeram lavrar uma escritura de dote. Esta foi tresladada no *Livro dos Dotes* do Convento de Santa Clara, intitulada “Dote para freira de jzabel do menino jesu que lhe fazem seus Pais joão Mourato e sua mulher da uilla de Maruaõ”⁵⁸⁴; e foi feita às grades a 28 de Fevereiro de 1707, estando da parte de fora o pai da autora e duas testemunhas seculares, João Rodrigues, tecelão de linho; e António Serra, ambos moradores em Portalegre e conhecidos pessoalmente pelo tabelião Dr. Jorge Baptista Manuel. Estava também presente Frei José de Santa Luzia, provavelmente o confessor do convento. Da parte de dentro, estavam a abadessa Soror Sebastiana de Jesus; a discreta Soror D. Maria da Silva; e a escrivã Soror D. Isabel Maria de Castelo Branco. Foram todos signatários, à excepção do tecelão, que desenhou uma cruz⁵⁸⁵. Insertava-se uma patente do ministro provincial, dirigida à abadessa e discretas, na qual Frei Manuel da Apresentação identificava a pretendente como “jzabel do Menino Jezus filha legitima de Joaõ Mourato e Domingas Rodrigues naturais da Villa de Maruaõ he liure de matrimonio Virtuozza & livremente sem constrangimentos de pessoa alguma se quer dar a deos com feruor”⁵⁸⁶. O pai entregou então 400. 000 réis em dinheiro. Era este o valor que, no geral, se pagava de dote por aqueles anos ao convento⁵⁸⁷.

A escolha do convento onde ia professar terá recaído no das religiosas da Ordem de Santa Clara por haver já uma devoção dos seus pais à família seráfica e porque seria menos elitista que o Convento de Nossa Senhora da Conceição, o outro convento feminino da cidade de Portalegre, de religiosas bernardas, onde tinham professado D. Violante de Vasconcelos e D. Isabel Barreta Juzarte, irmãs de Manuel da Costa Juzarte e Vasconcelos⁵⁸⁸, homem nobre de Marvão e padrinho de baptismo de Brites, sobrinha da autora⁵⁸⁹. Mais procurado pelas famílias da nobreza da região, o das bernardas tinha certa sumptuosidade, ao

⁵⁸⁴ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livros dos Dotes, liv. 48, f. 38-40.

⁵⁸⁵ Cf. *Ibidem*, f. 38v.

⁵⁸⁶ Cf. *Ibidem*, f. 38v.

⁵⁸⁷ Vd. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Dotes a Dinheiro, cx. 5, mç. 2, docs. 38 e 39.

⁵⁸⁸ Cf. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre, op. cit.*, p. 346.

⁵⁸⁹ Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 8.

contrário do Convento de Santa Clara⁵⁹⁰. Já então teria acolhido uma sobrinha dessas religiosas, D. Isabel Metela de Monroy, que Soror Isabel do Menino Jesus conheceria de Marvão, pois era filha do compadre da sua irmã Catarina Sanches, o dito Manuel da Costa Juzarte e Vasconcelos. D. Isabel entrou no noviciado das bernardas em 1712 e professou um ano depois, a 29 de Fevereiro⁵⁹¹. Como adiante veremos, diferente destino teria a sua irmã, D. Violante Francisca Juzarte da Costa e Vasconcelos, que era madrinha de Brites, sobrinha da autora, a qual também teria já dado entrada no convento das bernardas, provavelmente para também professar⁵⁹². É possível que Soror Isabel do Menino Jesus tenha indagado sobre o Convento de Santa Clara junto dos franciscanos, pois, pelo menos até à sua saída de Marvão, tinha um confessor e director espiritual no Convento de Nossa Senhora da Estrela, como referimos, o qual a iniciara na ascese. É também possível que a autora conhecesse já alguma religiosa do convento, por exemplo, Soror Isabel de Santa Rosa, votada para professar a 27 de Fevereiro de 1707⁵⁹³. Era natural de Marvão, filha de Manuel Dias e de sua mulher, Brites Vaz; tendo entrado como educanda, a 24 de Novembro de 1701⁵⁹⁴.

Cerca de dois meses depois de ser votada, a 2 de Abril de 1707, “emtrou em noviciado Soror Isabel do menino Jezus filha legitima de Joaõ Morato e de Domingas Rodrigues naturais da vila de marvão”⁵⁹⁵. Era ministro provincial Frei Manuel da Apresentação e abadessa Soror Sebastiana de Jesus. A mestra da Ordem era Soror Maria da Ascensão, que a terá instruído acerca da Regra de Santa Clara urbanista, ali seguida; das constituições gerais, do cerimonial, dos usos e costumes do convento, etc.

Um ano depois, foi votada pela comunidade para ser admitida à profissão, como era exigido. Segundo o *Livro dos Votos*, foi a 14 de Abril de 1708, na

⁵⁹⁰ Vd. Diogo Pereira de Sotto Maior, *Tratado da Cidade de Portalegre*, introdução e notas de Leonel Cardoso Martins, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Câmara Municipal de Portalegre, 1982, cap. XIII, pp. 109-118. Vd. Rosário Salema de Carvalho, “A Renovação do Conteúdo Funerário e Outras Iconografias. O Programa Azulejar de Época Barroca, na Igreja do Convento de São Bernardo de Portalegre”, in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre* (nova série), n.º 15, 2008, pp. 67-96.

⁵⁹¹ Cf. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre*, op. cit., p. 348.

⁵⁹² Cf. *Idem, ibidem*, pp. 449-450.

⁵⁹³ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 35.

⁵⁹⁴ Cf. *Ibidem*, f. 32.

⁵⁹⁵ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Profissões, liv. 29, f. 14v.

presença de Frei Francisco de Santa Bárbara, e de outros religiosos, que “se tirarem os Votos para professar por patente do Nosso Muito Reverendo Padre Provincial Frei Manuel da Apresentação Leitor de Prima, e qualificador do Santo Officio”⁵⁹⁶. E, reunida a comunidade para dar votos, “teve todos a seu favor”⁵⁹⁷. A profissão, como era próprio, foi solenemente feita em mãos da nova abadessa, Soror Maria de São Bento, a 16 de Abril de 1708, sendo ministro provincial o mesmo Frei Manuel da Apresentação⁵⁹⁸. A mestra da Ordem fora substituída por Soror Isabel de Jesus. A autora fora confessada por Frei Domingos de São Francisco, confessor do convento. No mesmo dia, a escritã, Soror Ana do Sacramento, lavrou e assinou o assento de profissão. Também assinaram a abadessa, a mestra da Ordem, o confessor e “Soror Izabel do Menino Jesus”⁵⁹⁹. Esta assinatura seria a mesma ao longo dos anos, com a diferença de “Minino”, em vez de “Menino”, que a autora, no geral, não escrevia deste modo.

2. Mestra da Ordem

O Convento de Santa Clara estava situado no extremo da cidade de Portalegre. A Nascente, confrontava com a Rua de Santa Clara; a Poente com a Rua de Elvas; a Norte, com casas particulares viradas para a Rua da Carreira; e a Sul com um prolongamento da Rua de Santa Clara, encostado às muralhas, hoje demolidas, mantendo-se a cerca do convento⁶⁰⁰. Fora iniciado no século XIV por Maria Fernandes e Elvira Antunes, naturais de Portalegre, que à sua custa tinham feito a fundação de um recolhimento, continuando-a com a esmola de particulares, junto a um paço real, com uns banhos adjacentes⁶⁰¹. A fundação monástica fora depois reconhecida por bula do Papa Urbano V, em 1370, tornando-se o nono convento

⁵⁹⁶ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 42.

⁵⁹⁷ Cf. *Ibidem*, f. 42.

⁵⁹⁸ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Profissões, liv. 29, f. 15v.

⁵⁹⁹ Cf. *Ibidem*, f. 15v.

⁶⁰⁰ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Caderno n.º 1 Respectivo á descripção e avaliação do Convento de Sancta Clara da Cidade de Portalegre, bem como do Hospicio anexo ao mesmo*, cx. 2015, capilha 4, f. 1v. Trata-se de uma descrição feita no século seguinte, a 11 de Dezembro de 1857.

⁶⁰¹ Cf. Jerónimo de Belém, *Chronica Seraphica da Sancta Província dos Algarves, da Regular Observancia do Seraphico Pai São Francisco; em que se Trata da sua Origem, Progressos e Fundação dos seus Conventos*, Lisboa, Oficina de Inácio Rodrigues, vol. IV, 1758, Lisboa, Mosteiro de São Vicente de Fora, cap. I, pp. 1-4.

da Ordem de Santa Clara em Portugal, o segundo no Alentejo⁶⁰². A pedido da Rainha D. Leonor Teles, a quem estavam entregues os ditos banhos, o Rei D. Fernando, seu esposo, doara-os às fundadoras, para estenderem o edifício primitivo. Pequenas dotações feitas por alguns particulares tinham provido primeiramente ao sustento das religiosas e o mesmo monarca mandara dar-lhes de esmola, pelo almoxarife de Portalegre, em 1426, 10 reis diários para o mesmo fim. Crescendo o número de professoras, o convento subsistira pelos dotes que pagavam à sua entrada; e quase exclusivamente por este meio chegara a uma boa dotação. Inicialmente sob a obediência aos franciscanos claustrais, em 1534, por autoridade apostólica, fora passado à dos observantes. Por breve do Papa Clemente VII, de 11 de Maio de 1537, ainda regressara à obediência primitiva, mas, em virtude da reforma dos claustrais, em 1542, até então integrado na Província de Portugal da sua Ordem de São Francisco, passara à nova Província dos Algarves. Por patente do ministro provincial, de 16 de Dezembro de 1550, tinham-lhe sido dadas as rendas do Convento de São Francisco de Portalegre, de religiosos. No ano seguinte, tinham-lhe sido dados bens do extinto Convento de Santa Clara de Estremoz, constituindo um prazo, que anualmente pagava o foro de 60.000 réis.

No século XVIII, o convento seria já um edifício de tamanho regular, “deixando ainda ver a maior parte a sua Fabrica a antiguidade da sua fundação, principalmente no Claustro grande, tres lanços do qual são de edificação gothica”⁶⁰³, havendo no centro um chafariz que o provinha de água todo o ano. Contava com outro pequeno claustro, o primeiro da fundação, e uma cerca algo acanhada. Quando Soror Isabel do Menino Jesus ali entrou, segundo a própria testemunha na “Vida”, havia sessenta religiosas⁶⁰⁴. Existiria uma sobrelotação, tendo em consideração o número de celas nos dormitórios. O convento tinha

⁶⁰² Vd. Sobre a Ordem de Santa Clara em Portugal, vd. José Eduardo Franco (direc.), *O Esplendor da Austeridade. Mil Anos de Empreendedorismo das Ordens e Congregações em Portugal: Arte, Cultura e Solidariedade*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011, pp. 277-295; “Clarissas”, in José Eduardo Franco (direc.), *Dicionário Família Franciscana em Portugal. Ordens e Outras Formas de Vida Consagrada*, Cascais, Lucerna, 2015, pp. 91-112; e Maria Margarida de Sá Nogueira Lalanda, “Clarissas (Ordem de Santa Clara)”, in Carlos de Moreira Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 353-355.

⁶⁰³ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Caderno n.º 1 Respectivo á descripção e avaliação do Convento...*, op. cit., f. 1v.

⁶⁰⁴ Cf. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre*, op. cit., p. 14, § 13.

apenas quarenta e sete celas, em dois dormitórios, e dois coros, o alto e o baixo, ambos espaçosos. Ao longo dos séculos, pelo que vimos na documentação disponível, houve professoras oriundas sobretudo da cidade de Portalegre, mas também de outras localidades da região, como Castelo de Vide, Marvão, Crato, Vale de Peso, Aldeia da Mata, Arronches, Amieira do Tejo, Nisa, Gáfete, Lagroiva, Seda, Campo Maior, Alegrete, Castelo Branco, Évora e Albuquerque, em Castela; e outras de lugares mais remotos, como Batalha, Abrantes, Lisboa e Porto⁶⁰⁵. Eram frequentes as fraternidades e, possivelmente, as tias e sobrinhas, como era habitual na época noutros conventos portugueses.

No tempo da autora, já existiriam também, além das celas para as religiosas apenas dormirem, “muitas e diferentes moradas de cazas que servem ás Religiosas para sua habitação diurna”⁶⁰⁶, e nelas tinham “todo o seu arranjo domestico, porque ellas não comem em commum, e por isso cada uma tem a sua cozinha e arranjo particular”⁶⁰⁷. Estas casas eram propriedade particular, não só de algumas religiosas, como também de seculares, que “á sua custa as tem comprado, ou mandado edificar, passando d’umas proprietarias para outras pelo titulo da compra e venda”⁶⁰⁸. Ali moravam, pois, outras muitas mulheres e meninas: religiosas conversas, ditas leigas; criadas do convento e criadas particulares de cada religiosa, ditas moças; educandas. Teriam também numeroso pessoal para serviços externos; e acolhiam diversas crianças, inclusive do sexo masculino, como veremos. Dentro do pátio que dava serventia para a igreja, mas independente da clausura, havia “um pequeno Hospicio que serve de residencia ao Padres Director e Capellão, e bem assim ao creado da Sachristia”⁶⁰⁹. Em 1704, aquando da Guerra da Sucessão de Espanha (1702-1714), também Portalegre fora

⁶⁰⁵ Vd. Fernando Correia Pina, *Os Ramos Secos...*, *op. cit.* Este opúsculo é de grande utilidade, mas não exige um investigador de pesquisar os dados directamente nas fontes do extinto convento, hoje no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Distrital de Portalegre, porque o seu autor, funcionário deste último arquivo, apesar de as mencionar, não as cita para nenhum dos actos de vida e de morte correspondentes a cada religiosa.

⁶⁰⁶ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Caderno n.º 1 Respectivo á descripção e avaliação do Convento...*, *op. cit.*, f. 1v.

⁶⁰⁷ Cf. *Ibidem*, f. 1v.

⁶⁰⁸ Cf. *Ibidem*, f. 1v.

⁶⁰⁹ Cf. *Ibidem*, f. 1v.

atacada por tropas espanholas e francesas, que invadiram o convento, destruindo parte do seu cartório⁶¹⁰.

Na “Vida”, escreve Soror Isabel do Menino Jesus que “tomei o Santo Abito Com muito gosto como quem uinha para o Ceo nam a descansar mas sim a mais padecer toda Aspareza da Religiam me paresia suaue”⁶¹¹. As religiosas observavam a Regra de Santa Clara dita urbanista, aprovada a 18 de Outubro de 1263 pelo Papa Urbano IV⁶¹²; e as constituições gerais aprovadas para todas as religiosas sujeitas à obediência aos franciscanos cismontanos, no capítulo geral de 11 de Junho de 1639, sob a presidência do Cardeal Barberino, protector da Ordem de São Francisco⁶¹³. As religiosas eram, por isso, chamadas de urbanas, e hoje são ditas clarissas, por serem da Ordem de Santa Clara, uma designação recente, inexistente no tempo de Soror Isabel do Menino Jesus.

Professa em 1708, rapidamente Soror Isabel se destacou na comunidade, sendo eleita mestra da Ordem, um importante ofício. Não dispomos de documentação que indique a data precisa da eleição, mas sabemos que a 26 de Outubro de 1712, já o detinha, data em que a sua sobrinha Isabel de São José entrou no noviciado⁶¹⁴. O ofício de mestra da Ordem noviças – dita, noutros conventos, mestra de noviças – era prestigioso. Nas constituições gerais, afirmava-se que a mestra devia ser uma religiosa das mais virtuosas, prudentes e zelosas do convento, bem como gozar “de boa saude, & forças, que possa assistir sempre às Cōmunidades, & não perder de vista as Noviças, & Corístas, que estiverem à sua conta, criandoas em caridade, & amor de Deos”⁶¹⁵. Devia assumir o ofício “exercitandoas na santa Oração, que he o sustento espiritual d’alma; & executando com pontualidade tudo o ordenado”, pelo que, amiúde, devia pedir

⁶¹⁰ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Memórias, Livro sobre a Entrada dos Espanhóis no Convento, cx. 5, liv. 25.

⁶¹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Isazel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, pp. 9-10, § 8.

⁶¹² Vd. *Fontes Franciscanas II – Santa Clara de Assis. Escritos. Biografias. Documentos*, documentos publicados com tradução, introduções, notas e índices de José António Correia Pereira, María Victoria Treviño, Braga, Editorial Franciscana, 1996, pp. 343-368; e José Félix Duque, *O Fuso e a Trama. Santa Beatriz da Silva e a Fundação da Ordem da Imaculada Conceição (Séculos XV e XVI)*, Maia, Cosmorama Edições, 2013, pp. 257-281.

⁶¹³ Vd. *Constituições Geraes...*, *op. cit.*

⁶¹⁴ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Profissões, liv. 29, f. 18.

⁶¹⁵ Cf. *Constituições Geraes, op. cit.*, cap. X, p. 119.

contas das coisas do espírito das noviças, da oração, do seu proveito nas meditações, “dandolhes ordem como se hão de haver no santo exercicio da Oração”⁶¹⁶.

Mas este ofício foi exercido num contexto adverso. Na “Vida”, diz a autora que “Achei moytas uertudes no Comuento mas nam o Caminho por Onde Deus me leuaua porque neste tempo estaua A comunidade Atrazadisima na Orasam mental”⁶¹⁷. E, como “eu hia criada nela auia des Annos”⁶¹⁸, não quis desistir e acomodar-se ao contexto que encontrou, o que certamente lhe teria sido mais fácil. Pelo contrário, “nam quis por pe atras pois estaua certa que se nam fose a uertude adiante tornaua para tras”⁶¹⁹. Esta atitude não foi bem recebida por parte das religiosas do convento. Conta que “creseram sobre min moytas mormurasois”⁶²⁰ e que sofreu grandes perseguições; e que em sua presença não se atreviam a dizer-lhe nada, mas de todas recebia ofensas e desprezo.

De facto, o ambiente do convento não era então o mais religioso. Começam a ser conhecidos os contornos de uma verdadeira crise da vida religiosa monástica mesmo depois do Concílio de Trento, no qual já tinha havido ordens acerca das religiosas, designadamente quanto à idade mínima de profissão e quanto ao respeito pela clausura, não podendo haver entradas nos conventos sem autorização dos prelados, sinal de que esse era um costume generalizado⁶²¹. Nos séculos XVII e XVIII, os conventos continuaram a ser lugares de reclusão para muitas mulheres e meninas das família nobres ou de boa condição económica, sobretudo para as mais novas, destinadas por vezes desde o nascimento à vida religiosa, na medida em que a sua família o determinava⁶²². O estado religioso, considerado inclusivamente superior ao de casada – por passar a ser esposa de Cristo – era, pois, o melhor destino para uma mulher. Esta realidade, para além de sobrelotar os conventos, contribuindo para o surgimento e conservação de ambientes de elevada

⁶¹⁶ Cf. *Ibidem*, p. 119.

⁶¹⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Isazel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 10, § 8.

⁶¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 10, § 8.

⁶¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 10, § 8.

⁶²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 10, § 8.

⁶²¹ Cf. *Decretos e determinacoes do sagrado Concilio Tridentino que deuem ser notificadas ao pouo por serem de sua obrigaçam e se hão de publicar nas parochias*, Lisboa, Francisco Correa, 1564, p. 13.

⁶²² Vd. Isabel dos Guimarães Sá, “A Vida em Clausura: os Conventos Femininos de Clarissas”, in *História da Vida Privada em Portugal, op. cit.*, pp. 277-286.

conflitualidade, permitia uma desfiguração acentuada dos ideais monásticos, segundo as regras, os estatutos e reflectidos na já notável literatura teológica, moral, espiritual, ascética e mística, produzida por cada ordem e desejavelmente concorrente para a qualidade da vida religiosa das suas professoras. Apesar de serem escassos os estudos para o caso de Portugal, supõe-se que o relaxamento fosse geral. A título de exemplo, vejam-se os trabalhos de Ricardo Manuel Alves da Silva⁶²³; e de Isabel Drumond Braga⁶²⁴, sobre importantes conventos da arquidiocese de Braga, nesta época. Uma mulher que quisesse consagrar-se livremente a Deus ver-se-ia, pois, inserida, de modo abrupto, num contexto hostil à sua genuína vocação religiosa. Foi o que aconteceu com Soror Isabel do Menino Jesus, segundo ela própria conta na “Vida” e o testemunha Frei Martinho de São José. A situação pode ser parcialmente confirmada nas fontes do antigo arquivo conventual, onde a comunidade, no dizer de Soror Isabel, não só estava “Atrazadíssima na Orasam mental”⁶²⁵, como padecia de outros problemas.

Analisámos atentamente o *Livro de Patentes*, de 1702 a 1752, ano da morte da autora. Neste longo período estiveram vigentes diversos problemas, mais intensos em alguns anos, mitigados noutros. Mas era constante o relaxamento na observância da Regra de Santa Clara e das constituições gerais⁶²⁶, o que era constatado nas visitas, realizadas na forma definida pelo Concílio e respeitando os decretos apostólicos, para aumento da disciplina regular, sendo as respectivas actas lavradas pelo visitador – geralmente o próprio ministro provincial –, e logo enviadas às religiosas. Eram então transcritas no livro, sendo obrigatória a sua leitura em comunidade por várias vezes⁶²⁷.

A correcção dos comportamentos, apesar do anúncio constante de castigos, não era fácil. A 2 de Junho de 1702, por exemplo, havia muitas faltas à oração no

⁶²³ Vd. Ricardo Manuel Alves da Silva, *Casar com Deus: Vivências Religiosas e Espirituais Femininas na Braga Moderna*, tese de doutoramento, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2011, pp. 383-443.

⁶²⁴ Vd. Isabel M. R. Drumond Braga, “Vaidades nos Conventos Femininos ou das Dificuldades em Deixar a Vida Mundana (Sécs. XVII-XVIII)”, in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, n.º 10, 2010, pp. 305-322.

⁶²⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 10, § 8.

⁶²⁶ Vd. *Constituições Geraes...*, *op. cit.*

⁶²⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Patentes, cx. 1, liv.1, f. 17.

coro, o que era uma “abominável omissam”⁶²⁸. Também não havia silêncio durante o ofício divino, considerado uma grande falta de respeito não só para com as religiosas que o rezavam, como para o próprio Deus, a quem se tributava o louvor no coro⁶²⁹. As religiosas deviam recordar-se bem a quem era dirigida a oração, e que não se divertissem com “Praticas inuteis no mesmo tempo”⁶³⁰. Depois de matinas, era também habitual ficarem algumas religiosas no coro até à meia-noite em “dispropositadas Locuções”⁶³¹, com prejuízo para a hora de prima. Outras tinham por costume falar no coro, à grade que dava para a Igreja, o que não deviam fazer com “Pessoa alguma’, excepto um bispo, que “por ser Principe da Igreja se lhe não deve negar Lugar tam Sagrado”⁶³². A 7 de Agosto de 1707, continuavam a faltar ao ofício divino, o que já várias vezes tinha sido recomendado, e sem emenda, referindo-se até que “tem andado algumas Religiozas taõ esquecidas da sua obrigaçaõ” que começava e acabava o ano “sem porem o pé em o Choro”⁶³³. Algumas escusavam-se a fazer as suas semanas de canto no coro, usando licenças que tinham obtido dos prelados e das abadessas para não cantar, o que se revogava inteiramente, considerando-se tais licenças injustas, estando, pois, todas obrigadas a cantar, de modo que o coro não ficasse em “taõ lastimoso estado”⁶³⁴. Ordenava-se também que não se usasse demasiadamente o postigo da porta regnal, isto é, na casa da portaria, onde as religiosas não deviam demorar-se a dar recados ou a passar objectos para o exterior, rogando às porteiras que evitassem esse abuso⁶³⁵.

“Contra a mesma honestidade Religioza sam os disfarses dos uestidos seculares, nem pode parecer bem a Deos, nem aos Spiritus Religiosos usar de Semelhantes Trajes, ainda que seja em Aplauso de alguãs festas”⁶³⁶. Também usavam cabeleiras postiças, jóias, laços de ouro nos escapulários, camisas com

⁶²⁸ Cf. *Ibidem*, f. 17.

⁶²⁹ Cf. *Ibidem*, f. 17.

⁶³⁰ Cf. *Ibidem*, f. 17.

⁶³¹ Cf. *Ibidem*, f. 17v.

⁶³² Cf. *Ibidem*, f. 17v.

⁶³³ Cf. *Ibidem*, f. 25v.

⁶³⁴ Cf. *Ibidem*, f. 25v.

⁶³⁵ Cf. *Ibidem*, f. 25v.

⁶³⁶ Cf. *Ididem*, f. 25v.

decotes, sapatos de salto alto, meias de cores “pouco honestas”⁶³⁷. As criadas do convento vestiam e calçavam de modo igualmente pouco religioso: andavam com camisas de renda, brincos de ouro e sapatos de salto alto. Também “costumão fazer bailles profanos, Vestindoce de em vestidos seculares”⁶³⁸. Outras religiosas usavam ainda “barafundas, e desfiados”⁶³⁹, sapatos com fivelas de prata “e outras profanidades indecentes a humá alma religiosa esposa de Jesu Christo, com notouel escandalo de muitas Religiozas”⁶⁴⁰, que viam as criadas seguir o mesmo desatino. As religiosas usavam também coletes de seda, “sapatos de Lisboa picados, e Roxos, e de outras Cores nos saltos”⁶⁴¹, e mangas de camisa à secular.

Faziam-se entremeses no convento, organizados tanto pelas moças, como pelas religiosas, vestidas em trajes de homem⁶⁴². Sobre a questão do teatro conventual, e de outras actividades artísticas, já no final do século XVII eram constantes nos mosteiros da Europa e preocupavam a própria Santa Sé, certamente movida pelas súplicas elevadas pelos prelados das ordens religiosas femininas, cuja reforma viam como urgente. Veja-se que, a 25 de Agosto de 1693, a partir do Convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas, Frei Pedro de Santo Aleixo, pregador e ministro provincial da Província dos Algarves, dirigira-se a todos os religiosos e religiosas, seus súbditos, para dar conhecimento de uma carta que recebera do nuncio apostólico, enviada de Lisboa em 20 de Agosto de 1693, na qual se expunham algumas determinações do Papa. Era da vontade do Santo Padre que nos mosteiros femininos se proibisse o “costume perniciosamente introduzido de fazer comedias ainda que seya cõ pertexto o titulo de Representasoens deuotas”⁶⁴³.

Não seria também permitido mascararem-se, nem usar outras vestes ou afastar-se do que era considerado lícito pela Regra que observavam. Assim, deveria o ministro geral ordenar-lhes que cessassem essas actividades e se desobedecessem, “se ualha daquele Rigor que mereser o seu atriuimento”⁶⁴⁴, ao

⁶³⁷ Cf. *Ibidem*, f. 18.

⁶³⁸ Cf. *Ibidem*, f. 17v.

⁶³⁹ Cf. *Ibidem*, f. 26v.

⁶⁴⁰ Cf. *Ididem*, f. 26v.

⁶⁴¹ Cf. *Ibidem*, 26v.

⁶⁴² Cf. *Ibidem*, f. 29v.

⁶⁴³ Cf. *Ibidem*, f. 68.

⁶⁴⁴ Cf. *Ibidem*, f. 68.

não estarem totalmente sujeitas “ao suaue yogo das Religiozas admoestaçoens que tem por fundamento a obseruansia da Regra e o dezapego das coizas do seculo”⁶⁴⁵. Ordenava, pois, o ministro provincial às abadessas que o fizessem cumprir “por Santa obidiensia e pena de privação as Madres abbadessas e de priuação de voto em a primeira eleição”⁶⁴⁶. O mesmo castigo seria aplicado às restantes religiosas que desobedecessem à determinação pontifícia, ou as que não denunciasses tais actos. Seriam igualmente castigados os confessores e os capelães conventuais que, ao saberem de desobediências, não as denunciasses. Lida a carta patente, as abadessas teriam que enviar as listas requeridas na carta patente citatória do capítulo geral, sob pena de serem castigadas.

Tinha-se verificado a existência de desleixos, ou de abusos litúrgicos: ordenava-se que os guardiães e as abadessas seguissem “inviolavelmente as seremonias mandadas en o Kalendario tudo na forma das seremonias da Ordem e Misal Romano”⁶⁴⁷, o qual fora conferido por religiosos “doutos e versados nelas”⁶⁴⁸, isto é, sem que houvesse margem para interpretações ou adaptações locais. Também a clausura não era estritamente respeitada, como previa a Ordem, entrando nela pessoas estranhas à comunidade sem se cumprirem as normas previstas para estas entradas: obreiros, sangradores e médicos que não eram do partido do convento⁶⁴⁹. Havia também um número excessivo de meninas e meninos dentro da clausura, os quais tinham suplantado os números de crianças que havia nos outros conventos da Província, mandando-se que a abadessa e a porteira não admittissem mais ninguém sem licença escrita do ministro provincial, a qual se não daria facilmente “sem nos apontarem Cauzas justas”⁶⁵⁰. O prelado chegou a mandar uma patente à abadessa, a 11 de Julho de 1711, sobre os meninos e meninas que podiam viver no Convento, “para Comsolasaõ de algumas Religiozas”, os quais não podiam entrar no Advento ou na Quaresma, e não podiam ir para o coro, pela perturbação que nele causariam⁶⁵¹. Para além desta perturbação diária, a convivência das religiosas era muito conflituosa. Algumas

⁶⁴⁵ Cf. *Ibidem*, f. 68.

⁶⁴⁶ Cf. *Ibidem*, f. 68.

⁶⁴⁷ Cf. *Ibidem*, f. 68v.

⁶⁴⁸ Cf. *Ibidem*, f. 68v.

⁶⁴⁹ Cf. *Ibidem*, f. 30.

⁶⁵⁰ Cf. *Ibidem*, f. 30.

⁶⁵¹ Cf. *Ibidem*, f. 37v.

chegavam ao ponto em que “se não daõ bõns dias huas ás outras por odio”⁶⁵², e atacavam-se frontalmente, “em palavras de materia graue”⁶⁵³, sobretudo “materias de geraçãõ”⁶⁵⁴.

A 28 de Junho de 1711, constatara-se que havia algumas irregularidades no governo do convento⁶⁵⁵. Contas ou escrituras tinham sido feitas sem a presença das discretas e o ministro provincial, a partir dessa data, se mais houvesse, todas daria por nulas. Também tinham sido arrendadas certas herdades sem estas estarem disponíveis para arrendar, uma vez que ainda estavam arrendadas, com escrituras ainda vigentes, situação em que “se deteriora” o convento⁶⁵⁶.

Facilmente se dava licença às leigas para entrarem no coro, “no que Resulta gravissimo danno ao Credito do Convento”, uma vez que iam vestidas de trajas seculares não conformes⁶⁵⁷. Estas “Leygas atreuidas”⁶⁵⁸ no coro eram “Mulheres que mais pareçaõ Damas no vestuario”⁶⁵⁹. E as piores seriam as que vinham do “Convento de São Bernardo”⁶⁶⁰, ou seja, no Convento de Nossa Senhora da Conceição de Portalegre, de religiosas bernardas, o qual, pelo que parece, considerava estar em tal estado de relaxamento regular que uma mulher daí procedente nunca poderia trazer bons costumes⁶⁶¹. Não analisámos a documentação deste antigo convento, mas sabemos do escandaloso caso da já mencionada D. Violante Francisca Juzarte da Costa e Vasconcelos, que era natural de Marvão e madrinha de baptismo de Brites, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus⁶⁶². Estando recolhida nesse convento de bernardas, onde eram religiosas as suas tias paternas, D. Violante tivera, porém, uma relação amorosa com Francisco Dias Garro de Oliveira, que ia ao convento a pretexto de visitar Soror D. Joana

⁶⁵² Cf. *Ibidem*, f. 30v.

⁶⁵³ Cf. *Ibidem*, f. 30v.

⁶⁵⁴ Cf. *Ibidem*, f. 30v.

⁶⁵⁵ Cf. *Ibidem*, f. 32.

⁶⁵⁶ Cf. *Ibidem*, f. 32.

⁶⁵⁷ Cf. *Ibidem*, f. 32.

⁶⁵⁸ Cf. *Ibidem*, f. 32.

⁶⁵⁹ Cf. *Ibidem*, f. 32.

⁶⁶⁰ Cf. *Ibidem*, f. 32v.

⁶⁶¹ Cf. *Ibidem*, f. 32v.

⁶⁶² Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 8.

Pereira, sua irmã⁶⁶³. Quando o pai de D. Violante a mandou buscar ao convento, já ela tinha fugido com o fidalgo, tendo casado em segredo, a 20 de Setembro de 1714. O pai, com desgosto pela desobediência da filha, deixou crescer a barba e morreu um ano depois⁶⁶⁴. O casal também morreu pouco depois, sem filhos⁶⁶⁵.

No Convento de Santa Clara, o ambiente não seria melhor. Voltando à visitação que estamos a seguir, constatar-se também que no convento se deixava as leigas ter visitas às grades, e ter correspondência, e dali decorriam certas circunstâncias indecorosas. Continuava a haver “graues escandalos”, porque se cantava e bailava às grades, tanto da parte de dentro, como da parte de fora⁶⁶⁶. Algumas religiosas estavam todo o dia pela portaria, fazendo dela “Caza da sua assistência, do que Resulta graues dannos”⁶⁶⁷, quando eram permitidas somente as presenças da rodeira-mor e da porteira-mor. Era certo que em alguns conventos faziam-se presépios para incitar a devoção das religiosas, mas o presépio do Convento de Santa Clara costumava criar muita inquietação, chegando-se ao ponto de serem dispensadas pela prelada de um quarto da oração de matinas para ir ver o presépio, festejando, o que passava das 21 horas, perturbando as que queriam repousar⁶⁶⁸. Também se referia a gravidade dos “grandes Excessos que hà nas grades Nos dias de entrudo”⁶⁶⁹, os quais escandalizavam toda a cidade. Continuava a haver “homeñs no Convento”⁶⁷⁰, que entravam a pretexto de realizar certos serviços, sem que se observassem as normas previstas na Regra de Santa Clara ou nas constuições, quanto ao modo de ali entrarem e à companhia em que deviam andar, ou à vigilância que devia exercer-se durante estas ocasiões. Prosseguiam os “Remoques”⁶⁷¹, isto é, os ditos maliciosos ou insinuações repreensivas umas contra outras, pelo que, nas visitações, certas religiosas chegam a eximir-se de dizer tudo o que lhe ditava a consciência, certamente com receio das represálias. Referia-se que as religiosas “se descompoem Com palauras

⁶⁶³ Cf. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre, op. cit.*, pp. 350-351.

⁶⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 350.

⁶⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 350.

⁶⁶⁶ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Patentes, cx. 1, liv.1, f. 33v.

⁶⁶⁷ Cf. *Ibidem*, f. 33v.

⁶⁶⁸ Cf. *Ibidem*, f. 34.

⁶⁶⁹ Cf. *Ibidem*, f. 34.

⁶⁷⁰ Cf. *Ibidem*, f. 34v.

⁶⁷¹ Cf. *Ibidem*, f. 34v.

afrontozas⁶⁷² publicamente, do que resultava grande escândalo e que implicavam graves castigos por parte da lei da sua Ordem. Essas religiosas injuriavam-se, chamando nomes às outras e “trazendo à memória faltas de geração⁶⁷³”.

A falta de muitas religiosas ao ofício divino continuava a ser um problema grave, do que as assíduas ao coro muito se lamentavam⁶⁷⁴. Mas também aqui havia problemas não menos graves. Quando a abadessa ou a vigária assinalavam alguma antífona que as religiosas deviam cantar, muitas lhes faltavam ao respeito, batendo palmas e escarrando, “o que serue de muita perturbação⁶⁷⁵”. O prelado mandava que não se atrevessem a tal coisa, evitando-se assim o desassossego e a inquietação⁶⁷⁶. Vira também que não havia, durante todo o ano, nenhuma disciplina – referia-se aos açoites auto-impostos, em comunidade –, o que deviam praticar, pelo menos, às sextas-feiras⁶⁷⁷.

O ambiente dos conventos femininos portugueses da época continuava, de facto, bastante afastado da observação das Regras e dos respectivos estatutos. Várias Ordens foram implementando reformas nos séculos pós-Trento, buscando o patrocínio régio⁶⁷⁸. O *Livro das Patentes* apresenta também a transcrição de uma carta patente do mesmo ministro provincial, Frei Manuel dos Remédios, a qual foi enviada a todos os religiosos e religiosas da sua Província, a partir do convento de Xabregas, a 9 de Agosto de 1712⁶⁷⁹. Nela fazia saber que o Rei D. João V, que apoiava a reforma, lhe dirigira uma carta, passada em Pedrouços, a 12 de Julho de 1712, a qual passava a transcrever. Declarava o monarca que fora informado que “nos mosteiros das Religiozas ha Ilicitas e escandalozas Correspondencias com pessoas de fora⁶⁸⁰”, o que muito contrariava a observância regular; “e deuido eu como protector das Religiozas⁶⁸¹ evitar o escândalo “e zelar o Sagrado das Cazas

⁶⁷² Cf. *Ibidem*, f. 34v.

⁶⁷³ Cf. *Ibidem*, f. 34v.

⁶⁷⁴ Cf. *Ibidem*, f. 35v.

⁶⁷⁵ Cf. *Ibidem*, f. 35v.

⁶⁷⁶ Cf. *Ibidem*, f. 35v.

⁶⁷⁷ Cf. *Ibidem*, f. 25v.

⁶⁷⁸ Vd. Maria de Lurdes Correia Fernandes, “Os Primeiros Impulsos de Reforma das Ordens Religiosas”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 15-38.

⁶⁷⁹ Cf. *Ibidem*, f. 41.

⁶⁸⁰ Cf. *Ibidem*, f. 41.

⁶⁸¹ Cf. *Ibidem*, f. 41.

de Deos”⁶⁸², ordenava aos provinciais que ordenassem às abadessas e priorosas da sua jurisdição que de nenhum modo consentissem que as religiosas tivessem ilícita conversação ou ilícita correspondência escrita com pessoas seculares ou eclesiásticas de qualquer qualidade ou estado que fossem, devendo ser-lhes impostas as penas que parecessem convenientes. A ordem régia devia ser lida em capítulo, sendo depois remetida à Secretaria de Estado, “tendo entendido que a menor omisaõ nesta materia me cauzará hum grande desprazer”⁶⁸³.

O ministro provincial julgara justa a preocupação régia e resolvera apresentar a carta régia ao definitório da Província, que, em mesa, a 3 de Agosto de 1712, deliberara que o prelado “fasa executar á risca o estatuto das Religiozas que de nouo foi Recopilado dos antigos e apresentado com aprouação do Capitolo celebrado em Roma em 12 de julho de 1639”, presidido pelo Cardeal Francesco Barberini (1597-1679), protector da Ordem. Para se assegurar que os referidos estatutos – isto é, as constituições gerais⁶⁸⁴ – e a ordem régia eram cumpridos, devia o ministro provincial nomear “hum Religiozo de uida aprouada” para cada convento, ao qual este iria examinar a situação mensalmente, inquirindo as religiosas “mais graues, bem Reputadas e tementes a Deus”, ou seja, mais sérias, ou idóneas, sobre se havia comportamentos ilícitos das religiosas com seculares ou clérigos⁶⁸⁵. Não deviam ser sempre as mesmas a ser inquiridas, mas sempre nos primeiros dias do mês. Os confesores dos conventos também estavam obrigados a denunciar qualquer freguesia que por ali tivesse havido, às grades ou nos locutórios, sob pena de suspensão dos seus ofícios. O mandato régio devia ser lido em todos os conventos de religiosas para que todos “se animem a obseruancia de nosas Leis”⁶⁸⁶, impondo os castigos previstos. Deviam ser recolhidas as licenças que certos prelados locais davam para alguns religiosos visitarem as religiosas, após as referidas visitas serem efectuadas, e remetidas todos os meses ao prelado, para que não pudessem depois alegar ignorância das situações, isto sob pena de suspensão dos seus ofícios.

⁶⁸² Cf. *Ibidem*, f. 41.

⁶⁸³ Cf. *Ibidem*, f. 41.

⁶⁸⁴ Vd. *Constituições Geraes...*, *op. cit.*

⁶⁸⁵ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Patentes, cx. 1, liv.1, f. 41v.

⁶⁸⁶ Cf. *Ibidem*, fs. 41v e 42.

Tendo em atenção a resolução do definitório, e para que ninguém pudesse alegar ignorância do que esta apontava quanto à observância dos estatutos, o ministro provincial declarava o que, nestes, dizia respeito àquela resolução. Assim, ordenava e mandava que todas “as Religiozas se apartem e abstenhaõ de ter amizade e trates particulares com clerigos frades nen seculares sob penna de priuação de vós actiua por dous annos”⁶⁸⁷. Sendo incorrigíveis, seriam postas na casa da disciplina por quatro meses, não se consentindo que tivessem visitas, correspondência e conversas continuadas “em que haja continuasaõ de escrever mandar ou Reseber regalos”⁶⁸⁸. Esta correspondência seria, na verdade, equiparada a uma falta ao voto de castidade e as constituições já o abordavam, sinal de que era um problema real e persistente nos conventos femininos: “mandamos a todas as Religiosas, que se apartem, & abstenhão de ter amizades, & tratos particulares com Clerigos, Frades, nem Seculares, sob pena de privação de voz activa, & passiva por dous anos”⁶⁸⁹, acrescentando que “sendo incorrigiveis, seràm postas na casa da disciplina quatro mezes”⁶⁹⁰. A abadessa que o consentisse teria o seu ofício suspenso por três meses, pelo que “não consintam que as Religiosas tenham correspondências, visitas, nem conversações continuadas, em que haja continuação de escrever, mandar, ou receber regalos”⁶⁹¹.

Ordenava o prelado que não se desse acesso aos locutórios à religiosa que se presumisse não estar nele com modéstia, exemplo e compostura. Mandava às abadessas que, sob pena de suspensão dos seus ofícios por um mês, não dessem licenças de visita de pessoas seculares por mais de seis vezes ao ano, devendo ser parentes até ao segundo grau. À religiosa que falasse a alguém sem licença seria imposto, além do castigo ao arbítrio da abadessa, o da privação de voz activa e passiva na primeira eleição abacial. Para respeitar este estatuto, não dando lugar a queixas e a escândalos, “taõ perniciosos á Religiaõ”⁶⁹², e para cumprir o mandato régio, o ministro provincial exortava as abadessas e todas as religiosas “a observarem á risca”⁶⁹³ o que estava disposto, porque se não o fizessem o que

⁶⁸⁷ Cf. *Ibidem*, f. 42.

⁶⁸⁸ Cf. *Ibidem*, f. 42.

⁶⁸⁹ Cf. *Constituições Geraes...*, *op. cit.*, cap. VI, p. 100.

⁶⁹⁰ Cf. *Ibidem*, cap. VI, p. 100.

⁶⁹¹ Cf. *Ibidem*, cap. VI, p. 100.

⁶⁹² Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Decretos, cx. 1, liv. 1, fs. 42 e 42v.

⁶⁹³ Cf. *Ibidem*, f. 42-42v.

mandava, e sendo disso informado, executaria inviolavelmente o disposto contra as transgressoras. Para o mesmo exortava os guardiães dos conventos masculinos a observar a lei no que dizia respeito à comunicação dos religiosos com as religiosas, devendo castigar da mesma forma os transgressores. Mandava que a sua carta patente fosse lida em plena comunidade e transcrita nos livros de patentes de cada convento, indo a original de um convento a outro dentro de doze horas e, para que dela não houvesse esquecimento, mandava aos confessores das religiosas a lessem desde a primeira sexta-feira após a sua publicação, ou a mandassem ler pelo capelão, na grade da igreja, com toda a comunidade presente, isentando-se as religiosas que estivessem doentes, ou ocupadas com algo que o confessor entendesse poder isentar. O confessor do último convento a receber a patente devia remeter o original ao ministro provincial, com anotação certificando que fora recebida e lida às religiosas⁶⁹⁴.

3. Encarceramento e suspensão do ofício

Na “Vida”, Soror Isabel do Menino Jesus narra um gravíssimo acontecimento da sua vida religiosa, certamente relacionado com o que atrás referido. Conta que “uindo serto Religiozo por delegado a este comuento fazer uezita Alguma Religioza que talues fose nela zelo paresendolhes que a minha uida nam hera conforme o seu emtender”⁶⁹⁵, queixara-se ao prelado “do que sentia de min”⁶⁹⁶. Feita a visitação, já em capítulo, este “dise perante toda a comonidade que constaua de sesenta freiras”⁶⁹⁷ que o castigo “Meresia por minhas culpas he\ra/ ser incarouchada”⁶⁹⁸, isto é, ser encarcerada. E que se não se emendasse, “que segunda ues uiria”⁶⁹⁹.

Como atrás ficou dito, o ministro provincial tinha nomeado “hum Religiozo de uida aprouada”⁷⁰⁰ para o convento, cujo nome desconhecemos⁷⁰¹.

⁶⁹⁴ Cf. *Ibidem*, f. 42v.

⁶⁹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 14, § 13.

⁶⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 13.

⁶⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 13.

⁶⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 13.

⁶⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 13.

⁷⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 13.

Este iria ali examinar a situação mensalmente, inquirindo as religiosas “mais graues, bem Reputadas e tementes a Deus”⁷⁰², ou seja, as mais sérias, ou idóneas, sobre se havia comportamentos ilícitos das religiosas com seculares ou clérigos⁷⁰³. Terá sido numa destas ocasiões, a partir do dia 9 de Agosto de 1712, que Soror Isabel foi acusada por certa religiosa, à qual talvez não agradasse o facto de ter tentado mudar os maus costumes da comunidade quanto à oração mental, mas não antes de 26 de Outubro, porque nesta data, como atrás referimos, ainda era mestra da Ordem, assinando como tal, quando entrou no noviciado sua sobrina, Soror Isabel de São José. A autora teria começado a alcançar certo protagonismo no seio da comunidade, destacando-se das restantes pela observância e pela piedade com que o faria. Décadas depois, Frei Martinho de São José, conta que:

“Grande, e muito grande foi a [paciência] que mostrou na presença de hum Delegado, que veyo á visita. Mal informado este, a reprehendeo asperrima, e publicamente em capitulo, dando-lhe culpas, que não tinha, o que ella levou com muita paciencia, e manifesta alegria; e dali logo foi a primeira, que lhe tomou a benção. Foram depois as Religiosas buscá-la para a consolarem, significando-lhe o muito, que sentiaõ, que taõ larga, e falsamente se tivesse fallado contra a verdade, e contra o seu respeito. Respondeo, que o Padre não tinha culpa, porque assim o tinhaõ informado, e que por sua conta ficava o dar-lhe suas oraçoës, e lembrar-se muito delle, assim miserável, como era, diante de Deos. Este caso nunca pode esquecer aquela Commuidade até ao dia de hoje, que repete sempre com admiraçaõ.”⁷⁰⁴

Elogiando a humildade de Soror Isabel, recorda-a também “fazendo beneficios ás pessoas, de quem tinha recebido aggravos; principalmente a uma Religiosa, que a tinha ofendido bastantemente, sem razaõ alguma”⁷⁰⁵. Esta religiosa seria, pois, aquela mesma que a caluniara junto do comissário delegado. Passado algum tempo, “vindo esta a cahir em huma grave, e prologada enfermidade, sabendo que passava muito mal as noites”⁷⁰⁶, esta religiosa fora

⁷⁰¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Decretos, cx. 1, liv. 1, f. 41v.

⁷⁰² Cf. *Ibidem*, f. 41v.

⁷⁰³ Cf. *Ibidem*, f. 41v.

⁷⁰⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., pp. [11]-[11v], § IX.

⁷⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v], § 1.

⁷⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v], § 1.

socorrida pela própria Soror Isabel, que, apesar de ter sido vítima da sua mentira, “a hia acompanhar, e consolar, e dalli não se apartava, senão pela manhã, servindo-a com tanto carinho, e affecto, como se da dita enferma tivera recebido extraordinarios benefícios, e favores; em termos taõ humildes, que a mesma Religiosa beneficiada se confundia”⁷⁰⁷.

É possível que a queixa caluniosa se fundasse em factos, cuja narração feita ao dito religioso tenha sido manipulada ou distorcida, uma vez que já nessa data Soror Isabel manteria correspondência espiritual com diversas pessoas incluindo religiosos; e sobretudo porque, por essa época, receberia já visitas de seculares nos locutórios do convento, como dois letrados de vida pouco virtuosa a quem dava presentes e dinheiro, ganhando-lhes a confiança, para depois lhes falar às consciências, convertendo-os. Esta actividade, como veremos mais adiante, teve início nos primeiros anos da sua vida religiosa, foi interrompida e retomada anos depois. Tais visitas masculinas poderão ter sido denunciadas por aquela religiosa ao comissário delegado como sendo encontros amorosos, ou sexuais, sendo Soror Isabel apontada como prevaricadora.

De facto, sobre as visitas desses dois homens escreve que se tratavam de um “temerario dezafio de se rreputar por comfiansa de mulher de pouco spirito dar dinheiro a homens e catiquizalos com mimos e afagos”⁷⁰⁸. Tinha consciência dos “perigos a que me exponho pois inda hera freira mosa e entre homen e mulher ha moytos rreseios”⁷⁰⁹. Portanto, aquando destas entrevistas nos locutórios não teria muito mais de quarenta anos de idade, porque perto dos cinquenta anos já não era moça. De facto, quando o comissário delegado, a partir de 9 de Agosto de 1712, começou a visitar a comunidade mensalmente, tinha trinta e nove anos.

Sobre o encarceramento, informa que ficara então imperturbável, porque na noite anterior tinha recebido a revelação divina de que ia ser “incarouchada”. Não o devera, portanto, à sua virtude, mas à mão de Deus, porque na noite antecedente, estando em oração, o Senhor dissera-lhe que a esperava uma grande cruz “e para A poderes leuar metete em meu lado”⁷¹⁰. Abrira-lhe o peito e ela

⁷⁰⁷Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v], § 1.

⁷⁰⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 22, § 21.

⁷⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 23, § 21.

⁷¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 13.

ficara submergida nele. É a sua primeira visão da chaga do lado de Cristo, pois, na “Vida”, a autora descreve uma segunda visão semelhante, que mencionaremos mais adiante.

A pena anunciada na carta patente do ministro provincial era a mesma que estabeleciam as constituições gerais: “Pena de reclusão, he pôr a Religiosa fechada no carcere, ou em outro lugar fechado, donde não possa sair, nem ter comunicação com as Freiras, aonde lhe possam lançar prisões, se for conveniente”⁷¹¹. Esse lugar não devia, porém, ser chamado de cárcere, mas casa da disciplina⁷¹². E acrescentavam que “pera que a disciplina regular, & os castigos necessarios da Ordem contra as desobedientes se possa executar”⁷¹³ devia existir em todos os conventos “uma casa separada, forte, & retirada, com huma fresta alta, que possa dar luz, & se não possa falar por ella, a qual sirva de carcere”, havendo nela um cepo, grilhões e outros instrumentos de prisão para que as freiras que tivessem cometido delitos dignos de cárcere “possão ser encarceradas, & prezas”⁷¹⁴. A reclusa, como já citámos, seria despojada do seu véu preto, símbolo da profissão, e do seu hábito⁷¹⁵. Podia pedir o sacramento da Penitência, se a abadessa julgasse ser conveniente, bem como a Sagrada Comunhão, mas apenas na solenidade da Páscoa, sendo levada à enfermaria ou a outro lugar secreto para o efeito. Ou seja, seria confessada e comungaria fora da comunidade, em tempo e espaço improvisados, sem ser avistada, não se consentindo, pois, que tivesse qualquer sinal de inclusão. No cárcere, a comunicação seria praticamente inexistente: não falaria com ninguém, estando também prevista uma pena de três meses sem véu para as freiras que lhe dessem ou recebessem papéis, isto é, escritos que a encarcerada procurasse usar para manter contacto com o exterior. Se o atrevimento fosse o de soltar a prisioneira, aquela que o fizesse teria a pena de se ver privada de actos legítimos por tempo de um ano e seria também encarcerada por seis meses.

Estar no cárcere, ou casa da disciplina, foi, assim, uma experiência muito dura para Soror Isabel do Menino Jesus. Frei Martinho de São José refere mesmo

⁷¹¹ Cf. *Constituições Geraes...*, *op. cit.*, cap. IX, p. 111.

⁷¹² Cf. *Ibidem*, cap. IX, p. 111.

⁷¹³ Cf. *Ibidem*, cap. VI, p. 99.

⁷¹⁴ Cf. *Ibidem*, cap. VI, p. 99.

⁷¹⁵ Cf. *Ibidem*, cap. VI, p. 99, p. 110.

que a autora nunca mais a esqueceu. À prisão no cepo, com grilhões, juntara-se a falta de comunicação e a proibição da escrita, o que, no caso de uma autora, seria particularmente doloroso. A segregação da comunidade, para além da permanência na casa da disciplina, consubstanciava-se ainda na administração dos sacramentos fora do coro e do confessionário, ocorrendo na enfermaria ou noutra lugar secreto; bem como no despojamento da religiosa do seu hábito e do seu véu de profissão, o que não só implicaria a imposição de sinais externos da segregação, como significaria o seu desnudamento como *sponsa Christi*, grandíssima desonra, que a aproximava da condição de não professa, considerada menor e ordinária. Além de ser encarcerada durante quatro meses, também foi sujeita à “Privação dos actos legitimos, he inhabilidade pera ser Abbadeça, & todos os mais officios do Convento”⁷¹⁶, segundo as constituições ordenavam, bem como a “não ter voz activa pera a eleição deles, nem pera a aceitação das Noviças”⁷¹⁷.

Consequentemente, outra das penas aplicadas à autora pelo comissário delegado terá sido a suspensão do prestigioso ofício de mestra da Ordem. De facto, Soror Isabel do Menino Jesus era mestra a 26 de Outubro de 1712, como mencionámos, mas a 15 de Março de 1713 já havia nova mestra, Soror Francisca Baptista⁷¹⁸, e, depois desta, Soror Mariana da Coluna, a 30 de Janeiro de 1715⁷¹⁹. Soror Isabel terá sido encarcerada, pois, a partir de 26 de Outubro de 1712, ficando seis meses no cárcere, talvez até Abril do ano seguinte, 1713, não reavendo o ofício de mestra, pelo menos nos anos seguintes.

⁷¹⁶ Cf. *Ibidem*, cap. IX, p. 110.

⁷¹⁷ Cf. *Ibidem*, cap. IX, p. 110.

⁷¹⁸ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Profissões, liv. 29, f. 18v.

⁷¹⁹ Cf. *Ibidem*, f. 19.

CAPÍTULO III

Ascética, mística e fama de santidade

1. Progressão na ascese

Segundo escreve Soror Isabel do Menino Jesus na “Vida”, foi em 1713 que começou a ter locuções e visões de Cristo, Nossa Senhora e alguns santos, depois de referir aquelas dificuldades por que passou nos primeiros anos de vida religiosa. Nesta data, recebera “moytas uezitas que o Senhor me mandou fazer”⁷²⁰: as de São Pedro e São Paulo, que, “emtrando por dentro de minha Alma Vieram a confortarme dandome alento para a preseueransa das uertudes”⁷²¹. Os dois eram apóstolos de Cristo e tinham estado injustamente presos⁷²². Depois, tinham vindo São Francisco e São Domingos; e ainda Santa Rosa de Viterbo, que a visitara durante todo o oitavário da sua solenidade, celebrada a 6 de Março⁷²³.

Diz que tinham sido visões intelectuais, explica-o claramente que “os nam uia com olhos do Corpo mas sentia a sua prezensa”⁷²⁴. Estas visões são comuns em místicos que se encontram em altos graus. As visões intelectuais implicam um entendimento, por parte do místico, do significado do que vê, ou uma interpretação⁷²⁵. São Francisco de Assis (1182-1226) e São Domingos de Gusmão (1170-1221), fundadores, respectivamente, das ordens dos frades menores e dos padres pregadores, grandes luminares da renovação da Igreja depois do Grande Cisma do Ocidente (1378-1417), eram frequentemente postos, lado a lado, na iconografia do período barroco, invocando-se o seu encontro em Roma, em casa do Bispo de Óstia, no começo de 1221, meses antes da morte de São Domingos, segundo a tradição⁷²⁶. Quanto a Santa Rosa de Viterbo (1233-1251), jovem terceira franciscana, tinha pregado publicamente sobre o poder pontifício e dos

⁷²⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 11, § 9.

⁷²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 11, § 9.

⁷²² Segundo a tradição, São Pedro foi aprisionado em Roma e ali martizado, sendo sepultado no local onde se ergueu a célebre Basílica de São Pedro do Vaticano. De São Paulo consta na Sagrada Escritura que foi realmente preso e levado para Roma, onde foi martirizado Cf. Act 28, 1.

⁷²³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 11, § 9.

⁷²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 11, § 9.

⁷²⁵ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, *op. cit.*, pp. 809-810.

⁷²⁶ Cf. Tomás de Celano, *Vida Segunda*, cap. CIX, §§148-149, in *Fontes Franciscanas I – São Francisco de Assis. Escritos, Biografias, Documentos*, documentos publicados com tradução, introduções, notas e índices, sob a coordenação de Manuel Marques Novo, Braga, 1994, pp. 487-488.

sacerdotes para perdoar os pecados e consagrar o pão e o vinho, transubstanciados em verdadeiro corpo e sangue de Cristo, sendo provavelmente uma santa da devoção das religiosas do Convento de Santa Clara de Portalegre, por ser da família seráfica⁷²⁷.

Depois destas visitas, escreve na “Vida” a importante frase “Ate que parou Alma no seu sentro”⁷²⁸. Relata então que “o mayor fauor que Deus fas A huma Alma he chegar A huniam”⁷²⁹ e que este fenómeno “sera o primeiro em que ualha por todos não Desprezando as moytas mais mercês que rresebi de Deus”⁷³⁰. O Senhor dignara-se então “de quererme Vnirme comsigo estando em huma ocaziam em ora Ssam ouui humas palauras que diziam spoza abre me as portas de teu corasam”⁷³¹. Esta locução de palavras “tam poderozas que com a ternura delas me leuaram logo os afetos que por moyto espaso do tempo nam soube de min e cobrando alguma intiligensia”⁷³².

Tratava-se de um êxtase, o primeiro que relata. Entendera “que minha Alma se transformaua em Deus”⁷³³ e ouvira: “quero que descanses comigo no Ceo”⁷³⁴. Pondo-a à sua mesa, o Senhor “me deu a comer o pam do Sacramento que numca meu corasam Auia comido tal manyar”⁷³⁵. Sentira também que lhe era dada a beber água para se refrescar, “com tan grandisima dusura que me sospendia sentidos e potensias e por espaso de tempo estiue suspensa”⁷³⁶. Voltara a si por intervalos e ouvira que lhe cantavam certa música, “A medida do amor que gozaua”⁷³⁷. Passado algum tempo, saíra deste êxtase e o efeito que lhe tinha deixado no coração era uma grande dor pelos seus pecados, “porque o amor que he uerdadeiro sente as ofensas de quem Ama e como eu tinha ofendido a quem de

⁷²⁷ Vd. Ignace Beaufays, *Sainte Rose de Viterbe. Propagandiste de l' A. C.*, Bruxelas, Ed. du Chant d'Oiseau, 1937.

⁷²⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 11, § 9.

⁷²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 11, § 9.

⁷³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 11, § 10.

⁷³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 11, § 10.

⁷³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 11, § 10.

⁷³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 12, § 10.

⁷³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 12, § 10.

⁷³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 12, § 10.

⁷³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 12, § 10.

⁷³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 12, § 10.

presente amava hera Para min grande sentimento”⁷³⁸. Mais adiante, mencionaremos de novo esta visão, à qual podemos chamar visão eucarística.

Quanto ao êxtase, é um fenómeno místico cuja designação tem a sua raiz no grego *ekstasis*, correspondente a um estar fora de si, ou seja, a uma *alienatio mentis*, algo frequente na vida dos místicos. Observam-se na pessoa extática algumas características comuns, como a perda da relação com a realidade (não se apercebe do mundo circundante e não responde a estímulos externos); e a ausência da sensibilidade do próprio corpo (não sente dor, podendo ser picado, ou queimado, sem que reaja). Pode também responder a visões e locuções que está a receber; e manifestar uma forte agitação emocional, correspondente a uma espécie de arrebatamento, ou *raptus*, no qual o ego do extático dá lugar a Deus⁷³⁹.

Há, segundo os estudos, vários tipos de êxtase. O primeiro, dito êxtase explosivo, é colectivo, porque várias pessoas podem ser abrangidas por transmissão. Aquele êxtase que Soror Isabel relata na “Vida” é, pelo contrário, de tipo implosivo, ou de fusão, o qual acontece de modo inesperado e sem transmissão, podendo a pessoa ficar extática por ter praticado um longo caminho de ascese. Neste tipo, o corpo fica rígido, como que numa espécie de catalepsia, causando, pois, a curiosidade e o espanto das testemunhas, se as houver. O êxtase estava descrito desde São Paulo, nos primeiros anos da Igreja, tendo ocorrido muitas vezes ao longo da história do cristianismo. Era muito conhecido por ter ocorrido em místicos como São Francisco de Assis, Santa Brígida da Suécia (1303-1373), Santa Catarina de Sena (1347-1380), Santa Teresa de Jesus e Santa Madalena de Pazzi (1566-1607), santos bem conhecidos e muito venerados no século XVIII⁷⁴⁰. O êxtase descrito por Soror Isabel parece corresponder à *unio mystica*, o grau supremo da mística, atingido pelos místicos no cume da escada espiritual, que a autora, segundo escreve, percorria desde as proximidades do dia 2 de Agosto de 1698, pelas três vias do espírito: purgativa, iluminativa e unitiva⁷⁴¹. Corresponde esta união ao contacto e à comunhão com a divindade, como que um

⁷³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 12, § 10.

⁷³⁹ Cf. Vladimír Šatura, “Éxtasis”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 374-377.

⁷⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 376.

⁷⁴¹ Vd. Michael Figura, “União Mística”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 991-995.

matrimónio da alma com Deus⁷⁴². Este estado será explicado pela própria autora no “Tratado Místico”, como adiante veremos. Quanto à dor dos pecados que descreve, e que reconhece como resultante da união mística, parece identificável com o efeito espiritual conhecido como contrição perfeita⁷⁴³.

Seguindo a “Vida”, um novo fenómeno místico teria ocorrido no Natal de 1713, ou num natal dos anos seguintes. Trata-se de uma visão que podemos classificar de visão imaginária produzida na imaginação dos místicos, por Deus ou pelos seus anjos, quando aqueles estão em estado de vigília, ou a dormir⁷⁴⁴. São exemplos as visões de São José, pai legal de Cristo, que recebeu as visitas de um anjo durante o sono⁷⁴⁵; ou as visões de Cristo, que Santa Teresa de Jesus descreve: “Esta vison, aunque es imaginaria, nunca la vi com los ojos corporales, ni ninguna, sino con los ojos del alma”⁷⁴⁶. As visões imaginárias são, por vezes, acompanhadas de visões intelectuais, que explicam ou interpretam o que os místicos veem. A própria Soror Isabel identifica esta coincidência na “Carta à Abadessa e Religiosas”, onde se refere, uma vez mais, àquelas visões dos santos, em 1713, ou apenas às de São Francisco, classificando-as então como visões intelectuais e imaginárias, ouvindo “suas uozes”⁷⁴⁷.

Quanto à vigília, ou ao sono, de facto, a maioria dos fenómenos místicos de Soror Isabel, segundo escreve, teriam ocorrido em oração, durante a noite, ou, mais especificamente, à meia-noite. Nestas condições estava aquando da visão do presépio. Vira então a gruta de Belém, onde estava o Menino Jesus ao colo de Nossa Senhora⁷⁴⁸. Esta dera-lhe para os seus braços; e Soror Isabel, muito feliz, perguntara-lhe se o Menino precisaria de comer. Respondera-lhe a Santíssima Virgem: “filha o Minino come corasois dalhe teu corasam ate que tenhas outros corasois que lhes ofereças”⁷⁴⁹. Noutra noite, plausivelmente não muito distante de

⁷⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 995.

⁷⁴³ Vd. Johann von den Driesch, *A Contrição Perfeita. Uma Chave de Ouro para o Céu*, Baía, Tip. São Francisco, 1913.

⁷⁴⁴ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, *op. cit.*, p. 809.

⁷⁴⁵ Cf. Mat 1, 18-24.

⁷⁴⁶ Cf. Santa Teresa de Jesus, *Libro de la Vida*, in *Obras Completas*, *op. cit.*, cap. 28, § 4, p. 149.

⁷⁴⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 67, § 75.

⁷⁴⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 12, § 11.

⁷⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 12, § 11.

1713, tivera um novo êxtase, o qual “ia se sabe que suspensam he nam poder huzar de sentidos e potensias que tudo pode fazer a ueemensia do amor”⁷⁵⁰. Despertando, vira um multitudinário coro de virgens e nele um tribunal presidido pela Santíssima Virgem⁷⁵¹. Esta dera-lhe então a ver Santa Clara de Assis, “com tanta glória de que Deus A tinha irrequesido que se nam pode explicar”⁷⁵², e Soror Isabel fora logo pedir-lhe a bênção, como religiosa professa da Ordem fundada pela Santa. Esta prendera-a então com uma cadeia. Vira depois Santa Teresa de Jesus, que a prendera com outra cadeia. Seguir-se Nossa Senhora, “prendendo-me com a triseira cadeya dizendome com estas tres cadeias uenseras Os tres jnimigos dalma”⁷⁵³. Terminado o êxtase, ficara por muito tempo em contemplação e concluía que “se uensem estes jnimigos o mundo uensese com pasiensia o Diabo com humildade a carne com penitensia”⁷⁵⁴.

⁷⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 13, § 12.

⁷⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 13, § 12.

⁷⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 13, § 12.

⁷⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 12.

⁷⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, §§ 12. Na tradição, os três inimigos da alma são, de facto, o mundo, o Demónio e a carne. Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística, op. cit.*, pp. 114-135. O mundo não é entendido como o conjunto de pessoas que vivem na terra, entre as quais se encontram almas justas e almas ímpias, mas como o complexo daqueles que são opositores de Cristo: os incrédulos, os hostis à religião, porque ela condena o seu orgulho; os indiferentes, que não querem saber da religião, que os obrigaria a sair da sua indolência; os pecadores impenitentes, que amam o seu pecado, porque amam o prazer e não querem perdê-lo; os mundanos, que creêm e praticam a religião, mas aliando-a ao amor do prazer, do luxo, do bem-estar, crendo que a religião não tem grande influência sobre a vida moral. Cf. *Idem, ibidem*, p. 114. O mundo é, pois, um perigo constante e até um obstáculo à vida ascética e mística, exercendo influência sobre os ambientes em que o místico se insere, inclusivamente num convento. É um inimigo externo da alma, porque a circunda, exercendo influência a partir de fora. O Demónio é também um inimigo externo, pelas mesmas razões. É assim nomeado por Soror Isabel do Menino Jesus (Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 5), mas também por Diabo (Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 12), nome vindo do grego, *diabolos* e do latim *diabolus*, que corresponde a caluniador, ou acusador; e por Lúcifer (Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p. 39, § 36; e também “Carta à Abadessa e Regiosas”, p. 66, § 74, etc.), com origem etimológica no latim, *lux fero*, o portador da luz, substantivo usado na Sagrada Escritura (*vulgata*), nem sempre para o designar. Vd. Cf. Pedro Miguel Oliveira Nunes, *Santos, Demónios e Pecadores. Do Horror do Pecado ao Milagre da Santificação*, s/ lugar, PearlBooks, 2011, pp. 59-60. Segundo a tradição, era o mais luminoso anjo de Deus – daqui que o seu primeiro nome fosse Lúcifer –, mas, pelo orgulho na sua própria beleza e pela inveja da criação do género humano, assumiu a aparência de serpente e tentou a mulher no Paraíso, para que esta tentasse o homem, levando-os a pecar, desobedecendo ao Criador. Cf. Gen 3, 1-14. Conta com os seus próprios exércitos de demónios, que vagueiam pelo mundo para a perdição das almas. O seu reino é o Inferno. Desde a sua queda, e mesmo sabendo que, depois da encarnação de Cristo, da sua Paixão, Morte e Ressurreição, Satanás tenta constantemente as almas e é cioso

Acerca do seu encarceramento, escreve Soror Isabel do Menino Jesus na “Vida”, que “Este desprezo me foy abrindo caminho para jmitar A Cristo”⁷⁵⁵, acrescentando que o demónio saciara a sede “de me uer tam abatida”⁷⁵⁶. Passara este “Oyteiro de pasiensia e ficou em meu corasam huma grande caridade”⁷⁵⁷. Assim vencera o mundo e o Demónio. Quanto à carne, vencera-a com penitência, como “uerseha no progreso de minha uida”⁷⁵⁸. Pelejando sempre contra os três inimigos da alma, fora a luta “tam sanguinolenta”⁷⁵⁹ que fora preciso que Deus se compadecesse de si, porque não tinha virtude nenhuma “se nam fose com a uista do seu Eizemplo”⁷⁶⁰. Estando em oração vira como que um “Retratto de Cristo Senhor Nossso feito huma pasta de sangue”⁷⁶¹. O coração pularar-lhe no peito,

de imitar a acção divina na alma dos santos, esforçando-se por exercer sobre eles a sua tirania. Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, op. cit., pp. 829-838. Por vezes, assedia a alma por fora, suscitando-lhe pesadas tentações, outras instala-se no corpo e move-o a seu talante, como se fosse seu senhor. No primeiro caso, trata-se de obsessão diabólica, no segundo trata-se de possessão. Cf. *Idem, ibidem*, pp. 829-838.

Quanto à carne, ou concupiscência, é um inimigo interno da alma. Segundo Adolphe Tanquerey, a concupiscência é entendida como o amor desordenado dos prazeres dos sentidos. O prazer, em si, não é considerado mau, porque criação de Deus, mas foi ordenado a um fim superior, o bem honesto; se Deus liga o prazer a certos actos bons, é para facilitá-los e atrair as almas ao cumprimento do dever. O prazer deve, porém, ser gozado com moderação, orientando-o para o seu fim, que é o bem moral e sobrenatural; é, pois, considerado bom, pois tende a um fim bom. Esta moderação, ou temperança, deve, assim, ser praticada no quotidiano, evitando desregramento e desordenação, sendo exemplos os excessos alimentares e os actos sexuais fora da castidade conjugal ou praticados por quem emitiu votos religiosos. Cf. *Idem, ibidem*, pp. 118 et seq. A concupiscência pode ser dos olhos, e compreende duas coisas: a curiosidade doentia e o amor desordenado pelos bens da terra. Cf. *Idem, ibidem*, pp. 118 et seq. A curiosidade doentia é o desejo imoderado de ver o que se passa no mundo, não para tirar proveito espiritual, mas gozar de conhecimentos frívolos, do que são exemplos as intrigas e as ciências adivinatórias pagãs, pelas quais se pretende saber coisas secretas ou futuras, cujo conhecimento Deus para si reservou (o que constitui uma tentativa de usurpação do conhecimento divino e um desprezo pela confiança com que as almas devem entregar-se à suas mãos). Cf. *Idem, ibidem*, pp. 118 et seq. O amor desordenado pelos bens terrenos, ou ao dinheiro (seja para adquirir mais bens e garantir honras e prazeres, seja em si mesmo), leva a alma a cometer muitos pecados, porque tais bens são fonte de injustiças e, acima de tudo, podem levá-la a deixar Deus para se entregar totalmente a várias desordens, como que idolatrando tais bens. Cf. *Idem, ibidem*, pp. 118 et seq.

⁷⁵⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), op. cit., p. 15, § 13.

⁷⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

⁷⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

⁷⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

⁷⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

⁷⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

⁷⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

ficando-lhe a alma recolhida “na sala intirior”⁷⁶², onde vira melhor o “seu santissimo corpo delidos os osos de tormentos”⁷⁶³. Espargindo fogo de si, o Senhor dera-lhe a entender que a sua paixão “inda Estaua quente e o seu Amor inda se nam esfriara”⁷⁶⁴. Estas palavras tinham-se imprimido na sua alma.

Estando, em certa ocasião, em oração, tivera uma nova visão imaginária: vira muita gente em procissão, levando as insígnias da paixão de Cristo. No fim da procissão ia uma imagem de Cristo crucificado. A procissão seguia com muito sossego e silêncio, mas atrevera-se a interrompê-la um cavalo a galope. Um homem, porém, detivera-o pela rédea. Entendemos que esta visão da procissão, para além de imaginária, fora intelectual, porque diz também que “o que senificaua esta prosisam se me deu logo a emtender porque os que seguem a uida spiritual sabem muito bem que a uizam tras comsigo Reuelasam”⁷⁶⁵, explicando que o crucifixo e as insígnias significavam a misericórdia de Deus e o cavalo significava o Demónio, que se queria opor à misericórdia divina “e consumir todo o mundo”⁷⁶⁶. Mas fora detido e refreado por São Miguel, significado no homem⁷⁶⁷. Esta visão fora para si um aviso “para as emprezas em que Deus me

⁷⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

⁷⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

⁷⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 15, § 13.

⁷⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 16, § 14.

⁷⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 16, § 14.

⁷⁶⁷ Cf. Henri-Marie Boudon, *La Devotion aux Neuf Choeurs des Saints Anges, et en Particulier aux Saints Anges Gardiens*, Nancy, Chez Nicolas Baltazard, Imprimeur de S. A. R. Libraire à l’Image de S. Antoine de Padüe, proche les R. R. P. P. Capucins, 1718, Pratique IV, p. 310. Anjo protector da Igreja, São Miguel assiste às almas no momento da morte, segundo Santo Agostinho. Cf. Id. São Boaventura, na *Legenda Maior de São Francisco*, refere a grande devoção que o Santo lhe tinha e menciona que é o anjo que faz a apresentação das almas no Céu. Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. IX, § 3, in *Fontes Franciscanas I, op. cit.*, p. 669. Segundo o *Doctor Seraphicus*, é um anjo poderosíssimo e está às ordens da Santíssima Virgem para assistir às almas que ela quer favorecer. Cf. Henri-Marie Boudon, *La Devotion aux Neuf Choeurs des Saints Anges...*, *op. cit.*, Pratique IV, pp. 310-311. Apesar de ser referido geralmente por arcanjo, é, na verdade, um serafim, ou melhor, o principal dos serafins, o mais elevado da hierarquia angélica. Cf. *Idem, ibidem*, p. 313. Os serafins são o primeiro dos nove coros de anjos e estão diante de Deus, inflamados do seu amor. Escreve Henri-Marie Boudon: “La première Hiérarchie est compose de Seraphins, Cherubins & Trones: elle reçoit immediatement les lumières de Dieu, & c’est par elle qu’elles sont communiquées aux deux autres Hiérarchies. Les Seraphins excellent dans le pur amour de Dieu seul, aussi leur nom ne veut dire qu’incendie & ardeur. Tous les Anges sont admirable dans le divin amour: mais les Seraphins y sont incomparables. Tous ces Esprits Angeliques aiment grandement: mais l’amour des Seraphins, dit une ferveur d’amour sans comparation: (l’on excepte toujours la très-Sacrée Vierge la Reine du saint amour:) l’amour Seraphique dit un amour excessif, qui brule & porte des incendies partout où il se

queria meter para comtenuar a guerra fazendo penitensia peleando com os tres jnimigos dalma”⁷⁶⁸.

2. Intercedendo por vivos e defuntos

Na “Vida”, implicitamente datados como posteriores a 1713, surgem mais visões, locuções e êxtases, sempre a par da constância de Soror Isabel do Menino Jesus na prática da oração e da penitência. Uma locução e um êxtase, seguidos de uma visão da cidade de Portalegre – onde vivia, em clausura –, terão ocorrido alguns anos depois da sua profissão: “de seis ate sete nam Pasauam”⁷⁶⁹. Portanto, poderiam corresponder ainda a 1713, ou a 1714. Conta que fora avisada da parte de Deus “como estauam metidas no inferno moytas sidades e uilas que Sse nam acodia com penitensias e Orasois se afuindiam no inferno”⁷⁷⁰. Não nomeia, porém, nenhuma delas, à exceção de Portalegre⁷⁷¹.

rencontre. [...] Le feu est toujours dans le mouvement, les Esprits des Seraphins sont continuellement dans une tendance inéfinable vers Dieu. Le feu agit toujours, les Seraphins sont toujours occupez de Dieu seul, sans jamais s’ocuper, non pas même pendant le moindre instant, deux-mêmes, ny d’acune chose créée.” Cf. Henri-Marie Boudon, *La Devotion aux Neuf Choeurs des Saints Anges...*, *op. cit.*, Pratique III, pp. 294-296. A designação de arcanjo não se refere, pois, apenas ao oitavo coro angélico, o dos arcanjos, mas também aos anjos do primeiro coro, de modo genérico. Esta distinção é importante para compreender o que Soror Isabel do Menino Jesus escreve no “Tratado Místico”, acerca do amor do serafim, o que mais adiante citaremos. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), p. 92, § 98. O enorme poder de São Miguel, na iconografia ocidental, foi, desde cedo, expressado pela sujeição de Satanás sob os seus pés, pondo-se, também, numa das mãos do anjo uma espada e na outra uma balança, em cujos pratos pesa as almas, determinando, pelo peso dos pecados, se vão para o Céu ou se vão para o Purgatório. Era certamente esta a imagem que Soror Isabel conhecia, desde Marvão, onde havia um “altar de São Miguel, que está em a Igreja de São Thiago”. Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Trelado do Testamento com que Faleceu Eugénia Dama..., cx. 9, f. 389. A nobreza local ordenava a celebração de missas de sufrágio neste altar. Vd. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1716-1718), Testamento de Clara Fernandes da Corredoura, cx. 14, f. 313v. No Convento de Santa Clara de Portalegre também haveria esta devoção, porque uma imagem de São Miguel ali existia a 20 de Abril de 1900. Cf. ANTT, Ordem dos Frades Menores, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo do Culto, encontrados no espolio do supprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade”, cx. 2015, f. 63. Soror Isabel do Menino Jesus escreve sobre outra visão de São Miguel, na “Carta à Abadessa e Religiosas”, em companhia de São Gabriel, que mencionaremos adiante.

⁷⁶⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 16, § 14.

⁷⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 27, § 25.

⁷⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 27, § 25.

Com este anúncio, ficara suspensa, isto é, em êxtase. Vira Portalegre como se fosse um monte de carvão, “e so diuizei humas limitadas luzes que suponho seriam para principiar a queimar”⁷⁷². Ofereceu orações e penitências a Deus Pai, invocando “os meresimentos de seu santissimo filho”⁷⁷³. Cobrira “o Spirito de sinza pois o nam podia por na cabesa”⁷⁷⁴, uma vez que agia em segredo e tal seria notado no convento. O Senhor tivera misericórdia, “chegandome mais a si”⁷⁷⁵.

Escreve mais adiante que o Senhor lhe dissera em certa ocasião: “se eu tiuera em cada terra huma so Alma Vnida comigo por cada uertude eroica que esta alma tiuera auia eu de perdoar hum milham de culpas”⁷⁷⁶. Como o Senhor “queria matar o mundo com o seu amor inda estou metida na sidade e sempre me auia de deixar eizersisio de penitensia”⁷⁷⁷, pois “nos campos da penitensia sempre ha que esquadrinhar para que os seruos de Deus apurem a pasiensia”⁷⁷⁸. Recebera então nova revelação: na cidade havia “huns homens tam preuesos e malinos”⁷⁷⁹, semelhantes ao Demónio; e que o Senhor os tinha ido buscar “pela rua damargura com huma corda ao pescoso”⁷⁸⁰. Era preciso que ela fizesse orações por eles, ajudando-os a sair das suas culpas⁷⁸¹. E fizera também penitência, até que tivera a visão, que classificamos de imaginária e intelectual, de umas serras “moito medonhas espantauéis”⁷⁸² e sobre elas vira uma multidão de demónios sob várias formas, o que a aterrorizara, ao ponto de ter temido desmaiar de medo. Entendera que lhe era revelado que aqueles demónios tinham saído das almas à força de oração⁷⁸³. Conta também que, noutra ocasião, no silêncio da noite, lhe perguntara o Senhor: “filha nam tomaras tu Por tua conta huns homens desta sidade que estam em mizarauel estado tam duros de corasam e tam mortos pelas culpas que

⁷⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 27, § 25.

⁷⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 27, § 25.

⁷⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 27, § 25.

⁷⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 27, § 25.

⁷⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 27, § 25.

⁷⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 27.

⁷⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 27.

⁷⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 27.

⁷⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 29, § 28.

⁷⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 29, § 28.

⁷⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 29, § 28.

⁷⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 29, § 28.

⁷⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 29, § 28.

se tu nam fazes penitencias e Orasois sertamente uam para O jnferno”⁷⁸⁴? Tomara então as culpas dos ditos homens com vários modos de penitência e oração contínua, acabando por completá-las com uma doença “de dores Nas entranhas”⁷⁸⁵ que lhe sobreveio, sendo tratada com purgas e sangrias.

A intercessão pela cidade de Portalegre, segundo parece afirmar, foi uma das suas preocupações ao longo dos anos. Mais adiante, ainda na “Vida”, narra uma nova revelação acerca do gravíssimo estado da cidade, pelo que lhe fora necessário fazer novas penitências e orações para aplacar a indignação de Deus, que queria aplicar a sua justiça com grandes castigos. Estivera então por um período de oito dias fazendo penitência, o qual tinha bastado para a misericórdia divina se manifestar. Estando em oração, dissera-lhe o Senhor: “esta cidade e todo o mundo nam com peste mas com o meu amor ues ahi te dou a espada que he o meu Amor rreparteo com quem quizeres”⁷⁸⁶. O Senhor abrira então a chaga do seu lado, da qual saíra uma grande enchente, de tal maneira que Soror Isabel desmaiara nela, ficando por algum tempo em suspensão, segundo diz, de sentidos e potências⁷⁸⁷. Depois desta segunda visão da chaga do lado de Cristo, voltara a si e entendera que se festejava no Céu, ouvindo vivas à salvação do mundo”⁷⁸⁸.

Chorando muito, tornara então a perder os sentidos e voltando a si por segunda vez, entendera que no Céu cantavam “a gloria que se canta na missa e os uersos Agnus dei qui tolis pecata mundi ett.”⁷⁸⁹, ou seja, o *Gloria* e o *Agnus Dei*, cantados ou rezados na Santa Missa⁷⁹⁰.

Pouco tempo depois, segundo se depreende da “Vida”, a partir do dia 25 de Março de 1720 continuou a ter visões, locuções e êxtases. Naquela data, que era a da solenidade da Anunciação, estando em oração, o Senhor revelara-lhe que corriam para o Inferno tantas almas “como as bicas da fonte”⁷⁹¹. Muitos reinos estavam em tal estado que se não se lhes acudia com orações e penitências, se

⁷⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 30, § 30.

⁷⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 30, § 30.

⁷⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 26.

⁷⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 26.

⁷⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 26.

⁷⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 26.

⁷⁹⁰ Cf. *Missale Romanum...*, *op. cit.*, pp. XVIII e XXVIII.

⁷⁹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 20, § 19.

perderiam. Estes reinos, que se escusa a nomear, apesar de Deus lho ter dito, “so direi que sem catolicos e muito cristianisimos mas nam auia neles quem se quizesse salvar”⁷⁹². A revelação perturbara-a, mas o Senhor ordenara-lhe que “chorase aquelas culpas e agoa que saise dos olhos Auia de uir dos montes”⁷⁹³. E ficara sem entender o que tal significava, pedindo que lho explicasse. Então, o Senhor, “como hum mestre que emsina hum dusipulo em latin me dise hum uerso de Daudid dis asim Abissos secut uistimentum Amitus eius super montes estabunt aque”⁷⁹⁴. Este fenómeno místico, tal como um anterior, remetera-a para a liturgia. O versículo latino pertencia ao *Livro dos Salmos*, atribuído a David, que a autora rezava no ofício de matinas de sábado: “Abyssus sicut vestimentum amictus eius super montes stabunt aquae”⁷⁹⁵. Queixara-se na locução: “nam emtendo latin mais fauor me fes em constroir na nosa lingua”⁷⁹⁶. E o Senhor traduzira, explicando que a “agoa que auia de uir dos montes Auia de naser de huma Alma que tiuese montes de uertudes porque so estas Almas choram os pecados do mundo”⁷⁹⁷. Conclui que “nam tinha eu montes de uertudes antes tinha montes de culpas mas tiue da minha parte a mezericordia deuina que me fes partisipante do seu Amor”⁷⁹⁸.

Parecendo reportar-se a fenómenos místicos vividos pouco depois de 25 de Março de 1720, escreve: “Sseguese hum Ameaso da justisa deuina comtra os Senhores Sacerdotes”⁷⁹⁹. Trata-se de um ciclo de três visões, ocorridas sempre à noite e durante a oração. Podem ser classificadas de visões imaginárias e intelectuais, porque as imagens são percepcionadas por Soror Isabel com um entendimento do que significam, isto é, com uma interpretação intelectual das mesmas, dado na forma de locução, na qual os conteúdos das visões são explicitados⁸⁰⁰.

⁷⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 20, § 19.

⁷⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 20, § 19.

⁷⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 19.

⁷⁹⁵ Cf. Sl 130, 6. Ou seja, “Vós a tinheis coberto com o manto do oceano, as águas ultrapassavam as montanhas”.

⁷⁹⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 21, § 19.

⁷⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 19.

⁷⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 19.

⁷⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 16.

⁸⁰⁰ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística, op. cit.*, pp. 809-810.

A primeira foi a visão da pesca e da espada, que classifica como intelectual. Vira o Senhor numa praia, “pescando Almas”⁸⁰¹. Este mar, “sabem todos ser o mar do mundo”⁸⁰². Entendera que o Senhor lhe dava o exemplo de como devia pescar algumas, dizendo-lhe que as primeiras deviam ser as dos sacerdotes. Tivera então um êxtase e vira uma espada, ouvindo o Senhor dizer-lhe que com ela a justiça divina já matara muitos sacerdotes, os quais lançara ao Inferno, como havia de fazer a muitos mais. Esta espada fora-lhe metida nas mãos, porque “quem podia Deter esta justisa hera a minha penitensia e orasois”⁸⁰³. O Senhor dissera-lhe então: “a tua pasiensia hade defender a eizicusão Desta justisa”⁸⁰⁴. E ela empunhara então a arma, trazendo embainhada “dentro de meu corasam”⁸⁰⁵. Entregara-se de imediato a “satisfazer a justisa Diuina”⁸⁰⁶. Para tal, era necessário fazer rigorosa penitência.

As duas últimas visões tinham sido do Inferno, para onde tinham ido as almas dos sacerdotes pecadores. Uma fora a visão das fogueiras e das adegas. Soror Isabel vira-se em espírito no Inferno, em cujo lugar mais fundo estavam almas de sacerdotes. Vira também uns braseiros muito activos, onde os demónios assavam pedaços de carne, como que de gatos esfolados. Entendera que se tratava da carne dos sacerdotes que, no mundo, tinham sucumbido ao pecado da luxúria. Outros sacerdotes estavam metidos em adegas muito escuras, padecendo inúmeros tormentos. Saindo a sua alma desta visão “quazi morta”⁸⁰⁷, oferecera todos os merecimentos da sua vida pelos sacerdotes vivos, “para coyia cauza e pescaria o Senhor me comuidaua”⁸⁰⁸. A outra fora a visão das covas. Fora de novo ao Inferno, em êxtase, e vira muitos demónios cavando sepulturas para enterrar almas de sacerdotes. Entendera que se fizesse penitência por eles, tais sepulturas seriam fechadas. Chegara ao ponto de exclamar que “uiuesem eternamente os Senhores

⁸⁰¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 16, § 15.

⁸⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 16, § 15.

⁸⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 17, § 15.

⁸⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 17, § 15.

⁸⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 17, § 15.

⁸⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 17, § 15.

⁸⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 18, § 17.

⁸⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 18, § 17.

Sacerdotes e eu ficaria sepultada no inferno com tanto que la amase a Deus”⁸⁰⁹. Deus aceitara a oferenda, porém “dizendo que ficase somente sepultado o pensamento enquanto eu uiuese neste mundo”⁸¹⁰. Mais adiante, relata as suas visões do Purgatório, que classificamos também como imaginárias e intelectuais: “boa pescaria tiemos no mar do mundo uamos agora a outro mundo Aliuiar as almas do purgatorio”⁸¹¹. Para aliviá-las, arrebatá-las-ia aos demónios com as armas da penitência e da oração.

⁸⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 18, § 18.

⁸¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 18, § 18.

⁸¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 42. Na tradição, o Purgatório, como é sabido, é o estado a que são destinadas as almas dos que morreram na paz de Cristo, mas não ainda suficientemente puras para aceder directamente ao Céu, gozando da visão beatífica, ou seja, de Deus. O termo, que a Igreja usa com sentido de lugar, indica o local onde se encontram essas almas em purificação. Apesar de não se ter definido que era um lugar ardente, onde as almas sofrem pela acção de um lume sobrenatural, pelo menos na época moderna as representações iconográficas assim o faziam ver. Os concílios de Basileia-Ferrara-Florença (1431-1445) e de Trento insistiram sobretudo na ideia da purificação depois da morte, com a finalidade de completar aquela purificação dos fiéis que no momento da morte não têm as condições requeridas para entrar na glória, quer porque não fizeram suficiente penitência em vida dos pecados cometidos e sacramentalmente perdoados, quer porque não têm o afecto já livre de apegos desordenados. O decreto tridentino sobre o Purgatório recordava que nos concílios anteriores, se crera sempre que este lugar existe e que as almas que nele se encontram podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis, em particular pelo sacrifício propiciatório da Santa Missa. Cf. Dalmazio Mongillio, “Purgatorio”, in Ermanno Ancilli, *Diccionario de Espiritualidad*, tomo III, Barcelona, Editorial Herder, 1984, pp. 223-227. Também podem ser ajudadas, ou aliviadas, pela generalidade das orações e méritos da Igreja, pela aplicação dos méritos de Cristo – que Soror Isabel do Menino Jesus refere repetidas vezes –, da Santíssima Virgem e dos santos. Acerca da natureza do sofrimento que purifica essas almas sabe-se pouco. Ainda que o Papa Clemente VI (1291-1352) tenha falado desses sofrimentos como um fogo material, não o fez em documento que possa considerar-se dogmático. Cf. Dalmazio Mongillio, “Purgatorio”, in Ermanno Ancilli, *Diccionario de Espiritualidad, op. cit.*, p. 224. A escassez de elementos doutrinários nunca obsteu à abundante reflexão teológica e pastoral, nem à piedade dos fiéis. Vd. Michel Vovelle, “Aspects Populaires de la Dévotion au Purgatoire à l’Âge Moderne dans l’Occident Chrétien. Le Témoignage des Représentations Figurées”, in *Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular. Sociabilidades. Representações. Espiritualidades*, Lisboa, Terramar, Centro de História da Cultura, História das Ideias, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999, pp. 291-300. Sobretudo em alguns períodos desenvolveu-se uma rica literatura sobre o Purgatório, sua natureza e carácter das penas purificadoras; e os pregadores foram nesta linha, fazendo-o bem presente nos seus sermões. Disto resultou a ideia afincada da purificação depois da morte, numa imagem de lugar de sofrimento, ou de vasta organização de torturas, que apenas diferiam das do Inferno pela sua limitada duração. Ao passo que o Céu e o Inferno são irreversíveis para a alma que os alcança, o Purgatório é um estado transitório. Sobre a importância dos sufrágios pelas almas dos defuntos na espiritualidade pós-tridentina em Portugal, vd. João Francisco Marques, “A Renovação das Práticas Devocionais”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma, op. cit.*, pp. 577-581.

As primeiras almas que Soror Isabel tinha ajudado a sair do Purgatório tinham sido as de três bispos de Portalegre. Estando em oração, em certa noite, sentira junto de si a presença de pessoas. Abrira então os olhos e não vira ninguém. Tornando a recolher-se e a prosseguir a oração, tornara a sentir que, sem dúvida, alguém se encontrava presente. Perguntara se ali estava alguém e “rresponderam que ali estauam tres Almas que tinham sido Bispos nesta Ssidade”⁸¹². Vinham suplicar-lhe que os socorresse com orações. Prometera dar-lhes o que pediam, oferecendo logo pelo seu alívio os méritos de Cristo a Deus Pai, “e iunto a isto aplicaua as minhas limitadas obras meritorias com as Orasois”⁸¹³. Passados poucos dias, tinham voltado, para lhe agradecer.

Conta também que morrera certo religioso que fora prelado da sua Ordem e ocupara as maiores dignidades da sua província, mas cuja alma tinha ido para o Purgatório, por causa das suas culpas. Fora avisada da parte de Deus que pedisse pela sua alma e fizera o que pudera durante um ano e seis meses, mas sem exceder-se. Voltara então a ter conhecimento de que a alma deste religioso – sugere tratar-se a de um ex-ministro geral ou definidor da Província dos Algarves – necessitava de mais orações porque havia de estar por cento e cinquenta longos anos no Purgatório. Ao ouvir esta revelação do ministro provincial, ficara “quazi morta de compaxam”⁸¹⁴; e fora à força de orações e de penitências que Deus imposto apenas mais um ano e meio de purificação à alma, no que tinha sido necessário intervir também Nossa Senhora, com os seus méritos⁸¹⁵.

Conta ainda que outro religioso morrera e que fora avisada por Deus para que pedisse pela sua alma. Para este, o Purgatório fora tão atroz que estava num madeiro em chamas, porque “o Castigo de Sacerdotes he moyto grande”⁸¹⁶ e nele estivera por bastante tempo, apesar das orações que por ela fizera. Não especifica se era alma de um defunto franciscano. Fosse ou não, temos nesta visão do religioso no madeiro a alma de um homem que se consagrara a Deus pelos votos religiosos, e que, para mais, fora ordenado sacerdote. A autora não tem pudor em dizer que para os sacerdotes o castigo – entende aqui o Purgatório como um lugar

⁸¹² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 42, § 39.

⁸¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 42, § 39.

⁸¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 43, § 40.

⁸¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 43, § 40.

⁸¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 43, § 41.

sobrenatural de não só de purgação, mas também de castigo – era muito severo. Esta visão, como as anteriores, parece ser uma advertência ao clero e às ordens religiosas, porque as almas dos seus consagrados não podiam partir para a eternidade em pecado mortal.

Soror Isabel do Menino Jesus conta também as visões que tivera das almas de algumas religiosas do seu convento, na “Carta à Abadessa e Religiosas”: “Agora nam se atemorizem de ouuir as lamentaueis penas que padecem As almas do purgatorio”⁸¹⁷. Durante a noite, aparecera-lhe a alma de uma certa religiosa, apresentando-se com a boca fechada, com indícios de que não conseguia falar. Não a entendera, mas começara a pedir por ela ao Senhor, mas não fizera muito caso, “por ficar em duuida se çeria em min maginasam”⁸¹⁸. Numa segunda aparição, a alma já conseguira dar gritos, pedindo-lhe que a acudisse, pelo que Soror Isabel aplicara-se em orações, penitências e obras meritórias e, passados quase cinco anos, “foy auizada da parte de Deus que continuase em aplicar sufrayos pela dita alma”⁸¹⁹, porque essa alma continuava no Purgatório, metida na boca de um lagarto que mastigava víboras ardentes, porque em vida muito murmurara. A sua permanência ali devia ser de noventa anos, mas “foy tamta a compaxam que tiue que clamei Ao Senhor como lhe dera A justisa deuina tam rregurozo purgatorio”⁸²⁰ e entendera que ainda era pouco para satisfazer as suas culpas, mas que se compadeceria daquela alma se padecesse por ela, o que fizera, “Vnindo tudo Aos meresimentos de Nosso Senhor jesus Cristo”⁸²¹. Ouvira então um pregão no Inferno: “Asim estamos perdidos Coydauamos que tinhamos alma para atormentar por muitos annos e agora A nosa jnimiga tomou por sua conta satisfazer tudo o que lhes faltaua para o seu purgatorio mas nos nos uingaremos dela”⁸²². Os demónios tinham-se apetrechado de armas e deram-lhe muitas pancadas “e por todos os caminhos me atromentauam fortemente”⁸²³. Suportara-as

⁸¹⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 49.

⁸¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 50, § 55.

⁸¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 50, § 55.

⁸²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 50, § 55.

⁸²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 50, § 55.

⁸²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 50, § 55.

⁸²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 51, § 55.

com muita humildade e resignação à vontade de Deus e essa alma fora libertada, indo para o Céu.

Noutra noite, estando em oração, aparecera-lhe a alma de outra religiosa. Apresentara-se dependurada num lugar muito alto, de cabeça para baixo, atravessada por uma lança nas entranhas, com muitos gemidos e muita ânsia, pedindo-lhe que lhe tirasse a lança. Pedira por essa alma e ela fora libertada. Outra religiosa morrera e a sua alma seguira para julgamento. Com severidade tinham sido vistas as suas culpas e as contas que tinha a dar da sua vida, pelos “ministros da justisa deuina”⁸²⁴. As suas culpas eram muitas. Tivera, em particular, muitas faltas de temor a Deus. Porém, tivera a seu favor a misericórdia divina e a sentença fora a sua ida para o Purgatório, metida no fundo da terra, “em huma caza tam escura e medonha que todas suas paredes se desfaziam em pavor”⁸²⁵, onde estivera sob tormento dos demónios, “feitos em diuersas figuras uizois horrendas”⁸²⁶. Não sabia quanto tempo estivera esta alma ali, mas avisa que a religiosa morrera havia doze anos, pelo que as destinatárias da “Carta à Abadessa e Religiosas” bem poderiam facilmente identificá-la. De resto, poderiam identificar todas as almas referidas, porque a autora deixava indícios para tal, com a intenção de as advertir para os pecados cometidos na comunidade. Por fim, essa alma fora libertada, a seu rogo, com muitas orações e penitências, e, quando a vira entrar no Céu, “ui tanbem que os demonios se esbofeteauam huns Aos outros com rraiuu”⁸²⁷.

A alma de uma outra religiosa tinha por Purgatório estar encerrada numa parede, porque em vida, apesar de viver em clausura, “soltara os afetos A comonicasam jnlisita sem temer A Deus com diuirtimento nosiuos a sua Alma dando tantos pezares A seu diuino spozo”⁸²⁸. De outra religiosa, que “morreo esta na flor de sua ydade”⁸²⁹ e com tempo de profissão, tivera uma revelação, passados oito meses: estava metida dentro um lugar tão apertado como uma caixa de tabaco, porque em vida tomara tabaco da caixa de um homem e “que nela ficara

⁸²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 51, § 57.

⁸²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 51, § 57.

⁸²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 51, § 57.

⁸²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 51, § 57.

⁸²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 52, § 58.

⁸²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 53, § 59.

prezo o corasam”⁸³⁰. A autora adverte que Deus castiga as suas esposas “que tomam amor a homens”⁸³¹, pelo que “a mandou meter no fundo da terra em lugar que fosse semelhante em que tinha cometido sua culpa que com dois dedos picou e assim nam se fíem de huma natureza tam quebradisa e se acautelem de semelhantes ocaziõs”⁸³². A alma fora libertada porque Soror Isabel invocara novamente os méritos de Cristo; e ainda a intercessão “de Nosos Patriacas”⁸³³, ou seja, de São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis, fundadores das ordens seráficas.

Outra religiosa tinha a alma metida na gaveta do seu escritório, posta numa aspa ardente, porque recebera uma carta de amor e ali a guardara⁸³⁴. Outra, apesar de ter menos culpas, não tivera menor castigo, sendo também jovem e não tendo correspondência amorosa com homens, nem tendo “tropesado nos lasos jnlisitos”⁸³⁵, mas, em agonia, vira o Demónio nas traves do tecto, segurando umas varas de fitas, e o seu Purgatório era estar num lugar muito estreito, “da largura das fitas e satisfizese os pensamentos que tiuera fora da clausura”⁸³⁶. Nada mais soubera desta alma. Noutra noite, vira a alma de uma defunta, “que conhesi muito bem e ouui suas palauras em spirito”⁸³⁷, dizendo-lhe que estava no fundo da terra, num lugar, ou cova de neve muito fria, pedindo-lhe ajuda: que rezasse e que fosse pedir a certa religiosa que costumava fazer a Via Sacra e lhe desse “As Vias Sacras aplicando-as por sua alma”⁸³⁸. Soror Isabel fora pedir-lhas, sem revelar o motivo, e muitas vias sacras foram então aplicadas para sua alma descansar”⁸³⁹.

Em certa ocasião estivera gravemente enferma, “bem desfeita de padecer”⁸⁴⁰, mas não deixara de orar pelas almas. Durante a noite, fora então visitada pelos arcanjos São Miguel e São Gabriel, que vinham falar-lhe e confortá-la. Do primeiro, já anteriormente referimos alguns atributos da tradição, certamente constantes na época da autora. Do segundo, recordemos que é o anjo

⁸³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 53, § 59.

⁸³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 53, § 59.

⁸³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 53, § 59.

⁸³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 53, § 59.

⁸³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 53, § 60.

⁸³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 54, § 61.

⁸³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 54, § 61.

⁸³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 54, § 62.

⁸³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 54, § 62.

⁸³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 54, § 62.

⁸⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 58, § 67.

que aparece a Nossa Senhora para lhe anunciar a encarnação do Verbo⁸⁴¹. São dois anjos muito poderosos. E logo Soror Isabel tivera uma nova visão do Inferno, em aparência de cova horrenda e medonha, de tal maneira que, com sobressalto, “me fugio o sangue E fiquei quazi morta”⁸⁴². Alentada pelos dois anjos, perguntara para quem era aquela cova e eles tinham respondido que era para todas as almas que se tinham saído do caminho da virtude, renunciando a seguir Cristo.

Soror Isabel conta igualmente algumas visões que tivera de almas de pessoas seculares, homens e mulheres, que aqui não citamos. Entre a Páscoa e a Ascensão de 1732, segundo escreve, tivera mesmo a revelação de que uma multidão de almas deixara o Purgatório, porque Deus atendera as suas orações e aceitara as suas penitências⁸⁴³. Nessa época, Deus ordenava-lhe que pedisse por certa pessoa que ela conhecesse e que já fosse defunta, orava por ela e de imediato lhe dizia que alma a estava vendo já a partir do Céu⁸⁴⁴. Na solenidade da Ascensão, quisera agradecer esta graça ao Senhor, mas este respondera-lhe com a pergunta “nam ues tu que subi Ao Ceo”⁸⁴⁵?; dizendo-lhe também que, entretanto, ficara na terra a Santíssima Virgem, que ia pedindo pelos pecadores.

3. Chaveira, couçoeira e porteira

Soror Isabel do Menino Jesus escreve na “Vida” que o Senhor “me tinha dado hum Animo tam generozo de padecer que se fora nesario padecera muito mais por liurar almas do inferno”⁸⁴⁶. Tendo já “sesenta e tantos annos e moito axaquada”⁸⁴⁷, não sendo capaz de levantar-se da cama à meia-noite, por ter levado mais de vinte e cinco anos a fazê-lo, parecera-lhe, porém, que não devia deixar de orar desde o princípio da noite, “que hera as oito horas quando acabaua matinas

⁸⁴¹ Cf. Lc 1, 26-39. Segundo Henri-Marie Boudon, como antes referimos acerca de São Miguel, apesar de se lhe chamar arcanjo, São Gabriel não é um arcanjo, mas um serafim. Cf. Henri-Marie Boudon, *La Devotion aux Neuf Choeurs des Saints Anges...*, *op. cit.*, Pratique IV, p. 313.

⁸⁴² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 58, § 67.

⁸⁴³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 46, § 49.

⁸⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 46, § 49.

⁸⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 46, § 49.

⁸⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁸⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37, § 33.

emedeatamente Prensipiar logo a Santa Orasam”⁸⁴⁸, terminando às “honze horas e se hera nesesario acudir algumas acupasois como hera escreuer escriuia a meia noite como se fora o meio dia”⁸⁴⁹. Cumprindo este horário nos últimos onze anos, chegara mesmo a perder o sono, dormindo apenas duas horas seguidas, chegando a ter aversão à cama. Implicitamente, aponta-nos uma data para estes fenómenos místicos, ocorridos quando tinha já mais de sessenta anos de idade. Portanto, data-os de uns anos depois de 1733, ano em que completou essa idade. Havia vinte e cinco anos que se levantava da cama à meia-noite, ou seja, desde cerca 1708, ano em que professou. Nos últimos onze anos – precisa – fazia oração das 20 horas às 23 horas. Portanto, desde por volta de 1722, ou, talvez com exactidão, desde 25 de Março de 1720, data que assinala explicitamente na “Vida”.

Apona nova data na “Vida”, acerca da “Merse que o Senhor me fes porque sendo porteira presizaente auia de ter Xaues sendo no anno de 1736”⁸⁵⁰. A visão das chaves teve uma prévia locução. Numa noite, estando em oração, que iniciara pelas 20 horas, como era costume, mas, por estar muito adoentada, recolhera-se à cama pelas 22 horas. Ouvira então, dentro da alma, “humas uozes muito dolorozas que Diziam se faltas a horasam e deixas a meia noite a quem heide Entregar as chaues de meu Amor meresia eu que me nam deixases”⁸⁵¹. Envergonhada por se ter deitado, abandonando a oração, respondera: “Senhor nam mereso que me fasais semelhante mercê”⁸⁵². E dissera-lhe o Senhor: “se tu o mereseres nam fora muito fazerte eu este fauor mas obrigate para teres o meresimento de estares a meya noite em Orasam que das gloria Ao Pai filho e spirito Santo”⁸⁵³. A locução consolara-a, mas ainda ficara presa a si mesma: “eu estaua tam uestida de conhesimento proprio tam rroin e mizarauel”⁸⁵⁴.

Numa segunda noite, na qual orara igualmente entre as 20 horas e as 22 horas, por causa da sua extrema fraqueza física, voltara a deitar-se. Mas, nem tinha repousado a cabeça quando tivera uma audição de “palauras tam ternas e

⁸⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37, § 33.

⁸⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37, § 33.

⁸⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37, § 34.

⁸⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37, § 34.

⁸⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 37, § 34.

⁸⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 38, § 34.

⁸⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 38, § 34.

suauisimas”⁸⁵⁵. Era o Senhor, que lhe dizia: “uoume meter no Ceo ia que tenho tam pouca furtuna que nam tenho A quem entregar estas chaues de meu Amor”⁸⁵⁶. Muito ansiosa, perguntara-lhe: “Senhor nam Vos indes meter no Ceo aqui me tendes que quereis que fasa”⁸⁵⁷? O Senhor respondera-lhe então: “me nam deixes a meia noite porque nam tenho A quem entregar as chaues de meu amor”⁸⁵⁸. Esta locução dera então lugar à aparição de Cristo, uma visão corporal, porque chegara a vê-lo: “quazi se me rrepresentou com sua santissima humanidade porque o ueo se fes tam fino que quazi se deixou conheser”⁸⁵⁹. Numa aparição, a pessoa ou coisa que aparece não é necessariamente percebida pelo vidente como um corpo, basta que seja uma forma sensível ou luminosa, o que é o caso descrito por Soror Isabel, como que olhando para Cristo através de um véu muito fino⁸⁶⁰.

Na “Vida”, seguem-se novas visões imaginárias e intelectuais. Na terceira noite, tivera a visão das chaves. O Senhor viera finalmente fazer-lhe a entrega: “Ves aqui as chaues de meu amor que estam as portas do Ceo abertas sem auer quem queira emtrar por elas faze Orasois para Ver se ha quem queira emtrar no Ceo aqui tas entregio”⁸⁶¹. E dependurara-lhas ao peito, dizendo-lhe: “te ponho As minhas chaues para que te nam posa subir a cabeça Algum género De uaidade”⁸⁶². Respondera: “Senhor eu Vaidade bem sabeis uos que numCa a tiue por mais fauores que De uosa deuina mam rresebese nem nunca Soube que coyza fosse Vaidade na materia spiritual”⁸⁶³. O Senhor dissera-lhe então: “assim como o pexe fora dagoa logo morre asim tu senam estiveres Em Orasam preparete para morrer”⁸⁶⁴.

Explica que “isto se deue emtender que hera todo o tempo que ficaua dipois de comprir com as obrigaSsois de Religioza e ainda para o bem do prosimo

⁸⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 38, § 35.

⁸⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 38, § 35.

⁸⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 38, § 35.

⁸⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 38, § 35.

⁸⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 38, § 35.

⁸⁶⁰ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, *op. cit.*, p. 809.

⁸⁶¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 39, § 36.

⁸⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 39, § 36.

⁸⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 39, § 36.

⁸⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 39, § 36.

e família que tinha por minha conta o Coidado de seu governo”⁸⁶⁵, portanto num esforço para orar todo o tempo que lhe restava depois de cumprir todas as suas obrigações como professa e ainda todo o bem que pudesse fazer ao próximo e às pessoas da sua família – entenda-se, a sua irmã Catarina Sanches e às suas sobrinhas religiosas, e ainda às leigas e moças que as serviam –, porque as governava, ou orientava, em todos os serviços. Sobre a constante tensão desse ano, sempre entre os seus afazeres diários e a oração que fazia, prosseguiu contando que “porem deume o Senhor O Dom de saber dispor tudo que nam faltase a huma e outra coiza porem hera com tanto pezo de Crus por serem moitos os coidados e lidas e o Demonio que me fazia comtinua guerra”⁸⁶⁶, de maneira que contra si tinha Lúcifer “posta a sua artelharia para toda a parte onde eu fose me fizese guerra sanguinolenta e para o uenser prezizamente me hera Nesesaria as armas da orasam e quando por acupadisima nam podia hera auizada da parte de Deus que ouuise o que diziam Os demónios”⁸⁶⁷. E então diziam os próprios demónios: “agora estamos nos como queremos que a nosa jnimiga nam esta em Orasam”⁸⁶⁸.

Recorda que pouco antes tivera frequentes visões – que classificamos de imaginárias – de demónios em forma de cavalgadas com grande carregamento, a passo para o Inferno, a “darem conta a lusifer do que se pasaua no mundo”⁸⁶⁹ e tentando ver como podiam ganhar mais almas. Ao vê-los, ouvira também o toque de um sino, como que um trovão, tão estrondoso que parecia uma peça de artilharia⁸⁷⁰. Para além desta visão dos cavalos, vira também o Inferno: tinha as paredes feitas de pês, ou eram como serras negras, cobertas de imundices⁸⁷¹. Reconhecia que “nam me Explico bem porque tem pouca comparasam o sitio onde se fabricam estas paredes”⁸⁷² – a dificuldade em expressar-se é assinalada pelos místicos – e continuava explicando que era todo ele de penhascos íngremes e iminentes, que não se podia abrir caminho neles. Trata-se de uma visão

⁸⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 39, § 36.

⁸⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 39, § 36.

⁸⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 39, § 36.

⁸⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 39, § 36.

⁸⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40, § 36.

⁸⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40, § 36.

⁸⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40, § 38.

⁸⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 40, § 38.

imaginária. No Inferno vira também ninhos de ratos e de outros bichos, etc.; e os demónios eram “de tam medonha feitura que escasamente os podia uer porque nam tinha animo sem morrer”⁸⁷³; outros em figura de homens tão feios “e tinhozos e tortos e negros que so de pasar esta uista como rrelanpago ficaua sem sangue nas ueias”⁸⁷⁴.

Nesta visão dos penhascos, a figuração do Diabo é, pois, animalesca, de acordo com a tradição⁸⁷⁵. O mesmo se verifica em relação à representação do Inferno como lugar fechado, com paredes, ou serras⁸⁷⁶. Mas, Soror Isabel do

⁸⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 41, § 38.

⁸⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 41, § 38.

⁸⁷⁵ As imagens bestiais para representar o Demónio remontarão ao *Livro de Génesis*, à serpente que, no Paraíso, induz Adão e Eva a pecar. Cf. Gen 3, 1-14. São Paulo, seguindo o que a literatura apocalíptica judaica já vinha fazendo, responsabilizou-o pelo pecado original, explicitando que tenta associar as almas a si através das tentações. Cf. Rom 5, 12-21. As imagens bestiais como representação de demónios tão comuns na tradição cristã. Nos processos inquisitoriais portugueses, como aponta Isabel Maria Ribeiro Mendes, os depoimentos das testemunhas incluem descrições que “vão desde vozes, zunidos, redemoinhos de vento, vapores de enxofre, até às representações zoomórficas e outras como bode negro, cobra, carneiro de cor pulência anómala e de inteligência arditosa, cão, gato, rato, porco, burro, galo, galinha, pega e pinto, asno ou ainda ouriço, árvore coberta de geada; podendo ainda ter representação antropomórfica com algo que o identificasse: homem com pés de cabra, mãos largas e grandes com unhas compridas, pés de pato ou ainda a cor negra da pele, ou simplesmente como uma pessoa vulgar; porventura mais raras seriam as aparições demoníacas em figura de anjo resplandecente.” Cf. Isabel Maria Ribeiro Mendes, “Elementos para o Estudo da Crença no Demónio na Época Moderna”, in *Revista de Ciências Históricas*, Porto, Universidade Portucalense Infante Dom Henrique, vol. IV, Porto, 1989, pp. 274-275.

⁸⁷⁶ A palavra Inferno deriva do latim, *infernus*, que significa cavidade debaixo da terra, caverna enorme, que corresponde à palavra grega *Hades* e à palavra hebraica *Sheol*, esta presente em vários lugares da Sagrada Escritura. Cf. Pedro Miguel Oliveira Nunes, *Santos, Demónios e Pecadores...*, *op. cit.*, p. 72. É visto, pois, como um *locus* para os mortos, para encerramento num buraco profundo e sombrio, habitado por demónios. É o mundo das almas que não se salvam, porque morreram em pecado mortal, ficando para sempre privadas da comunicação pessoal com Deus e com a sua Igreja. A plena revelação do mistério do Inferno foi reservada para o momento mais elevado da história da salvação: Cristo encarnado. Ele mesmo falou do Inferno como recusa do amor, como mistério da iniquidade e da morte, quando, na sua pregação pública, se referiu aos “separados na sentença final”, aos “expulsos” do banquete. Cf. Mt 25, 41; 22, 12. Nos evangelhos, é visto como estado de extrema e eterna dor (Cf. Mt 8, 12; Lc 16, 23-25); contraposto à felicidade eterna da visão beatífica, ou seja, da visão de Deus (Cf. Mt 25, 34); relacionado com Satanás e com os seus anjos caídos, os demónios (Cf. Mt 25, 41-46). O magistério da Igreja recolheu daqui que: o Inferno existe, que é eterno e que os condenados sofrem a privação de Deus. Cf. T. Álvarez, “Infierno”, in Ermanno Ancilli, *Diccionario de Espiritualidad*, tomo II, Barcelona, Editorial Herder, 1983, pp. 308-310. A pregação sobre o Inferno foi constante até meados do século XX, sendo actualmente escassa, a par da repugnância que o homem contemporâneo tem por temas relacionados com a morte e a justiça divina, preferindo uma visão de Deus centrada na sua misericórdia. Nos séculos passados, porém, a ideia do Inferno era assustadora e os fiéis

Menino Jesus escreve que via que os demónios eram fracos e a sua derrota certa. O Senhor dera-lhe alento para ver que estavam já “arrestados pela terra tam quebrados de forsas que nam se podiam levantar”⁸⁷⁷. Outras vezes, vira uns que lhe viravam as costas, porque não já conseguiam fitá-la sem encovarem os olhos⁸⁷⁸. Incapazes de a olhar, proferiam, no entanto, muitos insultos. Já não tinha medo. Estas maldições demoníacas eram tão ineficazes, que lhe causavam “tanto rrizo”⁸⁷⁹.

Ainda com o pensamento no Inferno, “acomodouse o Corasam a padecer”⁸⁸⁰ e penitenciou-se então com muitos jejuns de pão e água, de tal modo que enfraquecera. O rigor dos jejuns era tal sorte que mal podia suster o corpo. Mas Deus dera-lhe alento para seguir todos os actos de comunidade. Aumentara também o tempo de oração mental para cinco horas, de noite, para além do ofício divino no coro. Como a maior parte da sua oração era à noite, a falta de sono e os jejuns tinham-na enfraquecido e esfaimado ainda mais, de tal maneira chegara ao ponto de desejar “comer folhas de arvore”⁸⁸¹. Já muito doente, fora sangrada por nove vezes. Orava então duas horas por dia, uma de manhã e outra à tarde, de joelhos sobre a cama; e, por penitência, chegara a consumir o seu próprio sangue e outros fluidos que lhe saiam de duas feridas, lambendo os panos nelas embebidos: “leuaua para o stomago asegmentando o Corpo com o seu mesmo sustento porque a fealdade da culpa he muito mais Asquerozas”⁸⁸². Depois, sofrera bastante com as suas ocupações quotidianas, lidando com muita gente “que tinha a meu coyddado”⁸⁸³, e com os ofícios da comunidade que lhe cabiam, os quais “dam que padecer bastante”⁸⁸⁴. Mas “nam se fecharam as portas da mezericordia a estas

temiam a sua condenação aos tormentos do poder diabólico. Para um estudo alargado da ideia do Inferno, vd. Georges Minois, *Histoire des Enfers*, Paris, Fayard, 1991.

⁸⁷⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 41, § 38.

⁸⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 41, § 38.

⁸⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 41, § 38.

⁸⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 19, § 18.

⁸⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 19, § 18.

⁸⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 19, § 18.

⁸⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 19, § 18.

⁸⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 19, § 18.

limitadas penitencias antes se abriram moytos tizoiros”⁸⁸⁵, que oferecia pelos sacerdotes.

Conta ainda que Deus a fizera “coiseira do inferno para que tomase fundo A minha humildade tendo sempre abertos os olhos no Conhesimento Proprio”⁸⁸⁶, isto porque a couçoeira é “O mais baxo fundamento da porta”⁸⁸⁷. Elegera-a também para porteira do Inferno, para impedir que nele entrassem as almas e para que dali não saíssem os demónios, “rrepremindoos com a espada da Santa Orasam”⁸⁸⁸. À porta do Inferno, Deus queria que “apregoase como fazem os porteiros dizendo ha quem se queira saluar que eu o ajudarei a sahir do inferno de suas culpas”⁸⁸⁹.

Acerca da visão da couçoeira, confessa que é uma “grande largueza de falar se fora meu podia ser Reprouada por soberba”⁸⁹⁰, mas podia dizê-lo abertamente, porque o Senhor lhe dissera muitas vezes: “uai apregoando que sam brados que dou as Almas”⁸⁹¹. Lamentava-se por não teria virtude suficiente para andar pelo mundo em brados, se o Senhor não lhe desse forças para tal. Conseguia ver as culpas que as pessoas tinham com os “olhos dalma”⁸⁹² e considerava que, diante de Deus, era ela própria era “infiel depositaria de seus segredos”⁸⁹³.

⁸⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 19, § 18.

⁸⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 31, § 31. Soror Isabel do Menino Jesus escreve “coiseira” – da forma como pronunciaria –, mas Frei Martinho de São José, na *Vida da Serva de Deos...*, actualizou para “couçoeira”. O Rafael Bluteau indica que é uma “Taboa grossa, que vem do Brasil, com que se fazem portas, & outras obras. *Ligni Brasilici tabula crassior*”. Cf. “Couçoeira”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. II, p. 593. Esta definição aplica-se, pois, à “coiseira” da “Vida”, pois a autora parece escrever, de facto, acerca de uma parte de um portal, posta sobre a soleira, uma vez que a refere como “O mais baxo fundamento da porta”. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 31, § 31.

⁸⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 31, § 31.

⁸⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 31, § 31.

⁸⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 31, § 31. De facto, na tradição, o Inferno, grande espaço subterrâneo, destinado a encerrar as almas conspurcadas dos homens maus, era separado da terra por portas. Cf. Pedro Miguel Oliveira Nunes, *Santos, Demónios e Pecadores...*, *op. cit.*, p. 73. Sendo lugar de ódio, mal e inveja, é morada dos demónios e do seu chefe, Satanás, uma caverna onde, citando o *Evangelho Segundo São Mateus*, “larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e muitos são os que enveredam por ele”. Cf. Mt 7, 13-14.

⁸⁹⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 31, § 31.

⁸⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, f. 31, § 31.

⁸⁹² Cf. *Idem, ibidem*, f. 32, § 31.

⁸⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, f. 32, § 31.

Frei Martinho de São José testemunha, de facto, que Soror Isabel tinha “a mercê de conhecer os interiores”⁸⁹⁴, apontando vários episódios em que isto se verificara, que adiante nomearemos. Na ascética e na mística, este dom, ou carisma – dom do Espírito Santo que é dado a toda a Igreja através de uma alma⁸⁹⁵ –, é conhecido como discernimento dos espíritos ou penetração das consciências, sendo um dos sete carismas assinalados por São Paulo⁸⁹⁶. Trata-se do dom de ler os segredos dos corações e de discernir o bom espírito do mau espírito, sendo dificilmente ocultável ao conhecimento geral, uma vez que os místicos interpelam os pecadores cuja vida interior descobrem, exortando-os à conversão⁸⁹⁷. São Francisco fora um dos místicos a receber este carisma⁸⁹⁸. Na “Carta à Abadessa e Religiosas”, Soror Isabel do Menino Jesus refere dois casos, nos quais este dom lhe fora dado por revelação. Estando em oração, dissera-lhe o Senhor:

“filha saberas que A Madre N infaliuamente morrendo Vay para o inferno porque o meresem suas culpas e eu nam Poso faltar a minha justisa eu nam queria comdenala porque dise muitas uezes o uerso de gloria Patri ett agora se tu queres fazer penitensia pelas culpas desta Religioza com que satisfasas a minha justisa e se nam he prezizo comdenarse e se tu fizeres o que digo eu comcurrirey com a minha mezericordia e laSseira dispondo a pedirme perdam e eu lhe perdoarei e uenha A morrer em grasa”⁸⁹⁹.

A sua resposta ao Senhor fora que “Eu nam ualho nada pelo que sou mas por salvar huma alma Darei a minha uida se for nesesaria”⁹⁰⁰. Neste tempo, já tinha a paciência bem exercitada e, tomando as culpas da religiosa sobre si, “nam mudei de cores que quem fas cara a padecer sempre mostra boa cara”⁹⁰¹. Com

⁸⁹⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [7], § VII.

⁸⁹⁵ Cf. Federico Ruiz, “Carisma”, in Ermanno Ancilli, *Diccionario de Espiritualidad*, tomo I, Barcelona, Editorial Herder, 1983, pp. 329-331.

⁸⁹⁶ Cf. I Cor 12, 4-11.

⁸⁹⁷ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, op. cit., p. 820.

⁸⁹⁸ Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. XI, § 7, in *Fontes Franciscanas I...*, op. cit., p. 686.

⁸⁹⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), op. cit., p. 55, § 63.

⁹⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 63.

⁹⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 63.

muita penitência, “quanta Deus sabe”⁹⁰², vira depois a religiosa morrer, com sinais de salvação. No outro caso, estando, certa noite, em oração, tivera uma visão acerca de uma religiosa que ainda estava viva: uns homens, “uestidos ao profano trauando pratica”⁹⁰³ com ela; e no meio da conversa, “lansaram mam dela para a leuarem”⁹⁰⁴. Soror Isabel acudira à prisioneira, dizendo “iso nam nam comsinto que a leuem que estou eu aqui”⁹⁰⁵. Forçando-os a deixar a presa, os homens tinham desaparecido, “e como isto tudo hera em spirito foy o Senhor seruido dar-me a emtender o que senificaua a uizam dizendo que os homens heram demónios”⁹⁰⁶, que vinham buscar a religiosa para a levar para o Inferno.

Quem a poderia defender era Soror Isabel, se fizesse penitência, seria salva, mas se não pudesse fazer, que viriam por segunda vez, já que a dita religiosa não queria emendar-se, etc. A penitência durara muitos anos, porque a religiosa passava a vida esquecida do juízo de Deus e, por causa disto, Soror Isabel continuara a pedir por ela ao Senhor, mas fora ouvida, não como desejava, mas com “outro mayor ameasso da justisa deuina”⁹⁰⁷, ouvindo que a religiosa tinha mais de trinta anos de clausura, mas tinha ainda o coração muito fechado a Deus, de tal maneira que não caberia nele um grão de milho, porque, geralmente, dava mais lugar no seu coração a nada mais além da comunicação com homens e a divertimentos, fazendo apenas a sua vontade própria, “e asim estaua o corasam tam duro como pedra”⁹⁰⁸. Depois de mais penitências, e de carregar as culpas da religiosa, o Senhor tivera misericórdia. Tivera uma nova visão, na qual o Senhor lhe dissera: “filha sabes tu que ya a freira por quem tu fazes penitensia tem o meu Amor no Corasam ha de emtrar no Ceo pela porta da mezericordia”⁹⁰⁹. Vira a mudança de vida da religiosa, constando-lhe que fizera confissões gerais e penitências, algumas em público.

Apesar de Soror Isabel do Menino Jesus ser discreta acerca deste dom, este fenómeno acabaria por ser notado, fora e dentro do convento. No seu

⁹⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 63.

⁹⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 64.

⁹⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 64.

⁹⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 64.

⁹⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 64.

⁹⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 54, § 64.

⁹⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 54, § 64.

⁹⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 54, § 64.

“Prologo...”, Frei Martinho de São José conta que “huma pessoa de respeito, na Cidade de Portalegre, mandou particularmente hum recado á Madre Soror Isabel”⁹¹⁰, pedindo-lhe que “encommedasse a Deos um sugeito da sua casa, que tinha huma illicita correspondencia, a qual era motivo de grandes discórdias, e desgostos”⁹¹¹. Soror Isabel respondera, pela mesma mensageira, que dissesse à senhora que “podia descançar, que muito sedo estava chegando a emenda, assim foi; porque entrou o desengano entre os dous da correspondencia, e mudáraõse para huma penitencia, e exemplar vida”⁹¹².

Frei Martinho conta também o caso de Maria de Cáceres Vidigal, senhora “que trata de virtudes, e cuida da sua salvaçaõ”⁹¹³, a qual testemunhara diante as já referidas Soror Maria Micaela de Jesus e Soror Teresa Joana Bernardina de Jesus, dizendo que Soror Isabel repetidas vezes soubera o que se passava no seu interior, expressando-lho clara e distintamente; “o que se for necessário o afirmará com o juramento dos Santos Euangelhos”⁹¹⁴. Maria de Cáceres Vidigal seria provavelmente a mulher de António Rodrigues Miranda, com quem instituiu uma capela em 1757, administrada pela Confraria de Nossa Senhora da Alegria da vila de Alegrete, perto de Portalegre⁹¹⁵.

Outra senhora, anónima, que morava a uma distância de catorze léguas de Portalegre, recebera um recado de Soror Isabel do Menino Jesus numa carta enviada por um seu sobrinho. Mandara-o dizer à tia “que a estimava, e amava muito em Deos, que a conhecia, e pedia suas oraçoẽs.”⁹¹⁶ A receptora do recado ficara pensativa sobre as circunstâncias em que vinha tal mensagem “e ficou formando hum grande conceito de sua virtude.”⁹¹⁷ Tinham depois ter ocasião de se conhecerem pessoalmente, vindo a senhora ao convento, “e se festejãõ muito; e das razoẽs da Serva de Deos, e santa conversação, percebeo muitas cousas, que

⁹¹⁰ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [8], § VII.

⁹¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

⁹¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

⁹¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

⁹¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

⁹¹⁵ Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Mapa das Capelas de Marvão e Alegrete, Capela de António Rodrigues Miranda e de sua mulher Maria de Cáceres, cx. 3.

⁹¹⁶ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [8v], § VII.

⁹¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

dizia, como se as tivesse presenciado; e também disse algumas de futuro, que ao depois experimentou, com bastantes trabalhos da vida.”⁹¹⁸ Esta mesma senhora, numa certa ocasião pedira-lhe que rezasse muito pelo seu marido e sobretudo pelo seu filho, que se preparava para um exame na universidade. Soror Isabel respondera-lhe que não se preocupasse quanto ao filho, porque “o acto seria muito bem sucedido”⁹¹⁹, como depois realmente fora, “ficando com créditos de sábio”⁹²⁰. Dissera-lhe ainda que louvasse a Deus, porque tinha um muito bom esposo.

Na “Vida”, a autora escreve que o Senhor lhe revelara inúmeras realidades que habitualmente estavam ocultas, porque era tão grande a intimidade que tinha com Deus que, de noite ou de dia, e a toda a hora, por mais ocupada que estivesse, e ainda rodeada de gente, comendo e dormindo, “era tam comonicauel que nem por eu o desmerecer com a groseiraria de estar uestida de natureza deixaua de por em Meu peito seus segredos”⁹²¹. O dom fora-lhe concedido porque “como o mar do mundo estaua tam seco hera Presizo chouer a mezericordia de Deus mandandome auizos que acodise com Orasois e penitensias”⁹²². E assim não tivera dia nem noite de descanso. Fatigada, chegara a a dizer ao Senhor que não conseguia acudir a tantas coisas, ou que tinha obrigações próprias da vida religiosa a satisfazer. Mas respondera-lhe o Senhor: “emcarregote a comsiensia e pecaras mortalmente se nam acodires as nesesidades porque te constetui despenSseira das minhas mezericordias e faltando com Orasois não Podem Algumas almas partisipar destes bens”⁹²³.

4. Combate espiritual

Soror Isabel do Menino Jesus não se dedicava, pois, apenas ao sufrágio das almas dos defuntos, mas também à conversão das almas dos vivos, em especial

⁹¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

⁹¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

⁹²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

⁹²¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 32, § 31.

⁹²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 32, § 31.

⁹²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 32, § 31.

dos sacerdotes, oferecendo por elas tudo o que merecesse da parte de Deus, pelo sofrimento que tivera aquando das duas primeiras visões do Inferno⁹²⁴

Na “Vida”, descreve uma visão dos pés de Cristo. Por causa da sua fraqueza, e “para correr todo mundo”⁹²⁵, dissera-lhe o Senhor: “filha aqui tens os meus pes para andares o Caminho da uertude”⁹²⁶. Metera então os seus pés dentro do coração de Soror Isabel e, deste modo, “nam andaua mas uoaua”⁹²⁷. A autora afirma então que foi em voos às Índias, a Jerusalém, a Roma, a França, a Itália “e todas as partes mais rremotas”⁹²⁸, porque de todo o mundo lhe chegavam anúncios para fazer penitência e oração; e ela acudia às almas em necessidade. Também alude a estes voos noutras partes da “Vida”, contado que o Senhor lhe dissera “uistete de penas daras mayor uoo”⁹²⁹; e no “Tratado Místico”, quando diz que o amor “he moyto comprido e anda por Sseus uoos”⁹³⁰; e que “para Padeser naseo o amor e sendo no amor tudo penas estas formaram azas”⁹³¹. As viagens por regiões longínquas são frequentes em alguns místicos e são geralmente classificadas como visões imaginárias⁹³². Trata-se de um fenómeno místico distinto da bilocação, que é o dom de estar em dois lugares ao mesmo tempo, presente na vida de certos místicos. No caso de Soror Isabel do Menino Jesus é bastante difícil classificar os seus voos, porque há um episódio narrado por Frei Martinho de São José que talvez possa ser entendido como uma bilocação da autora. Assim terá sido encarada pelos seus contemporâneos. À semelhança deste episódio, os referidos voos, que Soror Isabel descrevia, poderão ter sido identificados igualmente como bilocações, tanto pelos seus directores espirituais, como, depois, pelos leitores da *Vida da Serva de Deos...*, quando o impresso revelou a autora a um público ainda mais vasto.

Conta Frei Martinho que uma mulher natural da vila espanhola de Valência de Alcântara, chamada Joana Sanches – ou, na verdade, Juana Sánchez –, já falecida,

⁹²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 18, § 16.

⁹²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 32, § 31.

⁹²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 32, § 31.

⁹²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 32, § 31.

⁹²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 32, § 31.

⁹²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 24, § 22.

⁹³⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 105, § 108.

⁹³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 108.

⁹³² Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística, op. cit.*, p. 809.

e com certa fama de santa, quando se imprimiu a obra, viera, em certo dia, ao Convento de Santa Clara de Portalegre e a sua visita fora espantosa, porque perguntara por Soror Isabel do Menino Jesus, sem que a conhecesse de parte alguma⁹³³. Dissera ter licença do seu confessor para lhe falar particularmente. Soror Isabel viera então à grade, na companhia de muitas religiosas, e, “sem nunca a ter visto, a Castelhana a conheceu, apontando o dedo para ella, e dizendo, que aquella era, e não outra; pois da mesma sorte lha tinha mostrado o Senhor”⁹³⁴. Acrescentara que tivera muitas dificuldades em chegar ao convento, “pela grande guerra, que o inimigo do género humano lhe tinha feito no caminho, só por não vir ver naquella Religiosa o Job da paciencia”⁹³⁵. É possível que se tenha acreditado, então, que Soror Isabel estivera bilocada em Espanha, porque Juana Sánchez não tivera uma visão imaginária, mas uma aparição, na qual a vira com os traços fisionómicos definidos, e sabendo de quem se tratava, chegando ao ponto de vir a Portugal e reconhecê-la entre as outras religiosas.

A aparição é um fenómeno místico distinto da visão imaginária, embora, por vezes, seja difícil fazer a distinção. Uma aparição (do latim, *apparitio*) é a percepção de uma pessoa ou de uma coisa que se encontra presente de maneira sobrenatural num determinado contexto quotidiano⁹³⁶. Ao contrário do que acontece numa visão que ocorre em êxtase, o vidente continua consciente no estado de vigília e continua a perceber normalmente o meio circundante. Um exemplo de aparição é a de Balaão, no *Livro dos Números*, que vê, em estado de vigília, no caminho, um anjo com uma espada desembainhada⁹³⁷; outro exemplo é o de São Paulo, que tem uma aparição de Cristo no caminho de Damasco, antes de se converter⁹³⁸. A aparição pode designar-se também por visão corporal (do latim, *visio corporalis*), ou sensível⁹³⁹. Ora, Juana Sánchez vira Soror Isabel nitidamente, estando ambas separadas por uma distância de milhas, pelo que

⁹³³ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...* (ms.), *op. cit.*, p. [10v], § IX.

⁹³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [11], § IX.

⁹³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [11], § IX.

⁹³⁶ Cf. Peter Dinzelbacher, “Aparición”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 105-108.

⁹³⁷ Cf. Num 22, 31.

⁹³⁸ Cf. Act 9.

⁹³⁹ Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística, op. cit.*, p. 809.

podemos classificar o fenómeno como aparição. Estando ainda viva quando aparecera, Soror Isabel bilocara-se, porque a sua pessoa não deixara de estar fisicamente em Portalegre, enquanto a vidente recebia a sua aparição, em Valência de Alcântara.

Este fenómeno era conhecido entre os franciscanos e tinha certa fama no Alentejo. Um caso de bilocação seria então bem comentado, o de Soror Mariana da Purificação (1623-1695), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, de carmelitas calçadas, que morrera com fama de santa. Tivera alguma semelhança com o de Soror Isabel do Menino Jesus, porque aquela religiosa fora também reconhecida entre as outras religiosas por um vidente secular, às grades do convento⁹⁴⁰. A fama de Soror Isabel não se limitara, pois, à região de Portalegre e passou para Espanha, onde Juana Sánchez, a sua vidente, a terá divulgado. Infelizmente, não encontrámos mais notícias desta suposta mística.

⁹⁴⁰ Soror Mariana da Purificação (1623-1695), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, de carmelitas calçadas, morrera com *fama sanctitatis* e gozara dela já em vida. Sobre as suas supostas bilocações, veja-se o auto feito em Évora, a 20 de Agosto de 1669, por ordem do inquisidor, que recebera em audiência, de manhã, António de Fontes de Melo, meirinho da correição da Vidigueira, de onde era natural e morador, jurando este aos evangelhos, prometendo dizer a verdade. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1720, f. 182. Disse este que não sabia ou suspeitava algo pelo que tinha sido chamado, mas referira que, havia um ano e um mês, pouco mais ou menos, que estivera muito doente, acamado, sendo sangrado trinta e oito vezes, estando com muitas dores e em perigoso estado. Perguntado se durante a dita doença lhe acontecera algo particular, ou se tivera algum delírio, ou se perdera o juízo, dissera que nunca tal sucedera, referindo sua mulher e a sua sogra, naturais da Vidigueira, como pessoas que o assistiam então. Mas que em certa ocasião, vira, pela meia-noite, uma religiosa com hábito e véu branco, não a conhecendo. Que ela lhe dissera então que ia a Évora acudir a uma necessidade, ao que ele pedira saúde para ele, pois estava tão doente, que por tal lhe pagaria, mas respondera que não curava por dinheiro. E que ele chamara sua mulher, querendo levantar-se e ir com aquela religiosa. Esta dissera-lhe que na quinta-feira seguinte devia ir ao convento das religiosas de Viana do Alentejo, e que ali lhe daria saúde. Quando ela se fora, tivera melhoras. Fora então que “representouse-lhe que a dita Religiosa era Irmaã do Padre Francisco que entã ão conhecia”. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1720, f. 184. E que o confessor do Convento da Esperança de Beja escrevera ao Prior da Igreja da Vidigueira a dizer que gostaria muito de conhecer a testemunha, indo assim a casa do confessor das religiosas. À grade do convento, não conseguira vê-la bem, “por mor dos reflexos”, mas que depois, entre as demais, apontara logo para ela: “pareceolhe ser a mesma per lhe ter a mesma cara”. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1720, f. 184v. Novamente perguntado sobre o seu estado mental quando tivera a visão, respondera, todavia, que “quando a uio ão sabe se estaua em seu juízo”. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1720, f. 186. Fosse como fosse, o relato das alegadas bilocações corra pelas décadas seguintes, até porque a fama de santa da religiosa perdurou, sendo publicada a sua biografia em 1747. Vd. Frei Caetano do Vencimento, *Fragmentos da Prodigiosa Uida da Uenerael Madre Marianna da Purificaçom Ordenados pelo Muito Reverendo Padre Frei Caetano do Uencimento Dados á Luz pelo Muito Reverendo Padre Joam Duarte*, Lisboa, Oficina de António da Silva, 1747.

Soror Isabel do Menino Jesus conta, na “Vida”, que tivera uma visão, que classificamos como imaginária e intelectual, porque também afirma ter recebido o entendimento do que significava. Estando em oração, aparecera-lhe uma coluna gigante, da altura que distava da terra ao céu, muito direita e lisa. O Senhor explicara-lhe que era “O Caminho por onde eu auia dir a Deus”⁹⁴¹. Perguntara então: “Senhor como poso subir por esta culuna se ela he tam liza que nam tem onde lanse mam nem fasa finca pe”⁹⁴²? O Senhor respondera-lhe que havia de subir por voos “e seriam tantas As penas que me suspenderiam os sentidos”⁹⁴³.

Estas penas não são exclusivas da visão da coluna, porque alude noutras partes da sua obra a penas, que são duplamente as penas sofridas pelas almas do Purgatório, devidas pelos seus pecados, as quais assume sobre si própria, para as expiar – fazendo oração e penitência –, como são as penas de uma ave, ou de um anjo, isto é, penas de asas, com as quais se voa. Esta dupla alusão está presente, por exemplo, no “Tratado Místico”, quando menciona o amor do serafim, que citaremos mais adiante⁹⁴⁴. Conta, por exemplo, que o Senhor encarregara-a, em especial, de voar pelo Alentejo. Estando em oração, durante a noite, dissera-lhe:

“saberas filha que o alentejo esta de todo perdido e quazi afundido no inferno minha may Ssantisima esta detendo a minha justisa e como tenho as maos pregadas na crus nam queria castigar mas he prezizo tomares tu por tua conta chorar estas culpas e fazeres orasois Por estas almas que estam em tal estado que ha rruas inteiras de cazas onde se nam acha nem huma so alma que esteia Em grasa e moytas delas ha moitos annos que se nam confesão”⁹⁴⁵.

Este anúncio fora “para min como correr o Corasam pelos fios de huma espada”⁹⁴⁶. Mas “se a espada mata o amor de Deus da uida”⁹⁴⁷, oferecera-se ao Senhor: “como uos meu Deus tendes tantas mezericordias de uos me ade uir o

⁹⁴¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 19, § 18.

⁹⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 19, § 18.

⁹⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 19, § 18.

⁹⁴⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 92, § 98.

⁹⁴⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 33, § 32.

⁹⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 33, § 32.

⁹⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 33, § 32.

secorro para fortalecer meu espírito com dobradas foras e chorarei uosas ofensas pedindo com Orasois uosas mezericordias para que nam Sse percam estas almas”⁹⁴⁸. Tivera então uma visão das mãos de Cristo, que podemos classificar de imaginária e intelectual, porque se explica o seu significado. O Senhor abraçara-lhe a alma e perguntara: “Ves ahí as minhas maos cheias de mezericordias”⁹⁴⁹? Depois de lhe dar as misericórdias “as maos cheias”⁹⁵⁰, pusera-lhe as mãos sobre o seu coração, dizendo: “aqui ponho as minhas santissimas mãos para que tu des mam as almas com tuas Orasois”⁹⁵¹. Saindo espiritualmente do seu convento, andara pelo Alentejo, onde entrara em batalha, “pondome em perigo de perder a uida pelas agonias de morte em que moitas uezes me axei com as comtinuas oraSsois e penitencias por dar mam as almas”⁹⁵².

Explica que o Senhor, naquela visão, lhe dera as suas mãos para agir em Portugal “porque nelas estam as suas diuinas Xagas”⁹⁵³. Repete que tinha “as mãos Sso para Purtugal”⁹⁵⁴ e cheias de misericórdia; “e como me tinha dado o Dom de ser fiel ao noso Reino”⁹⁵⁵, confiara-lhe dezoito dos seus segredos, comunicando-lhe as necessidades das pessoas com quem devia repartir as suas orações. A propósito de segredos, a mística, na sua natureza misteriosa, implica sempre o segredo, por parte do místico, ou melhor, ele comunga dos segredos que Deus lhe dá a conhecer, com uma determinada finalidade. São Boaventura, na *Legenda Maior de São Francisco*, recordava que ao Santo, na solidão, “foram-lhe desvendados segredos e mistérios da sabedoria divina”⁹⁵⁶, citando aqui o *Livro dos Salmos*⁹⁵⁷. Soror Isabel refere os segredos que Deus lhe comunicara por várias vezes, como mencionaremos.

Depois do Alentejo, fora ao Algarve. Parecera-lhe que Lúcifer ali fizera assento, tendo encontrado homens e mulheres de coração duro “pela falta de

⁹⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 33, § 32.

⁹⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 33, § 32.

⁹⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 33, § 32.

⁹⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 33, § 32.

⁹⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 34, § 32.

⁹⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 34, § 33.

⁹⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 34, § 33.

⁹⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 34, § 33.

⁹⁵⁶ Cf. SI 50, 8.

⁹⁵⁷ Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. X, § 4, in *Fontes Franciscanas I...*, op. cit., p. 677.

uertudes e tam cheyos de Demonios”⁹⁵⁸. Prevendo uma sangrenta batalha, “quazi me ui com emleios No iuizo”⁹⁵⁹, e socorrera-se do Senhor. Este animara-a, dizendo-lhe que se a “pendensia hera saluar Almas ou morrer que nam tiuese temor”⁹⁶⁰, porque as suas cinco chagas eram as armas de Portugal; que combatesse com paciência e orações, porque metade dos demónios que estavam nos corações dos algarvios tomara-os já ele por sua conta”⁹⁶¹.

Deixara depois o Alentejo e o Algarve, indo a outras terras portuguesas, onde havia mais infestações diabólicas. Vira muitos demónios, que se faziam vizinhos dos moradores das localidades por onde passava e era tal o convívio que as pessoas “tinham comersios com os Demonios como se foram naturais da terra”⁹⁶². A confiança era tanta que compravam e vendiam “tudo por boca”⁹⁶³. Por fim, vira que esses moradores criavam os seus filhos “com esta famaliaridade diabólica”⁹⁶⁴. Ficara tão “asonbrada que Deus Sse compadeseo de min para nam morrer em desmayo”⁹⁶⁵. Não podendo já dar passo em terra, fora navegar nas costas marítimas, onde encontrara muitas embarcações afundadas, “pelos moitos pecados que leuam os que nauegam”⁹⁶⁶. As culpas eram tantas “que podiam emxer o mar”⁹⁶⁷. As almas podiam, porém, confiar em Nossa Senhora, porque “Sso Maria Santissima podia fazer uiagem e leuar a porto seguro tantos milhons de almas”⁹⁶⁸. Tivera então a visão da barca. Vira a embarcação da Santíssima Virgem partir para o Céu, levando uma multidão de almas, iluminada por anjos.

Regressara depois ao Alentejo, onde havia uma certa vila, na qual tinham entrado muitos demónios, estando pelas casas e pelos montes “como musqueiros de moscas”⁹⁶⁹. Em alguns casarios tinham mesmo “os seus assentos Nas cadeiras

⁹⁵⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 34, § 33.

⁹⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35, § 33.

⁹⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

fazendose senhores de caza e com muito gosto cantauam suas uitorias”⁹⁷⁰. Mas vira também como o Senhor estendia as suas mãos “cheyas de mezericordias por ter nelas suas santiSsimas chagas”⁹⁷¹. A justiça divina devia actuar, porque os pecados dos alentejanos eram muitos, e o Senhor chegara a dizer-lhe que devia castigá-los com peste, fome e guerra, mas “Porem como As chagas de Nosso Senhor Jesus Christo sam o rremedio deste Reino e fazem suspender A justisa deuina que se meteo a mezericordia de premeyo nam so nam tumou Vingansa mas acodio com o Remedio”⁹⁷². Este remédio devia-se ao poder intercessor da Santíssima Virgem, que pedira a Cristo, seu Filho, que, pelos suspiros de Soror Isabel, mandasse à terra um aviso antes da execução da sua justiça.

Escreve ainda que “sendo eu Pecadora para tam grande empreza do oyro do amor que o Senhor me tinha dado fis flecha com que matar jnimigos”⁹⁷³. Nesta batalha, “sobeiaram Armas que onde o amor de Deus Faz tiro mete todos os Demonios no inferno”⁹⁷⁴. Tomara então as cinco chagas de Cristo por armas “e com estas se mataram muitos eizersitos de demónios”⁹⁷⁵. Porém, sofrera depois a fúria dos demónios, ali derrotados: “o que agora digo he que se leuantaram os jnimigos comtra min Emchendome de bofetadas”⁹⁷⁶. As agressões físicas por parte de demónios é frequente na vida dos santos e dos místicos, desde São Paulo; também São Francisco as suportara⁹⁷⁷. São também chamadas vexações.

Para além da oração e da penitência como meios de socorrer as almas dos vivos e sufragar as dos defuntos, que estão no Purgatório, a marca mais dominante da vida ascética e mística de Soror Isabel é o combate espiritual. De facto, até aquele socorro e aquele sufrágio, aquela relação com as almas, são impregados de combate ao Demónio e aos seus espíritos malignos, tanto pelo território português, como no próprio Inferno, onde a autora escreve que fora levada em espírito, e ao Purgatório, onde, estranhamente, também os vê. Estranhamente,

⁹⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁹⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁹⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁹⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁹⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁹⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁹⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁹⁷⁷ Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. VI, § 10, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, p. 646.

dizemos, porque o Purgatório, para a autora, parece ser parte do Inferno, e não um lugar de purgação, já próximo do Céu, uma vez que as almas dele não hão-de transitar para o Inferno, mas para a glória de Deus. Esta parece ser uma heredodoxia que, a par de outras que assinalaremos, parecem aflorar na sua obra.

O tema do combate espiritual tem raízes na Sagrada Escritura. No *Livro de Job*, do Antigo Testamento, por exemplo, compara-se a vida do homem à de um soldado, às suas campanhas; ou às labutas do mercenário⁹⁷⁸. Depois, a mesma ideia surge no Novo Testamento, começando pela vida de Cristo, uma luta constante contra o Demónio e as suas trevas, desde os exorcismos que praticou publicamente às tentações que sofreu, infligidas por Satanás, que tentara impedir a Redenção, atrevendo-se a assediar o próprio Filho de Deus. Os evangelhos demonstram, de facto, a existência um combate pessoal de Cristo contras os anjos caídos, revoltados contra a sua divindade, e, mais ainda, furiosos com a sua Encarnação⁹⁷⁹. O combate de Cristo, legado aos seus apóstolos, à Igreja nascente, encontra eco profundo na *Carta de São Paulo aos Efésios*, num trecho que pode ser visto como resumo da vida interior da própria Soror Isabel do Menino Jesus:

“Revesti-vos da armadura de Deus para que possais resistir às ciladas do Demónio. Porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas contra os Principados, Potestades, contra os Dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares. Tomai, portanto, a armadura de Deus para que possais resistir no dia mau, e ficar de pé depois de terdes cumprido todo o vosso dever. Ficai, firmes, tendo os vossos rins cingidos com a verdade, revestidos com a couraça da justiça, e os pés calçados, prontos para ir anunciar o Evangelho da paz. Empunhai, sobretudo, o escudo com o qual podeis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. Oraí, unicamente, em união com o Espírito, multiplicando invocações e súplicas. Perseverai nas vossas vigílias, com preces por todos os santos.”⁹⁸⁰

Como fica citado atrás, Soror Isabel escreve que fora revestida com as armas de Cristo, ou seja, as suas cinco chagas. A sua intensa devoção à Paixão de Cristo está presente logo no início da “Vida”, quando tem o toque divino, junto do

⁹⁷⁸ Cf. Job 7, 1.

⁹⁷⁹ Cf. Mt 4, 2-11.

⁹⁸⁰ Cf. Ef 6, 10-19.

altar de Cristo Crucificado, na igreja do Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão. Depois, na primeira visão da chaga do lado, conta que, na noite antecedente, estando em oração, o Senhor dissera-lhe que a esperava uma grande cruz, abrindo-lhe então o peito. Esta visão recorda o momento em que um soldado abre com uma lança o costado de Jesus, que acaba de morrer na cruz. Da ferida aberta jorra sangue e água⁹⁸¹; e numa sua aparição aos discípulos, depois da Ressurreição, Cristo convida São Tomé a colocar o dedo nas suas chagas, para comprovar a sua autenticidade⁹⁸². Uma conhecida oração da tradição católica, *Anima Christi*, indulgenciada pelo Papa João XXII (pontífice de 1316 a 1334), mas possivelmente anterior (ainda hoje muito recitada ou cantada pelos fiéis, em latim ou em vernáculo), venera a chaga do lado, suplicando a Cristo que santifique, salve, inebrie, lave, conforte o fiel, que o ouça; que o esconda no seu interior: “Intra tua vulnera absconde me”. Desde sempre esta ferida, da qual brotou sangue e água (linfa), foi para a Igreja um símbolo baptismal (a água) e eucarístico (sangue); e, na mística, a devoção à chaga do lado teve desde cedo uma forte presença, sendo a principal das cinco chagas de Jesus (duas nas mãos, duas nos pés e a do costado). Numerosas místicas tiveram esta devoção e descreveram as suas visões da chaga. Santa Teresa de Jesus, entre as várias visões imaginárias e intelectuais da Santíssima Humanidade de Cristo, narra uma em que lhe aparecera depois de ter recebido a Sagrada Comunhão, sentando-se junto de si e confortando-a. Pegara-lhe nas mãos e tomara-as, pondo-lhas na chaga do lado: “Mira mis llagas; no estás sin Mi; pasa la brevedad de la vida”⁹⁸³. De raiz longínqua, a devoção à chaga do lado terá conhecido maior intensidade nos séculos XVII e XVIII depois de Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), religiosa francesa da Ordem da Visitação, que teve visões de Cristo, pedindo-lhe a devoção ao seu Sagrado Coração, no qual mostrou a chaga aberta⁹⁸⁴. Estas visões deram origem a um extraordinário movimento devocional, reavivado no final do século XIX. Em Portugal, houve também várias religiosas que dedicaram uma ardente devoção à chaga do lado, designadamente dentro da família franciscana,

⁹⁸¹ Cf. Jo 20, 34-35.

⁹⁸² Cf. Jo 20, 24-30.

⁹⁸³ Cf. Santa Teresa de Jesus, *Cuentas de Consciencia*, in *Obras Completas*, op. cit., p. 599.

⁹⁸⁴ Cf. João Francisco Marques, “A Renovação das Práticas Devocionais”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 616-618.

que, em si, já encerrava na sua própria espiritualidade a mesma devoção, em correspondência com a estigmatização de São Francisco⁹⁸⁵.

Quanto a Soror Isabel do Menino Jesus, na sua segunda visão da chaga do lado, Cristo abriu o seu lado e brotara dele uma enchente, na qual ela desmaiara, ficando em êxtase. Refere-se também às outras chagas de Cristo, as dos pés e das mãos, quando fala dos seus voos pelo mundo e, em particular, pelo Alentejo e pelo Algarve; e, na “Carta à Abadessa e Religiosas”, diz que São Francisco tinha em “frei N” tanto enlevo que de manhã lhe dava a sua chaga do lado, “por ser esta a do amor”; ao meio dia, a da mão esquerda, “por ser hora em que ha menos spirito”; e à tarde a da mão direita “por ser a tarde proprio tempo para Orar”; à noite, dava-lhe as duas chagas dos pés, porque a noite era um tempo propício para a oração⁹⁸⁶. As suas visões e alusões das chagas de Cristo transbordam de devoção franciscana, pois retomam a intensa devoção do Santo à Paixão de Jesus, chegando ao ponto de ser agraciado com o dom da estigmatização, quando lhe apareceu um serafim crucificado, no monte Alverne⁹⁸⁷.

As cinco chagas eram o emblema da nação portuguesa desde os seus alvares, estando prefiguradas nas quinas do escudo real, que adejava nos estandartes de guerra, etc., ao que Soror Isabel chega a aludir, quando relata os seus combates aos demónios pelo Alentejo e pelo Algarve: “ficou tudo Remedeado que este he o eiseso do Amor de Deus para com este Reino de Portugal”⁹⁸⁸. Vencera esta batalha com as chagas, “ficando todos os pecadores chagados que pecadores tam feridos de culpas so com as chagas de jesus Cristo se

⁹⁸⁵ Veja-se o caso de Soror Mariana do Rosário (1615-1649), religiosa conversa do Convento do Salvador de Évora, de religiosas da mesma Ordem, a qual, contava que lhe aparecera Cristo na comunhão e, chegando-a ao “seu amoroso peito, & collocando-a junto à chaga de seu Divino Lado, lhe mandou que pusesse nella a bocca, & vendo se tocar já daquelle amoroso osculo, lhe disse: *Farta a tua alma*”. Cf. António de Almada, *Desposorios do espirito...*, *op. cit.*, cap. XIII, § IV, pp. 100-102.

⁹⁸⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 71, § 85.

⁹⁸⁷ Este fenómeno místico era muito venerado entre os franciscanos, sobretudo pelas religiosas. Na Província dos Algarves, um dos mais importantes conventos femininos fora dedicado a esta devoção, o das Chagas, em Vila Viçosa, fundado pelos Duques de Bragança no século XVI e, logo, associado à dinastia reinante desde a Restauração. Cf. Bernardo de Vasconcelos e Sousa (direc.), *Ordens religiosas em Portugal. Das Origens a Trento. Guia Histórico*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, pp. 333-334.

⁹⁸⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 36, § 33.

auiam de curar”⁹⁸⁹. Parece aludir ao *Livro de Isaías*, que diz: “Pelas suas chagas seremos curados”⁹⁹⁰. A devoção às chagas estaria muito presente na sua vila natal já no século XVII, quando a autora nasceu, porque ali fora instituída uma confraria em sua honra, a qual contava com o fervor da nobreza local, que lhe fazia legados testamentários.⁹⁹¹ A mãe de Soror Isabel tinha uma grande devoção às chagas de Cristo⁹⁹². Seria uma intensa devoção local, certamente promovida pelos franciscanos do convento marvanense.

Aquele fenómeno místico referido por Soror Isabel do Menino Jesus não é, porém, o da estigmatização, presente em alguns místicos, sendo que o caso então mais conhecido era então o de São Francisco; e actualmente talvez o caso do franciscano capuchinho de São Pio da Pietrelcina (1887-1968), uma vez que há uma autêntica continuidade de casos de estigmatização, em homens e em mulheres, ao longo dos séculos, vários reconhecidos pela Igreja⁹⁹³. Nestes casos, produzem-se feridas, abertas e sangrantes, no corpo do místico, sem, porém, infectar. Há períodos em que os estigmas não são visíveis, mas são sentidos pelo estigmatizado.

No caso de Soror Isabel, não parece referir-se a feridas em si própria, nem sequer sentidas no seu corpo. O fenómeno descrito refere-se às mãos e pés de Cristo metidos no seu coração, com as quais ficara armada para o combate a Satanás e aos seus demónios, sendo auxiliada, na retaguarda, pela Santíssima Virgem, pela sua intercessão poderosa em favor das almas dos pecadores e no envio de muitas delas para o Céu, numa barca escoltada por anjos. Resultara deste fenómeno místico, segundo a autora, a capacidade de voar, entenda-se, de se deslocar espiritualmente a outros territórios, o que, como referimos atrás, pode

⁹⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

⁹⁹⁰ Cf. Is 53, 5.

⁹⁹¹ Veja-se o caso de Eugénia Dama, viúva de Gaspar Mouzinho Barba. Deixou certa quantia a esta Confraria das Chagas, a 20 de Janeiro de 1694. Para além do legado, invocou a Santíssima Trindade, pedindo ao Pai Eterno que, pela Paixão e Morte do Filho, recebesse a sua alma, etc., “e a meu Senhor Jessus Christo pesso por suas Diuinas Chagas, que ia que nesta Vida me fes merce de dar seu preciozo Sangue, e merecimentos de seus trabalhos, me fassa tambem merce na Vida, que esperamos, dar o premio delles, que he a gloria”. Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Trelado do Testamento com que Faleceu Eugénia Dama..., cx. 09, f. 389.

⁹⁹² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 2, § 3.

⁹⁹³ Vd. Francesco Castelli, *Autobiografia Secreta. Padre Pio sob Investigaçãõ*, Prior Velho, Paulus, 2009.

corresponder a bilocações. O fenómeno refere-se evidentemente a uma participação mística da autora na Paixão de Cristo e no mistério da Redenção, unida ao próprio corpo sofredor de Jesus, participação esta que lhe recebe dons extraordinários de intercessão pelas almas, de combate espiritual e de deslocação ao Inferno, ao Purgatório e a vários pontos geográficos, entre outros.

A identificação com Cristo crucificado, ou com a sua Paixão e Morte, como continuaremos a ver adiante, é chave para entender a vida ascética e mística de Soror Isabel do Menino Jesus, não muito diferente da de muitos outros místicos de todos os tempos ou da espiritualidade pós-tridentina em Portugal, na qual a autora estava imersa⁹⁹⁴. A morte mística é um dos temas da sua escrita. A *mors mystica* é entendida como a morte da alma e da mente, com todas as suas faculdades, aquando da sua união amorosa com Deus, uma experiência extática, dada por graça divina, resultando mesmo, em alguns casos, na morte física do místico⁹⁹⁵. Soror Isabel usa o conceito para se referir à *unio mystica*. Este fenómeno encontra a sua raiz na *Carta de São Paulo aos Gálatas*: “Estou crucificado com Cristo! Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e Se entregou a Si Mesmo por mim.”⁹⁹⁶

5. *Santa viva*

No seu “Prologo...”, Frei Martinho de São José conta que, além do ofício divino e da oração mental, Soror Isabel do Menino Jesus tinha o costume de rezar as litanias e orações do *Ordo Commendationis Animæ*, do *Rituale Romanum de Sacramento Extremæ Unctiones*, pelos agonizantes; e rezava também muitos ofícios pelas almas dos defuntos, e pelas do Purgatório e, quando já não podia, pelo peso dos seus muitos anos, e pelas suas muitas enfermidades, ir visitar a Via

⁹⁹⁴ Vd. João Francisco Marques, “A Renovação das Práticas Devocionais”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 570-577.

⁹⁹⁵ Cf. Rudolf Mohr, “Muerte Mística (Mors Mystica)”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística*, op. cit., pp. 751-752.

⁹⁹⁶ Cf. Gal 2, 19-21.

Sacra, “dizia a visitava espiritualmente, e recomendava muito, que a este santo exercicio não faltassem, todas as que pudessem”⁹⁹⁷.

Na “Vida”, a autora confessa, de facto, que as maiores penitências que fizera “foy fazer o que nam podia”⁹⁹⁸, ou seja, ainda que fizesse oração, não tinha mais que umas “Poucas forsas para penitensias exteriores”⁹⁹⁹, de modo que só podia fazer as que Deus lhe mandava, ou seja, as enfermidades de que padecia frequentemente. E recorda duas ocasiões em que tivera violentas cólicas¹⁰⁰⁰. Também fazia a penitência de andar todo o ano, mesmo em pleno Inverno, com os pés descalços sobre as chanquetas, sempre inchados por sofrer de gota. Como nunca usara carapins, chegava ao ponto de andar sempre coxa. Para mais, custava-lhe rezar o ofício divino de pé, como era costume na comunidade¹⁰⁰¹.

O Senhor dissera-lhe também que, para alívio das almas, fizesse a penitência de, em cada vez que entrasse no coro, se curvasse até por a boca no solo¹⁰⁰². Este já era, de resto, o costume do convento – cada religiosa, ao entrar, devia adorar o Santíssimo Sacramento, com inclinação profunda, até tocar o chão com a boca –, mas Soror Isabel, fazendo-o por mais de trinta anos de vida religiosa que tinha, chegara ao ponto em que, com quase setenta anos de idade, não o conseguir mais, por ter todos os ossos e nervos “oprimidos de gota e flatos”¹⁰⁰³. Não conseguia mais que ajoelhar-se. Entrava e saía do coro muitas vezes, de dia e de noite, mas obedeceria sempre ao pedido do Senhor: assentava em primeiro lugar as mãos para segurar o corpo e dobrava-se até ao chão, o que “farei ate morte”¹⁰⁰⁴. A maior das penitências fora mesmo a negação da vontade, porque esta desenvolvia a virtude da paciência, “hum grande tizoiro que oferesi pelas almas”¹⁰⁰⁵. Escreve que só “com pes descalsos bem se pode andar o caminho da uertude pois no rrigorozo inVerno da morte mistica nam se ueste o

⁹⁹⁷ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos*, *op. cit.*, p. [6], § VI.

⁹⁹⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 46.

⁹⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 47, § 50.

¹⁰⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 46, § 50.

¹⁰⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 46, § 50.

¹⁰⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 46, § 50.

¹⁰⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 46, § 50.

¹⁰⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 47, § 50.

¹⁰⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 47, § 50.

Corasam senam de pasiensa”¹⁰⁰⁶. Com a paciência “curaua todos os achaques”¹⁰⁰⁷, sem nunca recorrer a médicos, a não ser quando estava com febre.

A trajetória de Soror Isabel no convento terá decorrido discretamente nos anos seguintes ao encarceramento, limitado-se, em aparência, às obrigações quotidianas, mas dedicando-se intensamente à penitência e à oração; e sua ascese terá prosseguido segundo as datações atrás referidas. Sobre as penitências que praticava, Frei Martinho de São José testemunha que, apesar de as praticar com muita perfeição, era muito cautelosa, delas quase nada se sabendo no convento, já as escondia muito das religiosas. Era no silêncio da noite que impunha sobre o seu corpo as disciplinas, em lugares ocultos. Sabia Frei Martinho, possivelmente porque fora seu confessor, que também usara cilícios à raiz da carne, não só na juventude, mas também na velhice; e que praticara muitos jejuns e abstinências, sempre “com admiráveis disfarces”¹⁰⁰⁸. Conta, ainda, que se alegrava nas mortificações, “como se fossem delícias”¹⁰⁰⁹, ensinando as religiosas a dedicar-se às devoções que ela própria tinha; e explica que “Tinha o corpo por inimigo proprio, e assim o tratava com todo o rigor, que podia, e até morrer o trouxe sempre sujeito á alma”¹⁰¹⁰.

As religiosas, por sua vez, contavam que que tinham muita compaixão de Soror Isabel quando a viam, já com oitenta anos, ir para o coro em pleno Inverno. Em certa ocasião, e estando muito adoentada, a abadessa ordenara-lhe mesmo que deixasse de o fazer. Respondera à prelada “com muita submissãõ, e grande benignidade: Que bem podia, porque lhe ficava muito custoso cumprir com o Officio Divino, rezando fóra do Côro”¹⁰¹¹. Noutra ocasião, durante um rigoroso Inverno, a abadessa mandara que calçasse umas meias, o que Soror Isabel nunca usava, mesmo padecendo dos pés e fazendo muito frio. Valera-se a prelada do poder abacial para que lhe obedecesse prontamente, calçando então umas meias, “as quaes naõ trouxe mais que hum dia; porque antes que se findasse, foi ter com

¹⁰⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 47, § 50.

¹⁰⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 47, § 50.

¹⁰⁰⁸ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, p. [10], § VIII.

¹⁰⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10], § VIII.

¹⁰¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10], § VIII.

¹⁰¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [4v], § V.

a Abadessa, pedindo-lhe humildemente licença, para as poder tirar”¹⁰¹². Dissera-lhe então que não podia calçar meias “pelas molestias, que padecia nos pés, e que seu Esposo Divino a não queria calçada com mêas, e çapatos; porque estava na cruz sem huma, nem outra cousa; e que ainda em sua santa vida só de alparcas usára”¹⁰¹³.

Segundo Frei Martinho, também na oração fora muito virtuosa, principalmente na oração mental¹⁰¹⁴. Além das horas do ofício divino, no coro, sabia o prelado que em todo o tempo e lugar fizera oração: se estava a falar com alguém com quem não fazia cerimónia, recolhia-se e orava; se estava sentada à mesa para comer, enquanto não vinha a refeição, orava; indo aos locutórios, enquanto não chegavam as pessoas que esperava, orava; quando estava doente, e obrigada a estar de cama, e a tomar purgas e outros remédios aos sorvos, depois de os tomar, ficava sentada na cama, recolhida em contemplação, pedindo à enfermeira que fosse auxiliar as outras doentes, que teriam mais necessidade do que ela. “Era para admirar, ver a facilidade, com que esta alma a toda a hora, e em toda a parte se recolhia no interior com Deus.”¹⁰¹⁵

As noites de Soror Isabel, sabia o prelado, eram passadas em oração até à meia-noite. Depois tinha um breve sono e, pelas 2 horas, voltava à oração. De madrugada, voltava a repousar por apenas uma hora incompleta e logo voltava a orar. Por vezes, chegava mesmo a passar noites inteiras em oração, sem descansar, dormindo apenas quinze minutos. Era disto testemunha a sua sobrinha Soror Isabel de São José, que partilhara a mesma cela, e “compadecendo-se muitas vezes della, lhe rogava, tomasse hum pequenino de sonno, a que respondia, que não podia ser; porque era muito necessaria a oração; pois eraõ as necessidades muitas”¹⁰¹⁶. E, apesar de esta sobrinha achar sempre que, por causa das muitas horas sem dormir, por causa da idade avançada, das doenças e do rigor dos invernos, não seria capaz de se levantar de manhã, era, afinal, a primeira a chegar ao coro para a oração¹⁰¹⁷. Frei Martinho diz mesmo que tinha “aversão ao descanso da cama, e algumas vezes, dizia, que Deos a livrasse della; e quando a

¹⁰¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. [5], § V.

¹⁰¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5], § V.

¹⁰¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5v], § VI.

¹⁰¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5v], § VI.

¹⁰¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5v], § VI.

¹⁰¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5v], § VI.

necessidade a obrigava de dia, a que se recostasse, ficava algumas vezes com os olhos fechados, e as mãos postas a modo, que orava”¹⁰¹⁸. Recomendava muito às pessoas com quem tratava com maior familiaridade que não perdessem tempo, que orassem; e se em certas ocasiões via as religiosas estarem à conversa, dizia: “Não percais tempo, se dêsseis este á oração, verieis maravilhas: palavras nada fazem, nada valem” e que as orações eram correios que chegavam ao Céu¹⁰¹⁹. Neste período, com tão extensos períodos de oração – não apenas com as duas horas que por 1736 praticava, à noite – já teria alcançado a *unio mystica*, segundo se deduz pelo que escreve no “Tratado Místico” acerca da terceira via do espírito, como adiante citaremos.

Os fenómenos místicos de Soror Isabel do Menino Jesus cedo terão extravasado a intimidade, pelo menos no respeitante ao seu dom da penetração das consciências e ao êxtase ocorrido no coro, por volta de 1732. Ao longo das décadas, terá despertado a atenção das religiosas e fazendo crescer a sua notoriedade fora do convento, porque retomou, segundo parece, a rede clientelar que teria visto cortada em 1712, aquando do seu encarceramento. Na “Vida”, afirma realmente que por alguns anos cessara esta actividade. Não explica a razão da cessação, mas podemos supor que poderá relacionar-se com o castigo que então recebera, ordenado em consequência da denúncia de certa religiosa, podendo a denúncia reportar-se aos contactos que a autora tinha com pessoas seculares, em especial homens, recebendo a sua visita nos locutórios.

Mas passados alguns anos “tornei a prensipiari por onde tinha acabado”¹⁰²⁰. Em nova visão, que classificamos como intelectual, o Senhor abriu no coração de Soror Isabel duas fontes, uma para “correr o Seu Amor”¹⁰²¹ e outra para “correr moeda para que com moeda corrente fosse comprando almas”¹⁰²². Estes anos tinham sido, segundo precisa, oito anos, porque escreve de seguida que “quando deyxou de correr foy para correr con mais forsa porque no fin de oyto annos que deixou de Correr esta fonte”¹⁰²³. Supondo que as dádivas de dinheiro terão

¹⁰¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5v], § VI.

¹⁰¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5v], § VI.

¹⁰²⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 25, § 22.

¹⁰²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

começado dois ou três anos depois de 1712 – presumível ano do encarceramento – , Soror Isabel parece datar esta visão das duas fontes por volta de 1722. O Senhor tinha-lhe, assim, “alagado o Corasam por estar opromido”¹⁰²⁴ e “Ronpeo com tanta forza que mais paresia fonte de piadade que corrente de dinheiro”¹⁰²⁵. Estava também alagada, mas de culpas, uma certa alma, “que se nam fora a mezericordia a Deus e a corrente de moedas no lago de suas culpas se afunDia no inferno”¹⁰²⁶. O caso fora-lhe muito penoso, uma vez que já gastara muito dinheiro e não tinha a quem recorrer para pedir mais emprestado, a juro e em segredo”¹⁰²⁷. Sem juro já ninguém lhe queria emprestar. “E com estas ansias de nam poder auer o dinheiro se me fazia a Crus pezada porem o Senhor que gostaua uerme padecer mouia os Corasois de quem tinha o dinheiro para mo dar como tenho dito pagando rreditos”¹⁰²⁸.

Deste modo, mais uma vez, “foy comprando esta Alma a forza de moeda corrente”¹⁰²⁹, de tal modo que as virtudes desta pessoa tinham sido tão exercitadas “que foy huma das mais adiantadas no spirito que achey”¹⁰³⁰. Como dispendera muito dinheiro na conversão desta pessoa, ficara com escrúpulos sobre o assunto e recorrera ao Senhor e a Nossa Senhora, a quem pedira luz interior para se curar dos escrúpulos. Nossa Senhora dissera-lhe então que ela própria tinha concorrido no Céu “para que eu fose dando moeda corrente”¹⁰³¹. Também lhe revelara ser vontade divina que fosse comprando almas com dinheiro “e ssangue das ueyas”¹⁰³².

Segundo escreve na “Vida”, estando numa noite em oração, tivera nova visão. Depois de se fazer presente, o Senhor “me dise que se queria ausentar”¹⁰³³. Ela sentira-o muito, pedindo que a levasse consigo, “ou me deixase huma prenda sua para aliVio de minhas saudades”¹⁰³⁴. Respondera o Senhor: “deixarte hei a

¹⁰²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 20.

¹⁰³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 20.

minha Crus que he a prenda que mais amo”¹⁰³⁵. Tivera então a aparição da cruz, que abraçara “como prenda de meu spozo”¹⁰³⁶. Com esta cruz às costas, “prensipiei a chorar as culpas do mundo e com as dadiuas de seu Amor Aprendi a dar o Sangue das ueyas e o dinheiro da bolsa pelo rresgate das almas”¹⁰³⁷. Para resgatar as almas com dinheiro e sangue, revelara-lhe o Senhor que devia prosseguir comprando algumas almas que estavam em pecado mortal e, desse modo, saíssem das mãos do Demónio; que, em particular, avisasse dois homens sobre o mau estado das suas consciências, informando-a sobre as culpas que tinham. Soror Isabel não tinha então um convívio muito próximo com estas pessoas e, para mais, “heram homens de muitas letras”¹⁰³⁸. Ela própria, confessa, não os suportava; e indagava como faria para lhes falar, o que via como tarefa muito difícil. Preparara-se durante semanas inteiras, em oração; e resolvera-se a pedir-lhes certo serviço de que, na verdade, não necessitava. Quisera apenas entretê-los com “estes disbaratos”¹⁰³⁹, não deixando “logo de lhes mandar alguns mimos e Regalos”¹⁰⁴⁰.

Fora assim mudando de atitude, mostrando ser muito do seu agrado receber as suas visitas¹⁰⁴¹. Os dois homens, muito agradecidos, cada vez se convidavam mais para vir ao convento “A seruirme”¹⁰⁴². Saíra-lhe cara a encomenda, pois, com mão liberal, fora aumentando o preço do “pouco seruiso que me faziam”¹⁰⁴³, ao ponto de lhes dar “sinco moedas cada hume de quatro mil e oytosentos deramse por satisfeitos”¹⁰⁴⁴. Deste modo, tinham-lhe dado confiança para lhes falar, expondo a cada um dos dois, em particular, “o mezarauel estado de suas almas”¹⁰⁴⁵. Ambos a tinham ouvido com humildade e lágrimas nos olhos, prometendo emendar-se. Soror Isabel confessa que este era um “temerario dezafio

¹⁰³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 20.

¹⁰³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 20.

¹⁰³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 20.

¹⁰³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 20.

¹⁰³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 20.

¹⁰⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 20.

¹⁰⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 20.

¹⁰⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 20.

¹⁰⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 20.

¹⁰⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 20.

¹⁰⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 20.

de se rreputar por comfiansa de mulher de pouco spirito”¹⁰⁴⁶, estar, assim, a dar dinheiro a homens e a catequisá-los “com mimos e afagos”¹⁰⁴⁷, coisa que “mais parese disdoyro da uertude do que uertude doyrada”¹⁰⁴⁸. Não ignorava os perigos que isto comportava, porque era ainda jovem e “entre homem e mulher ha moytos rreseios”¹⁰⁴⁹. Mas era avisada da parte de Deus que fizesse o que lhe mandava, “que quem Ssabia nadar andaua por baxo dagoa e nam se afogaua”¹⁰⁵⁰. Conclui que “o grande Amor de Deus que estaua asentado em meu corasam fechou as portas a tudo que fose natureza e me fes pasar por outras circunstansias”¹⁰⁵¹. Gastara tanto dinheiro com estes letrados que tivera de recorrer a empréstimos, chegando a ficar sem nada para as suas despesas. Queixara-se então: “Senhor com que hei de pagar este dinheiro”¹⁰⁵²? E respondera-lhe o Senhor: “Pagaras com aquilo com que eu paguei o que nam deuia”¹⁰⁵³.

Este fora o primeiro caso de contacto com seculares, a quem dera dinheiro para alcançar maior confiança e viabilizar a sua conversão. Na “Vida”, esclarece que “saibam que nam fiquei deuyendo nada porque neste tempo tinha eu inda Pais e me Ssocorriam com o nesario para meu uestir e tudo que auia mister”¹⁰⁵⁴. Tudo o que lhe davam era, pelo contrário, destinado a pagar as dívidas. Não o lamentava, confessando que antes disso era avarenta, o que a teria condenado ao Inferno se não mudasse de atitude. Conclui que “se a mezericordia deuina se pos da minha parte em me dar a sua Crus tudo ganhei e nada perdi”¹⁰⁵⁵; e que o amor avarento não é verdadeiro, “pois na milisia do amor tudo sam dispendios”¹⁰⁵⁶. Depreende-se que as dádivas foram anteriores à morte de sua mãe, que, como demonstrámos, faleceu a 20 de Setembro de 1726. Portanto, estas dádivas terão recommçado por volta de 1722 e cessado ou abrandado em 1726, quando já não podia recorrer aos pais.

¹⁰⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 23, § 21.

¹⁰⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 21.

¹⁰⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 21.

¹⁰⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 21.

¹⁰⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 21.

¹⁰⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 21.

¹⁰⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 21.

¹⁰⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 22, § 21.

¹⁰⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 24, § 22.

¹⁰⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

¹⁰⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

Estas dádivas terão atraído sobre si as atenções de toda a cidade, ou mesmo de toda a região. A Soror Isabel terão recorrido mais pessoas, com necessidades espirituais, mas também materiais, formando uma rede clientelar. Mas não só por isto terá crescido a sua boa fama. Terá sido poucos anos depois, perto do início da década de 30, que começou a ser vista pelas outras religiosas do convento como mística, ganhando fama de *santa viva*. Como é sabido, os *santos vivos* eram figuras relevantes da religiosidade popular desde a Alta Idade Média e, na época moderna, continuavam a despertar o interesse local, criando à sua volta redes clientelares, formadas por grupos de devotos ou por devotos isolados. Nestas redes, nas quais os indivíduos geralmente conheciam outros que também tinham ligação aos *santos vivos*, permutavam-se diversos bens simbólicos e materiais, articulando relações entre o espaço conventual e o mundo secular¹⁰⁵⁷. Os *santos vivos* chegavam a exercer influência política, através do aconselhamento de devotos provenientes da aristocracia ou mesmo de monarcas, que se tornavam seus devotos¹⁰⁵⁸. No caso das religiosas tidas por *santas vivas*, Gabriella Zarri denomina esta situação como padrão: o da “beata del principe”¹⁰⁵⁹. Não nos chegaram notícias de devotos politicamente destacados de Soror Isabel, mas é possível que os tivesse. Sabemos, pelo menos, que alguns eram letrados e outros de boa condição social.

Frei Martinho de São José conta que, estando certa vez no coro em oração, Soror Isabel “ficou abstrahida dos sentidos”¹⁰⁶⁰, ou seja, em êxtase. Estavam presentes várias religiosas, nomeadamente Soror Maria Micaela de Jesus, Soror Brites Maria dos Serafins e Soror Luísa Joana Baptista. De facto, todas a conheceram pessoalmente, como o comprova a documentação disponível. Soror Maria Micaela de Jesus, natural de Amieira do Tejo, era filha de António Boto Pais e de sua mulher, Isabel Dinis, ingressara como educanda a 5 de Fevereiro de

¹⁰⁵⁷ Vd. Ángela Atienza López, *Tiempos de Conventos. Una Historia Social de las Fundaciones en la España Moderna*, Madrid, Marcial Pons/Universidad de la Rioja, 2008.

¹⁰⁵⁸ Cf. José Félix Duque, *Santa Beatriz de Silva. Fundadora de la Orden de la Inmaculada Concepción. Nueva Biografía*, preâmbulo de José Francisco Sanches Alves, Arcebispo de Évora; prefácio de Javier Unanue Urrestarazu, Maia, Edições Cosmorama, 2015, parte I, cap. 5, pp. 190-192.

¹⁰⁵⁹ Cf. Gabriella Zarri, *Le Santi Vive. Profezie di Corte e Devozione Femminile Tra '400 e ' 500*, Turim, Rosenberg & Sellier, 2000, p. 10.

¹⁰⁶⁰ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deus...*, *op. cit.*, p. [4v], § V.

1704¹⁰⁶¹; fora votada para entrar no noviciado a 23 de Março de 1705¹⁰⁶²; e para professar a 5 de Agosto de 1707¹⁰⁶³. Viria a falecer a 16 de Novembro de 1786, com noventa e quatro anos, pelo que ainda vivia quando foi impressa a *Vida da Serva de Deos...*, onde vinha referido o seu nome¹⁰⁶⁴. Quanto a Soror Brites Maria dos Serafins, era sobrinha da autora, já antes referida. A terceira testemunha, Soror Luísa Joana Baptista, tratar-se-ia, na verdade, de Soror Luísa Maria Baptista, a quem Frei Martinho alterou o nome por lapso. Era natural de Portalegre, filha de Francisco de Oliveira e de sua mulher, Francisca Estaça Metela, e ingressara como educanda a 23 de Julho de 1709¹⁰⁶⁵, fora votada para entrar no noviciado a 17 de Junho de 1711¹⁰⁶⁶; e para professar a 11 de Junho de 1712¹⁰⁶⁷. Falecera a 30 de Março de 1732¹⁰⁶⁸. Fora irmã de três outras professoras no convento, que adiante mencionaremos, ainda vivas aquando da impressão da *Vida da Serva de Deos...*, e uma delas, Soror Ana Maria da Assunção, viria a testemunhar também um fenómeno místico de Soror Isabel.

Quanto ao êxtase, teria ocorrido, pois, entre a data de profissão de Soror Brites Maria dos Serafins – 1 de Março de 1720 – e a data da morte de Soror Luísa Maria Baptista, a 30 de Março de 1732, plausivelmente nas proximidades desta última data, quando era ali confessor o próprio Frei Martinho de São José. Enquanto as três religiosas testemunhavam o êxtase, Soror Isabel do Menino Jesus não respondia e não prestava atenção quando lhe falavam. Quando ali chegara a abadessa, esta “disse-lhe, que se fosse recolher; porém ficou imóvel”¹⁰⁶⁹. Mas a prelada invocara a “santa Obediencia”¹⁰⁷⁰, pelo que a extática se levantara e fora imediatamente para a sua cela. A situação terá demonstrado às presentes que o êxtase era fidedigno, pois a extática não pecara, porque, apesar de estar em êxtase, não se atrevera a desobedecer a quem tinha sobre si uma legítima autoridade.

¹⁰⁶¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 26.

¹⁰⁶² Cf. *Ibidem*, f. 30.

¹⁰⁶³ Cf. *Ibidem*, f. 39.

¹⁰⁶⁴ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 57.

¹⁰⁶⁵ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 46v.

¹⁰⁶⁶ Cf. *Ibidem*, f. 50.

¹⁰⁶⁷ Cf. *Ibidem*, f. 52.

¹⁰⁶⁸ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 42.

¹⁰⁶⁹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [4v], § V.

¹⁰⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [4v], § V.

Soror Isabel manifestara, pois, aos olhos de toda a comunidade, ser uma mística, o que as religiosas muito terão comentado entre si, bem como as criadas, recolhidas e educandas. Através destas, rapidamente este fenómeno místico que fora testemunhado no coro terá sido divulgado pela cidade, onde a autora já seria pessoa bastante conhecida e tida como *santa viva*, porque várias pessoas procuravam a sua ajuda, pedindo conselhos, dinheiro e orações pelas suas intenções. Frei Martinho de São José recorda que Soror Isabel era extremosa na virtude da caridade, que “não tinha coração, para ver padecer o próximo necessidade alguma”¹⁰⁷¹; e que às necessidades espirituais das pessoas acudia logo com orações, e às temporais com o que lhe era possível. Dá como exemplo a sua preocupação para com os presos, a quem desejava muito dar liberdade, “e os mandava favorecer, quando podia”¹⁰⁷². Certamente, recordar-se-ia de que também fora prisioneira, encarcerada e agrilhoada na casa da disciplina, por volta de 1712.

Acrescenta Frei Martinho que “os pobres sempre foram o seu doce emprego, principalmente as necessidades de pessoas particulares; e não bastando o que podia descobrir a sua muita agencea para remediar a todos”¹⁰⁷³, como tinha uma despesa particular, que era gerida por uma sua irmã secular, que vivia no convento, às escondidas tirava azeite, trigo e outras coisas para dar aos pobres. Tratava-se da sua única irmã sobrevivente, Catarina Sanches, que se recolheu no convento pouco depois da morte dos pais. Sabemos que a 11 de Outubro de 1729 ainda vivia nas casas que tinham servido de morada paterna, na Rua do Espírito Santo, em Marvão, quando vendeu a sua Tapada da Costa a João Rodrigues de Castela e a sua mulher, pelo preço de 30. 000 réis, estando a vendedora presente¹⁰⁷⁴. No mês seguinte, a 15 de Novembro de 1734, vendeu umas outras casas em Marvão a Beatriz Gonçalves, viúva de Pedro Vaz¹⁰⁷⁵. Nesta venda, foi representada por Matias Fernandes Meira, casado com Maria Morata, sua prima

¹⁰⁷¹ Cf. *Idem, Ibidem*, p. [2], § III.

¹⁰⁷² Cf. *Idem, Ibidem*, p. [2], § III.

¹⁰⁷³ Cf. *Idem, Ibidem*, p. [2], § III.

¹⁰⁷⁴ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livro de Notas (1728–1731), cx. 2, f. 98.

¹⁰⁷⁵ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livro de Notas (1733-1734), cx. 2, f. 1.

ou parente¹⁰⁷⁶. A escritura nomeia Catarina Sanches como sendo “hoje Recolhida em o Convento das Freiras de Santa Clara da Cidade de Portalegre”¹⁰⁷⁷, pelo que esse parente era portador de uma procuração sua, passada a 2 de Maio de 1729, quando ainda morava em Marvão, nas suas casas de morada, sitas na Rua do Espírito Santo.

No convento eram religiosas professoras as suas quatro filhas: Soror Isabel de São José, Soror Catarina Maria da Ressurreição, Soror Maria Baptista e Soror Brites Maria dos Serafins. Para Catarina Sanches, viúva, sem pais e sem irmãos, o recolhimento junto de sua irmã e filhas no convento era um modo de vida considerado honesto, para além de, assim, se eximir à solidão a que estaria votada, se permanecesse na vila natal, situação comum à maioria das viúvas de então, como assinala Maria de Lurdes Correia Fernandes¹⁰⁷⁸. Também os seus sobrinhos e único filho varão, João, seriam já religiosos, talvez na Ordem de São Francisco, ou estariam afim de professar. Na “Vida”, Soror Isabel refere-os simplesmente como sendo “tres Religiozos”¹⁰⁷⁹. Não alcançámos mais notícias de Manuel e seu irmão João, e de outro João, primo direito de ambos, assim se terão chamado, ignorando os seus apelidos no século e os títulos de devoção que depois tomaram na profissão religiosa¹⁰⁸⁰.

¹⁰⁷⁶ Embora não tivéssemos encontrado o assento do seu casamento de Matias Fernandes Meira com Maria Morata nas duas freguesias da vila de Marvão (poderão ter casado noutra freguesia, talvez da cidade de Portalegre), sabemos que moraram na freguesia de Santa Maria de Marvão e que tiveram pelo menos três filhos: 1) Isabel Morata, baptizada a 10 de Outubro de 1684. Cf. ADP, Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1695), f. 9. Esta filha Isabel usou o apelido Morata, dita filha de Matias Fernandes Meira, em vários baptizados, por exemplo, a 23 de Outubro de 1701. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 13v; 2) Ana, baptizada a 3 de Novembro de 1686. Cf. ADP, Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1695), f. 22v; e 3) João, baptizado a 5 de Abril de 1690. Cf. ADP, Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1695), f. 27v. Ao que parece, Matias Fernandes Meira era homem nobre, ou viveria como tal, tendo ocupado importantes cargos. Foi eleito tesoureiro da mesa da Misericórdia de Marvão a 12 de Julho de 1699, data em que foi eleito irmão da mesa João Morato, pai de Soror Isabel do Menino Jesus. Assinava elegantemente: “Matias Fri’z Meira”. Cf. AHM, ASCMM, Acórdãos e Termos de Eleições da Mesas Administrativas, cx. 1, liv. 1, fs. 124v et seq.

¹⁰⁷⁷ Cf. *Ibidem*, f. 1.

¹⁰⁷⁸ Vd. Maria de Lurdes Correia Fernandes, “Modelos Comportamentais e Solidão Feminina (Séculos XVI-XVIII)”, in *Faces de Eva. Estudos Sobre a Mulher*, n.º 1-2, Lisboa, 1999, pp. 51-86.

¹⁰⁷⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 8, § 7.

¹⁰⁸⁰ Não localizámos as inquirições *de genere, vita et moribus* dos três sobrinhos de Soror Isabel do Menino Jesus no ANTT, OFM, Província dos Algarves, Inquirições, do mç. 1 ao mç. 40, cujo último processo foi

Quanto às sobrinhas da autora, Soror Isabel de São José fora admitida aos onze anos de idade no convento; e Soror Catarina Maria da Ressurreição aos nove, foram ali educandas graças a um breve do núncio apostólico, a 19 de Janeiro de 1708¹⁰⁸¹. Soror Isabel de São José entrara depois no noviciado, a 24 de Setembro de 1711¹⁰⁸², e professara a 10 de Outubro de 1712¹⁰⁸³. Viria a sobreviver à sua tia, sendo abadessa no ano de impressão da *Vida da Serva de Deos...* Mais adiante, daremos notícias suas. Sua irmã, Soror Catarina Maria da Ressurreição, entrara no noviciado a 9 de Dezembro de 1715¹⁰⁸⁴ e professara a 22 de Janeiro de 1716¹⁰⁸⁵. Morreria a 20 de Novembro de 1742, com quarenta e quatro anos de idade¹⁰⁸⁶. O termo de óbito di-la de vida exemplar, assídua à

iniciado a 4 de Outubro de 1743, data que consideramos já tardia para a profissão desses sobrinhos. De alguns maços foram retirados processos, a pedido do Santo Ofício, segundo fomos vendo em anotações anónimas coevas; ou recentemente, por estarem em mau estado de conservação, segundo os boletins colocados dentro de cada maço, certificando o “Estado Físico para Acesso”. Para além disto, o mç. 35, segundo nos informaram no ANTT, a 12 de Outubro de 2015, encontra-se desaparecido desde 2012. É possível, pois, que os processos dos sobrinhos da autora tivessem sido retirados, ou que estivessem neste desaparecido mç. 35, ou ainda que tivessem professado noutra província, ou mesmo noutra Ordem. Num registo dos frades moradores nos conventos da Província dos Algarves, sendo ministro provincial Frei António de Santo Tomás, surgem algumas listas dos religiosos do convento de Marvão. Cf. ANTT, OFM, Província dos Algarves, “Registo dos Frades Menores Moradores nos Conventos desta Santa Província, Sendo Ministro Provincial [...] Frei António de Santo Tomás [...]”, Manuscritos da Livraria, n.º 104, f. 91. O documento não apresenta data, mas, segundo Frei Henrique Pinto Rema, este prelado governou no triénio 1720-1724. Vd. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532-1844)”, in *Itinerarium. Revista Quadrimestral de Cultura Publicada pelos Franciscanos de Portugal*, Ano L, n.º 178-179, Lisboa, 2004, pp. 299-301. Por estes anos, os sobrinhos de Soror Isabel estariam já na vida religiosa. Nesse convento marvanense – onde estavam sepultados os pais da autora, lugar mais plausível para situar os três sobrinhos – havia então um Frei Manuel de Santa Clara, sacerdote, cujo nome foi riscado, com a indicação de que foi transferido para o convento de Montemor-o-Novo; um Frei Manuel da Conceição, corista (qualquer um destes poderia ser o Manuel sobrinho de Soror Isabel); um Frei João de Santa Rosa, sacerdote; e um Frei João dos Santos, corista (podiam ser os dois *Joões* sobrinhos da autora). Exceptuamos outros homónimos, por se encontrarem na lista dos leigos, uma vez que as heranças paternas desses sobrinhos terão permitido certamente a sua profissão religiosa e mesmo a ordenação sacerdotal. Infelizmente, por faltarem hoje vários documentos do arquivo do convento marvanense, não nos foi possível ter notícias seguras sobre estes religiosos.

¹⁰⁸¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 41.

¹⁰⁸² Cf. *Ibidem*, f. 52.

¹⁰⁸³ Cf. *Ibidem*, f. 54.

¹⁰⁸⁴ Cf. *Ibidem*, f. 57.

¹⁰⁸⁵ Cf. *Ibidem*, f. 59.

¹⁰⁸⁶ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 28.

oração, muito obediente e devota de São Francisco. Quanto a Maria, entrara no convento a 8 de Dezembro de 1710, com o nome de Soror Maria Baptista¹⁰⁸⁷. Professou certamente um ano depois, mas não encontrámos o assento da sua votação para professar; e o *Livro das Profissões*, actualmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, está indisponível para pesquisas, por estar em mau estado de conservação. Morreria a 26 de Maio de 1735, com quarenta e três anos de idade, professa. O termo de óbito informa que faleceu com todos os sacramentos e “sinaies de perdistinada”¹⁰⁸⁸, tendo assumido alguns dos ofícios da comunidade, “dando a todas muito bom exzenplo”¹⁰⁸⁹, porque era “muito uMilde”¹⁰⁹⁰ e dava-se muito à oração, era muito obediente e muito devota de São Francisco. Por fim, Brites Maria dos Serafins entrara como educanda a 12 de Julho de 1714, por graça de um breve apostólico¹⁰⁹¹. A 11 de Março de 1719, entrara no noviciado¹⁰⁹² e professara a 1 de Março de 1720¹⁰⁹³. Também sobreviveria à autora.

Desde pequenas que viviam, pois, com Soror Isabel do Menino Jesus, ingressando como educandas e passando depois ao noviciado e à profissão, pelo que se conclui que a autora estava acompanhada por um expressivo grupo familiar, sendo nele a principal figura. De facto, Frei Martinho de São José refere que criara as suas sobrinhas nas maiores virtudes, “educando-as em os soffrimentos das injurias, e que se não desculpassem, quando fossem reprehendidas, que ficassem na certissima maxima, que só a paciencia cantava a vitoria”¹⁰⁹⁴, de modo que “saõ hoje perfeittissimas Religiosas”¹⁰⁹⁵. Refere também a “devoçaõ, que introduzio em todas as pessoas de sua casa”¹⁰⁹⁶, isto é, junto das suas sobrinhas, das leigas ao seu serviço e criadas. Frei Martinho diz também que

¹⁰⁸⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 47.

¹⁰⁸⁸ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 21v.

¹⁰⁸⁹ Cf. *Ibidem*, f. 21v.

¹⁰⁹⁰ Cf. *Ibidem*, f. 21v.

¹⁰⁹¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 56.

¹⁰⁹² Cf. *Ibidem*, f. 65.

¹⁰⁹³ Cf. *Ibidem*, f. 67.

¹⁰⁹⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [10v], § IX.

¹⁰⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10v], § IX.

¹⁰⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10], § VIII.

Soror Isabel tinha um “grande zelo”¹⁰⁹⁷ quanto às criadas, tanto as particulares, como as da comunidade, tentando que entrassem na vida religiosa.

Catarina Sanches, irmã da autora, morreu mesmo com fama de santa, segundo se afirma na memória paroquial da Sé, escrita pelo Padre Manuel Gonçalves Boroa, em 1758. Depois de mencionar a própria Soror Isabel, o autor escreve: “No mesmo convento de sancta clara desta cidade de Portalegre, morrerão com opinião de santidade, a Madre Maria do Parayso natural da Alagoa, no anno de mil sete centos e vinte e dous; a Madre Marianna Baptista, Catherina Sanches...”¹⁰⁹⁸. Note-se que este último nome não vem precedido de título de professa, madre ou soror. Tratar-se-á da irmã secular de Soror Isabel, até porque não houve no convento qualquer religiosa chamada Catarina Sanches.

Desconhecemos a data da sua morte, que certamente constaria da fonte usada pelo autor, “huma rellação jurada pellas Relligiozas mas dignas daquelle convento”¹⁰⁹⁹, documento que não conhecemos. Sendo certo que Catarina Sanches estava viva a 15 de Novembro de 1734, quando o seu procurador Matias Fernandes Meira a representou naquela venda em Marvão, não consta o seu termo de óbito no livro da Sé de Portalegre, em cuja paróquia o convento estava localizado, pelo menos até 1770, ano em que cessámos a pesquisa, por ser já uma data tardia para a irmã da autora viver. O óbito devia constar no livro da Sé, porque Catarina Sanches, sendo secular, não podia figurar no *Livro das Defuntas*, exclusivo das religiosas. Porém, um papel solto do convento, com caligrafia do século XIX, assegura que faleceu no convento, onde tivera quatro filhas religiosas¹¹⁰⁰. Quanto à sua fama de santa, andaria ligada à *fama sanctitatis* da própria Soror Isabel, pois Catarina Sanches foi sua cooperadora no exercício da caridade, do que nos chegou uma notícia, que mencionaremos de seguida.

Diz Frei Martinho de São José que, ao ver a constante caridade de Soror Isabel, havia muitos comentários no convento e “todas a buscavaõ nas suas

¹⁰⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2v], § III.

¹⁰⁹⁸ Cf. ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 29, n.º 223, f. 1525. Vd. Ruy Ventura, “As Memórias Paroquiais de 1758 do Actual Concelho de Portalegre”, in *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, n.º 10 (nova série), Portalegre, 1995, p. 125.

¹⁰⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125.

¹¹⁰⁰ O papel solto encontra-se actualmente dentro do *Livro das Defuntas*, entre o f. 39v e o f. 40, isto é, junto ao assento de óbito de Soror Isabel do Menino Jesus. Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, fs. 39v-40.

afflicções: e em lhas comunicando, vinhaõ da sua presença consoladas, tanto das suas prudentes palavras, como da espiritual doutrina, que lhes dava; porque o dom da prudencia, e entendimento, teve em grão perfeito.”¹¹⁰¹ Valia-se então dessa sua irmã, Catarina Sanches, para descobrir os meios mais adequados para vencer as dificuldades que, em certos casos sentia, quando procurava vencer as necessidades de certas pessoas¹¹⁰². Conta Frei Martinho que, no convento, vivia também recolhida “huma senhora com grandes desejos de ser Religiosa, e com evidentes impedimentos de o poder conseguir”¹¹⁰³, uma vez que o único património de que dispunha para constituir o seu dote correspondia ao pagamento de serviços reais, que lhe deixara o seu falecido pai. O rei, porém, fizera sair um decreto “em que mandava, se não entregasse o dote, que a dita senhora procurava para ser Freira, senão depois de lhe constar por certidão do Convento, em como estava professa”¹¹⁰⁴. Com isto não se resolvia o problema, porque o convento não aceitava à profissão sem antes entregar dote e “ninguem queria arriscar o seu dinheiro”¹¹⁰⁵. Soror Isabel, que “tinha o coração taõ abrazado em caridade, que não podia ver a afflicção do seu próximo, e desejava sempre caminhos, para remediá-la”¹¹⁰⁶, suplicara a sua irmã que hipotecasse certos bens da sua fazenda e que emprestasse o dinheiro à dita senhora, à razão de juro, de modo a que esta pudesse entrar no noviciado. Dissera depois à noviça que confiasse em Deus, porque nada lhe havia de faltar; e, de facto, tendo professado com o dote viabilizado por Catarina Sanches, irmã da autora, mandara o monarca entregar o valor no convento. Concluía Frei Martinho que Soror Isabel ficara “gostosa no desaffogo da sua abrazada caridade, ajudando aquella alma para o serviço de Deos”¹¹⁰⁷.

Frei Martinho de São José confirma também que Soror Isabel tinha, como referimos anteriormente, “a mercê de conhecer os interiores”¹¹⁰⁸ – ou seja, o dom

¹¹⁰¹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [3], § III.

¹¹⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. [3], § III.

¹¹⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3], § III.

¹¹⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3], § III.

¹¹⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3], § III.

¹¹⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3], § III.

¹¹⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3], § III.

¹¹⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [7], § VII.

da penetração das consciências – e ainda o dom da profecia, e que estes dois dons místicos eram do conhecimento das religiosas. Ouvira, por exemplo, o testemunho de Soror Ana Maria da Assunção, a qual, em certo momento da sua vida religiosa, se vira com dificuldades económicas, chegando ao ponto de não ter como pagar o seu sustento diário (note-se que as religiosas tinham cozinhas e despensas particulares, às suas custas). Fazia então uma novena a Santa Clara, para que esta a ajudasse na solução do problema, e mortificara-se, ficando em certo dia sem comer, entregue apenas à divina providência. Não tendo comentado esta situação com ninguém, recebera de Soror Isabel do Menino Jesus um “jantar com toda a grandeza, e urbanidade religiosa”¹¹⁰⁹. A autora enviara-lho por ter sabido, graças ao seu dom da penetração das consciências, que se encontrava em situação de penúria. Esta religiosa, que no século se chamara Ana Maria de Abreu, era natural de Portalegre, filha de Francisco de Oliveira e de sua mulher, Francisca Estaça Metela; ingressara como educanda a 23 de Julho de 1709, entrara no noviciado a 8 de Julho de 1715¹¹¹⁰ e professara a 25 de Maio de 1716¹¹¹¹. Viria a falecer a 9 de Abril de 1770, com sessenta e sete anos, pelo que ainda vivia quando este episódio foi publicado na impressão da *Vida da Serva de Deos...*¹¹¹². Tinha três irmãs que também eram religiosas no convento, Soror Luísa Maria Baptista – que foi testemunha de um êxtase de Soror Isabel, como referimos –, Soror Isabel Maria do Nascimento e Soror Rita Margarida de São João, cuja herança paterna e materna foi tomada pelo convento em partilhas com a sua irmã secular, Francisca Xavier Josefa Leonor, viúva de António Vaz Salgado, a 10 de Outubro de 1760: casas, olivais, soutos e vinhas¹¹¹³.

Outra religiosa, que ainda vivia quando Frei Martinho escreveu, mas que ficava anónima, testemunhara, diante de Soror Isabel de São José, de Soror Brites Maria dos Serafins – sobrinhas da autora – e de Soror Teresa Joana Bernardina de Jesus que, estando “agravada mortalmente na sua consciência, se encontrára com a Madre Soror Isabel do Menino Jesus, e esta lhe dissera, que se fosse lavar á

¹¹⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8], § VI.

¹¹¹⁰ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 57.

¹¹¹¹ Cf. *Ibidem*, f. 60.

¹¹¹² Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, 49v.

¹¹¹³ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Tombo de Inventários, Tombo de Escrituras Relativas às Propriedades do Convento, cx. 12, tomo 59, f. 103.

fonte da Penitencia; porque estava sua alma muito imunda”¹¹¹⁴, e indo a dita religiosa confessar-se, sem que Soror Isabel o soubesse, encontrar-a novamente e esta lhe dissera então “que ja estava bastantemente limpa, que fizesse muito por se conservar na graça de Deos”¹¹¹⁵. A terceira testemunha deste relato ainda vivia também. Soror Teresa Joana Bernardina de Jesus, natural de Idanha-a-Nova, era filha do sargento-mor Manuel Giraldes Leitão e de sua mulher, D. Maria de Melo Marques da Cruz; fora votada para entrar no noviciado a 12 de Outubro de 1742¹¹¹⁶ e para professar a 21 de Setembro de 1743¹¹¹⁷. Escrivã à data da morte da autora, assinaria o seu termo de óbito – embora não o redigisse –, como veremos. Viria a falecer já no século XIX, com cento e dois anos, a 9 de Maio de 1810¹¹¹⁸. Este episódio teria ocorrido, pois, entre a data da sua profissão e a data da morte da autora, ou seja, entre 21 de Setembro de 1743 e uns meses antes de 5 de Outubro de 1752, pois nesta data já esta estava acamada, não podendo, portanto, tratar-se de um acontecimento muito próximo da sua última doença.

Soror Vicência Xavier de Santa Rosa testemunhara, diante de muitas outras religiosas, que estando o seu pai gravemente enfermo, e tendo já recebido todos os sacramentos, indo ela pedir a Soror Isabel do Menino Jesus que rezasse por ele, lhe respondera “que com muito boa vontade o encommendaria ao Senhor; e passado algum espasso, que tinha levado em oração”¹¹¹⁹, dissera-lhe que o seu pai não morreria daquela doença, e assim acontecera, porque efectivamente melhorara e sobrevivera. Passados seis anos, voltara a adoecer e indo a religiosa pedir-lhe novas orações, respondera-lhe “que ja não era tempo, que se resignasse na Divina vontade, que seis annos lhe tinha emprestado o Senhor de vida, e que esta acabava agora, e assim se verificou, porque falleceo”¹¹²⁰. Esta religiosa, natural de Portalegre, era filha de José Carvalho de Vasconcelos – o referido miraculado – e de sua mulher, Maria Josefa. Fora votada para entrar no noviciado

¹¹¹⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [7v], § VII.

¹¹¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [7v], § VII.

¹¹¹⁶ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 137.

¹¹¹⁷ Cf. *Ibidem*, f. 144.

¹¹¹⁸ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 83v.

¹¹¹⁹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [7v], § VII.

¹¹²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [7v], § VII.

a 19 de Fevereiro de 1732¹¹²¹ e para professar a 14 de Fevereiro de 1733¹¹²². Viria a falecer a 4 de Setembro de 1791, com oitenta e quatro anos¹¹²³, pelo que ainda vivia à data da impressão da *Vida da Serva de Deos...* Este episódio terá ocorrido, pois, entre a data de profissão da filha do miraculado, 19 de Fevereiro de 1732, e a morte da autora. O próprio Frei Martinho o teria testemunhado, porque era então confessor do convento¹¹²⁴. Este sucesso terá sido muito comentado pelas religiosas.

Sendo tão procurada por diversas pessoas, e prestigiada, Soror Isabel, era, porém, muito humilde. O próprio Frei Martinho o recorda: “Costumava dizer: *Muita humildade, muita humildade; debaixo dos pés de todas as creaturas; oh que superior lugar!*”¹¹²⁵ Recorda também que a autora dizia que a maior humildade fora a de São Francisco, de quem era filha espiritual, pelo que, ela própria “não pôde deixar de ser humilde.”¹¹²⁶ Até para com quem a ofendera, fazendo “benefícios às pessoas, de quem tinha recebido agravos”¹¹²⁷. Diz também nunca “se pudéramos divisar nesta bem inclinada creatura signaes de soberba”¹¹²⁸. Também na virtude da pobreza, “virtude taõ amada do Seraphico Patriarcha”¹¹²⁹, fora exímia, porque desapegada de todas as coisas. Quando havia em casa um hábito usado, pedia-o para si, evitando, assim que se fizessem gastos consigo. Deste modo, podia dispender com os pobres o valor de um hábito novo. Ainda assim, “andando em seu corpo, sahiaõ com tal aceyo, e limpeza, que pareciaõ tirados da peça”¹¹³⁰. Era uma “verdadeira filha de seu Seraphico Pay, e só aos pobres chamava seus, querendo fazer sua, e própria até a pobreza alhêa”¹¹³¹.

¹¹²¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 96.

¹¹²² Cf. *Ibidem*, f. 97.

¹¹²³ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 65.

¹¹²⁴ *Ibidem*, fs. 96-97.

¹¹²⁵ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [1v], § II.

¹¹²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v], § II.

¹¹²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v], § II.

¹¹²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2], § II.

¹¹²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3v], § IV.

¹¹³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3], § IV.

¹¹³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3], § IV.

6. Abadessa e reformadora

Soror Isabel do Menino Jesus adoecia muitas vezes e os médicos sangravam-na com frequência. Com as dores inflingidas por estes tratamentos, “compraua Algumas Almas com sangue das ueyas”¹¹³². Maior tormento, segundo escreve, era uma espécie de paralização que sentia no sangue, dizendo que “nam corria porque ficaua congelado nas ueias”¹¹³³. Isto dava-lhe “altiSsimas penas”¹¹³⁴, de tal modo que quase morria de paroxismo. Quanto às sangrias, conta que, para que o convento, se reformasse e as almas das religiosas não pervessem, adoecera com terçãs, ficando em perigo de morte¹¹³⁵. Oferecia sempre o seu sofrimento a Deus, como penitência. Para que a alma de certo homem se salvasse, sofrera durante umas sezões e “ardendo em febre e sede intelorauel”¹¹³⁶; para livrar a alma de um outro homem, que “daua muito escândalo”¹¹³⁷, adoecera por mais de quarenta dias, durante os quais fora novamente sangrada, etc. A febre aumentara, explicando que tal ocorrera porque “cresia a cede de mais padecer pela saluasam das almas”¹¹³⁸.

Estes períodos deteriam a autora na enfermaria do convento, ou na sua cela, afastada do quotidiano da comunidade e do convívio da maioria das religiosas. Mas é possível que, ao longo dos anos, tenha agregado à sua volta um partido de religiosas mais observantes e suas devotas, um grupo, ou partido, que terá incluído, desde logo, as suas duas sobrinhas sobreviventes, Soror Isabel de São José e Soror Brites Maria dos Serafins, mas também outras, como, talvez, Soror Inês de Santa Clara – que lhe sucedeu no abadessado e a quem sucedeu a sobrinha mais velha da autora –; e Soror Teresa das Chagas de Jesus, religiosa que também morreria com fama de santa, bem como as já referidas irmãs Soror Vicência Xavier de Santa Rosa e Soror Mariana Clara Francisca de Assis, filhas de José de Carvalho de Vasconcelos, o já referido miraculado.

¹¹³² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 23, § 23.

¹¹³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 23, § 23.

¹¹³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 23, § 23.

¹¹³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 26, § 24.

¹¹³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 23, § 23.

¹¹³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 26, § 24.

¹¹³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 26, § 25.

Soror Teresa das Chagas de Jesus foi eleita abadessa a 3 de Junho de 1732, uma eleição possivelmente apoiada por Frei Martinho de São José, então confessor do convento¹¹³⁹. De um total de quarenta e oito votos, quarenta e sete eram das religiosas e um do comissário delegado do ministro provincial, que presidiu. Para Soror Ana do Sacramento foi apenas um voto; para Soror Teresa das Chagas de Jesus foram quarenta e sete votos. Viria a falecer em 30 de Novembro de 1745, com setenta anos, depois de passar doze anos entrevada. Era seguramente a religiosa que constava de uma relação que foi usada, como já antes referimos, na redacção da memória paroquial da Sé de Portalegre, elaborada em 1757, a qual dá notícias das pessoas mais destacadas da respectiva paróquia. Depois de mencionar mais largamente “A veneravel Madre Izabel do Menino Iezus natural da villa de Marvão, Relligioza e Abbadeça que foy do convento de sancta clara desta cidade”¹¹⁴⁰, onde morrera “com opinião de grande santidade, como se ve da sua vida que anda impressa, com as mesmas palavras com que ella as escreveu”¹¹⁴¹, nomeia outras religiosas que também se tinham destacado com fama de santas, “com muyta especialidade, a Madre Thereza das Chagas”¹¹⁴², todas constando de dessa “rellação jurada pellas Relligiozas mas dignas daquelle convento”¹¹⁴³, documento que hoje não conhecemos. Já numa eleição anterior, a de Soror Maria de São Bento, a 15 de Maio de 1723, Soror Teresa das Chagas tinha sido votada com dezanove votos, sem, no entanto, atingir a maioria¹¹⁴⁴. Ao ficar entrevada a partir de 1733, perdeu a aptidão para o ofício, pelo que terá governado apenas formalmente, sendo substituída pela sua vigária.

Até 15 de Maio de 1723 Soror Isabel do Menino Jesus nunca foi votada para abadessa. Nessa data, teve apenas um voto¹¹⁴⁵. Ao serem os votos secretos, diante do prelado e controladas por três escrutinadores, desconhecemos quem a terá votado. Voltara a a ser votada anos depois, a 28 de Maio de 1729, novamente com

¹¹³⁹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, fs. 14v e 15.

¹¹⁴⁰ Cf. ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 9, memória 223. Vd. Ruy Ventura, “As Memórias Paroquiais de 1758...”, in *op. cit.*

¹¹⁴¹ Cf. ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 9, memória 223.

¹¹⁴² Cf. *Ibidem.*

¹¹⁴³ Cf. *Ibidem.*

¹¹⁴⁴ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, fs. 12 e 12v.

¹¹⁴⁵ Cf. *Ibidem.*, fs. 12-12v.

apenas um voto¹¹⁴⁶. A 4 de Junho de 1735, teve outro voto¹¹⁴⁷. E na eleição de 5 de Junho de 1741 voltou a ter apenas um voto¹¹⁴⁸. Ao todo, o seu nome foi timidamente votado apenas quatro vezes ao longo dos anos. Ao que parece, por largas décadas Soror Isabel não gozou da popularidade da maioria das religiosas, ou, noutra possibilidade, apesar de estas a considerarem virtuosa, ou mesmo santa, não a queriam a governar o convento. Isto talvez se devesse à desconfiança acerca da sua mística por parte de algumas religiosas, mas também à pouca saúde que lhe viam, pois Soror Isabel estava frequentemente doente.

A 6 de Junho de 1744, foi finalmente eleita, sucedendo a Soror Josefa Luísa da Anunciada (abadessa no triénio 1742-1744). A autora tinha já setenta e um anos de idade e viria a ser prelada por apenas um triénio (1744-1747). A eleição decorreu na presença do comissário delegado do ministro provincial, Frei Manuel de Nossa Senhora da Purificação, pregador jubilado e guardião do Convento de São Francisco de Portalegre, sendo ministro provincial Frei Domingos da Estrela, leitor jubilado, qualificador do Santo Ofício, examinador das três ordens militares e consultor da bula da cruzada. Os escrutadores, e testemunhas, foram Frei Francisco da Anunciada, pregador jubilado, ex-custódio da Província; e Frei Salvador de São José, pregador jubilado e confessor do convento. Frei José da Coroa, pregador jubilado, foi secretário “em nome de todas as religiosas, que nella uotarão”¹¹⁴⁹. Houve trinta e cinco votos, todos das religiosas. Soror Ana Maria de Jesus teve um voto; e a autora teve a maioria de trinta e quatro votos, pelo que foi eleita “abbadeça, e prellada deste conuento de Santa Clara de Portalegre a Reverenda Madre Soror jzabel do menino Jesus”¹¹⁵⁰.

A eleição parece ter-se devido ao seu crescente prestígio espiritual, não só por causa de certos fenómenos místicos que eram testemunhados pelas religiosas, como por se saber das numerosas visitas que recebia, tanto seculares, como religiosos, pessoas que procuravam a sua ajuda e os seus conselhos. Frei Martinho de São José regressara ao convento pouco antes, para a visitação de 22 de Setembro de 1742, na qualidade de comissário delegado do ministro

¹¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, f. 14.

¹¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, f. 15v.

¹¹⁴⁸ Cf. *Ibidem*, f. 16v.

¹¹⁴⁹ Cf. *Ibidem*, f. 17.

¹¹⁵⁰ Cf. *Ibidem*, f. 17.

provincial¹¹⁵¹. É possível que tivesse influenciado as religiosas quanto à eleição, que se aproximava.

Decisiva terá sido a visita de Juana Sánchez, referida por Frei Martinho no seu “Prologo...”, um acontecimento impactante para toda a comunidade, por ter decorrido na presença de um grande número de religiosas¹¹⁵². Também seria já do conhecimento que a autora mantinha correspondência espiritual com algumas pessoas. Fora do convento também cresceria a sua fama de santa. A eleição vinha confirmar, depois de tantos anos sem ser votada mais que quatro vezes, que se tratava de uma religiosa que já recebia a aprovação e o respeito da maioria das religiosas, bem como, por certo, dos religiosos que ali tinham ofícios. De facto, Frei Jerónimo de Belém, no seu parecer à *Vida da Serva de Deos...*, testemunhou que “Todo o seu viver foi uma continuada cruz de trabalhos, penitencias, e mortificações, não sendo de menos ponderação a da Prelazia”¹¹⁵³, a qual “a promovêraõ suas virtudes, e o imperio da obediência”¹¹⁵⁴, isto é, Soror Isabel aceitara a eleição para obedecer a ordem superior, do comisário delegado do ministro provincial, presente no acto, certamente consciente de que a reforma que a autora advogava devia iniciar-se, ou continuar, em suas mãos.

A Regra de Santa Clara dita urbanista, seguida no convento, mandava que a abadessa “resplandeça por virtudes, & e que prezida, mais por Santos costumes, que não pelo officio: E guarde a sua Cõmunidade com honesta vida; pera que provocadas as Irmans com seu exemplo, lhe obedeção mais por amor, que por temor”¹¹⁵⁵. E ordenava ainda que não tivesse súbditas predilectas, que socorresse as afligidas e atribuladas, “pera que faltando nela[s] os remedios saudaveis, não cayão as fracas no laço da desesperação”¹¹⁵⁶. Devia visitar e castigar as suas irmãs com humildade e caridade, “não lhes mandando cousa alguma, que seja contra sua

¹¹⁵¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, f. 16v.

¹¹⁵² Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [10v], § IX.

¹¹⁵³ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [7v].

¹¹⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [7v].

¹¹⁵⁵ Cf. “Segue-se a Regra Segunda de Santa Clara, dada pelo Papa Vrbano Quarto”, in *Constitviçoens Geraes...*, *op. cit.*, cap. XXII, p. 51.

¹¹⁵⁶ Cf. *Ibidem*, p. 51.

alma, & vossa Regra”¹¹⁵⁷. A abadessa era a guardiã do convento, velando o cumprimento da Regra, das constuições gerais e de todos os bons costumes:

“Admoestamos a todas as Irmans em Nosso Senhor Jesu Christo, que se guardem de toda a soberba, vangloria, enveja, avareza, & de todo o cuidado, & desvelo deste mundo; & de toda a detracção, mormuraçãõ, discordia, & devisaõ; & de todo o vicio, pelo qual possaõ desagradar aos olhos de seu Esposo; mas sejaõ muy cuidadasas diante de Deos de guardar pureza interior, & exterior em todas as cousas; & de ter entre sy concordia, & uniaõ de amor, o qual he o vinculo da perfeiçãõ; pera que fundadas, & afirmadas assim em caridade, possaõ entrar com as Virgês prudentes às bodas do Cordeiro sem macula, nosso Senhor Jesu Christo”¹¹⁵⁸.

O abadessado de Soror Isabel do Menino Jesus não lhe foi fácil. Segundo o mesmo Frei Jerónimo, “com tudo isto não faltaria com quem lhe pusesse taxa no seu obrar, para lhe estender o merecimento; mas por isso mesmo sahio mais purificada do chrysol da censura”¹¹⁵⁹; e segundo a própria Soror Isabel escreve na “Carta à Abadessa e Religiosas”, padecera tanto como abadessa que teriam muito alívio as almas do Purgatório: “foram tam atrozes as penas intiriores que pasou minha alma que bem podia eu dizer nam hera eu quem ueuia pois morta andaua uiua”¹¹⁶⁰. Diz também que o abadessado “foy para min Crus de tanto pezo que se o peito se me abrira e todos os hosos do corpo se descomyuntasem nam dariam lugar a comparasão das penas que penetrauam o jntimo do Corasam”¹¹⁶¹. Também Frei Martinho de São José refere vagamente que Soror Isabel tivera bastantes ocasiões em que sofrera pela acção de certas pessoas “que lhe faziaõ, pela disposiçaõ Divina, suas contrarias, o que levava com muita paciencia; e parece não sabïa sentir os agravos, antes os estimava, como se foraõ beneficios”¹¹⁶².

Nos conventos femininos, subsistiam os problemas, já antigos, aos quais Soror Isabel na sua escrita, em especial na “Carta à Abadessa e Religiosas”, faz

¹¹⁵⁷ Cf. *Ibidem*, p. 51.

¹¹⁵⁸ Cf. *Ibidem*, p. 53.

¹¹⁵⁹ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [7v].

¹¹⁶⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 47, § 51.

¹¹⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 47, § 51.

¹¹⁶² Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [10v], § IX.

referência, mais ou menos velada. Um deles ficou atrás mencionado: o da cor dos hábitos, que as religiosas usam em preto, quando deviam usar da cor da cinza. Com efeito, na “Carta à Abadessa e Religiosas”, a autora relata uma nova visão de Santa Clara de Assis, acompanhada por outras duas franciscanas, Santa Rosa de Viterbo e Santa Catarina de Bolonha (1413-1463). Ouvia então repetir-se um versículo do saltério “que dis asim exultate deo Adeutory nostro”¹¹⁶³. Trata-se do versículo “Exsultate Deo, adjutori nostro: jubilate Deo Jacob”¹¹⁶⁴. Santa Clara não falara, mas Soror Isabel entendera que se faria a reforma no convento.

A propósito da fundadora da sua Ordem, fora-lhe também revelado em oração que se tocara no Inferno uma trombeta, que juntara os demónios, os quais diziam estar perdidos porque se iniciara a reforma no convento “daquela mendiga”¹¹⁶⁵, sendo este o apodo que davam a Santa Clara, “porque lhes nam cabe na sua boca o seu nome que lhes amarga muito”¹¹⁶⁶; e que comentavam entre si que a reforma implicava oração e a devoção da Via Sacra, de modo que já não podiam vingar-se do Crucificado. Diziam: “maldito seia o noso jntento e o noso empenho que tendo postos As meninas dos nosos olhos naquele comuento”¹¹⁶⁷ e viam-se forçados a desistir. O Senhor dera isto a conhecer a Soror Isabel para que àquelas religiosas do convento de Portalegre “entre o amor de Deus em seus corasois e sera fasil rmedearse os erros em que tiuerem incorrido”¹¹⁶⁸. Para a observância da Regra de Santa Clara era preciso fazer oração, sem a qual “nam há Amor de Deus e sem amor de Deus nam se guarda A Regra”¹¹⁶⁹. Assegura a autora que, se a observassem, as religiosas, à hora de terça, teriam do Espírito Santo “particulares Dons de grasa jlustrandoas e lansandolhes sua santa benssam”¹¹⁷⁰. Às que se adiantavam mais na oração lhes daria o Senhor o dom de

¹¹⁶³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 59, § 67.

¹¹⁶⁴ Cf. Sl 80, 1. Ou seja, “Exultai em Deus, nosso protector, aclamai o Deus de Jacob”.

¹¹⁶⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 59, § 67.

¹¹⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60, § 67.

¹¹⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60, § 68.

¹¹⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60, § 68.

¹¹⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60, § 68.

¹¹⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60, § 68.

saber os segredos mais ocultos que houvesse no convento, como a ela própria sucedera: “asim me rreuelou o Senhor”¹¹⁷¹.

Terá sido assim que Soror Isabel do Menino Jesus governou o convento: falando às religiosas das suas visões, da sua vida ascética e mística; ou exortando-as ao cumprimento da Regra de Santa Clara e à oração, sobretudo a oração mental; e à devoção da Via Sacra, segundo lhe fora revelado¹¹⁷². Isto é, exercendo legitimamente o seu magistério diante de todas as religiosas, como súbditas suas, o que não terá soado bem a todos os espíritos. Apesar de não ter sido alcançada a observância regular e constitucional, nem, por conseguinte, a perfeição espiritual, a reforma terá estado muito presente durante o seu abadessado e nos abadessados seguintes, assumido por preladas que seriam suas discípulas, as quais terão congregado outras na mesma causa. Frei Martinho de São José atribui a Soror Isabel a disciplina que havia no convento em anos posteriores à sua morte, pelo menos em relação à oração mental, a qual deixara estabelecida de tal forma “que em muitas horas do dia, e da noite se achão no Côro Religiosas orando; e ainda as moças do mesmo Convento não faltão a este santo exercicio”¹¹⁷³. Portanto, a situação, depois da morte da autora, pelo menos em relação à oração, era distinta daquela que existia quando entrou no convento, cinco décadas antes.

Durante o abadessado da autora, foi sua vigária a sobrinha Soror Isabel de São José, que muito terá colaborado na reforma, podendo assumir as obrigações próprias do ofício de abadessa sempre que a autora não pudesse, em razão da sua frágil saúde¹¹⁷⁴. Findo o triénio, a autora não podia ser eleita antes de passados seis anos sobre do término do seu abadessado, como estava legislado¹¹⁷⁵. Foi, pois, eleita a já referida Soror Inês de Santa Clara, a 6 de Junho de 1747, irmã de Soror Ana Maria da Graça, que já fora abadessa, religiosa que possivelmente

¹¹⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 60, § 68.

¹¹⁷² Sobre a devoção à Via Sacra na espiritualidade pós-tridentina em Portugal, vd. João Francisco Marques, “A Renovação das Práticas Devocionais”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 577 e sgs.

¹¹⁷³ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [6], § VI.

¹¹⁷⁴ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 32.

¹¹⁷⁵ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Decretos, cx. 1, liv. 1, f. 77v.

também era do partido da autora¹¹⁷⁶. Soror Inês de Santa Clara terá sido capaz de manter a reforma no seu triénio do seu abadessado (1747-1750).

Seguindo escreve na “Carta à Abadesa e Religiosas”, o Senhor anunciara-lhe que no convento haveria sempre “uerdadeiras espozas suas”¹¹⁷⁷. Por isso, exortava as suas destinárias a que perdessem todas de vista o amor humano, elegendo o amor divino, pois “seu diuino spozo tem o primeiro lugar”¹¹⁷⁸; a que ressuscitassem no convento a virtude da castidade, que “estaua como adormecida”¹¹⁷⁹, já que algumas religiosas, ainda que guardando-a, tinham pecado pelas palavras, as quais “soaVam tam mal como a uiola destemperada”¹¹⁸⁰. Adverte-as a que ponham fim a esse descuido, porque no coração não podia haver dois objectos e onde havia entendimento não havia vontade desordenada; que nisso fizessem um exame de consciência. Esta admoestação de Soror Isabel justificar-se-ia pela existência, bem conhecida por todas, de casos escandalosos, que adiante exemplificaremos.

Sobre a castidade, virtude fundamental da vida cristã, que na profissão religiosa era particularmente vinculativa, através da emissão pública do voto, Frei Martinho assevera que, para além de outras virtudes, Soror Isabel “desde menina,

¹¹⁷⁶ Natural de Seda, na região de Portalegre, Soror Inês Margarida de Santa Clara, como também era chamada, fora baptizada a 6 de Janeiro de 1689. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Espinheiro de Seda (1682-1725), cx. 35, f. 33. Era filha de João Freire de Abreu Fragoso, natural do Crato, e mulher, Isabel Barreta de Campos, natural de Seda. Ingressara como educanda a 31 de Março de 1701 no Convento de Santa Clara de Portalegre e fora votada para entrar no noviciado a 5 de Fevereiro de 1704. Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, f. 26. Fora votada para professar a 10 de Janeiro de 1705. Cf. *Ibidem*, f. 27. Era, portanto, mais nova que Soror Isabel do Menino Jesus, mas professara pouco antes da entrada da autora no noviciado. Era irmã mais velha de Soror Ana Maria da Graça, que já fora abadesa do convento, no triénio 1738-1740. Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, f. 16. Esta religiosa também nascera em Seda, onde fora baptizada a 3 de Maio de 1686. Cf. ADP, Livro de Baptismos da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Espinheiro de Seda (1682-1725), cx. 35, f. 21. Sendo irmã de Soror Inês de Santa Clara, seria também partidária da reforma de Soror Isabel do Menino Jesus. Também tinha entrado no convento pouco antes da autora, igualmente como educanda, a 26 de Junho de 1701, e fora votada para entrar no noviciado a 15 de Setembro de 1703; e para professar a 15 de Setembro de 1704. Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, f. 24.

¹¹⁷⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadesa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 61, § 68.

¹¹⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 61, § 68.

¹¹⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 61, § 68.

¹¹⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 61, § 68.

em Deos Menino se conservou pura”¹¹⁸¹. Cita o assento de óbito da autora, que refere que “Conservou a virtude da santa Pureza em gráo taõ perfeito, que publicaçõ os seus Confessores, que nem por pensamento a quebrantára, e nem tivera o menor arrependimento da clausura, que professou.”¹¹⁸² Este termo, segundo o religioso, tinha particular força por ter sido feito por um dos seus confessores. De facto, este texto foi assinado por Frei António dos Anjos, pregador jubilado, e contém aquela frase¹¹⁸³. Frei Martinho acrescenta que “sentia muito todas as ofensas, que se faziaõ a Deos; porêm particularmente na da sensualidade, por serem mais que todas”¹¹⁸⁴.

Naquele convento, como em muitos da época, a castidade, à qual as religiosas estavam obrigadas, não só pelo Baptismo, mas também pelo voto que tinham professado publicamente, não seria respeitada, fosse por palavras, fosse por comportamentos, o que, em todo o caso, causaria escândalo. A religiosa que, como Soror Isabel, cumpria as obrigações do seu estado, estava, muitas vezes, só na sua atitude, enquanto a maioria fazia o contrário. Frei Martinho conta, por exemplo, que, em certa ocasião, estava Soror Isabel com outras religiosas e vira passar certa religiosa, a quem sorrira, “com a sua costumada modestia, e graça, para todas”¹¹⁸⁵, comentara acerca dela: “Como vay ufana, como vay bizarra, ora deixá-la ir, que não ha de tornar lá”¹¹⁸⁶. E assim fora, porque a religiosa “taõ feliz guerra armou com quem estava na grade, que elle foi desconfiado para o mundo, e ella voltou desenganada para Deus”¹¹⁸⁷. Tratava-se, pois, de um amante, ou candidato a sê-lo.

As relações ilícitas eram uma realidade naqueles anos neste convento, como noutros da época. Não se tratava, na maioria dos casos, de relações estabelecidas apenas no plano emocional ou alimentadas por discursos erotizados, mas também no plano físico. Muitos casos implicavam religiosos que

¹¹⁸¹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., pp. [3v] e [4], § IV.

¹¹⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. [4], § IV.

¹¹⁸³ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 40v.

¹¹⁸⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [4], § IV.

¹¹⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

¹¹⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

¹¹⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [8v], § VII.

frequentavam os conventos femininos e até os confessores das religiosas, em pleno confessional¹¹⁸⁸. Mas não só neste lugar sagrado se pecaria. Também pelos locutórios, ou noutros lugares do convento, as religiosas transgrediam gravemente com os visitantes. Veja-se, por exemplo, o caso do fidalgo Luís da Costa Fragoso de Sequeira, superintendente da coudelaria da comarca de Elvas, cavaleiro da Ordem de Cristo, etc., que era viúvo e tomara por amante uma moça de baixa condição, chamada Ventura Luísa de Almeida, filha de Manuel Fernandes Foreiro, criado de Francisco da Costa Fragoso, seu tio. Segundo o genealogista Manuel da Costa Fragoso de Brito, fez a amante ingressar no Convento de Santa Clara de Portalegre, onde devia professar, mas depois acabou por ir buscá-la de noite, levando-a de volta a Alter do Chão, onde depois casaram discretamente numa das igrejas do campo, a 5 de Março de 1721, correndo o boato de que já tinham um filho, nascido ilegítimo porque antes do casamento¹¹⁸⁹. Esta data estará errada, pelo menos quanto ao ano, porque, ao consultarmos o *Livro dos Votos*, vimos que, na verdade, a filha de Manuel Fernandes Foreiro e de sua mulher, Catarina Martins – indica-se ali também o nome da mãe –, natural de

¹¹⁸⁸ Veja-se o caso de Soror Feliciano Rosa de Santa Maria (viva no séc. XVIII), religiosa do Convento da Esperança de Lisboa, que denunciou por escrito onze dos seus confessores – apenas dos que se lembrava –, com os quais tivera relações ilícitas nos últimos anos. Do primeiro deles, dizia ter sido obrigada “não so trato jliçito de palauras mas de gestos e toques poçiueis segundo a situação do comfiçionario”, com outros actos imagináveis, à excepção de cópula, “e isto por tempo dilatado e por muitas uezes que o Numero me não lembra”; com outros tivera apenas “palauras amatorias e emdisentes”; e com outros “asoens dezonestas”. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 17651, f. 1. Os confessores eram todos religiosos da Ordem de São Francisco, então moradores no convento de Xabregas. Por aqui se vê que o confessional não era um lugar menos propício ao pecado que os locutórios. Estes comportamentos dos confessores correspondiam ao delito de solicitação. Cf. “Regimento de Dom Francisco de Castro (1640)”, liv. III, tit. XVIII, in José Eduardo Franco, Paulo de Assunção, *As Metamorfoses de Um Polvo. Religião e Política nos Regimentos da Inquisição Portuguesa (Séc. XVI-XIX). Estudo Introdutório e Edição Integral dos Regimentos da Inquisição*, Lisboa, Editora Prefácio, 2004, pp. 366-368. A solicitação era frequente na época. Vd. Jaime Ricardo Teixeira Gouveia, *O Sagrado e o Profano em Choque no Confessional. O Delito de Solicitação no Tribunal da Inquisição. Portugal 1551-1700*, Palimage – Imagem Palavra, oimbra, 2011; Ricardo Varela Raimundo, “Sentir mal do Sacramento da Penitência: o Processo de Frei Salvador da Ressurreição”, in *Nova Augusta*, n.º 17, Torres Novas, 2005, pp. 11-34; Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, Paulo Drumond Braga, “Um Solicitante na Inquisição de Coimbra no século XVII: o Padre António Dias”, in *Vértice*, 2.ª série, n.º 66, Lisboa, 1995, pp. 97-100; Lana Lage da Gama Lima, “Guardiães da Penitência: o Santo Ofício Português e a Punição dos Solicitantes”, in Anita Novinsky, Maria Luíza Tucci Carneiro (org.), *Inquisição. Ensaios sobre Mentalidade, Heresias e Arte*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992, pp. 739-749.

¹¹⁸⁹ Cf. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre*, op. cit., p. 350.

Alter do Chão, entrou no noviciado com o nome de Soror Ventura Josefa do Santíssimo Sacramento, a 25 de Maio de 1735¹¹⁹⁰. Deduzimos que estes acontecimentos tenham decorrido uns anos mais tarde; e que, quando a fuga se deu, pela noite, a noviça estava já grávida, podendo a concepção desse filho natural ter ocorrido antes ou durante o noviciado. De um modo ou de outro, um parto no convento seria difícil de ocultar e precipitaria um enorme escândalo. Fosse como fosse, foi certamente com espanto que as religiosas deram pela falta da noviça, pela manhã. Soror Isabel do Menino Jesus de tudo isto terá sabido. Conheceu bem os pais do fidalgo, que eram de Marvão, os já mencionados Manuel Juzarte da Costa e Vasconcelos e sua mulher, D. Leonor Metela de Monroy, sendo ele, como temos referido, compadre da sua irmã Catarina Sanches, porque padrinho de Soror Brites Maria dos Serafins. Se tivesse sobrevivido ao desgosto causado pela fuga do mosteiro das bernardas da sua filha D. Violante – a madrinha de Soror Brites –, para se casar sem a sua autorização, como anteriormente mencionámos, aquele fidalgo, que deixara crescer as barbas e depressa morrera, viria a desgostar-se também com o comportamento deste seu filho, tão ou mais inconveniente que o da filha.

Os homens, clérigos, religiosos ou seculares, que frequentavam os conventos femininos com intenção pecaminosa eram conhecidos como freiráticos. Rafael Bluteau define o freirático como “O que tem demasiado trato com freiras”¹¹⁹¹, acrescentando discretamente em latim: “Virginum Deo addictarum amator, ou amasius”¹¹⁹² e “Mulierum, Deo sacrarum studiosus”¹¹⁹³. No caso do Convento de Santa Clara de Portalegre, esta seria uma realidade quotidiana, que está presente nas actas de visitação, que atrás citámos. Por todo o reino havia freiráticos, chegando-se a procurar o poder régio para incrementar a sua erradicação e a reforma dos conventos¹¹⁹⁴. Soror Isabel do Menino Jesus denuncia

¹¹⁹⁰ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 106v.

¹¹⁹¹ Cf. Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, op. cit., vol. IV, p. 206.

¹¹⁹² Cf. *Idem, ibidem*, vol. 4, p. 206. Ou seja, “Amante das virgens dedicadas a Deus”.

¹¹⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, vol. 4, p. 207. Ou seja, “Zeloso das mulheres consagradas a Deus”.

¹¹⁹⁴ Curiosamente, D. João V, o monarca que acedera, como vimos, a intervir, era também freirático. Com efeito, teve três filhos bastardos que ficaram conhecidos para a posteridade com *os meninos de Palhavã*, ao que parece nascidos de religiosas, uma delas Soror D. Paula Teresa da Silva, religiosa do Convento de São Dinis de Odivelas, uma das suas mais escandalosas amantes. Vd. Alberto Pimentel, *As Amantes de Dom João V. Estudos Historicos*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892, pp. 131-169.

esta grave situação na sua escrita. O prestígio dos franciscanos degradava-se aceleradamente, afastando-se do espírito de São Francisco, em especial quanto à castidade, ele que fora tão penitente, tão rigoroso no domínio das paixões, tão severo na mortificação dos sentidos, etc.; e, particularmente, tão exigente acerca do seu contacto pessoal e dos seus religiosos com mulheres¹¹⁹⁵.

Quanto àquela religiosa que passara por Soror Isabel naquele dia, acabara realmente por desentender-se com o homem com quem ia encontrar-se, e de nada lhe valera a vaidade que tivera a ataviar-se para o efeito, o que fora profetizado pela autora, ao vê-la passar. Na “Carta à Abadessa e Religiosas”, relata também várias visões de almas de religiosas do convento que estavam no Purgatório, como atrás citámos. Conta igualmente alguns casos de religiosas que então viviam, que já mencionámos, noutro lugar, a propósito do dom da penetração das consciências. Numa locução, em oração, o Senhor dissera-lhe:

“filha saberas que A Madre N infaliuelmente morrendo Vay para o inferno porque o meresem suas culpas e eu nam Poso faltar a minha justisa eu nam queria comdenala porque dise muitas uezes o uerso de gloria Patri ett agora se tu queres fazer penitensia pelas culpas desta Religioza com que satisfasas a minha justisa e se nam he prezizo comdenarse e se tu fizeres o que digo eu comcurrirey com a minha mezericordia e laSseira dispondo a pedirme perdam e eu lhe perdoarei e uenha A morrer em grasa”¹¹⁹⁶.

Respondera-lhe: “Eu nam ualho nada pelo que sou mas por saluar huma alma Darei a minha uida se for nesecaria”¹¹⁹⁷. Estava então já muito acostumada a fazer penitência e conseguia até dissimular o quanto lhe custava, assumindo as culpas daquela alma como suas, até ver a religiosa morrer com “com todos sinais de saluasam”¹¹⁹⁸. Noutra noite, em oração, tivera a visão de uns homens vestidos à profana, conversando com uma religiosa, após a qual a agarraram para a levar do convento. Soror Isabel acudira, à pressa, dizendo-lhes “iso nam nam comsinto que

¹¹⁹⁵ Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. V, § 4, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, pp. 631-633.

¹¹⁹⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 55, § 63.

¹¹⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 63.

¹¹⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 63.

a leuem que estou eu aqui”¹¹⁹⁹, fazendo-lhes frente, pelo que a tinham largado. Entendera tratar-se de demónios que queriam arrastá-la para o Inferno “e quem a podia Defender hera eu se fizese penitensia por suas culpas”¹²⁰⁰. Se não o fizesse, voltariam por segunda vez, sem remédio, porque a dita religiosa não se emendara por bastantes anos, passando a sua vida esquecida do julgamento divino. Soror Isabel continuara a pedir ao Senhor por ela, mas não conseguira que as suas preces fossem suficientes, porque aquela alma, segundo lhe dissera o Senhor, com três décadas de clausura, ainda tinha “o corasam tam fechado ao amor de Deus”¹²⁰¹, e, no geral, só pensava em homens e em divertimentos. Finalmente, o Senhor ouvira-lhe as preces e dissera:

“hora filha eu te prometo que tu metas a freira no Ceo que por huma porta ou outra ade entrar eu farei brexa em seu corasam e mouerei sua uontade para que ela fasa penitensia da sua parte para mereser alguma coyza mas ficaras tu Ssempre com mayor parte de suas culpas que esta alma por si so não Pode uenser seus jnimigos que lhes faltam forsas spirituais”¹²⁰².

Continuara a oração com mais esperança na conversão da religiosa e tivera uma locução: “filha sabes tu que ya a freira por quem tu fazes penitensia tem o meu Amor no Corasam ha de entrar no Ceo pela porta da mezericordia”¹²⁰³. Vira depois a mudança da religiosa e constara-lhe que fizera confissões gerais e penitências, algumas em público. Concluira que tudo “foy obra da mam de Deus”¹²⁰⁴.

“Agora adeuirtam algumas Religiozas que pasam a uida tam discoydadas como esta”¹²⁰⁵, escreve. E prossegue dizendo que, se houve misericórdia de Deus para uma, haverá para outras. Em certa ocasião, o Senhor dissera-lhe mesmo que queria dar-lhe um rol das religiosas que iam salvar-se e as que iam condenar-se¹²⁰⁶. Respondera logo que “isso Nam Senhor eu nam quero ese Rol he posiuel

¹¹⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 55, § 64.

¹²⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 56, § 64.

¹²⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 56, § 64.

¹²⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 56, § 64.

¹²⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 57, § 64.

¹²⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 57, § 64.

¹²⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 57.

¹²⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 57, § 66.

que uos aueis de comdenar as freiras deste Comuento eu nam heide comsentir niso Aqui me tendes a min”¹²⁰⁷, oferecendo-se para suprir as suas faltas com as suas próprias penitências. Mas “nam defirio o Senhor a esta minha petisam de que fiquei bastantemente descomsolada”¹²⁰⁸. No entanto, prosseguira as orações e as penitências. Passados alguns dias, perguntara-lhe o Senhor: “como estamos nos de Rol rrespondeme se As freiras deste Comuento fizerem penitensia eu rregarei o Rol e todas se saluaram e as que nam fizerem penitensia ficaram no Rol das Reprouadas”¹²⁰⁹.

Acerca disto, adverte a autora as destinatárias da “Carta à Abadessa e Religiosas”: “ueyam agora As Religiozas que se axarem com a sua comsiensia agrauada que detriminem A fazer penitensia e se tem que alegar dando o juis por suspeito Por que eu sem suspeita poso Afirmar que o Senhor me deu a emtender estando na sua prezensa que algumas Religiozas estalão Ja sentemseadas para irem para o inferno”¹²¹⁰. O Senhor não queria deter a sua justiça, mas Soror Isabel, respondera-lhe: “Senhor nam hei de comsentir Sse cumpra O uoso decreto das maos’ da uosa justisa as hei de tirar”¹²¹¹. Metera então a sua alma “por dentro da Justisa deuina”¹²¹² e fechara as ditas almas dentro de si própria, de tal modo que, nesta situação, para onde fosse, as almas iriam também. O Senhor olhara para a sua caridade e dissera-lhe: “filha fizeste bem em tirar estas almas das maos’ da minha justisa Pois agora para se lograrem estas mizi\ri/cordias ham de preceder Da parte das almas e penitensia para se nam exporem a ser uensidas de seus jnimigos”¹²¹³.

Numa segunda noite, pelas mesmas horas, tinham vindo os dois arcanjos São Miguel e São Gabriel de novo, dizendo-lhe que havia no Inferno uma torre tão alta como o céu e dentro dela uma escada, por onde se descia a uma cova ainda mais funda que a primeira que vira, e com os degraus feitos de afiados cutelos, havendo entre os degraus milhares de demónios, que “com toda A forsa e ueolensia faziam deser as almas para baxo ya que nam quizeram subir para o Ceo

¹²⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 57, § 66.

¹²⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 57, § 66.

¹²⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 57, § 66.

¹²¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 58, § 66.

¹²¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 58, § 66.

¹²¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 58, § 66.

¹²¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 58, § 66.

pela escada de Jacob que hera A santa Orasam¹²¹⁴. A visão da torre refere-se à escada espiritual, ou mística, ou escada de Jacob. A oração a que se refere é evidentemente a mental, à qual certamente muitas das religiosas do convento resistiam, havia décadas. Esta era a razão pela qual a justiça de Deus as destinava a uma “escada tam funda”¹²¹⁵, inversa àquela outra, que era ascendente. Adverte as destinatárias da “Carta à Abadessa e Religiosas”:

“ueyam agora se he isto digno de ponderasam e as Religiozas que por rrezam de seu estado tem obrigasam de uiuer uida de spirito morrendo a tudo o que he mundo ya que uiuem amortalhadas comprindo A suas obrigasois que profesam e se nam por forsa ham de profesar ser Escrauas do demonio e fazendo o que deuem eu lhe prometo o que se me deu A emtender estando em Orasam”¹²¹⁶.

Referia-se à intercessão de São Francisco e de Santa Clara junto de Nossa Senhora, para que esta rogasse, por sua vez, e com maior poder intercessor, “a seu santissimo filho pelas Religiozas deste comuento”¹²¹⁷. Poucos anos havia que o Senhor lhe dissera que a Santa viera ao convento, “falando nos corassois as freiras que acudissem pela rreforma”¹²¹⁸, e um dos efeitos desta visita era a paz que agora havia na comunidade. Outro efeito era o facto de algumas religiosas estarem esclarecidas “e as que nam estam coydem em disporse”¹²¹⁹. Admoesta-as então a fazer bons exames de consciência e boas confissões. Para isto, faz aqui o seu próprio exame e fala-lhes das suas próprias confissões. Conta-lhes que, durante a sua vida, que fora tão fatigante, não tivera tempo de fazer “eyzame de comsiensia”¹²²⁰, isto depois que a sua alma estava já unida por amor a Deus – ou seja, atingira a *unio mystica* –, “estado em que alma inda se axa com inprefeisois e como nam tinha tempo para eyziminar ou para melhor dizer assim que me punha na prezensa de Deus perdia a memoria e o intendmento ficaua so a vontade”¹²²¹. Então fora o próprio Senhor a fazer o seu exame de consciência, dizendo-lhe as

¹²¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59, § 67.

¹²¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59, § 67.

¹²¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59, § 67.

¹²¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59, § 67.

¹²¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59, § 67.

¹²¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 59, § 67.

¹²²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 61, § 69.

¹²²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 61, § 69.

faltas em que caíra e como devia confessar-se: “Posta aos pes do Confesor dize assim Padre acuzome da groseiraria das palauras do descomserto dos pensamentos e dos desmeresimentos das obras isto hera o mesmo em que eu tinha emcorrido”¹²²². Em caso de reincidência, o Senhor dizia: “Vai dizia posta Aos pes do confesor acuzate de todas as palauras sem spirito de todos os pensamentos sem proueito de todas As obras que nam tiueram por fin o seruiso de Deus”¹²²³. A autora prossegue então com um “Eizame mais apertado”¹²²⁴ e acusa-se dos seus pecados: distraíra-se no coro, durante o ofício divino, contemplando uma alcatifa, não o tendo dito em confissão, “por me parecer nam tinha sido culpa”¹²²⁵; e ter repreendido asperamente alguém que a servira à mesa, porque já lhe dissera, por repetidas vezes, que tivesse cuidado em não entornar uma galheta de azeite¹²²⁶.

Por fim, recorda à abadessa e religiosas do convento que é do amor divino que nascem as virtudes, as quais compara a morgadios, que passam de uns morgados a outros. Para que “a Reforma ua adiante”¹²²⁷, dera-lhe o Senhor a saber que a prelada do convento tem que ser pessoa “que trate de Orasam e uertudes”¹²²⁸, pois a abadessa é como o sangue que corre num corpo, repartindo-se pelas veias. Todas as orações e obras virtuosas que fizer comunica-las-á às suas súbditas. Escreve que a abadessa é “como Agnus dey do Comuento que tira os pecados”¹²²⁹ às religiosas com as suas próprias orações e obras meritórias. Refere-se obviamente a todas as preladas futuras, das quais espera que a imitem e que prosseguissam a reforma. Possivelmente, dirige-se, em especial, à abadessa de então. Como supomos que escreveu a “Carta à Abadessa e Religiosas” nos últimos anos de vida, durante o abadessado de Soror Isabel de São José, sua sobrinha, seria a esta a prelada a quem deseja deixar a advertência, a qual aponta, deste modo, como sua morgada, ou seja, como herdeira dos bens espirituais que entesourara e, juntando-os, vinculara ao convento num morgadio espiritual, que devia ser passado de prelada a prelada pelos anos afora.

¹²²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 61, § 69.

¹²²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 61, § 69.

¹²²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 62.

¹²²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 62, § 69.

¹²²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 62, § 70.

¹²²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 64, § 72.

¹²²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 64, § 72.

¹²²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 64, § 72.

7. Última doença e morte

De novo doente, Soror Isabel do Menino Jesus ficou acamada por quase seis meses antes de morrer¹²³⁰. Portanto, dado que morreu a 5 de Outubro de 1752, recolheu ao leito em Maio deste ano. Tinha setenta e nove anos de idade e era novamente mestra da Ordem, ofício com que morreu¹²³¹. No convento, apesar de se conhecer bem a fragilidade da sua saúde e de se saber das várias doenças por que tinha passado, supunha-se a sobrenaturalidade desta última.

Frei Martinho de São José conta que “mais parecia doença do amor de Deos, do que enfermidade natural”¹²³². Isto devia-se a opinião médica, pois fora tratada por dois médicos, os quais não se entenderam quanto aos pareceres contrários que tinham sobre a doença, e nas suas mãos Soror Isabel padecera ainda mais. As opiniões médicas contrárias eram frequentes na época, mas no caso da autora a divergência assentava no facto de muitas vezes os próprios médicos “a achavaõ extatica; e dizia hum delles que a doença era sobre-natural, e não competia á sua Arte”¹²³³, ao passo que o outro tentava diversas curas, aplicando-lhe todos os tratamentos que conhecia, desde sangrias a “remedios fortes, e os mais violentos”¹²³⁴. A doente em tudo lhe obedecera, muito paciente, com o seu claro entendimento; e assim dissimulava prudentemente as suas dores, dizendo “que os flatos do coração lhe tinhaõ privado os sentidos”¹²³⁵. Frei Martinho chama mesmo a esta situação uma “similhança de propriamente de martyrio”¹²³⁶, do qual se servira Deus para reconciliar os dois médicos, que tinham começado o tratamento inimigos e acabado em paz, em estreita amizade.

¹²³⁰ Cf. Martinho de São José. “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [11v], § X.

¹²³¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, fs. 40-40v.

¹²³² Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [11v], § X.

¹²³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [11v], § X.

¹²³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [11v], § X.

¹²³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [11v], § X.

¹²³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [11v], § X.

Soror Isabel não melhorara totalmente, ficando entrevada, “servindo-lhe a cama de purgatorio”¹²³⁷.

Mais paciente que nunca, quanto mais se aproximava a morte, mais tolerância e maior sofrimento mostrara. Nos últimos dezoito dias, porém, não se lhe ouvira um só suspiro. Estava numa “inflamação interior, que lhe causava ardentíssima febre, e ao mesmo tempo, que se estava abraçando, não se via nella, senão huma serenidade, como de saúde”¹²³⁸. Os médicos, prevendo que morreria em breve, tinham mandado que lhe fosse dado o Santíssimo Viático. Soror Isabel alegrara-se muito, “recebendo-o com tanta ternura, e devoção, que as lagrimas dos seus olhos fizeraõ arrazar em muitas os de todas a Comunidade”¹²³⁹. Nesse momento, dirigira a palavra às religiosas, falando-lhes da humildade e da observância, confessando-se, ela própria, de faltar a estas virtudes. Durante todo esse dia, estivera mesmo “em altíssima contemplação, arrebatada dos sentidos”¹²⁴⁰, isto é, em longo êxtase; e, chegando a abadessa, que era então a sua sobrinha Soror Isabel de São José, para lhe pedir a bênção, que “como mãy lhe deitasse, o fez muy benignamente”¹²⁴¹, mas pedira-lhe primeiro a sua¹²⁴². Pedira também à prelada que não autorizasse que fossem à cela mais religiosas, “porque era o dia de muito amor de Deos, e que havia muito, que tratar com elle, e se não queria divertir com as creaturas”¹²⁴³. Sucedera, então, um novo êxtase, com tão grande ímpeto e tão veemente “que se levantava o meyo corpo no ár, e ficava suspenso algum tempo”¹²⁴⁴. As religiosas presentes ficavam sobressaltadas, porque nunca tinham visto um êxtase tão manifesto, para mais com levitação.

Seria novamente um êxtase de tipo implosivo, talvez com maior agitação do corpo, que também ficara rígido sobre a cama, ocorrendo-lhe então um

¹²³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [11v], § X.

¹²³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, pp. [12] e [12v], § XI.

¹²³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [12], § XI.

¹²⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [12], § XI.

¹²⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [12], § XI.

¹²⁴² Soror Isabel de São José, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, foi eleita abadessa a 6 de Junho de 1750, sucedendo a Soror Inês de Santa Clara (1747-1750). Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 13, liv. 13, f. 18v.

¹²⁴³ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [12v], § XI.

¹²⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [13], § XI.

levantamento parcial, da parte do tronco¹²⁴⁵. A levitação é descrita como um efeito da veemência do êxtase. Segundo Vladimír Šatura, distinguem-se, desde o século XIX, três tipos de levitação: aquela em que o extático se levanta ligeiramente acima solo (em posição de estar sentado, de pé ou de joelhos), facto testemunhado em muitos místicos; aquela em que há uma mudança do extático de local, por muito tempo, ocorrida esta acima do solo; e aquela que implica um voo físico, que ocorre por várias vezes, quando místico se desloca nos ares, muito acima do solo¹²⁴⁶. A levitação, segundo se entende, ocorre por razões sobrenaturais e, como explica Santa Teresa de Jesus, é produzida por uma força incomparável sob os próprios pés, que levanta o corpo acima do chão e não permite fazer algo para o impedir¹²⁴⁷.

O êxtase de Soror Isabel, segundo está descrito, seria correspondente à levitação do primeiro tipo, pois apenas a parte superior do seu corpo terá sido erguida acima da cama, como que em arco, já que os místicos, durante o êxtase, ficam geralmente em forma de crescente lunar, côncavos. Esta posição terá sido interpretada por alguns artistas do Barroco, como o famoso Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), no modo inverso ao que era descrito. Como bem se sabe, Bernini esculpiu magnificamente uma representação da transverberação de Santa Teresa de Jesus, que se venera hoje na Igreja de Santa Maria della Vittoria, em Roma. Neste grupo escultórico, a Santa surge em espasmo, com o rosto deleitado, algo agónico, de cabeça inclinada para trás e membros lassos, sugerindo-se ter o ventre subido sob as vestes. O escultor estaria influenciado pelo que a própria Santa deixara escrito em vários lugares da sua obra, ou apenas pela passagem mais conhecida, a do *Libro de la Vida*, embora aqui não desse qualquer informação acerca da posição que o seu corpo assumira no momento em que sentira o peito penetrado pelo dardo ardente, às mãos de um serafim que lhe aparecera¹²⁴⁸. As

¹²⁴⁵ Cf. Vladimír Šatura, “Éxtasis”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística*, op. cit., p. 374.

¹²⁴⁶ Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 374.

¹²⁴⁷ Cf. Santa Teresa de Jesus, *Libro de la Vida*, in *Obras Completas*, op. cit., cap. 20, § 6, pp. 109-110.

¹²⁴⁸ Escreve Santa Teresa de Jesus: “Quiso el Señor que viese aqui algunas veces esta visión: via un ángel cabe mi hacia el lado izquierdo en forma corporal, lo que no suelo ver sino por maravilla. Aunque muchas veces se me representan ángeles, es sin verlos, sino como la visión pasada que dije primero. Esta visión quiso el Señor le viese ansí: no era grande, sino pequeño, hermoso mucho, el rostro tan encendido que parecia de los ángeles muy subidos que parecen todos se abrasan (deve ser los que llaman cherubines, que los nombres no me lo dicen; mas bien veo que en cielo hay tanta diferencia de unos ángeles a otros, y de otros a otros, que

palavras da Santa terão sido abusivamente interpretadas por Bernini e, depois dele, por inúmeros artistas e autores, fazendo-se leituras errôneas do fenómeno místico do êxtase. Acerca destas leituras, Monica Balltronde Pla aponta a existência de um “esteriotipo interpretativo de género”¹²⁴⁹, pelo qual agora os autores contemporâneos são levados ao erro de erotizar um fenómeno místico ocorrido a uma mulher, quando não fazem o mesmo em relação aos místicos do sexo oposto, como foi o caso de São João da Cruz, que também afirmou ter recebido a graça da transverberação¹²⁵⁰.

Algumas abordagens da vida e obra das escritoras místicas, influenciadas pelas teorias feministas ou ditas de género, padecerão, realmente, de um problema: o de tentarem corporizar experiências descritas pelas suas protagonistas, experiências que, na verdade, se referem, não a algo físico, mas a algo infefável, de ordem sobrenatural, metafísica. Em Portugal, parece constituir exemplo o trabalho de Joana Serrado sobre Soror D. Joana de Jesus (1617-1681), no século chamada D. Joana Freire de Albuquerque, religiosa cisterciense do Mosteiro de Santa Maria de Lorvão, cuja obra tem vindo a editar. Acerca da vida ascética e mística da autora, Joana Serrado aponta a importância das ânsias, muito referidas no *Livro dos Seus Apontamentos*, entendendo-as como uma espécie de falta de ar que Soror D. Joana sofre, sendo “através do ar que Joana sente o seu corpo – pela dor e pelo prazer”; ânsias estas que vê como “um fenómeno teoerótico, físico e espiritual”.¹²⁵¹ De acordo com os excertos que Joana Serrado publicou neste capítulo, parece-nos, pelo contrário, que as tais ânsias referidas pela religiosa serão provavelmente classificáveis como êxtases, de acordo com a

no lo sabría decir). Víale en las manos un dardo de oro largo, y al fin de el hierro me parecia tener un poco de fuego; éste me parecia meter por el corazón algunas veces y que me llegava a las entrañas. Al sacarle, me parecia las llevaba consigo, y me dejava toda abrasada en amor grande de Dios. Era tan grande el dolor que me hacía dar aquellos quejidos, y tan excesiva la suavidad que me pone este grandísimo dolor, que no hay desear que se quite, ni se contenta el alma com menos que Dios. No es dolor corporal, sino espiritual, aunque no deja de participar el cuerpo algo, y un harto. Es un requiebro tan suave que pasa entre el alma y Dios, que suplico yo a su bondad lo dé a gustar a quien pensare que miento”. Cf. Santa Teresa de Jesus, *Libro de la Vida*, in *Obras Completas*, op. cit., cap. 29, § 13, pp. 157-158.

¹²⁴⁹ Cf. Monica Balltronde Pla, *Éxtasis y Visiones...*, op. cit., 2012, p. 117.

¹²⁵⁰ Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 117.

¹²⁵¹ Cf. Joana Serrado, “Joana de Jesus (1617-1681): Ânsias Amorosas e Leituras Bíblicas”, in João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade, Tiago Pires Marques (coord.), *Vozes da Vida Religiosa Feminina. Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2015, pp. 49-62.

ascética e a mística católicas, sendo tal interpretação erotizante algo desorbitada no contexto religioso em que aquela mística escreveu e seguramente da sua intenção ao escrever, *salvo meliori judicio*.

Esse tipo de êxtase, com o corpo em arco, ocorrera a Soror Isabel do Menino Jesus pelo menos mais uma vez, estando acamada. Em certa solenidade, as religiosas tinham ido todas ouvir a Santa Missa e ficara com a doente apenas Soror Josefa Maria do Sacramento, a qual testemunhava que, durante todo o tempo do sacrifício, a vira “recolhida em oração, como extática, com o rosto todo inflamado”¹²⁵². No fim, levantara “o meyo corpo, mais do que estava”¹²⁵³. Portanto, tratara-se de mais um êxtase com levitação. Soror Isabel, ao despertar, perguntara-lhe, então, “se tinha visto alguma cousa?”¹²⁵⁴. E a religiosa respondera que não, ficando Soror Isabel “no seu socego, e contemplativo exercício”¹²⁵⁵. Soror Josefa Maria do Sacramento seria a mesma religiosa que usava o nome completo de Soror D. Maria Josefa Joaquina de Santa Ana; era irmã de Soror D. Teresa Joana Bernardina de Jesus¹²⁵⁶. Este êxtase parece ter relação com aquele que de Santa Clara de Assis se contava: estando acamada, ficara sozinha enquanto as outras religiosas tinham ida à oração de matinas, mas fora levada espiritualmente por anjos ao lugar em que elas estavam, ouvira o canto e os órgãos e chegara a receber a Sagrada Comunhão¹²⁵⁷.

Frei Martinho diz também que, estando acamada, Soror Isabel do Menino Jesus confessara a sua sobrinha, a abadessa Soror Isabel de São José, que, nesta última doença, recebia tantos favores de Deus que não podia explicá-los¹²⁵⁸. Pedindo-lhe esta que lhe contasse algum – a tia não podia negar-se, por ser sua

¹²⁵² Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [13], § XI.

¹²⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [13], § XI.

¹²⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [13], § XI.

¹²⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [13], § XI.

¹²⁵⁶ Soror D. Maria Josefa Joaquina de Santa Ana, natural de Idanha-a-Nova, filha do Sargento-mor Manuel Girdes Leitão e de sua mulher, D. Maria de Melo Marques da Cruz, foi votada para entrar no noviciado a 14 de Abril de 1749 e para professar a 1 de Maio de 1750. Faleceu a 21 de Maio de 1809, com oitenta e quatro anos. Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 82.

¹²⁵⁷ Cf. “Florinhas de São Francisco de Assis”, cap. XXXV, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, pp. 1248-1249.

¹²⁵⁸ Soror Isabel de São José foi eleita abadessa a 6 de Junho de 1750, sucedendo a Soror Inês de Santa Clara (1747-1750). Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, f. 18v.

súbdita –, contara-lhe a visão do cobertor azul: o Senhor levava-a a um campo muito ameno e espaçoso, “e de delicias cheyo”¹²⁵⁹, e que ali tinham deitado sobre si, sem que ela visse quem, um finíssimo cobertor azul, todo matizado de estrelas, e que lhe dissera o Senhor que “por cada huma daquellas estrellas se entendia huma virtude”¹²⁶⁰, por tantas mortificações e penas que padecia. A abadessa quisera perguntar mais, mas Soror Isabel respondera que já lhe tinha obedecido e que não podia falar mais, “que estava muito fraquinha”¹²⁶¹.

Agravando-se a doença, pedira o Santíssimo Viático e a Santa Unção. E, respondendo aos ritos, no seu perfeito juízo, esperava a morte. Os religiosos queriam ficar, mas ela própria os dispensara, dizendo-lhes que ainda não tinha chegado o momento. Passou a solenidade de São Francisco, 4 de Outubro, e, chegada a noite, pediu então que viessem assistir à sua morte. Observa Frei Martinho de São José que os dezoito dias desta derradeira enfermidade tinham começado na solenidade da Estigmatização de São Francisco, 17 de Setembro, e terminado no fim do dia daquela outra solenidade¹²⁶². Portanto, Soror Isabel, tão devota do Santo e das chagas de Cristo, presentes na sua vida ascética e mística, tivera os seus últimos sofrimentos entre duas festas franciscanas.

A sua morte foi presenciada por todas as religiosas do convento, bem como pelo confessor, pelo capelão e pelos religiosos do Convento de São Francisco de Portalegre, procedendo-se certamente segundo os costumes conventuais portugueses da época, estudados por Isabel Morujão¹²⁶³. Segundo testemunha Frei Martinho, à meia-noite do dia 5 de Outubro de 1752, tinham começado a rezar o ofício da agonia e, durante quatro horas, Soror Isabel do Menino Jesus mantivera a lucidez e a fala, que se entendia bem¹²⁶⁴. Morrera antes das 5 horas da manhã, pronunciando o Santíssimo Nome de Jesus. Tinha oitenta anos incompletos.

¹²⁵⁹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [13v], § XI.

¹²⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [13v], § XI.

¹²⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [13v], § XI.

¹²⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. [14], § XII.

¹²⁶³ Vd. Isabel Morujão, “Morrer ao Pé da Letra: Relatos de Morte na Clausura Feminina Portuguesa”, in *Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Pensamento Religioso*, n.º 15, Porto, 2008, pp.163-194.

¹²⁶⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [14], § XII.

8. Sepultura e culto

Diz Frei Martinho de São José que o corpo de Soror Isabel do Menino Jesus ficou com “formosissimo aspecto”¹²⁶⁵; que parecia uma menina, “todos os signaes de justa se vião nella, depois de morta”¹²⁶⁶. Mas, por descuido, ou pouca advertência, não se tinham realizado então os exames necessários, “como em outros de muitas pessoas virtuosas se tem feito”¹²⁶⁷. Isto é, apesar de haver motivo para tal, não se chamaram médicos e outros letrados para observar o cadáver, antes que fosse sepultado, relatando por escrito o que tinham observado nele de extraordinário, documento que poderia vir a ser tomado em conta no futuro, querendo certificar com ele a santidade da defunta.

Conta também que as religiosas do convento, enquanto Soror Isabel não foi sepultada, não saíam de junto do seu corpo. Tê-lo-ão revestido com o hábito completo e posto num ataúde, no centro do coro baixo, cercado de círios, lamparinas e flores, com capela na cabeça e palma nas mãos, símbolos da consagração religiosa e da fortaleza da fé, seguindo a antiga tradição conventual, documentada em numerosos conventos de Espanha, Portugal e Novo Mundo¹²⁶⁸. Tratando-se do corpo de uma religiosa com fama de santa na cidade e na região, terá sido procurado por numerosos devotos, que o terão venerado às grades da igreja, impedidos de o tocar e de, como era bastante comum, arrancar pedaços da sua roupa como relíquia. Frei Martinho testemunha que foi sepultada com alegria, “deixando a todos, até ao dia de hoje, huma perpetua saudade”¹²⁶⁹. Diz também que cela onde falecera conservara, por espaço de um mês, um cheiro suavíssimo, “extraordinario indicio da Bem-aventurança”¹²⁷⁰. Era o conhecido efeito de uma

¹²⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [14], § XII.

¹²⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [14], § XII.

¹²⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [14], § XII.

¹²⁶⁸ Vd. Alma Montero Alcón, *Monjas Coronadas. Profesión y Muerte en Hispanoamérica Virreinal*, Cidade do México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, Asociación de Amigos del Museo Nacional del Virreinato, 2008. Esta tradição funerária conventual chegou relativamente intacta aos nossos dias, sendo documentada em casos de algumas religiosas falecidas com fama de santidade, como é o caso recente de Soror Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado (1907-2005), a Irmã Lúcia, vidente de Fátima-Pontevedra-Tuy-Rianjo. Cf. Carmelo de Coimbra, *Um caminho Sob o Olhar de Maria. Biografia da Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, p. 469.

¹²⁶⁹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [14v], § XIII.

¹²⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [14v], § XIII.

morte *in odore sanctitatis*, um eflúvio sentido nos corpos de alguns santos durante a vida ou depois da morte, exprimindo, assim, o bom odor das suas virtudes¹²⁷¹.

Por causa da sua fama de santa, a morte Soror Isabel do Menino Jesus teve um assento de óbito extraordinário, distinto dos restantes do *Livro das Defuntas*. Redigido e assinado pelo confessor do convento, Frei António dos Anjos, que não o fazia nos restantes falecimentos, mas assinado igualmente pela abadessa, Soror Isabel de São José, sobrinha da defunta; e pela escritã, Soror Teresa Joana Bernardina de Jesus, apresenta uma nota biográfica mais longa que o habitual: mais do dobro de linhas que no *Livro das Defuntas* se dedicava a cada óbito¹²⁷². O assento refere a data da morte a hora, a filiação da autora, os seus oitenta anos de idade, os quarenta e quatro anos de vida religiosa; e que recebera todos os sacramentos “com claro conhecimento, Summa devoção, e profunda humildade”¹²⁷³, que assim se entregara na mãos do Altíssimo, com “toda a Resinação”¹²⁷⁴, expirando na presença de toda a comunidade “e Padres”¹²⁷⁵.

Diz também que morreu com todos os “Signaes de perdistinada tendo a morte como a Vida”¹²⁷⁶, assim passando tanto no estado de secular, como de religiosa, com oração, penitência e exercícios espirituais, sendo em tudo perfeita observante da sua Regra, “que obedecer era o Seu mayor empenho”¹²⁷⁷. Prossegue referindo a sua grande caridade para com os pobres, “inquirindo quaes eram os mais necessitados”¹²⁷⁸, socorrendo-os directamente e por interposta pessoa para os auxiliar; e que “conservou a virtude da Santa pureza em grão taõ perfeito, que

¹²⁷¹ Era o conhecido efeito de uma morte *in odore sanctitatis*, um eflúvio sentido nos corpos de alguns santos durante a vida ou depois da morte, exprimindo, assim, o bom odor das suas virtudes. Os estigmas de São Francisco, por exemplo, evolviam perfumes; e a água com que se lavara o corpo de Santa Teresa de Jesus depois de falecer ficara perfumada; e durante nove meses saíra perfume do seu sepulcro. Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, *op. cit.*, pp. 822-823. Em Portugal, na época, registavam-se casos semelhantes, como o de Soror Francisca da Conceição, religiosa do Convento de Santa Clara de Trancoso, conhecida como *Freirinha Santa*, falecida a 14 de Maio de 1711: do seu corpo manavam licores perfumados. Cf. Simão Cardoso Pacheco, *Vida e milagres da veneravel Madre Soror Francisca da Conceição...*, *op. cit.*, Segundo Estado, cap. VIII, p. 315.

¹²⁷² Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, fs. 40-40v.

¹²⁷³ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁷⁴ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁷⁵ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁷⁶ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁷⁷ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁷⁸ Cf. *Ibidem*, f. 40.

publicação os Seus confesores que nem por pensamento quebrantou”¹²⁷⁹. Diz também que com “Summa alegria Conçolava a todas”¹²⁸⁰ e que “geralmente era dotada de hum claro entendimento Sempre os Seus concelhos Se apreciavaõ”¹²⁸¹. “Cheya de tantos annos e achaques principalmente com o pés Seguia pontualmente os actos de Comunidade em que era hum exemplar das Suas Irmaãs, e de todas aclamada”¹²⁸².

Frei António dos Anjos declara, por fim, que “esperamos em Deus que por Sua altissima providencia faça publico as virtudes desta perfeyta Relligiosa para gloria Sua e consolação deste Relligioso mosteyro”¹²⁸³. Esta frase comprova, pois, que Soror Isabel do Menino Jesus era tida por santa e que se esperava que viesse a ser beatificada e canonizada. Comprova igualmente que o convento carecia, em particular, de uma *serva de Deus*, ou seja, da memória de uma religiosa extraordinária, cuja vida tivesse sido modelar, cuja *fama sanctitatis* pudesse ser publicada, prestigiando-o, e, em simultâneo, estimulando a comunidade para a sua imitação. Quando, no ano seguinte à morte de Soror Isabel, se imprimiu a segunda parte da *Chronica Seraphica da Sancta Provincia dos Algarves...*, de Frei Jerónimo de Belém, o autor observava a ausência de testemunhos de religiosas falecidas com *fama sanctitatis* nos conventos de Santa Clara portalegrense e estremocense, que tratava em conjunto porque este último fora extinto no século XVI e as suas religiosas enviadas ao de Portalegre.

Optara, assim, por incluir também a *vida da serva de Deus* Margarida Fernandes, ou de Palos, ainda que, para além de ter sido secular, nem tivesse sido franciscana, tendo mesmo professado na Ordem Terceira de São Domingos. Mas como fora criada pelas religiosas do extinto Convento de Santa Clara de Estremoz desde menina, “esta sumaria noticia deixamos neste lugar para resarcir de alguma forma a perda, que sentimos de não acharmos memoria das Religiosas, que florescêraõ em virtudes nos dous Mosteiros”¹²⁸⁴. Depois de narrar a sua história,

¹²⁷⁹ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁸⁰ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁸¹ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁸² Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁸³ Cf. *Ibidem*, f. 40.

¹²⁸⁴ Cf. Jerónimo de Belém, *Chronica Seraphica da Sancta Provincia dos Algarves...*, *op. cit.*, vol. VI, cap. VI, p. 20. Pela sua pobreza, Margarida Fernandes não pudera professar no convento de Estremoz, seguindo para Lisboa a instâncias de uma tia, onde casara e tivera uma filha. Fora depois ama de um filho de nobres,

dizia Frei Jerónimo de Belém que “razaõ era tambem que huma taõ virtuosa secular servisse de esmalte ao berço que taõ boa criação lhe deu nos bons daquellas Esposas de Christo”¹²⁸⁵.

Aquando da impressão da *Chronica Seraphica da Sancta Provincia dos Algarves...*, ao ver a inserção da história da Irmã Margarida de Palos nos capítulos dedicados ao Convento de Santa Clara de Portalegre, as suas religiosas terão sentido que, para além de se tratar de uma espécie de enxerto, porque essa *serva de Deus* não fora religiosa do seu convento, não fora mesmo franciscana e nem sequer fora natural de Portalegre. Mais que uma terceira dominicana estremocense, devia figurar ali Soror Isabel do Menino Jesus, tão ou mais digna de receber culto. À data da sua morte, já a impressão da crónica estaria prestes a decorrer, pelo que o acrescento de uma nota biográfica se Soror Isabel já não fora possível. Mas Soror Isabel poderia vir a ser referida em obras futuras, onde se falasse novamente do seu convento. Mais que isso, a sua *vida* poderia realmente vir a ser dada à estampa num livro autónomo, intenção que tivera início ainda antes do seu falecimento, na qual ela própria autora colaborara. Como veremos

seguindo com estes para Benavente por causa da peste, onde dera à luz outro filho, que logo morrera, morrendo pouco depois o seu marido, que entretando partira para a Guiné a tentar melhor vida. Regressando a Lisboa com os seus amos, Margarida passara a jejuar e a orar com fervor, desejando ser religiosa. Ingressara então num recolhimento dominicano lisboeta, mas a saudade da filha fazia-a sair, de tempos a tempos. Ao professar, na Igreja de São Domingos, passara a usar o hábito de terceira e a abster-se de calçado. Morrendo a filha ainda pequena, e vindo nova peste, decidira permanecer na cidade, dedicando-se abnegadamente aos doentes e expondo-se ao contágio. Depois, no fim de 1526 ou início de 1527, e porque o recolhimento se desfizera, iniciara uma longa peregrinação, pobrememente vestida e descalça, com apenas três companheiras. Chegara a Barcelona, apesar das guerras entre castelhanos e franceses, de onde escrevera aos seus amos, assinando não com o seu patronímico Fernandes, mas como Margarida de Palos. Fora depois a Roma, ao sepulcro de São Pedro; e seguira dali para Veneza, onde embarcara para Jerusalém. No regresso da Terra Santa, fora a Bolonha, ao sepulcro de São Domingos, ficando a morar junto ao seu convento, numa caverna. Tomara por confessor Frei Luís Arquívio, lombardo, e entendendiam-se apenas na confissão, o que fora milagre, uma vez falavam línguas diferentes. Ali morrera, a 16 de Janeiro de 1540, sendo sepultada na igreja conventual. Como o seu corpo exalava perfumes e crescia a devoção dos religiosos, tinha sido trasladado para o vão do altar diante do sepulcro do Santo, enquanto lhe lavravam uma sumptuosa campã no pavimento. À segunda transladação assistira Frei Tomás de Sousa, definidor da Província de Portugal, que ali se encontrava para capítulo geral, trazendo então uma parte do corpo para a sacristia da Igreja de São Domingos, onde ficara exposta à veneração, em urna dourada, com um letreiro que a dizia Santa Margarida. Em Bolonha, o seu sepulcro continuara a ser venerado por muitos devotos e até pelo Beato Frei D. Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), que foi visitá-lo, no seu regresso do Concílio de Trento. O confessor de Margarida de Palos publicara então a sua santidade e milagres, já que vivera sempre tão oculta.

¹²⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, liv. VI, cap. VI, p. 20.

adiante, as religiosas esperariam que, na Província dos Algarves, três religiosos, ou apenas um deles, assumisse a autoria dessa obra, escrita a partir do seu manuscrito autógrafa deixado por Soror Isabel.

Entretanto, já algumas notícias da sua vida se iam perdendo, por falta de fixação. Quando, perto de 1757, as diligências para a impressão da *Vida da Serva de Deos...* tomaram finalmente um maior vigor, Frei Martinho de São José terá visitado o convento para falar com as religiosas, pedindo-lhes também que escrevessem uma relação sobre Soror Isabel, bem como uma cópia do seu assento de óbito, fontes que ele queria usar no seu “Prologo...”. Mesmo assim, lamentar-se-ia neste texto que “Saõ innumerevais os successos desta qualidade em toda a sua dilatada vida; mas como muitos, se tinhaõ por acaso, não fizeraõ caso delles”¹²⁸⁶. Fora do convento havia, porém, devotos que a recordavam com saudade. Uma certa senhora afirmava mesmo que tinha aparições de Soror Isabel. Frei Martinho refere-o discretamente, dizendo que se tratava de meras fantasias: “e muitas vezes, lha representa a sua fantazia, como se a estivera vendo ainda viva, no que tem grande consolação a sua alma”¹²⁸⁷. Fosse como fosse, “Tinha tanta fé esta distincta pessoa com a Madre Soror Isabel do Menino Jesus, que ainda agora, depois da sua morte, recorre a ella”¹²⁸⁸.

Depois do abadessado de Soror Isabel de São José (1750-1753), seguiu-se um novo abadessado de Soror Inês de Santa Clara (1753-1756)¹²⁸⁹. Foi depois abadessa Soror Brites Maria dos Serafins, também sobrinha da autora, eleita a 6 de Junho de 1756¹²⁹⁰. Mas Soror Brites morreu um mês depois, em pleno abadessado, a 7 de Julho¹²⁹¹. Recebeu os sacramentos, na presença de toda a comunidade e de vários religiosos, “com todos os sinais de Predestinada”¹²⁹². Levava uma vida “em muitos exersisios esperituais e muita oração mental muita

¹²⁸⁶ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [9v], § VII.

¹²⁸⁷ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [9], § VII.

¹²⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9], § VII.

¹²⁸⁹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 13, liv. 13, f. 19.

¹²⁹⁰ Cf. *Ibidem*, f. 19v.

¹²⁹¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 42.

¹²⁹² Cf. *Ibidem*, f. 42.

penitensia”¹²⁹³ e “hera muito obseruante da nosa Santa Regra muito obediente”¹²⁹⁴, muito pacífica, caritativa com todas as religiosas, “dotada de muitas virtudes”¹²⁹⁵, muito humilde, consoladora. Sua irmã, Soror Isabel de São José, que era então mestra da Ordem, ficou como “Presidenta em Capite” do convento durante a breve *sede vacante*¹²⁹⁶. Foi logo eleita abadessa, a 3 de Setembro de 1757, ofício que assumiu pela segunda vez¹²⁹⁷. Mas também ela faleceu durante o abadessado, pouco depois, a 14 de Dezembro¹²⁹⁸. Segundo o assento de óbito, Soror Isabel de São José deu “cumprimento aos uotos que a Deos pormeteo”¹²⁹⁹ em toda a sua vida, tendo sido escritã do convento, vigária por três vezes e abadessa por duas: “todas as suas accçoens respirauaõ virtude sendo muito umilde de coração, compassiua com suas jrmaãs”¹³⁰⁰, muito caridosa e devota da pobreza. Tivera um claro entendimento, padecera muitas moléstias, “que todas leuaua com pasiensia”¹³⁰¹; fora muito humilde e “muito dada a oração mental e a todos os exzersisios Santis que se fazem no Conuento”¹³⁰², tendo falecido com os sacramentos, “falando athe expirar”¹³⁰³ e “com sinais de predistinação”¹³⁰⁴. As sucessivas eleições para abadessa e os assento de óbito destas últimas sobrinhas da autora demonstram o seu prestígio na comunidade e talvez em toda a Província, considerando-se que ambas eram herdeiras do elevado conceito espiritual que havia de Soror Isabel do Menino Jesus.

Soror Isabel de São José e Soror Brites Maria dos Serafins terão acompanhado com entusiasmo as diligências com vista à impressão da *Vida da Serva de Deos...*, animadas pelo desejo de, um dia, ver introduzida na Santa Sé a causa de beatificação e canonização da sua falecida tia, muito embora soubessem certamente que isso acarretaria pesadas despesas ao convento, sendo necessário

¹²⁹³ Cf. *Ibidem*, f. 42.

¹²⁹⁴ Cf. *Ibidem*, f. 42.

¹²⁹⁵ Cf. *Ibidem*, f. 42.

¹²⁹⁶ Cf. *Ibidem*, f. 42.

¹²⁹⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 13, liv. 13, fs. 20 e 20v.

¹²⁹⁸ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 52.

¹²⁹⁹ Cf. *Ibidem*, f. 52.

¹³⁰⁰ Cf. *Ibidem*, f. 52.

¹³⁰¹ Cf. *Ibidem*, f. 52.

¹³⁰² Cf. *Ibidem*, f. 52.

¹³⁰³ Cf. *Ibidem*, f. 52.

¹³⁰⁴ Cf. *Ibidem*, f. 52.

prover o processo de grandes somas de dinheiro, remetidas ao governo da Província dos Algarves, que, por sua vez, diligenciaria junto do Ordinário de lugar, ou do ministro geral da Ordem, os quais, por sua vez, tratariam do assunto na Santa Sé. Mas ambas morreram em pouco tempo, sendo abadessas, como mencionámos, motivo, talvez, para um certo esmorecimento do entusiasmo no convento em relação a uma causa de beatificação e canonização de Soror Isabel do Menino Jesus. Segundo Francisco Leite de Faria,

“São 14 as Clarissas portuguesas das quais se publicou uma biografia impressa em livro separado, e de três dessas 14 começou a fazer-se o processo diocesano para a sua beatificação. São as Madres Leocádia da Conceição, do Mosteiro de Monchique no Porto, Maria Joana, do Mosteiro do Louriçal, e Teresa da Anunciada, do Mosteiro da Esperança, em Ponta Delgada. Desta última Clarissa, parece-me não haver outra no mundo cuja biografia tenha sido tantas vezes publicada, pois de 1763 a 1992 a biografia da Madre Teresa da Anunciada teve 19 edições, e parece também que não há no mundo outra Clarissa a quem se tenha levantado uma estátua na via pública, como aconteceu com a Madre Teresa da Anunciada no largo de São Francisco em Ponta Delgada, junto ao Mosteiro da Esperança.”¹³⁰⁵

O culto à Venerável Soror Teresa da Anunciada (1658-1738), no século chamada Teresa de Jesus, que conta ainda hoje com inúmeros devotos, está intrinsecamente ligado à intensa devoção açoriana ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, que todos os anos atrai à ilha de São Miguel uma multidão de açorianos¹³⁰⁶. Soror Teresa da Anunciada foi a principal impulsionadora desse majestoso culto, organizado em redor de um busto do *Ecce Homo*, que se venera na igreja do extinto convento, coberto de exuberantes jóias, entre uma profusão de flores¹³⁰⁷. Já o culto a Soror Isabel do Menino Jesus, como o de várias outras religiosas, acima de tudo, terá sofrido o abalo provocado pela extinção das Ordens religiosas em Portugal. Ainda assim, como diremos, parece ter chegado quase à terceira década do século XX. A sua figura também foi sendo recordada por vários autores, ao longo dos séculos, até aos nossos dias.

¹³⁰⁵ Cf. Francisco Leite de Faria, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal...*, *op. cit.*, p. 15.

¹³⁰⁶ Vd. Maria Margarida de Sá Nogueira Lalanda, “Considerações Históricas Sobre a Madre Teresa da Anunciada”, in *Revista Arquipélago-História*, 2.ª Série, vol. IX, Ponta Delgada, 2005, pp. 275-308.

¹³⁰⁷ Vd. Maria Margarida de Sá Nogueira Lalanda, *O Senhor Santo Cristo*, Porto, Ver Açor, 2007.

Quando Frei Martinho de São José levou a cabo a impressão da *Vida da Serva de Deos...*, apesar das dificuldades, estaria consciente de que o livro sugeria uma nova santa franciscana, prestigiosa religiosa da Província dos Algarves, que ele governava. A sua intenção, e provavelmente do definitório da Província, seria a de criar condições para que tal processo viesse a ser introduzido em breve. É o que deduzimos da sua “Protestação”, um texto que colocou depois do seu “Prologo...”, no fim do volume, como era habitual em todas as *vidas de servos de Deus* que se imprimiam¹³⁰⁸. Declara nela que, em observância dos decretos do Papa Urbano VIII, de 13 de Março de 1625 e 5 de Junho de 1634, protesta que dar o título de venerável a Soror Isabel do Menino Jesus, escrevendo as suas virtudes, revelações, profecias, obras prodigiosas, etc. “naõ he minha tenção dar-lhe veneraçõ, nem que a tenhaõ por santa, sem declaração da Igreja”¹³⁰⁹.

A *Vida da Serva de Deos...*, em concordância, devia ser lida como “humana narração puramente humana; e ainda que piadosa, confesso, que póde ser fallivel”¹³¹⁰. Aquelles decretos pontifícios referiam-se à proibição de dar culto a pessoas acerca das quais a Igreja não tinha beatificado, embora tivessem falecido com *fama sanctitatis*. Em consequência, o *Regimento do Santo Ofício*, vigente desde 1640, legislava quanto aos que davam culto a pessoas que não tivessem sido beatificadas, bem como quanto aos livros que tratassem dos seus milagres ou revelações¹³¹¹. E por isso Frei Martinho de São José adverte que a própria autora “sujeitou todos os seus escriptos á Igreja Catholica Romana, e que os Mestres della, os pudessem emendar, por isso os legou ao Provincial da Provincia dos Algarves, seu legitimo Prelado, para que os examinasse, se estavam conformes á nossa santa Fé”¹³¹², e que e não estivessem, que os mandasse queimar, etc.

No entanto, pelos eminentes pareceres teológicos que acompanhavam a impressão, e pela afirmação de que nada saía diferente do que a autora deixara escrito, vemos que aquela não era para o prelado uma verdadeira preocupação:

¹³⁰⁸ Cf. Martinho de São José, “Protestação”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [1],§ XIV.

¹³⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1],§ XIV.

¹³¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1],§ XIV.

¹³¹¹ Cf. “Regimento de Dom Francisco de Castro (1640)”, Livro III, Título XX, 1, 2, 3, in José Eduardo Franco, Paulo de Assunção, *As Metamorfoses de Um Polvo...*, *op. cit.*, p. 369.

¹³¹² Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [1],§ XIV.

Frei Martinho estaria, de facto, convencido de que Soror Isabel do Menino Jesus fora santa e que, possivelmente, poderia vir a ser beatificada e depois canonizada. Poderia ser uma questão de tempo, porque existiria já um culto local em torno da sua sepultura, em Portalegre; e ainda viviam testemunhas que se recordavam bem dela. Uma delas, como fica dito, tinha até umas aparições de Soror Isabel, que, segundo o prelado parece sugerir, deviam ser tomadas em conta. A Província, toda a Ordem, o reino de Portugal poderiam vir a ser amplamente beneficiados com a subida de Soror Isabel aos altares. Esse culto local terá perdurado pelas décadas seguintes, prolongando-se por mais de cem anos depois da morte de Soror Isabel. Terá mesmo prosseguido além da extinção do convento, concluída aquando da morte da última religiosa do convento, Soror D. Maria Francisca de Assis, a 21 de Agosto de 1898, à qual se seguiu a imediata tomada de posse de todos os seus bens pelo Ministro da Fazenda e do Tesouro.

Em 1997, Maria Tavares Transmontano apresentou um indício para a localização da sepultura de Soror Isabel do Menino Jesus¹³¹³. Esta autora, nascida em 1924 e natural de Carreiras, concelho de Portalegre, conheceu, ainda na sua infância, D. Antónia Pires de Lima, Secretária de Direcção da antiga Associação de Protecção e Amparo de Nossa Senhora das Dores, instituição que se sediou nos edifícios do antigo convento a partir do dia 18 de Janeiro de 1927, instalando ali a Casa de Regeneração, um internato para meninas; e um recolhimento para senhoras idosas, este último integrando a pequena comunidade de mulheres que ali continuara a morar após a morte da última religiosa¹³¹⁴. Esta comunidade era, pois, anterior àquela instituição, sendo formada por antigas criadas das defuntas religiosas, contando, nomeadamente, com Maria Joana Dias e Maria dos Anjos, que, já idosas, conheciam as receitas de doces que no convento se tinham feito no tempo das religiosas¹³¹⁵.

A autora refere, ainda, aquela que julga ter sido a última religiosa do convento, Soror Constantina Doroteia de Carvalho Godinha, “que faleceu centenária”¹³¹⁶. Sabemos que esta não foi a derradeira professora, mas, sim, uma das

¹³¹³ Cf. Maria Tavares Transmontano, *Subsídios para uma Monografia de Portalegre*, Portalegre, Câmara Municipal de Portalegre, 1997, p. 99.

¹³¹⁴ Cf. Anacleto Pires da Silva Martins, *Portalegre...., op. cit.*, pp. 147-149.

¹³¹⁵ Cf. Maria Tavares Transmontano, *Subsídios para uma Monografia de Portalegre, op. cit.*, p. 99.

¹³¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 99.

últimas. Soror D. Constantina Doroteia da Costa – e não de Carvalho –, filha de António Luís de Almeida e de sua mulher D. Angélica da Costa e Brito, natural de Castelo de Vide, foi votada para entrar no noviciado a 15 de novembro de 1797¹³¹⁷ e para professar a 19 de novembro do ano seguinte¹³¹⁸. Portanto, entrou no convento ainda no século XVIII, o mesmo em que Soror Isabel do Menino Jesus viveu. Soror D. Constantina Doroteia, outras religiosas e as ditas criadas conheciam provavelmente outras tradições conventuais, que a nova instituição recolheu. Saberiam muito bem a localização exacta da sepultura de Soror Isabel, o que também não seria ignorado por várias pessoas na cidade, não só porque a sua *fama sanctitatis* perdurara, como porque na igreja continuava a haver culto, sendo rezanda a Santa Missa pela última vez a 30 de Maio de 1968, pelo Padre Francisco Gonçalves Justo, data em que fechou a Casa de Regeneração, segundo testemunha Anacleto Pires da Silva Martins¹³¹⁹.

É de notar que, nos dois estabelecimentos da Associação (a Casa de Regeneração e o recolhimento de idosas) tinham colaborado sucessivamente três congregações religiosas femininas, a saber, a das Servas de Nossa Senhora de Fátima (então ainda não instituídas, mas já congregadas pela célebre Serva de Deus D. Luísa Andaluz, sua fundadora), durante o ano de 1937; a das Adoradoras do Santíssimo Sacramento e Escravas da Caridade; e, por fim, a das Religiosas de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor. Estas três comunidades terão mantido no antigo convento um ambiente de devoção, favorável à persistência da memória de Soror Isabel do Menino Jesus. Ao pedirmos informações à Câmara Municipal de Portalegre acerca do jazigo de Soror D. Maria Francisca de Assis, última religiosa do extinto convento, fomos informados de que, na mesma sepultura foram depois colocados os corpos de duas outras religiosas, que obviamente não pertenciam à Ordem de Santa Clara, pelas datas dos seus falecimentos: a Irmã Maria Amália Matos Cordeiro, falecida a 2 de Agosto de 1912; e a Irmã Rosária Aparício Sanz, a 5 de Junho de 1949. Seriam provavelmente professoras das congregações atrás apontadas. O uso do jazigo de Soror D. Maria Francisca de Assis, no Cemitério Municipal de Portalegre, parece demonstrar a existência de tradições orais no convento e de certos costumes, entre as comunidades que nele

¹³¹⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 40.

¹³¹⁸ Cf. *Ibidem*, f. 42.

¹³¹⁹ Cf. Anacleto Pires da Silva Martins, *Portalegre...*, *op. cit.*, p. 35.

se sucederam. De notar, ainda, que, logo em 1927, a capela dos dois estabelecimentos foi instalada no antigo coro baixo – onde estava a sepultura de Soror Isabel – antes de passar ao coro alto, enquanto a igreja estava em obras de restauro¹³²⁰. Anacleto Pires da Silva Martins informa também que “as pessoas mais idosas ainda se lembram dessa fase do convento e das senhoras que nele habitavam e nele criaram as tão famosas amêndoas de Portalegre, além de outra doçaria, cujas receitas se perderam”¹³²¹ e acrescenta que “ainda são do nosso tempo umas pequenas casas construídas para habitação de algumas dessas senhoras, casas que foram destruídas, quando das obras de restauro, ou melhor, modesta adaptação do convento para sede da *Obra de protecção e amparo de Nossa Senhora das Dores*”¹³²².

O extinto convento, como já mencionámos, não deixara de ser habitado. De facto, chegou a haver ali mais de uma centena de meninas, para além das funcionárias¹³²³. Com elas continuaram a morar várias senhoras recolhidas, algumas delas desde a infância, as quais passavam oralmente os conhecimentos que tinham acerca das derradeiras religiosas. Há no Arquivo Nacional da Torre do Tombo diversa documentação que o comprova, designadamente a que foi produzida acerca das águas do convento, que, no início do século XX foram requisitadas pelo hospital da cidade, havendo então ainda umas recolhidas que delas precisavam; e do grave estado em que os telhados se encontravam a 10 de Junho de 1907, data em que uma das recolhidas, Maria da Conceição Teles de Paiva, escreveu ao Delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre, em nome da regente do recolhimento, porque “parte do dormitório está ameaçando grande ruína, por ter partido recentemente uma das Madres”¹³²⁴, dizendo, ainda que “se nos torna deveras difícil, por termos minha Madrinha gravemente doente”¹³²⁵, pedindo intervenção.

¹³²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 34-35.

¹³²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

¹³²² Cf. *Idem, ibidem*, pp. 146-147.

¹³²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 35.

¹³²⁴ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, Carta de Maria da Conceição Teles de Paiva, em nome da regente do recolhimento existente no extinto Convento de Santa Clara de Portalegre, ao Delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre, a 10 de Junho de 1907, cx. 2016, capilha 7, f. 1v.

¹³²⁵ Cf. *Ibidem*, f. 1v.

Maria Tavares Transmontano testemunha, pois, que a mencionada D. Antónia Pires de Lima lhe disse que Soror Isabel do Menino Jesus “foi sepultada no coro da Igreja, e todos os anos, ali nascia um lírio”¹³²⁶. Era um facto que, para esta senhora, constituiria um sinal da sua santidade. Para nós, este facto demonstra, antes de mais, que alguém então ainda lhe teria devoção, pondo vasos com bolbos sobre a sua campa e regando-os, condições naturais necessárias ao despontar dessa flor naquele lugar com tão pouca luz¹³²⁷. O coro era pavimentado – como todos os coros de convento o eram, e como este hoje se conversa –, e não haveria nele terra solta onde se encontrasse um canteiro para lírios, algo que, de resto, seria insólito. Logo, a existência de um ou mais vasos ali parece indicar que o seu culto prosseguia vivo às portas da terceira década do século XX. Aquela que fora tida por venerável pelas religiosas e pelas outras mulheres que ali tinham ficado a viver, terá recebido uma sepultura idêntica, num solo onde talvez existissem já muitos enterramentos, estes anónimos sob o soalho. Era assim que se fazia, nos conventos onde havia defuntas com fama de santas, para que, não só as religiosas, da parte de dentro, mas também os devotos seculares, da parte de fora, pudessem venerar as suas campas, rezar junto delas, colocar-lhes flores, lamparinas, velas, tocar-lhes com objectos, etc.¹³²⁸.

¹³²⁶ Cf. Maria Tavares Transmontano, *Subsídios para uma Monografia de Portalegre*, op. cit., p. 89.

¹³²⁷ Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 99.

¹³²⁸ Veja-se, por exemplo, o caso do primitivo sepulcro da Infanta Beata Joana (1452-1492), filha de D. Afonso V, no coro baixo do Convento de Jesus de Aveiro, onde, até ao século XVII, se celebrava a sua festa, no aniversário da sua morte, cobrindo-se a sepultura de flores e de perfumes, acendendo-se velas e queimando-se incenso. Cf. João Gonçalves Gaspar, *A Princesa Santa Joana e a Sua Época (1452-1492)*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1988, p. 253. E também o caso da campa de Soror D. Benta de Aguiar (†séc. XVI), religiosa do Convento de Santa Maria de Cós, nos Coutos de Alcobaça, de religiosas bernardas, que se ainda ali conserva, no coro baixo, diante da grade. Vd. Cristina Maria André de Pina e Sousa, Saúl António Gomes, *Intimidade e Encanto. O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Cós (Alcobaça)*, Leiria, Edições Magno, 1998, pp. 89-91. E o caso da campa de Soror Mariana do Rosário (1615-1649), religiosa conversa do Convento do Salvador de Évora, da Ordem de Santa Clara, que também se conserva em idêntica localização. Também em Espanha se procederia deste modo. O corpo de Santa Beatriz da Silva (c.1436-1491), fundadora portuguesa da Ordem da Imaculada Conceição, foi colocado num nicho encomendado por D. Pórcia Madalena de Marín Fernández de Lugo y de Mendoza, Princesa de Áscoli e Duquesa de Terranova, sua devota, na primeira metade do século XVII. Mandou a Princesa que construíssem o nicho no coro baixo, junto à grade, de modo a que o arcosólio ficasse com uma face virada para o lado de fora e outra virada para a clausura. Deste modo, os devotos seculares poderiam assomar às grades e venerar o corpo de D. Beatriz da Silva, de cuja beatificação então se tratava. Vd. José Félix Duque, *Santa Beatriz de Silva...*, op. cit., parte II, cap. 3, pp. 503-504. Vd. também João Francisco Marques, “Os Itinerários da Santidade: Milagres, Relíquias e

Ao visitarmos o antigo coro baixo do extinto convento, em 2013, parecemos que a sepultura de Soror Isabel do Menino Jesus poderia ser a única que ali vimos, a qual se encontra coberta por uma laje rectangular. Haveria várias outras covas, sob o soalho do coro, estas sem identificação, apenas delimitadas por segmentos de pedra, como que lancis, entre os quais assentam as tábuas. Embora não tivesse epitáfio ou qualquer sinal, aquela única laje estava honrosamente a meio do coro, junto à grade e diante da ministra (portinhola da grade, usada para receber a Sagrada Comunhão). Excluímos evidentemente a possibilidade de assinalar a sepultura de uma pessoa secular, por se encontrar da parte de dentro, isto é, em plena clausura. Não temos notícia de que alguma das religiosas tivesse ali sido sepultada, em campa diferenciada, e, por outro lado, sabemos que havia tal notícia acerca de Soror Isabel do Menino Jesus, a mais importante religiosa do convento e que, por isso, foi enterrada no coro.

O seu corpo, que fora tão procurado pelas religiosas antes de ser inumado, seria considerado depois uma relíquia, pelo que eleger para seu repouso um lugar central no coro, com acesso de ambos os lados da grade, e cobri-lo com uma lápide terá sido decisão da abadessa, então Soror Isabel de São José, sua sobrinha, preocupada em promover o culto daquela que já em vida tivera fama de santa e para quem se almejava a canonização. A ausência de epitáfio dever-se-ia, talvez, ao que dispunha o *Regimento do Santo Ofício*, que legislava acerca de um fenómeno que seria bem comum pelo reino antes da sua impressão, em 1640. Conforme os já referidos breves apostólicos dos Papas Paulo V e Urbano VIII, o *Regimento...* previa certas penas para quem colocasse ou mandasse colocar nas sepulturas dos defuntos alguma tábua ou pano com pintura, escritura ou rótulo de alguns milagres seus, ou imagem pintada e esculpida, fixa ou pendurada, “e lhe mandar pôr lâmpada ou outro qualquer lume ou lhe der outro algum culto ou veneração sem licença do ordinário que de direito se requer”¹³²⁹. O facto de o *Regimento* prever tais penas parece explicar-se pela existência generalizada de tais práticas, desprezando-se ou ignorando-se os referidos decretos pontifícios, isto é,

Devoções”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 359-365.

¹³²⁹ Cf. “Regimento de Dom Francisco de Castro (1640)”, Livro III, Título XIX, in José Eduardo Franco, Paulo de Assunção, *As Metamorfoses de Um Polvo...*, op. cit., pp. 368-369.

prestando-se culto a certos mortos sem a aprovação da Igreja¹³³⁰. Veja-se o mencionado caso de Margarida de Palos, terceira dominicana, que era venerada tanto em Bolonha, no seu sepulcro, como em Lisboa, onde havia uma urna dourada com parte do seu corpo, com letreiro que a identificava como santa, mesmo sem ter sido canonizada¹³³¹.

O culto em redor da campa de Soror Isabel do Menino Jesus terá sido, pois, muito discreto logo após a sua morte, sendo, porém, conhecida a sua localização exacta, tanto pelas religiosas, como pelos devotos seculares. De tal modo que, no século XX, mais de cem anos depois da extinção da Inquisição, ocorrida a 21 de Março de 1821, apesar de tanta discrição, o culto persistira e, nos anos 30 do século XX, ainda se sabia onde estava situada e nela se poriam vasos com bolbos, que se regavam, tornando-os capazes de floração, costume que se terá perpetuado até às últimas moradoras daqueles edifícios, meninas, idosas, mestras, criadas, dos dois estabelecimentos da referida Associação, que dali saiu pouco antes da Revolução de 25 de Abril de 1974.

Depois desta data, pelo fim dos anos 70 e início da década de 80, o antigo convento foi ocupado por associações culturais e recreativas e alguns grupos populares, nomeadamente o Grupo de Trabalho e Acção Cultural “O Semeador”, que foram desgradando os espaços. A Biblioteca Municipal de Portalegre instalou-se em 1999 nos edifícios, após grandes obras de adaptação do espaço à polivalência de funções sócio-culturais, as quais destruíram e desfiguraram algumas partes. A igreja foi restaurada pela Direcção Geral dos Edifícios e

¹³³⁰ Veja-se, por exemplo, que na campa de Soror Mariana do Rosário (1615-1649), no coro do Convento do Salvador de Évora, lavrara-se uma empresa com uma coroa e duas palmas e um epitáfio panegírico, que declarava ter sido esta obra encomendada por uma senhora, “por devoção que tinha à veneravel serva de Deos Soror Marianna do Rosario, Religiosa de Veo Branco deste Convento, que nelle viveo, & morreo com grande opiniaõ de santidade, & muito favorecida de Deos”. Cf. António de Almada, *Desposorios do Espirito Celebrados Entre o Divino Amante e a Sua Amada Esposa a Veneravel Soror Mariana do Rosário Compostos por Frei Antonio d’Almada*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1694, cap. XLII, p. 320-321. Essa devota, D. Mariana de Lencastre, Senhora de Sortelha, poderia ter sido denunciada, bem como a abadessa e as religiosas, por causa desta campa, feita quando já tinham decorrido nove anos desde que o *Regimento...* saíra, o que desconhecemos. Certo é que aquele local passou a ser venerado pelos devotos, ocorrendo ali milagres que foram divulgados. Cf. *Idem, ibidem*, cap. XLII, § I, p. 321-323. A campa ainda se conserva, no mesmo local, onde a vimos em 2013.

¹³³¹ Cf. Jerónimo de Belém, *Chronica Seraphica da Sancta Provincia dos Algarves...*, *op. cit.*, vol. VI, cap. VI, p. 20.

Monumentos Nacionais, após um incêndio que enegreceu o seu interior, sem, no entanto, o queimar totalmente. O grupo de teatro voltou a instalar-se ali, transformando o altar-mor em palco, onde, em 2013, pudemos verificar a existência de danos vários, na talha dourada do trono e na azulejaria. O culto a Soror Isabel do Menino Jesus terá cessado no local, por força das circunstâncias, embora, como referimos, a sua figura não tenha sido esquecida em Portalegre. Supomos, pois, que a sua campa é aquela singela, polida e anónima laje que jaz no pavimento, junto à grade. Fica habitualmente sob os pés das cadeiras que os funcionários da Biblioteca Municipal de Portalegre instalam no antigo coro para a realização de eventos culturais.

PARTE III
OBRA

CAPÍTULO I
Do manuscrito ao impresso

1. O livro póstumo: a *Vida da Serva de Deos...*

Ao analisarmos atentamente o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus e o impresso *Vida da Serva de Deos...*, chegámos à conclusão que um e outro se devem, sobretudo, ao interesse e ao empenho de duas pessoas: a abadessa do Convento de Santa Clara de Portalegre; e Frei Martinho de São José, ministro provincial da Província dos Algarves aquando da impressão da obra¹³³². A prelada era Soror Isabel de São José, sobrinha da autora, em cujo segundo abadessado (eleita abadessa a 3 de Setembro de 1757, mas falecida a 14 de Dezembro do mesmo ano) se deu a impressão. Recordemos que entre o seu primeiro abadessado (1750-1753) – no qual morreu a autora –, e esse segundo abadessado, foram preladas Soror Inês de Santa Clara (1753-1756) e Soror Brites Maria dos Serafins (eleita a 6 de Junho de 1756, mas falecida em pleno abadessado, a 7 de Julho de 1757), esta última também sobrinha da autora, as quais também terão estado interessadas na impressão.

Quanto Frei Martinho de São José, era seguramente um antigo confessor de Soror Isabel do Menino Jesus¹³³³. Mais que a prelada, interessa-nos o prelado, porque, segundo também analisámos, o manuscrito foi organizado por ele, com a colaboração da autora, que o passou a limpo, deixando-o como hoje o conhecemos. Frei Martinho foi mais que um organizador dos escritos da autora num só volume; terá sido também destinatário das “Cartas a um Religioso”, segundo supomos mais adiante. Depois da morte da autora, e já como ministro provincial, terá movido todos os esforços para levar manuscrito autógrafo a imprimir, o que fez de forma inédita em Portugal – ou seja, sem alterar os textos da autora – e com um parecer de Frei Jerónimo de Belém, ilustre escritor franciscano e cronista da Província, o que prestigiaria a obra.

Por agora, convém mencionar que, segundo Henrique Pinto Rema, Frei Martinho de São José foi natural de Vila de Frades, perto da Vidigueira, no Baixo Alentejo, e que professou no Convento de São Francisco de Évora, a 22 de Abril

¹³³² Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [1].

¹³³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1].

de 1705¹³³⁴. Portanto, três anos antes da profissão de Soror Isabel do Menino Jesus no convento. Seria, porém, bastante mais novo que esta, porque Soror Isabel professara já com trinta e cinco anos de idade. Frei Martinho teria capacidades intelectuais reconhecidas na Província porque, segundo aponta Henrique Pinto Rema, no governo de Frei António de Santo Tomás, consta o seu nome no registo de religiosos do convento eborense, onde professara, já como pregador.

Segundo o mesmo autor, Frei Martinho de São José foi depois guardião dos conventos do Alvito, de Setúbal, de Estremoz, de Beja e de Xabregas; bem como secretário da Província e definidor. Foi finalmente eleito ministro provincial em Setúbal, a 17 de Novembro de 1753, depois da visitação da Província feita por Frei Bonifácio de Santo António, da Província de Santo António de Portugal. Com ele saíram eleitos Frei Joaquim do Socorro, como custódio; e como definidores Frei Filipe da Assunção, Frei Alexandre da Encarnação, Frei Francisco dos Remédios e Frei Francisco da Madre de Deus. O padre mais digno era Frei António dos Arcanjos; o padre imediato era Frei José dos Serafins. Nomearam então mestres de noviços para vários conventos, incluindo o de São Francisco de Portalegre.

Documentalmente, sabemos que Frei Martinho de São José ainda não era confessor do Convento de Santa Clara de Portalegre a 3 de Outubro de 1729, data em que ali tinha esse ofício outro religioso, Frei Manuel de Santo Inácio¹³³⁵; e que já o era a 19 de Dezembro de 1731¹³³⁶. Terá ficado no convento como confessor das religiosas por cerca de três anos, porque a 20 de Abril de 1734 já havia um outro confessor, Frei João da Anunciada¹³³⁷. Neste período, foi, pois, confessor de Soror Isabel do Menino Jesus.

Soror Isabel, como sabemos, não sobreviveu para ver o livro que Frei Martinho conseguiu fazer imprimir. A autora morreu, recordemos, a 5 de Outubro de 1752 e, cinco anos depois, já na segunda metade de 1757, a oficina de José da Costa Coimbra, sita em Lisboa, imprimiu finalmente aquela que temos vindo a designar simplesmente por *Vida da Serva de Deos...*, dado que tem um longo

¹³³⁴ Cf. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532-1844)”, *op. cit.*, pp. 261-345.

¹³³⁵ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 26.

¹³³⁶ Cf. *Ibidem*, f. 19v.

¹³³⁷ Cf. *Ibidem*, f. 19v.

título, ao gosto da época: *Vida da Serva de Deos Soror Isabel do Menino Jesus Abadessa, que foi do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre. Escrip̃ta pela mesma venerável religiosa, de mandado de seus Padres espirituais, com outros Tratados Mysticos: prática para o interior das Religiosas do mesmo Mosteiro, em que se encontraõ as muitas mercês, que Deus lhe fez, em ordem á salvaçaõ das almas, com algumas cartas espirituales*¹³³⁸. O título era, assim, uma espécie de sumário das obras da autora que o volume continha – uma autobiografia, uma carta à abadessa e religiosas do seu convento; uma carta ao ministro provincial; um tratado místico; vinte cartas a um religioso e quinze a uma religiosa – e anunciava, ainda, que esta *Vida* era *Disposta pelo Muito Reverendo Padre Frei Martinho de São Jozé, Prégador Jubilado, e Provincial da mesma Provincia dos Algarves, que também foi seu Confessor. E dada á luz pelo Padre Joaõ Euangelista da Cruz, e Costa, Bacharel formado nos Sagrados Canones*.

O aparato de censura deste livro abre-nos as portas da recepção que terá tido junto dos leitores, em particular daqueles que eram religiosos. Com efeito, os pareceres que precedem a obra, pedidos e alcançados antes da sua impressão – sem os quais nunca teria sido possível realizar-se – deviam influenciar fortemente quem viesse a ler os textos de Soror Isabel. Serviam, assim, de introdução, ou de enquadramento, à sua obra, saindo das penas de eminentes teólogos. Embora não fosse parecer de censura, a *Vida da Serva de Deos...* incluía, ainda, o parecer de Frei Jerónimo de Belém – portanto, parecer da Ordem a que pertencia a autora –, cujo prestígio vinha certamente elevar o conceito da autora junto dos leitores. Nos livros de autores religiosos, devia constar sempre o parecer do seu superior, ou de alguém que ele designasse para o efeito. O parecer de Frei Jerónimo de Belém será, pois, resultado de um pedido directo de Frei Martinho de São José. Uma das ordenações do capítulo em que foi eleito ministro provincial Frei Martinho de São José, celebrado em Setúbal, a 17 de Novembro de 1753, fora a de que os conventos comprassem a segunda parte da crónica da Província, da autoria de Frei Jerónimo de Belém, a quem foi então concedido o título de Padre da Província, “com precedência aos Definidores”¹³³⁹.

¹³³⁸ Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*

¹³³⁹ Cf. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532-1844)”, *op. cit.*, p. 307.

Em 1859, Inocêncio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, informa que Frei Jerónimo de Belém foi “Franciscano observante da província do Algarves. Exerceu na sua Ordem vários cargos, e entre eles o de Bibliothecario do convento de Xabregas, e Chronista da província”¹³⁴⁰; e que nasceu em Arcos de Valdevez, no Minho, em 1692 – era, portanto, quase vinte anos mais novo que Soror Isabel – e que ainda vivia em 1760¹³⁴¹. Segundo Inocêncio, os seus escritos, porém, não mereciam grande atenção, porque “em a pureza e correcção de linguagem e estylo são pouco para imitar”¹³⁴².

Mas no século XVIII, as suas obras eram apreciadas e, dentro da Ordem, fora-lhe mesmo concedido o já referido título de Padre da Província, com precedência aos definidores, pouco mais de ano decorrido sobre a morte de Soror Isabel do Menino Jesus¹³⁴³. Este título atestava o apreço pelas suas qualidades intelectuais e pela sua obra. Ainda hoje é muito citada a *Chronica Seraphica da Sancta Provincia dos Algarves...*, impressa em Lisboa, em três volumes – tomos II, III e IV, nos anos de 1750, 1755 e 1758¹³⁴⁴. Como atrás mencionámos, o tomo III no ano seguinte à morte de Soror Isabel. As diligências prévias à sua impressão desta obra estariam, pois, a decorrer, o que explica a ausência de uma nota biográfica de Soror Isabel no capítulo dedicado ao Convento de Santa Clara de Portalegre, socorrendo-se o cronista da história de Margarida de Palos, terceira dominicana, muito indirectamente relacionada com as religiosas portalegrenses.

A actividade historiográfica de Frei Jerónimo de Belém, sucessor de outros cronistas portugueses da sua Ordem – de Frei Marcos de Lisboa, em 1557; e de Frei Manuel da Esperança, em 1656 e 1666; de Frei Fernando da Esperança, com três partes da crónica que foram impressas já no século XVIII, em 1705, 1709 e 1721¹³⁴⁵ – não o limitou, porém, às crónicas. Publicou também *Descuidos do escudo impenetrável...*, em 1736, uma obra em que polemiza com um autor

¹³⁴⁰ Cf. Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, *op. cit.*, tomo VI, p. 155. Silva, *op. cit.*, tomo III, p. 258.

¹³⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 258.

¹³⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 258.

¹³⁴³ Cf. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532–1844)”, *op. cit.*, p. 307.

¹³⁴⁴ Cf. Jerónimo de Belém, *Chronica Seraphica da Sancta Provincia dos Algarves...*, *op. cit.*

¹³⁴⁵ Vd. Zulmira C. Santos, “Produção Historiográfica Portuguesa Sobre a História Religiosa”, in *Lusitania Sacra*, 2.ª Série, n.º 21, Porto, 2009, pp. 249-261.

dominicano, respondendo-lhe acerca da história das Ordens terceiras, cujo pioneiro fora São Francisco¹³⁴⁶. Era também uma autoridade em matérias espirituais e autor de livros então bem conhecidos, como a *Palestra da Penitencia Sendo Corifeo; Author, e Mestre o milagroso Deos Menino...*, impressa em 1736¹³⁴⁷. Também publicara as *vidas* de Soror Cecília Maria de Jesus, “Veneravel Preta”¹³⁴⁸, em 1736; e da Irmã Maria da Cruz, professa da Ordem Terceira de São Francisco na vila de Olivença, em 1747¹³⁴⁹, entre outras obras.

O facto de se atribuir tal título no mesmo capítulo que elegeu Frei Martinho de São José faz-nos supor uma relação próxima entre ambos. Seriam, pelo menos, conhecidos, porque, pouco depois, Frei Martinho, na qualidade de ministro provincial, havia de pedir o parecer sobre o livro de Soror Isabel do Menino Jesus ao cronista. Neste, Frei Jerónimo tinha da autora um bom juízo: “sendo certo que não teve mais estudo, que o da santa Oração, em que gastava muitas horas, e de ordinário, noites inteiras, com o exercicio de outras virtudes, bem se infere, que só nesta eschola podia aproveitar”¹³⁵⁰. Para ele, Soror Isabel escrevera “huma materia toda mystica, fundada nas regras, e principios de uma sciencia, verdadeiramente dos santos”¹³⁵¹. Afirmava, portanto, que era uma verdadeira mística: “Os favores, que a Veneravel Madre conseguiu da Bondade Divina, parecem conformes ás doutrinas mysticas, pela humildade, com que fazia aceitação delles”¹³⁵².

Justificava estas eminentes afirmações com a *Lycerna mystica...*, da autoria do Padre José López de Ezquerria¹³⁵³. Esta obra de referência na teologia

¹³⁴⁶ Cf. Jerónimo de Belém, *Cruz Serafica, e franciscana, decifrada da vida do Serafim humano São Francisco de Assiz, pelo nove letras do seu nome...*, Lisboa, Oficina de Inácio Rodrigues, 1750; e *Descuidos do escudo impenetrável...*, Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1750.

¹³⁴⁷ Cf. Jerónimo de Belém, *Palestra da Penitencia Sendo Corifeo; Author, e Mestre o milagroso Deos Menino...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1736.

¹³⁴⁸ Cf. Jerónimo de Belém, *Palestra da Penitencia. Origem, Graças, indulgencias, privilégios da Terceira Ordem Serafica...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1736.

¹³⁴⁹ Cf. Jerónimo de Belém, *Olivença Illustrada pela Vida, e Morte da Grande Serva de Deos Maria da Cruz, Filha da Terceira Ordem Serafica...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1747.

¹³⁵⁰ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [2].

¹³⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2v].

¹³⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. [2v].

¹³⁵³ Cf. José López Ezquerria não deve ser confundido com Pablo Ezquera, religioso carmelita nascido em Saragoça em 1626 e falecido em 1696, também uma autoridade na teologia mística naqueles séculos, autor de

mística, do “doutíssimo Ezquerra, e deduzida dos santos Padres, e Mysticos”¹³⁵⁴, fora impressa em latim na cidade de Saragoça em 1692¹³⁵⁵; e destinava-se a ensinar os directores espirituais a lidar, de forma esclarecida, com todos os fenómenos místicos, com conhecimento das suas causas e efeitos. Segundo o Padre José López de Ezquerra, e de acordo com a citação latina de Frei Jerónimo de Belém, se uma visão é de bom espírito, embora a alma trema de medo, receie e se perturbe, torna-se, todavia, pouco a pouco, mais forte e sossega. Recebe em si uma luz admirável e uma altíssima cognição do objecto, e igualmente um ardor na vontade, uma ardente prontidão para bem agir¹³⁵⁶.

Assim se passara com Soror Isabel do Menino Jesus, “sempre que Deos a favorecia na sua oração; porque, no seu conceito, de nada se fazia acreedora: afligia-se em buscar dinheiros para resgatar almas”¹³⁵⁷, temendo o seu próprio procedimento, ao mesmo tempo que tentava que fosse o mais possível perfeito, “e nisto mesmo se hia habilitando para novas mercês”¹³⁵⁸. E também aqui se via o escrúpulo que era comum aos que duvidavam de revelações, “principalmente em semelhante sexo”¹³⁵⁹, isto é, em especial no caso de se tratar de mulheres.

Como não escrevia para discutir ou convencer, Frei Jerónimo de Belém afirmava somente que Deus podia comunicar-se “como, quando, e a quem for servido: *Dividens singulis, prout vult*, sem dependência dos Theologos, e

obras bastante conhecidas pela Península Ibérica. Cf. “Ezquerra, (Pablo) O. Carm. /1626–1696”, in Peter Dinzelbacher (ed.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, p. 378.

¹³⁵⁴ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [2].

¹³⁵⁵ Vd. José López de Ezquerra, *Lycerna mystica pro directoribus animarum quae omnia prorsus difficilia & obscura quae in dirigendis spiritibus evenire solent, mira dexteritate clarificat. Qua cuncta ad scientiam mysticam necessaria, rerum supernaturalium quidditates, vocationes, causae, & effectus, breviter, & compendiosè clarescunt. Et ad calcem in gratiam directorum brevis mductio practica, iuxta huius voluminis doctrinam typis mandata per quendam presbyterum profectus animarum cupidum*, César Augusto, Junto a Pascácio Bueno, Aragão, 1692.

¹³⁵⁶ Escreve José López de Ezquerra: “Si visio fit à bono spiritu, quamvis anima sic contremiscat, paveat, & conturbetur, sensim tamen roboratur, & conquiescit, atque in se mirabile lumen, & altissimam objecti cognitionem percipit, pariterque ardorem in voluntate, fervidam promptitudinem ad benè operandum”. Cf. José López de Ezquerra, *Lycerna mystica...*, *op. cit.*, tract. V, cap. 3, n.º 23.

¹³⁵⁷ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [2v].

¹³⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2v].

¹³⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3].

Doutores”¹³⁶⁰. Recordava que, quanto às mulheres, “*servatis servantis*, são mais aptas, por sua brandura, para as Divinas impressões”¹³⁶¹, conforme a opinião dos teólogos. Ou seja, por norma, as mulheres eram consideradas mais aptas “na materia de Predestinação, sobre as palavras da Igreja: *Intercede pro devoto faemineo sexu*”¹³⁶². Acrescentava, no entanto, que “se bem que he muito conveniente haver grande cautela em acreditá-las, como adverte o referido Ezquerria”¹³⁶³; e que deviam ser educadas durante muito tempo para tal, por meio de assíduas meditações, pelo incessante exercício das virtudes, e, sobretudo, pela mortificação do próprio juízo, de modo a que por meio da vocação manifesta de Deus e pela comprovada virtude, com segurança, alcançassem o exercício da contemplação¹³⁶⁴.

Este parecer tão favorável terá sido pedido antes de o manuscrito autógrafa seguir a censura tripartida – do Santo Ofício, do Ordinário e do Paço –, mas não antes de o próprio Frei Martinho de São José, talvez por conselho de Frei Jerónimo de Belém, tomar aquela decisão inédita, à qual já antes aludimos: a de imprimir-lo tal como a autora o deixara, isto é, sem o transformar numa *vida*, como até então era comum fazer-se em relação a escritos de religiosas. Assim se explica na “Advertencia”: “Esta Vida da Veneravel Soror Isabel do Menino Jesus, Religiosa no Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, da Provincia dos Algarves, vay escripta pela mesma fraze, estilo, com que ella a deixou disposta”¹³⁶⁵. Parecera conveniente o “naõ reduzir-se a forma, para que naõ succeda nos tempos futuros o que já aconteceu nos passados com outras obras de algumas Servas de Deos, em que a devoçaõ, ou discurso prudente lhos introduzio titulo de Capitulos

¹³⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3]. Ou seja, “Divindindo por cada um, como quer”.

¹³⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3]. Ou seja, “Observando a norma”.

¹³⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. [3]. Ou seja, “Intercede por todo o sexo femino”.

¹³⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [3].

¹³⁶⁴ Escreve José López de Ezquerria: “Faeminae regulariter propter earum suavem indolem, aptae sunt sanctae quieti; verumtamen cum eis magna cautio adhibenda est: Unde per assíduas meditationes, per sollicitum exercitium virtutum; & praesertim per proprii iudicii mortificationem, longo tempore deducendae sunt, ut postea per manifestam Dei vocationem, & probatam virtutem possint tutò ad exercitium contemplationis conscendere”. Cf. José López de Ezquerria, *Lycerna mystica...*, *op. cit.*, tract. I, cap. VIII, n.º 78.

¹³⁶⁵ Cf. F. J. B. C., “Advertencia”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, pp. 1-1v.

para divisaõ”¹³⁶⁶. Neste sentido, e por cautela, “se não acrescenta nestes escriptos huma só palavra; e só para satisfazer, e inteirar o leitor do que elles contêm, vão as suas proprias divisões signaladas com §§., e estes lhe servirão de titulos”¹³⁶⁷. Esta crítica ao que então se imprimia em Portugal – e certamente também em Espanha –, sobre escritos de religiosas, parece referir-se a uma prática de escrita “em que a autoria feminina e masculina se mesclam e sobrepõem”, segundo aponta Isabel Morujão¹³⁶⁸.

Segundo Isabel Morujão, esta prática teria sido inaugurada no nosso país em 1694, por Frei António de Almada, com os seus *Desposorios do espirito...*, a vida de Soror Mariana do Rosário (1615-1649), religiosa conversa do Convento do Salvador de Évora¹³⁶⁹. O autor, que fora seguido no estilo por outros da época, escrevera a obra a partir de escritos de Soror Mariana, que se conservavam no seu convento. Aquela crítica era ponderosa para Frei Martinho de São José, uma vez que bem saberia que essa mescla de autorias feminina e masculina, além de poder suscitar alguma reserva por parte de alguns leitores mais esclarecidos, na medida em que os autores tendiam para um estilo essencialmente panegírico, não conservavam a vivacidade, a genuinidade de um relato pessoal feminino. Olhando ao que escrevera Soror Isabel do Menino Jesus, que pessoalmente tanto lhe agradaria – fora seu confessor –, e aos que até aí tinham lido os seus escritos, Frei Martinho desejaria oferecer aos leitores um testemunho feito na primeira pessoa do singular, em discurso directo, sem artifícios. A sua decisão inédita poderá não terá sido facilmente acolhida, quer no seio da Ordem, quer fora dela, em especial no momento de pedir os pareceres aos censores. Ainda que o manuscrito fosse acompanhado por um parecer prévio, o de Frei Jerónimo, nunca em Portugal, tanto quanto sabemos, se imprimira um livro de mística com autoria feminina, ou era, seguramente, algo raro no panorama literário português.

Frei Jerónimo de Belém frisava também que Soror Isabel tivera outra característica certificadora da sua autenticidade: a humildade com que se sujeitara aos “dictames, e correcção dos Doutores Mysticos, próva bem este pensamento;

¹³⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 1-1v.

¹³⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 1-1v.

¹³⁶⁸ Cf. Isabel Morujão, “Entre a Voz e o Silêncio: Literatura e Espiritualidade nos Mosteiros Femininos”, in *Rever. Revista de Estudos da Religião*, ano 11, n.º 1, São Paulo, 2011, p. 45.

¹³⁶⁹ Vd. António de Almada, *Desposorios do Espirito...*, *op. cit.*

porque sciencia sem humildes fundamentos, vay taõ fóra dos termos de verdadeira, que vem parar nos delírios, em que cahíram muitos homens doutos”¹³⁷⁰, perdendo-se, a si mesmos “e aos seus sectarios, com escandalo do mundo, e detrimento da Igreja”¹³⁷¹. Talvez esteja a referir-se implicitamente a vários casos identificáveis pelos leitores¹³⁷². Estes, segundo aponta, que se perdem a si próprios e aos seus seguidores, “podem ser aquelles que querem ver o que não fazem, blasonando de mysticos, sem prática, nem uso da oração, sem

¹³⁷⁰ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [2v].

¹³⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2v].

¹³⁷² É de notar que, por essa data, não havia muito tempo que tinha sido desterrado para Setúbal o famoso Padre Gabriel Malagrida, religioso da Companhia de Jesus, que fora confessor do falecido D. João V e da Rainha D. Mariana Vitória. A sua acção junto do novo monarca, D. José, e do seu ministro, Marquês de Pombal, fora desagradável e desajustada à política pombalina, uma vez que passara por apontar as causas espirituais do terramoto de 1 de Novembro de 1755, publicando o seu *Juízo sobre a verdadeira causa do terramoto...*, opúsculo moralista impresso em 1756, que o autor oferecera ao monarca e ao ministro. Na obra, assumira com veemência uma posição contrária à explicação naturalista e racionalista da catástrofe, publicada no mesmo ano pelo governo. Vd. Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, *O Livro Proibido do Padre Malagrida*, João Pessoa, Unigraf, 1986. Para o religioso, o terramoto fora um castigo divino e os lisboetas deviam reformar os seus costumes e procurar a salvação das suas almas através da oração, de celebrações religiosas e de exercícios espirituais. O desterro devera-se ao desagrado de Pombal, que vira naquela postura uma condenação da acção do Estado que ele dirigia, e implicara para o jesuíta um desprestígio monumental, pois até então fora muito influente na corte. Ainda que já em Setúbal, era visitado por nobres conservadores que também não simpatizavam ou se opunham a Pombal. Ali, continuava a proclamar o que anunciara naquela obra. Os seus influentes sectários difundiam depois as suas mensagens na corte, onde famílias conservadoras como a dos marqueses de Távora, e outras da alta nobreza – que, no geral, desprezava Pombal –, consideravam Malagrida um místico e *santo vivo*. Vd. Francisco Butiña, *Vida del P. Gabriel Malagrida de la Compañía de Jesús, Quemado como Hereje por el Marqués de Pombal*. Barcelona, Imp. de Francisco Rosal y Vancell, 1886; Francisco Butiña, *Pombal y Malagrida. Persecución Anti-jesuitica en Portugal*, Barcelona, Imprenta de Francisco Rosal y Vancell, 1902. Provavelmente, quando Frei Jerónimo de Belém escrevia o seu parecer sobre a *Vida da Serva de Deos...*, em Lisboa, a 2 de Fevereiro de 1757, estaria Malagrida em Setúbal anunciando as revelações divinas com que era agraciado através de anjos; e escrevia pelo menos mais duas obras de cariz místico. Sendo denunciado ao Santo Ofício em data posterior à impressão da *Vida da Serva de Deos...*, o jesuíta seria condenado em auto da fé por heresia, a 21 de Setembro de 1761, morrendo depois na fogueira. A Frei Jerónimo de Belém interessava, pois, fazer uma clara distinção entre este tipo de escritores místicos e Soror Isabel do Menino Jesus, cuja humildade em tudo a distanciava daquele estilo acusatório – e, entenda-se, arrogante –, que fora o do jesuíta, ao afrontar o monarca e o seu ministro. As acções de Malagrida, como Frei Jerónimo insinuaria, eram “delírios, em que cahíram muitos homens doutos”, o que sucedia naquele ano de 1757, com “escandalo do mundo, e detrimento da Igreja”. Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [2v].

recolhimento, sem retiro, e sem haverem talvez feito huma inteira confissão de suas culpas”¹³⁷³.

Por isso, dizia que “Este me pareceo o tempo, em que a Vida da Veneravel Soror Isabel do Menino Jesus, Religiosa do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, desta Provincia, não tinha lugar de sahir á luz; porque anda nelle tão malquista a virtude”¹³⁷⁴. Para corrigir tais erros saía a público este livro, obra que foi “escripta de sua propria mão, com todos os passos, e acções della, referindo os favores, da mão Divina recebo”¹³⁷⁵. Passa a apresentar a autora como modelo e como mestra de espírito para aqueles que queiram, de facto, progredir no caminho da virtude:

“Todo o seu viver foi uma continuada cruz de trabalhos, penitencias, e mortificações, não sendo de menos ponderação a da Prelazia, a que a promovêrao suas virtudes, e o imperio da obediência; e com tudo isto não faltaria com quem lhe pusesse taxa no seu obrar, para lhe estender o merecimento; mas por isso mesmo sahio mais purificada do chrysol da censura, para subir de ponto no seu espirital aproveitamento. Alguem faria reparo no seu silencio, mas suas vigílias, na sua caridade, e nas suas penitencias, a pesar da propria cautela; e quem ainda o fizer nesta sua escripta, julgue de si, se póde formar júzo de penitencias, sem ter mão para huma disciplina, nem braço para o cilicio? se poderá notar a sua ardente caridade, sem socorrer o pobre? se se atreverá a falar em vigílias, dormindo o sonno solto da sua cama? e a criticar o seu silencio, sem saber reprimir a língua, para a mais leve palavra de impaciência? Ora aprendaõ todos desta grande Mestra de espirito; e os que não forem da sua parcialidade, nem discipulos na sua eschóla, ficarão sem lugar, e sem graduação no capitulo, e universidade da virtude.”¹³⁷⁶.

Refere, em especial, as cartas da autora, nas quais vê “ardente zelo de mayor perfeição de vida, com doutrinas naturaes, seguras, e sinceras”¹³⁷⁷. Os seus escritos, prossegue, fundam-se nestes princípios e “bem mostraõ que mão superior he a que movia a penna; e como Deos nem engana, nem póde ser enganado, pelo que mostrou com esta sua regalada Esposa”¹³⁷⁸, pelo que bem se pode inferir “que

¹³⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v].

¹³⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v].

¹³⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v].

¹³⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. [1v] e [2].

¹³⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10].

¹³⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10].

lhe deu luz para o acerto, e aprovou toda a materia deste seu livro; porque de outra sorte era moralmente impossível, que huma mulher illiterata se elevasse sobre a sua pouca capacidade”¹³⁷⁹.

Por todas estas razões, é de parecer que a *Vida da Serva de Deos...* se imprima “na mesma forma, em que a sua Auctora o escreveu; pois nella se não encontra cousa alguma opposta aos dogmas da Fé, doutrinas dos Santos Padres, e Doutores Mysticos, nem contraria aos bons costumes”¹³⁸⁰, parecendo-lhe ser “digno de estampar com letras de ouro, para mayor formosura do seu Mosteiro, credito desta Provincia, edificação do mundo, e mayor gloria de Deos, a quem sejaõ dados todos os louvores por seculos sem fim”¹³⁸¹.

A este parecer de Frei Jerónimo de Belém se terá devido, portanto, a decisão de publicar os textos de Soror Isabel exactamente como a própria os deixara, no seu caderno. Frei Martinho de São José assim o terá determinado, sem proceder a qualquer alteração que não fosse a actualização da ortografia e a pontuação, na qual a autora fora praticamente omissa, a correcção das citações latinas, e pouco mais.

Segundo a “Advertencia” da *Vida da Serva de Deos...* outras dificuldades surgiram entretanto: “Não passe sem poderação o que tem custado para sahir á luz este livro, que ainda tendo as licenças precisas, gastou dous annos para chegar á impressãõ”¹³⁸². De facto, consta do impresso a nota “Que possa imprimir-se, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á licença, para se conferir, taxar, e dar licença, para que possa correr, sem a qual não correrá”, em Lisboa, a 31 de Maio de 1755¹³⁸³; e que as licenças finais, do Santo Ofício e a do Ordinário de lugar, foram dadas em Lisboa já dois anos depois, a 28 de Junho de 1757; e a do Paço, a 1 de Julho do mesmo ano¹³⁸⁴. Estes trâmites eram normais na impressão de obras.

¹³⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10].

¹³⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10].

¹³⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10].

¹³⁸² Cf. F. J. B. C., “Advertencia”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, pp. 1-1v.

¹³⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 1-1v.

¹³⁸⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [6v].

Neste caso, houve certa demora, e esta explicar-se-á pela vicissitude que atingira a cidade, violentamente abalada pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755, com suas réplicas, momento em que o manuscrito autógrafo de Soror Isabel aqui se encontrava, tendo, portanto, sobrevivido à catástrofe. De facto, o convento de Xabregas, onde estaria, ou para onde terá regressado por estes dias o manuscrito, ficou arruinado e as obras de recuperação começaram apenas quase dois anos depois, em Julho de 1757, sendo a comunidade dos religiosos alojada, com os seus pertences, numa barraca construída na cerca¹³⁸⁵. De facto, segundo a *Vida da Serva de Deos...*, a própria autora teria profetizado as dificuldades futuras, porque “disse a uma sobrinha sua, hoje actual Abadessa no seu Mosteiro, referindo: *Que havia de ser livro particular; mas que havia de ter muitas contradições*”¹³⁸⁶.

Além do parecer de Frei Jerónimo de Belém, que já citámos, a *Vida da Serva de Deos...* tivera dois breves pareceres franciscanos, posteriores às licenças de impressão, um de Frei Manuel da Epifania, leitor jubilado, qualificador do Santo Ofício, examinador das três ordens militares, padre da Província dos Açores e ex-ministro provincial da Província dos Algarves; e outro de Frei António de Santa Coleta, leitor de terça, qualificador do Santo Ofício, examinador das mesmas ordens militares e consultor da bula da Santa Cruzada. Ambos tinham escrito no convento xabregano, ainda em 1755, a 16 de Junho, cinco meses antes do terramoto de 1 de Novembro, que arruinaria o convento. Seriam os revedores da obra.

O primeiro afirmava que “Li com muita reflexã o livro, que por mandado de seu Confessor, escreveo a Veneravel Serva de Deos, Soror Isabel do Menino Jesus”¹³⁸⁷. Na leitura, constatara que nele “se deixã ver, não só os maravilhosos progressos da sua exemplar vida e os favores que recebeo da poderosa mã do Senhor, em quanto ella existio no seculo, e muito mais depois que professou

¹³⁸⁵ Cf. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532-1844)”, *op. cit.*, p. 308.

¹³⁸⁶ Cf. F. J. B. C., “Advertencia”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, pp. 1-1v.

¹³⁸⁷ Cf. Manuel da Epifania, “Parecer do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Manoel da Epiphania, Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Oficio, Examinador das Tres Ordens Militares, Padre da Provincia dos Açores, Ex-Provincial em a dos Algarves”, Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. 2.

naquelle religioso Convento”¹³⁸⁸, não encontrando “no dito livro mano-escripto cousa alguma, que seja oposta, nem dissonante á nossa santa Fé catholica, bons costumes e decretos apostólicos”¹³⁸⁹, pelo que lhe parecera digno de mandar estampar. Quanto a Frei António de Santa Coleta, referia que “Vi hum manuscripto, que deixou depois da sua preciosa morte a serva de Deos Soror Isabel do Menino Jesus”¹³⁹⁰, o qual “trata de todos os progressos da sua Vida, exarados de seu proprio punho; e nelle nada encontrei, que se opponha aos dogmas da nossa Fé catholica, nem aos bons costumes da Igreja”¹³⁹¹. Também não vira “proposição alguma Theologica, ou Mystica, que possa dar levíssimo fundamento para dúbidas, ou controvérsias nas escholas de huma, e outra faculdade”¹³⁹². Concluía afirmando que “antes he o seu estilo taõ sincero, e simples, que persuade docemente as almas para o seguimento das virtudes, e dá normas bundantissimas para a detestação dos vícios”¹³⁹³.

Seguiam-se as licenças do Santo Officio. A primeira licença era a aprovação de Frei Manuel de Ferreira, ex-leitor de teologia e qualificador do Santo Officio, dada no Hospício do Duque de Cadaval, a 30 de Março do mesmo ano de 1755. Dirigindo-se aos “Illustrissimos Senhores”¹³⁹⁴, dizia-lhes que “Satisfazendo ao preceito de Vossas Senhorias, não com menor gosto, que attenção, lí o livro da Vida da Madre Soror Isabel do Menino Jesus, Religiosa no Mosteiro de Santa Clara de Portalegre”¹³⁹⁵, a qual “falleceo com opinião de Serva de Deos”¹³⁹⁶, uma “obra feita por ella mesma, mas obrigada dos seus Confessores, com outros Tratados Mysticos, e cartas suas; e que intenta dar ao prélo o Muito Reverendo Padre Frei Martinho de São Jozé, Prégador Jubilado, e dignissimo Provincial da

¹³⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 2.

¹³⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 2.

¹³⁹⁰ Cf. António de Santa Coleta, “Parecer do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Antonio de Santa Coleta, Leitor de Terça, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. 2v.

¹³⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 2v.

¹³⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 2v.

¹³⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 2v.

¹³⁹⁴ Cf. Manuel de Ferreira, “Appovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Manoel de Ferreira, Ex-Leitor de Theologia, e Qualificador do Santo Officio”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. 3.

¹³⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3.

¹³⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3.

Provincia dos Algarves”¹³⁹⁷. Julgava ser esta uma “Obra esta tão admiravel, e de tanto esplendor para a Ordem Seraphica”¹³⁹⁸, pelo que devia orgulhar-se dela, “porque nella não só não se divisa cousa, que encontre a verdade de nossa santa Fé, ou pureza dos bons costumes, mas sim tantas admirações, quantos períodos”¹³⁹⁹, etc. Concluía dizendo que este era este era “Difícultoso jugo, que o limitado de minhas vozes decifre a grandeza desta obra, tão útil, e conveniente, que se dê á estampa, porque nela teraõ todos os que a lerem huma grandíssima consolação espiritual”¹⁴⁰⁰, e que “não se lê neste livro regra, que a vida não possa tomar forma, palavra, que não possa cortar flor, nem folha, de que se não possa colher fruto”¹⁴⁰¹.

Seguia-se uma segunda aprovação, de Frei Félix de Santa Rosa, lente jubilado e qualificador do Santo Ofício, escrita no Convento da Boa Hora de Lisboa, dos eremitas agostinhos descalços, a 5 de Maio de 1755. Os elogios a Soror Isabel do Menino Jesus prosseguiam. “Obedecendo ao despacho de Vossas Illustrissimas”¹⁴⁰², vira “a lição repetida deste livro”¹⁴⁰³ e ocorrera-lhe muitas vezes que “esta serva de Deos podia denominar-se, com bastante propriedade, a mulher forte, que Salomaõ dizia nos Proverbios ser difíciloso encontrar-se: *Mulierem fortem quis inveniet?*”¹⁴⁰⁴, isto é, uma figura do *Livro dos Provérbios*, podendo traduzir-se a citação por “Quem encontrará uma mulher forte?”¹⁴⁰⁵. Invocava-a porque essa mulher da Sagrada Escritura “punha em tanta confiança o seu Esposo, que ella bastava só para enriquecê-lo dos despojos, que alcançava: *Confidit in ea cor viri sui & sposiis non indigebit*”¹⁴⁰⁶, citação que podemos traduzir para “Confia nela o coração do marido e ele não terá necessidade de

¹³⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3.

¹³⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3.

¹³⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3.

¹⁴⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3v.

¹⁴⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3v.

¹⁴⁰² Cf. Félix de Santa Rosa, “Appovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Felix de Santa Roza, Lente Jubilado, e Qualificador do Santo Officio”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. 4.

¹⁴⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4.

¹⁴⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4.

¹⁴⁰⁵ Cf. Prov 31, 10-11.

¹⁴⁰⁶ Cf. Félix de Santa Rosa, “Appovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Felix de Santa Roza...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. 4.

despojos”¹⁴⁰⁷. Nessa *mulher forte*, que governava a sua casa e na sua família, “naõ se extinguiu a luz; porque era summamente cuidadosa no trabalho, e nas industrias vigilante”¹⁴⁰⁸, e porque “Non extinguetur in nocte lucerna ejus. De nocte surrexit, deditque praedam domesticis suis”¹⁴⁰⁹. Assim fora a autora, “a toda a hora vigiava para o bem das almas, que viviaõ dentro, e fóra da clausura”¹⁴¹⁰, orando, mortificando-se, instruía; e não perdera tempo tentando que todos praticassem a virtude, o que dera, pois, “muita honra, e gloria também para o seu Deos Esposo”¹⁴¹¹.

Frei Félix de Santa Rosa recordava que “A Heroína, de que fallava Salomaõ, mereceo ser louvada pelo seu esposo, e pelos seus filhos, e domesticos: *Surrexerunt filis ejus, & beatissimam praedicaverunt eam; vir ejus & laudavit eam*”¹⁴¹². Não só o faziam as religiosas de quem Soror Isabel fora abadessa a elogiavam, como também agora Frei Martinho de São José, que era “seu Religiosissimo Irmaõ, Prelado dignissimo, e preclarissimo esplendor da Santa Provincia Serafica dos Algarves”¹⁴¹³, que desejava, “pelo beneficio da estampa expor á admiraçaõ, e veneraçãõ de todos, os virtuosos progressos desta serva do Senhor”¹⁴¹⁴.

Os escritos de Soror Isabel do Menino Jesus deviam-se à obediência e neles havia “muito que imitar, e aprender os que seguem a vida religiosa, e mystica”¹⁴¹⁵, bem como os que “vivendo no mundo, quizeram acautelarse de seus enganõs; porque para todos tem esta obra documentos, e instrucçaõ, com que possaõ dirigir-se para o Ceo.”¹⁴¹⁶ Por isto, era de opinião que o seu manuscrito devia

¹⁴⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4.

¹⁴⁰⁸ Cf. Félix de Santa Rosa, “Appovaçaõ do Muito Reverendo Padre Frei Felix de Santa Roza...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. 4v.

¹⁴⁰⁹ Cf. Prov 31, 15-16. Ou seja, “De noite, não se apaga a sua candeia. Levanta-se de noite e distribui as tarefas às suas servas”.

¹⁴¹⁰ Cf. Félix de Santa Rosa, “Appovaçaõ do Muito Reverendo Padre Frei Felix de Santa Roza...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. 4v.

¹⁴¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4v.

¹⁴¹² Cf. Prov 31, 28. Ou seja, “Os seus filhos levantam-se para proclamá-la bem-aventurada e seu marido para elogiá-la”.

¹⁴¹³ Cf. Félix de Santa Rosa, “Appovaçaõ do Muito Reverendo Padre Frei Felix de Santa Roza...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. 4v.

¹⁴¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4v.

¹⁴¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4v.

¹⁴¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 4v-[5].

imprimir-se, tornando-se pública uma obra “que em nada se oppõem á nossa santa Fé, e bons costumes, antes exhorta, e instrûe a todos, para que sejaõ na Fé puros, e nos costumes reformados”¹⁴¹⁷.

“Vistas as informações, e licenças juntas, póde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá”¹⁴¹⁸, era a anotação que se seguia a este último parecer, datada e rubricada em Lisboa, a 15 de Março de 1755. Seguia-se a licença do Ordinário, precedida da informação enviada por Frei José da Madre de Deus, leitor jubilado, qualificador do Santo Ofício e cronista da sua Ordem, escrita no convento de Xabregas, a 19 de Maio de 1755, dirigida ao arcebispo de Lisboa, declarando ter lido “a vida da Religiosa Soror Isabel do Menino Jesus, dada á luz pelo Muito Reverendo Padre Frei Martinho de São José, Provincial da Província dos Algarves, da Ordem Serafica”¹⁴¹⁹, que julgava “muito digna de fe imprimir; porque está escripta com boa ordem, elegancia, formalidade, e espirito; e não se contém nella cousa alguma contra a Fé catholica, nem opposta á pureza dos bons costumes”¹⁴²⁰. O arcebispo deu a licença, em Lisboa, no mesmo dia¹⁴²¹.

Seguia-se a licença do Paço. A aprovação era de Frei José de Santa Rosa, lente jubilado, qualificador do Santo Ofício e cronista da Ordem dos eremitas de São Paulo, dada no Convento do Santíssimo Sacramento, a 27 de Maio de 1755, dizendo que nada encontrava na obra de Soror Isabel, “lustre do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, e credito da Santa Provincia dos Algarves”¹⁴²², que não parecesse digno da luz do prelo, antes a via como sendo “em beneficio da virtude, que se no seculo presente está esquecida, e menos prezada, com este despertador

¹⁴¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5].

¹⁴¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5].

¹⁴¹⁹ Cf. José da Madre de Deus, “Do Ordinario. Approvaçãõ do Muito Reverendo Mestre Padre Frei Jozé da Madre de Deos, Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Officio, e Chronista da sua Religiaõ”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [5v].

¹⁴²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5v].

¹⁴²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5]. A *Vida da Serva de Deos...*, na verdade, diz “19. de Fevereiro de 1755”, mas tratar-se-á de um lapso no mês, uma vez que não pode ser anterior à data daquela informação, à qual o prelado faz expressa referência, dizendo “Vista a informação, póde-se imprimir o livro, de que trata, e depois de impresso, voltará conferido, para lhe dar licença para correr”.

¹⁴²² Cf. José de Santa Rosa, “Do Paço. Approvaçãõ do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Jozé de Santa Roza, Lente Jubilado, Qualificador do Santo Officio, Chronista da sua Ordem”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [6].

poderá melhorar de fortuna, e incitar os seus seguidores para prosseguirem aproveitados os o que principiaõ fervorosos.”¹⁴²³.

A *Vida da Serva de Deos...* continha também o prólogo da autoria de Frei Martinho de São José, que temos vindo a citar largamente, já que possui muitas notícias sobre a vida de Soror Isabel¹⁴²⁴. De facto, Frei Martinho retratava a autora segundo ele próprio a conheceu, porque chegara a ser seu confessor; e nomeava, ainda, várias testemunhas da sua vida religiosa que a tinham conhecido pessoalmente, cuja existência coeva pudemos confirmar noutras fontes, que fomos referindo. Citava também o seu assento de óbito, que também confirmámos; e um escrito assinado por várias religiosas contemporâneas, ao qual tivera acesso para redigir o seu texto, o qual, infelizmente, não conhecemos.

Como Frei Martinho referia que a autora criara as suas sobrinhas no convento, onde “saõ hoje perfeitissimas Religiosas”¹⁴²⁵, concluímos que o “Prologo” foi escrito quando ainda viviam as duas últimas sobrinhas sobreviventes de Soror Isabel do Menino Jesus, a saber: Soror Isabel de São José e Soror Brites Maria dos Serafins. Esta última, recordemos, morreu antes da impressão da *Vida da Serva de Deos...*, no dia 7 de Julho de 1754. O “Prologo...” foi, pois, necessariamente escrito em data anterior. Como Frei Martinho o assina já como ministro provincial, e como sabemos que foi eleito para este ofício a 17 de Novembro de 1753 naquele capítulo de Setúbal, podemos supor que o seu texto foi, na verdade, redigido entre esta última data e aquela outra, a da morte de Soror Brites. Ou seja, entre 17 de Novembro de 1753 e 7 de Julho de 1754.

Frei Martinho escreveu também uma “Protestaçãõ”, que já citámos. Tanto o “Prologo...” como esta vinham no fim da *Vida da Serva de Deos...* Se a “Protestaçãõ” era habitual neste lugar, o mesmo não se pode dizer em relação ao “Prologo...”, uma vez que, tal como o título indica, a sua vocação é introduzir os leitores nas matérias de um livro. Explica a sua decisão, também ela inédita:

“Costumaõ os prólogos pôrem-se no principio dos livros: neste não pôde ser assim, por isso se guardou para o presente lugar. Como tudo o que até aqui está escripto, he da mesma letra, e com a propria fraze da Veneravel Madre Soror Isabel do Menino

¹⁴²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [6]

¹⁴²⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [1v], § I.

¹⁴²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [10v], § IX.

Jesus, não era justo, que se pusessem outras palavras primeiro, que as suas: precedêraõ até agora estas, entraõ pois as mais, que continûaõ o admiravel progresso da sua vida, e o feliz fim da sua morte. Naõ ha que dizer ao leitor por satisfação do prologo, que esta vida, he como aquellas de muitas Santas, e Servas de Deos, que correm impressas, assim como por ellas mesmas foraõ escriptas, com algumadditamente somente sobre o que lhe faltava; o mesmo se faz nesta pelos paragrafos seguintes, ate ao ultimo, que será a protestaçaõ.”¹⁴²⁶

A impressão da *Vida da Serva de Deos...* fez-se, assim, segundo o manuscrito autógrafo que Soror Isabel do Menino Jesus tinha enviado ao ministro provincial, isto é, a um dos prelados que governaram a Província dos Algarves poucos anos antes da sua morte, a 5 de Outubro de 1752. A impressão, ocorrida já na segunda metade do ano de 1757, ter-se-á devido, possivelmente, à morosidade própria de uma impressão da época, mas também ao terramoto, como atrás referimos. Os pareceres favoráveis que atrás citámos indicam que não se terá devido a dificuldades de aceitação por parte da Ordem ou dos censores da obra de Soror Isabel, embora o processo talvez tenha conhecido maior celeridade após a eleição de Frei Martinho de São José para ministro provincial, o qual, dada a estreita relação que tivera com a autora, se terá esmerado para apressar a impressão, pedindo, até, a Frei Jerónimo de Belém que, como autor prestigiado, desse o seu parecer. Frei Martinho de São José esteve no convento pouco depois da morte de Soror Isabel, para visitaçaõ, tendo falado com as religiosas e lido o assento de óbito redigido por Frei António dos Anjos, confessor, uma vez que, no segundo fólio deste anotou que o *Livro das Defuntas* fora visto por si, como era obrigação, assinando-o¹⁴²⁷.

Frei Martinho de São José foi somente o organizador dos textos que compunham a *Vida da Serva de Deos...*, mas a edição não foi da sua autoria. No título do livro diz-se que foi “dado à luz” pelo Padre João Evangelista da Cruz e Costa. Diz-se apenas que este sacerdote era então bacharel nos Sagrados Cânones. Conserva-se, de facto, a sua matrícula em Cânones na Universidade de Coimbra, a 1 de Outubro de 1750, na qual consta que era natural de Aldeia Gavinha¹⁴²⁸. Não

¹⁴²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. [1]-[1v], § I.

¹⁴²⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 40v.

¹⁴²⁸ Cf. Arquivo da Universidade de Coimbra, Índice de Alunos da Universidade de Coimbra, Letra C (1537-1912), João Evangelista da Cruz e Costa.

seria religioso da Ordem dos Frades Menores, e, conseqüentemente, não seria súbdito de Frei Martinho de São José, uma vez que, como corolário de uma boa carreira eclesiástica (que supomos regular, mas noutra família religiosa), a 8 de Janeiro de 1780, receberia o hábito da Ordem Cristo e a tença de 12. 000 réis, de D. Maria I¹⁴²⁹. A 22 de Dezembro de 1790 era notário do Santo Ofício¹⁴³⁰.

Dois anos antes da impressão da *Vida da Serva de Deos...*, em 1755, fora impressa o tratado *São Jozé por Pay de Deos Filho Pay dos Filhos de Deos...*, do Padre Pedro de Torres, que fora traduzido de castelhano para português pelo Padre João Evangelista da Cruz e Costa, conservando-se um exemplar na Biblioteca João Paulo II, da Universidade Católica Portuguesa¹⁴³¹. Talvez por isso tenha sido convidado por Frei Martinho de São José a editar o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus, o que terá implicado a realização de uma cópia manuscrita do mesmo, actualizando a ortografia, atribuindo pontuação, no que a autora fora quase omissa; e emendando as suas citações latinas, uma vez que Soror Isabel as fizera sempre com erros, e pouco mais. Este trabalho, supomos, foi efectuado com a indicação expressa de Frei Martinho, acerca de não se alterar nada nos textos da autora. Terá sido também o Padre João Evangelista a acrescentar, nesse novo manuscrito, o parecer de Frei Jerónimo de Belém, o prólogo e a protestaçoão da autoria de Frei Martinho, etc.

O Padre João Evangelista da Cruz e Costa terá sido autor do título da *Vida da Serva de Deos...* e também da “Advertencia”, que temos citado. Este texto, que abre a obra, encontra-se assinado por “F. J. B. C.”, sigla que não corresponde inteiramente ao seu nome. No entanto, poderá tratar-se de um lapso do impressor, que confundiu “Evangelista” com “Baptista”, por ambos os apelidos remeterem para os dois *São Joões* mais venerados: São João Evangelista e São João Baptista. A sigla poderia, assim, ser “Frei João Baptista da Cruz”, lapso que correspondia a “Frei João Evangelista da Cruz”. A “Advertencia”, como atrás fica citado, afirma e explica a autoria da *Vida da Serva de Deos...*, obra de Soror Isabel do Menino Jesus.

¹⁴²⁹ Cf. ANTT, Registo Geral de Mercês (1639-1949), Registo do Reinado de D. Maria I, João Evangelista da Cruz e Costa, liv. 8(2), f. 89.

¹⁴³⁰ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 13423.

¹⁴³¹ Cf. Pedro de Torres, *São Jozé' por Pay de Deos Filho Pay dos Filhos de Deos. Discurso Extrahido das Excellencias de Saõ Jozé'...*, Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves, 1755.

Terá sido, por fim, autor do “Index das Cousas Mais Notaveis”¹⁴³², um índice remissivo que a *Vida da Serva de Deos...* apresenta nas últimas páginas, escolhendo para ele as respectivas entradas, as quais iriam influenciar, necessariamente, os leitores na leitura do livro. Este índice contém uma importante nota explicativa sob o seu título: “Tambem este Index he accrescimo, que se fez á obra da Veneravel Madre Soror Isabel do Menino Jesus; porque d'elle estava falta, e era preciso, para mayor formosura, e intelligencia do seu livro, que nada mais leva de augmento”¹⁴³³. Este índice está organizado por ordem alfabética e tem entradas como “*ABBADESSA*. O que neste cargo padeceo a Madre Soror Isabel do Menino Jesus, Pagina 69. n. 51”¹⁴³⁴; “*Algarve*. Cheyo, e recheado de culpas vê este Reyno a Madre Soror Isabel, pag. 50. n. 33”¹⁴³⁵; “*Annel*. O de Esposa dá o Senhor á Madre Soror Isabel, pag. II. n. 7”¹⁴³⁶; “*Chagas*. As de Christo Armas de Portugal, p. 50. num. 33”¹⁴³⁷; “*Chaves*. As de seu amor entrega Deos á Madre Soror Isabel, pag. 56. n. 36”¹⁴³⁸; “*Coração*. No da Madre Soror Isabel abre Deos duas fontes, pag. 35. n. 23”¹⁴³⁹; etc. O manuscrito preparado pelo Padre João Evangelista da Cruz e Costa terá então sido levado pelo próprio à oficina de José da Costa Coimbra para imprimir. Terá acompanhado os trabalhos, nomeadamente na revisão final.

2. A Vera Efiggies da Venerável Soror Izabel do Menino Jesus

Nos últimos anos da vida de Soror Isabel do Menino Jesus terá sido esboçado o seu retrato, plausivelmente por ordem do ministro provincial, que pretendia fazê-lo figurar na *Vida da Serva de Deos...*, ou talvez a expensas da abadessa, sua sobrinha, Soror Isabel de São José. A obra foi encomendada a Jean Baptiste Michel Le Bouteux, um prestigiado gravador francês, nascido em 1682 e

¹⁴³² Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, nas suas últimas páginas, não numeradas.

¹⁴³³ Cf. João Evangelista da Cruz e Costa (?), “Index das Cousas Mais Notaveis”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [1].

¹⁴³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1].

¹⁴³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1].

¹⁴³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1].

¹⁴³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v].

¹⁴³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [1v].

¹⁴³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2].

falecido em 1764¹⁴⁴⁰. Estava então activo em Portugal e, entre outras encomendas, trabalhara com Francisco Vieira Lusitano no livro *Historia da Fundação do Real Convento do Santo Christo das Religiosas Capuchinhas Francezas...*, do Padre José Barbosa¹⁴⁴¹; e abrira um retrato *post-mortem* de Soror Francisca da Conceição, no qual o rosto da retratada era de defunta, mas o corpo de pessoa viva, idealizando-lhe um coração inflamado sobre o peito. Este retrato saíra em 1738 na *Vida e milagres da veneravel Madre Soror Francisca da Conceição...*, do Padre Simão Cardoso Pacheco¹⁴⁴². O gravador teria, pois, uma clientela franciscana. Abriu também uma pequena estampa devocional representando a estigmatização de São Francisco, intitulada *Sancte Fracisce Ora pro Nobis*, que assinou e datou: “Mig.¹ Le Bouteux f. 1742”. Esta estampa foi posteriormente aplicada a certificados de profissão da Ordem Terceira de São Francisco, já no século XIX¹⁴⁴³.

Segundo Ernesto Soares, na sua *História da Gravura Artística em Portugal...*, o francês Michel Le Bouteaux:

“é uma curiosa figura que bem merece ser estudada com atenção. Não é apenas um burilista; tem também algumas estampas de delineamento próprio, abertas a água-forte onde são de notar o vigor do claro-escuro e a firmeza do traço. Das subscrições das suas estampas ficamos sabendo que foi desenhador, architecto régio, editor e autor. Não é aqui o lugar próprio, por isso indicaremos apenas três das suas obras que podem ser consideradas como modelos de execução técnica: as estampas que ilustram a Descrição Funebre das Exequias de Dom João V. 1550, a alegoria a D. Nuno da Silva Teles e um curioso livrinho de orações aberto a água-forte intitulado Pia Christandade na Reverente Assistencia ao Santo Sacrificio da Missa – 1730.”¹⁴⁴⁴

¹⁴⁴⁰ Cf. José Félix Duque, “Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752) por Michel Le Boteaux. O Retrato de uma Escritora Santa”, in *Invenire. Revista do Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja*, n.º 3, Lisboa, 2011.

¹⁴⁴¹ Cf. José Barbosa, *Historia da Fundação do Real Convento do Santo Christo das Religiosas Capuchinhas Francezas...*, Lisboa, Oficina de Francisco Luís Ameno, 1674-1750.

¹⁴⁴² Cf. Simão Cardoso Pacheco, *Vida e milagres da veneravel Madre Soror Francisca da Conceição, religiosa exemplaríssima do mosteiro de Santa Clara da villa de Trancoso*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1738.

¹⁴⁴³ Cf. ANTT, Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Lisboa, Certificado de Profissão como Irmão da Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Padre São Francisco de Xabregas, Lisboa, Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Xabregas, 1859.

¹⁴⁴⁴ Cf. Ernesto Soares, *História da Gravura Artística em Portugal. Os Artistas e as Suas Obras*, Lisboa, Livraria Samcarlos, 1971, vol. 1, pp. 20-21.

Tal como terá feito no caso de Soror Francisca da Conceição, Michel Le Bouteux – ou um colaborador seu – terá ido pessoalmente ao Convento de Santa Clara de Portalegre, onde Soror Isabel se apresentou no locutório e posou. O retrato terá sido feito em esboço, sobre papel, com o qual o artista terá depois burilado depois a *Vera Effigies da Venerável Soror Izabel do Menino Jesus*, assinando-a: “Mig.¹ Le Bouteux f. 1757”.

Havia já algum tempo que o uso da gravura correspondia à projecção intencional dos modelos de santidade propostos pelo Concílio de Trento¹⁴⁴⁵. Da mesma época, conserva-se um interessante conjunto de espécimes gravados, guardados em colecções de estampas em bibliotecas e museus, ou em mãos particulares. Para além de Michel Le Bouteux, destacaram-se outros estrangeiros, como Guilherme Francisco Lourenço Debrie e Pierre Antoine Quillard¹⁴⁴⁶.

A *Vera Effigies...* mede cerca de 185 x 115 mm; e a mancha 221 x 170 mm, medidas idênticas às dos cadernos da *Vida da Serva de Deos...*. É uma gravura a talho-doce e representa-a de pé, a três quartos, numa câmara, olhado para a direita, incidindo-lhe alguma claridade que projecta a sua sombra para o lado esquerdo. Enverga o hábito ordenado pela Regra de Santa Clara, com véu longo, túnica comprida, escapulário, manto, alpargatas e cordão de cânhamo à cinta, com os tradicionais três nós, símbolos dos votos de pobreza, obediência e castidade. O véu é preto, exclusivo das professoras; a touca branca, com corte em ligeiro bico de pato; e as restantes peças parecem ser pardas. Nas mãos, elegantemente esculpidas, segura um livro aberto, forrado a carneira, que, pelo aspecto, volume e tamanho, parece ser o manuscrito autógrafo, que editamos, ou seja a *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752*.

Michel Le Bouteux abdicou de ornatos, executando uma sóbria, mas bela estampa. Terá agido de acordo com as disposições do *Regimento do Santo Ofício*, que atrás citámos, que legislava quanto aos que davam culto a pessoas que não tivessem sido beatificadas ou canonizadas, bem como quanto aos livros que

¹⁴⁴⁵ Cf. Benito Navarrete Prieto, *La Pintura Andaluza del Siglo XVIII y sus Fuentes Grabadas*, Madrid, Fundación de Apoyo a la Historia del Arte Hispánico, 1998, cap. II, pp. 43-59.

¹⁴⁴⁶ Cf. Maria Augusta Araújo, “Gravadores Estrangeiros na Corte de D. João V”, in *III Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (APHA)*, Lisboa, APHA, 2006, pp. 1-11.

tratassem dos seus milagres ou revelações¹⁴⁴⁷. Estavam previstas penas para os que venerassem imagens dos que não eram santos e Soror Isabel do Menino Jesus não o era, embora a Ordem de São Francisco estivesse afim de tal glorificação. A representação deveria ser discreta.

De acordo com os breves pontifícios, o Santo Ofício agia contra quem tivesse tais imagens em oratórios particulares, capelas, igrejas ou outro lugar público, designadamente se as imagens apresentassem nimbo, condenando os proprietários à perda de tais objectos devocionais, numa primeira vez, e, numa segunda, a penas arbitrárias, segundo o parecer dos inquisidores. Tratando-se de eclesiásticos, o castigo devia ser maior. Assim, Soror Isabel é singelamente retratada nessa câmara, sem nimbo, sem outros objectos ou atributos, somente com o seu livro aberto. É retratada como pessoa idosa, com vincadas rugas nas maçãs do rosto, nos contornos dos olhos e na fronte, onde uma madeixa de cabelo branco é visível sob a touca. Os seus olhos são grandes e despertos, parecendo ser de tom claro, acompanhando um sereno sorriso nos lábios entreabertos. Os sinais de velhice, muito realistas, indicarão, pois, que a estampa foi aberta segundo um esboço prévio, feito ao vivo, pouco antes da sua morte, aos oitenta anos de idade incompletos. O livro viria a sair cinco anos depois, momento em que a gravura terá sido terminada. Tanto quanto sabemos, é o único retrato de autora portuguesa realizado para figurar num impresso do século XVI ao século XVIII. Neste período há raros retratos de autoras, como o de Públia Hortência de Castro (1548-1595), um pequeno óleo sobre cobre, hoje na Biblioteca Municipal de Santarém, proveniente da Coleção de Anselmo Braamcamp Freire, provável cópia seiscentista de um retrato autêntico da escritora, executado no século anterior. Mas o retrato de Públia não se destinava a figurar numa impressão das suas obras, que, aliás, estão desaparecidas, ou por editar.

Em especial no século XVIII, foram relativamente abundantes os retratos de escritores, mas não de escritoras. Soror Isabel do Menino Jesus, ao que parece, é, entre eles, a única mulher. Depois da sua *Vera Effigies...*, encontrámos somente o retrato de D. Leonor de Almeida Portugal, Marquesa de Alorna (1750-1839), poetisa de renome ainda na mesma centúria, cujos versos, após conhecerem ampla circulação restrita, em vida da autora, foram reunidos e editados postumamente,

¹⁴⁴⁷ Cf. “Regimento de Dom Francisco de Castro (1640)”, liv. III, tit. XX, § 1, in José Eduardo Franco, Paulo de Assunção, *As Metamorfoses de um Polvo...*, op. cit., p. 369.

em 1844¹⁴⁴⁸. A edição foi então acompanhada por uma litografia de Manuel José da Costa, feita a partir de uma miniatura executada em 1824, que a Casa de Alorna conservava¹⁴⁴⁹.

Temos notícia de oito exemplares da *Vera Efiggies...*:

- 1) Um exemplar na Biblioteca Nacional de Portugal, separado da *Vida da Serva de Deos...* e integrado na obra *Retratos de Cardeaes, Bispos, e Varoens Portuguezes Illustres...*¹⁴⁵⁰. Embora recortado pelas margens e colado em fólio, está em bom estado de conservação. Tratar-se-á do mesmo exemplar que Ernesto Soares, em 1975, identifica no seu *Inventário da Colecção de Estampas da Biblioteca Nacional de Lisboa...*¹⁴⁵¹;
- 2) Um exemplar também na Biblioteca Nacional de Portugal, integrado na *Vida da Serva de Deos...*, sob a cota H. G. 1719 V. Está em bom estado de conservação, embora evidencie, nas margens, a acção de insectos. Em 1994, por ocasião da celebração do VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara, o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro inaugurou uma exposição bibliográfica, este exemplar da *Vida da Serva de Deos...* No catálogo da exposição, Francisco Leite de Faria publicou a sua fotografia¹⁴⁵²;
- 3) Um exemplar na Biblioteca Pública de Évora, integrado na *Vida da Serva de Deos...*, sob a cota S. N. XXXII, 4, Sala Nova, Estante 32, cx. 4. Está em bom estado de conservação;

¹⁴⁴⁸ Cf. Marquesa de Alorna, *Obras Poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marqueza d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portuguezes pello nome de Alcipe*, 6 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1844.

¹⁴⁴⁹ Vd. Marquesa de Alorna, *Obras Poéticas. Antologia*, fixação do texto, selecção e estudos introdutórios de Vanda Anastácio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015.

¹⁴⁵⁰ Cf. BNP, *Retratos de Cardeaes, Bispos, e Varoens Portuguezes Illustres em Nobreza, Armas, Letras, e Santidade Coordenados nos Mezes de Abril e Maio do Anno do Senhor 1791*, cota E. A. 4 A., f. 125.

¹⁴⁵¹ Cf. Ernesto Soares, *Inventário da Colecção de Estampas da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1975, Série Preta, vol. 1, n.º 1826, p. 153.

¹⁴⁵² Cf. Francisco Leite de Faria, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal...*, *op. cit.*, p. 58.

- 4) Um exemplar na Biblioteca Municipal de Portalegre, separado da *Vida da Serva de Deos...*, emoldurado e exposto numa sala de leitura. A Biblioteca está instalada, recordamos, nos edifícios do extinto convento em que Soror Isabel do Menino Jesus habitou. Este exemplar está e bom estado de conservação, tendo sido adquirido a um alfarrabista local, segundo nos informou a funcionária Olga Ribeiro, em 2012;
- 5) Um exemplar na Colecção de José Félix Duque, integrado em exemplar da *Vida da Serva de Deos...* Adquirimo-lo em leilão do Palácio do Correio Velho, em Lisboa, sendo procedente da Colecção de António Capucho, cujo *ex libris* conserva. Está em bom estado de conservação, embora com duas manchas amarelas, uma delas sobre o rosto da retratada. Publicámos uma fotografia deste exemplar na revista *Invenire*, em 2011, no nosso artigo “Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752) por Michel Le Boteaux. O Retrato de uma Escritora Santa”¹⁴⁵³.
- 6) Um exemplar em colecção particular, separado da *Vida da Serva de Deos...* Estava em mau estado de conservação, sujo e amarelecido. Desejando comprá-lo, ao ver o anúncio da venda, em 2013, não o alcançámos, por ter sido comprado por outro interessado, cuja identidade ignoramos;
- 7) Um exemplar em colecção particular, integrado na *Vida da Serva de Deos...* Está reproduzido em <http://avozportalegrense.blogspot.pt>, *blogue* de Mário Casa Nova Martins, possivelmente seu possuidor¹⁴⁵⁴. Parece estar em bom estado de conservação;
- 8) Um exemplar na Colecção de Gravuras da Sociedade Martins Sarmiento, separado da *Vida da Serva de Deos...*¹⁴⁵⁵. Está em relativo estado de conservação, porque colado sobre suporte de papel e com duas

¹⁴⁵³ Cf. José Félix Duque, “Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752)...”, *op. cit.*

¹⁴⁵⁴ Consultado a 23 de Outubro de 2015.

¹⁴⁵⁵ Cf. “Vera Effigies da V. Soror Izabel do Menino Jesus”, in Colecção de Gravuras da Sociedade Martins Sarmiento, Inventário n.º Grav1110I.1290, Registo n.º 1290, Catálogo n.º I-1110.

pronunciadas rugas. É referido por A. Tibúrcio de Vasconcelos, no seu artigo “A Colecção de Estampas da Sociedade Martins Sarmiento”, na *Revista de Guimarães*, em 1931¹⁴⁵⁶;

- 9) Um exemplar na Colecção do Coronel Henrique Ferreira Lima, visto por Ernesto Soares, que o descreve na sua *História da Gravura Artística em Portugal....*, em 1940: “374 – RETRATO DE SOROR ISABEL DO MENINO JESUS. – Em uma moldura rectangular de desenho muito singelo, está retratada, de pé, vestida de hábitos religiosos, tendo nas mãos um livro./ INSCRIÇÃO. – *Verdadeiro retrato da Veneravel Soror Izabel do Menino Jesus, Abbadeça que foi do Conv.^{to} de S.^{ta} Clara de Portalegre, fallecida em 5 de 8.^{bro} de 1752./ SUBSCRIÇÃO – Mig.^{el} Le Bouteaux f. 1757 – DIMENSÃO – 187 x 122 mm. – COLECCÃO. – Ferreira Lima”¹⁴⁵⁷. A subscrição copiada aqui por Ernesto Soares não corresponde à que conhecemos nos outros exemplares. As medidas também são diferentes. Como não vimos este exemplar, não pudemos verificar estes detalhes. Por vezes, as estampas, apesar de saírem da mesma matriz, levavam diferente suscrição, bastando que se usasse outra chapa para o efeito. Quanto às medidas, podem diferir consoante a colocação, ou não, de molduras, etc. Ignoramos o seu estado de conservação.*

Por fim, e por curiosidade, damos notícia que a estampa-retrato de Soror Isabel inspirou um retrato contemporâneo da autora, pintado a aguarela por João Salvador Martins (1950-2014), em 2013, que pertence à Colecção de Ruy Ventura. O autor idealizou os olhos de Soror Isabel, que ali surgem de cor azul, possivelmente porque Michel Le Bouteaux, na sua estampa, não preencheu com tinta os olhos da retratada, dando a entender que, como referimos, eram de tom claro. Ao fundo, o aguarelista pintou uma vista do castelo de Marvão. Este retrato contemporâneo mede c. 270 mm x c. 115 mm. Além da assinatura do autor e da data de realização, apresenta o seu título, no topo: “Soror Isabel do Minino Jesus”.

¹⁴⁵⁶ Cf. A. Tibúrcio de Vasconcelos, “A Colecção de Estampas da Sociedade Martins Sarmiento”, in Separata da *Revista de Guimarães*, 1931, p. 63.

¹⁴⁵⁷ Cf. Ernesto Soares, *História da Gravura Artística em Portugal....*, op. cit., vol. 1, p. 36.

3. Fortuna editorial da *Vida da Serva de Deos...*

É hoje difícil saber se a *Vida da Serva de Deos...* teve ampla difusão ou se circulou apenas pelos conventos franciscanos e nas casas dos devotos a eles ligados. Ignoramos o número de exemplares impressos. Porém, e não tendo a intenção de fazer uma pesquisa exaustiva, coligimos alguns dados interessantes, que nos demonstram que o livro e a sua autora, embora discretamente, foram sendo referidos ao longo dos séculos.

Na região de Portalegre, a obra terá sido bem conhecida pelo clero secular logo após a sua impressão. Em 1758 – um ano após a saída da obra –, o Padre Manuel Gonçalves Boroa, na memória paroquial da Sé de Portalegre, elencou a autora entre as pessoas que tinham falecido na cidade com *fama sanctitatis*, dando também notícia de que já lera o impresso, saído à luz no ano anterior:

“A veneravel Madre Izabel do Menino Iezus natural da villa de Marvão Relligiosa e Abbadeça que foy do convento de sancta clara desta cidade, e nelle morreo, e viveo com opinião de grande santidade, como se ve da sua vida que anda impressa com as mesmas palavras com que ella as escreveo por mandado dos seus confessores”¹⁴⁵⁸.

Também em Marvão, terra natal de Soror Isabel, na memória paroquial da Igreja de Santa Maria, o pároco Frei Miguel Viegas Bravo, a menciona entre os naturais ilustres da vila, como anteriormente citámos:

“As pesoas que sahiraõ desta Villa no prezente scullo, as quaes por suas obras se fizeraõ destintas, e que ao prezente há memoria saõ Leonel de Parada, que foi general em frança: o Padre joaõ graçaõ da Companhia de Jesus Cancelario da Univercidade de Evora insigne Mathematico, a veneravel madre Izabel do menino Jesus Abadeça do Convento de Santa Clara de Portalegre cuja vida anda impressa publicando as suas muitas vertudes”¹⁴⁵⁹.

¹⁴⁵⁸ Cf. ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 29, n.º 223, f. 1525. Vd. Ruy Ventura, “As Memórias Paroquiais de 1758...”, *op. cit.*, p. 125.

¹⁴⁵⁹ Cf. ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 22, n.º 74, f. [10].

O clero regular local também teria conhecimento da *Vida da Serva de Deos...* Aquando da expulsão da Companhia de Jesus, o imponente Colégio de São Sebastião dos jesuítas de Portalegre foi encerrado. Fora fundado em 1605, junto da Igreja de Santa Maria, *a Grande*, muito perto do Convento de Santa Clara. Só em 1678 passara para essas instalações, nunca terminadas, hoje sede da Câmara Municipal de Portalegre. O sequestro dos seus bens deu-se a 2 de Setembro de 1759. Um dos religiosos, Padre João Sanches, entregou “seus breviários e livros de rezas, um tomo do Padre Rey, Suma de Buzembau Virgílio, Elogios do Padre Juglar, doutrina de Belarmino, Vida de Soror Isabel do Menino Jesus, algumas novenas, capas, roupetas e vestidos”¹⁴⁶⁰. Comenta Anacleto Pires da Silva Martins que “é curioso, pois o livro com a vida desta religiosa, que foi Abadessa do convento de Santa Clara, fora publicado em 1757, apenas dois anos antes do sequestro dos Jesuítas”¹⁴⁶¹. De facto, não só é interessante notar que a *Vida da Serva de Deos...* foi apreciada localmente por padres e religiosos, como este jesuíta a tinha entre os seus livros de estudo doutrinal e teológico.

Na Biblioteca Nacional de Portugal, conserva-se um exemplar sob a cota R. 5339 V. Está em bom estado de conservação e integra a estampa-retrato da autora. No frontispício, ostenta dois carimbos da Biblioteca Nacional e um carimbo primitivo, com as armas da Ordem dos Frades Menores e o seguinte letreiro: “Da Livraria De São Francisco de Xabregas”. Ou seja, é oriundo da livraria do extinto convento xabregano, que era a cabeça da Província dos Algarves, saindo daqui provavelmente em virtude da extinção das Ordens religiosas. Também na Biblioteca Nacional, conserva-se outro exemplar da *Vida da Serva de Deos...*, sob a cota H. G. 1719 V. Possui um carimbo oval no frontispício, com o monograma “RB” encimado por coroa real, correspondente a “Real Biblioteca”. Numa folha de guarda, tem uma anotação recente, feita a esferográfica de tinta preta: “Microfilmado/ em / 30/4/98/ Rui Lourenço”. De facto, existe deste exemplar um microfilme, sob a cota F. G. 212, cuja fotocópia temos vindo a usar na tese. Neste exemplar, há outra marca de pertença, no frontispício, mais antiga. É uma anotação manuscrita: “da Comunidade de Santa Apolonia”. Trata-se, portanto, de um exemplar oriundo da livraria do extinto

¹⁴⁶⁰ Seguimos a transcrição do inventário, cit. por Anacleto Pires da Silva Martins, *Portalegre...*, *op. cit.*, p. 49.

¹⁴⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 49.

Convento de Santa Apolónia, em Lisboa, cuja génese fora um recolhimento fundado pela Irmã Isabel da Madre de Deus, em 1662, passando depois à Ordem Terceira de São Francisco e, em 1718, à Regra de Santa Clara, por bula do Papa Clemente XI, embora com obediência ao Patriarca de Lisboa¹⁴⁶². A presença de um exemplar neste convento indica-nos que a *Vida da Serva de Deos...* foi realmente uma obra difundida por estes meios, nos quais existiriam mulheres interessadas em seguir-lhe o exemplo. Em bom estado de conservação, não possui, porém, a estampa-retrato de Soror Isabel. Numa folha de guarda apresenta uma anotação recente, feita a esferográfica de tinta preta: “Microfilmado/ em / 30/4/98/ Rui Lourenço”. De facto, existe deste exemplar um microfilme, sob a cota F. G. 212, cuja fotocópia temos vindo a usar na tese.

Na Biblioteca Nacional, conserva-se também um exemplar, sob a cota R. 28045 P. Possui duas marcas de posse anteriores à da Biblioteca Nacional. Na folha de guarda, uma assinatura característica do final do século XVIII ou início do século XIX: “Anna Felicia de Sande”; e, no frontispício, um carimbo com o letreiro “Arquivo das Congregações. Lisboa”, com as armas da República Portuguesa. Este carimbo identifica o Estado como seu possuidor, embora em arquivo distinto daquele em que hoje se conserva. Quanto àquela possuidora, cremos tratar-se de D. Ana Felícia de Sande e Almeida de Bourbon, filha de Manuel Pais de Sande e Castro, Governador Geral de São Paulo, no Brasil; casada com José Maria de Almeida Beltrão Seabra, fidalgo da Casa Real por mercê de D. Maria I a 30 de Agosto de 1794¹⁴⁶³. Ao que parece, a *Vida da Serva de Deos...* foi livro de interesse na nobreza pelos finais do século XVIII e início do século seguinte.

Na Biblioteca Pública de Évora, conserva-se um exemplar, sob a cota S. N. XXXII, 4, na Sala Nova, Estante 32, cx. 4. Não se sabe como chegou ali. Poder ter integrado a colecção por doação, por pertencer agora à Colecção de Frei Manuel do Cenáculo, ou devido à incorporação das livrarias dos conventos nesta biblioteca, na extinção das Ordens religiosas. A Sala Nova contém muitos

¹⁴⁶² Cf. José Mattoso, Maria do Carmo Jasmim Dias Farinha (coord.), *Inventário das Ordens Monástico/Conventuais. Ordem de São Bento. Ordem do Carmo. Ordem dos Carmelitas Descalços. Ordem dos Frades Menores. Ordem da Conceição de Maria*, Lisboa, Instituto do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Direcção do Serviço de Arquivística, 2012, p. 415.

¹⁴⁶³ Cf. ANTT, Registo Geral de Mercês de D. Maria I, liv. 27, f. 274v.

documentos que pertenceram a conventos, essa indicação está manuscrita na página de rosto ou nas primeiras páginas dos livros. Neste caso, apenas encontramos no frontispício a palavra manuscrita “Comonidade”, o que nos indica que este exemplar pertencia a uma livraria conventual, sendo o seu uso colectivo.

Na Biblioteca Municipal do Porto, conserva-se também um exemplar. Possui o *ex-libris* da “Bibliotheca Portuensis” na folha de guarda esquerda; e, anterior a esta marca, duas marcas de posse: “De Ant^o Miguel da C^{ta} Bastos/ (18 [[6]]) 1865”; e “Comprei no Leilão 1872/ por 120.^{rs}/ E.[?] Allens. No frontispício apresenta também a assinatura “Bastos”. Esses dois anteriores possuidores eram homens do século XIX, o que parece demonstrar que, nesta centúria, a *Vida da Serva de Deos...* era apreciada por bibliófilos, que compravam em leilão.

Em 1834, começou a extinção das Ordens religiosas, como é sabido. Mas, em 1850, a *Vida da Serva de Deos...* continuava a ser apreciada, fosse pela sua leitura, fosse como livro já antigo. Jorge César de Figanière, na sua *Bibliographia Historica Portugueza...*, menciona Frei Martinho de São José como autor do impresso, no título que dedica a “Vidas e Elogios de Santos, e Varões Illustres em Virtude, do Reino de Portugal e suas Conquistas”¹⁴⁶⁴:

“Frei Martinho de São José, franciscano, fez imprimir: Vida da Serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus, Abadessa que foi do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, escripta pela mesma veneravel religiosa, de mandado de seus Padres Espirituaes. Lisboa, na Officina de José da Costa Coimbra. 1757. Deve accrescentar-se á *Bibliotheca Lusitana*”¹⁴⁶⁵.

De facto, na *Bibliotheca Lusitana...*, de Diogo Barbosa Machado, uma obra de referência para bibliógrafos e bibliófilos, não consta qualquer menção à *Vida da Serva de Deos...* Disto também dá conta Inocêncio Francisco da Silva, no tomo VI do *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, saído em 1862. Inocêncio abre um verbete para Frei Martinho de São José, que refere como autor da *Vida da*

¹⁴⁶⁴ Cf. Jorge César de Figanière, *Bibliographia Historica Portugueza, ou Catalogo Methodico dos Auctores Portuguezes, e de Alguns Estrangeiros Domicilarios em Portugal, que Trataram da Historia Civil, Politica e Ecclesiastica d'Estes Reinos e seus Dominios, e das Nações Ultramarinas, e Cujas Obras Correm Impressas em Vulgar; Onde Tambem se Apontam Muitos Documentos e Escriptos Anonymos que lhe Dizem Respeito*, Lisboa, Typographia do Panorama, 1850, tít. 8.º, p. 296.

¹⁴⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, título 8.º, § 1596, p. 306.

Serva de Deos..., ignorando, portanto, que a autora fora, na verdade, Soror Isabel do Menino Jesus e que, portanto, o verbete deveria ser seu:

“Franciscano da província dos Algarves, na qual foi Provincial. Ignoro as demais circumstancias que lhe dizem respeito, e o mesmo aconteceu ao abbadе Barbosa, que nem ao menos teve conhecimento da obra seguinte, por elle composta, ou publicada, e da qual eu conservo um exemplar:

1492) *Vida da Serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus, abbadessa que foi do mosteiro de Santa Clara de Portalegre. Escripτα pela mesma veneravel religiosa de mandado de seus padres espirituaes, com outros tractados mysticos... e algumas cartas suas espirituaes. Disposta pelo M. R. P. Fr. Martinho de S. José, etc. e dada á luz pelo P. João Evangelista da Cruz e Costa.* Lisboa por José da Costa Coimbra 1757. 4.º de XXVI-255 pag. E mais 39 innumeradas no fim, que contêm prologo, protestaçaõ e índice. Com um retrato da serva de Deus, gravado por Le Bouteaux”¹⁴⁶⁶.

Consultámos no *Catalogo da Copiosa Bibliotheca do Fallecido Innocencio Francisco da Silva...*, publicado em 1877, e consta, de facto, no n.º 1946, que uma das *vidas* de religiosas que Inocência possuía era “de soror Isabel do menino Jesus”¹⁴⁶⁷. Nas suas *Correcções e Additamentos* ao tomo VI do seu *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, Inocência diz também que:

“O meu amigo Rodrigues de Gusmão me escreve em carta do mez passado, dizendo conservar alguma ideia de que esta Vida fôra depois prohibida pela actoridade civil ou ecclesiastica. E acrescenta: «Se não o foi, bem o merecia! É pelo menos a impressãõ que me deixou a sua leitura»¹⁴⁶⁸.

Portanto, este escritor, bibliófilo e investigador, que também era médico em Portalegre, possuía ou tivera em suas mãos mais um exemplar da *Vida da Serva de Deos...* Como temos vindo a supor, possuía igualmente o manuscrito

¹⁴⁶⁶ Cf. Inocência Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, *op. cit.*, tomo VI, § 1492, p. 155.

¹⁴⁶⁷ Cf. *Catalogo da Copiosa Bibliotheca do Fallecido Innocencio Francisco da Silva Illustre e Erudito Auctor do «Diccionario Bibliographico»*, Lisboa, Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1877, 1.ª Parte, n.º 1946, p. 111.

¹⁴⁶⁸ Cf. Inocência Francisco da Silva, “Correcções e Additamentos”, in *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, *op. cit.*, tomo VI, p. 462.

autógrafo de Soror Isabel, ou estaria prestes a recebê-lo, das mãos de Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa, última escritora do convento. Não tinha, porém, boa impressão da obra, possivelmente por ver nela tantas e tão veementes menções a bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas de maus costumes. Tanto quanto sabemos, a *Vida da Serva de Deus...* nunca foi proibida por qualquer autoridade e continuou a circular livremente.

No Convento de Santa Clara, as últimas religiosas continuaram a possuir exemplares da obra. Na Biblioteca Municipal de Portalegre, conservam-se dois, um sob a cota MFN: 44552, no Fundo Local, Reservados, descrito como estando em mau estado; e um sob a cota MFN: 44553, no mesmo Fundo, descrito como estando também em mau estado. Este segundo exemplar possui uma anotação manuscrita: “A Menina Marianna usó a 15 [apagado o ‘5’] 13 de Julho no Anno de 1850 1234567890. Eu A 16 de Agosto de 1850. A Menina Doroteia uso a 3 de Setembro de 1850. A Menina Maria das Candeas a 2 de Setembro de 1860”. No frontispício possui ainda a assinatura de um “João Maria Alberto Cardôso”. Este exemplar, ao que parece, foi usado pelas meninas que viviam com as últimas religiosas do convento e parece também comprovar que fazia parte da sua educação a leitura da *Vida da Serva de Deus...*, associada provavelmente ao culto a Soror Isabel do Menino Jesus naquela comunidade, mais de cem anos depois da sua morte.

Em 1878, voltamos a ter notícia de outro exemplar. Neste ano, a biblioteca dos Marqueses de Castelo Melhor foi levada a hasta pública e, no catálogo, sob o n.º 3270, constava outro exemplar da *Vida da Serva de Deus...*: “S. José, (Fr. M.) Vida da S... de Deus Soror Isabel do Menino Jesus. Lisboa 1757. 4.º retr.”¹⁴⁶⁹. A venda deveu-se à morte de D. João de Vasconcelos e Sousa (1841-1878), 5.º Marquês de Castelo Melhor e 9.º Conde da Calheta, nesse mesmo ano.

Outro possuidor importante de um exemplar terá sido o escritor Manuel Bernardes Branco, contemporâneo daquele titular. Em 1886, no seu *Portugal na Epocha de D. João V...*, dissertando sobre os *servos de Deus* que despertavam a devoção geral dos portugueses do reinado joanino, e das obsessões diabólicas que se cria haver por toda a parte do reino, cita a *Vida da Serva de Deus...*:

¹⁴⁶⁹ Cf. *Catalogo da Importante e Copiosa Bibliotheca dos Marquezes de Castello Melhor Cujos Livros Serão Vendido em Hasta Publica, Tendo a Venda Começo o Mais Brevemente Possivel*, Lisboa, Tipografia Editora de Matos Moreira & C.ª, 1878, p. 118.

“A Madre soror Isabel do Menino Jesus, abbadessa que foi no mosteiro de Santa Clara de Portalegre, viu em certa ocasião estarem os demonios a assar carne feita em pedaços – como gatos esfolados escorreados pelo fogo. Ficou espantadissima, mas ouviu logo uma voz que lhe disse: «Ser aquella carne de sacerdotes que em vida se abrazavam no vicio da luxúria». Assim o diz ella na sua «Vida», e parece dar a entender que o caso se passou em 1736”¹⁴⁷⁰.

Em 1888, o mesmo Manuel Bernardes Branco volta a referir-se à *Vida da Serva de Deos...* no segundo volume da sua *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, a propósito de demónios que tentavam as almas, citando, ou parafraseando, algumas partes:

“Na vida da madre soror Isabel do Menino Jesus, abbadessa que foi no mosteiro de Santa Clara de Portalegre tambem vemos que os diabos faziam das suas.

Estando a freirinha em oração, teve uma visão, em que viu uns homens vestidos ao profano, travando pratica com uma religiosa; e no meio lançaram mão d’ella para a levarem. Acudi (diz a freirinha santa) eu á pressa dizendo: *Isso não, não consinto que a levem, que estou eu aqui*. Fez força, e deixaram a presa, e desapareceram os homens, e então deu o Senhor a entender á freira: que os homens eram demonios que vinham buscar a freira para a levararem ao inferno: e quem a podia defender era eu, se fizesse penitencia por suas culpas; que se a queria fazer, elle supenderia o decreto, que tinha mandado, e se eu não podia, que certamente haviam de vir segunda vez seus inimigos buscal-a, já que se não queria emendar.

Não se acobardou então a freira, segundo ella diz, em fazer quantas penitencias podesse, e isto por bastantes annos; pois a freira ia vivendo sem fazer conta de se emendar, passando a vida esquecida do juízo de Deus. E a madre abbadessa fazendo sempre penitencia e pedindo pela freira. E certo dia a referida abbadessa ouvio estas palavras: Que a dita freira tinha mais de trinta annos de clausura, e tinha ainda o coração tão fechado ao amor de Deus, que não cabia n’elle um grão de milho, e ordinariamente não dava logar em seu coração mais que ás communicações com homens, divertimentos, feita toda a sua vontade; e assim estava o coração tão duro como pedra.

¹⁴⁷⁰ Cf. Manuel Bernardes Branco, *Portugal na Ephoca de D. João V. 2.^a Edição Augmentada com Grande Numero de Factos, Episodios e Novas Anedoctas, e um Appendice com Transcripções Muito Curiosas*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira – Editor, 1886, cap. VI, p. 79.

Continuou então a santa freirinha as suas penitencias e orações, até que certo dia lhe disse o Senhor: Ora filha, eu te prometto, que tu mettas a freira no Ceo, que por uma parte, ou outra há de entrar.

Eu farei brecha em seu coração; e moverei sua vontade, para que ella faça penitencia da sua parte, para merecer causa: mas ficarás tu sempre com maior parte de suas culpas, que esta alma por si só não pôde vencer seus inimigos, que lhe faltam forças espirituaes.

Passaram-se dias, e disse então o Senhor á freirinha;

Filha, sabes tu, que já a freira, por quem fazes penitencia, teu (sic) o meu amor no coração. E há de entrar no céu pela porta da Misericordia?"¹⁴⁷¹.

Em 1897, o bibliógrafo e bibliófilo José Maria Nepomuceno, membro do corpo de architectos do Ministério das Obras Públicas e membro da Academia Real das Belas Artes de Lisboa, cavaleiro do hábito de Cristo, deixou, na sua vasta biblioteca um exemplar da *Vida da Serva de Deos...*, que foi a leilão no dia 18 de Julho e seguintes, sob a direcção de Francisco Artur da Silva. O catálogo, redigido por Luís Trindade, conservador-inspector da Biblioteca Nacional de Lisboa, referia:

"1658. São José (Frei Martinho de). – Vida da serva de Deos Soror Isabel do menino Jesus, Abbadessa que foi do mosteiro de Santa Clara de Portalegre. – Lisboa, 1757, in 4.º E. – *Com retrato de soror Isabel, corpo inteiro, gravado por Miguel Le Bouteaux. 1757.*"¹⁴⁷²

Apesar das notícias atrás aportadas, ignoramos quantos exemplares se conservam hoje. Nas nossas pesquisas, manuseámos apenas oito:

- 1) O exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal, sob a cota H. G. 1719 V. (microfilmado sob a cota F. G. 212);
- 2) Outro exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal, sob a cota R. 5339 V.;

¹⁴⁷¹ Cf. Manuel Bernardes Banco, *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, vol. II, Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888, pp. 269-270.

¹⁴⁷² Cf. Luiz Trindade, *Catalogo da Livraria do Fallecido Distincto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno do Corpo de Architectos do Ministerio das Obras Publicas, Academico da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, e Cavaleiro do Habito de Christo. Redigido por Luiz Trindade...*, Lisboa, Empresa Editora de Francisco Artur da Silva, 1897, § 1658, p. 230.

- 3) Outro exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal, sob a cota R. 28045 P.;
- 4) O exemplar da Biblioteca Pública de Évora, sob a cota S. N. XXXII, 4, na Sala Nova, Estante 32, cx. 4;
- 5) O exemplar da Biblioteca Municipal do Porto, sob a cota M1-1-39;
- 6) O exemplar da Biblioteca Municipal de Portalegre, sob a cota cota MFN: 44552;
- 7) Outro exemplar da Biblioteca Municipal de Portalegre, sob cota MFN: 44553;
- 8) O exemplar da Colecção de José Félix Duque.

CAPÍTULO II
Condições de escrita e textos

1. Escrevendo por obediência

Como noutros conventos da época moderna, a escrita seria uma actividade relativamente livre e frequente no Convento de Santa Clara de Portalegre. Assim o comprova a existência das “Cartas a uma Religiosa” e das “Cartas a um Religioso”, isto é, das trinta e cinco cartas que Soror Isabel do Menino Jesus escreveu, tratando de matérias espirituais, supomos, com licença superior. A correspondência epistolar seria, no geral, muito praticada nos conventos, não só porque as religiosas viviam em clausura, como porque, em muitos casos, estavam longe dos seus parentes, tratando com eles uma variedade de assuntos¹⁴⁷³. Outras, como atrás referimos, também tinham correspondência ilícita, de natureza amorosa, como atestam as actas das visitações do convento; e ao que alude a própria Soror Isabel, na “Carta à Abadessa e Religiosas”, acerca da alma de uma certa religiosa que tinha um escritório em que guardara a carta de um amante¹⁴⁷⁴.

Soror Isabel do Menino Jesus não era excepção e a sua correspondência, para além de versar sobre matérias espirituais, ter-se-á estendido a outros assuntos, sobretudo quando queria comunicar com os seus pais, irmã e sobrinhos, ou quando concorria para a resolução de certos assuntos da comunidade, chegando mesmo a influir sobre certa pessoa, a quem escreveu para que um determinado sacerdote viesse a ser confessor das religiosas; usando a carta, pois, como meio de comunicação, o qual, no século XVIII, não era raro¹⁴⁷⁵. Não nos parece, pois, que devamos tomar como absoluto o testemunho dado por Frei Martinho de São José quando afirma que, com “humildade, e obediencia escreveo tudo por mandado de seus Confessores”¹⁴⁷⁶. Mesmo acerca de ascética e de mística, já Soror Isabel antes escrevia, por determinação própria; e o próprio Frei

¹⁴⁷³ Vd., por exemplo, Alice Lázaro, *A Escada de Jacob. Cartas Íntimas de Soror Clara do Santíssimo Sacramento (Antónia Margarida de Castelo Branco) para D. João de Sousa e Outras Afins (1677-1714)*, Lisboa, Chiado Editora, 2014. E também parte da correspondência de D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna (1750-1839), para D. Teresa de Mello Breyner, Condessa de Vimieiro (1739-c.1798), no período em que aquela estava recolhida no Convento de São Félix de Chelas, por ordem do Marquês de Pombal, na sequência da condenação dos Távoras. Vd. Vanda Anastácio (coord.), *Cartas de Lília a Tirse (1771-1777)*, op. cit., 2007.

¹⁴⁷⁴ Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), op. cit., p. 53, § 60.

¹⁴⁷⁵ Vd. Vanda Anastácio, *Correspondências (Usos da Carta no século XVIII)*, op. cit.

¹⁴⁷⁶ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [5], § V.

Martinho, na mesma frase se contradiz, porque afirma, logo de seguida, que “e eu fui hum deles [confessores], que lhe prohibi o escrever, e depois a mandei”¹⁴⁷⁷. Portanto, a escrita era frequente na vida quotidiana da autora, ao ponto de o prelado, enquanto seu confessor, lha ter interdito para, depois, mudando de opinião, lha ter, não só autorizado, como ordenado. Certamente, esta mudança de opinião deu-se quando surgiu a ideia de se imprimir um livro sobre a sua vida ascética e mística, momento em que esta mesma vida, depois de tantos anos, foi acreditada sem reservas por parte dos religiosos que a conheciam, mormente aqueles que tinham assumido a sua direcção espiritual.

Frei Jerónimo de Belém testemunha que esses confessores e directores espirituais da autora, que ele conhecera pessoalmente, não eram religiosos de “crerem de leve”¹⁴⁷⁸, nem de “mandarem que ela escrevesse o que passava no seu interior, para mais clara intelligencia do que deviaõ obrar; antes me consta, que algum lhe prohibio a escripta até certo tempo”¹⁴⁷⁹. Refere-se evidentemente a Frei Martinho de São José. Portanto, antes dos textos que hoje conhecemos, ou em simultâneo com estes, havia outros, que Soror Isabel eventualmente destruiu por ordem de pelo menos um confessor, Frei Martinho. Ignoramos o motivo da proibição da escrita, mas é possível que o religioso a tenha considerado pouco adequada à pouca saúde da autora, que, como vimos, passou por diversas doenças; ou, pelo contrário, pode ter correspondido a uma tentativa de controlar a sua correspondência e de impedir a sua escrita sobre uma matéria tão delicada, que implicava dos confessores uma reserva inicial e, sempre, uma grande discrição.

Seria, sobretudo, problemática a circulação de escritos seus pelo convento, dando-os a ler a outras religiosas; e, pior que tudo, a sua circulação e cópia no exterior. Qualquer indício de proposição, ou simples coisa malsoante, que neles fosse encontrada, Soror Isabel poderia ser denunciada à Inquisição e seria aberto um processo, no qual se veriam implicados os seus confessores¹⁴⁸⁰. A proibição da

¹⁴⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5], § V.

¹⁴⁷⁸ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [9v].

¹⁴⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9v].

¹⁴⁸⁰ Veja-se o caso de Frei Masseu de São Francisco, religioso franciscano do Convento de Santa Maria da Arrábida, de franciscanos alcantarinos, que foi sentenciado em auto da fé privado a 9 de Dezembro de 1701, sendo privado de ser director espiritual, proibido de entrar em Lisboa, indo recluso para outro convento, no termo de Torres Vedras, com penitências espirituais, por veneração e publicação das visões e revelações de

escrita seria, ainda, uma forma de a provar quanto ao voto de obediência que fizera ao professar como religiosa e, logo, de verificar a autenticidade da sua vida ascética e mística, porque se esta não produzisse virtudes, nomeadamente a da obediência a um confessor, facilmente poderia ser um engano do Demónio ou um embuste da própria¹⁴⁸¹. O *Regimento do Santo Ofício*, que saíra em 1640, previa penas para as pessoas que “com fingimentos de virtude, procuram mostrar que têm revelações do céu e fazem milagres e com isso causam grande escândalo no povo cristão e costumam por esta via introduzir doutrinas falsas”¹⁴⁸², bem como “grandes abusos em prejuízo da nossa fé”¹⁴⁸³: açoites e degredo de galés. Se fossem pessoas nobres ou religiosas, a pena seria arbitrária, “tendo-se respeito ao escândalo e prejuízo que causam suas culpas”¹⁴⁸⁴. Tais escritos eram, pois, perigosos para os seus autores; e a própria Soror Isabel, a dada altura, por conselho de um ou de outro confessor, terá tomado consciência disso. De casos recentes e geograficamente próximos chegariam notícias ao convento¹⁴⁸⁵.

uma Maria de Jesus, que tomara como filha espiritual. Por despacho da Mesa, da mesma data, foram intimados todos os eclesiásticos e seculares, dentro e fora de Lisboa, a sob pena de excomunhão maior, a entregar todos os papéis, cartas e outros escritos que tivessem em seu poder, escritos pelo réu, que serviram como meio de prova. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 753. Veja-se também o caso de Frei João dos Santos – provavelmente parente de Soror Isabel do Menino Jesus, por ser filho de uma Maria Viegas e natural de Marvão –, religioso da Ordem de São Francisco, sentenciado por publicar certas revelações como verdadeiras, sem proceder a exames exigidos pela Santa Sé, em auto da fé privado, a 11 de Março de 1752, sendo asperamente repreendido a não voltar a cometer as mesmas culpas, abstendo-se de ser director espiritual. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 6782.

¹⁴⁸¹ Vd. Anne Jacobson Schutte, “Un Caso di Santità Affetata: l’Autobiografia di Cecilia Ferrazzi”, in Gabriella Zarri (org.), *Finzione e Santità. Tra Medioevo ed Età Moderna*, Turim, Rosenberg & Sellier, 1991, pp. 329-342.

¹⁴⁸² Cf. “Regimento de Dom Francisco de Castro (1640)”, liv. III, tít. XX, in José Eduardo Franco, Paulo de Assunção, *As Metamorfoses de um Polvo...., op. cit.*, p. 369.

¹⁴⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 369.

¹⁴⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 369.

¹⁴⁸⁵ Seria bem conhecido, por exemplo, o de Soror Mariana da Purificação (1623-1695), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, de carmelitas calçadas, que tivera fama de santa em vida e agora continuava a ter, várias décadas depois de morta. Por causa do receio do próprio confessor, Frei António de Escobar, que a denunciara à Inquisição, fora aberto processo na Inquisição de Évora. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1720. Depois de várias diligências, que tinham incluído interrogatórios à delata, ao confessor e a testemunhas, parecera aos inquisidores e deputados que das respostas da delata não se colhia razão concludente e que lida a censura que os qualificadores tinham dado aos seus êxtases, visões e revelações, que estes não podiam ser de Deus, mais parecendo ter Soror Mariana estado sob influência dos livros espirituais que lera; bem como que a encaminhara mal o seu próprio confessor, no qual ela confiara.

Tinham dito que bem saberia ela quantas diligências fizera Santa Teresa de Jesus, cuja *vida* dizia ter lido muitas vezes, para ter certezas, temendo ser enganada pelo Demónio, temendo que a enganasse com aparência de anjo de Deus, como costumava tão bem enganar pessoa espirituais e que seguiam o caminho da virtude, fazendo-as ver coisas que parecia não poderem acontecer naturalmente, tais como desaparecerem alfinetes e flores nas suas mãos, bulir o breviário e ramalhetes, coisas que tinha nas mãos sem qualquer movimento dela, ou a toalha na cabeça, etc. O principal dano que pretendia o Demónio com a ilusão era meter tais pessoas em jactâncias e vanglórias, para que se jactassem e presumissem de si mesmas, ao que depois se seguiam mil fingimentos, como a experiência mostrava, principalmente sendo mulheres, “que de sua natureza são livianas e amigas da boa opiniaõ”. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1720, f. 495v. Tinham referido, ainda, que se Soror Mariana dissera, quando estivera em êxtase, supostamente unida ao Menino Jesus, como dissera então estar, e sem sentidos exteriores, estaria a fingir, pois em dois deles tivera pleno juízo de si enquanto a examinavam, sendo levada pela mão por certa religiosa do seu convento para a casa onde se costumava recolher. Tinham acusado de ser inverosímil a salvação das almas e as promessas de salvação a diferentes pessoas que ela fazia. Que as coisas que tinha dito eram para estimação própria e a fim de ser tida como santa. Entre outros factos, tinham apontado o caso de outra religiosa do convento, que estivera muito doente e que fora untada com o conhecido azeite de Soror Mariana – que o oferecia aos seus devotos, para os curar –, mas que, em vez de se curar, ficara pior. Cf. ANTT, TSO de Lisboa, proc. 1720, f. 496. Tinham julgado haver aparência de fingimento, mas não serem bastantes as provas para proceder contra a delata, pelo que deveria haver nova diligência, para que se determinasse se eram as suas coisas procedentes de Deus, ou, pelo contrário, do Demónio, a delata devia ser examinada. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1720, f. 497. A documentação seguiu, de facto, para Lisboa, onde fora vista a 27 de Setembro de 1672, na mesa do Conselho Geral, perante o inquisidor geral. Assentara-se que antes de outra coisa se procurasse, na forma que fosse possível, verificar os factos relativos a actos exteriores que dissera Soror Mariana da Purificação terem sucedido, tanto quando morava em Lisboa, sendo secular, como depois da entrada no convento, já em Beja; e que se tomasse informação de pessoas fidedignas e desapaixonadas sobre a sua vida e procedimento desde o tempo dos exames a que tinha sido submetida pelo Santo Ofício de Évora. Que fosse de novo examinada por todas as coisas que tinham sido qualificadas e que estavam nos seus próprios escritos, nos sumários, nas declarações e nos exames, “arguindoa com todo aperto, e miudeza dos encontros e inverosimilidades que se achão no que escreveo, disse, e declarou, e das que resultarem de suas respostas e se fação as mais diligencias que pelos mais votos se a aportaõ no Assento da Mesa, e satisfeito a tudo se torne a ver nelle este processo com o Assento que se tomar se invie ao Conselho”. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 1720, f. 499. Com efeito, ao analisarmos este processo, vimos que inclui, de seguida, o caderno manuscrito de Soror Mariana, com 90 fólhos. Nada mais consta das diligências da Inquisição de Évora ou do Conselho Geral no seu caso. Existe um segundo caderno da sua autoria, hoje conservado na Biblioteca Pública de Évora, anexada à denúncia do confessor. Cf. BPE, “Enformação”, cód. CV/1-20. Estes documentos estão, pois, separados do processo, que se conserva no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, e terão sido ambos juntos num mesmo códice, na Biblioteca Pública de Évora, supomos que por se ter sido verificada a coincidência de nomes neles mencionados. Entretanto, o despacho do Conselho Geral ordenara que deviam os factos relatados ser novamente verificados, com as diligências necessárias, sendo depois comunicados à mesa. Olhando à data do caderno que se conserva em Évora – 15 de Maio de 1694 – podemos supor que o processo prosseguiu e que Soror Mariana terá andado até à morte, ocorrida em 1695, sob a atenção da Inquisição e, mais proximamente, pelo seu diligente confessor, a quem continuou a dar contas, por escrito, da sua suposta vida mística.

Soror Isabel do Menino Jesus terá obedecido prontamente, quando Frei Martinho, como seu confessor, lhe ordenou que parasse de escrever. Saber-se não era rara a escrita por mandato dos confessores, nos conventos de religiosas no período moderno, na senda do que acontecera com a paradigmática Santa Teresa de Jesus¹⁴⁸⁶. Para além disto, não desprezaria o voto de obediência a que se obrigara na profissão religiosa. No seu “Prologo...”, o religioso diz, de facto, que a sua obediência era exemplar e que aos prelados e preladas “estimava, e amava a quem obedecia nas similhaças de Deos; e finalmente a seus Directores teve huma taõ rara obediencia, que sem seu conselho naõ era facil fazer coisa alguma”¹⁴⁸⁷. Recorda ainda que fora para obedecer aos seus directores espirituais que, depois, escrevera o que consta do manuscrito que deu origem à *Vida da Serva de Deos...*: “quanto escreveo, e hoje com estimação se guarda, foi porque assim lho ordenou a obediencia”¹⁴⁸⁸. A própria autora, na “Súplica ao Ministro Provincial”, quando diz que doa ao ministro provincial todos os seus escritos, “dipois desta outra obbediencia spiritual que tinha rrendida A tres Padres Spirituais com quem comonicaua meu spirito”¹⁴⁸⁹.

Desconhecemos os nomes destes três directores espirituais. Um deles talvez fosse o confessor do convento, porque o seu ministério podia incorporar a função de director espiritual, embora o ministério sacramental e a direcção espiritual pudessem não ser assumidas pelo mesmo sacerdote. É possível também que um dos três fosse o próprio Frei Martinho de São José, que, apesar de ausente de Portalegre, poderia visitá-la uma ou outra vez, bem como dirigi-la espiritualmente à distância, por carta¹⁴⁹⁰. Esta tríplice direcção parece

¹⁴⁸⁶ Vd. Sonja Herpoel, *A la Zaga de Santa Teresa. Autobiografías por Mandato*, Amsterdão, Atalanta, Editions Rodopi, 1999.

¹⁴⁸⁷ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [5], § V.

¹⁴⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. [5], § V.

¹⁴⁸⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 72, § 86.

¹⁴⁹⁰ Esta direcção espiritual mais espaçada no tempo, motivada pelas distâncias geográficas, não seria rara. Veja-se o caso de Frei António das Chagas (1631-1682), que tinha correspondência com diversas religiosas, dirigindo-as por esse meio, com alguns encontros entre cartas. Cf. António das Chagas, *Cartas Espirituais*, *op. cit.*, pp. 22-23. Vd. também Zulmira C. Santos, Paula Almeida Mendes, “Apontamentos para a Direcção Espiritual na Época Moderna em Portugal (Séculos XVI-XVIII)”, in *Via Spiritus*, n.º 22, Porto, 2015, pp. 5-16; Paula Almeida Mendes, “Leia estas cartas que nelas verá debuxado seu ferveroso espírito.” Sobre

extraordinária e é possível que se tivesse dado por ordem do ministro provincial, ao qual terão chegado notícias da vida de Soror Isabel, designadamente quanto aos fenómenos místicos que eram conhecidos e contados por pessoas externas ao convento. Era, afinal, uma *santa viva*, devendo verificar-se se era fingimento o que dizia de si própria e o que nela se observava, ou se, pelo contrário era manifestação de verdadeira santidade¹⁴⁹¹.

Se esta última possibilidade fosse verificada pelos directores, Soror Isabel poderia, depois da sua morte, vir a ser canonicamente reconhecida, o que viria ilustrar o seu convento, toda a Província dos Algarves e o próprio reino de Portugal, onde havia um interesse generalizado por causas de beatificação e canonização já durante o reinado de D. João V, segundo Manuel Bernardes Branco, “para lustre e gloria das povoações, das igrejas e das ordens monásticas”¹⁴⁹². Mesmo que não se fosse tão longe, ficaria como modelo de “perfeita religiosa”¹⁴⁹³. Tratava-se de uma preocupação presente na generalidade das famílias religiosas e a ausência de uma religiosa com *fama sanctitatis* no Convento de Santa Clara de Portalegre seria sentida pelas próprias religiosas mais observantes e pelos governos da Província já antes da entrada de Soror Isabel do Menino Jesus.

Por outro lado, a obra de Soror Isabel era muito oportuna à época, porque estava desasombradamente orientada para a condenação dos pecados dos sacerdotes, dos religiosos e religiosas, bem como das pessoas seculares, e para motivação das almas para a salvação, pela prática constante das virtudes e pela vida espiritual desenvolta, mas acessível a todos, segundo a doutrina da Igreja, no geral, e segundo os princípios da mística, em particular. Logo, o caso exigia uma

Algumas Cartas Espirituais e Directivas de Religiosos Portugueses (Séculos XVI-XVII)”, in *Via Spiritus*, n.º 21, Porto, 2014, pp. 57-74.

¹⁴⁹¹ Vd. José Pedro Paiva, “Missões, Directores de Consciência, Exercícios Espirituais e Simulações de Santidade. O Caso de Arcângela do Sacramento (1697-1701)”, in Maria Helena da Cruz Coelho (coord.), *A Cidade e o Campo. Colectânea de Estudos*, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Universidade de Coimbra, 2000, pp. 243-265.

¹⁴⁹² Cf. Manuel Bernardes Branco, *Portugal na Ephoca de D. João V...*, *op. cit.*, cap. V, p. 66.

¹⁴⁹³ Cf. Antónia Fialho Conde, “Modelos em Vida, Paradigmas na Morte: a Construção da Perfeita Religiosa em Portugal”, in Maria Marta Lobo de Araújo, Alexandra Esteves, Ricardo Silva, José Abílio Braga Coelho (coord.), *Sociabilidades na Vida e na Morte (Séculos XVI-XX)*, Braga, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014, pp. 455-468.

direcção espiritual eficaz, assumida não apenas por um sacerdote, mas por vários, formando um grupo capaz de discernir e ajuizar, podendo, ainda, discutir entre si algo que não fosse consensual e, sobretudo, aplicar a Soror Isabel os princípios e métodos da mística, conduzindo-a na mais estreita ortodoxia. Eram teólogos entendidos na matéria, porque a autora, no “Tratado Místico”, chama-lhes “Senhores Doutores Místicos”¹⁴⁹⁴. Ignoramos por quanto tempo exerceram a sua direcção, mas supomos que por alguns anos seguidos, iniciando-se talvez durante do seu abadessado, momento em que a sua defesa da reforma terá sido do conhecimento do ministro provincial, ou talvez desde que Frei Martinho de São José, anos depois de ali ter sido confessor das religiosas, regressou ao convento para a visitação de 22 de Setembro de 1742, na qualidade de comissário delegado do ministro provincial¹⁴⁹⁵.

Os três directores espirituais, como seria habitual, terão ouvido, interrogado e aconselhado Soror Isabel, conhecendo, tanto quanto possível, o seu perfil psicológico, o seu discurso acerca da sua vida interior, o seu comportamento, etc., como já então competia à *discretio spirituum*¹⁴⁹⁶. Um deles, como veremos pelo “Tratado Místico”, hesitou em assumir a sua direcção espiritual, alegando não estar capacitado para tal. Depois de ter discutido o assunto com Soror Isabel, acabou por concordar, mas ordenou-lhe que escrevesse primeiro sobre a sua vida ascética e mística, com o acordo dos outros dois religiosos. Terão depois ordenado que lhes entregasse todos os seus escritos, os quais ela guardava cuidadosamente numa caixinha fechada à chave, trazendo a chave ao peito, segundo testemunha Frei Martinho de São José, dizendo este que eram as únicas coisas que tinha como suas¹⁴⁹⁷. Os escritos terão sido analisados pelos três religiosos, de acordo com a doutrina da Igreja, os princípios e métodos da teologia mística, e, para além de toda a ortodoxia que convinha ao caso, tendo muito em conta o que declarava o *Regimento do Santo Ofício*, que saíra em 1640, e que anteriormente citámos, legislava acerca de visões e outros fenómenos místicos.

¹⁴⁹⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 73, § 87.

¹⁴⁹⁵ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, f. 16v.

¹⁴⁹⁶ Vd. Loius Beirnaert, Outros, *Études Carmélitaines. Direction Spirituelle et Psychologie*, Bruges, Desclée, de Brouwer et Cie., 1951.

¹⁴⁹⁷ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deus...*, *op. cit.*, p. [3v], § IV.

Eram, de facto, significativos os casos de fingimento de santidade, alguns bem estranhos àqueles princípios, o que o Santo Ofício sentenciava¹⁴⁹⁸. O espectro do molinismo, por exemplo, ou melhor, o que dele percepcionava então a Inquisição, como aponta Pedro Vilas Boas Tavares, era um dos que presidia aos juízos sobre matérias alegadamente místicas, entre os que se referiam a feitiçaria, obsessões e possessões diabólicas, judaísmo ou simplesmente embustes¹⁴⁹⁹. Alguns eram casos de religiosas, que alegam ascese e mística¹⁵⁰⁰.

¹⁴⁹⁸ Vd. Francisco Bethencourt, “Rejeições e Polémicas”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 49-93.

¹⁴⁹⁹ Vd. Pedro Vilas Boas Tavares, *Beatas, Inquisidores e Teólogos. Reacção Portuguesa a Miguel de Molinos*, Porto, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002. Como se sabe, o Padre Miguel de Molinos (1628-1696), natural de Muniesa, em Espanha, publicara opúsculos e cartas sobre o chamado quietismo, pelo que foi enclaustrado num em Roma, onde viera a morrer. Os seus erros doutrinários tinham sido condenados pelo decreto do Santo Ofício de 28 de Agosto de 1687 e pela constituição *Coelestis Pastor*, de 20 de Novembro de 1687. Os erros eram numerosos: que era preciso que o homem aniquilasse as suas potências num caminho interno; que agir activamente era ofender a Deus, que deseja ser o único agente, sendo necessário abandonar-se a Deus e permanecer com o corpo exânime; que o desejo de fazer alguma coisa é impedimento da perfeição; que a actividade natural é inimiga da graça, e impede a acção de Deus e a verdadeira perfeição, porque Deus quer operar no homem sem o homem; que, não fazendo nada, a alma aniquila-se e volta ao seu princípio e à sua origem, que é a essência Deus, na qual permanece transformada e divinizada, e Deus permanece então em si mesmo, porque então não há duas coisas unidas, mas uma só e, deste modo, vive e reina Deus no homem; que o caminho interno era aquele que não conhece nem a luz, nem o amor, nem a resignação, e não há necessidade e conhecer a Deus; que a alma não devia pensar nem no prémio, nem no castigo, nem no Céu, nem no Inferno, nem na morte, nem na eternidade; que não devia querer saber se caminha com a vontade de Deus, se permanece ou não resignada com a mesma vontade, nem era preciso que queira saber do seu estado, nem nada próprio, devendo permanecer como um cadáver, exânime, etc. Cf. Enrique Denzinger, *El Magisterio de la Iglesia*, op. cit., pp. 308-314.

¹⁵⁰⁰ Veja-se, por exemplo, o extenso processo de Soror Mariana Inácia de São Miguel, religiosa professa da Ordem de Santa Clara no Convento de Santa Ana de Lisboa, que foi presa a 23 de Maio de 1761, sendo acusada de fingimentos e de doutrinas heréticas, expostas nas várias obras que escrevera, nas quais alegava locuções e visões, e fazia profecias. A ré foi sentenciada em auto da fé, a 27 de Outubro de 1765, sendo condenada a abjuração *de levi* e a ficar privada de voz activa e passiva para sempre, ficando reclusa nos cárceres do Santo Ofício a arbítrio dos inquisidores, sendo depois degredada por toda a sua vida, para o Convento de Santa Helena do Monte Calvário, em Évora, vindo a ser instruída na fé, para a salvação da sua alma, cumprindo, ainda, todas as penas e penitências que lhe viessem a ser impostas, pagando as custas. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 7141. Veja-se, também, o processo da já referida Soror Mariana da Purificação (1623-1695), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, de carmelitas calçadas. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 1720, f. 12v

A primeira preocupação dos três directores espirituais da autora terá sido, pois, a de fazer proceder segundo a direcção exigia. O discernimento de espíritos tratava de estabelecer critérios para julgar sobre a procedência das inspirações, ou seja, para saber se vinham de Deus e dos seus anjos e santos, se do Diabo e dos seus demónios, ou se procediam do próprio sujeito¹⁵⁰¹. É identificado no Novo Testamento como um carisma, ou dom do Espírito Santo¹⁵⁰²; e permite essencialmente distinguir entre o que é da verdade e o que é do erro¹⁵⁰³.

O director espiritual de uma religiosa que alegava ascese e mística, e dela tinha fama pública, mesmo que estivesse convencido da autenticidade desta, via-se numa posição delicada, potencialmente vulnerável, porque corria o risco de ser denunciado e logo sentenciado pelo Santo Ofício, sobretudo se contra si se levantassem suspeitas de que estava, de um qualquer modo, a promover o caso, para com ele alcançar prestígio, benefícios e até dinheiro¹⁵⁰⁴. Os três directores espirituais de Soror Isabel terão julgado que era verdadeiramente mística, isto é, que os fenómenos que relatava, ou que tinham sido já testemunhados por terceiros, procediam de Deus, não sendo, portanto, fantasia do seu espírito; nem resultado da acção diabólica; nem embuste. Terão também concluído que a sua condição de mística associava-se, ou incluía, uma segunda condição, atribuída igualmente à acção divina – a de mestra do espírito. Por esta condição, que seria rara entre religiosas, estes três directores terão sido favoráveis à ideia de se fazer a impressão de um livro que fosse simultaneamente a *vida* de Soror Isabel e uma apresentação do seu magistério, entendido como ciência infusa, como viriam a proclamar, mais tarde, os pareceres pedidos para viabilizar a impressão, designadamente o de Frei Jerónimo de Belém, que citámos, luminar da Província e de toda a Ordem seráfica em Portugal.

Deixemos aqui uma nota mais sobre a caixinha de Soror Isabel do Menino Jesus. Esta notícia parece indicar-nos que a autora temeria a leitura não

¹⁵⁰¹ Cf. Christoph Burger, “Discernimiento de espíritus”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 302-305.

¹⁵⁰² Cf. I Cor 12, 10.

¹⁵⁰³ Cf. I Jo 4, 1-6.

¹⁵⁰⁴ Veja-se o já mencionado caso de Frei Masseu de São Francisco, religioso franciscano do Convento de Santa Maria da Arrábida, dos franciscanos alcantarinos, que atrás mencionámos, que era director espiritual de uma Maria de Jesus, promovendo a sua veneração e a publicação das suas supostas visões e revelações. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 753.

autorizada dos seus textos ou o seu furto, o que poderia criar-lhe problemas, podendo ser ridicularizada por algumas religiosas do convento que não criam na sua vida ascética e mística e mesmo vir a ser denunciada à Inquisição. Soror Isabel, mesmo já idosa, teria inimigas na comunidade, segundo a mesma refere, quando escreve sobre o seu abadessado, na “Carta à Abadessa e Religiosas”; o que parece confirmar Frei Martinho de São José. Uma das suspeitas que se levantavam contra pessoas que manifestavam ter vida ascética e mística era a de serem cripto-judias, ou cristãs-novas¹⁵⁰⁵.

Havia também suspeitas de crime de judaísmo em religiosas de conventos portugueses, no século anterior, como apontou Georgina Silva dos Santos¹⁵⁰⁶. Recordemos aqui que supomos a ascendência judaica de Soror Isabel do Menino Jesus. É apenas uma suposição, suportada no facto de haver então vários processos inquisitoriais de pessoas com o apelido Morato no Alentejo. Não se ignoraria no seu convento que este apelido andava ligado ao crime de judaísmo, até porque as religiosas não eram oriundas apenas de Portalegre e do seu termo, mas de outras localidades alentejanas, onde tinham os seus parentes, que lhes escreviam e que as visitavam, trazendo notícias. Existia também um número indeterminado seculares no convento, tanto criadas, como recolhidas, por vezes por períodos curtos. Neste ambiente, as novas correriam velozes, sobretudo se eivadas de escândalo. No triénio em que foi abadessa (1747-1750), ainda que tivesse sido eleita para o ofício pela maioria das religiosas, a autora ainda teria certas inimigas na comunidade, que formariam um partido contrário à sua reforma.

Esse partido, por pequeno que fosse, não se coibiria de levantar sobre ela tal suspeita e de a espalhar pela cidade, ou pela região, através dos seus contactos com o exterior da clausura. E teria como fazê-lo. Bastaria invocar, por exemplo, alguns casos recentes de pessoas que poderiam ser suas parentes. Como citámos anteriormente, já na acta de visitação do distante 28 de Junho de 1711 se dizia que

¹⁵⁰⁵ Veja-se o caso da já mencionada Soror Mariana da Purificação (1623-1695), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, de carmelitas calçadas. Várias religiosas do convento, acerca da sua vida mística, “Diziaõ que era Christan noua”. Cf. BPADE, “Enformação...”, cód. CV 1-20, f. 20v.

¹⁵⁰⁶ Vd. Georgina Silva dos Santos, “Isabel da Trindade. O Criptojudaísmo nos Conventos Portugueses Seiscentistas”, in Ronaldo Vainfas, Georgina Silva dos Santos, Guilherme Pereira das Neves, *Retratos do Império. Trajetórias Individuais no Mundo Português nos Séculos XVI a XIX*, Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006, pp. 333-340.

as religiosas se injuriavam mutuamente, “trazendo à memória faltas de geração”¹⁵⁰⁷, isto é, recordando escândalos como estes que acabamos de mencionar, e outros, que certamente alimentavam com constantes intrigas e murmurações. As religiosas não ignoravam, certamente, o caso de Paulo Juzarte da Costa, familiar próximo das já defuntas Soror Paula de São Francisco e sua irmã Soror Maria do Nascimento, que tinham sido abadessas no convento¹⁵⁰⁸. Este fidalgo fora ascendente dos Juzartes marvanses, compadres da irmã da autora, Catarina Sanches, como vimos, pelo que também a autora bem saberia da sua escandalosa história. Antes de se casar em Alter do Chão, com D. Violante de Vasconcelos – com quem tivera a sua legítima descendência –, tivera uma amante, Maria Nunes, *a Gigante*, cristã-velha de Portalegre, com a qual tivera dois filhos naturais, André da Costa Juzarte e Catarina da Costa, os quais levava para casa de sua mãe, para que esta os criasse, na condição de seus netos, ainda que ilegítimos. Mas, quando casara, deixara a dita amante desamparada, pelo que ela se fizera amante de outro fidalgo. O Juzarte não tolerara essa afronta e devolvera os filhos à mãe, condenando-os a viver pobremente. O filho viera a ser sapateiro e a filha, Catarina da Costa, casara com o mercador e sapateiro Manuel Gonçalves Periquito, meio cristão-novo. Sabia-se certamente que esta Catarina da Costa, estando o marido ausente em Lisboa por uns meses, tivera por amante o fidalgo Jorge Velez Juzarte de Campos, seu parente, nascendo dessa relação o Beneficiado Manuel da Costa Juzarte. Catarina preferira este filho aos outros, filho esse que chegara mesmo a provar que não fora concebido pelo Periquito, mas pelo dito fidalgo, para, assim, habilitar-se a receber ordens menores. Sabia-se também que Catarina costumava referir-se escandalosamente aos restantes filhos, os que tivera com o Periquito, como “cães judeus”¹⁵⁰⁹. Dois destes filhos tinham sido Soror Isabel da Visitação e Soror Joana da Nazaré, que tinham professado naquele convento, já falecidas no tempo da autora, mas certamente não esquecidas pelas religiosas sobreviventes.

Outra filha do Periquito e de Catarina da Costa, sua mulher, fora Maria Gonçalves, que casara com António Morato, de quem tinham nascido Manuel

¹⁵⁰⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Patentes, cx. 1, liv.1, f. 34v.

¹⁵⁰⁸ Cf. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre*, op. cit., p. 345.

¹⁵⁰⁹ Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 345.

Morato, que estava ausente em Castela em 1683; e o aprendiz de sombreireiro António Morato, que fora sentenciado pela Inquisição por crime de judaísmo, indo depois para Trujillo, em Castela, e por lá casara¹⁵¹⁰. Este António Morato fora preso pela primeira vez a 26 de Outubro de 1669, por judaísmo, heresia e apostasia, e fora sentenciado em auto da fé a 21 de Setembro de 1670; e, de facto, ausentara-se para Castela sem autorização do Santo Ofício, sendo novamente preso a 25 de Setembro de 1671 por causa deste crime¹⁵¹¹. Fora setenciado depois a 25 de Abril de 1672 em auto da fé, a cárcere e hábito penitencial perpétuo, sem remissão. Também um seu tio materno, o mercador Pedro da Costa – um dos apodados “cães judeus” –, fora preso pela Inquisição a 15 de Novembro de 1669, acusado de judaísmo, sendo sentenciado a cárcere e hábito penitencial perpétuo, saindo em auto da fé a 21 de Setembro de 1670¹⁵¹². Outro tio materno, João da Costa – igualmente um dos apodados –, tinha nascido em Portalegre em 1649, e escapara para Albuquerque, em Castela, com o seu irmão Pedro da Costa, onde tinham morrido¹⁵¹³. Fora também preso, em 1683, sendo, na data, estudante de Leis na Universidade de Coimbra¹⁵¹⁴. Casara com Violante da Costa, natural da vila de Tolosa, que também fora condenada pela Inquisição¹⁵¹⁵. Pedro da Costa e João da Costa, os ditos *cães judeus*, eram irmãos inteiros das mencionadas Soror Isabel da Visitação e Soror Joana da Nazaré, pelo que as religiosas do tempo da autora bem saberiam que estes casos implicavam pessoas com o apelido Morato e que o pai de Soror Isabel do Menino Jesus se chamara João Morato. Para além disso, professara no convento Soror D. Catarina Joana Baptista, filha do Dr. Manuel da Costa Juzarte e de sua mulher, D. Maria Monteiro, natural de Portalegre e consanguínea de todas essas pessoas condenadas, a qual falecera a 24 de Outubro de 1746, com setenta e oito anos¹⁵¹⁶. Também esta poderá ter sido

¹⁵¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 345.

¹⁵¹¹ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 6747.

¹⁵¹² Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 692. Vd. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre, op. cit.*, p. 345.

¹⁵¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 345.

¹⁵¹⁴ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 10861.

¹⁵¹⁵ Cf. Manuel da Costa Juzarte de Brito, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre, op. cit.*, p. 345.

¹⁵¹⁶ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 34.

apontada e vista com desconfiança por parte de algumas religiosas da comunidade, apesar da nobreza do seu nascimento.

Recordemos também o caso das duas irmãs Moratas da vila de Alpanhão, perto de Portalegre, que diziam estar grávidas dos nascituros São João Baptista e Jesus Cristo¹⁵¹⁷. Em Évora, o auto da fé de Maria Morata, chamada também Maria do Espírito Santo, e sua irmã Catarina, tivera aparato, uma vez que tinham estado presentes D. João V e o Príncipe Real, pelo que teria sido muito comentado por toda a região do Alentejo, chegando a notícia ao convento¹⁵¹⁸.

Estes casos poderão, pois, ter causado a desconfiança de certas religiosas em relação à vida ascética e mística de Soror Isabel do Menino Jesus, o que poderá explicar o seu empenho em referir as intensas devoções católicas dos seus falecidos pais, na “Vida”, e as suas virtudes cristãs, depois de ostensivamente declarar que eram “Meus Pais cristãos e muito tementes A Deus de sangue linpissimo”¹⁵¹⁹.

2. Do manuscrito autógrafo

Os três directores espirituais de Soror Isabel do Menino Jesus terão ordenado à sua dirigida que passasse a limpo os seus escritos para que fossem enviados ao ministro provincial. O cumprimento dessa tarefa, cremos, é o manuscrito autógrafo, que transcrevemos. O ministro provincial estaria já informado do interesse em imprimir-se tal obra. A autora, na “Súplica ao Ministro Provincial”, assim o diz: “ordenaram estes Restetuisse A Religiam o que nam hera meu pois tudo o que tinha hera de Deus que fose para gloria sua”¹⁵²⁰.

O manuscrito passado a limpo daria depois origem à *Vida da Serva de Deos...* e é aquele mesmo que postumamente foi intitulado como *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752*, o qual temos vindo a citar como fonte. A autora, para cumprir a ordem dos três religiosos, deu aos seus textos esta sequência, que anteriormente referimos:

¹⁵¹⁷ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 4766.

¹⁵¹⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁵¹⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 1, § 2.

¹⁵²⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 72, § 86.

- a) “Vida”, da p. 1, § 1, à p. 49, § 51;
- b) “Carta à Abadessa e Religiosas”, da p. 49, § 52, à p. 72, § 85;
- c) “Súplica ao Ministro Provincial”, da p. 72, § 86, à p. 73, § 86;
- d) “Tratado Místico”, da p. 72, § 87, à p. 127, § 127;
- e) “Cartas a um Religioso”, da p. 128 à p. 154;
- f) “Cartas a uma Religiosa”, da p. 155 à f. 172.

Nenhum destes títulos, como referimos, é da autora, que inicia cada texto sem a preocupação de o intitular; nem são títulos do impresso *Vida da Serva de Deos...*, em cujo corpo o editor os manteve sem título, à excepção do “Tratado Místico”, ao qual chama “Tratados Mysticos”, no plural, no título do impresso. Optámos por não usar o plural porque o texto da autora é contínuo e coerente no encadamento das matérias, entendendo que estamos diante de um só tratado, e não de dois, o que a autora, de facto, não indica.

Os títulos acima elencados são nossos e procuram anunciar as diferentes matérias, sem causar equívocos nos leitores desta edição. Temos referido cada um dos textos, ou obras, pelas abreviaturas, que criámos para o efeito. A *Vida da Serva de Deos...* seguiu a mesma ordem, embora, na apresentação que faz do volume, Frei Jerónimo de Belém refira que se pode dividir em apenas quatro partes, o que – corrigimo-lo – não é exacto¹⁵²¹.

Não nos será possível, por economia de espaço, explorar em profundidade os conteúdos de cada texto, tão-somente o que o que julgamos ser suficiente para cumprir três objectivos específicos, que já anteriormente anunciámos:

- 1) Apontar os seus possíveis destinatários;
- 2) Resumir e citar os conteúdos, com breves notas para sua leitura;

¹⁵²¹ Escreve Frei Jerónimo de Belém, acerca das obras que compõem a *Vida da Serva de Deos...*: “De quatro partes consta toda a matéria; na primeira dá a Veneravel Madre fiel relação da sua vida até á entrada do seu Mosteiro de Santa Clara de Portalegre: a segunda consta de todos os seus progressos na clausura, favores, que do Senhor recebo, e penitencias, que fez em beneficio de muitas almas: a terceira se compõem da vida espiritual, em que trata das três vias do espirito, com tanta clareza, e expressão de termos mysticos, como quem os recebo na melhor fonte; pois aliã ficariaõ imperceptiveis á capacidade de huma mulher, sem letras; mas tudo póde a graça de Deos; e a quarta se exorna de algumas cartas doutrinaes, e ascéticas, que escreveo a pessoas Religiosas, para as incitar mais á virtude.” Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, pp. [8]-[8v].

- 3) Apontar as suas possíveis datas de redacção e de passagem a limpo (à excepção das “Cartas a uma Religiosa”, que têm datas).

Estes objectivos não serão cumpridos necessariamente por esta ordem. No próximo capítulo, seguiremos a nossa datação aproximada – explicada no próprio capítulo –, atribuindo, pois, uma sequência cronológica aos textos. Segundo nos parece, estes terão sido redigidos originalmente (ou seja, antes da sua passagem a limpo) por esta ordem:

- a) “Cartas a um Religioso”;
- b) “Cartas a uma Religiosa”;
- c) “Tratado Místico”;
- d) “Súplica ao Ministro Provincial”;
- e) “Vida”;
- f) “Carta à Abadessa e Religiosas”.

Como escreve Roger Chartier, na sua obra *A Ordem dos Livros*,

“O livro procura sempre instaurar uma ordem, quer seja a ordem da sua decifração, a ordem segundo a qual deve ser entendido, ou a ordem determinada pela autoridade que o encomendou ou que o autorizou. No entanto, essa ordem com múltiplas figuras não detém o poder absoluto para anular a liberdade dos leitores.”¹⁵²²

Adiante, exploraremos sobretudo os três primeiros textos daquela última lista, recorrendo a citações dos restantes, como temos vindo a fazer, quando nos parecer oportuno, sobretudo porque uns complementam os outros, ou apresentam indícios para a sua compreensão. Porém, façamos antes algumas observações acerca das trinta e cinco cartas de Soror Isabel do Menino Jesus (“Cartas a um Religioso” e “Cartas a uma Religiosa”). São cartas espirituais, como observa Isabel Morujão¹⁵²³. De facto, destinam-se à orientação espiritual e ao aconselhamento dos destinatários; são como que uma espécie de direcção espiritual que Soror Isabel exerce com maestria, acrescentamos. A direcção espiritual sempre foi exclusiva dos sacerdotes, na medida em que só estes tem autoridade pastoral sobre os fiéis, autoridade que coloca, por vontade própria, sob

¹⁵²² Cf. Roger Chartier, *A Ordem dos Livros*, Lisboa, Veja, 1997, p. 6.

¹⁵²³ Cf. Isabel Morujão, “Um Epistolário Português de Clarissa...”, *op. cit.*, pp. 131-132.

a sua orientação espiritual, isto para além de poderem administrar-lhes os sacramentos, mormente o da Penitência. A confiança destes no seu director espiritual era, como é hoje, indispensável para esta relação, que visa o progressos das almas na santidade e assenta na confidência, mesmo quando a direcção não é realizada na confissão. Ora, as primeiras vinte cartas são dirigidas a um religioso que fora ordenado, isto é, a um sacerdote. Como diz Isabel Morujão, “O insólito desta situação de orientadora/orientado aparece, no entanto, nas palavras da religiosa, quando, a meio dessa primeira carta em que comunica aceitar o desafio”¹⁵²⁴. As restantes quinze são, como referimos anteriormente, a uma religiosa.

As cartas “são diferentes os problemas apresentados por um e por outro e diferentes as temáticas tratadas e as estratégias propostas”¹⁵²⁵. Estão plenas de *auctoritas*, que é exercida por Soror Isabel em plena liberdade, porque os seus destinatários lha reconhecem e a ela se submetem, também em plena liberdade. Isto é, nenhum dos três está submetido à jurisdição ou a qualquer obediência formal em particular. Os destinatários reconhecem Soror Isabel como mestra do espírito e ela corresponde ao que lhe pedem, ensinando-lhes o caminho espiritual. Fá-lo numa “retórica espiritual”, diz Isabel Morujão, observando que:

“No caso de Soror Isabel, o destinatário que se procura converter e a escassez de tempo disponível para dar cumprimento à troca de cartas e às restantes obrigações da vida religiosa determinam um estilo conciso, directo, persuasivo, que põe em acção uma pedagogia alicerçada na experiência da sensibilidade. Esta vertente pedagógica das cartas de Soror Isabel transparece no uso recorrente de formas verbais no imperativo [...], em frases curtas e incisivas, em repetições que realçam o carácter incontornável das recomendações propostas, ao mesmo tempo que insinuem a sua qualidade e frequência [...] e ainda no uso de frases de carácter sentencioso, que advêm da larga experiência de vida de Soror Isabel”¹⁵²⁶

Isabel Morujão, que editou as cartas do famoso Frei António das Chagas (1631-1682)¹⁵²⁷, e que acha nas de Soror Isabel certas semelhanças – supõe que as leu, inspirando-se para redigir as suas –, ressalva, porém, a brevidade de cada

¹⁵²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 137.

¹⁵²⁷ Vd. António das Chagas, *op. cit.*

carta da religiosa. “A brevidade parece ser outro dos factores que estruturam esta correspondência. As cartas de Soror Isabel do Menino Jesus chegam a ser ainda mais breves do que as de Frei António das Chagas”¹⁵²⁸, talvez porque se cingem ao que a autora quer dizer, com o objectivo de ir directamente ao que o destinatário lhe dissera em missiva anterior. Ao contrário de Chagas, Soror Isabel não apresentam particulares notícias da vida quotidiana do convento. Limita-se ao que considera essencial:

“Tudo nas cartas de Soror Isabel parece disposto para que o destinatário não perca de mira o essencial do que ela lhe pretende transmitir e talvez por isso a extensão das cartas só aumente quando os progressos na vida espiritual dos destinatários exigem estratégias diversas.”¹⁵²⁹

Quanto à estrutura, “que normalmente se distribui pela saudação, *captatio benevolentiae*, exposição, petição e conclusão, o epistolário de Soror Isabel do Menino Jesus apresenta singularidades próprias da sua tipologia e especificidade”¹⁵³⁰. As cartas da autora para a sua destinatária (“Cartas a uma Religiosa”) entroncam no âmbito das práticas de sociabilidade conventual – a própria o afirma numa das cartas –, mas procuram centrar-se unicamente nos assuntos de natureza ascética e mística. Saudações e cumprimentos são, em algumas cartas, considerados menos importantes que a matéria espiritual a tratar. É também de assinalar que, em algumas, a *captatio benevolentiae* é também dispensada. Quanto ao acompanhamento do sinal, como observa Isabel Morujão, a autora apresenta fórmulas que, à época, eram já consideradas supérfluas, sendo até alvo de troça. Explica-o com a possibilidade de Soror Isabel apresentar um conservadorismo próprio da sua profissão religiosa, com formas de cortesia que representariam humildade de quem as usava, sem preconceitos¹⁵³¹. É assim que a autora, antes de assinar – sempre como “Soror Izabel do Minino Jesus” – usa “de Vossa Paternidade muito Oradora e menor serua”¹⁵³²; “J[n]dina serua e muito

¹⁵²⁸ Cf. Isabel Morujão, “Um Epistolário Português de Clarissa...”, *op. cit.*, p. 137.

¹⁵²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 137.

¹⁵³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 138.

¹⁵³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 138.

¹⁵³² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 3”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 131.

Oradora”¹⁵³³; “de Vossa Paternidade muito devedora”¹⁵³⁴; “de Vossa mercê serua jnutel”¹⁵³⁵; “de Vossa mercê muito serua e menor Oradora”¹⁵³⁶, etc.

No que diz respeito ao “modelo espiritual e de estilo que enforma muitas destas cartas”¹⁵³⁷, a autora elencou certas semelhanças com as cartas do franciscano Frei António das Chagas, impressas pela primeira vez em 1684, pelo que Soror Isabel poderá ter lido o volume, ainda em Marvão ou já no convento portalegrense. “Há, no teor das orientações, nas imagens usadas, nas expressões de aconselhamento, um ressoar de uma espiritualidade bebida nesse manancial de textos deixados pela vastíssima correspondência de Chagas”¹⁵³⁸. Sobre esta semelhança, que não enjeitamos – Isabel Morujão exemplifica-a suficientemente, ao nível de coincidências várias, de imagens, formas exortativas, frases, léxico, estrutura sintática, etc. –, devemos obsevar, porém, que ambos, Chagas e Soror Isabel, eram autores cuja formação intelectual se deu na segunda metade do século XVII, tendo, portanto, certas confluências epocais. Por outro lado, como também aponta, há outros factores a ter em conta: a tom, o empenho, às vezes a pressa e o cansaço ao escrever, “a metodologia das três vias [do espírito], a apologia da humildade, a espiritualidade franciscana”¹⁵³⁹.

2.1 – “Cartas a um Religioso”

São em número de vinte as “Cartas a um Religioso”. Fazem parte do epistolário seleccionado por Soror Isabel, ou por Frei Martinho de São José, ou por mútuo acordo, para figurar na *Vida da Serva de Deos...* Ao todo, seriam impressas trinta e cinco cartas. Estas seriam então apenas uma amostra de um epistolário mais vasto, o qual incluiria, não só matérias espirituais, mas também assuntos do quotidiano, que Soror Isabel trataria amiúde. Escreveria, por exemplo,

¹⁵³³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 5”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 134.

¹⁵³⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 11”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 141.

¹⁵³⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 22”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 156.

¹⁵³⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 24”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 159.

¹⁵³⁷ Cf. Isabel Morujão, “Um Epistolário Português de Clarissa...”, *op. cit.*, p. 139.

¹⁵³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 139.

¹⁵³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 140.

para os seus pais, quando estes ainda viviam em Marvão, até porque lhes pedia dinheiro, que logo gastava para pagar as suas dívidas, contraídas com outras religiosas para assim poder dar grandes somas a pessoas seculares, como referimos. Esse epistolário, comum nos conventos da época, ter-se-á perdido, embora não seja impossível que venham a ser divulgadas cartas autografadas suas, em arquivos públicos ou privados.

As “Cartas a um Religioso” não têm indicação de destinatário. Em consequência, a *Vida da Serva de Deos...* não faz a sua identificação. Também não apresentam datas de redacção, que supomos terem sido intencionalmente omitidas pela autora na passagem a limpo. Segundo deduzimos, se as mantivesse, arriscava-se a levantar suspeitas junto dos leitores acerca da pessoa a quem escrevera estas cartas. No entanto, numa análise geral dos textos da autora, acerca da possível identidade do destinatário, parece-nos haver alguns detalhes nos textos de Soror Isabel que importa explorar. Na “Carta à Abadessa e Religiosas”, por exemplo, conta que, numa certa noite, estando em oração – supomos que em visão imaginária e intelectual –, lhe dissera o Senhor: “filha eu queria mandar huma carta a frei N”¹⁵⁴⁰. Também aqui omitiu o nome na passagem a limpo, passando a substituí-lo por sigla. Mas esclarece que esse religioso era “hum Religiozo filho de Nosso Saraphico Padre este tinha O Senhor chamado por vocasam A Religiam”¹⁵⁴¹. Naquela ocasião, o Senhor prosseguira: “olha a carta que eu quero mandar a este Padre ha de trazela São francisco spera que logo uem”¹⁵⁴². Ausentando-se o Senhor, vira então o Santo e este dissera-lhe:

“Vai E leua esta carta de palaura que a palaura de Deus he obra e da a frei N E dizelhes que todas as letras que leua a carta escrita sam flores E o que nela sse comtem he a guarda da castidade no corpo e alma e como tem padesimo moytas tentasois o quero agora secorrer para que nam Desfalesa pois os homens estam sugeitos a padesper estas batalhas”¹⁵⁴³.

¹⁵⁴⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 68, § 79.

¹⁵⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 68, § 79.

¹⁵⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 68, § 79.

¹⁵⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 79.

Conclui que “isto foy como auizo que Nosso Santo Padre lhe fes para que este Sseu filho se nam discoydase na guarda desta uertude com que se me fes prezizo auizar o Dito Religiozo”¹⁵⁴⁴. Esta afirmação leva-nos à ideia de que a autora conhecia pessoalmente “frei N” e que o terá avisado então do perigo em que se encontrava.

Parece-nos plausível supor que este “frei N”, o religioso da “Carta à Abadessa e Religiosas”, é a mesma pessoa que o religioso das “Cartas a um Religioso”, já que este último é também professo da Ordem de São Francisco e, além disso, sacerdote. Com efeito, autora endereça as cartas ao *Reverendo Padre* e chama-lhe geralmente *Vossa Paternidade*. Na “Carta a um Religioso 1”, diz mesmo: “sendo Vossa Paternidade ssacerdote”¹⁵⁴⁵; e declara que “Resebi a carta de Vossa Paternidade”¹⁵⁴⁶, o que indica que a iniciativa da correspondência foi do próprio religioso. Prossigamos com a análise das “Cartas a um Religioso”, para, no final, regressar à questão da identidade do destinatário.

Quanto aos conteúdos, na “Carta a um Religioso 1”, a autora começa por revelar o motivo desta correspondência: “dezeya ter comigo huma comonicasam spiritual”¹⁵⁴⁷. Recorda Soror Isabel que “os creditos das uertudes de Vossa Paternidade ya Eu tinha memoria delas”¹⁵⁴⁸, o que indica claramente que ambos se conheciam e que a autora sabia algo da vida do destinatário. Mas estabelece, na mesma “Carta a um Religioso 1”, as condições em que devem escrever cartas um ao outro. Ao contrário das “Cartas a uma Religiosa”, esta correspondência não era lícita – a autora e o religioso bem o saberiam –, e por isso, “hade ser com tal comdisam que o sacerdote Religiozo hade estar na sua sela e a Religioza no seu claustro”¹⁵⁴⁹, evitando-se, de parte a parte, tudo o que pudesse ser censurado. Sendo Deus “o noso hunico obieto”¹⁵⁵⁰, fecharão os olhos “a tudo o que nam for Deus”¹⁵⁵¹. Certa de que o religioso “he seruo de Deus”¹⁵⁵², mas “como o homen

¹⁵⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 79.

¹⁵⁴⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 1”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 128.

¹⁵⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

he mudavel por natureza pode descahir e mudar de parecer”¹⁵⁵³, deseja que a mesma correspondência tenha ainda mais uma condição: “Vossa Paternidade dira o que entemder de min e eu direi tambem o que alcansar sobre o aproueitamento de seu spirito”¹⁵⁵⁴, isto é, ambos seriam francos e, em matérias de espírito – as únicas de que tratariam – seriam sinceros e livres. Tanto o religioso, com maior autoridade, por ser sacerdote, como ela, religiosa, dirão o que pensam da vida espiritual um do outro.

Na verdade, ao longo das “Cartas a um Religioso”, trata-se mais da vida espiritual dele que da dela, sobre a qual, porém, Soror Isabel acaba por escrever nas últimas cartas. Nestas “Cartas a um Religioso”, parece haver uma certa semelhança com a direcção espiritual, mas na qual os papéis estão visivelmente invertidos, porque quem confidencia acerca dos seus pecados e dificuldades, pedindo conselho, é o religioso – um sacerdote –, e quem recebe tais confidências e dá orientações é Soror Isabel, uma simples mulher, ainda que religiosa.

Da sua parte, a autora age com essa autoridade que Isabel Morujão tão bem observou. Vai apontando, com delicadeza, mas também desasombradamente, o caminho a seguir na vida ascética e mística, que o destinatário iniciou pela sua mão, possivelmente em encontros prévios à correspondência, nos locutórios do seu convento. Age com ele como com ela própria agira aquele seu primeiro confessor, no Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão, pouco depois da sua conversão, em 1698, embora evidentemente sem a potestade que um confessor tem sobre o seu confessado. Na primeira carta que enviou a Soror Isabel, que não conhecemos, o religioso terá afirmado o seu arrependimento por ter pecado e dado outras notícias sobre o que nos parece ter sido uma conversão. De facto, escreve Soror Isabel na “Carta a um Religioso 1”: “Dis Vossa Paternidade que para emtrar no Caminho speritual se comfesou geralmente e chora muitas l\|a/grimas de gosto de se uer rrestetuido a grasa de Deus”¹⁵⁵⁵.

Recorda-lhe que a portas por onde entra a graça de Deus numa alma são a contrição e o sacramento da Penitência; e refere-se, ainda, à devoção a Nossa Senhora da Conceição, à qual o religioso tinha recorrido: “esta Senhora foy estrela

¹⁵⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

que o guiou ate meter sua alma no Conhesimento de que nesesitaua”¹⁵⁵⁶. Também a própria Soror Isabel, no longínquo ano de 1698, em Marvão, se tinha convertido na igreja do Convento de Nossa Senhora da Estrela, à qual parece referir-se quando lhe chama estrela, dizendo também que o religioso “se deixou guiar de huma estrela”¹⁵⁵⁷. Aconselha-o: “espere sempre Nesta Senhora e pesalhe seia sua guia”¹⁵⁵⁸; e que, sobretudo, faça por não retroceder no caminho, como acontecera aos reis magos da passagem evangélica, aos quais também aparecera e desaparecera uma estrela¹⁵⁵⁹: “sendo estes Santos sabios e emtemDidos fugiram dos perigos e logo pareseo A estrela”¹⁵⁶⁰. Consciente dos perigos, Soror Isabel teme “que Vossa Paternidade emcontre alguns Eroles que o tirem do Caminho estes sam como lobos que saiem as estradas a uer se acham carne que comer Ou como ladrons que querem rroubar as uertudes Aos seruos de Deus”¹⁵⁶¹.

Na “Carta a um Religioso 2”, escrita depois de receber a resposta do religioso, diz-lhe que “Recorri Ao Senhor muitas uezes me dese lus para asertar no que hei de Dizer pois guiar hum sacerdote so mesmo Deus o pode guiar”¹⁵⁶², advertindo, “como lhe dise na primeira carta que escriue A Vossa Paternidade”¹⁵⁶³, que “sam tantas as obrigasois de hum sacerdote pfeito que sendo São Pedro constetuido para cabeça dos sacerdotes teue o Senhor muito que rreprender”¹⁵⁶⁴. Diz que há muitos sacerdotes que, sem serem santos, são bons sacerdotes, mas que há também “outros milhores e mais pfeitos que ymitam o Senhor nas uertudes Pois a sua uida he APostolica e nisto se esmeram com pfeisam”¹⁵⁶⁵. Define-os assim:

“o uerdadeiro Religiozo sacerdote he humilde de corasam toma o seu asento espiritualmente aos pés de todos he pobre de spirito que nam tem nada e tem de sobeyo he manso que pasifica suas paxois he prudente que tudo poem em rrezam he casto porque foge de si mesmo he esforsado que ninguem o dezafia e todos o temen

¹⁵⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 128.

¹⁵⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 129.

¹⁵⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 129.

¹⁵⁵⁹ Cf. Mt 2, 1-13.

¹⁵⁶⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 2”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 129.

¹⁵⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 129.

¹⁵⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 130.

¹⁵⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 130.

¹⁵⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 130.

¹⁵⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 130.

he Apraziuel porque a todos uenera he cortes pela politica com estima a todos he caridozo pelo amor com que a todos ama he finalmente hum Ornato de uertudes”.

E pergunta ao seu destinatário: “e se tudo isto se acha em hum Religiozo sacerdote seruo de Deus porque nam sera Vossa Paternidade hum deles”? Adverte-o que para para se alcançarem todas as virtudes é preciso passar pela via purgativa, pelo que se fosse preparando, porque “sempre nela ha lagrimas para abrandar com elas o Corasam e lauar culpas”. E termina por falta de tempo para escrever mais, dizendo apenas que “sugeito o meu juizo a quem pode ser meu juis e sendo rreprouada tomarei o Castigo por emmenda”.

Na “Carta a um Religioso 3”, alegra-se, por ver que por “açertado conselho tem Vossa Paternidade tomado fugindo de todas ocaziõs de culpas”¹⁵⁶⁶, dizendo, porém, que isto não pode acontecer “sem fugir o Corasam”¹⁵⁶⁷. O religioso questionara-a sobre esta necessidade – e certamente confessara as suas dificuldades quanto à observância do voto de castidade –, ao que lhe responde Soror Isabel que “fuya com os sentidos do Corpo e com as potencias dalma que isto he saber fugir”¹⁵⁶⁸, e que não visse outra coisa, nem visse, nem ouvisse a quem lhe possa “seruir de Ocasiam”¹⁵⁶⁹. Estes são os primeiros sentidos que “hade mortificar”¹⁵⁷⁰, mas “as potencias dalma tambem he nesario mortificalas lansando fora da memoria todo obieto desordenado”¹⁵⁷¹. E diz: “dezacupe o jntendimento que fique liure”¹⁵⁷². Quanto à vontade, “onde estiuerem prezos alguns afetos que posa perigar A comsiensia e fazendo Vossa Paternidade da sua parte tudo o que puder”¹⁵⁷³, que fique certo de que Deus lhe concederá o dom da castidade, e que “de dentro de sua alma sahira fortaleza para nam cahir em obras e pora em seus olhos hum spirito que corriya seus pensamentos e se pelos desmanchos da natureza ocorrerem fasa toda a rrezistencia

¹⁵⁶⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 3”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 131.

¹⁵⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

¹⁵⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

¹⁵⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

¹⁵⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

¹⁵⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

¹⁵⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

¹⁵⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

por uenselos”¹⁵⁷⁴. Para não proferir palavras pecaminosas, Deus lhe dará um “Dom singular de porificar a boca com a dusura do amor deuino que nase da santa Orasam”¹⁵⁷⁵.

Na “Carta a um Religioso 4”, consola-o, dizendo-lhe que também ela sofre: “nos pezemes de seus males acompanho eu A Vossa Paternidade porque se paresem com os meus que como uiuemos jguais no padecer nem Vossa Paternidade leue mais nem eu tenho menos”¹⁵⁷⁶. Muito frontal, remata dizendo que “e nisto se sifram os comprimentos que quem uiue de pezares nam se comonica com ligonyas que ese aparato he para os que gastam o tempo em uaidades”¹⁵⁷⁷. Para dizer-lhe o que tem para dizer-lhe, e ainda que lhe falte tempo, passa a responder: “dis a sua carta que uai tomando aborresimento ao Mundo”¹⁵⁷⁸. Mas avisa-o de que veja bem se não está a enganar-se, porque “a materia de que a natureza he feita toda pende para a terra”¹⁵⁷⁹. Aconselha a sujeitar a Razão, sendo necessário “acriditala com obras”¹⁵⁸⁰. Se “a materia do amor sam froitos os froitos do Amor de Deus sam uertudes”¹⁵⁸¹: que vá “trosendo a uontade e logo fara obras direitas”, que já é tempo de domar o entendimento, porque “emquanto se gouernou pela uontade ueuia Vossa Paternidade sego”¹⁵⁸². Que fabrique no coração “hum spirito Racional”¹⁵⁸³ que seja apenas para amar a Deus. Que apure a paciência nesse exercício, porque é necessário “emtrar em hum caminho de muita crus que he tirar o afeto das creaturas alimpando as potensias e negando Os sentidos”¹⁵⁸⁴: é assim a vida espiritual. Sendo forçoso “caminhar por esta Aspareza ua dispondose cada ues melhor”¹⁵⁸⁵, terá menos que sentir “huns

¹⁵⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

¹⁵⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 131.

¹⁵⁷⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 4”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p.132.

¹⁵⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

Escondidos defeitos que estão metidos no interior”¹⁵⁸⁶, os quais não parecendo nada, eram muito para quem queria ser perfeito. Aponta ao religioso que o seu juízo é ainda “moi ligeiro nos uoos”¹⁵⁸⁷, e por essa razão se tem metido “em alguns males e disto nam fazia cazo”¹⁵⁸⁸. Incita-o a prosseguir: “e agora ya nam he tempo de jgnoransias”¹⁵⁸⁹, que a oração tudo descobre, palavras, pensamentos e obras; dela nasce o pesar por ter ofendido a Deus e não pode haver dor dos pecados sem se conhecerem as culpas. Que se prepare para pelejar com os três inimigos da alma – entenda-se, o mundo, o Demónio e a carne –, “que sempre lhes ham de fazer guerra”¹⁵⁹⁰.

Mas na “Carta a um Religioso 5”, mostra-se aborrecida: “Resebi a sua carta e nam fiquei muito satisfeita”¹⁵⁹¹. O religioso enviara as boas-festas a umas certas religiosas do convento – estariam no Natal –, o que a autora julga mundano e desadequado à correspondência espiritual mantida entre ambos. Avisa: “deixe ya esas politicas tome rrezulusam de perder de uista tudo o que for terra metase no Ceo que semelhantes politicas metem moitas uezes almas no inferno”¹⁵⁹². Tais cartas podem ser “ocaziam de perigar sua comsiensia que esas cartas ham de trazer rrespostas”¹⁵⁹³ e o homem, na verdade, “he mizarauel por natureza”¹⁵⁹⁴. Alerta-o para o desgosto que daria a Deus por falta de fidelidade, coisa que faz “hum homem tam comfiado que sse atreue a tirar a Coroa da Cabeza A hum Rei”¹⁵⁹⁵, crime de “grande traysam e culpa que nam merese ser perdoada”¹⁵⁹⁶, culpa esta que cometerá ele “se procurar huma Virgem sua espoza para nela por o seu obieto pois o Senhor se coroa de Virgens”¹⁵⁹⁷, etc.

¹⁵⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 132.

¹⁵⁹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 5”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 133.

¹⁵⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

¹⁵⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

¹⁵⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

¹⁵⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

¹⁵⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

¹⁵⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

O religioso aceitara a repreensão e o aviso. Na “Carta a um Religioso 6”, Soror Isabel escreve que “ueyo aseitou Vossa Paternidade o dezabrido das minhas palavras”¹⁵⁹⁸. O que vem dizer, desta vez, também “he bebida amargoza”¹⁵⁹⁹. Bem sabe que “o Palasio de seu jntirior ficou linpo pela comfism geral que fes mas sempre ficam algumas pueiras de terra estas sam atos da uontade que tem o Corasam humano”¹⁶⁰⁰, pelo que convém que “o homen busque A Deus sem terra de afetos terrenos”¹⁶⁰¹. É importante que o religioso conheça o homem que foi e que “inda pode tornar a çer”¹⁶⁰², caso caminhe fora da mão de Deus. Tais afectos terrenos, segundo diz, procedem do facto de o religioso não ter os seus sentidos bem mortificados, “e muito menos As potensias dalma”¹⁶⁰³, pelo que procura repartir afectos, “e nam fas niso a Vontade de Deus porque ou hade ser todo de Deus ou de Deus nam hade ter Nada”¹⁶⁰⁴. Diz-lhe que vá trabalhando neste exercício, que até à morte “hade auer batalhas”¹⁶⁰⁵: muitos santos tiveram tais tentações, mas venceram-se a si mesmos, alcançaram a vitória. Por certo que ele vencerá também, e “naser dentro de sua alma hua Roza fermozeisima emcarnada em sinal de martirio de sangue que derramou Por uenser a uertude da castidade”¹⁶⁰⁶. Diz-lhe que “o Religiozo que trata de uida speritual hade çer conhecido Nas obras e palauras para dar eyzemplo edificasam”¹⁶⁰⁷ e que se não tiver castidade, “desmerese o nome de uerdadeiro seruo de Deus”¹⁶⁰⁸ Promete-lhe que “o ayudarei com o limitado de meu spirito”¹⁶⁰⁹.

Os conselhos prosseguem, na “Carta a um Religioso 7” e seguintes. Como “ueyo no que me dis que gostou no dezabrido por ser mais comuiniente ao sseu

¹⁵⁹⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 6”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 135.

¹⁵⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

¹⁶⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 135.

spirito”¹⁶¹⁰, orienta-o para a oração, advertindo-o que, apesar das mercês que diz ter recebido de Deus, “nam se considere tam forte que coide pode pasarr com pouca Orasam”¹⁶¹¹, pois “os Dons que o Senhor lhe tem dado não ssam para deterse nas coyzas da terra”¹⁶¹² e “esas maginasois terrenas eses oyteiros ham mister derrubados e so a prezensa de Deus hade deitar tudo fora”¹⁶¹³. Diz-lhe que se humilhe, “para conheser que Dentro em si esta inda alguma coiza que inpede pois agora ia a terra de sseu corasam esta sazoadada para nela se porem as uertudes de que nesesita para darem copiozos froytos a seu tempo”¹⁶¹⁴.

Na “Carta a um Religioso 8”, alerta-o para a vaidade em que pode incorrer acerca das mercês que ele tem recebido de Deus: “a uaidade he moyto emzoneira que quer leuar mais do justo preso e tem outra circunstansia que he querer tomar Voos para sima e emtam se ue mais rrasteira”¹⁶¹⁵. Aconselha-o a ter a cabeça baixa e a procurar a humildade, porque “esta numca crese para sima”¹⁶¹⁶ e tem os ramos “sempre metidos na terra”¹⁶¹⁷, não criando flores, nem frutos; mas com toda a força para criar “rraizes do conhesimento proprio do que he o homem”¹⁶¹⁸. Se tiver humildade, já não terá vaidade. Mas se lhe vierem “pensamentos sem culpa sua iso emtam Nam esta na sua mam”¹⁶¹⁹, que faça por resistir.

O religioso obedeceu e respondera-lhe que não queria ter vaidade e que, para se fazer humilde, passara cinco horas em oração mental, de dia e de noite, cumprindo todas as obrigações do seu estado de religioso, mas que era perseguido por outrém, o que Soror Isabel bem compreende, “Porque ha homens que nam sofren uer Religiozos uertuosos e sem cauza os insitam a paxois”¹⁶²⁰. Como o religioso lhe pedira conselho, na “Carta a um Religioso 9”, escreve que

¹⁶¹⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 7”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 137.

¹⁶¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 137.

¹⁶¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 137.

¹⁶¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 137.

¹⁶¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 137.

¹⁶¹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 8”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 138.

¹⁶¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 138.

¹⁶¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 138.

¹⁶¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 138.

¹⁶¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 138.

¹⁶²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 139.

“neste particular Eu lhe digo o que entendo”: que pegasse na “espada das uertudes que o Religiozo he singular entre seculares e ueia se pode fazerse Prifeito em todas suas Accois para que se posa crer que he uerdadeiro seruo de Deus”¹⁶²¹. Porque um seruo de Deus “tem pasiensia para rrebater os inпитos da ira e corta o fio ao dezafio Vossa Paternidade tem Dons de Deus para huzar destas armas”¹⁶²² e vencer o Demónio. Acrescenta que se “deixese hir por onde Deus o quer leuar”¹⁶²³.

O religioso entrara então num período espiritualmente difícil. Na “Carta a um Religioso 10”, “rrespondo ao que me dis que o Dom de lagrimas que o Senhor lhe tinha dado se acabou”¹⁶²⁴, tendo ficado o muito desconsolado e com a alma “metida em secura spiritual por falta de prezensa de Deus”¹⁶²⁵ Esclarece-o de que tal não aconteceu por falta de espírito, mas porque “tudo o que chay no semçetiuo he pouco spirito”¹⁶²⁶. Aconselha-o a preservar na secura, orando, porque Deus está a prová-lo, purgando-o.

A partir da “Carta a um Religioso 11”, confidencia ao religioso alguns aspectos da sua própria vida ascética e mística, sempre relacionados com ele mesmo, constituindo-se, assim, como mensageira de Deus. Nesta última carta, por exemplo, diz-lhe que leva muitos açoites do Demónio, que não quer lhe diga o que tem dito, “mas eu nam tenho medo do Demonio”¹⁶²⁷, porque com paciência e humildade o vence. Continuavam na Quaresma e aproximava-se a Semana Santa; e, já na “Carta a um Religioso 12”, parece ter recebido mais do que uma carta do religioso e parece também que a correspondência conheceu atrasos ou alguma perturbação, levando Soror Isabel a querer desistir de escrever por algum tempo ao religioso, confessando-lhe que

¹⁶²¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 8”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 139.

¹⁶²² Cf. *Idem, ibidem*, p.139.

¹⁶²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 139.

¹⁶²⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 8”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 140.

¹⁶²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 140.

¹⁶²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 140.

¹⁶²⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 11”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 141.

“ca tiue meus pensamentos de dar A Vossa Paternidade humas dietas por me pareser estaria emfastiado da minha comonicasam que o seu spirito nam tinha nessesidade mas o certo he que parese nam quis Deus lhe desse dietas segundo o que me dis e nesesita de aliuiio e asim rrespondo animandoo que nam desfaleza inda que se ueia com muitas ansias no seruiso que anda fazendo A Deus em as quais mere se muito suposto lhe fasam guerra seus jnimigos”¹⁶²⁸.

Os atrasos teriam acontecido por causa dos problemas que o religioso estava a viver, sendo certo que que tinha inimigos que queriam prejudicá-lo. Soror Isabel conforta-o: “O Poder de Deus hade uenser tudo tenha moyta fee”¹⁶²⁹. Aconselha-o a contemplar o sepulcro de Cristo na oração, “porque ahi se afundem as potencias ficando alma liure de pensamentos e maginasois he como porto seguro pois se axa alma com Deus sem inpedimentos que estes costumam uir quando ha esas preseguisois”¹⁶³⁰. Diz-lhe que ofereça os seus sofrimentos a Deus, que os “aplique por esas almas que lhe dam que padecer que com iso obriga A Deus ajudandoas a saluar”¹⁶³¹. Que não temesse, pois “o Senhor fiou de Vossa Paternidade as suas Xaues e he para fexar os Demonios no inferno”¹⁶³². Basta que “mande que se afundam com o poder que tem de sacerdote para que o nam atormentem com suas malinas astusias”¹⁶³³.

Na “Carta a um Religioso 13”, os problemas tinham prosseguido e chegara-se ao ponto de o religioso nem ter tempo para se dedicar à oração, o que preocupa Soror Isabel. Diz-lhe que, ainda que com muitas ocupações e tribulações, os “espiritos saraficos rrePartem o tempo de tal sorte que no silencio da noite e de madrugada hamde corteyar a seu Senhor e o mais tempo que fica despensa o mesmo Senhor Em eles para obras de seu seruiso e bem do próximo”¹⁶³⁴. Também diz que “pezada Crus leua quem ama e \se/ por amor se

¹⁶²⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 12”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 142.

¹⁶²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

¹⁶³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

¹⁶³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

¹⁶³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

¹⁶³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

¹⁶³⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 13”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 143.

queixa nam tem rrezam de queixa”¹⁶³⁵; e que “O amor ua acomodandose a padecer que inda agora presepia que o amor tudo sam penas”, razão pela qual Deus lhe tirara o dom das lágrimas “em que falamos em hua carta atrasada”¹⁶³⁶, porque tinha para ele reservada uma maior tribulação. O dom das lágrimas, na mística, corresponde à forte comoção do místico, provocada por impulsos de fervor religioso¹⁶³⁷. Soror Isabel, experiente na vida ascética e mística, avisa-o: “esteya de animo para me ouuir dizer que hade passar pela noyte escura e nuuem muito espeza”¹⁶³⁸, ficando privado de toda a consolação, “verdadeiramente caminho de crus pela desolasam do spirito”¹⁶³⁹.

A noite escura é também um fenómeno místico conhecido, que Soror Isabel refere na “Carta a uma Religiosa 30”¹⁶⁴⁰ e explica no “Tratado Místico”, momento em que o abordaremos. Na “Carta a um Religioso 14”, preocupa-se com a saúde do religioso, dizendo-lhe saber bem da aflição que procede da noite escura, na qual “a nuuem espeza lhe tira a lus do Sol priuando sua alma de toda a consolaçam”¹⁶⁴¹. Na noite escura, a alma cuida que lhe falta o amor de Deus, e que Deus a deixou só. Porém, não é assim: “com mam tam larga que sem ter meresido muito lhe deu o dose a prouar para sofrer os amargos da sua crus”¹⁶⁴².

O religioso dissera-lhe também que não se entendia a si mesmo; que esperava, mas não achava a quem buscava – ou seja, a Deus –; que se submetia a todos e que todos o faziam sofrer; que se olhava para o Céu lhe parecia que de lá vinha o castigo pelos seus pecados; que se olhava para a terra se via a si próprio; e que todo o género de cruces aqui lhe apareciam. A isto responde Soror Isabel dizendo-lhe que está no caminho certo, que se o Senhor lhe feriu o coração, ele mesmo há-de curar a chaga que ficou aberta, para sair por ela aquilo que não

¹⁶³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 143.

¹⁶³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 143.

¹⁶³⁷ Vd. Paul Imhof, “Lágrimas (Don de)”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 645-646.

¹⁶³⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 13”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p. 143.

¹⁶³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 143.

¹⁶⁴⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 30”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p.166.

¹⁶⁴¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 14”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p.144.

¹⁶⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

podia conviver com Deus, ou seja, o pecado. Diz-lhe que “com espada de mais da marca deitou tudo fora a mam deuina e deu mam A Vossa Paternidade Rezam que obriga a ser purgada esa alma”¹⁶⁴³, seja pela noite escura, ou por qualquer via que for. Que vá buscando sempre a Deus, com fé, ainda que sob as trevas da noite escura, suspirando, pedindo perdão das suas culpas, “que o Senhor esta metido em seu corasam dandolhes fortaleza”¹⁶⁴⁴.

Pela perseverança de buscar a Deus sairão “huns ecos de dentro dalma”¹⁶⁴⁵, vindos da misericórdia divina, dando-lhe sinal que Deus está escondido no seu coração e chegará o tempo em que o amor não se esconderá mais. Pede-lhe que assegure que tem realmente desejos de que o quer, porque quem o quer (ou seja, Deus) está à sua espera. O amor humano, por ser falso, nem sempre quer. Já o amor divino quer sempre, mas leva os seus servos por vias estreitas, e assim vai a alma “Acrescentando sempre uertudes sobre uertudes”¹⁶⁴⁶ e “Orasam sem desfaleSer”¹⁶⁴⁷, pois reconhece que Deus está dentro da sua alma, “cuberto com o ueo”¹⁶⁴⁸. Entre, pois, no seu próprio coração, “com hum gimido de amor”¹⁶⁴⁹, e amanhecerá o dia claro, desterrando as sombras da noite. Encontrará dentro da sua alma “hum eleuado spirito que por ser fora da capacidade humana se nam descobre esta lus e neste spelho amara çem uer”¹⁶⁵⁰ e comunicará sem palavras. A alma ficará livre das sombras da noite escura e em estado de graça, para vencer muitos inimigos que lhe podem vir fazer guerra. Entre amar e padecer não há muita distância. Uma alma que se tem visto tão ferida, com tantas cutiladas, trespassada com tantas setas, arcabuzada com tanto fogo, “que tudo isto pasa a pobre alma Na noyte escura”¹⁶⁵¹, não deve ter dúvida de que alcançará muitas vitórias e de que são boas as suas disposições para chegar à união com Deus, ou seja, à *unio mystica*.

¹⁶⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁶⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁶⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁶⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁶⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁶⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁶⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁶⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 144.

¹⁶⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 145.

Mas o religioso não fizera, por enquanto, grandes progressos. Na “Carta a um Religioso 15”, Soror Isabel lamenta-se que o seu destinatário se meta “em hum mar de penas para meter em seu corasam o amor de Deus”¹⁶⁵². Se soube ganhar por sua vontade a vontade divina, agora já a luz do sol desterrou as sombras da noite escura, pela qual a sua alma passou. Se por buscar a Deus “obrou finezas”¹⁶⁵³, as que o Senhor obrou para salvar os homens não se comparam, “pois foram eysesos de seu amor”¹⁶⁵⁴. Que obre ele também, daqui por adiante, como quem está em dívida, que o amor do Senhor “nam so fes tiro Ao seu corasam como primeiro lanse deixandoo ferido como ya dise em outra carta que lhe mandei”¹⁶⁵⁵. Agora dá-lhe “segundo tiro com hum pilouro De fogo de seu amor para penetrar o Corasam”¹⁶⁵⁶. Este tiro leva em si “hum sobre escrito de amor forte para que nele se posa ler que com qualquer atto de Amor deuino posa defenderse de muitos jnimigos”¹⁶⁵⁷, isto “porque os montes de seu amor hamde aaultar nos corassois dos homens inda que lhe faltam meresimentos que os meresimentos de Cristo suprem as faltas dos homens”¹⁶⁵⁸.

Diz-lhe que esta escrita é toda feita de cruces: que prepare, pois, o coração para mais penitência, chorando as ofensas praticadas contra Deus, e com as suas orações e penitências, possa ajudar a salvar almas. As mais poderosas obras que o religioso possa vir a fazer para este fim serão virtudes heróicas, porque resgatarão almas com o sangue da penitência, até dar a sua vida, para que, morrendo com Cristo, crucificado no monte Calvário, suba ao Céu no monte Olivete, “lembrandose de mim que tudo lhe mereso nam poso ser mais extensa”¹⁶⁵⁹, terminando uma carta, que, apesar da habitual brevidade das suas cartas, manifesta maior carga autobiográfica e uma maior intimidade, e confiança, de

¹⁶⁵² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 15”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 146.

¹⁶⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 146.

¹⁶⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 146.

¹⁶⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 146.

¹⁶⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 146.

¹⁶⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 146.

¹⁶⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 146.

¹⁶⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 146. Soror Isabel do Menino Jesus refere-se aos evangelhos: o Calvário, ou Gólgota, é o lugar onde Cristo é crucificado. Cf. Mt 27, 32-33; e o Olivete é o lugar onde ascende ao Céu, depois de ressuscitado, segundo certa tradição, pois este lugar que não se encontra especificado nos evangelhos, nem nos *Actos dos Apóstolos*, como aquele em que Cristo se elevou.

Soror Isabel para com o religioso, as quais tomarão corpo a partir da “Carta a um Religioso 17”. Antes desta, porém, na “Carta a um Religioso 16”, insiste, novamente, na ideia da salvação das almas, para a qual convocara já o religioso, algo que é fundamental na vida ascética e mística dela e que, entende, deve ser também na dele.

Recorda-lhe aí a “Carta a um Religioso 12”, que lhe enviara antes, na qual dissera ao religioso que contemplasse o sepulcro de Cristo, dizendo-lhe agora que torne a contemplá-lo, ou que se sente sobre ele, vendo que “dipois de crusicado Cristo Senhor noso foy metido no sepulcro e sobre a sepultura se pos huma pedra esta pedra ya se sabe foram As culpas dos homens e huma pedra na cabeza peza muito”¹⁶⁶⁰. Levando uma cruz tão pesada, o religioso terá que suportar esta pedra, “isto he as culpas alheias sobre si para imitar ao Senhor”¹⁶⁶¹. Explica que esta pedra é “moy pezada de pagar o que nam deue”¹⁶⁶². Recorda que quem a tirou do sepulcro de Cristo foram os anjos, “he serto que sim”¹⁶⁶³. Agora, Deus, pela sua misericórdia, converteu, para este ministério, umas almas escolhidas, entre elas a do religioso; para que entrem no sepulcro para contemplar e vejam o quanto custou ao Senhor salvar as almas. Se o religioso merecer, por ter salvo algumas almas, este é, pois, o fim para que Deus o chama no sepulcro, que ficou aberto – depois da ressurreição de Cristo, entenda-se –, “para Vossa Paternidade emtrar que desta sorte se podem comtratar negocios do amor deuino”¹⁶⁶⁴.

Se a glória se alcança à custa de sofrimentos, o caminho que leva o religioso, “segundo os pasos que da para imitar o Senhor”¹⁶⁶⁵, é feito de partes desconhecidas pelo mundo, porque “uiuer no mundo com olhos cheyos de lagrimas e a boca cheya de rrizo he uerdadeiramente spirito de martírio”¹⁶⁶⁶. Mas como não há-de ser martirizado, se o Senhor o espera no sepulcro, entre, pois, nele, e veja o que lhe custou ao salvar almas. Algumas destas almas estão em tal estado que não sabem como estão, se não houver quem as ajude, ficarão

¹⁶⁶⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 16”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 147.

¹⁶⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

¹⁶⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

¹⁶⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

¹⁶⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

¹⁶⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

¹⁶⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

submergidas no Inferno¹⁶⁶⁷. Fica por aqui com “esta pouca doutrina que para espirito que me pode dar spirito uam desobeio palauras”¹⁶⁶⁸.

Finalmente, na “Carta a um Religioso 17”, Soror Isabel diz-lhe que “com a larga expiriensia que tenho da sua uida me nam dilato em rresposta”¹⁶⁶⁹. Mas, “como Vossa Paternidade tem spirito que merese estimasam pesolhes que leia esta carta com spirito Pois os spiritos comonicados tambem se aumentam”¹⁶⁷⁰; “como Vossa Paternidade tem mais spirito do que eu nam quero ser auarenta deixando de comonicarlhes Algumas mercês que o Senhor me faz”¹⁶⁷¹. Conta então que, em certa noite, depois do ofício de matinas, tinham vindo falar-lhe umas religiosas sobre certos assuntos, ao que ela respondera sucintamente. Sem demora, pusera-se em oração, fixando o seu pensamento num dos atributos divinos, o da formosura. Vira-se então cercada de uma grande luz, “que bastou para ficar logo as potencias aleenadas e prezas a Deus”¹⁶⁷², isto é, entendemos, quase em êxtase, ou a entrar em êxtase. Sem saber como, vira-se depois toda coberta de ouro fino, “que a meu Emtemder me pareasia que corpo e alma estaua uestida de oyro”¹⁶⁷³. Ouvira então “humas palauras que dizia que este oyro de que estaua uestida hera o amor de Deus para dar A Vossa Paternidade”¹⁶⁷⁴.

Nesta visão imaginária, ficara cerca de uma hora em oração, coberta “com este rrico Vestido”¹⁶⁷⁵. Entrara depois “em ssuspensam ficando sem sentidos nem potencias ficando quazi o spirito sem natureza como separada alma do corpo porlongouse o extasi largo tempo e alguns intreualoszinhas que tomaua humas uezes me axaua sem rrispirasam”¹⁶⁷⁶. Saindo deste êxtase, vira “diante dos olhos dalma”¹⁶⁷⁷ – tratava-se, portanto, de outra visão imaginária – um espírito todo ensanguentado, que lhe parecera o do religioso, que “como se meteo por dentro da

¹⁶⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

¹⁶⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

¹⁶⁶⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 17”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 148.

¹⁶⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

¹⁶⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

¹⁶⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

¹⁶⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

¹⁶⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

¹⁶⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

¹⁶⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

¹⁶⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

pinitensia esta obriga ao Senhor a perdoar culpas”¹⁶⁷⁸. E anima o religioso a prosseguir penitenciando-se: “leue Vossa Paternidade adiante este ssanto eyzersisio de penitensia e Orasam para ser rrestetuydo ao diuino Amor”¹⁶⁷⁹. Soror Isabel do Menino Jesus acabara de entregar ao seu destinatário aquilo que considera um recado do Céu para ele, além de ser, evidentemente, uma confidência sua acerca da sua própria vida ascética e mística, a qual manteria habitualmente discreta, sendo talvez apenas do conhecimento dos seus confessores e de algumas religiosas e seculares, às quais nada contaria, não podendo, porém, ocultar-lha totalmente, sobretudo por causa do seu dom da penetração das consciências, de um êxtase que vivera no coro e, talvez, da visita de Juana Sánchez ao convento.

Mas o religioso, por uma qualquer razão, não respondeu a esta última carta durante certo tempo, deixando Soror Isabel desapontada, sentindo, talvez, que ele não dera a devida importância ao que lhe contara na “Carta a um Religioso 17”. Nesta carta, segundo vemos, Soror Isabel como que abandona o seu papel de iniciadora na ascese e de mestra do religioso, porque se coloca em posição algo simétrica à dele, falando da sua própria vida; ou, noutra perspectiva possível, expande a iniciação para campos menos sistematizados – até então, parece-nos, explora as três vias do espírito –, tomando a liberdade de lhe contar fenómenos místicos que tinha vivido e que implicavam o religioso. Este não respondeu logo, com nova carta, e Soror Isabel terá estranhado.

Pela “Carta a um Religioso 18”, o religioso teria enviando expressivas saudações, talvez para se desculpar da ausência da sua resposta por tanto tempo. Soror Isabel responde-lhe que “Repentes das inspirasois diuinas nam se dilatam nem Dam lugar a saudasois humanas e por iso me nam argua eu so poso queixarme do seu discoydo que ueio se rretarda a sua carta”¹⁶⁸⁰. Acrescenta que “amor sem saudades nam se acha”¹⁶⁸¹, pelo que não se descuide das coisas da terra quando para o Céu está já chamado. Acusa-se de se ter repreendido interiormente por ter feito pequenos intervalos na oração, “mas farei muito por

¹⁶⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 148.

¹⁶⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 147.

¹⁶⁸⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 18”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 150.

¹⁶⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

emmendar esta falta”¹⁶⁸². Quanto ao religioso, “tem muita obrigasam de acudir a Deus que as mayores finezas que nestes tempos se tem feito A [ho]mens sam as que o Senhor rrepartio com Vossa Paternidade”¹⁶⁸³.

“Agora ousa o que lhe digo”¹⁶⁸⁴: numa noite recente, às 21 horas, fora para o coro e, tendo-se posto em oração, “se achou minha Alma metida em hum lugar que nam tinha o Sol mais luzes que os resplendores que ui”¹⁶⁸⁵. Sem saber o que se passava, vira o Menino Jesus. Fora tal o seu alvoroço, “que fiquei alienada dos sentidos”¹⁶⁸⁶, quase dando gritos de alegria. Estava muita gente no coro em oração e ela reprimira o ímpeto, “mas nam podia deixar no intirior de dizer Ay que Minino Jesus Ay que fermuzura Ay que beleza e quazi me hia pondo Dilirante que ia nam asertaua”¹⁶⁸⁷. Se o Menino não desaparecesse, teria sido indiscreta, manifestando que estava a ter aquela visão, que poderemos classificar como imaginária.

Seguira-se de imediato uma segunda visão que classificamos como imaginária e intelectual, na qual vira um jardim com flores, “muito Dilisiozo”¹⁶⁸⁸, ouvindo que “estas flores heram as uertudes que Vossa Paternidade tinha aDequirido na uertude da castidade pelas muitas batalhas que tinha uenssido e pasaria a muitos aumentos”¹⁶⁸⁹. Passara essa primeira hora de oração com as boas-vindas do Menino Jesus; a segunda passara-a a amar a Deus. Dignara-se o Menino vir por segunda vez, mas vinha a chorar muito, dizendo que chorava porque não havia quem chorasse pelos pecados do mundo, perdendo-se muitas almas. O Menino dissera-lhe que comunicasse ao religioso que “fizese penitensia como disipolo seu para chorar tambem os pecados que cometem os pecadores”¹⁶⁹⁰. O recado estava dado pela “Carta a um Religioso 18”.

¹⁶⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

¹⁶⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

¹⁶⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

¹⁶⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

¹⁶⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

¹⁶⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

¹⁶⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

¹⁶⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

¹⁶⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 150.

Na seguinte, “Carta a um Religioso 19”, como o religioso “tem spirito para dar spirito”¹⁶⁹¹, Soror Isabel não quer deixar de lhe contar mais algumas mercês que recebera do Senhor. Numa certa Quaresma, “no dia de sexta feira das setes dores”¹⁶⁹² – ou seja, ao cabo do Septenário de Nossa Senhora, na semana anterior à Semana Santa¹⁶⁹³ –, tendo comungado de manhã, “me dispos o Senhor com muita lus”¹⁶⁹⁴, para que, pelas 17 horas, “prensipiase alma e corpo a padecer tantas penas E dores no corpo”¹⁶⁹⁵, que julgara que “me daua o Senhor a sentir alguma coiza de sua ssantisima paxam”¹⁶⁹⁶.

À meia-noite, “tempo em que Ordinariamente me fas mercês e estando em Orasam”¹⁶⁹⁷, dissera-lhe o Senhor: “quero que me ueias os yuelhos”¹⁶⁹⁸. Tratava-se de uma visão imaginária, segundo nos parece: a visão dos joelhos de Cristo, que se pusera “diante dos olhos dalma”¹⁶⁹⁹, mostrando-lhos muito chagados. Escreve “sem eu saber como os ui”¹⁷⁰⁰ e que ficara “quazi morta de compaxam pois estauam em tal estado que nam tinha annimo para uer o destrago”¹⁷⁰¹. Tivera de imediato uma visão do Crucificado. Cristo dissera-lhe então: “ue agora a minha Crus”¹⁷⁰². E aparecera a cruz, “que nam tinha feitio nem forma que nam fose um madeiro disfurmidauel onde se nam podia Axar senam cruel tormento para ser

¹⁶⁹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 19”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 151.

¹⁶⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁶⁹³ O Septenário de Nossa Senhora das Dores é uma antiga devoção que venera as sete dores da Santíssima Virgem, hoje pouco praticada, mas ainda frequente na primeira metade do século passado em alguns lugares do Alentejo, como era o caso da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Conceição de Elvas, que fora de religiosas da Ordem de Santa Clara, como testemunha a Venerável Soror Maria Isabel da Santíssima Trindade, no século D. Maria Isabel Picão Caldeira Carneiro (1889-1962), que ali formou um recolhimento feminino, mais tarde congregação religiosa. Nessa igreja, o Septenário era celebrado no altar de Nossa Senhora das Dores. Cf. Maria Isabel da Santíssima Trindade, *Lembraí-vos Sempre*, Braga, Edições Franciscanas, 1995, pp. 139, 178 e 180. O Septenário inicia-se na semana anterior à Semana Santa, pelo que a sexta-feira referida por Soror Isabel do Menino Jesus era a penúltima daquela Quaresma.

¹⁶⁹⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 19”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 151.

¹⁶⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁶⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁶⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁶⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁶⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

crucificado”¹⁷⁰³. Seguidamente, Cristo representara-se crucificado na cruz e morto. Vira-o muito ao longe, porque a visão fora desaparecendo, ficando apenas a voz “falando comigo dizendo me confortase na sua prezença e com sua santissima uista uendo o que padeseo pela saluasam das almas”¹⁷⁰⁴, que se animasse para o que lhe viria ainda pelo caminho. Vira então “diante dos olhos”¹⁷⁰⁵ as penas do Inferno, dizendo-lhe “ues aqui onde se ham dir meter muitas almas se nam ouuer quem fasa penitensias”¹⁷⁰⁶. Também lhe comunicara o estado de certa alma, perguntando-lhe: “queres tu ser fiadora e pagar por ela”¹⁷⁰⁷? Soror Isabel respondera afirmativamente e fora então muito consolada pelo Senhor, que lhe dissera ainda: “ues ahi as minhas mezericordias das a quem quizeres”¹⁷⁰⁸. Os efeitos destes fenómenos místicos nela, segundo conclui, “he crescer cada ues mais em penitensia e Orasois”¹⁷⁰⁹; e agora, “se Vossa Paternidade me quer ayudar tera parte Nas miziricordias de Deus”¹⁷¹⁰.

A última é “Carta a um Religioso 20”, na qual diz: “Reverendo Padre tenho rrepartido com Vossa Paternidade dos bens spirituais que Deus me deu sse tempo der lugar que eu posa adiantar mais sem faltar a obediencia, Pelos aumentos de Vossa Paternidade farei o que puder”¹⁷¹¹. O religioso estava, portanto, atento e interessado nos fenómenos místicos que Soror Isabel lhe contara anteriormente. Conta-lhe então a visão do pastorinho. Em certa noite, depois de largas horas de oração, pela meia-noite, vira, “com os olhos dalma”¹⁷¹², o presépio. Nossa Senhora entregara uma tocha acesa a um pastorinho, mandando-lhe que fosse acender muitas outras tochas, “que muitas creaturas tinham nas maos e postas todas em Coros como corpo de comonidade”¹⁷¹³. Tinham todos entrado na lapinha e, prostados em terra, adoravam o Menino, humildemente. O

¹⁷⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

¹⁷⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁷¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁷¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁷¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁷¹³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 20”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 152.

pastorinho fora então até aos pés do Menino para beijá-los e “foy tal a fragransia que ssahio da mina do amor deuino que ficaram todos os que estauam com as toxas nas maos admirados”, dizendo uns para os outros “quem ssera este pastorzinho”¹⁷¹⁴? Soror Isabel ouvira logo uma voz que dissera: “este pastor he o que guarda as spozas do Minino Jesus do Comuento de Santa Clara desta ssidade”.

Comenta, porém: “quem fose este pastorzinho nam sei e se o sei fica No meu silencio comsumouse este fauor com se me explicar que todos os que ui com toxas asezas heram os justos e uertuozos que Estauam spalhados pelo mundo adorauam O Minino Jesus”¹⁷¹⁵. E acrescenta: “sse Vossa Paternidade for hum destes podera ser que o Senhor lhe de o Dom de profesia”¹⁷¹⁶, advertindo que a alma que tem espírito profético é um anjo na terra, porque comunica com os anjos que vêm do Céu à terra, trazendo embaixadas da parte de Deus, avisando o que Deus quer do seu serviço, anunciando os seus segredos. Pois agora tem este anjo na terra a obrigação de estar sempre em oração, esperando “que uenha o embaxador do Ceo para saber o que he uontade de Deus”¹⁷¹⁷. Este anjo da terra não pode apartar-se da oração “se nam for para obras e seruiso do mesmo Senhor que emtam esta despensado e tanto que se dezacupar tome logo o rrestante do tempo para A Santa Orasam”¹⁷¹⁸. Diz mais: “agora digo que pezada crus leua quem tem o Dom de profesia mas se foy asinalado por Deus que rremedio tem senam leuar A crus do Amor”¹⁷¹⁹. E com estas misteriosas palavras se despede do religioso, pedindo as suas orações. O religioso terá ficado a pensar no que queria Soror Isabel dizer com tal alegoria angélica, quem era esse anjo da terra, etc. Certo é que se tratava de uma profecia de Soror Isabel, que o assume quando pede as orações do destinatário, no final da carta, dizendo “que mares altos nauega quem tem este Dom”¹⁷²⁰, pois este mar “tem muitas hondas de penas e se nam tivera a seu fauor ssaber o que Deus quer de sua alma finalizaua a uida no

¹⁷¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁷¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁷¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁷¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 154.

¹⁷¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 154.

¹⁷¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 154.

¹⁷²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 154.

emtanto”¹⁷²¹. A correspondência de ambos cessa com esta carta, pelo menos no manuscrito autógrafo de Soror Isabel. É possível que tenham existido mais cartas, mas não foram já consideradas na selecção feita para passar a limpo.

Regressando à identificação do destinatário destas cartas, chegámos, pela análise da “Carta à Abadessa e Religiosas” e das primeiras “Cartas a um Religioso”, à suposição de que o religioso referido numa e noutras por Soror Isabel do Menino Jesus (nas “Cartas a um Religioso” como destinatário destas) é a mesma pessoa.

Esta suposição foi sendo reforçada ao longo da nossa análise das “Cartas a um Religioso”. Entre estas, a “Carta a um Religioso 12” é particularmente importante. Nela, Soror Isabel mostra certa indisposição para com o seu destinatário, confessando-lhe que ponderara, até, cessar a correspondência. Ora, também na “Carta à Abadessa e Religiosas”, a autora alude à perturbação havida, em dado momento, na sua relação com “frei N”. Conta, de facto, às suas destinatárias que este religioso tinha sido muito favorecido pelo Senhor com graças extraordinárias; e que estas graças divinas tinham sido mediadas por ela, Soror Isabel, que lhas transmitira. Deste modo, o “Eizersisio da santa Orasam E vertudes”¹⁷²² desse religioso tinha aumentando. Mas, certa vez, porém, indispusera-se com ele, por ver que tinha “descoydo em nam hir adiante no caminho da uertude”¹⁷²³. Desconfiada, “estaua quazi rrezuluta a deixar A comunicasam spiritual que tinha com o Padre”¹⁷²⁴, mas o Senhor não deixara que tal acontecesse e obrigara o dito religioso a vir falar-lhe pessoalmente, pedindo-lhe que não o deixasse. Conta então que, antes disso, numa certa noite, em oração, tivera um êxtase e uma visão do *Ecce Homo*, a partir de uma imagem “que temos neste Comuento”¹⁷²⁵. Nessa visão, Soror Isabel abraçara-se a Cristo, chorando e prostando-se diante dele. Dissera-lhe o *Ecce Homo*: “filha a que uenho aqui he pedirte Me nam deixes frei N dandolhes estes Afetos meus e fazendo com ele pazes e ficando a comonicasam como dantes porque he filho De sam francisco e o tenho distinado para meu

¹⁷²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 154.

¹⁷²² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 69, § 80.

¹⁷²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 80.

¹⁷²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 80.

¹⁷²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 80.

grande seruo”¹⁷²⁶. Soror Isabel respondera-lhe: “Senhor he posiuel que uos a min uieses em pessoa nam bastaua que de palaura mandases Dizer que hera uontade uosa que eu comonicase Este Religiozo”¹⁷²⁷. Por esta razão, confiara novamente no religioso e, passados dois dias, aparecera-lhe o Senhor, e dissera-lhe: “nam ues a fidalguia do spirito de frei N”¹⁷²⁸? Esta narração faz também lembrar aquela que faz na “Carta a um Religioso 19”, na qual, como vimos, Soror Isabel conta a visão dos joelhos de Cristo.

Esse “frei N” da “Carta à Abadessa e Religiosas” poderá, pois, ser o destinatário das “Cartas a um Religioso”, o qual supomos ser, na verdade, Frei Martinho de São José, que mais tarde viria a ser confessor do convento, depois guardião de vários conventos masculinos da Província, definidor e, já depois da morte da autora, ministro provincial, tal como a si mesma fora revelado pelo Senhor: “o tenho distinado para meu grande seruo”¹⁷²⁹. É que o destinatário das “Cartas a um Religioso”, tal como o “frei N” da “Carta à Abadessa e Religiosas”, não tinha então uma vida religiosa fácil, ou regular, por causa dos seus pecados. A isso alude a autora nesta última carta: “este Religiozo tinha pasado humas grandes tribulassois no seruisso de Deus”¹⁷³⁰. Valera-lhe a intercessão de Nossa Senhora e de São Francisco, como lhe fora revelado numa certa noite, quando estava em oração. O Senhor aparecera a Soror Isabel e dissera-lhe que sua Mãe e o Santo tinham feito “as contas das culpas que o dito Padre frei N tinha cometido em toda sua Vida e foram Postas diAnte do Eterno Pay onde foram logo Perdoadas”¹⁷³¹, referindo-se certamente aos pecados contra a castidade que o mesmo religioso cometera e dos quais se libertara com a ajuda de Soror Isabel.

É de notar, ainda, que a “Carta à Abadessa e Religiosas” termina mesmo com uma última nota de Soror Isabel sobre “frei N”, dizendo às suas destinatárias que São Francisco tinha nele tanto enlevo que de manhã lhe dava a sua chaga do lado, “por ser esta a do amor”¹⁷³²; ao meio dia, a chaga da mão esquerda, “por ser

¹⁷²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 70, § 80.

¹⁷²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 80.

¹⁷²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 80.

¹⁷²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 70, § 80.

¹⁷³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 70, § 81.

¹⁷³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 70, § 81.

¹⁷³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 71, § 85.

hora em que ha menos spirito”¹⁷³³; e à tarde a da mão direita “por ser a tarde proprio tempo para Orar”¹⁷³⁴. À noite, dava-lhe as duas chagas dos pés, “porque a noyte he mais proprio para a horasam e andase muito neste santo eyzersisio”¹⁷³⁵. Soror Isabel não é clara acerca deste fenómeno, parecendo tratar-se de uma revelação que recebera, mas não afirmando explicitamente que esse religioso era estigmatizado em diferentes momentos do dia. Tratando-se da estigmatização, estaria a revelar à prelada e às religiosas do seu convento um grande segredo acerca de um religioso que, supomos, elas bem conheceriam. Fosse estigmatização ou não, o que Soror Isabel lhes revela é que Deus tinha sobre o dito religioso desígnios extraordinários e que o religioso tinha uma vida ascética e mística, da qual ela participava como mediadora da comunicação divina. Certo é que, tratando-se de Frei Martinho de São José, estava a confirmar às suas destinatárias o alto conceito que teria dele, então já definidor da Província, pessoa que todas bem conheciam, pois tinha sido confessor do convento.

É importante também atentar que o próprio Frei Martinho de São José, no seu “Prologo...” à *Vida da Serva de Deos...*, refere uma devoção que Soror Isabel inventara, iniciada na solenidade de Nossa Senhora do Rosário – ou seja, a 7 de Outubro –, composto por mortificações do devoto, que as contava pelas contas do rosário correspondentes à recitação da *Avé-Maria* e uma mortificação maior por cada conta correspondente à recitação do *Pai-Nosso*¹⁷³⁶. Note-se que, na Carta à Abadessa e Religiosas, a própria Soror Isabel refere também esta devoção, explicando que a principiava “nas primeiras uesteras ate segundas que rrezauamos do Santo Rozairo”¹⁷³⁷, e que “uem a ser fazer o Santo Rozario de mortificasois da vontade tudo o que sam padre nosos e aue marias cumutaua \fazer/ em mortificasois tanto extiriores como interiores”¹⁷³⁸. Conta que pedira ao dito religioso, “frei N”, que a fizesse, o que ele prometera; e que isto fora tanto do

¹⁷³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 71, § 85.

¹⁷³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 71, § 85.

¹⁷³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 71, § 85.

¹⁷³⁶ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [10], § VIII.

¹⁷³⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 71, § 82.

¹⁷³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 71, § 82.

agrado de Nossa Senhora que lhe fora revelado que a própria tivera o cuidado de “infiar As mortificasois fazendo o Rozario e ofereseo A seu Santissimo filho”¹⁷³⁹.

Esta coincidência de relatos reforça a nossa suposição de que estava a referir-se a Frei Martinho de São José. O seu nome constaria do original da “Carta à Abadessa e Religiosas” – que, inicialmente, a autora não queria, como veremos, que se publicasse –, mas fora passado a um anónimo “Frei N” pela própria autora, quando, por obediência, passou a limpo os seus escritos, preparando-os para os enviar ao ministro provincial, que os sujeitaria ao depois definitivo e aos censores. Por essa data, um dos definidores era precisamente Frei Martinho de São José, conhecido por todos os outros implicados, sendo conveniente que não se publicasse o seu nome, dado o teor íntimo das referências que dele se faziam, na “Carta à Abadessa e Religiosas”, e, sobretudo, nas “Cartas a um Religioso”, onde, ao tratar-se da sua vida ascética e mística, Soror Isabel também escrevera sobre a sua anterior vida de pecado e sobre certos problemas por que passara com alguns religiosos, que o prejudicavam, já depois da sua conversão, tentando impedi-lo de fazer progressos. Tudo isto era matéria delicada e pessoal. Se interessava publicá-la como bom exemplo para outros religiosos da Ordem, e até para a generalidade dos fiéis, não interessaria que se soubesse o nome desse religioso que Soror Isabel do Menino Jesus tanto auxiliara.

É também importante rever os conteúdos da “Carta a um Religioso 20”. Na visão do pastorinho – chamamos-lhe assim –, Soror Isabel escreve que vira um pastorinho, a quem Nossa Senhora dera uma tocha acesa, ordenando-lhe que fosse com ela acender outras tochas, que muitos tinham nas mãos. Eram pessoas “todas em Coros como corpo de comonidade”¹⁷⁴⁰. Prostados, todos adoravam o Menino, de quem somente o pastorinho se aproximara para lhe beijar os pés, havendo depois um eflúvio odorífero. Todos se interrogavam: “quem ssera este pastorzinho”¹⁷⁴¹? Soror Isabel ouvira logo uma voz que dissera que era o pastor que guardava as “spozas do Minino Jesus do Comuento de Santa Clara desta ssidade”¹⁷⁴². Ou seja, as religiosas. Depois disserta, como vimos, sobre o dom da

¹⁷³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 71, § 82.

¹⁷⁴⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 20”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 152.

¹⁷⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁷⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 152.

profecia e dá a entender ao destinatário das “Cartas a um Religioso” que acabava de lhe falar, nesta “Carta a um Religioso 20”, de um acontecimento do porvir.

Esta profecia, segundo nos parece, refere-se à ida de Frei Martinho de São José para o Convento de Santa Clara como confessor das religiosas. Frei Martinho seria, pois, o pastorinho escolhido por Nossa Senhora para guardar as esposas do seu Menino, com a tocha acesa, talvez um símbolo da fé, como o eram então e continuam a ser os círios acesos: a luz, na tradição da Igreja, simboliza a fé. Recordemos que, como mencionámos, Frei Martinho de São José foi confessor do Convento de Santa Clara de Portalegre no início da década de 30, já não o sendo a 20 de Abril de 1734. A sua presença no convento coincidiu, portanto, com o abadessado de Soror Teresa das Chagas de Jesus, eleita a 3 de Junho de 1732, numa eleição possivelmente motivada pelo próprio¹⁷⁴³. Soror Teresa, recordemos, tinha fama de santidade, embora não tanta como Soror Isabel do Menino Jesus e, possivelmente, seria sua apoiante.

A relação pessoal de Soror Isabel e de Frei Martinho de São José terá sido, pois, anterior à vinda deste para o ofício de confessor das religiosas, devendo-se, talvez, à boa fama da autora, sendo ele a procurá-la; ou a uma visita circunstancial do religioso àquele convento. Soror Isabel rapidamente lhe terá chegado à consciência, desvendando-lhe os pecados – nas “Cartas a um Religioso”, como vimos, aponta os da castidade com veemência ao seu destinatário – e exortando-o à conversão. É certo que aconselhou espiritualmente o destinatário nesta conversão e como principiante da via purgativa. Da breve análise desta correspondência, e supondo, como dissemos, tratar-se de Frei Martinho, supomos também que poderá ter sido a própria autora a concorrer para ele viesse ocupar o ofício de confessor. De facto, notamos que, na “Vida”, Soror Isabel escreve: “Estando eu em huma noite escreuendo huma carta para serto Religiozo ser confesor neste comuento porque o Senhor se seruia dele auia muitos empenhos para outros”¹⁷⁴⁴. Diz que escreve tal carta, ou tais cartas, por ordem divina: “por mandado de Deus busquei triseiras pessoas para se melhor poder comeguir”¹⁷⁴⁵. É possível que Soror Isabel fosse então madre das confissões, ofício assumido pela

¹⁷⁴³ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, fs. 14v e 15.

¹⁷⁴⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 40, § 37.

¹⁷⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40, § 37.

religiosa que tratava dos assuntos relativos à vinda de confessores para as religiosas¹⁷⁴⁶. Acrescenta a autora: “fis nisto tanta afronta ao Demonio que ou fose para consultarem sobre esta materia ou para me quererem matar”¹⁷⁴⁷ tinham disparado sobre si um trovão, “que me fugio o Corasam do peito e ficou quazi consumido nas costas”¹⁷⁴⁸. Este fenómeno fora de tal forma violento que recordava que “fiquei sem uida que coydei se me nam rrestetuisse mais o Corasam e assim falo de expiriensia”¹⁷⁴⁹. Não é, como sabemos, a única referência que faz a um religioso e a cartas que lhe estão associadas, o que nos faz supor tratar-se sempre da mesma pessoa: Frei Martinho de São José. As “Cartas a um Religioso” serão, assim, datáveis da década de 20 do século XVIII.

2.2 - “Cartas a uma Religiosa”

São quinze as “Cartas a uma Religiosa”. Todas têm indicação do Convento de Santa Clara de Portalegre como lugar da sua redacção, bem como a respectiva data. Todas estão assinadas pela autora: “Soror Izabel do Minino Jesus”.

A autora não indica a identidade da destinatária das cartas, limitando-se a dizer que tinham sido enviadas “Para hua Religioza”, quando apresenta a “Carta a uma Religiosa 21”¹⁷⁵⁰. A esta trata geralmente por “Reverenda Madre e senhora”, tratamento que inicia na “Carta a uma Religiosa 23”¹⁷⁵¹, com excepção da “Carta a uma Religiosa 31”, na qual a trata por “Reverenda Madre muito amada em Deus”¹⁷⁵²; e da “Carta a uma Religiosa 35”, na qual se dirige à sua destinatária como “Reverenda Madre Amada e senhora”¹⁷⁵³. Frei Martinho de São José, no seu “Prologo...”, refere uma Irmã Maria da Conceição, fundadora e regente do

¹⁷⁴⁶ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Decretos, cx. 1, liv. 1, f. 80v.

¹⁷⁴⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 40, § 37.

¹⁷⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40, § 37.

¹⁷⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40, § 37.

¹⁷⁵⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 21”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 155.

¹⁷⁵¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 23”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 157.

¹⁷⁵² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 31”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 167.

¹⁷⁵³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 25”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 173.

Recolhimento de São Brás de Portalegre, a qual “certifica, pela comunicação espiritual, que teve com a Serva de Deos, que suas doutrinas, e documentos, eraõ todos ceslestiaes, e que ella o experimentou”¹⁷⁵⁴. Esta recolhida contara-lhe que, em certa ocasião em que se encontrava espiritualmente “afflictissima”¹⁷⁵⁵, não escrevendo a Soror Isabel havia um ano, como por vezes fazia, esta enviara-lhe uma carta, que dizia: “Minha filha, dê graças a Deos, alente-se, anime-se, que ha de vencer; e diga-me, se quer que lhe mande lá o Padre para desafogar seu espirito com elle, porque sei tem a sua alma muita, e grande necessidade”¹⁷⁵⁶. A ideia com que ficara a recolhida fora a de que o soubera por revelação divina, porque “ella se não tinha declarado com pessoa alguma”¹⁷⁵⁷. O Recolhimento de São Brás estava localizado junto à Igreja de São Brás. As recolhidas eram, portanto, vizinhas do Convento de Santa Clara. A sua portaria dava para a actual Rua de Santa Clara e o Recolhimento não estava muito distante. Mas a Irmã Maria da Conceição não foi a destinatária das “Cartas a uma Religiosa”, porque não era uma religiosa professa, mas uma terceira franciscana, morando num recolhimento, e não num convento. Mencionaremos este recolhimento, de novo, mais adiante.

Na “Carta a uma Religiosa 23”, vemos que a destinatária, ao ter confessado as suas dificuldades, dissera a Soror Isabel que ponderava mudar de convento, certamente porque aquele em que estava não tinha um ambiente favorável à sua vida espiritual: “Vossa mercê me dis que pudera emleger outro comuento Respondo que talues enlegera outro pior”¹⁷⁵⁸, não por causa da Ordem religiosa em que professou, pois todas as Ordens são santas, “mas como Vossa mercê sempre fose a mesma julga agora que pudir\i/a ser outra que nam he”¹⁷⁵⁹. Diz-lhe que se resolva a expulsar de si tudo o que possa ser mau e “uera como se acha Outra”¹⁷⁶⁰.

¹⁷⁵⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [9v], § VII.

¹⁷⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9v], § VII.

¹⁷⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9v], § VII.

¹⁷⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9v], § VII.

¹⁷⁵⁸ CMM, Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 23”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), op. cit., p. 159.

¹⁷⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 159.

¹⁷⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 159.

Aqui se vê também que a religiosa não era professa da Ordem de Santa Clara. Não teria falado apenas em mudar de convento, mas de Ordem, motivo pelo qual, ao demovê-la de tal ideia, a autora lhe diz que todas as Ordens são santas. Possivelmente, a destinatária teria mesmo falado em pedir a profissão no convento de Soror Isabel, por julgar o seu um lugar inadequado à progressão da sua vida espiritual. Olhando aos curtos intervalos temporais entre algumas das “Cartas a uma Religiosa”, supomos que a sua destinatária não moraria muito longe de Soror Isabel, havendo correios céleres entre um convento e outro. Supomos, assim, que a destinatária era uma religiosa da Ordem de Cister, ou seja, uma religiosa bernarda, do vizinho Convento de Nossa Senhora da Conceição, o outro convento de Portalegre, o qual, como referimos anteriormente, tinha má fama e teria, de facto, um ambiente desfavorável à mística.

Na “Carta a uma Religiosa 31”, Soror Isabel escreve que “coido nam tera Vossa mercê na idade que quem de si conhese o pouco que fas e o nada para que presta nam fas caso de lououres que lhe dam”¹⁷⁶¹. Esta afirmação parece indicar que a destinatária era uma jovem religiosa, ou, pelo menos, muito mais nova que a autora, que, nessa data, tinha sessenta e três anos. Como adiante veremos, apesar da sua juventude, a destinatária era uma mulher doente, estando acamada por mais de uma vez ao longo do período em que decorreu a correspondência. Uma vez que a última carta, a “Carta a uma Religiosa 35”, data de 20 de Outubro de 1737, supomos que acabou por morrer da enfermidade de que padecia, cessando, assim, a correspondência com Soror Isabel.

A correspondência com a religiosa deu-se num período de quase quatro anos, entre 3 de Janeiro de 1734 e 20 de Outubro de 1737. Na primeira, a “Carta a uma Religiosa 21”, percebe-se que Soror Isabel recebera uma missiva da religiosa: “Resebi a carta de Vossa mercê”¹⁷⁶², a qual julgara “digna de rresposta pois emtre Religiozas he lisita huma comrrespondensia spiritual”¹⁷⁶³. Tinha a dita religiosa por “serua de Deus”¹⁷⁶⁴ e, estando a 3 de Janeiro de 1734, “estimo ter esta

¹⁷⁶¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 31”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 167.

¹⁷⁶² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 21”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 155.

¹⁷⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

ocaziam de seruir A Seruas do Senhor no prinsipio do anno”¹⁷⁶⁵; e se “O amor com que Vossa mercê me busca he deuino como creyo moytos annos hade durar a nosa comrrespondensia”¹⁷⁶⁶. Diz-lhe que a tem por uma das “mais furtiferas plantas do seu conuento”¹⁷⁶⁷, chama-lhe “pedra fundamental mais luzida do Caminho spiritual”¹⁷⁶⁸.

A religiosa pedira-lhe “rreuelante comselho”¹⁷⁶⁹, dizendo que queria “ser guiada no caminho speritual pelo meu ditame”¹⁷⁷⁰. Responde-lhe a autora que deve obedecer aos padres espirituais, isto é, aos directores espirituais, “que este he O Caminho seguro”¹⁷⁷¹, mas se tinha gosto de ser ajudada por si, “com o pouco que alcanza a minha expiriensia”¹⁷⁷², dirá, pois, o que entender. Começa por dizer-lhe que ela, destinatária, se encontra com algum caminho feito, mas que “o Caminho do Ceo he moy comprido e sempre emquanto dura a uida se caminha porque ha moyto que andar inda que Vossa mercê ua correndo nam podera correr moito melhor ssera hir Voando”¹⁷⁷³. No caminho espiritual há muitos caminhos, porque há muitas almas. Estas são como as aves, umas têm maiores penas, outras têm menores. As que as têm maiores dão maior voo. Por isso, o que o que “Vossa mercê agora ade fazer he uoar para baxo pizando a terra com a boca”¹⁷⁷⁴, exercitando a humildade, para que as virtudes adquiridas ganhem maior raiz; e as virtudes que estão por nascer “tanto que naserem se criem logo no berso da humildade”¹⁷⁷⁵. Que peça o dom da fortaleza, para pelejar contra o amor próprio, “de que a considero muito uestida”¹⁷⁷⁶. Acudir-lhe-á Deus, se o fizer com muita oração. Necessita de muita oração, porque “as paxois tem inda grosas rraizes”¹⁷⁷⁷.

¹⁷⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

Se tiver dificuldades na oração, como lhe dissera ter, “he porque a natureza esta inda preza com moitas cadeias do amor próprio”¹⁷⁷⁸. É preciso cortar esse grosso grilhão, com a lima da negação da própria vontade. Quanto ao que lhe dissera a destinatária acerca “da confuzam que ssente de pensamentos”¹⁷⁷⁹, esta procede do facto de não ter ainda as potências da alma limpas, sendo necessário purgá-las, esvaziá-las, fazendo actos contrários, “lansando fora tudo o que nam for Deus e para seu santo serViso”¹⁷⁸⁰. É igualmente necessária a frequência dos sacramentos, para curar esta “infirmidade de potensias”¹⁷⁸¹. A pureza da consciência da sua destinatária ainda não há-de estar boa, “que de ca estou conhesendo pelos graos da Orasam que nesesita dos sacramentos para se alimpar mais”¹⁷⁸². Aqui, declara-lhe que o seu conhecimento acerca do estado em que se encontra a sua alma lhe veio através do seu dom da penetração das consciências e pelo grau de oração em que ela, autora, se encontra em plena via unitiva, como atrás mencionámos, e como a própria explicará no “Tratado Místico” sobre esta via. Diz-lhe também que a sua alma está a participar do amor de Deus, mas apenas até onde tem merecido; se mais merecer, terá mais amor divino. Com este se irá desatando a sua alma das ligaduras das natureza, para se unir com Deus. Conclui: “contentome com que Vossa mercê agora fasa isto e se para O mais eu prestar auizeme que nam faltarei em seruir a Vossa mercê pelo muito que lhe dezeyo todos os amentos sperituais”¹⁷⁸³, datando e assinando a carta.

A 14 de Janeiro de 1734, na “Carta a uma Religiosa 22”, a autora responde a nova carta da religiosa. Diz-lhe que “uenero muito as notisias que Vossa mercê de si e do estado com que se acha rreconhesendose pela escoria dese comuento pedra de escandalo planta sem fritos”¹⁷⁸⁴, que no conhecimento próprio se entendem melhor as misericórdias de Deus. Se houve tempo em que a religiosa não quisera aproveitar, agora o Senhor repete-lhe o seu chamamento; que seja muito fiel em responder-lhe, pois não sabe se será a última vez que Deus a chama

¹⁷⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 155.

¹⁷⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 156.

¹⁷⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 156.

¹⁷⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 156.

¹⁷⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 156.

¹⁷⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 156.

¹⁷⁸⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 22”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 157.

para a vida espiritual, estado de perfeição para o qual o Senhor a convida “como por forsa e notaueis sucesos como Vossa mercê me dis”¹⁷⁸⁵. Deve agradecer muito, “uestindose da prezença de seu deuino sposo Jesus Cristo com rrezulusam de o ymitar quanto puder”¹⁷⁸⁶. O amor próprio é um grande inimigo, que acompanha a criatura do berço à sepultura. Contudo, que se resigne à vontade de Deus e vá imitando o Senhor nas virtudes, “que os meynos que Deus buscou para chegar la A si dam indisios de a chegar muito a si”¹⁷⁸⁷. Por meio da oração se avistará a alma com o seu divino esposo; sob a cortina da fé, peça-lhe perdão por ter sido tão ingrata. Alcançará misericórdia, “que quem A quis sempre a teue”¹⁷⁸⁸.

Na “Carta a uma Religiosa 23”, a 30 de Janeiro de 1734, Soror Isabel diz que “no Correyo pasado tiue hua de Vossa mercê a que nam pude rresponder pelas moitas ocupasois que sse me ofereresam o que agora faso”¹⁷⁸⁹, dizendo à religiosa que, como esta já se resolveu a “cortar pelo amor próprio”¹⁷⁹⁰, estará também disposta para ouvir com paciência o que tem a dizer-lhe. E diz-lhe que as suas virtudes estão ainda “moito mescladas com natureza”¹⁷⁹¹; que corte tais raízes, que o auge da perfeição está na humildade, na paciência, na resignação, na obediência, etc. A religiosa precisará de fazer mais silêncio: “de silencio estara Vossa mercê muito falta costumese a fechar A boca que pela boca sam conhesidas A esposas de Cristo”¹⁷⁹². Na castidade estará mais adiantada, “por uiuer crusificada”¹⁷⁹³, mas, como esta virtude “sempre tem seus fezes”¹⁷⁹⁴, necessita de

¹⁷⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 157.

¹⁷⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 157.

¹⁷⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 157.

¹⁷⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 157.

¹⁷⁸⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 23”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 158.

¹⁷⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁷⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁷⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁷⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁷⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158. Segundo António de Moraes Silva, pode-se “Alimpar alguma coisa extrahindo-lhe as fezes, e partes heterogéneas; v. g. depurar o ouro, e metaes; depurar os sães, depurar as aguas; por meio de distillação, filtrações, etc.”. Cf. Antonio de Moraes Silva, “Depurár”, in *Dicionário da Língua Portuguesa. 7.ª Edição Melhorada, e Muito Accrescentada com Grande Numero de Termos Novos Usados no Brasil e no Portuguez da India*, Lisboa, Tipografia de Joaquim Germano de Sousa Neves – Editor, 1877. Seria neste sentido de *restos*, ou *impurezas*, que ficam da depuração que Soror Isabel do Menino Jesus emprega “fezes” em relação à virtude da castidade.

um contínuo cuidado, para para que nela “se nam ache algum disluzmento”¹⁷⁹⁵. Já a caridade, “uai atras do amor de Deus iunta com o santo temor”¹⁷⁹⁶ e “como Vossa mercê me dis se acha bom caminho leua”¹⁷⁹⁷. Porém, “nam se axara Sem culpa se nam se adiantar mais nas uertudes”¹⁷⁹⁸, vá caminhando para Deus, “atropelando oyteiros”¹⁷⁹⁹, que estes se farão planos com a oração contínua. Solte as rédeas ao desprezo de si mesma, que com a negação da vontade própria imitará o Divino Esposo. Se reconhece que tem recebido fortes inspirações e, mesmo assim, não pôde progredir, que não seja assim agora. Que não haja agora tempo para espantelhos que a façam retroceder, “rreuistase de ualor”¹⁸⁰⁰, considere que todo o tempo é tempo para aproveitar. E se estava no maior perigo e Deus lhe deu luz, infinitas graças merece o Senhor: que faça agora quanto puder pelo seu amor, que ele se dará por satisfeito. Não desmaie, nem desanime pelos anos que perdeu, porque estes já não têm remédio. Aproveite-se agora do tempo que tiver, que ainda pode avultar em virtudes, dando muita glória a Deus.

A 12 de Março de 1734, Soror Isabel, na “Carta a uma Religiosa 24”, agradece as boas quarentenas que a religiosa lhe desejara, isto é, uma boa Quaresma, tempo litúrgico de quarenta dias antes da Páscoa¹⁸⁰¹. Diz-lhe que também ela deseja ver livre “a Vossa mercê de todas as molestias Para que melhor pudese seruir Ao Senhor e liure dos labarintos que Padese”¹⁸⁰², os quais não eram para a autora novidade, porque a sua destinatária “Nao nauegava sem piloto como Vossa mercê dis”¹⁸⁰³, logo havia de arruinar-se. O Demónio não se descuida e o que pretende é ter almas para si. Quando estas são chamadas por Deus à perfeição, trata aquele de impedi-las, “com todas as ssuas astusias e maldades”¹⁸⁰⁴. E, assim,

¹⁷⁹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 23”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 158.

¹⁷⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁷⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁷⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁷⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁸⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 158.

¹⁸⁰¹ Rafael Bluteu refere “Quarentêna” como a “Quarentêna Santa. He o jejum dos quarenta dias da Quaresma”. Cf. “Quarentêna”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez & Latino...*, *op. cit.*, vol. VII, p. 28.

¹⁸⁰² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 24”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 159.

¹⁸⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 159.

¹⁸⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 159.

pouco a pouco, as almas vão sentindo tédio na prática das virtudes. “Senhora nam tema O Demonio”¹⁸⁰⁵: diz-lhe que vá caminhando e buscando a Deus, que não se ocupe com coisas temporais, somente das que lhe são lícitas.

Na “Carta a uma Religiosa 24”, a 12 de Março de 1734, Soror Isabel exorta a religiosa a que “busque o fundo das uertudes este seia o sentro a que se incaminhem os seus pensamentos e suas lembransas e quando se lembrar de culpas pasadas nam seiam para coidar se estam ou nam estam comfesadas”¹⁸⁰⁶. Fala, pois, dos escrúpulos que a religiosa sentia, apesar de lhe dizer que já tinha confessado tais pecados. Sobre isso, diz-lhe o adágio “O que esta feito feito esta”¹⁸⁰⁷. Também lhe diz que deve crer que, pela misericórdia de Deus, tais culpas estão perdoadas. Se as recordar por vezes, que seja para fugir delas, com o firme propósito de nunca mais pecar. Faça actos de contrição e, fazendo da sua parte o que puder, “O mais fique por conta de Deus a quem Vossa mercê Ame moito e logo se uera rremedeada que o amor de Deus logo fas pazes”¹⁸⁰⁸.

A 8 de Abril de 1734, na “Carta a uma Religiosa 25”, congratula-se pelas notícias que recebera da religiosa, “e por aqui comieturo tem Pasado Alma a nouo stado”¹⁸⁰⁹. Explica-lhe novamente que “esa Artelharia que Vossa mercê me dis que tem pasado foy posta pelo Demonio a uer se Vossa mercê desestia do Caminho da uertude”¹⁸¹⁰. A religiosa dissera-lhe que já sentia menos fastio e com ânimo de seguir a Deus. Diz-lhe que “bem me parese isso”¹⁸¹¹, mas adverte-a de que o Demónio é muito teimoso e, ainda que se veja vencido, não desiste, mas é tão fraco que com um “nam quero rrezoluto”¹⁸¹² a alma vence-o. Com esta mudança da religiosa “se fariam moitas festas no Ceo”¹⁸¹³, pois “Por fazer guerra Ao Demonio se pos Alma em canpo a pelejar com seus jnimigos”¹⁸¹⁴. Que sossegue, porque em paz irá fugindo do Demónio. Faça mais oração, “ao menos

¹⁸⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 159.

¹⁸⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 159.

¹⁸⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 159.

¹⁸⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 159.

¹⁸⁰⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 25”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 160.

¹⁸¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁸¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁸¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁸¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁸¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

esta semana”¹⁸¹⁵. Se não tiver tempo para orar mais, busque a Deus e diga-lhe: “Senhor Nam tenho mais tempo para acrescentar A Orasam aqui uos trago este que tenho emtraí uos em meu corasam”¹⁸¹⁶. Num instante pode Deus entrar numa alma e ficar o coração todo dia ou noite preso a Deus, e quem estiver preso a Deus tem liberdade de espírito para tudo, e para tudo tem tempo. Porém, é necessário que a alma esteja mais purgada, esvaziando sempre as potências. Trata-se, aqui, da via purgativa, que a autora explica com maior detalhe no “Tratado Místico”, que citaremos adiante. Diz nesta carta à religiosa que não desfaleça o seu ânimo, ainda que se encontre com defeitos, “porque o amor deuino ira alimpando alma com tanto que Vossa mercê fasa da sua parte o que puder”¹⁸¹⁷. Necessita muito de apurar a paciência, “fasa muito por sse meter no fundo da humildade e logo achara lus para se aprefeisoar”¹⁸¹⁸.

Na “Carta a uma Religiosa 26”, a 9 de Outubro de 1734, Soror Isabel queixa-se que “muito tempo ha que Vossa mercê me falta com suas nouas e logo prezomi sseria falta de saude como agora me sertifica a sua carta”¹⁸¹⁹. A religiosa adoecera e a autora lamenta-o, nas pergunta-lhe: “que mais quer Vossa mercê que ser Santa”¹⁸²⁰? Pela enfermidade que sofre “estaua eu sperando”¹⁸²¹, porque essa doença é o crisol por onde a virtude se aclara. O amor de Deus estava “sperando e uendo se achaua porta Por onde emtrar nesa Alma”¹⁸²². Do jardim que não tem flores não se pode esperar frutos; o fogo acende-se onde há lenha, mas se não tem matéria o fogo não pega. Assim é o amor de Deus, “se nam compadeser”¹⁸²³. Também lhe diz que “a fazenda que se compra sempre se paga siza Vossa mercê comprou a fazenda do Amor de Deus agora he que hade pagar a siza e agora mais que numca lhes he nesessaria”¹⁸²⁴; e que “o laurador que semeia a seara quer colher moitos moyos de trigo e alma que se quer Vnir com Deus imitando A Jesus Cristo

¹⁸¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁸¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁸¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁸¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁸¹⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 26”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 161.

¹⁸²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

nos trabalhos nesecita de moytos moyos de pasiencia”¹⁸²⁵. Que se vá humilhando quanto puder, “fechese dentro de seu corasam”¹⁸²⁶, não queira estar “da parte de fora”¹⁸²⁷, porque o espírito que vai direito caminha por vias rectas. Estas vias rectas são o conhecimento próprio: deve reconhecer muitas vezes que mereceu o Inferno. Por isso, “agora meta por dentro de seu corasam a Deus”¹⁸²⁸. Vá cortando o amor próprio, verá como se humilha. Diz-lhe que faça o que lhe escreve porque “moito merese quem obedese”¹⁸²⁹. Até aqui não tem a sua cruz sido muito pesada, “e tendo Vossa mercê moitos jnimigos”¹⁸³⁰ qualquer cruz bastaria para os matar. Porém, é necessário purificar o espírito para que não fiquem portas abertas por onde possam entrar. Continue a oração, que o Demónio há-de fazer-lhe sempre guerra, a ver se pode extingui-la, “que a moitos que estauam mais adiantados do que Vossa mercê atirou”¹⁸³¹. Prossiga sem receios; “na obediencia seia pronta e fasa nisto eizersisio obedesendo A todas as creaturas por amor de Deus para que esta uertude fique fixe”¹⁸³².

Na “Carta a uma Religiosa 27”, a 29 de Dezembro de 1734, Soror Isabel lamenta a doença da religiosa, que persiste, dizendo-lhe que, se Deus “se serue diso fasase sua deuina uontade”¹⁸³³; e que “Vossa mercê bem ssabe que as infirmitades sam auizos para a morte e para que esta ache A Vossa mercê disposta quando o Senhor for seruido”¹⁸³⁴. A religiosa necessita de ter muita paciência para “sofrer os brados que Deus da”¹⁸³⁵ para que ela se disponha melhor no caminho espiritual: a sua caminhada está quase vencida e por isso o espírito melhor está, agora que tem andado “mais do que Vossa mercê jmagina”¹⁸³⁶, pelo que tem padecido na doença. Se lhe diz que se encontra com “Algumas

¹⁸²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 161.

¹⁸³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 162.

¹⁸³³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 27”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 163.

¹⁸³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

escorridades no spirito”¹⁸³⁷, que preservere então na oração, que “ahi mesmo esta escondido o Sol”¹⁸³⁸. Que tenha fé firme e achará Deus, que se deixa achar por quem o busca. Que seja, de uma vez, verdadeira serva de Deus, porque se não o fizer, expõe-se a ser muito castigada. Reconheça que a pior enfermidade de que padece é a espiritual. O remédio é esquadrihar a consciência, os “intrinsecos infernos”¹⁸³⁹, esgravatando as raízes para que não fique “coiza solapada”¹⁸⁴⁰; e que veja se tem no seu interior “hum aparato de inpasiensias que se rrenouam das paxois que jnda estam por uenser”¹⁸⁴¹. Que veja, ainda, se encontra lá algo contra a castidade. A “ofesina nam podera inda estar de todo linpa”¹⁸⁴², é bom que tudo esteja confessado, mas também é bom que, para não tornar a produzir, ir arrancando a raiz, até cessar de todo. Que a religiosa “ueia se aserto no que digo”¹⁸⁴³, pois agora, para esta doença e para as impaciências, necessita de se por em campo a pelejar contra estes inimigos, e a melhor folha de espada com que os há-de vencer é a paciência, “coido que Vossa mercê nam tem inda esta Arma”¹⁸⁴⁴. Faça, pois, por adquiri-la, pouco a pouco, que Deus a ajudará. Pede-lhe que “rreleue as minhas Asparezas que nam sam de animo apaxonado mas sim de afeisoada Por querer uer a Vossa mercê muito prefeita”¹⁸⁴⁵.

A 20 de Abril de 1735, escreve a “Carta a uma Religiosa 28”. Diz à sua destinatária ter recebido com “magoa de meu corasam”¹⁸⁴⁶ a notícia de que continuava de cama, pedindo que o Senhor lhe dê forças para suportar a doença, bem como “para sofrer As minhas palauras tam dezabridas”¹⁸⁴⁷, mas, para vencer as enfermidades espirituais é que “Vossa mercê nam diziste de comonicarme”¹⁸⁴⁸. A religiosa repete-lhe as suas faltas de paciência. Responde-lhe a autora que

¹⁸³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 163.

¹⁸⁴⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 28”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 164.

¹⁸⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

estas faltas sempre são culpas, ainda que leves. Como têm as suas raízes na ira, se a religiosa não as for diminuindo, continuarão a aumentar, chegando a ser culpas grandes. É preciso ir domando e refreando a língua, até aumentar a paciência, sofrendo tudo o que for contrário à vontade própria, ganhando esta virtude à força de braço; de outro modo não poderá conservar a paz interior. O amor de Deus, com que a religiosa se encontra agora, tem forças para tudo. Acerca da virtude da castidade, a religiosa respondera-lhe que “nam lhes fas guerra este Jnimigo”¹⁸⁴⁹, mas Soror Isabel diz-lhe agora que “tenha Vossa mercê moyto medo dele porque them as suas fôrsas quando esta mais fraco e metese por dentro dalma como mosquito na boca”¹⁸⁵⁰. Que lave bem a vazilha do seu coração, “que podera ser tenha inda la algum cheiro comtra esta uertude”¹⁸⁵¹; os bons espírito necessitam de muita pureza. Que tenha muita humildade, “que eses açenos do amor proprio inda me dam indisio de soberba”¹⁸⁵²: enfade-se, pois, consigo mesma, “e talues se ache a pior de todas”¹⁸⁵³. A religiosa terá opinião de que a sua cruz é grande, mas Soror Isabel diz-lhe que é comprida, mas estreita, “mas ainda nesesita de crus mais larga que he tirar ese amor próprio”¹⁸⁵⁴. Teme que de falar com a religiosa esta tenha que tomar um favo de mel para adoçar “Os amargos que lhe dou”¹⁸⁵⁵. Não pode fazê-lo de outro modo, não pode ser menos, nem convém, “para o aumento de seu spirito”¹⁸⁵⁶. Submeta-se a todos como esposa de Jesus Cristo.

Na “Carta a uma Religiosa 29”, a 15 de Julho de 1735, a autora manifesta a sua preocupação pela demora que a religiosa tivera em responder-lhe à sua última carta: “A falta de suas letras me traziam coydadoza e com esta sua carta me alegro moito pois me segura se acharia liure de suas moléstias Para prosiguir na nosa comrrespondensia”¹⁸⁵⁷. Diz-lhe que no caminho espiritual não há pausa, “he de caminhar e uoar a Deus”¹⁸⁵⁸. A religiosa dissera-lhe que tinha “escluPos e

¹⁸⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 164.

¹⁸⁵⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 29”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 165.

¹⁸⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

treuas”¹⁸⁵⁹, que a impediam de prosseguir, mas Soror Isabel diz-lhe que “no tempo em que alma se acha mais apertada esta mais segura”¹⁸⁶⁰. Diz à religiosa que tem dons para ser santa, se “os puzer por obra auendo moyta Orassam sempre se emche o Corasam de Deus porque ahi esta o seu Amor e se o nam conhese he porque nam chaie no sensetiuo alma”¹⁸⁶¹. Deste modo, o coração irá buscando a Deus, fugindo, assim, da natureza. Se a religiosa julga que está em “treuas e escuridades”¹⁸⁶², considere que o sensitivo não é para coisas superiores, “por ser parte inferior dalma”¹⁸⁶³, que se adiante nas virtudes “e Va alinpando as que estam adequeridas pois a natureza sempre esta lansando abrolhos”¹⁸⁶⁴; vá tirando esta propensão da natureza para que não se detenha. E, se achar ainda algumas “espinhas de impasiensias e murmurasoiszinhas”¹⁸⁶⁵, vá também cortando-as, bem como todas “as delgadesas que la achar dentro no seu intirior que talues disto moito esteia inda misturado com o bom que ia esta Adequerido”¹⁸⁶⁶ e tais “sementilhas”¹⁸⁶⁷ não servem para quem quer progredir. Se a religiosa não tiver atenção, “numca as uertudes ficam linpas nem dezembarasado o intirior que o aseio dalma he meyo Para se alcansar o que se dezeia”¹⁸⁶⁸. É necessário ter “moita estreite\za/ de Spirito e por iso dise que quando alma esta mais apertada esta mais segura”¹⁸⁶⁹. Por fim, anima-a: “alegrese moito que tudo hade al\can\çar com a gra\sa/ de Deus”¹⁸⁷⁰.

A 10 de Novembro de 1735, escreve a “Carta a uma Religiosa 30”. Alegra-se com a saúde da religiosa, pela qual “muito mais tem que deuer a Deus para que com mais spirito se aumente em seu santo seruiso”¹⁸⁷¹. Segundo o que a destinatária lhe dissera na sua última carta, “obseruo que para o estado em que se

¹⁸⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁸⁷¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 30”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 166.

axa sua Alma ia la tem bastantes documentos que seruem para o estado que digo”¹⁸⁷². Na presença de Deus, em oração, “se uista Alma de profunda humildade pedindo Ao Senhor lus para arranchar de todo as rraizes que tem dentro do seu intirior por coiya cauza Deus a them metido nesa noite escura com que a uai purgando”¹⁸⁷³. Que tenha paciência e confiança, que merecerá muito ao resignar-se à vontade divina, pois alguns dos maiores purgatórios com que Deus purifica as almas é quando as põe nessa noite escura, porque nela prova a sua constância. A noite escura, como atrás referimos, é um fenómeno místico, que Soror Isabel refere também nas “Cartas a um Religioso”, e explica alongadamente no “Tratado Místico”. Na “Carta a uma Religiosa 30”, explica-lhe ainda que, quando o mar está sereno, pode-se navegar bem, mas quando se altera com tempestades, grande é o perigo dos que navegam. Que tema, pois, os perigos do “mar do mundo”¹⁸⁷⁴; e que as raizes das suas culpas possam ainda ganhar força, porque estas é que fazem as tempestades, alterando-se contra a alma, pondo-a em perigo de se perder. Adverte-a: “nam tome Vossa mercê em pouco estas palauras porque ate morte hade ter dentro em si quem lhe fasa guerra”¹⁸⁷⁵. Que vá buscando a Deus e consumindo-se a si mesma, que “a Crus seia o seu descanso”¹⁸⁷⁶. A sua alma entrará noutros graus de amor “mais adentro”¹⁸⁷⁷, onde achará “hum olio suauisimo do amor de Deus e com ele pode curar as chagas que ficaram”¹⁸⁷⁸ aquando da saída das raizes das culpas; só o amor devino pode curar “o podre de seu corasam”¹⁸⁷⁹.

A 6 de Julho de 1736, na “Carta a uma Religiosa 31”, recebera da religiosa uma carta de boas-festas, certamente pascais, embora tardias, mas “numca me chegaram tarde as festas que Vossa mercê me da porque sempre As suas cartas sam para min Aleluyas”¹⁸⁸⁰. A religiosa dissera-lhe que “nada fas que preste”¹⁸⁸¹,

¹⁸⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p.166.

¹⁸⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 166.

¹⁸⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 166.

¹⁸⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 166.

¹⁸⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 166.

¹⁸⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 166.

¹⁸⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 166.

¹⁸⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 166.

¹⁸⁸⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 31”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 167.

¹⁸⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

pelo que a autora lhe diz que “louue Vossa mercê moyto A Deus que lhe deu a mam esta quaresma para andar correndo os pasos de sua paxam”¹⁸⁸². Diz-lhe que “coido nam tera Vossa mercê vaidade que quem de si conhese o pouco que fas e o nada para que presta nam fas caso de lououores que lhe dam”¹⁸⁸³. Mas se é, como é, louvável uma alma buscar a Deus, não será linsonja da própria Soror Isabel dar-lhe os parabéns. Que acrescente os méritos, que “Eu fico por fiadora que nam hade ter lugar a uangloria o lugar Para onde agora a sua comsiderasam hadir”¹⁸⁸⁴. Não é diferente do que a religiosa lhe apontara, “mas he tam fundo que temo nam queira Vossa mercê la por Os olhos pois este Senhora he agora o que lhes serue”¹⁸⁸⁵: é fazer tão mau conceito de si própria que cuide não haver no mundo outra criatura pior; que se aborreça a si mesma e diga “O ma de min que nam ouue semelhante ingrata Aos ausilios deuinos”¹⁸⁸⁶. Que seja “pes de todo mundo”¹⁸⁸⁷. Estes dons ainda a religiosa não tem, só se dão aos melhores espíritos. Como a religiosa “quer o mais prefeito”¹⁸⁸⁸, diz-lhe que a santidade não assenta se não em corações humildes, que “do alto cahio quem queria cadeira alta”¹⁸⁸⁹. Refere-se evidentemente a Lúcifer. Se a religiosa não puder fazer o que lhe diz, é sinal de que ainda lhe falta muito para ser humilde. Faça, pois, por adquirir este bem: “ua fora toda A natureza e fique so o spirito”¹⁸⁹⁰.

Esta obra talvez se faça por mão alheia, se houver quem a despreze. A essa mesma criatura – refere-se talvez a alguém do convento da religiosa – “Ame muito porque a uai alinpando e aseando para se unir com seu spozo”¹⁸⁹¹. Se a mão for grosseira, “mais fina ficara A obra”¹⁸⁹². Se isto não se faz, não se cumpre a vontade de Deus; “e se eu lhe pudera Por esta crus sem lhes fazer pezo creia da minha vontade que o fizera”¹⁸⁹³. Seria mais fácil a Soror Isabel levá-la, que ser

¹⁸⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

carregada pela religiosa”¹⁸⁹⁴. É certo que o estado de alma da religiosa é “so amarguras”¹⁸⁹⁵ e que “he o seu sustento”¹⁸⁹⁶. O amor de Deus faz “troser o jntendimento porque sse adianta a vontade”¹⁸⁹⁷. Diz-lhe que “nam desmaie que Deus sempre ade ser com Vossa mercê e a quer irrequiser com seus mimos e tambem sabe adosar a boca com o dose de seu amor e quando deste gostar lembrese de min”¹⁸⁹⁸. Termina, com delicadeza, pedindo à religiosa que “perdoe carregar tanto a mam de tinta”¹⁸⁹⁹.

A 14 de Dezembro de 1736, na “Carta a uma Religiosa 32”, Soror Isabel diz ter recebido uma carta da religiosa, com notícia de que estava novamente doente, o que muito lamenta: “se eu Pudera leuar mais crus da que tenho melhor fora que Deus me dera a min esas infirmitades pois ueyo nam Them Vossa mercê hora de saude”¹⁹⁰⁰. Anima-a a que “nam se descomsole que a mam de Deus Nam se poem se nam em quem O ama”¹⁹⁰¹. Explica-lhe que “o Rio tem o seu curso para o mar Onde fenaliza suas correntes”¹⁹⁰² e assim são as almas que têm amor a Deus, ficam em “Riyos de lagrimas”¹⁹⁰³, quer seja chorando pelas suas culpas, quer pelas culpas dos seus próximos, “que he hum grande purgatorio mas tambem mete medo ao Demonio”¹⁹⁰⁴. O Senhor deu-lhe a doença para que o Inimigo fuja, porque a doença traz a penitência. Espera, porém, que Deus a alivie, dando-lhe “Dons sobre Dons”¹⁹⁰⁵ para preservar no seu serviço, para ajudar com as suas orações os fracos, pois esses bens espirituais são para repartir. Leve, como puder, “eses trabalhos que se incaminham para ser Santa”¹⁹⁰⁶, que as que foram santas todas tiveram muito que padecer, “com as mesmas comtradiçois e rrepunansia da

¹⁸⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁸⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 168.

¹⁸⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 168.

¹⁸⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 168.

¹⁸⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 168.

¹⁸⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 168.

¹⁹⁰⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 32”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 169.

¹⁹⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

natureza que Vossa mercê tem nasida da fragilidade humana”¹⁹⁰⁷, e tudo “se achanou com O Amor de Deus”¹⁹⁰⁸. Encha, pois, o coração do amor divino, que é o que santifica. O Senhor ama a quem o ama, porém, “minha muito amada jrman”¹⁹⁰⁹, não pode deixar de lhe dizer o que entende, em consciência: a sua alma ainda não está de todo purgada, falta muito que padecer, “que la por dentro do intirior estam inda moytas nodoas que alinpar nesesita de moita purgasam”¹⁹¹⁰.

Explica-lho com uma comparação. Diz-lhe que o xarão tem muitos ramos de ouro e que a sua alma também os tem: a “Alma de Vossa mercê tem moitos Ramos de oyro do amor de Deus e se estiuer depretuida de manxas e culpas Presizamente ade ser purgada pela penitensia ou seia esta ou aquela e Deus a inuiara”¹⁹¹¹. A autora diz que não pode deixar de lhe dizer esta verdade, porque não quer deixá-la “emtalada com perigo de uaidade que de outra sorte me fizera eu ladram rroubandolhes as uertudes”¹⁹¹². Aconselha a que continue a humilhar-se e que tenha paciência para aturar “esa creatura que he Posta a sua uontade e talues fose distinada por Deus para purificar esa alma”¹⁹¹³. A religiosa era, pois, incomodada por certa pessoa com quem passara a ter convivência, possivelmente com outra religiosa, com quem estaria internada na enfermaria do seu convento. Pede-lhe ainda que continue a oração “pois ha moita falta de Oradores e sempre me ficara o emterese de pedir por min a Deus”¹⁹¹⁴.

Na “Carta a uma Religiosa 33”, a 2 de Fevereiro de 1737, a autora pede à religiosa que revele a sua “discaridade”¹⁹¹⁵ pela demora que teve em responder-lhe à última carta, “pois ate qui nam tenho faltado com rrespostas”¹⁹¹⁶. Repara que as cartas da religiosa costumam demorar se esta está doente, “como agora ueyo

¹⁹⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 169. Soror Isabel do Menino Jesus usará aqui, supomos, um regionalismo: “depretuida”. Não alcançámos esta palavra em nenhum dicionário da época. Supomos, porém, que poderá corresponder a limpar o xarão, quando este apresenta manchas na superfície preta.

¹⁹¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 169.

¹⁹¹³ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 169-170.

¹⁹¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹¹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 33”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 170.

¹⁹¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

por cauza de suas molestias que me dis se contenuão”¹⁹¹⁷. Diz-lhe que as terá merecido de Deus, porque até agora lhe faltavam méritos. “Para nada tenho prestimo mas he certo que me nam enganaua”, quando lhe disse antes, que “lhe faltaria muito que purgar esa Alma e Por iso tem sido tantas jnfirmidades”¹⁹¹⁸. Deus estará a levá-la por esse caminho, porque o seu amor acende-se quando se queima a natureza. Terá então o Senhor permitido que adoecesse, “metendoa emtre brazas para queimar tudo o que hera corpo e ficar somente spirito”¹⁹¹⁹.

Diz-lhe que não se aflija, nem se desconsolle, antes se alegre de “ter o seu purgatorio em uida meresendo com pasiensia e satisfasam que se da a deuina justisa”¹⁹²⁰. O Senhor pôs-lhe diante dos olhos essa “infirmidade de fogo”¹⁹²¹. Este é, pois, o tempo em que a sua alma pode caminhar para a humildade profunda e parece que está esta doença a dizer-lhes que “hade ter Vossa mercê dobrado spirito e nas uigias da noite por falta de sono esta mostrando que tem amor de Deus em seu corasam”¹⁹²². As noites, para os servos de Deus, são “os milhores dias”¹⁹²³. Os mundanos tem conveniência no dia, mas “os Amigos de Deus”¹⁹²⁴ fazem do dia noite em que repousa a alma. Que avive a presença de Deus: já que está “na sepultura desa cama emterre ahi as potensias e sentidos e goze dos preuilegios do amor de Deus que he Amor e padecer”¹⁹²⁵. Se de si, Soror Isabel, “tuer algum coydado”¹⁹²⁶, diz-lhe que “nada lhe fico deuendo que se eu pudera rrepartir esas molestias tomara para min a mayor parte por aliuiar a Vossa mercê”¹⁹²⁷. Que Deus lhe dê alívio e que a guarde.

A 16 de Abril de 1737, Soror Isabel escreve a “Carta a uma Religiosa 34”. Recebera as boas festas – certamente pascais – da religiosa, “as milhores que

¹⁹¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁹²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 170.

numca tiue”¹⁹²⁸, porque se alegrara muito com a notícia de que já tinha recuperado a saúde, “que muito lhe dezeitava para hir caminhado ao Ceo onde eu posa ther alguma Comuiniensia Com suas Orasois”¹⁹²⁹. Que o Senhor permita que tenha saúde por algum tempo, “e se eu suspeitar mal de que Vossa mercê nam podera ter saude perfeita por andar sempre dispondose para a morte mistica esta dispusisam he uida”¹⁹³⁰. Esta vida do espírito, que é “morrer Cada dia e Cada hora”¹⁹³¹, para se dominar a natureza, mas como esta “pedra Presioza”¹⁹³² não se alcança “sem a Creatura tomar Vingansa de si mesma”¹⁹³³, que se anime a viver para morrer em tudo o que for da sua vontade própria, “que nesta morte mistica esta a sua uida”¹⁹³⁴. Parecerá duro, este “nam se poder uiuer senam morrendo mas O amor de Deus he que da uida a quem tem esta morte”¹⁹³⁵. Não se assuste, que a morte do amor divino não é tirana, antes é saborosa, “o mesmo amor a suaviza”¹⁹³⁶. Diz-lhe que o Senhor, quando lhe deu o seu amor, deu-lhe logo uma espada para matar o amor próprio, “que este he inimigo do amor de Deus e aqui tera Vossa mercê muito que apurar a pasiensia e sofrendose a si mesma não thera pouco que mereser”¹⁹³⁷. Que tome este conselho com brio, que a virtude “he formosa quando he briosa e dos brios de Vossa mercê nam espero eu menos que ser Santa e acodindo As inspirasois deuinias tera mayor Santidade”¹⁹³⁸.

Por fim, na “Carta a uma Religiosa 35”, a 20 de Outubro de 1737, “rresebo a carta de Vossa mercê e Louei a Deus que lhes tem Posto a mam {e a boa} e a boa uontade metendoa em tantos trabalhos Seus e do prosimo como me senifica na sua”¹⁹³⁹, sendo tudo isto “para mayor aumento seu”¹⁹⁴⁰. Assim, deve fazer

¹⁹²⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 34”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 172.

¹⁹²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁹³⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 35”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 173.

¹⁹⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

segundo o que lhe disse para ter paz no seu espírito: ter paciência e recomeçar sempre, tendo de si a ideia de que “que nam tem andado pasos no caminho da uertude que Aqui esta todo aserto”¹⁹⁴¹. E porque “como Vossa mercê nam he nada e nada nam se queixa”¹⁹⁴², faça oração sobre oração. A cruz de Cristo pode dar-lhe forças “para caminhar Ao monte da prefeisam”¹⁹⁴³; e, para que possa caminhar, exercite-se agora em quatro virtudes, que lhe aponta.

A primeira é da humildade, que muitas vezes já lhe repetiu. Por isso, pede-lhe que a recorde, porque se não a tiver “nam tem fundo a uertude pois esta uertude tem seu fin no prensipio e emtam mais crese quando mais dese para baxo”¹⁹⁴⁴. Que se submeta a todos, que se enterre viva e então viverá “uida de spirito”¹⁹⁴⁵, e alcançará por experiência que os humildes são os mais amigos de Deus. A segunda virtude é a caridade. Que tenha desejos de que todos se salvem, ajudando com orações as almas que estão em pecado mortal. Estão em tal estado que que “nam sabem como estam”¹⁹⁴⁶, não podem levantar-se, se não lhe derem a mão. Diz-lhe que as três horas “pouco mais ou menos”, que a religiosa tem de oração “metaas no lado do Senhor”¹⁹⁴⁷, para que ele as reparta pelos pecadores. Acrescenta: “queira Deus emtre \eu/ neles Porque sempre tenho nesicidade de Vossa mercê me ajudar”¹⁹⁴⁸. A terceira virtude é a obediência. Quem “nam tem querer”¹⁹⁴⁹, esse é o que quer a coroa diante de Deus. O juízo próprio é julgado e quem se deixa julgar por juízo alheio “nam tem juis”¹⁹⁵⁰. A quarta virtude é a conformidade com a vontade de Deus. A alma deve querer sempre em querer o que Deus quer, e nesta resignação o amor. A união principia nas vontades e, “sendo emtre si deuididas”¹⁹⁵¹, o amor as faz união. O amor roubou o coração à religiosa. Como estas virtudes, “e as mais disposisois de que \te/mos tratado”¹⁹⁵²,

¹⁹⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

se fará na alma da religiosa “hum clarissimo espelho de diamantes que sam As uertudes para entrar no Ceo brilhando em luzes asezas do Amor deuino”¹⁹⁵³. Esta é a última carta do manuscrito autógrafo, possivelmente a última que a autora escreveu à religiosa, que entretanto poderá ter falecido.

2.3 - “Tratado Místico”

No “Tratado Místico”, Soror Isabel do Menino Jesus expõe a sua experiência como asceta e mística, sendo este texto resultante tanto da sua vida de décadas pelas vias do espírito, sob orientação de vários directores espirituais e confesores, como por leituras que terá feito de livros em que a vida ascética e mística era explicada ou aludida, não só segundo a escola mística franciscana, mas também segundo a escola mística carmelita, designadamente de São João da Cruz, cuja terminologia adopta. Trata-se de um texto do género literário de tratado e, como tal, apresenta uma estrutura, na qual a autora faz a sua exposição, com títulos. Esta estrutura é a das três vias do espírito: purgativa, iluminativa e unitiva, com outras partes, que se relacionam, na maioria, com o recorrente tema da castidade.

Supomos que o tratado terá sido intervencionado pela mão da própria autora antes mesmo da sua passagem a limpo, por sugestão ou ordem dos seus três directores espirituais, surgindo então um texto destinado à impressão de um livro autónomo dos outros textos da autora. Isto é, redigido para ser dado a conhecer em forma de livro, pois, logo no seu início, Soror Isabel explica que tinha uma “uariadade de tantos pensamentos”¹⁹⁵⁴, por estar “metida na terra da natureza”¹⁹⁵⁵, que não tinha luz para “para escreVer mística”¹⁹⁵⁶, nem capacidade para o fazer em livro; que “por me faltar siensia e pouco spirito e sem nenhum uso De rretorica e so moytas jgnoransias que poderam ficar manchad[os] De erros”¹⁹⁵⁷. Por isso, pede aos “Senhores Doutores Misticos”¹⁹⁵⁸ que vejam os seus papéis, que “para Autores desta obra os busca a minha abbadesa pedindo a todos me queiram

¹⁹⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 173.

¹⁹⁵⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 73, § 87.

¹⁹⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 87.

¹⁹⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 87.

¹⁹⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 87.

¹⁹⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 87.

emsinar o que eu nam {sey}Sei”¹⁹⁵⁹. Portanto, como vemos por esta última afirmação, a prelada do convento também leu o “Tratado Místico” antes da passagem a limpo e foi quem teve a ideia de pedir aos três directores espirituais que escrevessem um livro acerca do que Soror Isabel redigira naqueles papéis. Ou seja, a abadessa pedira-lhes então que assumissem a tarefa de reescrever o texto e provavelmente assumir a autoria duma obra que viria a ser distinta, mas baseada nos conteúdos da autora. Do texto original ficariam então, possivelmente, algumas citações, como era hábito fazer-se então quando se tratava da vida ascética e mística de religiosas¹⁹⁶⁰. A abadessa bem saberia que, desse modo, em discurso alheio, a vida ascética e mística de Soror Isabel poderia vir a ser impressa. Supomos que teria interesse na impressão por quatro motivos: o primeiro porque estaria convencida da vida ascética e mística de Soror Isabel, sendo sua discípula; e o segundo porque também acreditaria na sua santidade; o terceiro porque a sua vida podia constituir-se como modelo para as religiosas; e, por fim, o quarto porque tal impressão projectaria publicamente uma boa fama do convento, aumentando-lhe o prestígio, então danificado por certos escândalos, que atrás mencionámos. Esta prelada seria, possivelmente, a sobrinha mais velha da autora, Soror Isabel de São José, em cujo abadessado o manuscrito terá sido passado a limpo, entre 6 de Junho de 1750, data em que esta sobrinha foi eleita abadessa¹⁹⁶¹, e a morte da própria autora, a 5 de Outubro de 1752. Uma primeira versão do “Tratado Místico”, se realmente existiu, não seria muito antiga, podendo datar do mesmo período. Essa sobrinha viria a ser abadessa num segundo triénio, iniciado já depois do falecimento da autora, durante o qual sairia à luz a *Vida da Serva de Deos...*, na segunda metade de 1757. A “Advertencia” da *Vida da Serva de Deos...*, que a refere, como já anteriormente citámos, conta que: “a Serva de Deos disse a uma sobrinha sua, hoje actual Abadessa no seu Mosteiro, referindo: *Que havia de ser livro particular; mas que havia de ter muitas contradições*”¹⁹⁶².

O destinário do “Tratado Místico” foi um dos religiosos que a dirigiam. Esse director espiritual, em certo momento (supomos que no início da direcção

¹⁹⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 87.

¹⁹⁶⁰ Veja-se o caso da *vida* de Soror Mariana do Rosário (1615-1649), religiosa conversa do Convento do Salvador de Évora. Cf. António de Almada, *Desposorios do espirito...*, *op. cit.*

¹⁹⁶¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, f. 18v.

¹⁹⁶² Cf. F. J. B. C., “Advertencia”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, pp. 1-1v.

espiritual), temera a vida ascética e mística de Soror Isabel, dizendo-lhe mesmo que ele não podia dirigir almas, porque, mesmo sendo sacerdote, “nesesitaua de moyta lus do Ceo e bastante estudo”¹⁹⁶³ para o fazer. Mas ela dissera-lhe que tivesse muita fé, porque aos “Padres que costumam gouernar spiritos Asiste o Spirito Santo com particular prouidensia e toda a lus que o Senhor deu A jgreya Prinsipiou nos APostolos porque heram Ssacerdotes”¹⁹⁶⁴. Esse sacerdote ficara convencido, mas para ter maior segurança de que o espírito da autora “estaua inteiramente no conhecimento do caminho por onde Deus me leuaua”¹⁹⁶⁵. E assim

“ficou Este Padre com este meu dizer mas segurouse mais em querer esquadrinhar os fundos de meu spirito que suposto estaua inteiramente no conhesimento do caminho por onde Deus me leuaua com acordo dos mais Padres ordenaram Escreuese eu o que tinha alcansado de experiensia e como esta emsina Ssem estudo e a caridade do amor deuino rreparte estes bens pelos Nam pesoir so para si e a forsa da obbediensia he tam poderosa esta me deu animo a por mam a obra e se por obedeser a serto direi o que souber nam como quem emsina se nam como \quem/ aprende que nadar sobre as agoas so quem Ssabe nadar senam afoga sugeito o meu juizo a quem me pode ReProuar Rezam que me fas conheser a uerdade dizendo que se Deus me da Lus para dizer o que souber nam me dezobriga de conheserme por indigna”¹⁹⁶⁶.

Esse seu director espiritual tinha-lhe ordenado, com o acordo dos outros dois, que escrevesse sobre a sua experiência. E a autora obedecera. O texto foi então lido pelos três religiosos, que terão decidido que a sua vida devia ser conhecida por um público alargado, através da impressão de um livro, no qual constassem não só os fenómenos místicos que narrava, como os conselhos que ela podia dar aos que queriam iniciar ou progredir no caminho espiritual. Nesta ideia terá participado também Frei Martinho de São José, então já definidor da Província, se não foi também um desses três religiosos. Parece-nos que não seria, porém, aquele que ordenou à autora a redacção do “Tratado Místico”, porque esse religioso não conheceria bem Soror Isabel e, antes de assumir a direcção

¹⁹⁶³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jesus...* (ms.), *op. cit.*, p. 74, § 87.

¹⁹⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 87.

¹⁹⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 87.

¹⁹⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 87.

espiritual, tivera dúvidas acerca da sua própria capacidade para assumir essa responsabilidade. Ora, Frei Martinho já conhecia a autora, porque havia algumas décadas que fora seu confessor no convento e, segundo supomos, fora destinatário das “Cartas a um Religioso”, como atrás referimos, pelo que não teria tal receio.

Quanto ao “Tratado Místico”, parece-nos que o seu destinatário poderá ter sido Frei António dos Anjos, confessor do convento nos últimos anos de vida de Soror Isabel. Como citámos atrás, esse director espiritual para quem ela escreveu o texto tivera receio de dirigir almas, ou seja, uma alma mística, a dela. Isto parece ajustar-se bem a um novo confessor naquela comunidade, o qual, ali chegando, se deparou com uma religiosa extraordinária, uma mística e mestra de várias pessoas na mística, portanto uma alma diferente das outras que vinha confessar e dirigir, causando-lhe justificado receio. Para mais, essa religiosa, Soror Isabel, já teria os outros dois directores, os quais não a confessariam habitualmente, embora acompanhassem os seus progressos havia mais tempo. Frei António dos Anjos, de quem pouco sabemos, foi, de facto, o seu último confessor, tendo redigido o seu extraordinário assento de óbito, no qual, como citámos, declara, sem rodeios, que se esperava o reconhecimento da sua santidade, isto é, que se esperava a sua beatificação e consequente canonização, o que indica que a conheceu muito bem.

Ao “Tratado Místico” Soror Isabel juntou, ou antepôs, a “Súplica ao Ministro Provincial”. Nesta, a autora suplica ao ministro provincial a sua bênção e acusa-se humildemente das suas faltas à Regra e às constituições gerais, “por me acomodar com o uzo em que ueuia A comonidade”¹⁹⁶⁷, embora “isto nam me dezobriga de culpa”¹⁹⁶⁸. Suplica também a absolvição dos pecados, etc., e manifesta-lhe a sua intenção de restituir “os bens que adequeri na Religiam”¹⁹⁶⁹. Diz que, como vivia sob a obediência do prelado – como qualquer religiosa professa da Ordem – e “dipois desta outra obbediensia spiritual que tinha rrendida A tres Padres Spirituais com quem comonicaua meu spirito”¹⁹⁷⁰, é àquele que agora deve entregar tais bens. É aqui que revela a existência desses seus três directores espirituais. Explica que “ordenaram estes Restetuisse A Religiam o que

¹⁹⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 72, § 86.

¹⁹⁶⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Súplica ao Ministro Provincial”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 72, § 86.

¹⁹⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 72, § 86.

¹⁹⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 72, § 86.

nam hera meu pois tudo o que tinha hera de Deus que fose para gloria sua”¹⁹⁷¹. Não era inicialmente da sua vontade fazê-lo, “por conheser a minha jsufisiensia que nam sabia fazer forma de liuro”¹⁹⁷²; e entende que “nam se adelgasou tanto o meu juizo que pudesse fazer esta obra perfeita”¹⁹⁷³, pelo que fez somente uma relação “tirada do juizo de huma mulher onde se podem emcomtrar moytos erros por ser Escriptos de mam propria sem ponto nem uirgula”¹⁹⁷⁴.

De facto, a sua escrita não podia ser considerada erudita. Soror Isabel escreve com uma quase total omissão de pontuação, cada palavra conforme a pronunciaria, etc. Mas os seus escritos, como vemos, foram considerados tão relevantes que a opção superior seria impri-los sem qualquer alteração dos conteúdos. Frei Martinho de São José, que seria um dos três directores espirituais da autora na época, ainda que já não vivesse em Portalegre, terá apenas determinado a sequência dos textos e pouco mais. Apesar de, ao longo dos anos, ter morado em diferentes conventos masculinos da Província, como seu guardião e, finalmente, como definidor – ofício que terá fixado a sua residência no convento de Xabregas, onde também foi guardião –, poderia ter ido uma ou outra vez a Portalegre, do que, porém, não conhecemos documentação. Certo é que, se não foi um dos três directores espirituais, parece ter sido ele a organizar os manuscritos da autora, ainda em vida desta, porque, de facto, o título da *Vida da Serva de Deos...*, anos mais tarde, havia de declarar que a obra fora *Disposta pelo Muito Reverendo Padre Frei Martinho de São Jozé, Prégador Jubilado, e Provincial da mesma Provincia dos Algarves, que também foi seu Confessor*¹⁹⁷⁵. Como o manuscrito deixado por Soror Isabel e a obra impressa coincidem na organização, conclui-se que a obra foi disposta por Frei Martinho ainda em vida da autora, conferenciado com esta acerca do assunto.

De resto, parece que Soror Isabel, quando escreveu a “Carta à Abadessa e Religiosas”, estaria convencida de que Frei Martinho viria a ser o autor da sua futura *vida*, um livro que a abadessa queria ver impresso, para o que talvez investisse financeiramente, para além de mover influências junto do governo da

¹⁹⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 72, § 86.

¹⁹⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 72, § 86.

¹⁹⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 72, § 86.

¹⁹⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 72, § 86.

¹⁹⁷⁵ Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*

Província, na medida das suas possibilidades. Na mesma “Carta à Abadessa e Religiosas”, a autora revela, de facto, às suas destinatárias que o dito “Frei N” escrevera um certo livro, e “foy tanto do seruiso de Deus que me deu a conheser este segredo que por cada letra que tinha o liuro auia de darlhes huma gota de seu presiozissimo sangue”¹⁹⁷⁶. Parece-nos que está, pois, a referir-se, profeticamente, à futura impressão da sua *vida*, que levaria o nome de Frei Martinho de São José como autor. Apesar de não ter acontecido deste modo, o prelado, optando por nada acrescentar, e pouco adaptar, nos textos de Soror Isabel, abster-se-ia dessa autoria. Viria, tão-somente, a ser responsável pela organização do volume, publicando aí também o seu “Prologo” (este, sim, com a sua autoria assumida), com notas biográficas de Soror Isabel, elaboradas a partir do que dela se lembrava e outras obtidas em várias fontes, como o assento de óbito da autora e uma relação escrita pelas religiosas do convento, que já referimos. Frei Martinho esteve no convento pouco tempo depois da morte da autora, em visitação.

A passagem a limpo, que Soror Isabel fez levou já umas “proprias divisões sinaladas com §§.”¹⁹⁷⁷, como se refere na *Vida da Serva de Deos...*, pelo seu próprio punho, certamente feitas por indicação directa de Frei Martinho, que a terá acompanhado pessoalmente, pelo menos no início deste trabalho, que ela levou a cabo com destreza, apesar da sua idade avançada e de o fazer sempre entre as suas obrigações da vida religiosa. Frei Martinho terá começado por seleccionar com a autora as cartas a incluir no volume – Soror Isabel teria cópia de todas as que enviara a diferentes pessoas –, ordenando-lhe que omitisse as datas das “Cartas a um Religioso”, porque, como atrás supomos, as datas ou outro indício que pudesse levar à identificação do destinatário eram inconvenientes. Não seria do seu interesse que se soubesse de certas matérias da sua vida espiritual, em especial quando à sua conversão, depois de ter pecado repetidamente contra a castidade. Mas interessava-lhe que o seu caso particular, ainda que anónimo, servisse de exemplo da acção de Soror Isabel junto das almas que orientava e também de estímulo para quantos a lessem no progresso da vida espiritual.

Frei Martinho de São José terá também juntado a “Vida”, que Soror Isabel teria já escrito, ou ensaiado, por ordem dos três directores; e a “Carta à Abadessa e

¹⁹⁷⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 71, § 84.

¹⁹⁷⁷ Cf. F. J. B. C., “Advertencia”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*

Religiosas”, ainda que esta, na intenção da autora, não se destinasse a uma futura impressão, por estar destinada exclusivamente à abadessa e religiosas, a não ser que o seu confessor indicasse o contrário. O mesmo pedia quanto a uma parte da “Vida” Foi, no entanto, levada a obedecer a Frei Martinho, ou aos seus três directores espirituais, e a passar tudo a limpo no manuscrito que conhecemos, sem omitir ou eliminar a “Carta à Abadessa e Religiosas”, prescindindo somente da identificação e/ou das datas das “Cartas a um Religioso”, pelas razões que atrás mencionámos.

Recordemos que manuscrito de Soror Isabel – *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* – apresenta esta sequência de textos, que anteriormente já referimos: “Vida”, “Carta à Abadessa e Religiosas”, “Súplica ao Ministro Provincial”, “Tratado Místico”, “Cartas a um Religioso” e “Cartas a uma Religiosa”. Mas a ordem de redacção dos textos, segundo supomos, não terá sido esta. Na “Súplica ao Ministro Provincial”, Soror Isabel vem oferecer, pois, ao prelado “estes papeis que sam os bens que adequeri e os deixo por legado A Religiam Saraphica de Nosso Padre Sam francisco”¹⁹⁷⁸. Se o seu livro não merecer o crédito do prelado, “me quero acomodar que se ha obra sem premio esta minha pode ser porque foy feita sem spirito por me faltarem uertudes”¹⁹⁷⁹. A obra foi feita com “a humildade por pre\n/sipio”¹⁹⁸⁰ e pede a autora que o prelado e os “outros Senhores Doutores místicos”¹⁹⁸¹ a vejam e revejam, e, se nela encontrarem algo que se devia da doutrina da Igreja, mesmo que uma “minima coyza”¹⁹⁸², ela a retirará, porque não quer contradizer a Igreja: “quero ser guiada como fiel catolica e sendo a piadade de Vossa Reuerendissima tanta que emmende meus erros sendo justo que a obra saya a lus sera para louVores de Deus”¹⁹⁸³. Refere-se, certamente, ao definitório da Província, que examinaria o manuscrito por ordem do prelado, sendo depois nomeado um religioso competente para, a partir dos seus conteúdos, redigir a sua *vida*. Um definidores seria Frei Martinho de São José e Soror Isabel do Menino Jezus, como supomos, estaria convencida

¹⁹⁷⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jezus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 72, § 86.

¹⁹⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 72, § 86.

¹⁹⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 86.

¹⁹⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 86.

¹⁹⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 86.

¹⁹⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 86.

de que seria ele mesmo a assumir tal autoria. Tendo sofrido de várias demoras, a impressão dar-se-ia já depois da sua morte, apenas quando Frei Martinho tinha já sido eleito para o ofício de ministro provincial. Soror Isabel termina a “Súplica ao Ministro Provincial” com um “E por obrigasam de subdita aqui ponho o meu nome// Soror Jzabel do Minino Jesus”¹⁹⁸⁴.

No “Tratado Místico”, no entanto, não se revela tanto como mística – fala da sua pessoa umas duas vezes, e brevemente –, mas como mestra do espírito, que disserta sobre a vida ascética e mística a partir de uma estrutura ortodoxa, a das três vias do espírito. A sua experiência, que está subentendida por todo o texto, e é declarada já no final, dá lugar ao ensino da mística ao próprio director espiritual, destinatário do texto. Com efeito, tal como nas “Cartas a uma Religiosa” e nas “Cartas a um Religioso”, ao longo do “Tratado Místico”, a autora não se posiciona tanto como alma dirigida que explica os progressos da sua própria vida, mas mais como mestra que explica a vida ascética e mística no geral a um dos seus directores espirituais, ou já aos três directores, apesar de a ordem ter partido da ideia de apenas um deles. Parte, evidentemente, da sua experiência subjectiva, mas não se refere a acontecimentos desta, como faz nas “Cartas a um Religioso”, na “Carta à Abadessa e Religiosas” e na “Vida”, dissertando de forma genérica sobre o percurso pelas três vias do espírito. Revela no “Tratado Místico” a sua maturidade espiritual, a mesma que, sendo já velha quando escreve, expressa plenamente naquelas cartas.

O “Tratado Místico”, depois de passado a limpo, tal como está no manuscrito autógrafa, é um texto breve, susceptível de ser lido por leitores pouco eruditos e apreciados também por sacerdotes, seculares ou regulares, a quem a parte final é especialmente dedicada. É escrito num estilo simples e claro. Estas características terão convencido os três religiosos a sugerir a impressão de um pequeno livro, conforme o pedido da abadessa do convento. Vejamos alguns dos seus conteúdos.

Acerca da via purgativa, diz Soror Isabel que é o primeiro caminho que a alma toma para buscar a Deus, como um criminoso que vai buscar couto por se saber culpado. A alma acusa a sua própria consciência e “rrezolue mudar de uida”¹⁹⁸⁵. Isto é, porém, obra de Deus que da alma, que começou apenas por chorar “Moytas

¹⁹⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 73, § 86.

¹⁹⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

lágrimas”¹⁹⁸⁶ e terá que realizar algumas obras virtuosas, pelas quais dê a conhecer que o seu pesar por ter pecado e por, assim, ter ofendido a Deus. Se alma tiver esta contrição – o que vai além das suas lágrimas iniciais – então “se pode julgar que esta alma presepia a Via purgatiua este he O primeiro sinal por onde sera conhesida para tomar caminho a uertude”¹⁹⁸⁷. A autora acrescenta que “este homen esta moyto as escuras e se nam lhe abrirem os olhos nam sabe dar paso porque as treuas em que estaua pela culpa nam Meresiam ter lus”¹⁹⁸⁸, porque em tudo fazia a sua vontade, fazendo mal a si mesmo. Agora deve emendar o que perdeu, “que isto mesmo he mudar de uida”¹⁹⁸⁹. Para tal, deve fazer penitência, fechando as portas dos cinco sentidos, porque pelas suas janelas abertas “entraram os jnimigos a Roubar a grasa que Alma tinha rregenerada no Santo bautismo”¹⁹⁹⁰. As primeiras flores que há-de colher no jardim da penitência serão, pois, ter as “mãos trosidas”, o “gosto dezabrido pela abstinensia”, o “cheiro comsomido”, os “ouuidos surdos” e os “olhos fechados de lágrimas”¹⁹⁹¹, mas tudo há-de fazer com discricção, porque Deus Nosso Senhor não veio ao mundo para destruir a natureza humana, mas para aperfeiçoá-la.

Os cinco sentidos são “como meynos para os fins que Pertende a uertude”¹⁹⁹², como castiçais para neles se acenderem círios; como grãos de trigo que se deitam à terra para produzir espigas; e, assim como no cortiço a abelha cria mel no seu favo e na cera se acende o fogo, “sam estas disposisois nesesarias porque As Vertudes desta Via purgatiua sam fugitiuas pouco firmes”¹⁹⁹³. Compara-as ao vinho aguado que se bebe por necessidade, antes que se transforme em vinagre. Nestas virtudes, porém, vai-se fazendo o alicerce “para Asentar nelas o amor de Deus”¹⁹⁹⁴. A alma, que está em busca por um meio ordinário – não sendo, porém, pouco andar em buscar do que não se tem –, deve ir aproveitando a vontade de Deus, que está a levá-la adiante nesta via purgativa, e

¹⁹⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

¹⁹⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

¹⁹⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

¹⁹⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

¹⁹⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

¹⁹⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

¹⁹⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

¹⁹⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

¹⁹⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 74, § 88.

“hade ser leuada a pasos porque nam pode dar uoos”¹⁹⁹⁵. A alma, nesta via, não pode dar passos largos, e menos ainda correr, que vá caminhando o que puder, que não saia do caminho, porque esta via “tem moy poucas forsas sperituais”¹⁹⁹⁶, estando este homem “moyto cheio de natureza”¹⁹⁹⁷. Deve concentrar-se no que ainda está por andar, porque, se no início, olhou para o fim, esse fim há-de sempre o princípio. Assim, deve ter o mérito daqueles que principiam e não desistem, que nisto consiste a virtude. Adverte, porém, que não se deixe a penitência, porque “com aspreza se doma o natural e se uai criAndo Spirito com se uenser o homen a si mesmo”¹⁹⁹⁸. A alma sente muito a mudança de vida e será difícil sujeitar-se à razão, o que poderá fazer-se com esperança de que o caminho penitencial é segura viagem para o Céu. Os maus hábitos e piores inclinações de que este homem estava revestido devem ser os primeiros inimigos a expulsar para que nele se produzam virtudes. Se se acerta no caminho, a salvação avança, o que acontece pelo sacramento da Penitência, ficando a alma lavada de pecados. Mas compara-a ao peixe que sai do rio, “lauado e linpo sahio dagoa mas uem cuberto de escama”¹⁹⁹⁹, mas muito está por fazer. Compara-a ainda como uma serra brava, que necessita de ser bem cultivada, o que só pode acontecer depois de a arrotear, isto é, de se lhe cortar bem a rama e de se lhe arrancar as raízes. Ver-se-á o seu aproveitamento na via purgativa pelo “descustume de que ate gora huzaua moyto”²⁰⁰⁰, isto é, pelo abandono de antigos hábitos pecaminosos, ou pelo vício.

Soror Isabel alerta “o Reverendo Padre Diretor”²⁰⁰¹ que hão-de ser muitas as tentações desse homem, que aqueles que mostram bom aproveitamento desta via purgativa sofrem as maiores tentações, tendo contra si os três inimigos da alma: mundo, Diabo e carne. Com as forças espirituais limitadas, a alma necessita da frequência dos sacramentos – Penitência e Santíssima Eucaristia, entenda-se –, de muita oração, “toda a que puder”²⁰⁰²; e de um exame de consciência diário, para ir alcançando o temor de Deus, porque agora começou a observar a sua lei.

¹⁹⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 76, § 88.

¹⁹⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 76, § 88.

¹⁹⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 76, § 88.

¹⁹⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 76, § 88.

¹⁹⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 77, § 89.

²⁰⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 77, § 89.

²⁰⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 77, § 89.

²⁰⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 77, § 89.

Se, enquanto durar a via purgativa, cair em pecado mortal, que não afrouxe a penitência, mas que se humilhe e reconheça que o pior que tem em si é a falta de conhecimento próprio. Que recorra ao Senhor pela oração, pedindo misericórdia, e que a sua emenda demonstre que não o quer ofender mais; e que fuja de perigos, ou de circunstâncias em que facilmente pecaria. Saiba a alma que começou a servir a Deus e se tomar outro caminho põe em risco a sua salvação porque só quem deixa de ser servo de Deus não pode remediar as suas culpas. Buscando a Deus, ele irá livrando a alma das suas próprias ofensas. A cruz da via purgativa é leve e torna-se pesada a quem não estava acostumado a peso algum, ou seja, a não se mortificar. É leve, não levando peso nenhum, porque “Nam leua moyto pezo que padese pouco quem pouco ama”²⁰⁰³.

A maior tentação da via purgativa, que se opõe à virtude, é a falta à castidade, contra a qual o homem não pode deixar de sentir tentações enquanto as potências da alma não “stiuerem moyto trabalhadas com atos comtrarios”²⁰⁰⁴, expulsando de si “a maquina de pensamentos e maginasois”²⁰⁰⁵. Mais custa ao homem passar um dia inteiro sem comer que deixar esses pensamentos e imaginações, uma miséria que se deve à culpa de Adão no Paraíso, cuja má inclinação foi herdada por cada homem e está com ele por toda a vida. Quando muda para uma vida de virtude, a alma fica como que vestida de luto, como se lhe tivesse morrido um amigo, não podendo deixar de sentir a sua falta, o que continuará até que se vista de gala. Esta “gala de que este homem Sse hade uestir he o amor de Deus e so este tira a magoa do coraSSam”²⁰⁰⁶. Para alcançar o amor de Deus, o pecador deve pedir-lhe perdão contritamente, “lauando com lagrimas as moytas mascarras que tinham deixado nalma seus pecados pela inclinam que tinha ao apetite”²⁰⁰⁷. Necessita também de castigar-se interiormente, negando a vontade própria: nada lhe fez tanto mal como a sua vontade, pois todas as obras e passos que deu nasceram-lhe do coração. Castigue, pois, o coração, que foi causa

²⁰⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 77, § 89.

²⁰⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 78, § 89.

²⁰⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 78, § 89.

²⁰⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 78, § 89.

²⁰⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 78, § 89.

do seu mal, tire dele os actos da vontade, com todos os seus affectos, “que Nam ha coyza que mais castigue hum corasam que negarlhes A Vontade”²⁰⁰⁸.

Desta maneira, a alma irá expulsando de si o apetite contrário à castidade. A autora compara o homem a uma árvore seca que iberna, ganhado forças para a seu tempo dar flores e frutos. Também ele está seco depois da penitência, tendo então forças para dar as flores e os frutos da castidade. Esta virtude é como a amora, quando está madura tem sumo encarnado, sendo preta por fora. Assim é a castidade, preta pela penitência, mas por dentro cheia de sangue que saiu do coração, “pelas batalhas que o homen peleia para alcansar Vitorias derramando sangue”²⁰⁰⁹. Assim é a perfeição da castidade, e o homem acha-se então com espírito de “deixar A capa nas mãos dadultera fugindo da ocaziam”²⁰¹⁰. Este homem, porém, nunca deve dar-se por seguro. É miserável nesta virtude e recairá no pecado, como um doente recai na enfermidade. Para ter saúde espiritual, há-de tomar certos “remedios penozos que em materia de castidade nam ade auer agrodose tudo ade ser dezabrido”²⁰¹¹. Deve passar a sua língua por uma lima, falando apenas o puramente necessário. Qualquer palavra, em matéria de castidade, “fas huma chaga no peito”²⁰¹². O homem é tão inconstante por natureza que reverdece, ainda que esta esteja já seca; bate-lhe então às portas da alma e o apetite ressurge, “como se fora mantimento de que o homen Sse sustenta”²⁰¹³.

Nestes apertos se vê a pobre alma, sem saber se vence ou se é vencida, porque o homem é como a relva verde na Primavera, cria flores e é aprazível, e, no Verão, é pasto seco. Necessita, pois, de ter os cinco sentidos preparados para a penitência, como atrás já refere e torna a repetir, ainda; que o caminho espiritual está sempre a principiar, porque a penitência que o homem faz, como é feita por mão própria, castigando-se a si mesmo, nunca será assim tão áspera, porque implica muito amor próprio.

Afirma que o vício é tão activo como uma planta que ficou enterrada, pode ganhar raízes e produzir frutos, pelo que deve cultivar a terra “com uertudes

²⁰⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 78, § 89.

²⁰⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 79, § 89.

²⁰¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 79, § 89.

²⁰¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 79, § 90.

²⁰¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 79, § 90.

²⁰¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 79, § 90.

comtrarias”²⁰¹⁴, tendo atenção aos cinco sentidos, porque o da visão, é tão perspicaz que tem entrada rápida no coração, e é o primeiro sentido e o que mais esquadrinha o coração por uma simples vista de olhos. Quanto ao segundo sentido, o da audição, há que fugir de ouvir lisonjas, desprezando-as de imediato, porque “sam Emsayos Para se conheserem afetos”²⁰¹⁵; e ao terceiro, o do olfacto, deve-se “mendingar de cheiros”²⁰¹⁶, porque fomentam o vício e abrem a porta à sensualidade. No que toca ao quarto sentido, o do gosto, este “este toma para si moyta parte e por yso ade ser desaboreado”²⁰¹⁷, abstendo-se do que apeteecer à vontade; e, quanto ao quinto sentido, o “que he palpar este sentido he tam malisiozo que sendo o ultimo ade ser o primeiro para a guarda da castidade fugindo de todo o tato que posa leuar malisia”²⁰¹⁸. A natureza implica sempre a maldade, “sempre toma o que he seu”²⁰¹⁹: neste caso, o remédio é ter cautela. Ou seja, o homem que tem o cuidado de guardar a castidade deve saber que todos os affectos terrenos procedem de não ter os cinco sentidos mortificados. Deve ir trabalhando nesta virtude, “que ate morte ade auer batalhas”²⁰²⁰. E há-de acostumar-se a amar a Deus, porque ser conhecido nas palavras e nas obras, dando exemplo para a edificação das almas; e se não for casto em perfeição, já não merece ser conhecido como servo de Deus. Tendo, pois, esta virtude, já a terra do seu coração fica serenada e pronta para se colocarem nela “as plantas das mais Vertudes”²⁰²¹, para que vão crescendo e aumentando, dando copiosos frutos.

Uma nova virtude se porá nessa terra do coração – a da humildade. Há-de ser muito profunda, porque se não fica enraizada em profundidade, “nam podem as outras uertudes tomar Raizes”²⁰²². Depois desta virtude virá a da obediência, que deverá ser “rrendida a quem gouernar seu spirito”²⁰²³, isto é, ao confessor e/ou director espiritual, resignando-se assim à vontade de Deus. Outra virtude a entrar

²⁰¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 81, § 90.

será a da paciência, a qual tem “tem duas circunstantias”²⁰²⁴: é estreita e é, simultaneamente, larga. Estreita porque não cabe nela o amor de Deus; e larga porque a alma será cheia de amor divino se, so sossego desta virtude, repousarem as paixões que na via purgativa o homem tem “moy soltas e uiuendo a pasiensia logo morrem as paxois”²⁰²⁵. Aqui, o silêncio é necessário, para “seruir de freyo porque as ferozidades da natureza dam testemunho da guerra das paxois”²⁰²⁶, e sendo estas moderadas, o espírito dá bons passos. Sem abstinência não se pode fazer o caminho da penitência. Se o apetite não se curar com o jejum, desordena-se então a virtude da castidade. O homem nesta via purgativa “tem tam pouco spirito”²⁰²⁷; e é semelhante a um passarinho na gaiola, que canta e se alegra, mas está sempre a ver quando se abre a porta para fugir.

Soror Isabel faz uma advertência “para ser conhesida a comssiensia”²⁰²⁸. O director espiritual, em cujas mãos a alma começa esta via, deve ter muito cuidado para conhecer o peso da consciência, na qual os remorsos são muitos. O coração tem, pois, necessidade de ser esquadrinhado no seu interior, porque nele terão ficado encerradas as inclinações para o pecado, e não pode descansar a consciência. O homem pende para a culpa “como o amor Para obieto”²⁰²⁹. Essa alma terá muita necessidade de purgar-se e para tal ser seguro, devem ser desenterradas todas as más inclinações: “fechese esta porta e logo descansara a comsiensia”²⁰³⁰. O seu maior inimigo é a inclinação para o apetite desordenado, como atrás fica dito. A alma deve ter amor pela virtude da castidade, pelo que “nam obstante o moyto que fica escrito me pareseo assertado dizer As Eysilensias que Sse seguem desta uertude oussam com pasiensia que como me falta siensia talues ua fora do prepozito”²⁰³¹.

Os “Preuilegios da uertude da castidade”²⁰³² são muitos, tantos que, se os mencionasse a todos, seria necessário um grande volume. Esta virtude, segundo

²⁰²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 90.

²⁰²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 81, § 90.

²⁰²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 81, § 90.

²⁰²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 81, § 91.

²⁰³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 81, § 91.

²⁰³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 81, § 91.

²⁰³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

escreve, deve ser venerada pela sua fortaleza, pois “he forte como Rayo porque mata o apetite”²⁰³³, e é arma poderosa porque mata o vício; é rosa, “pela fragrancia que de si lansa”²⁰³⁴, e açucena branca, e perpétua, “na durassam”²⁰³⁵. É também órgão entre as virtudes, dando toque às outras²⁰³⁶. O seu nome é tão elevado que “se nam ouuera Sol na terra se podia chamar Sol ficando com nome proprio mas por nam tirar ao Sol seus ResplanDores”²⁰³⁷. E prossegue: bem se pode à castidade chamar “siensia de uertudes”²⁰³⁸, porque quem aprendeu a guardá-la foi à “scola de Ssiensia”²⁰³⁹, por ser “Arte A mais dificultosa de aprender entre todas As Vertudes”²⁰⁴⁰. O seu engenho é subtil, que “descobre o que esta escondido pelo ReAlse de sua uertude”²⁰⁴¹. Os seus privilégios não podem ser dados a conhecer por quem não a guardou, “e como Em huma clauzura he esta uertude bem guardada se ouuer nela huma Virgem que nam mande pensamentos nem palauras para fora Esta pode dar a conheser As eyselencias desta uertude”²⁰⁴².

Refere-se a si própria. Soror Isabel é a virgem que, na clausura do convento, “pode mereser tanto nesta uida para com Deus que logre o PriVilegio de Ssaber o que podia jgnorar por falta de experiensia”²⁰⁴³. A essa virgem dera Deus o dom de saber “o que se uza no homen”²⁰⁴⁴, pois, sendo virgem, “Por natureza jgnoraua o que nam sabia”²⁰⁴⁵. Mas com “o Dom da castidade teue Priuilegio de rezistar os yntiriores dos homens uendo Neles as nesesidades que auia para serem emmendadas as faltas que tinha a castidade aonde auia tanto que emmendar que teMia por em publico”²⁰⁴⁶. Fora, porém, obrigada pelos “cordeis

²⁰³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

da obediencia”²⁰⁴⁷. Aumentava o peso da cruz “em huma alma quando nela se poem hum pezo que numca tomou”²⁰⁴⁸. Este peso correspondia ao risco de que “compro Ssem preso huma Ssemsura dos homens que nam forem Sseruos de Deus”²⁰⁴⁹, por estar a dissertar sobre a este assunto; “e me exponho a perder a rreputaSSam pois nam tendo siensia e moyto menos Expiriensia ou he forsa De obediencia ou dezatino do juizo em quem fala com tanta largueza na materia de castidade”²⁰⁵⁰. Considera que desatino do juízo não foi, mas sim obediência, porque “a obediencia nam tem olhos para uer o que se lhes manda fazer”²⁰⁵¹. E, assim, a virgem “ssendo Vizitada do amor deuino”²⁰⁵², como este era tão subtil, pôde entrar nos corações e registrar o que havia neles, “porque esta Virgem que tem em seu corassam o amor deuino logra PreVilegio de conheser os yntiriores dos homens e assim temam moyto os que ssensurarem nam seiam conhesidos seus Erros”²⁰⁵³. Este fenómeno místico, o dom da penetração das consciências, recordemos, foi, de facto, apontado por Frei Martinho de São José, dizendo que Soror Isabel tinha “a mercê de conhecer os interiores”²⁰⁵⁴. Na “Vida”, a própria autora afirma, de facto, que o Senhor lhe revelara inúmeras realidades ocultas²⁰⁵⁵.

No “Tratado Místico”, esclarece que não se refere agora a homens que “por Rezam de seu estado nam tem obrigasam de guardar castidade”²⁰⁵⁶ – refere-se a seculares –, mas “falo somente com seruos de Deus que profesam guardar castidade”²⁰⁵⁷, isto é, com religiosos que fizeram voto de castidade. Usando o léxico jurídico, a autora diz que, como a castidade anda sempre em demanda com o vício contrário, “quero agora emtrar a demandar oVissio e sugeitar a natureza a

²⁰⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁰⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 92.

²⁰⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 92.

²⁰⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 92.

²⁰⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 92.

²⁰⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 92.

²⁰⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 92.

²⁰⁵⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...* (ms.), *op. cit.*, p. [7], § VII.

²⁰⁵⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 32, § 31.

²⁰⁵⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 83, § 93.

²⁰⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

passar sem amor humano pois este Pleito tem o homem entre alma e corpo²⁰⁵⁸; e como o corpo e a alma são vizinhos um do outro, e a demanda dura toda a vida, “he huma continua guerra”²⁰⁵⁹. No seu “pouco entender”²⁰⁶⁰, o que mais faz guerra a um homem espiritual é o vício contra a castidade, porque “toma este jnimigo tanta comfiansa que se asenta no Corassam do homem”²⁰⁶¹ e torna-se tão habitual, e com tanta força, que se faz superior ao próprio homem. Deste modo, “ninguem o pode deitar fora”²⁰⁶², a não ser o amor de Deus. Faça o homem por ter o amor de Deus, que este “numca sse dezordena”²⁰⁶³; e fazendo da sua parte o que está obrigado a fazer, vencerá “por armas este jnimigo”²⁰⁶⁴. Deve fugir de tropeços e de vistas perniciosas, “que sam como Argueiros que se metem nos olhos”²⁰⁶⁵; abster-se de frequentar certos ambientes, que o ar que respiram certas criaturas é como um contágio que apressa a morte. Enquanto viver, o homem tem, neste particular, “spiritos Vitais”²⁰⁶⁶ – isto é, ânimo, ou ímpeto de algo –, porque morrem alguns dos *spiritos* pela penitência, mas ressucitam outros. Ora, os homens entre as mulheres “sam como espadas nuas”²⁰⁶⁷. Manejando as armas, não-de ferir-se.

Voltando aos privilégios da castidade, de cujo tema se desviara, a autora escreve: “Ousam os Senhores o mais que se segue”²⁰⁶⁸. E usa a imagem da pederneira, pedra que recorda a natureza do homem, porque “açende fogo tanto que a hela chega huma massa que se xama ysca e dando hum golpe lansa fogo”²⁰⁶⁹. É o que pode acontecer a um homem, ainda que virtuoso: pode dar um golpe no pensamento ou na palavra e com facilidade entra na vontade e no consentimento. Para que assim não suceda, há que fugir “de toda a materia de isca

²⁰⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83, § 93.

²⁰⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 93.

²⁰⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

²⁰⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

para que a pedra nam tenha onde pegar²⁰⁷⁰. Não deve fiar-se de coisa alguma sua, ainda que se considere já muito mortificado e cheio de penas. E aqui usa outra comparação, a do peru: “ha huma casta de aues que se xama Perun este sabem Os que criam estas Aues que sam moy carregados de penas²⁰⁷¹. Mas tendo tantas penas, o peru não consegue voar, o que, à primeira vista, parece paradoxal. Explica-o Soror Isabel: o peru tem muita carne, logo tem muito peso, por isso, não consegue levantar voo. Assim é o homem virtuoso, que, mesmo com muitas penas, tem “moyta carne E sangue²⁰⁷², e não pode guardar bem a castidade deste modo. Para se evitar toda a desordem que possa haver nesta virtude, há-de o homem virtuoso proferir todas as palavras honestas e resistir com força aos pensamentos, e “obras nenhuma²⁰⁷³, porque a castidade sem obras é perfeita.

Poder-se-á dizer que um homem não pode resistir a pensamentos e a palavras, escreve, e que “quando moyto rrezista a obras²⁰⁷⁴. E explica que a causa pela qual não resiste é não fazer uso da negação da vontade, havendo homens que seguem o caminho da virtude e adquirem muitas virtudes, mas não podem alcançar a virtude da castidade em grau perfeito, ficando com o espírito sempre pusilânime e com pouco aproveitamento, porque as outras virtudes são como as vozes, umas soam mais que outras: as que soam menos são mais sonoras. Pois assim são as “uertudes jntiriores que nasem da negasam Da uontade²⁰⁷⁵; estas têm forças superiores e são muito do agrado de Deus. Vá o homem trabalhando nesta virtude da castidade, que chegará o tempo em que a tenha perfeita, “como Sol sem sonbra que he huma alma fechada em Deus²⁰⁷⁶.

Mas, como esta virtude tem tantas oposições, não se pode alcançar sem muitas penas. Deus, porém, “quer mais hum homen picado de penas que hum luzeiro no Ceo²⁰⁷⁷. O homem sobe ao Céu pelas suas penas e quando tiver algumas faltas nesta virtude, como espinhas no peixe, não sairá da graça de Deus se fizer da sua parte o que puder, “que o pexe dentro dagoa inda que esta cheyo de

²⁰⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

²⁰⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

²⁰⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

²⁰⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

²⁰⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

²⁰⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 85, § 94.

²⁰⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 85, § 94.

²⁰⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 85, § 94.

Espinas ahí comserua a uida”²⁰⁷⁸. Que não se entristeça o homem, que o amor de Deus alcança o privilégio da alegria. Se os pensamentos o perseguirem, suponha que são como vertigens que sobem à cabeça, procedentes de achaques. Essas vertigens, num homem virtuoso, geralmente são colocadas pelo Demónio, a ver se pode com tais pensamentos diverti-lo, e até por palavras, e conseguir dele obras pecaminosas. O Demónio sabe muito bem que o homem é miserável nesta virtude. O homem, ainda que “durma uestido sempre esta Vestido de mizerias”²⁰⁷⁹. A castidade precisa de “montes De rrezistensias”²⁰⁸⁰, é como o dinheiro em cobre, que para fazer boa soma é preciso juntar montes de moedas, pelo pouco valor que tem. Tal é o homem nesta virtude. E, acerca deste tema, conclui: “os Senhores que tiuerem Experiensia poderão falar com mais asserto neste particular”²⁰⁸¹. Acrescenta ainda que, se o Demónio fomenta os pensamentos atrás referidos, também conhece o homem pela sua inclinação e que os seus olhos são entrada para o que pensa. Faça o homem, pois, por consumir a vista, mudando o objecto do seu olhar, que quem há-de guardar castidade não há-de ver o que quer, “e pelas batalhas que uenser contra Sseus jnimigos mandara Deitar flores sobre suas cabesas o Senhor”²⁰⁸². Soror Isabel diz que assim também há-de tirar ao homem os pensamentos contra a castidade.

²⁰⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 85, § 94.

²⁰⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 85, § 94.

²⁰⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 85, § 94.

²⁰⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 85, § 94.

²⁰⁸² Soror Isabel do Menino Jesus alude aqui a um fenómeno místico da vida de São Francisco que não constava da *Legenda Maior de São Francisco*, da autoria de São Boaventura, o único texto biográfico oficial que então circulava na Ordem (do qual derivavam todas as notas biográficas do Santo, presentes, sobretudo, em crónicas seráficas), mas de uma tradição oral, entretando já fixada. Dizia-se que, numa noite de 1223, o Santo sofrera a acção do Demónio, que lhe induzira violentas tentações carnavais. Para vencê-lo, saíra apressadamente da sua cela, despira o hábito e rebolara-se sobre uma sarça que havia num horto. Vencido o Demónio, vira uma grande claridade no horto e constatara que a sarça florira, com rosas encarnadas e brancas, algo sobrenatural, por ser Janeiro e cair geada. Cf. Francisco de Rojas, *Anales de la Orden de los Menores, donde se tratan las cosas mas memorables de personas insignes en santidade, y letras de las tres Ordenes qve insttvyo sv gran fvnador San Francisco. Divididos en dos tomos*, Valência, Casa de los Herederos de Juan Chrisostomo Garris, 1652, vol. I, Argumento 16.º, pp. 465-466. Em Assis, ainda hoje se cultiva a *Rosa Canina Assisiensis*, uma variedade de roseira sem espinhos, num roseiral junto da Basílica de São Francisco, cujas folhas e pétalas os devotos do Santo veneram como relíquias.

Seguem-se umas “Adeirtensias para ser conhesida a tentasam da uaydade”²⁰⁸³. Os melhores espíritos, segundo escreve, são os que mais tentações padecem na via purgativa, porque têm muitos fumos de vanglória, “que como se acendeo fogo em lenha uerde tudo sam fumus”²⁰⁸⁴. Essas almas podem voltar a pecar, se Deus não as segurar com a sua mão. Com o conhecimento próprio que vai alcançando nesta via, que vá também procurando humilhar-se, uma vez que a vaidade “sempre se acha onde nam ha uertudes”²⁰⁸⁵; e tome atenção que é muito inzoneira, isto é, mentirosa, para além “que quer tomar uoos para sima”²⁰⁸⁶, momentos em que se vê ainda mais rasteira, porque é de tal sorte a sua qualidade que quanto mais mingua mais cresce²⁰⁸⁷.

Se a vaidade fizer sombra ao homem, o homem já não terá “ssonbra de uertude”²⁰⁸⁸, pois, sendo vaidoso de si mesmo, começa a ser um dos piores homens que andam no caminho da virtude. Que se conheça bem a si mesmo, porque o que foi pode tornar a ser e veja “se pode spiritualmente abayxar a cabeça aos pes de todas as creaturas que Neste baxo asenta bem a uertude”²⁰⁸⁹. A virtude da humildade não cresce para cima, os seus ramos estão metidos na terra, “nam cria flores nem froytos que toda a forsa da humildade he criar Rayzes de conhesimento próprio”²⁰⁹⁰. Adverte que se lhe vierem “pensamentos sem culpa iso emtam nam se chama Vaidade porque Nam esta na sua mam ocorrerem pensamentos”²⁰⁹¹, mas pode resistir, e se duvida se resistiu ou não a certo pensamento, “he serto que la them Algumas rraizes de uaidade e para nam brotar tam ma erua”²⁰⁹².

Para fugir dos fumos da vaidade, deve também exercitar a obediência. Assim, deverá ter o espírito dobrado aos que lhe são superiores. Se nisso tiver algum descuido, saiba que se o amor que descansa é sinal de que não tem pressa e

²⁰⁸³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 86, § 95.

²⁰⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁰⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁰⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁰⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁰⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁰⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁰⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁰⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁰⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

caminhará muito pouco no caminho espiritual. É necessário ter esta virtude, “e se isto lhe der moyto que sentir tenha passiensia que por onde pasa o amor sempre deixa Penas”²⁰⁹³. A cruz de Cristo tem muito espírito para que o homem se vença a si mesmo; por isso os mártires coroavam-se “com teimas do amor de Deus”²⁰⁹⁴.

Passa-se, porém, por muitas ameaças por parte dos três inimigos da alma – mundo, Demónio e carne –, e, “como numca andou este caminho”²⁰⁹⁵, tudo lhe parecerá dificultoso. Se a alma não conhecer estas ameaças, temerá adiantar-se. Veja, pois, “o Reuerendo Padre diretor”²⁰⁹⁶ o que possa dar-lhe ânimo, esmerando-se “na rretidam da justisa comtra os jnimigos fazendose Via segura para a leuar ao Ceo”²⁰⁹⁷. A alma deve estar em campo dizendo: “estou para uenser e nam para ser uensida”²⁰⁹⁸; com esta resolução há-de acobardar os inimigos e este homem irá tendo cada vez mais virtudes, até dar mostras de que se capacitou “para Sser spiritual que trara de Orassam”²⁰⁹⁹.

Como a toda a obra se dá certo valor, Soror Isabel diz quanto vale a via purgativa: “bem se lhes pode por preso pelo metal de que he feito que he hum pequeno de terra que isto mesmo he o homen e sendo terra them moita semelhansa com o cobre metal grosseiro que se nam Pode desbastar sem ficar paresendo o que hera”²¹⁰⁰. Assim são as virtudes desta via, uma vez que “o homen esta tam metido em si”²¹⁰¹ e é desta mesma matéria da terra e do cobre. Mas não se despreze esta via, porque Deus, que fez este homem, pode fazer com que renasça e seja tão virtuoso “que chegue a fazer parelhas com metais finos pois se a natureza dos metais toda se emgendra na terra”²¹⁰². Os metais mais finos quebram mais depressa. Pois fique acreditada a via purgativa, ainda que seja toda de metal grosseiro.

A autora passa a dissertar sobre o peso da cruz que suporta quem entra nesta via: “asim como nam ha corassam sem amor asim também Nam ha amor

²⁰⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁰⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁰⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁰⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁰⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁰⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁰⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

sem crus”²¹⁰³. Pesa só uma arroba, que é o que pode levar um principiante. Uma arroba de peso numa cruz que é cobre é já difícil, porque o caminho “Nam he de todo direito nem moyto trosido he emVeazado”²¹⁰⁴. A cruz pesada será humilhação e assim “os pes fazem assento”²¹⁰⁵, dando passos mais seguros. Assentar a virtude no conhecimento próprio é caminho seguro, porque aí se vê o homem a si mesmo e vê também a misericórdia que Deus tem para com a sua alma. Vá “trosendo a uontade e logo fara obras direitas”²¹⁰⁶, que é tempo de governar o entendimento, pois, enquanto se governou pela vontade, não teve entendimento. Veja se pode “fabricar em seu corassam huma Vontade Racional que seya so para amar a Deus”²¹⁰⁷; e nisso apure a paciência, que esta é a vida do espírito. Com tal exercício, deixa-se o homem a si mesmo e vai “anoutesendo o que hera terra para entrar por dentro dalma spirito supirior a natureza”²¹⁰⁸. É preciso caminhar por esta aspereza, “ssuposto que as rraizes humanas sempre uiuem”²¹⁰⁹. Mas o amor de Deus é mais forte que tudo, pode vencer, se o homen se vence a si mesmo. Se a matéria do amor são frutos, “os froytos do amor De Deus sam uertudes”²¹¹⁰. Conclui a sua exposição sobre a via purgativa dizendo que o homem que estiver nesta via, tendo as virtudes atrás apontadas – castidade, paciência, humildade, obediência e não ter vaidade –, passará facilmente à via iluminativa e, com a graça de Deus, poderá subir à unitiva.

Segue-se a via iluminativa. Esta “tem mais ualor Porque he feita de prata inda que o pezo da crus he o mesmo pois nam Peza mais de huma arroba como a uia purgatiua mas como a prata ual mais que o cobre”²¹¹¹. A alma que entra nela está também mais enriquecida com virtudes, mais alumiada por Deus para dominar a vontade e sujeitá-la à razão, bens que lhe ficaram por ter passado a via purgativa. Prossegue agora, tacteando os passos que dá, para não cair em culpas graves, porque vai tendo maior temor a Deus. Melhor se conhecerá esta via

²¹⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 88, § 96.

²¹⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²¹¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 89, § 97.

iluminativa olhando para a alma, que se adianta em virtudes. Estas já vão luzindo, como areias finas. Mas tome cuidado o director espiritual, porque “tambem a pedra de gesso lus por ter moytos spelinhos”²¹¹²; nem de uma, nem de outra se pode fazer alicerce. No caso do gesso, se esta pedra se chega ao fogo, logo se desfaz em pó. Nem pedra desta qualidade, nem areia servem para o edifício espiritual, porque não têm condições. O brilho que têm não serve mais que de prognóstico “do que ha de naçer na terra dalma quando Estiuer linpa para brotar flores e froytos”²¹¹³.

O homem necessita de pôr mão à obra, porque a natureza humana “he tam cheia de mizerias”²¹¹⁴, que necessita que Deus a vele, enquanto se põe a trabalhar na vinha da sua alma, “porque os abitos da natureza sam mais Para a terra do que para o Ceo”²¹¹⁵. Os hábitos da natureza são os piores inimigos que o homem tem e, por isso, o homem deve começar por ver como os há-de por em ordem, sopeando-os com o freio da razão, que se a razão não obra, não se cria espírito. Se pode trabalhar já na razão, “porque a rrama esta cortada”²¹¹⁶, porque se lhe deu já o primeiro corte na via purgativa, agora o trabalho, na via iluminativa, será o de arrancar raízes à força de braço “para se alinpar a terra que como estaua tam mal cultiuada nam auia nela nem flores nem froytos”²¹¹⁷. Neste trabalho, é preciso ter muita paciência, “porque a terra do homen rreziste e antes toma por partido ficarse com os luzidos spelhos da pedra ficandose com o corasam duro como pedra”²¹¹⁸. Para que isso não suceda, o homem deve chegar a pedra do seu coração ao fogo do amor de Deus fazendo duas horas de oração, que nesta via bem se pode ter; e assim a dureza do coração ficará desfeita em pó.

Nesta segunda via do espírito, “conhese o homen o que he”²¹¹⁹, aqui se humilha mais pela luz que o Senhor lhe tem dado e a sua terra melhora quando se desfaz e dela saem as raízes com menos custo. Abra-se o coração, que estava como pedra, que dele sairão “os intrinsicos”²¹²⁰ que estão nos “foyos intiriores

²¹¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 89, § 97.

²¹¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 89, § 97.

²¹¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 89, § 97.

²¹¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 89, § 97.

²¹¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 89, § 97.

²¹¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 90, § 97.

²¹¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 90, § 97.

²¹¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 90, § 97.

²¹²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 90, § 97.

onde Sse fomentava a malisia”²¹²¹. Estavam esses intrínsecos como que adormecidos, mas onde há malícia há sempre culpa. Há aqui ainda muito que desembaraçar, “que o jntirior esta moy acupado com coyzas da terra”²¹²². O homem passará desta a outra obra, porque ainda tem pecados veniais. Que faça por ir adquirindo virtudes e extinguindo as faltas. Tendo a alma sempre na presença de Deus, terá perfeição. Deus quer mais a um virtuoso que a um exército de homens sem virtudes, porque um virtuoso pode alcançar de Deus virtudes para um exército de homens, e se este virtuoso não for perfeito, “tendo escorias da natureza” já lhe falta a perfeição²¹²³.

É a oração que traz as virtudes ao homem; é um dom particular do Espírito Santo. Acode assim a este “tezozyro que aqui se acham moytas Riquezas Spirituais que se medem as uertudes em alqueires ate chegar a huNiam onde se medem moyos”²¹²⁴. Estas riquezas, que agora se medem por alqueires, as que vão saindo da oração, vão enchendo “por Dentro dalma tudo o que estaua Vazio”²¹²⁵. A oração é como quem se olha ao espelho, cuidando do asseio do rosto e compondo o vestido, “pois asim nem mais nem menos de alma que trata de Orassam ue todos seus pecados grandes e pequenos palauras Pensamentos e obras”²¹²⁶, nascendo-lhe daqui um pesar por ter ofendido a Deus. Não pode haver dor pelos pecados se não se conhecem as culpas, “Pois agora as obras de uertude que o homen pode fazer serem Do agrado de Deus mas a mayor fineza que pode fazer por seu Amor”²¹²⁷. Na oração, prende-se tanto a alma a Deus que “ynda que se nam deixa uer que comsome as spesias da maginasam com toda a fermuzura humana”²¹²⁸. Duas horas de oração pouco será para quem ama a Deus. Como o homem lhe deve tanto, se não puder passar a maior tempo, reconheça-se sempre devedor, “que

²¹²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 90, § 97. Soror Isabel do Menino Jesus refere-se aqui a “foyos intiriores” para designar cavernas no interior da terra. Rafael Bluteau exemplifica, de facto, que se pode precipitar algo de uma alta serra a um “foyo carvenoso”. Cf. “Foyo”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. IV, p. 191.

²¹²² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 90, § 97.

²¹²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 97.

²¹²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 98.

²¹²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 98.

²¹²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 98.

²¹²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 98.

²¹²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 98.

amor que deue tanto paga com todo o que tem”²¹²⁹. Mas cuide que Deus quer mais a um seu servo na terra, que a um serafim no Céu, porque o servo na terra pode vir a ser merecedor de ser serafim, “porque ama e serue”²¹³⁰, ao passo que o serafim ama, mas não serve. Soror Isabel diz que o serafim apenas ama a Deus, mas não serve, certamente porque, de acordo com a tradição judaico-cristã, que bem conheceria, os serafins são anjos da mais alta hierarquia, estando muito próximos de Deus²¹³¹.

Na oração alcança-se o amor do serafim. As almas que têm o amor do serafim trocam a terra pelo Céu, “e trazem os corassois cheyos De luzes para alumear os que uiuem as scuras”²¹³². Estes espíritos vivem crucificados na cruz da negação de si mesmos e “sam olhos de Moyta jente porque negando a sua uontade estam os outros uendo que nam negam a sua”²¹³³. Dirão algumas almas que nem todos podem ser vítimas, nem ter esse amor do serafim, “que a duras penas podem

²¹²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 98.

²¹³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 98.

²¹³¹ Veja-se o que diz Henri-Marie Boudon: “Les Seraphins excellent dans le pur amour de Dieu seul, aussi leur nom ne veut dire qu’incendie & ardeur.” Cf. Henri-Marie Boudon, *La Devotion aux Neuf Choeurs des Saints Anges...*, *op. cit.*, Pratique III, pp. 294-296. Segundo o Padre Raphael Bluteau, *serafim* provém da raiz hebraica *seraph*, que equivale a *estar aceso*, ou a *estar inflamado*; os serafins não terão, assim, que prestar outro serviço a Deus que não seja estar na sua presença, adorando-o sem cessar, inflamados no seu amor eterno. Cf. “Serafim”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. VII, p. 600.

²¹³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 92, § 98.

²¹³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 92, § 98. Soror Isabel do Menino Jesus aludirá aqui às seis asas do serafim, duas que cobrem o rosto, duas que cobrem as pernas e os pés; e duas que cobrem os braços e as mãos, fazendo-o voar, segundo o *Livro de Isaías*. Cf. Is 6, 1-6. Talvez os relacione com os *quatro seres viventes*, descritos inicialmente no *Livro de Ezequiel*, semelhantes a homens, mas com quatro rostos e quatro asas cada um, as pernas como as de bezerro, como bronze polido, etc. Os rostos que cada um tem são um de homem, outro de boi, outro de águia e outro de leão. Cf. Ez 1, 13-14. Aqui, os *seres viventes* são querubins, e não serafins, porque se descrevem como tal noutra lugar. Cf. Ez 10, 15-20. Parecem ser os mesmos descritos no *Livro do Apocalipse*, onde também são quatro, mas cada um tem apenas com um rosto: um tem de homem, outro de águia, outro de boi e o outro de leão. Estes possuem seis asas, cheias de olhos por dentro e por fora. Cf. Ap 4, 6-8. Apesar de não se dizer aqui que são serafins, Soror Isabel parece aludir a aos olhos nas asas, quando escreve que “sam olhos de Moyta jente”, entendendo que os serafins também possuem esta característica. De facto, na sua época, esta era uma característica apontada aos serafins, segundo o Padre Henri-Marie Boudon: “Ils sont representez chez le Prophéte Ezéchiél sous une figure sensible, qui a des yeux de toutes parts; parce que ces Esprits sont tout de limière & de clarté”. Cf. Henri-Marie Boudon, *La Devotion aux Neuf Choeurs des Saints Anges...*, *op. cit.*, Pratique III, p. 297.

ter duas horas de Orasam²¹³⁴; e ainda que muitas vezes não sentem a presença de Deus. Soror Isabel responde-lhes que nessa secura de espírito se purga parte das culpas²¹³⁵. Que preserverem, pois, que suponham que são como um homem que espera por um certo amigo que lhes prometeu vir falar-lhe, mas que se demora. Põe-se o sol, anoitece e o amigo “nam o pode buscar por o caminho que alma quer hir e assim andam ambos sem se poderem Emcomtrar²¹³⁶. Isto é o que sucede à alma que busca a Deus “e como o homen por sua fraqueza sempre tem moytas faltas esas mesmas quer o Senhor castigar escomdendose” e fazendo-se desencontrado, até que se aviste com o seu amigo e lhe dê a sua divina presença. A alma que remedeie estas faltas, preserverando na oração mental. Todo o descuido que nisto tiver será detido pela misericórdia de Deus, que quer fazer esta alma participante das suas dádivas, “e se for mais Vzado o eyzerssisio seram mais Aumentadas as mezericordias²¹³⁷.

Não se considere tão forte que cuide que já pode passar com pouca oração, “pois se nam crescer ade minguar²¹³⁸. Se Deus lhe concedeu o dom da oração, não foi para deter-se em coisas terrenas, mas para fixar as do Céu. Que recorra a estas; e se a imaginação o distrair, é preciso derrubar este obstáculo, “que finezas de amor so o mesmo amor as uense²¹³⁹. A imaginação não é outra coisa que uma cadeia de fuzis, que se prendem uns aos outros: quem não quer “Obrar finezas por Deus fica prezo com esta cadeia²¹⁴⁰. O remédio, neste caso, é alcançar a

²¹³⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 92, § 98.

²¹³⁵ Na sua exemplificação do amor do serafim, Soror Isabel do Menino Jesus fundamenta-se claramente na escola mística franciscana. De facto, São Boaventura escreve que Deus, “por meio dos Serafins, purifica, ilumina e inflama”, uma alusão às três vias do espírito, unitiva (purificação), iluminativa (iluminação) e unitiva (perfeição). Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. XIII, § 8, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, p. 704.

²¹³⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 92, § 98.

²¹³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 92, § 98.

²¹³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 92, § 98.

²¹³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 92, § 98. Soror Isabel do Menino Jesus usa “fineza” num sentido que Rafael Bluteau aponta, entre outros: o de uma “Acçaõ, com que se demonstra o grande amor, que se tem a alguém”. Cf. “Fineza”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. IV, p. 125.

²¹⁴⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 93, § 98.

liberdade de espírito, que isso mesmo é amar a Deus “com finezas”²¹⁴¹. Para isso precisa o homem de fazer uma muralha de virtudes e “meterse dentro do sseu ynterior que ahi O spera Deus para lhes falar no Corassam”²¹⁴². Nesta via iluminativa já a alma tem um espírito de amor de Deus, e deste tem forças para adquirir virtudes. A maior que tem então é amar a Deus “com afetos”²¹⁴³. Estes irão aumentando.

Que trabalhe o homem por ter silêncio, que no sossego da alma se acha o amor de Deus, “e como digo o amor caminha moyto e andara Mais depresa pois os passos sam Voos que por iso tem moyto spirito quem ama a Deus”²¹⁴⁴. Não deixe também de meditar, é preciso meditar na Paixão de Cristo, que nas meditações o homem encontrará muito que discorrer para amar a Deus. Mas “ha hum amor que merese ser estimado E outro que merese mayor estimassam”²¹⁴⁵: o que merece ser estimado é o que medita porque tem causa e o que merece ser estimado é o que, sem muita causa, “bastou uer obieto e ficar logo prezo O Corassam”²¹⁴⁶. Procede de “amor fino”²¹⁴⁷. Dá o exemplo de Santa Maria Madalena, que teve “quilates de fino”²¹⁴⁸. Ao homem que medita pode acontecer ter uma hora de oração e fazer-lhe o Senhor o favor de ter um amor de quilates finos. Se colocar embargos à meditação “por Sse achar o Corasam prezo a prezensa de Deus”²¹⁴⁹, neste caso solte o discurso e deixe presa a vontade, “que para amar obraua o jntendimento”²¹⁵⁰. Poucas almas têm “amor fino”²¹⁵¹, tudo porque não querem arrancar as ditas raízes e, assim, delas estão sempre a brotar culpas, as quais afrouxam as virtudes. Estas não crescem se não são cultivadas, são “como a inconstansia damar”²¹⁵². Nunca estas almas ficam firmes, porque têm vontade de servir a Deus, mas repousam no serviço. Na via iluminativa, há uma

²¹⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

“jnmensidade de escrúpulos”²¹⁵³: hoje podem ao director espiritual licença para lhe falar, em “desafogo”²¹⁵⁴, e, em idas e vindas, tornam a padecer de mais escrúpulos. E assim nunca acabam a produção de bons “froytos de uertudes”²¹⁵⁵. Mostram que têm desejos de aproveitamento espiritual, mas acabam por ficar sem proveito. O logro das virtudes está no exercício das virtudes; “e as poses do amor nam se tomam sem esperanssas de padecer”²¹⁵⁶. O caminho espiritual é áspero quando o caminhante “busca direito as uertudes dezatadas sem darem mam humas as outras”²¹⁵⁷ e são “como areyas de que ya fis mensam”²¹⁵⁸. Essas areias, repete, não servem para alicerce.

A alma que se disponha, com conhecimento próprio, “para ssofrer abatimentos que este fas fundo Na humildade”²¹⁵⁹. Esmere-se nesta virtude, que sem este fundamento não pode haver “Prazeres de fortaleza no spirito”²¹⁶⁰. Este cresce quando se aumenta a penitência, sendo esta bem ordenada pela obediência – entenda-se ao director espiritual, que decidirá acerca da penitência a fazer pela alma –, que não tendo a alma olhos para ver o que se lhe manda, e se é o que quer, “A coroa na obediensia” conhecer-se-á pela humildade”²¹⁶¹. Esta humildade nasce de um coração submetido, que se julga por menos que todos. Os humildes de coração são os que vencem “as Vitorias Da milisia spiritual”²¹⁶². Quem se acredita com as armas da humildade terá um trono para se sentar à vista de Deus; os que, pelo contrário, foram soberbos têm o seu assento nas profundezas do Inferno. O homem, para merecer destacar-se entre os humildes, “recheie sua alma dolheiro desta Vertude”²¹⁶³, isto é, esteja de olhos atentos, vigilantes, de modo a que por dentro e por fora resplandeça em si a humildade, ganhando, assim, “por este fundo

²¹⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 93, § 98.

²¹⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98. Soror Isabel do Menino Jesus parece usar “dolheiro” no sentido de *olheiro*, segundo Rafael Bluteau, “Aquelle que tem por officio olhar, & observar se os obreyros, trabalhadores, ou outros artifices fazem sua obrigação. *Inspector*”. Cf. “Olheiro”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. VI, p. 59.

a mayor grandeza dos humildes para que fique castigada a soberba que o homen de si tem”²¹⁶⁴. De si nada tem o homem mais que pó, e “sendo po por natureza tendo a sua firmeza na terra”²¹⁶⁵, ousa querer passar da terra ao Céu sem se adiantar em virtudes. Escuse-se a tais pensamentos, que a ninguém foram concedidos favores sem os ter merecido. Quer o homem o amor de Deus, mas foge da sua presença: “acuda a este dezatino que o Amor dezatinado atina com obieto que ama e fica comresponDendo hum amor com outro e por iso anbos se acham a hum tenpo”²¹⁶⁶,

Prosseguindo sobre esta mesma matéria, a autora recorda que “toda a terra them obrigasam de produzir froytos ou seiam Bons ou maos”²¹⁶⁷. O homem tem a mesma obrigação, porque também ele é terra, tendo, porém, além desta, o ser uma criatura racional. Por ter o “Dom da rrazam este teue na primeira Via purgatiua o conhesimento que hora preSsizo buscar a Deus”²¹⁶⁸. Agora, tendo ultrapassado os impedimentos e embaraços da primeira via do espírito, não deve desistir do intento, pois na via iluminativa será mais fácil achar a Deus, uma vez que ele se deixa encontrar por quem o busca. Entre, pois, o homem por um caminho mais estreito e mais áspero, “que sam humas ueredas emcalhadas por serem no intirior dalma”²¹⁶⁹. Aqui, há-de começar a esvaziar as potências de tudo o que não for justo e nisto terá muito que trabalhar, porque cada potência *de per si* tem muito que fazer. A memória estava muito acostumada a alcançar fora o que não era conveniente. O entendimento “tinha menos por querer emtemder moyto”²¹⁷⁰. Por fim, a vontade “nenhum Vzo tinha no amor de Deus”²¹⁷¹.

Tudo isto há-de levar, agora uma “uolta”²¹⁷². Para se “dezocuparem estas Potensias ha mister moytos Atos comtrarios”²¹⁷³ será necessário ter muita paciência, porque os hábitos da natureza “sempre tomam para si a Mayor

²¹⁶⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Isabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 94, § 98.

²¹⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 94, § 98.

²¹⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

²¹⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

²¹⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

²¹⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

²¹⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

²¹⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

²¹⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

parte”²¹⁷⁴. Se “todo huzo fas natureza tanbem nam ha de ficar sem huzo a memoria jntendimento e Vontade”²¹⁷⁵. Propõe um “Exersisio das tres potensias dalma”²¹⁷⁶.

Em relação à primeira potência da alma, a memória, como “amontoa muyto”²¹⁷⁷, é preciso sujeitá-la. Para não “desuariat no seu huzo”²¹⁷⁸, deve-se tirar dela o desvario, capacitando-a para se por na presença de Deus, por meio da meditação que nesta via iluminativa se usa, e por esta ir aperfeiçoando a retirada de tudo o que “nam hera para se trazer em memoria”²¹⁷⁹, como era seu hábito. O desvario domina-se “pela aplicasam de mudar do mao Para o bom”²¹⁸⁰, porque se a memória não mudar, esvaziando-se do que é inútil, não pode encher-se do que é lícito. Pela “desnudes Sse tira o abito de que estaua uestida”²¹⁸¹, cortando os usos que tinha. A memória é a que dá “eizersisio” às outras potências; e merece a vida eterna se viver na presença de Deus²¹⁸².

Sobre a segunda potência da alma, o entendimento, este “he por onde tudo se gouerna”²¹⁸³. Pela razão de que foi dotado, há-de ser “arrezoado”²¹⁸⁴, deixando-se governar pelo que os outros entendem, que talvez eles tenham sido destinados para que a alma visse que havia quem melhor entendesse. Com este exercício de paciência, a alma alcançará o dom de ser metra daqueles que o ensinavam. Mais precisamente, há-de ser piloto “para governar esta Nao”²¹⁸⁵. Há-de ser o entendimento um guia das outras potências e se não o fizer bem, a memória e a vontade também não farão bem.

Quanto à terceira potência da alma, a vontade, “he que agora leuara a mayor parte”²¹⁸⁶, porque é tão atractiva “que mete por dentro de si tudo quanto

²¹⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

²¹⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 95, § 99.

²¹⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. f. 96.

²¹⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 100.

²¹⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 100.

²¹⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 100.

²¹⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 100.

²¹⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 100.

²¹⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 100.

²¹⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 101.

²¹⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 101.

²¹⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96, § 101.

²¹⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 97, § 102.

lhes da gosto e so nisto uiue comsolada”²¹⁸⁷. É necessário um grande exercício para purgar tantos affectos. Por causa do “descustume de serem bem Ordenados merecem bastante purgatorio”²¹⁸⁸. Torça-se a vontade e aperfeiçoe-se o gosto pelo que é justo, que se a vontade foi cega por descuido, veja agora com “olhos de fee”²¹⁸⁹ que deve amar a Deus. Incline-se para o que foi criada e nasceu: para servir o Senhor. Sendo a terceira potência, há-de ser a primeira no amor, que para Deus estava guardada. Quando se desordenou, a vontade tinha por fim um abismo de penas; volte-se agora para o amor divino, que, ao deixar-se prender por ele, “toma huzo para A bem auenturansa”²¹⁹⁰.

Para que as três potências percam os seus usos, é realmente preciso que “se uaziam de tudo que nam he nesesario”²¹⁹¹. E que façam muitos actos contrários ao que era em si um uso, de modo a que a alma “chegue a fazer custume”²¹⁹². Mas a natureza humana é “tam quebradiça”²¹⁹³ que, quando o homem cuida que tem as potências já esvaziadas, estão, afinal, cheias de tudo o que é inútil. Nem por isso perca o ânimo, que as potências “sam tam finas que a todo jnstante se estam Resgando”²¹⁹⁴; vá o homem pondo-lhes remendos para que este exercício avance, que Deus se dará por bem servido. O director espiritual poderá reconhecer se o exercitante tem aproveitado pela “limpeza da comsiensia”²¹⁹⁵ que lhe manifesta, porque nela se vê bem se as potências “estam jnclinadas Para a terra”²¹⁹⁶. Este exercício tem “emchentes e minguentes he semelhante A lua pela inconstansia de mudancas por onde pode ser conhesida”²¹⁹⁷. Se mingua a virtude, isto ver-se-á quando a alma não tenha sede de mais virtudes e, em especial, se faltar à oração. Afrouxando esta, depressa lhe vão declinando as outras virtudes. Pode dar-se até o caso de as virtudes desfalecerem ao ponto de alma “ficar alma em treuas como no

²¹⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 97, § 102.

²¹⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 97, § 102.

²¹⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 97, § 102.

²¹⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 97, § 102.

²¹⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²¹⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²¹⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²¹⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²¹⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²¹⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²¹⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

seu primeiro prenssipio²¹⁹⁸. Mas o “spirito uiador”²¹⁹⁹ – isto é, o viador, termo teológico que designa a criatura intelectual que, vivendo num corpo, se encaminha para a eternidade²²⁰⁰ – pode remediar este estado infeliz, pois “o caminho do spirito tem moytos altos E baxos”²²⁰¹, só preservando há progressos. Acrescenta que, “suposto haia no eizersitante este eizersiSsio de potencias interiores”²²⁰², nem por isso abandone as penitências exteriores, quando forem necessárias, “Porque a penitensia he como o jnsenso sempre cheira bem”²²⁰³.

Soror Isabel faz então, sob um novo título, uma “Adeuirtensia para o Reuerendo Padre Diretor conheser como estam as uertudes nesta Via jluminatiua²²⁰⁴”. Explica que estão as virtudes “dentro dalma como a planta noua que esta Na terra”²²⁰⁵. Está essa planta já pegada, não ainda sem raízes fundas, ainda pode secar. Sem raízes, as virtudes não estão firmes e, nesta via iluminativa, não têm formosura, têm ainda muitas sombras, nódoas e ferretes; são como uma imagem que o pintor está a pintar e vai passando com o pincel, aseando essas sombras, as nódoas e ferretes para que a imagem fique perfeita. Os frutos que se colhem destas virtudes da via iluminativa ainda são agridocezes, porque a terra ainda não está bem lavrada, têm cheiro de virtude, mas tem apenas um “meyo spirito”²²⁰⁶. Os agros da natureza humana é que tiram o doce da virtude; esta adoçar-se-á quando a terra estiver bem cultivada.

Recorrendo a novas imagens do universo judicial, acrescenta que as virtudes desta via estão dentro da alma, como que encarceradas, “asim como hum homen que esta Prezo”²²⁰⁷, por crimes ou por dívidas. Até que não satisfaça a pena ou não pague o que deve, não sairá da cadeia. Desta mesma sorte é a alma, os seus crimes e as suas dívidas são as ofensas que fez a Deus. A justiça divina

²¹⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²¹⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 102.

²²⁰⁰ Soror Isabel do Menino Jesus usa um termo frequente na época. Cf. “Viadôr”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. VIII, p. 468.

²²⁰¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...* (ms.), *op. cit.*, p. 98, § 103.

²²⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²²⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 98, § 103.

²²⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 99.

²²⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 99, § 104.

²²⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 99, § 104.

²²⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 99, § 104.

há-de satisfar-se, por isso a autora diz que as virtudes da via iluminativa não são geradas no amor de Deus, nascem da conveniência própria, “porque os meresimentos ham de ser postos diante da deVina justisa para se pagarem crimes e diuidas satisfazendo a Parte ofendida que hera Deus”²²⁰⁸; e como a alma da sua parte faz o que pode, tudo o que ainda fica devendo será suprido pelos méritos de Cristo, que tomou sobre si as dívidas da humanidade. Saia agora da cadeia este criminoso e vá caminhando com a sua cruz, que não leva tanto peso que não possa caminhar; e se não vai adiante torna cuide que tornará para trás; e se tornar a ter culpas há-de tornar a ser preso, levando assim dobrada cruz. Saia da cadeia e recolha-se “a sagrado”²²⁰⁹ (entendemos que se refere a um couto, dentro de igreja ou de outro lugar santo), que “os jnimigos sam moytos”²²¹⁰. Que acrescente as virtudes, arrependido. Para isso lhe deram licença para sair da cadeia; “e se leou parabens de se uer solto nam fiquem As uertudes emcarseradas”²²¹¹. Vá cultivando a terra da sua alma, que fabrica com arte nova, suavizando o peso da cruz, colhendo os frutos saborosos do amor de Deus, pois no jardim do seu amor “nam emtram senam os linpos do corasam”²²¹².

Criando novo título, dá uma “hultima adeuirtensia nesta Via jluminatiua Para que o Reuerendo Padre conhesa que inda esta Alma esta emferma”²²¹³. Fica atrás dito que nesta via “anda o caminho spirituAl a pasos porque nam pode dar Voos”²²¹⁴. Anda-se com mais ligeireza. Mas adverte que a alma ainda está enferma, necessita de ser curada, “porque o metal da prata de que so fabricou a crus também Sse emgendrou na terra e da terra tomou natureza em Alguma coyza se parese com o homen por naser da mesma terra a materia he deferente mas a terra he a mesma”²²¹⁵. A enfermaria que aqui há é para “palauras pensamentos e obras”²²¹⁶. É necessário que sejam purgados, com uma medicina espiritual,

²²⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 99, § 104.

²²⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 100, § 104.

²²¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 100, § 104.

²²¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 100, § 104.

²²¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 100, § 104.

²²¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 100.

²²¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 100, § 105.

²²¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 100, § 105.

²²¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 100, § 105.

“porque os pensamentos emgrossam moyto”²²¹⁷, o homem descuida-se “de os nam captiuar e como sam mais Vcultos sam menos conhesidos”²²¹⁸ e, por isso, “nam ha olhos que os ueiam”²²¹⁹. Tire-se esta cegueira e cure-se com outra maior, que é fechar os olhos, que se não estiverem abertos, serão menos os pensamentos; e, pelo menos, “os que emtram pelos olhos”²²²⁰ são os que mais depressa bebe o coração. Esta “jnfirmaria de olhos”²²²¹ está muito presente na via iluminativa porque o homem, por mais escasso que seja no ver, sempre vê e não se vê a si mesmo. Nesta via, “temos muito que curar”²²²².

Quanto às palavras, estas ainda estão mais enfermas, “pela soltura com que sam Criadas”²²²³; e, sendo mais dificultosas de curar, será, porém, mais fácil o seu remédio. Só o silêncio as cura. Mas porque é preciso falar, o remédio que Soror Isabel recomenda é “que fale so o prezizo porque se a lingoa fala mais do prezizo toma para si moito mal pois emche o coraSSam do que ia estaua uazio”²²²⁴. O homem que não diga muitas palavras, porque estas sempre ficam “com sede de mais falar”²²²⁵. Convém muito “tirar as palauras da boca que se bebem Como agoa e a sede que esta alma padese de palauras prosede De estar o corasam seco e falta de amor de Deus”²²²⁶ e como a boca é a porta do coração, “para que nam saia o Corasam pela boca se ade fechar esta e so para falar de Deus e do que for justo”²²²⁷. Permita-se apenas a abrir a boca sem excessos, para que se possam medir as palavras “pelas comferensias do corasam”²²²⁸. Não se pode curar o espírito da via iluminativa sem se fazer mudo, ou com que fale pouco, porque “na lingua ha duas propriedades Ou fala bem ou mal”²²²⁹; e para que não fale mal com o hábito de falar pouco chegará a falar sempre bem.

²²¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 105.

²²¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 105.

²²¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 105.

²²²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 105.

²²²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 105.

²²²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 105.

²²²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 102, § 106.

Esta enfermaria também deve abranger as obras. O “Medico spiritual”²²³⁰ – ou seja, o director espiritual – deve aplicar-se a curá-las, porque na via iluminativa o exercitante crê que já trabalhou muito e que já fez grandes obras, e por isso dá-se ao descanço. São muito necessárias as obras nesta via, para que as virtudes cresçam, “que nam sendo aumentadas sempre demenuem e Vai faltando o spirito ficando desmeresendo”²²³¹. Que se dê o remédio à alma, para que não retroceda, cuide-se muito para que vá adiante, que as dificuldades maiores já estão vencidas; e, se mereceu chegar aqui, para diante se fará o caminho mais fácil, porque o amor de Deus há-de facilitar tudo. Agora é que a alma começa a por os pés em segurança, tendo debaixo deles a terra e avistando o Céu. Que as obras daqui por diante se façam serão já todas feitas por amor, grandes ou pequenas. Que haja muita oração, porque dela nascem todas as obras. Que seja o “Reuerendo Padre spiritual moyto inportuno”²²³², para que não falte a esta obra, que vá sempre por diante, que desta sorte se conuervará a alma em estado de graça, “pois se leua Crus de prata nam sera crus Prateada sera solida sem mestura de outros metais”²²³³. A via iluminativa é obra de prata, porque a alma está “metida no Ceo ficando o corpo na terra”²²³⁴. Mas o justo não se satisfaz com o que tem, se não com o que lhe faz falta. “Ajustada tem este homen a comssiensia mas para ser justo inda lhes falta moyto que o spirito ha mister uestirse de mais prefeisam Esta se pode alcansar na uia Vnitiua que agora uou explicando”²²³⁵.

Passa então à via unitiva: “Sse agora os SSenhores Doutores Misticos premetirem que Eu diga alguma coyza da uia Vnitiua somaram as contas Pelas sifras pois quanto dela puder dizer sera sifra”²²³⁶. Isto é, ser-lhe-á muito difícil explicá-la, resultando daqui uma espécie de escrita enigmática, difícil de ler; ou que versará sobre matérias que encerram segredos²²³⁷. Sobre o que se pode dizer

²²³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 107.

²²³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 106.

²²³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 107.

²²³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 102, § 107.

²²³⁷ Um dos significados de “cifra”, segundo Rafael Bluteau é o de “Escritura enigmatica com caracteres peregrinos”; outro é “qualquer figura, que encerra algum segredo”. Qualquer dos dois significados poderá ser aquele que Soror Isabel do Menino Jesus quer usar, referindo-se à via unitiva como um tema da mística de

desta via, “pois os mais rementados juizos acobardam e se nam tiuera prensipiado Esta obra nam auia dir com ela por diante mas sendo forsozo Satisfazer o que prometi direi o que puder”²²³⁸. Confessa que “para aprender Estaua eu e nam para falar nesta uia porque o caminho da uia Vnitiua he caminho sem carreira e nam se anda por ele senam por uoos”²²³⁹ e para se voar tão alto, “que uai fora da capacidade de mulher confeso que temi o uoar com rreseyos de cahir de tam alto”²²⁴⁰. A alma que chegou a tão iminente estado não leva uma cruz de madeira, mas de mármore, porque aqui as virtudes estão embaraçadas, não não se podem desbastar, por estarem mescladas umas com as outras. Nesta via, dura o amor de Deus na alma. Nas outras vias não é assim porque lhe faltam aí as forças para preservar. Na via purgativa é tão fraco que para o ter é necessário “ser espremido porque nase da pasiensia que alma uai adequirindo”²²⁴¹ e, se falta a paciência, acaba-se o amor.

Pois “ueiamos agora o pezo que tem a crus de cada huma destas uias que pelo amor se conhese o padecer”²²⁴². Fica dito atrás que a alma que esta na via purgativa tem uma cruz que pesa uma arroba de cobre. A cruz da via iluminativa pesa também uma arroba de prata; mas a cruz da via unitiva pesa “quatro arrobas de Oyro”²²⁴³, pois as penas que esta alma tem padecido para chegar a unir-se com Deus foram postas às camadas, umas sobre as outras, “foram feitas pela Arte do amor”²²⁴⁴, que “quem Viue do amor morre por padecer”²²⁴⁵. Assim padece quem ama, “perdese de uista pela suspensam de sentidos e potenssias saindo fora da esfera da natureza”²²⁴⁶, esmerando-se na perfeição; não se pode unir com Deus sem estar crucificada.

difícil explicação, mesmo para quem nela tinha experiência pessoal. Cf. “Cifra”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. II, p. 310.

²²³⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 101, § 107.

²²³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 107.

²²⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 107.

²²⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 107.

²²⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 101, § 107.

²²⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

Nesta via, as suas virtudes não foram adquiridas pela força, como foram as da via iluminativa; estas da via unitiva são sobrenaturais, nascem do amor de Deus, que está “Asentado na sustansia dalma”²²⁴⁷. O sinal pelo qual “o Reuerendo Padre”²²⁴⁸ poderá saber se são sobrenaturais é se nascem estas virtudes da humildade, “sendo pizadas do mundo pelos desprezos”²²⁴⁹ que a alma tem padecido. Estas virtudes são como ouro que nasce de dentro da terra “e sofre meterse No fogo”²²⁵⁰, deixando-se lavar às mãos do artífice, para ter maior valor. Estas são virtudes com raízes, têm o seu início no conhecimento próprio, logo, com humildade, viram-se para baixo, como que procurando a terra que está sob os pés do homem. À alma, que está na “mayor esfera”²²⁵¹ da união com Deus, parece-lhe então que não há virtude alguma em si. Tem no centro do coração um escudo que rebate “todos os faoures que lhe fazem porque se acha sem merecimentos”²²⁵². A alma tem “montes de uertudes”²²⁵³ e julga não ter nenhuma, “porque estes sam os quilates do Oyro do amor de Deus que produzio A terra da humildade”²²⁵⁴. Este ouro não se compra em bruto, foi já forjado pelas virtudes heróicas que esta alma obrou para se unir com Deus, enterrando-se no fundo da humildade “pelos abatimentos que padeseo”²²⁵⁵. Assim se deve crer que esta alma não leva uma cruz de madeira, mas sim de mármore; e vai “tam Reconsentrada no corasam que nam parese da parte de fora porque se fose uista nam aueria quem quizesse tomala aos honbros”²²⁵⁶. Mas o amor da via unitiva não pára aqui, ainda avança, que o peso da cruz é grande o amor “he moyto comprido e anda por Sseus uoos”²²⁵⁷.

Para falar destes voos é necessário dizer primeiro que “para Padeser naseo o amor e sendo no amor tudo penas estas formaram azas”²²⁵⁸ e ver-se-á que voa, à

²²⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 104, § 107.

²²⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 108.

²²⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 108.

²²⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 108.

²²⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 108.

maior altura, que é a união e transformação com Deus. Passará seguidamente a falar dos graus da contemplação, e daqui sairão os voos. Mas fará primeiro mais umas advertências ao “Reuerendo Padre spiritual”²²⁵⁹. Diz-lhe que se não deixe a meditação, porque é um caminho seguro. Mas como “As agoas que correm por canos”²²⁶⁰, vão direitas, podem acabar-se. Verá então o tempo de meditação encurtado, porque a alma não pode já meditar por se encontrar com as potências como que adormecidas, não podendo avançar; parece-lhe que tem um impedimento. A alma necessita então de buscar a Deus noutro caminho. O remédio neste caso é a alma descer “para baxo”²²⁶¹, buscando a humildade; cavando no alicerce, achará a porta aberta. Entrará então na primeira “scala de contemplasam”²²⁶².

Escavando a humildade e o conhecimento próprio, a alma encontra Deus pela contemplação e começa a admirar-se, “ficando em pasmo de Ver dentro em si tanto e nam sabe o que eu”²²⁶³; e, como quem não sente, fica sem saber se vai para diante, se volta para trás. Mas vai sentindo a humildade “e huns Requebros de amor afeisoados”²²⁶⁴. Estes acabam depressa, ficando a alma com desejo do amor de Deus. Este devia ser “o sentido em que Daud falaua quando dise uiam iniquitatis a moue a me”²²⁶⁵. A autora diz que não sabe se acerta “no que digo porque me falta siensia”²²⁶⁶ e, de facto, a citação latina não está correctamente escrita. Este versículo do *Livro dos Salmos*, atribuído a David, seria, na verdade, “viam iniquitatis amove me”, que pode traduzir-se por “Afastai-me do caminho da mentira”²²⁶⁷. Na contemplação, Deus quer, porém, levar a alma adiante e começa a exercitá-la numa “penitensia speritual de noite scura”²²⁶⁸. Veste o sol de nuvens e esconde-se por algum tempo, embora sempre apareça algum raio de luz, que traz consigo algum amor. Serve este de maior cruz que, “como alma se nam pode

²²⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 108.

²²⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 109.

²²⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 109.

²²⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 109.

²²⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 105, § 110.

²²⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 110.

²²⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 110.

²²⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 110.

²²⁶⁷ Cf. SI 118, 29.

²²⁶⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 106, § 110.

satisfazer de amor padese huma penitensia”²²⁶⁹. De tudo necessita quem há-de prosseguir. Vai o Senhor tirando o amor sensitivo à alma para nela crescer “em outros graos de mayor amor”²²⁷⁰. Neste estado, também há tentações, que, como a presença de Deus está oculta e a alma não encontra nenhuma consolação, padece o assédio dos seus muitos inimigos. Mas se preservar, na oração, passará às bodas de Caná, “onde se comuerteo agoa em uinho e tudo seram festas e prazeres”²²⁷¹. A autora refere-se evidentemente à passagem do *Evangelho Segundo São João*, em que Cristo e sua Mãe são convidados para uma festa de casamento, em Caná, na Galileia²²⁷². Sua Mãe, notando que os noivos não têm mais vinho para servir aos convidados, situação humilhante, pede então a Jesus que os ajude. Ele manda encher as talhas com água e transformara-a em vinho, alegrando a festa com este milagre, o primeiro da sua vida pública. Soror Isabel ilustra assim a primeira prova colocada à alma por Deus, porque naquelas bodas, onde havia festa e prazer, havia também aflição; a alma é semelhante àqueles noivos, porque a alma está, pois, na noite escura, designação que usa também nas “Cartas a uma Religiosa” e nas “Cartas a um Religioso”, remetente para a obra de São João da Cruz e, logo, para a escola mística carmelita²²⁷³. A noite escura, assim chamada nesta escola, é uma provação passiva, pela qual Deus leva a alma mais adiantada, ou proficiente, a um grau mais elevado de oração, purificando-a. À alma do proficiente, resta ter paciência, suportando a acção divina²²⁷⁴.

²²⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 110.

²²⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 110.

²²⁷¹ Cf. SI 118, 29.

²²⁷² Cf. Jo 2, 1-13.

²²⁷³ Vd. São João da Cruz, *Obras Completas*, edição de Eulogio Pacho, Burgos, Editorial Monte Carmelo, 1998. E também José María Moliner, *San Juan de la Cruz. Su Presencia Mística y su Escuela Poética*, Madrid, Ediciones Palabra, Arcabuz, 2008.

²²⁷⁴ Adolphe Tanquerey, na senda de São João da Cruz, define a noite escura como “um estado de alma complexo e uma mistura desconcertante de escuridão e luz, de segura e de amor intenso de Deus em estado latente, de impotência real e surda energia que é difícil de analisar sem cair em aparentes contradições”. Cf. Adolphe Tanquerey, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, *op. cit.*, p. 769. Segundo o próprio Santo, a noite escura é toda uma, mas dividida em três partes, às quais chama noites escuras: a primeira correspondente ao crepúsculo, a segunda à meia-noite e a terceira à aurora. As três simbolizam a negação espiritual: em duas etapas segundo a natureza humana, sensível e espiritual, e por três causas, os sentidos, a fé e o próprio Deus. Sobre as primeiras, escreve o Santo: “En esta primera canción canta el alma la dichosa suerte y ventura que tuvo en salir de todas las cosas afuera, y de los apetitos e imperfecciones que hay en la parte sensitiva del hombre, por el desorden que tiene la razón. Para cuya inteligencia es de saber que, para que

una alma llegue al estado de perfección, ordinariamente há de pasar primero por dos maneras principales de noches, que los espirituales llaman purgaciones o purificaciones del alma, y aquí las llamamos *noches*, porque el alma, así en la una como en la outra, camina como de noche, a oscuras. La primera noche o purgación es la parte sensitiva del alma, de la cual se trata en la presente canción, y se tratará en la primera parte, de este libro. Y la segunda es la parte espiritual, de la cual habla la segunda canción que se sigue; y de esta también trataremos en la segunda y tercera parte, cuanto a lo activo; porque, cuanto a lo pasivo, será en la cuarta. Y esta primeira noche pertenece a los principiantes al tiempo que Dios los comienza a poner en el estado de contemplación, de la cual también participa el espíritu, según diremos a su tiempo. Y la segunda noche o purificación pertenece a los aprovechados, al tiempo que Dios los quiere ya poner en el estado de la unión con Dios; y ésta es más oscura y tenebrosa y terrible purgación, según se dirá después. Quiere, pues, en suma, decir del alma en esta canción que salió – sacámdola Dios – solo por amor de él, inflamada en su amor, *en una noche oscura*, que es la provación y la purgación de todos los apetitos sensuales acerca de todas las cosas exteriores del mundo y de las que eran deleitables a su carne, y también de los gustos de su voluntad. Lo cual todo se hace en esta purgación del sentido. Y, por eso, dice que salía, estando ya su casa sosegada, que es la parte sensitiva, sosegados ya y dormidos los apetitos en ella, y ella en ellos. Porque no sale de las penas y angustias de los retretes de los apetitos hasta que estén amortiguados y dormidos. Cf. São João da Cruz, *Subida al Monte Carmelo*, in *Obras Completas*, op. cit., liv. 1, cap. 1, §§ 1-5. Prossegue o Santo, na mesma obra: “Por tres cosas podemos decir que se llama noche este tránsito que hace el alma a la unión de Dios. La primera, por parte del término [de] donde el alma sale, porque ha de ir careciendo el apetito de todas las cosas del mundo que poseía, en negación de ellas; la cual negación y carencia es como noche para todos los sentidos de hombre. La segunda, por parte del medio o camino por donde ha de ir el alma a esta unión, lo que es la fe, que es también oscura para el entendimiento, como noche. La tercera, por parte del término adonde va, que es Dios, el cual, ni más ni menos, es noche oscura para el alma en esta vida. Las cuales tres noches han de pasar por el alma, o, por mejor decir, el alma por ellas, para venir a la divina unión con Dios. En el libro de santo Tobías se figuron estas tres maneras de noches que ángel mandó a Tobías el mozo que pasasen antes que se juntase en uno con la esposa. En la primera le mandó que quemase el corazón del pez en el fuego, que significa el corazón aficionado y apegado a las cosas del mundo; el cual, para comenzar a ir a Dios. Se ha de quemar y purificar todo lo que es criatura con el fuego del amor de Dios. Y en esta purgación se ahuyenta el demonio, que tiene poder en el alma por asimiento a las cosas corporales y temporales. En la segunda noche le dijo que sería admitido en la compañía de los santos patriarcas, que son los padres de la fe. Porque pasando por la primera noche, que es privarse de todos los objetos de los sentidos, luego entra el alma en la segunda noche, quedándose sola en fe (no como excluye la caridad, sino las otras noticias del entendimiento – como adelante diremos –) que es cosa que no cae en sentido. En la tercera noche le dijo en ángel que conseguiría la bendición, que es Dios, el cual, mediante la segunda noche, que es fe, se va comunicando al alma tan secreta e íntimamente, que es otra noche para el alma, en tanto que se va haciendo la dicha comunicación muy más oscura que estotras, como luego diremos. Y pasada esta tercera noche, que es acabarse de hacer la comunicación de Dios en el espíritu, que se hace ordinariamente en gran teniebla del alma, luego se sigue la unión con la esposa que es la Sabiduría de Dios. Como también el ángel dijo a Tobías que, pasada la tercera noche, se juntaría con su esposa con temor del Señor; el cual temor de Dios cuando está perfecto, está perfecto el amor, que [es] cuando se hace la transformación por amor del alma [con Dios]. Estas tres partes de noche todas son una noche; pero tiene tres partes como la noche. Porque la primera, que es el sentido, se compara a prima noche, que es cuando se acaba de carecer del objeto de las cosas. Y la segunda, que es la fe, se compara a la media noche, que totalmente es oscura. Y la tercera, al despiciente, que es Dios,

Soror Isabel aponta, em seguida, as três noites escuras. Na primeira, a que identificamos com a noite escura do sentido, de São João da Cruz, principia-se “outro modo de Orasam”²²⁷⁵, porque a alma avança “metendose em Deus com outros graos mais adentro”²²⁷⁶. Diz a autora que “porem he por hum modo que nam conhese o que goza esta serto que as potencias estam sosegadas como adormesidas”²²⁷⁷. É como sentir “hum gozo mas não goza o que dezeia porque alma inda tem que purgar”²²⁷⁸. Tem a Deus e “tanbem se tem a si”²²⁷⁹, porém sente que, no coração, está “hum grande gozo ficando com grande cede de amor a Deus”²²⁸⁰. Deve aqui fazer muita oração, “e coydo seria este o sentido em que falaua David quando dise septies india laudem dise tibi”²²⁸¹. Ou seja, o versículo “septies in die laudem dixi tibi super iudicia iustitiæ tuæ”, do *Livro dos Salmos*²²⁸². A oração deve ser “para que se corra a cortina pois na noite escura que ia pasou ficou alma com mais uertudes e agora quer o Senhor Dar lus para hir adiante pois estaua Alma como emtalada e so com moita Orasam ficou dezempedida”²²⁸³.

Saindo deste estado, há-de encontrar-se num modo de oração que “parese esta pasmada porque ama sem saber a quem ama”²²⁸⁴. A fé mete-se-lhe no coração como um objecto “porque penetra moito o amor de fee”²²⁸⁵. Há então uma “huma santa suspensam de afetos”²²⁸⁶. O amor faz-lhe gozar estas “carisias

la cual es ya inmediata a la luz del día.”. Cf. São João da Cruz, *Subida al Monte Carmelo*, in *Obras Completas, op. cit.*, liv. 1, cap. 2, §§ 1-5.

²²⁷⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p. 106.

²²⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 111.

²²⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 111.

²²⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 111.

²²⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 111.

²²⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

²²⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

²²⁸² Cf. Sl 119, 164. Ou seja, “sete vezes por dia vos louvo, por causa da justiça dos vossos juízos”.

²²⁸³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p. 107, § 111.

²²⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

²²⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

²²⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

de mel e com ele se abranda alguns podres que inda produzem As rraizes que tem a natureza”²²⁸⁷.

A alma é aqui como o mar, “que lansa fora o que tem dentro”²²⁸⁸, expulsando o que não é seu, para ficar mais desimpedida. Fica neste “Estado de gozar as dusuras”²²⁸⁹, até que Deus a introduza noutro modo de noite escura. Antes, porém, a autora explica melhor que tudo o que a alma tem padecido para entrar na contemplação foi “como emsaio para o que ade padecer daqui por diAnte”²²⁹⁰. Aqui é começa a “coar a pasiensia que emtra a Padeser no spirito e antes padesia no senCetiuo”²²⁹¹, porque o que passou foi uma “noite escura do sentido”²²⁹² e “agora a que se segue he no spiritual onde se apura tanto a pasiensia que chega a ficar tam fina como oleo estilado no lanbique que o calor do fogo do Amor de Deus sabe rrefinar desta sorte a pasiensia dos seus seruos”²²⁹³.

Passa então à segunda noite escura. Trata-se da noite escura do espírito, segundo lhe chamou São João da Cruz. Segundo a autora, é “huma noite tam scura que \he/ a noyte de sorte que não parese a menor lus pois as penas que Alma tem pasado inda nam heram bastantes para se hunir com Deus”²²⁹⁴ sem passar pelas noites escuras; porque o amor divino ainda “uai fugindo dentre mãos”²²⁹⁵ e é chegado o tempo de despir a pele “pois ade Renaçer outro homen que Emtra em hum caminho tam streito que nam cabe nele pele com oso”²²⁹⁶. Que se diponha a alma para passar esta grande purgação, “adequirindo uertudes sobre uertudes”²²⁹⁷.

A fé assegura-lhe que não se acaba o amor. Quando este principia poderoso, é para ser aumentado e não diminuído. Que a alma seja, pois, constante e vá buscando a Deus, por meio da oração, que “se a noite he scura tanbem ha esperansa de amanheser”²²⁹⁸. O obscurecimento das potências é um terrível

²²⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

²²⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

²²⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

²²⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 112.

²²⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 112.

²²⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 112.

²²⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 112.

²²⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 108, § 113.

²²⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 108, § 113.

²²⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 108, § 113.

²²⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 108, § 113.

²²⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 108, § 113.

tormento, mas se não fosse tão meritória não daria satisfação a Deus pelas muitas culpas que a alma tem. Posta em purgação, vai satisfazendo espiritualmente as mais ocultas culpas que tem, cometidas por pensamentos, “porque esta noyte escura em que alma esta Them uertude para dar lus com que alma conhesa suas culpas E metida na humildade uai debaxo da fee buscando a Deus”²²⁹⁹. Também se cria na alma a esperança de “Deus se nam auzentou so se escondeo”²³⁰⁰, porque, de quando em quando, sente uma doçura, ou “golozina intirior”²³⁰¹, sinal certo de que Deus está “rrecomsentrado no corasam”²³⁰². Se preservar na oração, acontece-lhe “o que susedeo a Magdalena quando andaua buscando o Senhor”²³⁰³. A maior fineza que uma alma pode ouvir é a voz “de seu spozo que aonde este Senhor fala sempre se aumenta a uertude”²³⁰⁴. Refere-se a Santa Maria Madalena, discípula de Cristo e primeira testemunha da sua ressurreição²³⁰⁵. Não deixe nunca a alma de o buscar, que o amor dá sempre sinal de si. Irá sentido no seu interior “huns toques ou sentelhas do fogo que acenda o amor deuino”²³⁰⁶, mas, à medida em que o quiser gozar, ele esconder-se-á. Mas que vá buscando o amor, “que tem inda moyto que padese”²³⁰⁷.

A alma vai entrando num caminho tão íngreme e estreito “que nam se pode por hum pe sem por Outro em sima e huma mam no cham e outra apegandose a quem Vai guiando esta alma seruindolhes de guia como a hum sego”²³⁰⁸. É um estado em que “esta alma them meyo oyro do amor deuino e emtra na fornalha para se rrefinar”²³⁰⁹, deixando-se lavrar às mãos do artífice, “que agudas penas padese quem them este Meyo oyro porque nam pode pasar

²²⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 113.

²³⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 113.

²³⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 113.

²³⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 113.

²³⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 113.

²³⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 113.

²³⁰⁵ Soror Isabel do Menino Jesus invoca aqui a Ressurreição de Cristo, quando Santa Maria Madalena o reencontra, vivo, junto ao sepulcro, estabelecendo-se um diálogo. Cf. Jo 20, 1-119.

²³⁰⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 109, § 113.

²³⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 113.

²³⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 114.

²³⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 114.

adiante nem tornar para trás”²³¹⁰. Aqui está agora perder o ganhar, porque a alma mete-se “pelas emtranhas da pasiencia”²³¹¹ e para um “martirio de sangue”²³¹² pouco lhe falta. Esta noite é muito escura, principiou nas palavras com que ofendeu a Deus, “Ssempre auiam de ser castigadas e purgadas no tirriuel carsere da Noyte escura onde alma bebe moitos amargos pela sultura com que foram profiridas”²³¹³. Todos estes “cauterios de martirios auia mister esta alma”²³¹⁴ e tudo isto juntamente com a via activa faz tal consonância que pouco terá capacidade de ver o que padece, por isso diz que é cega; e “tem de mais a mais a forte cadeia com que alma se acha Preza”²³¹⁵. Se não se adianta, faz perigar a própria salvação, porque foge do caminho da cruz; e acredita que se prosseguir assegura a salvação. O remédio para esta contingência “he oferese a Deus a uida dizendo que ou morrer ou saluar”²³¹⁶.

“Emtra outra noite mais escura”²³¹⁷. É a terceira noite. No seu início, “nam aparese Rayo de lus”²³¹⁸, é a hora mais escura, na qual a alma tem por satisfazer as suas culpas, não as que cometeu por pensamentos, mas as que cometeu por obras, as quais “estauam fechadas no corasam e por esta cauza se fechou o Ceo Para nam ter nele emtrada alma que primeiro nam fose moyto purgada com penas spirituais dando cabal satisfasam as suas dividas”²³¹⁹. Ainda que a alma esteja já quase com as suas potências purgadas “e com mais meresimentos que ficaram das noites pasadas”²³²⁰, necessita de um maior crisol, de um “oyro que ha de ser

²³¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 114.

²³¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 109, § 114.

²³¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 114.

²³¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 114.

²³¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 114. Soror Isabel do Menino Jesus refere-se a “Cautério”, que Rafael Bluteau define como “A chaga que, o botaõ de fogo, ou que a pedra do cauterio faz”, sendo que “Cauterizar” é “Queimar com ferro quente, como se faz, quando se corta hum membro” ou “Cauterizar a parte, com fogo, para que o calo não renasça”. Cf. “Cautério” e “Cauterizar”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. II, p. 219.

²³¹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 110, § 114.

²³¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 114.

²³¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p.110.

²³¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 115.

²³¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 115.

²³²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 115.

inteiro”²³²¹, porque aqui não há-de haver meio ouro divino. Por esta razão, Deus introduz a alma num caminho “que mete medo a quem uai por ele aqui morrem todas as operasois da natureza fica alma como emparuo esida S sente morte e sente uida”²³²². Está “captiua de amor”²³²³ e não sabe se ama, porque a sua pena não tem alívio e com razão se queixa, poi acha-se “como ueuua sem espozo”²³²⁴. Não tem consolação, porque perde da vista o único objecto do seu amor, essa voz que soava no coração, esse espelho “Em que se uiam seus olhos”²³²⁵. Mas tudo isto não era nada, afinal, em comparação com o amor, “porque sem amor so os que nam amam uiuem”²³²⁶; já o coração que chegou a amar a Deus morre quando não ama, pois mais padece sem amor do que sem vida. Por isso os que “Ssam asinalados de amantes sam Escolhidos”²³²⁷. Se está vivo o proficiente, pouco lhe faltará para morrer, “que desmayos de amor sam prensiPios de morte”²³²⁸ e “o suplisio de quem morre fenaliza com a uida”²³²⁹. A pena de quem ama “tira a uida sem morrer”²³³⁰, que o amor que penetrou a alma faz com que a alma saia quando ele sai.

Este é o verdadeiro espírito de quem ama a Deus. Introduce-se “em hum lugar mais estreito e apertado”²³³¹. A alma que passa por este deserto será um espírito que renasceu das cinzas do fogo em que se queimou por amar a Deus. Os mortos só passam pela primeira morte, mas a “alma que pasou por tantas mortes rresusitou moytas uezes”²³³². À alma que chegou a amar “com tinbres de querer”²³³³, deixando-a Deus, ou seja, ausentando-se, leva-lhe o Céu à força. A alma não acha o amor que ama, é como Raquel, que chorava com saudades dos seus filhos, porque deixava de os ver, “sam os suspiros do amor gemidos

²³²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 115.

²³²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 115.

²³²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 110, § 115.

²³²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

dalma”²³³⁴. A autora refere-se evidentemente a Raquel, mulher de Jacob, filho de Isaac, referida no *Livro de Jeremias* como símbolo das mães do reino de Judá, chorando pela morte de uma parte da nação na conquista dos babilônios e pela deportação de outra para a Babilónia²³³⁵. Por isso se entenece tanto a alma, mas estas lágrimas são doces, não têm já o amargor da culpa, embora seja preciso expulsar de si o amor próprio, porque este inimigo do espírito era o maior amigo da natureza.

Diz Soror Isabel que “ha mister de se tirar das emtranhas da natureza saindo com lansetas de samgrador que sendo a sezura Pequena pode sair moyto sangue”²³³⁶. O mesmo há-de acontecer à alma, que, a quem a vir, há-de parecer que é uma mortificação pequenina, mas sairá dela muito sangue de martírio, uma vez que as virtudes necessárias a este estado são finíssimas e delgadas, que como tem a alma “tantos inpisilhos e estes graos sam moy milindrozos prezizamente nesedita de toda esta prugasam para dezonir o amor proprio estreitandose tanto que tudo o que hera natureza fique spirito”²³³⁷. Estas vitudes ficam então heróicas e sobrenaturais. Com outro aperto se sente a alma, “para ser mais calificada a sua uertude”²³³⁸: sendo tentada, não sabe se caiu em tentação, que de si não fica nada, resta que não desfaleça, considerando que as culpas que cometeu lhe tiraram a presença de Deus, pois não há amor sem sombras sem ser precedido de culpas. A alma que se humilhe, repreendendo-se a si própria encontrará na oração “humas dusuras que estam guardadas para quem se rreprende a si mesmo com aquelas palauras que dis Butirum et mel comed ut disire rreprobare malu e diligere bonum”²³³⁹. Na verdade, e em latim correcto, a citação correspondia a “Butyrum

²³³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 111, § 115.

²³³⁵ Soror Isabel do Menino Jesus refere-se claramente ao versículo “Ouve-se uma voz em Ramá, lamentação e choro amargo; Raquel chorando pelos seus filhos. Negou-se a ser consolada por causa dos seus filhos, porque eles já não existem.” Cf. Jer 31, 15. O *Evangelho Segundo São Mateus* menciona este versículo, acerca da matança dos Santos Inocentes, por ordem de Herodes: “Então cumpriu-se o que fora dito pelo profeta Jeremias: ‘Ouviu-se uma voz em Ramá, pranto e grande lamentação; é Raquel que chora pelos seus filhos e recusa ser consolada, pois já não existem’. Cf. Mt 2, 17-18.

²³³⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 111, § 115.

²³³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 112, § 115.

²³³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 112, § 115.

²³³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 112, § 115.

et mel comedet, ut sciat reprobare malum, et eligere bonum”, do *Livro de Isaías*²³⁴⁰.

São muitas as provas que o Senhor impõe aos seus servos, levando-os pelas estreitas vias do espírito, um sacrifício que Deus estima tanto que é semelhante ao sacrifício de Isaac, feito por Abraão, seu pai²³⁴¹. Neste estado, tudo são cruces e penas, a alma “esta feita hum jumento algumas uezes sequer embraueser como tourinho mas logo amansa”²³⁴², porque está presa por uma trave do pé à mão: a mão é aquela que tem dado de esposa, pois já passou pelos desposórios; o pé é não poder andar senão pelo caminho da cruz. Agora, no meio de todos estes trabalhos, diz a autora o que “ha de sustentar este jumento”²³⁴³: o “uerde da esperansa”²³⁴⁴ e os frutos que já colheu das virtudes adquiridas, “sempre acreSsentando uertudes sobre uertudes Orasam sobre orasam porque conhese que o amor de Deus esta escomdido dentro de seu corasão E uyra a seu tempo rresgatar o catiuo que se acha no captiueiro”²³⁴⁵.

As ausências do amor de Deus são como o sol que se pôs, anoitecendo aos poucos: “por horas se uai uensendo a noyte ate amanheser”²³⁴⁶. Pois agora a alma dará alvíssaras, porque está a chegar o amor. A madrugada do sol é a aurora, apressa ou ausenta os passos, quando vai chegado à pátria, “auistamse os amados com as esperansas de se uerem”²³⁴⁷. O amor ainda está coberto com o véu, “ate meter No corasam o fino de seu amor que he selebrar as bodas como Jacob com Raquel”²³⁴⁸. Soror Isabel refere-se a Jacob, filho de Isaac e de sua mulher Rebeca; e a sua segunda mulher e prima direita, Raquel, filha de Labão. Raquel, que Soror Isabel já mencionou noutro lugar do “Tratado Místico”, é uma pastora muito formosa no *Livro de Génesis*²³⁴⁹, onde surge como a esposa preferida do patriarca,

²³⁴⁰ Cf. Is 7, 15. Ou seja, “Comerá manteiga e mel, para saber reprovar o mal e escolher o bem”.

²³⁴¹ Cf. Gen 22, 1-20.

²³⁴² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 112, § 115.

²³⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 112, § 115.

²³⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 112, § 115.

²³⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 112, § 115.

²³⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 115.

²³⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 115.

²³⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 115.

²³⁴⁹ Cf. Gen, 31, 41.

que para a desposar tivera que trabalhar para Labão por mais de uma década. E, assim, “Acabouse a noyte escura e o amor uai buscando Sseu sentro”²³⁵⁰.

Diz a autora que “Ssomam os graos da orasam pelos numeros das uertudes quem sabe Contar asim a iusta as contas”²³⁵¹, isto é, a alma sobe em graus à medida que adquire virtudes. A alma entra “em huma Orasam De profundo sono que he huma contemplasam e sosego jnterior que De uida lhes nam fica mais que huns delgadissimos parasismos na boca ya nam tem rrespirasam”²³⁵². Aqui, acaba de “crizolar este fino oyro esperando que uenha o amor de Deus com aquelas palauras que dizem uenite benediti Patris mey”²³⁵³. A autora cita o versículo “Venite, benedicti Patris mei, percipite regnum”, do *Evangelho de São Mateus*²³⁵⁴. Explica que quem passa por esta purgação tem méritos de mártir, “que se consumio toda a natureza”²³⁵⁵.

“Estam somadas as comtas e uisto os meresimentos he chegada a hora De reseber o amor”²³⁵⁶. Entra então na alma “huma posesam de amor de Deus tam grande que fica alma como dilirante de fernizins”²³⁵⁷, que chega aos “hultimos fins do amor”²³⁵⁸. A união com Deus é tão estreita que se o Senhor não quisesse a alma neste “desterro de Amor”²³⁵⁹ acabava a vida, “porque logra huns graos de amor que assim que prinsipia chega logo aos fins”²³⁶⁰. São “humas VeemenSsias tam atiuas de amor como sopro que apaga a lus ou como morte que mata de rrepente”²³⁶¹. Tudo isto sucede porque “este corasam matou todo amor humano com todos atos de natureza pois foy tanto o que se negou A si mesmo que deixou

²³⁵⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 113, § 115.

²³⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 116.

²³⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 116.

²³⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 116.

²³⁵⁴ Cf. Mt 25, 34-35. Ou seja, “Vinde, benditos de meu Pai, recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo.”

²³⁵⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 113, § 116.

²³⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 117.

²³⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 117.

²³⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 117.

²³⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 117.

²³⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 117.

²³⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 117.

todos os afetos que podia ter na terra no Ceo so Por amor A Deus”²³⁶². Para chegar à perfeição, a alma fazia tantas renúncias que era como um ladrão que rouba “quanto acha”²³⁶³, assim “nem mais nem menos rroubaua quanto axaua de natureza sem ficar ato que nam fizese dele sacrificio A Deus”²³⁶⁴.

Este é o estado onde se consumou o amor pela união, na substância da alma ficou este vínculo tão estreito, “transformasam com Deus matrimonio espiritual”²³⁶⁵ a que se pode chegar nesta vida. Por ser muita a perfeição que se concede a poucas almas, poderá esta união ser mais estreita, um vínculo mais apertado, “que se xama jlabso”²³⁶⁶. O ilapso dá-se “onde se dezemfrea o amor e sse embarasam as uontades que a noso modo de falar parese que nem Deus nem Alma Sse podem diuider hum do outro”²³⁶⁷. Este vínculo corresponde ao influxo de Deus na alma, no estado da contemplação infusa²³⁶⁸. Cume da experiência mística, o ilapso corresponde ao êxtase contemplativo, no qual Deus se une activamente à alma, vertendo-se nela²³⁶⁹.

²³⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 113, § 117.

²³⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 117.

²³⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 117.

²³⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 117.

²³⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 117.

²³⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 117.

²³⁶⁸ Soror Isabel do Menino Jesus escreve “jlabso”, mas refere-se, certamente, a ilapso (do latim, *illapsus*, ou seja, corrente, vertente de água), termo usado por alguns místicos e autores, como o Padre Manuel Bernardes (1644-1710), na sua obra *Luz, e Calor...*: “A Terceira, e mais sublime regiaõ do Homem interno, he o mesmo racional (que acabamos de explicar) quanto á sua parte superior. Tem esta entre os Authores mysticos (que são os que mais a conhecem) varios nomes, como são, Intelligencia, Mente, Sombra do entendimento Angelico, Apice, ou ponta do espirito, Scintillada razão eterna, e outros semelhantes. Aqui está aquelle habito, que diziamos, dos primeiros principios especulativos, e a Sinderésis de que se forma a consciencia. Aqui são os ilapsos, e communicaçoes de Deos, embebendo-se no espirito, e apossando-se delle, como o rayo da luz repassa o crystal, e o transfígura na mesma luz. Aqui se obraõ os actos de contemplaõ infusa”. Cf. Manuel Bernardes, *Luz, e Calor. Obra Espiritual para os que trataõ do exercicio de virtudes, e caminho de perfeiçaõ, dividida en duas partes...*, Lisboa, Oficina de Manuel Deslandes, 1696, Parte I, Doutrina III, p. 38, § 48.

²³⁶⁹ Na sua *Cadena Mystica Carmelitana...*, escreve em castelhano o carmelita descalço português Frei José do Espírito Santo: “este nombre ilapso, significa vna difusion, entrada, y decida de vna sustancia en outra, hasta lo intimo de ella: para lo qual se requiere que sea sustancia superior, como lo es de Dios, respecto de toda criatura: y porque Dios, y las sustancias espirituales no estàn en lugar, sino por alguna operacion para que se diga que Dios está vnido por ilapso, es necessario, que el mismo Dios obre inmediatamente dentro de los terminos de la cosa en quien se difunde por ilapso: y solo Dios puede obrar en nuestra alma, y en nuestra voluntad, y entendimiento; pero en nuestros corpos tâbiẽ los Angeles buenos, ò malos; y aspueden (*sic*) entrar

A autora escreve, de facto, que “falo de experiensia e se ha outros groos mais subidos nam me sei dar a emtemder”²³⁷⁰. Diz também que a união mística será reconhecida porque se sente no coração um “fogo de braza uiua e os yfeitos que Deixa he nam ter esta alma fumos de uaydade que fogo de braza uiua nam deita fumo”²³⁷¹. A alma chega a esta iminência e fica a humilhar-se com o conhecimento próprio e, deste modo, “temos ya esta alma fechada selada e lacrada”²³⁷² na arca “do melhor Noe para a uida eterna”²³⁷³. Soror Isabel refere-se a Noé, filho de Lameque, cuja história está narrada no *Livro de Génesis*²³⁷⁴. Aqui, Noé recebe de Deus a ordem de construir uma grande arca para salvar a criação do dilúvio universal, fazendo embarcar nela homens, mulheres e animais, um casal de cada espécie. Uma pomba branca sai da arca e regressa com um ramo de oliveira no bico, sinal de que as águas já estão serenadas.

A partir desta passagem do Antigo Testamento, a autora explica alegoricamente que, depois da *unio mystica*, a alma recomeça o seu caminho. “Veiamos agora o que fara esta alma daqui por diante digo que ha de prensipiar outra ues as tres Vias que nam imagine estar seguro que o homem emquanto uiue sempre esta uestido de natureza”²³⁷⁵. Noé, quando entrou na arca, “leou comsigo todo genero de Aues brutos estes estam alguns deles ssenificados nas paxois e apetites do homen No semtido mistico Sse axara esta ssinificam”²³⁷⁶. Apesar de se supor que a alma quando chega a este estado está purgada, “na terra da natureza pode auer inda rraizes e produzir a toda a hora se podem leuantar paxois”²³⁷⁷.

en ellos por ilapso improprio, porque no obran en la susbtancia, sino en la cantidad. Assi, que Dios está por essencia, y por inmensidad en todas las cosas por ilapso próprio, porque por su operacion las conserva, y de todo el ser que tiene, y desta manera está en nuestras almas.” Cf. José do Espírito Santo, *Cadena Mystica Carmelitana, de los Avtores Carmelitas Descalzos, Por quien se há renouado en nuestro siglo la Doctrina de la Theologia Mystica, de que há sido Discipulo de San Pablo, y primero Escritor San Dionisio Aeropagita, antiguo Obispo y Martir...*, Madrid, Oficina de Antonio Gonçalvez de Reyes, 1678, Propuesta 30, p. 267.

²³⁷⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 114, § 117.

²³⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 117.

²³⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 117.

²³⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 117.

²³⁷⁴ Cf. Gen 5, 26 et seq.

²³⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

²³⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

²³⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

Estas significam as “brauezas do toyro”²³⁷⁸ que entrou na arca. É necessário que a alma tenha muita paciência para sossegar a sua paz interior, para que “nam saiam paxois jmitando a ponba que tambem entrou narca e saindo tornou a emtrar com o rramo de oliueya apregoando Pas”²³⁷⁹.

Também da arca saiu o corvo, que Soror Isabel considera a “figura do apetite”²³⁸⁰, porque o homem, enquanto vive, não lhe morre o vício, “a natureza sempre he a mesma”²³⁸¹. Esta “Aue Pronumsioza”²³⁸² não cabia com a pomba na arca e por isso saiu. O corvo significa tudo o que é contra a castidade, “sahio e nam tornou a emtrar que Nam quer Deus que uisios emtrem nalma”²³⁸³. O veado também entrou na arca, cujos cornos significam os pensamentos: “este tem moitas pontas que senificam os pensamentos e o homen he moyto fraco”²³⁸⁴. E também o camelo entrou, animal que, como leva muito carregamento, significa a grande quantidade de pecados que pode haver na terra que seja habitada pelo homem.

Como antes referiu, os servos de Deus podem sempre levantar as suas culpas, ou os seus efeitos, “ou ao menos rraustos de culpas”²³⁸⁵. Mas não podem nunca dar-se por seguros enquanto vivem encarnados, porque o Senhor que meteu a alma na arca, “que he semelhante a hum nauio”²³⁸⁶, não lhe assegurou que quem embarca não padecerá tempestades. Antes fica sujeito a muitas, e o Demónio está vendo como poderá derrubar a alma. Por isso diz a autora: “que esteia de auizo que agora ha de tornar a prinsipiar a uia purgatiua subindo por esta escada tam jngreme e com moito medo de cahir ha dir chorando seus pecados com moita humildade”²³⁸⁷. O podre do homem “sempre tem O seu lugar”²³⁸⁸; e “o homen

²³⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

²³⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

²³⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

²³⁸¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

²³⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

²³⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 118.

²³⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 118.

²³⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 118.

²³⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 118.

²³⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 118. De facto, como chama a atenção Daniel de Pablo Maroto, acerca das três vias do espírito, “en este itinerario no se recorren las vías progressivamente, una después de la otra, sino que son aspectos que avanzan paralelamente y las acciones fijadas para cada una se repiten, con diferente perfección, en todas. Esta explicación quita muchos equívocos a la hora de establecer un crecimiento progresivo de la vida espiritual en compartimientos estancos, algo que se ha criticado por todos los manualistas de la teología espiritual”. Cf. Daniel de Pablo Maroto, *Espiritualidad de la Edad Media...*, op.

tem em si o homem”²³⁸⁹, por isso não sabe se é santo. Acodomode-se “a que o nam he mas pode uir a cer”²³⁹⁰.

“O Amor deuino tem uesas e direitas”²³⁹¹. É por isto que se reinicia a via purgativa. Exemplifica o reinício com São Francisco, que “tendo moito amor de Deus estaua na uia purgativa”²³⁹², lançando-se a silvados²³⁹³, ou à neve²³⁹⁴, para extinguir “o que tinha de homem”²³⁹⁵. Como estava “uestido de Adam”²³⁹⁶, fora preciso estar na via purgativa, procurando a penitência. Depois, a alma tem sempre necessidade de adquirir virtudes, “segunda ues ade tornar a prinsipiar a Via jluminatiua acrescentando uertudes sobre uertudes para crescer com a crus de Marta que mereseo ter a Cristo por {ospede} Ospede”²³⁹⁷. A autora alude aos evangelhos, que mencionam Marta, irmã de Lázaro, discípulos de Cristo que

cit., pp. 108-109. As três vias do espírito são exercícios pelos quais se hierarquiza a alma, são caminhos por onde chega a alcançar cada um dos três métodos ou procedimentos para conseguir a paz, a verdade e a caridade. Não se confundem, pois, com as três idades ou etapas de um mesmo caminho, antes são três caminhos, cada um com um fim específico. Não serão, todavia, absolutamente paralelos, pois cada um dos actos hierárquicos pode estar mais ou menos condicionado pelos outros. Não são sucessivos, como se a via purgativa fosse um exercício característico, ou exclusivo, dos principiantes, e as vias iluminativa e unitiva dos proficientes, ditos também aproveitados ou perfeitos. Cf. *Idem, ibidem*, p. 109.

²³⁸⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 115, § 118.

²³⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 118.

²³⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 118.

²³⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115.

²³⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 119.

²³⁹³ Soror Isabel do Menino Jesus volta a aludir a um episódio da vida de São Francisco, presente na tradição franciscana, que já referimos em nota anterior: o Santo, para vencer fortes tentações carnis, despira o hábito e lançara-se a uma sarça, que depois florira rosas. Em Portugal, no século XVIII, havia várias representações de São Francisco deitado na sarça pelos conventos franciscanos, como o de Santo António de Campo Maior, num painel de azulejos, que ainda se conserva, na igreja, numa parede da actual Capela de Santa Beatriz da Silva, antiga Capela de São Francisco. Neste painel, enquanto o Santo está na sarça, o Demónio está de pé, tentando-o. A sua figuração é animalésca, mas apresenta seios de mulher, escandalosamente desnudos.

²³⁹⁴ Soror Isabel do Menino Jesus alude a outro episódio da vida de São Francisco, no qual o Santo, também por causa de uma tentação carnal, despira o hábito e lançara-se à neve. Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. V, § 4, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, pp. 631-633.

²³⁹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 115, § 119.

²³⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 115, § 119.

²³⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 115-116, § 119.

moram em Betânia²³⁹⁸. Embora na via unitiva, “sendo A Magdalena o sentro do amor buscou huma coua para fazer penitensia”²³⁹⁹.

E assim, em tudo isto, diz que o amor divino tem avessas e direitas “e caminhar direito he buscar Ssempre uertudes alma neste estado indo pelos

²³⁹⁸ Cf. Lc 10, 38-42. Soror Isabel do Menino Jesus invocará aqui a figura de Santa Marta como símbolo do sacrifício que esta faz nas lides domésticas, durante a hospedagem de Cristo, enquanto sua irmã, chamada Maria, se senta aos pés do Senhor, para o escutar. Cf. Lc 10, 38-42; Jo 11, 1-46; 12, 2; 12, 9-11. As duas eram invocadas em alguns tratados místicos, por exemplo, no primeiro que se escreveu em língua castelhana, do Padre Gómez García, *Carro de dos uidas*, impresso em 1500. Vd. Gómez García, *Carro de dos uidas*, Sevilla, Joannes Pegnicer de Nurenberga y Magno Herbst de Fils, Sevilla, 1500. Vd. também Melquíades Andrés Martín, “Carro de Dos Vidas (1500). Primer Tratado Español de Mística de la Edad de Oro”, in *Revista Burgense*, vol. 23, n.º 2, Burgos, 1982; e Daniel de Pablo Maroto, *Espiritualidad Española...*, op. cit., p. 154.

²³⁹⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), op. cit., p. 116, § 119. Soror Isabel do Menino Jesus refere-se a Santa Maria Madalena, que toma por irmã de Santa Marta, um erro generalizado na sua época. Nos evangelhos, as duas discípulas de Cristo não são irmãs. Santa Marta tem, de facto, uma irmã chamada Maria – ou seja, Santa Maria de Betânia –, que se senta aos pés do Senhor para o escutar enquanto Santa Marta o serve à mesa, mas esta Maria não é a mesma pessoa que é referida nos evangelhos como Maria de Magdala, ou Madalena. Parece, sim, ser a mesma Maria a quem o *Evangelho Segundo São João* apresenta a ungir a cabeça de Jesus com nardo, em Betânia, dias antes da Páscoa, presumivelmente em sua casa, uma vez que também diz que Marta serve então à mesa. Cf. Jo 12, 1-8. Quanto a Santa Maria Madalena, que os evangelhos indicam ser oriunda da cidade de Magdala – e não de Betânia –, sendo liberta por Cristo de sete demónios, segue-o e serve-o com os seus bens. Cf. Lc 8, 2. É uma das mulheres que não o abandona no momento da morte. Cf. Mt 27, 56; Mc 15, 40; Lc 23, 49; Jo 19, 25. Testemunha a sua sepultura. Cf. Mt 27, 57-61; Mc 15, 42-47. Constata que o sepulcro está vazio ao terceiro dia. Cf. Mt 28, 1-10; Mc 16, 1-11; Lc 24, 1-7; 24, 9-11. É a primeira pessoa que o vê ressuscitado. Cf. Mt 28, 1-10; Mc 16, 1-11; Lc 24, 1-10; Jo 20, 1-2. A tradição, porém, fundiu as duas *Marias* (a de Betânia e a de Magdala) com uma terceira mulher, esta sem nome e dita pecadora, que também derrama perfume nos pés e na cabeça de Jesus, igualmente em Betânia, mas em casa de Simão, o *Leproso*. Cf. Mt 26, 6-13; Lc 7, 36-50. Jo 12, 3. Este episódio, semelhante ao que se passa em casa de Santa Marta, terá contribuído para a fixação da ideia de que, antes de se converter, Santa Maria Madalena fora, na verdade, uma pecadora, ou, especificamente, uma prostituta, retirando-se depois da ascensão de Cristo para uma caverna, onde fizera penitência pelos seus pecados, embora esta crença não apresentasse fundamento bíblico. A figura póstuma da Santa, ao longo dos séculos, foi assumindo diversos e complexos matizes. Vd. Helena Barbas, *Madalena – História e Mito*, Lisboa, Edições Êsquilo, 2008. Esta era uma imagem muito difundida na época de Soror Isabel do Menino Jesus, a de Santa Maria Madalena Penitente. Veja-se, por exemplo, uma escultura de barro no Convento de Santa Maria da Arrábida, dos franciscanos alcantarinos, atribuível ao século XVIII. Está recostada, em atitude meditativa, dentro de uma caverna artificial, com um livro aberto sobre o colo e uma caveira ao lado. Tem umas disciplinas, sinais de penitência. A invocação de Santa Maria Madalena por Soror Isabel depois de Santa Marta indica, pois, que as tomava por irmãs. De facto, já no *Carro de dos uidas*, do Padre Gómez García, primeiro tratado místico em língua vernácula que se imprimiu na Península Ibérica, a irmã de Santa Marta (vida activa) é Santa Maria Madalena (vida contemplativa), e não Santa Maria de Betânia. Vd. Gómez García, *Carro de dos uidas*, op. cit.

caminhos que digo sempre uai amando a Deus leuando comsigo a morte mística”²⁴⁰⁰. A alma vai caminhando “com huma crus feita de sera e sendo de sera”²⁴⁰¹ que pesa muitas arrobas, porque vai ardendo no amor de Deus, “tanto uay queimando e desfazendo a natureza”²⁴⁰². É uma cruz que exige muita paciência, que “uai queimando a carne para acender o spirito”²⁴⁰³. A morte mística, afirma a autora, dá um grande martírio, mas deixa na alma “hum grande Dom de pureza de comsiensia particularente na uertude da castidade”²⁴⁰⁴. Nesta virtude, a alma goza do amor divino, “com cheiro de Roza”²⁴⁰⁵. Soror Isabel explica que é “como huma Pessoa que toma humas colheres de mel rrozado”²⁴⁰⁶, tomando o gosto da doçura e o cheiro a rosa²⁴⁰⁷.

Tornado às três vias, “digo que em todas As tres uias se pode ser santo pois Job na sua uia purgativa foy santo”²⁴⁰⁸. Refere-se a Job, cuja história é contada no *Livro de Job*, do Antigo Testamento, modelo de homem paciente em todas as vicissitudes. Na via iluminativa, “milhor se pode çer porque ia Pasou pela primeira”²⁴⁰⁹. Para esta via aponta o exemplo de São Tomé, apóstolo de Cristo, que, não crendo que o Senhor ressuscitara, “meteo a mam no lado e bastou para ser santo”²⁴¹⁰. Refere-se evidentemente à chaga do lado de Cristo: “quem meter A

²⁴⁰⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 116, § 119.

²⁴⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴⁰⁷ Soror Isabel do Menino Jesus refere-se certamente ao mel de rosas, xarope preparado com mel e pétalas de rosa, que ainda hoje é produzido em algumas cozinhas portuguesas e brasileiras, para ser tomado à colher como sobremesa, ou para ser usado em certas receitas de compota. Também pode ser usado como xarope medicinal, para tratar aftas e os mamilos gretados pela amamentação. Na época de Soror Isabel já teria as duas funções. Rafael Bluteau refere, de facto, que “Mel rosado, mel de violas, mel de passas &c. saõ composições de Boticarios”. Cf. “Mel”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. V, p. 408.

²⁴⁰⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 116, § 119.

²⁴⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119. Cf. Jo 20, 24-30.

mam no lado das uertudes tanbem o podera ser”²⁴¹¹. Na via unitiva, aponta para Santa Maria Madalena, “que prensipiou logo amando {e} e quem comesa a uertude com amor sempre chega a huniam”²⁴¹². Conclui este trecho dizendo que todos “them porta aberta para serem santos se quizerem”²⁴¹³. Pode-se ser santo nas três vias, “como o amor de Deus them uesas e direitas”²⁴¹⁴.

“Sseguese como Alma que esta neste estado deuia Vnitiua them spirito com dobrado spirito”²⁴¹⁵. Como a alma tem entrado no caminho do espírito superior do amor divino, há-de “sahir o amor do prosimo que he a Charidade e compaxam”²⁴¹⁶. Já não pode viver sem ter o amor de Deus por guia será “pagando o que nam deue crus de mayor = Pezo”²⁴¹⁷. Há-de repartir com todos os bens espirituais para elevar almas para o Céu. E assim “se desfara em pasiensia”²⁴¹⁸. Sabe que levando esta cruz assegura a sua própria salvação e ajuda também a salvar muitas almas, que para este bem “se rrexiou a si de amor de Deus”²⁴¹⁹. A luz para “fazer estes Atos de uertudes amanchesera como amanhesia aos profetas”²⁴²⁰. Se a alma se fizer digna desta grande dignidade, “emtrando neste grande purgatorio de pagar o que nam deue”²⁴²¹, alcançará umas “azas de seraphin”²⁴²² e terá o mérito dos apóstolos.

“Agora como esta alma esta emcastelada no castelo onde mora O amor de Deus”²⁴²³, está em guerra com o Demónio, mas este vai já fugindo, porque “tem moito medo de quem ama a Deus”²⁴²⁴. Nunca cessa de combater alma, “inda que fique uensido”²⁴²⁵, mas a alma, no estado em que está, tem “huma singularidade

²⁴¹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 116, § 119.

²⁴¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 116, § 119.

²⁴¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 121.

²⁴¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 121.

²⁴¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 121.

²⁴¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 121.

²⁴¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 121.

²⁴²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 121.

²⁴²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 121.

²⁴²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 121.

²⁴²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 122.

²⁴²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 122.

²⁴²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 122.

para conheser as astusias do Demonio”²⁴²⁶, adquirida por “huma jntiligensia que nase do amor de Deus e mereseo este Preuilegio por estar hunida com o mesmo Deus”²⁴²⁷. Tem outra singularidade, que é estar quase sempre em oração. E outra, a de “saber moytos segredos de Deus”²⁴²⁸. E outra, que é amar os seus inimigos pelo privilégio de ter o amor divino. E ainda outra, “estar sempre com a mam leuantada e armada contra o Demonio”²⁴²⁹. Mais uma singularidade: levando uma cruz tão pesada, não cai tantas vezes em pecado, como caía, quando levava uma cruz mais leve. E outra, por fim: “estar ordinariamente humilhandose”²⁴³⁰.

Segundo escreve, estes privilégios e singularidades não são concedidos senão às almas humildes de coração. Permitem que a alma ouça “algumas palauras intiriores”²⁴³¹. Neste caso, tais palavras serão reconhecidas pelo som, “Pois as palauras que uem do Ceo trazem ificasia para emtra\r/ no corasam”²⁴³², ficando a alma muito humilde. Trazem-lhe frutos de penitência, amor de Deus e ao próximo, soam a espírito, e não a natureza. Ouvindo-as a alma, se ficar com dúvidas acerca da sua procedência, “nam fasa caZo delas pois as que uem de Deus logo \sam/ sertas que este bem tem quem trata com Deus”²⁴³³. A alma está na terra e comunica-se com quem está no Céu. Estes favores “fazia Deus A moyzes uerdade he que escomdia A fase mas ouuia a sua Vos”²⁴³⁴. A autora refere-se a Moisés, que, no *Livro do Êxodo*, do Antigo Testamento, durante a travessia do povo de Israel pelo deserto, depois de sair do cativoiro do Egipto, comunica com Deus na tenda²⁴³⁵. Sempre que entra nela para falar com o Senhor, a sua face resplandece, pelo que, quando sai, tem que de a velar, para não o revelar ao povo.

Neste estado, a alma ouve outras vozes: “chamanse uozes mudas que se emtendem sem ouuir Palauras”²⁴³⁶. São, para Soror Isabel, as melhores que se

²⁴²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 122.

²⁴²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 122.

²⁴²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 122.

²⁴²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 122.

²⁴³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴³⁵ Cf. Ex, 34, 33-35.

²⁴³⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 118, § 122.

podem ouvir “porque Ssam moyto intimas e fauor grande que Deus fas algumas almas”²⁴³⁷. Como este “graos de Orasam he tam supirior e sobreNatural ia tem Ares de comseito honde se emtendem sem falar porem alma”²⁴³⁸. A alma conhece o que Deus dela quer, “explicome com huma comparasam”²⁴³⁹: é como uma pessoa que vê e não ouve, pode ver um letreiro, “pois aSsim pouco mais ou menos sam estas uozes”²⁴⁴⁰. E “digo mais”²⁴⁴¹: que, quando a alma goza esta felicidade, “goza de hum grandíssimo Amor de Deus porque sam moy suaueis ao spirito estas uozes mudas”²⁴⁴². Neste estado, pode também haver “humas fragansias de cheiro suauisimo que se mete por dentro do corasam como Pauio na toxas”²⁴⁴³. Sucede uma “suspensam de sentidos e potensias mas dura pouco tempo”²⁴⁴⁴, isto é, êxtases.

Escreve que “o que pude dise das três Vias que alcancei”²⁴⁴⁵. Recordas que atribui a cada via um peso, “comforme os seus metais cobre pratta e oyro”²⁴⁴⁶, porque “destes se fabricaram As cruces”²⁴⁴⁷. A cruz de ouro, com quatro arrobas,

“tem mais ualor e quem nam tem este oyro nam he rico porque o oyro da terra na terra se cria O oyro do amor deuino ueio do Ceo a terra e tem tanta ualia que alma que chegou A huniam com Deus por ter este oyro tem para si e tem para dar RePartindo com as quatro partes do mundo pois com todas quatro partes se comrresponde e comonica com mam larga sem Pezo nem medida isto he As Orasois que de comtino oferese A Deus por todo mundo e por onde sobem estas Orasois da terra Ao Ceo he pela suauisima escada de jacob este he o caminho direito e com ser tanta a distansia da terra ao Ceo se faSsilita que sobe por ela O amor com seus Afetos que o amor sempre tem entrada e nam se lhes nega o despacho de suas petisois que esta he a singularidade do amor”²⁴⁴⁸.

²⁴³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴⁴² Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 118, § 122.

²⁴⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

Trata-se evidentemente de uma exposição baseada na experiência pessoal, num tom algo autobiográfico, pois resume o que, em grande parte, se encontra nos outros textos, em especial na “Vida” e na “Carta à Abadessa e Religiosas”, acerca da sua oração e da sua penitência para exercer a intercessão por vivos e defuntos, “que de comtino oferese A Deus por todo mundo”²⁴⁴⁹; recebendo graças de Deus, que vai “RePartindo com as quatro partes do mundo pois com todas quatro partes se comrresponde e comonica com mam larga sem Pezo nem medida”²⁴⁵⁰, uma alusão aos seus voos ou bilocações por vários reinos, em socorro das almas, e também ao seu dom da penetração das consciências, que lhe permitia conhecer e auxiliar quem estava em necessidade.

Soror Isabel do Menino Jesus cola então uma tira de papel no fólio, junto ao trecho que citámos. Nela, acrescenta o que supomos ser resultado de uma revisão, ou leitura mais atenta do texto, já depois de passado a limpo. Na tira, diz que “Agora ponho huma comparasam”²⁴⁵¹. E diz que não há coisa que se possa comparar com o mar, “pois com sua grandeza abrasa todo mundo”²⁴⁵². Só pode ser excedido pelo amor de Deus, porque este “he mar sem fundo rrodeya e abrasa o mundo todo”²⁴⁵³. Tudo isto tem a alma que está unida a Deus, tem no coração esta grandeza do amor divino, e tem braços para abraçar o mundo inteiro, “isto he com orassois”²⁴⁵⁴, aplicando-as em união com os méritos de Cristo. Termina o acrescento com: “fasa Vossa Paternidade por mereser estes”²⁴⁵⁵.

“Agora emtro na infirmaria dalma que chegou a huniam”²⁴⁵⁶. Não se pode excluir da enfermaria esta alma, porque não há saúde tão perfeita “que nam padesa alguns acidentes”²⁴⁵⁷. Destes acidentes “fis mensam nos graos que fica escripto atras agora torno a rrepetir dizendo que o Sol padese seus jclises e se asim nam sucedera o spirito da Via Vnitiua”²⁴⁵⁸, porque, vendo-se tão avantajado,

²⁴⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

²⁴⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119.

²⁴⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 123.

²⁴⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 123.

“coydaria de si que hera Sol nos Resplandores”²⁴⁵⁹. Para que não se desvaneça presumindo que o ouro de que se fez a sua cruz “nam tinha fazes”²⁴⁶⁰, põe-lhe “diante dos olhos huma jnfermaria quazi semelhante a da uia jluminatiua”²⁴⁶¹, pois consta de pensamentos, palavras e obras; e “nesesita inda Alma de ser curada dipois do que fica dito nam ostante o alto estado a que chegou estando hunida e transformada com Deus Com tanta prefeisam”²⁴⁶². Por “mais aseio que tenha nas suas potensias”²⁴⁶³, encontrar-se-ão nelas pensamentos sem proveito, palavras sem espírito e obras sem mérito; e tem “moyto que temer Por ter groseiraria nas palauras descomserto nos pensamentos desmeresimentos nas obras e cada ato uoluntario posto Da parte da natureza deslustra o spirito”²⁴⁶⁴. O descuido é culpável; se “o que digo nam he materia de culpa pelo menos sam sombras de culpas que o po da terra de que he feito o homen leuanta sempre argueiros”²⁴⁶⁵ e estes argueiros são os que desejam pensamentos, palavras e obras. Dado o caso em que o espírito chegue a ser tão limpo como água, “esta mesma agoa cria escuma”²⁴⁶⁶. Porque o cativo da culpa de Adão sujeita o homem a “conheserse pelo que he”²⁴⁶⁷.

Pois agora, sendo esta enfermaria tão incurável, o remédio “mais ificasisimo”²⁴⁶⁸ para preservar é a oração, que nada mais limpa tanto a alma. O amor divino pede do homem a boa correspondência, que a união “hum so Amor fas as obras”²⁴⁶⁹. Mas para ficar esta obra bem feita,

“nam quero tirar o que he seu digo tanbem que nam se podem somar os graos da Via Vnitiua porque os uoos que deram as penas com ligeireza me tomaram {a pena} a pena da mam e uoaram por todo mundo perdese o algarismo e para fechar este pequeno {uolu-} Volume quizera mereser Aos Senhores Doutores misticos que uirem Estes papeis me considerem jgnorante que como nam tiue siensia Adequerida

²⁴⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁶⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

numca podia ser mestra de spirito e nos defeitos desta Obra se ue bem nam ter eu
letras e se nas expiriensias ha erros So em min se podem achar o perdam de Vossas
Reuerendissimas quero pois me atreui Em rrecompensam de me darem Absoluissam
lhesh meto nas mãos mais duas folhas de papel que por ser papel de flores podera
cheirar bem Aos SSenhores SSacerdotes”²⁴⁷⁰.

Refere-se aos seus três directores espirituais, ou, talvez, já aos teólogos que, futuramente, veriam o seu manuscrito autógrafo, no definitório da Província, ou mesmo aos censores: “Aos Senhores Doutores misticos que uirem Estes papeis”²⁴⁷¹. Reputa-se por ignorante e diz-lhes que, como não teve ciência adquirida – mas, sim, ciência infusa, pela graça de Deus, entenda-se –, “numca podia ser mestra de spirito”²⁴⁷². Esta última afirmação parece indicar que esses seus directores espirituais, ou a generalidade das pessoas que a conheciam, a consideravam como tal. Pedindo desculpas pelos eventuais erros da sua obra e a absolvição dos seus pecados, passa a dissertar sobre os sacerdotes.

Esta parte final do “Tratado Místico” parece desviar-se um pouco da matéria ultimamente tratada, motivo pelo qual, supomos, Frei Martinho de São José, no título da *Vida da Serva de Deos...*, designou este texto no plural “Tratados Mysticos”²⁴⁷³. Não seguimos aqui esta distinção implícita de dois tratados, porque não consideramos esta parte, que a autora começa no fólio 122, § 124, como um segundo tratado. Apesar de se debruçar sobre a figura do sacerdote, não nos parece ser matéria desligada das anteriormente tratadas e, sobretudo, a autora não faz distinção entre o texto precedente o que agora inicia. Trata apenas da virtude da castidade dos sacerdotes, mais uma matéria que é dirigida ao director espiritual para quem escreve o “Tratado Místico”, e, nele, a todos os sacerdotes que vierem a ler o seu texto. O tema da castidade foi já abordado no texto e, note-se, está presente em todos os textos de Soror Isabel, em especial nas “Cartas a um Religioso”. A autora chega mesmo a usar uma dessas cartas, dirigidas a um sacerdote, para compor o texto, como citaremos adiante.

Diz Soror Isabel que “Ssempre foram os meus dezeyos dedicados estar debaxo dos pes Dos Senhores Sacerdotes uenerando suas disposiçõis trazendoos

²⁴⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁷² Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

²⁴⁷³ Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*

Nas meninas de meus olhos”²⁴⁷⁴. O seu amor pelos sacerdotes não tem estado ocioso durante a sua vida, “para alcançar de Deus Nosso o seu remedio”²⁴⁷⁵. Por isso, “quero por minha morte deixarlhes o spirito da uertude da castidade”²⁴⁷⁶. O tom é o de quem tem, de facto, uma idade avançada e supõe para breve a sua morte, o que reforça a nossa suposição de que o “Tratado Místico” foi redigido, ou, pelo menos, passado a limpo, com acrescentos, nos últimos anos, durante o primeiro abadessado de Soror Isabel de São José (1750-1753), sobrinha da autora.

A autora opta por dirigir-se a todos os sacerdotes no singular: “Em hum so sacerdote tomo prensipio pois sendo o numero dos sacerdotes innumerauel hum so podera seruir para todos”²⁴⁷⁷. Assim, ao

“Senhor Sacerdote que quizer guardar com limpeza a uertude da castidade direi o que aprendi na escola do amor de Deus que se as estrelas do Ceo tem por ofisio dar lus tanbem as almas podem Sser estrelas humas de outras ofereso como digo o mimo de meu Amor que prensepia en flor e acaba em folha primeiramente”²⁴⁷⁸.

Nas duas folhas que anunciou vir ainda a preencher – possivelmente para terminar o caderno que usa – dizia que por “ser papel de flores podera cheirar bem Aos SSenhores SSacerdotes”²⁴⁷⁹. A alusão tem certa graça, não só porque a matéria a tratar – a castidade dos sacerdotes – seria sustentada por várias imagens de flores, ervas e árvores, como porque o papel usado pela autora teria, efectivamente, um cheiro floral. As religiosas do convento usariam perfumes, ou águas de flores, como a água de rosa, para aromatizar os cadernos e livros do cartório, porque os que consultámos no Arquivo Distrital de Portalegre possuem ainda hoje um odor agradável, semelhante, de resto, aos provenientes do Convento de Santa Clara de Évora, de religiosas da mesma Ordem.

A flora tinha uma importante presença na cultura barroca, em especial na literatura e na pintura, com uma linguagem simbólica própria, como demonstra

²⁴⁷⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauele Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 122, § 124.

²⁴⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 124.

²⁴⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 124.

²⁴⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 124.

²⁴⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 124.

²⁴⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 120, § 123.

Sónia Talhé Azambuja²⁴⁸⁰. No “Tratado Místico”, começa Soror Isabel por dizer que põe na mão do sacerdote “a flor do girassol”²⁴⁸¹, porque esta flor segue o sol, orientado a corola para os seus raios. Como vai mudando o girassol de posição, ao “Senhor Sacerdote he presizo mudarse para Deus que nam ha rrezam que o dezobrigue em faltar a Deus com seu amor a quem consagrou sua castidade”²⁴⁸². Se é pelo temor de ser homem, veja que foram já muitos os homens que guardaram a castidade; e se é pela “Oposisam que tem esta uertude”²⁴⁸³ – entenda-se, as opiniões contrárias, ou os contextos desfavoráveis à sua conservação –, não seria tão firme esta virtude. Sem oposição, os homens tiveram-se a si próprios por grandes, “coydando que heram Anyos”²⁴⁸⁴. A autora parece aludir aqui à queda do género humano no Paraíso, segundo o *Livro de Génesis*. Depondo o temor, o sacerdote pode, pois, “obrar esta fineza por amor de Deus”²⁴⁸⁵.

Soror Isabel diz depois que “ofereso a flor do bem me queres que para se unir alma com Deus ha de Sser por amor linpo puro e sem outro amor ade morrer o amor humano e rresusitar o deuino”²⁴⁸⁶. Oferece também o lírio, que o sacerdote “tem obrigasam de merecer Com penitensia”²⁴⁸⁷. Para a autora, a flor do lírio significa a penitência, “que sem esta nam se pode guardar castidade”²⁴⁸⁸. Nesta virtude ainda há batalhas, “porque nam ha Aruore por moita seca que Esteia que

²⁴⁸⁰ Vd. Sónia Talhé Azambuja, *A Linguagem Simbólica da Natureza. A Fauna e a Flora na Pintura Seiscentista Portuguesa*, Lisboa, Vega, 2009.

²⁴⁸¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, op. cit., p. 122, § 125.

²⁴⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 125.

²⁴⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 125.

²⁴⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 124.

²⁴⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 124.

²⁴⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 125. Entendemos que Soror Isabel do Menino Jesus alude aqui ao bem conhecido jogo que consiste em desfolhar a flor de bem-me-quer, dita também flor de mal-me-quer, dizendo “bem me quer” por uma pétala e “mal me quer” pela seguinte, até à última. O jogo persiste em algumas regiões portuguesas, designadamente na de Portalegre, fazendo-se para adivinhar se certa pessoa corresponde ao amor de quem desfolha. O jogo será tão ou mais antigo que a época da autora e não era feito apenas em Portugal. Em países de língua inglesa, esta flor – que pode corresponder a várias espécies da mesma família, como a margarida e a calêndula –, ainda é popularmente conhecida como “love me not”. No “Tratado Místico”, Soror Isabel dá a entender que, no jogo, ao sacerdote calha como última pétala a de “bem me quer”, ou seja, a do amor divino, porque outro amor um sacerdote não deve ter.

²⁴⁸⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, op. cit., pp. 122-123, § 125.

²⁴⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 125.

nam tenha alguns ramos verdes²⁴⁸⁹. Espera que no coração do sacerdote não haja tais verduras.

O sacerdote é uma açucena, “mas se ouer alguns a que se posa dar nome de asucena também auera outros que guardem castidade com largueza porque asucena tem folhas largas”²⁴⁹⁰. Mas Deus não quer que o sacerdote seja uma açucena de folhas largas, porque “os pensamentos pasaram a maior largueza as palavras e não teram marca as obras e huma largura sem marca não se acha em sacerdote”²⁴⁹¹. Portanto, o sacerdote deve ser comedido, sem se alargar no pensar, no falar e no fazer.

Oferece outra “flor mais prisioza”²⁴⁹², mais estreita que a açucena: “chamase Angelica e quanto mais for o Senhor Sacerdote estreitando os sentidos com a mortificasam tera melhor cheiro esta flor e sera esta uertude Angelica”²⁴⁹³. Como não há flor sem raiz, “merese esta uertude ther a rraiz branca semelhante a rraiz da espadana”²⁴⁹⁴, sendo a espadana uma gramínea que “nase com rraiz Branca”²⁴⁹⁵. E, assim, pergunta: “se a rraiz não esta linpa de afetos como se ham de produzir os froytos de castidade”²⁴⁹⁶?

Tem a virtude da castidade “moytos quilates e por mais que se apure sempre fica que apurar”²⁴⁹⁷. Pois agora, “no iardin de flores também se acham brauios descubro huma Rama braua que se chama carqueija”²⁴⁹⁸. A carqueja é “tam emcrespada de sua natureza que tem moita semelhança com a castidade”²⁴⁹⁹; é tão rústica que não admite corte direito. Tudo nela é enviesado, “dezanda o corte para huma parte e torna andar para outra pelas moitas emtre cadensias que tem”²⁵⁰⁰. Do mesmo modo é a virtude da castidade, “não ha poder dar corte a tantos embarasos so quem tem amor deuino pode cortar tantos pensamentos

²⁴⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 125.

²⁴⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 125.

²⁴⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 125.

²⁴⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁴⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁴⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁴⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁴⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁴⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁴⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁴⁹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁵⁰⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 124, § 126.

palauras e obras”²⁵⁰¹. Mas diz Soror Isabel: “heide darlhes hum corte A forsa de braso que he tomar odio a culpa que se nam ouVer odio ao pecado numca se pode arrancar rraizes”²⁵⁰². Vá o sacerdote fazendo actos de contrição, pedindo a Deus graça. Se, com isso, ainda sentir dificuldades, não se desconsolle, que “sam espinhos da sarsa de moyzes e nela estaua Deus”²⁵⁰³. Refere evidentemente a sarça ardente, que, no *Livro de Êxodo* é o lugar de manifestação de Deus a Moisés²⁵⁰⁴.

O sacerdote, porém, há-de precaver-se, não pondo os olhos nas criaturas que “por comseitos uenha no conhesimento de que ha afetos no corasam”²⁵⁰⁵. Muitas vezes são assim conhecidos os pensamentos e a santidade do amor divino “nam sofre escasezes de culpas”²⁵⁰⁶. O homem é fraco e o vício impertinente, é semelhante a uma mula maliciosa, que cuida que o seu dono a tem por mansa e ao mesmo tempo dá coices, embravece-se, desenfreia a cabeça e é então necessária muita rédea e mordação para a sossegar. Assim é o vício, tem “espertidam nos olhos”²⁵⁰⁷. A “uista medonha com os afetos sega a rrazam e escousipinha com A malisia e finalmente semelhante a mula malisioza”²⁵⁰⁸. Pois não se descuide o sacerdote, “inda que tenha forsas De samsam que este tinha as suas forsas nos cabelos da cabesa”²⁵⁰⁹. Soror Isabel refere-se ao hebreu Sansão, que, no *Livro dos Juizes* tem uma força física extraordinária, de origem divina, proporcional ao tamanho da sua cabeleira, dada para libertar o povo de Israel dos filisteus. Mas torna-se amante de Dalila, uma mulher ambiciosa que, subornada pelos inimigos, lhe corta os cabelos enquanto ele dorme, tirando-lhe as forças²⁵¹⁰.

E, assim, diz Soror Isabel do Menino Jesus ao sacerdote que “guardese que huma mulher ganhe a cabesa que como na cabesa estam sentidos e potencias se a

²⁵⁰¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁵⁰² Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁵⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁵⁰⁴ Cf. Ex 3, 2-4.

²⁵⁰⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* (ms.), *op. cit.*, p. 123, § 126.

²⁵⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁵⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁵⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁵⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁵¹⁰ Cf. Jz 13, 16.

mulher a leuou ia la Vam as forsas de samsam”²⁵¹¹. A comunicação de um homem com uma mulher é “tam uenenoza como a bibora que asim que nase logo tras o ueneno comsigo”²⁵¹². Diz também que “outra comparasam me parese bem a prepozito a este intento”²⁵¹³, a do pescador que pesca com anzol: “pesca o pensamento pesca a palaura ate pescar a obra”²⁵¹⁴. Desta maneira, pescam-se culpas, chegando-se a este fim por descuidos na conversa, “pondose a contar contos para imitar os comtadores de sifras”²⁵¹⁵, os quais gastam os seus dias a contar, até ajustar as contas. Pois “asim sam os que com mulheres trauam comuersas”²⁵¹⁶.

Torna a dizer que a virtude da castidade anda acoçada dos seus inimigos e que o maior inimigo que o homem tem é ele próprio, por ser tão fraco. Para lhe tirar as forças basta uma mulher pôr-se diante dos seus olhos: “este he o primeiro combate Por onde se perde pois emtre homen e mulher so hum fumo basta para desmereser o aseio desta uertude”. Põe ainda outra comparação, a do pescador que pesca com anzol: “pesca o pensamento pesca a palaura ate pescar a obra”²⁵¹⁷. Explica-se melhor dizendo que uma pessoa que fuma por cachimbo inspira o fumo do que compôs o tabaco, “pois nem mais nem menos Ssusede ao homen que fala a mulher logo lhe toma o xeiro”²⁵¹⁸. Como “nam tem parente mais chegado do que he a terra”²⁵¹⁹, e porque o vício é “tam pegado a natureza”²⁵²⁰, logo o homem “tem hum axaque semelhante a hum homen que esta emtreuado”²⁵²¹, mas com a diferença de que o entrevado poderia ter algum alívio se pudesse dar alguns passos e aquele que deve guardar a castidade “so nam paseando tem saude nalma”²⁵²².

²⁵¹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 124, § 126.

²⁵¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁵¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁵¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁵¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁵¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁵¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 127.

²⁵¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 127.

²⁵¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 127.

²⁵²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 127.

²⁵²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 127.

²⁵²² Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 127.

Pede “ao Senhor Sacerdote se esmere moyto nesta uertude”²⁵²³ e que reconheça que os que tem por obrigação ser castos “sam os que melhor ham de guardar os olhos”²⁵²⁴. Isto porque não há coisa que “maior Rasgo fasa no corasam do que sam olhos abertos”²⁵²⁵. Só pondo na vista um “sono de contemplasam”²⁵²⁶ tira todo o vício e despede do coração todo o affecto. Este sono teve Santa Maria Madalena, “quando fes asento aos pes de Cristo”²⁵²⁷, logo lhe enfraqueceram os sentidos. Para se ter este sono há que tomar tempo para a oração, porque a virtude da castidade “esta metida na terra da natureza e os apertos com que hade Sser guardada ham de ser como rraizes de acipreste”²⁵²⁸, porque o cipreste tem as suas forças na raiz e, por isso, “se nam moue com tempestades”²⁵²⁹. E se a espadana, como disse atrás, tem a raiz branca, é semelhante à castidade, “porque tem a folha como folha De espada”²⁵³⁰. Desta sorte se guarda a castidade com uma “espada na mam”²⁵³¹; e à ponta de espada se ganham estas vitórias. O sacerdote tem por obrigação andar no mundo fugindo de todos os perigos, para que não se exponha a “acharse na sua boca rretorica nem para a rrecreasam hum abril de flores Nem hum mayo para delisias que tudo isto he porebido a castidade”²⁵³². Esta virtude é muito semelhante ao castanheiro, árvore que dá frutos sem floração, pois a flor

²⁵²³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 127.

²⁵²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127. Soror Isabel do Menino Jesus, como referimos em notas anteriores, associa Santa Maria Madalena a Santa Maria de Betânia, irmã de Santa Marta e de São Lázaro. Aqui, o sono da contemplação alude certamente ao conhecido episódio em casa destes irmãos, em Betânia. Enquanto Santa Marta trabalha na lide doméstica para bem hospedar a Cristo, Santa Maria senta-se aos pés do Senhor para o escutar. Santa Marta queixa-se ao Senhor da atitude despreocupada da sua irmã, que não a ajuda no serviço. Cristo diz-lhe então: “Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada”. Cf. Lc 20, 28-42. Por outro lado, eram frequentes as representações iconográficas de Santa Maria Madalena numa caverna, dormitando, ou desfalecendo, de que são exemplo pelo menos duas obras de Josefa de Ayala (1630-1684). Vd. Joaquim Oliveira Caetano, “Josefa de Ayala (1630-1684): Pintora e Donzela Emancipada”, in *Josefa de Óbidos e a Invenção do Barroco*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2015, pp. 82 e 87.

²⁵²⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 126, § 127.

²⁵²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵³¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

que produz “he huma espiga barbuda que mais parese erua murxa do que flor”²⁵³³. Assim há-de ser o sacerdote casto, que dará “froytos sem flor”²⁵³⁴.

E, com graça, para cumprir o que prometeu, “quando dise que acabaria em folha o que prinsiPiaua em flor”²⁵³⁵, diz que no castanheiro há “froitos de esPinhos”²⁵³⁶ – isto é, o ouriço, casca espinhosa em cujo interior se forma a castanha – e folhas, que, para a autora, “seneficam pensamentos”²⁵³⁷. O sacerdote, que “deue andar uestido {de} De espinhos de penitensia”²⁵³⁸, fará com que se desfaçam os pensamentos, “Como folha de aruore que tanto que predus os froytos logo seca A folha”²⁵³⁹. E assim termina.

Como atrás mencionámos, é de notar o aproveitamento que Soror Isabel do Menino Jesus fez de um trecho da “Carta a um Religioso 8” para elaborar as suas “Adeuirtensias para ser conhesida a tentasam da uaydade”, no “Tratado Místico”. Aqui, a autora escreve:

“a uayDade he moyto emzoneira que quer leuar mais do yusto prezo e them outra ssircunstansia que quer tomar uoos para sima e emtam Sse ue mais rrasteira porque he de tal sorte a sua calidade q’ mengua quando crese pois se a uaidade fizer sonbra a homen ya Nam them ssonbra de uertude pois sendo Vaidozo de si mesmo thoma prensipio de ser hum dos piores homens que andam o caminho da uertude pois o que deue fazer he ter conhesimento próprio que o mesmo que foy pode tornar a ser e ueya se pode spiritualMente abayxar a cabeça aos pes de todas as creaturas que Neste baxo asenta bem a uertude que por iso a uertude da humildade nam crese para sima seus Ramos estam sempre metiDos na terra nam cria flores nem froytos que toda a forsa da humildade he criar Rayzes de conhesimento proprio mas se uierem pensamentos sem culpa iso emtam nam se chama Vaidade porque Nam esta na sua mam ocorrerem pensamentos rrezistir iso pode fazer e se duuida que rrezistio ou nam he serto que la them Algumas rraizes de uaidade e para nam brotar tam ma erua sseruese de melhorar se desta jnfirmitade tiuer alguma queixa Pois nam pode huma alma ter melhor bem que uerse liure De tal mal que os pezemes das culpas sempre se deuem temer e Ssentir porque foram ofensas de Deus”²⁵⁴⁰.

²⁵³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 126-127, § 127.

²⁵³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁵⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

E na “Carta a um Religioso 8” já teria escrito um trecho muito semelhante:

“a uidade he moyto emzoneira que quer leuar mais do justo preso e tem outra circunstansia que he querer tomar Voos para sima e emtam se ue mais rrasteira que he de tal çorte a sua [qua]lidade que mengua quando crese e se a uidade fizer A Vossa Paternidade alguma sombra ja Vossa Paternidade nam tem sombra de uertude porque sendo uaydozo de si mesmo toma prinsipio de ser hum dos piores homens que andam o Caminho da Vertude ua uendo se pode abaxar a cabeça no seu intirior rreconhessendose por menos que todos que neste baxo se acha a uertude da humildade esta numca crese para sima seus rramos estam sempre metidos na terra nam criam flores nem froitos que toda a forsa da humildade he criar rraizes do conhesimento proprio do que he o homen se Vossa Paternidade tiuer este ya nam tem uidade mas se uierem pensamentos sem culpa sua iso emtam Nam esta na sua mam fasa por rrezister e se duuida se rrezestio Ou nam he certo que inda la tem algumas rrayzes e para nam brotar tam ma erua siruase de melhorar se desta jnfirmitade tiuer alguma queixa pois nam pode huma alma ter mayor bem que uerse liure de tal mal e se acazo o Demonio quizer por A Vossa Paternidade nese alto {desa} desa cadeira que os pezemes de suas culpas sempre \deue/ ter e sentir porque foram ofensas de Deus”²⁵⁴¹.

Uma análise mais detalhada do “Tratado Místico”, ou de todos os textos de Soror Isabel, talvez demonstrasse que a autora aproveita trechos de uns e de outros, para uma reescrita. É possível também que muitas das imagens usadas nos textos derivem de colóquios tidos com as noviças do convento, orientadas por Soror Isabel no ofício de mestra da Ordem. O “Tratado Místico” terá sido escrito, ou reescrito – ou passado a limpo, com ajustamentos e acrescentos –, aquando da última vez que foi mestra da Ordem, ofício que tinha à data da sua morte, como atrás mencionámos.

2.4 “Súplica ao Ministro Provincial”

A “Súplica ao Ministro Provincial” foi escrita, segundo supomos, escrita por Soror Isabel do Menino Jesus para acompanhar apenas o “Tratado Místico”, obra que supunha vir a ser impressa. Mas, ter sido do agrado do prelado, possivelmente os seus directores espirituais, e talvez por ordem do ministro

²⁵⁴¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 8”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 138.

provincial, acabariam por ordenar-lhe que passasse outros seus textos a limpo, segundo a disposição dada por Frei Martinho de São José, num só volume. A “Súplica ao Ministro Provincial” também entrou na selecção de textos e foi passada pela autora como parte introdutória do “Tratado Místico”.

Não podemos tomar a “Súplica ao Ministro Provincial” por uma carta espiritual, pelo menos no mesmo sentido em que entendemos as “Cartas a um Religioso”, as “Cartas a uma Religiosa” e a “Carta à Abadessa e Religiosas”. É, na verdade, um texto do género literário de súplica, que Soror Isabel, como professa da Ordem de Santa Clara, eleva ao seu prelado, o ministro provincial da Província dos Algarves da Ordem dos Frades Menores, a qual tinha jurisdição sobre o seu convento e sobre a sua própria pessoa. É uma súplica pela sua forma, pois trata-se de uma petição elevada por uma súbdita; mas também pelo seu conteúdo, o qual declara uma sujeição absoluta por parte da suplicante, que se dirige humildemente ao seu prelado, suplicando-lhe.

Segundo temos vindo a supor, a passagem a limpo ocorreu nos últimos anos da vida da autora, durante o primeiro abadessado da sua sobrinha Soror Isabel de São José (1750-1753). Plausivelmente, a “Súplica ao Ministro Provincial” foi escrita pela autora e elevada, juntamente com o “Tratado Místico”, ao prelado neste mesmo período. Durante este abadessado houve dois governos provinciais distintos. O primeiro foi o de Frei Manuel da Epifania, prelado no triénio (prorrogado) de 1747-1751; e o segundo foi o de Frei José dos Serafins, no triénio 1751-1753.

Segundo Henrique Pinto Rema, esse primeiro ministro provincial, Frei Manuel da Epifania, nasceu em Beja e professou no Convento de São Francisco de Portalegre, a 17 de Abril de 1707²⁵⁴². A sua profissão religiosa foi, portanto, cronologicamente próxima da profissão da própria Soror Isabel, sendo se supor que, estando ambos em conventos franciscanos da mesma cidade, se conheceram então, relacionando-se necessariamente com religiosos e religiosas de ambas as comunidades²⁵⁴³. Frei Manuel da Epifania terá saído cedo de Portalegre e a sua prestigiosa carreira na Província incluiu ser leitor de artes e teologia, qualificador do Santo Ofício, guardião do Colégio de Coimbra, do de Évora e do Xabregas;

²⁵⁴² Cf. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532-1844)”, *op. cit.*, p. 305.

²⁵⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 305.

definidor, examinador das três Ordens militares, e deputado da Bula da Cruzada e custódio²⁵⁴⁴. Saiu eleito ministro provincial no capítulo celebrado em Montemor-o-Novo, a 17 de Agosto de 1747, presidido por Frei Inácio das Neves²⁵⁴⁵. Acompanharam-no no definitório, como padre mais antigo, Frei António dos Arcanjos; como custódio, Frei Cosme de São Boaventura; e, como definidores, Frei António de São José, Frei Manuel de Santa Maria dos Anjos, Frei José de São Pedro e Frei João de Santa Helena da Cruz²⁵⁴⁶. O ministro provincial Frei Manuel da Epifania votou no capítulo geral de 1750, celebrado em Roma, saindo de Lisboa a 7 de Fevereiro, acompanhado por Frei José do Menino Jesus, levando por companheiros Frei António de Jesus e o irmão donato Frei Matias de Santa Engrácia, que, mais tarde, havia de professar como Frei António de Santa Leocádia, sendo guardião do convento masculino de Faro e confessor do convento das religiosas da mesma cidade²⁵⁴⁷. Na sua *Chronica Seraphica da Sancta Provincia dos Algarves...*, Frei Jerónimo de Belém diz que Frei Manuel da Epifania “Governa actual e louvavelmente a Provincia”²⁵⁴⁸. Durante a sua longa ausência em Roma, foi seu substituto Frei José de São Boaventura, que professara no convento xabregano a 30 de Outubro de 1702, e que fora guardião dos conventos masculinos do Torrão, de Tavira, de Portalegre, confessor do de Santarém e definidor²⁵⁴⁹.

Por causa da sua estada na comunidade portalegrense, Frei Manuel da Epifania terá conhecido pessoalmente Soror Isabel do Menino Jesus²⁵⁵⁰. Quando subiu a comissário provincial, a 9 de Janeiro de 1750, durante a viagem a Roma, era padre da Província de São João Evangelista dos Açores; e a 14 de Agosto, o ministro geral prorrogou o capítulo provincial por mais seis meses, devido àquela ausência²⁵⁵¹. Era um pregador erudito e bem conhecido, o que lhe valeu a impressão da obra *Verdadeiro Methodo de Prégar, Praticado em Varias*

²⁵⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 305.

²⁵⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 305.

²⁵⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 305.

²⁵⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 306.

²⁵⁴⁸ Cf. Jerónimo de Belém, *Chronica Seraphica da Sancta Provincia dos Algarves...*, *op. cit.*, p. 226.

²⁵⁴⁹ Cf. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532–1844)”, *op. cit.*, p. 306.

²⁵⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 306.

²⁵⁵¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 306.

Oraçoens Funebres, Sermoens Panegyricos, e Discursos Moraes de Profissoens de Religiosas, saída em Lisboa, em 1759²⁵⁵². Este livro reunia os seus mais importantes sermões, alguns sobre as pessoas reais, como o falecido D. João V, na igreja do Convento de São Francisco do Porto²⁵⁵³; e a defunta Rainha D. Mariana²⁵⁵⁴; ou um de agradecimento a Deus, por D. José ter sobrevivido à morte no atentado da noite de 3 de Setembro de 1758, no Convento de São Francisco de Santarém²⁵⁵⁵; também sobre religiosas franciscanas, como um dedicado à morte de Soror Joana Luísa do Carmelo, professa do Convento de Santa Ana de Lisboa²⁵⁵⁶; e um para ser recitado depois da eleição de um ministro provincial, no Convento de São Francisco de Lisboa²⁵⁵⁷; e alguns sermões dedicados a santos da Ordem, como Santo António²⁵⁵⁸, recitado no mesmo convento; São Francisco, recitado na sua solenidade, celebrada pela Ordem Terceira xabregana²⁵⁵⁹; ou São Boaventura, novamente no convento portuense²⁵⁶⁰; alguns dedicados à Santíssima Virgem, designadamente dois sobre Nossa Senhora da Conceição, padroeira dos franciscanos²⁵⁶¹; entre outros.

²⁵⁵² Vd. Manuel da Epifania, *Verdadeiro Methodo de Prégar, Praticado em Varias Oraçoens Funebres, Sermoens Panegyricos, e Discursos Moraes de Profissoens Religiosas*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1759.

²⁵⁵³ Cf. Manuel da Epifania, “Oração Funebre na Morte do Senhor Rey D. João V Recitada no Convento de São Francisco da Cidade do Porto”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 39-70.

²⁵⁵⁴ Cf. Manuel da Epifania, “Oração Funebre na Morte da Senhora D. Maria Anna de Austria. Rainha de Portugal”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 71-93.

²⁵⁵⁵ Cf. Manuel da Epifania, “Oração de Agradecimento a Deos, por Livrar o Nosso Fidelissimo Rey o Senhor D. José I do Mortal Perigo da Noite de Tres de Setembro”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 331-350.

²⁵⁵⁶ Cf. Manuel da Epifania, “Oração Funebre na Morte da Soror Joanna Luiza do Carmelo...”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 95-118.

²⁵⁵⁷ Cf. Manuel da Epifania, “Sermaõ Depois da Eleiçam do Novo Ministro Provincial, Recitado no Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 119-142.

²⁵⁵⁸ Cf. Manuel da Epifania, “Sermaõ de Santo Antonio Recitado no Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 143-165.

²⁵⁵⁹ Cf. Manuel da Epifania, “Sermaõ do Glorioso São Francisco Recitado na Festividade, que faz a Veneravel Ordem da Penitencia no Convento de São Francisco de Lisboa”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 167-187.

²⁵⁶⁰ Cf. Manuel da Epifania, “Sermaõ de São Boaventura Recitado no Convento de São Francisco da Cidade do Porto”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 233-256.

²⁵⁶¹ Cf. Manuel da Epifania, “Sermaõ I da Conceiçam de Maria, Recitado no Mosteiro de São Francisco da Cidade de Lisboa”, in *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, pp. 291-310.

Segundo o parecer de Frei Estêvão Cardoso Teles, religioso da sua Ordem de São Francisco, censor do Santo Ofício,

“sendo o Auctor destes Sermoens, e do Verdadeiro Methodo de Prégar, taõ conhecido, e taõ admirado de todos, não he necessária outra cousa para qualificá-los livres de toda a censura, que saber he obra de taõ grande Mestre, e que merece por esta obra os mayores applausos”²⁵⁶².

Do Ordinário, o censor José Tomás Borges, no seu extenso parecer, di-lo

“illustre filho da Observancia Serafica na santa Provincia de Portugal, e nella Cathedratico jubilado, com doutrinal zelo, e com virtuosa modéstia, em tudo igual aos respeitáveis talentos, que lhe formão o character de Religioso verdadeiramente sabio, descobre, e generosamente manifesta a melhor, e mais estimavel parte dos seus estudos, e acreditado magistério, instruido com singular rethorica, e admiravel pratica os sagrados Oradores da Naçaõ, aos quaes offerece em proporcionadas idéas, e em composiçoens elegantes o Methodo mais conducente para os progressos da Eloquencia Concionatoria”²⁵⁶³.

Do Paço, foi censor o bem conhecido Padre Diogo Barbosa Machado, que se refere ao

“taõ escandaloso excesso se corrompeo nas bocas de alguns Prégadores, que totalmente perdeo aquella efficaz energia, com que reduzia a contumacia dos coraçõens humanos. Attrahidos do interesse do lucro, e do applauso dos ignorantes, converteraõ indecorosamente o pulpito em teatro, onde desfigurada a Rhetorica Ecclesiastica, e adulterada a intelligencia das Escrituras pratiáraõ lamentaveis absurdos estabelecidos em idéas ridiculas, assumptos chimericos, e proposiçoens improvaveis. Contra este abominavel abuso sahe a campo o Padre Mestre Frei Manoel da Epifania com o *Verdadeiro Methodo de Prégar*, em que modestamente reprehende o estylo praticado por semelhantes Prégadores, e judiciosamente ensina a gravidade, e decência, com que se devem fazer amaveis as virtudes, e aborrecidos os vícios, total empenho da Oratoria Ecclesiastica, merecendo por taõ alta empreza, em

²⁵⁶² Cf. Estêvão Cardoso Teles, “Do Santo Officio”, in Manuel da Epifania, *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, p. 410.

²⁵⁶³ Cf. José Tomás Borges, “Do Ordinario”, in Manuel da Epifania, *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, p. 412.

que se interessa a pureza da eloquencia concionatoria, a faculdade, que implora de Vossa Magestade, que mandará o que for servido”²⁵⁶⁴.

De Frei Manuel da Epifania conserva-se, numa parede da Sala de Leitura do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, um belo retrato a óleo, medindo 127 cm x 91 cm, provavelmente oriundo do convento xabregano²⁵⁶⁵. De autor anónimo, trata-se de uma “Vera Efige...”, como aparece escrito no fundo do próprio quadro, ou seja, é um retrato autêntico. Representa-o com amplo hábito preto, cingido por cordão de cânhamo de três nós. Sobre os cabelos grisalhos, usa solidéu negro. O fâcies, realista, é agradável, o olhar vivo e penetrante. Sentado a uma mesa com cobertura verde, tem à sinistra uma estante repleta de volumes, uma clara invocação da sua erudição. Na mão direita, segura um livro fechado, em tudo semelhante ao seu *Verdadeiro Methodo de Prégar...* À dextra, um letreiro sobre o fundo escuro, que o identifica pelo nome e pela carreira: leitor jubilado, qualificador do Santo Ofício, examinador das Ordens militares, ex-definidor e duas vezes custódio da Província; visitador da Província de São João Evangelista dos Açores e da Província dos religiosos da Ordem Terceira; ministro provincial por duas vezes, a última por eleição de 19 de Agosto de 1747, etc.

O segundo ministro provincial, também possível destinatário da “Súplica ao Ministro Provincial”, foi, como dissemos, Frei José dos Serafins, que governou a Província no triénio 1751-1753. Segundo Henrique Pinto Rema, este prelado era natural de Palmela e professou no convento de Setúbal a 9 de Maio de 1702²⁵⁶⁶. Foi leitor de artes e teologia, guardião do Colégio de Coimbra e do xabregano, eleito definidor no capítulo de 1741 e confessor da Bula da Cruzada²⁵⁶⁷. Foi eleito provincial a 16 de Janeiro de 1731, no capítulo celebrado no convento de Setúbal; e o seu definitório composto por Frei António dos Remédios, custódio; e, como definidores, Frei Tomé de São Tomás, Frei Manuel de Santa Engrácia, Frei José da Quietação e Frei António de Jesus Maria²⁵⁶⁸. Não temos notícias deste prelado

²⁵⁶⁴ Cf. Diogo Barbosa Machado, “Do Paço”, in Manuel da Epifania, *Verdadeiro Methodo de Prégar...*, *op. cit.*, p. 418.

²⁵⁶⁵ Cf. ANTT, Quadros da Torre do Tombo, Quadro de D. Frei Manuel da Epifania, Quadro n.º 129.

²⁵⁶⁶ Cf. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532-1844)”, *op. cit.*, p. 306.

²⁵⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 306.

²⁵⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 306.

que o liguem especialmente a Portalegre, ou a Soror Isabel, nem a Frei Martinho de São José. Não terá sido religioso do mesmo talante que o seu antecessor.

Apesar da dúvida, inclinamo-nos, assim, a supor que o destinatário da “Súplica ao Ministro Provincial” foi aquele primeiro prelado que referimos, Frei Manuel da Epifania. Supomo-lo por duas razões. A primeira foi já declarada: o prelado professara no convento portalegrense, em data próxima à profissão da própria Soror Isabel. Dificilmente não terão convivido. Um conhecimento prévio poderá ter facilitado, décadas depois, a boa aceitação, por parte do religioso, já eleito ministro provincial, da ideia de se fazer imprimir a *Vida da Serva de Deos...*, ideia esta apoiada e impulsionada pelos três directores espirituais de Soror Isabel, certamente bem conhecidos do prelado. Tratando-se de pessoas mutuamente conhecidas, tanto o prelado, como os directores, como a autora, todas poderão ter comunicado com confiança e facilidade acerca dessa ideia e acordado os procedimentos mais adequados para que fosse concretizada.

A segunda razão está no facto de, aquando da impressão da *Vida da Serva de Deos...* – que tardou bastante, ainda antes de se dar o terramoto de 1755 –, Frei Manuel da Epifania, então já ex-ministro provincial, ter sido um dos religiosos a quem Frei Martinho de São José pediu parecer acerca do manuscrito autógrafo de Soror Isabel. O seu parecer é mesmo o primeiro dos restantes, abrindo honrosamente o aparato. À data em que assinou este texto, 16 de Junho de 1755, Frei Manuel da Epifania figura como leitor jubilado, qualificador do Santo Ofício, examinador das três Ordens militares, padre da Província dos Açores e “ex-Provincial em a dos Algarves”²⁵⁶⁹. No seu texto, diz que “li com muita reflexãõ o livro, que por mandado de seu confessor, escreveu a Veneravel Serva de Deos, Soror Isabel do Menino Jesus”²⁵⁷⁰, nada encontrando nele que fosse dissonante, “antes me parece digno de estampar, para que o mundo possa aprender as suas virtudes”²⁵⁷¹. É um parecer breve e contido, talvez porque o parecer de maior peso seria o de Frei Jerónimo de Belém. De facto, Frei Manuel da Epifania fora muito mais expansivo, por exemplo, na “Aprovaçãõ...”, ou licença da Ordem, que escrevera uns anos antes, a 12 de Agosto de 1751, sendo lente de véspera,

²⁵⁶⁹ Cf. Manuel da Epifania, “Parecer do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Manoel da Epiphania...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [2].

²⁵⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2].

²⁵⁷¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2].

para a impressão da *Vida da Veneravel Madre e Serva do Senhor Soror Joanna Luiza do Carmelo Religiosa da Ordem Terceira de São Francisco no Real Mosteiro de Santa Ana de Lisboa*, escrita pelo confessor da religiosa, Frei António do Sacramento²⁵⁷². Conheceu certamente a religiosa, ou dela ouvira falar a pessoas próximas, porque, como mencionámos, tinha pregado o sermão das suas exéquias, que depois publicaria no seu *Verdadeiro Methodo de Prégar...*

2.5- “Vida”

A “Vida” é a autobiografia espiritual de Soror Isabel do Menino Jesus, que temos vindo a citar abundantemente. Terá sido no primeiro abadessado de Soror Isabel de São José (1750-1753), sua sobrinha, que a autora começou a escrevê-la. Era então já idosa e estava doente. Refere-o claramente quando se reporta à oração e à penitência que praticava havia muitos anos, tendo então já “sesenta e tantos annos”²⁵⁷³ e sendo “moito axaquada”²⁵⁷⁴.

O primeiro parágrafo refere-se mesmo à memória que de si própria quer deixar escrita, impedindo, assim, que a sua existência seja esquecida no convento, e até fora dele. Parece prever a morte para breve:

“Nam ha Vida que nam morra nem morte que nam tiuese Vida A Vida da Madre Izabel do Minino Jesus Religioza no Comuento de Santa Clara de Portalegre dipois de metida no po da terra nam podia dizer qual foy a sua Vida e para memoria dela Vay scripta de mam Propria”²⁵⁷⁵.

A redacção ter-se-á devido, porém, à ordem dada pelos seus três directores espirituais, dada uns anos antes. Estes religiosos, ao ponderarem a impressão do “Tratado Místico” – obra que pretendiam enviar ao ministro provincial, sem

²⁵⁷² Cf. Manuel da Epifania, “Aprovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Manoel da Epifania, Lente de Vespera”, in António do Sacramento, *Vida da Veneravel Madre e Serva do Senhor Soror Joanna Luiza do Carmelo Religiosa da Ordem Terceira de São Francisco no Real Mosteiro de Santa Ana de Lisboa*, Lisboa, Casa dos Herdeiros de António Pedroso Galraõ, 1751, p. [5]-[6].

²⁵⁷³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 37, § 33.

²⁵⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37, § 33.

²⁵⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 1, § 1.

outros textos – terão pedido à autora que lhes escrevesse também uma relação da sua vida ascética e mística, na qual contasse, designadamente, os fenómenos místicos que já lhes teria contado em confissão e noutras ocasiões, quando dirigiam e, em especial, quando fizeram a *discretio sprirituum*. Este era, de resto, um procedimento comum, no caso de religiosas escritoras ou com fama de santas, como assinalam Asunción Lavrin e Rosalva Loreto²⁵⁷⁶. Ao decidirem enviar também esse texto, a autora passou-o a limpo, mas terá acrescentado o citado parágrafo e, antes, o destinatário: “Nosso Reverendíssimo Padre Prouinsial”²⁵⁷⁷.

Soror Isabel poderia ter já alguns escritos avulsos, que lhe tinham pedido os seus directores espirituais anteriores, sucessivamente, ou seja, os confessores do convento, pelo que, para obedecer à ordem dos três directores, terá copiado e adaptado alguns desses textos. A autora refere, logo de seguida, que o seu texto “nam tera Asseytasam porque lhes faltam Vertudes como tanbem nam sera conhesida de primorozo spirito”²⁵⁷⁸, acrescentando que “spiritto que nam he Raro nam se podia dele fazer memoria mas sse a obediensia he poderosa para quem sabe obedeser o Poder de quem manda he nobelissimo para quem ssabe mandar”²⁵⁷⁹. E assim “o sacrificio da minha uontade me fes tomar a pena na mam e catiuar \o jntendimento/ a Minha Vontade ssugeitandome as disposisois dos Padres que goVernauam meu spirito dando notisia da minha uida”²⁵⁸⁰. E Frei Martinho recorda que “a seus Directores teve huma taõ rara obediencia, que sem seu conselho naõ era facil fazer coisa alguma”²⁵⁸¹ e que tudo “quanto escreveo, e hoje com estimacão se guarda, foi porque assim lho ordenou a obediencia”²⁵⁸².

Na “Vida”, a autora traça, de facto, um percurso biográfico, em duas dimensões simultâneas, ou sobrepostas: a externa, relativa à vida exterior, ou física; e interna, relativa à vida espiritual. É a esta última que mais dá relevo,

²⁵⁷⁶ Cf. Asunción Lavrin, Rosalva Loreto, *Monjas e Beatas. La Escritura Femenina en la Espiritualidad Barroca Novohispana. Siglos XVII y XVIII*, México, Universidad de las Américas – Puebla/Archivo General de la Nación, 2012, p. 76.

²⁵⁷⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, *op. cit.*, p.1.

²⁵⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 1, § 1.

²⁵⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 1, § 1.

²⁵⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 1, § 1.

²⁵⁸¹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [5], § V.

²⁵⁸² Cf. *Idem, ibidem*, p. [5], § V.

porque correspondente à sua ascese, iniciada no longínquo 2 de Agosto de 1698, ou na sua véspera. Depois de declarar o local de nascimento, a sua filiação, alguns dados biográficos de seus pais – incluindo cronológicos – e a sua própria data de nascimento, etc., relata ainda as circunstâncias do seu nascimento, alguns dados da sua educação formal, outros da sua juventude, até esse dia em que se converteu, os quais atrás citámos. A narrativa até este ponto é sobretudo histórica, aportando notícias que, em alguns casos, podem ser comprovadas por outras fontes, o que fizemos. A partir da referência à sua conversão, ensaia, acima de tudo, a sua autobiografia espiritual, uma vez que abundam no relato os fenómenos místicos, com apenas uma notícia que podemos encontrar noutra fonte: o seu encarceramento, que Frei Martinho de São José também refere.

O texto da “Vida” desenvolve-se em torno de cinco temas principais: a intercessão pela salvação da cidade de Portalegre; a intercessão pela salvação do mundo; a intercessão pela salvação de Portugal, em especial do Alentejo e do Algarve – regiões correspondentes à jurisdição da Província dos Algarves da sua Ordem –; a intercessão pelos vivos e o sufrágio pelas almas dos defuntos, em especial as consagradas, incluindo prelados e sacerdotes, alguns da sua Ordem; e o combate espiritual contra o Demónio e os seus exércitos.

A “Vida” acabou por ser colocada na abertura do impresso *Vida da Serva de Deos...*, motivando o seu título, embora esta obra, como o próprio título também indica, não se resuma à autobiografia espiritual de uma religiosa, um sub-género da autobiografia, existente desde pelo menos o século XVI, com a redacção do *Libro de la Vida* de Santa Teresa de Jesus, em 1562, cujo texto, reescrito depois pela própria, foi largamente difundido, e ainda hoje existente na literatura religiosa católica, como atrás exemplificámos, no nosso “Estado da Arte”.

A “Vida” de Soror Isabel do Menino Jesus foi, tanto quanto sabemos, a primeira autobiografia feminina a ser publicada em Portugal, aspecto que tem, por si só, muito interesse²⁵⁸³. A sua impressão estava a ser preparada quando a autora faleceu, pelo que, se a sua morte não tivesse ocorrido, a autora teria chegado a ver a *Vida da Serva de Deos...* impressa, obra onde também figurava o seu retrato estampado. Este foi também, como já referimos, o primeiro retrato de escritora portuguesa que em Portugal se publicou num impresso.

²⁵⁸³ Para um panorama das autobiografias espirituais femininas em Portugal, vd. Mafalda Ferin Cunha, *op. cit.*; e Paula Almeida Mendes, “*Por aqui se vem retratados...*”, *op. cit.*

Como anteriormente mencionámos, Anabela Galhardo Couto publicou o artigo “Dimensões da Alteridade em Autobiografias Espirituais Femininas em Portugal (Séculos XVII-XVIII)”²⁵⁸⁴. Propõe-se neste texto a reflectir sobre a problemática da alteridade em algumas das autobiografias espirituais femininas portuguesas do Barroco, fazendo a sua análise incidir nas narrativas do eu amoroso e na descrição de visões. Parte das sugestões de Michel de Certeau, retomadas e desenvolvidas pelas filósofas feministas Luce Irigaray e Luisa Murano nos seus trabalhos dedicados à escrita mística. A autora pretende perceber até que ponto essas autobiografias oferecem a possibilidade de pensar outros espaços discursivos, configurando “um discurso de alteridade”²⁵⁸⁵, o que entende ir de encontro ao que Homi K. Bahba chamou de “third space”²⁵⁸⁶, espaço discursivo híbrido, ambivalente, que dissolve as fronteiras e os lugares rígida e essencialmente marcados. Estes textos, enquadrados nos parâmetros ideológicos contrarreformistas, “introduzem pequenas fissuras no edifício logocêntrico da metafísica de raiz paltónica e aristotélica, ao pulverizar a fixidez monolítica das suas dicotomias base: inteligível/sensível, natural/sobrenatural, corpo/espírito”²⁵⁸⁷. Anabela Galhardo Couto, tendo consciência do risco de anacronismo e estando ciente da importância de repor as obras no seu horizonte de recepção, é de opinião, como Certeau, de que a leitura “é uma forma de habitar o escrito, razão pela qual se valoriza uma abordagem hermenêutica e multiperspéctica destes textos”²⁵⁸⁸.

Tomando uma pequena amostra de autobiografias, entre elas a “Vida” de Soror Isabel do Menino Jesus, aponta vários aspectos interessantes, dos quais salientamos a sua convicção de que o eu autobiográfico destas religiosas é uma convenção, “uma personagem exemplar construída a partir de determinados parâmetros literários e religiosos”²⁵⁸⁹, mas simultaneamente “esse eu é também uma personagem onde ecoa a singularidade , aquilo que Caravero (2007) define

²⁵⁸⁴ Cf. Anabela Galhardo Couto, “Dimensões da Alteridade em Autobiografias Espirituais Femininas em Portugal (Séculos XVII-XVIII)”, *op. cit.*, pp. 81-100.

²⁵⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83.

²⁵⁸⁶ Vd. Homi K. Bahba, *The Location of Culture*, Londres, Routledge, 1994.

²⁵⁸⁷ Cf. Anabela Galhardo Couto, “Dimensões da Alteridade em Autobiografias Espirituais Femininas em Portugal (Séculos XVII-XVIII)”, *op. cit.*, p. 83.

²⁵⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 83.

²⁵⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 88.

como o que existe de único e irrepetível no sujeito”²⁵⁹⁰. E, assim, estas autobiografias, apesar de cumprirem um programa, são também formas importantes de construção da subjectividade das suas autoras. Anabela Galhardo Couto crê que, no que respeita à história das mulheres, podemos ler nesses textos “o estigma da inferioridade que o sexo feminino trazia consigo à nascença, a situação de rejeição das mulheres, as opções de vida – casamento ou claustro – que se colocavam às mulheres de posição elevada, os métodos de educação de uma elite letrada”²⁵⁹¹. Trata-se, sem dúvida, e na sequência de textos anteriores, de uma abordagem feminista, ou influenciada pelo feminismo. Não falta a importância extrema dada ao corpo feminino, que nesta abordagem é comum. Nela, o corpo da escritora mística é tido como

“forma de comunicar, seja através do recurso a imagens saturadas de erotismo, em harmonia com a mística nupcial e a longa tradição que remonta ao “Cântico dos Cânticos”, como no caso anterior [refere-se a Soror Clara do Santíssimo Sacramento], seja através do recurso às imagens da doçura do amor maternal centrada na figura de Jesus Menino”²⁵⁹².

Sobre o suposto amor maternal das místicas, podemos estar diante do já referido esteriótipo interpretativo de género, segundo Monica Balltronde Pla²⁵⁹³. A devoção ao Menino Jesus era, de facto, frequente nos conventos femininos e eram muitas as religiosas portuguesas que tinham visões semelhantes em que Cristo surgia como recém-nascido ou criança, do que há vários relatos²⁵⁹⁴. Trata-se mesmo de uma constante, que chegou até aos nossos dias²⁵⁹⁵.

²⁵⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 88.

²⁵⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 88.

²⁵⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 95.

²⁵⁹³ Cf. Monica Balltronde Pla, *Éxtasis y Visiones...*, *op. cit.*, 2012, p. 117.

²⁵⁹⁴ Vd. o caso de Soror Mariana do Rosário (1615-1649), religiosa conversa do Convento do Salvador de Évora, de religiosas da Ordem de Santa Clara. Contava-se que duas religiosas tinham afirmado ter visto o Menino ao seu colo, certa vez em que passava pela enfermaria: era como “hum menino vivo, enfaxado em humas roupas muy preciosas, cuja graça, & beleza do rosto bem mostrava ser aquele Senhor”. Cf. António de Almada, *Desposorios do espirito...*, *op. cit.*, cap. XIII, § III, pp. 90-92. Esta visão era ali tão celebrada, que, depois da morte de Soror Mariana, pintara-se ali um seu gigantesco retrato a óleo, representando-a com o Menino ao colo, uma peça ainda se conserva no antigo coro baixo, não muito longe da campa da religiosa. Vd. também o caso de Soror Mariana da Purificação (1623-1695), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, de carmelitas calçadas, de quem se contam diversos episódios que implicam o Menino,

Algumas dessas visões surgiam em torno de imagens de vulto do Menino, que as religiosas possuíam para sua veneração particular²⁵⁹⁶. Em alguns casos, essas religiosas tinham fama de santas e, cheias de autoridade nas suas redes clientelares próprias, instituíam mesmo um culto local em torno da sua imagem, fundando para ela uma capela própria nas igrejas dos seus conventos e dotando-as de pitorescos atributos devocionais, ou adereços, o que atraía, não só a devoção das outras religiosas, como a devoção de clérigos e de seculares, de ambos os sexos²⁵⁹⁷. Também emprestavam essas imagens a pessoas externas à clausura, para que as curassem de doenças e as favorecessem com outros milagres²⁵⁹⁸. A existência destas imagens não era, porém, rara, porque cada religiosa teria a sua.

com quem ela afirmava jogar às cartas, ou a quem suportava as travessuras, porque o Menino se punha a brincar com os alfinetes da sua touca, com os quais lhe picava a cabeça; ou porque se punha a apontar com dedo os versículos do seu breviário durante o ofício divino. Cf. Caetano do Vencimento, *Fragmentos da Prodigiosa Uida da Uenerauel Madre Marianna da Purificação...*, *op. cit.*, pp. 44, 193, 280 et seq.

²⁵⁹⁵ Veja-se o caso recente de Soror Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado (1907-2005), a conhecida Irmã Lúcia, vidente de Fátima-Pontevedra-Tuy-Rianjo. Esta célebre religiosa, primeiro doroteia, depois carmelita descalça, relatou por escrito várias aparições que teve do Menino Jesus: duas em Fátima, primeiro junto de São José, depois entre o Santo e Nossa Senhora, ambas durante o chamado milagre do sol, a 13 de Outubro de 1917; outra no seu quarto do convento das doroteias de Pontevedra, na Galiza, ao lado da Santíssima Virgem, que lhe mostrou então o seu Imaculado Coração, a 10 de Dezembro de 1925; e várias outras num pátio deste mesmo convento, alguns meses antes de 15 de Fevereiro de 1926, data da última visão. Cf. Carmelo de Coimbra, *Um Caminho Sob o Olhar de Maria...*, *op. cit.*, 168-172.

²⁵⁹⁶ Vd. Alma Montero Alcón, *Monjas Coronadas...*, *op. cit.*

²⁵⁹⁷ Vd. o caso de Soror Teresa Baptista do Céu Custódia (1679-1767), religiosa do Convento da Madre de Deus de Vinhó, perto de Gouveia, na Beira, também da Ordem de Santa Clara, popularmente conhecida por Tia Baptista, que vestia a sua imagem do Menino ao jeito de militar, com casaca, botas e tricórnio, dedicando-lhe as suas quadras e tocando-lhe o pandeiro. Vd. BGUC, *Rellação accçoens e circunstancias notaveis da vida, e morte da serva de Deos Baptista do Ceo...*, ms. 1733. Vd. também o caso de Soror Francisca da Conceição (†1711), religiosa do Convento de Santa Clara de Trancoso, na Beira, cuja imagem do Menino era tão procurada que se cortavam fitas da sua altura para dar aos devotos, com as quais o Menino fazia milagres; e também se davam uns bolos que as religiosas faziam e depois tocavam na imagem, usados com a mesma finalidade taumartúrgica. Cf. Simão Cardoso Pacheco, *Vida e milagres da veneravel Madre Soror Francisca da Conceição...*, *op. cit.*, Segundo Estado, cap. XIII, pp. 245-257; cap. XVI, pp. 257-269. Soror Francisca da Conceição foi sepultada na capela que se fundara para a sua imagem do Menino, na igreja do seu convento. Cf. *Idem, ibidem*, Primeiro Estado, cap. VII, cap. VIII, cap. IX, pp. 33-49; Segundo Estado, cap. II, p. 120-128; etc. Também o foi a Tia Baptista, em cuja capela do seu Menino Jesus Capitãozinho, se celebra sempre a 18 de Maio, aniversário da sua morte.

²⁵⁹⁸ Vd. o caso da referida Soror Mariana da Purificação (1623-1695), que tinha uma imagem do Menino Jesus, que emprestava aos seus devotos para com ela receberem as graças e milagres. Cf. Caetano do Vencimento, *Fragmentos da Prodigiosa Uida da Uenerauel Madre Marianna da Purificação...*, *op. cit.*, p. 81.

Era da tradição conventual peninsular e do Novo Mundo que cada religiosa professa tivesse a sua imagem do Menino, a qual vestia e adornava com roupas preciosas e finos adereços. Uma imagem do Menino entrava na clausura ao colo de cada religiosa que ia professar, como o atestam os numerosos retratos que pelo século XVIII se fizeram das professoras²⁵⁹⁹. Ao carácter taumatúrgico da imagem estaria associada a fama de santa da sua possuidora²⁶⁰⁰.

Por causa desta presença geral da devoção à Santa Infância nos conventos femininos modernos, supõe-se, quase em lugar-comum – que Anabela Galhardo Couto aqui frequenta –, que as religiosas operavam nela como que uma projecção de um secreto anelo de maternidade. Esta não é, segundo nos parece, a única explicação para a extraordinária presença desta devoção nos ambientes conventuais da época moderna. Na verdade, as religiosas não precisariam de projectar tal desejo em imagens de vulto, vestindo-as como crianças, ou abonecando-as, porque tinham consigo várias crianças reais, oriundas das suas próprias famílias naturais, chegando estes bebés, meninos e meninas, a crescer pelo convento e a exceder o número permitido pelos prelados, como vimos no caso do Convento de Santa Clara de Portalegre no início do século XVIII, sendo dito numa patente do ministro provincial à abadessa que esses meninos e meninas que ali estavam “para Comsolasaõ de algumas Religiozas”²⁶⁰¹. As religiosas ocupavam-se destas crianças de tal modo que chegavam a levá-las consigo para o coro, onde elas perturbavam o ofício divino com correrias e brincadeiras. Havia também permissão para manter um certo número de educandas, isto é, meninas que ingressavam nos conventos para serem educadas pelas religiosas, na sua maioria com vistas à futura profissão religiosa, como foi o caso das quatro sobrinhas de Soror Isabel do Menino Jesus.

O que se manifestava em torno dessas imagens do Menino Jesus, segundo nos parece, não seria tanto o desejo de maternidade das religiosas, que daquela outra maneira – muito mais palpável – podiam tentar sentir-se como as mães, mas sim o culto à Humanidade de Cristo, que a espiritualidade peninsular tão bem

²⁵⁹⁹ Vd. Alma Montero Alcón, *Monjas Coronadas...*, *op. cit.*

²⁶⁰⁰ Vd. . João Francisco Marques, “A Renovação das Práticas Devocionais”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, *op. cit.*, pp. 616-618.

²⁶⁰¹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Decretos, cx. 1, liv. 1, f. 37v.

soube desenvolver desde a sua emergência na *devotio moderna*. Não por acaso, em Portugal se importaram tantas imagens de vulto do Menino Jesus dito de Malinas, vindas da Flandres, surgindo também as de estilo indo-português e as de estilo sino-português, vindas de Goa e da China. Representavam-no geralmente de pé, sobre um pedestal, ostentando numa mão o orbe e com a outra erguendo dois dedos, em sinal de bênção. Eram por isso também chamadas de *Salvator Mundi*, já que representavam a divindade encarnada de Cristo, pela qual Deus viabilizara a salvação do mundo. Salientando a Humanidade de Cristo, não o representavam vestido. Mas, para satisfazer as exigências tridentinas acerca da decência das imagens religiosas, terá surgido então, não apenas nos conventos, mas por toda a parte, o costume de as cobrir com roupa, juntando adornos e jóias²⁶⁰².

No que toca à devoção de Soror Isabel do Menino Jesus pela Santa Infância, esta estava expressa no próprio nome que elegera para professar, não sendo, porém, impossível que tenha abandonado o seu nome secular ainda em Marvão, aquando da sua conversão. De facto, como atrás citámos, quando foi votada a sua entrada no convento chamava-se já Isabel do Menino Jesus, nome pelo qual é também referida na segunda escritura de dote que os seus pais fizeram lavrar, desta vez para que pudesse professar. A devoção ao Menino Jesus estaria presente em Marvão já na sua época. Na Igreja de São Tiago, onde foi baptizada, venera-se ainda hoje uma pequena imagem do século XVII, que a autora bem terá conhecido. Por toda a região esta seria, de resto, uma devoção frequente, talvez por influência dos conventos franciscanos, masculinos e femininos²⁶⁰³.

É preciso não esquecer que um dos principais promotores da devoção ao Menino Jesus não foi uma mulher, mas um homem: São Francisco de Assis²⁶⁰⁴.

²⁶⁰² Vd. Artur Goulard (coord.), *Tesouros de Arte e Devoção. Exposição de Arte Sacra. 5 de Dezembro de 2003 a 25 de Abril de 2004*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2014, p. 234.

²⁶⁰³ Em Portalegre era intensa a devoção ao Santo, como aponta Ruy Ventura, havendo numerosas invocações e representações suas. Vd. Ruy Ventura, *Santo António na Região de Portalegre*, Portalegre, Fundação Robinson, 2013. No Convento de Santa Clara, já no tempo de Soror Isabel do Menino Jesus, existia mesmo um grande quadro, “representando Nossa Senhora, dando o Menino Jesus a Santo Antonio”, segundo o inventário que se realizou a 20 de Abril de 1900. Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo do Culto, encontrados no espolio do suprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade”, in *Inventario de Bens do Suprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, cx. 2015, f. 65v.

²⁶⁰⁴ Contava-se que, três anos antes da sua morte, São Francisco celebrara com toda a solenidade a festa do nascimento de Jesus. Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. X, § 7, in *Fontes*

Os seus religiosos, isto é, os da família religiosa que fundou, tanto homens, como mulheres, conservaram e desenvolveram esta devoção como marca identitária²⁶⁰⁵. O franciscano Santo António de Lisboa, por exemplo, desde cedo foi representado com o Menino ao colo, por haver relatos acerca de uma visão que tivera²⁶⁰⁶. Não consta, porém, que alguém visse nisto um desejo de paternidade do Santo, como geralmente se diz em relação às santas ou às religiosas que relatam visões do Menino Jesus ou que são representadas com ele nos braços. Soror Isabel descreve duas visões do presépio e, na primeira delas, diz que teve o Menino ao colo, preocupando-se, até, com o que lhe devia dar de comer. Como qualquer outra religiosa franciscana, alinou-se naturalmente nesta devoção à Santa Infância, que teria antes mesmo de entrar no convento, quer por já existir na sua vila natal, em especial, no Convento de Nossa Senhora da Estrela, onde se convertera e onde tivera direcção espiritual, nesses anos de vida secular. Como muitas outras religiosas da época, também a autora teve a sua própria imagem de vulto, hoje

Franciscanas I..., *op. cit.*, pp. 680-681. Para estimular a devoção popular, e com licença pontifícia, promovera a celebração da Santa Missa num presépio, mandando preparar uma manjedoura com palha, trazer um boi e um burro. O altar fora a própria manjedoura, onde não havia imagem alguma do Menino; e o Santo, porque era diácono, fizera a proclamação evangélica, e referira-se a Cristo como Menino de Belém. Um nobre, que deixara a carreira das armas por amor a Cristo, e era muito amigo do Santo, afirmara depois que tinha visto um menino encantador a dormir na manjedoura e que lhe parecera ter acordado quando o Santo pegara nele, tomando-o nos seus braços. A palha dessa manjedoura, que fora conservada pelo povo, servira de remédio miraculoso para animais doentes, etc. Por causa desta visão, o Santo era, por vezes, representado com o Menino ao colo, recebendo-o de Nossa Senhora, figurando junto deles com a manjedoura, com a sua palha e os seus panos. Cf. *Idem, ibidem*, p. 681.

²⁶⁰⁵ Também de Santa Clara de Assis havia notícias sobre uma visão que tivera do presépio. Cf. *Fontes Franciscanas II...*, *op. cit.*, p. 166. Era também conhecido o caso de Santa Catarina de Bolonha, religiosa da Ordem de Santa Clara, que, num Natal, tivera visão idêntica à de São Francisco: Nossa Senhora dera-lhe o Menino para os braços, motivo pelo qual a sua iconografia assim a representava. Cf. R. P. Grasset, *Vie de Sainte Catherine de Bologne...*, Clermond-Ferrand, Thibaud-Landriot et Compagnie, 1840, p. 79. Na “Carta à Abadessa e Religiosas”, Soror Isabel do Menino Jesus refere-as, a ambas: tivera uma visão de Santa Clara, que viera acompanhada por Santa Catarina de Bolonha e por Santa Rosa de Viterbo. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 59, § 67.

²⁶⁰⁶ Um certo nobre, que hospedara Santo António de Lisboa, vira o Santo recolhido no oratório de sua casa, com o Menino Jesus ao colo. A iconografia antoniana, muito mais que a de São Francisco, ficaria indelevelmente marcada por esta visão, passando o Santo português a figurar com o Menino num dos braços. Cf. “Florinhas de Santo António”, in *Fontes Franciscanas III – Santo António de Lisboa*, vol. 1 – *Biografias. Sermões*, apresentação de António de Almeida Pinho e introdução geral por Henrique Pinto Rema, Braga, Editorial Franciscana, 1998, cap. XX, p. 91.

conhecida como Menino Jesus Palrador; está exposta no Museu Municipal de Portalegre, como adiante diremos.

Anabela Galhardo Couto nota que nas autobiografias das religiosas há uma a inscrição dos sentidos, uma sinestesia. E ainda que há um recurso ao grito inarticulado, aos gemidos, aos suspiros, que “é uma outra forma de dizer o que não pode ser dito por palavras e de inscrever o corpo na demanda por essa outra forma de linguagem”²⁶⁰⁷. Conclui a autora que o espaço fechado, ordenado do convento, o relato das visões e manifestações, ainda que não intencionalmente, acaba por criar “um espaço híbrido de abertura, um espaço relacional, que implica quebra de fronteiras e categorias”²⁶⁰⁸. E que, neste sentido, as visões e êxtases das narrativas autobiográficas são “operações de micro-resistência” que compõem uma rede de anti-disciplina que esvazia as pretensões de uniformização, abrindo-se à alteridade. Numa enunciação híbrida, os relatos de visões e êxtases podem, por fim, ser vistos como espaços de resistência e abertura para outras cartografias discursivas e “outras formas possíveis de habitar o mundo”²⁶⁰⁹.

De facto, é neste sentido que, por exemplo, na obra de Soror Isabel do Menino Jesus, em especial na “Vida” e no “Tratado Místico”, há influências das leituras feitas desde a vida secular e vários ecos da vida quotidiana, os quais só ela própria podia verter nos seus textos, por fazerem parte da sua experiência pessoal. Haverá, ainda, certas margens de heterodoxia na escrita da autora, que mais adiante apontaremos, as quais, ainda assim, passaram pelo crivo dos directores espirituais e pela censura, sinal de que não eram, afinal, margens muito largas.

2.6- “Carta à Abadessa e Religiosas”

A “Carta à Abadessa e Religiosas”, é, como indica o título que lhe colocámos, uma carta que Soror Isabel do Menino Jesus dirige à “Reverenda Madre Abadessa e senhoras Religiozas”²⁶¹⁰. Começa na p. 49, § 52 do manuscrito

²⁶⁰⁷ Cf. Anabela Galhardo Couto, “Dimensões da Alteridade em Autobiografias Espirituais Femininas em Portugal (Séculos XVII-XVIII)”, *op. cit.*

²⁶⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96.

²⁶⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 96.

²⁶¹⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 49.

autógrafo. Logo no primeiro parágrafo, explica o motivo, semelhante ao que a autora explicita no começo da “Vida”:

“Se a morte he sepultura da uida da sepultura ha de sair a memoria de quem escreueo em uida este papel e rreparem no que dis a uos de huma defunta que fala dipois de morta o que nam pode dizer em uida Ssepultou no seu silencio o que agora fas publico por mandado da obedediência”²⁶¹¹.

O escrito destinava-se, pois, a ser lido depois da sua morte. “Primeiramente esta defunta \pede/ Orasois”²⁶¹²; e “Pede tambem perdam A todas se acazo ofendeo com o seu modo de uida”²⁶¹³, reconhecendo que “as obras que fes em uida nam foram meresedoras de Louuor e nam meresiam çer ouuidas nem acraditadas se nam falando dipois de morta”²⁶¹⁴. A “Carta à Abadessa e Religiosas” parece ser uma continuação da parte reservada da “Vida”, na qual começara a tratar de matéria delicada, sobre o Purgatório. Terá julgado oportuno continuar a escrever, mas à parte. Depois de também este ter sido lido pelo confessor, ou por quem a orientou directamente na organização do seu manuscrito, terá obedecido e juntado, também a “Carta à Abadessa e Religiosas” à sua passagem a limpo. Nesse momento, estaria consciente de que viria, pois, a ser publicado, caso os pareceres fossem favoráveis. Mas não só suspeitava das dificuldades de tal empresa, como que lhe faltavam poucos anos de vida, como, de resto, se constata no primeiro parágrafo, pois diz que as “obras que fes em uida nam foram meresedoras de Louuor e nam meresiam çer ouuidas nem acraditadas se nam falando dipois de morta”²⁶¹⁵.

Diz também que o motivo que tem para falar-lhes “foy auerse dezapropriado nas mãos do Reverendíssimo Padre Prouincial de todos os bens spirituais que adquirio seu spirito neste Comuento”²⁶¹⁶, e quis fazer uma segunda renúncia nas mãos da abadessa, a qual devia tomar tais bens e os reparta com as religiosas. A autora já teria enviado, assim, a “Súplica ao Ministro Provincial”,

²⁶¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 49, § 52.

²⁶¹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 49, § 52.

²⁶¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 49, § 53.

²⁶¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 49, § 53.

²⁶¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 49, § 53.

²⁶¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 49, § 54.

²⁶¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 49, § 54.

com os seus escritos. Entretanto, decidiu escrever mais este texto. Por fim, talvez depois de dada a aprovação do prelado, os seus directores espirituais, ou só Frei Martinho de São José, terão dado ordem a Soror Isabel de passar a limpo todos os textos, num só volume, o manuscrito autógrafo que temos estado a citar.

Supomos que a abadessa de então fosse a sua sobrinha Soror Isabel de São José, podendo datar-se o texto de um período compreendido entre o dia da eleição, a 6 de Junho de 1750²⁶¹⁷, e a morte da própria autora, a 5 de Outubro de 1752. De facto, a autora pede que acerca da “Carta à Abadessa e Religiosas”: “se nam ponha em publico Ssem muito acordo do Reverendíssimo Padre pois o meu Jntento foj so comonicar A toda esta comonidade os segredos que o Senhor meu deu a conhecer Para Remedio de comsiensias ficando sempre debaxo do segredo”²⁶¹⁸. Na passagem a limpo, acabaria, porém, por também incluir este texto.

Por várias vezes se refere necessidade de reforma no convento, geralmente quando descreve fenómenos místicos que remete para este assunto, que seria pouco consensual entre as religiosas, se não mesmo motivo de polémica ou de conflituoso. É sobretudo na “Carta à Abadessa e Religiosas”, que faz tais referências. Nesta carta – que datará dos últimos anos da sua vida, como defenderemos –, recorda as visitas que recebera de São Francisco, no longínquo 1713, quando a sua vida ascética e mística se dilatara. Classifica-as como visões intelectuais e imaginárias, ouvindo “suas uozes”²⁶¹⁹. Revela então às destinatárias da “Carta à Abadessa e Religiosas” que tais visões estavam relacionadas, não só com a reforma então iniciada no convento, mas com a reforma de toda a Ordem: o Santo falara-lhe “dandome moyta doutrina comsolandome nos trabalhos animandome para a preseueransa e Reforma de frades e freiras”²⁶²⁰.

A primeira fora a visão dos cinco sóis. Em certa vez, tivera uma visão imaginária, seguida de êxtase intenso, durante o qual sentira entrarem-lhe pela alma adentro cinco sóis “fora da esfera natural”²⁶²¹, mais intensos que o sol que

²⁶¹⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, f. 18v.

²⁶¹⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 49, § 54.

²⁶¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 67, § 75.

²⁶²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 67, § 75.

²⁶²¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 67, § 75.

conhecia: estes sóis eram o próprio São Francisco²⁶²². Esta visão parece remeter para uma que se contava do Santo, muito aludida na iconografia seráfica, a visão do carro de fogo. O Santo fora passar a noite a um casebre situado no jardim dos cónegos da Sé de Assis e, pela meia-noite, afastara-se dos seus companheiros para orar, quando alguns já dormiam e outros continuavam ainda em oração. Estes últimos tinham visto primeiro surgir um esplendoroso carro de fogo, encimado por um globo, luminoso como o sol; e entrara o carro pela porta do casebre, dando três voltas. Os que dormiam, tinham acordado, aterrorizados com tanta luz. Mas a todos aquela claridade iluminara, mais o espírito que o corpo, porquanto todos tinham compreendido – “e todos puderam ler mutuamente os corações”²⁶²³ – que era o Santo, “ausente de corpo mas presente em espírito, que lhes aparecia sob essa imagem, todo resplandecente e abrasado e amor”²⁶²⁴.

Numa segunda visão imaginária, a visão das cruzes, estando em oração, Soror Isabel vira São Francisco todo coberto de cruzes “que paresia se nam diuizaua no seu Santo Corpo senam cruzes”²⁶²⁵.

Na terceira visão imaginária deste ciclo fora a visão do hábito pardo. Ocorrera, de novo, estando em oração. Aparecera o Santo com o seu hábito pardo e dissera-lhe: “desta cor se ham De uestir as freiras do teu comuento”²⁶²⁶. Entendera que falava da reforma, “porque neste tempo a mayor parte de freiras uestia Preto”²⁶²⁷, isto é, com tecidos tingidos, de elevado preço, contrário à pobreza que tinham prometido na profissão, valor evangélico tão preconizado pelo fundador dos franciscanos e marca identitária da Ordem.

Numa quarta visão imaginária, estando de noite em oração, vira-o incensando o Senhor, porque um religioso que tinha “sido grande pecador e aRependido fazia

²⁶²² Esta visão apresenta também certa semelhança com uma visão de Cristo descrita pela conhecida Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), promotora da magna devoção ao Sagrado Coração de Jesus: “Jésus-Christ, mon doux Maître, se présente à moi, tout éclatant de gloire, avec ses cinq plaies, brillantes comme cinq soleils”. Cf. *Le Monastère de Paray-le-Monial. Vie de Sainte Marguerite-Marie Alacoque, de l'Ordre de la Visitation Sainte-Marie*, Paris, Ancienne Librairie Poussielgue J. de Gigord, 1923, p. 74.

²⁶²³ Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. VI, § 4, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, pp. 621-622.

²⁶²⁴ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 621-622.

²⁶²⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 67, § 76.

²⁶²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 68, § 77.

²⁶²⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 68, § 77.

Sua penitência²⁶²⁸ com uma disciplina: a cada golpe que dava no corpo, o Santo lançava o turíbulo. Esta visão do turíbulo, segundo entendera, era um aviso a todos os religiosos “para que tenham prevenida A Naueta com o insenso da penitência que Nosso Santo Padre esta com o turibolo na mam²⁶²⁹”.

Este ciclo de quatro visões franciscanas relacionar-se-ia com a reforma que decorreria já em toda a Província desde o início do século, tanto em conventos de religiosos como de religiosas. Soror Isabel terá começado por defender que também se reformasse o seu convento. Faz disto maior referência na “Carta à Abadessa e Religiosas”, onde, como diremos adiante, também revela às suas destinatárias vários casos de almas de professoras dali que estavam no Purgatório por causa de graves pecados que tinham cometido. Também se refere, como adiante diremos, às almas de homens consagrados, não só religiosos, mas também prelados diocesanos, que estavam no Purgatório e no Inferno por causa dos seus graves pecados, designadamente contra a castidade.

É também aqui que relata a revelação do ministro franciscano, assim podemos chamar-lhe, que também citámos. Cento e cinquenta anos de Purgatório parecia pena duríssima para o religioso, a qual fora comutada para apenas ano e meio pela intervenção de Soror Isabel. Como ela primeiramente não se esforçara muito, tivera que voltar a dedicar-se ao sufrágio por esta alma numa segunda vez e, ainda assim, tivera que se ajudada por Nossa Senhora, a qual, apesar de tão poderosa – entenda-se – não conseguira que Deus aceitasse a alma no Céu, tendo de ficar a purificar-se mais um ano e meio. É possível que Soror Isabel estivesse a referir-se veladamente àquele comissário delegado que, por volta de 1712, a condenara em capítulo, ordenando o seu encarceramento e destituição do ofício de mestra da Ordem. Mas podia também reportar-se a uma situação concreta, vivida na Província dos Algarves em vida da autora e sentida, em particular, durante o seu abadessado, que coincidiu com o governo da Província por Frei Lourenço de Santo Tomás (ministro provincial no triénio 1744-1747). Natural de São Miguel de Machede, termo de Évora, onde nascera por volta de 1670, este prelado professara no Convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas, a 10 de Outubro de 1693; fora comissário da Ordem Terceira em Évora, leitor jubilado, qualificador do Santo Ofício e custódio, etc., antes de ser eleito ministro provincial, a 19 de

²⁶²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 68, § 78.

²⁶²⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 68, § 78.

Setembro de 1744²⁶³⁰. O seu governo era bastante conturbado, e disto as religiosas teriam notícia. A Ordem de São Francisco, em particular a Província, padecia então de gravíssimos problemas. A 21 de Setembro desse ano de 1744, o visitador, o provincial e os definidores chegaram ao ponto de elevar uma súplica ao Papa Bento XIV sobre a situação da Província, onde proliferavam os conflitos, em parte devidos à existência de dois partidos de religiosos, havia já muitos anos: os arcanjos e os bernardinos. Não era fácil ao governo da Província estar à margem das filiações que os religiosos assumiam, e daqui resultavam polémicas e dissensões, para além de gravíssimos escândalos, que chegavam a implicar pessoas seculares.

Por causa disto, os capítulos tinham recorrido à Santa Sé, suplicando que fizesse as nomeações nos capítulos, tendo havido, desde 1697 até ao presente tinha havido seis nomeações, exercendo os governos por triénios. Por duas vezes se perturbara a obediência aos prelados e com tal excesso que em 1697 tinham sido eleitos na Província dois ministros provinciais e, de 1731 a 1732, o tumulto fora tanto que muitos frades se tinham comportado como soldados em guerra, chegando um a ser assassinado. Nas eleições para o definitório, cada um dos religiosos nomeados procurava agregar frades ao seu partido; e nos capítulos em que havia votos havia também uma grande influência partidária, fazendo maior número de guardiães de conventos e de confessores de religiosas, e também padres definidores. Os suplicantes tinham pedido ao Papa que fizesse sair um breve, pelo qual ordenasse que futuramente se alternasse em igualdade o governo da Província entre os dois partidos, de maneira que um triénio fosse o ministro provincial do partido dos arcanjos e o custódio fosse do partido dos bernardinos, e no seguinte triénio que se trocassem os ofícios. E que, da mesma forma, e na mesma igualdade, se alteranasse os restantes lugares de guardiães e de confessores de religiosas, e que o guardião do convento de Xabregas nunca fosse do partido do provincial existente, mas sempre do partido que fosse o do custódio. Este documento, aprovado pelos capitulares a 21 de Setembro de 1744, previa até as vagas por morte ou renúncia de religiosos e a escolha dos mestres de filosofia e de teologia e dos estudantes enviados para o colégio de Coimbra. Como assinala Henrique Pinto Rema, tentava-se “o maior equilíbrio possível entre as duas

²⁶³⁰ Cf. Henrique Pinto Rema, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532–1844)”, *op. cit.*, pp. 303-304.

filiações”²⁶³¹. E que, assim que, de facto, o Papa fizesse sair um breve, este devia ser tomado pelo provincial, providenciando este que cada religioso escolhesse o seu próprio partido, ficando então inabilitados aqueles religiosos que se recusassem a fazê-lo, sob assinatura pessoal, para assumirem ofícios na Ordem. Recordava-se, nesta súplica, que um idêntico breve já tinha saído em 1739, ficando toda a Província mais pacificada²⁶³².

Portanto, a situação da Província estava bastante distanciada, no tocante aos conventos masculinos, do espírito franciscano²⁶³³. Na sua vida ascética e mística, Soror Isabel do Menino Jesus tinha disto certa influência e reflectia-a na escrita. Nas “Cartas a um Religioso” há também disto alguma notícia, ainda que mais velada. Na “Carta a um Religioso 12”, por exemplo, revela que a demora do religioso em responder-lhe à carta anterior devera-se a certos problemas por que ele estava a passar, sendo certo que tinha inimigos que queriam prejudicá-lo. Soror Isabel conforta-o, fiz-lhe que o poder de Deus há-de vencer tudo, “tenha moyta fee”²⁶³⁴; aconselha-o então a contemplar o sepulcro de Cristo na oração, porque aí se encontra a alma com Deus “sem inpedimentos que estes costumam uir quando ha esas preseguisois”²⁶³⁵. Diz-lhe que ofereça os seus sofrimentos, que os aplique por essas almas, que lhe dão que padecer, que assim obrigará Deus a ajudá-las a salvar-se; que não tema, pois o Senhor deu-lhe as suas chaves – ou seja, faz aqui uma alusão a São Pedro e à sua *potestas clavium* – para fechar os demónios no inferno²⁶³⁶. Um sacerdote, afinal, tem o poder apostólico de exorcizar, basta que o use²⁶³⁷.

²⁶³¹ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 304-305.

²⁶³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 304.

²⁶³³ Vd. Ivan Gorby, *Saint François d'Assise et l'Esprit Franciscain*, Sem lugar, Éditions du Seuil, 2001.

²⁶³⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 12”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 142.

²⁶³⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

²⁶³⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

²⁶³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 142.

CAPÍTULO III
Fontes e influências

1. Leitura e escrita

Apesar da sua apressada instrução na infância, Soror Isabel do Menino Jesus desde cedo tivera gosto pelos livros. Na “Vida”, refere, de facto, que “eu hera inclinada a liuros”²⁶³⁸, antes da sua conversão. Não temos notícia das obras que lhe terão chegado às mãos, porque não as deixou, nem mesmo de certo livro que, a 1 ou 2 de Agosto de 1698, tanto a terá impressionado. Segundo escreve, “meu cunhado sabendo que eu hera inclinada a liuros me ofereseo hum liuro muito coriozo porque estaua feito sobre parabola e tomando eu o liuro coydando tinha liuro de flores que se acomodaua ao meu genio me achei com froitos”²⁶³⁹.

Ao referir-se a um “liuro de flores” parece, à primeira vista, tratar-se de um *flos sanctorum*, do género hagiográfico, praticado desde a Idade Média, quando a *Legenda Aurea*, do Beato Jacopo da Varazze, foi sucessivamente copiada e difundida por toda a cristandade, um género retomado na Contra-Reforma, que o divulgou em impresso. Tratava-se de colectâneas de vidas de santos, ou de histórias modelares, lendas ou relatos de milagres, os quais muito facilmente um homem podia oferecer a uma sua cunhada solteira, sem com isso ferir as convenções. No entanto, refere que tinha “esperansas de que hera liuro profano”²⁶⁴⁰. Desta afirmação depreende-se que não se tratava de matéria religiosa, mas profana; bem como que tinha um tema “feito sobre parábola”²⁶⁴¹. Não especifica se o livro era impresso ou manuscrito. É sabido que a circulação de manuscritos copiados era uma realidade, quando nem todas as obras tinham sido impressas, ou quando o preço dos livros impunha restrições²⁶⁴². Podemos supor tratar-se, por exemplo, de uma das obras da já mencionada Soror Maria do Céu (1658-1753), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Piedade da Boavista, em Lisboa, conhecido como Convento da Esperança: *Metáforas das Flores mostradas em documentos mil proveitosos*, publicada nas suas *Obras Varias e Admiráveis*,

²⁶³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 4, § 6.

²⁶³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 6.

²⁶⁴⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 6.

²⁶⁴¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 6.

²⁶⁴² Vd. Fernando Bouza, *Corre Manuscrito. Una Historia Cultural el Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001.

em Lisboa, em 1735²⁶⁴³ (sendo possivelmente bem anterior a esta data), ou, atribuído à mesma autora, a obra *Escarmentos de Flores*, de 1681, da qual conhecemos hoje uma versão manuscrita, bastante completa, incluindo frontispício, o que pode indicar que terá circulado em cópias manuscritas²⁶⁴⁴. Não podemos deixar de recordar que, no “Tratado Místico”, Soror Isabel usa várias flores para fazer comparações ou ilustrar realidades da vida ascética e mística, ao gosto barroco, é certo, mas talvez porque, de facto, teria lido Soror Maria do Céu na sua juventude.

Outros livros ainda poderemos colocar como hipótese, a e, assim, terá mais vigor a hipótese de se tratar de um dos livros da conhecida Soror Maria do Céu, obras que não eram propriamente religiosas, mas que tinham um conteúdo capaz de despertar uma reflexão religiosa em Soror Isabel, a qual, tantos anos depois, escreve na “Vida”: “tomando eu o liuro coydando tinha liuro de flores que se acomodaua ao meu genio me achei com froitos”²⁶⁴⁵. E prossegue de imediato:

“leuei comigo o liuro e foy Descubrindo o que nele se comtinha e sempre com esperansas de que hera liuro profano porque o mundo me tinha sega que nam acabaua de entender a uerdade aqui como fica dito apareseo o Sol com rrayos de lus porque Deus me infundio lus supirior que logo desterrou As treuas da minha jnoransia conhesi o erro em que ueuia e me leuaua ao inferno foy tam uehemente O Conhesimento que Deus me deu Desta uerdade que sem mais dilasam tomei logo o liuro por mestre”²⁶⁴⁶.

Se este livro era da autoria de Soror Maria do Céu, haveria nele esse sério intuito pedagógico e moralizador que, acerca da obra desta religiosa assinala Sara Augusto, recorrendo aquela autora à dupla estrutura da alegoria, na qual conjugava o deleite e a fruição do enredo com a lição a transmitir, um “processo exigido pela ortodoxia do contexto religioso”²⁶⁴⁷. A obra era um conjunto de vinte

²⁶⁴³ Vd. Soror Maria do Céu, *Obras Varias e Admiráveis*, Lisboa Ocidental, Manuel Fernandes da Fonseca, 1735.

²⁶⁴⁴ Cf. BGUC, *Escarmentos de Flores*, ms. 199.

²⁶⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 5, § 6.

²⁶⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 5-6, § 6.

²⁶⁴⁷ Cf. Sara Augusto, “No Reino da Ficção: o Espaço e a Literatura Conventuais”, in *Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano*, Ouro Preto, 2006, pp. 1343-1344.

e quatro metáforas, repetindo uma sequência dupla²⁶⁴⁸. A primeira parte é composta por um apólogo, no qual são personagens várias flores, entre a virtude e o vício, tendo recompensas e castigos. Na segunda parte, um comentário e interpretação de cada trecho da ficção, onde abundam sentenças morais. Quanto à obra *Escarmentos de Flores*, tratava-se de uma pequena novela, na qual cinco flores se lamentam do engano a que a vaidade as levou, pelo que as “flores humanas” deviam meditar sobre a sua infelicidade. Cinco aves comentam as cinco flores, com a mensagem de que a vida terrena é efémera e que a alma não pode alcançar a eternidade para a qual foi predestinada com uma vida de vaidades e lisonjas²⁶⁴⁹. Esta mensagem ajusta-se bastante ao que Soror Isabel refere acerca do processo de mudança interior que começou a desenvolver-se a partir a leitura do dito “liuro de flores” que, afinal, começou a dar “fritos”²⁶⁵⁰. De resto, também ela, no “Tratado Místico”, usa metáforas de flores, como acima referimos.

Soror Isabel do Menino Jesus também terá lido, anos mais tarde, ainda em Marvão ou já no convento, algum livro sobre a vida de Santa Teresa de Jesus, como a obra do Padre Francisco de Ribera, *La Vida de Santa Tereza de Jesús...*, impressa em 1590²⁶⁵¹. Ao narrar a sua própria conversão na *Vida*, Soror Isabel fá-lo numa evidente correspondência com a narração feita pela Santa a propósito do começo da sua própria conversão. Também a Santa, no século anterior, fora visitar um seu parente, o seu tio paterno, D. Pedro Sánchez de Cepeda, que lhe oferecera um livro. A leitura desta obra mudara a sua vida interior, que “trata de enseñar oración de recogimiento”²⁶⁵², escreveu também: “tiniendo a aquel libro por maestro; porque yo no hallé maestro – digo confesor – que me entendiese, aunque le busqué”²⁶⁵³. Esta frase teresiana terá inspirado Soror Isabel no momento de narrar a sua conversão, porque constatámos que escreve uma frase semelhante para ilustrar o impacto que tivera em si o livro oferecido pelo cunhado: “sem mais

²⁶⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 1344.

²⁶⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 1344.

²⁶⁵⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 5, § 6.

²⁶⁵¹ Vd. Francisco de Ribera, *La Vida de Santa Tereza de Jesús, Fundadora de las Descalças y Descalços Carmelitas*, Salamanca, 1590.

²⁶⁵² Cf. Santa Teresa de Jesus, *Libro de la Vida*, in *Obras Completas...*, *op. cit.*, cap. 4, pp. 42-43.

²⁶⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 42-43.

dilasam tomei logo o liuro por mestre”²⁶⁵⁴, não tendo então, como a Santa, um confessor que a dirigisse. Se, no seu caso, não sabemos ao certo que livro terá lido, sabemos que, no caso da Santa, a leitura foi do *Terçer Abecedario Espiritual*, de Frei Francisco de Osuna, importante obra de mística, destinada aos fiéis, a qual teve enorme influência na espiritualidade do *siglo de oro*.

Na “Vida”, como mencionámos, Soror Isabel narra a visão das cadeias, na qual também Santa Teresa a prende com uma cadeia²⁶⁵⁵. Era grande a influência teresiana nos conventos femininos de todas as ordens religiosas, na Península Ibérica e no Novo Mundo, ao ponto de a maioria das religiosas que escreveram sobre as suas alegadas vidas místicas em Espanha, na segunda metade do século XVI e primeira do século seguinte, descreverem um qualquer encontro com a Santa, quase sempre fictício, como refere María Leticia Sánchez Hernández, exemplificando com o caso de Soror Mariana Mariana de São José (1568-1638), reformadora da Ordem de Santo Agostinho, ou das agostinhas recoletas (em Portugal, ditas grilas, por terem o seu convento no Grilo, perto de Xabregas), porque as datas e lugares do seu percurso biográfico não coincidem com os da Santa²⁶⁵⁶. Importante autora mística, Santa Teresa tornara-se modelar, sobretudo para as religiosas com propensão para a vida ascética e mística, o que em Portugal teve importantes reflexos²⁶⁵⁷. Ainda hoje, Santa Teresa é um modelo de santidade,

²⁶⁵⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, pp. 5-6, § 6.

²⁶⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 12.

²⁶⁵⁶ Cf. María Leticia Sánchez Hernández, “Mariana de San José y sus ‘Cuentas de Conciencia’: Género Literario y Experiencia Mística”, in Javier Burrieza Sánchez (ed.), *El Alma de las Mujeres. Ámbitos de la Espiritualidad Femenina en la Modernidad (Siglos XVI-XVIII)*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2015, p. 39-41.

²⁶⁵⁷ Veja-se, entre muitos, o exemplo de Soror Mariana da Purificação (1623-1695), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, de carmelitas calçadas, cuja vida mística implicava numerosas visões do Menino Jesus, uma delas comportando o fenómeno místico da *transverberação*, pois afirmava que o Menino lhe penetrara o costado com uma seta em chamas. O comportamento da religiosa durante a alegada transverberação, fora observado por várias testemunhas: “indo já no cabo do extasi tornou a dar hús ais dizendo que o Menino lhe tirara a setta, mas que logo lhe acudira com a manita a tapar o buraco, e que sentira grande consolaçãõ”. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 1720, f. 12v. Apesar de não ter sido a única agraciada com este dom, Santa Teresa de Jesus era a mais conhecida dos místicos transverberados. A transverberação corresponde a uma inundação da alma pelo amor divino; e, à Santa, ocorrerá-lhe com a visão de um anjo que lhe penetrara o peito com um dardo ardente. Cf. Santa Teresa de Jesus, *Libro de la Vida*, in *Obras Completas, op. cit.*, cap. 29, § 13, pp. 157-158. Soror Mariana da Purificação, como a Inquisição de Évora apurou, dizia ter lido muitas vezes a *vida* da Santa, pelo que se pensava que estava muito influenciada

cuja vida e obra, muito presente na literatura católica, têm feito correr rios de tinta. Uma análise mais demorada – que não é nosso objectivo – dos textos de Soror Isabel do Menino Jesus talvez demonstrasse esta influência na sua vida ascética e mística; e até semelhanças no discurso. Observamos, por agora, que, tal como em Santa Teresa, há na escrita de Soror Isabel muitos elementos da Sagrada Escritura, que temos vindo a apontar e voltaremos a mencionar²⁶⁵⁸. Estas referências bíblicas explícitas juntar-se-ão a outras, que, implícitas, subjazem à retórica de Soror Isabel. Umas e outras demonstrarão que, como secular e como religiosa, a autora embebeu a sua vida interior de repetidas leituras – efectuadas por si ou ouvidas a outros – dos textos sagrados, nomeadamente no ofício divino, na Santa Missa e noutras celebrações do convento, onde circulariam, ainda, livros religiosos e onde havia bastante iconografia, de vulto ou não, que remetia, em cada dia, para aqueles textos. Igualmente, ou com maior eficácia, devemos recordar que com frequência ouviria práticas e sermões na igreja do convento, os quais explicavam os textos sagrados em vernáculo, apesar de os citarem sempre em latim. Soror Isabel diz-se pouco entendida em latim – numa visão, o Senhor traduz-lhe mesmo do latim para o português um versículo –, mas, ainda assim, sabia alguns versículos do *Livro dos Salmos* de cor, porque integrantes do ofício divino ou do *Missale Romanum*....

É impossível saber ao certo o que, na juventude, terá lido a secular Isabel Fernandes, futura Soror Isabel do Menino Jesus. O mesmo podemos afirmar quanto à sua vida religiosa. Os livros impressos do seu convento foram desviados por volta de 1858, antes do primeiro inventário que se fez, em ordem à extinção, destino que terá conhecido também o seu manuscrito autógrafo. É plausível supor, por exemplo, que Soror Isabel do Menino Jesus tivesse lido várias obras franciscanas dos séculos XVIII e XVIII, tanto em castelhano, como em português, como a *Rosa Franciscana*..., tratado de Frei Manuel do Sepulcro sobre a vida de Santa Rosa de Viterbo, terceira franciscana a quem Soror Isabel teria grande devoção, escrevendo, na “Vida”, como mencionámos, que tivera da Santa muitas

pela leitura e que, portanto, o seu caso era embuste. Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 1720, f. 495v.

²⁶⁵⁸ Vd. Pilar Huerta Román, *El Telar de la Palabra. Ecos Bíblicos en la Autobiografía Teresiana*, Editorial de Espiritualidad, Madrid, 2013.

visões em 1713, durante todo o oitavário da sua solenidade litúrgica²⁶⁵⁹. As referências às noites escuras que faz nas “Cartas a um Religioso” e no “Tratado Místico” indiciam a frequência das obras de São João da Cruz, designadamente da sua *Noche Oscura* e da *Subida al Monte Carmelo*, que corriam e impressas, mas também manuscritas²⁶⁶⁰.

Como atrás referimos, Isabel Morujão, que editou o epistolário de Frei António das Chagas, encontrou nas cartas de Soror Isabel do Menino Jesus convincentes indícios de que a autora leu as obras deste célebre religioso franciscano. Com efeito, a impressão das cartas do conhecido franciscano terá sido lida pelos conventos das religiosas da Ordem de São Francisco; e, ainda antes de professar, poderá ter sido um dos livros que a então Isabel Fernandes poderá ter lido e seguido, na sua ascese, sob a direcção de um franciscano do convento marvanense. Frei António das Chagas era um dos maiores pregadores, com o Padre António Vieira, sendo praticamente impossível que a sua fama não tivesse chegado a Soror Isabel, sobretudo quando já no convento.

É preciso ter em consideração as práticas de leitura dos conventos femininos, onde as leituras não eram feitas apenas individualmente, mas em conjunto; onde não se liam apenas impressos, mas também manuscritos, próprios e por empréstimo, etc.²⁶⁶¹. Sobre os empréstimos, por exemplo, sabemos que, para além da livraria dos conventos, havia livros de circulação restrita, que pertenciam particularmente a certas religiosas, passando-os de umas às outras por empréstimo e por herança, como recentemente exemplificou Fernanda Maria Guedes de Campos, acerca das religiosas carmelitas descalças do Convento de Santo Alberto, em Lisboa, no século XVIII²⁶⁶². Existiria também o empréstimo de obras por

²⁶⁵⁹ Vd. Manuel do Sepulcro, *Rosa Franciscana: Tratado da Prodigiosa Vida de Santa Rosa de Viterbo Filha Professa da Veneravel Ordem Terceira de Nosso Padre Seraphico São Francisco*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues d’Abreu, 1673.

²⁶⁶⁰ Vd. BNP, São João da Cruz, {Cod. 264 } *Noche Oscura del Alma y Declaracion de las Canciones que Encierran el Camino de la Perfecta Union del Alma com Dios, qual se Puede en esta Vida; y las Propiedades Admirables del Alma, que a Ella ha Llegado*, liv. 1 e 2, cota ALC 88.

²⁶⁶¹ Vd. José Adriano de Freitas Carvalho, “Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura entre Franciscanas e Clarissas em Portugal no Século XVII”, in *Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n.º 4, Porto, 1997, p. 37.

²⁶⁶² Vd. Fernanda Maria Guedes de Campos, “Vidas Exemplares Femininas nas Leituras do Convento de Santo Alberto (Século XVIII)”, in João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade, Tiago Pires Marques (Coord.), *Vozes da Vida Religiosa Feminina...*, op. cit., pp. 107-124.

clérigos seculares e regulares, pessoas seculares, ou seja, por leitores externos à comunidade. Os directores espirituais recomendariam às religiosas certas obras; e outras elas leriam por sua própria iniciativa. A questão das leituras femininas, fora e dentro dos conventos, nesta época, é assunto complexo e a investigação que tem sido realizada está ainda longe de poder dar-nos respostas exactas²⁶⁶³. Quanto à audição de leituras, esta devia ser quotidiana, pelo menos, durante as refeições; alguns refeitórios tinham, até, um lugar próprio para a leitora, mais elevado, capaz de expandir a sua voz pela câmara²⁶⁶⁴. Esta prática seria também frequente entre grupos de religiosas mais observantes, nas suas celas, ou nos claustros; e ainda no noviciado, no qual as noviças liam ou ouviam ler diferentes obras, sob orientação da sua mestra. Nisto, teria Soror Isabel do Menino Jesus bastante experiência, por ter assumido o ofício de mestra da Ordem²⁶⁶⁵.

A leitura não era apenas de impressos, mas de manuscritos, que se copiavam e enviavam de convento a convento²⁶⁶⁶. E não existiriam apenas livros religiosos, mas também profanos, porque, se não existissem, não existiria também a necessidade de se legislar contra a sua posse pelos conventos, como bem ilustram os estatutos das religiosas da Ordem de Santa Clara coletinas, num códice citado por Luana Giurgevich e Henrique Leitão:

“Da ocupação das Sorores, Tregessimo Cap.º

Item mais uedamos ás Sorores que não guardem alguns Liuros em os seus Conuentos, nem tenham, nem leam, nem escreuão, ou fasão escrever, em os quaes se contenão expressa, ou ocultadamente vaidades e carnalidades, ou

²⁶⁶³ Vd. Isabel Morujão, “Livros e Leituras na Clausura de Setecentos”, in *Revista da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”*, n.º XIX, Porto, 2002, pp. 11-170.

²⁶⁶⁴ Veja-se o refeitório do extinto Convento de Jesus de Aveiro, de religiosas dominicanas, hoje ocupado pelo Museu de Aveiro, popularmente conhecido como Museu de Santa Joana Princesa.

²⁶⁶⁵ Vd. José Adriano de Freitas Carvalho, “Do Recomendado ao Lido...”, *op. cit.*

²⁶⁶⁶ Vd. o caso de Soror Mariana da Purificação (1623-1695), religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, de carmelitas calçadas, que, em Beja, ouvira ler a *vida* de Soror Mariana do Rosário (1615-1649), conversa do Convento do Salvador de Évora, a quem terá desejado imitar e até suplantar em santidade, segundo as religiosas do seu convento testemunhavam, motivo pelo qual, pelo ano de 1666, começou a ter visões recorrentes do Menino Jesus, como ocorrera com aquela religiosa de Évora. Essa *vida* era certamente uma cópia do manuscrito autógrafo de Soror Mariana do Rosário, que se conservava no seu convento, pois a biografia que lhe escreveu Frei António de Almada seria impressa apenas no século XVIII. Vd. António de Almada, *Desposorios do Espirito...*, *op. cit.*

couzas mundanas. Couem porem hauer e ter em todos os Conuentos Liuros Santos para consolação, e proveito das almas e da Santa religião, que em particular e em geral em a meza, se leam, segundo a despoxição, e ordenação da Abbadessa.²⁶⁶⁷

Se nada sabemos das leituras que se faziam no convento de Soror Isabel do Menino Jesus, pela razão atrás apontada, sabemos de alguns dos livros que se liam no vizinho Recolhimento de São Brás, cuja fundadora, a Irmã Maria da Conceição, era dirigida por Soror Isabel, como mencionámos. Plausivelmente, seriam os mesmos que se liam no Convento de Santa Clara, pelo menos pelas religiosas observantes, como era o caso da autora. Nesse recolhimento, os estatutos, promulgados a 20 de Julho de 1723 por D. Álvaro Pires de Castro e Noronha, Bispo de Portalegre – mas já antes observados pelas recolhidas –, ordenavam que lessem, das 17 às 18 horas, de Maio a Outubro, livros dos seguintes autores modernos: Padre Tomás de Villacastín, Padre Luís de la Puente, Frei Luís de Granada, especialmente o seu *Guia de Pecadores...*²⁶⁶⁸; e, cronologicamente remoto, mas sempre muito seguido, o Padre Tomás Hemerken de Kempis (talvez a sua famosíssima *Imitação de Cristo*)²⁶⁶⁹. Portanto, essas recolhidas teriam acesso a todo um manancial de espiritualidade, e, sendo vizinhas das religiosas do convento, eram também professoras da Ordem Terceira de São Francisco e, logo, assistidas pelos mesmos religiosos do Convento de São Francisco de Portalegre. Essas leituras e esta assistência religiosa, que implicaria a direcção espiritual, favoreceriam, naturalmente, a iniciação na ascese pelas recolhidas, ou, pelo menos, por algumas delas, com maior propensão para a mística. Da fundadora do Recolhimento há, de facto, notícias importantes, que adiante mencionaremos. Note-se que tais autores seriam apenas uma amostra da literatura espiritual da época, que incluía também as obras de Santa Teresa, de São João da Cruz, etc., que Soror Isabel terá lido, ou ouvido ler ou comentar por

²⁶⁶⁷ Cf. “Regra de Santa Clara seu testamento, e bênção dos Estatutos de S.^{ta} Coleta com humas Declarações de Fr. L.^{co} de Portel p.^a tirar escrúpulos, e no fim huma concordância da Regra, com o exemplo de Christo, e evangelho” (doc. 174), in Luana Giurgevich, Henrique Leitão, *Clavis Bibliothecarum...*, *op. cit.*, p. 608.

²⁶⁶⁸ Vd. Maria Idalina Resina Rodrigues, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, Madrid, Universidad Pontificia de Salamanca/ Fundación Universitaria Española, 1988.

²⁶⁶⁹ Vd. Daniel de Pablo Maroto, *Espiritualidad de la Baja Edad Media (Siglos XIII-XIV)*, Madrid, Editorial de Espiritualidad, 2000, pp. 320-326.

outrém²⁶⁷⁰. Quanto aos autores lidos no Recolhimento de São Brás, por exemplo, do Padre Tomás de Villacastín, jesuíta, seria bastante difundido o seu *Manual de Ejercicios Espirituales para Tener Oración Mental...*, que em Portugal tinha pelo menos uma tradução, impressa em 1739, certamente muito usada por religiosas, recolhidas, pelos fiéis em geral²⁶⁷¹.

Estas leituras terão feito parte da vida religiosa de Soror Isabel, o que a capacitou para a escrita, pesasse embora a sua pouca instrução. Tal como a sua caligrafia elegante denuncia o exercício contínuo da escrita, também a retórica lhe terá vindo da experiência de ler. Mas não só. A autora tem nos seus textos muitos elementos que certamente não terá colhido, pelo menos na sua totalidade, das leituras que terá feito ao longo da vida. Muitos destes elementos procedem da sua vida quotidiana e, de certo modo, espelham muitas outras experiências vitais, não apenas as de uma leitora, mas também como protagonista de cada acção descrita ou como manipuladora de cada objecto referido, ou como simples observadora.

Todos estes elementos surgem na sua escrita, quer na descrição dos fenómenos místicos, designadamente nas visões imaginárias, como nas comparações, metáforas e alegorias que usa para relatar esses fenómenos ou para dissertar sobre realidades espirituais dificilmente intelegíveis pelos seus destinatários ou, numa melhor hipótese, comunicadas pela autora com o estilo das suas conversações ou prelecções quotidianas. Nisto teria experiência, não só porque tinha uma rede clientelar de visitantes e correspondentes, como porque assumiu o ofício de mestra da Ordem por várias vezes.

2. Ecos da vida quotidiana

Soror Isabel do Menino Jesus nasceu, cresceu e foi adulta em Marvão, vila serrana e algo isolada, na qual a sua vida quotidiana decorreu no contexto urbano amuralhado. Recordemos que, pelos treze anos de idade, segundo conta na

²⁶⁷⁰ Vd. João Francisco Marques, “A Palavra e o Livro”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 417-425.

²⁶⁷¹ Entre várias outras impressões, vd. Tomás de Villacastín, *Manual de Ejercicios Spirituales, Para ter Oração Mental em Todo o Decurso do Anno. Composto em Castellano pelo Padre Thomaz de Villa Castin, da Companhia de Jesus, e Agora Traduzido em Portuguez*, Lisboa Ocidental, Oficina de Domingos Gonçalves, 1739.

“Vida”, era viva e esperta; e aos dezoito quis conviver com quem sabia retórica, isto é, com letrados, o que os pais lhe proibiram. Até aos vinte e cinco anos, dedicou-se ao governo da casa paterna, onde, segundo também escreve, havia muito trabalho, o que ela fazia com gosto, organizando a lide doméstica. Neste período, apesar de viver sob o controlo paterno e de não ser bonita, tinha vaidade e vestia-se com gala para sair à rua. As saídas, tanto quanto sabemos, limitavam-se às idas à igreja do Convento de Nossa Senhora da Estrela, com passagem por casa de parentes; e às outras igrejas da vila, a de São Tiago e à de Santa Maria, onde foi madrinha de baptismo por nove vezes. Não será descabido supor que participava devotamente em todos os actos públicos da piedade local: assistia à Santa Missa, integrava-se nas procissões da vila e talvez até fora dela, expressões religiosas tão frequentes na época, sem exceptuar a grande procissão e romaria de Nossa Senhora da Estrela, que atraía a Marvão numerosos romeiros, igreja onde foi a 1 ou 2 de Agosto de 1698, a lucrar a indulgência plenária²⁶⁷². É também plausível supor a sua visita aos soutos e terras de cultivo dos seus pais, e às aldeias do termo de Marvão, etc.

Não deixaria, pois, de ser tocada pela ruralidade da região, do que notámos vestígios na sua escrita. Assim se explicará a existência de abundantes referências a elementos agrícolas. Parece conhecer empiricamente a lavoura da sua época, a qual faz referência quando emprega comparações e metáforas para expressar realidades espirituais ou para descrever fenómenos místicos. Por exemplo, na “Carta a uma Religiosa 26”, escreve: “o laurador que semeia a seara quer colher moitos moyos de trigo e alma que se quer Vnir com Deus imitando A Jesus Cristo nos trabalhos nesesita de moytos moyos de pasiensia”²⁶⁷³. Também se refere, noutros lugares, a semear grãos de trigo para dar espigas²⁶⁷⁴; produzir cera dos

²⁶⁷² Vd. João Francisco Marques, “Os Itinerários da Santidade: Milagres, Relíquias e Devoções”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 359-365; e também António Camões Gouveia, “Procissões”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., pp. 334-345.

²⁶⁷³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 26”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), op. cit., p. 161.

²⁶⁷⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), op. cit., p. 75, § 88.

favos do cortiço²⁶⁷⁵; arrotear a serra brava, cortando-lhe a rama e arrancando-lhe as raízes²⁶⁷⁶; esgravatar²⁶⁷⁷; limpar a terra para brotarem flores e frutos²⁶⁷⁸; arrancar raízes à força de braço para limpar a terra mal cultivada²⁶⁷⁹; sazonar a terra²⁶⁸⁰; arrancar abrolhos²⁶⁸¹; etc.

São numerosos os elementos da fauna e flora regionais. Como outros escritores do Barroco, Soror Isabel refere-se à fauna que conhece²⁶⁸²: cavalo²⁶⁸³; peru²⁶⁸⁴; gatos²⁶⁸⁵; abelhas²⁶⁸⁶; toiro²⁶⁸⁷ e toirinho²⁶⁸⁸; jumento²⁶⁸⁹; lobos²⁶⁹⁰; ratos²⁶⁹¹; moscas²⁶⁹²; mosquito²⁶⁹³; peixe do rio²⁶⁹⁴; mula²⁶⁹⁵; víbora²⁶⁹⁶, etc. Da

²⁶⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 75, § 88.

²⁶⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 77, § 89.

²⁶⁷⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 27”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p., f. 163.

²⁶⁷⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 89, § 97.

²⁶⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 90, § 97.

²⁶⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 80, § 91.

²⁶⁸¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 29”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 165.

²⁶⁸² Vd. Maria Antónia Lopes, “Escritores e Animais: Vivências, Representações e Sentimentos (do Barroco ao Naturalismo)”, in Isabel Drumond Braga, Paulo Drumond Braga (coord.), *Animais na História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2015, pp. 437-483.

²⁶⁸³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 16, § 14.

²⁶⁸⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 84, § 94.

²⁶⁸⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 18, § 17.

²⁶⁸⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 75, § 88.

²⁶⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 114, § 118.

²⁶⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 112, § 114.

²⁶⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 112, § 114.

²⁶⁹⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 1”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 129.

²⁶⁹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 41, § 38.

²⁶⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33.

²⁶⁹³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 27”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. f. 164.

²⁶⁹⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 77, § 89.

flora, recordemos que nomeia mata brava²⁶⁹⁷; vinha²⁶⁹⁸; pês²⁶⁹⁹; etc.; amoras pretas²⁷⁰⁰, grão de milho²⁷⁰¹, relva verde²⁷⁰²; pasto seco²⁷⁰³; e faz muitas referências genéricas a flores, no geral as das árvores de fruto, mas especificando também a rosa²⁷⁰⁴, ou a rosa encarnada²⁷⁰⁵; a açucena branca; a perpétua²⁷⁰⁶; o malmequer²⁷⁰⁷; o lírio²⁷⁰⁸; a angélica²⁷⁰⁹; e algumas ervas, como a carqueja²⁷¹⁰ e a espadana²⁷¹¹, etc. Também faz várias referências genéricas a árvores, especificando, porém, o cipreste²⁷¹² e o castanheiro²⁷¹³, este último ainda hoje muito presente na região de Marvão.

Estão também presentes elementos geológicos e paisagísticos. Soror Isabel nomeia o cobre, um “metal groseiro que se nam Pode desbastar sem ficar parecendo o que hera”²⁷¹⁴; as areias finas e brilhantes²⁷¹⁵; o gesso que brilha com

²⁶⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 123, § 126.

²⁶⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁶⁹⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 65, § 73.

²⁶⁹⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 89, § 97.

²⁶⁹⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 40, § 38.

²⁷⁰⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 79, § 89.

²⁷⁰¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 56, § 64.

²⁷⁰² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 79, § 90.

²⁷⁰³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 79, § 90.

²⁷⁰⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

²⁷⁰⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 6”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 135.

²⁷⁰⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 82, § 92.

²⁷⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 122, § 124.

²⁷⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 123

²⁷⁰⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁷¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁷¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁷¹² Cf. *Idem, ibidem*, p.126, § 127.

²⁷¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 126, § 127.

²⁷¹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁷¹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

os seus pequenos espelhos²⁷¹⁶; os fóios²⁷¹⁷; as serras. Na sua visão dos penhascos, uma das que teve do Inferno, diz que o vira com aparência de serras negras, penhascos íngremes e iminentes, por onde não se podia abrir caminho, “sem se despenharem o pavimento”²⁷¹⁸. Esta visão teria relação com a paisagem de Marvão, vila no alto da Serra do Sapoio, com lajedos tão elevados e agrestes que, quem os olhasse das ameias, bem saberia ser impossível descer por eles sem se despenhar. Talvez invoque o castelo quando diz que o homem deve fazer uma muralha de virtudes²⁷¹⁹. E também quando escreve, no “Tratado Místico”, que “Agora como esta alma esta emcastelada no castelo onde mora O amor de Deus”²⁷²⁰. Na “Carta à Abadessa e Religiosas”, refere ainda a “neue tam fria”²⁷²¹ que vira no Purgatório, certamente distinta, mas remetente, para a neve que bem conheceria da sua região; na “Vida”, diz mesmo que nasceu durante um nevão²⁷²².

Há vários elementos fluviais e marítimos: mar²⁷²³, rio²⁷²⁴, navegação²⁷²⁵, tempestades marítimas²⁷²⁶, etc. No sopé da Serra do Sapoio, corria o rio Sever, resultante da confluência do Ribeiro das Reveladas e do Ribeiro do Porto da Espada. Os pais da autora, como referimos, possuíam pelo menos um souto e outras culturas no Sítio da Ribeira²⁷²⁷. O Sever seria então navegável, o que com

²⁷¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁷¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 90, § 97. Soror Isabel do Menino Jesus refere-se aqui a “foyo intiriores”, para designar cavernas no interior da terra. Rafael Bluteau exemplifica, de facto, que se pode precipitar algo de uma alta serra a um *foyo carvernoso*. Cf. “Foyo”, in Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, & Latino...*, *op. cit.*, vol. IV, p. 191.

²⁷¹⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 40, § 38.

²⁷¹⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 93, § 98.

²⁷²⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 117, § 122.

²⁷²¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 54, § 62.

²⁷²² Cf. ADP, Livro dos Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 88v.

²⁷²³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 30”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p.166.

²⁷²⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 32”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p.169.

²⁷²⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 30”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 166.

²⁷²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 166.

²⁷²⁷ Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 1, fs. 29v-31v.

frequência a autora observaria desde a infância, pelo menos sempre que ia a essa propriedade familiar. Na “Carta a uma Religiosa 32”, escreve, acerca das almas e do amor de Deus, que “o Rio tem o seu curso para o mar Onde fenaliza suas correntes”²⁷²⁸. No Sever também se pescaria bastante e a autora, no “Tratado Místico”, refere-se ao peixe que sai do rio, “lauado e linpo sahio dagoa mas uem cuberto de escama”²⁷²⁹; e ao pescador que pesca com anzol²⁷³⁰. Não sendo de supor que alguma vez tenha visto as costas atlânticas, dado que viveu sempre no interior, aquelas suas referências talvez se relacionem com a sua terra natal. Também escreve na “Vida” “que quem Ssabia nadar andaua por baxo dagoa e nam se afogaua”²⁷³¹.

Abundantes são também os elementos militares: fala em artilharia²⁷³², armas²⁷³³, espadas²⁷³⁴, arcabuz²⁷³⁵; cadeia de fuzis²⁷³⁶; setas²⁷³⁷; pólvora²⁷³⁸; lança²⁷³⁹; escudo²⁷⁴⁰; cutelos²⁷⁴¹, pelouro de fogo²⁷⁴², etc. Refere-se a pelejar

²⁷²⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 32”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p.169.

²⁷²⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 77, § 89.

²⁷³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 126.

²⁷³¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 23, § 21.

²⁷³² Cf. *Idem, ibidem*, p. 40, § 36.

²⁷³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36, § 33; CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 94, § 98.

²⁷³⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 27”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 163; Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 14”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 144.

²⁷³⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 14”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 145.

²⁷³⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 92, § 98.

²⁷³⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 14”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 145.

²⁷³⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 41, § 38.

²⁷³⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 51, § 56.

²⁷⁴⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 104, § 107.

²⁷⁴¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 14”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 145.

contra inimigos²⁷⁴³; a guerras²⁷⁴⁴, batalhas²⁷⁴⁵, combates e milícias²⁷⁴⁶, vitórias²⁷⁴⁷, exércitos²⁷⁴⁸, tiros²⁷⁴⁹, etc. Também se refere a usar uma lima para cortar um grilhão²⁷⁵⁰ e a derramar um óleo, ou bálsamo, sobre chagas, para as curar²⁷⁵¹, talvez identificáveis com este universo. Os combates com demónios, que relata sobretudo na “Vida”, ilustram bem este uso de imagens provenientes do universo militar, que conheceria bem. Afinal, era filha de capitão, de quem diz: “inda que tiuese rresebido grandes agrauos Estando com A espada na mam logo perdoaua”²⁷⁵². Pela Rua do Espírito Santo, onde morava, em Marvão, passariam muitos soldados todos os dias, deslocando-se entre a cadeia, a Câmara ou a Porta da Vila; por um lado; e, por outro, a chamada Casa do Governador – que ainda se conserva – e a torre de menagem, etc. Escapara à capitulação de Marvão aquando da Guerra da Sucessão de Espanha.

²⁷⁴² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 15”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 146.

²⁷⁴³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 27”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 163.

²⁷⁴⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 14”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 145.

²⁷⁴⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 69, § 79.

²⁷⁴⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 25, § 22; Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 94, § 98.

²⁷⁴⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 14”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 145; Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 94, § 98.

²⁷⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 97.

²⁷⁴⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 36, § 33; CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 14”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 144; CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 15”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 146.

²⁷⁵⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 21”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p.156.

²⁷⁵¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 30”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 166.

²⁷⁵² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 2, § 2.

São depois muito frequentes os elementos da lide doméstica: acender círios em castiçais²⁷⁵³; acender o fogo na cera²⁷⁵⁴; beber vinho aguado por necessidade, antes que se transforme em vinagre²⁷⁵⁵; criar um Perú e outras aves²⁷⁵⁶; acender lume usando uma pedreira e sua massa, a isca²⁷⁵⁷; atear o fogo com lenha verde, o que provoca fumaça²⁷⁵⁸; usar o favo de mel e fazer “pastilha de boca”²⁷⁵⁹; tomar colheres de mel rosado²⁷⁶⁰; destilar óleo no alambique com o calor do fogo, que o refina²⁷⁶¹; chegar uma pedra de gesso ao fogo, o que a desfaz em pó²⁷⁶²; medir por alqueires e por móios²⁷⁶³; lavar uma vazilha²⁷⁶⁴, etc. Também menciona algum recheio de casa, como cadeiras²⁷⁶⁵; berço²⁷⁶⁶, cortina²⁷⁶⁷; teares²⁷⁶⁸; caixa de tabaco²⁷⁶⁹; escritório²⁷⁷⁰; peças de charão²⁷⁷¹; e

²⁷⁵³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 74, § 88.

²⁷⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 75, § 88.

²⁷⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 75, § 88.

²⁷⁵⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

²⁷⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 84, § 94.

²⁷⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 86, § 95.

²⁷⁵⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 91, § 18.

²⁷⁶⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 116, § 119.

²⁷⁶¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 112.

²⁷⁶² Cf. *Idem, ibidem*, p. 87, § 96.

²⁷⁶³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 91, § 98.

²⁷⁶⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 27”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 164.

²⁷⁶⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 36, § 33.

²⁷⁶⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 21”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 155.

²⁷⁶⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 22”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 157.

²⁷⁶⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 41, § 38.

²⁷⁶⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 53, § 59.

²⁷⁷⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 53, § 60.

²⁷⁷¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 32”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 169.

divisões da habitação, como sala interior²⁷⁷²; oficina²⁷⁷³; adegas²⁷⁷⁴; ou partes da arquitectura, como paredes, pavimento, abóbadas²⁷⁷⁵; chaminés²⁷⁷⁶; traves do telhado²⁷⁷⁷; e ainda menciona portas²⁷⁷⁸. Refere ainda algo do lazer vivido em casa, como ter um passarinho numa gaiola²⁷⁷⁹; fumar por um cachimbo²⁷⁸⁰; ou da higiene e/ou adorno de uma mulher do seu tempo: usar varas de fita²⁷⁸¹; ver-se ao espelho para verificar o asseio do rosto e a compostura do vestido²⁷⁸²; ou possuir uma pedra preciosa²⁷⁸³.

Especificamente do convento, enquanto espaço doméstico, refere-se a um sistema de canalização, pois menciona a água que corre pelos canos, mas que pode acabar-se²⁷⁸⁴; ao claustro, como lugar de encerramento e ambiente próprio para uma religiosa estar, sem querer sair²⁷⁸⁵; e, por diversas vezes ao coro, como lugar de oração. Por uma referência sua na “Carta à Abadessa e Religiosas”, tomamos conhecimento de que o seu convento tinha uma alcatifa para seu adorno no coro, e que esta seria teria padrão elaborado, ao ponto de a autora se ter

²⁷⁷² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 15, § 13.

²⁷⁷³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 27”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 163.

²⁷⁷⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 18, § 16.

²⁷⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 41, § 38.

²⁷⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 41, § 38.

²⁷⁷⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 54, § 61.

²⁷⁷⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 23, § 21.

²⁷⁷⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 81, § 90.

²⁷⁸⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 125, § 127.

²⁷⁸¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 54, § 61.

²⁷⁸² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 91, § 98.

²⁷⁸³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 171.

²⁷⁸⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 105, § 109.

²⁷⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 82, § 92.

distraído na oração a contemplá-la²⁷⁸⁶. Também menciona o serviço de “menza”²⁷⁸⁷, tendo, por repetidas vezes, repreendido quem a servia porque não demonstrava o cuidado com a galheta de azeite. Refere-se ao confessorário²⁷⁸⁸; e à armação do presépio, que se fazia pelo Natal naquele convento, como se fazia em muitos outros conventos femininos, na época²⁷⁸⁹.

Nos textos da autora estão também presentes elementos da actividade económica ou financeira. Por várias vezes menciona dinheiro²⁷⁹⁰; usar “dinheiro da bolsa”²⁷⁹¹; dar dinheiro a outrém²⁷⁹²; fazer pagamento indevido de dívidas²⁷⁹³; pedir empréstimos²⁷⁹⁴; fazer pagamentos²⁷⁹⁵; fazer dispêndios²⁷⁹⁶; ter dívidas²⁷⁹⁷, comprar²⁷⁹⁸; ser fiadora de alguém²⁷⁹⁹; e usa a medida da arroba para significar bens espirituais; e a do quilate de ouro²⁸⁰⁰. Refere também cinco moedas de ouro

²⁷⁸⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p.

62, § 69.

²⁷⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 62, § 70.

²⁷⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 62, § 70.

²⁷⁸⁹ Veja-se um exemplar destes presépios conventuais no Museu Nacional do Azulejo, numa sala do extinto Convento da Madre de Deus de Xabregas, em Lisboa, que foi de religiosas da Ordem de Santa Clara coletinas, da autoria dos barristas Dionísio Ferreira e António Ferreira; e outro exemplar, de Machado de Castro, numa sala da Basílica do Sagrado Coração de Jesus da Estrela, em Lisboa, a qual pertencia ao convento das carmelitas descalças. Ambos são compostos por numerosas peças. O presépio dos conventos era geralmente armado numa sala própria, como vemos pelos exemplos referidos, ou por outros, como o do Mosteiro de São Bento de Cástris, termo de Évora, de religiosas bernardas, que visitámos em 2015: ainda se conserva ali esta sala, cuja porta de entrada dá para a igreja monástica, assinalado-se no seu lintel: “Presepio”.

²⁷⁹⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 23, § 21; p. 24, § 22.

²⁷⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

²⁷⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 24, § 22.

²⁷⁹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 23, § 21.

²⁷⁹⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 23, § 21; p. 24, § 22.

²⁷⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 23, § 21.

²⁷⁹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 23, § 22; p. 25, § 22.

²⁷⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 24, § 22.

²⁷⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 25, § 22.

²⁷⁹⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 31”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 167.

²⁸⁰⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 93, § 98.

no valor 40. 000 réis²⁸⁰¹; e a fonte que Cristo lhe abria no peito para correr moeda, com a qual devia comprar almas. Também diz que “a fazenda que se compra sempre se paga Siza”²⁸⁰²; e que “se o que Padesi foy sifra os comtadores nam podem comtar sem sifra Pois agora estas contas no tribunal deuino nam se podiam ajustar sem a sifra da penitensia”²⁸⁰³. Diz ainda que a castidade é como o dinheiro em cobre, que para fazer boa soma é preciso juntar montes de moedas, pelo pouco valor que tem²⁸⁰⁴; e que “quem tem o meu amor tem pregos de oyro”²⁸⁰⁵. Na “Vida”, recordamos, afirma ter dado muito dinheiro a diferentes pessoas seculares, chegando ao ponto de pedir emprestado a uma religiosa, com pagamento de juros; e que, na sua vida secular, terá cobrado as dívidas e os juros que constituíam o seu primeiro dote, no valor de 400. 000 réis, podendo esta actividade ter-se estendido a outras cobranças, porque os seus pais faziam empréstimos a juro.

Há também vários elementos litúrgicos. A sua escrita denota, assim, influências do ambiente conventual, designadamente da vida quotidiana, sempre pautada pelo calendário litúrgico, dia após dia, ano após ano, marcando o ritmo da vida comunitária. Assim, faz referências à música e ao canto, citando versículos que estavam presentes no ofício divino e na Santa Missa. Em certo êxtase, por exemplo, ouvira cantar uma música, “A medida do amor que gozaua”²⁸⁰⁶; e na sua segunda visão da chaga do lado, depois de voltar a si, entendera que se festejava no Céu, ouvindo vivas à salvação do mundo²⁸⁰⁷. Tornara a perder os sentidos e tornando a si entendera que no Céu cantavam “a gloria que se canta na misa e os uersos Agnus dei qui tolis pecata mundi ett.”²⁸⁰⁸, ou seja, o *Gloria* (doxologia

²⁸⁰¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 23, § 22.

²⁸⁰² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a uma Religiosa 26”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 161.

²⁸⁰³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 19, § 18.

²⁸⁰⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 85, § 94.

²⁸⁰⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 24, § 22.

²⁸⁰⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 12, § 10.

²⁸⁰⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 26.

²⁸⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 28, § 26.

maior) e o *Agnus Dei*: “Agnus Dei qui tollis peccata mundi”²⁸⁰⁹, hino e oração da Santa Missa. Referindo-se aos fenômenos místicos vividos a partir de 25 de Março de 1720, visões, locuções e êxtases, escreve que o Senhor lhe ordenara que “chorase aquelas culpas e agoa que saise dos olhos Auia de uir dos montes”²⁸¹⁰, ficando ela sem entender o que tal significava. E o Senhor, “como hum mestre que emsina hum dusipulo em latin me dise hum uerso de Daudid dis asim Abissos secut uistimentum Amitus eius super montes estabunt aque”²⁸¹¹. O versículo pertencia ao *Livro dos Salmos*, atribuído a David, do ofício de matinas de sábado: “Abyssus sicut vestimentum amictus eius super montes stabunt aquae”²⁸¹².

Noutro fenómeno, o da visão da cruz, soubera que quando na terra se faz penitência, os anjos estão “cantando no Ceo o uerso que dis cantate Domino canticum nouum laus eius in eclesia sanctorum”²⁸¹³. Ou seja, “Cantate Domino canticum novum, laus eius in ecclesia sanctorum”, novamente um versículo do *Livro dos Salmos*²⁸¹⁴. No “Tratado Místico”, acerca da via unitiva, explica que a alma encontra Deus por meio da contemplação, ficando admirada de ver em si própria tanto, sem saber o que vê, etc., mas sempre com humildade “e huns Requebros de amor afeisoados mas logo se acabam ficando alma com dezeios de amor a Deus este deuia ser o sentido em que Daudid falaua quando dise uiam iniquitatis a moue a me”²⁸¹⁵. Confessa não saber se acerta no que diz “porque me falta siensia”²⁸¹⁶. A citação era também do saltério, correspondendo a “Viam iniquitates a move me; et de lege tua miserere mei”²⁸¹⁷. Ainda no “Tratado Místico”, acerca de um modo de oração da via unitiva, cita mais um versículo do saltério, quando refere o gozo que há então na alma, a sede que sente de Deus, sendo necessário que faça muita oração: “coydo seria este o sentido em que falaua

²⁸⁰⁹ Cf. *Missale Romanum...*, *op. cit.*, pp. XVIII e XXVIII.

²⁸¹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 20, § 19.

²⁸¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 21, § 19.

²⁸¹² Cf. Sl 130, 6. Ou seja, “Vós a tínheis coberto com o manto do oceano, as águas ultrapassavam as montanhas”.

²⁸¹³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 30, § 29

²⁸¹⁴ Cf. Sl 149, 1. Ou seja, “Cantai ao Senhor um cântico novo, ressoe o seu louvor na assembleia dos santos”.

²⁸¹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 106, § 110.

²⁸¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 106, § 110.

²⁸¹⁷ Cf. Sl 118, 29. Ou seja, “Afastai-me do caminho da mentira e fazei-me fiel à Vossa lei”.

David quando dise septies india laudem dise tibi”²⁸¹⁸. Consciente de que cita com erros, adverte que “a falta de letras me deixa em duuida”²⁸¹⁹. De facto, Soror Isabel, cuja escrita é muito influenciada pelo registo oral, sendo mais suportada pelo decorar das fórmulas, que pela leitura das mesmas, não acertou, uma vez mais, na citação. Correctamente, queria citar novamente o saltério: “septies in die laudem dixi tibi super iudicia iustitiae tuae”²⁸²⁰. Também imperfeita é a citação latina “Butirum et mel comed ut disire rreprobare malu e diligere bonum”²⁸²¹, no “Tratado Místico”. Na verdade, e em latim correcto, correspondia a “Butyrum et mel comedet, ut sciat reprobare malum, et eligere bonum”, que a autora citava de cor do *Livro de Isaías*, do Antigo Testamento²⁸²².

Soror Isabel, como a maioria das religiosas, tinha rudimentares conhecimentos da língua latina; e, ao que parece, lamentava-se disto. Ainda assim, contaria certamente com o auxílio do capelão do convento, do confessor, de outros letrados, para entender os textos sagrados, que não estavam disponíveis em vernáculo; bem como estaria atenta aos sermões que se faziam na igreja do convento – a parenética fundava-se em abundantes citações latinas da Sagrada Escritura –; e teria à disposição livros devotos que também o faria. Por outro lado, os mesmos hinos, salmos, antífonas, etc. eram recitados e cantados, ano após ano, no coro, e Soror Isabel, ao contrário de outras religiosas, era assídua ao ofício divino. A vida ascética e mística e a vida quotidiana litúrgica, segundo aponta Daniel de Pablo Maroto, tinham uma estreita relação entre si, verificada já desde as místicas da Alta Idade Média, constituindo, até, um critério para discernir sobre a autenticidade dos fenómenos místicos²⁸²³.

Relacionados com a liturgia estão certamente vários elementos bíblicos, que fomos assinalando ao longo deste estudo introdutório. Soror Isabel do Menino Jesus parece ter certa predilecção pelos do Antigo Testamento, uns explícitos, outros implícitos, mas não menos identificáveis, sendo talvez explicáveis pela

²⁸¹⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 107, § 111.

²⁸¹⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 107, § 111.

²⁸²⁰ Cf. Sl 118, 164. Ou seja, “sete vezes por dia vos louvo, por causa da justiça dos vossos juízos”.

²⁸²¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...*(ms.), *op. cit.*, p. 112, § 114.

²⁸²² Cf. Is 7, 15. Ou seja, “Comerá manteiga e mel, para saber reprovare o mal e escolher o bem”.

²⁸²³ Cf. Daniel de Pablo Maroto, *Espiritualidad de la Baja Edad Media (Siglos XIII-XV)*, *op. cit.*, pp. 362-363.

possível ascendência cristã-nova da autora e seguramente relacionáveis com o seu franciscanismo, próprio de uma religiosa da Ordem de Santa Clara. Logo na “Vida”, Soror Isabel afirma ter sido predestinada no baptismo pelo próprio Deus para se sacrificar pela salvação das almas de vivos e de defuntos. Escreve que “O Dia em que foy Bautizada que dispos a prouidensia fose na dominga quinquagesima que A jgreya canta o Sacrifisio do Minino Jza [isto é, *Isaac*] Auia ser este dia porque auia ser ssacrificada a Deus no bautismo”²⁸²⁴. A sua associação a Isaac é uma referência importante, porque não se limitou a informar que o dia em que foi baptizada correspondia a essa festa litúrgica, como afirmou que, como Isaac, filho de Abraão, também ela fora destinada a ser sacrificada Deus para expiação dos pecados do seu povo. Nesta associação, até o próprio nome de Isaac lhe parecia ser semelhante ao seu, Isabel. De tal modo que o escreve sem a última letra: “Jza”, assemelhando-se, por isso, a *Jza-bel*. A propósito do seu nome próprio, explica, logo de seguida, que também este não fora escolhido ao acaso, tendo, pelo contrário, um sentido profético: “no bautismo Me puzeram o nome de Jzabel que inda que ua fora do prepozito Aqui se ayusta bem foy mistiriozo o nome de Jzabel”²⁸²⁵. Afirma que o Senhor lhe dissera que o nome “que te foy posto no bautismo teue misterio porque tem duas letras do meu nome e para luzir o teu nome hera nesenario ter duas letras do nome de jesus”²⁸²⁶.

Neste jogo de letras, a autora associa-se agora ao Santíssimo Nome de Jesus, devoção que era então prefigurada por imagens de vulto do Menino²⁸²⁷. Ambos os nomes começavam por “I”, que se escrevia e lia também “J”: Jzabel/Isabel, Jesus/ Ihesus. Aquela devoção era também representada pelo trigramma sagrado “JHS/IHS”, que o franciscano São Bernardino de Sena tinha criado no século XIV, difundindo-se então por toda a Europa através dos conventos da Ordem seráfica, além da sua representação pela imagem de vulto do

²⁸²⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 3, § 3.

²⁸²⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3, § 3.

²⁸²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3, § 3.

²⁸²⁷ O culto ao Menino Jesus era também identificado com o Santíssimo Nome de Jesus, cuja abstracção era de difícil apreensão pelos devotos, necessitados de recorrer a uma imagem de Cristo que o significasse. Veja-se o caso de Clara Fernandes da Corredoura, que testou a 25 de Abril de 1610, legando “Ao nome de Jezus hum tostão”. Cf. ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados, Testamento de Clara Fernandes da Corredoura, f. 313v. Existiria então um altar do Nome de Jesus, provavelmente aquela em que estava essa imagem do Menino, ainda hoje venerada na Igreja de São Tiago de Marvão.

Menino. Ora, o Menino Jesus – também ele pequeno, como Isaac e como a própria autora, no dia do seu baptismo – era precisamente o seu título de devoção, como o qual dera entrada no noviciado, nome que manteve na profissão. A autora assume, acerca do seu baptismo, nesse longínquo 12 de Fevereiro de 1673, uma predestinação divina, considerando-se vítima imolada a Deus, como Isaac e como o próprio Jesus, o primeiro do Antigo Testamento e o segundo do Novo Testamento, ambos destinados por Deus à expiação dos pecados. A propósito da nossa suposição acerca da sua ascendência cristã-nova, parece estar também indiciada no facto de Soror Isabel dizer que o domingo quinquagésimo do calendário litúrgico tridentino era a “dominga quinquagesima que A jgreya canta o Sacrifisio do Minino Jza”²⁸²⁸, quando, na verdade, não havia neste dia, ou nos dois dias seguintes, até à próxima quarta-feira de cinzas, qualquer referência a Isaac, quer no missal romano, quer no ofício divino. Este pormenor passou ileso no exame dos seus três directores espirituais, do ministro provincial, dos censores. De facto, nenhum deles lho mandou corrigir, como seria natural.

Não se tratará de um simples pormenor. Parece-nos ser, pelo contrário, uma chave de entendimento da vida ascética e mística de Soror Isabel, a qual poderemos interpretar à luz do próprio ofício divino, ao qual foi sempre tão fiel, mesmo quando já era idosa e não tinha muita saúde, segundo testemunha o próprio Frei Martinho de São José: “Querendo a Prelada dispensar com ella, para que não fosse ao Côro, attendendo aos seus muitos anos, e não poucos achaques, respondeo: Que bem podia, porque lhe ficava muito custoso cumprir o Officio Divino, rezando fóra do Côro”²⁸²⁹. Se para muitas religiosas do convento, segundo vimos nas actas das visitas, a obrigação de recitar ou cantar as horas do ofício divino era pesada, desinteressante ou mesmo susceptível de se desprezar, para Soror Isabel esta terá constituído o primeiro eixo da sua oração, sendo o segundo aquela oração que fazia individualmente, ambos os eixos necessários à condução da vida religiosa segundo a Regra, as constituições e demais legislação, por um lado, e, por outro, segundo as exigências próprias da sua vida ascética e mística. A primeira, sendo oração comunitária, era composta sobretudo pelo ofício divino,

²⁸²⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 3, § 3.

²⁸²⁹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, *op. cit.*, p. [4v], § V.

pela Santa Missa e por outras celebrações, em língua latina e seguindo os formulários estabelecidos. A segunda, sendo oração pessoal e liberta de fórmulas, correspondia à muito promovida oração mental. Quer numa, quer noutra, segundo a própria e segundo Frei Martinho, a autora fora diligente.

Mas neste domingo se não fazia qualquer referência a Isaac. A “dominga quinquagesima”, como escreve na “Vida”, numa clara adulteração da expressão latina original, *Dominica in Quinquagésima*, do rito romano, segundo o *Missale Romanum...* promulgado pelo Papa São Pio V, correspondia ao domingo que precedia a Quaresma²⁸³⁰. Nele, a primeira leitura era da *I Carta de São Paulo aos Coríntios*, iniciando-se com “Fratres: Si linguis hóminũ loquar, & angelòrum: charitãtẽm autem non hábeam: factus sum velut aes sonãs aut cýmbalum tínniens”²⁸³¹. Não mencionava o sacrifício de Isaac. No *Evangelho Segundo São Lucas*, também não havia referências a Isaac²⁸³². Iniciava-se por esta leitura por: “In illo témpore: Assúmpsit Iesus duódecim, & ait illis: Ecce, ascéndimus Hierosólymã: & consummabũtur ómnia, quae scripta sunt per Prophéatas de fílio hominis”²⁸³³. Nos dias seguintes também não se faziam referências a Isaac.

Apesar disto, é importante apontar que a liturgia destes dias anteriores à Quaresma remetia para a predestinação de Jesus e para o seu sacrifício, consumado na cruz por vontade de Deus – o que não chegara a ocorrer com Isaac –, com a qual redimira os pecados dos homens e garantira a salvação das suas almas. É possível, por isso, que, por estes dias, se fizessem então diversos comentários às leituras fazendo referências a Isaac, designadamente nos sermões. Os sacerdotes poderiam, por exemplo, recorrer à patrística, etc., estabelecendo relações entre Antigo Testamento e Novo Testamento, aliança antiga do povo de Israel com o Senhor e nova aliança, estabelecida no sangue derramado por Jesus. Soror Isabel queria, assim, fazer referência à associação que a Igreja fazia por aqueles dias, no geral, entre Isaac e Jesus como sujeitos da predestinação divina e vítimas oferecidas a Deus pela expiação dos pecados de Israel, e, no caso de Jesus, de todos os homens.

²⁸³⁰ Cf. *Missale Romanum...*, op. cit. pp. XVIII e XXVIII.

²⁸³¹ Cf. 1 Cor 13,1-13. Ou seja, “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como bronze que ressoa, ou como o címbalo que tine”, etc.

²⁸³² Cf. *Ib.*, p. 68.

²⁸³³ Cf. Lc 18, 31-43. Ou seja, “[Naquele tempo,] Tomando os doze consigo, disse-lhes: “Olhai, subimos agora a Jerusalém e cumprir-se-á tudo quanto foi escrito pelos profetas acerca do Filho do Homem”, etc.

A autora considerava-se também ela predestinada e sacrificada desde que nascera, acentuando esta ideia com uma associação à predestinação e sacrifício de Isaac em torno da suposta liturgia do dia do seu baptismo e ao nome que lhe tinham imposto, ou seja, à predestinação e sacrifício de Isaac e de Jesus, de cujo nome tinha duas letras no seu nome de baptismo. Menino Isaac – Menino Jesus – Menina Isabel eram, assim, identidades associadas na “Vida”, que constituíam uma espécie de cifra, usada para expressar o sacrifício pedido por Deus a Abraão, pai de Isaac – depois mudando a vítima, passando a ser um carneiro –, sacrifício que anunciara o que havia de ser consumado em Jesus, seu Filho – a vítima perfeita, a que realmente foi imolada –; e continuada pela própria Soror Isabel, enquanto mística, que emula a vítima imolada e assume em si a perpetuação do seu sacrifício na cruz²⁸³⁴.

Se a autora tinha realmente uma ascendência cristã-nova, como temos vindo a supor, esta referência à *Dominica in Quinquagesima* parece ganhar maior relevo, na medida em que, na sua liturgia, se remetia para antiga e para a nova aliança de Deus com o povo de Israel. Seguia-se a Quarta-feira de Cinzas, igualmente sem referências a Isaac. No entanto, a história de Abraão, que se narrava nessas leituras, ia quase até ao nascimento de Isaac e, portanto, até ao seu sacrifício. Soror Isabel, conhecedora do tema, saberia que esse sacrifício remetia para toda a história da salvação e, ao escrever a “Vida”, aplicaria este sentido amplo da passagem do *Livro de Génesis* à sua própria vida ascética e mística. Falar do sacrifício de Isaac era falar de Jesus, da expiação dos pecados, de si própria. De resto, também refere o sacrifício de Isaac no “Tratado Místico”, comparando-o àquele que fazem os proficientes da mística na terceira noite escura²⁸³⁵. Esta passagem acerca do seu nascimento e primeira infância, ou melhor, da sua predestinação para uma vida de ascese e de mística, cheia de santidade, parece

²⁸³⁴ Um dos significados de “cifra”, segundo Rafael Bluteau é o de “Escritura enigmática com caracteres peregrinos”; outro é “qualquer figura, que encerra algum segredo”. Cf. “Cifra”, in Rafael Bluteau, *Vocabulário Portuguez, & Latino...*, op. cit., vol. II, p. 310.

²⁸³⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), op. cit., p. 112, § 115.

coadunar-se com aqueles que se faziam nas *vidas de servas de Deus* nos séculos XVII e XVIII, que Soror Isabel do Menino Jesus lia ou ouviria ler²⁸³⁶.

De notar, ainda, que esse jogo de letras que Soror Isabel apresenta parece estar sob influência do que saberia acerca do uso do tau por São Francisco, letra hebraica que o Santo elegera para sua assinatura, por ser em forma de cruz. Para São Boaventura, invocando o *Livro do Apocalipse*, o Santo era como o segundo anjo portador do sinal de Deus vivo, seguindo-se a Cristo, que era representado pelo primeiro anjo²⁸³⁷; o Santo trazia em si os sinais da cruz, os estigmas²⁸³⁸. São Francisco era visto como o enviado de Deus, arauto de Cristo, anjo do Senhor, para “marcar os eleitos com o Tau”, invocando o *Livro de Ezequiel*: “um tau no rosto de todos os que sofrem e gemem”²⁸³⁹. Talvez por isto, o uso de letras para cifrar e decifrar matérias místicas era, no tempo de Soror Isabel, ao que parece, algo recorrente²⁸⁴⁰. A famosíssima Soror Maria de Jesus (1602-1665), religiosa concecionista do Mosteiro da Conceição de Ágreda, em Espanha, convento da Ordem da Imaculada Conceição – fundada pela portuguesa Santa Beatriz da Silva²⁸⁴¹ –, compôs uns *Psalmos pelas Cinco Letras Iniciaes, de que se Compõem o Santissimo Nome de Jesus*, garantindo: “E todos, para lucrar taõ grande thesouro, ainda que não saibaõ Latim, se applicuem a rezar estes Psalmos ao

²⁸³⁶ Vd. Paula Almeida Mendes, “Entre a Aprendizagem da Santidade e a Predestinação Divina. Algumas Notas Sobre a Infância e a Adolescência em ‘Vidas’ de Religiosas Portuguesas (Séculos XVII e XVIII)”, in *Via Spiritus*, n.º 19, Porto, 2012, pp. 123-143.

²⁸³⁷ Cf. Ap 7, 2.

²⁸³⁸ Cf. São Boaventura, “Prólogo”, in *Legenda Maior de São Francisco*, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, p. 595.

²⁸³⁹ Cf. Ez 9, 4.

²⁸⁴⁰ Já no século anterior as letras com significado místico estariam presentes em relatos de outros místicos. Veja-se um caso descrito por Santa Teresa de Jesus. Reportando-se à fundação do Convento de São José do Salvador, em Beas, no ano de 1575. No seu *Libro de las Fundaciones*, a Santa recordava as primeiras carmelitas descalças deste convento, duas irmãs, D. Catalina Godínez e D. María de Sandoval, cujo pai tinha para a mais velha grandes planos de casamento, quando a filha, pelos catorze anos, já se sentira chamada à vida religiosa. Cf. Santa Teresa de Jesus, *Libro de las Fundaciones*, in *Obras Completas, op. cit.*, cap. 22, §§ 4-7. Um dia, D. Catalina olhara para o crucifixo que tinha à sua cabeceira e, fixando o letreiro “INRI”, de *Iesus Nasareus Rex Iudaeorum*, “súpidamente en leyéndole la mudó toda el Señor”. Cf. *Idem, ibidem*, cap. 22, § 5. Ao lê-lo, sentira que a sua alma se enchia de luz, e também a própria câmara onde estava, e olhou o Crucificado, contemplando as suas chagas. Entrara em êxtase, fazendo votos de castidade e de pobreza.

²⁸⁴¹ Vd. José Félix Duque, *Santa Beatriz de Silva...*, *op. cit.*

Senhor tão aceitos”²⁸⁴². Também Frei Jerónimo de Belém o usara, na sua obra *Cruz Serafica, e franciscana, decifrada da vida do Serafim humano São Francisco de Assiz, pelas nove letras do seu nome...*, impressa em 1750²⁸⁴³. A ascética e mística, que, na sua natureza, implicavam sempre uma margem de segredo, sugeriam aos místicos e autores que escreviam sobre mística o uso de uma linguagem cifrada, capaz de expressar o mistério e de, até certo ponto, desvendar, o que parece ser o caso de Soror Isabel do Menino Jesus acerca das letras do seu nome. A autora volta a referir-se a uma escrita cifrada para falar de mística, quando na “Carta a um Religioso 15”, escreve que lhe deu um tiro “com hum pilouro De fogo de seu amor para penetrar o Corasam de Vossa Paternidade leuando hum sobre escrito de amor forte para que nele se posa ler que com qualquer atto de Amor deuino posa defenderse de muitos jnimigos”²⁸⁴⁴. Adverte, porém, que este sobrescrito está escrito “todo em cruces pois ninguem ssabe ler esta letra senam quem leua muito pezo de cruces”²⁸⁴⁵.

Na “Carta a um Religioso 5”, autora admoesta-o a esquecer os divertimentos da sua vida passada – pecara contra a castidade –, para não se parecer com os filhos de Israel, a quem o Senhor mandara o maná como alimento, e eles, não satisfeitos, tinham recordado as ervas do Egipto²⁸⁴⁶. A autora refere-se a umas das passagens mais importantes do Antigo Testamento, do *Livro dos Números*: Moisés, com o poder de Deus, liberta os israelitas da escravidão do Egipto, conduzindo-os pelo deserto até à terra prometida, mas, nesta travessia, apesar de Deus lhes ter dado o maná a comer, choram e recordam-se das carnes, cebolas e outros alimentos que comiam quando eram escravos²⁸⁴⁷. Na “Vida”, volta a invocar esta libertação, acerca da sua visão da cidade, porque “nam tinha

²⁸⁴² Cf. Soror Maria de Jesus, *Psalmos pelas Cinco Letras Iniciaes, de que se Compõem o Santissimo Nome de Jesus*, in “Periodo das Indulgencias do Augustissimo Nome de Maria”, in Soror Maria de Jesus, *Maria Santissima Mystica Cidade de Deos. Breve Compendio da Vida, e Mystérios de Maria, que nas Obras da Veneravel Madre Soror Maria de Jesus de Agreda se Contêm...*, Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves, 1746, pp. 19-22.

²⁸⁴³ Cf. Jerónimo de Belém, *Cruz Serafica, e franciscana, decifrada da vida do Serafim humano S. Francisco de Assiz, pelas nove letras do seu nome...*, Lisboa, Oficina de José da Costa Coimbra, 1749.

²⁸⁴⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 15”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 146.

²⁸⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 146.

²⁸⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

²⁸⁴⁷ Cf. Num 11, 5.

eu o Spirito de Moyzes para Resgatar o pouo do Captiueiro de tantas culpas como tinha esta sidade”²⁸⁴⁸.

Sobre a sua visão da torre, conta que os arcanjos São Miguel e São Gabriel tinham-lhe dito que havia no Inferno uma torre muito alta, com uma escada por dentro, por onde se descia a uma cova profunda, com os degraus de cutelo, havendo entre os degraus milhares de demónios, puxando violentamente as almas para baixo, etc. Conta que esta almas não tinham querido “subir para o Ceo pela escada de Jacob”²⁸⁴⁹. Refere-se ao filho de Isaac, filho de Abraão, no *Livro de Génesis*²⁸⁵⁰. Jacob sai de Bersabé e vai para Harran, depois de ter confrontado o seu irmão Esaú. Para ali pernoitar, usa duas pedras para sua cabeceira, deitando-se. Tem um sonho em que vê uma escada com os pés apoiados na terra e o topo no céu; por ela sobem e descem os anjos de Deus, que, em cima, lhe dizem: “Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaac. Esta terra, na qual te deitaste, dar-ta-ei assim como à tua posteridade”²⁸⁵¹, etc. Despertando, diz: “Que terrível é este lugar! Aqui é a casa de Deus, a porta do céu”²⁸⁵². A autora refere-se à escada de Jacob, imagem, como já referimos, muito presente na ascese, porque símbolo de sacralidade do lugar em que o místico dorme, ou melhor, está em vigília – Soror Isabel do Menino Jesus, no “Tratado Místico”, chama-lhe sono de contemplação²⁸⁵³ –, e sonha, ou tem visões; e símbolo também da sua subida, por degraus, a Deus. A escada de Jacob é uma via, ou vias, onde a comunicação divina é permanente, com o trânsito angélico constante. Refere-a novamente no “Tratado Místico”, como acesso ao Céu e via de comunicação com a terra: “he o caminho direito e com ser tanta a distansia da terra ao Ceo se faSsilta que sobe por ela O amor com seus Afetos”²⁸⁵⁴.

Também na sua visão eucarística, que descreve na “Vida”, a qual inaugurara a sua união mística, há elementos implícitos do Antigo Testamento.

²⁸⁴⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 27, § 25.

²⁸⁴⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 59, § 67.

²⁸⁵⁰ Cf. Gen 28, 10-19.

²⁸⁵¹ Cf. Gen 28, 13-14.

²⁸⁵² Cf. Gen 28, 17-18.

²⁸⁵³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 126, § 127.

²⁸⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 119, § 122.

Cristo dá-lhe a comer apenas o pão sacramentado, ou seja, uma das duas espécies eucarísticas, a que era dada aos fiéis, porque, como bem recordavam os cânones do Concílio de Trento acerca da Santíssima Eucaristia, ambas as espécies, depois de transubstanciadas, eram Cristo inteiro, dispensando-se assim a necessidade de administrar aos comungantes também o cálice²⁸⁵⁵. De facto, o Senhor dá-lhe também a beber, não vinho – a outra espécie –, mas água refrescante²⁸⁵⁶.

Esta visão parece relacionar-se, não só com a Santíssima Eucaristia, como com a visão do pão e da água do profeta Elias, descrita no *I Livro dos Reis*. Elias deita-se e dorme sob um zimbro, vê então um anjo, que o toca e lhe manda que se levante e que coma; olha e, à sua cabeceira, está um pão cozido e uma bilha de água. Come e bebe, torna a deitar-se. O anjo toca-lhe novamente, mandando que coma e beba outra vez, porque lhe será muito longo o caminho. Elias levanta-se, come do pão e bebe da água, e, com a força daquele alimento, caminha por quarenta dias e quarenta noites, até ao monte de Deus, Horeb²⁸⁵⁷. Também Soror Isabel na visão eucarística tivera intervalos durante o êxtase, vira o pão e a água, comera e bebera. No culminar da via unitiva, com a união mística, estava aberto para ela um caminho de penitência – como o de Elias, prefigurado pelos quarenta dias e quarenta noites de caminhada –, no qual havia de, tal como o profeta, seguir sustentada pelo pão e pela água tomados na visão. Soror Isabel, de facto, jejuava a pão e água, alcançando com esta penitência grandes graças²⁸⁵⁸.

Se há nesta visão eucarística ressonâncias genesíacas, também terá alguma relação com uma audição que se contava ter havido em torno de São Francisco, em Rieti, quando o Santo, segundo a *Legenda Maior de São Francisco*, estava acabrunhado com muitos achaques e sentira o desejo de ouvir alguma música, “que lhe proporcionasse um pouco de alegria espiritual”²⁸⁵⁹, vindo-lhe a melodia de uma cítara, tangida por anjos, o que “inebriou de tal forma a alma do santo,

²⁸⁵⁵ Cf. Enrique Denzinger, *El Magisterio de la Iglesia...*, *op. cit.*, pp. 249-250.

²⁸⁵⁶ Vd. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, pp. 11-12, § 10.

²⁸⁵⁷ Cf. I Rs 19, 5-8.

²⁸⁵⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 19, § 18.

²⁸⁵⁹ Cf. São Boaventura *Legenda Maior de São Francisco*, cap. V, § 11, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, p. 637.

toda absorta em Deus, que lhe parecia viver já num outro mundo”²⁸⁶⁰. A visão eucarística de Soror Isabel culmina com música que lhe é cantada; embora não identifique o cantor, ou cantores, entende-se que era música sobrenatural, como no caso de São Francisco. Note-se também que os franciscanos associavam a figura do profeta Elias à do Santo. Segundo São Boaventura, o Santo viera mesmo ao mundo “com o espírito e o poder de Elias”²⁸⁶¹ – o *Doctor Seraphicus* cita aqui São Lucas²⁸⁶²–, e que fora um místico capaz de “subir todos os degraus da santidade”²⁸⁶³, ou seja, depois de ter percorrido os três graus místicos da purificação, da iluminação e da perfeição, a tríplice via, ou as três vias do espírito – purgativa, iluminativa, unitiva –, segundo a doutrina do próprio São Boaventura. Escalando-os a todos, São Francisco tornara-se o *vir hierarchicus*, termo que o *Doctor Seraphicus* usa frequentes vezes para designá-lo como participante na hierarquia celeste, identificando-o mesmo com aquele segundo anjo do *Livro do Apocalipse*, que traz o sinal de Deus, como já mencionámos noutra lugar²⁸⁶⁴.

Por fim, e ainda acerca da visão eucarística de Soror Isabel, esta parece recordar uma visão descrita por Santa Teresa de Jesus nas suas *Cuentas de Conciencia*: Cristo aparecera-lhe no refeitório do seu convento e dera-lhe a comer o pão que a Santa tinha sobre a mesa, dizendo-lhe: “Come, hija, y pasa como pudieres; pésame de lo que padeces, mas esto te conviene ahora”²⁸⁶⁵. Esta visão andaria representada em quadros e estampas, conservando-se alguns exemplares²⁸⁶⁶. Geralmente, junto ao pão estava uma bilha de barro, com água, apesar de esta não ser referida pela Santa no seu relato. Santa Teresa era, como

²⁸⁶⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 637.

²⁸⁶¹ Cf. São Boaventura, “Prólogo...”, § 1, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, p. 595.

²⁸⁶² Cf. Lc 1, 17.

²⁸⁶³ Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, “Prólogo”, § 1, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, p. 595.

²⁸⁶⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 595.

²⁸⁶⁵ Cf. Santa Teresa de Jesus, *Cuentas de Conciencia*, in *Obras Completas, op. cit.*, 12.^a, pp. 597-598.

²⁸⁶⁶ Veja-se, por exemplo, o quadro (século XVII?) que serve de capa ao livro *Historias Compartidas. Religiosidad y Reclusión Femenina en España, Portugal y América. Siglos XV-XIX*, com reminiscência do relato de Santa Teresa. Cristo está sentado no refeitório de um convento, junto à Santa, dando-lhe pão à boca, estando todas as outras religiosas sentadas nos seus lugares. Não se indica o título, o autor ou o local onde a obra se encontra. Vd. María Isabel Viforcós Marinas, Rosalva Loreto López (coords.), *Historias Compartidas. Religiosidad y Reclusión Femenina en España, Portugal y América. Siglos XV-XIX*, León, Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades Alfonso Vález Pliego, Universidad de León, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2007.

dissemos, de família cristã-nova e também na sua vida ascética e mística havia vincadas influências do Antigo Testamento.

Também há elementos musicais nos textos de Soror Isabel. A autora refere dois instrumentos, que estariam em uso no coro do convento. O primeiro é o órgão. No “Tratado Místico”, para falar da castidade, diz que esta “he Orgam entre todas as uertudes pois tocando esta primeira Vos da tom a todas as mais que para seguimento das mais Vertudes”²⁸⁶⁷. O segundo é a viola, que é referida por Nossa Senhora na sua visão do presépio, “dizendo Porque tu destemperaste a Viola que hera a horasam por te dares ao sono quis eu cantar por nam faltarem os lououres”²⁸⁶⁸. Na “Carta a um Religioso 8”, também refere a viola: “Nos melhores spiritos suçede auer jnconstansia que a natureza humana destemperase como cordas de uiola”²⁸⁶⁹. No convento, as religiosas tocariam provavelmente viola da gamba ou viola de arco, ou ambas, como era comum na música litúrgica, não só nos festejos que faziam, por exemplo, diante do presépio armado, como no próprio coro, nos actos litúrgicos. A polifonia na música litúrgica era comum na época²⁸⁷⁰. Nos conventos, a música era fundamental, não só nos recreios, mas no culto, dando magnificência ao ofício divino e à Santa Missa, com que se prestava louvor a Deus e se lhe apresentavam preces; e auxiliando as religiosas numa maior entrega à oração, nomeadamente através da comoção que podia causar²⁸⁷¹.

Finalmente, nos textos de Soror Isabel do Menino Jesus há a presença de vários elementos iconográficos, uns explícitos, outros implícitos. No início da “Vida”, quando narra a sua conversão, conta que, estando na igreja do Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão, onde costumava confessar-se, passou

²⁸⁶⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 82, § 92

²⁸⁶⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 13, § 11.

²⁸⁶⁹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 8”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*, *op. cit.*, p. 138.

²⁸⁷⁰ Vd. João Francisco Marques, “A Música Religiosa e Litúrgica: a Longa Persistência da Polifonia”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, *op. cit.*, pp. 486-515.

²⁸⁷¹ Vd. Antónia Fialho Conde, “Expressões de Religiosidade e Misticismo no *Jardim Fresco e Ameno* de S. Bento de Cástris”, in João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade, Tiago Pires Marques (Coord.), *Vozes da Vida Religiosa Feminina...*, *op. cit.*, pp. 98-100. Veja-se, sobre este tema, o sítio do Projecto ORFEUS: <http://www.orfeus.pt/index2.php>, consultado a 25 de Setembro de 2015.

junto de um altar “com huma jimagem de Cristo crusificado”²⁸⁷². Sentira “dentro de minha alma que o Crusifiso me prendia asi com tanta forsa que se muitos lasos me prenderam nam pudiam fazer semelhante prizam”²⁸⁷³. Este fenómeno místico, conhecido como toque divino, é semelhante ao que se contava de São Francisco, com o célebre crucifixo da Igreja de São Damião, em Assis, que lhe falara à alma. Esse altar marvanense referido pela autora ainda existe, embora remodelado, na nave central da igreja, à direita, mas a dita imagem de Cristo na cruz, característica do século XVII, está hoje exposta no Museu Municipal de Marvão, sabendo-se ser esta mesma, e não uma segunda aqui conservada, porque o pedestal da primeira imagem, coincidente em proporções e materiais, conserva-se ainda no altar, onde a vimos. Quanto ao crucifixo, trata-se de uma imagem de vulto sobre madeira, policromada e de grande proporção.

Soror Isabel conta depois, também na “Vida”, acerca da sua visão da procissão, que identifica como “Vizam jmaginaria”²⁸⁷⁴. Vira nela muita gente com insígnias da Paixão de Cristo, e, no fim da procissão, “hia huma jimagem do Senhor Crusificado”²⁸⁷⁵. Entendera que “O Crusifiso e as jnsinias senificauam A mezericórdia de Deus”²⁸⁷⁶. Tratar-se-á de uma visão associada a um acto religioso bem conhecido, porque na região existiriam várias procissões na Quaresma dedicadas à Paixão de Cristo. Na “Carta a um Religioso 19”, depois da visão dos joelhos de Cristo, relata também a visão do Crucificado. A imagem é certamente comum na sua vida quotidiana, presente em várias partes do convento, sendo o maior símbolo da cristandade e o objecto mais venerado pelos fiéis. Cristo mostrar-lhe uma cruz disforme, “que nam tinha feitio nem forma que nam fose um madeiro disfurmidauel”²⁸⁷⁷, e depois apresentara-se crucificado nela, e morto.

Na “Carta à Abadessa e Religiosas”, refere explicitamente outras duas imagens de Cristo, veneradas no convento. Uma chamava-se Senhor da Paciência e estava no dormitório das religiosas. Diz que “me deu o Senhor a emtender

²⁸⁷² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, op. cit., p. 7, § 7.

²⁸⁷³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7, § 7.

²⁸⁷⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 16, § 14.

²⁸⁷⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 16, § 14.

²⁸⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 16, § 14.

²⁸⁷⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 19”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, op. cit., p. 151.

estando em Orasam que Sse tem saluado muitas Religiozas por chegarem a seus deuinios pes pedindo mezericordia de suas culpas”²⁸⁷⁸. Esta imagem, se passassem os anos e o tempo a gastasse, tornando-a incapaz para ser venerada, “se fasa outra na mesma forma para que sempre se comSserue a deuosam”²⁸⁷⁹. De facto, a abadessa a quem este texto seria dirigido, Soror Isabel de São José, sua sobrinha, cumpriu o pedido, pois no seu assento de óbito, a 14 de Dezembro de 1757, diz-se que foi muito devota do mesmo Senhor da Paciência, “a quem a sua custa dedicou huma capela”²⁸⁸⁰. A imagem original terá ficado aqui até bastante depois de ter sido extinto o convento; e encontra-se actualmente no Museu Municipal de Portalegre²⁸⁸¹.

Trata-se de uma imagem de vulto de Cristo coroado de espinhos, desnudo e sentado, de cabeça sustentada pela mão direita, aludindo ao momento da sua Paixão em que, depois de ter sido flagelado no pretório, foi humilhado pela soldadesca²⁸⁸². É de barro policromado, sendo datável da segunda metade do século XVII. A devoção ao Senhor da Paciência identifica-se com a devoção local ao Senhor do Bonfim, com igreja em Portalegre, segundo José Dias Heitor Patrão, como atrás citámos²⁸⁸³. Segundo o mesmo autor,

“É sintomático como a abadessa se refere à substituição da imagem (que podia ter estado no claustro, ao ar livre, porquanto seria fácil a sua substituição (por certo não faltavam, no século XVIII, artistas ou artesãos que as fizessem), um trabalho dos barristas da cidade ou da região. Isto ajuda-nos a compreender melhor a história destas imagens e desta devoção ao Senhor da Paciência, Senhor do Bonfim, com iconografia muito próxima, semelhante.”²⁸⁸⁴

²⁸⁷⁸ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 62, § 70.

²⁸⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 62, § 70.

²⁸⁸⁰ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 52.

²⁸⁸¹ Cf. MMP, Inventário: Objectos, “Senhor da Paciência”, escultura em barro policromado, medidas: 81cm x 56,7 cm x 36 cm, séc. XVIII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 0964/0319.E. Vd. Anacleto Pires da Silva Martins, *Portalegre...*, *op. cit.*, p. 56.

²⁸⁸² Cf. Mt 27, 27-32.

²⁸⁸³ Cf. José Dias Heitor Patrão, *Igreja do Senhor do Bonfim*, *op. cit.*, p. 132.

²⁸⁸⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

A invocação dos sofrimentos de Cristo, constante na espiritualidade pós-tridentina, teve, entre as suas imagens devotas, o do Cristo Sofredor, com notável expansão no reino vizinho, em cuja imagética, segundo João Francisco Marques, terá filiação a prolífera iconografia do Senhor da Paciência pelo Alentejo, executada geralmente em barro. A isto não seria alheia a literatura devota de então, designadamente um livrinho intitulado *Motivos Espirituaes*, da autoria do franciscano arrábido Frei Rodrigo de Deus, em 1600, reeditado por seis vezes até 1723; e a *Arte de Orar*, do jesuíta Padre Diogo Monteiro, entre outras obras, que contemplavam a oração mental e a devoção às chagas do Senhor²⁸⁸⁵.

Soror Isabel do Menino Jesus também refere a imagem do “Senhor ecce homo que esta no Coro”²⁸⁸⁶. Na tradição, representa o momento em que Cristo foi apresentado à turba enfurecida, na tribuna de Pilatos²⁸⁸⁷. Cristo representava-se desnudo e de pé, com os pulsos atados à dianteira e uma cana verde na mão, à laia de ceptro. Esta “Imagem do Senhor Ecce-Homo”²⁸⁸⁸ ainda existia, de facto, no convento a 20 de Abril de 1900, por ocasião do inventário de bens, tratando-se provavelmente da mesma que é referida por Soror Isabel. Está hoje exposta no Museu Municipal de Portalegre²⁸⁸⁹. Soror Isabel conta que tivera duas visões em que aquela imagem a viera buscar ao lugar onde estava em oração, pelo que lhes pedia que a amassem e venerassem. Numa das visões, Cristo “uinha sua santissima humanidade como homen Nu todo cuberto de sangue e chagas”²⁸⁹⁰, caminhando para ela. Outra teria sido a visão dos joelhos de Cristo, que relata na “Carta a um Religioso 19”, em que, numa certa sexta-feira do Septenário de Nossa Senhora,

²⁸⁸⁵ Vd. João Francisco Marques, “A Renovação das Práticas Devocionais”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, op. cit., p. 571.

²⁸⁸⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), op. cit., p. 63, § 71.

²⁸⁸⁷ Cf. Mt 27, 11-27.

²⁸⁸⁸ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo do Culto, encontrados no espolio do supprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade”, cx. 2015, f. 64v.

²⁸⁸⁹ Cf. MMP, Inventário: Objectos, “Cristo Flagelado (Senhor da Cana Verde)”, escultura em madeira policromada, medidas: 157, 50 cm x 32, 00 cm x 38, 50 cm, séc. XVII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 0009/0004.E.

²⁸⁹⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), op. cit., p. 69, § 80.

isto é, na semana anterior à Semana Santa: “quero que me ueias os yuelhos”²⁸⁹¹. Ficara “quazi morta de compaxam pois estauam em tal estado que nam tinha annimo para uer o destrago”²⁸⁹².

Estas imagens reflectem a intensa devoção da autora à Paixão de Cristo – muito presente na cidade e em toda a região –, central na sua vida ascética e mística, porque esta estava centrada na expiação dos pecados da humanidade, em união com Jesus sofredor e paciente. Na sua obra, as cinco chagas de Jesus, em particular, como atrás referimos, são muito relevantes, aquirindo o valor de armas, que a fazem voar, mas também a cruz, lugar e sinal da expiação e da salvação universal, que a própria, numa visão, chegara a receber de Cristo e a carregar.

Na “Carta à Abadessa e Religiosas”, menciona igualmente uma certa imagem do Menino Jesus que mandara fazer, contando que a tivera por algum tempo numa caixa “para ter nele a pose”²⁸⁹³. Estando em oração, e pensando no Menino, dissera-lhe este que “nam rroubaua corassois metido na caxa”²⁸⁹⁴. E assim colocara-o em cima da estante do coro, para fosse amado pelas suas esposas, as quais “lhe dem os seus corasois que amor que morreo por amor deu Na morte o corasam”²⁸⁹⁵. Depois da morte da autora, a sua sobrinha Soror Isabel de São José continuou a devoção ao Menino no convento²⁸⁹⁶. Sabemos que zelou a imagem de Nossa Senhora do Presépio – certamente recordada da visão do presépio relatada pela autora –, com a qual gastou parte da sua prata “para lhe fazer huma coroa”²⁸⁹⁷; e também a do então chamado Menino Jesus da Estante, “com muita Prefeisaõ e aSeio de quem era deuotissima”²⁸⁹⁸. A devoção a esta imagem terá continuado no convento até à morte da última religiosa da comunidade, que ocorreu a 21 de Agosto de 1898²⁸⁹⁹. A 20 de Abril de 1900, de facto, continuava a existir “Uma imagem do Menino Jezus, em cima da estante do

²⁸⁹¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 19”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 151.

²⁸⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 151.

²⁸⁹³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 63, § 72.

²⁸⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 63, § 72.

²⁸⁹⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 63, § 72.

²⁸⁹⁶ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 52.

²⁸⁹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, f. 52.

²⁸⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*, f. 52.

²⁸⁹⁹ Cf. ADP, Livro de Óbitos de Nossa Senhora da Assunção da Sé de Portalegre, liv. 14, f. 97.

côro”²⁹⁰⁰, aquando de um inventário de bens. Tratar-se-ia provavelmente da mesma que é referida pela autora, encomendada pela sua grande devoção à infância de Cristo, intensa na época e particularmente entre os franciscanos. Por causa da audição de Soror Isabel, as religiosas terão começado a chamar Menino Jesus Palrador àquela imagem. Com este segundo título chegou aos nossos dias, estando agora exposto no Museu Municipal de Portalegre, ainda com as roupas que lhe vestiram as últimas religiosas do convento²⁹⁰¹.

Quanto a referências implícitas, poderão ser abundantes, o que não exploramos por economia de espaço. Mencionemos a sua visão das cadeias, a qual parece relacionar-se com Nossa Senhora da Estrela, em cuja igreja, em Marvão, se conserva um painel de azulejos da segunda metade do século XVIII, retratado uma cena semelhante. O painel está junto da entrada da caverna em que se venerava a imagem de Nossa Senhora. Na cena, idealizada numa paisagem serrana, um devoto está ajoelhado diante da Santíssima Virgem, que lhe impõe uma cadeia ao pescoço. Junto, está a frase: “Me tenet, alma parens, fateor, tua dextera uinclis/ est mici libertas cum tua uincla fero”²⁹⁰². As cadeias já faziam parte da hiperdulia mariana, no século XVII, mesmo antes de São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716) ter escrito o seu célebre *Verdadeiro Tratado de Devoção à Santíssima Virgem Maria...*, ainda hoje muito lido e seguido, no qual recolheu várias influências devocionais da época e aconselhou a imposição das cadeias aos devotos como sinal de consagração pessoal²⁹⁰³. Esta imposição, porém, não foi inventada pelo Santo e já existiria em Marvão antes da impressão da obra, talvez promovida pelos franciscanos. Na visão das cadeias de Soror Isabel, estas são-lhe impostas sucessivamente por Santa Clara, por Santa Teresa e, por fim, por Nossa Senhora, protegendo-a assim das investidas dos três inimigos

²⁹⁰⁰ Cf. ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo do Culto, encontrados no espolio do supprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade”, cx. 2015, f. 65.

²⁹⁰¹ Cf. MMP, Inventário: Objectos, “Menino Jesus Palrador”, escultura em madeira policromada, 41, 89 cm x 10, 40 cm x 27, 60 cm, séc. XVIII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 2513/0470. Vd. Anacleto Pires da Silva Martins, *Portalegre...*, *op. cit.*, p. 56.

²⁹⁰² Ou seja, “A tua mão direita, mãe bondosa, prende-me com correntes. Eu tenho a liberdade, quando seguro as tuas cadeias”.

²⁹⁰³ Cf. São Luís Maria Grignon de Montfort, *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem ou Preparação do Reino de Jesus Cristo*, Lisboa, Editora Solidariedade, 1987, pp. 150 e 190.

da alma: mundo, Demónio e carne. A visão poderia estar, ainda, associada ao encarceramento da autora por volta de 1712, quando, em capítulo, fora condenada aos grilhões da casa da disciplina.

Digamos, ainda, que talvez se relacione com Nossa Senhora da Estrela a visão do cobertor azul, que Frei Martinho de São José refere no seu “Prologo...” à *Vida da Serva de Deos...*²⁹⁰⁴. Estando já acamada, na sua última doença, vira a tinham revestido com um finíssimo cobertor azul, todo estrelado, cada representando era uma virtude, etc. Nessa igreja, junto ao painel de azulejos já mencionado, existe um outro que representa a Santíssima Virgem com o Menino ao colo, envergando um manto com estrelas, de pé, diante do pastor que, segundo a lenda, encontrou a sua imagem na caverna. Junto de Nossa Senhora, a inscrição: “Hodie apparuit stella mundo”, versículo impreciso de um hino da tradição litúrgica, ainda hoje cantado, que diz “Hodie apparuit stella in mundo”²⁹⁰⁵. Sob a Santíssima Virgem: “Sub tuum praesídium”²⁹⁰⁶, início de uma bem conhecida antífona gregoriana.

Duas referências iconográficas, mais ou menos explícitas, estão na visão do presépio, quando a autora escreve que “nam ha sono para quem ama”²⁹⁰⁷ e que “os Amantes de Deus tem o seu rrepouzo no peito de Cristo como ssam Joam ou como o hosio da Magdalena pois no sono teue Sam Pedro a sua rreprensam”²⁹⁰⁸. Nos dois primeiros casos, a iconografia destes santos era recorrente. São João Evangelista era representado nas cenas da *Ceia do Senhor* com a cabeça reclinada sobre o peito de Cristo, como, curiosamente, estava estampada na folha do *Missale Romanum...* em uso na época de Soror Isabel²⁹⁰⁹. Nas representações isoladas de Santa Maria Madalena, esta surgia com frequência de cabeleira desatada, vestes descaídas e rosto plácido, numa espécie de ócio, ao gosto

²⁹⁰⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [13v], § XI.

²⁹⁰⁵ Ou seja, “Hoje apareceu uma estrela no mundo”.

²⁹⁰⁶ Ou seja, “Sob a tua protecção”.

²⁹⁰⁷ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), op. cit., p. 13, § 11.

²⁹⁰⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 13, § 11.

²⁹⁰⁹ Cf. *Missale Romanum...*, op. cit.

barroco²⁹¹⁰. Quanto a São Pedro, a autora alude ao momento em que o apóstolo foi reprendido por Cristo, com outros dois discípulos, por ter adormecido durante a noite em que seria levado pelos soldados²⁹¹¹. A cena estava também representada em quadros ou gravuras em que o tema era a *Agonia no Horto*²⁹¹².

Uma referência iconográfica implícita poderá estar relacionada com a visão do anel, que parece aludir aos desposórios de Santa Catarina de Alexandria e também de Santa Catarina de Sena, tema recorrente na arte sacra. Na Sé de Portalegre venerava-se um retábulo dedicado a Santa Catarina de Sena, do século XVII, cujo painel central, de grandes dimensões, representava o seu matrimónio místico. Este fenómeno teria acontecido, segundo os seus hagiógrafos, quando a Santa, estando em oração, vira Cristo, adulto, vir a si, acompanhado por Nossa Senhora, São João Evangelista, São Domingos de Gusmão, São Paulo e David, que se representam naquela pintura²⁹¹³. Cristo entrega um anel à Santa, que o olha amorosamente. Talvez pela homonímia, também se representava idêntica entrega de anel a Santa Catarina de Alexandria, mártir muito anterior àquela outra Santa, mas com o Menino, ao colo de Nossa Senhora²⁹¹⁴.

Outros elementos, ou acontecimentos, da vida quotidiana no convento terão encontrado eco na vida ascética e mística da autora, designadamente através das notícias que ali chegavam. Veja-se, por exemplo, que na “Vida” conta que, a dada altura, começara a fazer penitências e orações pela conversão dos mouros: “ueiam agora que Arrobas de penitensias seriam nesesarias para comuerter moiros”²⁹¹⁵. Fora avisada por Deus que muitos estavam já convertidos, mas que

²⁹¹⁰ Vd. Anísio Franco (coord.), *Josefa de Óbidos e a Invenção do Barroco Português. Museu Nacional de Arte Antiga. 15 de Maio ~ 6 de de setembro de 2015*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2015, p. 82

²⁹¹¹ Cf. Mt 26, 40-42.

²⁹¹² Veja-se o caso de *Jesus no Horto*, pintura a óleo sobre tela, de Josefa de Ayala (1630-1684), no retábulo da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Peniche. Cf. Vítor Serrão, *Josefa em Óbidos*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 86.

²⁹¹³ Cf. José Dias Heitor Patrão, “Pinturas «Reencontradas» da Sé de Portalegre. O Retábulo de Santa Catarina de Sena e Co-titulares”, in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12 (Nova Série), Portalegre, 1998, pp. 128-145.

²⁹¹⁴ Veja-se o “Casamento Místico de Santa Catarina”, pintura a óleo sobre tela, de Josefa de Ayala, no retábulo do altar de Santa Catarina de Alexandria da Igreja de Santa Maria de Óbidos. Cf. Vítor Serrão, *Josefa em Óbidos*, *op. cit.*, p. 47.

²⁹¹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 32, § 31.

tal não era obra sua, mas de Deus: “por esta rrazam ate moyros se auiam de converter”²⁹¹⁶. A referência não nos parece avulsa, nem despropositada, porque poderia ter relação com o auxílio prestado por Portugal ao Papa Clemente XI perante as ameaças de invasão dos estados pontifícios pelas armadas turcas. Toda a comunidade do Convento de Santa Clara de Portalegre terá ouvido a leitura da carta patente do ministro provincial, Frei Francisco do Rosário, nessa data. O prelado anunciava a todas as religiosas da sua Província que recebera uma carta do secretário de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real, por ordem de D. João V, enviada do Paço, em Lisboa, a 10 de Fevereiro de 1718; acompanhando uma carta do nuncio apostólico. Nela, dizia que o monarca recebera do Papa a ordem de contribuição com 1. 000. 000 de cruzados por três anos “pelas Couzas expresadas na mesma Carta”, pelo que à Ordem seráfica tocava dar uma parte desta quantia; e mandava recomendar ao prelado que, com a brevidade possível, informasse sobre a cobrança do valor no ano anterior, esperando que cobrasse também os anos seguintes²⁹¹⁷. Insetava-se na patente a carta do nuncio, Vincenzo Bichi, arcebispo de Laodiceia, que declarava ter sido a contribuição pontifícia sido fixada sobre os “bems eclesiásticos seculares e Regulares de todo este Reino na occasião do poderoso Socorro”²⁹¹⁸ que o rei dava, ao enviar a sua esquadra para Levante, contra os turcos. Desejando executar o breve pontifício e repartir com justiça e igualdade o cargo do subsídio, o nuncio informara-se de todas as rendas de cada convento das religiosas da Província e que estas eram de 3. 861. 687 réis, pelo que lhes tocava pagar 1. 287. 562 réis por ano, desde Janeiro de 1717, quantia que devia ser já entregue²⁹¹⁹. Como era difícil saber das rendas que em cada ano havia em cada mosteiro com brevidade, o nuncio dera jurisdição ao prelado para fazer a distribuição deste valor, “com igualdade de direito” e a brevidade possível, fazendo entregá-lo em Lisboa, ao Padre Manuel Soares da Costa, exactor e deputado nomeado pelo nuncio, que daria a sua quitação em forma²⁹²⁰. O nuncio dava também autoridade apostólica ao ministro provincial, segundo aquele breve pontifício, para proceder contra todos as renitentes, abadessas dos conventos, ou

²⁹¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 32, § 31.

²⁹¹⁷ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Decretos, cx. 1, liv. 1, f. 50v.

²⁹¹⁸ Cf. *Ibidem*, f. 50v.

²⁹¹⁹ Cf. *Ibidem*, f. 51.

²⁹²⁰ Cf. *Ibidem*, f. 51.

quaisquer outras pessoas contumazes na cobrança do valor, “Com Soquestros sem juro” e demais procedimentos de direito, e se houvesse alguma contumaz, que lhe fizesse logo saber, a ele, núncio, para dar as ordens que fossem necessárias. A carta tinha sido dada em Lisboa Ocidental, no seu palácio, a 8 de Janeiro de 1918²⁹²¹. Perante estas ordens, Frei Francisco do Rosário tinha convocado os padres vogais da mesa do definitório no convento de Xabregas para que “com acordo e prudência” se repartisse o valor a ser cobrado pelos conventos “da nosa Obediência das Religiozas Urbanas”, cabendo, segundo tinham visto, ao Convento de Santa Clara de Portalegre o valor de 60. 000 réis, a pagar por três anos contínuos e, como já tinha vencido a quantia em Janeiro, ordenava à abadessa que em Maio a mandasse entregar ao núncio, por obediência e pena de suspensão do seu ofício²⁹²². O restante devia ser pago também em Maio, o que mandaria pagar em Janeiro de 1719, sem que fosse necessária nova ordem em Janeiro de 1720 por parte do prelado. Rogava que, no Senhor, não houvesse falta ao que mandava, e para que constasse que ele era obediente às ordens do rei, ordenava que a sua patente fosse lida em plena comunidade na grade do coro pelo confessor do convento, sendo tresladada no livro das patentes, etc.²⁹²³.

Soror Isabel do Menino Jesus terá, pois, ouvido esta leitura e terá comentado as notícias com as religiosas, tal era o impacto que implicava nas finanças do convento. Mais tarde, como veremos adiante, escreve na “Vida” sobre os seus voos, que, para além de se darem entre Portalegre e outras partes do reino, também se deram entre Portalegre – onde estava enclausurada – e a distante Roma, cabeça da Igreja²⁹²⁴. Como a generalidade das pessoas de então, também ela identificaria os turcos como mouros, considerando-os inimigos de Cristo. A preocupação, ou aflição papal, correspondia, afinal, ao medo que, por todo o Ocidente, havia dos turcos, a par dos medos generalizados de epidemias e da fome, do Diabo e dos seus sequazes – sobretudo bruxas –, de judeus e de mouros²⁹²⁵. Para muitos, o apelo do Pontífice correspondia ao de uma guerra

²⁹²¹ Cf. *Ibidem*, f. 50.

²⁹²² Cf. *Ibidem*, f. 51v.

²⁹²³ Cf. *Ibidem*, f. 51v.

²⁹²⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 32, § 31.

²⁹²⁵ Vd. Cândido dos Santos, “Contribuições do Clero Português para a Guerra Contra os Turcos no Tempo de D. João V”, in *Igreja Portucalense*, Porto, Tipografia Nunes, 1978, pp. 5-86.

santa, cuja finalidade era defender a cristandade dos agentes de Satanás, como aponta Cândido dos Santos²⁹²⁶.

Quanto à autora, não os tinha por invencíveis, aplicando-se, ela própria, nesse combate que, no século XVIII, era uma nova cruzada. No seu caso, não podendo sair em batalha, fazia oração e penitência pela sua conversão. A sua vida ascética e mística não estava, pois, desligada da captação de notícias do exterior, nem da vida quotidiana do convento. A conversão dos muçulmanos tinha também uma estreita relação com franciscanos, porque São Francisco, na ânsia do martírio por Cristo, se dirigira ao Egipto em 1219; estivera presente no assalto a Damietta, a 29 de Agosto de 1219; e, depois de visitar a Síria, estivera com os cruzados até ao início de 1220²⁹²⁷. Recordar-se-ia bem da sua audiência com o sultão da Babilónia, inimigo da cristandade, a quem o Santo desejava converter a Cristo, o que fora em vão, porque o monarca não tivera coragem de se converter, receando a sublevação do seu povo²⁹²⁸. Em Portugal, veneravam-se os cinco mártires de Marrocos, religiosos franciscanos que tinham sido martirizados no Norte de África no século XIII, onde ido em missão, enviados pelo próprio São Francisco.

Na escrita de Soror Isabel do Menino Jesus, à semelhança da de outros místicos, mais ou menos letrados, abundam os conteúdos hiperbólicos, antitéticos – de que é bom exemplo a noite escura – e simbólicos, como faz Regnaud Garrigou-Lagrange²⁹²⁹. Estes temas merecem um tratamento detalhado, que não infelizmente podemos fazer nesta tese, por economia de espaço.

3. Uma mestra do espírito

No seu parecer à *Vida da Serva de Deos...*, Frei Manuel de Ferreira escreve que Soror Isabel do Menino Jesus “em a sciencia mystica he hum assombro”²⁹³⁰. Frei Jerónimo de Belém também não se inibe e diz aos leitores: “Ora aprendaõ todos desta grende [*sic*] Mestra de espirito; e os que não forem da sua

²⁹²⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 7.

²⁹²⁷ Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. IX, §§ 7 e 8, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, pp. 673-674.

²⁹²⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 674.

²⁹²⁹ Regnaud Garrigou-Lagrange, *Traité Ascétique et Mystique. Les Trois Ages de la Vie Interieure...*, *op. cit.*, vol. II, pp. 4-112.

²⁹³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 3v.

parcialidade, nem discipulos da sua eschóla, ficarão sem lugar, e sem graduação no capitulo, e universidade da virtude”²⁹³¹. Chama “precioso livro”²⁹³² aos seus escritos e é de parecer “que o livro se imprima, na mesma forma, em que a sua Auctora o escreveu”²⁹³³, digno de “se estampar com letras de ouro”²⁹³⁴.

A própria Soror Isabel, certamente apoiada pelos seus directores espirituais, tinha consciência do seu magistério e considerava-se uma autêntica mestra do espírito, embora se escuse a esta designação prestigiosa no “Tratado Místico”, como já citámos. De facto, era considerada uma verdadeira mística e, além disso, uma mestra de mística, ou mistagoga, como actualmente se designa aquele que exerce a mistagogia, isto é, a iniciação prática na vida ascética e mística, sendo a mistagogia um ensinamento empírico, fundado na experiência mística em si mesma. O mistagogo é, geralmente, o director espiritual do místico, como que o seu guia da alma, agindo como sábio e como mestre²⁹³⁵. No caso de Soror Isabel do Menino Jesus, a sua experiência era acompanhada e orientada por três religiosos que assumiam a sua direcção espiritual, um deles talvez o próprio Frei Martinho de São José (que fora confessor do convento), e, portanto, perfeitamente dentro da ortodoxia. Os paratextos da *Vida da Serva de Deos...* assim o asseguram, recomendando mesmo aos fiéis a sua leitura como obra saída da pena de uma mestra do espírito. Frei Jerónimo de Belém convida-os a ser discípulos da sua escola. Já em vida da autora estes discípulos existiriam em número considerável.

No convento, Soror Isabel do Menino Jesus foi mestra da Ordem de várias noviças que, tendo professado, prosseguiram a sua vida religiosa segundo os seus ensinamentos. Neste ofício, e fora dele, a autora terá sido, sobretudo, uma mistagoga. Entre as suas discípulas contar-se-iam as quatro sobrinhas, em particular as duas últimas sobreviventes, Soror Isabel de São José e Soror Brites Maria dos Serafins, as quais foram eleitas abadessas num período de reforma do convento, ainda em vida da autora, tempo em que o seu manuscrito autógrafa terá

²⁹³¹ Cf. Jerónimo de Belém, “Parecer do Muito Reverendo Padre Frei Jeronymo de Belem...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, p. [2].

²⁹³² Cf. *Idem, ibidem*, p. [2].

²⁹³³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2].

²⁹³⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [2].

²⁹³⁵ Cf. Josef Sudbrack, “Director Espiritual”, in Peter Dinzelbacher (coord.), *Diccionario de la Mística, op. cit.*, pp. 301-302.

sido redigido, com vistas à impressão da *Vida da Serva de Deos...* Entre as discípulas de Soror Isabel do Menino Jesus estariam também outras religiosas, que atrás nomeámos, nomeadamente as que terão sido auxiliadas pela autora ou e as que presenciaram o êxtase no coro e a visita de Juana Sánchez. Também a irmã de Soror Isabel, Catarina Sanches, recolhida no convento, terá sido sua discípula, ou, pelo menos terá sido influenciada pelo ambiente em torno da autora, porque, como supomos, terá morrido no convento com fama de santa. Era a sua colaboradora, na dádiva de esmolas aos necessitados, porque podia sair do convento para o exterior.

Pelo menos dois religiosos da Ordem de São Francisco foram seus discípulos. Na “Carta à Abadessa e Religiosas”, relata a visão do turbulo, que já citámos. Estando, numa noite, em oração, Soror Isabel vira São Francisco ao mesmo tempo em que um certo religioso da sua Ordem estava “tomando huma disciplina porque tendo sido grande pecador e arrependido fazia sua penitencia de suas culpas”²⁹³⁶. Também na “Carta à Abadessa e Religiosas”, conta um “Ssemelhante cazo Com outro filho seu”²⁹³⁷. Este religioso tinha vida ascética e mística, chegando Soror Isabel a compará-lo ao Santo, dizendo-o “filho legitimo de Nosso Saraphico Padre”²⁹³⁸. O Senhor “dipozitou nas suas maos’ Extraordinarios \fauores/ correram estes pelas minhas maos’ fazendome o Senhor participante de todas As Mercês que lhe inuiaua”²⁹³⁹. Soror Isabel comunicava com este místico e, segundo supomos, é o mesmo destinatário das “Cartas a um Religioso”, nas quais ela é, de facto, mestra do religioso. Este religioso, supomos também, é Frei Martinho de São José, antes de ser confessor do convento. Aceitando que o “frei N” da “Carta à Abadessa e Religiosas” e o destinatário das “Cartas a um Religioso” são a mesma pessoa e que, na verdade, esta pessoa era Frei Martinho, vemos que para Soror Isabel, o bom conceito que tinha dele radicava, não apenas na sua própria vida ascética e mística – ou seja, nas visões que tivera do Senhor, de Nossa Senhora e de São Francisco acerca de “frei N” –, mas também no acompanhamento que ela fizera da ascese do religioso das “Cartas a um

²⁹³⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta à Abadessa e Religiosas”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 68, § 78.

²⁹³⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69.

²⁹³⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 80.

²⁹³⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 69, § 80.

Religioso”, nas quais, como vimos, se nota ter sido sua iniciadora e mestra. Veja-se que, logo na “Carta a um Religioso 1”, declara a sua estima pelo destinatário, o qual, não é, portanto, um simples, um desconhecido religioso da Ordem de São Francisco, mas talvez alguém em quem ela vilumbrasse já certos indícios ou alguma propensão, não só para a mística, como para progredir em ofícios da Ordem, numa carreira de elevada responsabilidade dentro da Província, como viria a ser, realmente, a de Frei Martinho.

Assim, a autora escreve que “para uenerar a pesoa de Vossa Paternidade bem me ficaua a min Nam falar em materias de spirito honde so os Padres misticos podem meter mam pois o meu limitado spirito sempre foy governado pelos senhores sacerdotes místicos”²⁹⁴⁰. É uma afirmação de reconhecimento, não só da dignidade sacerdotal do destinatário, como dos conhecimentos que este deteria no âmbito da teologia mística, em razão dos seus estudos. Frei Martinho estaria então nas primeiras décadas da sua vida religiosa, tendo passado em alguma ocasião pelo convento, querendo conhecê-la, por ter ouvido falar da sua fama de santa, ou talvez tivesse lido alguma das suas cartas para diversas pessoas, nos originais ou por cópias manuscritas que poderiam circular por ambientes devotos, mais ou menos restritos. Algum motivo forte o terá levado a pedir a sua orientação espiritual. Podemos relacioná-lo não apenas com o crescente prestígio de Soror Isabel como mística e mistagoga, como com a vida de pecado em que o destinatário das “Cartas a um Religioso” por então levaria. É possível que o tenha recebido nos locutórios, manifestando-lhe, através do seu dom da penetração das consciências, o estado em que a sua alma se encontrava e a necessidade de se converter, algo que, na vida religiosa da autora, como vimos, era frequente.

De certo modo, também o destinatário do “Tratado Místico”, que supomos ser Frei António dos Anjos, confessor do convento e novo director espiritual de Soror Isabel nos últimos anos da sua vida, terá sido um discípulo seu, numa relação de inversão de papéis já verificada nas “Cartas a um Religioso”, mas aqui mais nítida e desconcertante. Com efeito, Soror Isabel estava a ensinar a ascese a dois sacerdotes, sendo este segundo confessor do seu convento e, logo, novo director espiritual. Por aqui, talvez possamos supor que a relação de Soror Isabel com os seus directores espirituais, embora pautada pela sua obediência, terá sido,

²⁹⁴⁰ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Carta a um Religioso 1”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 128.

sobretudo, uma relação com frequentes desnivelamentos de autoridade, emergindo então a mística e mistagoga acima do sacerdote e confessor, momento em que a inversão de papéis seria mais evidente e consentida por ele.

Fora do convento, uma das discípulas de Soror Isabel foi a Irmã Maria da Conceição, fundadora do Recolhimento de São Brás, situado a curtíssima distância do Convento de Santa Clara, segundo indica Frei Martinho de São José, no seu “Prologo...”²⁹⁴¹. Bonifácio dos Santos Bernardo, num artigo publicado em 1992, dá algumas notícias sobre o Recolhimento²⁹⁴². A sua fundação deu-se quando Soror Isabel já era professa e, segundo conta na “Vida”, começou a progredir na vida ascética e mística, a partir de 1713, como mencionámos. O Senhor D. Álvaro Pires de Castro e Noronha (1711-1737), Bispo de Portalegre, instituiu-o a 21 de Janeiro de 1719, como “recolhimento para mulheres virtuosas e honestas”²⁹⁴³, tendo em conta o precedente de um recolhimento instituído em Castelo de Vide. A provisão fora antecedida por despacho favorável do prelado, a 17 Janeiro de 1719, e por despacho favorável do provisor do bispado, João Paulo Poupino, no dia anterior, e parecer positivo do provisor episcopal.

Segundo Bonifácio dos Santos Bernardo, já a 17 de Novembro de 1717, o Padre Manuel Gonçalves Boroa vendeu a Diogo Pires Alvarrão e a sua mulher, Teresa Dourada, moradores em Portalegre, a posse “de humas cazas de janela”, as mesmas onde se construiu a portaria do Recolhimento, foreiras do Convento de Santa Clara²⁹⁴⁴. Esta venda de posse parece indicar o apoio do convento à fundação, uma vez que a terá autorizado. Outras compras foram feitas, nomeadamente a um Marcos Vaz de Brito, de casas e quintal no Corro²⁹⁴⁵. As principais receitas do Recolhimento eram os dotes das recolhidas; constando ainda uma oferta de vulto do Bispo de Portalegre e várias esmolas e peditórios²⁹⁴⁶. A documentação disponível dá conta de vários gastos sobretudo com a Igreja de São

²⁹⁴¹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, op. cit., p. [9v], § VII.

²⁹⁴² Vd. Bonifácio dos Santos Bernardo, “Fundação e Espírito do Beatério ou Recolhimento de São Brás do Bonfim, em Portalegre”, in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, n.º. 7, nova série, Póvoa de Santo Adrião, 1992, pp. 35-49.

²⁹⁴³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40.

²⁹⁴⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40.

²⁹⁴⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 40.

²⁹⁴⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 41.

Brás, nomeadamente em obras e compra de peanhas, dois retábulos; e com a encarnação das imagens de Santa Rita de Cássia, do Senhor dos Aflitos e do Senhor da Paciência²⁹⁴⁷. A primeira visitação do prelado foi a 5 de Junho de 1723, promulgando a 20 de Julho de 1723 os estatutos, todavia já citados na visitação anterior²⁹⁴⁸. Segundo os estatutos, as recolhidas professavam a Regra da Ordem Terceira de São Francisco, tomando um “hábito de pano pardo, cingido com corda de esparto, e manto curto, como Capuchas. Trarão toalha sob a queixada e outra por cima como véu. A roupa interior será de estopa. Não terão obrigação de dormir vestidas”²⁹⁴⁹.

A fundadora do Recolhimento foi, pois, a dita Irmã Maria da Conceição, que se chamara Maria Vaz no século. Era natural da freguesia de São Lourenço da cidade de Portalegre, onde nascera por volta de 1676, filha de Francisco Vaz Negrão, natural da mesma freguesia, e de sua mulher, Leonor Pires, natural da Ribeira de Nisa, termo de Portalegre. Faleceu com cem anos, a 7 de Março de 1776, sendo sepultada no coro da Igreja de São Brás, à qual estava anexado o Recolhimento. É no seu assento de óbito que colhemos as mais interessantes notícias, pois di-la de “vida exemplaríssima, pelas suas muitas virtudes, sempre abrasada no amor de Deus, humilde, só falava por obediência, estava em contínuos êxtases, ficando sem sentidos”²⁹⁵⁰. Era, portanto, uma mística, chegando a haver testemunhas deste fenómeno, nela frequente. A sua relação com Soror Isabel do Menino Jesus terá sido a de uma mestra do espírito, ou mistagoga, com a sua discípula. Frei Martinho de São José, no seu “Prologo...” refere, de facto, que a Irmã Maria da Conceição “certifica, pela comunicação espiritual, que teve com a Serva de Deos, que suas doutrinas, e documentos, eraõ todos ceslestiaes, e que ella o experimentou”²⁹⁵¹. A mesma Irmã Maria da Conceição contara-lhe que, em certa ocasião em que se encontrava espiritualmente “aflictíssima”²⁹⁵², não escrevendo a Soror Isabel havia um ano, como por vezes fazia, esta enviara-lhe uma carta, que dizia: “Minha filha, dê graças a Deos,

²⁹⁴⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 42.

²⁹⁴⁸ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 42-43.

²⁹⁴⁹ Cf. *Idem, ibidem*, pp. 42-43.

²⁹⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 36.

²⁹⁵¹ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, p. [9v], § VII.

²⁹⁵² Cf. *Idem, ibidem*, p. [9v], § VII.

alente-se, anime-se, que ha de vencer; e diga-me, se quer que lhe mande lá o Padre para desafogar seu espirito com elle, porque sei tem a sua alma muita, e grande necessidade”²⁹⁵³. A ideia com que ficara a recolhida fora a de que o soubera por revelação divina, porque “ella se não tinha declarado com pessoa alguma”²⁹⁵⁴.

Directamente, ou através da Irmã Maria da Conceição, que, além de fundadora, também era a regente do Recolhimento, as outras recolhidas também comungariam das “doutrinas, e documentos”²⁹⁵⁵ de Soror Isabel. Como anteriormente referimos, liam obrigatoriamente alguns autores místicos. Entre estas recolhidas estavam três co-fundadoras do Recolhimento, a Irmã Ana de Santo Agostinho, no século chamada Ana da Rosa, natural da freguesia da Sé, da cidade de Portalegre, filha de Manuel Fernandes Marchão e de sua mulher, Ana da Rosa, moradores na mesma paróquia, que faleceu a 10 de Janeiro de 1779, sendo sepultada no coro da Igreja de São Brás; a Irmã Ana de São Francisco, no século chamada Ana Tavares, filha de Cristóvão Morato e de sua mulher, Ana Tavares, naturais da freguesia da Madalena da cidade Portalegre, que faleceu a 8 de Outubro de 1769, sendo sepultada no mesmo coro; e sua irmã carnal, a Irmã Maria de Cristo, no século chamada Maria Tavares, que faleceu a 29 de Junho de 1764, com cerca de cem anos. Estas duas últimas teriam algum parentesco, ainda que possivelmente distante, com Soror Isabel do Menino Jesus, porque eram filhas de um Morato. Novas recolhidas se juntaram a estas fundadoras²⁹⁵⁶. A Irmã Isabel da Cruz, no século chamada Isabel Maria, natural da Juromenha, filha de Manuel Nunes, dito também Manuel Fernandes Tarrinho, e de sua mulher, Maria Álvares, faleceu a 31 de Março de 1769, com oitenta e um anos, e foi sepultada no coro da Igreja de São Brás²⁹⁵⁷. Entrou no Recolhimento a 3 de Maio de 1721. A Irmã Maria de Santa Teresa, com dezoito anos de idade, entrou a 22 de Julho de 1722, sem alterar o nome. Filha de pais incógnitos, era natural da freguesia da Sé de Portalegre, tendo falecido a 22 de Março de 1797, com noventa e três anos

²⁹⁵³ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9v], § VII.

²⁹⁵⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9v], § VII.

²⁹⁵⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9v], § VII.

²⁹⁵⁶ Cf. Bonifácio dos Santos Bernardo, “Fundação e Espirito do Beatério ou Recolhimento de São Brás do Bonfim, em Portalegre”, *op. cit.*, p. 37.

²⁹⁵⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37.

anos²⁹⁵⁸. A Irmã Isabel da Trindade, natural da freguesia de Santa Maria da cidade de Castelo Branco, filha de João Francisco e de sua mulher, Maria Fernandes, naturais da mesma freguesia, faleceu a 23 de Janeiro de 1738, sendo sepultada no coro da Igreja de São Brás²⁹⁵⁹. A Irmã Catarina de Sena, filha de João Nunes Machado e de sua mulher, Maria Fróis, faleceu a 26 de Maio de 1746²⁹⁶⁰. A influência de Soror Isabel do Menino Jesus nesta comunidade poderá estar indiciada também no facto de uma outra recolhida ter assumido o seu nome, a Irmã Isabel do Menino Jesus, que morreu a 6 de Setembro de 1741, sendo sepultada naquele coro da Igreja de São Brás²⁹⁶¹. De notar, ainda, que as recolhidas tinham nesta igreja uma imagem do Senhor da Paciência, uma grande devoção de Soror Isabel, presente na “Carta à Abadessa e Religiosas”, como citámos, sendo possível que a tivesse passado à Irmã Maria da Conceição e às suas co-fundadoras.

Por fim, sabe-se que também estas professoras, ou algumas delas, teriam em si uma propensão para a mística, talvez relacionada com uma comum ascendência cristã-nova, como temos vindo a supor acerca de Soror Isabel do Menino Jesus. Tal como a autora, as referidas Irmã Ana de São Francisco e Irmã Maria de Cristo eram filhas de um Morato de Portalegre – possivelmente parente da autora – sendo sabido que este era apelido de pessoas presas pela Inquisição e acusadas do crime de judaísmo. Talvez também a fundadora, Irmã Maria da Conceição, tivesse esta ascendência, porque era filha de um Negrão de Portalegre, sendo este o apelido de vários indivíduos presos pela Inquisição de Coimbra, com naturalidades e moradas desta zona geográfica, ou apelido dos seus pais ou cônjuges²⁹⁶²; bem como pela Inquisição de Lisboa, com naturalidades e moradas nesta zona²⁹⁶³.

Há que recordar que a destinatária das “Cartas a uma Religiosa” foi também discípula de Soror Isabel do Menino Jesus, sendo estas cartas, com as “Cartas a um Religioso”, testemunho e exemplo da mistagogia da autora, exercida por

²⁹⁵⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37.

²⁹⁵⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37.

²⁹⁶⁰ Cf. ADP, Livro de Óbitos de Nossa Senhora da Assunção da Sé de Portalegre (1727–1747), f. 114.

²⁹⁶¹ Cf. ADP, Livro de Óbitos de Nossa Senhora da Assunção da Sé de Portalegre (1727–1747), f. 84v.

²⁹⁶² Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Coimbra, proc. 336-1, proc. 2708, proc. 2806, proc. 4234, proc. 6166, proc. 7449, proc. 8167.

²⁹⁶³ Cf. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 746, proc. 6480, proc. 9193.

escrito. Esta destinatária era religiosa de outro convento e de outra Ordem. Os discípulos de Soror Isabel não se limitavam, pois, à família franciscana (religiosos, religiosas e terceiras). Talvez fosse também sua discípula a secular Maria de Cáceres Vidigal, referida por Frei Martinho de São José como senhora “que trata de virtudes, e cuida da sua salvação”²⁹⁶⁴, a qual testemunhara que Soror Isabel lhe adivinhava o interior muitas vezes, o que pressupõe uma relação em que a mística estava presente. Outros seculares poderão ter estado no seu discipulado, como aqueles letrados a quem Soror Isabel convertera a uma vida de virtude; e uma certa senhora anónima que, depois da morte da autora, afirmava mesmo que esta lhe aparecia, isto é, que tinha dela visões corporais, ou sensíveis: “como se a estivesse vendo ainda viva, no que tem grande consolação a sua alma”²⁹⁶⁵.

Todo este discipulado reconheceria a Soror Isabel do Menino Jesus uma grande autoridade em matérias do espírito. Esta autoridade vinha-lhe evidentemente da natureza dos seus ensinamentos, que fazia oralmente, ou por escrito, com simplicidade e variedade de imagens, metáforas e alegorias – todas da vida quotidiana, como vimos –, mas sobretudo por ser crer na sua santidade e por se saber, mais ou menos, da sua vida ascética e mística. A própria Soror Isabel do Menino Jesus se sentiria investida dessa autoridade e expressa-a em vários lugares da sua escrita, por exemplo, quando narra a sua visão das chaves. Escreve, na “Vida”, que o Senhor lhe impusera as chaves do amor, “porque sendo porteira presizaente auia de ter Xaues sendo no anno de 1736”²⁹⁶⁶. Antes da visão das chaves, ouvira dentro da alma umas vozes muito doloridas, que lhe diziam: “se faltas a horasam e deixas a meia noite a quem heide Emtregar as chaues de meu Amor meresia eu que me nam deixases”²⁹⁶⁷, etc. Receber as chaves e ser porteira parece relacionar-se com a figura de São Pedro, de quem, de resto, afirma ter recebido visões no ano de 1713²⁹⁶⁸. No *Evangelho Segundo São Mateus*, Cristo diz ao apóstolo: “dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na

²⁹⁶⁴ Cf. Martinho de São José, “Prologo...”, in Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, p. [8], § VII.

²⁹⁶⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. [9], § VII.

²⁹⁶⁶ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 37, § 34.

²⁹⁶⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 37, § 34.

²⁹⁶⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 11, § 9.

terra será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”²⁹⁶⁹.

Trata-se da conhecida *potestas clavium*, fundamento da autoridade pontifícia, entendido na tradição da Igreja como o poder para admitir ou excluir membros – excomunhão –, definir os rumos, fixar as interpretações da Sagrada Escritura, proclamar dogmas, administrar os sacramentos, conceder graças, etc. O ligar e desligar, acto também presente no *Evangelho Segundo São João*²⁹⁷⁰ e no *Livro do Apocalipse*²⁹⁷¹, e depois referido pelos Padres da Igreja, deriva, pois, desse poder das chaves concedido ao primeiro pontífice pelo próprio Cristo. Nessa ocasião, as palavras de Nosso Senhor aludem a uma passagem do *Livro de Isaías*, bem conhecida pelos judeus. O ministro Shebna, que serve Ezequias, rei de Israel, descendente de David, é expulso por Deus, que coloca Eliaquim, filho de Hilquias, no seu lugar: “Porei sobre os seus ombros a chave da casa de David; se ele abrir, ninguém fechará, se fechar, ninguém abrirá”²⁹⁷².

Ao receber de Deus as chaves do amor, que trazia ao peito (fisicamente trazia, não estas chaves, mas a chave da sua caixinha dos escritos); e sendo constituída porteira, Soror Isabel fazia-se, pois, semelhante a São Pedro e aos seus sucessores. Isto é: uma mulher, uma simples religiosa, reclama ter recebido de Deus uma *potestas clavium*. O Santo era, acrescentemos, representado de chaves na mão, as quais eram também, e ainda são, as armas da Santa Sé. Havia diversas imagens de São Pedro em Marvão e no convento, na época da autora, todas certamente com esse símbolo, no que vemos, novamente, a relação estreita entre as visões de um místico e a iconografia que ele frequenta²⁹⁷³.

²⁹⁶⁹ Cf. Mt 16, 19-20.

²⁹⁷⁰ Cf. Jo 20, 23.

²⁹⁷¹ Cf. Ap 1, 5.

²⁹⁷² Cf. Is 22, 15-22.

²⁹⁷³ Embora em depósito, conserva-se na Igreja de São Tiago de Marvão uma imagem de vulto de São Pedro com vestes pontifícias, esculpida em madeira, atribuível ao século XVIII, talvez para substituir uma anterior. No Convento de Santa Clara de Portalegre existiam duas imagens do Santo. Cf. ANTT, Ordem dos Frades Menores, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario de Bens do Suprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo do Culto, encontrados no espolio do suprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade”, cx. 2015, f. 63 e 66. Uma destas imagens estaria na Capela de São Pedro do convento. Cf. ANTT, Ordem dos Frades Menores, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario dos Bens Pertencentes á Capella de São Pedro Administrados pelo Convento das Religiosas de Santa Clara de Portalegre*. 1871, cx. 2016, capilha 6.

Naquela “Carta a um Religioso 12”, de facto, Soror Isabel referira-se às chaves como sendo as dos sacerdotes, que, usando-as, têm o poder de remeter os demónios para o Inferno e fechá-los aí, o que parece aludir ao que Cristo dissera a São Pedro, no momento em que lhe concedera a *potestas clavium*: “Pois também Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja; e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela”²⁹⁷⁴. A mesma autoridade está presente na visão da couçoeira, que refere na “Vida”²⁹⁷⁵. Deus elegera-a para porteira do Inferno, para impedir que nele entrassem as almas e para que dali não saíssem os demónios, “repremiendoos com a espada da Santa Orasam”²⁹⁷⁶. À porta do Inferno, Deus queria que ela bradasse pregões, como os porteiros faziam, dizendo “ha quem se queira salvar que eu o ajudarei a sair do inferno de suas culpas”²⁹⁷⁷, etc. Soror Isabel dizia-se investida, deste modo, de dois ofícios de porteira, distintos um do outro: porteira do Céu (com as chaves ao peito) e porteira do Inferno (de espada na mão), no primeiro para abrir a porta celestial às almas; e no segundo para fechar-lhes a porta infernal fechada, impedindo ainda os demónios de sair. Na iconografia, as chaves são atributo de São Pedro; e a espada é atributo de São Paulo. Ambos, segundo a “Vida”, a tinham visitado em 1713²⁹⁷⁸.

Estes dois apóstolos representavam para a Igreja o poder apostólico, a ortodoxia, eram os baluartes de Roma, os pilares do sumo pontífice, enquanto sucessor legítimo de São Pedro. A sua presença junto da autora naquele ano, depois do seu encerramento, viera consolá-la e confirmar o seu magistério no convento. Soror Isabel fora, assim, certificada na doutrina que tentara ensinar às religiosas naqueles primeiros anos, quanto à oração mental e outras graças, bem como certamente quanto à observância regular e constitucional, que então estavam relaxadas, no fundo, quanto tudo o que, durante toda a sua vida religiosa, viria a perseguir, em particular na vigência do seu abadessado, onde impôs a reforma às suas súbditas. As chaves, na tradição bíblica, andavam também ligadas ao magistério²⁹⁷⁹; e a espada à natureza viva, eficaz e penetrante da Palavra de

²⁹⁷⁴ Cf. Mt 16, 18-19.

²⁹⁷⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 31, § 31.

²⁹⁷⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 31, § 31.

²⁹⁷⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 31, § 31.

²⁹⁷⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 11, § 9.

²⁹⁷⁹ Cf. Lc 11, 52.

Deus²⁹⁸⁰. Também na mística franciscana se registava a visão tida por um tal Silvestre, clérigo muito respeitado em Assis, mas que não concordava com o *modus vivendi* de São Francisco e seus companheiros: em três sonhos sucessivos, vira a cidade toda cercada por um dragão, tão monstruoso e sanguinário que podia destruir a região inteira; mas logo de seguida aparecera uma cruz de ouro a sair da boca do Santo (como uma espada); o seu cimo chegava ao céu, os braços estendiam-se até às extremidades da terra; e refulgindo, afugentara o dragão para sempre. Silvestre vira depois a sua visão aprovada pela Ordem, onde ingressara depois, sendo mesmo o seu primeiro sacerdote, o que muito a prestigiara nesses primeiros tempos²⁹⁸¹.

A autora manifesta, assim, uma certa margem de heterodoxia em relação a uma autoridade, ou a poderes, que, pela doutrina, são exclusivos dos sucessores dos apóstolos e daqueles que foram ordenados pelos bispos, os sacerdotes. Esta certa margem de heterodoxia justificava-se, no seu entendimento, pela infusão de ciência operada por Deus na sua alma e pelo mandato divino acerca da sua cooperação na salvação das almas. Na “Vida”, afirma também que, no seu afã de oferecer sufrágios pelas almas do Purgatório, chegara a fazer doação de todas as obras meritórias da sua vida, jubileus, indulgências que alcançara ao ouvir missas, comunhões, etc., reservando para si apenas “o que Deus Nosso Senhor me quizesse dar”²⁹⁸². Ou seja, despojara-se totalmente do tesouro espiritual que acumulara ao longo dos anos para, no momento da sua morte, entregar a Deus e garantir, assim, a remissão das penas temporais devidas pelos seus pecados. Abdicava para sempre desses inúmeros bens espirituais, não podendo, na hora da sua morte, usá-los para aliviar as suas próprias penas, a satisfazer no Purgatório durante o tempo necessário à purgação da sua alma. Mas, segundo escreve noutra parte do mesmo texto, o Senhor retribuía-lhe por este acto de caridade, concedendo-lhe, directamente – portanto, dispensando a própria Igreja como dispensadora e administradora destes bens aos fiéis –, a indulgência plenária: “Eu te consedo

²⁹⁸⁰ Vd., por exemplo: “Porque a palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração”. Cf. Heb 4, 12-13.

²⁹⁸¹ Cf. São Boaventura, *Legenda Maior de São Francisco*, cap. III, § 5, in *Fontes Franciscanas I...*, *op. cit.*, p. 614.

²⁹⁸² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 47, § 50.

indulgencia plenaria todas as uezes que fizeres Orasam”²⁹⁸³. Neste ponto, Soror Isabel entesourava estes bens com magnificência, uma vez que lhe bastaria orar para obter de Deus a indulgência plenária, nem sempre fácil de lucrar pelos fiéis, por terem que cumprir todas as condições estabelecidas pela Igreja. No seu caso, podia prescindir de tais condições, porque a remissão das suas penas já não dependia da Igreja, apenas de Deus, sem mediação.

As “Cartas a um Religioso”, em si, sendo plenas de boa orientação espiritual, por mão de quem entende da ascese, isto é, sendo ortodoxas no geral dos seus conteúdos, integram também certas margens de heterodoxia. Em primeiro lugar, porque, como já antes assinalámos, Soror Isabel parece desempenhar nelas um papel que recorda a direcção espiritual, algo ainda mais inesperado quando o seu dirigido é um sacerdote, ou seja, alguém que devia estar no papel de director espiritual. Isto resulta não apenas numa espécie de inversão de papéis espirituais, como de papéis sexuais, uma vez que a autora é uma mulher que orienta e dá ordens a um homem. Em segundo lugar, porque este sacerdote lhe revela nas suas cartas que se converteu – provavelmente por mão da própria autora, no locutório –, deixando a sua vida dissoluta para trás. Embora sofrendo ainda tentações, deseja uma vida de santidade. Os seus pecados tinham sido gravíssimos, porque contra a castidade. Se a atitude do sacerdote é louvável e servirá de bom exemplo aos leitores da *Vida da Serva de Deos...*, certo é que também lhes descobrirá a desonra a que chegara um consagrado, entregando-se a relações amorosas e/ou sexuais, que, no seu estado, eram ilícitas. Em segundo lugar, porque a autora chega a reeprnder asperamente o seu dirigido, o que, apesar de o tratar sempre com toda a deferência devida a um sacerdote, é um acto de desombro, ou mesmo um atrevimento, ainda que, inicialmente, na “Carta a um Religioso 1”, tenha imposto a condição de ambos falarem com liberdade de matérias espirituais, ou seja, exigindo sinceridade de parte a parte na correspondência epistolar que inauguravam. O desasombro da autora chega a tal ponto que, na “Carta a um Religioso 5”, repreende-o por ter enviado as boas-festas a umas religiosas na sua última carta: “Resebi a sua carta e nam fiquei

²⁹⁸³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 26, § 28.

muito satisfeita²⁹⁸⁴. Considera esta uma matéria profana, desajustada à correspondência que mantêm. O modo grave com que lhe diz isto parece denunciar que o passado do religioso fora realmente pecaminoso, sim, e que pecara contra a castidade, sim, podendo os leitores entender daqui que o fizera com mulheres que tinham professado como religiosas. O sacerdote teria sido, assim, um freirático.

A autora adverte-o frontalmente, dizendo-lhe que “semelhantes politicas metem moitas uezes almas no inferno²⁹⁸⁵. Tais cartas, ou recados enviados por um sacerdote para religiosas, podem dar lugar ao envio de cartas de resposta por parte das mesmas. Como o homem, na verdade, “he mizarauel por natureza²⁹⁸⁶, isso pode depois originar relações pecaminosas. Alerta-o para o desgosto que daria a Deus por falta de fidelidade, dizendo-lhe mesmo que tal pecado equivale a crime de lesa-majestade, quando um homem se torna tão confiante que se atreve a tirar a coroa da cabeça do rei, crime de grande traição e muita culpa, que não merece ser perdoada. Culpa que ele, sacerdote, terá se procurar uma virgem que Deus desposou, “para nela por o seu obieto²⁹⁸⁷. Seria como tirar a coroa da cabeça do Senhor, porque o Senhor coroa-se de virgens.

Soror Isabel demonstra ter esclarecido conhecimento sobre o problema das faltas à castidade na vida religiosa. Diz ao religioso que não pode haver amor secreto, ainda que seja só em pensamento: “que a Deus nada se esconde²⁹⁸⁸. Se cair em tal tentação, “como homen²⁹⁸⁹, que esteja certo de que Deus vingará tal injúria e poderá até tirar-lhe a vida. Que se acautele, e “entre Vossa Paternidade no amor deuino que este sabe fechar as portas a todo amor humano²⁹⁹⁰. Pede-lhe que “perdoe a minha aspreza e como ya sabe que escreuo a meya noyte se sou inportuna talues sera em min falta de descanso²⁹⁹¹.

²⁹⁸⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Cartas a um Religioso 5”, in *Vida da Venerauel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 133.

²⁹⁸⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

²⁹⁸⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

²⁹⁸⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

²⁹⁸⁸ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

²⁹⁸⁹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

²⁹⁹⁰ Cf. *Idem, ibidem*, p. 133.

²⁹⁹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 134.

A aspereza justificava-se, afinal, por saber das faltas que o religioso cometera no passado, às quais se refere em vários lugares, como na “Carta a um Religioso 1”²: o destinatário chorava então as suas culpas e fizera uma confissão geral. Ao imprimir-se esta carta na *Vida da Serva de Deos...*, Soror Isabel do Menino Jesus passava a ser uma autora com voz pública contra os freiráticos, acusando-os duramente de arrebataram as esposas de Cristo do seu legítimo esposo, coisa que, dizia, não merecia perdão, por afrontar a majestade de Deus. A heterodoxia desta acusação não estaria tanto no facto de se referir, sem grandes rodeios, a uma imensidão de homens, clérigos, religiosos e seculares, que andavam pelos conventos a pecar com religiosas, coisa que seria do conhecimento geral, mas sim no facto de ser uma mulher, uma religiosa, a fazê-lo, pondo-se em plano moral superior ao seu dirigido, que, intui-se nas “Cartas a um Religioso”, teria cometido tal pecado em abundância, ou teria estado bem perto de o cometer.

A aspereza de Soror Isabel manifesta-se novamente, na “Carta a um Religioso 12”³. Teria recebido mais do que uma carta do religioso, vendo-se que este sentira as repreensões da autora, que, ainda assim, lhe diz que “ca tiue meus pensamentos de dar A Vossa Paternidade humas dietas por me parecer estaria emfastiado da minha comonicasam”. O religioso não carece de tal medida, mas “nesesita de aliuio”, pelo que ela lhe responde, animando-o para que prossiga servindo a Deus, ainda que “lhe fasam guerra seus jnimigos”²⁹⁹². Não se entende se estes inimigos eram genericamente os da alma – mundo, Demónio e carne –, se Soror Isabel se refere a certas pessoas que lhe estorvavam o caminho de perfeição.

Finalmente, e em terceiro lugar, há nas “Cartas a um Religioso” pelo menos mais uma matéria pouco ortodoxa: o sacerdote pedira a Soror Isabel um conselho sobre as penitências que devia fazer, pondo-se, claramente, no papel de dirigido. Este conselho era pedido, por regra, aos directores espirituais, que autorizavam as penitências, ou as ordenavam aos seus dirigidos, com a ponderação necessária quanto à cura das suas almas. Por vezes, tinham mesmo que limitar os ímpetos e os exageros dos seus dirigidos, proibindo-lhes certas práticas e moderando-lhes outras. É o que Soror Isabel faz, agindo como se fosse sua directora espiritual. Diz-lhe, com autoridade e prudência, que “No particular

²⁹⁹² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Cartas a um Religioso 12”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 142.

das desiplinas em que me fala nam seiam de sangue se nam hurdinarias”²⁹⁹³, isto é, que não sejam violentas ao ponto de lhe ferirem a carne, nem frequentes. Ao invés de usar cilícios e de se ferir a golpes de disciplina, aconselha-o antes a fazer da negação da vontade própria uma boa disciplina: “esta huze Vossa Paternidade muitas uezes”²⁹⁹⁴. Quanto às restantes, limite-as a três vezes por semana. De facto, nesta linha de pensamento, no “Tratado Místico”, a autora escreve também, acerca de penitências, que estas devem ser feitas com discrição, ou seja, com moderação, “Porque Deus Nosso Senhor nam ueyo Ao mundo destruir a natureza humana Veio apreifeisoala”²⁹⁹⁵.

Estas margens de heterodoxia, porém, não foram consideradas relevantes e a sua obra impressa sairia à luz, sinal de que tais margens, afinal, não seriam muito largas. Soror Isabel do Menino Jesus, sem perder o brio da sua frontalidade, fora humilde e, no resto das virtudes, exemplar. Emergia no Portugal barroco uma nova mestra do espírito, capaz de, mesmo depois de falecida, iluminar a espiritualidade e a devoção de clérigos seculares e religiosos, de religiosas e de homens e mulheres seculares, ensinando-lhes a perfeição cristã e convidando-os à santidade, na já longa senda aberta pelo Concílio de Trento: uma santidade para todos²⁹⁹⁶. Soror Isabel do Menino Jesus vivera com fama de santa e poderia, segundo se sugeria, vir a ser alvo do reconhecimento canónico, o da beatificação. Circunstâncias não totalmente esclarecidas, mas talvez relacionadas com os prejuízos infligidos pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755, terão demorado e depois impossibilitado a elevação desta escritora mística aos altares.

²⁹⁹³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Cartas a um Religioso 7”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 137.

²⁹⁹⁴ Cf. *Idem, ibidem*, p. 137.

²⁹⁹⁵ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Isabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 74, § 88.

²⁹⁹⁶ Vd. Maria de Lurdes Correia Fernandes, “Os Primeiros Impulsos de Reforma das Ordens Religiosas”, *op. cit.*, p. 15.

CONCLUSÃO

Ao cabo da nossa tese, cremos ter contribuído para o conhecimento das escritoras portuguesas anteriores a 1900, designadamente das que professaram em Ordens religiosas e escreveram sobre matérias de ascética e mística, como era nossa finalidade. Cumprimos o nosso primeiro objectivo geral, o de gizar a trajectória de Soror Isabel do Menino Jesus, religiosa professa da Ordem de Santa Clara, no Convento de Santa Clara de Portalegre, natural de Marvão, vila do actual distrito de Portalegre, nascida em 1673 e falecida com fama de santa e prestígio de mestra do espírito, naquele mesmo convento, em 1752 (Parte II). Cumprimos também o nosso segundo objectivo geral (Parte I e Parte III), que era analisar os textos da autora, o que fizemos qualitativamente, tendo em conta um enquadramento na ortodoxia católica, por ter sido dentro deste campo que escreveu, o mesmo que viabilizou a impressão da sua obra. Usando o método do estudo de caso, tentámos a análise profunda do objecto, Soror Isabel, numa dimensão dupla: quanto à sua vida (primeiro objectivo geral) e quanto à sua obra (segundo objectivo geral).

Ao início, estávamos já conscientes de que a profundidade deste conhecimento seria limitado, não podendo ir além do ponto a que chegássemos pelo uso das fontes e, também, pelo enquadramento académico da tese, nomeadamente quanto ao número páginas a apresentar. E assim foi: a tese apenas aflora a vida e obra de Soror Isabel, ficando por estudar muito mais acerca desta escritora e dos seus escritos. Temos consciência de, apesar de considerarmos cumprida a nossa finalidade, muito mais haveria para analisar, em cada aspecto, acerca da autora, do seu contexto e das circunstâncias em que a sua obra emergiu. Haverá certamente fontes que não explorámos, por não estarem disponíveis; e poderá dar-se a aparição de novos manuscritos seus, porque, como apontámos, é certo que escreveu muito mais do que se imprimiu em 1757.

Conformes à nossa proposta inicial, centrámo-nos em duas fontes principais: por um lado, no que Soror Isabel do Menino Jesus escreveu sobre si mesma e, em especial, sobre a sua experiência ascética e mística, ou seja, os seus textos, a sua obra; e, por outro, no que sobre ela escreveram os seus contemporâneos, em especial aqueles que a conheceram ou observaram o seu comportamento, ou que consultaram testemunhas oculares. A nossa primeira fonte

foi, pois, o manuscrito autógrafo de Soror Isabel, com o título póstumo de *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752*, hoje na Câmara Municipal de Marvão, o qual andou por mais de um século extraviado e foi por nós encontrado em 2013, à venda numa livraria alfarrabista de Lisboa. Dissertámos acerca da perda e reencontro deste documento; e, pela sua relevância, apresentamos a sua transcrição integral, em anexo. A segunda fonte foi o livro impresso cinco anos depois da morte da autora, a partir do manuscrito, cujo extenso título abreviámos: *Vida da Serva de Deos...*, ou melhor, os seus paratextos, nomeadamente a “Advertencia”, os pareceres da Ordem dos Frades Menores e dos censores; e, em especial, um “Prologo, Progressos, Fim, e Protestação”, da autoria de Frei Martinho de São José, confessor da autora e então o ministro provincial, que interveio na organização do livro. Outras fontes foram importantes, em especial porque nos permitem confirmar ou infirmar as informações daqueles textos, para além de conterem, no geral, novos dados, tanto manuscritas, como impressas: mencionemos as de âmbito notarial (escrituras de compra e venda, de dote, testamentos), as de âmbito paroquial (memórias paroquiais), e as de âmbito institucional local (actas de vereação da Câmara, actas da Misericórdia, documentos relativos a administração de capelas); e, quanto às impressas, vários livros impressos naqueles séculos, que buscámos para compreender a época, os contextos e as possíveis influências na vida e na obra de Soror Isabel do Menino Jesus. Estas fontes foram, por exemplo, vários tratados, bem como legislação da Ordem de Santa Clara e as patentes dos prelados. Também recorremos à Sagrada Escritura, tanto ao Antigo como ao Novo Testamento; e à liturgia, designadamente o *Missale Romanum...*, promulgado no Concílio de Trento, parecendo-nos impossível dissociar a autora e a sua obra dos textos sagrados, nos quais viveu imersa quase toda a sua vida, diariamente.

Foi, assim, possível explorar os escassos dados biográficos que a autora deixou na sua obra, nomeadamente quanto ao seu nascimento (3 de Fevereiro de 1673), baptismo (12 de Fevereiro de 1673), filiação (João Morato e sua mulher, Domingas Rodrigues), naturalidade (São Tiago, Marvão), genealogia (Moratos de Marvão, possivelmente descendentes dos Moratos de Castelo de Vide, antes da pequena nobreza de Leão), condição sócio-económica da sua família (do estado do meio, pai militar e proprietário urbano e rural) e sua possível origem sefardita; quanto à sua vida adulta secular (nomeadamente o seu nome no século, Isabel

Fernandes), traços de personalidade (vivaz, bem-falante, expedita, popular), conversão e iniciação na ascese, pela mão de um religioso franciscano (iniciada por volta de 1 de Agosto de 1698); ida para Portalegre no contexto da capitulação da vila durante a Guerra da Sucessão de Espanha (por volta de 27 de Junho de 1704); entrada no Convento de Santa Clara de Portalegre (27 de Fevereiro de 1707), começo do noviciado (2 de Abril de 1707), profissão religiosa (16 de Abril de 1708); o seu prestigioso ofício de mestra da Ordem (antes de 26 de Outubro de 1712), a sua destituição do ofício, em capítulo, por um comissário delegado do ministro provincial, no âmbito da reforma dos conventos femininos; e consequente encarceramento na casa da disciplina (por volta do final de 1712); o seu regresso ao prestígio ao longo das décadas, ainda que com poucos votos para a sua eleição abacial, que se deu já em avançada idade, num só triénio (6 de Junho de 1744 - 6 de Junho de 1747), no qual tentou uma reforma, centrada na vida espiritual, contando com a sua sobrinha Soror Isabel de São José como vigária.

Também apontámos datações possíveis de acontecimentos que concorreram para a sua fama de santidade, nomeadamente a constituição de uma rede clientelar, junto da qual exerceu orientação espiritual, conselho e caridade, com manifestação de vários dons sobrenaturais, como o da penetração das consciências e o da profecia (desde 1712, até ao fim da vida); e de um êxtase que lhe terá ocorrido na presença de várias religiosas, no coro (entre 1 de Março de 1720 e 30 de Março de 1732, possivelmente nas proximidades desta última data). Fomos referindo outras datas, relativas às pessoas que conviveram com a escritora e ao seu contexto, nomeadamente da entrada das suas sobrinhas no convento (19 de Janeiro de 1708; 8 de Dezembro de 1710; 12 de Julho de 1714) como educandas, acabando por professar e, mais tarde, da sua irmã mais velha, Catarina Sanches, como recolhida (por volta de 15 de Novembro de 1734). Duas destas sobrinhas morreram em vida da autora e as duas sobreviventes foram eleitas abadessas: Soror Isabel de São José, eleita uma vez em sua vida (triénio entre 6 de Junho de 1750 e 6 de Julho de 1753) e outra já depois da sua morte (triénio iniciado a 3 de Setembro de 1757, mas cessado três meses depois por morte, a 14 de Dezembro); e Soror Brites Maria dos Serafins (triénio iniciado a 6 de Junho de 1756, mas cessado um ano depois, também por morte, a 7 de Julho de 1757). A eleição das sobrinhas para a dignidade abacial confirmará o prestígio da autora na comunidade no fim da vida e a sua fama de santidade, e podemos supor que se

devesse, em parte, ao desejo da comunidade e do governo da própria Província em promover a abertura do processo de canonização de Soror Isabel do Menino Jesus, para o que contribuiria a impressão da sua obra, cujas diligências prévias foram levadas a cabo ainda nos abadessados das suas sobrinhas sobreviventes. A intenção de ver reconhecida a sua santidade pela Igreja, sugerida, mas não afirmada na impressão, comprova-se, porém, no assento de óbito, a 5 de Outubro de 1752, na pena de Frei António dos Anjos, então confessor do convento, que, com desassombro, a referiu, facto confirmado pelas assinaturas das religiosas, aí constantes. O culto a Soror Isabel do Menino Jesus, nunca confirmado canonicamente, não impediu que se lhe desse o título de venerável, apesar das proibições da época, e que se lhe tributasse um discreto culto, que terá chegado aos anos 30 do século XX, em torno da sua campa, no coro baixo do Convento de Santa Clara de Portalegre.

Soror Isabel do Menino Jesus tinha vários escritos, que guardava cuidadosamente numa caixinha, fechada com uma chave, que trazia ao peito. E tinha correspondentes, o que implica que várias cartas suas circulavam em Portalegre e pela região, ou mesmo por outras partes do reino. Nos últimos anos a sua vida, os seus três directores espirituais terão ordenado à sua dirigida que passasse a limpo uma parte dos escritos para que fossem enviados ao ministro provincial, com intenção de se imprimirem. O manuscrito terá regressado às mãos da sua autora e os três directores terão decidido juntar-lhe outros textos. Do cumprimento dessa tarefa resultou um só volume, o manuscrito autógrafo. Neste, a autora, para cumprir a ordem dos três religiosos, ou de apenas Frei Martinho de São José – que o livro impresso havia de declarar organizador do volume –, deu aos seus diferentes textos esta sequência: “Vida”, da p. 1, § 1, à p. 49, § 51; “Carta à Abadessa e Religiosas”, da p. 49, § 52, à p. 72, § 85; “Súplica ao Ministro Provincial”, da p. 72, § 86, à p. 73, § 86; “Tratado Místico”, da p. 72, § 87, à p. 127, §127; “Cartas a um Religioso”, da p. 128 à p. 154; “Cartas a uma Religiosa”, da p. 155 à f. 172. Nenhum destes títulos, que usámos sempre entre aspas espanholas, é da autora, que iniciou cada texto sem a preocupação de o intitular; nem são títulos do livro impresso, em cujo corpo o editor os manteve sem título, à excepção do “Tratado Místico”, ao qual chama “Tratados Mysticos”. Optámos por não usar o plural porque o texto da autora, como vimos, é contínuo e coerente no encadeamento das matérias, entendendo que estamos diante de um só tratado, e

não de dois, o que a autora, de facto, não indica. Os títulos elencados são nossos e procuram anunciar as diferentes matérias, sem causar equívocos nos leitores desta edição. A *Vida da Serva de Deos...* seguiu a mesma ordem, embora, na apresentação que faz do volume, Frei Jerónimo de Belém refira que se pode dividir em apenas quatro partes, o que (corrigimo-lo) não é exacto.

Não foi possível, por economia de espaço, explorar em profundidade os conteúdos de cada texto, tão-somente o que o que julgámos suficiente para cumprir três objectivos: apontar os seus possíveis destinatários; resumir os conteúdos, com breves notas para sua leitura; apontar as suas possíveis datas de redacção e de passagem a limpo (à excepção das “Cartas a uma Religiosa”, que têm datas). Na análise que fizemos, decidimos atribuir nova sequência cronológica aos textos, segundo nos pareceu que foram redigidos originalmente (ou seja, antes da passagem a limpo) por esta ordem: “Cartas a um Religioso”; “Cartas a uma Religiosa”; “Tratado Místico”; “Súplica ao Ministro Provincial”; “Vida”; “Carta à Abadessa e Religiosas” (Parte II).

Sobre as vinte “Cartas a um Religioso”, da análise que fizemos aos seus conteúdos, que confrontámos com outras fontes, em especial com a “Carta à Abadessa e Religiosas”, supomos que terão sido escritas para Frei Martinho de São José, então professo da Ordem de São Francisco num convento fora de Portalegre e já então ordenado sacerdote. Soror Isabel do Menino Jesus orientou o destinatário à saída de uma vida de pecado, sugerindo-se que pecara contra a castidade com religiosas, sendo, portanto, um freirático. A orientação dada chega a assemelhar-se à de um verdadeiro director espiritual. A autora orienta o religioso pelas vias do espírito, exortando-o à oração e à penitência, e às virtudes cristãs, insistindo na castidade. A atitude, que começou por ser simétrica, já que ambos contariam um ao outro o que entendessem da sua vida espiritual, passou a uma certa assimetria, mantendo-se a autora nas rédeas, conduzindo a espiritualidade do religioso com disciplina, sendo assertiva e até áspera. Nas últimas cartas, a autora regressa à atitude inicialmente acordada, para confidenciar alguns fenómenos místicos que viveu, um deles contendo a profecia de que ele viria para o convento guardar as religiosas, entendemos que se referia à ida de Frei Martinho para o ofício de confessor, o que já se concretizara a 19 de Outubro de 1731. As “Cartas a um Religioso” datarão, pois, da década anterior, isto é, dos anos 20.

São quinze as “Cartas a uma Religiosa”. A autora não indica a identidade da destinatária das cartas, limitando-se a dizer que tinham sido enviadas para uma religiosa. A destinatária, ao ter confessado as suas dificuldades, dissera a Soror Isabel que ponderava mudar de convento, certamente porque aquele em que estava não tinha um ambiente favorável à sua vida espiritual, do que a autora a demove. Aqui se viu que a religiosa não era professa da Ordem de Santa Clara, pois não teria falado apenas em mudar de convento, mas de Ordem, motivo pelo qual, ao demovê-la de tal ideia, a Soror Isabel lhe diz que todas as Ordens são santas. Possivelmente, a destinatária teria mesmo falado em pedir a profissão no convento da autora, por julgar o seu um lugar inadequado à progressão da sua vida espiritual. Olhando aos curtos intervalos temporais entre cartas supomos que a destinatária não moraria muito longe, havendo correios céleres entre um convento e outro. Supomos que se tratava de uma religiosa da Ordem de Cister, ou seja, uma religiosa bernarda, do vizinho Convento de Nossa Senhora da Conceição, o outro convento de Portalegre. Nas cartas, vê-se que a religiosa era jovem, ou, pelo menos, muito mais nova que a autora, que, nessa data, tinha mais de sessenta anos. A destinatária era uma mulher doente, estando acamada por mais de uma vez ao longo do período em que decorreu a correspondência. Uma vez que a última carta data de 20 de Outubro de 1737, supomos que acabou por morrer da enfermidade de que padecia, cessando, assim, a correspondência com Soror Isabel. A correspondência deu-se num período de quase quatro anos, entre 3 de Janeiro de 1734 e 20 de Outubro de 1737, sendo iniciada pela religiosa, que procurara o conselho e a orientação de Soror Isabel do Menino Jesus no seu caminho espiritual. A autora, apesar de a remeter para os sacerdotes, como directores espirituais, aceitara contar um pouco da sua experiência, o que faz com recurso a imagens e metáforas, quase sempre com doçura, em tom bem mais distinto que aquele que, em certas cartas, usou com o religioso. Isto não significa que não alerte a religiosa para os prejuízos causados pelo seu amor-próprio, nem a advirta sobre os trabalhos que deve ainda exercer sobre a sua consciência, conhecimento de si mesma e virtudes, e até sobre a necessidade de fazer mais silêncio. Embora na castidade estará mais adiantada, a religiosa não deverá descuidar-se nesta virtude. Também trata das crises de escrúpulos que a religiosa enfrenta. Aconselha-a em cada via espiritual. Fala-lhe, por fim, de quatro virtudes,

fundamentais no seu caminho espiritual: humildade, caridade, obediência e conformidade com a vontade de Deus.

No “Tratado Místico”, Soror Isabel do Menino Jesus expõe a sua experiência como asceta e mística, sendo este texto resultante tanto da sua vida de décadas pelas vias do espírito, sob orientação de vários directores espirituais e confessores, como por leituras que terá feito de livros em que a vida ascética e mística era explicada ou aludida, não só segundo a escola mística franciscana, mas também segundo a escola mística carmelita, designadamente de São João da Cruz, cuja terminologia adopta. Trata-se de um texto do género literário de tratado e, como tal, apresenta uma estrutura, na qual a autora faz a sua exposição, com títulos. Esta estrutura é a das três vias do espírito: purgativa, iluminativa e unitiva, com outras partes, que se relacionam, na maioria, com o recorrente tema da castidade. Supomos que o tratado terá sido intervencionado pela mão da própria Soror Isabel antes mesmo da sua passagem a limpo, por sugestão ou ordem dos seus três directores, surgindo então um texto destinado à impressão de um livro autónomo dos outros textos. Isto é, redigido para ser dado a conhecer em forma de livro, pois, logo no seu início, a autora explica que tinha capacidade para o fazer em livro, por lhe faltar ciência e ter pouco espírito, ter pouca retórica, muita ignorância, etc. Por isso, a autora pede aos *senhores doutores místicos* que vejam os seus papéis, que para autores da obra os busca a sua abadessa. A prelada do convento também leu o “Tratado Místico” antes da passagem a limpo e foi quem teve a ideia de pedir aos três directores espirituais que escrevessem um livro acerca do que Soror Isabel redigira naqueles papéis. Ou seja, a abadessa pedira-lhes então que assumissem a tarefa de reescrever o texto e provavelmente assumir a autoria duma obra que viria a ser distinta, mas baseada nos conteúdos da autora. Do texto original ficariam então, possivelmente, algumas citações, como era hábito fazer-se então quando se tratava da vida ascética e mística de religiosas. A abadessa bem saberia que, desse modo, em discurso alheio, a vida ascética e mística de Soror Isabel poderia vir a ser impressa. Supomos que teria interesse na impressão por quatro motivos. O primeiro: porque estaria convencida da vida ascética e mística de Soror Isabel, sendo sua discípula. O segundo: porque também acreditaria na sua santidade. O terceiro: porque a sua vida podia constituir um modelo para as religiosas. O quarto: porque tal impressão projectaria publicamente uma boa fama do convento, aumentando-lhe o prestígio, então

danificado por certos escândalos, que atrás mencionámos. Esta prelada seria, possivelmente, a sobrinha mais velha da autora, Soror Isabel de São José, em cujo abadessado o manuscrito terá sido passado a limpo, entre 6 de Junho de 1750, data em que esta sobrinha foi eleita abadessa, e a morte da própria autora, a 5 de Outubro de 1752. Uma primeira versão do “Tratado Místico” não seria muito antiga, podendo datar do mesmo período. Essa sobrinha viria a ser abadessa num segundo triénio, iniciado já depois do falecimento da autora, durante o qual sairia à luz a *Vida da Serva de Deos...*, na segunda metade de 1757. A “Advertencia” do impresso refere-a como estando viva nessa data.

O destinatário do “Tratado Místico” foi um dos religiosos que a dirigiam. Esse director espiritual, em certo momento (supomos que no início da direcção espiritual), temera a vida ascética e mística de Soror Isabel do Menino Jesus, dizendo-lhe mesmo que ele não podia dirigir almas, porque, mesmo sendo sacerdote, necessitava de muita luz do Céu e bastante estudo para o fazer. Mas ela dissera-lhe que tivesse muita fé, porque aos padres que governam, espíritos costuma o Espírito Santo assistir. Esse sacerdote ficara convencido, mas para ter maior segurança de que o espírito da autora estava inteiramente no conhecimento do caminho, ordenou-lhe, com o acordo dos outros dois, que a autora escrevesse sobre a sua experiência. O texto foi então lido pelos três religiosos, que terão decidido que a sua vida ascética e mística devia ser conhecida por um público alargado, através da impressão de um livro, no qual constassem não só os fenómenos místicos que narrava, como os conselhos que ela podia dar aos que queriam iniciar ou progredir no caminho espiritual. Nesta ideia terá participado também Frei Martinho de São José, então já definidor da Província, se não foi também um desses três religiosos. Parece-nos que não seria, porém, aquele que ordenou à autora a redacção do “Tratado Místico”, porque esse religioso não conheceria bem Soror Isabel e, antes de assumir a direcção espiritual, tivera dúvidas acerca da sua própria capacidade para assumir essa responsabilidade. Ora, Frei Martinho de São José já conhecia a autora, porque havia algumas décadas que fora seu confessor e, segundo supomos, fora destinatário das “Cartas a um Religioso”, pelo que não teria tal receio.

Quanto ao “Tratado Místico”, parece-nos que o seu destinatário poderá ter sido Frei António dos Anjos, confessor do convento nos últimos anos de vida de Soror Isabel. Como citámos atrás, esse director espiritual para quem ela escreveu

o texto tivera receio de dirigir almas, ou seja, uma alma mística, a dela. Isto parece ajustar-se bem a um novo confessor naquela comunidade, o qual, ali chegando, se deparou com uma religiosa extraordinária, uma mística e mestra de várias pessoas na mística, portanto uma alma diferente das outras que vinha confessar e dirigir, causando-lhe justificado receio. Ademais, Soror Isabel, já teria os outros dois directores, os quais não a confessariam habitualmente, embora acompanhassem os seus progressos havia mais tempo. Frei António dos Anjos, de quem pouco sabemos, foi, de facto, o seu último confessor, tendo redigido o seu extraordinário assento de óbito, no qual, como citámos, declara desassombradamente que se esperava o reconhecimento da sua santidade, isto é, que se esperava a sua beatificação e conseqüente canonização como Santa Isabel do Menino Jesus, o que indica que a conheceu, de facto, muito bem.

Ao “Tratado Místico” Soror Isabel juntou, ou antepôs, a “Súplica ao Ministro Provincial. Nesta, suplica ao ministro provincial a sua bênção e acusa-se humildemente das suas faltas à Regra e às constituições gerais, por me acomodar ao uso da comunidade, embora isso não a desculpe. Suplica também a absolvição dos pecados, etc., e manifesta-lhe a sua intenção de restituir os bens que adquiriu na vida religiosa. Diz que, como vivia sob a obediência do prelado – como qualquer religiosa professa da Ordem – e depois da obediência que tinha aos três padres a quem comunicava o seu caminho espiritual, é àquele que agora deve entregar tais bens. É aqui que revela a existência dos seus três directores espirituais. No “Tratado Místico”, no entanto, não se revela tanto como mística – fala de si apenas duas vezes, e brevemente –, mas como mestra do espírito, que disserta sobre a vida ascética e mística a partir de uma estrutura ortodoxa, a das três vias do espírito. A sua experiência, que está subentendida por todo o texto, e é declarada já no final, dá lugar ao ensino da mística ao próprio director espiritual, destinatário do texto. Com efeito, tal como nas “Cartas a uma Religiosa” e nas “Cartas a um Religioso”, ao longo do “Tratado Místico”, a autora não se posiciona tanto como alma dirigida que explica os progressos da sua própria vida ascética e mística, mas mais como mestra que explica a vida ascética e mística no geral a um dos seus directores espirituais, ou já aos três, apesar de a ordem ter partido da ideia de apenas um deles. Parte, evidentemente, da sua experiência, mas não se refere a acontecimentos desta, como faz nas “Cartas a um Religioso”, na “Carta à Abadessa e Religiosas” e na “Vida”, dissertando de forma genérica sobre o

percurso pelas três vias do espírito. Revela no “Tratado Místico” a sua maturidade espiritual, a mesma que, sendo já idosa quando escreve, expressa plenamente naquelas cartas. O “Tratado Místico”, depois de passado a limpo, tal como está no manuscrito autógrafo, é um texto breve, susceptível de ser lido por leitores pouco eruditos e apreciado também por sacerdotes, seculares ou regulares, a quem a parte final é especialmente dedicada. É escrito num estilo simples e claro. Estas características terão convencido os três religiosos a sugerir a impressão de um livro, conforme o pedido da abadessa.

Neste texto, a autora insiste na importância da penitência para dominar os cinco sentidos, que devem ser orientados para a virtude na via purgativa. Alerta para as tentações de quem envereda nesta via, tendo contra si os três inimigos da alma, mundo, Diabo e carne. Com as forças espirituais limitadas, a alma necessita aqui da frequência dos sacramentos, de muita oração e de um exame de consciência diário, para ir alcançando o temor de Deus. Insiste na importância da castidade, contra a qual o homem não pode deixar de sentir tentações enquanto as potências da alma não estiverem trabalhadas, devendo lutar contra a imaginação e o vício, através do conhecimento próprio e da negação da vontade. Insiste na virtude da humildade, que deve ser profunda; e, depois desta virtude, na da obediência, que deverá ser dada ao director espiritual, resignando-se a alma, deste modo, à vontade de Deus. São também importantes a paciência, o silêncio e a abstinência e o jejum, sem o qual se desordena a castidade. A autora adverte que, nesta via, deve ter-se em conta o peso da consciência, na qual os remorsos são muitos. O maior inimigo da alma nesta via é a inclinação para o apetite desordenado, pelo que deve ter amor pela virtude da castidade.

Segundo a autora, os privilégios da castidade são muitos: esta virtude deve ser venerada pela sua fortaleza, e é arma poderosa porque mata o vício; é rosa, pela fragrância que de si sai; e açucena branca, e perpétua, pela duração. É também órgão (instrumento musical) entre as virtudes, dando toque às outras. Pode ser chamada de ciência das virtudes, porque quem aprendeu a guardá-la foi à escola da ciência, por ser a arte mais dificultosa de aprender, entre todas as virtudes. O seu engenho é subtil, os seus privilégios não podem ser dados a conhecer por quem não a guardou, de tal modo que uma virgem enclausurada, como Soror Isabel logra saber o que podia ignorar por falta de experiência. Com o dom da castidade pôde conhecer os interiores dos homens, vendo neles a

necessidade que tinham para emendar suas as faltas. Refere-se aqui, mais largamente, a um fenómeno místico, o dom da penetração das consciências.

No “Tratado Místico”, esclarece que não se refere agora a homens seculares, mas a religiosos que fizeram voto de castidade, dissertando sobre os seus privilégios, com várias comparações e faz uma advertência sobre a tentação da vaidade. Os melhores espíritos, segundo escreve, são os que mais tentações padecem na via purgativa. Essas almas podem voltar a pecar, se Deus não as segurar com a sua mão. Com o conhecimento próprio que vai alcançando nesta via, que vá também procurando humilhar-se, uma vez que a vaidade está sempre onde não houver virtudes. Refere a importância do conhecimento próprio e da humildade e da obediência. Quanto à via iluminativa, refere que a alma que entra nela está também mais enriquecida com virtudes, mais alumiada por Deus para dominar a vontade própria e sujeitá-la à razão, bens que lhe ficaram por ter passado a via purgativa. Mas os hábitos da natureza são os piores inimigos que o homem tem e, por isso, o homem deve começar por ver como os há-de pôr em ordem, sopeando-os com o freio da razão, que se a razão não obra, não se cria espírito. Neste trabalho, é preciso ter muita paciência. Nesta segunda via do espírito, o homem reconhece o que é, e humilha-se mais pela luz que Deus lhe tem dado. Que faça por ir adquirindo virtudes e extinguindo as faltas, tendo a alma sempre na presença de Deus, terá perfeição. É a oração que traz as virtudes ao homem; e a oração é, segundo recorda, um dom do Espírito Santo. A oração – entenda-se, oração mental – deve ser superior a duas horas por dia. Nela alcança-se o amor do serafim, troca-se a terra pelo Céu, traz-se o coração cheio de luzes para iluminar os que andam nas trevas. O homem deve esforçar-se por ter silêncio, que no sossego da alma se acha o amor de Deus; e não deve deixar meditar na Paixão de Cristo. Na via iluminativa, há, ainda, uma imensidade de escrúpulos, com os quais a alma fica sem proveito. Deve dispor-se, com conhecimento próprio, para a humildade, virtude sem a qual não pode haver fundamento para a fortaleza do espírito. Este cresce quando se aumenta a penitência, sendo esta bem ordenada pela obediência – entenda-se ao director espiritual, que decidirá acerca da penitência a fazer pela alma –, que não tendo a alma olhos para ver o que se lhe manda: a coroa da obediência conhecer-se-á pela humildade. Esta nasce de um coração submetido, que se julga por menos que todos.

Propõe um exercício das três potências da alma: memória, entendimento e vontade. Para que as três potências percam os seus maus usos, é realmente preciso que esvaziem do que é supérfluo e que façam muitos actos contrários ao que era em si habitual. O director espiritual poderá reconhecer se o exercitante tem aproveitado pela pureza de consciência que lhe manifesta, porque nela se vê bem se as potências ainda estão impuras. Faz advertências para que o director possa examinar as virtudes da alma nesta via e para reconhecer as suas enfermidades espirituais: nos olhos, nas palavras e nas obras. O director, como médico espiritual, deve curá-las adequadamente, nomeadamente com silêncio e oração.

Passa então à via unitiva, que confessa ser muito difícil de explicar, porque se trata de matérias que encerram segredos. Nela, a alma que chega um tão iminente estado, com distintos graus da contemplação. Faz uma advertência ao director espiritual sobre a meditação, caminho seguro que não deve ser abandonado. Mas verá o tempo de meditação encurtado, porque a alma não pode já meditar, por se encontrar com as potências como que adormecidas, parece-lhe que tem um impedimento. Necessita então de buscar a Deus noutra maneira. O remédio neste caso é a alma descer ainda mais à humildade, porque no alicerce achará a porta aberta. Entrará então na primeira escada da contemplação. Escavando a humildade e o conhecimento próprio, a alma encontra Deus pela contemplação e começa a admirar-se, ficando pasmada de ver dentro em si tanto e não sabe o que é seu; e, como quem não sente, fica sem saber se vai adiante, se volta para trás. Mas vai sentindo a humildade e uns requebros de amor. Estes acabam depressa, ficando a alma com desejo do amor de Deus. Na contemplação, Deus quer levar a alma adiante e começa a exercitá-la numa noite escura, que a autora define como penitência espiritual. Deus vai tirando o amor sensitivo à alma para nela crescer o amor em mais elevados graus. Neste estado, também há tentações, pois, como a presença de Deus está oculta e a alma não encontra nenhuma consolação, padece o assédio dos inimigos. A noite escura, designação que usa também nas “Cartas a uma Religiosa” e nas “Cartas a um Religioso”, remete para a obra de São João da Cruz e, logo, para a escola mística carmelita. Trata-se de uma provação passiva, pela qual Deus quer levar a alma mais adiantada, ou proficiente, a um grau mais elevado de oração, purificando-a.

Na verdade, aponta três noites escuras, sucessivas. Na primeira, a que identificamos com a noite escura do sentido, de São João da Cruz, principia-se um

outro modo de oração, um modo que não conhece o que goza, tem as potências já pacificadas, como que adormecidas. É como sentir um gozo, mas não goza o que deseja, porque ainda tem algo que purgar. Tem a Deus e também se tem a si mesma – está ordenada –, porém sente que, no coração, está um grande gozo, com grande sede de amor a Deus. Deve aqui fazer muita oração, a qual deve descerrar a primeira noite escura, ficando a alma mais virtuosa. Saindo deste estado, há-de encontrar-se num modo de oração em que fica pasmada, porque ama sem saber a quem ama. A fé mete-se-lhe no coração e há uma suspensão dos afectos. O amor faz-lhe gozar uma espécie de carícias, expulsando de si o que é mau, até que Deus a introduza noutra noite escura. Antes, porém, explica melhor que tudo o que a alma tem padecido para entrar na contemplação foi apenas um ensaio para prosseguir. Aqui começa a coar a paciência, porque o espírito começa a sofrer o que antes sofria no sensitivo, porque o que passou foi, de facto, uma noite escura do sentido, e agora a que se segue é no espiritual, onde apura muito a paciência.

Passa à segunda noite escura, ou noite escura do espírito, segundo lhe chamou São João da Cruz. Segundo a autora, é uma noite tão escura que não tem a menor luz, pois as penas que alma tem passado ainda são insuficientes para preparar a sua união com Deus. O amor ainda é fugaz e é chegado o tempo de despir a pele, para renascer um outro homem. Esta nova criatura entra num caminho muito estreito, no qual a alma passará uma grande purgação, adquirindo muitas virtudes. A fé assegura-lhe que não se acaba o amor; quando este principia poderoso é para ser aumentado e não diminuído. A alma deve, pois, ser constante e vai buscando a Deus, por meio da oração. O obscurecimento das potências é um tormento, mas se não fosse tão meritória não daria satisfação a Deus pelas muitas culpas que a alma tem. Posta em purgação, vai satisfazendo espiritualmente as mais ocultas culpas que tem, cometidas por pensamentos, porque esta noite escura pode dar luz para que a alma conheça as suas culpas. E, muito humilde, vai buscando a Deus, com fé. Também se cria na alma a esperança de que Deus não se ausentou, só se escondeu, porque vai sentindo uma doçura interior, sinal certo de que Deus está reconcentrado no coração. A alma não deve deixar de o buscar. Sente no seu interior uns toques, ou centelhas do amor divino, mas, à medida que o quiser gozar, ele esconder-se-á. Deve prosseguir buscando o amor, que tem ainda tem muito que padecer. Vai então entrando num caminho muito íngreme e estreito. É um estado em que deve deixar-se lavar às mãos do artífice, sofrendo

agudas penas. Aqui está o perder o ganhar, a alma é mártir da paciência. Esta noite é muito escura, principiou nas palavras com que ofendeu a Deus, que teriam que ser castigadas e purgadas. De todos estes cautérios precisa a alma e tudo isto, juntamente com a via activa, faz tal consonância que pouco terá capacidade de ver o que padece, por isso diz que é cega. Se não se adianta, faz perigar a própria salvação, porque foge do caminho da cruz; e acredita que se prosseguir assegura a salvação. O remédio é oferecer a vida a Deus.

Entra depois na terceira noite. No seu início, não há luz alguma; é a hora mais escura, na qual a alma tem por satisfazer as suas culpas, não as que cometeu por pensamentos, mas as que cometeu por obras. Tem que se purgada com penas espirituais. Ainda que a alma esteja já quase com as suas potências purgadas, e com mais méritos, que lhe ficaram das noites passadas, ainda necessita de um maior crisol. Deus introdu-la num caminho terrífico. Está cativa de amor e não sabe se ama, porque a sua pena não tem alívio e com razão se queixa, poi acha-se como uma viúva sem esposo. Não tem consolação alguma, porque perde da vista o único objecto do seu amor, essa voz que soava no coração, esse espelho em que via os próprios olhos. Mas tudo isto não era nada, afinal, em comparação com o amor, porque sem amor só os que não amam vivem. Já o coração que chegou a amar a Deus morre quando não ama, pois mais padece sem amor do que sem vida. Por isso os que são assinalados de amantes são escolhidos. Se está vivo o proficiente, pouco lhe faltará para morrer, que desmaios de amor são princípios de morte e o suplício de quem morre finaliza com a vida. A pena de quem ama tira a vida sem morrer, que o amor que penetrou a alma faz com que a alma saia quando ele sai. Este é o verdadeiro espírito de quem ama a Deus. Introduz-se num lugar mais estreito e apertado. A alma que passa por este deserto será um espírito que renasceu das cinzas do fogo em que se queimou por amar a Deus. Os mortos só passam pela primeira morte, mas a alma que passou por tantas mortes ressuscitou muitas vezes. A alma que chega a amar, deixando-a Deus, ou seja, ausentando-se, leva-lhe o Céu à força. A alma chora, mas estas lágrimas são doces, não têm já o amargor da culpa, embora seja preciso expulsar de si o amor-próprio, porque este inimigo do espírito era o maior amigo da natureza. Pode parecer que uma mortificação pequenina, mas sairá dela muito sangue de martírio, uma vez que as virtudes necessárias a este estado são finíssimas e delgadas, que como tem a alma tantos empecilhos, e estes graus são muito delicados, necessita de toda esta

purgação para desunir o amor-próprio, estreitando-se tanto que tudo o que era natureza se transforme em espírito. Estas virtudes ficam então heróicas e sobrenaturais. Com outro aperto se sente a alma: sendo tentada, não sabe se caiu em tentação, que de si não fica nada, resta que não desfaleça, considerando que as culpas que cometeu lhe tiraram a presença de Deus, pois não há amor sem sombras sem ser precedido de culpas. A alma deve humilhar-se, repreendendo-se a si própria, para encontrar na oração a doçura que estava guardada para quem se repreende a si mesmo. São muitas as provas que Deus impõe aos seus servos, levando-os pelas estreitas vias do espírito. Neste estado, tudo são cruces e penas, a alma está presa por uma trave do pé à mão: a mão é aquela que tem dado de esposa, pois já passou pelos desposórios; o pé é não poder andar senão pelo caminho da cruz. Já tem virtudes adquiridas, mas, sempre acrescentando mais, porque conhece que o amor de Deus está escondido dentro do coração, vindo, a seu tempo, resgatá-la do cativo. Agora a alma dará alvíssaras, porque está a chegar o amor. A madrugada do sol é a aurora, apressa ou ausenta os passos, quando vai chegado à pátria. O amor ainda está coberto com o véu, até à celebração das bodas. Acaba-se a noite escura e o amor vai buscando seu centro.

Diz a autora que se soma os graus da oração pelos números das virtudes; quem sabe contar assim ajusta as contas. Isto é, a alma sobe em graus à medida que adquire virtudes. A alma entra então numa oração de sono profundo, uma contemplação e sossego interior, ficando quase morta. Quem passa por esta purgação tem méritos de mártir, porque se consome nela toda a natureza. Entra então na alma uma possessão, a do amor de Deus, tão grande que fica em delírio. A união com Deus é tão estreita que se Deus não quisesse a alma neste desterro de amor, acabava a vida, porque a alma alcança uns tais graus de amor que, assim que principia, chega logo aos fins. Tudo isto sucede porque o coração matou todo amor humano. Este é o estado onde se consuma o amor pela união, na substância da alma fica este vínculo apertado, dá-se uma transformação com Deus, celebra-se o matrimónio espiritual. Por ser muita perfeição que se concede a poucas almas, poderá esta união ser ainda mais estreita, um vínculo mais apertado, o ilapso. Dá-se o ilapso onde se desenfreia o amor e se embaraçam as vontades, que parece que nem Deus, nem a alma se podem dividir um do outro. É a *unio mystica*, o influxo de Deus na alma, no estado da contemplação infusa. Cume da experiência mística, o ilapso corresponde ao êxtase contemplativo, no qual Deus se une à alma,

vertendo-se nela. A alma chega a esta iminência e fica a humilhar-se com o conhecimento próprio e, deste modo, fica selada e lacrada, como na arca de Noé. Em torno desta passagem do Antigo Testamento, explica então que, depois da união, a alma recomeça o caminho, tendo que principiar na primeira das três vias do espírito. Fala alegoricamente dos brutos, animais que entraram na arca, aos quais associa as paixões e os apetites do homem: toiro, pomba, corvo, veado, camelo. Ao recomeçar a via purgativa, relembra São Francisco, Santa Maria Madalena, Job e São Tomé, modelos que a alma deve ter, pela penitência demonstrada nesta via, apesar das virtudes já adquiridas nas outras vias.

Diz a autora que o amor divino tem avessas e direitas; e caminhar direito é buscar sempre as virtudes. A alma neste estado vai amando a Deus, levando consigo a morte mística, o que lhe dá um grande martírio, mas deixa em si uma grande pureza de consciência, particularmente na virtude da castidade. E volta ainda a dissertar sobre a via unitiva, para dizer que, como a alma tem entrado no caminho do espírito superior do amor divino, há-de sair o amor do próximo, ou seja, a caridade e a compaixão. Há-de repartir com todos os bens espirituais para elevar almas para o Céu. Sabe que levando esta cruz assegura a sua própria salvação e ajuda também a salvar muitas almas. A luz para os actos virtuosos amanhecerá, como amanhecia aos profetas bíblicos. Se a alma se fizer digna desta grande dignidade, entrando nesse grande purgatório de pagar o que não deve, alcançará umas asas de serafim e terá o mérito dos apóstolos. Mas como esta alma está encastelada no castelo onde mora o amor de Deus, está em guerra com o Demónio, mas este vai já fugindo, porque tem muito medo de quem ama a Deus. Nunca cessa de combater a alma, ainda que fique vencido, mas a alma, no estado em que está, tem uma singularidade para conhecer as suas astúcias, adquirida pela inteligência que nasce do amor de Deus, privilégio de que goza por estar unida a Deus. Tem mais singularidades, por causa desta união: a de estar quase sempre em oração; a de saber muitos segredos de Deus; a de amar os seus inimigos; a de estar sempre com a mão levantada e armada contra o Demónio; a de não cair tantas vezes em pecado, como caía antes, quando levava uma cruz mais leve; e, por fim, a de se humilhar. Estas singularidades não são concedidas senão às almas humildes de coração. Permitem que a alma ouça algumas palavras interiores, trazem-lhe frutos de penitência, amor de Deus e ao próximo, soam a espírito, e não a natureza. Ouvindo-as, se a alma ficar com dúvidas acerca da sua

procedência, tenha por certo serem de Deus. Neste estado, a ouve também vozes muito íntimas, um favor grande que Deus faz a algumas almas. Pode, ainda, sentir perfumes e ter êxtases.

Na parte final do “Tratado Místico” parece desviar-se um pouco da matéria ultimamente tratada, a de algumas enfermidades da alma, ou doenças espirituais, motivo pelo qual, supomos, Frei Martinho de São José, no título da *Vida da Serva de Deos...*, designou este texto no plural “Tratados Mysticos”. Não seguimos aqui esta distinção implícita de dois tratados, porque não considerámos esta parte como um segundo tratado. Apesar de se debruçar sobre a figura do sacerdote, não nos pareceu ser matéria desligada das antes tratadas e, sobretudo, não faz distinção entre o texto precedente o que agora inicia. Trata apenas da virtude da castidade dos sacerdotes, mais uma matéria que é dirigida ao director espiritual para quem escreve o “Tratado Místico”, e, nele, a todos os sacerdotes que vierem a ler o seu texto. O tema foi já abordado no texto e, note-se, está presente em todos os textos de Soror Isabel, em especial nas “Cartas a um Religioso”. A autora chega mesmo a usar uma dessas cartas, dirigidas a um sacerdote, para compor o texto. Declara que quer, por sua morte, deixar-lhes o espírito da virtude da castidade. O tom é o de quem tem, de facto, uma idade avançada e supõe para breve a morte, o que reforça a nossa suposição de que o “Tratado Místico” foi redigido, ou, pelo menos, passado a limpo, com acrescentos, nos últimos anos, durante o primeiro abadessado de Soror Isabel de São José (1750-1753), sua sobrinha. Ao gosto barroco, serve-se da flora para dissertar: girassol, lírio, açucena, angélica, espadana, carqueja. Faz aproveitamento de um trecho a “Carta a um Religioso 8” para elaborar pelo menos uma parte deste texto. Uma análise mais detalhada de todos os seus textos talvez demonstrasse mais exemplos de aproveitamento e reelaboração.

Quanto à “Súplica ao Ministro Provincial” foi escrita, segundo supomos, escrita por Soror Isabel do Menino Jesus para acompanhar apenas o “Tratado Místico”, obra que supunha vir a ser impressa. Mas, ter sido do agrado do prelado, possivelmente os seus directores espirituais, e talvez por ordem do ministro provincial, acabariam por ordenar-lhe que passasse outros textos a limpo, segundo a disposição dada por Frei Martinho de São José, num só volume. A ideia seria, agora, tentar a impressão, não apenas do “Tratado Místico”, mas também da “Vida”, da “Carta à Abadessa e Religiosas” e as trinta e cinco cartas. A “Súplica

ao Ministro Provincial” também entrou na selecção e foi copiada pela autora como parte introdutória do “Tratado Místico”.

A “Súplica ao Ministro Provincial” não é uma carta espiritual, mas um texto do género literário de súplica, que Soror Isabel, como professa da Ordem de Santa Clara, eleva ao seu prelado, o ministro provincial da Província dos Algarves da Ordem dos Frades Menores, a qual tinha jurisdição sobre o seu convento e sobre a sua própria pessoa. Segundo temos supomos, a passagem a limpo ocorreu nos últimos anos da vida da autora, durante o primeiro abadessado da sua sobrinha Soror Isabel de São José (1750-1753). Plausivelmente, a “Súplica ao Ministro Provincial” foi escrita pela autora e elevada, juntamente com o “Tratado Místico”, ao prelado neste mesmo período. Durante este abadessado houve dois governos provinciais distintos, mas supomos a autora se dirigia ao primeiro dos prelados que governaram, Frei Manuel da Epifania, no triénio (prorrogado) de 1747-1751. A sua profissão religiosa foi no Convento de São Francisco de Portalegre e cronologicamente próxima da profissão da própria Soror Isabel, sendo se supor que, estando ambos em conventos franciscanos da mesma cidade, se conheceram então, relacionando-se necessariamente com religiosos e religiosas de ambas as comunidades. Frei Manuel da Epifania era um pregador erudito e bem conhecido, autor do *Verdadeiro Methodo de Prégar...*

Quanto à “Vida”, é a autobiografia espiritual de Soror Isabel do Menino Jesus. Terá sido no referido primeiro abadessado de Soror Isabel de São José (1750-1753), sua sobrinha, que a autora começou a escrevê-la, já velha e doente. A redacção ter-se-á devido, porém, à ordem dada pelos seus três directores espirituais, dada uns anos antes. Estes religiosos, ao ponderarem a impressão do “Tratado Místico” – obra que pretendiam enviar ao ministro provincial, sem outros textos – terão pedido à autora que lhes escrevesse também uma relação da sua vida ascética e mística, na qual contasse, designadamente, os fenómenos místicos que já lhes teria contado em confissão e noutras ocasiões, quando dirigiam e, em especial, quando fizeram a *discretio sprirituum*. Este era, de resto, um procedimento comum. Ao decidirem enviar também esse texto, a autora passou-o a limpo, mas terá acrescentado o citado parágrafo e, antes, o destinatário: o ministro provincial. Na “Vida”, a autora traça, de facto, um percurso biográfico, em duas dimensões simultâneas, ou sobrepostas: a externa, relativa à vida exterior, ou física; e interna, relativa à vida interior, ou espiritual. É a esta última

que mais dá relevo, porque correspondente à sua vida ascética e mística, iniciada no longínquo 2 de Agosto de 1698, ou na sua véspera. Depois de declarar o local de nascimento, a sua filiação, alguns dados biográficos de seus pais – incluindo cronológicos – e a sua própria data de nascimento, etc., relata ainda as circunstâncias do seu nascimento, alguns dados da sua educação formal, outros da sua juventude, até esse dia em que se converteu, os quais atrás citámos. A narrativa até este ponto é sobretudo histórica, aportando notícias que, em alguns casos, podem ser comprovadas por outras fontes, o que fizemos. A partir da referência à sua conversão, ensaia, acima de tudo, a sua autobiografia espiritual, uma vez que abundam no relato os fenómenos místicos, com apenas uma notícia que podemos encontrar noutra fonte: o seu encarceramento, que Frei Martinho de São José também refere. O texto desenvolve-se em torno de cinco temas principais: a intercessão pela salvação da cidade de Portalegre; a intercessão pela salvação do mundo; a intercessão pela salvação de Portugal, em especial do Alentejo e do Algarve – regiões correspondentes à jurisdição da Província dos Algarves da sua Ordem –; a intercessão pelos vivos e o sufrágio pelas almas dos defuntos, em especial as consagradas, incluindo prelados e sacerdotes, alguns da sua Ordem; e o combate espiritual contra o Demónio.

A “Vida” acabou por ser colocada na abertura do impresso *Vida da Serva de Deos...*, motivando o seu título, embora esta obra, como o próprio título também indica, não se resuma à autobiografia espiritual de uma religiosa, um sub-género da autobiografia, existente desde pelo menos o século XVI, com a redacção do *Libro de la Vida* de Santa Teresa de Jesus, em 1562, cujo texto, reescrito depois pela própria, foi largamente difundido, e ainda hoje existente na literatura espiritual, como exemplificámos no nosso “Estado da Arte”. A “Vida” de Soror Isabel do Menino Jesus, tanto quanto sabemos, foi a primeira autobiografia feminina a ser publicada em Portugal, aspecto que tem, por si só, muito interesse. A sua impressão estava a ser preparada quando Soror Isabel do Menino Jesus faleceu, pelo que, se a sua morte não tivesse ocorrido, a autora teria chegado a ver a *Vida da Serva de Deos...* impressa, obra onde também figurava o seu retrato estampado. Este foi também, como já referimos, o primeiro retrato de escritora portuguesa que em Portugal se publicou num impresso.

A “Carta à Abadessa e Religiosas”, é, como indica o título que lhe colocámos, uma carta que Soror Isabel dirige à sua prelada e às religiosas do

convento. O escrito destinava-se a ser lido depois da sua morte. Parece ser uma continuação da parte reservada da “Vida”, na qual começara a tratar de matéria delicada, sobre o Purgatório. Terá julgado oportuno continuar a escrever, mas à parte. Depois de também este ter sido lido pelos seus directores espirituais, ou por quem a orientou na organização do seu manuscrito, Frei Martinho de São José, terá obedecido e juntado, também a “Carta à Abadessa e Religiosas” à passagem a limpo. Supomos que a abadessa de então fosse a sua sobrinha Soror Isabel de São José, podendo datar-se o texto do seu primeiro abadessado (1750-1752). Por várias vezes se refere necessidade de reforma no convento, geralmente quando descreve fenómenos místicos que remete para este assunto, que seria pouco consensual entre as religiosas, se não mesmo motivo de polémica ou de conflito. É sobretudo aqui que faz tais referências. Recorda as visitas que recebera de São Francisco, no longínquo 1713, quando a sua vida ascética e mística se dilatara. Classifica-as como visões intelectuais e imaginárias, ouvindo as suas vozes. Revela então às suas destinatárias que tais visões estavam relacionadas, não só com a reforma então iniciada no convento, mas com a reforma de toda a Ordem, tanto de religiosas, como de religiosos, narrado, a propósito, um ciclo de quatro visões imaginárias implicando São Francisco. Refere-se também a almas de religiosas e religiosos que vira no Purgatório por causa dos seus pecados contra a castidade.

Soror Isabel do Menino Jesus foi uma reformadora, como religiosa, como mestra da Ordem, como abadessa, como mestra do espírito, como escritora mística. A sua reforma não terá passado tanto por questões políticas da família seráfica, mas na insistência na observância da Regra de Santa Clara, das constituições e da restante legislação, emanada pelos seus prelados, a qual teve preocupações reformistas, sobretudo no início da sua vida religiosa, mas mais ou menos constantes ao longo das décadas, à medida que o relaxamento dos conventos prosseguia. Para além dessa insistência, ou ligada a ela, a autora teve, acima de tudo, preocupação em reformar a vida religiosa, feminina e masculina, e também a vida secular, através do convite ao caminho espiritual, insistindo na prática de todas as virtudes cristãs, em especial a da castidade, porventura aquela que mais via desprezada ou negligenciada. A castidade, à qual chama ciência das virtudes, é um tema recorrente, estando presente em praticamente todos os seus textos, sobretudo acerca da sua prática, ou falta dela, em homens. Em várias partes

é evidente que se trata de freiráticos, clientes nefandos dos conventos femininos, muitos religiosos, outros seculares. A impressão da sua obra, que teve a possibilidade de preparar, sob orientação de Frei Martinho de São José, era oportuna à Ordem, que juntava às sucessivas reformas um precioso contributo, como às restantes famílias religiosas, ao clero secular, enfim, a todos os fiéis.

A obra de Soror Isabel do Menino Jesus, muito genuína nas suas formas, apresenta abundantes imagens, comparações, metáforas extraídas da sua vida quotidiana e das leituras feitas, pelas quais a autora constrói um discurso capaz de chegar, com simplicidade e graça, aos homens e mulheres da sua época. Em tudo tem o tom de mistagoga, legitimada por muitos anos de prática da ascética e da mística, mas também pela ciência infusa, com dons de penetração das consciências, profecia, talvez bilocação, e de outros fenómenos místicos, como toques divinos, visões imaginárias e intelectuais, aparições e êxtases, alguns com levitação. Algumas margens de heterodoxia, que analisámos, não inviabilizaram a saída dos seus escritos tal como os deixou preparados.

Oriunda de uma pequena e isolada terra natal e depois encerrada num convento sem centralidade geográfica ou política, Soror Isabel do Menino Jesus emergiu no panorama espiritual do Portugal barroco ainda em vida, com fama de santa e de mestra do espírito, e, depois de morta, terá recebido culto local por largas décadas, permanecendo a sua memória também pelo facto de se ter alcançado a impressão da sua obra, que saiu com uma notável estampa-retrato, da autoria de Jean Baptiste Michel Le Bouteaux, que a representara com o seu livro aberto nas mãos, não tanto como santa, mas como escritora. O seu esquecimento foi progressivo, talvez já no advento das Luzes e seguramente depois do liberalismo, que impôs a extinção das Ordens religiosas em Portugal, com notável perda de valores espirituais, artísticos e culturais em numerosos pontos do reino. O rasto desta destruição persiste. A extinção do Convento de Santa Clara de Portalegre, apesar de ter sido lenta, e de nele terem permanecido sucessivas comunidades femininas, com tradições herdadas das últimas religiosas ali moradoras, implicou a perda da sua comunidade (por morte), do culto na sua igreja (hoje um teatro), de parte dos seus edifícios (hoje Biblioteca Municipal de Portalegre), da sua riqueza documental e artística (dispersa por arquivos, museus e particulares), e, com tudo isto, a perda do culto a Soror Isabel do Menino Jesus e o esbatimento da sua memória. Também implicou o extravio do seu manuscrito

autógrafo, que, felizmente, foi encontrado em 2013 e adquirido por uma instituição pública, ficando à disposição dos investigadores.

A presente tese, ao ter cumprido a sua finalidade e os seus objectivos, deve ser tida, porém, como uma simples introdução ao estudo da obra de Soror Isabel do Menino Jesus, susceptível de ser analisada em profundidade e a partir de vários prismas. Parte importante do nosso trabalho estará na transcrição do manuscrito autógrafo, que deixamos, assim, disponível para os mesmos investigadores (Anexo 1), mas, sobretudo, para todos os leitores que se interessarem por literatura espiritual da época moderna, a qual, segundo entendemos logo à entrada da tese, no “Estado da Arte”, não está limitada aos séculos passados, havendo interesse contemporâneo pela vida e obra de místicos. Se das escritoras portuguesas ainda se sabe pouco, não se saberá muito mais dos místicos, à excepção de casos mais recentes, como o de Soror Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado (1907-2005), a Irmã Lúcia, vidente de Fátima-Pontevedra-Tuy-Rianjo, evidentemente o mais conhecido, não só em Portugal como por todo o mundo católico. Não se trata, porém, de um caso isolado. Estará no extremo de uma lista que convinha completar. A recolocação de Soror Isabel do Menino Jesus nesta lista é importante para compreender a importância das mulheres na espiritualidade portuguesa, onde, a par de vários tratadistas do sexo masculino, pôde emergir publicamente, com aceitação e seguimento, com os prestigiosos títulos de mestra do espírito e de venerável, apontando-se então o reconhecimento futuro da sua santidade pela Igreja, através da beatificação e canonização, cujos processos, tanto quanto sabemos, porém, não se iniciaram.

Reafirmamos que a importância desta autora, através de estudos, foi um desafio abraçado por outros investigadores, ainda antes de a termos escolhido como objecto da tese. Esperamos o nosso contributo permita agora consideráveis avanços e estimule o interesse dos mesmos investigadores, e de outros, não só por Soror Isabel do Menino Jesus, como pelas restantes autoras portuguesas antes de 1900. Podemos sugerir o mesmo em relação aos ainda pouco estudados místicos e místicas de Portugal, que desenvolveram a espiritualidade católica ao longo dos séculos, agora à espera de um renovado reconhecimento e de uma certa devolução, à História, à Literatura, enfim, à cultura, à vida espiritual, aos que estiverem interessados, aos leitores de hoje.

FONTES

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Distrital de Braga (ADB)

ADB, Habilitação *de genere* de João Rodrigues Sotil, f. [11v].

Arquivo Distrital de Portalegre (ADP)

ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, cx. 1, liv. 2, fs. 116, 117, 118.

ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livro de Notas (1728-1731), cx. 2, f. 98.

ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livro de Notas (1733-1734), cx. 2, f. 1.

ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livro de Notas, cx. 1, liv. 1, fs. 29v, 30, 31v, 92, 98v, 107v, 108,

ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 2, fs. 116, 117, 118.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Escrituras de Dote, Livro dos Dotes a Dinheiro, Dote da Madre Maria Joana Clementina do Santíssimo Sacramento, cx 3, mç. 2, doc. 6; cx. 5, mç. 2, docs. 38 e 39; cx. 7, mç. 2, doc. 16.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, fs. 21v, 26, 28, 32, 34, 39v, 40, 40v, 42, 49v, 52, 57, 65, 82, 83v; e 52.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Eleições, cx. 3, liv. 13, fs. 12, 12v, 14v, 15, 16, 16v, 18v, 19, 20; e 20v.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro de Actas e Patentes, cx. 1, liv.1, fs. 17, 33v, 34v, 37v, 41v, 42, 42v, 77v.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, fs. 18v, 20, 24, 26, 27, 35, 36, 40, 41, 46v, 47, 50v, 51v, 56, 57, 96, 106v; e 137.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Memórias, Livro sobre a Entrada dos Espanhóis no Convento, cx. 5, liv. 25.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Receita e Despesa, Livro do Azeite, cx. 3, liv. 16.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Receita e Despesa, Livro dos Trigos, cx. 3, liv. 15.

ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Tombo de Inventários, Tombo de Escrituras Relativas às Propriedades do Convento, cx. 12, tomo 59, f. 103.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria da Devesa de Castelo de Vide (1688-1695), f. 94v.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1590-1684), f. 54/132, 170, 172.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1656-1764), f. 233.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1684-1694), f. 9, 22v, 24v, 27v, 26v, 47v, 49, 50v, 59v, 82, 87v, 225, 228.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1695-1718), f. 6v, 21.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1555-1604), fs. 29, 32, 36, 39v, 41; e f. s/n.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1604-1654), fs. 19v, 21, 26v, 119, 135, 144v, 149v, 165v, 172v, 183v, 193v; 206v, 208v.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1654-1699), fs. 76, 93, 115, 124v, 138, 146, 157v, 159v, 204v, 209, 214, 220v, 233v, 240, 249, 254, 260v, 279, 284v.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), fs. 70, 80, 88v, 269v, s/n, s/n.

ADP, Livro de Baptismos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), fs. 8, 13v, 21v, 27v, 31, 31v, 32

ADP, Livro de Baptismos da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Espinheiro de Seda (1682-1725), cx. 35, f. 21, f. 33.

ADP, Livro de Casamentos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1632-1686), f. 10, f. 33v.

ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1656-1764), f. 1v, 4, 10v, 27v, 59, 61, 64v, 79, 90, 90v, 114v, 117v, 120v, 128, 210.

ADP, Livro de Casamentos da Igreja de São Tiago de Marvão (1699-1726), f. 16, s/n, s/n.

ADP, Livro de Casamentos da Sé de Nossa Senhora da Assunção de Portalegre (1666-1685), f. 123.

ADP, Livro de Óbitos da Igreja de Santa Maria de Marvão (1590-1684), f. 14v.

ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1595-1682), f. 118, 166v, 140, 166v.

ADP, Livro de Óbitos da Igreja de São Tiago de Marvão (1682-1769), f. 25v, 29v, 37v, 41, 58, 60v, 61, 68, 79v, 117v, 227v.

ADP, Livro de Óbitos de Nossa Senhora da Assunção da Sé de Portalegre (1894-1901), liv. 14, f. 97.

ADP, Livro de Óbitos de Nossa Senhora da Assunção da Sé de Portalegre (1727-1747), f. 84v, f. 114.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Mapa das Capelas de Marvão e Alegrete, Capela de António Rodrigues Miranda e de sua mulher Maria de Cáceres, cx. 3.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1716-1718), Testamento de Clara Fernandes da Corredoura, cx. 14, f. 313v.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Treslado do Testamento com que Faleceu Eugénia Dama, Dona Viúva que ficou de Gaspar Mouzinho Barba, cx. 9, fs. 391, 389.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1716-1718), Testamento de Maria Mouzinho mulher donzela, cx. 14, f. 490v.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Treslado do testamento do Padre João Garção religioso da Companhia de Jesus e carta de licença do padre Provincial da mesma Companhia, cx. 9, f. 400v.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1704-1714), Trespado do testamento com que faleceu Leonor Carrilho Garção donzela da vila de Marvão, cx. 11.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados, Trespado do testamento com que faleceu Pedro Fernandes Subtil da vila de Marvão, cx. 11.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1704-1714), Tombo de Capelas e Morgados (1700-1712), Trespado do testamento com que faleceu Victória Garção donzela da vila de Marvão, cx. 9.

ADP, Provedoria da Comarca de Portalegre, Tombo de Capelas e Morgados (1716-1718), Testamento de Maria Mouzinho mulher donzela, cx. 14, f. 491.

ADP, Tribunal da Comarca de Castelo de Vide, Inventários Obrigatórios (1679-1982), Inventário Obrigatório (1705), cx. 25.

ADP, Tribunal da Comarca de Castelo de Vide, Inventários Obrigatórios, (1679-1982), Inventário Obrigatório (1709), cx. 24.

Arquivo Histórico de Marvão/ Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Marvão (AHM/ ASCMM)

AHM, ASCMM, Acórdãos e Termos de Eleições da Mesas Administrativas, cx. 1, liv. 1, fs. 123, 124v.

AHM, ASCMM, Testamento e Tombo dos Bens de Manuel Carrilho, doc. 14.

AHM, Livro das Vereações da Câmara de Marvão de 1668, fs. 12v, 38

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 9, memória 223, vol. 22, n.º 74, f. [10].

ANTT, OFM, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Folha da Despeza feita pelas Religiosas de Santa Clara da Cidade de Portalegre com o Seu Sustento no ano de 1856, com Referencia aos Mappas que tem por Titulo*

“Despeza feita no anno de 1856 e Pessoal do Convento”, cx. 2016, capilha 6, f. 1v.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, “Registo dos Frades Menores Moradores nos Conventos desta Santa Província, Sendo Ministro Provincial [...] Frei António de Santo Tomás [...]”, Manuscritos da Livraria, n.º 104, f. 91.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo do Culto, encontrados no espolio do supprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade”, in *Inventario de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, cx. 2015.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Caderno n.º 1 Respectivo á descripção e avaliação do Convento de Sancta Clara da Cidade de Portalegre, bem como do Hospicio annexo ao mesmo*, cx. 2015, capilha 4, f. 1v.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Carta de Maria da Conceição Teles de Paiva, em nome da regente do recolhimento existente no extinto Convento de Santa Clara de Portalegre, ao Delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre, a 10 de Junho de 1907, cx. 2016, capilha 7, f. 1v.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo do Culto, encontrados no espolio do supprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade”, cx. 2015, f. 65.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo do Culto, encontrados no espolio do supprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade”, cx. 2015, f. 64v.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo

do Culto, encontrados no espolio do suprimido Convento de Santa Clara d'esta cidade, cx. 2015, fs. 63 e 66.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario dos Bens Pertencentes á Capella de São Pedro Administrados pelo Convento das Religiosas de Santa Clara de Portalegre. 1871*, cx. 2016, capilha 6.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario dos Bens Pertencentes á Capella da Senhora das Dores Administrados pelo Convento das Religiosas de Santa Clara de Portalegre. 1871*, cx. 2016, capilha 6.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario dos Bens Pertencentes á Capella da Senhora da Apresentação Administrados pelo Convento das Religiosas de Santa Clara de Portalegre. 1871*, cx. 2016, capilha 6.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Inventario dos Bens Pertencentes á Capella do Senhor dos Passos Administrados pelo Convento das Religiosas de Santa Clara de Portalegre. 1871*, cx. 2016, capilha 6.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Profissões, liv. 29, fs. 14v, 15v, 18, 18v, 29.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livros dos Dotes, liv. 48, fs. 38-40.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro dos Votos, cx. 1, liv. 6, f. 137, f. 144.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Nomes, e numero das Religiosas, que actualmente tem, o Convento de Sancta Clara de Portalegre”, in *Inventario de 1857*, cx. 2015, capilha 3, fs. 32-33.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Súplica de Soror D. Maria Francisca de Assis elevada ao Bispo de Portalegre a 7 de Março de 1895 cx. 2015, capilha 3, fs. 1-1v e f. 2.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Nota de D. Gaudêncio José Pereira, Bispo de Portalegre, a Emaús Gonçalves (?), a 19 de Março de 1899, cx. 2016, capilha 6.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício de D. Gaudêncio José Pereira, Bispo de Portalegre, ao Rei D. Carlos, de 20 de Dezembro de 1897, cx. 2015, cap. 3, f. 1 e f. 2.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Delegado do Tesouro de Portalegre ao Conselheiro Director Geral dos Proprios Nacionais, com carimbo de recepção a 22 de Agosto de 1898, cx. 2015, capilha. 4, f. 1.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça ao Misnistro dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, de 25 de Agosto de 1898, cx. 2015, capilha 4, f. 1.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Telegrama do Director Geral da Estatística e dos Próprios do Estado ao Delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre, de 3 de Setembro de 1898, cx. 2015, capilha 4.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Director Geral de Estatística e dos Próprios Nacionais ao Inspector Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, de 3 de Setembro de 1898, f. 1.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Inspector Interino das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Lino de Assunção, ao Director Geral da Estatística e Próprios Nacionais, de 17 de Setembro de 1898, cx. 2015, capilha 4.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, Ofício do Director Geral da Estatística dos Próprios Nacionais ao Delegado do Tesouro do Distrito de Portalegre, de 22 de Setembro de 1898, cx. 2015, capilha 4.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Auto do Inventario do Cartorio do Convento de Santa Clara de Portalegre a que mandou proceder o Ilustrissimo Delegado do Thezouro do Districto supra*, cx. 2015, capilha 4.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Nomes, e numero das Religiosas, que actualmente tem, o

Convento de Sancta Clara de Portalegre”, in *Inventario de 1857*, cx. 2015, capilha 3, fs. 32, 33.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Caderno n.º 1. Respectivo á Descrição e Avaliação do Convento de Santa Clara da Cidade de Portalegre, bem como do Hospicio Anexo ao Mesmo*, cx. 2016, capilha 6.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Auto d’Inventario do Cartorio do Convento de Santa Clara de Portalegre a que mandou proceder o Illustrissimo Delegado do Thezouro do Districto de Portalegre*, cx. 2016, capilha 6.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Relação dos papeis relativos ao Inventario do Convento das Religiosas de Santa Clara da Diocese de Portalegre que nesta data se remetem á Direcção Geral dos Proprios Nacionaes*, cx. 2016, capilha 6.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Auto d’Inventario...*, op. cit., f. 4v.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Relação n.º 3. Folha da despeza feita com os Ordenados dos Empregados no serviço interno e externo do Convento de Santa Clara de Portalegre no anno de 1856 com relação aos mappas que tem por titulo Despeza feita no anno de 1856 e Pessoal do Convento*, cx. 2016, f. 1v.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Rol do pessoal existente no supprimido Convento de Santa Clara d’esta cidade, na occasião do fallecimento da ultima Religioza”, in *Inventario de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, cx. 2015, f. 5v-8.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Convento de Santa Clara de Portalegre, “Nomes, e numero das Religiosas que actualmente tem, o Convento de Santa Clara de Portalegre”, in *Inventario de 1857*, cx. 2015, f. 33.

ANTT, OFM, Província dos Algarves, Inquirições, do mç. 1 ao mç. 40.

ANTT, Ordem dos Frades Menores, Convento de Santa Clara de Portalegre, *de Bens do Supprimido Convento de Santa Clara de Portalegre*, “Termo de entrega por deposito dos objectos de uso exclusivo

do Culto, encontrados no espolio do suprimido Convento de Santa Clara d'esta cidade, cx. 2015, f. 63.

ANTT, Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Lisboa, Certificado de Profissão como Irmão da Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Padre São Francisco de Xabregas, Lisboa, Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Xabregas, 1859.

ANTT, Quadros da Torre do Tombo, Quadro de D. Frei Manuel da Epifania, Quadro n.º 129.

ANTT, Registo Geral de Mercês (1639-1949), liv.41, fs. 220-221.

ANTT, Registo Geral de Mercês (1639-1949), Registo do Reinado de D. Maria I, João Evangelista da Cruz e Costa, liv. 8(2), f. 89.

ANTT, Registo Geral de Mercês de D. Luís I, liv. 26, f. 288.

ANTT, Registo Geral de Mercês de D. Maria I, liv. 27, f. 274v.

ANTT, Registo Geral de Mercês de D. Pedro II, liv. 10, f. 426.

ANTT, Registo Geral de Mercês, Chancelaria de D. Afonso VI, liv.19, f. 352v.

ANTT, Registo Geral de Mercês, Ordens Militares, liv. 8, f. 228v.

ANTT, TSO, Conselho Geral, Habilitações, Pedro, mç. 5, doc. 173; António, mç. 34, doc. 851, f. 15; João, mç. 58, doc. 1103

ANTT, TSO, Inquisição de Coimbra, procs. 336-1, 2708, 2806, 4234, 6166, 7449, 8167.

ANTT, TSO, Inquisição de Évora, procs. 692, 962, 1720, 1975, 2048, 4732, 4766, 4821, 4959, 6199, 6626, 6747, 6812, 7150, 9331, 9573, 1313, 1957, 10441, 10853, 10861, 1882, 2095, 2990, 3399.

ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, procs. 746, 753, 6480, 6782, 7141, 9193, 9338, 13423, 17651.

Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC)

AUC, Índice de Alunos da Universidade de Coimbra, Letra C (1537-1912), João Evangelista da Cruz e Costa.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC)

BGUC, *Escarmentos de Flores*, atribuído a Soror Maria do Céu, ms. 199.
BGUC, *Rellação accçoens e circunstancias notaveis da vida, e morte da serva de Deos Baptista do Ceo, vulgarmente nomeada Thia Baptista Custodia natural da Freguesia de Sam Juliaõ da Villa de Gouveya, e Religioza enquanto viva professa no Mosteiro chamado da Madre de Deos, da Ordem de São Francisco sito no lugar e freguesia de Vinhó meia legoa distante da dita villa, e tudo do bispado de Coimbra*, ms. 1733.

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

BNP, São João da Cruz, {Cod. 264 } *Noche Oscura del Alma y Declaracion de las Canciones que Encierran el Camino de la Perfecta Union del Alma com Dios, qual se Puede en esta Vida; y las Propriedades Admirables del Alma, que a Ella ha Llegado*, liv. 1 e 2 [códice proveniente da livraria do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça], cota ALC 88.

Biblioteca Pública de Évora (BPE)

BPE, “Enformação”, cód. CV/1-20.

Câmara Municipal de Marvão (CMM)

CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752* (ms.).

FONTES IMPRESSAS

ALMADA, António de, *Desposorios do Espirito Celebrados Entre o Divino Amante e a Sua Amada Esposa a Veneravel Soror Mariana do Rosário Compostos por Frei Antonio d'Almada*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1694.

ALORNA, Marquesa de, *Obras Poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marqueza d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oeynhausen, conhecida entre os poetas portuguezes pello nome de Alcipe*, 6 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1844.

AREOPAGITA, Pseudo-Dionísio, *Obras Completas*, edição de Teodoro H. Martín, Hipolito Cid Blanco, tradução de Teodoro H. Martín, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2014.

ASSUNÇÃO, Tomás Lino de, *As Ultimas Freiras. Com uma Carta por Antonio Enes Acerca das Ordens e Instituições Religiosas*, Porto, Livraria Portuense de Lopes & C.^a - Editores, 1894.

BARBOSA, José, *Historia da Fundação do Real Convento do Santo Christo das Religiosas Capuchinhas Francezas...*, Lisboa, Oficina de Francisco Luís Ameno, 1674-1750.

BELÉM, Jerónimo de, *Chronica Seraphica da Sancta Província dos Algarves, da Regular Observancia do Seraphico Pai São Francisco; em que se Trata da sua Origem, Progressos e Fundação dos seus Conventos*, Lisboa, Oficina de Inácio Rodrigues, vol. IV, 1758, Lisboa, Mosteiro de São Vicente de Fora.

BELÉM, Jerónimo de, *Cruz Serafica, e franciscana, decifrada da vida do Serafim humano São Francisco de Assiz, pelo nove letras do seu nome...*, Lisboa, Oficina de Inácio Rodrigues, 1750.

BELÉM, Jerónimo de, *Descuidos do escudo impenetrável...*, Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1750.

BELÉM, Jerónimo de, *Oliveira Illustrada pela Vida, e Morte da Grande Serva de Deos Maria da Cruz, Filha da Terceira Ordem Serafica...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1747.

BELÉM, Jerónimo de, *Palestra da Penitencia Sendo Corifeo; Author, e Mestre o milagroso Deos Menino...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1736.

BELÉM, Jerónimo de, *Palestra da Penitencia. Origem, Graças, indulgencias, privilégios da Terceira Ordem Serafica...*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1736.

BERNARDES, Manuel, *Luz, e Calor. Obra Espiritual para os que trataõ do exercicio de virtudes, e caminho de perfeição, dividida em duas partes...*, Lisboa, Oficina de Manuel Deslandes, 1696.

BÍBLIA SAGRADA, versão dos textos originais por Alcindo Costa (†), António Augusto Tavares, Geraldo Coelho Dias, Joaquim Carreira das Neves, Joaquim Macedo Lima, José Augusto Ramos, José Nunes Carreira, Manuel Augusto Rodrigues, 15.^a edição, Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 1991.

BLUTEAU, Rafael, *Vocabulario Portuguez, & Latino Aulico, Anatomico, Architectonico...*, vols. II, IV, V, VI, VII, VIII, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

BOUDON, Henri-Marie, *La Devotion aux Neuf Choeurs des Saints Anges, et en Particulier aux Saints Anges Gardiens*, Nancy, Chez Nicolas Baltazard, Imprimeur de S. A. R. Libraire à l'Image de S. Antoine de Padüe, proche les R. R. P. P. Capucins, 1718.

BRANCO, Manuel Bernardes, *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, vol. II, Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888.

BRANCO, Manuel Bernardes, *Portugal na Ephoca de D. João V. 2.^a Edição Augmentada com Grande Numero de Factos, Episodios e Novas Aneoctas, e um Appendice com Transcripções Muito Curiosas*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira-Editor, 1886.

BRITO, Manuel da Costa Juzarte de, *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre*, anotado, corrigido e actualizado por Nuno BORREGO, Gonçalo de Mello Guimarães, Lisboa, Edições Inapa, 2002.

CATALOGO DA COPIOSA BIBLIOTHECA DO FALLECIDO INNOCENCIO Francisco da Silva Illustrre e Erudito Auctor do

«*Dicionario Bibliographico*», Lisboa, Tipografia Universal de Tomás Quintino Antunes, 1877.

CATALOGO DA IMPORTANTE E COPIOSA BIBLIOTHECA DOS MARQUEZES DE CASTELLO MELHOR Cujos Livros Serão Vendido em Hasta Publica, Tendo a Venda Começo o Mais Brevemente Possivel, Lisboa, Tipografia Editora de Matos Moreira & C.^a, 1878.

CÉU, Soror Maria do, *Obras Varias e Admiráveis*, Lisboa Ocidental, Oficina de Manuel Fernandes da Fonseca, 1735.

CMM, Livro de Actas, Acta n.º 8/2013.

COMPENDIO DA ADMIRAVEL VIDA DA VENERAVEL MADRE MARIA DO LADO, Offerecida a' Magestade Fidelissima do Senhor D. Joze I., Rei de Portugal &c. pela Abbadessa, e Religiosas do convento do Santissimo Sacramento do Lourisal, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1762.

CONCEIÇÃO, Francisco da, *Director Instruido ou Breve Resumo da Mystica Theologia para Instrucção dos Directores, que Carecem da Necessaria; e Principalmente dos Parochos, que de Justiça, e Obrigação do do Ministerio Devem ser, e Saber ser Directores. Expõem-se as Vias do Espirito, a Ordem dos seus Estados, os Diversos Grãos de Oração, os Exercicios Proprios de Cada hum, e os Favores Sobrenaturaes, e Infusos, que Deos Communica ás Almas; com hum Formulario Pratico da Oração Mental, e mais Exercicios Devotos*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1779.

CONSTITVIÇÖES GERAES pera todas as freiras, religioissãs sogeitas à obediencia da Ordem de Nosso Pai São Francisco, nesta Familia Cismontana..., Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1693.

COSTA, António Carvalho da, *Corografia Portugueza, & Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal...*, tomo 2, Lisboa, Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1708.

CRUZ, São João da, *Obras Completas*, edição de Eulogio Pacho, Burgos, Editorial Monte Carmelo, 1998.

DECRETOS E DETERMINACOES DO SAGRADO CONCILIO TRIDENTINO que deuem ser notificadas ao pouo por serem de sua obrigaçam e se hão de publicar nas parochias..., Lisboa, Oficina de Francisco Corrêa, 1564.

EPIFANIA, Manuel da, *Verdadeiro Methodo de Prégar, Praticado em Varias Oraçoens Funebres, Sermoens Panegyricos, e Discursos Moraes de Profissoens Religiosas*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1759.

ESPÍRITO SANTO, José do, *Cadena Mystica Carmelitana, de los Avtores Carmelitas Descalzos, Por quien se há renouado en nuestro siglo la Doctrina de la Theologia Mystica, de que há sido Discipulo de San Pablo, y primero Escritor San Dionisio Aeropagita, antiguo Obispo y Martir.....*, Madrid, Oficina de António Gonçalves de Reis, 1678.

EZQUERRA, José López de, *Lycerna mystica pro directoribus animarum quae omnia prorsus difficilia & obscura quae in dirigendis spiritibus evenire solent, mira dexteritate clarificat. Qua cuncta ad scientiam mysticam necessaria, rerum supernaturalium quidditates, vocationes, causae, & effectus, breviter, & compendiosè clarescunt. Et ad calcem in gratiam directorum brevis manductio practica, iuxta huius voluminis doctrinam typis mandata per quendam presbyterum profectus animarum cupidum*, César Augusto, Junto a Pascácio Bueno, Aragão, 1692.

FIGANIÈRE, Jorge César de, *Bibliographia Historica Portugueza, ou Catalogo Methodico dos Auctores Portuguezes, e de Alguns Estrangeiros Domiciliarios em Portugal, que Trataram da Historia Civil, Politica e Ecclesiastica d'Estes Reinos e seus Dominios, e das Nações Ultramarinas, e Cujas Obras Correm Impressas em Vulgar; Onde Tambem se Apontam Muitos Documentos e Escriptos Anonymos que lhe Dizem Respeito*, Lisboa, Tipografia do Panorama, 1850.

FONTES FRANCISCANAS I – São Francisco de Assis. Escritos, Biografias, Documentos (docs. publicados com tradução, introduções, notas e índices, sob a coordenação de Manuel Marques Novo), Braga, 1994;

FONTES FRANCISCANAS II – Santa Clara de Assis. Escritos. Biografias. Documentos, docs. publicados com tradução, introduções, notas e índices de José António Correia Pereira e María Victoria Treviño, Braga, Editorial Franciscana, 1996;

FONTES FRANCISCANAS III – Santo António de Lisboa, vol. 1 – *Biografias. Sermões*, apresentação de António de Almeida Pinho e

introdução geral por Henrique Pinto Rema, Braga, Editorial Franciscana, 1998; vol. 2 – *Sermões Dominicais, Domingos Depois do Pentecostes*, apresentação de António de Almeida Pinho, introduções por Henrique Pinto Rema, traduções de José Maria da Fonseca Guimarães e de Fernando César Moutinho, Braga, Editorial Franciscana, 1998; vol. 3 – *Sermões Dominicais, Domingos de Advento, Depois da Epifania, Sermões Marianos e Festivos*, apresentação de António de Almeida Pinho, introduções por Henrique Pinto Rema, traduções de Fernando César Moutinho e de Fernando Félix Lopes, Braga, Editorial Franciscana, 1998.

GARCÍA, Gómez, *Carro de dos uidas*, Sevilla, Joannes Pegnicer de Nurenberga, Magno Herbst de Fils, Sevilha, 1500.

GRASSET, R. P., *Vie de Sainte Catherine de Bologne, par le R. P. Grasset, de la Compagnie de Jésus; Traduite du Latim, des Bollandistes, para l'Abbé P., Vicaire-Général d'Evreux*, Clermond-Ferrand, Thibaud-Landriot et Compagnie, 1840.

GUSMÃO, Francisco António Rodrigues de, *Memoria da vida e escriptos do Reverendo Senhor Jose Vicente Gomes de Moura*, Lisboa, Typ. de Antonio Henriques de Pontes, 1854.

IZQUIERDO, Sebastián, *Practica dos Exercicios Espirituaes de Santo Ignacio pelo Padre Sebastiam Izquierdo da Companhia de Jesus. Tradusida pelo Padre Manoel de Coimbra Beneficiado da Madalena Offerecida ao mesmo Inclyto Patriarca Santo Ignacio de Loyola, & a seus Generosos Filhos*, Lisboa, Oficina de João Galvão, 1687.

JESUS, Santa Teresa de, *Obras Completas*, edição manual, transcrição, introduções e notas de Efrén de la Madre de Dios, OCD (†), Otger Steggink, O. Carm (†), Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2012.

JESUS, Soror Maria de, *Psalmos pelas Cinco Letras Iniciaes, de que se Compõem o Santissimo Nome de JESUS*, in “Periodo das Indulgencias do Augustissimo Nome de MARIA”, in *Maria Santissima Mystica Cidade de Deos. Breve Compendio da Vida, e Mystérios de Maria, que nas Obras da Veneravel Madre Soror Maria de Jesus de Agreda se Contêm...*, Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves, 1746.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Chronologica. Na qual se comprehende a Noticia dos Authores*

Portuguezes, e das Obras, que Compuzeraõ desde o Tempo da Ley da Graça, até o Tempo Presente, Lisboa, tomo III, Oficina de Inácio Rodrigues, 1758.

MELO, Francisco Manuel de, *Carta de Guia de Casados*, edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Campo das Letras, 2003.

MENINO JESUS, Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos Soror Isabel do Menino Jesus Abadessa, que foi do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre. Escripta pela mesma venerável religiosa, de mandado de seus Padres espirituais, com outros Tratados Mysticos: prática para o interior das Religiosas do mesmo Mosteiro, em que se encontraõ as muitas mercês, que Deus lhe fez, em ordem á salvaçaõ das almas, com algumas cartas espirituales*, Lisboa, Oficina de José da Costa Coimbra, 1757.

MISSALE ROMANUM, Ex Decreto Sacrosancti Concilij Tridentini Restitutum. Pii V. Pont. Max. Iussum Editum, Antuérpia, Oficina de Christophori Plantini, 1573.

MONTFORT, São Luís Maria Grignon de, *Tratado da Verdadeira Devoçaõ à Santíssima Virgem ou Preparação do Reino de Jesus Cristo*, Lisboa, Editora Solidariedade, 1987.

PACHECO, Simão Cardoso, *Vida e milagres da veneravel Madre Soror Francisca da Conceição, religiosa exemplaríssima do mosteiro de Santa Clara da villa de Trancoso*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1738.

PIMENTEL, Manuel, *Arte Pratica de Navegar & Roteiro das Viagens & Costas Maritimas do Brasil, Guiné, Angola, Indias Orientais e Ocidentaes...*, Lisboa, Oficina de Bernardo da Costa Carvalho, 1699.

RIBERA, Francisco de, *La Vida de Santa Tereza de Iesús, Fundadora de las Descalças y Descalços Carmelitas*, Salamanca, 1590.

ROJAS, Francisco de, *Anales de la Orden de los Menores, donde se tratan las cosas mas memorables de personas insignes en santidade, y letras de las tres Ordenes que insttvyo sv gran fyndador San Francisco. Divididos en dos tomos*, Valência, Casa de los Herederos de Juan Chrisostomo Garris, 1652, vol. I.

SAMPAYO, António de Villas Boas e, *Nobiliarchia Portugueza. Tratado da Nobreza Hereditaria e Politica*, Lisboa, Oficina de Filipe de Sousa Vilela, 1728.

SANTA FACE, Santa Teresa do Menino Jesus e da, *Obras Completas. Textos e Últimas Palavras*, traduzidas por Maria da Piedade Pádua Urbano, Nicole Devy, Jorge Vaz, OCD, Paço de Arcos, Edições Carmelo, 1996.

SANTA MARIA, Agostinho de, *Santuário Mariano, e Historia das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, e das Milagrosamente Aparecidas, que se Veneraõ...*, tomo III, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão, 1711.

SEPULCRO, Manuel do, *Rosa Franciscana: Tratado da Prodigiosa Vida de Santa Rosa de Viterbo Filha Professa da Veneravel Ordem Terceira de Nosso Padre Seraphico São Francisco*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues d'Abreu, 1673.

SILVA, António de Moraes, *Dicionário da Língua Portuguesa. 7.ª Edição Melhorada, e Muito Accrescentada com Grande Numero de Termos Novos Usados no Brasil e no Portuguez da India*, Lisboa, Tipografia de Joaquim Germano de Sousa Neves – Editor, 1877.

SILVA, Inocêncio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, , tomo VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862.

SOTTO MAIOR, Diogo Pereira de, *Tratado da Cidade de Portalegre*, introdução e notas de Leonel Cardoso Martins, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Câmara Municipal de Portalegre, 1982.

TORRES, Pedro de, *São Joze' por Pay de Deos Filho Pay dos Filhos de Deos. Discurso Extrahido das Excellencias de Saõ Joze'...*, Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves, 1755.

TRINDADE, Luiz, *Catalogo da Livraria do Fallecido Distincto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno do Corpo de Architectos do Ministerio das Obras Publicas, Academico da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, e Cavaleiro do Habito de Christo. Redigido por Luiz Trindade...*, Lisboa, Empresa Editora de Francisco Artur da Silva, 1897.

VENCIMENTO, Caetano do, *Fragmentos da Prodigiosa Uida da Uenerauel Madre Marianna da Purificação Ordenados pelo Muito Reverendo Padre Frei Caetano do Uencimento Dados á Luz pelo Muito Reverendo Padre Joam Duarte*, Lisboa, Oficina de António da Silva, 1747.

VIEIRA, António, *Obra Completa*, direcção de José Eduardo Franco, Pedro Calafate, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, tomo II, vol. VIII – Sermões do Rosário Maria Rosa Mística I, coordenação de Carlos Maduro, José Paulo Leite de Abreu.

VILLACASTÍN, Tomás de, *Manual de Exercícios Espirituaes, Para ter Oração Mental em Todo o Decurso do Anno. Composto em Castellano pelo Padre Thomaz de Villa Castin, da Companhia de Jesus, e Agora Traduzido em Portuguez*, Lisboa Ocidental, Oficina de Domingos Gonçalves, 1739.

FONTES ICONOGRÁFICAS

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

BNP, *Retratos de Cardeaes, Bispos, e Varoens Portuguezes Illustres em Nobreza, Armas, Letras, e Santidade Coordenados nos Mezes de Abril e Maio do Anno do Senhor 1791*, cota E. A. 4. A.

SOARES, Ernesto, *Inventário da Coleção de Estampas da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Série Preta, vol. 1, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1975.

Museu Municipal de Portalegre (MMP)

MMP, Inventário: Objectos, “Cristo Flagelado (Senhor da Cana Verde)”, escultura em madeira policromada, medidas: 157, 50 cm x 32, 00 cm x 38, 50 cm, séc. XVII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 0009/0004.E.

MMP, Inventário: Objectos, “Menino Jesus Palrador”, escultura em madeira policromada, 41, 89 cm x 10, 40 cm x 27, 60 cm, séc. XVIII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 2513/0470.

MMP, Inventário: Objectos, “Senhor da Paciência”, escultura em barro policromado, medidas: 81cm x 56,7 cm x 36 cm, séc. XVIII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 0964/0319.E.

Sociedade Martins Sarmiento (SMS)

SMS, “Vera Effigies da V. Soror Izabel do Menino Jesus”, in Coleção de Gravuras da Sociedade Martins Sarmiento, Inventário n.º Grav1110I.1290, Registo n.º 1290, Catálogo n.º I-1110.

OBRAS DE REFERÊNCIA

Mística, ascética, espiritualidade

ANCILLI, Ermanno, *Diccionario de Espiritualidad*, tomo II, Barcelona, Editorial Herder, 1983.

ANDRÉS MARTÍN, Melquíades, “Carro de Dos Vidas (1500). Primer Tratado Español de Mística de la Edad de Oro”, in *Revista Burgense*, Burgos, 1982, vol. 23, n.º 2.

ANDRÉS MARTÍN, Melquíades, *Historia de la Mística de la Edad del Oro en España y América*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.

APETREI, Sarah, “Mysticism and Feminism in Seventeenth Century”, in *The Way*, n.º 46/4, Oxford, 2007, pp. 48-69.

AZEVEDO, Carlos de Moreira (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.

BALLTRONDE PLA, Monica, *Éxtasis y Visiones. La Experiencia Contemplativa de Teresa de Ávila*, Vilafranca del Penedes, Erasmus Ediciones, 2012.

BEINAERT, Loius, Outros, *Études Carmélitaines. Direction Spirituelle et Psychologie*, Bruges, Desclée, de Brouwer et Cie., 1951.

BELCCHIOR, Maria de Lourdes, José Adriano Freitas de Carvalho, Fernando Cristóvão (org.), *Antologia de Espirituais Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

BELL, Rudolph, *La Santa Anorexia. Digiuno e Misticismo dal Medioevo a Oggi*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1987.

CERTEAU, Michel de, *La Fable Mystique*, vol. I – XVIe-XVIIe Siècle, Paris, Editions Gallimard, 1982.

COSTA, Dalila L. Pereira da, *Místicos Portugueses do Século XVI*, Porto, Livraria Chardon de Lello & Irmão – Editores, 1986.

DENZINGER, Enrique, *El Magisterio de la Iglesia. Manual de los Símbolos, Definiciones y Declaraciones de la Iglesia en Materia de Fe y Costumbres*, versão directa dos textos originais por Daniel Ruiz Bueno, Barcelona, Editorial Herder, 1961.

- DIAS, José Sebastião da Silva, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal Séculos XVI a XVIII*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960.
- DRIESCH, Johann von den, *A Contrição Perfeita. Uma Chave de Ouro para o Céu*, Baía, Tipografia de São Francisco, 1913.
- GARRIGIOU-LAGRANGE, Reginaud, *Traité Ascétique et Mystique. Les Trois Ages de la Vie Interieure. Prélude de Celle du Ciel*, Paris, Éditions du Cerf, 1938.
- GRANQVIST, P., M. Larsson, “Contribution of Religiousness in the Prediction and Interpretation of Mystical Experiences in a Sensory Deprivation Context. Activation of Religious Schemas”, in *The Journal of Psychology Interdisciplinary and Applied*, vol. 140, 2006, pp. 319-227.
- MAGALHÃES, Eugénia, *Mística e Psicanálise. Experiências do Desejo e do Amor do Absoluto*, Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2015.
- MINOIS, Georges, *Histoire des Enfers*, Paris, Fayard, 1991.
- MURANO, Luisa, *Lingua materna, scienza divina. Scritti sulla filosofia mistica di Margherita Porete*, Nápoles, D'Auria, 1995.
- OLIVEIRA, Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, [Mem Martins], Europa-América, 1994.
- PABLO MAROTO, Daniel de, *Espiritualidad de la Baja Edad Media (Siglos XIII-XIV)*, Madrid, Editorial de Espiritualidad, 2000.
- PABLO MAROTO, Daniel de, *Espiritualidad Española del Siglo XVI*, vol. I – Los Reyes Católicos, Madrid, Editorial de Espiritualidad, 2012.
- RIBEIRO, António, “O ‘Parto Místico’: Uma Abordagem Indiciária”, in *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n.º 18, Lisboa, 2006.
- TANQUEREY, Adolphe, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística* (trad. do Padre Dr. João Ferreira Fontes, autorizada pelo autor e pelo editor), Porto, Livraria Apostolado da Oração, 1955.
- VELASCO, Juan Martín, *El Fenómeno Místico. Estudio Comparado*, Madrid, Editorial Trotta, 1999.
- VILLER, Marcel (direc.), *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, tomo 1, Paris, Gabriel Beauchesne et ses Fils, 1938.

Vida conventual e escrita feminina

ANASTÁCIO, Vanda (Org.), *Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*, Lisboa, Relógio d'Água, 2013.

ANASTÁCIO, Vanda, *Cartas de Lília a Tirse (1771-1777)*, Lisboa, Edições Colibri, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2007.

ARENAL, Electra, Stacey Schlau, “Leyendo yo y Escrebiendo Ella: the Convent as Intellectual Community”, in *Journal of Hispanic Philology*, n.º 13, Tallahassee, Florida State University, Department of Modern Languages and Linguistics, 1989.

ATIENZA LÓPEZ, Ángela, *Tiempos de Conventos. Una Historia Social de las Fundaciones en la España Moderna*, Madrid, Marcial Pons/Universidad de la Rioja, 2008.

AUGUSTO, Sara, “No Reino da Ficção: o Espaço e a Literatura Conventuais”, in *Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-Americano*, Ouro Preto, 2006.

BARANDA LETURIO, Nieves, María Carmen Marín Pina, “El Universo de la Escritura Conventual Femenina: Deslindes e Perspectivas”, in Nieves Baranda Leturio, María Carmen Marín Pina (eds.), *Letras en la Celda. Cultura Escrita en los Conventos Femeninos en la España Moderna*, Madrid, Ibero-Americana, Vervuert, 2014.

BARATA, Paulo J. S., “As Livrarias dos Mosteiros e Conventos Femininos Portugueses Após a sua Extinção: uma Aproximação a uma História por Fazer”, in *Lusitania Sacra*, n.º 24, Lisboa, 2011, pp. 125-152.

BARATA, Paulo J. S., *Os Livros e o Liberalismo: da Livraria Conventual à Biblioteca Pública*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2003.

BERNARDO, Bonifácio dos Santos, “Fundação e Espírito do Beatério ou Recolhimento de São Brás do Bonfim, em Portalegre”, in *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, n.º. 7, nova série, Póvoa de Santo Adrião, 1992, pp. 35-49.

BRAGA, Isabel M. R. Drumond, “Vaidades nos Conventos Femininos ou das Dificuldades em Deixar a Vida Mundana (Sécs. XVII-XVIII) ”, in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 10, Coimbra, 2010, pp. 305-322.

CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, “Espólios das Extintas Livrarias Religiosas nas Coleções da Biblioteca Nacional de Portugal: um (Re)encontro”, in Filipa Medeiros, Armanda Salgado, Paula Rosa, Bruno Almeida (orgs.), *Acervos Patrimoniais. Novas Perspectivas e Abordagens*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2012, pp. 59-75.

CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, “Vidas Exemplares Femininas nas Leituras do Convento de Santo Alberto (Século XVIII)”, in João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade, Tiago Pires Marques (Coord.), *Vozes da Vida Religiosa Feminina. Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2015, pp. 107-138.

CARRIÓN, María M., “Grietas en la Pared (letrada) de Teresa de Jesús. Lecturas Críticas de Cuerpo Femenino, su Espacio y el Canon Literario”, in Iris Zabala (coord.), *Breve Historia Feminista de la Literatura Española (en Lengua Castellana)*, tomo IV, Barcelona, Anthropos, 1997, pp. 147-148;

CARVALHO, José Adriano de Freitas, “Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura entre Franciscanas e Clarissas em Portugal no Século XVII”, in *Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n.º 4, Porto, 1997, pp.7-56.

CONDE, Antónia Fialho, “Expressões de Religiosidade e Misticismo no *Jardim Fresco e Ameno* de S. Bento de Cástris”, João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade, Tiago Pires Marques (Coord.), *Vozes da Vida Religiosa Feminina. Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Centro de Estudos de História Religiosa, 2015.

CONDE, Antónia Fialho, “Modelos em Vida, Paradigmas na Morte: a Construção da Perfeita Religiosa em Portugal”, in Maria Marta Lobo de Araújo, Alexandra Esteves, Ricardo Silva, José Abílio Braga Coelho (coord.), *Sociabilidades na Vida e na Morte (Séculos XVI-XX)*, Braga, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014, pp. 455-468.

COUTO, Anabela Galhardo (org.) *Gli Abiti Neri. Letteratura Femminile del Barocco Portoghese*, Roma, Il Filo, 2017.

- COUTO, Anabela Galhardo, “Dimensões da Alteridade em Autobiografias Espirituais Femininas em Portugal (Séculos XVII-XVIII)”, in *Revista de Escritoras Ibéricas*, n.º 3, Madrid, 2015, pp. 81-100.
- COUTO, Anabela Galhardo, “Travelling Through Words: Reinventing a Heritage of the Imaginary and of the Affections”, in Silvia Caporale Bizzini, Melita Richter Malabotta (eds.), *Teaching Subjectivity. Travelling Serves for Feminist Pedagogy*, Utrech, Athena, 2009, pp. 121-139.
- CUNHA, Mafalda Ferin, *A "Fiel e verdadeyra relação que dá dos sucessos de sua vida a creatura mais ingrata a seu Creado..."*. *Um Género, um Texto Único*, tese de mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas, Universidade Nova de Lisboa, 1992.
- ELDFELDT, Chatarina, *Uma História na História. Representações da Autoria Feminina na História da Literatura Portuguesa no Século XX*, Estocolmo, Universidade de Estocolmo, 2005.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, “Recordar os ‘Santos Vivos’: Leituras e Práticas Devotas nas Primeiras Décadas do Século XVII Português”, in *Via Spiritus*, vol. I, Porto, Universidade de Porto, 1994.
- FRANCO, José Eduardo (direc.), *Dicionário Família Franciscana em Portugal. Ordens e Outras Formas de Vida Consagrada*, Cascais, Lucerna, 2015.
- FRANCO, José Eduardo (direc.), *O Esplendor da Austeridade. Mil Anos de Empreendedorismo das Ordens e Congregações em Portugal: Arte, Cultura e Solidariedade*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.
- FRANCO, José Eduardo, Paulo de Assunção, *As Metamorfoses de Um Polvo. Religião e Política nos Regimentos da Inquisição Portuguesa (Séc. XVI-XIX). Estudo Introdutório e Edição Integral dos Regimentos da Inquisição*, Lisboa, Editora Prefácio, 2004.
- GIURGEVICH, Luana, Henrique Leitão, *Clavis Bibliothecarum. Catálogos e Inventários de Livrarias de Instituições Religiosas em Portugal até 1834*, Lisboa, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.
- HERPOEL, Sonja, *A la Zaga de Santa Teresa. Autobiografías por Mandato*, Amsterdão, Atalanta, Editions Rodopi, 1999.

- HUERTA ROMÁN, Pilar, *El Telar de la Palabra. Ecos Bíblicos en la Autobiografía Teresiana*, Editorial de Espiritualidad, Madrid, 2013.
- IRIGARAY, Luce, “Toward a Divine in the Feminine”, in Gillian Howie (ed.), *Women and the Divine. Touching Transcendence*, Nova Iorque, Palgrave MacMillan, pp. 13-26.
- IRIGARAY, Luce, *Speculum de l’Autre Femme*, Paris, Éditions de Minuit, 1974.
- KLOBUKA, Anna, “Sobre a Hipótese de uma *Herstory* da Literatura Portuguesa”, in *Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n.º 10, Santiago de Compostela, 2008, pp. 13-25.
- LANZETTA, Bervely J., *Radical Wisdom. A Feminist Mystical Theology*, Fortress Press, Minneapolis, 2005;
- LAVRIN, Asunción, Rosalva Loreto, *Monjas e Beatas. La Escritura Femenina en la Espiritualidad Barroca Novohispana. Siglos XVII y XVIII*, México, Universidad de las Américas/Archivo General de la Nación, 2012.
- LÁZARO, Alice, *A Escada de Jacob. Cartas Íntimas de Soror Clara do Santíssimo Sacramento (Antónia Margarida de Castelo Branco) para D. João de Sousa e Outras Afins (1677-1714)*, Lisboa, Chiado Editora, 2014.
- MATTOSO, José, Maria do Carmo Jasmim Dias Farinha (coord.), *Inventário das Ordens Monástico/Conventuais. Ordem de São Bento. Ordem do Carmo. Ordem dos Carmelitas Descalços. Ordem dos Frades Menores. Ordem da Conceição de Maria*, Lisboa, Instituto do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Direcção do Serviço de Arquivística, 2012.
- MENDES, Paula Almeida, “Entre a Apredizagem da Santidade e a Predestinação Divina. Algumas Notas Sobre a Infância e a Adolescência em ‘Vidas’ de Religiosas Portuguesas (Séculos XVII e XVIII)”, in *Via Spiritus*, n.º 19, Porto, 2012, pp. 123-143.
- MENDES, Paula Almeida, “Leia estas cartas que nelas verá debuxado seu fervoroso espírito.” Sobre Algumas Cartas Espirituais e Directivas de Religiosos Portugueses (Séculos XVI-XVII)”, in *Via Spiritus*, n.º 21, Porto, 2014, pp. 57-74.
- MENDES, Paula Almeida, “*Por aqui se vem retratados os passos por onde se caminha para o Ceo*”. *A Escrita e a Edição de “Vidas” de Santos*

- e de “*Vidas*” *Devotas em Portugal (Sécs. XVI a XVIII)*, dissertação de doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013.
- MOLINER, José María, *San Juan de la Cruz. Su Presencia Mística y su Escuela Poética*, Madrid, Ediciones Palabra, Arcabuz, 2008.
- MONTERO ALCÓN, Alma, *Monjas Coronadas. Profesión y Muerte en Hispanoamérica Virreinal*, Cidade do México, Instituto Nacional de Antropología e Historia & Asociación de Amigos del Museo Nacional del Virreinato, 2008.
- MORUJÃO, Isabel, “Entre a Voz e o Silêncio: Literatura e Espiritualidade nos Mosteiros Femininos”, in *Rever*, ano 11, n.º 1, Janeiro-Junho de 2011.
- MORUJÃO, Isabel, “Livros e Leituras na Clausura de Setecentos”, in *Revista da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”*, n.º XIX, Porto, 2002.
- MORUJÃO, Isabel, “Morrer ao Pé da Letra: Relatos de Morte na Clausura Feminina Portuguesa”, in *Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Pensamento Religioso*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008, n.º 15, pp.163-194.
- MORUJÃO, Isabel, “Um Epistolário Português de Clarissa: Contributo para a Reconstituição de um Património Esquecido”, in Manuel Peláez del Rosal (ed.), *Actas. III Congreso Internacional Sobre el Franciscanismo en la Península Ibérica. El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su Legado (1214-2014)*, Córdoba, El Amendo, 2012.
- MORUJÃO, Isabel, *Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina dos Sécs. XVII e XVIII (Impressos)*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 1995.
- MORUJÃO, Isabel, *Por Trás da Grade. Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013.
- NUNES, Eduardo Borges, *Álbum de Paleografia Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos de História anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1969.

PINA, Fernando Correia, *Os Ramos Secos, Notas Biográficas e Genealógicas das Religiosas do Convento de Santa Clara de Portalegre (1654-1829)*, Portalegre, edição de autor, 2010.

POUTRIN, Isabelle, “¿Para qué Servían los Libros de Revelaciones de Mujeres? Deleites Místicos, Movimentación Católica y Entretenimiento Devoto en la España Barroca”, in Nieves Baranda Leturio, María Carmen Marín Pina, “El Universo de la Escritura Conventual Femenina: Deslindes e Perspectivas”, in Nieves Baranda Leturio, María Carmen Marín Pina (eds.), *Letras en la Celda. Cultura Escrita en los Conventos Femeninos en la España Moderna*, Madrid, Ibero-Americana, Vervuert, pp. 147-158.

POUTRIN, Isabelle, *Le Voile et la Plume. Autobiographie et Sainteté Féminine dans l'Espagne Moderne*, Madrid, Casa de Velázquez, 1995.

RANGEL, Leonardo Coutinho de Carvalho, “Livro Dentro dos Muros: o Caso de Madre Brígida de Santo António (1576-1655)”, in *Via Spiritus*, n.º 18, Porto, 2011, pp. 55-81.

REMA, Henrique Pinto, “Ministros Provinciais da Província Franciscana dos Algarves (1532-1844)”, in *Itinerarium. Revista Quadrimestral de Cultura Publicada pelos Franciscanos de Portugal*, Ano L, n.º 178-179, Lisboa, 2004.

ROMAGNOLI, Alexandra Bartolomei, “El Tema del Cuerpo como Herramienta en la Mística Femenina Medieval”, in Maria Chiapa (coord.), *El Dulce Canto del Corazón. Mujeres Místicas, Desde Hildegarda a Simon Weil*, Madrid, Narcea, 2006, pp. 39-66.

SÁ, Isabel dos Guimarães, “A Vida em Clausura: os Conventos Femininos de Clarissas”, in José Mattoso (direc.), Nuno Gonçalo Monteiro (coord.), *História da Vida Privada em Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011, pp. 277-286.

SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, María Leticia, “Mariana de San José y sus ‘Cuentas de Conciencia’: Género Literario y Experiencia Mística”, in Javier Burrieza Sánchez (ed.), *El Alma de las Mujeres. Ámbitos de la Espiritualidad Femenina en la Modernidad (Siglos XVI-XVIII)*, Valhadolide, Universidad de Valladolid, 2015, p. 39-72.

SÁNCHEZ LORA, José L., *Mujeres, Conventos e Formas de Religiosidad Barroca*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1988.

SANTOS, Zulmira C., “Escrita Conventual Feminina: um ‘Arquipélago Submerso’. Apenas Algumas Notas”, in João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade, Tiago Pires Marques (coord.), *Vozes da Vida Religiosa Feminina. Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, pp.23-29.

SANTOS, Zulmira C., “Produção Historiográfica Portuguesa Sobre a História Religiosa”, in *Lusitania Sacra*, 2.^a Série, 21, Porto, 2009

SANTOS, Zulmira C., Paula Almeida Mendes, “Apontamentos para a Direcção Espiritual na Época Moderna em Portugal (Séculos XVI-XVIII)”, in *Via Spiritus*, n.º 22, Porto, 2015, pp. 5-16.

SANTOS, Zulmira C., Paula Almeida Mendes, Inês Nemésio, *Fontes para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna*, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2013.

SCHUTTE, Anne Jacobson, “Un Caso di Santità Affetata: l’Autobiografia di Cecilia Ferrazzi”, in Gabriella Zarri (org.), *Finzione e Santità. Tra Medioevo ed Età Moderna*, Turim, Rosenberg & Sellier, 1991, pp. 329-342.

SERRADO, Joana, “Joana de Jesus (1617-1681): Ânrias Amorasas e Leituras Bíblicas”, in João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade, Tiago Pires Marques (coord.), *Vozes da Vida Religiosa Feminina. Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2015, pp. 49-62.

SILVA, Ricardo Manuel Alves da, *Casar com Deus: Vivências Religiosas e Espirituais Femininas na Braga Moderna*, tese de doutoramento, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2011, pp. 383-443.

SOUSA, Bernardo de Vasconcelos e (Direc.), *Ordens religiosas em Portugal. Das Origens a Trento. Guia Histórico*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

SOUSA, Cristina Maria André de Pina e, Saúl António Gomes, *Intimidade e Encanto. O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Cós (Alcobaça)*, Leiria, Edições Magno, 1998.

VIFORCOS MARINAS Marinas, María Isabel, Rosalva Loreto López (coords.), *Historias Compartidas. Religiosidad y Reclusión Femenina en España, Portugal y América. Siglos XV-XIX*, Leão, Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades Alfonso Vélez Pliego, Universidad de León & Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2007.

WEBER, Alison, *Teresa of Avila and the Retic of Femenity*, Nova Jersey, Princeton University Press, 1990.

ZARRI, Gabriella, *Le Santi Vive. Profezie di Corte e Devozione Femminile Tra '400 e ' 500*, Turim, Rosemberg & Sellier, 2000.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

ABECASSIS, José Maria, *Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar. Sécs. XVII a XX*, vol. III, Lisboa, Gabay-Serfaty, 1991.

ALORNA, Marquesa de, *Obras Poéticas. Antologia*, fixação do texto, selecção e estudos introdutórios de Vanda Anastácio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015.

ANASTÁCIO, Vanda, *A Marquesa de Alorna (1750-1839). Estudos*, Lisboa, Prefácio Editores, 2009.

ANDRADE, António Alberto de, *Vernei e a Cultura do seu Tempo*, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1965.

ANSELMO, Artur, “Aspectos do mercado livreiro em Portugal nos séculos XVI e XVII” in *Livros e Mentalidades*, Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

ANSELMO, Artur, “O livro português na época de D. João V” in *Estudos de História do Livro*, Lisboa: Guimarães, 1997.

ARAÚJO, Maria Augusta, “Gravadores Estrangeiros na Corte de D. João V”, in *III Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (APHA)*, Lisboa, APHA, 2006.

ARREDONDO, María Soledad, Pierre Civil, Michel Moner (eds.), *Paratextos en la Literatura Española (Siglos XV-XVIII)*, Madrid, Casa de Velásquez, 2009.

- AZAMBUJA, Sónia Talhé, *A Linguagem Simbólica da Natureza. A Fauna e a Flora na Pintura Seiscentista Portuguesa*, Lisboa, Vega, 2009.
- BAHBA, Homi K., *The Location of Culture*, Londres, Routledge, 1994.
- BARBAS, Helena, *Madalena – História e Mito*, Lisboa, Edições Ésquilo, 2008.
- BEAUFAYS, Ignace, *Sainte Rose de Viterbe. Propagandiste de l' A. C.*, Bruxelas, Ed. du Chant d'Oiseau, 1937.
- BELMONTE DÍAZ, José, *Judeoconversos Hispanos. La Cultura*, Bilbao, Ediciones Beta III Milenio, S. L., 2010.
- BETHENCOURT, Francisco, “Rejeições e Polémicas”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco
- BRAGA, Isabel Drumond, “Judeus e Cristãos-novos: os que Chegam e os que Partem”, in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Beneviste, n.º 5, 2005, pp. 9-27.
- BOUZA, Fernando, *Corre Manuscrito. Una Historia Cultural el Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001.
- BRAGA, Isabel M. R. M. Drumond, Paulo Drumond Braga, “As jóias de D. Pedro e D. Maria, Príncipes do Brasil, em 1765: cor, brilho e exotismo na corte”, in *Rumos e Escrita da História, Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Lisboa, Colibri, 2017, pp. 290-291.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond, Paulo Drumond Braga, “Um Solicitante na Inquisição de Coimbra no século XVII: o Padre António Dias”, in *Vértice*, 2.ª série, n.º 66, Lisboa, 1995, pp. 97-100.
- BRAGA, Paulo Drumond, *A Rainha Discreta. Mariana Vitória de Bourbon*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014.
- BRAGA, Paulo Drumond, *D. Maria (1521-1577). Uma Infanta no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Edições Colibri, 2012.
- BUESCU, Ana Isabel Carvalhão, “Aspectos do Bilinguismo Português-castelhano na Época Moderna”, in *Hispania* LXIV/1, n.º 216, 2004.
- BUESCU, Ana Isabel Carvalhão, *Memória y Poder. Ensaio de História Cultural (séculos XV-XVIII)*, Lisboa, Edições Cosmos, 2000.
- BUTIÑA, Francisco, *Pombal y Malagrida. Persecución Anti-Jesuítica en Portugal*, Barcelona, Imprenta de Francisco Rosal y Vancell, 1902.

- BUTIÑA, Francisco, *Vida del P. Gabriel Malagrida de la Compañía de Jesús, quemado como hereje por el Marqués de Pombal*. Barcelona, Imp. de Francisco Rosal y Vancell, 1886.
- CAETANO, Joaquim Oliveira, “Josefa de Ayala (1630-1684): Pintora e Donzela Emancipada”, in *Josefa de Óbidos e a Invenção do Barroco*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2015, pp. 61-87.
- CARMELO DE COIMBRA, *Um Caminho sob o Olhar de Maria. Biografia da Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado OCD*, Marco de Canaveses, Edições do Carmelo, 2013.
- CARVALHO, Rosário Salema de, “A Renovação do Conteúdo Funerário e Outras Iconografias. O Programa Azulejar de Época Barroca, na Igreja do Convento de São Bernardo de Portalegre”, in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre* (nova série), n.º 15, 2008, pp. 67-96.
- CASTELLI, Francesco, *Autobiografia Secreta. Padre Pio sob Investigação*, Prior Velho, Paulus, 2009.
- CASTRO, Ivo, Maria Ana Ramos, “Estratégia e tática da transcrição”, in *Actes du Colloque Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Centre Culturel Portugais/ Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp.99-122.
- CHARTIER, Roger, *A Ordem dos Livros*, Lisboa, Veja, 1997.
- CLEMENTE, Manuel, *Igreja e Sociedade Portuguesa. Do Liberalismo à República*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012.
- COELHO, Possidónio Mateus Laranjo, “Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide”, in *O Instituto. Jornal científico e litterario*, vol. CXVI, 1954, pp. 378-463.
- COELHO, Possidónio Mateus Laranjo, *Terras de Odiana. Medobriga. Ammaia. Aramenha. Marvão*, 2.^a ed., revista e anotada por Diamantino Sanches Trindade, Póvoa de Santo Adrião, Câmaras Municipais de Castelo de Vide e Marvão, 1987.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima (O Segredo). Primeira e Segunda Parte. Texto Manuscrito e Transcrição. Terceira Parte. Texto Manuscrito e Transcrição. Comentário Teológico do Cardeal Joseph Ratzinger*, Apelação, Paulis Editora, 2000.

- CORAÇÃO IMACULADO, Irmã Maria Lúcia de Jesus e do, *Como Vejo a Mensagem Através dos Tempos e dos Acontecimentos*, Coimbra, Carmelo de Coimbra e Secretariado dos Pastorinhos, 2006.
- CORREIA, Carlos Alberto Calinas, *A Arte de Navegar de Manoel Pimentel (as Edições de 1699 e 1712)*, dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.
- COUTINHO, Marcus Odilon Ribeiro, *O Livro Proibido do Padre Malagrida*, João Pessoa, Unigraf, 1986.
- CRUZ, Anne J., Mari Elisabeth Perry (eds.), *Culture and Control in Counter-Reformation Spain*, Mineápolis, University of Minnesota Press, 1992, pp. 171-195;
- CUNHA, Fernando de Castro Pereira Mouzinho de Albuquerque e, *Mouzinho de Albuquerque. História e Genealogia*, vol. III, Cascais, Edição de Autor, 1971.
- DUARTE, Luís Fagundes, “A Edição de Correspondência: Questões de Crítica Textual”, in Vanda Anastácio (coord.), *Correspondências (Usos da Carta no Século XVIII)*, Lisboa, Colibri-Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005, pp. 11-23.
- DUQUE, José Félix, “Soror Isabel do Menino Jesus (1673-1752) por Michel Le Boteaux. O Retrato de uma Escritora Santa”, in *Invenire. Revista do Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja*, n.º 3, Lisboa, 2011.
- DUQUE, José Félix, *O Fuso e a Trama. Santa Beatriz da Silva e a Fundação da Ordem da Imaculada Conceição (Séculos XV e XVI)*, Maia, Cosmorama Edições, 2013.
- DUQUE, José Félix, *Santa Beatriz de Silva. Fundadora de la Orden de la Inmaculada Concepción. Nueva Biografía*, preâmbulo de José Francisco Sanches Alves, Arcebispo de Évora; prefácio de Javier Unanue Urrestarazu, Maia, Edições Cosmorama, 2015.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa. Seguido de Ensaio sobre a Toponímia Antiga*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.
- FARIA, Francisco Leite de, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal. VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara 1193/94-1993/94*, Lisboa,

Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, “Modelos Comportamentais e Solidão Feminina (Séculos XVI-XVIII)”, in *Faces de Eva. Estudos Sobre a Mulher*, 1999, n.º 1-2, pp. 51-86.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, “Os Primeiros Impulsos de Reforma das Ordens Religiosas”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. pp. 15-38.

FRANCO, Anísio, Outros (coord.), *Josefa de Óbidos e a Invenção do Barroco Português. Museu Nacional de Arte Antiga. 15 de Maio ~ 6 de de setembro de 2015*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2015.

FREITAS, Jorge Penim de, *O Combatente durante a Guerra da Restauração. Vivência e comportamentos dos militares ao serviço da Coroa portuguesa*, Lisboa, Prefácio, 2007.

GASPAR, João Gonçalves, *A Princesa Santa Joana e a Sua Época (1452-1492)*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1988.

GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras, *Nobiliário das Famílias de Portugal*, vol. II, Braga, Carvalhos de Basto, 1989.

GORBY, Ivan, *Saint François d’Assise et l’Esprit Franciscain*, Sem lugar, Éditions du Seuil, 2001.

GOULARD, Artur (coord.), *Tesouros de Arte e Devoção. Exposição de Arte Sacra. 5 de Dezembro de 2003 a 25 de Abril de 2004*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2014.

GOUVEIA, António Camões, “A Sacramentalização dos Ritos de Passagem”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. 49-93.

GOUVEIA, António Camões, “Procissões”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. 334-345.

- GOUVEIA, Jaime Ricardo Teixeira, *O Sagrado e o Profano em Choque no Confessionário. O Delito de Solicitação no Tribunal da Inquisição. Portugal 1551-1700*, dissertação de mestrado, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006.
- GRÉSILLON, Almuth, *Eléments de Critique Génétique: Lire les Manuscrits Modernes*, Paris, PUF, 1994.
- KOWASLKA, Santa Maria Faustina, *Diário. A Misericórdia Divina na Minha Alma*, trad. e coord. Estanislau K. Szymasni e Carlos Henrique do Carmo Silva, Fátima, Marianos da Imaculada Conceição, 1995.
- LALANDA, Maria Margarida de Sá Nogueira, “Considerações Históricas Sobre a Madre Teresa da Anunciada”, in *Revista Arquipélago-História*, 2.^a Série, vol. IX, Ponta Delgada, 2005, pp. 275-308.
- LALANDA, Maria Margarida de Sá Nogueira, *O Senhor Santo Cristo*, Porto, Ver Açor, 2007.
- LE MONASTÈRE DE PARAY-LE-MONIAL. *Vie de Sainte Marguerite-Marie Alacoque, de l'Ordre de la Visitation Sainte-Marie*, Paris, Ancienne Librairie Poussielgue J. de Gigord, 1923.
- LIMA, Lana Lage da Gama, “Guardiães da Penitência: o Santo Ofício Português e a Punição dos Solicitantes”, in *Inquisição. Ensaios sobre Mentalidade, Heresias e Arte*, org. Anita Novinsky, Maria Luiza Tucci Carneiro, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992, pp. 739-749.
- LLOBET FRASQUET, Josep, “El Elemento Judío en la Repoblación del Siglo XVII en Altea y las Marinas”, in *Sarrià. Revista d'Investigació i Assaig de la Marina Baixa* (nova época), Vilajoiosa, Associació d'Estudis de la Marina Baixa, 2009, n.º 1, pp.6-17.
- LOPES, Maria Antónia, “Escritores e Animais: Vivências, Representações e Sentimentos (do Barroco ao Naturalismo)”, in Isabel Drumond Braga, Paulo Drumond Braga (coord.), *Animais na História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2015, pp. 437-483.
- MACHADO, J. Liberata, Sérgio Gorjão, “O Actual Concelho de Marvão e Suas Freguesias nas Memórias Paroquiais de 1758”, in *Ibn Maruán. Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 3, Marvão, 1993.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro de, *O Sexo dos Textos e Outras Leituras*, Lisboa, Caminho, 1995.

- MARQUES, João Francisco, “A Renovação das Práticas Devocionais”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma, op. cit.*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. 577-581.
- MARQUES, João Francisco, “Os Itinerários da Santidade: Milagres, Relíquias e Devoções”, in Carlos Moreira Azevedo (direc.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – João Francisco Marques, António Camões Gouveia (coord.), *Humanismos e Reforma*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. 359-365.
- MARQUILHAS, Rita, *A Faculdade das Letras*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.
- MARTINS, Anacleto Pires da Silva, *Portalegre. Castelo Branco. Património. Pessoas. Casos*, Portalegre, Cabido da Sé de Portalegre, 2008.
- MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan, *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005.
- MENDES, Isabel Maria Ribeiro, “Elementos para o Estudo da Crença no Demónio na Época Moderna”, in *Revista de Ciências Históricas*, Porto, Universidade Portucalense Infante Dom Henrique, 1989, vol. IV, pp.273-279.
- MENDES, Paula Almeida, “A Partilha do Espírito em Portugal nos Séculos XVI e XVIII: Entre Práticas Devotas e Redes Familiares”, in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, 2012, IV Série, vol. 2, pp. 97-106.
- NAVARRETE PRIETO, Benito, *La Pintura Andaluza del Siglo XVIII y sus Fuentes Grabadas*, Madrid, Fundación de Apoyo a la Historia del Arte Hispánico, 1998.
- NUNES, Pedro Miguel Oliveira, *Santos, Demónios e Pecadores. Do Horror do Pecado ao Milagre da Santificação*, s/ lugar, PearlBooks, 2011.
- OLIVAL, Fernanda, “Marvão, uma Vila Guardiã da Fronteira (Sécs. XVI-XVIII)”, in *Marvão. Estudos e Documentos de Apoio à Candidatura a Património Mundial* (coord. Jorge de Oliveira), Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Marvão, 2014.

OLIVAL, Fernanda, “Os lugares e Espaços do Privado nos Grupos Populares e Intermédios”, in José Mattoso (direc.), Nuno Gonçalo Monteiro (coord.), *História da Vida Privada em Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011.

PAIVA, José Pedro, “Missões, Directores de Consciência, Exercícios Espirituais e Simulações de Santidade. O Caso de Arcângela do Sacramento (1697-1701)”, in Maria Helena da Cruz Coelho (coord.), *A Cidade e o Campo. Colectânea de Estudos*, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Universidade de Coimbra, 2000, pp. 243-265.

PATRÃO, José Dias Heitor, “Pinturas «reencontradas» da Sé de Portalegre. O Retábulo de Santa Catarina de Sena e Co-titulares”, in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12 (Nova Série), Portalegre, Atelier de Artes Plásticas de Portalegre, 1998, pp. 103-128.

PATRÃO, José Dias Heitor, *Igreja do Senhor do Bonfim*, Portalegre, Instituto Politécnico de Portalegre, 2012

PIMENTEL, Alberto, *As Amantes de Dom João V. Estudos Historicos*, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1892, pp. 131-169.

PINA, António, *Côca ou Mantilha. Século XIX. Um Traje de Festa e de Solenidade do Alto Alentejo*, Castelo de Vide, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 1999.

PINTO, Maria do Carmo Teixeira, *Os Cristãos-novos de Elvas no Reinado de D. João IV: Heróis ou Anti-Heróis?*, dissertação de doutoramento, Lisboa, 2003.

POIROT, Dominique, *Juan de la Cruz y la Unión con Dios*, Palma de Maiorca, José J. de Olañeta, 1999.

RAIMUNDO, Ricardo Varela, “Sentir mal do Sacramento da Penitência: o Processo de Frei Salvador da Ressurreição”, in *Nova Augusta*, n.º 17, Torres Novas, 2005, pp. 11-34.

RÍOS, José Amador de los, *Historia Social, Política y Religiosa de los Judíos de España y Portugal*, tomo I, liv. III, Valhadolide, Editorial Maxtor, 2012.

RODRIGUES, Maria Idalina Resina, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554–1632)*, Madrid,

Universidad Pontificia de Salamanca/ Fundación Universitaria Española, 1988.

RUIZ, Federico, “Carisma”, in Ermanno Ancilli, *Diccionario de Espiritualidad*, tomo I, Barcelona, Editorial Herder, 1983, pp. 329-331.

RUSSELL, Jeffrey Burton, *Satan: the Early Christian Tradition*, Nova Iorque, Cornell University Press, 1987.

SALZA, John, Robert Sungenis, *The Consecration of Russia. How Seven Popes Failed to Heed Heaven’s Command and Brought Turmoil to the Church and the World*, Germantown, Hometown Publications, 2013.

SANTÍSSIMA TRINDADE, Maria Isabel da, *Lembraí-vos Sempre*, Braga, Edições Franciscanas, 1995.

SANTOS, Cândido dos, “Contribuições do Clero Português para a Guerra Contra os Turcos no Tempo de D. João V”, in *Igreja Portucalense*, Porto, Tipografia Nunes, 1978.

SANTOS, Georgina Silva dos, “Isabel da Trindade. O Criptojudaísmo nos Conventos Portugueses Seiscentistas”, in Ronaldo Vainfas, Georgina Silva dos Santos & Guilherme Pereira das Neves, *Retratos do Império. Trajetórias Individuais no Mundo Português nos Séculos XVI a XIX*, Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006.

SCHWARTZ, Samuel, “Os Cristãos-novos em Portugal no Século XX”, separata de *Arqueologia e História*, n.º 4, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1925.

SCHWARTZ, Samuel, *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, s/d.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Relação de Varios Casos Notáveis e Curiosos Sucidos em Tempo na Cidade de Lisboa e em Outras Terras de Portugal, Agora Reunidos, Comentados e dados à Luz*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925.

SERRÃO, Vítor, *Josefa em Óbidos*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003.

SILVA, Manuel Fernando, *Pastorinhos de Fátima*, Lisboa, Edições Paulinas, 2015

- SILVEIRA, José Xavier Mouzinho da, *Obras*, ed. crítica coordenada por Miriam Halpern Pereira, vol. I - *Estudos e manuscritos* e vol. II - *Manuscritos e impressos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989.
- SOARES, Ernesto, *História da Gravura Artística em Portugal. Os Artistas e as Suas Obras*, vol. 1, Lisboa, Livraria Samcarlos, 1971.
- TAVARES, Maria José Ferro Pimenta, “Características do Messianismo Judaico em Portugal” in *Estudos Orientais – II. O legado cultural de judeus e mouros*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Instituto Oriental, 1991, pp. 249-250.
- TAVARES, Maria José Ferro Pimenta, “O Messianismo Judaico em Portugal (Primeira Metade do Século XVI)”, in *Luso-Brazilian Review*, n.º 28, Wisconsin-Madison, 1991.
- TAVARES, Maria José Ferro Pimenta, “Os Judeus da Beira Interior: a Comuna de Trancoso e a Entrada da Inquisição”, in *Sefarad. Revista de Estudios Hebraicos y Sefardíes*, vol. 68, n.º 2, Madrid, 2008, pp. 369-411.
- TAVARES, Maria José Ferro Pimenta, “Os Judeus da Beira Interior: a Comuna de Trancoso e a Entrada da Inquisição”, in *Sefarad. Revista de Estudios Hebraicos y Sefardíes*, vol. 69, n.º 2, Madrid, 2009, pp. 101-129.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro, “Judeus e Cristãos Novos, no Distrito de Portalegre”, in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre* (nova série), n.º 3, Portalegre, 1989, pp. 37-54.
- TEIXEIRA, Joaquim da Silva, *A Experiência Mística na Obra de Dalila Pereira da Costa. Fenomenologia e Hermenêutica*, Maia, Cosmorama Edições, 2013.
- TRANSMONTANO, Maria Tavares, *Subsídio para a Monografia de Carreiras*, Portalegre, Junta Distrital de Portalegre, 1976.
- TRANSMONTANO, Maria Tavares, *Subsídios para uma Monografia de Portalegre*, Portalegre, Câmara Municipal de Portalegre, 1997.
- VASCONCELOS, A. Tibúrcio de, “A Coleção de Estampas da Sociedade Martins Sarmiento”, in *Separata da Revista de Guimarães*, 1931.
- VENTURA, Magda, “O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa”, in *Revista SOCERJ*, n.º 20(5), Rio de Janeiro, 2007.

- VENTURA, Ruy (org.), *Poetas e Escritores da Serra de S. Mamede (Castelo de Vide, Marvão e Portalegre)*, Vila Nova de Famalicão, Amores Perfeitos, 2012.
- VENTURA, Ruy, “As Memórias Paroquiais de 1758 do Actual Concelho de Portalegre”, in *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, n.º 10 (nova série), Portalegre, 1995, pp. 125-126.
- VENTURA, Ruy, “Lendas Religiosas. Entre a Matéria e a Memória”, in *Invenire. Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º. 2, Lisboa, 2011.
- VENTURA, Ruy, *A Vide e o seu Castelo. Notas Sobre a Toponímia e História de Castelo de Vide*, sem lugar, Associação Amigos de Castelo de Vide (no prelo).
- VENTURA, Ruy, *Contramina [Poema Dramático]*, Évora, Licorne, 2012
- VENTURA, Ruy, *Literatura tradicional da serra de São Mamede (Castelo de Vide, Marvão e Portalegre)*, vol. II, Lisboa, Apenas Livros, 2013.
- VENTURA, Ruy, *Santo António na Região de Portalegre*, Portalegre, Fundação Robinson, 2013.
- VOVELLE, Michel, “Aspects Populaires de la Dévotion au Purgatoire à l’Âge Moderne dans l’Occident Chrétien. Le Témoignage des Représentations Figurées”, in *Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular. Sociabilidades. Representações. Espiritualidades*, Lisboa, Terramar, Centro de História da Cultura, História das Ideias, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999, pp. 291-300.
- YIN, Robert K., *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*, tradução de Daniel Grassi, Porto Alegre, Bookman, 2005.
- ZÚQUETE, Afonso Eduardo (dir. e coord.), *Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica*, Lisboa, Editorial Enciclopédia Lda., 1961.

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



SOROR ISABEL DO MENINO JESUS

Vida e Obra de uma Escritora Mística

(1673-1752)

ANEXOS

José Félix Duque Fernandes

Orientadora: Senhora Prof.^a Doutora Vanda Maria Coutinho Garrido Anastácio

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor
em História, especialidade de História Moderna

2016

ANEXO I

Transcrição do Manuscrito Autógrafo
de Soror Isabel do Menino Jesus

Transcrição do Manuscrito Autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus

1. Breve descrição do manuscrito

O manuscrito *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...* é um in fólho de c. 30 cm x c. 22 cm, com cento e sententa e duas páginas com numeração a tinta, sobre uma numeração anterior, atribuível à mão que redigiu a maioria do texto, ou seja, à autora. A encadernação é atribuível ao século XVIII, em carneira amarelada, flexível, com vestígios de atilhos de tecido branco.

O primeiro título fora escrito em *super-libris*: *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752*. No frontispício apresenta um segundo título, mais extenso: *Vida da Serva de Deos Soror Izabel do Menino Jesus Abbadeça que foi do Mosteiro de Nossa Madre Santa Clara de Portalegre Escripta pela mesma Veneravel Religiosa de mandado de seus Padres Espirituais, com outros tratados Mysticos, pratica para o intirior das Religiosas do mesmo Convento em que se encontram as muitas merses, que Deos lhe fêz em ordem a Salvação das Almas, como ingénua e humildemente † nestes seus escriptos que por sua morte Legou ao Prelado Superior da Provincia dos Algarves de Nosso Pai São Francisco de que foi filha e Subdita; Vão tambem as suas Cartas E no Prologo se da noticia da sua preciosa morte Dado a Lús Pelo Muito Reverendo Padre Frei Martinho de São Jozé Pregador Jubilado, e Provincial actual da mesma Provincia dos Algarves, que também foi Confessor desta Serva de Deos*.

O documento evidencia a intervenção de quatro mãos. A primeira mão apenas redigiu o primeiro título, sobre a carneira. A segunda mão redigiu o segundo título, no frontispício. A terceira mão desenhou uma cruz e escreveu “Conferido” nesta mesma página, à esquerda. A quarta mão, firme e regular, em caligrafia elegante do início do século XVIII, redigiu a totalidade do *corpus*, a qual podemos atribuir a Soror Isabel do Menino Jesus, pelas semelhanças que apresenta com a caligrafia da sua assinatura – “Soror Jsabel do Minino Jesus” –, presente por trinta e seis vezes, na maioria nos últimos fólhos do manuscrito. Esta similitude está patente, por exemplo, quando, no texto, escreve “Madre Izabel do Minino Jesus Religioza no Comuento de Santa Clara de

Portalegre”¹. Por outro lado, esta assinatura, de “Soror Jzabel do Minino Jesus”, é coincidente, em absoluto, com a assinatura de “Soror Jzabel do Minino Jesus”, presente em vários livros do extinto cartório do convento. Nestes documentos, ao longo das décadas, a assinatura é constante, quer da composição do nome, quer da grafia, quer da caligrafia. Mais adiante, mencionaremos vários destes assentos, nomeadamente o dos votos para entrar no noviciado e no dos votos para professar. Por agora, convém referir, a título de exemplo, que “Soror Jzabel do Minino Jesus” assinou, quando foi abadessa, no *Livro das Defuntas*, em assentos de óbito de religiosas, nos quais verificámos que a sua assinatura é a mesma².

Estamos, portanto, convictos de estar diante de um manuscrito autógrafo, e não de uma cópia feita por mão alheia. Na tradição da sua obra, que consiste, tanto quanto sabemos, em dois testemunhos – o manuscrito e o impresso –, o manuscrito deverá ser encarado como o testemunho-base, correspondente à última vontade da autora em relação ao seu texto realizado a cópia a limpo e organizado os seus textos num só volume, pronto a seguir para as diligências prévias a uma impressão. Nesta passagem a limpo, ainda fez, porém, alguns acrescentos, porque o manuscrito apresenta três pequenas tiras de papel branco, coladas respectivamente nas pp. 25, 28 e 119. Na tira da p. 25, as palavras iniciais da autora parecem certificar de que se trata, realmente, de um autógrafo, que avisou os leitores dos acrescentos: “Veiam o papelinho e tornem A esta pagina”³. Estas tiras foram coladas marginalmente, talvez com uma cola feita à base de resina, ou com farinha de trigo aguada, técnica comum na época.

Certamente para a composição em oficina, foram distribuídas na margem do texto as numerações referentes aos parágrafos, aparentemente pela própria autora, que se equivocou mais de uma vez na sequência correcta dos números.

A primeira página de texto coincide *ipsis verbis* no manuscrito e no impresso. Assim escreve a autora:

¹ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, op. cit., p. 1, § 1.

² Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, *Livro das Defuntas*, fs. 33, 34 e 35.

³ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus... (ms.)*, op. cit., p. 25.

“Nosso Reverendíssimo Padre Prouinsial

Nam ha Vida que nam morra nem morte que nam tiuese Vida A Vida da Madre Izabel do Minino Jesus Religioza no Comuento de Santa Clara de Portalegre dipois de metida no po da terra nam podia dizer qual foy a sua Vida e para memoria dela Vay scripta de mam Propria”⁴.

O manuscrito autógrafo terá servido, pois, para se fazer a impressão da *Vida da Serva de Deos...*, saída cinco anos depois do falecimento de Soror Isabel, que seguramente não acompanhou o processo prévio à impressão, pois os pareceres e licenças que ali se reproduzem apresentam datas do mesmo ano. O impresso é, portanto, obra póstuma, pode ter sofrido interferências durante o processo que conduziu à impressão e não oferece, assim, garantia de corresponder inteiramente à última vontade da autora. Já o manuscrito corresponderá ao que a autora quis deixar como última versão dos seus textos, cujos originais não conhecemos e que, supomos, não terão sobrevivido.

O manuscrito autógrafo, porém, terá sido confrontado com as provas do impresso, ainda na oficina, porque, na margem esquerda do frontispício, apresenta uma pequena cruz – “†” – e a palavra “Conferido”. Depois de termos feito uma leitura atenta a algumas partes, comparando o manuscrito, parágrafo a parágrafo, com o impresso, constatámos que este último segue, de facto, *ipsis verbis* o texto original, tendo, porém, o seu editor modernizado a grafia, atribuído pontuação e corrigido citações em latim, que a autora fizera de cor e com erros.

Dois exemplos elucidativos de palavras que o editor actualizou são: “coiseira”⁵, no manuscrito – “Ssegue-se agora dizer que o Senhor me fes coiseira E porteira do inferno”⁶ –, que passara no impresso a ser “couçoeira”, ficando mais clara a imagem; e “encarouchada” – também no manuscrito, “o Castigo que eu Meresia por minhas culpas he\ra/ ser encarouchada”⁷ – passou a “encarcerada”⁸, vocábulo mais perceptível para os leitores. Tanto “coiseira” como “incarouchada” seriam talvez de uso local, fazendo

⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 1, § 1.

⁵ Cf. *Idem, ibidem*, p. 31, § 31.

⁶ Cf. *Idem, ibidem*, p. 31.

⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 14, § 13.

⁸ Cf. Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Serva de Deos...*, p. 20, § 13.

parte do léxico regional de Portalegre, de que a autora era falante, uma vez que passara as três primeiras décadas de vida em Marvão e as seguintes na cidade de Portalegre. Notámos, pois, um evidente empenho do editor em despojar o texto das suas formas populares, típicas da oralidade da autora, que era tida por mulher pouco letrada, dotando o impresso de maior erudição. De notar, ainda, que o editor omitiu o primeiro título presente no manuscrito, escrito sobre a carneira; e mudou o segundo título, encurtando-o. Este, no frontispício do manuscrito, manteve-o até à palavra “Almas”, sendo o seguinte texto diverso. No manuscrito, indica-se que o texto é “dado à luz” pelo Padre Frei Martinho de São José, mas, na edição impressa, especifica-se que o texto “é disposto pelo” Padre Frei Martinho de São José, sendo “dado à luz” pelo Padre João Evangelista da Cruz e Costa, bacharel nos Sagrados Cânones, o qual foi, portanto, editor da obra.

O manuscrito apresenta restauros, feitos com pequenas tiras de papel azul claro, visivelmente posteriores à autora, com o que se procurara uma melhor fixação dos cadernos. Estes restauros sofreram depois o ataque de parasitas, que abriram várias galerias, quer no papel azul claro, quer noutros pontos dos fólhos, felizmente sem perda de texto. Este restauro parece-nos, desde logo, identificável com o que Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa fez noutros manuscritos do cartório do convento de Santa Clara de Portalegre, como atrás mencionámos.

Soror Isabel do Menino Jesus tinha uma elegante e desenvolta caligrafia, típica do início do século XVIII e, sobretudo, característica de quem estava habituada a escrever com frequência, manejando com destreza a pena, o tinteiro e o papel. Diferenciava-se claramente da caligrafia das suas sobrinhas, também religiosas e abadessas do Convento de Santa Clara de Portalegre, cujas deselegantes assinaturas, “Soror Izabel de Saõ Joze”⁹ e “Soror Brites M.^a Dos Seraphins”¹⁰, denotam manejo rudimentar e uso esporádico da pena. À autora, pelo contrário, pelo seu constante uso dos materiais da escrita, parece ter sido fácil escrever, mesmo à noite e em idade próxima dos oitenta anos, momento em que terá passado a limpo os seus textos.

Fez ocupação do espaço de cada página, livre e harmoniosamente, sem gralhas, rasuras ou borrões. A sua escrita, porém, parece ser fragmentária, sobretudo entre a p. 155 e a p. 172, onde os títulos parecem corresponder a notas mais ou menos independentes do texto anteriormente redigido. A autora parece escrever ao ritmo da sua

⁹ Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 42.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, f. 41v.

memória, o que, por si, já poderia implicar uma certa desordem de temas. Escreve com certa pressa, em curtos períodos, durante a noite, quando, já depois das obrigações diurnas e da oração nocturna, finalmente pega na pena e no papel. Isabel Morujão observa, de facto, que “o traço de carácter da religiosa é notado por ela própria, quando reconhece que às vezes se excede pelo cansaço da hora”¹¹, pedindo desculpas pela sua aspereza, admitindo a influência da falta de descanso.

Como era usual na época, a autora parece não seguir regras ortográficas rígidas, uma vez que usa diferentes grafias para as mesmas palavras, sendo arbitrária no uso de maiúsculas e minúsculas, no início ou a meio das palavras. É praticamente omissa na pontuação e parca na acentuação. Ilustrará, ainda, em alguns aspectos, a forma como fala, fazendo uso de vocábulos ou expressões epocais, em grafias que supomos próximos da oralidade, bem como formas dialectais características e da região de Portalegre, por exemplo: “Augado”¹² (isto é, aguado); froytos¹³ (isto é, frutos); “Minino” (isto é, menino)¹⁴, etc.

Por fim, devemos, sobre esta fonte, a *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jesus...* (ms.), fazer notar, que, como demonstramos na nossa tese, o volume corresponde à passagem a limpo de seis diferentes obras, que intitulámos entre aspas para melhor citar e analisar a sua forma e conteúdo. Assim, no manuscrito, podemos distinguir, segundo a ordem dada pela autora (certamente a mando de Frei Martinho de São José), os seguintes textos:

- a) “Vida”, da p. 1, § 1, à p. 49, § 51;
- b) “Carta à Abadessa e Religiosas”, da p. 49, § 52, à p. 72, § 85;
- c) “Súplica ao Ministro Provincial”, da p. 72, § 86, à p. 73, § 86;
- d) “Tratado Místico”, da p. 72, § 87, à p. 127, § 127;
- e) “Cartas a um Religioso”, da p. 128 à p. 154;
- f) “Cartas a uma Religiosa”, da p. 155 à p. 172.

¹¹ Cf. *Idem, ibidem*, p. 140.

¹² Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Tratado Místico”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 75, § 88.

¹³ Cf. *Idem, ibidem*, p. 78, § 89.

¹⁴ Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, “Vida”, in *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus...*(ms.), *op. cit.*, p. 12, § 11.

Nas “Cartas a um Religioso” e nas “Cartas a uma Religiosa”, dois epistolários, a autora numerou cada carta, iniciando a numeração na primeira das “Cartas a um Religioso” e terminando na última das “Cartas a uma Religiosa”. Também numerou todos os parágrafos de cada texto, do que nos socorremos para fazer as respectivas citações ou referências.

2. Critérios de transcrição

Dado o interesse do documento, transcrevemo-lo integralmente, providenciando uma transcrição muito próxima do original. Os critérios de transcrição que seguimos inspiraram-se no *Álbum de Paleografia Portuguesa*, de Eduardo Borges Nunes¹⁵.

Fizemos uma separação simples de palavras ligadas entre si por crase ou elisão, fazendo uso de apóstrofo ou de hífen.

Quanto às adições heterógrafas, assinalámo-las em nota de rodapé. Trata-se de três adições e correspondem respectivamente ao título manuscrito em *super-libris*: *Vida da Veneravel Madre Jzabel do Menino Jezus...*, de uma mão; ao título no frontispício: *Vida da Serva de Deos...*, de outra mão; e, colocadas na margem esquerda do frontispício, uma cruz, com a palavra “Conferido”, que atribuímos a uma terceira mão.

Deparámo-nos também, como atrás mencionámos, com adições autógrafas marginais feitas em três tiras que a autora colou nas margens da p. 25, escrevendo: “Vejam o papelinho e torne a esta página”; da p. 38, em cuja tira a autora acrescentou a palavra “essência”; e da p. 119, em cuja tira acrescentou o excerto começado por “Agora ponho uma comparação. Não há coisa que se possa comparar com o mar”. Nestes casos, optámos por, seguindo aquela que nos parecia ser a vontade da própria autora, integrar os trechos no texto e referir em nota de rodapé que, no manuscrito, se encontravam nas tiras. Trata-se de adições que vêm completar o texto e essa intenção parece evidente, chegando a própria a prevenir os leitores que devem seguir a sua leitura naquele papelinho.

Transcrevemos *ipsis verbis* as citações latinas da autora, mesmo com os seus erros, por citar de cor. Nestes casos, porém, assinalámos em nota de rodapé a sua versão correctamente escrita.

¹⁵ Vd. Nunes, Eduardo Borges, *Álbum de Paleografia Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos de História anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1969.

Quando verificámos a existência de erros corrigidos pela autora, por exemplo, supuntando, riscando, cancelando, etc., colocámos a palavra ou as letras entre parêntesis rectos duplos: [[]]. Por exemplo: “v[[ej]]a agora”. Quando vimos que a autora não corrigiu os seus erros, e sempre que estes poderão ser de difícil leitura, colocámos a palavra latina *sic* em letra cursiva – correspondente ao advérbio *assim*, ou *deste modo*, da língua portuguesa – entre parêntesis recto: [*sic*], logo a seguir à palavra, pondo a forma corrigida em nota de rodapé. Por exemplo, “como não dá notia [*sic*]”; em nota de rodapé colocámos: “Notícia”.

Quando encontrámos adições autógrafas na entrelinha superior, colocámos a palavra, ou palavras, entre dois *slash* abertos: \/. Por exemplo, “\vendo/-se”.

Quando constatámos uma adição autógrafa na entrelinha inferior, colocámo-la na palavra correspondente entre duas barras fechadas. Por exemplo, “para que me emco/men\de muito”.

Assinalámos as leituras duvidosas com ponto de interrogação entre parêntesis rectos: [?]. Por exemplo, “tão usada como Auxílio[?]”.

Quando verificámos uma repetição de palavras, colocámos a palavra repetida dentro de chavetas: { }. Por exemplo, “elevar {o Céu}”.

Quando à existência de lacunas no suporte, tais como rasgões, borrões, faltas resultantes da acção de parasitas, etc., resolvemos a ausência de palavras ou de letras colocando-as entre parêntesis recto: []. Este procedimento implicou, naturalmente, uma certa margem de interpretação, quando tentámos supor quais as palavras ou letras ausentes intuindo-as pelo sentido da frase. Por exemplo: “a sua carta fica na m[inha] stimação”.

Desenvolvemos as abreviaturas evidentes. Por exemplo, “os meresim^{tos} de Xp^o suprem as faltas dos homens” passou a ser “os merecimentos de Cristo suprem as faltas dos homens”. No caso de “Xp^o”, era abreviatura recorrente na época, sendo do conhecimento da generalidade dos investigadores. Para algumas abreviaturas seguimos o tratamento protocolar dado na Igreja Católica aos ministros ordenados e às religiosas professas já idosas ou investidas da dignidade abadical ou de outros ofícios relevantes: passámos “R P” a “Reverendo Padre” e “R M” a “Reverenda Madre”. Para a abreviatura “N P”, tratamento honorífico dado a São Francisco de Assis na sua Ordem, optámos por passar a “Nosso Pai”, e não “Nosso Padre”, uma vez que aquela seria a forma usada no tempo da autora, porque se saberia bem que o Santo nunca aceitara ser

ordenado sacerdote. A abreviatura “Ett.”, que a autora usa escassas vezes, passámos a “etc.”

Seguimos a numeração das páginas feita pela própria autora no manuscrito, bem como a numeração dos parágrafos, mesmo quando a autora comete lapsos na sequência dos números. Nestes casos, assinalamos em nota de rodapé o lapso.

Vida da Veneravel
Madre Jzabel do
Menino Jezus
Falecida em 5 de
Outubro de 1752

Vida
da Serva de Deos
Soror Jzabel do Menino Jesus
Abbadeça que foi do Mosteiro de Nossa Madre Santa
Clara de Portalegre

Escrepta pela mesma Veneravel Religiosa, de mandado
de seus Padres Espirituais, com outros tratados Mysticos,
pratica para o intirior das Religiosas do mesmo Convento
em que se encontram as muitas merses, que Deos lhe féz
em ordem a Salvação das Almas, como ingénua e hu-
mildemente † nestes seus escriptos que por sua morte
Legou ao Prelado Superior da Provincia dos Algarves
de Nosso Padre São Francisco de que foi filha e Subdita;

Vão tambem as suas Cartas

E no Prologo se da noticia

da sua preciosa morte

Dado a Lús

Pelo Muito Reverendo Padre Frei Martinho de São Jozé Pregador Ju-
bilado, e Provincial actual da mesma Provincia dos Al-
garves, que também foi Confessor desta Serva de Deos

("Vida")

1

(f. 1)

Nosso ReVerendo Padre Prouinsial

1 Nam ha Vida que nam morra nem morte que nam tiuese Vida A Vida da Madre Izabel do Minino Jesus Religioza no Comuento de Santa Clara de Portalegre dipois de metida no po da terra nam podia dizer qual foy a sua Vida e para memoria dela Vay scripta de mam Propria nam tera Asseytasam porque lhes faltam Vertudes como tanbem nam sera conhesida de primorozo spirito que spiritto que nam he Raro nam se podia dele fazer memoria mas sse a obediensia he poderosa para quem sabe obedeser o Poder de quem manda he nobelissimo para quem ssabe mandar pois Agora o sacrificio da minha uontade me fes tomar a pena na mam e catiuar \o jntendimento/ a Minha Vontade ssugeitandome as disposisois dos Padres que goVernauam meu spirito dando notisia da minha uida mal logrados foram os prinsipios dela porque tendo alguns emssayos de que sseria nos meus primeyros annos serua de Deus os meus pecados escureseram esta lus e quando cheguei A ssuir este Senhor ya o mundo estaua siruido de min e para fazer mais expresa menssam direy Primeiro a patria onde nasi foy [[esta]] a Vila de maruão bem conhesida por sua Ateguidade

2 Meus Pais cristãos e muito tementes A Deus de ssangue linpisimo meu Pay se chamaua Joam Moratto minha may Domingas Rordriguez jguais na gerassam e nas uertudes hera meu Pay deuotissimo de Maria Ssantisima Em seu louuor jeyuaua todos os sabados ate jdade de oytenta e sinco annos que morreo obserVaua esta deuosam como preseito deuino sem despensar comsigo chegando a tam alta uelhise foy filho da triseira hordem de Nosso Pai São francisco tomaua disciplinas na quaresma e emquanto {foy} (f.2) foy de menos jdade Vzaua silisio alguns dias na quinta feira \santa/ ate sabado daleluia nam tomaua alimento Amaua muito os seruos de Deus A todos pedia Orassois tinha caridade com os pobres dandolhes smolas E hera humilde de corassam conhesia de si ser grande pecador timia tanto a Deus que se alguma creatura o tinha ofendido e lhes pedise Perdam por amor de Deus inda que tiuese rresebido grandes agrauos Estando com A espada na mam logo perdoaua por uenerar muito o Nome de Deus ssedia nele a paxam foy amigo da uerdade e nam se achaua Nele a me\nor/

falsidade ouuia todos os dias misa comfesauase moytas Vezes no anno e deixo outras uertudes Vcultas

3 Minha may foy dotada de bom jntendimento e bastante capacidade moyto Onesta sendo fermoza moy prudente deuotissima das sinco xagas de Cristo Amantisima de Nossa Senhora do Rozayro tinha muita caridade pasiEnsia Abstinensia e dipois de pasar os primeiros Annos da mosidade foy filha da triseira hordem ouuia misa todos os dias frequentaua os sacramentos morreo da mesma jdade de meu Pay que foy Oytenta e sinco annos ssesenta Annos foram cazados sempre em pas e sosego Vnidos nas uontades como huma so tiueram No seu matrimonio tres filhas e sendo eu a triseyra que nasi No anno de mil seis sentos setenta e tres Aos tres de feureiro das sete para As oyte da menham no dia de sexta feira e por ser tempo De inuerno se achaua a terra toda cuberta de neue por cauza dos Rigores e freyos padesi logo esta penalidade asim que sahi do Ventre de minha may e juntamente padesi segunda que nesta hora faltaram todas as uertudes a meu Pay para minha presiguisam que Asim que teue notisia que o parto nam hera como ele queria sperando filho macho foy tam grande a sua descomsolasam que ya eu nam meresia que ele tiuese passiensia para uer naser huma filha que auia de ser huma grande pecadora por coyia Cauza se infureseo emchendose de paxam perdendo a pasienssia queixandose de minha may que teue moyto que sentir Em parir tal filha com este abatimento e desprezo me rresebeo A terra leuantandose O mundo logo contra min dipois {disto} (f. 3) Disto me faltou o abrigo pois as primeyras mantilhas em que foy emfaxada heram pastas de neue o primeiro leite que tomei foram pressiguisois Nada tiue a meu fauor e sendo sexta feira o dia Em que nasi parese quis Deus partisipase da sua crus inda que me faltaua o huzo da rrezam Para ssintir dipois de ssesegado meu Pay que foy Ato que nam pode Rezestir morreo a paxam e Resusitou o amor para quererme chegouse O Dia em que foy Bautizada que dispos a prouidensia fose na dominga quinquagesima que A jgreya canta o Sacrifisio do Minino Jza Auia ser este dia porque auia ser ssacrificada a Deus no bautismo Me puzeram o nome de Jzabel que inda que ua fora do prepozito Aqui se ayusta bem foy mistiriozo o nome de Jzabel porque assim Mo dise o Senhor estando em serto ocaziam em Orassam o nome {que} que te foy posto no bautismo teue misterio porque tem duas le- tras do meu nome e para luzir o teu nome hera nesenario ter duas letras do nome de jesus

4 Mas tornando ao jntento que uou proseguindo foy criada como quem Nam hera dezeyada no mundo chegando a ydade ssuficiente de- triminou meu Pay mandarme emsinar a ler e escreuer aqui se leVantou huma comtradisam de parentes e amigos dizendo nam comuinha que aprendese a ler nem escreuer porque as mulheres corriam moytos perigos e nam se podiam fiar delas e sendo meu Pay hum homen sumamente nisto acautelado rrespondeo que sseria para ele huma grande honrra ler e escreuer sua filha Agora digo que na lingoa de meu Pay teue prensipio sse a minha Escriptura Valer alguma coyza prensipiando o mestre a insinarme foy logo padeseendo rrezam porque meu Pay pos logo taxa no tenpo que podia gastar e com moytas promesas de dadiuas ao mestre se no tal tempo me dese ynsinada o mestre que lucuraua muito me deu tal presa que nam auia para huma menina dia de descansso e como presebia As lisois com faselidade me apresaua mais mas atropelada que nam podia ter dezafogo aqui se foy uensendo esta menenise emtrando mais (f. 4) Adentro sse aumentaua O padesper por sser moy debil por natureza de comPleisam moy dilicada com que tiue hum modo de uida que hera mais Para sse demenuyr do que para sser aumentada e como ya hia tendo Vzo de Rezam tomey tal sugéisam A meus Pais cobrando tanto medo Particularmente A meu \Pay/ que sse nam podia ssofrer em annos de menina Pelos comtinios sobresaltos que padesia Veuia o Corasam tam Atimorizado que moytos corassois que eu tiuera se podiam comssumir se Deus me nam tiuera guardado para Espoza sua

5 Chegando Aos treze annos de jdade se descobrio melhor as proPosois da natureza hera de natral (*sic*)¹⁶ alegre muito esperta Viua e comfiada animoza e dilibarada para tudo so tiue a meu fauor nam ser fermoza e ser o gesto sezudo e graue armas que me defendiam para emtrar na primauera Aqui prensipiou A natureza a padesper porque presipiou (*sic*)¹⁷ a primauera com Ramos ssecos porque toda a rrecreasam me foy logo porebida nam Auia para min hum dia de dezemfado tendo sido dotada de bom jntendimento Retorica natural nam foy posiuel que meus Pais premetisem dar lisensa \que falase/ diante de quem soubese que coyza hera Retorica ssempre tiue guardas para o silensio Por forsa me faziam meus Pais fugir do mundo porque hera tanto O Coydado que tinham de que a primauera fose para otono que me descoydey de flores pois sendo na ydade mais florida de dezoyto annos me detriminey Vzar do jntendimento pois uia todas As portas

¹⁶ Ou seja, “natural”.

¹⁷ Ou seja, “prensipiou”.

fechadas Para meu aliuio consultei com a rrezam o que faria neste cazo achey que por emtam nam estauam meus Pais de Animo de eu ser Religioza stado que de menina o dezeyaua modei o pensamento para ficar no mundo Amando honrras Riquezas e tudo o que mundo Eemganozo promete quis mostrar As minhas prendas nas boAs disposisois que tinha para gouernar caza e sem mais acordo foy {prensipiando} (f. 5) Prensipiando pela caza de meus Pais onde auia bastante eizerssisio de dispor aqui tomou o Demonio caminho para me entroDuzir nas coyzas do mundo com que me foi afeisoando as coizas da terra amando as rriquezas honrras stimasam propria e com estas cadeias me prenderam os tres jnimigos dalma ate Jdade de uinte e sinco annos e seis mezes que Deus se compadeseo chamandome para si

Entra agora a minha comuersasam

6 Ssubitamente apareseo o Sol no meio de tantas treuas e saindo de caza em hum dia do jubileu da prosincula a comfesarme leuei comigo as milhores rreprenois que se podiam dar a quem queria ganhar huma jnduligencia plenaria pois hia uestida ao profano e nua de spirito comtudo fis o que pude e comfesandome sacramentei com temsam de ganhar o Santo jubileu e uoltando para caza por ficar em caminho entrei em caza de huma minha jrman cazada e meu cunhado sabendo que eu hera inclinada a liuros me ofereseo hum liuro muito coriozo porque estaua feito sobre parabola e tomando eu o liuro coydo tinha liuro de flores que se acomodaua ao meu genio me achei com fritos leuei comigo o liuro e foy Discubriendo o que nele se comtinha e sempre com esperansas de que hera liuro profano porque o mundo me tinha sega que nam acabaua de emtender a uerdade aqui como fica dito apareseo o Sol com rrayos de lus porque Deus me infundio lus supirior que logo desterrou As treuas da minha jnoransia conhesi o erro em que ueuia e me leuaua ao inferno foy tam uehemente O Conhesimento que Deus me deu {des} (f. 6) Desta uerdade que sem mais dilasam tomei logo o liuro por mestre Porque nam tinha numca notisia de que ouuese Padre que gouernase Almas nem ouuese eizerssisio de Orasam mental porque estes bens Esperituais estauam nestes tempos moy occultos e nestes termos me deixei gouernar pelo liuro que me insinaua a dar costas ao mundo com a negasam da propria uontade e ualendome do intendimento foy prebendo que emtrase a domar a natureza com jeiun desciplina silisio cama aspara sem rroupa de linho finalmente serrando Os sentidos foy emtrando alguma coyza em min prensipiei a rrezar a ladainha a Nossa Senhora e foy tomando amor a senhora

infundisime dentro nalma humas jaculatorias e sempre andaua leuando o Spirito a Deus porem como nam sabia que coiza hera rrecolhimento intirior asim foi pasando quatro mezes ate que emcomtrei hum confesor Religiozo de meu Padre São francisco e me dise que sem Orasam nam podia demenuir culpas nem preseuerar nas Vertudes foy para min de grande proueito o Comselho deste Padre e pedilhe Sse queria ele tomarme a seu coyado porque eu que nam sabia que coyza hera Orasam mental nem tinha tempo pelas moytas acupassois da caza que estauam a meu coyado rrespondeo o dito Padre que faria por emcaminharme para o Santo eizersisio da Orasam tomei Rezelusam e como nam podia de menham nem de tarde busquei O tempo da meia noite porque nam queria eu que ningem soubese a mudansa de minha uida preseuerei huns tres mezes em buscar a Deus debaxo da fe que a tiue tam grande que numca padesi tentasam comtra a fe porque hera tam liberal em crer como prodiga em obrar prououse esta fee com outros combates porque foi grande o eizersisio de pasiensia que nestes mezes tiue porque mudar de uida de rrepente os tres jnimigos dalma me fizeram tanta guerra que se nam tiuera moita fe auia {de} (f. 7) De tornar para tras e para hir adiante foy nesenario que o Senhor me chamase Ssegunda ues como direi no que se segue

7 Com uozes mudas me chamou Deus entrando em hum comuento de Nossa Senhora da estrela onde costumaua comfesar-me e nele assistia o dito Padre que me governaua estaua hum altar com huma jimagem de Cristo crusificado e pasando iunto ao altar senti dentro de minha alma que o Crusifiso me prendia asi com tanta forsa que se muitos lasos me prenderam nam pudiam fazer semelhante prizam grande aluoroso foy para meu corasam a forsa superior que senti mas como nam sabia que coyza hera intirior foy buscando a Deus pelos meios ordinarios que tem a uia purgatiua comtudo os ifeitos que estas uozes mudas me deixaram acreditam a supirioridade preza a obediensia sugeitei a minha uontade e rrendi o juizo esquadrinhei a comsiensia fis comfisam geral e tomei caminho direito que hera demenuir culpas e fazer penitensia do pasado jeiuando sete mezes no anno com Outras mais abstinensias desiplina tres dias na semana e outros tres dias de silisio duas horas de Orasam mental entre dia e noite frequensia dos sacramentos com eizame de comsiensia todos os dias mortificasam dos sentidos particularmente a uista que em sinco annos Afetiuous me nam ui em espelho finalmente a negasam da uontade que este foy o mayor eizersisio que tiue para adequerir as uertudes deu-me o Senhor o Dom da preseueransa com o Dom da Orasam pouco tempo tiue de meditasam porque logo o Senhor pasou alma a mayor conhesimento proprio que foi

rrepresentarseme dentro nalma todos os meus pecados e posta em juizo eu mesma julguei meresia por Eles o inferno aqui ouui huma uos intirior que me dise se me Atreuia eu beber hum calis rrespondi que sim por disposisam Deuina se foram aumentando para min tantas penas que foy {nese} (f. 8) Nesesario confortarme o Senhor com hum fauor sobre natural que me dise em Orasam se queria eu ser sua espoza dise eu que sin deume logo hum Anel de seu amor este se meteo logo no dedo do Corasam e em sua Divina prezensa fis uoto de castidade aqui tomou o amor penas para Voar pois onde emtra O amor tem a Crus o seu prensipio nam porque mi fizese guerra O uoto de castidade que fis tam firme que o anel que se meteo no dedo de meu corasam logo me pos o selo e ficou fechado para nele nam entrar outro obieto mas por outros caminhos o martirio que Pasou minha alma nam o poso explicar foram as primeiras flores que produzio o amor deuino em meu corasam e a natureza se foy acomodando o padecer com humildade e rezinasam mas aonde entrou O amor que deixase descansar foy prensipiando a tirar o sono para dar o rrestante da noite A Orasam para que as uertudes se fosem Aumentando inspirauame Deus obedeser a todo genero de creaturas como nam fose contra a minha comsiensia e que fazia com tal Disimulasam que ninguem uinha no Conhesimento de que eu lhes obedesia porque me fis tam tratauel com todos que coidauam hera Em min natural e para min hera tanta a rrepugnansia que cada ato que obraua hera hum martirio que ordinariamente emcomtraua Jente simples e me faziam o jntendimento em pedasos moito me custaua negar a uontade e trosendo o jntendimento hera para min crus de maior peso outro eizersisio de penitensia tiue que hera trabalhar com o Corpo que nam tiue numca osiozidade e como o Corpo nam tinha forsas pela dibilidade da natureza me ficaua moy custozo mas tiraua das fraquezas forsas de sorte que numca mandei seruir que nam fose insinando com a obra ssobre esta uia Atiua tinha outra mais apertada que hera Jncansauel em gouernar porque como me achaua com belisimas disposisois para isto e gouernamdo caza e fazenda de meus Pais tiue sete sobrinhos a quem amaua muito e ficarão orfaos e le{u}-(f. 9) Vando meus Pais todos os sete netos para caza ficou a meu coydado O maior gouerno destes meninos que de doze Annos nam pasauam Os mayores foramse criando a ter os por em estado parte deles para A Religiam os foy jducando sendo tres Religiozos e quatro Religiozas de Minha Madre Santa Clara

Emtra agora a mudansa de meu estado

Para ser Religioza

8 Para huma grande pas de que nesesitaua minha Alma foy nesesario huma grande guerra tinha eu de idade trinta e sinco Annos e da conuensam des leuantouse como digo huma guerra Neste Reino com o Reino de espanha A uila onde nasi padeseo do jnimigo grande auesasam pois nam teue guarnisam Para se defender emtrou o jnimigo dentro e com estes infurtunos deixaram meus Pais por bom conselho caza e fazenda e sahiram para fora trazendo toda sua familia emtraram nesta sidade de Portalegre onde fizeram asento tres Annos com bastantes discomodos e destes a mayor parte cabia a min e uendo minha may os comratempos sendo a que inpedia ser eu Religioza foy a primeira A quem Deus moueo o Corasam para que tomase o estado que de menina o dezeiaua suposto hera ia tarde que como fica dito tinha 35 annos porem os trabalhos abriram este caminho pois diziam meus Pais se nam fora asim me nam podiam largar pela falta que lhes fazia Dispuzeram meu stado com muita magoa de seu corasam e asiustadas as contas emtrei A ser Religioza tomei o Santo Abito {com muito} (f.10) Com muito gosto como quem uinha para o Ceo nam a descansar mas sim a mais padecer toda Aspareza da Religiam me paresia suaue Achei moytas uertudes no Comuento mas nam o Caminho por Onde Deus me leuaua porque neste tempo estaua A comunidade Atrazadisima na Orasam mental e como eu hia criada nela auia des Annos nam quis por pe atras pois estaua certa que se nam fose a uertude adiante tornaua para tras creseram sobre min moytas mormurasois fazendome Auzensias de grandes presiguisois em prezensa nam se atriuiam dizerme nada mas nam auia pessoa de toda a comonidade de quem nam rresebese \ofensas/ porem hera com tal eizordio que {ne-} nenhuma lhes paresia me agrauaua e como eu coferia tudo Em meu corasam de todas \rresebi/ agrauos sobre desprezos O amor de Deus que eu tinha no Corasam me daua ualor para sofrer muito mais porque a pureza da temsam que Deus me deu para levar tudo por seu Amor foy grande sobre esta creseo a caridade em minha Alma que inda que me ofendesem se tinha ocaziam de sseruir a quem de min quizesse alguma coyza sempre estaua Pronta

Presepia o Senhor a fazerme
fauores

9 No anno de 1713 teue presipio este bem nam meresia eu Por minhas grandes culpas ser assistida de moytas uezitas que o Senhor me mandou fazer por seus dois Apostolos Sam Pedro e sam Paulo emtrando por dentro de minha Alma (f. 11) Vieram a confortarme dandome alento para a preseueransa das uertudes nam se mal logrou suas uizitas porque uieram dar spirito a quem o nam tinha e fizeram com sua obra parar o curso De minhas culpas tiueram estes embaxadores selesteais e grandes Ssantos comigo muita famaliaridade suposto os nam uia com olhos do Corpo mas sentia a sua prezensa dipois destes uieram outros Dois companheiros meu Padre São francisco e sam Domingos destes dois Patriacas foy uezitada moytas uezes Santa Roza de Viterbo me Vizitou todo o seu otuario deixo de dizer muitos mais fauores que Estes santos me fizeram e ao diante farei mais larga mensam porem como o Caminho por onde Deus me leuaua nam hera para parar no amor Dos seruos mas buscar o fin do Amor que he Deus o mesmo Senhor me foy Dispondo por meyo da comtinua Orasam que heram os ifeitos que estas uizitas me deixauam Ate que parou Alma no seu sentro

Agora falarei de alguns fauores que o Senhor me fes que por serem
moytos se nam podem expresar e pareseram jncriueis

10 Porem no meu emtender o mayor fauor que Deus fas A huma Alma he chegar A huniam este sera o primeiro em que ualha por todos não Desprezando as moytas mais merces que rresebi de Deus nam seria Por eu ther meresido este bem senam porque o Senhor se dignou de quererme Vnirme comsigo estando em huma ocaziam em oraSsam ouui humas palauras que deziam spoza abre as portas de teu corasam foram as palauras tam poderozas que com a ternura delas me leuaram logo os afetos que por moyto espaso do tempo nam soube de min e cobrando alguma intiligensia (f.12) {gensia} intendi que minha Alma se transformaua em Deus ouuindo estas palauras quero que descanses comigo no Ceo e pondome a sua menza me deu a comer o pam do Sacramento que numca meu corasam Auia comido tal manyar senti tanbem darseme a

beber agoa Para Refregerar com tan grandissima dusura que me sospendia sentidos e potencias e por espaso de tempo estiu suspensa entre[i] em min com Alguns intreualos e ouui se me cantaua huma muzica A medida do amor que gozaua pasado tempo sahi deste extasi e os ifeitos que achaua no meu corasam hera huma dor grande de meus pecados porque o amor que he uerdadeiro sente as ofensas de quem Ama e como eu tinha ofendido a quem de presente amaua hera Para min grande sentimento

Outra merce me fes o Senhor em huma
festa de seu nasimento

11 Estando huma noyte em Orasam se me pos diante dos olhos dalma O portal de Bel feito ceo onde ui o Minino jesus nasido nos Brasos de sua Santissima may o amor me hunio tanto com O Menino jesus que dei gritos que me abrazaua em amor deVino pois a senhora me deu o Minino que o apertei muito nos brassos e gozando este bom spaso de tempo procurei A Senhora sse comia o Minino alguma coyza para eu lhe dar falar de quem estaua com dilirios de amor que nam sabe asertar no que dis rrespondeo a senhora filha o Minino come corasois dalhe teu corasam ate que tenhas outros corasois que lhes oferesas oferesi o meu corasam que mais hera Restetuir o amor que ele me tinha dado do que oferta que eu fazia mas eu Estaua tam fora de min com o jubilo que gozaua minha Alma que nam podia tomar asento o discurso leuei muitas horas neste fauor e sendo ia para a madrugada rrendese a natureza a tomar hum pequenino de sono dormio o Corpo e o corasam {uelaua} (f. 13) Velaua pois dentro nalma ouui huma uos da senhora que cantaua Ao Minino despertei e presebi com toda intiligensia que a senhora me daua huma rrepremsam porque me deixei dormir dizendo Porque tu destemperaste a Viola que hera a horasam por te dares ao sono quis eu cantar por nam faltarem os lououres A este Minino agora digo que nam ha sono para quem ama os Amantes de Deus tem o seu rrepouzo no peito de Cristo como ssam Joam ou como o hosio da Magdalena pois no sono teue Sam Pedro a sua rrepremsam deixo aqui ficar estes fauores que foram Para mostrar prensipio e como nam ha filho sem May direi hum

fauor que rresebi emtre moytos
de maria Ssantisima

12 Nam tem o amor descanso e por iso nam sesauam as merces estando outra noyte Orando creseo em minha Alma tanto Amor deuino que me fes suspender ia se sabe que suspensam he nam poder huzar de sentidos e potencias que tudo pode fazer a ueemensia do amor e despertando conhesi se manifestaua A minha Alma hum coro de Virgens de grande multidam e nele auia hum tribunal supirior de grande Maiestade onde assistia A Soberana Virgem Maria a quem sumamente amey ficando {minha} minha Alma com grande comsolasam dipois disto deu a senhora lugar que se deixase uer a bem Auenturada minha Madre Santa Clara com tanta glória de que Deus A tinha irrequesido que se nam pode explicar tanto que o conhesi por May lhe pedi a sua bensam rrecolhime em seus brasos e me prendeo com huma cadeia apareseo logo Santa Thereza e prendeme com outra cadeia seruiusse A Senhora de dar {lugar} (f.14) lugar As suas seruas e para me fauoreser esta soberana Senhora prendendome com a triseira cadeya dizendome com estas tres cadeias uenseras Os tres jnimigos dalma finalizouse o extasi ficando por largo tempo com os olhos no Ceo agora digo como se uensem estes jnimigos o mundo uensese com pasiensia o Diabo com humildade a carne com penitensia desta emtra agora Algum progreso de minha uida

Sse os Senhores leitores quizerem ouuirme direi
para que foram estes fauores e cadeias

13 tomou o amor uoos para que minha Alma se humilhase caindo na Presiguisam do mundo Diabo e Carne e postos em canpo estes tres jnimigos presipiaram guerra comtra min primeiramente me deu o mundo huma grande bofetada porque o mundo sempre them A mam leuantada para quem serue A Deus foy o cazo que uindo serto Religiozo por delegado a este comuento fazer uezita Alguma Religioza que talues fose nela zelo paresendolhes que a minha uida nam hera conforme o seu emtender dise ao Prelado do que sentia de min ficou feita a uezita a a Repreemssam guardada para quando entrase na clauzura chegase a hora de fazer capitulo as Religiozas e dise perante toda a comonidade que constaua de sesenta freiras que o Castigo que eu Meresia por minhas culpas he\ra/ ser encarouchada e que se nam me emmendase que segunda ues uiria nam mi sahio alma pela boca antes fiquei tam sosegada(?) nalma e corpo como se fora

beneficio e dentro de meu corasam com palauras moy ternas oferesi a Deus afronta que rresebi por aquela Alma que ia me tinha ido uizar e tinha sido cauza de minha jniuria a natureza sentio mas (fl.15) O Spirito ficou com muito ualor e nam foy uertude minha se nam de Deus porque na noite Antecedente estando eu em Orasam me rreebeo o Senhor dentro de seu peito e me dise huma grande crus se te espera e para A poderes levar metete em meu lado e abrio o Senhor o peito e fiquei nele sumirgida aonde tomei ualor ficando fortalida para a batalha Este desprezo me foy abrindo caminho para jmitar A Cristo e o Demonio Ssasiou A ccede de me uer tam abatida pasei este Oyteiro de pasiencia e ficou em meu corasam huma grande caridade esta grasa me deu Deus para uenser mundo Diabo falta agora dizer como foy Vensendo a carne com pinitensia uerשה no progreso de minha uida Sse foy sempre peleando contra estes jnimigos e como esta peleia he tam sanguinolenta presizo foy que Deus se compadesese de min que nam tinha uertude nenhuma se nam fose com a uista do seu Eizemplo estando em Orasam se manifestou a minha alma hum Retratto de Cristo Senhor Nosso feito huma pasta de sangue confeso que quando tal ui me deu o Corasam pulos no Corpo e pulsando como Digo se achou minha alma muito rrecolhida na sala intirior onde Vi melhor seu santissimo corpo delidos os osos de tormentos e lansando de si fogo me deu a entender que a sua Paxam inda Estaua quente e o seu Amor inda se nam esfriara estas palaVras se inprimiram muito em minha Alma e me da lastima nam Auer quem se queira aproueitar destas finezas

Jnda nam sahi do prepozito quis
primeiro propor os meyo que Deus hia
tomando para eu tomar Animo
uendo as furias do Demonio

(f.16) 14 Estando em çerta ocaziam Orando se me rrepresentou huma Vizam jmaginaria ui nela huma Prosisam onde hia moyta jente e leuaVam As insinias da paxam de Cristo e no fin da prosesam hia huma jmagem do Senhor Crusificado formada toda a prosisam com moyto silencio e sosego se atreueo A interrnpela hum caualo que corria tam feros como o pensamento ligeiro se o nam diteuera hum homen que pela rredia o rrefreua o que senificaua esta prosisam se me deu logo a emtender porque os que seguem a uida spiritual sabem muito bem que a uizam tras consigo Reuelasam O Crusifiso e as jnsinias senificauam A mezericordia de Deus o Caualo feros hera o

Demonio que se queria opor A mezericordia deuina e consumir todo o mundo se o nam ditiuera e rrefreara São Miguel sinificado no homen agora esta Vizam foy para min como auizo para as emprezas em que Deus me queria meter para comtenuar a guerra fazendo penitensia peleizando com os tres jnimigos dalma

Ssegue-se hum Ameaso da justisa
deuina comtra os Senhores Sacerdotes

15 Estando em Orasam me apareseo o Senhor em Vizam jntellectual e se me rrepresentou na praia do mar pescando Almas qual fose este mar sabem todos ser o mar do mundo nam sam palauras m[i-]nhas as que quero screuer mas se por serem proferidas {por minha}Por minha boca os SSenhores Ssacerdotes se derem por ofendid[os] com A boca em terra lhes peso perdam que fala mal quem fala com O seu rrespeito mas a forsa supirior nam pude eu rrezestir apa[re]seme o Senhor como digo pescando almas para me insinar com o seu (f.17) Eizemplo A pescar Algumas e me dise quais Auia de ser As primeiras que auia de pescar estas sem os Senhores Sacerdotes porque os Ama muito e se alguns se fazem jndinos deste amor emtam nam podem entrar na conta mas como nam conta sem numero estam no numero de sacerdotes mas estam fora da conta para estes he o mesmo da deuina justisa foy arrebatado meu spirito em hum extasi e me foy mostrada huma espada nua e com palauras me dise o Senhor que a espada que uia hera A justisa deuina com que matara A moytos sacerdotes e os lansara No inferno e com a mesma auia de castigar a moytos e quem podia Deter esta justisa hera a minha penitensia e orasois e metendo na minha mam A espada me dise a tua pasiensia hade defender a eizicusão Desta justisa Apunhei a espada porque trazia crus ficando inbainhada dentro de meu corasam e tratei logo de satisfazer a justisa Diuina com o pouco que podia meu spirito nam tinham os Senhores Ssacerdotes bom fiador em min porque nam hera abonada de uertudes mas oferesi Ao Senhor o que tinha rresebido de sua deuina mam que hera A Caridade ardente da saluasam das Almas mas para semelhante Pescaria como he pescar sacerdotes hera nesenario ser pescador do Alto e sem muito rriguroza penitensia nam se podia satisfazer a justisa deuina

Vou contenuando sobre a mesma materia

16 Sso com penas do inferno se podia dar Alguma satisfasam a Deus seguese outra Vizam ao mesmo intento foy leuada em spirito Ao inferno estando Orando e pasando por grandisimos medos e Ssobresaltos emtrei naquele calabouso infernal e no mais fundo lugar estam os Sacerdotes e ali ui estar brazeiros de fogo muito Atiuo que de nenhuma sorte o sei dar A emtemder neste fogo Estauam os Demonios asando moyta carne feita em pedasos {como} (f. 18) Como gattos esfolados e morridos do fogo fiquei sumamente atimurizada logo me deu moito mais que sentir quando se me dise que aqueles hera[m] os Sacerdotes que no mundo se abrazaram no uisio da lusuria outros estauam metidos em adegas muito escuras padesendo innumeraueis tormentos sahio minha Alma desta lamentauel uizam quazi mo[r]ta e se meresi alguma coyza o apliquei logo para os Senhores Sacerdotes Vivos para coyia cauza e pescaria o Senhor me comuidaua

triseira Vizam sobre
o Referido

17 Em huma noyte que estaua em Orasam foy leuada em hum estasi ao jnferno ui nele que os Demonios estauam fazendo moytas couas e logo Sse me deu notisia que aquelas sepulturas que os Demonios estauam Abrindo hera para se enterrarem os Sacerdotes que se eu queria fazer penitensia que mandaria {logo} logo fechar as sepulturas ueyam que rresposta tinha isto pois foy tal o jnpeto de caridade que Deus me deu que rrespondi que uiuesem eternamente os Senhores Sacerdotes e eu ficaria sepultada no inferno com tanto que la amase a Deus aseitou o Senhor e partido dizendo que ficase somente sepultado o pensamento emquanto eu uiuese neste mundo e na morte me despediria de tal lugar pareseme coyza suaue comsidirar o que se padese no inferno para me ficar aliuiada a penitensia que fis pelos Senhores Sacerdotes de que agora farei mensam

digo primeiro que tudo huma
Vizam

18 Estando em Orasam me pareseo diante dos olhos dalma huma coluna tam alta como he da terra ao Ceo hera esta coluna {moito} (f. 19) Moito direita e liza esplicoume o que

sinificaua a coluna dizendo que hera O Caminho por onde eu auia dir a Deus dise eu Senhor como poso subir por esta culuna se ela he tam liza que nam tem onde lanse mam nem fasa finca pe a rresposta foy dizendo que auia de sobir por uoos e seriam tantas As penas que me suspenderiam os sentidos acomodouse o Corasam a padecer porque tinha o pensamento no inferno e como aquela se padese em comparasam do trabalho desta uida me pareseo fauo de mel ou pastilha de boca emtrei a padecer pondo abstinensia na boca com moytos jeiuns de pam e agora que cheguei a emfraqueser de sorte que mal podia ter o Corpo Deus me daua alento para seguir todos os atos de comonidade aumentei A orasam tendo emtre dia e noite sinco horas de Orasam Mental eiseto ofisio deuino no Coro e como As orasois a mais parte hora A meia noite A falta de sono e os juiuns (*sic*)¹⁸ Rendia a natureza de sorte se emfraquesia que cheguei a dezeiar comer folhas de arVore disto cresia infirmitades e estando doente sangrada noue uezes tomaua duas horas de Orasam huma de menham e outra de tarde sobre a cama de iuelhos aqui tomaua o spirito forsas sem fazer cazo da natureza e para esta \emtrar/ em si tomei algumas materias e sangue de duas fontes que tinha e lanbendo os panos leuaua para o stomago asegmentando o Corpo com o seu mesmo sustento porque a fealdade da culpa he muito mais Asquerozas dipois disto padesimo crisiam moytas acupasois lidas com muita Jente que tinha a meu coydado ofisios de comunidades que dam que padecer bastante nam se fecharam {as portas} as portas da mezericordia a estas limitadas penitensias antes se abriram moytos tizoiros que se rrepartiram com os Senhores Sacerdotes e se o que Padesi foy sifra os comtadores nam podem comtar sem sifra Pois agora estas contas no tribunal deuino nam se podiam ajustar sem a sifra da penitensia e o Amor de Deus se meteo de promeyo Rementendo todo o proseso das culpas A Maria Santissima que como May de pecadores leuase em conta o Conteudo que se tinha {dado} (f. 20) Dado em desconta e o mais que faltaua apelei para A mezericordia de Deus e supririam os meresimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo e nam ficariam fora da conta os Senhores Sacerdotes que estauam dentro no numero quizera eu Agora que estes Senhores se mostrassem agradesidos a Deus em nam Vzar de sua justisa pois comunicou a cauza que tinha para os castigar o amor merese comrrespondensia

¹⁸ Ou seja, “jeiuns”.

Estou na praia do mar contenua

A pescaria

19 Nas obras de Deus so podia meter mam A mam de Deus e nam meter mam a obra A mam de huma mulher pecadora mas asim foy Nesesario quis o Senhor que de todos os estados tiuese eu Algumas Notisias sabendo as culpas dos pecadores para emmendar as minhas Em uinte e sinco de março de 1720 dia em que emcarnou o deuino Verbo estando eu em Orasam me rreuelou o Senhor que o mundo Estaua perdido por falta de penitensia e corriam tantas almas Para o inferno como as bicas da fonte e moytos Reinos estauam em tal estado que se nam lhes acodia com Orasois e penitensias que de todo se perdiam quais fosem estes Reinos me dise claramente eu o não digo por nam saberem a sua jnfamia so direi que sem catolicos e muito cristianisimos mas nam auia neles quem se quizesse salVar este anunsio me cauzou tanta compaxam que oferesia Deus o lemitado de meu spirito seruise o Senhor da minha uontade e Ordenoume que chorase aquelas culpas e agoa que saise dos olhos Auia de uir dos montes eu fiquei como quem nam sabe nada E pedi Ao Senhor me explicase como auia de uir aos meus olhos Agoa dos montes pois Agoa nase no sentro da terra seruise {o Senhor} (f. 21) O Senhor de insinar-me como hum mestre que emsina hum dusipulo em latin me dise hum uerso de Daudid que se achara no Salmo 103 Nas matinas de sabado dis asim Abissos secut uistimentum Amicus eius super montes stabunt aque¹⁹ e cada ues eu intendia menos porque nam emtendo latin mais fauor me fes em constroir na nosa lingua diseme que agoa que auia de uir dos montes Auia de naser de huma Alma que tiuese montes de uertudes porque so estas Almas choram os pecados do mundo nam tinha eu montes de uertudes antes tinha montes de culpas mas tiue da minha parte a mezericordia deuina que me fes partisipante do seu Amor

Vamos agora uendo como
chorei as culpas do mundo

20 Com dadiuas de amor foy o Senhor prendendo minha Alma para me insinar como eu auia de prender Algumas Almas estando huma noite em Orasam me fes hum grande \fauor/ e dipois de lograr este bem me dise que se queria auzentar sintio minha alma esta

¹⁹ Ou seja, “Abyssus sicut vestimentum amictus eius super montes stabunt aquae”.

Auzensia e Pedi que me leuase comsigo ou me deixase huma prenda sua para aliVio de minhas saudades rrespondeo o Snor deixartehei a minha Crus que he a prenda que mais amo pareseo logo huma Crus que Abrasei como prenda de meu spozo com esta crus as costas prensipiei a chorar as culpas do mundo e com as dadiuas de seu Amor Aprendi a dar o Sangue das ueyas e o dinheiro da bolsa pelo rresgate das almas tomando este caminho que com dinheiro e sangue fose comprando algumas Almas que estauam em pecado mortal e sahisem das mãos do Demonio premeiramente me rreuelou que aVizase dois homens do maoo estado em que tinham suas comsiensias E diseme as culpas que heram e nisto pos o Senhor tanta forsa que Eu nam podia rrezestir nam tinha eu com estes sugeitos ne{nhu} (f. 22) nhuma comfiansa heram homens de muitas letras e eu que os nam sofria Por uer neles pouco spirito comferia em meu corasam como tomariam Estes homens o que eu auia de dizerlhes Armeime de penitensias leuando semanas inteiras de Orasam no silencio da meya noite Para que Deus os dispuzese para tomarem estes auizos que hera dizerlhes As culpas que eles tinham cometido e que se nam emmendauam a Vida se auiam de condenar com estas ansias pasaua dias e noytes Ate que tomei Animo e busquei caminhos para me introduzir com eles cada hum de pre si os acupeí para me fazerem Algum seruiso de que eu nam nesesitaua mas para os \em/treter busquei estes disbaratos tratei logo de lhes mandar alguns mimos e Regalos e foy mudando o meu natural que aborresendo o seu trato mostraua eu que heram eles moyto do meu agrado obrigaua sem eles de min montrandose agradezidos e cada ues se comuidauam mais A seruirme eu tinha os meus emtereses nos meus dispendios com mam liberal Aumentaua o preso do pouco seruiso que me faziam com que lhes uin a dar pelo trabalho sinco moedas cada huma de quatro mil e oytosentos deramse por satisfeitos E {me} me deram comfiansa para eu meter mam nas suas comsiensias aqui estaua toda a minha comueniensia Cada hum em particular lhes propus o mezarauel estado de suas almas cada hum me ouuia com muita humildade e lagrimas prometendo A emmenda e com ifeito a fizeram mas falta muito que dizer

21 temerario dezafio de se rreputar por comfiansa de mulher de pouco spirito dar dinheiro a homens e catiquizalos com mimos e afagos mais parese disdoyro da uertude do que uertude doyrada porem eu digo que spirito com dobrado spirito se podem chamar semelhantes penitensias nam tinha eu uertude para Atos tam eroicos se Deus por sua bondade me nam {leuara} (f. 23) leuara por este caminho nam jgnoraua eu os perigos que isto tinha E me queria liurar destes emcontros e me queixaua Ao Senhor dizendo Snor bem uedes uos os perigos a que me exponho pois inda hera freira mosa e

entre homen e mulher ha moytos rreseios hera Auizada da parte de Deus que fizese o que me mandaua que quem Ssabia nadar andaua por baxo dagoa e nam se afogaua e como As palauras de Deus sam obras sahi da empreza tam pura na comsiensia como se nam fora filha de Adam o grande Amor de Deus que estaua asentado em meu corasam fechou as portas a tudo que fose natureza e me fes pasar por outras sircunstansias o dinheiro que estas Almas me custauam todo o pedia em Prestado que de meu nam tinha nada e queixauame ao Senhor dizendo Senhor com que hei de pagar este dinheiro rrespondia Pagaras com aquilo com que eu paguei o que nam deuia ponho Agora aqui fin e tronarei a prinsipiar

Vou prosiguinto sobre

A mesma materia

22 Como Deus Nosso Senhor por todos os caminhos queria saluar almas também Para os milhores homens fis outros dispendios A hum que hera para se ganharem muitos bens spirituais gastei com ele mais de quarenta mil Reis hera isto com todo genero de pesoas humas para sairem de culpas e outras catiquizalas para a uertude tinha isto como uisio speritual comprar a saluasam das almas porque nam podiam chegar A Deus por outro caminho diram agora que talues fose eu prodiga de natural rrespondo que nam porque hera bem gouernada e tinha muita familia a meu coydado e a impulsos de amor de Deus o{bra} (f. 24) Braua estas finezas porque bem uia eu nam ter com que pagar o dinheiro que pedia emprestado para dar estas Almas e me faltaua para acudir as minhas nesidades como hera uestirme que nam podia andar nua pois hera Religioza e queixauame Ao Senhor dizendo Senhor com que me hei de uistir rrespondia uistete de penas daras mayor uoo asim cheguei A tal estado que nam tinha huma saia que uestir abeto nouo não hera para min uestia os Abitos Vzados que deixauam minhas sobrinhas e tudo fazia com tal desimulasam que ninguem coydaua me faltaua o Nesesario agora ueiam se me podia eu emmendar estando bem discoydada coydaua eu que ia Nosso Senhor nam queria mais de min neste particular estaua em Orasam huma tarde quando o Senhor foy seruido auizarme que dese outra quantia de dinheiro A outro homen que o tinha Para seu amigo pois confeso que nesta ocaziam me afligi e dise Senhor Eu nam tenho ia a quem o ua pedir emprestado rrespondeo uay A Madre N que eu sei que ela tem dinheiro logo te ade emprestar foy buscar a freira com bastante uergonha achei porta franca com que foy buscar o sugeito e por meyo bem desconhesidos que ele nam

Viese em conhecimento o fin com que eu lhe daua o dito dinheiro que Ate nisto tinha que padecer porque estudaua como auia de tomar Entrada para dar dinheiro este homen se fes tam dezenteresado que nam hera posiuel aseitalo eu conhesi ser a rrepugnamsia da parte do Demonio porque estaua aqui huma boa pescaria e pode mais a minha profia do que a sua rrezistencia la ficou o dinheiro e eu fiquei com que o demonio fose para o inferno consoloume o Senhor e me dise quem tem o meu amor tem pregos de oyro Agora saibam que nam fiquei deuyendo nada porque neste tempo tinha eu inda PPais e me Ssocorriam com o nesessario para me uestir e tudo que auia mister coydando eles que eu nam tinha diuidas e pelo comtario (*sic*)²⁰ susedia pois o que me dauam tudo hera para pagar diuidas dauam tambem que sendo Religioza nam podia dar sem lisensa dos Prelados rrespondo que a comonidade nam ueuia do comum cada (f. 25) Cada huma se governaua como podia e sempre para gastar nas suas nesessidades Os Prelados dauam lisensa e como eu tinha por grande nesessidade a salVasam das almas pouco emportaua que faltase para min pois tinha de sobeio Pasiensia tenho dito como compraua as almas com dinheiro da bolsa direi agora que mais rresebi do que dei porque auareza que eu tinha toda me leuaua ao inferno e se a mezericordia deuina se pos da minha parte em me dar a sua Crus tudo ganhei e nada perdi porque As palauras que nam leuão Joras todas uam cheyas de mentiras que amor que he auaro nam tem nada De uerdadeiro pois na milisia do amor tudo sam dispendios ate qui tinha Acabado e agora torno a prensipiar Veiam o papelinho e tornem A esta pagina²¹

(Frente) Pasados Alguns Annos tornei a prensipiar por onde tinha acabado comprar o amor com prendas he Vzo do amor humano mas comprar Crus Com dinheiro so no amor de Deus se acha abrio o Senhor em meu corasam duas fontes huma para correr o Seu Amor e outra para correr moeda para que com moeda corrente fose comprando almas e quando deyxou de correr foy para correr con mais forsa porque no fin de oyto annos que deixou de Correr esta fonte e alagado o Corasam por estar opromido Ronpeo com tanta forsa que mais paresia fonte de piadade que corrente de dinheiro Porque estaua alagada de culpas huma alma que se nam fora a mezericordia a Deus e a corrente de moedas no lago de suas culpas se afunDia no inferno esta foy para min crus de tanto pezo que escasamente a poDia levar que como tinha feito tantos dispendios nem tinha a quem Recorrer para o pedir emprestado ou para melhor dizer tomalo a rrezam de Juro

²⁰ Ou seja, “contrario”.

²¹ Texto que a autora acrescentou posteriormente colando uma badana na margem direita da página.

debaxo de segredo por quem \sem/ Reditos ninguem mo queria dar E com estas ansias de nam poder auer o dinheiro se me fazia a Crus pezada porem o Senhor que gostaua uerme padecer mouia os Corasois de quem tinha o dinheiro para mo dar como tenho dito pagando rreditos e assim foy comprando esta Alma a forsa de moeda corrente donde uim {lucurar}

(Verso) Lucurar tanta comuiniensia de uertudes que esta Alma Exersitou que foy huma das mais adiantadas no spirito que achei e pelo muito que despendi quis fazer algum Escrupolo e rrecorri ao Senhor e sua May Sanctissima me dese lus Para asertar seruise A Soberana Senhora de me dizer que ela hera a que tinha metido a mam na bolsa para que eu fose dando moeda corrEnte e se o nam achase na terra o fose buscar Ao Ceo que de la auia de uir porque hera Vontade de Deus fose comprando almas com Dinheiro e ssangue das ueyas²²

Seguese dizer como compraua Algumas

Almas com sangue das ueyas

23 Nam foy moito o Sangue que sahio pelas sezuras das sangrias que tomei nas infirmitades que padesi o mayor tormento hera o San- gue que nam corria porque ficaua congelado nas ueias das altiSsimas penas que padesia e chegaua a parasismos de morte nam ficando no sangue uigor para correr menos custa dar o dinheiro da bolsa do que padecer infirmitades estas sangrias como digo tomei muitas uezes segundo os medicos ordenauam e Deus queria para saluasam das almas foy auizada da parte do Senhor para que padesia hera o perigo tam Juidente comdenarse certa Alma como hum homen que esta na Veia dagoa para se afogar por esta padesi huma infirmitade de sezois tomando sangrias ardendo em febre e sede intelorauel que padesi quanto Deus sabe e como as ansias heram moytas o Cordeal que tomaua o Corasam hera sahir do intimo dele a Vos supirior que governaua minha alma dizia tem pasiensia porque a Creatura por quem padeses certamente uay para o inferno que esta Na u\e/ia dagoa se tu nam fazes pinitensia traziam estas pala{uras} (f. 26) Vras tanta jfficasia que ardia em cede da saluasam desta Alma mais do que a tieza(?)²³ da cede que deixaua a febre tomaua o CoraSSam fogo para se desfazerem As ueias em sangue e o que ficaua congelado nas

²² Fim do texto acrescentado.

²³ Ou seja, “Tibieza”.

emtranhas hera como para fomentar(?) pois nam se pasau[a] muito tempo que nam sobreuiese outra infirmitade

Segueise outra mayor jnfirmitade

24 Em serto tempo auia grande nesesidade de rreforma neste Comuento e para melhorarem Almas dispos o Senhor emfermase eu com tresSans dobres que cheguei a perigo de uida sahio o Sangue das ueyas porque tinha fogo o Corasam padesi outra infirmitade de 40 e tantos dias por liura (*sic*)²⁴ hum homen que daua muito escandalo e pode tanto a penitensia e Orassois que por ele fis que mudou o Sugeito ate meter terra de premeyo

Ssegueise outra infirmitade

25 Padesi hum Accidente que me nam ficou de uida mais que hum lemetadisimo spirito uital sahio o Sangue das ueias e aumentouse A uertude em duas almas que nam podiam atinar com o Caminho da uertude finalmente foram moytas a ocazions Em que dei o Sangue das ueias mas nem por auer correntes de sangue parou ardente febre e antes cresia a cede de mais padesper pela saluasam das almas que dipois de ter notisia do mizarauel Estado em que estauam moytos Reynos foy auizada da parte de Deus como estauam metidas no inferno moytas sidades e uilas que Sse nam acodia com penitensias e Orasois se afuindiam no inferno fiquem uilas e sidades em silensio que nam he o meu intento descubrir faltas e so porei publico como estaua esta sidade de Porta{legre} (f. 27) legre poucos annos tinha eu de Religioza que de seis ate sete nam Pasauam quando o Senhor fyhou de min seu segredo estado (*sic*)²⁵ huma Noite em Orasam me rreuelou que auia de queimar esta sidade Com fogo do Ceo e choueria nela tanto fogo como quando choue Agoa com este anunsio fiquei suspensa e emternesida pedi mezericordia adiantouse mais o suseso e mostroume em uizam como Estaua a sidade estaua como hum monte de caruam e so diuizei humas limitadas luzes que suponho seriam para prinsipiar a queimar nam tinha eu o Spirito de Moyzes para Resgatar o pouo do Captiueiro de tantas culpas como tinha esta sidade mas cobrei animo pois pedia a boa

²⁴ Ou seja, “liurar”.

²⁵ Ou seja, “estando”.

comrrespondensia fazer penitensia primeiro que tudo oferesi Ao eterno Pay os meresimentos de seu santissimo filho presedeo da minha parte acrescentar Orasois sobre OraSsois com todo genero de penitensias cobri o Spirito de sinza pois a nam podia por na cabeça que tudo ficaua no meu segredo trazia o Corasam tam consumido de pena que sem milagre nam podia uiuer pois nam rrispiraua senam ais e fazer tam pouca penitensia hera para min a mayor penitensia porque tinha na caridade o mayor coydado as almas me traziam Ssem alma pois a uida dependia da morte e sumou o Senhor com sifra estas contas pois sendo tudo o que eu fazia huma Ssifra se comtaram tantos milhois de perdam supendese A iustisa as maos da mezericordia esta teue o Senhor comigo chegandome mais a si para segunda empreza

Ssegundo auizo da justisa deuina
sobre esta sidade

(f. 28) Entro na sidade tam arruinada

26 Auiria mais de uinte annos que tinha socedido o cazo que fica Escripto e tornando a crescer em culpas parese inpasientauam a Pasiensia de Deus seruise o Senhor de rreuelarme estando em oraSsam que auia de castigar com peste a dita sidade parese que todos os castigos estauam guardados para min bendito seia o altissimo que tudo meresiam meus pecados seguise deste anunsio fazer noua penitensia crescer em Orasois para aplacar a jndignasam de Deus que tam iustamente queria castigar pois para se uerem As suas mezericordias so oyto dias bastaram porque estando Em orasam me dise o Senhor esta sidade e todo o mundo nam com peste mas com o meu amor ues ahi te dou a espada que he o meu Amor rreparteo com quem quizeres e abrindo seu santissimo lado sahio tam grande emchente que nam podia eu com ele E meu deu hum grande desmaio e fiquei por algum tempo suspendida de sentidos e potensias e cobrando alguma jntiligensia Presebi que se faziam grandes festas no Ceo cantando os uiuos Diziam uiua a saluasam do mundo e eu banhada em lagrimas de sumo gosto tornei a perder os sentidos e cobrando segunda Ves intiligensia intendi se cantauam no Ceo a gloria que se canta na missa e os uersos Agnus dei qui tollis peccata mundi ett.²⁶

²⁶ Ou seja, “Agnus Dei qui tollis peccata mundi, miserere nobis. Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem.”

27 bem se pode crer esta uerdade com outra que o Senhor me dise em certa ocaziam disime se eu tiuera em cada terra huma so Alma Vnida comigo por cada uertude eroica que esta alma tiuera auia eu de perdoar hum milham de culpas pois agora como o Senhor queria matar o mundo com o seu amor inda estou metida na sidade e sempre me auia de deixar eizersisio de penitensia nos campos da penitensia sempre ha que esquadrinhar para que os seruos de Deus apurem a pasiensia foy auizada da parte de {Deus} (f. 29) Deus que nesta sidade estauam huns homens tam preuosos e malinos que heram semelhantes ao Demonio porem que lhes custaram moyto porque os andou buscando pela rua damargura com huma corda ao pescoso que fizese eu Orasois por eles que lhe daria ausilios para sairem das culpas tomei a meu coyado fazer penitensias e Orasois ate que o Senhor se seruiu de mostrarme com uizam humas cerras moito medonhas espantaeis e sobre Estas cerras estauam moita quantidade de Demonios de diuersas figuras que so de uelos coydei se me acabaria a uida e me dauam desmayos de medo animada de Deus tiue alento para preseber o que me foy rreuelado dizendome que todos aqueles demonios que uira tinham saido das almas daqueles homens a forsa das Orasois

agora para ser louuado o Santissimo

nome de Deus

28 Direi o que o Senhor em certa ocaziam me dise por grande fauor Eu te consedo jndulgensia plenaria todas as uezes que fizeres Orasam fique esta merce separada e paso adiante

29 que quero dar mais huns paseios nesta sidade a uer se axo inda em que mereser estando em Orasam me Reuelou o Senhor que nesta Ssidade estaua inda hum homen tam grande pecador tam cheyo de Culpas de todo genoro e tam curruto na castidade que ia nam tinha rremedio senam hir para O inferno que se eu quizesse fazer penitensia tomando as culpas por minhas e pedir por este pecador que teria mezericordia com ele respondi eu que sim porque se afeisoa sempre o amor a padecer mas Ssempre fas pezo culpas alheias comtudo como eu tinha {tomado} (f. 30) tomado ia o pezo a Crus bem sabia quanto pezaua tomei a meu coyado satisfazer com Orasois e penitensias e o mais satisfas os grandes meresimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo este Senhor me consolaua muito nestas emprezas e premetio que soubese que quando na terra se fas

penitensia estam os Anyos cantando no Ceo o uerso que dis cantate Domino canticum nouum laus eius in eclesia sanctorum²⁷

hultima noticia desta sidade
muito me tenho dilatado nela

30 Como A obra hera toda de Deus A este Senhor nam se lhes esconde nada no silencio da meia noyte estaua eu em Orasam bem cansada de padecer quando o Senhor me dise filha nam tomaras tu Por tua conta huns homens desta sidade que estam em mizarauel estado tam duros de corasam e tam mortos pelas culpas que se tu nam fazes penitensias e Orasois sertamente uam para O inferno de boa uontade me oferesi a tomar as culpas por minhas disposme o Senhor com uarios modos de penitensia e continua Orasam e tudo se aprefeisou com huma doensa de dores Nas entranhas que com sangrias e purgas foy presizo acudir Para comseruar a uida ate que na noyte Antecedente Ao jubileu da prosincula meteo o Senhor minha em huma Vizam e nela ui moyta cantidade de homens mortos confeso que fiquei atimurizada de medo animada da parte de Deus me faltou o temor com As palauras que ouui dizendo amenham todos {estes} estes homens ham de estar uiuos porque se ham de confesar e sahir das culpas e sam fransisco os tem por filhos da triseira hordem e como ele esta pedindo e quebrando as forsas ao demonio e tu fizeste penitensia por eles eu dou Ausilios para se confesarem e me pe{di-} (f. 31) Direm perdam que eu tenho do de quem me pede perdam que logo perdoe E me esqueso das ofensas que me fizeram mais dise o Senhor agora para tua consolasam te prometo que numca mais estas almas percam a grasa porque nam seram uensidos do Demonio que ia lhes ficaram as forsas quebradas nam foram meresimentos meus seriam sim de meu sarafico Padre São francisco que ama muito a seus filhos

Ssegue-se agora dizer que o Senhor me fes coiseira
E porteira do inferno

31 foy comstetuida como digo para coiseira do inferno para que tomase fundo A minha humildade tendo sempre abertos os olhos no Conhesimento Proprio porque sendo a

²⁷ Ou seja, “Cantate Domino canticum novum, laus eius in ecclesia sanctorum”.

coiseira O mais baxo fundamento da porta Nam saise numca deste jnculhimento foy eleita para porteira das portas do inferno para que nam emtrasem almas para o jnferno nem sahisem Demonios rrepremindoos com a espada da Santa Orasam E nesta porta apregoase como fazem os porteiros dizendo há quem se queira saluar que eu o ajudarei a sahir do inferno de suas culpas grande largueza de falar se fora meu podia ser Reprouada por soberba mas poso dizer com uerdade que moytas e moytas \uezes/ me dizi o Senhor uai apregoando que sam brados que dou as Almas nam tinha eu inda posto pe na uertude para andar sobre O mundo dando brados se o mesmo Senhor por sua grande mezericordia me nam dera forsas para nauegar no mar largo de tantas culpas como se me punham diante dos olhos dalma mas aonde se me nam Escondiam culpas auiam de ser publicos os fauores de Deus pois se (f. 32) Ssendo infiel depozitaria de seus segredos fiou de min os mais rremotos e todos somados nam caberiam em numero porque hera tanta a comonicasam que tinha o Senhor com minha alma que de dia e noite e a toda a hora Por mais acupada que estiuese e ainda emtre jente comendo e dormindo Sse fes este Senhor para min tam comonicauel que nem por eu o desmereser com a groseiraria de estar uestida de natureza deixaua de por em Meu peito seus segredos foy este Dom que o Senhor me comsedeo como choiua que uem do Ceo que como o mar do mundo estaua tam seco hera Presizo chouer a mezericordia de Deus mandandome auizos que acodise com Orasois e penitensias e asim nam auia para min dia nem Noyte de descanso porque nam despensaua comigo Algumas uezes dezia eu Senhor bem uedes que he presizo acudir a outras coyzas rrespondia emcarregote a comsiensia e pecaras mortalmente se nam acodires as nesesidades porque te constetui despenSseira das minhas mezericordias e faltando com Orasois não Podem Algumas almas partisipar destes bens e para credito desta uerdade digo que ate pelos moyros me obrigou o Senhor Dizendo faze penitensias e Orasois pelos moyros ueiam agora que Arrobas de penitensias seriam nesesarias para comuerter moiros Pois fis o que Deus sabe e foy auizada da parte de Deus que moitos estauam ia comuertidos mas como nam heram obras minhas que todas heram de Deus por esta rrazam ate moyros se auiam de conuerter Porque nam tinha eu pes como fica dito para correr todo mundo se o Senhor me nam fizera a merce que agora direi estando em orasam Nam podendo dar ia paso de rrendida a natureza pela falta de forsas para prosiguir o Caminho da penitensia me dise o Senhor filha aqui tens os meus pes para andares o Caminho da uertude e metendo seus Diuinos pes dentro de meu corasam tomei tanto alento que prenSsopiaua por onde tinha acabado ou para melhor dizer nam andaua mas uoaua hia por uoos as indias jerusalem A

Roma fran\sa/ jItalia e todas as partes mais rremotas como ia dise porque de {todas} (f. 33) todas me uinham do Ceo anunsios para eizersitar penitensia e auMentar Orasois e como o Senhor me tinha dado seus santissimos pes Para correr o mundo rrezeruou suas deuinas mãos para o noso Reino de Purtugal e uendo o grande perigo que corria o Alteyo(*sic*)²⁸ Pois estauam para se comdenar innumeraueis almas pelas moitas culpas que tinham cometido rreparou esta perda Em querer salualas por suas proprias mãos foy o cazo o seguinte

32 Estando eu huma noite em Orasam uizitou o Senhor minha alma dizendome estas palauras saberas filha que o alenteyo esta de todo perdido e quazi afundido no inferno minha may Ssantisima esta detendo a minha justisa e como tenho as maos pregadas na crus nam queria castigar mas he presizo tomares tu por tua conta chorar estas culpas e fazeres orasois Por estas almas que estam em tal estado que ha rruas inteiras de cazas onde se nam acha nem huma so alma que esteia Em grasa e moytas delas ha moitos annos que se nam confesão foy este anunsio para min como correr o Corasam pelos fios de huma espada mas se a espada mata o amor de Deus da uida com forsas supiores me oferesi Ao Senhor dizendo como uos meu Deus tendes tantas mezericordias de uos me ade uir o secorro para fortaleser meu spirito com dobradas forsas e chorarei uosas ofensas pedindo com Orasois uosas mezericordias para que nam Sse percam estas almas abrasou o Senhor minha alma dizendo Ves ahi as minhas maos cheias de mezericordias e dipois de me dar as mezericordias as maos cheias pos suas deuinas mãos sobre o meu corasam e dise aqui ponho as minhas santissimas mãos para que tu des mam as almas com tuas Orasois agora {digo} (f. 34) Digo que o que fis pelo Alenteyo nam se podera acreditar e por esa cauza o nam explico so afirmo que emtrei nesta batalha pondome em perigo de perder a uida pelas agonias de morte em que moitas uezes me axei com as comtinuas oraSsois e penitensias por dar mam as almas finalmente fis tudo o que Deus de min quis

²⁸ Ou seja, “Alenteyo”.

Vou proseguindo sobre a mesma
matéria

33 Pois agora em que consiste ter o Senhor As mãos cheias de mezericordias he porque nelas estam as suas diuinas Xagas logo so para o Reino de Purtugal se guardaram as Xagas de Cristo Sserto he que nas maos de Deus esta este Reino e por sua conta corre a sua rreforma os mais Reinos nam ficam eisetuados pois nos pes de Cristo tambem ha Xagas com estes santissimos pes metidos em meu corasam andei eu correndo muita Parte do mundo andei buscando almas para Deus porem as mãos Sso para Purtugal tem Nosso Senhor Jesus Cristo as mize\re/cordias as maos Xeias e como me tinha dado o Dom de ser fiel ao noso Reino fiou de min dizoito de seus segredos comonicandome as nesidades e com quem auia de rrepartir as Orasois seguise dipois de dar mam Ao alentejo dar mais hum passeio ate entrar No algarue e emtrando como digo axei o algarue tam rreXeadado de culpas que paresia tinha nele feito asento lusifer porque estauam os corasois dos homens e mulheres tam Duros e secos pela falta de uertudes e tam cheyos de Demonios que para os deitar fora dos corasois hera porme em batalha com eles e tendo eu poucas armas que heram as uertudes de que Nesesitaua para brigar com tantos jnimigos sendo muita {a bata-} (f. 35) A bataria fazia sanguinolenta a guerra e quazi me ui com emleios No iuizo seruise o Senhor de mandarme auizar dizendo que Sse \a/ pendencia hera saluar Almas ou morrer que nam tiuese temor que as suas sinco xagas heram As armas de Purtugal que forseiasse o animo acrescentando pasiencia e Orasois que a metade daquele eizersito de Demonios que ali estavão Auiam de sair dos corasois dos homens e mulheres e os mais que ficauam tomava o Senhor por sua conta com dispor estas Almas que fizesem penitencia para que por este meyo fosse Vensidos seus inimigos e tendo meresimentos se auiam de saluar finalmente deixo aqui o altejo (*sic*)²⁹ e Algarue e dou huma uolta A rredondeza deste Reino onde achei algumas terras que nam auia Ali sinal de saluasam por estarem homens E mulheres tam emtranhados em culpas que estranhauam Ouuir falar em uertudes estauam ali os demonios como uezinhos moradores onde assistiam Atualmente tinham comersios com os Demonios como se foram naturais da terra faziam seus comersios comprauam e uendiam tudo por boca de Demonios hultimamente criuam os seus filhos com esta famaliaridade diabolica aqui fiquei tam asonbrada que Deus Sse compadeseo de min para nam morrer

²⁹ Ou seja, “alentejo”.

em desmayo e nam podendo ia dar paso na terra foy nauegar ao mar aonde Axei moitas embarcasois afundidas pelos moitos pecados que leuam os que nauegam asim que no mar e terra auia tantas culpas que podiam emxer o mar e para tal embarcasam Sso Maria Santissima podia fazer uiagem e leuar a porto seguro tantos milhons de almas pois creatura humana como seria posiuel hora pois A Soberana may de Deus he que hade fazer esta embarcasam de almas para o Ceo como may de Pecadores que a especial prouidencia de Deus mandara os {seus} (f. 36) Sseus ministros que dem lus a estas Almas para que seiam de tam mizarauel estado que nam poso deixar de dizer mais sobre o que fica escrito que auia neste noso Alenteyo huma uila nobelisima onde tinham entrado tantos demonios que estauam metidos pelas cazas em montes ou outras cazas assistiam nelas como musqueiros de moscas que parese ali tinham o seu nasimento pelas mais cazarias tinham os seus asentos Nas cadeiras fazendose senhores de caza e com muito gosto cantauam suas uitorias e se nam fora ther {o Senhor} o Senhor as suas Diuinas maos cheyas de mezericordias por ter nelas suas santiSsimas chagas nam podia faltar A sua justisa e tam rreguroza como me dise que auia de cas\|ti/gar com peste fome e guerra Porem como As chagas de Nosso Senhor Jesus Christo sam o remedio deste Reino e fazem suspender A justisa deuina que se meteo a mezericordia de premeyo nam so nam tumou Vingansa mas acodio com o Remedio que foy Maria Santissima a que pedio a seu Amado filho mandase A terra auiso para que se dese hum Ay hum susPiro pela boca de huma pecadora que se enternesese de auer Neste Reino tantas culpas e sendo eu Pecadora para tam grande empreza do oyro do amor que o Senhor me tinha dado fis fhecha com que matar jnimigos e sobeiaram Armas que onde o amor de Deus faz tiro mete todos os Demonios no inferno tomei As sinco chagas Por Armas e com estas se mataram muitos eizersitos de demonios Vensese A batalha por armas e uenseram As sinco chagas ficando D\|e/ uitoria \|e/ ficando todos os pecadores chagados que pecadores tam feridos de culpas so com as chagas de jesus Cristo se auiam de curar e pela intresesam da senhora ficou tudo Remedeado que este he o eiseso do Amor de Deus para com este Reino de Portugal o que agora digo he que se leuantaram os jnimigos comtra min Emchendome de bofetadas asim o prometio Deus para eu ther algum meresimento mas o Senhor me tinha dado hum Animo tam generozo de padeser que se fora nesenario padesera muito mais por liurar almas do inferno e como de todas as partes por mais rremotas que fosse hera sabedora (f. 37) e tinha notisia Das nesiedades que la auia e para acodir A tantas partes bem se deixa uer Nam podia ter descanso nem de dia nem di noite e sendo ia de idade

de sesenta e tantos annos e moito axaquada nam estaua capas de leuantarme a meia noite por auer tido nisto eizersisio em mais de 25 Annos indispensauelmente pareseme asertado nam \deixar/ leuar o prensipio da noyte que hera as oito horas quando acabaua matinas emedeatamente Prensipiar logo a Santa Orasam com que finda\ua/se este eizersisio ate honze horas e se hera nesenario acudir algumas acupasois como hera escreuer escriuia a meia noite como se fora o meio dia com que se ueio a desfazer de tal sorte o sono por leuar nisto honze Annos afetiuos que nam tomaua de sono duas horas sem desPertar pagaua o tributo a natureza mais por forsa que por uontade cheguei a tomar auersam a cama mas para que de todo lhes tomase fastio me pos o Senhor em mais alta uegia como direi no que se segue

Merse que o Senhor me fes porque sendo porteira
presizamente auia de ter Xaues sendo no anno
de 1736

34 Estando huma noite em Orasam tendo prensipiado as oyto horas como costumaua e por estar moito cheia de molestias que nam podia ter o Corpo quis despensar comigo e rrecolherme a cama seria pelas des horas tendo tido duas horas de Orasam quando Eu ouui dentro de minha alma humas uozes muito dolorozas que Diziam se faltas a horasam e deixas a meia noite a quem heide Entregar as chaues de meu Amor meresia eu que me nam deixases com estas palauras fiquei tam emuergonhada e corrida de meus pecados que nam podia cres (*sic*)³⁰ que este fauor me fizese Deus comtudo Respondi Senhor nam mereso que me fasais semelhante merce a is\to/ rrespondeo se tu o mereseres nam fora muito fazerte eu este fauor {mas} (f. 38) mas obrigate para teres o merecimento de estares a meya noite em Orasam que das gloria Ao Pai filho e spirito Santo que Somos as tres diuinas Pessoas da santissima trindade em huma mesma esensia³¹ traziam estas palauras grandisima jfficasia com moita dusura e fragansia de cheiro suauisimo porem eu estaua tam uestida de conhesimento proprio tam rroin e mizarauel que com estar costumada a fauores de Deus so este nam podia acraditar cahir em Ssemelhante sugeito merce tam grande

³⁰ Ou seja, “crer”.

³¹ A autora colou uma pequena badana de papel com a palavra “esensia”.

35 Na segunda noite tendo tido as mesmas horas de Orasam pois nam podia acrescentar mais pela moita fraqueza em que me achaua Arrogeime a cama inda eu nam tinha deitado a cabeça quando ouui dizer estas palauras tam ternas e suauisimas uoume meter no Ceo ia que tenho tam pouca furtuna que nam tenho A quem entregar estas chaues de meu Amor aqui conhesi claramente com intiligensia spiritual e corporal que quazi se me rrepresentou com sua santissima humanidade porque o ueo se fes tam fino que quazi se deixou conheser e ficando certa ser meu Senhor jesus Cristo com grande ansia de meu corasam e ia aleenada de sentidos e potensias que me leuou logo comsigo Ihe dise Senhor nam Vos indes meter no Ceo aqui me tendes que quereis que fasa com outras palauras semelhantes que dis o dezatino do amor a isto me Respondeo que me nam deixes a meia noite porque nam tenho A quem entregar as chaues de meu amor isto se me fes tam seguro que o nam podia duuidar o que pasaua emtre Deus e min e cada ues tinha de min pior comseito

36 quando foy na triseira noite ueyo o Senhor comfirmar dizendome Ves aqui as chaues de meu amor que estam as portas do Ceo abertas sem auer quem queira entrar por elas faze Orasois para Ver se ha quem queira entrar no Ceo aqui tas emtrego e lan{sans}andomas ao pescoso me dise no pescoso te ponho {as mi-} (f. 39) As minhas chaues para que te nam posa subir a cabeça Algum genero De uaidade a isto rrespondi eu com muita comfiansa dizendo Senhor eu Vaidade bem sabeis uos que numCa a tiue por mais faoures que De uosa deuina mam rresebese nem nunca soube que coyza fose Vaidade na materia spiritual porque foi tam singular no ConheSsimento proprio que para min faoures sam como afrontas e cada ues descubro menos meresimentos pois para rreseber esta Merce me dispos O Senhor hum anno metendo minha alma em eizersisio de Orasam tam apertado e estreito que me dezia ou perder a uida ou estar em Orasam nam despensando comigo so pena de morte dizendo assim como o pexe fora dagoa logo morre asim tu se nam estiueres Em Orasam preparete para morrer isto se deue emtender que hera todo o tempo que ficaua dipois de comprir com as obrigaSsois de Religioza e ainda para o bem do prosimo e familia que tinha por minha conta o Coydado de seu gouerno porem deume o Senhor O Dom de saber dispor tudo que nam faltase a huma e outra coiza porem hera com tanto pezo de Crus por serem moitos os coidados e lidas e o Demonio que me fazia comtinua guerra que parese tinha posta a sua artelharia para toda a parte onde eu fose me fizese guerra sanguinolenta e para o uenser presizamente me hera Nesesaria as armas da orasam e quando por acupadisima nam podia hera auizada

da parte de Deus que ouuisse o que diziam Os demonios Vinha a cer agora estamos nos como queremos que a nosa jnimiga nam esta em Orasam ueiam agora que descanso seria O meu tanto por dar \A Deus/ gloria como por comseruar a uida pois estaua ameasada com pena de morte e hultimamente por uenser meus jnigos(*sic*)³² que moytas \uezes/ os ui em fegura de caualos ou maxos carregados com grandes carregas que leuauam para o inferno a darem conta a lusifer do que se pasaua no mundo e consultar como auiam de ganhar {almas} (f. 40) Almas e para se fazer junta comuocando a sua Republica o sino que se tocua Desparauase hum trouam tam estrodozo que parea huma pesa de artelharia afi\tr/mo dizelo asim porque me pasou pelos oudados dalma

37 Estando eu em huma noite escreuendo huma carta para serto Religiozo ser confesor neste comuento porque o Senhor se seruia dele auia muitos empenhos para outros por mandado de Deus busquei triseiras pessoas para se melhor poder conseguir e com ifeito se despaxou o meu empenho fis nisto tanta afronta ao Demonio que ou fose para comsultarem sobre esta materia ou para me quererem matar se desparou o trouam que me fugio o Corasam do peito e ficou quazi consumido nas costas de tal sorte fiquei sem uida que coydei se me nam rrestetuisse mais o Corasam e asim falo de experiensia

Vou proseguindo sobre a mesma materia

38 grande merce fas Deus A huma Alma que lhes da notisia do que se pasa no inferno desta dezauenturada cadeia poso dar alguma notisia porque Vi moitos infernos mas nam hera o meu spirito tam dilatado que Os pudese uer todos farai mensam dos que ui que como ando sempre Em pendensia com os Demonios quero fazerlhos esta asente e para dizer como heram nam pode auer a paridade porque se diser que he o menimo de todos os males que ha no mundo nam digo nada mas direi alguma coyza se suas paredes pauimento e sitio e teto se diser que suas paredes sam feitas de pes ou como serras negras cubertas de inmundisias nam me Explico bem porque tem pouca comparasam o sitio onde se fabricam estas paredes sam penhascos ingremes e tam iminentes que se não podem neles abrir caminho sem se despenharem o pauimento Sse digo que he solapado de poluora(?) tigolo feito em pedar(*sic*)³³ meuda {ni-} (f. 41) Ninhos de rratos

³² Ou seja, “jnimigos”.

³³ Ou seja, “pedra”.

e bichos todo em buracos nam sofre a paridade porque tudo hera tam negro que asombraua o teto he tam fechado de pezadisimas Abobodas que nelas nam pode entrar a menor luz o interior desta caza De maldisam he tirriuel calabouso porque he tam embarasado por dentro de teares atreuesado de trancas que se nam podem desteser pelas azinhagas estreitas que ali ha apertadas xumineis de fumo carssere perpetuo e medonho finalmente Algubre de todas as inmundisias abitasam de demonios e tudo Digno de fugir de tal lugar dise pouco do que ali ha que uer e cada uista destas me punha em aperto de morte tanto de medo como de compaxam das almas que ali estaVam e das que poderam ali cahir e estando huma ues em Orasam com o pensamento no inferno lamentando esta disgrasa me dise o Senhor filha quando eu estie a baranda de Pilatos estaua eu uendo O inferno e foy tanta a compaxam que tiue das almas que se auião de perder caindo em tal lugar que chorei speritualmente diluuios De lagrimas porque se nam queriam aproueitar dos meus mereSsimentos pois agora se isto he abitasam quesera a uista Dos demonios alguns ui de tam medonha fegura que escasamente os podia uer porque nam tinha animo sem morrer porem o Senhor me daua alento para uer huns feitos bichos arrestados pela terra tam quebrados de forsas que nam se podiam levantar ui outros em fegura de homens tam feios e tinhozos e tortos e negros que so de pasar esta uista como rrelanpago ficaua sem sangue nas ueias outras uezes eles uirauam as costas porque nam me podiam por os olhos e se alguma ues a forsa de Deus os obrigaua a uerme metiam os olhos tanto debaxo da testa e os emcouauam de tal sorte que nam lhes ficauam abertos senam humas fisgas so tinham lingua para dizerem maldita seia a mai que te pario e o Pay que te gerou moitas maldisois tiue destas isto me cauzaua tanto rrizo que pelos atormentar (f. 42) {tar} me faria em pedasos e leuaria as noites em Orasam e atos de humildade que para eles hera O mayor castigo que lhes podia dar tirandolhes as armas e dando-lhes com elas na cabesa

Pois boa pescaria tiuemos no mar do
mundo uamos agora a outro mundo
Aliuiar as almas do purgatorio

39 Pois que outra coyza he aliuiar as almas que estam no purgatorio se nam tiralas das maos dos ministros infernais se nam fazer guerra com eles direi alguma coyza do que padesi fazendo penitensias e Orasois e seram primeiro que todos os Senhores PrinSepes da jgreia pois tem o primeiro lugar estando em Orasam huma noite senti junto a min

prezenza de humas pesoas abri Os olhos e nam ui ninhuem (*sic*)³⁴ torneime a rrecolher a prosiguir A Orasam e tornei a sentir sem poder duuidar que ali estaua Jente procurei se estaua ali alguma pesoa rresponderam que ali estauam tres Almas que tinham sido Bispos nesta Ssidade que estauam no purgatorio e uinham pedir os secorrese com Orasois prometi de darlhes o que pediam e as penitensias que pudese ofirisi logo por seu aliuiio os meresimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo Ao eterno Pay que hera A mayor oferta que pude E o que sempre costumaua fazer e iunto a isto apliquaua as minhas limitadas obras meritorias com as Orasois poucos dias se pasaram quando uieram os ditos defuntos agradേശme faVor dizendo que ia hiam para a gloria que o Senhor nos de a todos O que padesi por estas almas e pelas que se seguem direi alguma coyza no fin deste capitulo

(f. 43) Sseguese outro sacerdote
Religiozo no purgatorio

40 Morreo este auendo sido Prelado acupando os mayores graos de dignidade na sua Prouinsia foy para o purgatorio satisfazer suas culpas foy auizada da parte de Deus que pedise por esta alma fis O que pude em espaso de Anno e seis mezes mas nam com moyto Eiseso porque nam soube como saira a sentensa quando findando o tempo que digo tornei a cer sabedora que pedise mais Porque alma auia de estar sento e sincoenta annos no purgatorio quando tal ouui fiquei quazi morta de compaxam aqui foy emtam a forsa das Orasois e penitensias ate que o Senhor foy seruido alcansase despacho das minhas petisois suprimdo seus sagrados meresimentos pelo patrosinio de Maria Santissima e foy logo para o Ceo o que auia de estar sento e sincoenta annos no Purgatorio bastase so anno e meyo bendita seja a mezericordia de Deus que asim se compadese quando tem no mundo quem De Orasois e obras meritorias

41 Morreo outro Religiozo tambem foy auizada pedise por sua Alma foy tam atos o purgatorio que estaua feito hum Madeiro de fogo porque o Castigo de Sacerdotes he moyto grande e bastante tempo teue este purgatorio ate que o Senhor se seruiu de o liurar destas penas por meyo de seus sagrados meresimentos com as orasois que por esta Alma apliquei

³⁴ Ou seja, “ninguem”.

(f. 44)

Rezeruo para o Jntirior deste Conuento
A notisia que o Senhor me comunicou do
Purgatorio de algumas Religiozas

Purgatorio de pessoas seculares

42 Morreo serto homen que conhesi bem grande pecador nam tiue notisia de sua morte suposto dele tinha notisia e pasados mais de trinta annos foy auizada estando em Orasam que pedise por esta alma fis Orasam por ela e foy o Senhor seruido que alma me falase Dizendo eu morri em grasa e estou no purgatorio porque nam tiue quem pedise por min com Orasois qual fose o purgatorio desta Alma eu digo estaua a pobre alma debaxo dos pes dos demonios que estauam em figura de caualos dezemfreados que corriam sobre alma escaramousando como {se fora} se fora em hum dilatado canpo onde lhes dauam atrozisimos tormentos tanta lastima me cauzou que pedi Ao Senhor com moyta ansia tirase Alma de tam atos purgatorio presebi da parte de Deus preseuerase com mais Orasam tiue quazi tres horas afetiuas sem sesar ate que o Senhor despachou a petisam que fose para \sempre/ logo para o Ceo

43 Purgatorio em que estaua Alma de outro homen que o Senhor me mostrou em uizam Vi sahir de hum lago de lodo esta alma como hum bixo e por sima trazia huma conxa tam cheia de lodo que tiue medo mas alentada da parte de Deus ouui huma uos que me dizia nam temese que o que uia hera Alma de fulano {pessoa} (f. 45) Pessoa que eu tinha ouvido nomear e aueria des annos que hera morto deume o Senhor lus que tomase aquela alma por minha conta e a linpase de todo aquele lodo em que estaua tendo o seu purgatorio fis quanto pude e medeante os merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo onde ficou lauada se foy para A gloria formozisima

44 De outro homen tiue notisia e ui em uizam que estaua sua alma tendo o seu purgatorio metida em huma comcauidade tam estreita que tinha os pes iuntos com a cabesa com atrozisimos tormentos não Digo o que padesi por aliuiar esta alma que adiante farei mensam

45 Purgatorio de outro homen que estaua sua alma metida no cadauer na sepultura pelo pecado da lusuria

46 de outro homen tiue auizo ter o seu purgatorio comendo bixos porque em uida sendo homen caualheiro hera muito amigo de comer doses ia se ue que alma nam come mas pode sentir a pena do gosto

Mulheres

47 Foy auizada da parte de Deus pedise por huma mulher tam atosmente Atormentada que estaua tendo o seu purgatorio nos dentes de hum Dragam que lhes daua fortes murdidelas

48 de outra mulher tiue o mesmo auizo que estaua tendo o seu purgatorio em hum lugar muito apertado porque em uida fora muito apertada e escasa em dar esmolos sendo rrica e pagaua estas culpas com furtisimos asoutes que os Demonios lhe dauam

49 De moytas mais almas do purgatorio tiue notisia fiquem em {silensio} (f. 46) Ssilensio que melhor he falar com obras que com palauras das obras De mezericordia que o Senhor obrou com as almas do purgatorio alem Do que fica dito faso agora mensam no anno de 1732 des da pascoa da Resurreisam ate a glorioza Asemsam do Senhor foram tantas almas para o Ceo que nam lhes pude saber o conto Sso digo que de comtino me dezia pideme por alma de huma pessoa que eu conhesia e ia hera defunta asim que eu Oraua por ela logo sem mais dilasam me dezia ia alma me esta uendo no Ceo seguiase logo outra e sem sesar nem de dia nem de noite se foram Proseguindo no espaso dos quarenta dias foram para o Ceo grande multitudam de almas quando foi na noite dasemsam rrendi muitos agradamentos Ao Senhor e emtam me dise pois nam ues tu que subi Ao Ceo e ficou minha may pedindo pelos pecadores

Ssegue-se agora dizer algumas obras que fis
para aliviar as almas do purgatorio para satisfa-
zer o que prometi como fica dito atras

50 As mayores penitencias que fis foy fazer o que nam podia e se quem fas o que pode paga o que deue a minha diuida hera mayor a respeito de moitos benefisios que rrebebia de Deus esta Diuida me obrigaua a fazer o que nam podia ter Orasam isso Podia eu porque tinha na Orasam a minha uida mas tinha tam Poucas forsas para penitencias extiriores que so as que Deus me mandaua podia fazer como heram jnfirmitades que padesi {em} (f. 47) Em duas ocaziõs Colicas que cada huma hera bastante para me tirar A uida se Deus nam fora o meu rremedio esta penitencia nam podia Eu fazer e nisto fazia o que nam podia outro eizersisio de pasiencia tinha que hera andar todo anno ainda no mayor rrigor do inuerno Com os pes nus metidos em xamqueta porque ordinariamente sempre estauam inxados do achaque de gota numca uzei de escorpins para rreparar o frio tendo nisto grande nesicidade e sobre isto acrescentaua estar no ofisio deuino em pe como he custume todo tempo que estaua A Comonidade andar sempre coxeando hera o menos e para penalizar mais o corpo digo que o Senhor me auizou que para aliuio das almas fizese A penitencia que agora direi diseme que todas as uezes que emtrase no Coro e puzese a boca em terra auia de liu\|ar huma Alma Das penas do purgatorio e estando eu bem abetuada a isto pois A Creasam deste comuento he aDorar o Santissimo Sacramento com A boca em terra e tendo huzo de mais de trinta annos que tinha de Religioza chegou tempo em que ia nam podia fazelo porque tendo quazi setenta annos de idade e sobre estes brasos e pes com todos os mais hosos e neruos oprimidos de gota e flatos nam Podia mais que por os iuelhos em terra pela opresam que padesia Em todo corpo e sendo moitas as uezes que emtraua no Coro de dia e noite se me fazia penoza esta penitencia e para o fazer primeiro Punha as maos no cham para segurar o corpo e logo punha a boca Em terra isto nam podia eu fazer mas fazia o que nam podia e farei ate morte por liurar as almas do purgatorio Em uentro (*sic*)³⁵ eizersisio particular meteo Deus a minha alma que foy padecer sobresaltos que ouue tempo que os tiue como huzo e se nam fora Deus quererme comseruar a uida de sobresaltos auia de morer Agora sobre tudo as mayores penitencias que fis para as almas foy A negasam da uontade esta penitencia intirior ual mais que todas (f. 48) toda

³⁵ Ou seja, “outro”.

a negasam de uontade acrescenta a pasiensia e nisto tiue hum grande tizoiro que oferesi pelas almas que como as penalidades Do corpo e as aflisois do annimo heram hum chuueiro de pedras que cahia sobre a natureza desfazendo o ser humano que muitas Vezes me achaua tam dibilatada de forsas que nam podia dar hum paso com andar a pasiensia me fica tole\ra/lauel (*sic*)³⁶ que com pes descalsos bem se pode andar o caminho da uertude pois no rrigorozo inVerno da morte mistica nam se ueste o Corasam senam de pasiensia com esta curaua todos os achaques nam rrecori numca a medico para me uer liure deles eiseto febres fazia da negasam da uontade esCoydo com que rrebatia os ameasos da natureza que se queixaua de lhes rroubar o que hera seu mas para fazer estas obras de caridade que asas poucas foram no que fica dito direi agora o que nam podia dizer mas por nam fazer a minha uontade direi o que não Podia dizer fazendo o que nam podia finalmente fis doaSsam as almas de todas as obras meritorias jubileus jnduligencias que ganhase misas que ouia Comunhois e tudo quanto pudese aplicar para aliuio das benditas almas rrezeruando Para min o que Deus Nosso Senhor me quizesse dar que sam seus sagrados meresimentos e seu diuino Amor para o gozar eternamente

digo mais

51 que se Deus Nosso \Senhor/ fose seruido aseitar para as benditas Almas o que padesi sendo Abadessa tiriam as almas muito aliuio que foram tam atrozes as penas intiriores que pasou minha alma que bem podia eu dizer nam hera eu quem ueuia pois morta andaua uiua foy para min Crus de tanto pezo que se o peito se me abrira e todos os hosos do corpo se descomyuntasam nam dariam lugar a comparasão das penas que penetrauam o jntimo do Corasam

³⁶ Ou seja, “tolerauel”.

(“Carta à Abadessa e Religiosas”)

(f. 49)

Jesus Maria José

Reuerenda Madre Abadessa e senhoras Religiozas

52 Se a morte he sepultura da uida da sepultura ha de sair a memoria de quem escreueo em uida este papel e rreparem no que dis a uos de huma defunta que fala dipois de morta o que nam pode dizer em uida Ssepultou no seu silencio o que agora fas publico por mandado da obediensia

Primeiramente esta defunta \pede/ Orasois

53 Pede tambem perdam A todas se acazo ofendeo com o seu modo de uida e bem quizera satisfazer suas faltas metida debaxo dos pes de todas Pois conhese que as obras que fes em uida nam foram meresedoras de Louuor e nam meresiam çer ouuidas nem acraditadas se nam falando dipois de morta

O motiuo que teue para falar

54 foy auerse dezapropriado nas mãos do Reuerendo Padre Prouincial de todos os bens spirituais que adquirio seu spirito neste Comuento e quis fazer segunda rrenumsia nas mãos da Reuerenda Madre Abadessa e asim lhes faz Emtregue destes bens para rrepartir com As mais Religiozas tomen Pose que lhes uem por direito e poses do Amor nam se tomam sem esperansas de {pade} padecer tambem peso se nam ponha em publico Ssem muito acordo do Reuerendo Padre pois o meu Jntento foj so comonicar A toda esta comonidade os segredos que o Senhor me deu a conheser Para Remedio de comsiensias ficando sempre debaxo de segredo

Agora nam se atemorizem de ouuir as lamentaueis
penas que padecem As almas do purgatorio

(f. 50) 55 Morreo huma Religioza e me apareseo estando eu em OraSsam rrepresentouseme sem eu saber como porque a uy com a boca fexada dando jndisio que nam podia falar e nam Ssoube por emtam o que queria porem coydei muito em pedir Ao

Senhor Por ela e nam fis disto muito cazo por ficar em duuida se çeria em min maginasam pasou esta ocaziam e segunda ues me ueio apareser ja falando e dando muitos gritos pedindome lhe acodise e nam Pude duuidar tinha esta alma nesiedade continuei Orasois E apliquei por sua alma quanto pude de penitensias obras meritorias quanto pode ser criuel pasados quazi sinco annos tempo Em que eu coydaua estaria ya no Ceo estando em Orasam foy auizada da parte de Deus que comtinuase em aplicar sufrayos pela dita alma que estaua tendo o seu purgatorio tam terriuel como hera na boca de hum lagarto mastigando biboras abrazadas de fogo e a cauza porque padesia este purgatorio hera porque tudo quanto uya pe\los/ olhos sahia pela boca em mormurasois e auia de ter este purgatorio Por tempo moy dilatado de nouenta annos foy tanta a compaxam que tiue que clamei Ao Senhor como lhe dera A justisa deuina tam rregurozo purgatorio deuseme a emtender inda hera pouco para satisfazer As culpas que tinha mas que se cumpadeseria desta alma se eu ficase Padesendo que para iso me auizaua oferesime a padecer para que esta alma fose liure das penas e fose para o Ceo se A justisa deuina nam tiuera mezericordia de min como poderia eu dar satisfasam a tantas culpas foy fazendo muitas Orasois e padecendo grandes tormentos que applicaua Vnindo tudo Aos meresimentos de Nosso Senhor jesus Cristo e foy comtinuando ate que o Senhor foy seruido que ouui correr hum Pregam que se deitou no inferno e dezia Assim estamos perdidos Coydauamos que tinhamos alma para atormentar por muitos annos e agora A nosa jnimiga tomou por sua conta satisfazer tudo o que lhes faltaua para o seu purgatorio mas nos nos uingaremos dela rrefizeramse (f. 51) De armas e deram sobre min donde me deram muitas pancadas e por todos os caminhos me atromentauam fortemente eu leuaua tudo com muita humildade e pasiensia rrezinamdome com a deuina uontade Ssoube fugir das furias do demonio e alma foy para o Ceo

de outra Religioza tiue notisia

56 Estando huma noyte em Orassam me apareseo esta Alma posta em huma jminensia muito alta onde estaua dependurada com a cabeça para baxo e os pes para sima alem deste rrigurozo tormento tinha Outro que hera lansa Atreuesada esta lhes pasaua as emtranhas dando gemidos muito lastimozos e com grande Ansia me pedia lhe tirase aquela lansa que a nam podia sofrer com tam rrepetidos rrogos me obrigou a ter muita

compaxam e como eu auia de supri<r>³⁷ o Prugatorio com penitensia premetio o Senhor que padese hum tam forte aperto no spirito que fiquei quazi morta por espaso de tempo E cobrando animo alentada de Deus pedi Ao Senhor tirase aquela Alma de tam rregurozo purgatorio suspendese a justisa deuina com mandar tirar a lansa mas ficou inda dependurada na sua jminensia ate que Deus fose seruido

Ssemelhante notisia me deu o Snor' a emtender

57 Morreo sarta Religioza entrou em juizo e com seueridade Sse aiustaram as contas puzeram os ministros da justisa deuina o progreso das culpas e heram muitas as faltas do temor de Deus porem teue esta alma a seu fauor a mezericordia deuina que a não sabe negar a quem a pede sahio a sentensa fose para o purgatorio E nele satisfaria tudo foy o seu purgatorio metida no fundo da terra em huma caza tam escura e medonha que todas suas paredes se desfaziam em pauor sendo sua alma atormentada {pelos} (f. 52) Pelos demonios emtrando na dita coua ou caza feitos em diuersas figuras uizois horrendas que a poder de sustos e medo fose alma atormentada pugando as faltas que tiuera no pouco amor \temor/ de Deus nam foy o Senhor seruido que eu soubese quanto tempo teue este purgatorio mas he serto que quando tiue Esta notisia ouia mais de doze annos que a freira hera morta foy fazendo muitas orasois e penitensias por esta Alma ate que Deus Nosso a leou para A gloria ui tambem que os demonios se esbofeteauam huns Aos outros com rraiu de se saber o que Deus castiga

Narrasam do purgatori<o>³⁸ e motiuo porque
padeseo outra Religioza

58 Estando em Orasam foy Auizada pedise por esta Alma que digo que estaua tendo o seu purgatorio metida dentro de huma Parede bem fechada dipois de entrar em contas inda nam estaua amortalhada ya alma estaua metida na parede pela justisa deuina tiuese este purgatorio muitos annos em satisfasam de suas culpas pois estando em huma clauzura tam fechada soltara os afetos A comonicasam jnlisita sem temer A Deus com diuirtimento nosiuos a sua Alma dando tantos pezares A seu diuino spozo mas como A

³⁷ Devido a lacuna da autora, acrescentámos o “r”.

³⁸ Devido a lacuna da autora, acrescentámos o “o”.

uara de justisa sabe castigar suposto tem mezericordia mandou esta Alma que pagase por muito tempo estas Diuidas por nam hir para o jnferno onde fechada a sete cadeados fiquase por toda a eternidade fis muitas orasois e penitensias por que o Senhor A liurase deste atros tormento ficou aliuiada mas nam liure ate que o Senhor fose seruido

e como as culpas de humas seram quazi
As mesmas de outras por grande fauor de Deus
tenham saber As uiuas o que padeceram as
defuntas

(f. 53) 59 Estando em Orasam foy auizada pedise pela Alma de outra Religioza morreo esta na flor de sua ydade e poucos annos de Profisam e pasados oyto mezes dipois de sua morte como digo foy Auizada pedise por esta alma que estaua tendo o seu purgatorio Em hum lugar tam estreito como he huma caxa de tabaco aonde padesia tirriueis tormentos procurei a cauza deste purgatorio foy o Senhor seruido dar-me a emtemder que hera porque tomara tabaco da caxa de hum homen e que nela ficara prezo o corasam castiga Deus tanto suas espozias que tomam amor a homens que a sua justisa a mandou meter no fundo da terra em lugar que fose semelhante em que tinha cometido sua culpa que com dois dedos picou e assim nam se fiam de huma natureza tam quebradisa e se acaulem de semelhantes ocazions muito me compadesi desta alma e com lagrimas pedi por ela meresi ser ouuida mediante os meresimentos de Nosso Senhor A emtresesam de Nosos Patriacas a quem pedi secorro e sahio Alma do fundo de suas penas e foy para o Ceo

Ss\e/melhante Purgatorio de outra Religioza

60 Estando em Orasam me deu o Senhor a conheser o purgatorio que tinha Outra Religioza estaua esta metida em huma gaueta do seu Escritorio porque rresbendo huma carta com afeto a foy guardar na gaueta e pela justisa deuina foy castigada tiuese o seu Purgatorio metida na gaueta posta em huma Aspa de fogo e ali satisfize<se>³⁹ sua culpa pedi muito Ao Senhor Em orasois porem Nam foy seruido por emtam ouuir minhas

³⁹ Devido a lacuna da autora, acrescentámos o “se”.

suplicas e ficou ate que apelei da justisa deuina para a mezericordia emtam se compadeseo o Senhor e foy Alma para o Ceo

(f. 54) Com menos culpas e mayor perigo se achou
outra Alma na hora da morte

61 Morreo serto Religioza de pouco annos de ydade e julguei segundo me pareseo nam tinha comrrespondencia com homens nem teria tropesado nos lasos jnlisitos mas he serto que com lassos de fita se prendeo e foy o cazo que estando eu em orasam foy auizada que esta Religyoza em sua uida rresebera humas uaras de fita de hum homen com quem tiuera comonicasam e estando para morrer em hos Vltimos parasismos lhe apareseo o Demonio nas trauas do telhado mostrandolhes as fitas e pondolhes na memoria o dito comrrespondente Em coya aparsencia teue Alma muito perigo na saluasam teue a seu fauor A mezericordia deuina e nam chegou a çer uensida emtrou em Juizo e mandou A justisa deuina tiuese o seu purgatorio Onde o Demonio estaua mostrando as fitas em hum lugar tam estreito que fose da largura das fitas e satisfizese os pensamentos que tiuera fora da clauzura e nam foy o Senhor seruido que eu soubese mais que o rreferido para dar notisia As que forem infies a sseu diuino spozo

Notisia que tiue de outra Religioza

62 Estando huma noyte em Orasam me apareseo esta defunta que conhesi muito bem e ouui suas palauras em spirito dizendome estaua tendo o Sseu purgatorio no fundo da terra em hum lugar ou coua de neue tam fria que a nam podia sofre<r>⁴⁰ que lhe acodise com Orasois e pedise A serto Religioza que costumaua uezitar A Via Sacra lhe dese As Vias Sacras aplicando-as por sua alma fis eu tudo o que pude de OraSsois e pedi As uias Sacras A dita freira sem descubrir o segredo muitas se aplicaram para sua alma descansar

⁴⁰ Devido a lacuna da autora, acrescentámos o “r”.

(f. 55)

Avizo que o Senhor me fes do estado em que
se achaua huma Religioza uiua

63 Como o Senhor me fazia tantas merces estando em certa ocaziam Orando me dise filha saberas que A Madre N infaliuamente morrendo Vay para o inferno porque o meresem suas culpas e eu nam Poso faltar a minha justisa eu nam queria comdenala porque dise muitas uezes o uerso de gloria Patri ett agora se tu queres fazer penitensia pelas culpas desta Religioza com que satisfasas a minha justisa e se nam he presizo comdenarse e se tu fizeres o que digo eu comcurrirey com a minha mezericordia ela Sse ira dispondo a pedirme perdam e eu lhe perdoarei e uenha A morrer em grasa A rresposta que dei Ao Senhor foy dizendo Eu nam ualho nada pelo que sou mas por saluar huma alma Darei a minha uida se for nesecaria neste tempo estaua a minha Pasiensia tam apurada de padecer que so confortada de Deus podia thomar tantas culpas para satisfazer mas nam mudei de cores que quem fas cara a padecer sempre mostra boa cara fiquei com As culpas por minhas e foy fazendo delas penitensia quanta Deus sabe Para satisfazer Ao Senhor que me foy dando forsas ate chegar o tempo Que A Religioza se dispos para morrer com tam boas disposisois que a meu parecer morreo com todos sinais de saluasam

Ssegue-se semelhante cazo com outra
Religioza uiua

64 Estando huma noite em Orasam tiue huma Vizam em que ui huns homens uestidos ao profano trauando pratica com huma Religioza e no meyo da pratica lansaram mam dela para a leuarem acudi eu a Presa dizendo iso nam nam comsinto que a leuem que estou eu aqui fis forsa e deixaram a preza e dezapareseram os homens e como isto tudo hera em spirito foy o Senhor seruido dar-me a emtender o que senificaua a uizam dizendo que os homens heram demonios {que uinham} (f. 56) que uinham buscar A freira para a leuar Ao inferno e quem a podia Defender hera eu se fizese penitensia por suas culpas que se eu A quiria fazer ele suspenderia o Decreto que tinha mandado e se eu nam podia que sertamente auiam de uir segunda ues seus jni- migos buscala ya que se nam queria emmendar e como as maiores Emprezas se faselitam em quem ama A Deus nam me acobardei em tomar por minha comta fazer tudo o que pudese de penitensia pus Eizersisio a obra e bastantes annos porque a freira hia uiuendo E

continuava como quem nam fazia conta de emendarse pasando A uida esquesida do juizo de Deus e como A carga das culpas me faziam A mim pezo contenuava em pedir Ao Senhor pela freira foy ouuida não Como eu dezeiava mas com outro mayor ameasso da justisa deuina Profirindo estas palauras que sertamente me deram que sentir dizendo que a dita freira tinha mais de trinta annos de clauzura e tinha Jnda o corasam tam fechado ao amor de Deus que nam cabia nele O que pudese ocupar hum gram de milho e ordinariamente nam daua lugar em seu corasam mais que comonicasois com homens diuirtimen\tos/ feita toda a sua uontade e asim estaua o corasam tam duro como pedra com este Anumsio fiquei moy descomsolada mas nam me faltou a fe e esperansa foy contenuando Orasois e a costumada penitensia oferendo Ao Senhor nouamente para que a freira nam fose para o Inferno Ouuiu o Senhor minhas soplicas e difirio dizendo hora filha eu te prometo que tu metas a freira no Ceo que por huma porta ou outra ade entrar eu farei brexa em seu corasam e mouerei sua uontade para que ela fasa penitensia da sua parte para mereser alguma coyza mas ficaras tu Ssempre com mayor parte de suas culpas que esta alma por si so não Pode uenser seus jnimigos que lhes faltam forsas spirituais fiquei com speransas que o Senhor auia de dispor e com ifeito asim foy pois estando eu Orando ouui o que da parte de Deus me foy anumsiado dizendo estas palauras filha sabes tu que ya a freira por quem tu fazes penitensia tem o meu Amor no Corasam ha de entrar no Ceo pela porta da mezericordia (f. 57) fiquei comsoladisima e sosegada porque ui bem lograda minha penytensia mediante a diuina mizicordia (*sic*)⁴¹ ui tambem a mudansa de Vida na freira e me constou de suas comfisois gerais e fes penitensia e algumas em publico e dignamente se pode crer foy obra da mam de Deus

Agora adeuirtam algumas Religiozas
que pasam a uida tam discoydadas como esta

65 que se ouue miziricordia para huma podera auer justisa para outra e há Pouca jente que queira tomar por sua conta satisfazer culpas alheias que se fas coyza dura pagar o que nam deue e Deus Nosso Senhor nam se descoyda de Ameassos como se uera no que se segue

⁴¹ Ou seja, “miziricordia”.

66 Como minha alma Resebia do Senhor emchentes de faoures comersio particular com seu deuino Amor foy seruido em certa ocaziam dizerme estas palauras filha eu queria darte hum Rol das Religiozas deste comuento para tu saberes As que se ham de saluar e as que se ham de comdenar asim que eu ooui dizer comdenar rrespondi logo iso Nam Senhor eu nam quero ese Rol he posiuel que uos aueis de comdenar as freiras deste Comuento eu nam heide comsentir niso Aqui me tendes a min para suprir suas faltas quero fazer penitensia por suas culpas nam defirio o Senhor a esta minha petisam de que fiquei bastantemente descomsolada e como o cazo nam hera para me Discoydar tomei muito a meu coydao preseuerar continuas Orasois ate que pasados alguns dias tomei comfiansa que o amor sempre toma Ouzadia dise Senhor como estamos nos de Rol rrespondeme se As freiras deste Comuento fizerem penitensia eu rresgarei o Rol e todas se saluaram e as que nam fizerem penitensia ficaram no Rol das Reprouadas este foy o despacho que sahio ao pe da letra ueyam agora As Religiozas que se axarem com a sua comsiensia agrauada que detriminem A fazer penitensia e se tem que alegar dando o juis por suspeito (f. 58) Por que eu sem suspeita poso Afirmar que o Senhor me deu a emtender estando na sua prezensa que algumas Religiozas estauão Ja sentemseadas para irem para o inferno que se nam podia faltar a sua Justisa segunda ues tornei eu a rrepetir Senhor nam hei de comsentir Sse cumpra O uoso decreto das mãos da uosa justisa as hei de tirar e meti minha alma por dentro da Justisa deuina e fexei Dentro de min As almas que estauam sentenseadas e dise Senhor Por onde eu for ham dir estas almas pagouse o Senhor tanto desta minha caridade que se deu por satisfeito dizendo filha fizeste bem em tirar estas almas das mãos da minha justisa Pois agora para se lograrem estas mizi\ri/cordias ham de preseder Da parte das almas a penitensia para se nam exporem a ser uensidas de seus jnimigos

o cazo seguinte ade comfirmar o que fica

Dito e o perigo que tem a saluasam das

Almas que nam fazem penitensia

67 Em certa ocaziam estaua eu grauemente emferma bem desfeita de padecer mas nem por iso deixaua de ter Orasam pois o amor sempre tem lugar e estando como digo a horas de meya noyte amando Ao Senhor me uizitaram dois Archanyos sam Miguel e sam gabriel ambos disseram seus nomes e a que uinham falar comigo que he serto hera para me confortar e logo se me pos diante dos olhos dalma huma Vizam em que ui o

jnferno que hera huma coua tam orrenda e medonha que de sobresalto me fugio o sangue E fiquei quazi morta estando espaso de tempo e alentada dos Archanyos foy cobrando Animo e procurei para quem hera aquela coua disseram que hera para serem sepultadas todas As almas que se apartasem do caminho da uertude que tinham prensiado rrenumsiando Sserem disipulas de Cristo ficou isto asim e eu muito pensatiua {na} (f. 59) Na segunda noyte as mesmas horas uieram os meus Archanyos dizendo mais que auia no jnferno huma torre tam alta como he do Ceo a terra e dentro desta torre estaua huma escada por onde se desia a huma coua muito mais funda que a primeira e os degraos desta escada heram feitos de cutelo agudisimo e emtre degrao e degrao auia milhares De demonios que com toda A forsa e ueolensia faziam deser as almas para baxo ya que nam quizeram subir para o Ceo pela escada de Jacob que hera A santa Orasam Rezam porque a justisa deuina distinara a dita escada tam funda para partisiparem de todos os tormen\tos/ que auia no inferno ya que nam quizeram lograr tudo o que se goza no Ceo ueyam agora se he isto digno de ponderasam e as Religiozas que por rrezam de seu estado tem obrigasam de uiuer uida de spirito morrendo a tudo o que he mundo ya que uiuem amortalhadas comprindo A suas obrigasois que profesam e se nam por forsa ham de profesar ser Escrauas do demonio e fazendo o que deuem eu lhe prometo o que se me deu A emtender estando em Orasam foy Nosso Pai São francisco e Nossa Madre Santa Clara thomar o Patrosinio de maria santissima Nossa Senhora para Rogar a seu santissimo filho pelas Religiozas deste comuento e poucos annos ha que o Senhor me fes fauor estando em Orasam de me dar a conheser que Nosa Madre Viera a este comuento falando nos corassois as freiras que acudisem pela rreforma e hum dos jfeitos que deixou foy a pas que se acha Emtre a comonidade o segundo jfeito he que ia algumas Religiozas estam jlustradas e as que nam estam coydem em disporse E para comfirmar o que digo afirmo que em uizam me apareseo Nossa Madre Santa Clara acompanhada de duas Virgens Santa Roza e Santa Catarina de bononia e Repentinamente ouui hum uerso do salterio que dis asim exultate deo Adeyutory nostro porem como se nam explicou com palauras que eu Emt\e/ndese fiquei coydando se me fes este auizo ou para rreforma ou parar nalguma Relasam o que Deus nam premita A este mesmo jntento direi o que em outra ocaziam me foy Reuelado estando em Orasam que se tocara no inferno huma tronbeta {e a\o/ som} (f. 60) E ao som desta se ayuntaram os Demonios a fazer comsulta dizendo estamos perdidos porque leuantou huma rreforma no comVento daquela mendiga que he o nome que deram a nosa Madre Santa Clara porque lhes nam cabe na sua boca o seu nome que lhes

amarga muito e assim a nam podem nomear senam xamando mendinga mas uamos ao que lamentauam os Demonios dizendo da rreforma esta la eyzersisio de Orasam e uia sacra malditos de nos que ia nos nam podemos uingar do crusificado maldito seia o noso jntento e o noso empenho que tendo postos As meninas dos nosos olhos naquele comuento pertendendo ganhar nos axamos perdidos cunsultando todos sobre esta materia rrezolueram nam auiam de dezistir que coidadozos e uigilantes tomariam armas para extinguir a santa Orasam e uia sacra pois nam auia ca outra rreforma e extinguida esta com estes santos eyzersisios ficariam com muita comuniensia e fariam rruas de freiras no inferno este acordo foy o que rrezultou da Republica dos Demonios

foy o Senhor seruido darseme notisia para que

68 Estes Santos eyzersisios uam por diante porque se os jnimigos sam uigilantes seiam As espozias de Cristo (*sic*)⁴² muito mais que podem ter a grasa Deuina da sua parte que se nosa Santa Madre nam lhe da o demonio o nome senam de mindiga numca e em nenhum tempo ade minguar A uertude de Nossa Madre que do Ceo uem auizo a suas filhas para uenserem Demonios emtre o amor de Deus em seus corasois e sera facil rremedearse os erros em que tiuerem incorrido para A obseruansia da Regra he prezizo a santa Orasam e sem este Santo eyzersisio nam ha Amor de Deus e sem amor de Deus nam se guarda A Regra tenham por serto que se [o]bseruarem o que A Deus prometeram A horas de tersa Asistira o Spirito Santo com particulares Dons de grasa jlustrandoas e lansandolhes sua santa benssam e algumas que se adiantarem mais na Santa Orasam lhes dara o Senhor o dom de saberem os segredos mais hucultos que ouer no Comuento assim me rreuelou o Senhor muitas uezes (f. 61) Ssegurandome aueria sempre neste Comuento uerdadeiras espozias suas ponham todas a perder de uista tudo o que he amor humano que amor por amor seu seu diuino spozo tem o primeiro lugar Resusite aqui a uertude da castidade que estaua como adormeSsida por auer nesta uertude alguns defeitos pois auia algumas Religiozas, que guardando castidade tinham faltas nas palauras que soaVam tam mal como a uiola destemperada ponham fin a este descoydo E ficara esta uertude em seu Vigor pois no corasam nam pode aVer dois o\b/jetos e donde ha intemdimento nam tenha uzo a uontade dezordenada que se o

⁴² A autora usou a abreviatura “p^o”, que corresponderia a “Xp^o”, Cristo.

<a>mor⁴³ tem pezo no fiel de suas comsiensas se conhesera para onde pende o amor que Deus fas apertado eyzame as suas esposzas

Agora para comsolaçam das Religiozas
nam quero deixar de dizer o fauor que o Senhor
me fes

69 Por grande merce nam quis deixar em silencio para honrra e gloria do mesmo e he o que se segue foy a minha uida tam falta de descansa que nam tinha tempo para fazer eyzame de comsiensia isto se deue emtemder dipois que minha alma trataua de prefeisam e hunida por Amor com Deus estado em que alma inda se axa com inprefeisois e como nam tinha tempo para eyziminar ou para melhor dizer asim que me punha na prezensa de Deus perdia a memoria e o entendimento ficaua so a uontade Amando Ao Senhor que tomou por sua conta fazer o eyzame dizendome As faltas em que tinha caido e dizendo como me auia de comfesar Posta aos pes do Comfesor dize asim Padre acuzome da groseiraria das palauras do descomserto dos pensamentos e dos desmeresimentos das obras isto hera o mesmo em que eu tinha emcorrido suponhamos que isto esta semana para a segunda ues que auia comfesarme Vai dizia posta Aos pes do comfesor acuzate de todas as palauras sem spirito de todos os pensamentos sem proueito de todas As obras que nam tiueram por fin o seruiso de Deus

(f. 62) Eizame mais apertado

Em certa ocaziam tiue hum discoydo nos olhos em que me deuerti em olhar Para huma alcatifa que estaua no Coro para ornato quando me quis comfesar não me lembrou tal discoydo por me parecer nam tinha sido culpa porem Achei na comssiensia huma grande rrepremsam da coriozidade que tiuera e descoido que tiue nos olhos estando rrezando o ofisio deuino Pois tinha sido muitas uezes auizada que estiuese sempre com os olhos baxos e sendo este disabor em si leue para a comsiensia foy uisto Nos olhos de Deus com Rigurozo eyzame

⁴³ Devido a lacuna da autora, acrescentámos o “a”.

70 Pois que direi de huma culpa mayor Reprendi em certa hora huma creatura que seruia na menza que fizese rreparo na galheta que tinha azeite que nam se emtornase e como tinha adeuertido isto moytas uezes nam se emmendaua ate que emfadada falei com aspareza porem nam fis cazo para me confesar pois o nam tinha por culpa quando foy a olhar para a comsiensia me adeuertio que uise la a galeta nam pasaua meudeza Alguma de que nam fose Adeuertida e como eu nam hera Anyo sempre Auia de ter faltas e quando por mezericordia deuina as nam conhesia me ordenaua fose Aos pes do confesor dizendo Padre se eu tenho culpa de nam saber as minhas culpas desa culpa me acuzo mais apertado eyzame e dizia fose com hum conhecimento proprio e disese Padre eu como toda sou po nam poso andar linpa que ainda que fose a comsiensia tam linpa como agoa tanbem agoa cria escumas finalmente tinha este Senhor tam espisial coydao de aduertirme que nam disimulaua a minima falta Porem deuese adeuertir que para fazer a minha comfisam sempre leuaua preuenida culpa pasada para cahir nela Absoluissam e ate desta tinha o Senhor Coydao porque eu lhe procuraua que culpa daria dizia em tal mandamento fazer mensam desta culpa de palaura outra ues de pensamento ou obra E assim corria os mandamentos e nisto ficaua tam certa que proposta a culpa me daua o ministro de Deus A penitensia e asoluissam comcluo com dizer (f. 63) Nam tinha eu meresimentos de uertudes para rreseber estas merces mas se as finezas de Deus sam eysesos de seu amor estas mostrou o Senhor para comigo

Outros Ssegredos mais intimos quero descubrir
As Religiozas por amor singular que lhe tiue em
Asister na sua companhia

71 Primeiramente tenhase em muita uenerasam o Senhor da pasiensia que temos no dormitorio que me deu o Senhor a emtender estando em Orasam que Sse tem saluado muitas Religiozas por chegarem a seus deuinios pes pedindo mezericordia de suas culpas dizendo mais que se a dita Jmagem andando annos o temporal a gastar pondose disforme incapas de ser uenerada se fasa outra na mesma forma para que sempre se comSserue a deuosam

Ssegunda mercê me fes

O Senhor ecce homo que esta no Coro este Senhor me foy buscar duas uezes
Pesoalmente ao lugar onde eu estaua tendo Orasam e para que me buscou Sse uera mais
expresamente onde fica escrito e so agora digo que amem muito esta jimagem e tenham
em grande uenerasam

Ao mesmo intento semelhante fauor

72 O minino Jesus que eu mandei fazer para ter nele a pose e para rresguardo o tiue
Algum tempo em huma caxa estando eu em certa ocaziam Orando com o pensamento
no minino Jesus me dise que ele nam rroubaua corassois metido na caxa com que se me
fes presizo fazelo manifesto onde esta sobre A estante no meyo do Coro para ser Amado
de suas spozas agora pede o Sseu amor lhe dem os seus corasois que amor que morreo
por amor deu Na morte o corasam esta mesma obrigasam tem as suas spozas para
acriditar o Seu amor que a fineza de quem ama he dar o corasam por quem deu a uida
por seu amor e para as almas spozas de Cristo terem amor A Deus he {pre} (f. 64)
Presizo ter Orasam que assim como o Sangue corre pelas ueias Assim A orasam tem
moytas ueyas para correr o amor de Deus que As uertudes que nasem do amor deuino
sam como morgados que pasam de huns a outros e para que a Reforma ua adiante me
deu o Senhor A saber que sempre se fasa Prelada spiritual que trate de Orasam e
uertudes pois asim como todo o sangue que tem o Corpo humano Sse rreparte pelas
ueyas Assim todas as Osasois e hobras de uertude que tem A Prelada se comonica As
suas subditas he esta Prelada como Agnus dey do Comuento que tira os pecados As
Religiozas com as suas Orasois e obras miritorias

(f. 65) 73 Agora dezeyo Aliuiar Algumas Religiozas escrupulozas que padessem este
trabalho de escrupolos e dizendolhes o que Emtendo nam que eu padese\se/ o mesmo
pois nam padesi esa Preseguisam porem Deus Nosso Senhor foy seruido darne lus para
caminharem estas Almas sem temor que ordinareamente sam Pessoas de uertude e tratam
de Orasam e o Demonio emueyozo e seu Aproueitamento emtra no humor melancolico
compromiso de Deus e atromenta estas Almas fortemente pois Agora suponha Esta
creatura que uay buscando A Deus por hum caminho estreito todo cheio de Aruored
tam serrado que de anbos os lados tesseram os Ramos huns com outros de sorte que

parese se nam pode Abrir caminho para hir adiante aqui padese esta Alma tantas Penas quantos sam os Ramos do Aruoredo o que agora digo he que tome Animo e ua emtrando por dentro do Aruoredo com muita humildade como quem uay de bursos oulhando para baxo e dizendo eu uou buscando A Deus nam tenho que temer e se alguns Ramos a prenderem aqui hum e alem outro iso mesmo he o esCruplo prendese com o pensamento comtra a castidade comtra A Soberba outro comtra a caridade do prosimo finalmente com mil Variadades que ade fazer esta pobre alma preza com tantos Ramos donde se nam pode soltar nam ha melhor rremedio que pedir A Deus miziricordia com grande humildade ate Sahir desta mata braua honde emcomtrara hum jardim Ameno cheyo de flores que sam as uertudes que mereseo em buscar A Deus por meyo de tantos inpidimentos

(f. 66) Narrasam de algumas Mercês que o Senhor me fes
deuer a Nosso Padre Sam francisco ouuindo suas uozes e o
Patrosinio que tem seus filhos no Ceo com o seu
Patrossinio

74 Nam faso aqui mensam das uezes que me uizitou em companhia de Sam Domingos porque ia fica escrito no prensipio desta Relasam de Minha uida mas para que todos saibam que a sua caridade nam he so para Sseus filhos direi que para todos se estende dezeyando que todos se Saluem e esta no Ceo por todos Emtresedendo e fazendo guerra ao Demonio porque esta a sua malisia tam leuantada comtra os mortais que do Ceo ao inferno dese este seraphins rreprimir as forsas a lusifer E a todos seus sequazis Assim me foy Reuelado estando em Orasam Vespera do jubileu da porsincola que neste dia das primeiras uesporas ate as sigundas do dia do jubileu uinha Ao linbo com as chagas manifestas como sol emtre nuuens escondia seus ResPlandores e so com ser sentido se daua a conheser quem hera Ssem se deixar uer e do linbo fazia forsa a lusifer e aos Demonios Reprimindolhes de tal sorte as forsas que nenhum sahia\se/ do inferno A inpedir com suas astusias e maldades As almas que quizesem ganhar o Santo jubileu que neste dia esta comsedido e com esta forsa ficauam os Demonios empedidos dando berros e se escomDiam nos seus captiueiros porque nam podiam sofrer ali as chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo e sumirgidos estauam atthe pasar esta Ocaziam tudo isto me foy anunsiado para que soubesem o patrosinio que tem em noso sarafico Padre São francisco e particularmente neste dia

Agora nam poso deixar de fazer mensam de rre-
seber mais suas uezitas ouuindo suas palauras

(f. 67) 75 As primeiras palauras e uezes que ui Nosso Santo Pai foy na era de 1713 e como se dilatou a minha Vida tambem se aumentaram Os fauores de o uer em Vizois emteletuaes e maginarias ouuindo suas uozes dandome moyta doutrina comsolandome nos trabalhos animandome para a preseueransa e Reforma de frades e freiras E prometio o Senhor que em certa ocaziam estando eu Orando tiue hum Extasi tam subido que pouca notisia me ficou do que ui mas direi o que pude preseber senti emtrar por dentro de minha Alma huma lus ou luzeiro que nos Resplandores que diuizaua minha alma heram como sinco sois mas como estes sois heram fora da esfera natural Nam podia eu formar juizo como hera porque se diser hera como O sol da terra hera sonbra a uista do sol e asim nam poso dar comParasam ao que ui so o que senti direi o que puder que como nam sabia Onde estaua por estar quazi sem sentidos nem potencias pela susPensam em que me tinha o amor do que senti me ficou esta notisia Porque se me pos diante dos olhos dalma hum obieto que amei com tanto eyseso como quem ama deueras e logo se me pos nalma como Em estanpa que o luzeiro que uia inprimido em minha alma luzindo como sinco sois hera Nosso Saraphico Pai São francisco

Ssegue-se segunda Vizam jmaginaria

76 Estando em outra ocaziam em Orasam Vi A Nosso Saraphico Pai Ssão francisco todo cuberto de cruces que paresia se nam diuizaua no seu Santo Corpo senam cruces

(f. 68) triseira Vizam Jmaginaria

77 Estando em Orasam me pareseo Nosso Saraphico Pai uestido com o seu Abito pardo e me dise pegando no abito desta cor se ham De uestir as freiras do teu comuento nestas palauras inferi auiria Reforma porque neste tempo a mayor parte de freiras uestia Preto

quarta Vizam Imaginaria

78 Ao mesmo intento direi o que se segue estando huma noite em Orasam me comsedeu o Senhor o fauor de eu uer Nosso Santo Pai a tempo Em que estaua hum Religiozo filho seu tomando huma desePlina porque tendo sido grande pecador e aRependido fazia Ssua penitensia de suas culpas e a cada golpe que daua com as deSsiplinas estaua Nosso Pai com hum turibulo na mam emsensando O Senhor oferesendolhe por seu filho o cheiro da penitensia sirua Esta uizam de auizo A todos seus filhos para que tenham preuenida A Naueta com o insenso da penitensia que Nosso Santo Pai esta com o turibolo na mam

O Aparo que os filhos de Nosso Saraphico Pai
tem direi para dar a conheser quanto os ama

79 Estando eu huma noite em Orasam muito Vnida Com meu Senhor logrando os fauores de sseu diuino amor dipois deste Vincolo tam estreito me dise estas palauras filha eu queria mandar huma carta a frei Nosso hera este hum Religiozo filho de Nosso Saraphico Pai este tinha O Senhor chamado por vocasam A Religiam Repetio o Senhor como digo Estas palauras dizendo olha a carta que eu quero mandar a este Padre ha de trazela São francisco spera que logo uem auzentouse o Senhor e {deu} (f. 69) Deu lugar a que uiese Nosso Saraphico Pai falar comigo e uindo me dise Vai E leua esta carta de palaura que a palaura de Deus he obra e da a frei N E dizelhes que todas as letras que leua a carta escrita sam flores E o que nela sse comtem he a guarda da castidade no corpo e alma e como tem padesimo moytas temtasois o quero agora secorrer para que nam Desfalesa pois os homens estam sugeitos a padecer estas batalhas Agora digo que isto foy como auizo que Nosso Santo Pai lhe fes para que este Sseu filho se nam discoidase na guarda desta uertude com que se me fes presizo auizar o Dito Religiozo

Ssemelhante cazo Com outro filho seu

80 Nam ha duuida que os filhos sam erdeiros de seus Pais este filho ligitimo de Nosso Saraphico Pai de que agora quero fazer mensam tinha o Senhor tomado tanto a sua conta que dipozitou nas suas mãos Extraordinarios \fauores/ correram estes pelas minhas mãos fazendome o Senhor partisipante de todas As Merces que lhe inuiaua

comunicando eu com o dito Religiozo se auMentaua {tudo} tudo quanto podia no Eizersisio da santa Orasam E vertudes huma ues por acazo me descomsolei muito paresendome que auia no Religiozo algum descoydo em nam hir adiante no caminho da uertude e com esta descomfiansa estaua quazi rrezuluta a deixar A comunicasam spiritual que tinha com o Padre ssentio isto tanto o Senhor a noso modo de falar que o obrigou a uir pesoalmente peDirme o nam deixase e foy o cazo que tendo eu leuado a mayor parte Da noyte em Orasam na madrugada tiue huma Eleuasam onde Vi huma jmgem do Senhor Ecce homo que temos neste Comuento E uinha sua santissima humanidade como homen Nu todo cuberto de sangue e chagas dando passos ate chegar a min tanto que chegou cheguei eu a passos de morte porque foy tanto o amor com que o abrasei e as lagrimas que chorei que lansada a seus pes e Emlasada em seus brazos pouco me faltou para morrer {diseme} (f.70) Diseme emtam estas palauras filha a que uenho aqui he pedirte Me nam deixes frei N dandolhes estes Afetos meus e fazendo com ele pazes e ficando a comonicasam como dantes porque he filho De sam francisco e o tenho distinado para meu grande seruo a minha Resposta foy jubilos de alegria de uer a santissima humanidade de Cristo feito homen e rrios de lagrimas e suspiros de o uer em tal estado Nam perdi a uida porque o Senhor ma corseuou (*sic*)⁴⁴ mas dise Senhor he posiuel que uos a min uieses em pesoa nam bastaua que de palaura mandases Dizer que hera uontade uosa que eu comonicase Este Religiozo A vista desta fineza que Deus obrou por este Religiozo creseo a minha fee E ficou dezacriditada a minha descomfiansa E calificada a sua Vertude com humildade busquei o dito seruo de Deus oferesendome A comseruasam de seu spirito pasados dois dias me apareseo segunda Ves o mesmo Senhor como gratificandome a obra que tinha feito Rezam porque moytas uezes me dise nam ues a fidalguia do spirito de frei N

81 Ao mesmo jntento direi outro fauor que o Senhor fes a este Religiozo tinha pasado humas grandes tribulassois no seruisso de Deus quis o Ssenhor Premear estes seruissos por mãos de meu Saraphico Padre e De maria santissima que o tinha tomado muito por sua conta e como digo ViZitoume o Senhor A horas de meya noyte dizendome que sam francisco E sua may santissima tinham feito as contas das culpas que o dito Padre frei N tinha cometido em toda sua Vida e foram Postas diAnte do Eterno Pay onde foram logo Perdoadas com poder tam Ssoberano que nam entraria mais em contas o Dito Padre

⁴⁴ Ou seja, “conseruou”.

porque ya Estauam ayustadas \ate aquele tempo/ pois agora Estes fauores alcanza meu Pai São francisco No Ceo para seus filhos por yntresesam da Senhora may de mezericordia E de tal sorte comcorre Nosso Saraphico Pai São francisco para os seus filhos que este de que faso mensam teue a singularidade de mereser que o noso Santo Padre Sseya seu coronista para estar escreuendo no Ceo todos os Atos de Amor Com que o dito seu filho Ama a Deus na terra

(f. 71) Comtenuão os fauores ao mesmo Religiozo

82 Em certa ocaziam tinha eu insinado huma deuosam que fazia A Senhora do Rozairo que presipiaua nas primeiras uesperas ate segundas que rrezauamos do Santo Rozairo uem a ser fazer o Santo Rozario de mortificasois da uontade tudo o que sam padre nosos e aue marias cumutaua \fazer/ em mortificasois tanto extiriores como intiriores pedi a este Religiozo fizese a mesma deuosam parese foy inspirada por Deus pelo bem que rrezultou prometeo o dito Padre fazer o que digo que foy tanto do agrado da Senhora que me foy Reuelado Estando em Orasam que a soberana Senhora tomou a seu Coydado infiar As mortificasois fazendo o Rozario e ofereseo A seu Santissimo filho pedindo que fosse milanarias ualendo cada mortificam (*sic*)⁴⁵ mil

83 Agora he de crer que dipois da Senhora fazer esta oferta auia de ter parte nela Nosso Pai São francisco segundo me foy anumsiado que todas as obras meritorias leuaua Nosso Pai diante do Eterno Pay e posto de yuelhos oferisia como ofertas de seu filho e aseitaua o Senhor pasando rresibo com dobrado Premio por ser filho de Nosso Sarafico Pai tudo isto se me deu a emtender na orasam a horas de meya noite

84 Outro semelhante fauor pois nam ha quem posa por embargos as corren- tes da mezericordia deuina este Religiozo escreueo hum liuro e foy tanto do seruiso de Deus que me deu a conheser este segredo que por cada letra que tinha o liuro auia de darlhes huma gota de seu presiozissimo sangue para que no tribunal deuino ofereseo a seu eterno Pay ficando lauadas suas culpas em seu santissimo sangue

⁴⁵ Ou seja, “mortificasam”.

85 Semelhante fauor fes Nosso Sarafico Pai a hum filho de menham lhes daua a chaga do lado por ser esta a do amor ao meyo dia lhes daua a chaga da mam esquerda por ser hora em que ha menos spirito De tarde lhe daua a chaga da mam direita por ser a tarde proprio tempo para Orar a noyte as duas chagas dos pes porque a noyte he mais proprio para a horasam e andase muito neste santo eyzersisio

(“Súplica ao Ministro Provincial”)

(f. 72)

Jesus Maria José

Nosso ReVerendo Padre Prouincial

86 Aos pes de Vossa Reuerência peso sua Santa bensam porque uindo de sua mam espero me abendesuy Nosso Senhor Jesus Cristo que se dignou que eu fosse Religioza Neste comuento de minha Madre Santa Clara de Portalegre nam fis o que meresia a minha obrigasam porque faltei a moytos preseitos da Regra e Constetuisois por me acomodar com o uzo em que ueuia A comonidade mas isto nam me dezobriga de culpa e asim peso A Vossa Reuerência me absolua de todas As Culpas em que tiuer emcorrido na minha profisam porque temo A estreita conta que hei de dar A Deus como tanbem quero dezemcaRegar a comsiensia Restetuindo os bens que adequeri na Religiam E como por direito ordinario os bens com que se acha huma Religioza Pertensem Aos Ssuperiores † uiuendo eu sugeita a obediensia de Vossa Reuerência E dipois desta outra obediensia spiritual que tinha rrendida A tres Padres Spirituais com quem comonicaua meu spirito ordenaram estes Restetuise A Religiam o que nam hera meu pois tudo o que tinha hera de Deus que fosse para gloria sua e pondose da minha parte a rrepugnansia da Natureza tomou o amor de Deus Armas contra min e trosida a minha Vontade por conheser a minha jsufisiensia que nam sabia fazer forma de liuro pois nam se adelgasou tanto o meu juizo que pudese fazer esta obra perfeita fis somente esta Relasam tirada do juizo de huma mulher onde se podem emcomtrar moytos erros por ser Escriptos de mam propria sem ponto nem uirgula e asim ofereso A Vossa Reuerência estes papeis que sam os bens que adequeri e os deixo por legado A Religiam Saraphica de Nosso Pai Sam francisco e se mereserem desprezos com eses me quero acomodar que se ha obra sem premio esta minha pode ser porque foy feita sem spirito por me faltarem uertudes {E cre} (f. 73) E creditos de Vertudes nam se alcansam sem obras mas por iso mesmo foi Deus sseruido que sem eu ter uertudes As dese a conheser Pois agora tendo a humildade por pre\n/sipio tomei o trabalho por \tar/de escreuer por aliuiio ssugeitandome a toda a corresam para que uistos estes Papeis por Vossa Reuerendissima e por outros Senhores Doutores misticos uendo e Reuendo se neles se achar coyza que desdiga a uerdade de nosa santa fee Emcomtrando a minima coyza eu me desdigo e portesto de nam querer outra coyza mais que o que ordena A Santa jgreia e por ela quero ser guiada como fiel catolica e sendo a piadade de Vossa Reuerência tanta que emmende meus

erros sendo justo que a obra saya a lus sera para louVores de Deus pois se nam achara nestes papeis coya boa que nam fose Primeiro de Nosso Senhor Jesus Cristo que A Vossa Reuerência a guarde lembrandose de minha alma com orasois e santos sacrificios da missa

E por obrigasam de subdita aqui ponho o meu nome

Soror Jzabel do Minino Jesus

("Tratado Místico")

87 Pois agora na obseruansia do obediensia aprendi a ser disipola que na uariadade de tantos pensamentos como eu tinha por estar metida na terra da natureza nam me podia dar lus para escreVer mistiCa pois nam tinha capasidade de fazer forma de liVro por me faltar siensia e pouco spirito e sem nenhum uso De rretorica e so moytas jgnoransias que poderam ficar manchad[os] De erros mas por esta mesca cauza presuado Aos Senhores Doutores Misticos ueyam estes papeis que para Autores desta obra os busca a minha abadesa pedindo a todos me queiram emsinar o que eu nam {sey} (f.74) Sei so digo que industria humana nam me podia capasitar se Deus Nosso Senhor nam fora seruido tomar por instrumento a incapasidade de huma mulher para os que sam capas de conheser os caminhos por onde Alma pode chegar A Vniam com Deus e por esta dificuldade se escuzaua hum destes Senhores Padres que me trataua em nam querer goVernar almas dizendo nesesitaua de moyta lus do Ceo e bastante estudo nam se acobardou o meu animo com esta rresposta antes o solisitei dizendo Ao dito Padre que nam temese de gouernar almas que Niso fazia grande seruiso a Deus que tiuese moyta fee que o Senhor lhes daria lus pois os Padres que costumam gouernar spiritos Asiste o Spirito Santo com particular prouidensia e toda a lus que o Senhor deu A jgreya Prinsipiou nos APostolos porque heram Ssacerdotes presoaido ficou Este Padre com este meu dizer mas segurouse mais em querer esquadrinhar os fundos de meu spirito que suposto estaua inteiramente no conhesimento do caminho por onde Deus me leuaua com acordo dos mais Padres ordenaram Escreuese eu o que tinha alcansado de experiensia e como esta emsina Ssem estudo e a caridade do amor deuino rreparte estes bens pelos Nam pesoir so para si e a forsa da obediensia he tam poderosa esta me deu animo a por mam a obra e se por obedeser aserto direi o que souber nam como quem emsina se nam como \quem/ aprende que nadar sobre as agoas so quem Ssabe nadar senam afoga sugeito o meu juizo a quem me pode ReProuar Rezam que me fas conheser a uerdade dizendo que se Deus me da Lus para dizer o que souber nam me dezobriga de conheserme por indigna De falar sem saber se açerto no que digo porem no meu emtender As mayores dificuldades que ha na uida speritual sam conheser Os caminhos e o stado em que alma esta porque ha moyta deferensa Da Via purgatiua a jluminatiua e moyto mais A Via Vnitiua e Cada huma sera conhesida pelos sinais que apontarei porque A jntiligensia do amor de Deus he Arte que nem todos sabem e se com lisensa

Dos Senhores Doutores Misticos premitem que eu diga o que entendo Prensipiarei pelas tres Vias

falo da primeira Via Purgatiua

(f. 75) 88 Pois sendo A Via Purgatiua o primeiro Caminho que alma toma para buscar A Deus como o criminozo que uay buscar coyto por saber esta culpado acuzada esta alma da comsiensia se rrezolue mudar de uida e como as melhores obras sam mais dignas de se uerem uer agora mudar de uida hum homen he mais obra do Ceo do que da terra toma prensipio chorando Moytas lagrimas e nam sabe se tem do de seus pecados mas se obrar mais Algumas uertudes que se de a conheser ter pezar de auer ofendido a Deus se pode julgar que esta alma prensipia a Via purgatiua este he O primeiro sinal por onde sera conhesida para tomar caminho a uertude digo mais que este homen esta moyto as escuras e se nam lhe abrirem os olhos nam sabe dar paso porque as treuas em que estaua pela culpa nam Meresiam ter lus porque em tudo fazia a sua uontade fazendo mal a si mesmo agora deue emmendar o que perdeo que isto mesmo he mudar de uida de que agora nesesita he meterse na penitensia fechando As portas dos Ssentidos fechando os olhos esconder os ouuidos intretyserse com o cheiro gosto Ssem sabor prender o tato e nam dezatar o no pois por estas sinco ianelas que estauam abertas entraram os jnimigos a Roubar a grasa que Alma tinha rregenerada no Santo bautismo seram pois estas as primeiras flores que ade colher no jardin da penitensia mãos trosidas gosto dezabrido pela abstinensia cheiro comsomido ouuidos surdos olhos fechados de lagrimas mas tudo isto se pode fazer com disquirisam Porque Deus Nosso Senhor nam ueyo Ao mundo destruir a natureza humana Veio aprefeisoala sam estes sinco sentidos como meyo para os fins que Pertende a uertude sam como castisais para neles se porem sirios asezos Ssam como grãos de trigo que se deita na terra para produzir espigas Assim como no curtiso fas abelha o seu mel no fauo se cria a sera na sera Sse açende fogo sam estas disposisois nesesarias porque As Vertudes desta Via purgatiua sam fugitiuas pouco firmes e para me explicar melhor Ponho huma Comparasam Sam como Vinho Augado que se bebe por Nesesidade e se nam tratam de o aproueitar fase Vinagre tal me paresem As uertudes que aqui se acham porem nestas primeiras uertudes Sse uay fazendo fundo como aliserse para Asentar nelas o amor de Deus que esta \alma/ quer buscar por meyo ordinario e nam he tam pouco hir buscar O que nam tem e se Deus a quer levar adiante segundo Esta primeira Via Pur (f.76) Porgatiua que agora digo he

como esta Alma ha dir aproueitando hade ser leuada a pasos porque nam pode dar uoos o que não Pode dar pasos e menos a pasos coridos ua Caminhando o que puder comtanto que se nam tire do caminho porque esta uia purgatiua tem moy poucas forsas sperituais que esta este homen moyto cheio de natureza ponha somente os olhos no que Esta por andar que se no prensipio olhou para {o fin} o fin da Vertude hade çer sempre prensipio e desta sorte se fara meresedor de ser hum dos que prensipiaram e nam dezestiram que nisto consiste a uertude mas adeuirto que nam se largue A penitensia que com aspazeza se doma o natural e se uai criAndo Spirito com se uenser o homen a si mesmo

Vou proseguindo sobre
a mesma materia

89 Esta Alma sintira moyto a mudansa de uida custara trabalho Ssugeitala a rrazam poderseha fasilitar com a esperansa de que o caminho da penitensia he segura uiagem para o Ceo os maos abitos e piores inclinassois de que este homen estaua uestido ham de ser os primeiros jnimigos que se ham de lansar fora para produzir attos de uertudes que sem sahirem huns Nam podem entrar outros que sam atos de uertudes e se no prenssipio se acerta o caminho toma caminho a saluasam porque os froitos que desta alma se colhiam todos heram brauos {lauada} (f.77) lauada e linpa esta nos sacramentos da penitensia mas nam deixarey de por huma comparasam he como o pexe que sahio do rrio lauado e linpo sahio dagoa mas uem cuberto de escama tal me parese Esta creatura linpa e lauada mas esta o mais por fazer porque O jntirior esta como huma cerra braua nesesito esta terra de ser bem cultiuada cortando primeiro a rrama e arrancando Raizes Pois agora os sinais por onde hade ser conhesido se uai aproueitando na uia purgatiua se uera pelo descustume de que ategora huzaua moyto meresera o Reuerendo Padre Diretor em sofrer as tentassois deste homen que com mudar de uida cresem e os que mais ham de aproueitar eses padesem maiores tentassois que como them contra si mundo diabo e carne as forsas do spirito limitadas nesesito esta Alma de ser ayudada com frequensia dos Ssacramentos Orasam toda a que puder ter eizame de comsiensia todos os dias para hir alcansando temor porque agora prensepia a guardar a Lei de Deus e se neste tempo emquanto Durar a uia purgatiua cahir em pecado mortal nem por isso Afroyxe nos eizersisios de penitensia humilhese e conhesa que o pior que tem em si he falta de conhesimento proprio rrecora Ao Senhor por meyo da santa Orasam pedindo

mezericórdia que mostrara na emmenda que o nam quer ofender os auizos sejam as primeiras uozes para fugir de perigos pois saiba que ia presepia a seruir a Deus e se tomar outro caminho pos Em perigo a saluasam e so deixando de ser seruo de Deus se não Poderam rremedear as culpas e buscando a Deus o mesmo Senhor O hira liurando das suas ofensas a crus desta primeira Via he leue e he pezada fica pezada a quem nam estaua costumado a tomar pezo algum de mortificasam he leue porque in\da/ Nam leua moyto pezo que padese pouco quem pouco ama {fica} (f.78) fica dito atras que nesta Via purgatiua padese o homen tentassois huma das mayores que se ham de opor a uertude he a guarda da castidade Porque o homen nam pode deixar de sentir tentassois sobre esta Vertude enquanto as potencias nam stiuerm moyto trabalhadas com atos comtrarios lansando de si a maquina de pensamentos e maginasois e estes sam tam cazeiros como as hondas no mar pela Miseria que se lhes fas mais fasil pasar hum dia inteiro sem comer do que deixar estes pensamentos e maginasois e tudo isto susede Pelo captiueiro da culpa de ADam por coyia cauza se incaminha tanto A miseria e enquanto uiue sempre hade sentir o pior e quando Muda para a uertude fica como hum homen uestido de do porque lhes morreo hum seu amigo e nam pode deixar de sentir a falta De o auer perdido ate que se nam uista de gala deitando o do fora nam deixa de estar magoado pois a gala de que este homen Sse hade uestir he o amor de Deus e so este tira a magoa do coraSSam e para alcansar este amor nesesita \e he/ nesesario presizamente que o pecador de moytas marteladas no peito pedindo perdam A Deus de suas culpas lauando com lagrimas as moytas mascarras que tinham deixado nalma seus pecados pela inclinassam que tinha ao appetite nesesita mais para alcansar amor de Deus castigar se por dentro de si mesmo negando a sua uontade porque nem mãos nem pes que o homen tem lhe fizeram tanto mal como a sua Vontade pois todas as obras e passos que deu naseram do coraSSam castiguese agora este corasam que foy cauza de seu Mal tiremse os atos da uontade com todos seus afetos que Nam ha coyza que mais castigue hum corasam que negarlhes A Vontade desta sorte se ira expulsando o appetite contra a castidade que esta uertude he semelhante a huma Aruore Sseca quando esta no corasam do inuerno esta tomando forsas para a seu tempo dar flores e froytos assim o homen dipois de estar seco de penitensia emtam he que tem forsas para produzir flores e froytos da uertude da castidade outra semelhansa Acho nesta uertude que he semelhante amora esta quando {esta} (f.79) Esta madura e na sua prefeisam tem o sumo emcarnado de cor de sangue sendo amora preta pois assim nem mais nem menos he a uertude da castidade preta pela penitensia e por dentro cheya de sangue que sahio do corasam pelas

batalhas que o homen peleia para alcansar Vitorias derramando sangue em tam se acha a uertude da castidade na sua prefeisam e o homen se acha com spirito de deixar A capa nas mãos da adultera fugindo da ocaziam

Vou proseguindo sobre a mes (*sic*)⁴⁶ materia

90 Nam se deue dar nunca este homen por seguro que he mizarauel nesta uertude cahe e rechaie como enfermo a sente consigo que para ther saude spiritual ade tomar remedios penozos que em materia de castidade nam ade auer agrodose tudo ade ser dezabrido O membro da lingua ha mister pasar pela lima que nam falando so Puramente o nesario qualquer palaura em materia de castidade fas huma chaga no peito e o homen he tam inconstante por sua Natureza que reuerdese inda que esteia seca pois seca o homen os olhos de chorar e a uerdura do corasam nam seca porque bate as portas da alma e o appetite como se fora mantimento de que o homen Sse sustenta e nestes apertos se ue a pobre alma sem saber Sse uense ou se he uensida porque o homen he como Relua uerde Na primavera cria flores he apraziuel so quando chega a secar he No istio que com o calor do sol o que hera Relua uerde ficou pasto seco nesita sempre de estarem os cinco sentidos dispostos para A penitensia ya fica dito atras e agora torno a repetir que o caminho do spirito sempre se ade estar penspiando que a penitensia que o homen fas como he por mam propria castigandose a Ssi mesmo nam sera tam aspera que nam leue moyto amor proprio E o Visio he tam atiuo que asim que presepia logo chega ao fin E chegando aos ultimos parassismos da uontade peca mortalmente E se nam chega a estes ultimos parasismos sempre teue seus prenssipios he como a planta que ficou emterrada pode tomar {Raizes} (f. 80) Raizes e produzir froitos e asim deue clutiuar (*sic*)⁴⁷ a terra com uertudes comtrarias porque a uista he tam propiscas que logo entra no Corasam he o primeiro sentido pois nam ha coyza que mais esquadrinhe o corasam do que he huma uista de olhos segundo sentido fugir de ouir ligongias e desprezalas logo que sam Emsayos Para se conheserem afetos trisseiro sentido mendingar de cheiros que com eles se fomenta o Visio e abre porta para a sensualidade quarto sentido que he gostar este toma para si moyta parte e por yso ade ser desaboreado metendo na boca o melhor bocado que he O Prato da uertude abstendose do que apeterer

⁴⁶ Ou seja, “mesma”.

⁴⁷ Ou seja, “cultivar”.

a uontade quinto Ssentido que he palpar este sentido he tam malisiozo que sendo o ultimo ade ser o primeiro para a guarda da castidade fugindo de todo o tato que posa leuar malisia que como a natureza them dentro em si maldade sempre toma o que he seu o rremeDio neste cazo he a cautela que nase do coyado que o homen deue ther para guardar castidade que os afetos terrenos todos prosedem De nam estarem os sentidos mortificados ua o homen trabalhando nesta uertude que ate morte ade auer batalhas acomodese Amar a Deus que o seu seruo que trata de uida spiritual haDe ser conhesido nas palauras e obras dando Eizemplo para Edificasam e se nam tiuer a uertude da castidade em sua Prefeizam ya desmerese o nome de seruo de Deus pois agora tendo como digo esta uertude ya a terra de seu corassão fica sesonada e disposta para se por nela as plantas das mais Vertudes para que uam crescendo em aumento e a seu tempo darem copiozos froytos sseguese agora por na terra de sua alma a Vertude da humildade esta hade ser tam profunda qu[e] se Nam he bem funda nam podem as outras uertudes tomar Raizes dipois desta a uertude da obediensia rrendida a quem gouernar seu spirito e logo a Rezinasam na uontade deuina Apurando a pasiensia que he uertude de que moito nesesita pois esta uertude da pasiensia tem duas circunstansias he estreita (f. 81) E he larga sendo estreita nam cabe nela o amor de Deus e sendo Larga toda sua alma sera cheia de amor deuino se for pasifico e Ssempre nesesita deste Eyzersisio de pasiensia que no sosego desta Vertude Repouzam as paxois que nesta Via purgatiua tem o homen As paxois moy soltas e uiuendo a pasiensia logo morrem as paxois O silencio he moyto nesesario para seruir de freyo porque as ferozidades da natureza dam testemunho da guerra das paxois e temperadas estas da passos o Spirito e sem Abstinensia nam se pode Andar o caminho da penitensia que se o appetite nam se curar com O Jeyum dezordenase a uertude da castidade porque nesta Via Purgatiua tem tam pouco spirito o homen que he semelhante Ao pasarinho na gaiola canta alegrase mas esta uendo se abrem Porta e logo foie

Adiuertensia para ser conhesida
a comssiensia

91 O Reuerendo Padre em coyias maos prensapia o gouerno desta alma tenha moito Coydado de conheser o pezo da comssiensia que os rremorsos ham de ser Moytos nesesita de ser bem esquadrinhado o jntirior que no corasam ham de ficar emserradas as inclinassois para as culpas e nam pode logo Descansar a comssiensia que o homen pende

para a culpa como o amor Para obieto ha mister muito purgada esta alma e para isto ficar seguro ham de ser dezemserradas as inclinassois fechese esta porta e logo descansara a comsiensia e como o mayor jnimigo que tem o homen he A inclinam ao apetite dezordenado como fica dito para que tome amor a uertude da castidade nam obstante o moyto que fica escrito me pareseo assertado dizer As Eysilensias que Sse seguem desta uertude oussam com pasiensia que como me falta siensia talues ua fora do prepozito

(f. 82)

Preuilegios da uertude da castidade

92 Ssam tantos os preuilegios da uertude da castidade que se deles se ouVera \fazer/ mensam fora nesesario grande uolume mas quando suas granDezas sam mayores ficam demenutos seus lououres deixando de Sser aumentados por hora so direi que esta uertude merese ser uenerada por sua fortaleza que he forte como Rayo porque mata o apetite he Arma poderosa comtra o Visio he rroza pela fragranssia que de si lansa he Asusena branca he perPetua na durassam e finalmente he Orgam entre todas as uertudes pois tocando esta primeira Vos da tom a todas as mais que para siguinto das mais Vertudes da esta uertude toque he a castidade huma Vertude que nam se lhes pode por nome pois he tam Eleuado Sseu nome que se nam ouuera Sol na terra se podia chamar Sol ficando com nome proprio mas por nam tirar ao Sol seus ResplanDores bem se pode a castidade chamar siensia de uertudes que quem Aprendeo a guardar esta uertude foy scola de Ssiensia por ser Arte A mais dificultoza de aprender entre todas As Vertudes he tam Ssutil o seu Emgenho que descobre o que esta escomdido pelo ReAlse de sua uertude pois agora os preuilegios da uertude da castidade nam os pode dar a ssaber quem a nam guardou e como Em huma clauzura he esta uertude bem guardada se ouuer nela huma Virgem que nam mande pensamentos nem palauras para fora Esta pode dar a conheser As eyselensias desta uertude e pode mereser tanto nesta uida para com Deus que logre o PriVilegio de Ssaber o que podia jgnorar por falta de experiensia dandolhes O Senhor o Dom de saber o que se uza no homen pois sendo Virgem Por natureza jgnoraua o que nam sabia e com o Dom da castidade teue Priuilegio de rrezistar os yntiriores dos homens uendo Neles as nesesidades que auia para serem emmendadas as faltas que tinha a castidade aonde auia tanto que emmendar que teMia por em publico mas nam ha coyza que mais aperte hum coraSsam do que os cordeis da obediensia nam ha duuida que crese A {crus} (f. 83) Crus em huma alma

quando nela se poem hum pezo que numca tomou Este pezo como digo he que compro Ssem preso huma Ssemura dos homens que nam forem Sseruos de Deus e me exponho a perder a rreputaSam pois nam tendo siensia e moyto menos Expiriensia ou he forsa De obediensia ou dezatino do juizo em quem fala com tanta largueza na materia de castidade porem agora rrespondo que nam foy Dezatino do juizo forsa de obediensia sim porque a obediensia nam tem olhos para uer o que se lhes manda fazer pois agora a Virgem ssendo Vizitada do amor deuino como Este tem tanta sutileza como fica Dito pode entrar nos corassois e rrezistar o que ha neles porque esta Virgem que tem em seu corassam o amor deuino logra PreVilegio de conheser os yntiriores dos homens e assim temam moyto os que ssensurarem nam seiam conhesidos seus Erros

93 Pois agora nam falo com homens que por Rezam de seu estado nam tem obrigasam de guardar castidade falo somente com seruos de Deus que profesam guardar castidade e como esta uertude anda sempre Em demanda com o Visio comtrario quero agora entrar a demandar o Vissio e sugeitar a natureza a pasar sem amor humano pois este Pleito tem o homen emtre alma e corpo e sendo tam Vizinho hum Do outro e a demanda dura toda a uida he huma comtinua guerra E no meu pouco emtender o que mais fas guerra a hum homen speritual he o Vissio contra a castidade porque toma este jnimigo tanta comfiansa que se asenta no Corassam do homen e sse fas tam cazeiro tomando forsa que eysede ao mesmo homen e ninguem o pode deitar fora se nam for o amor de Deus pois fasa o homen por ter amor de Deus que este numca sse dezordena e fazendo da sua parte o que esta Obrigado Vensera por armas este jnimigo fuya donde ouuer troPessos que pode tropesar e de uistas pronunsiozas que sam como Argueiros que se metem nos olhos que o ar que rrisperam algumas Creaturas sam como contayo que apresia a morte e homen sempre Emquanto uiue tem neste particular spiritos Vitais Porque se {morrem} (f. 84) Morrem alguns spiritos pela penitenssia Resuzitam outros e homens emtre mulheres sam como espadas nuas e maneando As armas {alguns} alguns ham de ficar feridos moyto me tenho dilatado e parese sahi fora Dos preuilegios que tem a uertude da castidade mas se esta he preuiliada para falar nestas materias

94 Ousam os Senhores o mais que se segue todos ssabem que ha huma pedra que se xama pedrineira esta de sua natureza açende fogo tanto que a hela chega huma massa que se xama ysca e dando hum golpe lansa fogo isto mesmo pode suseder a hum homen inda uertuozo que pode dar hum golpe e pensamento ou palaura e com fasilidade emtra

na uontade e comsentimento e para que asim nam suseda ade fugir de toda a materia de isca para que a pedra nam tenha onde pegar Nam fiando de si coyza alguma inda que se considere moyto Mortificado e cheyo de penas a este yntento ponho huma comparaSsam ha huma casta de aues que se xama Perun este sabem Os que criam estas Aues que sam moy carregados de penas e tendo tantas [n]am pode Voar pois qual sera a rrezam que nam Voa huma Aue tam cheya de penas no pouco que emtendo digo que nam Voa porque o Perum tem moyta carne e auendo moyta carne E sangue no homen Vertuozo nam pode guardar bem a castidade Pois agora \para/ se yuitar toda a dezordem que pode auer nesta uertude Ade ser profirindo todas as palauras onestas e rrezistindo por forsa aos pensamentos obras nenhuma porque a castidade sem obras Sse acha perfeita obra a isto diram que pode suseder hum acazo Em que o homen nam pode Rezistir a pensamentos palauras e quando moyto rrezista a obras a cauza porque nam rreziste he porque não tem uzo de negasam de uontade e ha homens que seguem o caminho Da uertude e adequirem moytas uertudes e nam podem alcansar A uertude da castidade em grao perfeito e fica o seu spirito sempre Pussilamine e pouco aproueitado porque as mais uertudes {sam} (f. 85) Ssam como as Vozes humas soam mais que outras As que soam menos são Mais ssonoras pois asim sam as uertudes jntiriores que nasem da negasam Da uontade estas them forsas supiriores e moito do agrado de Deus Va O homen trabalhando nesta uertude que chegara tempo que a tenha Prefeita como Sol sem sonbra que he huma alma fechada em Deus Ssem parecer neste mundo pois tudo o que podia ter de afetos nesta Vertude deixou por Deus mas como esta Vertude tem tantas oPosisois nam se pode alcansar sem pasar por moytas penas mas Deus quer mais hum homen picado de penas que hum luzeiro no Ceo que este de la chahio e o homen sobe ao Ceo por penas e quando se ache com algumas faltas que no homen sam tantas nesta uertude como Espinhas no pexe nam saira fora da grasa de Deus se fizer da sua Parte o que puder que o pexe dentro dagoa inda que esta cheyo de Espinas ahi comserua a uida so quando say fora dagoa logo morre pois nam sse intristesas este homen que o amor de Deus logra Priuilegio de alegre se os pensamentos o preseguiem suponha que sam como uertiyas que sobem a cabesa que prosedem de achaques pois estas uertiyas em homen Vertuozo ordinariamente sam Postas pelo Demonio a uer se pode com estes pensamentos deuirtilo ate Por palauras e comsiguir obras que conhese moyto bem que o homen he mizarauel nesta uertude inda que durma uestido sempre esta Vestido de mizerias e a Vertude da castidade ha mister montes De rrezistencias he como dinheiro em cobre que para fazer soma ha mister montes de moedas pelo pouco ualor

que tem tal he o homen nesta uertude os Senhores que tiuerem Experiencia poderão falar com mais asserto neste particular so digo que suposto o DeMonio fomenta os pensamentos que asima ficam dito conhesa pela incliNasam do homen que pelos olhos podem emtrar pois fasa o homen por Comsumir a uista mudando de obieto que quem aDe guardar castidade nam ade uer o que quer e pelas batalhas que uenser contra Sseus jnimigos mandara Deitar flores sobre suas cabesas o Senhor que A Nosso Pai São francisco tirou os Espinhos da ssarsa podera tirar os pensamentos Ao homen

(f. 86) Adeuirtensias para ser conhesida a tentasam
da uaydade

95 Os milhores spiritos sam os que padeseem mais tentassois a Via purgatiua tem moytos fumus da Vangloria que como se acendeo fogo em lenha uerde tudo sam fumus e com se dizer esta alma que tudo o que saio de culpas pode tornar a emtrar se Deus o nam tiuer de sua deuina mam e com se conheser se pode humilhar que uaydade sempre se acha onde nam ha uertudes e adeuirta que a uayDade he moyto emzoneira que quer leuar mais do yusto preso e them outra ssircunstansia que quer tomar uoos para sima e emtam Sse ue mais rrasteira porque he de tal sorte a sua calidade que mengua quando crese pois se a uaidade fizer sonbra a homen ya Nam them ssonbra de uertude pois sendo Vaidozo de si mesmo thoma prensipio de ser hum dos piores homens que andam o caminho da uertude pois o que deue fazer he ter conhesimento proprio que o mesmo que foy pode tornar a ser e ueya se pode spiritualMente abayxar a cabesa aos pes de todas as creaturas que Neste baxo asenta bem a uertude que por iso a uertude da humildade nam crese para sima seus Ramos estam sempre metiDos na terra nam cria flores nem froytos que toda a forsa da humildade he criar Rayzes de conhesimento proprio mas se uierem pensamentos sem culpa iso emtam nam se chama Vaidade porque Nam esta na sua mam ocorrerem pensamentos rrezirtir (*sic*)⁴⁸ iso pode fazer e se duuida que rrezistio ou nam he serto que la them Algumas rraizes de uaidade e para nam brotar tam ma erua ssiruase de melhorar se desta jnfirmitade tiuer alguma queixa Pois nam pode huma alma ter melhor bem que uerse liure De tal mal que os pezemes das culpas sempre se deuem temer e Ssentir porque foram ofensas de Deus

⁴⁸ Ou seja, “rezistir”.

96 E para se por em melhor uzo de fugir dos /fumos\ da uaidade nesesita tambem de eyzersitar a obediensia e tera spirito dobrado e se nisto tiuer discoydo inda da indisio de uaidade aprese o paso na {o} (f. 87) Obediensia que se nisso tiuer discoydo conhesa que o amor que descansa he sinal que nam tem presa e caminhara moyto pouco No caminho do spirito e andara moyto pouco {faltando} faltando a obediensia e nesesario he ter alma esta Vertude e se isto lhe der moyto que sentir tenha passiensia que por onde pasa o amor sempre deixa Penas a crus de Cristo tem muito spirito para o homen se uenser a si mesmo e por iso os martiris se coroaram com teimas do amor de Deus Porem esta alma ade padecer moytos ameassos da parte dos tres jnimigos dalma que como numca andou este caminho tudo lhe paresera Dificultozo e se nam forem conhesidos os ameassos ade temer adiAntarse seia o Reuerendo Padre diretor o que de animo a esta creatura Esmerandose na rretidam da justisa comtra os jnimigos fazendose Via segura para a leuar ao Ceo e com se por alma em canpo Dizendo estou para uenser e nam para ser uensida com esta RezuluSsam que toma acobardam os jnimigos e este homen uai emchendose de uertudes ate mostrar por fora que se capacitou para Sser spiritual que trara de Orassam mas como toda a obra que Sse fas se lhes da ualor direi agora o que ual esta Via purgatiVa bem se lhes pode por preso pelo metal de que he feito que he hum pequeno de terra que isto mesmo he o homen e sendo terra them moita semelhansa com o cobre metal groseiro que se nam Pode desbatar sem ficar parecendo o que hera pois tais sam As uertudes desta Via que como o homen esta tam metido em si Obra como homen tem uertudes mas sam paresidas ao metal de que foy feito mas nem por ser assim se despreze esta Via que A mam de Deus que fes este homen podera fazer que este homen Renasa e se fasa tam amator das uertudes que chegue a fazer parellas com metais finos pois se a natureza dos metais toda se emgendra na terra os mais finos quebram mais dePresas pois fique agora acriditada a Via purgatiua inda que seia de metal groseiro fica dito o metal de que se fabrica A Via purgatiua agora digo o pezo de Crus que leua quem {esta} (f. 88) Esta nesta Via pois assim como nam ha corassam sem amor assim tambem Nam ha amor sem crus peza esta huma aRoba que he o que pode leVar quem prensipia o caminho da uertude e leuando huma aRoba De pezo ya leua crus inda que seia de cobre pois o caminho que leua he Nam he de todo direito nem moyto trosido he emVeazado a crus Ssempre ade fazer pezo mas ha de ficar com spirito Va sempre humihanDose (*sic*)⁴⁹ que os pes fazem assento e assentar a Vertude no conhesimento

⁴⁹ Ou seja, “humilhandose”.

Proprio he caminho seguro porque ahi se ue o homen a si mesmo e eu As mezericordias de Deus que tem uzado com sua alma pois a materia De que a natureza he feita toda pende para a terra ueya se pode este homen sugeitarse a rrezam e acraditar com obras ua trosendo a uontade e logo fara obras direitas que he tempo de gouernar o jntemDimento que emquanto se gouernou pela uontade nam teue jntemdimento ueya se pode fabricar em seu corassam huma Vontade Racional que seya so para amar a Deus apure a pasiensia neste Eizersisio que esta he a uida do spirito e com este Eizersisio se deixa o homen a si Mesmo e uay anoutesendo o que hera terra para emtrar por dentro dalma spirito superior a natureza e he presizo caminhar por esta Aspareza ssuposto que as rraizes humanas sempre uiuem o aMor de Deus he forte que tudo pode uenser se o homen sse uense a si mesmo que se a materia do amor sam froytos os froytos do amor De Deus sam uertudes comcluo com dizer que o homen que estiuer nesta Via purgatiua tendo as uertudes que ficam apontadas que sam castidade pasiensia humildade obedienssia e nam tiuer Vaidade pasara fasilmente a Via jluminatiua e com a grasa de Deus podera subir {a} A Vnitiua

(f. 89)

Via jluminatiua

97 Desta Via direi o que emtendo que por ser obra melhor tem mais ualor Porque he feita de prata inda que o pezo da crus he o mesmo pois nam Peza mais de huma arroba como a uia purgatiua mas como a prata ual mais que o cobre Alma que entrou na uia jluminatiua he mais Rica de uertudes porque esta ia alumeada de Deus para troser a uontade E sugeitala A rrazam pois lhes ficaram estes bens de ter ia pasado Pela Via purgatiua uay agora temteamdo os pasos para nam cahir Em culpas graues porque uai tendo mayor temor de Deus e melhor Ssera conhesida esta Via uendo que alma se adianta nas uertudes Estas ia uam luzindo como areias finas porem adeVirta o Senhor Diretor que tambem a pedra de geso lus por ter moytos spelinhos mas nam se pode fazer aliserse sobre areias e moyto menos sobre Pedra que se desfas porque esta he tal que chegando ao fogo logo Sse desfas em po logo nem pedra desta calidade nem as areis (sic)⁵⁰ Seruem para o edifisio speritual porque nam tinham disposisois O luzimento que esta pedra e areyas tinham nam seruem mais que de pornosticus do que ha de naçer na terra dalma quando Estiuer linpa para brotar flores e froytos nesesito agora de por mam

⁵⁰ Ou seja, "areias".

a obra e a natureza humana he tam cheia de mizerias = que nesecita que Deus lhe ponha os olhos para entrar a trabalhar = Na uinha de sua Alma porque os abitos da natureza sam mais Para a terra do que para o Ceo estes sam os piores jnimigos que o homen Them e por iso deue prensipiar premeyro por si uendo como Os ha de por em hordem sopeandoos com o freio da rrazam que Sse a rrazam nam obra como se ha de criar spirito mas bem se pode ia trabalhar na obra porque a rrama esta cortada que {se} (f. 90) Sse lhes deu o primero corte na uia purgatiua agora sera trabalho Mayor nesta Via jluminatiua que presizamente se ham de arrancar Raizes com forsa de braso para se alinpar a terra que como estaua tam mal cultiuada nam auia nela nem flores nem froytos mas sendo agora frosozo trabalhar nesecita de moyta pasiencia porque a terra do homen rreziste e antes toma por partido ficarse com os luziDos spelhos da pedra ficandose com o corasam duro como pedra E para que asim nam suseda emtre a melhorar por onde se pode comSsiguir esta melhora he chegando esta pedra de seu corasam Ao fogo do amor de Deus por meyo de duas horas de Orasam que Nesta Via jluminatiua bem se podem ther e com este santo Eizersisio logo se uera o corasam que paresia de pedra na dureza Desfazerse em po pois nesta segunda Via conhese o homen o que he aqui se humilha mais pela lus que o Senhor lhe tem dado e A terra melhora quando se desfas e saiem as rraizes com menos custo Aibrase este corasam que estaua como pedra que daqui sahiram os intrinsicos que estauam nos foyos intiriores onde Sse fomentaua a malisia estes estauam como adormesidos e onde ha malisia sempre ha culpa aqui esta inda muito que dezembarasar que o jntirior esta moy acupado com coyzas da terra E tem moytas ofisinas que alinpar cultiuese esta terra que he A primeira hobra e pasara desta A outra mayor que adiante Direi pois aqui ha inda moytas culpas ueneais ponha os olhos no Ceo e deixa a terra que quanto esta nela criou Deus para o homen fasa por hir adequirindo uertudes e assim se iram extinguindo as faltas por ter a prezensa de Deus que tendo alma esta prezensa tera prefeisao (f. 91) Prefeizam E Deus quer mais hum Vertuozo do que hum Eizersito De homens sem uertudes porque hum Vertuozo pode alcansar de Deus Nosso Senhor Vertudes para hum Eizersito de homens e se este Vertuozo nam for perfeito tendo escorias da natureza y\ a/ lhes falta a prefeizam

Ja fica dito que a santa Orasam
ha de trazer as uertudes

98 Esta firmeza no homen em ter Orasam he dom particular do spirito Ssanto acuda a este tezoiro que aqui se acham moytas Riquezas Spirituais que se medem as uertudes em alqueires ate chegar a huNiam onde se medem moyos estas que agora se uam medindo por Alqueires que uam saindo da santa Orasam uam emchendo por Dentro dalma tudo o que estaua Vazio A orasam he como quem se Ve e hum spelho descobre todas as faltas no asseio do rrostro Na compustura do uestido e no spelho se compoem tudo o que lhes falta pois assim nem mais nem menos de alma que trata de Orasam ue todos seus pecados grandes e pequenos palauras Pensamentos e obras e daqui nase o pezar de ter ofendido a Deus E nam pode {auer} auer dor de pecados se nam se conhesem culpas Pois agora as obras de uertude que o homen pode fazer seram Do agrado de Deus mas a mayor fineza que pode fazer por seu Amor \he/ comonicarse com ele por meyo da santa Orasam que aqui Sse prende tanto alma a Deus ynda que se nam deixa uer que comsome as spesias da maginasam com toda a fermuzura humana Pois duas horas de orasam pouco he para quem ama a Deus e como O homen deue tanto se nam puder pasar a mais conhesase sempre deuedor que amor que deue tanto paga com todo o que tem mas adeuirta que mais quer Deus hum seruo na terra que hum Sseraphin no Ceo {porque o seruo na terra} porque o seruo na terra Pode ser meresedor de ser seraphin porque ama e serue {a Deus} (f. 92) A Deus e o seraphim no Ceo Ama e nam serue pois agora da santa oraSsam se alcansa O amor do seraphin e as almas que tem amor do seraphin sam as que trocam a terra pelo Ceo e trazem os corassois cheyos De luzes para alumear os que uiuem as scuras estes spiritos como digo Viuem crusificados na crus da negasam de si mesmos e sam olhos de Moyta jente porque negando a sua uontade estam os outros uendo que nam negam a sua agora diram algumas almas que nem todos poDem ser Vitimas nem terem amor de Sseraphim que a duras penas podem ter duas horas de Orasam e moytas uezes nam acha a prezensa de Deus pois nesa Ssecura de spirito merese que niso se purga parte de culpas preseuere e suponha que esta esperando por hum seu amigo que Prometeo de lhes uir falar este se rretarda pose o sol anoyteseo E o amigo nam ueyo e nam foy por querer faltar a palaura mas sim Por que a alma errou o caminho e o amigo nam o pode buscar por o caminho que alma quer hir e assim andam anbos sem se poderem Emcomtrar isto he o que susede Alma que anda buscando a Deus e como o homen por sua fraqueza sempre tem moytas faltas esas

mesmas quer o Senhor castigar escomdendose e fazendose dezemcontra diso ate que se auiste com o amigo dandolhes a sua deuina prezenSsa pois rremedeie almas estas faltas preseuerando em orar mentalmente e todo discoydo que nisto tiuer detem as mezericordias Deuinas que quer inuiar a sua alma fazendo esta alma partisipante de suas dadiuas e se for mais Vzado o eyzerssisio seram mais Aumentadas as mezericordias e nam se considere tam forte que coyde que ia pode pasar so com pouco Vzo de orassam pois se nam cresser ade minguar e como o Senhor lhe deu o Dom de Orassam Nam foy para deterse em coyzas da terra senam para hir do Ceo acuda a estas e se maginasois o ditiuerem ha mister derrubado ese oyteiro que finezas de amor so o mesmo amor as uense pois assim digo que As maginassois nam he outra coyza mais que huma cadeia de fuzins que uam prendendo huns com outros e quem nam {obrar} (f. 93) Obrar finezas por Deus fica prezo com esta cadeia o rremedio neste cazo he tomar o homen liberdade de spirito que iso mesmo he amar a Deus com finezas e para estas se fazerem nesedita este homen de fazer huma Muralha de uertudes e meterse dentro do sseu ynterior que ahi O spera Deus para lhes falar no Corassam pois nesta Via jluminatiua ya alma tem spirito de amor de Deus este tem forssas para adequirir Vertudes e a maior uertude que ade ter he amar a Deus com afetos que Estes hiram aumentando trabalhe por adiquirir silencio que \n/o sosego Dalma \se/ acha amor de Deus e como digo o amor caminha moyto e andara Mais depresa pois os passos sam Voos que por iso tem moyto spirito quem ama a Deus nam deixe de miditar pois he prezizo meditar a Paxam do Senhor que nestas miditassois tem o homen moyto que discorrer para amar a Deus mas ha hum amor que merese ser estimado E outro que merese mayor estimassam o que merese ser estimado he o que medita porque tem cauza o que merese estimassam he O que ama sem moita cauza bastou uer obieto e ficar logo prezo O Corassam prosede de amor fino este teue A madalena teue quilates de fino pois agora o homen que medita pode ssuseder ter huma hora de orasam e fazerlhes o Senhor este fauor de ter amor De quilates finos que se puzeram embargos a meditasam por Sse achar o Corasam prezo a prezensa de Deus neste cazo solte O Discursso e deixe preza a uontade que para amar obraua o jntendimento mas que poucas almas se acham com amor fino e tudo Prosede de nam querer arrancar Raizes e por iso sempre estam Brotando culpas que afroxam as uertudes que estas nam cresem Sse as nam clutiuam (*sic*)⁵¹ sam como a inconstansia damar numca estas almas estam firmes tem uontade de seruir a Deus mas rrepouzan Em o

⁵¹ Ou seja, “cultiuam”.

seruir aqui ha huma jnmensidade de escrupulos nesta Via jluminatiua hoje pedem
 lisensa ao Padre que gouerna suas almas para dezafoego e nestas idas e uindas se tornam
 a emcher de scrupulos E numcam acabam de prodizir froytos de uertudes mostram que
 tem dezeyos de aproueitar e ficam sem proueito os logros das [...] (f. 94) Vertudes
 comssiste no eyzersisio delas e as poses do amor nam se tomam sem esperanssas de
 padecer pois agora o caminho nem he Aspero quando o caminhante busca direito as
 uertudes dezatadas sem darem mam humas as outras sam como areyas de que ya fis
 mensam nam seruem para alisersi disponhase esta alma com conhesimento proprio para
 ssofrer abatimentos que este fas fundo Na humildade esmerese nesta uertude tomando
 nisto aula-(?) tar nas uertudes que sem este fundamento nam pode auer Prazeres de
 fortaleza no spirito este crese quando se aumenta A penitensia Ssendo bem ordenada
 pela obediensia que Nam tendo olhos para uer o que se lhes manda e se he o que quer A
 coroa na obediensia se conhese a humildade esta humildade Nase de hum corassam
 sometido que se yulga por menos de todos Estes humildes de corasam sam os que
 uensem as Vitorias Da milisia spiritual e quem se acredita com armas de humildade tem
 trono para se asentar a uista de Deus que os que chairam por soberbos fizeram o seu
 assento no profundo do inferno pois agora para este homen mereser dos humilDes o
 mayor Realse rrecheie sua alma dolheiro desta Vertude e por dentro e por fora
 Resplandesa ganhando por este fundo a mayor grandeza dos humildes para que fique
 castigada a soberba que o homen de si tem pois aiustadas as contas nam tem de seu mais
 que po sendo po por natureza tendo a sua firmeza na terra quer pasar da terra ao Ceo
 sem adiantar nas uertudes pois escuze eses pensamentos que a ninguem foram
 comsedidos fauores sem os terem meresidos quer o homen Amor de Deus e foie da sua
 prezensa acuda a este dezatino que o Amor dezatinado atina com obieto que ama e fica
 comrresponDendo hum amor com outro e por iso anbos se acham a hum tempo a mayor
 stimassam que Deus fas do amor do homen he estar na sua
 prezensa

(f. 95)

Vou proseguindo sobre a mesma
 materia

99 Digo que toda a terra them obrigasam de produzir froytos ou seiam Bons ou maos
 pois logo tem o homen a mesma obrigasam porque tambem he terra demais desta tem o
 ser rrasional porque tem o Dom da rrazam este teue na primeira Via purgatiua o

conhesimento que hora preSsizo buscar a Deus agora tendo pasado os inpedimentos e embarasos que esta primeira Via them seguese nam dezestir do intento pois na uia jluminatiua sera mais fasil achar a Deus que este Ssenhor sempre se deixa achar de quem o busca entre agora esta Alma por hum caminho mais estreito e aspero que sam humas ueredas emcalhadas por serem no intirior dalma aqui ha de prinsiPiar a uaziar as potencias de tudo o que nam for justo e nisto them moyto que trabalhar pois cada potencia de presi tem moyto que fazer porque a memoria estaua pouco costumada alcansar fora o que Nam hera comuiniente o jntendimento tinha menos por querer emtemder moyto a uontade nenhum Vzo tinha no amor de Deus e agora tudo {isto} isto ade leuar uolta e para se dezocuparem estas Potencias ha mister moytos Atos comtrarios e sera nesenario moyta Pasiensia porque os abitos da natureza sempre tomam para si a Mayor parte e se todo huzo fas natureza tambem nam ha de ficar sem huzo a memoria jntendimento e Vontade

(f. 96)

Exersisio das tres potencias

dalma

100 Como a memoria amontoa muyto ha mister esta grande sugeisam Para nam desuariat no seu huzo nesecita de tirar dela o desuario pois Entra a capasitarse para se por na prezensa de Deus por meyo da meditaSsam que nesta Via se uza e com esta se pode hir afeisoando a tirror o que nam hera para se trazer em memoria pois disto he que uzaVa podese prender este desuario pela aplicasam de mudar do mao Para o bom porque se esta memoria se nam mudar uaziandoa do que he jnutil como se hade emcher do que lisito e pela desnudes Sse tira o abito de que estaua uestida cortando ofisio a huzo que Antes tinha pois a memoria he a que da eizersisio as mais potenSsias meresera Vida eterna se uiuer tendo huzo na prezensa de Deus

Segunda potencia

101 O jntemdimento he por onde tudo se gouerna este pela Razam de que foy dotado ade Çer arzeoado deixandose gouernar pelo que emtendem os outros que talues fosem destinados Para que uise se auia quem melhor emtendese e com este eizerSsisio de pasiensia alcansara o Dom de ser Mestre daqueles que o insinauam mas presizamente ha de ser piloto para gouernar esta Nao pois ha de ser guia das mais potencias E se o

jntendimento nam obrar bem como ade obrar bem nem A memoria nem a uontade pois agora no intendimento {esta} (f. 97) Esta tudo o que grande mal toma para si o jntendimento se nam obra bem que Proiudica as mais potencias

triseira Potensia

102 A uontade he que agora leuara a mayor parte porque he tam Atratiua que mete por dentro de si tudo quanto lhes da gosto e so nisto uiue comsolada ha mister grande eizersisio para Purgar tantos afetos que pelo descustume de serem bem OrDenados merecem bastante purgatorio trosase agora esta Vontade e afeisoese a gostar do que he justo que se foy sega Por descoydo ueia com olhos de fee que deue Amar a Deus jncline para onde foy criada e naseo pa seruir ao mesmo Senhor Pois sendo a triseira potensia ade ser a primeira no amor que para Deus estaua guardada esta uontade e quando chegou a deZordenarse tinha por fin hum abismo de penas uoltese agora Para o amor deuino que se delhe se deixa prender toma huzo para A bem auenturansa

tenho posto eizersisio as tres

Potencias

103 Resta dizer como se ham de por em pratica para que nam fasa duVida digo que Estas Potencias sempre ficam fazendo seu ofi{sio} (f. 98) Ssio somente se uaziam de tudo que nam he nesario mas para agora se por em abito o que nam hera de seu huzo sera prezio fazer moytos attos que chegue a fazer custume mas a natureza humana he tam quebradisa que quando o homen coyda que tem as Potencias uazias achase com elas cheias de tudo o que he inutil mas nem por ser asim perca animo que suposto estas potencias sam tam finas que a todo jnstante se estam Resgando ua o homen Ssempre deitando rremendos para que o eizersisio ua por diAnte que Deus se dara por bem seruido com tento que dure toda a uida o sinal por onde o Reuerendo Padre Diretor podera conheser se O eizersitante uai aproueitando se uera na limpeza da comsiensia porque aqui se ue bem se as potencias estam jnclinadas Para a terra porque este eizersisio them emchentes e minguentes he semelhante A lua pela inconstansia de mudansas e por onde pode ser conhesida se mengua a uertude se uera quando Alma nam tenha sede de mais Vertudes e particularmente se faltar a orasam que afroXando esta logo uam descahindo as mais uertudes e dado cazo que as uertudes desfalesam

chegando ao infeliz Estado de ficar alma em trevas como no seu primeiro presépio com se fazer o espírito uiador se pode tornar a Remedear pois o caminho do espírito tem moytos altos E baxos so preseuerando estam seus Aumentos tambem digo que suposto haia no eizersitante este eizersiSsio de potensias intiriores que nem por iso deixe as mais penitensias extiriores quando forem nesarias Porque a penitensia he como o jnsenso sempre cheira bem

(f. 99) Adeuirtensia para o Reuerendo Padre Diretor
conheser como estam as uertudes
nesta Via jluminatiua

104 Estam as uertudes dentro dalma como a planta noua que esta Na terra esta pegada mas nam tem inda rraizes fundas Jnda se pode secar e nam tendo as uertudes rraizes não estam firmes pois nesta Via jluminatiua nam estam as Vertudes com furnuzura tem inda moytas sombras nodoas ferretes sam como huma imagem que o pintor esta pintando e uai com o pinsel aseado ferretes nodoas e sombras para que fique a jimagem perfeita os froytos que se colhem destas Vertudes da ui\ a/ jluminatiua inda sam Agrodoses porque A terra nam esta inda bem laurada tem cheiro de uertudes Com meyo spirito os agros da nosa natureza sam os que tirão O dose da uertude adosarseha quando a terra estiuer bem Clutiuada (*sic*)⁵² inda digo mais as uertudes desta Via estam dentro Nalma como emcarseradas assim como hum homen que esta Prezo \por/ ou crimes ou por diuidas ate que nam pague e satisfasa A parte nam ha de sahir da cadeia desta mesma sorte he As diuidas e crimes que esta alma tem sam as ofensas que fes a Deus a justisa deuina sempre se ha de satisfazer e por jso digo que as uertudes que tem esta Via jluminatiua Nam sam geradas no amor de Deus nasem de comuniensia Propria porque os meresimentos ham de ser postos diante da deVina justisa para se pagarem crimes e diuidas satisfazendo a Parte ofendida que hera Deus e como fas alma da sua parte O que pode o mais que fica deuendo suprira os meresimentos (f.100) {tos} de Nosso Senhor Jesus Cristo que tomou sobri si as nosas diuidas saia agorada cadeia este criminozo e ua caminhando com a sua crus que nam leVa tanto pezo que nam posa caminhar e se nam uai adiante torna Para tras e se tornar a cometer culpas ade tornar a ser prezo levando Crus dobrada porque \se/ aumentaram os crimes agora saia da cadeia E rrecolhase a

⁵² Ou seja, “Cultiuada”.

sagrado que os inimigos sam moytos entre acrescentar uertudes arrependido que para iso lhe deram lisença que saísse da cadeia e se leuou parabens de se uer solto nam fiquem As uertudes emcarceradas ua clutiuando (*sic*)⁵³ a terra de sua alma que se fabrica com arte noua suauizando o pezo da Crus com o cheiro das flores colhendo os froytos com sabor do amor de Deus Pois no iardin do amor deuino nam emtram senam os linpos do corasam

hultima adeuirtensia nesta Via jluminatiua

Para que o Reuerendo Padre conhesa que inda esta Alma esta emferma

105 fica dito atras que na uia Purgatiua se anda o caminho spirituAl a pasos porque nam pode dar Voos e nesta Via jluminatiua ja se pode andar por horas pois cada hora pode alma Dar hum paso na uertude que tem do seu mayor esforso Andase com mais ligeireza mas adeuirto que esta alma esta inda emferma e onde ha infirmaria nesesita de ser curada porque o metal da prata de que so fabricou a crus também Sse emgendrou na terra e da terra tomou natureza em Alguma coyza se parese com o homen por naser da mesma terra a materia he deferente mas a terra he a mesma pois a infirmaria que aqui se acha sam palauras pensamentos e obras Nesesitam de serem Purgados com rremedios de medisina {spi-} (f. 101) Sspiritual porque os pensamentos emgrossam moyto {moyto} quando O homen se descoyda de os nam captiuar e como sam mais Vcultos sam menos conhesidos e por iso nam ha olhos que os ueiam tirese esta sigueira e Curese com outra mayor que he fechar os olhos que se nam ouuer olhos abertos seram menos os pensamentos E pelo menos os que emtram pelos olhos sam os que mais depresa bebe o corasam esta jnfarmaria de olhos ha moita nesta Via jluminatiua porque o homen por mais escaso que seia no uer sempre Ve e nam se ue a si mas pode uer dentro de si mesmo aquela emtrou e se nam sahir para fora fica a emfermaria dentro pois alerta Alma da Via jluminatiua que esta muito emferma e temos muito que curar

106 As palauras inda estam mais emfermas pela soltura com que sam Criadas e sendo mais deficultozas de curar sera mais fasil o Remedio que so o silencio as cura mas por que he presizo falar lhe ponho hum rremedio que fale so o presizo porque se a lingoa fala mais do presizo toma para si moito mal pois emche o coraSSam do que ia estaua

⁵³ Ou seja, “cultiuando”.

uazio acobardese o homen a nam dizer Moytas palauras porque estas sempre ficam com sede de mais falar comuem moito tirar as palauras da boca que se bebem Como agoa e a sede que esta alma padese de palauras prosede De estar o corasam seco e falto de amor de Deus e como a boca he porta do corasam para que nam saia o Corasam pela boca se ade fechar esta e so para falar de Deus e do que for justo se premita Abrir a boca e sempre cortando as demazias para que se posam Medir as palauras pelas comferensias do corasam pois nam se pode curar o spirito da Via jluminatiua se nam fazendose (f.102) {Dose} mudo ou falando pouco porque na lingua ha duas propriedades Ou fala bem ou mal e para que nam fale mal com o huzo de falar pouco Vira a falar sempre bem

107 As obras tambem tem sua jnfermaria Aplique-se o Medico spiritual a curar esta pois na Via jluminatiua coyda o eizersitante que ja tem trabalhado moyto efeito grandes obras e por iso se da Ao descanso e sam moy nesarias as obras nesta Via para creserem As uertudes que nam sendo aumentadas sempre demenuem e Vai faltando o spirito ficando desmeresendo acudase com o Remedio para que alma nam torne para tras coyde-se moyto em que ua Para diante que as maiores dificuldades ia estam uensidas e Sse mereseo chegar ati qui daqui por diante se fara o caminho mais fasil porque o amor de Deus ade facilitar tudo porque agora he que esta Alma emtra a por os pes no seguro metendo debaxo dos pes a terra e auistando o Ceo que as obras que daqui Por diante se fazem todas sam feitas por amor ou seiam grandes ou pequenas todas o amor as fas pois agora seia A obrar mais prinsipal A Santa orasam que desta nasem todas as mais obras Sseia o Reuerendo Padre spiritual moyto inportuno para que nam se falte a esta obra e que ua sempre por diante que desta sorte se comserVara Alma em grasa pois se leua Crus de prata nam sera crus Prateada sera solida sem mestura de outros metais para que não Desdiga do que he e desta sorte ficara A Via jluminatiua obra de pratta e Alma metida no Ceo ficando o corpo na terra

108 mas o justo nam se ssatisfas com o que tem senam com o que lhes falta Ajustada tem este homen a comssiensia mas para ser justo inda lhes falta moyto que o spirito ha mister uestirse de mais prefeisam Esta se pode alcansar na uia Vnitiua que agora uou explicando como puder

Sse agora os Senhores Doutores Misticos premetirem que Eu diga alguma coyza da uia Vnitiua somaram as contas Pelas sifras pois quanto dela puder dizer sera sifra A respeito do que se pode dizer desta Via pois os mais rreMentados juizos acobardam e se nam tiuera prensipiado Esta obra nam auia dir com ela por diante mas sendo forsozo Satisfazer o que prometi direi o que puder que para aprender Estaua eu e nam para falar nesta uia porque o caminho da uia Vnitiua he caminho sem carreira e nam se anda por ele senam por uoos e para uoar tam alto que uai fora da capacidade de mulher confeso que temi o uoar com rreseyos de cahir de tam alto pois digo que alma que chegou a tam jminente stado nam leua crus de madeira leua crus de marmore porque as uertudes que aqui se acham estam tam Embarasadas que se nam podem desbastar por estarem mescladas humas com outras o amor de Deus que esta Alma tem sempre dura o amor das outras Vias nam he asim porque lhes faltam as forsas para preseuerar o amor da uia purgatiua he tam fraco que para o auer he nesenario ser espremido porque nase da pasiensia que alma uai adequirindo e se falta A pasiensia acabouse o amor. o da uia jluminatiua com Duas horas de Orasam se uai comseruando e se falta a orasam logo falta no amor as forsas pois ueiamos agora o pezo que tem a crus de cada huma destas uias que pelo amor se conhese o padesper fica dito atras que alma que esta na uia purgatiua peza a sua crus huma arroba de cobre a crus {da uia} (f. 104) Da uia jluminatiua tambem fica dito que peza huma Arroba de prata Agora digo que a crus da Via Vnitiua tem de pezo quatro arrobas de Oyro pois as penas que esta Alma tem padesimo para chegar a Vnirse com Deus foram postas as camadas humas sobre outras foram feitas pela Arte do amor que quem Viue do amor morre por padesper asim padese quem Ama perdesse de uista pela suspensam de sentidos e potemSsias saindo fora da esfera da natureza esmerandose na prefeisãõ que se nam podia hunir com Deus sem estar crusificada tambem digo que alma que chegou a huniam teue Dons particulares para Emtrar neste caminho As uertudes que esta Alma them nam Ssam por forsa como as da uia jluminatiua estas sam sobreNaturais que nasem do Amor de Deus que esta Asentado na sustansia dalma o sinal por onde o Reuerendo Padre podera conheseer se sam Ssobrenaturais uera se nasem da humildade sendo pizadas do mundo pelos desprezos que esta them padesimo que estas sam Como o oyro que nase no sentro da terra {e sofre} e sofre meterse No fogo deixandose laurar As maos do Artifese para ter o seu Valor pois estas sam uertudes com rraizes tem o seu prensipio no conhesimento

proprio sempre tomam para baxo sendo de mayor esfera que esta Alma hunida com Deus e pareselhes que As uertudes fogiram dela que emsinam acha nenhuma tem No sentro do corasam hum escudo que rrebate todos os faoures que lhe fazem porque se acha sem meresimentos desta calidade sam as uertudes da Via Vnitiua tem montes de uertudes e Achase Alma sem nenhuma porque estes sam os quilates do Oyro do amor de Deus que produzio A terra da humildade pois Agora este Oyro nem se compra sem feitio este foy As uertudes {E} (f. 105) Eroicas que esta alma obrou para se unir com Deus emterrando-se no fundo da humildade pelos abatimentos que padeseo e desta sorte bem se deue Crer que esta Alma nam leua crus de madeira mas sim de marmore e uay tam Reconsentrada no corasam que nam parese da parte de fora porque se fosse uista nam aueria quem quizesse tomala aos honbros mas o amor da Via Vnitiua nam para aqui inda uai por diante que se o pezo da crus he grande o amor he moyto comprido e anda por Sseus uoos e para falar deles he nesario dizer primeiro que para Padeser naseo o amor e sendo no amor tudo penas estas formaram azas e uerseham que uoaram a mayor Altura que he A huNiam e trasformasam com Deus falarey da comtemplasam por seus graos e daqui sairam os uoos saindo primeiro humas adeuirtensias Para o Reuerendo Padre spiritual

109 Digo que nam se deixe a meditasam enquanto Deus ahi tiuer alma Porque a meditasam he caminho seguro he como As agoas que correm por canos uam direitas mas pode Acabarse o tempo de meditasam este sera conhesido porque alma nam pode ia meditar Porque se acha com as potensias como adormesidas e nam pode pasar Adiante que lhes parese tem hum inpidimento o descurso nesecita Alma de buscar a Deus por outro caminho porque acha as portas fechadas pelo discurso O rremedio neste cazo he deser alma para baxo buscando a humildade cauando o aliserse achara porta aberta Por meyo da comtemplasam emtro na primeir (*sic*)⁵⁴ scala de comtemplasam

110 Cauando a humildade e conhesimento proprio achou alma a Deus por meyo da comtemplasam e presepia admirarse ficando em pasmo de Ver dentro em si tanto e nam sabe o que ue e como quem se nam sente fica sem saber se uai para diante nem se torna para {tras} (f. 106) tras mas uai sentindo dentro de sua alma humildade e huns Requebros de amor afeisoados mas logo se acabam ficando alma com dezeios de amor a

⁵⁴ Ou seja, “primeira”.

Deus este deuia ser o sentido em que Daud falaua quando dise uiam iniquitatis a moue a me nam seia so serto no que digo porque me falta siensia mas como Deus quer leuar Alma adiante presepia a eizersitala em huma penitensia speritual de noite scura porque se ueste o sol de nuuens e escomdese por algum tempo mas sempr (*sic*)⁵⁵ parese algum Rayo de lus que tras comsigo algum amor porem serue de maior crus que como alma se nam pode satisfazer de amor padese huma penitensia e de tudo nesesita quem ade hir adiante aqui Vai o Senhor tirando o amor sensitiuo para crescer alma em outros graos de mayor amor neste estado tanbem ha temtaSsois que como a prezensa de Deus falta e nam acha alma comsolasam alguma os inimigos muytos tem alma bastante que Padeser mas se neste estado em que se acha preseuera em Orasam pasara As bodas de Ca\na/ onde se comuerteo agoa em uinho e tudo seram festas e prazeres

Presepia se outro modo de Orasam

Comrrespondente asima

111 Vai Alma metendose em Deus com outros graos mais adentro e sente no corasam ia assistensia de Deu porem he por hum modo que nam conhese o que goza esta serto que as potensias estam sosegadas como adormesidas sente hum gozo mas não goza o que dezeia porque alma inda tem que purgar tem A Deus e tanbem se tem a si porem sente que por dentro {do} (f. 107) Do corasam se lhes emtranha hum grande gozo ficando com grande cede de amor a Deus este he o tempo em que alma nesesita de ter moyta Orasam para se satisfazer de Deus e coydo seria este o sentido em que falaua David quando dise septies india laudem dise tibi a falta de letras me deixa em duuida mas uou ao jntento nesesita esta Alma de moyta Orasam para que se corra a cortina pois na noite escura que ia pasou ficou alma com mais uertudes e agora quer o Senhor Dar lus para hir adiante pois estaua Alma como emtalada e so com moita Orasam ficou dezempedida e saindo deste stado ade Acharse alma com hum modo de Orasam que parese esta pasmada porque ama sem saber a quem ama a fee lhe mete no corasam Obieto porque penetra moito o amor de fee e sente entrar nalma huma santa suspensam de afetos e se iulga a si por discoydade e cuydadozo o amor rretirase a espasos a gozar estas carisias de mel e com ele se abranda alguns podres que inda produzem As rraizes que tem a natureza he como o mar que lansa fora o que tem dentro asim he Alma sempre lansa

⁵⁵ Ou seja, “sempre”.

fora o que nam he seu para ficar mais dezempedida pois agora neste Estado de gozar as
dusuras fica esta alma ate que Deus a mete com outro modo de noite scura

112 mas antes que pase adiante quero dar-me melhor a entender digo que tudo o que
esta Alma ate qui tem padecido para entrar na com-templam foy como ensaios para
o que ade padecer daqui por diante porque aqui presepia a coar a pasiencia que entra a
Padecer no spirito e antes padecia no senCetiuo que a noyte escura que pasou he a noite
escura do sentido agora a que se segue he no spiritual onde se apura tanto a pasiencia
que chega a ficar tam fina como oleo estilado no lanbique que o calor do fogo do Amor
de Deus sabe rrefinar desta sorte a pasiencia dos seus seruos

(f. 108) Noite escura do spirito para onde uai
Alma caminhando por seus graos

113 fica dito atras alguma coyza da noyte scura do sentido mas Nam anoiteseo tanto
que nam ouese Algum Rayo de lus Estra (*sic*)⁵⁶ agora huma noite tam scura que \he/
noyte de sorte que não parese a menor lus pois as penas que Alma tem pasado inda nam
heram bastantes para se hunir com Deus sem pasar pelas noytes escuras porque o amor
deuino inda uai fugindo dentre maos e he chegado o tempo de dispir a pele pois ade
Renaçer outro homen que Emtra em hum caminho tam estreito que nam cabe nele pele
com oso Agora se dispora suspirando pelo fin e pasando esta grande purgasam
adequirindo uertudes sobre uertudes mas A fee lhes segura que nam se acaba O amor
quando se prenssipia poderozo he para aumentarse e nam para demenuirse seia Alma
constante e ua buscando A Deus por meyo da santa Orasam que se a noite he scura
tambem ha esperansa de amanheser tirriuel tormento he a infuscasam das potencias junta
com a scura noyte mas se nam fora tam meritoria nam satisfizera A Deus as moitas
culpas que cometeo aqui esta Alma posta em purgasam satisfazendo spiritualmente as
mais ocultas para hir satisfazendo (f.109) zendo a Deus as culpas que comtra sua
deuina Maiestade cometeo Por pensamentos porque esta noyte escura em que alma esta
Them uertude para dar lus com que alma conhesa suas culpas E metida na humildade
uai debaxo da fee buscando a Deus tambem se cria dentro nalma huma speransa em que

⁵⁶ Ou seja, “Esta”.

Deus se nam auzentou so se escondeo porque de quando em quando sente huma duSsura ou golezina intirior sinal serto que Deus esta rrecomsentrado no corasam e se quem se acha asim preseuera na orasam susede o que susedeo a Magdalena quando andaua buscando o Senhor e que maiores finezas pode esperar huma alma que ouuir a Vos {de} de seu spozo que aonde este Senhor fala sempre se aumenta a uertude nem fuia numca alma de o buscar no meio destas penozas uias que o amor senpre da sinal de si la hira sentindo por dentro dalma huns toques ou sentelhas do fogo que acenda o amor deuino mas ao Paso que o quizer gozar se ade esconder para que mais o ua busCando que tem inda moyto que padecer

Vai a noite scura por diante

114 Aqui se escurese mais porque uai emtrando alma em hum caminho tam jngreme e estreito que nam se pode por hum pe sem por Outro em sima e huma mam no cham e outra apegandose a quem Vai guiando esta alma seruindolhes de guia como a hum sego Porque he estado em que esta alma them meyo oyro do amor deuino e emtra na fornalha para se rrefinar deixandose laurar As maos do artifise que agudas penas padese quem them este Meyo oyro porque nam pode pasar adiante nem tornar para tras aqui esta agora perder o ganhar porque uai alma metendose pelas emtranhas da pasiensia e para martirio de sangue {pou} (f. 110) Pouco lhes falta porque esta noite tam escura tem seu prensipio nas palauras que como soaram tam mal quando as dise em ofensas de Deus Ssempre auiam de ser castigadas e purgadas no tirriuel carsere da Noyte escura onde alma bebe moitos amargos pela sultura com que foram profiridas pois todos estes cauterios de martirios auia mister esta alma e tudo isto iunto com uia Atiua fas tal comsonansia que escasamente lhe ficam olhos para uer o que padese e por esta cauza se chama sego tem de mais a mais a forte cadeia com que alma se acha Preza porque se nam uai adiantando them perigo a saluasam porque foie do caminho da crus e tem por fee que se for por diante Ssegura a saluasam o rremedio nestas comtingensias he oferese a Deus a uida dizendo que ou morrer ou saluar

Emtra outra noite mais escura

N[o p]i[n]o da meia noite estou porque aqui nam aparese Rayo de lus Porque he a hora mais escura que tem a noite them por satisfasam as culpas que esta pobre alma cometeo

[[por]] \[[as(?)]]/ obras porque estas estauam fechadas no corasam e por esta cauza se fechou o Ceo Para nam ter nele entrada alma que primeiro nam fose moyto purgada com penas spirituais dando cabal satisfasam as suas diVidas e tendo alguns meresimentos que esta noite tras consigo Ssem embargo de que esta alma ia esta quazi com suas potencias Purgadas e com mais meresimentos que ficaram das noites pasadas mas nesesta de mayor crizol oyro que ha de ser inteiro pois nam Ade auer meyo amor deuino e por esta rrazam mete deos alma Em hum caminho que mete medo a quem uai por ele aqui morrem todas as operasois da natureza fica alma como emparuoesda Ssente morte e sente uida esta captiua de amor e nam sabe (f. 111) Sse ama porque a sua pena nam adimite aliuio e com rrezam se queixa pois sua alma se axa como ueuuu sem espozo sem anparo sem aliuio çem comsolasam porque perdeo de uista o hunico obieto que amaua a uos que soaua dentro de seu corassam o espelho Em que se uiam seus olhos e tudo isto nam hera nada em comparaSsam do amor que ual mais que tudo porque sem amor so os que nam amam uiuem que corasam que chegou amar A Deus morre quando Nam ama pois mais padese sem amor do que sem uida e por iso os que Ssam asinalados de amantes sam Escolhidos e se esta creatura inda Esta uiua pouco lhe falta para morrer que desmayos de amor sam prensiPios de morte o suplisio de quem morre fenaliza com a uida e a Pena de quem ama tira a uida sem morrer que amor que penetrou alma Ssai alma quando acaba o amor este he o spirito uerdadeiro de quem Ama A Deus metese em hum lugar mais estreito e apertado que se axa Na terra alma que pasa por este dezerto sera spirito que rrenaseo das Ssinzas do fogo em que se queimou por amar A Deus porque os mortos so Pasaram pela primeira morte e alma que pasou por tantas mortes rresusitou moytas uezes que quem chegou amar com tinbres de querer e Deus a deixa E se auzenta leua o Ceo por forsa pelo sacrificio que fas quando nam Axa o amor que ama Rachel choraua as saudades de seus filhos Porque os perdia de uista sam os suspiros do amor gemidos dalma e por iso se emtrenese tanto mas estas lagrimas sam doses que não tem os amargos da culpa mas he presizo tirar o amor proprio pois Ssendo este ynimigo do spirito hera o mayor amigo que tinha A natureza e por iso digo que ha mister de se tirar das emtranhas da natureza saindo com lansetas de samgrador que sendo a sezura Pequena pode sair moyto sangue o mesmo ha de suseder a esta alma que ao pareser de quem ue a mortificasam parese pequenina e saira moyto sangue de martirio porque as uertudes que neste estado {sam} (f. 112) Sam nesarias sam fenisimas e delgadas que como tem alma tantos inpisilhos e estes graos sam moy milindrozos presizamente nesesta de toda esta prugasam para dezonir o amor proprio

estreitandose tanto que tudo o que hera natureza fique spirito e Por iso fica esta uertude Eroica e sobrenatural com outro aperto se axa esta alma para ser mais calificada a sua uertude que he Ssendo temptada nam sabe se cahio em tentasam que de si nam fia nada rresta que nam desfaleza comsidirando que as culpas que cometeo lhe tiraram a prezensa de Deus pois onde se uio amor com sombras que Nam fose prosedido de culpas pois agora digo que ua humilhandose Reprendendose a si e axara na Orasam humas dusuras que estam guardadas para quem se rreprende a si mesmo com aquelas palauras que dis Butirum et mel comed ut disire rreprobare malu e diligere bonum⁵⁷ sam moitas as prouas que o Senhor fas a seus seruos pois os leua pelas estreitas uias do spirito sacrificio que Deus estima tamto que he semelhante o sacrificio que Abram fes quando ofereseo o Minino jza finalmente neste estado tudo sam cruces e penas aqui paresem a pobre alma esta feita hum jumento algumas uezes sequer embraueser como tourinho mas logo amansa porque se acha preza com huma traua do pe a mam esta he a mam que tem dado de spoza pois ya pasou pelos despozorios o pe he nam poder andar senam pelo caminho da crus agora no meio de todos estes trabalhos segue-se saber com que se ha de sustentar este jumento rrespondo que se ha de sustentar com o uerde da esperansa E com os froitos que ia colheo das uertudes adiquiridas sempre acreSsentando uertudes sobre uertudes Orasam sobre orasam porque conhese que o amor de Deus esta escomdido dentro de seu corasão E uyra a seu tempo rresgatar o catiuo que se acha no captiueiro as auZensias do amor de Deus sam como o Sol que se pos e uay anoitesendo (f. 113) E por horas se uai uensendo a noyte ate amanheser pois agora As aluisaras sempre as a alma as ha de dar porque uem chegando O amor a madrugada do sol he Aurora apresa o auzente os pasos quando uay chegando A patria auistamse os amados com as esperansas de se uerem o amor inda esta cuberto com o ueo ate meter No corasam o fino de seu amor que he selebrar as bodas como Jacob com Raquel

Acabouse a noyte escura e o amor uai buscando

Sseu sentro

116 Ssomam os graos da orasam pelos numeros das uertudes quem sabe Contar assim a iusta as contas emtra esta Alma agora em huma Orasam De profundo sono que he huma comtemplasam e sosego jntirior que De uida lhes nam fica mais que huns delgadissimos

⁵⁷ Ou seja, “Butyrum et mel comedet, ut sciat reprobare malum, et eligere bonum”.

parasismos na boca ya nam tem rrespirasam aqui se acaba de crizolar este fino oyro esperando que uenha o amor de Deus com aquelas palauras que dizem uenite benediti Patris mey que alma que pasou por esta purgasam te meresimentos de martirio que se comsumio toda a natureza

117 Estam somadas as comtas e uisto os meresimentos he chegada a hora De rreseber o amor emtra por dentro dalma huma posesam de amor de Deus tam grande que fica alma como dilirante de fernizins chega aos hultimos fins do amor huniam com Deus tam estreyta que se o mesmo Senhor a nam quizera alma neste desterro de Amor acabaua a uida porque logra huns graos de amor que assim que prinsipia chega logo aos fins porque sam humas VeemenSsias tam atiuas de amor como sopro que apaga a lus ou como morte que mata de rrepente e se fica com uida toma o corasam Vida no amor e tudo isto susedeo porque este corasam matou todo amor humano com todos atos de natureza pois foy tanto o que se negou A si mesmo que deixou todos os afetos que podia ter na terra no Ceo so (f. 114) Por amor A Deus e para chegar a esta prefeisam as antesedensias e rrenumSsias que esta alma fazia hera como ladram que rouba quanto acha pois asim nem mais nem menos rroubaua quanto axaua de natureza sem ficar ato que nam fizese dele sacrificio A Deus este he o estado Donde se comsumou o amor por huniam na sustansia dalma ficou Este uincolo tam estreito transformasam com Deus matrimonio esperitual e que se pode chegar nesta uida e sendo moyta a prefeisam que se comsede a poucas almas podera esta Vniam ser mais estreita uincolo mais apertado que se xama jlabso onde se dezemfrefya o amor e sse embarasam as uontades que a noso modo de falar parese que nem Deus nem Alma Sse podem diuider hum do outro falo de experiensia e se ha outros graos mais subidos nam me sei dar a emtemder sera conhecida Esta Vniamsentindo no corasam fogo de braza uiua e os yfeitos que Deixa he nam ter esta alma fumos de uaydade que fogo de braza uiua nam deita fumo que suposto chegou esta alma a esta jminensia sempre fica humilhandose com o conhesimento proprio

temos ya esta alma fechada selada e lacrada
narca do melhor Noe para a uida eterna

118 Veiamos agora o que fara esta alma daqui por diante digo que ha de prensipiar outra ues as tres Vias que nam imagine estar seguro que o homem emquanto uiue sempre esta uestido de natureza Noe quando entrou narca leuou comsigo todo genero

de Aues brutos estes estam alguns deles ssenificados nas paxois e appetites do homen No sentido mistico Sse axara esta ssinificam (*sic*)⁵⁸ suposto que esta alma quando chegou a este Estado estaua purgada na terra da natureza pode auer inda rraizes e produzir a toda a hora se podem leuantar paxois estas senificam as brauezas do toyro que emtrou narca nesesito esta de moyta pasiensia para sosegar a pas intirior que nam saiam paxois jmitando a ponba que tambem emtrou narca e saindo tornou a emtrar com o rramo de oliueya apregoando Pas tambem darca ssahio o coruo que presizamente auia de sahir que como he figura do appetite e homen emquanto Viue nam morre o uisio pois a natureza sempre he a mesma esta Que Pronumsioza nam cabia com a ponba Narca e por iso sahio para fora (f.115) Este esta senificado contra a castidade sahio e nam tornou a emtrar que Nam quer Deus que uisios entrem nalma mas rrepa\|tome em dizer se emtrou narca tanbem o uiado que este tem moitas pontas que senificam os pensamentos e o homen he moyto fraco ueiam tanbem {se em-} se emtrou narca o camelo que este como leua moita carrega nele esta sinificado a moita quantidade de pecados que pode auer en terra do homen como fica dito sempre se podem leuantar culpas ou ao menos rraistos de culpas os seruos de Deus nam se podem dar numca por seguros emquanto uiuem em carne humana que o Senhor que meteo alma Narca que he semelhante a hum nauio nam lhes segurou que quem Vai dentro no nauio nam padeteria tempestades antes uai sugeito a moitas e o demonio esta uendo como podera derrubar Esta alma e por iso digo que esteia de auizo que agora ha de tornar a prinsipiar a uia purgatiua subindo por esta escada tam jngreme e com moito medo de cahir ha dir chorando seus pecados com moita humildade que o podre do homen sempre tem O seu lugar e o homen tem em si o homen e por iso nam sabe se he santo acomodese a que o nam he mas pode uir a cer

O Amor deuino tem uestas
e direitas

119 Por coyia cauza se presepia a uia purgatiua Meu Padre São francisco tendo moito amor de Deus estaua na uia purgatiua ia lansandose Em siluados ia metido em neue para extinguir o que tinha de homen que como estaua uestido de Adam foy prezido de cer da uia Vnitiua buscando a penitensia na uia purgatiua agora alma que Ssempre them nesidade de uertudes segunda ues ade tornar a prinsipiar a Via jluminatiua

⁵⁸ Ou seja, “ssinificasam”.

acrescentando uertudes sobre uertudes para crescer com a crus de Marta que mereseo ter a Cristo por {ospede} (f. 116) Ospede na uia Vnitiua sendo A Magdalena o sentro do amor buscou huma coua para fazer penitensia e nisto digo tudo este he o amor deuino que tem uestas e direitas e caminhar direito he buscar Ssempre uertudes alma neste estado indo pelos caminhos que digo sempre uai amando a Deus leuando comsigo a morte mistica caminhando com huma crus feita de sera e sendo de sera peza moitas arrobas porque quanto uai ardendo no amor de Deus tanto uay queimando e desfazendo a natureza crus de moita pasiensia he esta que uai queimando a carne para acender o spirito A morte mistica da grande martirio mas deixa nalma hum grande Dom de pureza de comsiensia particularente na uertude da castidade nesta uertude goza alma do amor deuino com cheiro de Roza explicome mais claramente he como huma Pessoa que toma humas colheres de mel rrozado gosta a dusura do mel e o cheiro da Roza

120 mas tornando as tres uias em que uou falando digo que em todas As tres uias se pode ser santo pois Job na sua uia purgatiua foy santo na uia jluminatiua melhor se pode çer porque ia Pasou pela primeira nesta uia jluminatiua foy santo santo Thome meteo a mam no lado e bastou para ser santo e quem meter A mam no lado das uertudes tambem o podera ser na uia Vnitiua foy santa A Magdalena que prensipiou logo amando {e} e quem comesa a uertude com amor sempre chega a huniam todos them porta aberta para serem santos se quizerem fica Dito como se pode ser santo nas tres uias e como o amor de Deus them uestas e direitas

Ssegue-se como Alma que esta neste
estado deuia Vnitiua them spirito
com dobrado spirito

121 que como alma them emtrado no caminho do spirito {superior} (f.117) Ssuperior do amor deuino ade sahir o amor do prosimo que he a Charidade e compaxam ia nam pode uiuer sem ter o amor de Deus por guia e sera pagando o que nam deue crus de mayor = Pezo com todos ade rrepartir os bens spirituais para levar = Almas ao Ceo se desfara em pasiensia e sabe que leuando esta crus segura a sua saluasam e ajuda a saluar moitas almas que para este bem se rrexiou a si de amor de Deus para satisfazer aos outros porque se as merses que o Senhor lhes tem feito heram meresedoras tambem se faram faseis a satisfasam A lus para fazer estes Atos de uertudes amanchesera como amanchesia

aos profetas se alma se fizer digna desta grande Dignidade e emtrando neste grande purgatorio de pagar o que nam deue alcansara azas de seraphin e tera mereSsimentos de APostolos

122 Agora como esta alma esta emcastelada no castelo onde mora O amor de Deus neste stado esta sempre em guerra com o Demonio e o Demonio ia uai fugindo porque tem muito medo de quem ama a Deus mas numca sesa de fazer guerra inda que fique uensido porem alma no estado em que esta tem huma singularidade para conheser as astusias do Demonio Por huma jntiligensia que nase do amor de Deus e mereseo este Preuilegio por estar hunida com o mesmo Deus tem outra singularidade que he estar quazi sempre em Orasam them Outro preuilegio que he saber moytos segredos de Deus them Outra singularidade que he amar a seus jnimigos pelo preVilegio de ter o amor deuino them outra singularidade que he estar sempre com a mam leuantada e armada contra o Demonio them outra singularidade que leuando Crus {de tan-} (f.118) De tanto pezo nam chaie em tantas culpas como chaia quando leuaua crus moyto leue ultima singularidade he estar ordinariamente humilhandose porque estes preuilegios e simgularidades nam Sse comsedem senam as almas humildes de corasam pois agora O amor que comsedeo preuilegios e simgularidades tanbem comsederá que alma ousa algumas palauras intiriores no cazo que esta Alma leue este caminho de ouuir serem conhesidas pelo que soam Pois as palauras que uem do Ceo trazem ificasia para emtra\r/ no corasam ficando muito humilde alma trazem froito de penitensia amor de Deus e do prosimo soam a espirito e nam a natureZa e ouuindo alma algumas se ficar em duuida nam fasa caZo delas pois as que uem de Deus logo \sam/ sertas que este bem tem quem trata com Deus esta na tera e comonicase com quem esta no Ceo Estes fauores fazia Deus A moyzes uerdade he que escomdia A fase mas ouuia a sua Vos outras uozes se acham neste estado chamanse uozes mudas que se emtendem sem ouuir Palauras e estas sam as milhores que ha no intirior porque Ssam moyto intimas e fauor grande que Deus fas algumas almas e como este grao de Orasam he tam supirior e sobreNatural ia tem Ares de comseito honde se emtendem sem falar porem alma conhese o que Deus dela quer explicome com huma comparasam he como huma pessoa que ue e nam Ouue esta pode uer hum litreiro que esta escripto pois aSsim pouco mais ou menos sam estas uozes digo mais que quando alma logoza (*sic*)⁵⁹ esta felisidade goza de hum grandisimo

⁵⁹ Ou seja, “goza”.

Amor de Deus porque sam moy suaueis ao spirito estas uozes mudas tambem neste estado pode auer humas fragansias de cheiro suauisimo que se mete por dentro do corasam como Pauio na toxa e susede auer suspensam de sentidos e potensias mas dura pouco tempo para mostra o que pude dise das tres Vias que alcansei (f.119) Pois se dise das tres Vias o que alcansei dando a cada huma seu Pezo conforme os seus metais cobre pratta e oyro destes se fabricaram As cruces A crus de oyro como tinha quatro aRobas tem mais ualor e quem nam tem este oyro nam he rrico porque o oyro da terra na terra se cria O oyro do amor deuino ueio do Ceo a terra e tem tanta ualia que alma que chegou A huniam com Deus por ter este oyro tem para si e tem para dar RePartindo com as quatro partes do mundo pois com todas quatro partes se comrresponde e comonica com mam larga sem Pezo nem medida isto he As Orasois que de comtino oferece A Deus por todo mundo e por onde sobem estas Orasois da terra Ao Ceo he pela suauisima escada de jacob este he o caminho direito e com ser tanta a distansia da terra ao Ceo se faSsilita que sobe por ela O amor com seus Afetos que o amor sempre tem entrada e nam se lhes nega o despacho de suas petisois que esta he a singularidade do amor Agora⁶⁰ ponho huma comparasam nam ha coyza que se posa comParar com o Mar pois com sua grandeza abrasa todo mundo so quem o pode eyseder he o amor de Deus este he mar sem fundo rrodeya e abrasa o mundo todo pois tudo isto tem huma alma que esta Vnida com Deus que como tem em seu coraSsam esta grandeza de amor deuino tem brassos para abrasar O mundo e hum mundo ynteiro isto he com orassois aplicando tudo Vnido aos meresimentos de Nosso Senhor jesus Cristo pode O Senhor saluar moytas almas fasa Vossa Paternidade por mereser estes⁶¹

Agora emtro na imfermaria dalma
que chegou a huniam

123 Nam se pode excluir de emfermaria esta Alma porque não ha saude tam perfeita que nam padesa alguns accidentes destes fis mensam nos graos que fica escripto atras agora torno a rrepetir dizendo que o Sol padese seus jclises e se asim nam sucedera o spirito da Via Vnitiua uendose tam AVenteiado as mais Vias coydaria de si que hera Sol nos Resplan (f.120) dores e para se nam desuaneser prezomindo que o oyro de que se

⁶⁰ Texto que a autora acrescentou colando uma badana na margem direita da página.

⁶¹ Fim do texto acrescentado.

fabricou a sua cruz nam tinha fazes lhe ponho diante dos olhos huma jnfermaria quazi semelhante a da uia jluminatiua Pois consta de pensamentos palauras e obras e nesesita inda Alma de ser curada dipois do que fica dito nam ostante o alto estado a que chegou estando hunida e transformada com Deus Com tanta prefeisam pois por mais aseio que tenha nas suas potensias se acharam nelas pensamentos sem proueito palauras Sem spirito obras sem meresimentos e tem moyto que temer Por ter groseiraria nas palauras descomserto nos pensamentos desmeresimentos nas obras e cada ato uoluntario posto Da parte da natureza deslustra o spirito que toda esta estreiteza de uertudes he nesitaria e todo descoydo he culpauel e se o que digo nam he materia de culpa pelo menos sam sombras de culpas que o po da terra de que he feito o homen leuanta sempre argueiros e estes sam os que dezaseiam penSsamentos palauras e obras e dado cazo que o spirito chegue A ser tam linpo como agoa esta mesma agoa cria escuma Porque o captiueiro da culpa de Adam sugeita o homen A conheserse pelo que he pois agora sendo esta infermaria tam incurauel o rremedio mais ificasisimo para prezeruar he A Santa Orasam que nada mais alinpa tanto alma como he O amor deuino pede da parte do homen a boa comrrespondensia que a huniam hum so Amor fas as obras mas para ficar esta obra bem feita nam quero tirar o que he seu digo tanbem que nam se podem somar os graos da Via Vnitiua porque os uoos que deram as penas com ligeireza me tomaram {a pena} a pena da mam e uoaram por todo mundo perdesse o algarismo e para fechar este pequeno {uolu-} (f.121) Volume quizera mereser Aos Senhores Doutores misticos que uirem Estes papeis me considerem jgnorante que como nam tiue siensia Adequerida numca podia ser mestra de spirito e nos defeitos desta Obra se ue bem nam ter eu letras e se nas expiriensias ha erros So em min se podem achar o perdam de Vossas Reuerencias quero pois me atreui Em rrecompensam de me darem Absoluissam lhes meto nas mãos mais duas folhas de papel que por ser papel de flores podera cheirar bem Aos Senhores SSacerdotes

(f.122) 124 Ssempre foram os meus dezeyos dedicados estar debaxo dos pes Dos Senhores Sacerdotes uenerando suas disposiçõis trazendoos Nas meninas de meus olhos pois nam them estado o meu amor Osiozo em uida para alcansar de Deus Nosso o seu remedio e quero por minha morte deixarlhes o spirito da uertude da castidade Em hum so sacerdote tomo prensipio pois sendo o numero dos sacerdotes innumerauel hum so podera seruir para todos asim digo que o Senhor Sacerdote que quizer guardar com limpeza a uertude da castidade direi o que aprendi na escola do amor de Deus que se as

estrelas do Ceo tem por ofisio dar lus tanbem as almas podem Sser estrelas humas de outras ofereso como digo o mimo de meu Amor que prensapia en flor e acaba em folha primeiramente

125 Ponho na mam do Senhor Sacerdote a flor do girasol porque esta flor segue o sol para onde uai para ahi uai mudando o girasol Pois o Senhor Sacerdote he prezizo mudarse para Deus que nam ha rrezam que o dezobrigue em faltar a Deus com seu amor a quem consagrou sua castidade e se he pelo temor de ser homen homens foram moytos os que guardaram castidade e se he pela Oposisam que tem esta uertude nam fora firme a castidade Sse nam tiuera oposisam e sem esta os homens se leuantarão A mayores coydando que heram Anyos pois depondo o temor Para o Senhor Sacerdote poder obrar esta fineza por amor de Deus ofereso a flor do bem me queres que para se unir alma com Deus ha de Sser por amor linpo puro e sem outro amor ade morrer o amor humano e rresusitar o deuino que tem obrigasam de mereser (f. 123) Com penitensia para coyio fin ofereso a flor do lirio que senefica penitemSsia que sem esta nam se pode guardar castidade inda com esta se acham batalhas porque nam ha Aruore por moita seca que Esteia que nam tenha alguns rramos uerdes acomodome que No corasam do Senhor Sacerdote nam a haia estas uerduras que Ssacerdote e asucena tudo he o mesmo mas se ouuer alguns a que se posa dar nome de asusena tanbem auera outros que guar/dem castidade com largueza porque asucena tem folhas largas e podera dizer o Senhor Sacerdote que se parese Com asusena esta largura nam quer Deus porque se largar o Senhor Sacerdote os pensamentos pasaram a mayor largueza as palauras e nam teram marca as obras e huma largura sem marca nam se ade achar em sacerdote

126 Outra flor mais prisioza ofereso que he como asusena porem mais estreita chamase Angelica e quanto mais for o Senhor Ssacerdote estreitando os sentidos com a mortificasam tera melhor cheiro esta flor e sera esta uertude Angelica e Como nam \ha/ flor sem Rais merese esta uertude ther a rrais branca semelhante a rrais da espadana que nase com rrais Branca porque se a rrais nam esta linpa de afetos como se ham de produzir os froytos de castidade tem esta uertude moytos quilates e por mais que se apure sempre fica que apurar Pois agora no iardin de flores tanbem se acham brauios discubro huma Rama braua que se chama carqueiia he esta tam emcrespada de sua natureza que tem moita semelhansa com a castidade he tam rrustica que nam ademite {corte} (f.124) Corte direito tudo he emueazado dezanda o corte para huma parte e

torna andar para outra pelas moitas emtre cadensias que tem da mesma Sorte he a uertude da castidade nam ha poder dar corte a tantos embarasos so quem tem amor deuino pode cortar tantos pensamentos palauras e obras mas heide darlhes hum corte A forsa de braso que he tomar odio a culpa que se nam ouVer odio ao pecado numca se pode arrancar rraizes ua fazendo Atos de comtrisam pedindo a Deus grasa e se com isto inda Ssentir gu\erra nam se descomsole que sam espinhos da sarsa de moyzes e nela estaua Deus porem ade preuenirse o Senhor Sacerdote em nam por olhos em creatura que por comseitos uenha no conhesimento de que ha afetos no corasam que moytas uezes sam conhesidos os pensamentos por comseitos e a santidade do amor deuino nam sofre escasezes de culpas o homen he fraco e o uisio inpertinente he semelhante a mula malisioza que coyda seu dono que a tem mansa e no mesmo tempo da coyses embrauesese dezemfreia a cabeça que he Nesesario moyta Redia e mordasa na boca para a sosegar da mesma {sorte} sorte he o uisio tem espertidam nos olhos a uista medonha com os afetos sega a rrazam e escousipinha com A malisia e finalmente semelhante a mula malisioza pois agora nam se descoyde o Senhor Sacerdote inda que tenha forsas De samsam que este tinha as suas forsas nos cabelos da cabeça guardese que huma mulher ganhe a cabeça que como na cabeça estam sentidos e potencias se a mulher a leuou ia la Vam as forsas de samsam porque a comonicasam do {homen} (f.125) homen com mulher he tam uenenoza como a bibora que asim que nase logo tras o ueneno comsigo outra comparasam me parece bem a prepozito a este intento he como o pescador que pesca com Anzol pesca o pensamento pesca a palaura ate pescar a obra e desta sorte se uam pescando culpas e por onde chegou a estes fins foy por se discoydar na comuersa pondose a contar contos para imitar os comtadores de sifras que gastam dias Em contar ate ajustar as contas asim sam os que com mulheres trauam comuersas

127 Agora torno a dizer que acosada anda esta uertude dos jnimigos e o mayor inimigo que o homen tem he a si mesmo Por ser tam fraco que basta para lhes tirar as forsas porse huma mulher diante de seus olhos este he o primeiro combate Por onde se perde pois emtre homen e mulher so hum fumo basta para desmereser o aseio desta uertude explicome mais claramente huma pesoa que toma caxinbo presebe para dentro O fumo de que se compos o metereal pois nem mais nem menos Ssusede ao homen que fala a mulher logo lhe toma o xeiro que como nam tem parente mais chegado do que he a terra Por iso esta o uisio tam pegado a natureza e tem hum axaque semelhante a hum homen que esta emtreuado mas com Alguma deferensa que este com dar alguns pasos podia

ter aliuiio e o que ha de guardar castidade so nam paseando tem saude nalma agora peso
ao Senhor Sacerdote se esmere moyto nesta uertude e conhesa que os que tem por
obrigasam {guar} (f.126) guardar castidade eses sam os que melhor ham de guardar os
olhos porque nam ha coyza que maior Rasgo fasa no corasam do que sam olhos abertos
so pondo nos olhos hum sono de comtemplasam tira todo o uisio e despede do corasam
todo afetto Este teue A Magdalena quando fes asiento aos pes de Cristo logo Sse
emfraqueseram os sentidos mas para se tomar este sono tomase tempo para a Orasam
porque esta uertude da castidade esta metida na terra da natureza e os apertos com que
hade Sser guardada ham de ser como rraizes de asipreste que este tem as forsas na rrais
e por iso se nam moue com temPestades e se a espadana como fica dito atras them a
rrais branca semelhante a castidade he porque tem a folha como folha De espada desta
sorte se guarda a castidade com espada na mam e a ponta da espada se ganham estas
uitorias e moyto mais o Senhor Sacerdote que tem por obrigasam pizar o mundo fugindo
de todos os perigos para que se nam exponha acharse na sua boca rretorica nem para a
rrecreasam hum abril de flores Nem hum mayo para delisias que tudo isto he porebido a
castidade porque esta uertude tem moyta semelhansa com o castinheiro que esta Aruore
da froytos sem flores pois a flor que pordus he huma espiga barbuda que mais parese
erua murxa do que flor isto mesmo se ade achar em o Senhor SacerDote que guarda
castidade froytos sem flor e para satisfazer O que prometi quando dise que acabaria em
folha o que prinsiPiaua em flor nesta mesma Aruore se acham froytos de esPinhos e
folhas que seneficam pensamentos que estas sempre Os tiuera porem o Senhor
Sacerdote que deue andar uestido {de} (f. 127) De espinhos de penitensia fara com que
os pensamentos se desfasam Como folha de aruore que tanto que predus os froytos logo
seca A folha

(“Cartas a um Religioso”)

Primeira Carta

128

(f.128) Reuerendo Padre O Spirito Asista nalma de Vossa Paternidade Resebi a carta de Vossa Paternidade e como emtre seruos de Deus nam se huzam muitos comprimentos nam fasa rreparo mas se a politica he uertude nam sera [sem(?)] dezeiar a saude de Vossa Paternidade e eu se tiuera menos annos do que tenho seruira A pessoa de Vossa Paternidade que quem com tam boa uontade dezeya seruir A Deus também me tiuera a mim por sua serua ueyo o que me dis na sua carta que dezeya ter comigo huma comonicasam spiritual os creditos das uertudes de Vossa Paternidade ya Eu tinha memoria delas e agora com a sua carta fica na m[inha] [e]stimasam mais cresida para uenerar a pessoa de Vossa Paternidade bem me ficaua a min Nam falar em materias de spirito honde so os Padres misticos podem meter mam pois o meu limitado spirito sempre foy gouernado pelos senhores sacerdotes misticos mas parese he Deus seruido sendo Vossa Paternidade ssacerdote me fasa forsa e talues para me insinar as uertudes que me faltam Eu para buscar \mais/ a Deus alguma coyza tenho rrezestido e o Senhor me fes forsa Aseitar a comonicasam de Vossa Paternidade mas hade ser com tal comdisam que o sacerdote Religiozo hade estar na sua sela e a Religioza no seu claustro yuitandose de parte a parte tudo o que pode ser sensurado e Deus Nosso Senhor çer so o noso unico obieto fechando os olhos a tudo o que nam for Deus suposto que eu fico certa em que Vossa Paternidade he seruo de Deus como o homen he mudauel por natureza pode descahir e mudar de parecer Comtudo aseito o fauor que me fas Vossa Paternidade dira o que emtemder de min e eu direi tambem o que alcansar sobre o aproueitamento de seu spirito Dis Vossa Paternidade que para emtrar no Caminho speritual se confesou geralmente e chora muitas l\|a/grimas de gosto de se uer rrestetuido a grasa de Deus he serto que a porta por onde emtra a grasa de Deus em huma alma he a Comtrisam e comfisam que o homen fas de suas culpas A purisima comseçam de M^a Santissima alcansou A Vossa Paternidade este bem pois esta Senhora foy estrela que o guiou ate meter sua alma no Conhesimento de que nesesitaua que hera fazer huma boa comfisam e porque se deixou guiar de huma estrela (f.129) Achou A Deus que talues tiuese perdido por suas culpas espere sempre Nesta Senhora e pesalhe seja sua guia mas hade preseder da parte de Vossa Paternidade nam troseder o Caminho como sasedeo Aos Santos Reis que dezapareseo A estrela mas sendo estes Santos sabios

e emtemDidos fugiram dos perigos e logo pareseo A estrela e eu temo que Vossa Paternidade emcontre alguns Erodos que o tirem do Caminho estes sam como lobos que saiem as estradas a uer se acham carne que comer Ou como ladrons que querem rroubar as uertudes Aos seruos de Deus que guarde A Vossa Paternidade ate segunda ocaziam de sua rresposta Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade menor serua e muito ueneradora

Soror Jzabel do Minino Jesus

130

Resebi a carta de Vosso Padre estimo a sua saude e tambem ueyo dezeia a minha que he no seu seruiso deuedora e querendo pagar A merce que me faz de suas nouas sou escasa em o fazer porque o seu spirito merese muito E asim Recorri Ao Senhor muitas uezes me dese lus para asertar no que hei de Dizer pois guiar hum sacerdote so mesmo Deus o pode guiar que eu temo de emtrar nestas emprezas como lhe dise na primeira carta que escriue A Vossa Paternidade que sam tantas as obrigasois de hum sacerdote prefeito que sendo Sam Pedro constetuido para cabeça dos sacerdotes teue o Senhor muito que rreprender particularmente na falta de huma hora de Orar Agora obre Vossa Paternidade como sacerdote e eu tanbem lhes direi como há huns sacerdotes que sem serem santos sam bons sacerdotes porem ha outros milhores e mais prefeitos que ymitam o Senhor nas uertudes Pois a sua uida he APostolica e nisto se esmeram com prefeisam e Vossa Paternidade Profesou o mesmo e se for notado de prefeito tudo sera para seu louuor E se nam ousame dizer as uertudes que tem o uerdadeiro Religiozo sacerdote he humilde de corasam toma o seu asento espiritualmente aos pes de todos he pobre de spirito que nam tem nada e tem de sobeyo he manso que pasifica suas paxois he prudente que tudo poem em rrezam he casto porque foge de si mesmo he esforsado que ninguem o dezafia e todos o temen he Apraziuel porque a todos uenera he cortes pela politica com estima a todos he caridozo pelo amor com que a todos ama he finalmente hum Ornato de uertudes e se tudo isto se acha em hum Religiozo sacerdote seruo de Deus porque nam sera Vossa Paternidade hum deles Porem para se alcansarem todas estas uertudes he presiso pasar pela Via purgatiua para que se ua dispondo para seguir a uida spiritual a uia Purgatiua sempre nela ha lagrimas para abrandar com elas o Corasam e lauar culpas daqui nem paso que nam ha lugar paa mais sugeito o meu juizo a quem pode ser meu juis e sendo rreprouada tomarei o Castigo por emmenda guarde Deus A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade muito serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

13i

Reuerendo Padre todo fauor que me fas de suas nouas he de min bem meresido que sumamente me alegro de saber logra saude ofereso a que me assiste no seruiso de rresponder a sua carta ueyo me dis que esta de Animo de querer seruir A Deus açertado comselho tem Vossa Paternidade tomado fugindo de todas ocazions de culpas mas sem fugir o Corasam nam Pode fugir o homen mas se a obediensia o tiuer prezo em lugar e nam pode fugir por nam uirem em conhesimento que isto he o que Vossa Paternidade me procura Respondo que fuya com os sentidos do Corpo e com as potensias dalma que isto he saber fugir nam ueia nam ousa quem lhe posa seruir de Ocasiam estes sam os primeiros sentidos que hade mortificar as potensias dalma tanbem he nesesario mortificalas lansando fora da memoria todo obieto dezordenado dezacupe o jntendimento que fique liure O descurso para nam discorrer sobre alguma materia semelhante solte

A uontade onde estiuerem prezos alguns afetos que posa perigar A comsiensia e fazendo Vossa Paternidade da sua parte tudo o que puder fique serto que Deus lhe \ha/ comseder o Dom da castidade que de dentro de sua alma sahira fortaleza para nam cahir em obras e pora em seus olhos hum spirito que corriya seus pensamentos e se pelos desmanchos da natureza ocorrerem fasa toda a rrezistensia por uenselos e para nam profirir palauras fie da minha palaura que o Senhor lhe dara Dom singular de porificar a boca com a dusura do amor deuino que nase da santa Orasam amanhesera A Vossa Paternidade lus para o poder fazer que quem tem a grasa de Deus tudo pode fazer e se lhes mereso alguma coyza pelo coydado que tenho de sua alma peso me emcomende Deus que guarde A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade muito Oradora e menor serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

132

Reuerendo Padre nos pezemes de seus males acompanho eu A Vossa Paternidade porque se paresem com os meus que como uiemos jguais no padecer nem Vossa Paternidade leue mais nem eu tenho menos e nisto se sifram os comprimentos que quem uiue de pezares nam se comonica com ligonyas que ese aparato he para os que gastam o tempo em uaidades e eu para dizer A Vossa Paternidade o prezizo e inda o que he iusto me falta o tempo e assim Respondo ao que me dis a sua carta que uai tomando aborresimento ao Mundo ueia la nam se emgane porque a materia de que a natureza he feita toda pende para a terra u[[ei]]a agora \uendo/ se a pode sugeitar a rrezam e logo acriditala com obras que se a materia de que a natureza he feita toda pende para a terra ua agora uendo se a pode sugeitar a rrezam e logo acriditala com obras que se a materia do amor sam fritos os fritos do Amor de Deus sam uertudes ua Vossa Paternidade trosendo a uontade e logo fara obras direitas que ia he tempo de governar o jntendimento que emquanto se governou pela uontade ueuia Vossa Paternidade sego entre a fabricar dentro de seu corasam hum spirito Racional que seia so para amar A Deus apure a pasiensia neste eyzersisio que he muito nesenario emtrar em hum caminho de muita crus que he tirar o afeto das creaturas alimpando as potensias e negando Os sentidos que esta he a uida spiritual e he forsozo caminhar por esta Aspareza ua dispondose cada ues melhor e tera menos que sentir huns Escomdidos difeitos que estam metidos no intirior que nam parendo nada he muito para quem quer ser prefeito e o juizo de Vossa Paternidade he moi ligeiro nos uoos e por iso se meteo em alguns males e disto nam fazia cazo e nam deixãouam (*sic*)⁶² de ser culpas inda que fosem leues e Vossa Paternidade tudo isto ynoraua e agora ya nam he tempo de jgnoransias que a santa Orasam descobre tudo uendo palauras pensamentos e obras e daqui nase o pezar de ter ofendido a Deus e nam pode Auer dor de pecados sem se conheserem culpas ua preparandose para peleiar com os tres jnimigos dalma que sempre lhes ham de fazer guerra ponhase em porto seguro que he amar a Deus por meio da santa Orasam e lembrese de min que fico pedindo por Vossa Paternidade que Deus guarde Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade muito serua

⁶² Ou seja, “deixauam”.

Soror Jzabel do Minino Jesus

133

Resebi a sua carta e nam fiquei muito satisfeita porque ueio quer dar as boas festas a humas Religiozas dandoas em papel numca Vossa Paternidade as tera milhores que quando deixar de as dar que nem todo o tempo he tempo porque fas moytas mudansas deixe ya esas politicas tome rrezulusam de perder de uista tudo o que for terra metase no Ceo que semelhantes politicas metem moitas uezes almas no inferno com ssemelhantes cartas talues emgrossas os pensamentos e dezafi[am(?)] afetos liuresse de ocaziam de perigar sua comsiensia que esas cartas ham de trazer rrespostas o homen he mizarauel por natureza E dara hum grande disgosto a Deus pois lhe falta com a fedilidade que Deue pois niso fara o que pode fazer hum homen tam confiado que sse atreue a tirar a Coroa da Cabesa A hum Rei e se isto sera hum grande traysam e culpa que nam merese ser perdoada esta mesma culpa cometera Vossa Paternidade se procurar huma Virgem sua espoza para nela por o seu obieto pois o Senhor se coroa de Virgens e nam ha amor ssem ce dar a conheser inda que seia huculto seu pensamento que a Deus nada se esconde e se cahir nesta tentasam como homen esteya serto que Deus ade uingar a sua jnguria e podera tirarlhes a uida que tem na sua mam todo poder acautelese Vossa Paternidade que nam seia uisto de Deus que se Este Senhor o nam uir nam sera uisto de mais ninguem emtre Vossa Paternidade no amor deuino que este sabe fechar as portas a todo amor humano fasa muito por se esquesser de diuirtimos da uida pasada por se não Pareser com os filhos de isRael a quem o Senhor mandaua O mana nam se dauam por satisfeitos lembrandose das eruas do ygito Pois agora ya este Senhor deu A Vossa Paternidade a dusura do seu amor e por este bem se pode deixar tudo que amor humano quanto mais tem de ligonia menos tem de uerdadeiro ua metendose nas uertudes que tem forsas que estas tem forsas para lansar fora as rraizes que inda brota a natureza e pesa a Deus me de lus para lhe dizer de que nesesita seu spirito (f.134) Agora suponho que o temor de Deus que assiste em seu corasam ha de heiseder a minha ditriminasam perdoe a minha aspareza e como ya sabe que escreuo a meya noyte se sou inportuna talues sera em min falta de descanso guarde Deus A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre

J[n]dina serua e muito Oradora

Soror Jzabel do Minino Jesus

(f.135) Reuerendo Padre O Amor de Deus asista em seu corasam 13[5]

Resebi a sua carta e ueyo aseitou Vossa Paternidade o dezabrido das minhas palauras E asim digo que se prepara com pasiensia que o que agora escreuo tambem he bebida amargoza bem sei que o Palasio de seu jntirior ficou linpo pela comfisam geral que fes mas sempre ficam algumas pueiras de terra estas sam atos da uontade que tem o Corasam humano comuem muito que o homen busque A Deus sem terra de afetos terrenos conhesa de si que o mesmo homen que foy inda pode tornar a çer sem dar pa[so(?)] Adiante se faltar a mam de Deus que foy quem lhes deu ausilios para querer ssiguir a uertude eses afetos terrenos de que uou falando todos prosedem de nam estarem os sentidos bem mortificados e muito menos As potensias dalma coyda Vossa Paternidade em rrepartir os afetos e nam fas niso a Vontade de Deus porque ou hade ser todo de Deus ou de Deus nam hade ter Nada ua trabalhando neste eyzersisio que ate morte hade auer batalhas que muitos santos que estam no Ceo tiueram esas mesmas tentasois e foram Vensendo ate alcanzar uitorias de si mesmos que quem com tantas ueras sse poem em campo tenha por serto que nasera dentro de sua alma hũa Roza fermozisima emcarnada em sinal de martirio de sangue que deramou Por uenser a uertude da castidade e se fizer alguma coyza por Deus inda fica deuendo muito mais e amor que deue tanto paga com todo o que tem Pois agora o Religiozo que trata de uida speritual hade çer conhesido Nas obras e palauras para dar eyzemplo edificasam este se nam tiuer A uertude da castidade com prefeisam ya desmerese o nome de uerdadeiro seruo de Deus pois emtre Vossa Paternidade primeiro por esta porta e se tiuer Alguma coiza que emmendar no pouco que no meu pouco juizo pode caber o ayudarei com o limitado de meu spirito e nam poso deixar De dizer de Vossa Paternidade hum passeio ate o Ceo que se o mundo o inpede uer o Ceo ua paseando e nam premitira Deus o ueia de passagem mas ficara Nele de asento asentando comsigo no que hade çer que he leuar {o Ceo} (f.136) O Ceo a poder de forsa fasa por se aumentar nas uertudes e amor de Deus que eu para seruir A Vossa Paternidade fico pronta Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade muito ueneradora Soror Jzabel do Minino Jesus

137

Pela carta de Vossa Paternidade {estaua} estaua eu esperando tanto por saber da sua saude como para uer a rresposta que he serto que as que tenho mandado todas leuam agrodose porem ueyo no que me dis que gostou no dezabrido por ser mais comuiniente ao sseu spirito pois agora torno a dizer que a maior fineza que Vossa Paternidade pode obrar Por Deus he comonicarse com sua diuina prezensa por meyo da santa Orasam pois De quantas obras o homen fas nenhuma he tanto de seu agrado como he Orar mentalmente e todo o discoydo que nisto ha detem as [miziricordias(?)] deuinas pois as quer comonicar as almas fazendoas partisipantes de suas daDiuas Vossa Paternidade nisto tem huzo mas se for mais huzado seram mais huzadas Digame donde achou Vossa Paternidade todas as merces que o Senhor lhe tem feito nam foy Na santa Orasam he serto que asim foy pois nam se considere tam forte que coide pode pasarr (*sic*)⁶³ com pouca Orasam que se nam for crescendo ade minguar o discaymento com que se axa seu spirito he falta de Orasam auieue la a prezensa de Deus que sem uer a Deus se ade achar com Deus coyia formuzura Prende tanto alma so pela notisia que lhe deixa inda que se nam deixe uer que comsome as espesias da maginasam os Dons que o Senhor lhe tem dado não ssam para deterse nas coyzas da terra esas maginasois terrenas eses oyteiros ham mister derrubados e so a prezensa de Deus hade deitar tudo fora Va Vossa Paternidade humilhandose muito que os pes fazem asiento isto he para conheser que Dentro em si esta inda alguma coiza que inpede pois agora ia a terra de sseu corasam esta sazoadada para nela se porem as uertudes de que nesecita para darem copiozos froitos a seu tempo No particular das desiplinas em que me fala nam seiam de sangue se nam hurdinarias A negasam da uontade he boa desiplina esta huze Vossa Paternidade muitas uezes e a mais tres uezes na semana e emcomendeme a Deus que guarde A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade menor serua Soror Jzabel do Minino Jesus

⁶³ Ou seja, “passar”.

Cartas

138

Reuerendo Padre estimo quanto poso a sua saude para emprego do Seruiso de Deus muito me alegrei de Vossa Paternidade me rresponder confirmando o que no Correyo pasado lhe dezia a minha carta pois confesa de si que o Senhor lhe tem feito moitas merces ssam as finezas de Deus mayores que a ponderasam do homen o ponto esta que Vossa Paternidade se nam emxa de uaydade que esta sempre se acha onde nam há Vertudes adeuirtolhes agora que a uaidade he moyto emzoneira que quer leuar mais do justo preso e tem outra circunstansia que he querer tomar Voos para sima e emtam se ue mais rrasteira que he de tal çorte a sua [qua-] lidade que mengua quando crese e se a uaidade fizer A Vossa Paternidade alguma sombra ja Vossa Paternidade nam tem sombra de uertude porque sendo uaydozo de si mesmo toma prinsipio de ser hum dos piores homens que andam o Caminho da Vertude ua uendo se pode abaxar a cabeça no seu intirior rreconhessendose por menos que todos que neste baxo se acha a uertude da humildade esta numca crese para sima seus rramos estam sempre metidos na terra nam criam flores nem froitos que toda a forsa da humildade he criar rraizes do conhesimento proprio do que he o homen se Vossa Paternidade tiuer este ya nam tem uaidade mas se uierem pensamentos sem culpa sua iso emtam Nam esta na sua mam fasa por rrezister e se duuida se rrezestio Ou nam he serto que inda la tem algumas rrayzes e para nam brotar tam ma erua siruase de melhorar se desta jnfirmitade tiuer alguma queixa pois nam pode huma alma ter mayor bem que uerse liure de tal mal e se acazo o Demonio quizer por A Vossa Paternidade nese alto {desa} desa cadeira que os pezemes de suas culpas sempre \deue/ ter e sentir porque foram ofensas de Deus ua sempre humilhandose e mostrese agradesido Ao Senhor que Nos milhores spiritos suçede auer jnconstansia que a natureza humana destemperase como cordas de uiola e ordinariamente quebram com o uento e nam ha coyza que mais fasa quebrar a uertude que o uento da Vaidade e guarde Deus a Vossa Paternidade pedindo por min ao Senhor Santa Clara de Portalegre Soror Jzabel do Minino Jesus

139

A carta de Vossa Paternidade estimo quanto posso pois me dis nam tem de que ter uaidade E para alcansar esta e as mais uertudes teue na quaresma sinco horas de Orasam mental rrepartidas emtre dia e noyte e assistia a todas obrigasois de seu estado boas disposisois de Religiozo mas nem por ser seruo de Deus hade deixar de ser preseguido como ueyo no que dis a sua carta Porque ha homens que nam sofren uer Religiozos uertuozos e sem cauza os insitam a paxois {e como Vossa Paternidade} e como Vossa Paternidade quer conselho neste particular Eu lhe digo o que emtendo he meter Vossa Paternidade mam a espada das uertudes [para(?)] que o Religiozo he singular emtre seculares e ueia se pode fazerse Prifeito em todas suas Accois para que se posa crer que he uerdadeiro seruo de Deus que a espada dos uertuozos nam dezafiam antes se dam por uensidos Porque o seruo de Deus tem pasiensia para rrebater os inpitos da ira e corta o fio ao dezafio Vossa Paternidade tem Dons de Deus para huzar destas armas E se o nam fizer asim mais asparo As peluoradas o uense o Demonio tome Vossa Paternidade teima para uenser o Demonio e hade ser deixando os caminhos que ele toma e busca para presipitar A Vossa Paternidade agora obre neste caso como quem tem A Deus no seu corasam deixese hir por onde Deus o quer levar que he ser justo e para o çer ade pasar pela presiguism do mundo este jnimigo sempre se opoem a uertude e a uertude tudo uense se eu tiuera as uertudes que Vossa Paternidade tem e a pendensia fora comigo eu auia de fazer o que lhe aconselho mas por Vossa Paternidade ser melhor espero eu que fasa mayores e mais Eroycas uertudes e se por ser meya noite disdigo do que emtendo ua Vossa Paternidade tendo Orasam sobre Orasam e uera como O Senhor lhe da lus e forsas spirituais para sahir com uitoria nesta batalha e se o Demonio uense a primeira ade uenser A segunda e Prisizamente tem obrigasam de aumentar uertudes estas sem penitensia nam se alcansam fico pedindo A Deus guarde A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre

muito serua sua

Soror Jzabel do Minino Jesus

Muito Reuerendo Padre rresebi a sua carta stimo a saude que logra e por nam ser emcaresida nam paso a mayor extremo que saude que se emprega em seruir A Deus auia de ser durauel emquanto durase a uida a minha nam he tam saudauel que deixe de ter achaques mas de toda a sorte fico para seruir A Vossa Paternidade pois o seu spirito merese ser seruido e asim rrespondo ao que me dis que o Dom de lagrimas que o Senhor lhe tinha dado se acabou ficando speritualmente sua alma [des] comsolada metida em secura spiritual por falta de prezensa de Deus eu lhes digo que se faltaram lagrimas nam foy falta de spirito em Vossa Paternidade antes torno a dizer que tudo o que chay no semçetiuo he pouco spirito E o que se nam conhese he mais subido esa mesma secura com que Vossa Paternidade se acha Na orasam esta purgando alma e sam prouas que o Senhor fas a seus seruos ua Preseuerando sem faltar que a prezensa de Deus uira suponha Vossa Paternidade que esta Esperando por hum seu amigo que prometeo de falarlhes este se rretadou pose o sol anouteseo e amanheseo e o amigo nam ueyo e nam foy por querer faltar a palaura mas sim porque Vossa Paternidade errou o Caminho e foy por ou\tro/ e o Amigo nam uay por onde Vossa Paternidade foy isto mesmo \he/ e asim andam anbos sem se poderem emcomtrar asim sem mais nem menos he alma que quer buscar a Deus mas como o homem por sua mizeria e fraqueza sempre tem moytas faltas esas mesmas castiga o Senhor escomdendo a sua prezensa e fazendose dezemcomtra diso ate que Vossa Paternidade ua alinpando e Porificando alma com a preseueransa de o buscar por meyo da orasam Va comtemplando os pasos que o Senhor deu por buscar o homen e niso tera meresimento em buscar este senhor com conhesimento proprio humilhandose pedindo perdam de suas faltas e logo sera ademetido ao amor de Deus Onde se lembre de min no emtanto que eu fico pedindo por Vossa Paternidade que Deus guarde Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade muito serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

Estimo o fauor de suas notisias por uer logra saude para com ela melhor sseruir A Deus eu fico para seruir A Vossa Paternidade inda que para fazer esta me falta sempre tempo e para dizer o Presizo he como quem esta furtando e se me apanham com o furto nas maos serei asoutada de azoytes leuo muitos pela mam Do demonio ate querer taparme a boca para que nam diga nada A Vossa Paternidade mas eu nam tenho medo do Demonio que com pasiencia e humildade o uen[s]o E asim digo A Vossa Paternidade que nam he a politica no mundo tam huzada como [Ausilio(?)] entre os seruos de Deus esta que entre nos comrresponde se adianta agora em min mandando A Vossa Paternidade esta semana santa que A jgreia celebra A paxam do Senhor e presizamente se medita e com estas miditasois tera Vossa Paternidade muito que discorrer para amar A Deus inda que ha hum \amor/ que merese estimasão E outro que merese ser stimado o que merese stimasam he o que se medita Porque tem cauza para iso o que merese ser stimado he o que ama sem cauza que prosede de amor fino basta uer obieto e ficar logo prezo O corasam e como Vossa Paternidade tem amor que merese ser estimado prezo esta o seu corasam A Deus mas por iso mesmo lhe mostra o Senhor seus meresimentos Para que ueya se he digno de ser amado pois tenha esta semana o trabalho de miditar e se o amor da contemplasam puzer embargos a meDitasam por se achar o Corasam prezo a prezensa de Deus intima que assiste em sua alma solte Vossa Paternidade o discurso e deixe preza a uontade e como os contemplatuios amam sem miditasam por terem a uontade firme no amor de Deus quero eu agora fazer expiriensia do seu Amor que por Magdalena o Considero como quem he escolhido Para que nas prouas que eu dezeyo fazer fique Vossa Paternidade na minha estimasam Aprovado por uerdadeiro seruo de Deus lembrandose de min em suas Orasois que muito lhe mereso guarde Deus a Vossa Paternidade muitos annos Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade muito deuedora Soror Jzabel do Minino Jesus

142

Reuerendo Padre O Amor de Deus asista no Corasam de Vossa Paternidade

As uertudes de seu spirito me dam aliuiio para ler as suas cartas se bem ca tiue meus pensamentos de dar A Vossa Paternidade humas dietas por me pareser estaria emfastiado da minha comonicasam que o seu spirito nam tinha nessesidade mas o certo he que parese nam quis Deus lhe desse dietas segundo o que me dis e nesesita de aliuiio e assim rrespondo animandoo que nam desfaleza inda que se ueia com muitas ansias no seruiso que anda fazendo A Deus em as quais merese muito suposto lhe fasam guerra seus jnimigos O Poder de Deus hade uenser tudo tenha moyta fee que a santa Orasam [he(?)] Arma poderosa comtemple o Senhor no seplucro que esta comtemplasam he dos milhores spiritos porque ahi se afundem as potencias ficando alma liure de pensamentos e maginasois he como porto seguro pois se axa alma com Deus sem inpedimentos que estes costumam uir quando ha esas preseguisois Ame debaxo da fe ao Senhor conhesa por experiensia foy {o} o cazo onde o amor finalizou suas finezas pois no Caluario das penas que Vossa Paternidade tem padesimo Nam pode achar comtemplasam mais a prepozito e toda a penitemsia que fas aplique por esas almas que lhe dam que padesper que com iso obriga A Deus ajudandoas a saluar derramando sangue a custa de padesper feche os olhos cubra o rrosto que tem tem o rrosto cuberto e os olhos fechados tudo o que ue he para dentro Vossa Paternidade uio as nesesidades que Auia e fechou os olhos ao temporal pois nam tem que temer que o Senhor fiou de Vossa Paternidade as suas Xaues e he para fexar os Demonios no inferno mande que se afundam com o poder que tem de sacerdote para que o nam atormentem com suas malinas astusias eu ayudarei A Vossa Paternidade quanto puder com minhas limitadas Orasois ya que Deus foi seruido e tomou este caminho que por ca nos fose la parar as minhas palauras iuntas com Orasois para seu aumento spero que de Vossa Paternidade me uenha tambem huma grande emxente de bens spirituais para que anbos amemos A Deus que guarde A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre

de Vossa Paternidade menor serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

Veio o que me dis na sua carta e como nam da notisia da sua saude logo me Acomodei se acha com aflisam prosedida da presiguissam em que tinha ficado na carta do Correio pasado e sobre isto me dis que com tantas tribulasois lhe falta tempo para a santa Orasam a isto rrespondo que se de o amor por despedido se faltam obras o Spirito de Saraphin que Deus deu A Vossa Paternidade nam he para deixar de obrar o eyzersisio da Orasam inda [que] sseiam moytas as acupasois e tribulasois que espiritos saraficos rrePartem o tempo de tal sorte que no silencio da noite e de madrugada hamde cortejar a seu Snor e o mais tempo que fica despensa o mesmo Senhor Em eles para obras de seu seruiso e bem do prosimo e tanto que sse dezacupar torne a santa Orasam Vossa Paternidade coydaua que bastaua amar A Deus so com amor Ordinario pois mais quer o Senhor de Vossa Paternidade que lhe da Dons Particulares para o Chegar mais a si e Vossa Paternidade jgnora este fauor pois se nam tiuera esa humildade nam fora chamado a maior prefeisam de muitas grasas A Deus que lhes pos a mam e a boa uontade tambem digo que pezada Crus leua quem ama e \se/ por amor se queixa nam tem rrezam de queixa O amor ua acomodandose a padecer que inda agora presepia que o amor tudo sam penas por iso o Senhor lhe tirou as lagrimas em que falamos em hua carta atrazada porque lhe tinha preparada mayor tribulasam ua caminhando pelo caminho por onde Deus o quer leuar agora he que uem aqui bem dizerlhes que esteya de animo para me ouuir dizer que hade pasar pela noyte escura e nuuem muito espeza que se hade por entre Deus e sua alma priuando sua alma de toda a consolasam uerdadeiramente caminho de crus pela desolasam do spirito ua temdo pasiensia que Ade ser muito nesesaria basta por agora que a hum aflito nam se da outra Aflisam emcomendeme A Deus que guarde A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade muito ueneradora

Soror Jzabel do Minino Jesus

Reuerendo Padre ueyo o que me dis na sua carta e como nam da notia (*sic*)⁶⁴ da sua ssaude conheso aflisam em que se axa prosedida da noite escura Em que a nuuem espeza lhe tira a lus do Sol priuando sua alma de toda a consolaçam nam ha duuida que mais falta fasa em huma alma do que faltar nela o amor de Deus porque coyda que Deus tem deixado e primeiro que tudo digo que Deus fes tiro ao corasam de Vossa Paternidade com seu amor E com mam tam larga que sem ter meresido muito lhe deu o dose a prouar para sofrer os amargos da sua crus dis Vossa Paternidade que se nam emtende a si mesmo que espera e nam acha a quem busca que se somete a todos e todos lhes seruem de crus se olha para o Ceo pareselhes que de la uem o Castigo sse olha para a terra nela se ue a si e que todo genero de cruces aqui paresem Pois agora rrespondo eu dizendo que he serto leua caminho uerdadeiro como o Snor firio o Corasam ele mesmo hade curar a x\|a/ga que ficou aberta para sahir por ela o que nam podia estar com Deus com espada de mais da marca deitou tudo fora a mam deuina e deu mam A Vossa Paternidade Rezam que obriga a ser purgada esa alma seia por escura noyte ou qualquer uia que for ua buscando sempre a Deus debaxo da fe cuberto de treuas nesa noyte escura ua suspirando pedindo perdã de suas culpas que o Senhor esta metido em seu corasam dandolhes fortaleza E pela preseueransa de o buscar sairam huns ecos de demtro dalma quem uem da mezericordia de Deus dando auizo que no seu corasam esta escondido e uira a seu tempo que o amor nam se descoida segureme Vossa Paternidade sse tem dezeios de querer que por Vossa Paternidade esta esperando quem o quer que O amor humano por ser falso nem sempre quer o amor diuino quer ssempre mas leua os seus seruos por uias estreitas e asim uai alma Acresemtando sempre uertudes sobre uertudes Orasam sem desfaleser pois conhese que Deus esta demtro de sua alma cuberto com o ueo emtre Vossa Paternidade em seu corasam com hum gimido de amor e amenhesera o dia claro desterrando as sombras da noyte achara dentro de sua alma hum eleuado spirito que por ser fora da capacidade humana se nam descobre esta lus e neste spelho amara çem uer e se comonicara sem {pa} (f.145) Palauras e nam tam somente ficara a sua alma liure de sombras da noyte mas com grasa para poder uenser muitos jnimigos que lhe podiam fazer guerra que emtre amar e padecer nam ha moita distansia alma que se tem uisto tam ferida com tantas cutiladas trespasada com tantas setas arcabuzada com

⁶⁴ Ou seja, “Notícia”.

tanto fogo de tribulasois que tudo isto pasa a pobre alma Na noyte escura nam fas
duuida alcansar muitas uitorias e sam boas disposisois para chegar a Vniam com Deus
que guarde A Vossa Paternidade lembrandose de min com Orasois ett Santa Clara de
Portalegre

de Vossa Paternidade muito serua e mais ueneradora

Soror Jzabel do Minino Jesus

muito me alegro com a saude de Vossa Paternidade para com ela seruir ao Senhor
 muitos annos nam fasa rreparo nos meus poucos comprimentos que eu so faso rreparo
 no que dis a sua carta metese Vossa Paternidade em hum mar de penas para meter em
 seu corasam o amor de Deus ssoube ganhar por uontade a uontade deuina pois agora ya
 a lus do sol Desterrou as sombras da noyte escura por onde sua alma pasou e se por
 buscar A Deus obrou finezas as que o Senhor obrou por saluar o homem nam tem
 comparasam pois foram eysesos de seu amor obre Vossa Paternidade daqui por
 [di(?)]ante como quem esta em diuida que o amor deste Senhor nam so fes tiro Ao seu
 corasam como primeiro lanse deixandoo ferido como ya dise em outra carta que lhe
 mandei mas agora lhes fes segundo tiro com hum pilouro De fogo de seu amor para
 penetrar o Corasam de Vossa Paternidade leuando hum sobre escrito de amor forte para
 que nele se posa ler que com qualquer atto de Amor deuino posa defenderse de muitos
 jnimigos porque os montes de seu amor hamde auultar nos corassois dos homens inda
 que lhe faltam meresimentos que os meresimentos de Cristo suprem as faltas dos
 homens agora adeuirto que o sobre escripto que digo comsiste todo em cruces pois
 ninguem ssabe ler esta letra senam quem leua muito pezo de cruces e asim prepare seu
 corasam para mais penitensia chorando ofensas de Deus e com suas Orasois e
 penitensias posa ajudar a saluar Almas as mais poderozas obras que Vossa Paternidade
 pode \fazer/ para este dezempenho sam Eroycas uertudes rresga[[s]]tando almas com o
 sangue da sua penitensia ate dar a uida para que morrendo com Cristo crusificado no
 monte caluario suba ao Ceo no monte oliuete lembrandose de mim que tudo lhe mereso
 nam poso ser mais extensa guarde Deus A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre
 de Vossa Paternidade muito serua e ueneradora
 Soror Jzabel do Minino Jesus

147

Como entre cartas e rrespostas se metem muitos correynos de premeio e eu tenho pouco tempo e talues nam aserte no que fica dito torno agora A dizer que la mandei huma carta em que lhe dizia alguma coyza do sep\u/lcro para a sua contemplasam e agora lhe digo tome asiento nele para ponderar que dipois de crusificado Cristo Senhor noso foy metido no sepulcro e sobre a sepultura se pos huma pedra esta pedra ya se sabe foram As culpas dos homens e huma pedra na cabesa peza muito pois agora [le]uando Vossa Paternidade crus tam pezada inda nesesita de tomar pezo a esta pedra isto he as culpas alheias sobre si para imitar ao Senhor esta pedra he moy pezada de pagar o que nam deue mas quem tirou esta pedra do sepulcro nam foram Anyos he serto que sim pois agora Anyos comuerteo a mizericordia de Deus na terra para este ministerio foy Vossa Paternidade hum Destes escolhidos emtre no sep\u/lcro a contemplar e ueya o que custou Ao senhor a saluar almas pois agora se Vossa Paternidade puder mereser tanto que Algumas almas se saluem este he o fim para que Deus o Xama no seu sePulcro que ficou aberto para Vossa Paternidade emtrar que desta sorte se podem comtratar negocios do amor deuino e se a gloria se leua a custa de padecer o Caminho que Vossa Paternidade leua segundo os pasos que da para imitar o Senhor he feito de pedassos caminho desconhesido no mundo pois uiuer no mundo com olhos cheyos de lagrimas e a boca cheya de rrizo he uerdadeiramente spirito de martirio mas como nam hade ser martirizado se o Senhor o espera No sepulcro emtre e ueya o que custou ao saluar almas algumas estam em tal estado que nam sabem como estam e se nam ouuer quem as ayude ficaram sumirgidas no inferno comsedame lisensa de ficar aqui com esta pouca doutrina que para espirito que me pode dar spirito uam de sobeio palauras guarde Deus a Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre muito serua e oradora por Vossa Paternidade

Soror Jzabel do Minino Jesus

17

148

(f.148) Reuerendo Padre O Amor de Deus asista no Corasam de Vossa Paternidade

A carta de Vossa Paternidade rresebi com gosto por uer logra saude para com ela seruir
A Deus eu fico com a mesma para seruir a Vossa Paternidade e com a larga expiriensia
que tenho da sua uida me nam dilato em rresposta so digo que como Vossa Paternidade
tem spirito que merese estimasam pesolhes que leia esta carta com spirito Pois os
spiritos comonicados tambem se aumentam e como Vossa Paternidade tem mais spirito
do que eu nam quero ser auarenta deixando de comonicarlhes Algumas merces que o
Senhor me fas numa noyte destas acabada a obrigasam de matinas me buscaram humas
Religiozas para falar comig[o sobre(?)] sertos negocios a que rrespondi o nesesario e
sem mais dilasam me pus em orasam pondo o pensamento em hum atributo de Deus que
\\he/ a sua fermuzura e medeatamente me sercou huma grande lus que bastou para ficar
logo as potensias aleenadas e prezas a Deus e estando asim algum Espaso me achei sem
saber como toda cuberta de oyro fin[[i]]o que a meu Emtemder me paresia que corpo e
alma estaua uestida de oyro e presebi humas palauras que dizia que este oyro de que
estaua uestida hera o amor de Deus para dar A Vossa Paternidade concluisse huma Ora
de Orasam com este rrico Vestido foy prosiguimdo no seruiso de quem me tinha
irrequesido isto he preseuerando em Orasam e aumentouse o spirito e cahi em
ssuspensam ficando sem sentidos nem potensias ficando quazi o spirito sem natureza
como separada alma do corpo porlongouse o extasi largo tempo e alguns
intreualoszinhos que tomaua humas uezes me axaua sem rrispirasam e outras com quazi
pouca e sahindo deste bendito seia Deus me puzeram diante dos olhos dalma hum
spirito todo Emsamgoemtado que me pareseo ser Vossa Paternidade que como se meteo
por dentro da pinitensia esta obriga ao Senhor a perdoar culpas leue Vossa Paternidade
adiante este ssanto eyzersisio de penitensia e Orasam para ser rrestetuydo ao diuino
Amor de que agora lhes faso doasam que como o Senhor o manda dar nam quero çer
escasa em rrepartir e sera rrestetuysam que talues me fizese o Senhor estas merces por
estar Vossa Paternidade nese tempo em Orasam pedindo por min e eu fico agora (f.149)
Pidindo por Vossa Paternidade que Deus guarde para muito seu seruo Santa Clara de
Portalegre

de Vossa Paternidade muito serua e ueneradora

Soror Jzabel do Minino Jesus

150

Reuerendo Padre Repentes das inspirasois diuinas nam se dilatam nem Dam lugar a saudasois humanas e por iso me nam argua eu so poso queixarme do seu discoydo que ueio se rretarda a sua carta E amor sem saudades nam se acha nam se descoyde nas coyzas da terra que para o Ceo esta xamado eu tambem ca tiue huma Reprensam jntirior de nam estar sempre em Orasam tomando algum intreualo Para rrispirar mas farei muito por emmendar esta falta mas Vossa Paternidade tem muita obrigasam de acudir a Deus que as mayores finezas que nestes tempos se tem feito A [ho]mens sam as que o Senhor rrepartio com Vossa Paternidade Agora ousa o que lhe digo em huma destas noytes as noue horas foy para O Coro ter Orasam e tanto que me pus na prezensa de Deus se achou minha Alma metida em hum lugar que nam tinha o Sol mais luzes que os Resplendores que ui e sem saber o que pasaua por minha alma {achei} Axei a prezensa do Minino Jesus foy tal o aluoroso que senti no corasam que fiquei alienada dos sentidos e milagrozamente nam \dei/ muitos gritos de Alegria mas estaua muita jente no Coro tambem Orando foy rrepreminho os impitos mas nam podia deixar no intirior de dizer Ay que Minino Jesus Ay que fermuzura Ay que beleza e quazi me hia pondo Dilirante que ia nam asertaua e se nam se esconde o minino sertamente O ponho em publico e como foi posiucl gozei desta felesidade e pressebi estas palauras mostrandome primeiro hum jardin de flores muito Dilisiozo dizendo que estas flores heram as uertudes que Vossa Paternidade tinha aDequirido na uertude da castidade pelas muitas batalhas que tinha uenssido e pasaria a muitos aumentos pasei esta primeira hora de orasam com as boas uindas do Minino Jesus e prensipiei segunda hora amar a Deus Dignouse O minino Jesus de uir segunda ues porem uinha chorando muito dizendo que choraua porque nam auia quem chorase os pecados do mundo e se lhes perdiam muitas almas e disese eu A Vossa Paternidade fizese penitensia como disipolo seu para chorar tambem os pecados que cometem os pecadores (f.151) Agora de Vossa Paternidade esta gloria a Deus que para Vossa Paternidade tem Deus guardada a sua gloria e pesa por min nas suas Orasois Santa Clara de Portalegre
de Vossa Paternidade fiel serua
Soror Jzabel do Minino Jesus

151

(f. 151) Reuerendo Padre como Vossa Paternidade tem spirito para dar spirito nam quero deixar de dizer mais algumas merces que rresebi do Senhor com as mais que ia lhe comoniquei em huma quaresma no dia de sesta feira das setes dores auendo comungado de menham me dispos o Senhor com muita lus para que de tarde pelas sinco horas prensipiase alma e corpo a padecer tantas penas E dores no corpo que julguei me daua o Senhor a sentir alguma coiza de sua ssantisima paxam conformouse o meu pensamento a horas de meya noite tempo em que Ordinariamente me fas merces e estando em Orasam me Dise quero que me ueias os yuelhos e pondome diante dos olhos dalma os Santissimos juelhos de sua santissima humanidade sem eu saber como os ui fiquei quazi morta de compaxam pois estauam em tal estado que nam tinha annimo para uer o destrago e creseo mais quando me dise ue agora a minha Crus apareceo a santa Crus que nam tinha feitio nem forma que nam fose um madeiro disfurmidauei onde se nam podia Axar senam cruel tormento para ser crusificado e neste madeiro se me rrepresentou dipimdorado e morto e foy por huns longes que nam acabei de uer porque eu estaua ya acabando a uida que nam podia uer sem morrer de compaxam que as maos de penas finalizaua a uida com todo çer natural foy escomdendo esta deuina prezensa mas ficou a sua deuina uos falando comigo dizendo me comfortase na sua prezensa e com sua santissima uista uendo o que padeseo pela saluasam das almas que me animase para o que me uinha pelo caminho posme logo diante dos olhos as penas do inferno dizendo ues aqui onde se ham dir meter muitas almas se nam ouuer quem fasa penitencias e comunicoume de certa creatura o estado em que estaua pidindi (*sic*)⁶⁵ muito por esta alma e me dise queres tu ser fiadora e pagar por ela animeime e dise que eu satisfaria as suas culpas emtam me consulou muito e dise hora pois ues ahi as minhas mezericordias das a quem quizeres os ifeitos que estas merces me deixauam he crescer cada ues (f.152) mais em penitencia e Orasois agora se Vossa Paternidade me quer ajudar tera parte Nas mizericordias de Deus que A Vossa Paternidade guarde Santa Clara de Portalegre de Vossa Paternidade menor serua

⁶⁵ Ou seja, “pedindo”.

Soror Jzabel do Minino Jesus

Reuerendo Padre tenho rrepartido com Vossa Paternidade dos bens spirituais que Deus me deu sse o tempo der lugar que eu posa adiantar mais sem faltar a obediencia Pelos aumentos de Vossa Paternidade farei o que puder Agora [[o q]] dizerlhes o que me susedo huma noyte dipois de ter largas horas de Orasam que seria meya Noyte comuidoume o Senhor para uer suas finezas uindo do Ceo a terra estando no seu prezepio manifistouseme com huma notisia que bastase para o amar e a sua santissima may esta Senhora me deu a conheser Vise com os olhos dalma daua huma toxas azeza a huma creatura pequenina que a meu pareser hera hum pastorzinho com trege Pastoril e com esta toxas azeza lhe mandou fosse asender muitas toxas que muitas creaturas tinham nas maos e postas todas em Coros como corpo de comonidade entraram todos na lapinha e prostados Por terra Adorauam O minino Jesus hultimamente foy Pastorinho E chegando aos pes do minino a beyiar foy tal a fragransia que ssahio da mina do amor deuino que ficaram todos os que estauam com as toxas nas maos admirados e diziam huns para outros quem ssera este pastorzinho ouui logo huma uos que dise este pastor he o que guarda as spozas do Minino Jesus do Comuento de Santa Clara desta ssidade quem fosse este pastorzinho nam sei e se o sei fica No meu silensio consumouse este fauor com se me explicar que todos os que ui com toxas azezas heram os justos e uertuosos que Estauam spalhados pelo mundo adorauam O Minino Jesus sse Vossa Paternidade for hum destes podera ser que o Senhor lhe de o Dom de profesia Pois agora lhe quero adeuertir que alma que tem spirito profetico he Anyo na terra porque se comonica com Anyos quem uem do Ceo a terra trazer embaxadas da parte de Deus auizando o que Deus Nosso Senhor quer de seu seruiso anumsiando seus segredos pois agora tem este Anyo da terra obrigasam de estar sempre em Orasam esperando (f.154) que uenha o embaxador do Ceo para saber o que he uontade de Deus E nam pode este Anyo da terra apartarse deste Santo eyzersisio Da santa Orasam se nam for para obras e seruiso do mesmo Senhor que emtam esta despensado e tanto que se dezacupar tome logo o rrestante do tempo para A Santa Orasam agora digo que pezada crus leua quem tem o Dom de profesia mas se foy asinalado por Deus que rremedio tem senam leuar A crus do Amor meresa eu A Vossa Paternidade que me emcomen\de/ nas suas orasois que mares altos nauega quem tem este Dom Pois tem \este/ mar muitas hondas de penas e se nam tiuera a seu fauor ssaber o que Deus quer de sua alma finalizaua a uida no emtanto guarde Deus A Vossa Paternidade Santa Clara de Portalegre

de Vossa Paternidade menor serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

(“Cartas a uma Religiosa”)

3

Para hua Religioza

Carta 21

155

O Spirito Santo Asista nalma de Vossa merce Reuerenda Madre e Senhora
Resebi a carta de Vossa merce e ueio sejas digna de rresposta pois emtre Religiozas he
lisita huma comrrespondensia spiritual uenero A Vossa mercê por serua de Deus e asim
estimo ter esta ocaziam de seruir A Seruas do Senhor no prinsipio do anno e se O amor
com que Vossa mercê me busca he deuino como creyo moytos annos hade durar a nosa
comrrespondensia Por fee coydo he Vossa mercê huma das mais furtiferas plantas do
seu comuento pedra fundamental mais luzida do caminho spiritual tanbem conheso de
min o nada para que Presto para tam rreuelante conselho como Vossa mercê me pede
dizendo quer ser guiada no caminho speritual pelo meu ditame Aos Padres spirituais
quizera eu que Vossa mercê Rendese a sua obediensia que este he O Caminho seguro
mas se tem consolaçam de que eu aiude com o pouco que alcanza a minha expiriensia
darei o que emtender se o Senhor me der lus agora digo que o estado em que Vossa
mercê se acha he ter andado parte do Caminho porem o Caminho do Ceo he moy
comprido e sempre emquanto dura a uida se caminha porque ha moyto que andar inda
que Vossa merce ua correndo nam podera correr moito melhor ssera hir Voando porque
no Caminho do Spirito ha muitos caminhos Porque ha moitas almas sam \estas/ como
As aues humas tem mayores penas E outras tem menos as que tem mayores penas dam
mayor uoo O que Vossa mercê agora ade fazer he uoar para baxo pizando a terra com a
boca eizersitando atos de humildade intiriormente para que as uertudes adequeridas
tomem mais Rais e as uertudes que estam por naser tanto que naserem se criem logo no
berso da humildade Pesa Vossa merce a Deus o Dom da fortaleza para pelayar comtra O
amor proPio de que a considero muito uestida acudira As inspirasois deuinas que nisto
aproueitara muito Orasam e mais Orasam que Nesesita desta muito porque as paxois
tem inda grosas rraizes e se achar apertos na Orasam como Vossa merce dis he porque a
natureza esta inda preza com moitas cadeias do amor proprio {que he} (f.156) que he
groso grilham e por iso nesesita cortalo com a lima da negasam da propria uontade
agora no que Vossa mercê me fala da comfuzam que ssente de pensamentos prosede de
nam estarem linpas as potensias dalma ham mister purgadas com eizersisio de uazialas
fazendo atos contrarios lansando fora tudo o que nam for Deus e para seu santo serViso

a frequencia dos sacramentos he moyto nesessaria para curar esta infirmitade de potencias que a pureza da consciencia inda não hade estar boa que de ca estou conhesendo pelos graos da Orasam que nesessita dos sacramentos para se alimpar mais torno a dizer que esa Alma esta partisipando do amor de Deus ate onde them meresido se mereser mais tera mais amor deuino e com este se ira Alma dezatando das ligaduras da natureza para se poder Vnir com Deus contentome com que Vossa mercê agora fasa isto e se para O mais eu prestar auizeme que nam faltarei em seruir a Vossa mercê pelo muito que lhe dezeyo todos os amentos sperituais para que me emco/men\de muito Ao Snor que guarde a Vossa merce Santa Clara de Portalegre de ianeiro 3 de 1734 de Vossa merce muito serua e mais ueneradora Soror Jzabel do Minino Jesus

Reuerenda Madre e senhora Resebo com gosto as nouas de Vossa mercê por me
sigu\ar logra saude premita Deus se comtenue para preseuerar em seu Santo seruiso
tambem estimo e uenero muito as noticias que Vossa mercê de si e do estado com que se
acha rreconhesendose pela escoria dese comuento pedra de escandalo planta sem fritos
que Em este conhesimento proprio sse presebe melhor as miziricordias de Deus e se
ouue tempo em que Vossa mercê delas nam se quis aproueitar agora que o Senhor
rrepete outro xamamento seia Vossa mercê moito fiel em acodir pois nam sabe se sera
\esta/ a ultima Ves que Deus a xame para a uida spiritual stado de prefeisam para que o
Senhor A conuida como por forsa e notaueis sucesos como Vossa mercê me dis o que
deue Agora agradezer muito uestindose da prezensa de seu deuino spozo Jesus Cristo
com rrezulusam de o ymitar quanto puder o amor propio he hum grande jnimigo que
acompanha a creatura desdo berso Ate sepultura comtudo rrezinese Vossa mercê muito
na uontade de Deus e ua jmitando este Senhor nas uertudes que os meynos que Deus
buscou para chegar la A si dam indisios de a chegar muito a si por meio da Santa
Orasam se auistara Alma com seu deuino spozo e debaxo da quartina da fee lhe pesa
Perdam de ter sido tam ingrata alcansara mezericordia que quem A quis sempre a teue
lembrese de min na prezensa de Deus que guarde A Vossa mercê para moyto sua que eu
para seruir Vossa mercê fico pronta Santa Clara de Portalegre de janeiro 14 d1734
de Vossa mercê serua jnutel

Soror Jzabel do Minino Jesus

Reuerenda Madre e senhora muito do meu corasam no Correyo pasado tiue hũa de Vossa mercê a que nam pude rresponder pelas moitas ocupasois que sse me oferessero o que agora faso dizendo a Vossa mercê que como se rrezolueo ya a cortar pelo amor proprio que esta disPosta para eu dizerlhes o que emtendo ousame com pasiensia As uertudes de Vossa mercê estam inda muito mescladas com natureza cortese estas rraizes que o auge da prefeisam esta na humildade pasiensia rrezinasam obediensia ett tanbem coydo que de silencio estara Vossa mercê muito falta costumese a fechar A boca que pela boca sam conhesidas A espozas de Cristo na castidade estara Vossa mercê adiantada por uiuer crusificada mas como Esta uertude sempre tem seus fezes nesecita de continuo coyddado para que nela se nam ache algum disluzmento A caridade como uai atras do amor de Deus iunta com o santo temor como Vossa mercê me dis se acha bom caminho leua porem minha Senhora nam se axara Sem culpa se nam se adiantar mais nas uertudes pois o Senhor lhes tem dado lus corte por tudo e ua caminhando para Deus atropelando oyteiros que se faram plainos com a continoa Orasam solte as rredeias Aos desprezos de si mesma para que com a negasão da propria uontade imite o deuino spozo e se conhese tem sido Asistida de fortes inspirasois e nam podia ir adiante nam seia Agora asim nem haia tempo de auer spantalhos que a fasam Retroseder rreuistase de ualor e com a comsidirasam que a todo tempo he tempo de aproueitar e se estaua no mayor perigo e Deus lhe deu lus infinitas grasas merese este Senhor fasa Vossa mercê agora quanto puder por seu amor que ele se dara por satisfeito nam se desmaie nem dezanime pelos annos perdidos Porque ia nam tem rremedio aproueitese agora do tempo que tiuer que inda pode auultar nas uertudes dando moita gloria A Deus que a Vossa mercê guarde ett Santa Clara de Portalegre de ianeiro 30 d1734

de Vossa mercê amantisima serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

Reuerenda Madre e senhora agradezo a Vossa mercê As boas quarentenas que com saude e spirito me dezeia eu tanbem quizera uer liuir (*sic*)⁶⁶ a Vossa mercê de todas as molestias Para que melhor pudese seruir Ao Senhor e liure dos labarintos que Padese os quais me nam fas nuuidade padeselos Vossa mercê porque como esa Nao nauegava sem piloto como Vossa mercê dis sertamente se auia Arruinar porque o Demonio que se nam descoida o que pertende sam Almas e quando estas sam chamadas a prefeisam trata ele com todas as ssuas astusias e maldades por inpedimentos para nam irem adiante e Para que pouco a pouco uam thomando tedio as uertudes Senhora nam tema O Demonio ua caminhando e buscando a Deus de coyzas temporais nam coide Vossa mercê e somente no que lhes he lisito e se Vossa mercê me dis que pudera emleger outro comuento Respondo que talues enlegera outro pior nam porque a Reliam fose quem a distrã/ise pois todas As Rigions sam santas mas como Vossa mercê sempre fose a mesma julga agora que pudirã/ser outra que nam he eu digo que ahi o pode ser acabe ia de Rezoluerse e lansar de si tudo O que pode ser mao e uera como se acha Outra busque o fundo das uertudes este seia o sentro a que se incaminhem os seus pensamentos e suas lembransas e quando se lembrar de culpas pasadas nam seiam para coidar se estam ou nam estam comfesadas porque se Vossa mercê me dis estam comfesadas O que esta feito feito esta e tanbem deue crer que pela mezericordia de Deus estaram perdoadas e lembrando algumas uezes As culpas {seia} seia para fugir delas com propozito firme de numca mais pecar fasa Atos de comtrisam uerdadeira e fazendo da sua parte o que puder O mais fique por conta de Deus a quem Vossa mercê Ame moito e logo se uera rremedeada que o amor de Deus logo fas pazes o mesmo Senhor a pasifique e guarde como dezeia nam se esqueza de rrogar por min a Deus que muito nesesito Santa Clara de Portalegre de marso 12 d1734
de Vossa mercê muito serua e menor Oradora
Soror Jzabel do Minino Jesus

⁶⁶ Ou seja, “livre”.

Reuerenda Madre e senhora a quem muito A Deus Nosso Senhor dei grasas pelos benefisios que faz A Vossa mercê dandolhes ocaziõs de mereser e por aqui comieturo tem Pasado Alma a nouo stado esa Artelharia que Vossa mercê me dis que tem pasado foy posta pelo Demonio a uer se Vossa mercê desestia do Caminho da uertude mas como me dis que se axa com menos fastio e com Animo de sigir a Deus bem me parese iso mas adeuirto que o Demonio he moy teimozo e inda que se ueia uensido nam deziste da empreza mas he tam fraco que com hum nam quero rrezoluto huma Alma O uense com esta mudansa que Vossa mercê fes se fariam moitas festas no Ceo pois Por fazer guerra Ao Demonio se pos Alma em canpo a pelejar com seus jnimigos fasa muito por se sosegar e posta em pas ira fugindo o Demonio acrescente Vossa mercê mais A Orasam ao menos esta semana e se nam tiuer tempo para acrescentar busque a Deus e diga Senhor Nam tenho mais tempo para acrescentar A Orasam aqui uos trago este que tenho emtraí uos em meu corasam que em hum instante pode Deus emtrar em huma Alma e ficar o Corasam todo dia ou noite prezo A Deus e quem estiuer prezo a Deus tem liberdade de spirito para tudo them tempo porem he nesesario Alma mais purgada uaziando sempre as potensias nam desfalesa O a[[ni]]nimo inda que se ache com defeitos porque o amor deuino ira alimpando alma com tanto que Vossa mercê fasa da sua parte o que puder muito nesesita de apurar a pasiensia fasa muito por sse meter no fundo da humildade e logo achara lus para se aprefeisoar no emtanto emcomendeme a Deus que guarde A Vossa mercê com saude para melhor o serVir que eu com a saude que me assiste fico certa no seruiso de Vossa mercê

Santa Clara de Portalegre de abril 8 d1734

de Vossa mercê ueneradora e amante serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

(f.161) Reuerenda Madre e senhora muito tempo ha que Vossa mercê me falta com suas nouas e logo prezomi sseria falta de saude como agora me sertifica a sua carta sinto as molestias que tem padecido mas que mais quer Vossa mercê que ser Santa por esas infirmitades estaua eu sperando que a infirmitade he crisol onde a uertude sse aclara O amor de Deus estaua sperando e uendo se achaua porta Por onde emtrar nesa Alma para mais a chegar a si minha Senhora o Jardin quem nam them flores nam se pode dele esperar froitos o fogo acendese onde ha lenha e se nam tem materia nam axa onde Pegar o fogo do amor de Deus nam se açende se nam compadeser a fazenda que se compra sempre se paga siza Vossa mercê comprou a fazenda do Amor de Deus agora he que hade pagar a siza e agora mais que numca lhes he nesessaria a pasiensia o laurador que semeia a seara quer colher moitos moyos de trigo e alma que se quer Vnir com Deus imitando A Jesus Cristo nos trabalhos nesessita de moytos moyos de pasiensia Vase humilhando quanto puder e fechese dentro de seu corasam Nam queira estar da parte de fora porque o spirito que uay direito caminha por uias rretas e uias rretas sam conhecimento proprio conhesa Vossa mercê que mereseo moytas uezes o jnferno por suas culpas e se Deus por ssua mezericordia para la a nam mandou he porque esperaua que Vossa mercê considirase donde ele auia tirado agora meta por dentro de seu corasam a Deus e uera como se umilha ua cortando pelo amor Propio e uera como se humilha f[a]sa o que lhe digo \[he]/ que moito merese quem obedese pois ate qui nam tem sido a sua crus de muito pezo e tendo Vossa mercê moitos jnimos qualquer crus [[me(?)]] bastaua Para os matar para \com(?)/ que he nesessario purificar o Spirito para que nam fiquem portas abertas por onde os inimigos posam emtrar continue a Orasam que o demonio ade fazerlhes sempre guerra A uer se a pode extinguir que a moitos que estauam mais adiantados do que Vossa mercê a tirou ua sempre com rreseyos de que posa ser {uen-} (f.162) Vensida na obediensia seia pronta e fasa nisto eizersisio obedesendo A todas as creaturas por amor de Deus para que esta uertude fique fixe fortalecida com rrais que as ofesinas intiriores inda tem muito que tirar nisto falaremos mais deuagar por hora nam poso mais emcomendeme a Deus que guarde a Vossa mercê como dezeia Santa Clara de Portalegre de outubro 9 d1734

Menor serua de Vossa mercê e amiga dalma

Soror Jzabel do Minino Jesus

163

Reuerenda Madre e senhora sinto quanto poso a preseueransa de suas infirmitades pois quezera lograrse melhor saude para emprego do seruiso de Deus porem se o mesmo Senhor se serue diso fasase sua deuina uontade Vossa mercê bem ssabe que as infirmitades sam auizos para a morte e para que esta ache A Vossa mercê disposta quando o Senhor for seruido nesesita de moita passiensia para sofrer os brados que Deus da para que se disponha porque A carreira uai quazi uensida e por iso o spirito melhor esta agora que them andado mais do que Vossa mercê jmagina pelo que tem padesinde Nesa infirmitade e se me dis que se acha com Algumas escoridades no spirito preseuere na orasam que ahi mesmo esta escomdido o Sol Tenha fee firme e axara Deus que sempre se deixa achar de quem o busca acabe ia de ser uerdadeira serua de Deus que se nam fas pelo ser exponse a ser moito castigada e conhesa que a pior infirmitade que Vossa mercê padese he a esperitual os Remedios para esta cura sam esquadrinhar a comsiensia intrinsicos infernos esgarauatando as Raizes para que nam fique coiza solapada e ueia se tem la pelo seu intirior hum aparato de inpasiensias que se rrenouam das paxois que jnda estam por uenser e ueia tambem se emcontra la no seu intirior Alguma coyza contra a castidade para peleiar contra este jnimigo que he hum dos maiores inimigos que tem huma Alma e que mais atormentam esta ofesina nam podera inda estar de todo linpa bom he que tudo Esteia confesado mas tambem he bem que para nam tornar a preduzir hir Arrancando a rrais ate sesar de todo ueia se aserto no que digo pois agora para esta infirmitade e para as inpasiensias nesesita de se por em canpo A peleiar contra estes inimigos e a melhor folha de espada com que os hade uenser he a passiensia e coido que Vossa mercê nam tem inda esta Arma fasa por adiquirir pouco a pouco que Deus ajudara e rreleue as minhas Asparezas que nam sam de animo apaxonado mas sim de afeisoada Por querer uer a Vossa mercê muito prefeita agora peso a Vossa mercê me emcomende a Deus que a Vossa mercê guarde os annos que dezeia para o amar e seruir Santa Clara de P[or]talegre de [de]zembro 29 d1734

Serua jnutil e ueneradora de Vossa mercê

Soror Jzabel do Minino Jesus

Muito Reuerenda Madre e senhora Resebi A Vossa mercê com magoa de meu corasam pois ueyo nela Preseuera de cama o Senhor lhe de forsas para tolerar tantas molestias e para sofrer As minhas palauras tam dezabridas mas podera ser comtra uene[[r]]\n/o para Remedear as infirmitades sperituais Vossa mercê nam diziste de comonicarme E eu nam poso faltar em seruir A Vossa mercê rrepete Vossa mercê as suas faltas de passiensia indinasois em materias leues rrespondo que sempre sam culpas Jnda que leues mas como tem as rraizes na ira se as nam for demenuindo iram sempre em aumento e chegaram a culpas grandes presizamente lhe he nesenario hir sempre domando e rrefreando a lingua ate hir cressendo a pasiensia sofrendo tudo o que se ofereser comtrario a sua uontade ganhando a uertude a forsa de braso e de outra sorte nam podera comseruar pas intirior O amor de Deus com que Vossa mercê se acha tem forsas para[[or]] tudo ?.-⁶⁷ ssobre a uertude da castidade dis Vossa mercê que nam lhes fas guerra este Jnimigo eu digo que tenha Vossa mercê moyto medo dele porque them as suas forsas quando esta mais fraco e metese por dentro dalma como mosquito na boca laue Vossa mercê muito bem a uazilha de seu Corasam que podera ser tenha inda la algum cheiro comtra esta uertude os bons spiritos neessitam de moyta pureza tenha Vossa mercê moita humildade que eses açenos do amor proprio inda me dam indisio de soberba tome emfado comtra si mesma e talues se ache a pior de todas Vossa mercê tera para si que sua crus he grande e eu digo que he comprida mas estreita mas ainda neesita de crus mais larga que he tirar ese amor propio eu temo Senhora de falar com Vossa mercê e tomara ther na boca hum fauo de mel para adosar Os amargos que lhe dou [[?]]nan pode ser menos nem comuem para o aumento de seu spirito sometase a todos como uerdadeira spoza de jesus cristo o senhor a melhore e aumente em tudo e lhe de azas para uoar ao Ceo lembrandose de min que eu por Vossa mercê faso quanto poso

Santa Clara de Portalegre de abril 20 d1735

de Vossa mercê amantisima serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

⁶⁷ Sinais presentes na margem direita do manuscrito.

165

Reuerenda Madre e senhora A falta de suas letras me traziam coydadoza e com esta sua carta me alegro muito pois me segura se acharia liure de suas molestias Para prosiguir na nosa comrrespondensia pois o Caminho do spirito não há Pauza he de caminhar e uoar a Deus dis Vossa mercê minha Senhora que os escruPos e treuas com que \çe/ acha a inpedem prosiguir asente Vossa mercê comsigo que no tempo em que alma se acha mais apertada esta mais segura Vossa mercê tem Dons para ser Santa se os puzer por obra auendo moyta Orassam sempre se emche o Corasam de Deus porque ahi esta o seu Amor e se o nam conhese he porque nam chaie no sensetiuo alma Vay buscando a Deus e uai fugindo da natureza e Vossa mercê coyda que esta em treuas e escuridades nam he o sinsitiuo para coizas supiriOres por ser parte infirior dalma adiantese Vossa mercê nas uertudes e Va alinpando as que estam adequeridas pois a natureza sempre esta lansando abrolhos ua tirando esta propensam da natureza para que nam se detenha e se achar inda algumas espinhas de impasiensias e murmurasoiszinhas ua cortando por elas e Por todas as delgadesas que la achar dentro no seu intirior que talues disto muito esteia inda misturado com o bem que ia esta Adequerido e semelhantes sementilhas nam seruem para quem Ade hir adiante e se nam olhar por isto numca as uertudes ficam linpas nem dezembarasado o intirior que o aseio dalma he meyo Para se alcansar o que se dezeia que he nesario moita estreite\za/ de Spirito e por iso dise que quando alma esta mais apertada esta mais segura alegrese muito que tudo hade al\cançar com a gra\sa/ de Deus e pesa Por min diante da deuina prezensa para que uerdadeiramente o ame e A Vossa mercê guarde quanto lhe peso Santa Clara de Portalegre de julho 15 de 1735

Serua de Vossa mercê muito obrigada

Soror Jzabel do Minino Jesus

Reuerenda Madre e senhora sempre stimo o fauor que me fas de suas nouas e como Preseuera com saude muito mais tem que deuer a Deus para que com mais spirito se aumente em seu santo seruiso e segundo o que nesta sua carta me dis obseruo que para o estado em que se axa sua Alma ia la tem bastantes documentos que seruem para o estado que digo acrescento mais dizendo que posta na prezensa de Deus em Orasam se uista Alma de profunda humildade pedindo Ao Senhor lus para arrancar de todo as rraizes que tem dentro do seu intirior por coiya cauza Deus a them metido nesa noite escura com que a uai purgando leue Vossa mercê eses trabalhos com pasiencia sem descomfiansas e meresera muito por ter rrezinasam com a uontade deuina pois huns dos maires (*sic*)⁶⁸ purgatorios com que Deus purifica as almas he quando as mete nesa escura noite porque ahi proua a sua constansia se Vossa mercê tiuera moitas comsolasois nam fizera muito se fizera muito se fizera alguma coiza por Deus quando O mar uai sereno bem se pode nauegar mas quando ele se altera com tempestades grande perigo tem os que nauegam tema Vossa mercê muito os perigos do mar do mundo e que as rraizes das suas culpas posam inda tomar forsas que estas sam as que fazem as tempestades porque se alteram contra Alma pondoa em perigo de se perder nam tome Vossa mercê em pouco estas palauras porque ate morte hade ter dentro em si quem lhe fasa guerra ua buscando sempre a Deus e consumindose a si mesma a Crus seia o seu descanso e acabados eses trabalhos emtrara Alma em outros graos de amor mais adentro onde achara hum olio suauisimo do amor de Deus e com ele pode curar as chagas que ficaram donde sairam as rraizes das culpas e so O amor deuino pode curar o podre de seu corasam para ficar emtam Alma com todos seus afetos [[?]] amando A Deus q[u]e guarde A Vossa mercê como sua e eu como sua serua fico pronta e com [s]aude para [s]eruir a Vossa mercê Santa Clara de Portalegre de nouembro 10 de 1735

Sempre a mesma

Soror Jzabel do Minino Jesus

⁶⁸ Ou seja, “maiores”.

(f. 167) Reuerenda Madre muito amada em Deus numca me chegaram tarde as festas que Vossa mercê me da porque sempre As suas cartas sam para min Aleluyas Eu As dezeio a Vossa mercê sempre com muitos Aumentos spirituais ueio o que me dis na sua carta que nada fas que preste louue Vossa mercê moyto A Deus que lhe deu a mam esta quaresma para andar correndo os pasos de sua paxam com o siguinto das uertudes que eu lhe dou e para bem de seus Aumentos carregome de rrezam porque coido nam tera Vossa mercê uaidade que quem de si conhese o pouco que fas e o nada para que presta nam fas cazo de louuores que lhe dam mas se he como he louuauel buscar huma Alma a Deus nam sera em min ligensia[[mente(?)]] lizonya dar a Vossa mercê e para\m(?)/ bem acresente Vossa mercê sempre os meresimentos que Eu fico por fiadora que nam hade ter lugar a uangloria o lugar Para onde agora a sua comsidirasam hadir nam he deferente do que Vossa mercê me aponta mas he tam fundo que temo nam queira Vossa mercê la por Os olhos pois este Senhora he agora o que lhes serue he fazer tam mao comseito de si mesma que coyde nam auer no mundo outra pior creAtura aborresase a si e diga O ma de min que nam ouue semelhante ingrata Aos ausilios deuinis siruase Vossa mercê agora de ser pes de todo mundo que estes Dons inda Vossa mercê os nam them e so se dam Aos milhores spiritos e como Vossa mercê quer o mais prefeito por iso lhe Digo por onde se alcansa a santidade esta nam asenta se nam em corasois humildes que do alto cahio quem queria cadeira alta e se nam puder fazer o que lhe digo he sinal que inda lhe falta muito Para ser humilde fasa muito por adequirer este bem ua fora toda A natureza e fique so o spirito por mam alheia talues se fara esta obra se la ouuer quem a despreze a hesa mesma Creatura Ame muito porque a uai alinpando e aseando para se unir com seu spozo e se a mam de quem aprefeisoar for groseira mais fina ficara A obra que iso tera de emtendida a que se preza de amante e se isto nam fas nam se fas a uontade de Deus e se eu lhe pudera Por esta crus sem lhes fazer pezo creia da minha uontade que o fizera e fora mais fasil leuala eu do que uer a Vossa mercê {tam} (f.168) tam caregada mas o serto he que o stado dalma so amarguras he o seu sustento e o amor deuino fas troser o jntendimento porque sse adianta a uontade nam desmaie que Deus sempre ade ser com Vossa mercê e a quer irrequiser com seus mimos e tanbem sabe adosar a boca com o dose de seu amor e quando deste gostar

lembrese de min e perdoe carregar tanto a mam de tinta guarde Deus a Vossa mercê
quanto quer Santa Clara de Portalegre de iulho 6 de 1736
de Vossa mercê Afetuoza Amante e menor serua
Soror Jzabel do Minino Jesus

(f.169) Reuerenda Madre e senhora Resebi a de Vossa mercê e com ela o sentimento de suas molestias se eu Pudera leuar mais crus da que tenho melhor fora que Deus me dera a min esas infirmitades pois ueyo nam Them Vossa mercê hora de saude sinto torno a dizer nam poder aliuiala nam se descomsole que a mam de Deus Nam se poem se nam em quem O ama o Rio tem o seu curso para o mar Onde fenaliza suas correntes e asim As almas quem tomam amor A Deus metemse em Riyos de lagrimas ou chorando suas culpas ou de seus prosimos que he hum grande purgatorio mas tambem mete medo ao Demonio e o senhor que lhe deu esa infirmitade he para fugir este grande jnimigo pela penitensia que a infirmade (*sic*)⁶⁹ tras consigo espero em Deus ade aliuiar a Vossa mercê acrescentandolhes Dons sobre Dons para pre\se/uerar em seu Santo seruiso para ajudar com as suas Orassois os fracos pois eses bens spirituais que o Senhor lhe da também sam para os rrepartir leue como puder eses trabalhos que se incaminham para ser Santa que as que foram santas todas tiueram muito que padecer com as mesmas contradisois e rrepunansia da natureza que Vossa mercê tem nasida da fragilidade humana e tudo se alhanou com O Amor de Deus emcha Vossa mercê o Corasam deste Amor deuino que he O que santifica pois este Senhor ama a quem o ama porem minha muito amada jrman nam poso deixar de dizer o que emtendo em minha comsiensia esa alma inda nam esta de todo purgada falta muito que padecer que la por dentro do intirior estam inda moytas nodoas que alinpar nesesito de moita purgasam quero explicarme com huma comparasam o pao de Xaram algum he depretuido e tem moitos rramos de oyro Alma de Vossa mercê tem moitos Ramos de oyro do amor de Deus e se estiuer depretuida de manxas e culpas Presizamente ade ser purgada pela penitensia ou seia esta ou aquela e Deus a inuiara nam poso deixar de dizer esta uerdade porque nam quero deixala emtalada com perigo de uaidade que de outra sorte me fizera eu ladram rroubandolhes as uertudes agora uase hu[mi]lhando tendo pasiensia com sofrer esa creatura que he oposta a sua uontade e talues fose destinada por Deus para purificar (f.170) esa alma pesolhes muito a contenuasam da santa Orasam pois ha moita falta de Oradores e sempre me ficara o emterese de pedir por min a Deus que guarde a Vossa mercê como lhe rrogo Santa Clara de Portalegre 14 de dezembro d1736 de Vossa mercê a menor serua e ueneradora

⁶⁹ Ou seja, “enfermidade”.

Soror Jzabel do Minino Jesus

O Spirito Santo asista nalma de Vossa mercê
e no Corasam de Vossa mercê tanbem

Carta 33
[169]

171

Reuerenda Madre e senhora rreuele Vossa mercê a minha discaridade se achazo axa em min Omisam de rresponder a de Vossa mercê pois ate qui nam tenho faltado com rrespostas [[a]] de Vossa mercê se demora mais como agora ueyo por cauza de suas molestias que me dis se contenuão discorro tera meresido para com Deus o que ate gora lhes faltaua de merecimentos Para nada tenho prestimo mas he serto que me nam emganaua com dizer que a Vossa mercê lhe faltaua muito que purgar esa Alma e Por iso tem sido tantas jnfirmitades que parese leua Deus a Vossa mercê por ese caminho mas como O amor de Deus se açende quando Se queima a natureza primitiria o Senhor tiuese Vossa mercê esa infirmitade toda de fogo metendoa emtre brazas para queimar tudo o que hera corpo e ficar somente spirito nam se afliya nem se desconsole antes se alegre de ter o seu purgatorio em uida meresendo com pasiensia e satisfasam que se da a deuina justisa Pois diante dos olhos lhes pos o Senhor esa infirmitade de fogo este he o tempo em que Alma pode tomar caminho para a humildade profunda e parese nos esta dizendo esa infirmitade hade ter Vossa mercê dobrado spirito e nas uigias da noite por falta de sono esta mostrando que tem amor de Deus em seu corasam Sam as noytes para os seruos de Deus \sam/ os milhores dias os mundanos tem as suas comueniensias nos dias e os Amigos de Deus fazem do dia noite em que rrepouza Alma auiue Vossa mercê a prezensa de Deus ia que esta na sepultura desa cama emterre ahi as potensias e sentidos e goze dos preuilegios do amor de Deus que he Amor e padecer e se de min tiuer algum coyddado nada lhe fico deuendo que se eu pudera rrepartir esas molestias tomara para min a mayor parte por aliuiar a Vossa mercê spero em Deus dara a Vossa mercê Aliuio para seu santo seruiso e a guarde como lhe peso Santa Clara de Portalegre de feureiro 2 de 1737

de Vossa mercê muito serua

Soror Jzabel do Minino Jesus

Jesus Maria José

Reuerenda Madre e senhora As festas que Vossa mercê me da sam as milhores que numca tiue Por que \me/ alegrei sumamente Com a Carta de Vossa mercê por uer nela ia rrecuperada As melhoras que muito lhe dezeiaua para hir caminhado ao Ceo onde eu posa Ther alguma Comuiniensia Com suas Orasois premita o Senhor seia por Algum tempo a sua saude e se eu suspeitar mal de que Vossa mercê nam podera ter saude perfeita por andar sempre dispondose para a mort[e] mistica esta dispusisam he uida minha Senhora se Vossa mercê fora tam Ditoza que prensipiase agora Alua uida esta uida d[o] Spirito que he morrer cada dia e cada hora para se acabarem de tirar os fezes da natureza que sempre estam pulando mas Como \esta/ pedra Presioza se nam pode alcansar sem a Creatura tomar Vingansa de si mesma segue se a dizer que se anime a uiuer para morrer a tudo que for sua uontade que nesta morte mistica esta a sua uida parese coyza dura nam se poder uiuer senam morrendo mas O amor de Deus he que da uida a quem tem esta morte nam se sobresalte senhora que a morte do amor deuino nam he tirana antes he tam saboroza que o mesmo amor a suaviza pois agora digo eu que o Senhor quando lhe deu o Seu amor logo lhe deu a espada para matar o amor proprio que este he inimigo do amor de Deus e aqui tera Vossa mercê muito que apurar a pasiensia e sofrendose a si mesma não thera pouco que mereser tome Vossa mercê isto com brio que a uertude he formoza quando he brioza e dos brios de Vossa mercê nam espero eu menos que ser Santa e acodindo As inspirasois deuinas tera mayor Santidade Nosso Senhor lhe asista com espesiais ausilios para que em tudo fasa sua santa uontade e a guarde como sempre lhe peso Santa Clara de Portalegre de abril 16 d1737
muito ueneradora e serua de Vossa mercê
Soror Jzabel do Minino Jesus

Jesus Maria José

Reuerenda Madre Amada e o senhor rresebo a carta de Vossa mercê e louei a Deus que lhes tem Posto a mam {e a boa} e a boa uontade metendoa em tantos trabalhos Sseus e do prosimo como me senifica na sua tudo para mayor aumento seu e assim o que Vossa mercê nese caso deue fazer segundo o que auiza para adiquirir pas no spirito he ter pasiencia e meterse sempre nos prensipios coi[da]ndo de si que nam tem andado pasos no caminho da uertude que Aqui esta todo aserto porque como Vossa mercê nam he nada e nada nam se queixa acresente Orasam sobre Orasam A Crus de Cristo tem muito spirito para dar forsas a Vossa mercê para caminhar Ao monte da prefeisam e para que posa caminhar exersitese agora em quatro uertudes que apo[n]to A primeira seia a humildade tantas uezes de min rrepetida [e] Por iso que he rrepetida lhe peso que a rrecorde porque se nam tiuer esta nam tem fundo a uertude pois esta uertude tem o seu fin no prensipio e emtam mais crese quando mais dese para baxo Ssometase Vossa mercê a todos emterrese uiua e emtam uiuira uida de Spirito e alcansara por expiriencia que os humildes sam os mais amigos de Deus A segunda uertude seia a caridade tendo dezeyos de que todos Sse saluem ajudando com Orasois as almas que estam em pecado mortal que estam em tal estado que nam sabem como estam nem se podem leuantar se nam lhe derem a mam esas tres horas pouco mais ou menos que Vossa mercê tem de Orasam metaas no lado do Senhor Para que ele as rreparta pelos pecadores queira Deus entre \eu/ neles Porque sempre tenho nesesidade de Vossa mercê me ajudar A triseira Vertude seia a obediencia porque quem nam tem querer esse he o que quer a coroa diante de Deus O juizo proprio he julgado e quem se deixa julgar por juizo alheio nam tem juis A quarta uertude he a comfirmidade com a uontade de Deus cuidando sempre em querer o que Deus quer e nesta rrezinasam esta o amor que a huniam tem o seu prensipio nas uontades e sendo emtre si deuididas O amor \as/ fas A huniam \por/que o amor lhe rroubou o corasam (f.172) E com estas uertudes e as mais disposisois de que \te/mos tratado se fara Alma de Vossa mercê hum clarisimo espelho de diamantes que sam As uertudes para emtrar no Ceo brilhando em luzes asezas do Amor deuino que a Vossa mercê guarde os annos do seu dezeio Santa Clara de Portalegre de Outubro 20 d1737

Serua jnutil e muito ueneradora de Vossa mercê

Soror Jzabel do Minino Jesus

ANEXO II
Cronologia Breve

CRONOLOGIA BREVE

1673

- **3 de Fevereiro**

Nascimento de Isabel Fernandes, futura Soror Isabel do Menino Jesus, filha de João Morato e de sua mulher, Domingas Rodrigues, plausivelmente nas suas casas de morada da Rua do Espírito Santo, na freguesia de São Tiago de Marvão.

- **12 de Fevereiro**

Baptismo de Isabel Fernandes, na Igreja de São Tiago de Marvão.

1698

- **10 de Junho**

Isabel Fernandes é dotada por seus pais, com dote de 400. 000 réis.

- **2 de Agosto**

Começa a conversão de Isabel Fernandes, depois da leitura de um livro.

- **Dezembro**

Isabel Fernandes é iniciada e orientada na ascese por um religioso da Ordem de São Francisco, morador no Convento de Nossa Senhora da Estrela, em Marvão.

1699

- **Março**

Isabel Fernandes sofre tentações e provações à fé, mas prossegue a sua conversão e faz uma confissão geral. Sofre, ainda, uma crise de escrúpulos. Data também desta época o seu voto particular de castidade.

1704

- **Cerca 27 de Junho**

A vila de Marvão capitula, na Guerra da Sucessão de Espanha.

Isabel Fernandes foge para a vizinha cidade de Portalegre, por decisão dos seus pais, em companhia destes, de sua irmã Catarina Sanches e dos seus sete sobrinhos.

1705

- **22 de Abril**

Frei Martinho de São José, natural de Vila de Frades, no actual concelho da Vidigueira, professa no Convento de São Francisco de Évora.

1707

- **27 de Fevereiro**

Isabel Fernandes é votada para entrar no noviciado do Convento de Santa Clara de Portalegre, da jurisdição da Ordem dos Frades Menores, a cuja Província dos Algarves pertence. A postulante recebe a maioria dos votos da comunidade. Nesta data, Isabel Fernandes já abandonou o seu patronímico, passando a chamar-se Isabel do Menino Jesus.

- **28 de Fevereiro**

Os pais de Isabel do Menino Jesus fazem lavrar uma escritura de dote de 400. 000 réis para a filha professar no Convento de Santa Clara de Portalegre.

- **2 de Abril**

Soror Isabel do Menino Jesus inicia o noviciado.

- **17 de Abril**

Frei Manuel da Epifania, futuro pregador, autor e ministro provincial, professa no Convento de São Francisco de Portalegre.

1708

- **19 de Janeiro**

Isabel e Catarina, sobrinhas de Soror Isabel do Menino Jesus, são admitidas como educandas no Convento de Santa Clara de Portalegre.

- **14 de Abril**

Soror Isabel do Menino Jesus é votada para professar. Recebe a totalidade dos votos da comunidade.

- **16 de Abril**

Soror Isabel do Menino Jesus professa como religiosa da Ordem de Santa Clara. A nova religiosa inicia a constituição de uma rede clientelar própria, recebendo visitas, em especial alguns homens letrados, que converte e catequiza.

1710

- **8 de Dezembro**

Soror Maria Baptista, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é votada para o noviciado do Convento de Santa Clara de Portalegre.

1711

- **24 de Setembro**

Soror Isabel de São José, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é votada para entrar no noviciado do Convento de Santa Clara de Portalegre.

1712

- **9 de Agosto**

No âmbito de uma reforma dos conventos femininos, muito frequentados por freiráticos, o Convento de Santa Clara de Portalegre começa a ser visitado mensalmente por um comissário delegado ministro provincial.

- **26 de Outubro**

Soror Isabel de São José, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é votada para professar no Convento de Santa Clara de Portalegre.

Nesta data Soror Isabel do Menino Jesus é mestra da Ordem.

Pouco depois desta data, durante uma das visitas mensais, Soror Isabel do Menino Jesus é denunciada por uma religiosa como prevaricadora, sendo admoestada em capítulo pelo comissário delegado e mandada encerrar. Consequentemente, terá sido destituída do ofício de mestra da Ordem.

1713

- **15 de Março**

Nesta data, Soror Isabel do Menino Jesus já não é mestra da Ordem.

1714

- **12 de Julho**

Brites, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é admitida como educanda no Convento de Santa Clara de Portalegre.

1715

- **9 de Dezembro**

Soror Catarina Maria da Ressurreição, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é votada para o noviciado do Convento de Santa Clara de Portalegre.

1716

- **22 de Janeiro**

Soror Catarina Maria da Ressurreição, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é votada para professar no Convento de Santa Clara de Portalegre.

1719

- **11 de Março**

Soror Brites Maria dos Serafins, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é votada para professar no Convento de Santa Clara de Portalegre.

1720-1730

Nesta década, terá Soror Isabel do Menino Jesus escrito as “Cartas a um Religioso”, cujo destinatário, supomos, foi Frei Martinho de São José.

1720

- **1 de Março**

Soror Brites Maria dos Serafins, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é votada para professar no Convento de Santa Clara de Portalegre.

1723

- **15 de Maio**

Soror Isabel do Menino Jesus recebe um voto nas eleições para abadessa.

1726

- **20 de Setembro**

Morre Domingas Rodrigues, mãe de Soror Isabel do Menino Jesus.

1729

- **28 de Maio**

Soror Isabel do Menino Jesus recebe um voto nas eleições para abadessa.

1731

- **19 de Outubro**

Frei Martinho de São José é já confessor do Convento de Santa Clara de Portalegre.

1734

- **3 de Janeiro**

Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 21”.

- **14 de Janeiro**

Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 22”

- **30 de Janeiro**

Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 23”

- **12 de Março**

Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 24”

- **8 de Abril**

Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 25”

- **20 de Abril**

Frei Martinho de São José já não é confessor do Convento de Santa Clara de Portalegre.

- **9 de Outubro**

Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 26”

- **15 de Novembro**

Nesta data, Catarina Sanches, irmã de Soror Isabel do Menino Jesus, já se recolheu no Convento de Santa Clara de Portalegre.

- **29 de Dezembro**

Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 27”

1735

- **20 de Abril**
Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 28”
- **26 de Maio**
Morre Soror Maria Baptista, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, no Convento de Santa Clara de Portalegre.
- **4 de Junho**
Soror Isabel do Menino Jesus recebe um voto nas eleições para abadessa.
- **15 de Julho**
Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 29”
- **10 de Novembro**
Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 30”

1736

- **6 de Julho**
Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 31”
- **14 de Dezembro**
Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 32”

1737

- **2 de Fevereiro**
Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 33”
- **16 de Abril**
Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 34”
- **20 de Outubro**
Soror Isabel do Menino Jesus escreve a “Carta a uma Religiosa 35”

1741

- **5 de Junho**
Soror Isabel do Menino Jesus recebe um voto nas eleições para abadessa.

1742

- **22 de Setembro**

Frei Martinho de São José regressa ao Convento de Santa Clara de Portalegre, como comissário delegado do ministro provincial, para fazer a visitação.

- **20 de Novembro**

Morre Soror Catarina Maria da Ressurreição, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, no Convento de Santa Clara de Portalegre.

1744

- **6 de Junho**

Soror Isabel do Menino Jesus é eleita abadessa, com a quase totalidade dos votos. Será sua vigária Soror Isabel de São José, sua sobrinha. Implementa uma reforma no convento.

1747

- **6 de Junho**

É eleita abadessa do Convento de Santa Clara de Portalegre Soror Inês Margarida de Santa Clara, possivelmente continuadora da reforma.

- **17 de Agosto**

Frei Manuel da Epifania é eleito ministro provincial, no capítulo realizado no Convento de São Francisco de Montemor-o-Novo.

1750

- **Primeira metade do ano**

Neste abadessado, Soror Isabel do Menino Jesus terá escrito o “Tratado Místico”, a “Súplica ao Ministro Provincial”, que enviou ao prelado (Frei Manuel da Epifania?).

- **6 de Junho**

Soror Isabel de São José, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é eleita abadessa.

Soror Isabel do Menino Jesus é eleita mestra da Ordem.

Neste período, Soror Isabel do Menino Jesus terá escrito a “Vida”, por ordem dos seus três directores espirituais; e depois a “Carta à Abadessa e Religiosas”.

A autora passa a limpo os seus textos, num só volume, sob orientação de Frei Martinho de São José.

Este volume terá sido enviado ao ministro provincial, para as diligências prévias à sua impressão, em Lisboa.

1752

- **Primeira metade do ano (ou no ano anterior)**

Soror Isabel do Menino Jesus terá posado com o seu manuscrito autógrafo nas mãos, para Jean Baptiste Michel Le Bouteaux, ou para colaborador seu, com cujo desenho deverá ser aberta a estampa retrato da autora, a figurar no seu livro impresso.

- **5 de Outubro**

Morre Soror Isabel do Menino Jesus, no Convento de Santa Clara de Portalegre, com fama de santidade, e é sepultada no coro baixo.

1753

- **17 de Novembro**

Frei Martinho de São José é eleito ministro provincial da Província dos Algarves da Ordem dos Frades Menores, no Convento de São Francisco de Setúbal.

Entre esta data e a data da morte de Soror Brites Maria dos Serafins, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus (7 de Julho de 1757), Frei Martinho de São José escreve o seu “Prologo...”, com vistas à impressão do livro.

1755

- **19 de Fevereiro**

Frei José da Madre de Deus, leitor jubilado, qualificador do Santo Ofício e cronista da sua Ordem, escreve o seu parecer ao manuscrito autógrafo, dirigido ao Senhor D. José, Arcebispo de Lisboa, Ordinário de lugar, no

Convento de Nossa Senhora de Jesus. Na mesma data, depois de ler o parecer, o prelado dá a sua aprovação.

- **30 de Março**

Frei Manuel de Ferreira, ex-leitor de Teologia e qualificador do Santo Ofício, escreve a sua aprovação à impressão do manuscrito autógrafo, no hospício do Duque de Cadaval.

- **5 de Maio**

Frei Félix de Santa Rosa, lente jubilado e qualificador do Santo Ofício, escreve a sua aprovação à impressão do manuscrito autógrafo, no Convento da Boa Hora, dos eremitas descalços de Santo Agostinho.

- **27 de Maio**

Frei José de Santa Rosa, lente jubilado, qualificador do Santo Ofício e cronista da sua Ordem, escreve o seu parecer ao manuscrito autógrafo, dirigido a um dignatário do Paço, no Convento do Santíssimo Sacramento, dos paulistas.

- **31 de Maio**

Vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário de lugar, o Paço dá licença de impressão do livro, que, depois de impresso, deverá ali regressar para se conferir, taxar, dar licença, para que possa correr. Rubricam Ataíde, Seabra, D. Velho, Pacheco.

- **16 de Junho**

Frei Manuel da Epifania, ex-ministro da Província dos Algarves, leitor jubilado, qualificador do Santo Ofício, examinador das três Ordens militares, escreve o seu parecer sobre o manuscrito autógrafo.

Na mesma data, Frei António de Santa Coleta, leitor de terça, qualificador do Santo Ofício, examinador das três Ordens militares e consultor da bula da Santa Cruzada, escreve o seu parecer ao manuscrito autógrafo, no Convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas.

- **1 de Novembro**

Terramoto em Lisboa, seguido de réplicas.

A impressão do livro de Soror Isabel do Menino Jesus atrasa-se.

1756

- **6 de Junho**

Soror Brites Maria dos Serafins, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é eleita abadessa. Soror Isabel de São José, sua irmã, é mestra da Ordem.

1757

- **2 de Fevereiro**

Frei Jerónimo de Belém, pregador jubilado, examinador das Ordens militares, consultor da Bula da Santa Cruzada, cronista e padre da Província dos Algarves da Ordem dos Frades Menores, escreve o seu parecer ao manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus, no Convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas.

- **Ainda na primeira metade do ano (?)**

Jean Baptiste Michel Le Bouteaux abre, assina e data a estampa retrato de Soror Isabel do Menino Jesus.

- **15 de Março**

Vistas as informações e as licenças juntas, dá-se licença para imprimir o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus e, depois de impresso, deverá ser conferido para se dar licença para que corra. Rubricam Silva, Abreu, Trigoso, Silveira, Lobo.

- **28 de Junho**

Da parte do Santo Ofício, em Lisboa, sai a licença para que o livro impresso possa correr. Rubricam Abreu, Silveiro, Lobo.

Da parte do Ordinário, em Lisboa o Senhor Dom José, Arcebispo de Lisboa, assina a licença para que o livro impresso possa correr.

- **1 de Julho**

Da parte do Paço, em Lisboa, sai a licença para que o livro impresso possa correr e a taxa de 240 réis, com duas rubricas não legíveis pelo editor.

- **7 de Julho**

Morre Soror Brites Maria dos Serafins, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, sendo abadessa, ficando Soror Isabel de São José, sua irmã, como presidente *in capite* do convento.

- **Segunda metade do ano**

A Vida da Serva de Deos..., da autoria de Soror Isabel do Menino Jesus, é editada pelo Padre João Evangelista da Cruz e Costa e vai a imprimir na oficina de José da Costa Coimbra, em Lisboa.

O manuscrito autógrafo, certamente depois de ser conferida a impressão, foi devolvido ao Convento de Santa Clara de Portalegre.

- **3 de Setembro**

Soror Isabel de São José, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, é eleita abadessa, pela segunda vez.

- **14 de Dezembro**

Morre Soror Isabel de São José, sobrinha de Soror Isabel do Menino Jesus, sendo abadessa.

1834

- **30 de Maio**

Sai o decreto de extinção dos conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de todas as Ordens religiosas de Portugal, devendo passar os seus bens dos conventos femininos à posse do Estado após a morte da última religiosa.

1857

- **8 de Setembro**

Faz-se um inventário dos bens do Convento de Santa Clara de Portalegre com vista à sua supressão. A comunidade é ainda numerosa e tem algumas religiosas jovens, pelo que se prevê que a supressão do convento se execute para daí a muitos anos.

Antes desta data, a última escritã do convento, Soror D. Maria Amália da Conceição da Rosa, terá enviado o manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus para casa do médico, escritor e bibliófilo Dr. Francisco

Rodrigues de Gusmão, com outros documentos, os quais, possivelmente por este extravio, não figuram no inventário.

1898

- **21 de Agosto**

Morre Soror D. Maria Francisca de Assis, última religiosa do Convento de Santa Clara de Portalegre.

- **17 de Setembro**

Tomás Lino de Assunção, Inspector Geral Interino das Bibliotecas e Arquivos, dá conta que, na ocasião em que se procede ao inventário dos livros e documentos dos conventos suprimidos, no de Santa Clara de Portalegre não encontrou um único livro impresso e deu conta do desaparecimento de alguns manuscritos. Tendo indagado junto das recolhidas que ainda ali moravam, estas contaram que a última escritã da comunidade religiosa tinha enviado documentos para casa do já falecido Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão (pai). Tendo depois solicitado a sua devolução ao filho deste médico, Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão (filho), este respondera-lhe que não estavam em seu poder tais documentos.

Séc. XX

- **Anos 30**

A sepultura de Soror Isabel do Menino Jesus ainda é venerada, no já extinto Convento de Santa Clara de Portalegre.

2013

- **26 de Fevereiro**

O manuscrito autógrafa de Soror Isabel do Menino Jesus aparece à venda na Livraria Castro e Sousa, em Lisboa, e é comprado pela Câmara Municipal de Marvão, em cujos Paços do Concelho actualmente se conserva.

ANEXO III
Genealogia Breve

GENEALOGIA ABREVIADA

1- Gonçalo Morato, meirinho-mor do reino de Leão, em 1420. Passou a Castelo de Vide, Portugal. Possivelmente, judeu.

1.1- Miguel Gonçalves Morato, servidor de D. Afonso V de Portugal e de D. Joana I de Castela na Guerra da Sucessão de Castela (1475-1479), contra D. Isabel e D. Fernando, Reis da Sicília, futuros *Reis Católicos*. Possivelmente, judeu.

1.2.1- Moratos de Castelo de Vide, no séc. XVI. Possivelmente, cristãos-novos.

1.2.2- Moratos de Marvão, na segunda metade do séc. XVI. Possivelmente, cristãos-novos.

1.2.2.1- Domingos Morato. Casou com Brites Fernandes. Moraram na freguesia de São Tiago, Marvão, na primeira metade do séc. XVII.

1.2.2.1.1- Manuel Morato. Baptizado na Igreja de São Tiago, em Marvão, a 1-XII-1605. Casou com Isabel Fernandes, † São Tiago, Marvão, a 13-II-1679.

1.2.2.1.1.1- João Morato, *o Velho*. Baptizado na Igreja de São Tiago, Marvão, 9-IV-1643. † São Tiago, Marvão, 20-III-1729. Capitão, proprietário e possivelmente lavrador. Casou na Igreja de Santa Maria, Marvão, a 12-XII-1668, com Domingas Rodrigues, baptizada na Igreja de

Santa Maria, Marvão, a 17-VI-1638; † São Tiago, Marvão, a 20-IX-1726.

1.2.2.1.1.1.1 - Maria Rodrigues Morata. Baptizada na Igreja de São Tiago, Marvão, a 13-X-1669; † São Tiago, Marvão, a 12-II-1704, viúva. Casou na Igreja de São Tiago, Marvão, a 25-VIII-1686, com João Gomes Viegas, *o Belo, o Moço*, seu parente, baptizado na Igreja de Santa Maria, Marvão; † Marvão (?), entre 2-I-1704 e 2-II-1704.

1.2.2.1.1.1.1.1 - Maria Morata. Baptizada na Igreja de Santa Maria, Marvão, a 28-IX-1687; † São Tiago, Marvão, a 2-II-1704, donzela.

1.2.2.1.1.1.1.2- Catarina. Baptizada na Igreja de Santa Maria, Marvão, a 2-XII-1689; † São Tiago, Marvão (?), donzela.

1.2.2.1.1.1.1.3- João. Baptizado na Igreja de Santa Maria, Marvão, a 15-III-1692. Religioso.

1.2.2.1.1.1.1.4 - Manuel. Baptizado na Igreja de São Tiago, Marvão, a 17-IV-1697. Religioso.

1.2.2.1.1.1.2- Catarina Sanches, ou Fernandes, ou Morata. Baptizada na Igreja de São Tiago, Marvão, a 9-VI-1671; † Convento de Santa Clara, Portalegre, vários anos depois de 1734, viúva e recolhida. Casou na Igreja de São Tiago, Marvão, a 28-VIII-1689, com Bartolomeu Fernandes Morato, seu parente, baptizado na Igreja de São Tiago, Marvão; † Marvão ou Castela, c. 1704.

1.2.2.1.1.1.2.1- Maria, em religião Soror Maria Baptista. Baptizada na Igreja de São Tiago, Marvão, a 2-VIII-1690; †

Convento de Santa Clara, Portalegre, a 26-V-1735. Religiosa professa da Ordem de Santa Clara.

1.2.2.1.1.1.2.2- Helena. Baptizada na Igreja de São Tiago, Marvão, a 4-I-1693; † São Tiago, Marvão (?), donzela.

1.2.2.1.1.1.1.2.3- Catarina. Baptizada na Igreja de São Tiago, Marvão, a 14-II- 1695; † São Tiago, Marvão, na infância, antes de 28-IX-1698.

1.2.2.1.1.1.1.2.4- Isabel, em religião Soror Isabel de São José. Nascida em São Tiago, Marvão, a 11-IX-1696; † Convento de Santa Clara, Portalegre, a 14-XII-1757. Abadessa do Convento de Santa Clara, Portalegre, por dois triénios.

1.2.2.1.1.1.1.2.5- Catarina, em religião Soror Catarina Maria da Ressurreição. Baptizada na Igreja de São Tiago, Marvão, a 28-IX-1698; † Convento de Santa Clara, Portalegre, a 20-XI-1742. Religiosa professa da Ordem de Santa Clara.

1.2.2.1.1.1.1.2.6- Brites, em religião Soror Brites Maria dos Serafins. Nascida em São Tiago, Marvão, a 26-XI-1700; † Convento de Santa Clara, Portalegre, a 7-VII-1754. Abadessa do Convento de Santa Clara, Portalegre, por um triénio (não completo, por ter falecido).

1.2.2.1.1.1.1.2.7- João. Nascido em São Tiago, Marvão, a 19-XI-1702. Religioso.

1.2.2.1.1.1.1.3- ISABEL FERNANDES, em religião SOROR ISABEL DO MENINO JESUS. Nascida em São Tiago, Marvão, a 3-II-1673; † Convento de Santa Clara, Portalegre, a 5-X-1752. Abadessa do Convento de Santa Clara, Portalegre, por um triénio. Escritora mística.

ANEXO IV

Fotografias

FOTOGRAFIAS



1



2



3



4



5



6





8



9

Handwritten text in a cursive script, possibly a signature or name, with some legible words like "Luisa" and "1780".

10

Handwritten text in a cursive script, possibly a signature or name, with some legible words like "Castelloratto" and "1780".

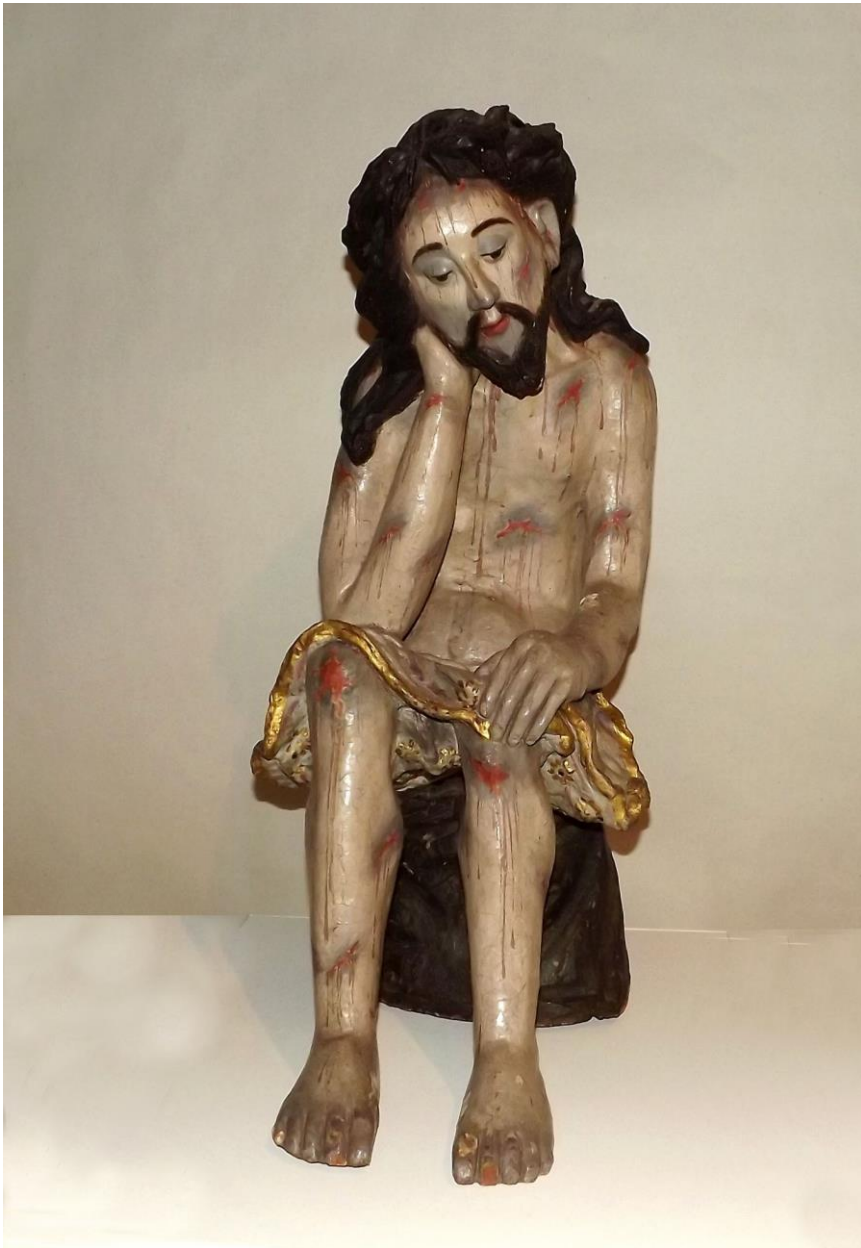
11



12



13







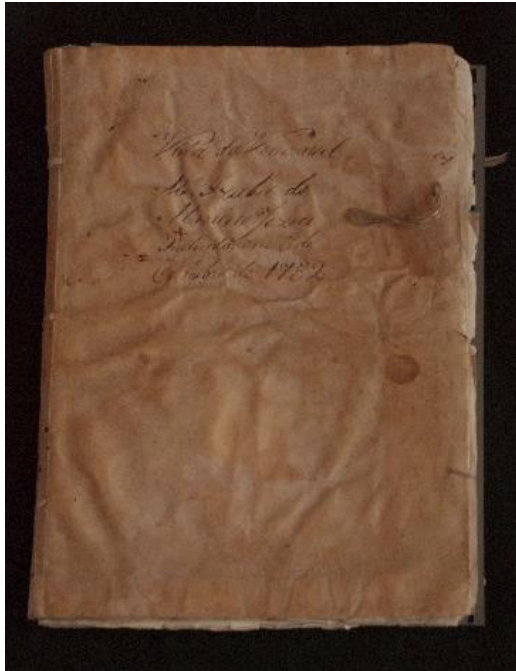
16



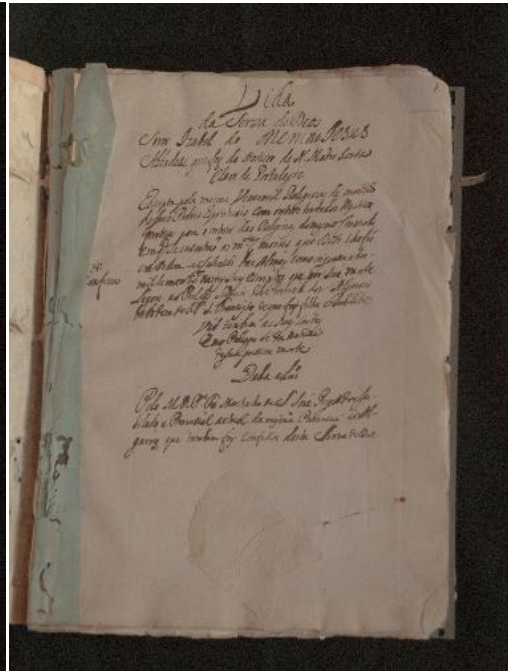
17







20



21

Attesto sem deum eumque
Jovis sub d. Minio d. d.

22

Em 25 de outubro de 1746
Jovis sub d. Minio d. d.
D. M. d. de S.º Alberto com S.

23

Desseus em nome de sempre
Jovis sub d. Minio d. d.
D. M. d. de S.º Alberto com S.

24

V I D A
DA SERVA DE DEOS
SOROR ISABEL
DO MENINO JESUS,
ABBADESSA , QUE FOI DO MOSTEIRO
de Santa Clara de Portalegre.

E S C R I P T A

PELA MESMA VENERAVEL RELIGIOSA , DE MANDADO
de seus Padres espirituacs , com outros Tratados Mysticos ; prática
para o interior das Religiosas do mesmo Mosteiro , em que se
encontraõ as muitas mercês , que Deos lhe fez , em ordem
á salvação das almas , com algumas cartas suas espirituacs.

DISPOSTA PELO M. R. PADRE

Fr. MARTINHO DE S. JOZÉ,
*Prégador Jubilado , e Provincial da mesma Provincia dos
Algarves , que tambem foi seu Confessor.*

E DADA A LUZ PELO PADRE

JOAÕ EUANGELISTA DA CRUZ, E COSTA,
Bacharel formado nos sagrados Canones.



LISBOA , M.DCC.LVII.

Na Offic. de JOSEPH DA COSTA COIMBRA.
Com todas as licenças necessarias.

LEGENDAS

- 1- Vista da vila de Marvão, no concelho de Portalegre, Alto Alentejo, onde nasceu Soror Isabel do Menino Jesus, no século chamada Isabel Fernandes, a 3 de Fevereiro de 1673. Fotografia de José Félix Duque.
- 2- Vista da Rua do Espírito Santo, na extinta freguesia de São Tiago de Marvão, onde os pais de Isabel Fernandes tinham as suas casas de morada. Fotografia de José Félix Duque.
- 3- Fachada da Igreja de São Tiago de Marvão, onde Isabel Fernandes foi baptizada, a 12 de Fevereiro de 1673. Fotografia de José Félix Duque.
- 4- Imagem do Menino Jesus que se venera na Igreja de São Tiago de Marvão, contemporânea de Isabel Fernandes, que havia de mudar de nome para Isabel do Menino Jesus, mesmo antes de professar. Cortesia de Ruy Ventura.
- 5- Fachada da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Estrela, frequentada por Isabel Fernandes. Fotografia de José Félix Duque.
- 6- Aspecto do pórtico e do cruzeiro da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Estrela, frequentada por Isabel Fernandes. Cortesia de Ruy Ventura.
- 7- Imagem de Nossa Senhora da Estrela, em pedra policromada, séc. XVI, venerada na igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão. Fotografia de José Félix Duque.
- 8- Painel de azulejos que se conserva na na igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Estrela, frequentada por Isabel Fernandes, representando um devoto diante da Santíssima Virgem, que o prende com cadeias, segunda metade do século XVIII. Soror Isabel do Menino Jesus, na “Vida”, refere uma visão sua de Nossa Senhora, prendendo-a com cadeias. Fotografia de José Félix Duque.
- 9- Confessionário que se conserva na igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Estrela, que terá sido usado por Isabel Fernandes a partir de 1698, para confissão e direcção espiritual com o religioso franciscano que a iniciou na ascese. Fotografia de José Félix Duque.
- 10- “Jzabel F’riz.”, assinatura de Isabel Fernandes, na última página da escritura de dote remuneratório que os seus pais lhe fizeram, a 10 de Junho de 1698. Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 2, f. 118. Fotografia de José Félix Duque.

- 11- “Joaõ Moratto”, assinatura do pai de Isabel Fernandes, na última página da escritura de dote remuneratório que os seus pais lhe fizeram, a 10 de Junho de 1698. Cf. ADP, Cartório Notarial de Marvão, 1.º Ofício, Livros de Notas, cx. 1, liv. 2, f. 118. Fotografia de José Félix Duque.
- 12- Vista da cidade de Portalegre, para onde Isabel Fernandes fugiu com a sua família em 1704, aquando da capitulação de Marvão, na Guerra da Sucessão de Espanha; e onde morreu, a 5 de Outubro de 1752. Fotografia de José Félix Duque.
- 13- Edifícios do extinto Convento de Santa Clara de Portalegre, hoje Biblioteca Municipal, vistos pela Rua de Elvas. Aqui entrou Isabel do Menino Jesus, a 27 de Fevereiro de 1707, para professar. Fotografia de José Félix Duque.
- 14- Imagem do Senhor da Paciência, que se venerava no dormitório do extinto Convento de Santa Clara de Portalegre, referida por Soror Isabel do Menino Jesus na “Vida”, agora exposta no Museu Municipal de Portalegre. Cf. MMP, Inventário: Objectos, “Senhor da Paciência”, escultura em barro policromado, medidas: 81cm x 56,7 cm x 36 cm, séc. XVIII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 0964/0319.E. Cortesia do MMP.
- 15- Imagem do Menino Jesus Palrador, que se venerava no coro do extinto Convento de Santa Clara de Portalegre, encomendada por Soror Isabel do Menino Jesus e referida na sua “Carta à Abadessa e Religiosas”. Cf. MMP, Inventário: Objectos, “Menino Jesus Palrador”, escultura em madeira policromada, 41, 89 cm x 10, 40 cm x 27, 60 cm, séc. XVIII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 2513/0470. Cortesia do MMP.
- 16- Claustro do extinto Convento de Santa Clara de Portalegre. Fotografia de José Félix Duque.
- 17- Claustro do extinto Convento de Santa Clara de Portalegre. Fotografia de José Félix Duque.
- 18- Imagem do Senhor *Ecce Homo*, que se venerava no coro do extinto Convento de Santa Clara de Portalegre, referida por Soror Isabel do Menino Jesus na “Vida” e na “Carta à Abadessa e Religiosas”, agora exposta no Museu Municipal de Portalegre. Cf. Museu Municipal de Portalegre, Inventário: Objectos, “Cristo Flagelado (Senhor da Cana Verde)”, escultura em madeira policromada,

- medidas: 157, 50 cm x 32, 00 cm x 38, 50 cm, séc. XVII, procedente do Convento de Santa Clara de Portalegre, exposta permanentemente no Piso 2, n.º de Inventário MMP. 0009/0004.E. Cortesia do MMP.
- 19- Jean Baptiste Michel Le Bouteaux, *Vera Efiggies da Venerável Soror Izabel do Menino Jesus*, 1757. Fotografia de José Félix Duque.
- 20- Capa do manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752* (ms.). Cortesia de Pedro Pinto Basto.
- 21- Frontispício do manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752* (ms.). Cortesia de Pedro Pinto Basto.
- 22- “Soror Izabel do Minino Jesus”, assinatura no manuscrito autógrafo de Soror Isabel do Menino Jesus. Cf. CMM, Soror Isabel do Menino Jesus, *Vida da Veneravel Madre Izabel do Menino Jezus Falecida em 5 de Outubro de 1752* (ms.), p. 162. Cortesia de Pedro Pinto Basto.
- 23- “Soror Izabel do Minino Jesus”, assinatura em assento de óbito de religiosa do Convento de Santa Clara de Portalegre, durante o seu abadessado. Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 32v. Fotografia do ADP.
- 24- “Soror Izabel do Minino Jesus”, assinatura em assento de óbito de religiosa do Convento de Santa Clara de Portalegre, durante o seu abadessado. Cf. ADP, Convento de Santa Clara de Portalegre, Livro das Defuntas, cx. 5, liv. 24, f. 33. Fotografia do ADP.
- 25- Frontispício da *Vida da Serva de Deos Soror Isabel do Menino Jesus Abadessa, que foi do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre. Escripta pela mesma venerável religiosa, de mandado de seus Padres espirituais, com outros Tratados Mysticos: prática para o interior das Religiosas do mesmo Mosteiro, em que se encontraõ as muitas mercês, que Deus lhe fez, em ordem á salvaçaõ das almas, com algumas cartas espirituaes*, Lisboa, Oficina de José da Costa Coimbra, 1757. Fotografia de José Félix Duque.